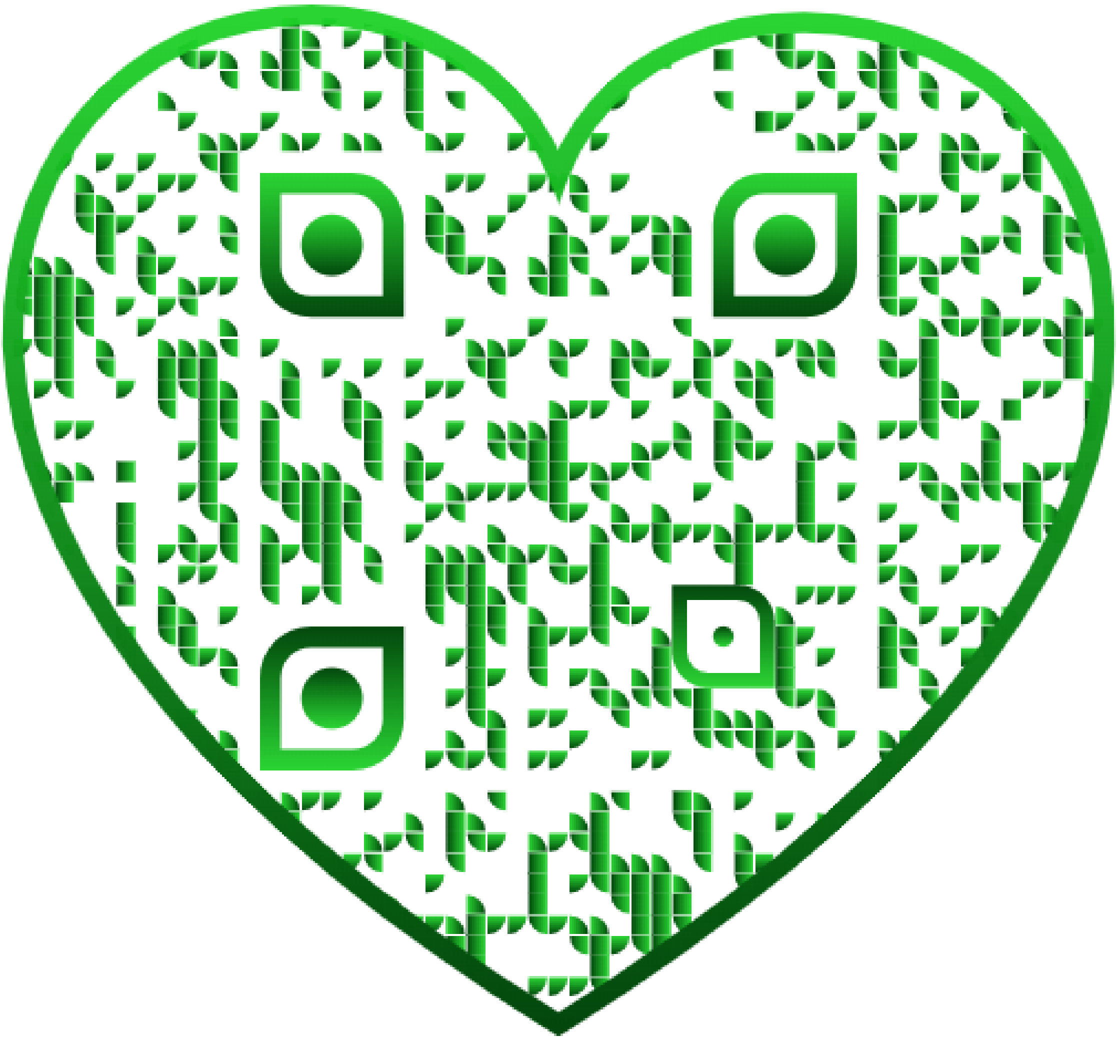
MAGNUS CHASE e os DEUSES de ASGARD

RICK RIORDAN

BOX DIGITAL



DESIGN DE CAPA
Julio Moreira | Equatorium Design

ILUSTRAÇÕES DE CAPA
© 2015, 2016, 2017 by John Rocco
E-ISBN
978-65-5560-110-7

Edição digital: 2021

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

intrinseca.com.br

@intrinseca

editoraintrinseca

@intrinseca

intrinsecaeditora

SUMÁRIO

[Avançar para o início do texto]

A espada do verão

Folha de rosto
Créditos
Dedicatória

1. Bom dia! Você vai morrer
2. O homem com sutiã de metal
3. Não aceite carona de parentes estranhos
4. Sério, o cara não sabe dirigir
5. Eu sempre quis destruir uma ponte
6. Abra caminho para os patos, senão vai levar um pescotapa
7. Você fica ótimo sem nariz, sério mesmo
8. Cuidado com o abismo, e também com o cara barbudo com o machado
9. Você vai querer a chave do frigobar
10. Meu quarto não é uma droga
11. Prazer em conhecê-lo. Agora, vou esmagar sua traqueia
12. Pelo menos não sou eu quem precisa perseguir a cabra
13. Phil, a batata, enfrenta seu destino
14. Quatro milhões de canais e não tem nada passando além da Visão das Valquírias
15. Meu vídeo pagando mico se torna viral
16. Nornas. Por que tinham que ser as Nornas?
17. Eu não pedi bíceps
18. Eu compro uma briga contra o café da manhã

19. Não me chame de Zé-Ninguém. Tipo, *nunca*
20. Venha para o lado negro. Temos jujubas
21. Gunilla queima o nariz e isso não tem graça. Talvez só um pouquinho
22. Meus amigos caem de uma árvore
23. Eu me reciclo
24. Vocês só tinham um trabalho
25. Meu agente funerário me veste de um jeito engraçado
26. Oi, sei que você está morto, mas, se der, me liga
27. Vamos jogar frisbee com armas afiadas!
28. Fale com a cabeça, porque ele praticamente só tem isso
29. Nosso falafel é sequestrado por uma águia
30. Uma maçã por dia vai acabar matando você
31. A mais fedida e não se fala mais nisso
32. Meus anos jogando *Bassmasters 2000* compensaram
33. O irmão de Sam acorda meio mal-humorado
34. Minha espada quase vai parar no eBay
35. Não farás cocô na cabeça da Arte
36. Patos!
37. Sou insultado por um esquilo
38. Caí em um Volkswagen
39. Freya é bonita! Ela tem gatos!
40. Meu amigo evoluiu de um…Não. Não posso dizer
41. Blitz faz um mau negócio
42. Temos uma festinha de pré-decapitação com rolinhos primavera
43. Que comece a elaboração de patinhos decorativos de metal
44. Júnior ganha um saco de lágrimas
45. Tenho a oportunidade de conhecer Jacques
46. A bordo do bom e velho navio *Unha do Pé*
47. Dou uma de terapeuta para um bode

48. Hearthstone desmaia ainda mais do que Jason Grace (embora eu não faça ideia de quem seja esse cara)
49. Ah, já sei qual é seu problema. Tem uma espada enfiada no seu nariz
50. Nada de spoilers. Thor está *muito* atrasado nas suas séries preferidas
51. Temos a conversa sobre se transformar em mosca
52. Estou com o cavalo bem aqui. O nome dele é Stanley
53. Como matar gigantes delicadamente
54. Por que não se deve usar uma faca como trampolim
55. Sou levado para a batalha pela Primeira Divisão Aérea Anã
56. Nunca peçam a um anão para correr mais rápido
57. Sam aperta o botão de EJETAR
58. Quem diabos é Hel?
59. O terror que é o ensino fundamental
60. Um lindo cruzeiro homicida ao pôr do sol
61. Urze é minha nova flor menos preferida
62. O lobinho mau
63. Odeio assinar minha própria sentença de morte
64. De quem foi a ideia de tornar esse Lobo imortal?
65. Odeio essa parte
66. Sacrifícios
67. Mais uma vez, por um amigo
68. Não seja um mané, cara
69. Ah… Então foi *esse* o cheiro que Fenrir sentiu no capítulo sessenta e três
70. Somos sujeitados ao PowerPoint dos infernos
71. Queimamos um pedalinho, e tenho certeza de que isso é ilegal
72. Eu perco uma aposta

Epílogo
Glossário

Os nove mundos
Runas (em ordem de aparição)

O MARTELO DE THOR

Folha de rosto
Créditos
Dedicatória

1. Que tal não matar meu bode?
2. A cena padrão de perseguição no telhado envolvendo espadas falantes e ninjas
3. Meus amigos decidem não me contar nada para minha própria proteção. Valeu, gente
4. Sou atropelado por um guepardo
5. Minha espada tem uma vida social mais agitada que a minha
6. Adoro sopa de doninha
7. Você já precisou lidar com *lindwyrms*?
8. Sou salvo da morte certa ao ser morto
9. Nunca tome banho de banheira com um deus decapitado
10. O luau viking mais estranho do mundo
11. O que um cara precisa fazer para ser aplaudido de pé?
12. Com quem será, com quem será, com quem será que a Sam vai *conversar*?
13. Relaxe, é só uma profeciazinha de morte
14. Pode chorar rios de sangue. Pensando bem, melhor não
15. Todos a favor do massacre de Magnus digam *sim*
16. Hearthstone desperta sua alma bovina
17. Tio Randolph entra na minha lista negra PRA VALER
18. Preciso aprender muito mais palavrões em linguagem de sinais

19. Devo ficar nervoso porque nossa piloto está rezando?
20. Em caso de possessão demoníaca, sigam as luzes de emergência até a saída mais próxima
21. Os encrenqueiros levarão tiros, serão presos e levarão ainda mais tiros
22. Tenho quase certeza de que o pai de Hearthstone é um alienígena abdutor de vacas
23. É, o outro carro dele é mesmo um óvni
24. Ah, você quer respirar? Pague mais três moedas
25. Hearthstone, o destruidor de corações
26. Nós explodimos todos os peixes
27. Me largue agora, ou eu faço você ficar bilionário
28. E, se você comprar agora, também vai receber esse anel amaldiçoado!
29. Um nøkkaute
30. Além do arco-íris há coisas esquisitas acontecendo
31. Heimdall tira selfie com todo mundo
32. Godzilla me manda uma mensagem importante
33. Pausa para um falafel? Sim, por favor
34. Faço uma visita ao meu mausoléu favorito
35. Temos um probleminha
36. Resolvendo problemas com muito estilo
37. Marshmallow de falafel na fogueira
38. Vocês nunca, nunquinha, vão adivinhar a senha do Blitzen
39. Elvis deixou a bolsa de boliche
40. O Pequeno Billy mereceu
41. Na dúvida, transforme-se em um inseto
42. Ou então você pode brilhar muito. Isso também funciona
43. Você fica usando a palavra *ajuda*. Acho que ela não quer dizer o que acha que quer dizer
44. Somos honrados com runas e cupons
45. Marias-chiquinhas nunca pareceram tão apavorantes

46. Lá vem a noiva e/ou a assassina
47. Nos preparando para o combate no estilo discoteca
48. Todos a bordo do Expresso Mexicano
49. Thrym!
50. Um pouco de veneno refrescante no rosto, senhor?
51. Oi, paranoia, como vai?
52. Meu tio consegue algumas *backing vocals*
53. Hora do martelo! (Alguém tinha que dizer isso)
54. Os esquilos na janela podem ser maiores do que parecem
55. Margaridas em formato de elfo
56. Vamos tentar outra vez essa coisa de “encontro para um café”
57. Cobro alguns favores

Glossário
Os nove mundos
Runas (em ordem de aparição)

O NAVIO DOS MORTOS

Folha de rosto
Créditos
Dedicatória

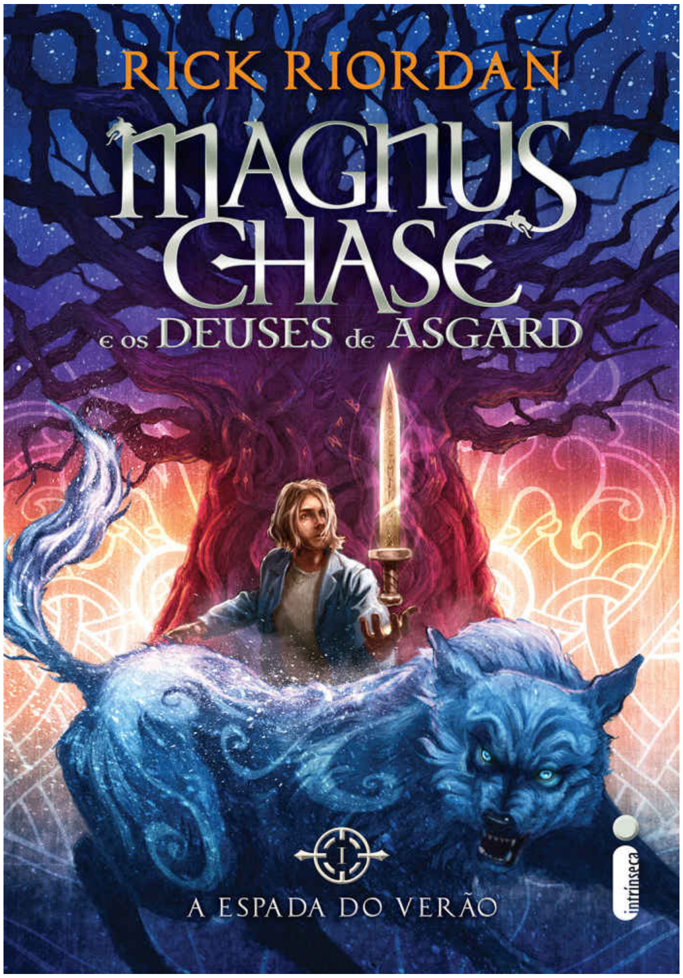
1. Percy Jackson se esforça ao máximo para me matar
2. Sanduíches de falafel com Ragnarök
3. Eu herdo um lobo morto e umas cuecas
4. Mas veja só: se você agir agora, o segundo lobo é de *graça*!
5. Eu me despeço de Erik, de Erik, de Erik e também de Erik
6. Eu tenho um pesadelo com unhas do pé
7. Nós todos nos afogamos

8. No salão do hipster carrancudo
9. Viro vegetariano por uma hora
10. Podemos falar sobre hidromel?
11. Minha espada leva a gente para (pausa dramática) a era disco
12. O cara com belos pés
13. Malditos avôs explosivos
14. Nada acontece. É um milagre
15. Macaco!
16. Homem de cuspe vs. serra elétrica. Adivinhem quem ganhou?
17. Somos atacados por umas pedras
18. Eu enrolo massinha até morrer
19. Eu vou a um aquecimento zumbi
20. Tveirvigi = Pior vigi
21. Uma tarde de diversão com corações explosivos
22. Tenho péssimas notícias, mas… Não, na verdade só tenho péssimas notícias mesmo
23. Siga o cheiro de sapos mortos (ao som de "Siga a Estrada dos Tijolos Amarelos")
24. Eu gostava mais do pai de Hearthstone quando ele era um alienígena que abduzia vacas
25. Elaboramos um plano fabulosamente horrível
26. As coisas ficam esquisitas
27. Nós ganhamos uma pedrinha
28. Nunca me peça para cozinhar o coração do meu inimigo
29. Nós quase viramos atração turística norueguesa
30. Fläm, bomba, valeu, mãe
31. Mallory ganha uma noz
32. Mallory também ganha umas amoras
33. Nós elaboramos um plano horrivelmente fabuloso
34. Primeiro prêmio: um gigante! Segundo prêmio: dois gigantes!

35. Nunca mais quero depender de um bando de corvos
36. A balada de Mestiço, o herói do buraco
37. Alex morde a minha cara
38. Skadi sabe de tudo, flecha tudo
39. Eu fico poético tipo, sei lá… um poeta
40. Recebo uma ligação a cobrar de Hel
41. Eu peço um tempo
42. Eu começo por baixo
43. Tenho um *grand finale*
44. Por que eles têm canhões? Eu quero canhões
45. Se vocês entenderem o que acontece neste capítulo, me contem, porque eu não faço a menor ideia
46. Eu ganho um roupão fofinho
47. Muitas surpresas, e algumas até que são boas
48. O Espaço Chase ganha vida

Glossário
Os nove mundos
Runas (em ordem de aparição)

Sobre o autor
Conheça todas as séries de Rick Riordan
Outros títulos do autor


RICK RIORDAN
MAGNUS CHASE
e os DEUSES de ASGARD
I
A ESPADA DO VERÃO
intrínseca

RICK RIORDAN

MAGNUS CHASE E OS DEUSES DE ASGARD

I

A ESPADA DO VERÃO

Tradução de Regiane Winarski

intrínseca

Copyright © 2015 by Rick Riordan
Edição em português negociada por intermédio de Nancy Gallt Literary Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

TÍTULO ORIGINAL
The Sword of Summer

PREPARAÇÃO
Marcela de Oliveira

REVISÃO
Juliana Werneck
Viviane Maurey

ILUSTRAÇÕES DAS RUNAS
Michelle Gengaro-Kokmen

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

ARTE DE CAPA
SJI Associates, Inc.

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
© 2015 John Rocco

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

REVISÃO DE E-BOOK
Vanessa Goldmacher

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Cassandra Clare
Obrigado por me deixar compartilhar o excelente nome Magnus

UM

Bom dia! Você vai morrer

É, EU SEI. Vocês vão ler sobre minha morte agonizante e vão pensar: “Uau! Que maneiro, Magnus! Posso ter uma morte agonizante também?”

Não. Tipo, não.

Não saiam por aí pulando de telhados. Não corram entre os carros nem taquem fogo no próprio corpo. Não é assim que funciona. Vocês não vão para o mesmo lugar que eu.

Além do mais, vocês não gostariam de se ver na minha situação. A não ser que tenham o desejo insano de ver guerreiros mortos-vivos fazendo picadinho uns dos outros, espadas enfiadas na narina de gigantes e elfos negros em roupas sofisticadas, nem *pensem* em procurar os portões com cabeças de lobo.

Meu nome é Magnus Chase. Tenho dezesseis anos. Esta é a história de como minha vida seguiu ladeira abaixo depois que eu morri.

* * *

Meu dia até que começou bem normal. Eu estava dormindo debaixo de uma ponte no Public Garden, em Boston, quando um cara me acordou com um chute e disse:

— Tem gente atrás de você.

A propósito, eu moro na rua faz dois anos.

Alguns de vocês podem pensar: *Puxa, que triste*. Outros talvez pensem: *Bem-feito, vagabundo!* Mas, se me vissem na rua, tenho noventa e nove por cento de certeza de que passariam direto por mim como se eu fosse invisível, torceriam para que eu não me aproximasse pedindo dinheiro e se perguntariam se sou mais velho do que pareço, porque, obviamente, nenhum adolescente andaria pelas ruas de Boston enrolado em um saco de dormir fedido no meio do inverno. *Alguém ajude aquele pobre garoto!*

E continuariam andando.

Tudo bem. Não preciso da solidariedade de vocês. Estou acostumado a zombarias. E estou acostumado a ser ignorado. Vamos em frente.

O mendigo que me acordou foi um cara chamado Blitz. Como sempre, parecia ter acabado de atravessar correndo um furacão de imundície. Seu cabelo preto e crespo vivia cheio de pedaços de papel e fragmentos de galhos. Seu rosto era tostado como couro curtido, todo salpicado de gelo. Sua barba áspera se abria em todas as direções. A barra de seu sobretudo surrado estava coberta de neve, pois se arrastava no chão (Blitz tinha mais ou menos um metro e sessenta de altura), e suas pupilas estavam tão dilatadas que mal se via a íris. Graças aos olhos esbugalhados, ele parecia prestes a gritar a qualquer segundo.

Pisquei repetidas vezes, tentando afastar o sono. Eu sentia gosto de hambúrguer velho na boca. Meu saco de dormir estava quentinho, e eu realmente não queria sair dali.

— Quem está atrás de mim?

— Sei lá. — Blitz esfregou o nariz, que, depois de tantas vezes quebrado, formava um ziguezague que nem um raio. — Tem um pessoal aí distribuindo panfletos com o seu nome e uma foto sua.

Soltei um palavrão. Se fosse um policial ou um segurança, tudo bem. Assistentes sociais, voluntários de serviço comunitário, universitários bêbados, viciados a fim de espancar alguém pequeno e fraco: encarar qualquer um desses logo cedo seria mole como acordar com café da manhã na cama.

Mas alguém que sabia meu nome e conhecia meu rosto… isso era mau sinal. Significava que estavam procurando especificamente por mim. Talvez a galera do abrigo estivesse com raiva por eu ter quebrado o aparelho de som deles. (Aquelas cantigas de Natal eram de enlouquecer.) Talvez uma câmera de segurança pública tivesse flagrado o último furto que eu cometera na área do Theater District. (Ei, eu precisava de dinheiro para uma pizza.) Ou talvez, por mais improvável que parecesse, a polícia ainda estivesse na minha cola, querendo fazer perguntas sobre o assassinato da minha mãe…

Recolhi minhas coisas, o que levou uns três segundos. Enrolei o saco de dormir bem apertado para caber na mochila, junto com a escova de dentes e algumas meias e cuecas. Além da roupa do corpo, isso era tudo o que eu tinha. Com a mochila no ombro e o capuz do casaco cobrindo a cabeça, eu conseguia facilmente me misturar à multidão de pedestres. Boston é cheia de universitários. Alguns ainda mais desgrenhados e aparentando ser ainda mais jovens que eu.

Eu me virei para Blitz.

— Onde você viu essas pessoas com panfletos?

— Na rua Beacon. Estão vindo para cá. Um coroa branquelo e uma garota. Deve ser filha dele.

Franzi a testa.

— Isso não faz sentido. Quem…?

— Não sei, garoto, mas eu tenho que ir.

Blitz observou com olhos semicerrados o nascer do sol, que tingia de laranja as janelas dos arranha-céus. Por motivos que nunca entendi direito, ele detestava a luz do dia. Talvez fosse o

vampiro sem-teto mais baixo e corpulento do mundo.

— Você devia ir encontrar o Hearth. Ele está na praça Copley.

Tentei conter a irritação. O pessoal da rua brincava dizendo que Hearth e Blitz eram minha mãe e meu pai, porque eu tinha sempre um ou outro perto de mim.

— Agradeço — falei. — Mas vou ficar bem.

Blitz começou a roer a unha.

— Sei não, garoto. Hoje, não. Você tem que tomar muito cuidado.

— Por quê?

Ele olhou de relance por cima do meu ombro.

— Eles estão vindo.

Não vi ninguém atrás de mim. Quando me virei de volta, Blitz tinha sumido.

Eu odiava quando ele fazia isso. De repente… *puf*. O cara era um ninja. Um vampiro-ninja sem-teto.

Agora, eu precisava escolher: ir até a praça Copley e ficar com Hearth ou ir até a rua Beacon para tentar ver quem eram as pessoas que estavam me procurando.

A descrição que Blitz fez delas me deixou curioso. Um coroa branco e uma garota me procurando logo cedo em uma manhã de inverno. Por quê? Quem seriam eles?

Discretamente, contornei o laguinho. Quase ninguém pega a trilha que passa sob a ponte, então, se eu seguisse pela lateral da colina, conseguiria ver qualquer um que se aproximasse pela outra trilha sem que me vissem.

Uma camada de neve cobria o chão. O céu estava de um azul de doer os olhos. Os galhos nus das árvores pareciam feitos de vidro. O vento cortante atravessava as camadas de roupas, mas o frio não me incomodava. Minha mãe sempre dizia que eu era quase um urso-polar.

Droga, Magnus, pensei, repreendendo a mim mesmo.

Depois de dois anos, minhas lembranças dela ainda eram um campo minado. Era só eu tropeçar em uma que meu equilíbrio explodia em pedacinhos.

Tentei me concentrar.

Vi o homem e a garota vindo na minha direção. O cabelo louro dele cobria a gola do casaco — não em um estilo intencional, mas como se ele não pudesse se dar ao trabalho de ir cortar. Sua expressão de perplexidade era como a de um professor substituto: *Sei que fui atingido por uma bolinha de papel, mas não faço ideia de quem a jogou.* Ele usava sapatos sociais, uma escolha totalmente equivocada para o inverno de Boston. Cada meia era de um tom diferente de marrom. O nó da gravata parecia ter sido feito enquanto ele rodopiava na mais completa escuridão.

A garota era filha dele, com certeza. Tinha o cabelo farto e ondulado como o do homem, só que em um tom mais claro. Estava vestida de forma mais sensata: botas de neve, calça jeans e uma parca, além de uma camisa laranja aparecendo na altura do pescoço. Sua expressão era mais

determinada, zangada. Ela segurava a pilha de panfletos como se fossem cópias de uma redação em que recebera uma nota baixa injustamente.

Se ela estava me procurando, eu não queria ser encontrado. A garota era assustadora.

Não a reconheci, nem ao pai dela, mas alguma coisa pipocou no fundo da minha mente… como um ímã tentando puxar uma lembrança muito antiga.

Pai e filha pararam no ponto em que o caminho bifurcava. Os dois olharam ao redor, como se só então percebessem que estavam no meio de um parque deserto em um horário cruel em pleno inverno.

— Inacreditável — disse a garota. — Dá vontade de estrangulá-lo.

Supondo que ela estivesse falando de mim, me abaixei um pouco mais.

O pai suspirou.

— Acho que não é uma boa ideia. Ele ainda é seu tio.

— Mas *dois anos*? Pai, como ele pôde ficar *dois anos* sem contar para a gente?

— Não sei explicar as decisões de Randolph. Nunca soube, Annabeth.

Inspirei com tanta força que tive medo de eles ouvirem. Uma ferida se abriu no meu cérebro, expondo dolorosas lembranças de quando eu tinha seis anos.

Annabeth. Ou seja, o homem louro era… *tio Frederick*?

Então minhas lembranças me levaram ao último Dia de Ação de Graças que havíamos passado juntos: Annabeth e eu escondidos na biblioteca da casa do tio Randolph, brincando com peças de dominó enquanto os adultos gritavam uns com os outros no andar de baixo.

Você tem sorte de morar com a sua mãe. Annabeth colocou mais um dominó na miniconstrução. Uma construção incrivelmente boa, com colunas na frente, como um templo. *Vou fugir de casa*.

Eu não tinha dúvida de que era sério. A confiança dela me impressionava.

Foi quando tio Frederick apareceu à porta com os punhos cerrados, sua expressão sombria contrastando com as renas sorridentes em seu suéter. *Annabeth, vamos embora.*

Ela olhou para mim. Seus olhos cinzentos eram intensos demais para uma menina da idade dela. *Se cuida, Magnus.*

Com um peteleco, derrubou o templo de dominó que havia construído.

Foi a última vez que a vi.

Depois, minha mãe foi inflexível: *Vamos ficar longe de seus tios. Principalmente do Randolph. Não vou fazer o que ele quer. Jamais.*

Ela não explicou o que Randolph queria, nem sobre o que tinha discutido com os irmãos.

Você precisa confiar em mim, Magnus. Ficar perto deles… é perigoso demais.

Eu confiava em minha mãe. Mesmo após a morte dela, não tive mais qualquer contato com meus tios.

Agora, do nada, eles estavam me procurando.

Randolph morava na cidade, mas, até onde eu sabia, Frederick e Annabeth ainda moravam na Virginia. No entanto, ali estavam eles, distribuindo panfletos com meu nome e minha foto. *Onde* tinham conseguido uma foto minha?

Eu estava tão confuso que perdi uma parte da conversa.

— … encontrar Magnus — dizia tio Frederick. Ele olhou para o celular. — Randolph está no abrigo da cidade, no South End. Disse que não encontrou nenhuma pista. Vamos tentar a sorte no abrigo para menores do outro lado do parque.

— Se é que Magnus ainda está vivo... — disse Annabeth, com tristeza. — Desaparecido há *dois anos*! Ele pode ter morrido congelado em uma sarjeta qualquer!

Fiquei tentado a sair do meu esconderijo e gritar: *SURPRESAAA!*

Embora fizesse dez anos desde a última vez que eu vira Annabeth, não gostei de vê-la preocupada. Mas, depois de tanto tempo nas ruas, eu tinha aprendido do jeito mais difícil: nunca se meta em uma situação sem antes entender o que está acontecendo.

— Randolph tem certeza de que Magnus está vivo — afirmou tio Frederick. — Em algum lugar de Boston. Se a vida dele estiver mesmo em perigo…

Eles seguiram na direção da rua Charles, suas vozes sendo levadas pelo vento.

Eu estava tremendo agora, mas não era de frio. Queria correr atrás de Frederick e exigir uma explicação sobre o que estava acontecendo. Como Randolph sabia que eu ainda estava na cidade? Por que estavam me procurando? Por que só agora minha vida estava correndo perigo?

Mas não fui atrás deles.

Eu me lembrei da última coisa que minha mãe me disse. Estava relutando em fugir pela escada de incêndio, relutando em deixá-la, mas ela me segurou pelos braços e me obrigou a encará-la. *Magnus, fuja. Vá se esconder. Não confie em ninguém. Eu vou encontrar você. Aconteça o que acontecer, não peça ajuda a Randolph.*

Então, antes de eu chegar à janela, a porta do nosso apartamento foi arrebentada e um par de brilhantes olhos azuis surgiu da escuridão…

Afastei a lembrança e observei tio Frederick e Annabeth indo embora, na direção do parque Boston Common.

Tio Randolph… Por algum motivo, ele havia entrado em contato com Frederick e Annabeth e os convencido a vir até Boston. Durante todo aquele tempo, Frederick e Annabeth não sabiam que eu estava desaparecido. Parecia impossível, mas, se fosse verdade, por que Randolph teria decidido lhes contar isso agora?

Eu só conseguia pensar em um jeito de obter as respostas sem confrontá-lo diretamente. Ele morava em Back Bay, aonde dava para ir a pé. De acordo com Frederick, Randolph não estava em casa, e sim em alguma parte do South End, me procurando.

Como não há nada melhor para começar o dia do que uma boa invasão domiciliar, decidi fazer uma visitinha à casa dele.

DOIS

O homem com sutiã de metal

A MANSÃO DA família era horrível.

Ah, claro, *vocês* não achariam. Apenas veriam uma enorme casa de tijolos marrons de seis andares com enfeites de gárgulas, os vitrais acima das portas e janelas, os degraus de mármore na entrada e todos os detalhes do blá-blá-blá de gente rica e se perguntariam por que estou morando nas ruas.

A resposta: *tio Randolph*.

Aquela casa era *dele*. Como filho mais velho, ele a herdou dos meus avós, que morreram antes de eu nascer. Eu nunca soube os detalhes do drama familiar, mas havia muito ressentimento entre os três filhos: Randolph, Frederick e minha mãe. Depois da Grande Cisão no Dia de Ação de Graças, nunca mais visitamos o antigo lar da família. Nosso apartamento ficava a poucos metros de distância, mas daria no mesmo se Randolph morasse em Marte.

Minha mãe só tocava no nome dele se por acaso passássemos de carro pela mansão. Ela apontava da mesma forma que apontaria para um penhasco perigoso. *Está vendo aquela casa? Evite ir até lá.*

Depois que comecei a morar nas ruas, às vezes passava por lá à noite. Eu olhava pelas janelas e via vitrines de vidro iluminadas exibindo espadas e machados antigos, elmos apavorantes com máscaras me encarando das paredes e estátuas delineadas nas janelas do andar de cima, como fantasmas petrificados.

Pensei várias vezes em invadir a casa para xeretar, mas nunca fiquei tentado a bater à porta. *Por favor, tio Randolph, sei que você odiava minha mãe e não me vê há dez anos; sei que você liga mais para sua coleção enferrujada do que para a própria família; mas posso morar na sua linda casa e comer os farelos do seu pão?*

Não, obrigado. Eu preferia ficar na rua, comendo falafel do dia anterior da praça de alimentação.

Ainda assim… parecia bem simples entrar, dar uma olhada e ver se conseguia encontrar respostas sobre o que estava acontecendo. E talvez, enquanto estivesse lá, pudesse pegar alguma coisa para penhorar.

Lamento se ofendo seu senso de honestidade.

Ah, espere. Não, não lamento nem um pouco.

Eu não roubo de qualquer um. Escolho imbecis antipáticos que já têm coisas demais. Se você dirige uma BMW novinha e estaciona na vaga de deficiente sem ter o adesivo, não vejo problema em arrombar sua janela e levar umas moedas esquecidas no porta-copos. Se você sai da Barneys com a sacola cheia de lenços de seda e está tão ocupado falando ao celular e empurrando as pessoas para passar que nem presta atenção, eu estou lá, pronto para furtar sua carteira. Se alguém pode gastar cinco mil dólares só para assoar o nariz, também pode pagar o meu jantar.

Sou juiz, júri e ladrão. E, no que diz respeito a imbecis antipáticos, achei que não podia existir ninguém pior do que tio Randolph.

A entrada da casa dava para a avenida Commonwealth. Segui para os fundos, para a poeticamente batizada travessa Pública 429. A vaga de Randolph estava vazia. Uma escada levava a uma entrada pelo porão. Se havia um sistema de segurança, não consegui ver. A porta tinha apenas uma fechadura simples, nada de tranca. *O que é isso, Randolph? Eu esperava um desafio.*

Dois minutos depois, eu estava lá dentro.

Na cozinha, me servi de peito de peru, torradas e leite direto da caixa. Nada de falafel. Droga. Agora eu fiquei com desejo, mas encontrei uma barra de chocolate e a guardei no bolso do casaco. (Chocolate precisa ser saboreado, não comido às pressas.) Então subi as escadas até um mausoléu de mobília de mogno, tapetes orientais, pinturas a óleo, piso de mármore e candelabros de cristal… Era constrangedor. Quem vivia assim?

Eu não tinha noção do quanto tudo aquilo era caro quando tinha seis anos, mas minha impressão geral da mansão continuava a mesma: escura, opressiva e apavorante. Era difícil imaginar minha mãe passando a infância ali. Era fácil entender por que ela gostava tanto da natureza.

Nosso apartamento em cima da churrascaria coreana em Allston era bem aconchegante, mas mamãe não gostava de ficar dentro de casa. Ela sempre dizia que seu verdadeiro lar era Blue Hills. Fazíamos trilhas e acampávamos por lá fizesse chuva ou sol; o ar era fresco, não havia paredes nem teto e nenhuma companhia além de patos, gansos e esquilos.

Em comparação, a mansão parecia uma prisão. Enquanto estava sozinho no saguão, senti um arrepio, como se pequenos besouros invisíveis rastejassem pela minha pele.

Fui para o segundo andar. A biblioteca tinha cheiro de couro e cera com aroma de limão, como eu lembrava. Perto da parede, uma vitrine com os elmos vikings enferrujados e os machados corroídos de Randolph. Minha mãe me disse uma vez que Randolph dava aula de história em Harvard antes de alguma grande desgraça fazer com que fosse demitido. Ela não quis entrar em detalhes, mas o cara ainda era doido por artefatos.

Você é mais inteligente do que seus dois tios, Magnus, minha mãe me disse certa vez. *Com suas notas, poderia entrar em Harvard se quisesse.*

Isso foi quando ela ainda estava viva, eu ainda estava na escola e pensar no futuro ia além de como conseguir a próxima refeição.

Em um canto do escritório de Randolph, havia um grande pedaço de pedra que parecia uma lápide, com a frente entalhada e pintada com desenhos vermelhos elegantes e intrincados. No centro, havia um desenho rudimentar de uma fera rosnando, talvez um leão ou um lobo.

Tremi. Não vamos começar a pensar em *lobos*.

Eu me aproximei da escrivaninha de Randolph. Estava torcendo para encontrar um computador ou um bloco cheio de informações úteis, qualquer coisa que explicasse por que eles estavam me procurando. Mas, em vez disso, espalhados sobre a mesa havia pedaços de pergaminho finos como casca de cebola. Pareciam mapas que um estudante da época medieval tinha feito para a aula de estudos sociais: desenhos desbotados de uma costa, com vários pontos sinalizados em um alfabeto que eu não conhecia. Em cima deles, como peso de papel, estava uma bolsinha de couro.

Prendi a respiração. Eu conhecia aquela bolsinha. Desamarrei a corda e peguei uma das peças do dominó… Só que não era um dominó. Meu eu de seis anos supôs que Annabeth e eu brincávamos com dominós. Ao longo dos anos, a lembrança foi reforçando a si mesma. Mas, em vez de pontos, aquelas pedras tinham símbolos vermelhos pintados.

A que eu segurava tinha a forma de um galho de árvore ou de um *F* torto:

ᚠ

Meu coração disparou. Não sabia bem por quê. Perguntei-me se ir até ali fora era mesmo uma boa ideia. As paredes pareciam estar se fechando ao meu redor. Na grande pedra no canto, o desenho do animal parecia rosnar para mim, com o contorno vermelho brilhando como sangue fresco.

Fui até a janela. Achei que olhar a rua talvez ajudasse. Entre as avenidas ficava o Commonwealth Mall, um parque comprido coberto de neve. As árvores sem folhas estavam decoradas com luzes brancas de Natal. No final da quadra, dentro de uma cerca de ferro, havia a estátua de bronze de Leif Erikson sobre um pedestal, uma das mãos rente à testa. Leif olhava na direção do viaduto Charlesgate como se dizendo: *Vejam só, descobri uma rodovia!*

Minha mãe e eu gostávamos de fazer piada com Leif. A armadura dele era leve: uma saia curta e um peitoral que parecia um sutiã viking.

Eu não sabia por que aquela estátua estava no meio de Boston, mas achei que não podia ser coincidência tio Randolph estudar vikings. Ele morou ali a vida toda. Devia olhar para Leif todos

os dias pela janela. Talvez, quando criança, Randolph tenha pensado: *Um dia, quero estudar os vikings. Homens que usam sutiã de metal são demais!*

Meus olhos seguiram para a base da estátua. Alguém estava em pé ali… olhando para mim.

Sabe quando você vê uma pessoa fora do contexto e demora um segundo para reconhecê-la? Na sombra de Leif Erikson, havia um homem alto e pálido com uma jaqueta preta de couro, calça preta de motoqueiro e botas de bico fino. O cabelo curto e espetado era tão louro que parecia branco. A única cor vinha de um cachecol listrado de vermelho e branco amarrado no pescoço e caindo sobre os ombros como um doce de Natal derretido.

Se eu não o conhecesse, podia achar que estava fantasiado de algum personagem de anime. Mas eu o conhecia. Era Hearth, meu companheiro sem-teto e “mãe” emprestada.

Fiquei um pouco assustado e ofendido. Ele me viu na rua e me seguiu? Eu não precisava de uma fada madrinha perseguidora cuidando de mim.

Abri os braços: *O que você está fazendo aqui?*

Hearth fez um gesto como se estivesse tirando uma coisa da mão em concha e jogando longe. Depois de dois anos andando com ele, eu estava ficando bom em ler linguagem de sinais.

Significava *SAIA*.

Hearth não parecia alarmado, mas era difícil decifrá-lo. Ele nunca demonstrava muita emoção. Sempre que andávamos juntos, só me olhava com aqueles olhos cinza-claros, como se a qualquer momento eu fosse explodir.

Perdi segundos valiosos tentando entender o que ele queria dizer, por que ele estava aqui quando devia estar na praça Copley.

Hearth fez outro gesto: as duas mãos apontando para fora com dois dedos, se movendo para cima e para baixo duas vezes. *Ande logo.*

— Por quê? — perguntei em voz alta.

Atrás de mim, uma voz grave disse:

— Olá, Magnus.

Tomei um susto daqueles. Na porta da biblioteca havia um homem com peito largo, barba branca bem aparada e cabelo grisalho cortado curto. Usava um sobretudo de caxemira bege por cima de um terno de lã preto. As mãos enluvadas seguravam o cabo de uma bengala de madeira polida com ponta de ferro. Na última vez que o vi, o cabelo dele era preto, mas o reconheci pela voz.

— Randolph.

Ele inclinou a cabeça um milímetro.

— Que surpresa agradável. Estou feliz em encontrá-lo aqui. — Ele não parecia nem surpreso nem feliz. — Não temos muito tempo.

A comida e o leite começaram a se agitar no meu estômago.

— M-Muito tempo… para quê?

Randolph franziu a testa. O nariz se enrugou como se ele estivesse sentindo um cheiro desagradável.

— Você faz dezesseis anos hoje, não é? Eles estão vindo matar você.

TRÊS

Não aceite carona de parentes estranhos

BEM, FELIZ ANIVERSÁRIO para mim!

Já era dia 13 de janeiro? Sinceramente, eu não fazia ideia. O tempo voa quando se dorme debaixo de pontes e se come o que consegue encontrar no lixo.

Então eu tinha dezesseis anos. O meu presente foi ser encurralado pelo tio Bizarro, que anunciou que eu estava marcado para morrer.

— Quem… — comecei a perguntar. — Quer saber? Deixa pra lá. Foi bom ver você, Randolph. Vou embora agora.

Randolph ficou parado na frente da porta, bloqueando minha passagem. Ele apontou a bengala para mim. Juro que consegui sentir a ponta de ferro cutucando meu peito do outro lado da sala.

— Magnus, precisamos conversar. Não quero que eles peguem você. Não depois do que aconteceu com sua mãe…

Um soco na cara teria sido menos doloroso.

Lembranças daquela noite surgiram em minha mente como um caleidoscópio doentio: nosso prédio estremecendo, um grito vindo do andar de baixo, minha mãe, que naquele dia estava tensa e paranoica, me arrastando para a escada de incêndio, me mandando fugir. A porta arrebentada e caída. Do corredor, dois animais surgiram, com pelagem da cor de neve suja, olhos azuis brilhando. Meus dedos escorregaram no corrimão da escada de incêndio e eu caí em uma pilha de sacos de lixo no beco abaixo. Momentos depois, as janelas do nosso apartamento explodiram em labaredas.

Minha mãe me mandou fugir. Eu fugi. Ela prometeu que me encontraria. Mas nunca me encontrou. Mais tarde, no noticiário, eu soube que o corpo dela fora encontrado nos escombros do incêndio. A polícia estava me procurando. Eles tinham perguntas: sinais de incêndio criminoso, meu registro de problemas disciplinares na escola, os relatos dos vizinhos de gritos e um estrondo alto vindo do nosso apartamento logo antes da explosão, o fato de eu ter fugido do local. Nenhum dos relatos mencionava lobos com olhos brilhantes.

Desde aquela noite, eu me escondo, vivo incógnito, ocupado demais em sobreviver para ficar de luto pela minha mãe, me perguntando se imaginei aqueles lobos… mas eu sabia que não.

Agora, depois de tanto tempo, tio Randolph queria me ajudar.

Segurei a pedrinha de dominó com tanta força que machuquei a palma da minha mão.

— Você não sabe o que aconteceu com a minha mãe. Nunca ligou para a gente.

Randolph baixou a bengala. Apoiou-se pesadamente nela e olhou para o tapete. Quase consegui acreditar que eu tinha magoado os sentimentos dele.

— Eu implorei à sua mãe — disse ele. — Queria que ela trouxesse você para cá, para ficar onde eu pudesse protegê-lo. Ela se recusou. Depois que ela morreu… — Ele balançou a cabeça. — Magnus, você não faz ideia de há quanto tempo eu estou procurando por você e nem do tamanho do perigo que o cerca.

— Eu estou ótimo — falei com rispidez, apesar de meu coração estar martelando contra minhas costelas. — Consegui me virar muito bem sozinho todos esses anos.

— Talvez, mas esses dias acabaram. — A certeza na voz de Randolph me fez sentir um arrepio. — Você tem dezesseis anos agora, já é um homem. Escapou deles uma vez, na noite em que sua mãe morreu. Eles não vão deixar você escapar de novo. Essa é nossa última chance. Se não me deixar ajudá-lo, você não sobreviverá até o fim do dia.

A luz fraca de inverno se deslocou pelo vitral acima da janela e banhou o rosto de Randolph com diversas cores, como um camaleão.

Eu não devia ter ido lá. Idiota, idiota, idiota. Repetidamente, minha mãe me passou uma mensagem clara: *Fique longe de Randolph*. Mas lá estava eu.

Quanto mais o ouvia, mais apavorado ficava, e mais desesperadamente queria ouvir o que ele tinha a dizer.

— Não preciso da sua ajuda. — Coloquei a pecinha estranha de dominó na mesa. — Não quero…

— Eu sei sobre os lobos.

Isso me fez parar.

— Sei o que você viu — prosseguiu ele. — Sei quem mandou as criaturas. Independentemente do que a polícia possa pensar, sei como sua mãe realmente morreu.

— Como…

— Magnus, tem tanta coisa que preciso contar para você sobre seus pais, sobre seu legado… Sobre seu pai.

Um arrepio gelado desceu pela minha espinha.

— Você conheceu meu pai?

Eu não queria dar nenhuma vantagem a Randolph. Viver na rua me ensinou o quanto qualquer vantagem podia ser perigosa. Mas ele me fisgou. Eu *precisava* ouvir sobre aquilo. E a julgar pelo brilho que vi nos olhos dele, ele já sabia.

— Conheci, Magnus. Sei a identidade do seu pai, sei sobre o assassinato de sua mãe, sei o motivo de ela ter recusado minha ajuda… está tudo ligado. — Ele indicou a vitrine de artigos vikings. — Durante toda a minha vida, venho trabalhando com um único objetivo. Estou

tentando solucionar um mistério histórico. Até pouco tempo atrás, eu não via como tudo se conectava. Agora, vejo. Tudo levava a *este* dia, seu décimo sexto aniversário.

Recuei alguns passos, até minhas costas baterem na janela, o mais longe que consegui ficar de tio Randolph.

— Olhe, não entendo noventa por cento do que você está falando, mas se você pode me contar sobre meu pai…

A casa tremeu, como se uma série de canhões tivesse sido disparada ao longe; foi um *ribombar* tão grave que senti nos dentes.

— Eles vão chegar aqui logo — avisou Randolph. — Estamos ficando sem tempo.

— Quem são *eles*?

Randolph se aproximou mancando, se apoiando na bengala. O joelho direito não parecia dobrar.

— Sei que estou pedindo muito, Magnus. Você não tem motivo para confiar em mim. Mas precisa vir comigo *agora*. Sei onde está sua herança. — Ele apontou para os velhos mapas na mesa. — Juntos, podemos recuperar o que é seu por direito. É a única coisa que pode proteger você.

Olhei por cima do ombro, pela janela. No Commonwealth Mall, Hearth havia desaparecido. Eu devia ter feito o mesmo. Encarei tio Randolph e tentei ver alguma semelhança com minha mãe, qualquer coisa que pudesse me inspirar a confiar nele. Não encontrei nada. A estatura imponente, os olhos escuros intensos, o rosto sério e o jeito rígido… ele era o exato oposto de minha mãe.

— Meu carro está estacionado lá atrás — disse ele.

— T-Talvez devêssemos esperar Annabeth e tio Frederick.

Randolph fez uma careta.

— Eles não acreditam em mim. *Nunca* acreditaram. Por desespero, como último recurso, eu os trouxe a Boston para me ajudarem a procurar você, mas agora que você está aqui…

A mansão tremeu de novo. Desta vez, a origem do tremor pareceu estar mais perto e mais forte. Eu queria acreditar que era de uma construção ou de uma cerimônia militar, ou de qualquer coisa facilmente explicável. Mas meus instintos me diziam outra coisa. O barulho parecia o pisar de um pé gigantesco, como o estrondo que sacudiu nosso apartamento dois anos antes.

— Por favor, Magnus. — A voz de Randolph tremeu. — Eu perdi a *minha* família para esses monstros. Perdi minha esposa, minhas filhas.

— Você… você tinha família? Minha mãe nunca disse nada…

— Não, ela nunca diria. Mas sua mãe… Natalie era minha única irmã. Eu a amava. Odiei perdê-la. Não posso perder você também. Venha comigo. Seu pai deixou uma coisa para você, algo que vai mudar o destino dos mundos.

Perguntas demais surgiram em meu cérebro. Não gostei do brilho de loucura nos olhos de Randolph. Não gostei da forma como meu tio disse *mundos*, no plural. E não acreditei que ele

estava tentando me encontrar desde que minha mãe morreu. Eu tinha ficado de olho. Se Randolph estivesse perguntando por mim, um dos meus amigos da rua teria me avisado, como Blitz fez naquela manhã com Annabeth e Frederick.

Alguma coisa tinha acontecido, algo que fez Randolph decidir que valia a pena me procurar.

— E se eu fugir? — perguntei. — Você vai tentar me impedir?

— Se você fugir, eles vão encontrar você. Vão matar você.

Minha garganta parecia cheia de bolas de algodão. Eu não confiava em Randolph. Infelizmente, acreditava que ele estava sendo sincero quanto a haver gente querendo me matar. A voz dele parecia sincera.

— Muito bem, então — concordei —, vamos dar uma volta.

QUATRO

Sério, o cara não sabe dirigir

VOCÊS JÁ OUVIRAM falar dos péssimos motoristas de Boston? Conheçam meu tio Randolph.

O cara ligou a BMW 528i (claro que tinha que ser uma BMW) e disparou pela avenida Commonwealth, ignorando os sinais, buzinando para os outros carros, costurando aleatoriamente de uma pista para a outra.

— Você errou um pedestre — falei. — Quer voltar para atropelá-lo?

Randolph estava distraído demais para responder. Ficava olhando para o céu como se procurasse nuvens de tempestade. E acelerou pelo cruzamento com a Exeter.

— E aí, para onde estamos indo? — perguntei.

— Para a ponte.

Como se isso explicasse tudo. Havia umas vinte pontes em Boston.

Passei a mão pelo banco de couro aquecido. Fazia uns seis meses que eu não andava de carro. A última vez foi no Toyota de uma assistente social. Antes disso, em uma viatura de polícia. Nos dois casos, usei um nome falso. Nos dois casos, consegui fugir, mas, nos últimos dois anos, passei a associar carros a celas. Eu não sabia se minha sorte tinha mudado hoje.

Esperei que Randolph respondesse algumas das perguntinhas irritantes que eu tinha para fazer, como, ah: Quem é meu pai? Quem matou minha mãe? Como você perdeu sua esposa e suas filhas? Você está tendo uma alucinação? Precisava mesmo passar essa colônia com cheiro de cravo?

Mas ele estava ocupado demais tumultuando o trânsito.

Enfim, só para jogar conversa fora, perguntei:

— E então, quem está tentando me matar?

Ele virou na Arlington. Contornamos o Public Garden, passamos pela estátua de George Washington montado em seu cavalo, pelas fileiras de postes e cercas-vivas cobertas de neve. Tive vontade de pular do carro, correr para o lago dos cisnes e me esconder no meu saco de dormir.

— Magnus — disse Randolph —, meu projeto de vida foi estudar a exploração nórdica na América do Norte.

— Uau, obrigado. Era exatamente o que eu queria saber.

De repente, Randolph lembrou *mesmo* minha mãe. Ele me lançou aquele olhar por cima dos óculos, a expressão exasperada, como se dissesse: *Por favor, garoto, sem sarcasmo*. A similaridade fez meu peito doer.

— Tudo bem — falei. — Continue. Exploração nórdica. Você está falando dos vikings.

Randolph fez uma careta.

— Bem… *viking* quer dizer *invasor*. É mais uma descrição da função. Nem todos os nórdicos eram vikings. Mas sim, estou falando deles.

— A estátua de Leif Erikson… Isso quer dizer que os vikings, quer dizer, os nórdicos, descobriram Boston? Achei que tivessem sido os peregrinos.

— Eu poderia discursar sobre esse assunto por umas três horas.

— Por favor, não.

— Basta dizer que os nórdicos exploraram a América do Norte e até construíram vilarejos por volta do ano 1000, quase quinhentos anos antes de Cristóvão Colombo. Os acadêmicos concordam quanto a isso.

— Que alívio. Odeio quando acadêmicos discordam.

— Mas ninguém sabe ao certo quão longe ao sul os nórdicos navegaram. Chegaram ao que hoje são os Estados Unidos? Aquela estátua de Leif Erikson… Aquilo foi o projeto pessoal de um sonhador dos anos 1800, um homem chamado Eben Horsford. Ele estava convencido de que Boston era a colônia nórdica perdida de Norumbega, o ponto mais distante de exploração. Ele tinha um instinto, uma intuição, mas nenhuma prova real. A maioria dos historiadores o considerava louco.

Ele olhou para mim com seriedade.

— Deixa eu adivinhar… você não acha que ele era louco. — Me segurei para não dizer: *Só um louco para acreditar em outro.*

— Aqueles mapas na minha mesa — disse Randolph. — *Eles* são a prova. Meus colegas chamam de falsificações, mas não são. Apostei minha reputação neles!

E por isso foi demitido de Harvard, pensei.

— Os exploradores nórdicos chegaram muito longe — prosseguiu. — Estavam procurando alguma coisa… e encontraram aqui. Um dos navios afundou nas proximidades. Por anos, achei que o naufrágio havia ocorrido na baía de Massachusetts. Coloquei tudo em jogo para encontrá-lo. Levei meu próprio barco, minha esposa, minhas filhas nas expedições. Na última vez… — A voz dele falhou. — A tempestade veio do nada, o fogo…

Ele não pareceu ansioso para contar o resto, mas captei a ideia geral: meu tio perdeu a família no mar. Ele *tinha* mesmo apostado tudo naquela teoria maluca sobre vikings em Boston.

Eu me sentia mal pelo sujeito, claro. Mas também não queria ser a próxima perda dele.

Paramos na esquina da Boylston com a Charles.

— Acho que vou descer aqui.

Tentei a maçaneta. A porta estava trancada pelo lado do motorista.

— Magnus, escute. Não foi por acidente que você nasceu em Boston. Seu pai queria que você achasse o que ele perdeu há dois mil anos.

Comecei a mexer os pés, agitado.

— Você acabou de dizer… dois mil anos?

— Aproximadamente.

Pensei em gritar e bater na janela. Será que alguém me ajudaria? Se conseguisse sair do carro, talvez eu encontrasse tio Frederick e Annabeth, supondo que eles fossem menos malucos do que Randolph.

Entramos na rua Charles e seguimos entre o Public Garden e o Common. Randolph podia estar me levando para qualquer lugar: Cambridge, North End ou algum local deserto para se livrar do meu corpo.

Tentei ficar calmo.

— Dois mil anos… bem, é uma expectativa de vida maior do que a de pais normais.

O rosto de Randolph me lembrava o do Homem da Lua dos desenhos antigos em preto e branco: pálido e redondo, com crateras e cicatrizes e um sorriso misterioso que não era muito amigável.

— Magnus, o que você sabe sobre mitologia nórdica?

Isso só melhora, pensei.

— Hã, não muito. Minha mãe tinha um livro ilustrado que lia para mim quando eu era pequeno. E não saíram uns filmes sobre o Thor?

Randolph balançou a cabeça com desprezo.

— Aqueles filmes… ridiculamente imprecisos. Os verdadeiros deuses de Asgard, Thor, Loki, Odin e o resto, são muito mais poderosos, muito mais apavorantes do que qualquer coisa que Hollywood poderia inventar.

— Mas… são mitos. Não são reais.

Randolph olhou para mim como se estivesse com pena.

— Mitos nada mais são do que histórias sobre verdades que esquecemos.

— Olha, acabei de lembrar que tenho um compromisso lá na rua…

— Um milênio atrás, os exploradores nórdicos vieram para esta terra.

Randolph passou pelo bar Cheers na rua Beacon, onde turistas encasacados tiravam fotos na frente do letreiro. Vi um panfleto amassado voando na calçada: havia a palavra DESAPARECIDO e uma foto minha antiga. Um dos turistas pisou nele.

— O capitão desses exploradores — continuou Randolph — era filho do deus Skírnir.

— O filho de um deus. Sério, qualquer lugar por aqui está bom. Posso ir andando.

— Esse homem carregava um item muito especial — disse Randolph —, uma coisa que já pertenceu a seu pai. Quando o navio afundou em uma tempestade, esse objeto se perdeu. Mas

você… Você tem a capacidade de encontrá-lo.

Tentei a porta de novo. Ainda trancada.

Sabe qual era a pior parte disso? Quanto mais Randolph falava, menos convencido eu ficava de que ele era louco. A história fluía para a minha mente... tempestades, lobos, deuses, Asgard. As palavras se encaixavam como peças de um quebra-cabeça que nunca tive coragem de completar. Eu estava começando a acreditar no meu tio, e isso me deixava apavorado.

Randolph pegou o acesso para a Storrow Drive. Estacionou em frente a um parquímetro na rua Cambridge. Ao norte, depois dos trilhos elevados da estação Mass General T, ficavam as torres de pedra da ponte Longfellow.

— É para lá que vamos? — perguntei.

Randolph procurou moedas de vinte e cinco centavos no porta-copos.

— Todos esses anos, estava bem mais perto do que eu imaginava. Eu só precisava de *você*!

— Quanto amor.

— Você está fazendo dezesseis anos hoje. — Os olhos de Randolph dançaram de empolgação. — É o dia perfeito para recuperar sua herança. Mas também é o que seus inimigos estavam esperando. Temos que encontrá-la primeiro.

— Mas…

— Confie em mim só por mais um momento, Magnus. Quando estivermos com a arma…

— Arma? Agora minha herança é uma *arma*?

— Quando estiver com ela, você estará bem mais seguro. Posso explicar tudo. Posso ajudá-lo a treinar para o que está por vir.

Ele abriu a porta do carro. Antes que pudesse sair, eu segurei seu pulso.

Normalmente, evito tocar as pessoas. Contato físico me deixa apavorado. Mas precisava da total atenção dele.

— Quero uma resposta — exigi. — Uma resposta *clara*, sem enrolação e sem aulas de história. Você disse que conhece meu pai. Quem ele é?

Randolph colocou a mão na minha, e isso fez meu corpo se contorcer. A palma da mão dele era áspera e calejada demais para um professor de história.

— Pela minha vida, Magnus, juro que esta é a verdade: seu pai é um deus nórdico. Agora, vamos. Só podemos ficar vinte minutos estacionados aqui. Não quero levar uma multa.

CINCO

Eu sempre quis destruir uma ponte

— **VOCÊ NÃO PODE** soltar uma bomba dessas e ir embora! — gritei quando Randolph saiu andando.

Apesar da bengala e do joelho ruim, o cara andava bem rápido. Ele parecia um medalhista de ouro olímpico em mancar. Avançando depressa, subiu na calçada da ponte Longfellow enquanto eu corria atrás dele, o vento gritando nos meus ouvidos.

Como era manhã, os trabalhadores estavam chegando de Cambridge. Uma fila única de carros ocupava a ponte inteira, quase parada. Era de se imaginar que meu tio e eu fôssemos os únicos burros o bastante para atravessar uma ponte a pé em temperaturas abaixo de zero, mas, como estávamos em Boston, havia uns corredores se exercitando, parecendo focas magrelas nos macacões de lycra. Uma mulher com dois filhos agasalhados dentro de um carrinho andava na calçada oposta. Os filhos dela pareciam quase tão felizes quanto eu.

Meu tio ainda estava uns cinco metros à frente.

— Randolph! — gritei. — Estou falando com você!

— O curso do rio — murmurou ele. — O aterro das margens… permitindo mil anos de padrões de marés instáveis…

— Ei! — Segurei a manga do casaco de caxemira dele. — Volte para a parte sobre meu pai ser um deus nórdico.

Randolph olhou ao redor. Tínhamos parado em uma das principais torres da ponte, um cone de granito projetando-se quinze metros acima de nós. Diziam que as torres pareciam saleiros gigantescos, mas sempre achei que lembravam Daleks do *Doctor Who*. (Sou nerd, sim, e daí? Me processe. Pois é, até garotos de rua veem TV às vezes, em salas de recreação de abrigos, em computadores de bibliotecas públicas… Damos nosso jeito.)

Trinta metros abaixo, o rio Charles brilhava em um tom cinza-chumbo, a superfície sarapintada de neve e gelo, como a pele de um píton enorme.

Randolph se inclinou tanto sobre a amurada que fiquei nervoso.

— Que ironia — murmurou. — Logo aqui, dentre todos os lugares…

— Mas então, sobre meu pai…

Randolph segurou meu ombro.

— Olhe lá embaixo, Magnus. O que você vê?

Olhei com cuidado pela amurada.

— Água.

— Não, a ornamentação entalhada logo embaixo de nós.

Olhei de novo. Mais ou menos na metade da lateral do píer, um bloco de granito se projetava da ponte como um camarote de teatro com uma extremidade pontuda.

— Parece um nariz.

— Não, é… Bem, deste ângulo parece *mesmo*. Mas é a proa de um barco viking. Está vendo? O outro lado também tem. O nome da ponte é uma homenagem ao poeta Longfellow, que era fascinado pelos nórdicos e até escreveu poemas sobre os deuses deles. Assim como Eben Horsford, ele acreditava que os vikings haviam explorado Boston. O que explica essa ornamentação.

— Você devia ser guia de turismo — falei. — Todos os fãs fervorosos de Longfellow pagariam uma nota.

— Você não vê? — Randolph ainda estava com a mão no meu ombro, o que só me deixava mais ansioso. — Tantas pessoas ao longo dos séculos sabiam. Elas *sentiram* instintivamente, apesar de não terem prova. Essa área não só foi *visitada* pelos vikings. Ela era *sagrada* para eles! Bem abaixo de nós, em algum lugar perto desses barcos decorativos, estão as ruínas de um barco viking *de verdade*, com uma carga de valor incalculável.

— Continuo só vendo água. E continuo querendo saber sobre meu pai.

— Magnus, os exploradores nórdicos vieram aqui procurando os eixos dos mundos, o tronco da árvore. E encontraram…

Uma explosão ecoou do outro lado do rio. A ponte tremeu. A uns dois quilômetros de distância, em meio às chaminés e torres de Back Bay, ergueu-se uma coluna de fumaça preta oleosa.

Eu me segurei à amurada.

— Hum, aquilo ali não foi perto da sua casa?

A expressão de Randolph se fechou. A barba por fazer brilhou, prateada, ao sol.

— Nosso tempo está acabando. Magnus, estique a mão sobre a água. A espada está lá embaixo. Chame-a. Concentre-se nela como se fosse a coisa mais importante do mundo, a coisa que você mais quer.

— Uma espada? Eu… olha, Randolph, sei que você está tendo um dia difícil, mas…

— ESTENDA A MÃO!

Eu me encolhi diante da severidade em sua voz. Randolph *só podia* estar louco, falando de deuses e espadas e naufrágios antigos. Mas a coluna de fumaça em Back Bay era bem real. Sirenes soaram ao longe. Na ponte, motoristas colocaram a cabeça para fora da janela para olhar, tirando fotos com os celulares.

E, por mais que eu quisesse negar, as palavras de Randolph mexeram comigo. Pela primeira vez, senti como se meu corpo estivesse zumbindo na frequência certa, como se eu finalmente estivesse em sintonia com a trilha sonora ruim da minha vida.

Estiquei a mão sobre o rio.

Nada aconteceu.

É claro que nada aconteceu, repreendi a mim mesmo. *O que você estava esperando?*

A ponte tremeu com mais violência. Na calçada, um corredor tropeçou. Por trás de mim veio o estrondo de um carro batendo na traseira de outro. Buzinas soaram.

Acima dos telhados de Back Bay, vi uma segunda coluna de fumaça. Cinzas e fagulhas cor de laranja foram cuspidas do chão, como uma explosão vulcânica.

— Aquilo… aquilo foi bem mais perto — comentei. — Parece que alguma coisa está seguindo a gente.

Eu esperava mesmo que Randolph fosse dizer: *Não, claro que não. Não seja bobo!*

Ele pareceu envelhecer diante dos meus olhos. As rugas ficaram mais aparentes. Os ombros murcharam. Ele se apoiou pesadamente na bengala.

— Por favor, de novo, não — murmurou, baixinho. — Não como da última vez.

— *Última* vez?

Nesse momento, lembrei o que ele tinha dito sobre perder a esposa e as filhas: uma tempestade que veio do nada, fogo.

Randolph olhou nos meus olhos.

— Tente de novo, Magnus. Por favor.

Estiquei a mão na direção do rio. Imaginei que estava chamando minha mãe, tentando puxá-la do passado… tentando salvá-la dos lobos e do apartamento em chamas. Supliquei por respostas que explicassem por que a perdi, por que minha vida inteira desde então não passou de uma espiral de *coisas ruins*.

Logo abaixo de mim, a superfície da água começou a fumegar. O gelo derreteu e a neve evaporou, deixando um buraco na forma de mão, da *minha* mão, mas vinte vezes maior.

Eu não sabia o que estava fazendo. Tivera a mesma sensação quando minha mãe me ensinou a andar de bicicleta. *Não pense no que está fazendo, Magnus. Não hesite, senão vai cair. Apenas siga em frente.*

Movi a mão de um lado para o outro. Trinta metros abaixo, a mão fumegante espelhou meus movimentos, limpando a superfície do rio Charles. De repente, parei. Uma pontada de calor surgiu no centro da palma da minha mão, como se eu tivesse interceptado um raio de sol.

Havia alguma coisa lá embaixo… uma fonte de calor enterrada na lama gelada do fundo do rio. Fechei os dedos e puxei.

Um domo de água cresceu e estourou como uma nuvem de gelo-seco. Um objeto parecido com um cano foi arremessado para cima e veio parar na minha mão.

Não se parecia nem um pouco com uma espada. Segurei-a pela ponta, mas não havia cabo. Se aquilo teve uma extremidade pontuda ou afiada, já se passou muito tempo. A coisa era do tamanho de uma espada, mas estava tão esburacada e corroída, coberta de craca e brilhando com lama e limo, que não dava para ter certeza nem de que era de metal. Resumindo, era o lixo mais infeliz, sem graça e nojento que já tirei magicamente de um rio.

— Finalmente!

Randolph olhou para os céus. Tive a sensação de que, se não fosse o joelho ruim, ele se ajoelharia no chão e faria uma oração para os deuses nórdicos inexistentes.

— É. — Ergui meu novo prêmio. — Já me sinto mais seguro.

— Você pode renová-la! — disse Randolph. — Experimente!

Eu virei a espada. Estava surpreso por ela ainda não ter se desintegrado na minha mão.

— Não sei, Randolph. Acho que essa coisa já passou *faz tempo* do ponto de renovação. Não sei nem se dá para ser reciclada.

Se pareço pouco impressionado ou ingrato, não me entendam mal. O jeito como tirei a espada do rio foi tão legal que pirei um pouco. Sempre quis um superpoder. Só não esperava que o meu envolveria tirar lixo do fundo do rio. Os voluntários do serviço comunitário adorariam.

— Concentre-se, Magnus! — ordenou Randolph. — Rápido, antes que…

A quinze metros, o centro da ponte explodiu em chamas. A onda de choque me empurrou contra a amurada. O lado direito do meu rosto parecia queimado de sol. Pedestres gritaram. Carros desviaram e bateram uns nos outros.

Por algum motivo idiota, corri na direção da explosão. Foi como se eu não conseguisse me controlar. Randolph foi atrás de mim, gritando meu nome, mas a voz dele parecia distante, sem importância.

Fogo dançava no teto dos carros. Janelas explodiram com o calor, e choveu vidro no asfalto. Motoristas saíram às pressas dos veículos e fugiram.

Parecia que um meteoro havia atingido a ponte. Um círculo de asfalto de três metros de diâmetro estava chamuscado e fumegava. No centro da zona de impacto, havia uma figura de tamanho humano: um homem negro em um terno escuro.

Quando digo negro, quero dizer que a pele era do tom mais puro e lindo de preto que já vi. Tinta de lula à meia-noite não teria sido tão preta. As roupas dele também: paletó e calça feitos sob medida, uma camisa de botão e gravata, tudo feito do tecido de uma estrela de nêutrons. O rosto era sobrenaturalmente bonito, como se talhado em obsidiana. O cabelo comprido estava penteado para trás e imaculadamente arrumado com gel. As pupilas brilhavam como pequenos anéis de lava.

Pensei: Se Satanás fosse real, seria como esse sujeito.

Depois pensei melhor: Não, Satanás seria considerado desleixado perto dele. Esse cara é tipo o consultor de moda do Satanás.

Ele fixou os olhos vermelhos em mim.

— Magnus Chase. — A voz era grave e ressonante, com sotaque vagamente alemão ou escandinavo. — Você me trouxe um presente.

Havia um Toyota Corolla abandonado entre nós. O consultor de moda do Satanás atravessou o carro para abrir caminho, derretendo o chassi como se fosse de cera.

As metades fumegantes do Corolla desabaram atrás dele. Os pneus derretidos viraram poças no chão.

— Também vou lhe dar um presente. — O homem negro estendeu a mão. Fumaça saía da manga e dos dedos de ébano. — Se me der a espada agora pouparei sua vida.

SEIS

Abra caminho para os patos, senão vai levar um pescotapa

EU JÁ TINHA visto coisas estranhas na vida.

Uma vez, vi um grupo de pessoas usando apenas roupas de praia e gorros de Papai Noel correndo por Boylston no meio do inverno. Conheci um cara que tocava gaita com o nariz, bateria com os pés, guitarra com as mãos e xilofone com a bunda, tudo ao mesmo tempo. Conheci uma mulher que adotou um carrinho de compras e o batizou de Clarence. E havia o cara que dizia ser do sistema de Alfa Centauro e gostava de bater papos filosóficos com gansos.

Portanto, um modelo satânico bem-vestido que era capaz de derreter carros… por que não? Meu cérebro meio que se adaptou para acomodar a esquisitice.

O homem negro ficou parado com a mão esticada. O ar ao redor dele ondulava de calor.

Uns trinta metros à frente, o trem da Red Line parou de repente. A condutora ficou olhando, boquiaberta, para o caos diante dela. Dois corredores tentavam tirar um cara de um Prius parcialmente esmagado. A mulher soltava as crianças que choravam do carrinho de bebê, cujas rodinhas estavam meio derretidas e ovais. Ao lado dela, em vez de ajudar, um idiota segurava um celular e tentava filmar a destruição. A mão dele tremia tanto que eu duvidava que ele estivesse conseguindo uma boa imagem.

Às minhas costas, Randolph disse:

— A espada, Magnus. Use-a!

Tive a leve impressão de que meu tio corpulento estava se escondendo atrás de mim.

O homem negro riu.

— Professor Chase… admiro sua persistência. Achei que nosso último encontro o tivesse feito desistir. Mas aqui está você, pronto para sacrificar mais um membro da família!

— Cale a boca, Surt! — A voz de Randolph estava aguda. — Magnus está com a espada! Volte para o fogo donde veio.

Surt não pareceu intimidado, embora eu achasse a palavra *donde* muito intimidante.

O Cara do Fogo me observou como se eu estivesse tão coberto de craca quanto a espada.

— Me entregue a arma, garoto, senão vou mostrar a você o poder de Muspell. Vou incinerar esta ponte e todo mundo nela!

Surt levantou os braços. Chamas deslizaram por entre seus dedos. Sob os pés dele, o asfalto borbulhou. Mais para-brisas se estilhaçaram. Os trilhos do trem rangeram. A condutora da Red Line gritava freneticamente no walkie-talkie. O pedestre com o celular desmaiou. A mãe desabou em cima do carrinho, com as crianças ainda chorando lá dentro. Randolph grunhiu e cambaleou para trás.

O calor de Surt não me fez desmaiar. Só me deixou zangado. Eu não sabia quem era aquele babaca esquentadinho, mas reconhecia um valentão quando encontrava um. Primeira regra das ruas: nunca deixe um valentão roubar suas coisas.

Apontei o que já podia ter sido uma espada para Surt.

— Calma aí. Tenho um pedaço de metal corroído e não tenho medo de usar.

— Assim como seu pai, você não é um guerreiro — debochou Surt.

Eu trinquei os dentes. *Tudo bem*, pensei, *está na hora de estragar a roupa desse sujeito.*

Mas, antes que eu pudesse agir, alguma coisa passou voando ao lado da minha cabeça e bateu na testa de Surt.

Se fosse uma flecha *de verdade*, Surt estaria encrencado. Felizmente para ele, era um projétil de plástico com um coração cor-de-rosa na ponta, um artigo de dia dos namorados, talvez. Acertou Surt entre os olhos com um estalo, caiu aos pés dele e derreteu na mesma hora.

Surt piscou. Parecia tão confuso quanto eu.

Atrás de mim, uma voz familiar gritou:

— Fuja, garoto!

Meus amigos Blitz e Hearth avançaram pela ponte. Bem… eu disse *avançaram*. Isso indica que foi impressionante. Mas não foi. Por algum motivo, Blitz tinha acrescentado um chapéu de aba larga e óculos de sol ao sobretudo preto, então parecia um padre italiano sujo e baixinho. Nas mãos enluvadas, ele segurava uma haste de madeira apavorante com uma placa amarela de trânsito que dizia: ABRA CAMINHO PARA OS PATOS.

O cachecol listrado de vermelho e branco de Hearth voava atrás dele como asas esfarrapadas. Ele armou outra flecha no arco de plástico cor-de-rosa de Cupido e a disparou contra Surt.

Abençoados fossem os coraçõezinhos dementes deles. Eu entendi onde eles conseguiram as armas ridículas: na loja de brinquedos na rua Charles. Eu mendigava na frente da loja algumas vezes e vi aquelas coisas na vitrine. De alguma forma, Blitz e Hearth deviam ter me seguido até ali. Na pressa, pegaram os objetos mortais mais próximos. Sendo mendigos meio malucos, eles não escolheram muito bem.

Foi estúpido e inútil? Pode apostar. Mas aqueceu meu coração eles quererem cuidar de mim.

— Vamos lhe dar cobertura! — Blitz passou correndo por mim. — Fuja!

Surt não esperava um ataque de mendigos. Então ficou parado enquanto Blitz o acertava na cabeça com a placa de ABRA CAMINHO PARA OS PATOS. A flecha seguinte de Hearth desviou e me acertou na bunda.

— Ei! — reclamei.

Como era surdo, Hearth não conseguiu me ouvir. Ele passou correndo por mim e entrou na batalha, acertando Surt no peito com o arco de plástico.

Tio Randolph segurou meu braço. A respiração dele era um chiado alto.

— Magnus, temos que ir. AGORA!

Talvez eu devesse ter saído correndo, mas fiquei paralisado, vendo meus dois únicos amigos atacarem o senhor do fogo com brinquedos de plástico.

Finalmente, Surt se cansou da brincadeira. Deu um tapa em Hearth e o jogou longe de encontro ao asfalto. Chutou Blitz no peito com tanta força que o homenzinho cambaleou para trás e caiu de bunda bem na minha frente.

— Chega! — Surt esticou o braço. Da mão aberta, o fogo espiralou e se alongou até ele estar segurando uma espada curva feita de chamas brancas. — Estou irritado agora. Vou matar todos vocês.

— Galochas dos deuses! — gaguejou Blitz. — Não é um gigante do fogo qualquer. É o Negro!

Tipo, o contrário do Amarelo?, tive vontade de perguntar, mas a visão da espada flamejante sufocou minha vontade de fazer piada.

As chamas começaram a rodopiar ao redor de Surt. A tempestade de fogo se espalhou, derretendo carros até virarem pilhas fumegantes, liquefazendo o asfalto, estourando rebites da ponte como se fossem rolhas de garrafas de champanhe.

E eu achando que estava quente antes. Agora, Surt estava mesmo colocando tudo para ferver.

Hearth se apoiou na amurada a uns dez metros de distância. Os pedestres inconscientes e os motoristas presos nos carros também não durariam muito. Mesmo que as chamas não os tocassem, eles morreriam de asfixia ou insolação. Mas, por algum motivo, o calor não me incomodava.

Randolph cambaleou e se apoiou no meu braço com todo o seu peso.

— Eu… eu… hã, humm…

— Blitz — disse —, tire meu tio daqui. Arraste-o se precisar.

Os óculos de sol de Blitz estavam soltando fumaça. A aba do chapéu estava começando a fumegar.

— Garoto, você não tem como lutar com aquele cara. Aquele é Surt, o Negro!

— Você já disse isso.

— Mas Hearth e eu… nós é que deveríamos proteger *você*!

Tive vontade de gritar: *E estão fazendo um ótimo trabalho com a placa de ABRA CAMINHO PARA OS PATOS!* Mas o que eu podia esperar de dois sem-teto? Eles não eram soldados. Eram

apenas meus amigos. E não os deixaria morrer me defendendo. Quanto a tio Randolph… eu nem o conhecia direito. Não gostava muito dele. Mas era da família. Disse que não suportaria perder outro membro da família. É, nem eu. Desta vez, eu não fugiria.

— Vá — disse para Blitz. — Vou pegar Hearth.

De alguma forma, Blitz conseguiu carregar meu tio. Juntos, eles se afastaram cambaleando.

Surt riu.

— A espada será minha, garoto. Você não pode mudar o destino. Vou reduzir seu mundo a cinzas!

Eu me virei para encará-lo.

— Você está começando a me irritar. Vou ter que matar você agora.

E andei em direção à parede de chamas.

SETE

Você fica ótimo sem nariz, sério mesmo

***UAU, MAGNUS*, VOCÊS** devem estar pensando. *Isso foi... burrice!*

Obrigado. Tenho meus momentos.

Não costumo sair andando em direção a paredes de fogo. Mas daquela vez tive a sensação de que não ia me machucar. Sei que parece estranho, mas até o momento eu não tinha desmaiado. O calor não era assim tão ruim, apesar de o asfalto estar virando lama sob meus pés.

Temperaturas extremas nunca me incomodaram. Não sei por quê. Algumas pessoas são hiperflexíveis. Outras conseguem mexer as orelhas. Eu consigo dormir ao ar livre no inverno sem morrer congelado e passar a mão por cima de fósforos sem me queimar. Isso já me fez ganhar algumas apostas nos abrigos, mas nunca pensei na minha tolerância como algo especial tipo… *magia*. Eu nunca tinha testado os limites.

Atravessei a cortina de fogo e acertei a cabeça de Surt com minha espada enferrujada. Porque, vocês sabem, sempre tento cumprir minhas promessas.

A lâmina não pareceu machucá-lo, mas as chamas sumiram. Surt me olhou por um milissegundo, chocado, e me deu um soco na barriga.

Eu já tinha levado socos antes, mas não de um cara peso-pesado flamejante conhecido como “o Negro”.

Eu me contraí como uma cadeira dobrável. Vi tudo embaçado e triplicado. Quando recuperei o fôlego, estava de joelhos, olhando para uma poça de leite regurgitado misturado com peito de peru e torradas fumegando no asfalto.

Surt poderia ter arrancado minha cabeça com sua espada flamejante, mas deve ter achado que não valia a pena. Ficou andando na minha frente, estalando a língua.

— Franzino — disse ele. — Você é muito mole. Me entregue a espada por vontade própria, cria de vanir. Prometo uma morte rápida.

Cria de vanir?

Eu conhecia muitos insultos bons, mas nunca tinha ouvido esse.

A espada corroída ainda estava na minha mão. Senti minha pulsação no metal como se a própria espada tivesse desenvolvido batimentos. Ressoando pela lâmina até meus ouvidos havia um zumbido leve, como um motor de carro girando.

Você pode renová-la!, dissera Randolph.

Eu estava quase convencido de que aquela arma velha estava pulsando, acordando. Mas não daria tempo. Surt me chutou nas costelas e me jogou longe.

Caí de costas e fiquei olhando para o céu enfumaçado de inverno. Acho que Surt me chutou com bastante força, porque comecei a ter alucinações. Trinta metros acima, vi uma garota feita de névoa; ela usava uma armadura e estava montada em um cavalo, sobrevoando a batalha como um abutre. Segurava uma lança feita de pura luz. A cota de malha brilhava como vidro espelhado. Ela usava um elmo cônico de aço por cima de uma espécie de capuz verde, como um cavaleiro medieval. O rosto era bonito e severo. Nossos olhares se encontraram por uma fração de segundo.

Se você é real, pensei, *me ajude.*

Ela se dissolveu.

— A espada — ordenou Surt, o rosto de obsidiana aparecendo acima de mim. — Ela valerá mais se for entregue por vontade própria, mas, se for preciso, arranco dos seus dedos mortos.

Ao longe, sirenes soaram. Eu me perguntei por que as equipes de emergência ainda não tinham aparecido, mas então me lembrei das outras duas explosões gigantescas em Boston. Foram obras de Surt também? Ou ele havia levado alguns amigos flamejantes para ajudar?

Na extremidade da ponte, Hearth levantou-se, cambaleante. Alguns pedestres inconscientes tinham começado a se mexer. Eu não conseguia ver nem Randolph nem Blitz em lugar algum. Com sorte, estariam fora de perigo àquela altura.

Se pudesse distrair o Homem em Chamas, talvez o resto das pessoas também tivesse tempo de fugir.

De alguma forma, consegui me levantar.

Olhei para a espada e… é, aquilo era mesmo uma alucinação.

Em vez de um pedaço de lixo corroído, eu estava segurando uma arma de verdade. O punho, revestido de couro, era quente e confortável. A empunhadura, em formato oval simples de aço polido, ajudava a equilibrar a lâmina de setenta e cinco centímetros, que tinha fio duplo e ponta arredondada: era mais para cortar do que para perfurar. No centro da lâmina, um sulco largo exibia um entalhe de runas vikings, do mesmo tipo que vi no escritório de Randolph. Brilhavam em um tom mais claro de prateado, como se tivessem sido incrustados quando a espada estava sendo forjada.

Naquele momento, a espada estava mesmo zumbindo, quase como um cantor tentando encontrar o tom certo.

Surt recuou. Os olhos de lava brilharam, nervosos.

— Você não sabe o que tem nas mãos, garoto. E não vai viver para descobrir.

Ele brandiu a espada flamejante.

Eu não tinha experiência com espadas, a menos que ter visto *A Princesa Prometida* vinte e seis vezes quando criança contasse. Surt teria me cortado ao meio, mas minha arma tinha outros planos.

Vocês já colocaram um pião na ponta do dedo? Dá para senti-lo rodando por conta própria, tombando em todas as direções. A espada era assim. Moveu-se para bloquear a lâmina de Surt. Em seguida, descreveu um arco, levando meu braço, e acertou a perna direita do gigante.

Ele gritou. O ferimento na coxa fumegou, incendiando sua calça. O sangue dele chiou e brilhou como a lava de um vulcão. A lâmina flamejante se dissipou.

Antes que ele pudesse se recuperar, minha espada saltou e cortou seu rosto. Com um grito, Surt cambaleou para trás com as mãos no nariz.

À minha esquerda, alguém gritou. Foi a mulher com os bebês.

Hearth estava tentando ajudá-la a tirar as crianças do carrinho, que soltava fumaça, prestes a entrar em combustão.

— Hearth! — gritei, antes de lembrar que não adiantaria.

Com Surt ainda distraído, manquei até Hearth e apontei para o fim da ponte.

— Vai logo! Tira as crianças daqui!

Ele conseguia ler lábios bem, mas não gostou do que eu disse. Balançou a cabeça com determinação e pegou uma das crianças.

A mãe estava aninhando a outra.

— Saiam agora — falei para ela. — Meu amigo vai ajudar você.

A mãe não hesitou. Hearth me lançou um último olhar: *Isso não é uma boa ideia.* Em seguida, foi atrás dela, a criancinha se contorcendo nos braços dele chorando sem parar.

Ainda havia vítimas na ponte: motoristas presos nos carros, pedestres atordoados caminhando a esmo, as roupas fumegando e a pele vermelha como a de lagostas. As sirenes estavam mais perto agora, mas eu não sabia como a polícia e os paramédicos poderiam ajudar com Surt ainda por ali, em chamas e tal.

— Garoto! — O Negro falava como se estivesse gargarejando com xarope.

Tirou as mãos do rosto, e eu entendi por quê. Minha espada independente havia cortado o nariz dele. Sangue derretido escorria pelas suas bochechas e respingava sobre o asfalto em gotas escaldantes. A calça do gigante estava queimada, deixando-o apenas com uma cueca vermelha com estampa de chamas alaranjadas. Considerando isso e o nariz recém-decepado, ele parecia uma versão diabólica do Gaguinho.

— Já tolerei você por tempo demais — gargarejou.

— Eu estava pensando o mesmo em relação a você. — Levantei a espada. — Você quer isto? Venha pegar.

Em retrospecto, foi uma coisa bem burra de se dizer.

Acima de mim, tive um vislumbre da esquisita aparição cinza, uma garota a cavalo, rondando como um abutre, observando.

Em vez de atacar, Surt se inclinou e pegou asfalto do chão com as mãos nuas. Amassou até formar uma esfera quente de gosma fumegante e a arremessou em mim como uma bola de beisebol.

Caramba, eu odeio beisebol. Sou péssimo. Girei a espada, torcendo para rebater o projétil. Errei. A bola de asfalto bateu direto na minha barriga... queimando, ardendo, destruindo.

Eu não conseguia respirar. A dor foi tão intensa que senti cada célula do corpo explodindo em uma reação em cadeia.

Apesar disso, uma calma estranha tomou conta de mim: eu estava morrendo. Não escaparia dessa. Parte de mim pensou: *Tudo bem. Faça isso valer a pena.*

Minha visão ficou turva. A espada zumbiu e puxou minha mão, mas eu mal conseguia sentir meus braços.

Surt me observou com um sorriso no rosto destruído.

Ele quer a espada, disse para mim mesmo. *Mas não vai conseguir pegá-la. Se vou morrer, vou levá-lo comigo.*

Apesar de estar muito fraco, levantei a mão livre. Fiz um gesto para ele que não era preciso saber a linguagem de sinais para entender.

Ele rugiu e atacou.

Quando me alcançou, minha espada saltou e o perfurou. Resisti com o que restava das minhas forças, e sua investida acabou nos jogando pela amurada.

— Não! — Ele lutou para se soltar, explodindo em chamas, chutando e tentando se segurar enquanto caíamos no rio Charles, mas eu não cedi, minha espada ainda cravada na barriga dele, meus próprios órgãos queimando por causa do piche derretido. O céu piscou e sumiu. Tive um vislumbre da aparição enevoada: a garota no cavalo galopava em minha direção, a mão esticada.

SPLASH!, bati na água.

Então morri. Fim.

OITO

Cuidado com o abismo, e também com o cara barbudo com o machado

NA ESCOLA, EU adorava terminar histórias assim.

É a conclusão perfeita, não é? *Billy foi à escola. Teve um dia lindo. Então morreu. Fim.*

Não deixa o leitor na expectativa. Não deixa pontas soltas.

Mas no meu caso, não.

Talvez vocês estejam pensando: *Ah, Magnus, você não morreu* pra valer. *Ou não estaria contando esta história. Foi por pouco. No último segundo, você foi milagrosamente resgatado, blá-blá-blá.*

Não. Eu morri mesmo. Cem por cento: barriga perfurada, órgãos vitais queimados, traumatismo craniano depois de uma queda de doze metros em um rio congelado, todos os ossos quebrados, pulmões cheios de água gelada.

O termo médico para isso é *morto*.

Nossa, Magnus, e como foi?

Doeu. Muito. Agradeço a preocupação.

Comecei a sonhar, o que foi estranho; não só porque eu estava morto, mas porque nunca sonho. As pessoas já tentaram argumentar comigo sobre isso. Disseram que todo mundo sonha, que eu só não lembrava dos meus. Mas afirmo: dormir para mim sempre foi como estar morto. Até eu *estar* mesmo morto. Aí, sonhei como uma pessoa normal.

Eu estava fazendo uma caminhada com minha mãe em Blue Hills. Devia ter uns dez anos. Era um dia quente de verão, com uma brisa fresca soprando dos pinheiros. Paramos no lago Houghton para jogar pedrinhas na água. Consegui fazer a minha quicar três vezes. Minha mãe conseguiu quatro. Ela sempre vencia, mas nenhum de nós ligava. Ela ria e me abraçava, e isso bastava para mim.

É difícil falar dela. Para realmente entender Natalie Chase, era preciso conhecê-la. Ela brincava que seu arquétipo era a Sininho, de *Peter Pan*. Se vocês conseguirem imaginar a Sininho com trinta e poucos anos e sem asas, usando camisa de flanela, calça jeans e botas, vão ter uma boa imagem da minha mãe. Era uma moça pequena com feições delicadas, cabelo louro curtinho e

olhos verdes com um brilho alegre. Sempre que ela lia histórias para mim, eu ficava tentando contar as sardinhas no seu nariz.

Minha mãe irradiava alegria, não há outra forma de descrevê-la. Ela adorava a vida. Seu entusiasmo era contagiante. Era a pessoa mais gentil e tranquila que eu já conheci… até semanas antes de sua morte.

No sonho, ainda faltava muito para isso acontecer. Estávamos juntos no lago. Ela respirou fundo, inspirou o aroma de agulhas quentes de pinheiro e disse:

— Foi aqui que conheci seu pai. Em um dia de verão como este.

O comentário me surpreendeu. Ela raramente falava sobre meu pai. Eu não o conheci, nunca nem vi fotos. Isso pode parecer estranho, mas minha mãe não falava muito do relacionamento deles, então eu não perguntava.

Ela deixou claro que meu pai não tinha nos abandonado, apenas seguido em frente. Não havia ressentimentos. Restavam apenas boas lembranças do pouco tempo que ficaram juntos. Quando terminou, ela descobriu que estava grávida de mim e ficou feliz da vida. Desde então, éramos só nós dois. Nunca precisamos de mais ninguém.

— Você o conheceu no lago? — perguntei. — Ele era bom em arremessar pedras?

Ela riu.

— Ah, era. Ele me vencia de lavada. Naquele primeiro dia… foi perfeito. Bem, exceto por uma coisa. — Ela me puxou e beijou minha testa. — Eu não tinha *você* ainda, docinho.

Pois é, minha mãe me chamava de *docinho*. Podem rir. Conforme fui ficando mais velho, isso foi me deixando constrangido, mas só quando ela ainda estava viva. Agora, eu daria qualquer coisa para ouvi-la me chamar de docinho de novo.

— Como meu pai era? — perguntei. Foi estranho dizer *meu pai*. Como alguém que você nem conhece pode ser *seu*? — O que aconteceu com ele?

Minha mãe abriu os braços para a luz do sol.

— Foi por isso que eu trouxe você aqui, Magnus. Não consegue sentir? Ele está ao nosso redor.

Não entendi o que ela quis dizer. Normalmente, minha mãe não usava metáforas. Era tão literal e pé no chão quanto se podia imaginar.

Ela bagunçou meu cabelo.

— Venha, vamos apostar corrida até a praia.

Meu sonho mudou. Eu estava na biblioteca do tio Randolph. Na minha frente, deitado de lado na mesa, havia um homem que eu nunca tinha visto. Ele estava passando os dedos pela coleção de mapas antigos.

— A morte foi uma escolha interessante, Magnus.

O homem sorriu. Suas roupas pareciam novinhas em folha: tênis brancos reluzentes, calça jeans e camisa do Red Sox. O cabelo macio era uma mistura de ruivo, castanho e louro,

despenteado de um jeito estiloso que dizia *acabei de sair da cama e já estou bonito*. O rosto era incrivelmente lindo. Ele poderia fazer comerciais de loção pós-barba, mas as cicatrizes arruinavam a perfeição. Pele queimada se esticava pelo nariz e bochechas, como linhas na superfície da lua. Também havia marcas ao redor da boca inteira, como buracos de piercing já cicatrizados. Mas por que alguém teria tantos piercings na boca?

Eu não sabia o que dizer para a alucinação cheia de cicatrizes, mas, como as palavras da minha mãe ainda ecoavam na minha cabeça, perguntei:

— Você é meu pai?

A alucinação ergueu as sobrancelhas. Então inclinou a cabeça para trás e riu.

— Ah, *gostei* de você! Vamos nos divertir. Não, Magnus Chase, não sou seu pai, mas pode ter certeza de que estou do seu lado. — Ele passou o dedo por debaixo do logotipo dos Red Sox na camisa. — Você vai conhecer *meu* filho em breve. Até lá, um conselhinho: as aparências enganam. Não confie nos motivos dos seus companheiros. Ah, e — ele se esticou na minha direção e agarrou meu pulso — diga ao Pai de Todos que eu mandei um oi.

Tentei me soltar. Sua mão parecia feita de aço. O sonho mudou. De repente, eu estava voando em meio a uma névoa cinza e fria.

— Pare de se contorcer! — disse uma voz feminina.

A garota que vi sobrevoando a ponte estava segurando meu pulso. Ela disparou galopando em seu cavalo de névoa, me puxando como se eu fosse um saco de roupa suja. A lança flamejante estava presa às suas costas. A armadura de cota de malha brilhava na luz cinzenta.

Ela me segurou com mais força.

— Você *quer* cair no Abismo?

Tive a sensação de que aquilo não era uma metáfora. Quando olhei para baixo, não vi nada, só um cinza infinito. Concluí que não queria cair ali.

Tentei falar. Não consegui. Balancei a cabeça, sem forças.

— Então pare de se mexer tanto — ordenou ela.

Por baixo do elmo, alguns fios de cabelo castanho escapavam do lenço verde. Os olhos dela eram da cor de tronco de sequoia.

— Não faça com que eu me arrependa disso — concluiu.

Perdi a consciência.

* * *

Acordei ofegante e assustado, com todos os músculos formigando.

Sentado, toquei minha barriga, esperando encontrar um buraco chamuscado onde antes ficavam meus intestinos. Não havia asfalto quente ali. Não sentia dor. A espada havia sumido.

Minhas roupas pareciam estar em boas condições: nem molhadas, nem queimadas, nem rasgadas.

Na verdade, elas pareciam ser *novinhas em folha*. Fazia semanas que eu usava as mesmas roupas: minha única calça jeans, algumas camisas, minha jaqueta, mas elas agora não estavam fedendo. Era como se alguém tivesse lavado e secado as peças e me vestido outra vez enquanto eu estava inconsciente — o que era uma ideia perturbadora. Estavam até com aroma de limão, que me lembrava dos bons tempos em que minha mãe lavava minha roupa. Meus sapatos pareciam novos, tão brilhantes como na vez em que os peguei no lixão atrás da Marathon Sports.

Mais estranho ainda: *eu* estava limpo. Minhas mãos não estavam imundas. Parecia que eu havia acabado de tomar banho. Passei os dedos pelo cabelo e não encontrei nenhum nó, galho ou pedaço de lixo embolado nos fios.

Lentamente, me levantei. Eu não tinha nem um arranhão. Balancei o corpo. Sentia que era capaz de correr mais de um quilômetro. Inspirei o aroma de lenha queimando na lareira e de tempestade iminente. Quase ri de alívio. De alguma forma, sobrevivi!

Só que… não era possível.

Onde eu estava?

Aos poucos meus sentidos foram se expandindo. Eu estava no pátio de entrada de uma mansão opulenta, como as de Beacon Hill, com oito andares de calcário branco e mármore cinza imponentes se projetando ao céu de inverno. A porta dupla da frente era de madeira escura e pesada com rebites de ferro. No centro de cada uma havia uma aldrava de cabeça de lobo em tamanho real.

Lobos… isso já bastava para que eu odiasse o lugar.

Olhei em volta, procurando uma saída. Não havia nenhuma; o pátio era cercado por um muro de calcário branco de mais ou menos cinco metros. Como era possível não ter nenhum portão de entrada?

Eu não conseguia ver direito por cima do muro, mas ainda estava em Boston, obviamente. Reconheci alguns prédios ao redor. Ao longe, via as torres do Downtown Crossing. Eu devia estar na rua Beacon, em frente ao parque Boston Common. Mas como tinha chegado ali?

No canto do pátio havia uma bétula alta com tronco branco. Pensei em subir nela para pular o muro, mas não alcançava nem os galhos mais baixos. Então, percebi que a árvore estava cheia de folhas, o que não era possível no inverno. Além disso, as folhas brilhavam em um tom de dourado, como se alguém as tivesse folheado a ouro.

Ao lado da árvore, havia uma placa de bronze presa à parede. A princípio, eu nem tinha reparado, pois havia marcadores históricos em metade das construções de Boston, mas resolvi dar uma olhada. As inscrições estavam em duas línguas: uma no alfabeto nórdico que eu vira mais cedo, e a outra eu conseguia entender.

BEM-VINDO AO BOSQUE DE GLASIR.

PROIBIDO MENDIGAR. PROIBIDO VADIAR.

PARA ENTREGAS: USAR A ENTRADA DE NIFLHEIM.

Certo… eu já tinha estourado minha cota diária de bizarrice. Precisava sair dali. Precisava pular o muro, descobrir o que havia acontecido com Blitz e Hearth, e talvez até com tio Randolph, se eu estivesse sendo generoso, depois talvez pegar carona até a Guatemala. Já estava de *saco cheio* daquela cidade.

De repente, a porta dupla se abriu com um rangido, irradiando uma luz dourada ofuscante.

Um homem corpulento apareceu na entrada, usando uniforme de porteiro: cartola, luvas brancas e um paletó verde-escuro com cauda e as letras HV bordadas na lapela. Mas não era possível que aquele cara fosse mesmo um porteiro. O rosto cheio de verrugas estava manchado de cinzas. A barba não devia ser aparada havia décadas. Os olhos estavam injetados de sangue e com uma expressão assassina, e havia um machado de lâmina dupla ao lado dele. O crachá dizia: HUNDING, SAXÔNIA, MEMBRO ESTIMADO DA EQUIPE DESDE 749 EC.

— D-Desculpe — falei, gaguejando. — Eu devo… hã, casa errada.

O homem fez uma careta, aproximou-se e me cheirou. Ele mesmo cheirava a seiva de árvore e carne queimada.

— Casa errada? Acho que não. Você precisa fazer o check-in.

— Hã… o quê?

— Você está morto, não está? — disse o homem. — Venha. Vou levar você até a recepção.

NOVE

Você vai querer a chave do frigobar

VOCÊS FICARIAM SURPRESOS em descobrir que a mansão era maior por dentro?

Só o saguão podia ser considerado o maior chalé de caça do mundo, e era duas vezes maior do que a mansão vista de fora. O piso de madeira estava coberto com peles de animais exóticos: zebras, leões e um réptil de doze metros de comprimento que eu não teria gostado de encontrar quando vivo. Na parede da direita, fogo estalava em uma lareira do tamanho de um quarto. Na frente dela, alguns caras usando roupões verdes felpudos com idade para estar no ensino médio relaxavam em sofás de couro, rindo e bebendo em cálices prateados. Acima da lareira, havia uma cabeça de lobo empalhada.

Ah, que alegria, pensei, sentindo um arrepio. *Mais lobos*.

Colunas de madeira maciça sustentavam o teto, que tinha fileiras de lanças no lugar do caibro. Escudos polidos cobriam as paredes. De todos os lados parecia irradiar luz, um brilho dourado quente que fazia meus olhos doerem como uma tarde de verão depois de uma sessão de cinema.

No meio do saguão, um cavalete com um cartaz anunciava:

ATIVIDADES DE HOJE

LUTAR ATÉ A MORTE! – SALA OSLO, 10H

LUTAR EM EQUIPE ATÉ A MORTE! – SALA ESTOCOLMO, 11H

COMER ATÉ A MORTE! – SALÃO DE JANTAR, 12H

GUERREAR ATÉ A MORTE! – PÁTIO PRINCIPAL, 13H

PRATICAR BIKRAM YOGA ATÉ A MORTE! — SALA COPENHAGUE,
LEVE SEU TAPETE, 16H

O porteiro Hunding disse alguma coisa, mas minha cabeça estava doendo tanto que não entendi.

— Desculpe — interrompi —, o que você disse?

— Bagagem — repetiu ele. — Você trouxe alguma?

— Hã… — Estiquei a mão para tocar meu ombro. É, aparentemente minha mochila não tinha ressuscitado comigo. — Não.

Hunding grunhiu.

— Ninguém mais traz bagagem. Não colocaram *nada* na sua pira funerária?

— Na minha o quê?

— Deixa pra lá. — Ele olhou com cara feia para o canto da sala, onde um barco virado servia de recepção. — Não adianta enrolar. Vamos.

O homem atrás do casco aparentemente ia ao mesmo barbeiro que Hunding. A barba dele era tão grande que tinha o próprio endereço. O cabelo parecia um abutre que deu de cara em um para-brisa. Ele estava vestido com um terno risca de giz verde-floresta. O crachá dizia: HELGI, GERENTE, GOTLÂNDIA ORIENTAL, MEMBRO ESTIMADO DA EQUIPE DESDE 749 EC.

— Bem-vindo! — Helgi ergueu o rosto da tela do computador. — Veio fazer o check-in?

— Hã…

— O check-in é a partir das três da tarde — disse ele. — Se você morre mais cedo, não posso garantir que o quarto esteja pronto.

— Eu não posso simplesmente voltar a ficar vivo — comentei.

— Não, não. — Ele digitou no teclado. — Ah, agora sim. — Ele sorriu e exibiu exatamente três dentes. — Fiz um upgrade na sua reserva, você vai para uma suíte.

Ao meu lado, Hunding murmurou:

— Todo mundo ganha upgrade para suíte. Nós só *temos* suítes.

— Hunding… — avisou o gerente.

— Desculpe, senhor.

— Você não vai querer que eu use a vara.

Hunding fez uma careta.

— Não, senhor.

Olhei de um para o outro e verifiquei os crachás deles.

— Vocês começaram a trabalhar aqui na mesma época — observei. — Foi em 749… o que é EC?

— Era Comum — explicou o gerente. — O que você poderia chamar de AD.

— Então por que vocês não dizem AD?

— Porque Anno Domini, *o ano do Senhor*, é ótimo para cristãos, mas Thor fica chateado. Ele ainda se ressente de Jesus não ter aparecido quando ele o desafiou para um duelo.

— Como é que é?

— Não importa — disse Helgi. — Quantas chaves você quer? Uma basta?

— Ainda não entendi onde estou. Se vocês estão aqui desde 749, isso já tem mais de mil anos.

— Nem me fale — resmungou Hunding.

— Mas isso é impossível. E… e você disse que estou morto? Não me sinto morto. Estou ótimo.

— Senhor — disse Helgi —, tudo vai ser explicado esta noite, durante o jantar. É quando os novos hóspedes são recepcionados formalmente.

— Valhala. — A palavra surgiu das profundezas do meu cérebro, a reminiscência de uma história que minha mãe leu para mim quando eu era pequeno. — O *HV* na sua lapela. O *V* é de *Valhala*?

Os olhos de Helgi deixaram claro que ele estava se esforçando para ser paciente.

— Sim, senhor. Hotel Valhala. Parabéns. Você foi escolhido para se juntar ao exército de Odin. Mal posso esperar para ouvir sobre seus feitos valorosos durante o jantar.

Minhas pernas ficaram bambas. Eu me apoiei no casco da recepção para não cair. Estava tentando me convencer de que aquilo era um erro, de que não passava de algum hotel temático onde fui confundido com um hóspede. Agora, eu não tinha tanta certeza.

— Morto — murmurei. — Você quer dizer que estou mesmo… estou mesmo…

— Aqui está a chave do quarto. — Helgi me entregou uma pedra com um único entalhe de runa viking, como as pedrinhas na biblioteca de Randolph. — Você quer a chave do frigobar?

— Hã…

— Ele quer a chave do frigobar — respondeu Hunding por mim. — Garoto, confie em mim, você vai querer a chave do frigobar. Vai ser uma longa estadia.

Minha boca estava com gosto de cobre.

— Quão longa?

— Para sempre — disse Helgi —, ou pelo menos até o Ragnarök. Hunding vai acompanhá-lo até seu quarto. Aprecie sua pós-vida. Próximo!

DEZ

Meu quarto não é uma droga

EU ESTAVA TOTALMENTE disperso enquanto Hunding me levava pelo hotel. A sensação era de que haviam me girado cinquenta vezes e me largado no meio de um circo, dizendo: divirta-se.

Ali, um corredor parecia maior do que o outro. A maioria dos hóspedes devia estar no colégio, embora alguns talvez fossem um pouco mais velhos. Meninos e meninas se sentavam juntos em pequenos grupos, ficavam descansando em frente às lareiras, conversando em várias línguas, comendo besteira ou jogando xadrez e outros jogos de tabuleiro, incluindo um que envolvia adagas de verdade e um maçarico. Espiei as salas e vi mesas de sinuca, máquinas de pinball, um fliperama antigo e uma coisa que parecia uma donzela de ferro de uma câmara de tortura.

Funcionárias de camisa verde-escura circulavam entre os hóspedes, carregando travessas de comida e jarras de bebida. Pelo que entendi, todas eram guerreiras musculosas com escudos nas costas e espadas ou machados presos nos cintos, o que não é muito comum nesse ramo.

Uma garçonete completamente armada passou por mim com um prato fumegante de rolinhos primavera. Meu estômago roncou.

— Como posso sentir fome se estou morto? — perguntei a Hunding. — *Nenhuma* dessas pessoas parece morta.

Hunding deu de ombros.

— Ah, existem mortos e mortos. Pense em Valhala mais como… uma promoção. Você é um einherjar agora.

Ele pronunciou a palavra como in-RER-iar.

— Einherjar — repeti. — Parece que rola pela língua.

— É. O singular é einherji. — Ele pronunciou in-RER-i. — Somos os escolhidos de Odin, soldados em seu exército perpétuo. A palavra einherjar normalmente é traduzida como *guerreiros solitários*, mas essa expressão não capta totalmente o significado. É mais como… os *guerreiros de outrora*, os que lutaram bravamente na última vida e lutarão bravamente de novo no Dia do Juízo Final. Abaixe.

— No Dia do Juízo Final Abaixe?

— Não, abaixe-se!

Hunding me puxou para baixo quando uma lança passou voando e empalou um cara sentado no sofá ali perto, matando-o na hora. Bebidas, dados e dinheiro de Banco Imobiliário voaram para todo lado. As pessoas que estavam jogando com ele levantaram-se e olharam, um tanto irritadas, na direção de onde veio a lança.

— Eu vi isso, John Mão Vermelha! — gritou Hunding. — No saguão é *proibido empalar*!

Na sala de bilhar, alguém riu e respondeu em… sueco? E não soou muito arrependido.

— Enfim — retomou Hunding, andando como se nada tivesse acontecido. — Os elevadores ficam aqui.

— Espere — falei. — Aquele cara acabou de ser assassinado com uma lança. Você não vai *fazer* nada?

— Ah, os lobos vão limpar.

Minha pulsação disparou.

— Lobos?

Enquanto os outros jogadores de Banco Imobiliário separavam as peças, dois lobos cinzentos surgiram no saguão, pegaram o morto pelas pernas e o arrastaram para fora dali, a lança ainda cravada no peito. O rastro de sangue evaporou instantaneamente. O sofá perfurado se consertou.

Eu me escondi atrás do vaso de planta mais próximo. Não me importo com o que pensariam de mim. Meu medo falou mais alto. Aqueles lobos não tinham olhos azuis brilhantes como os que atacaram minha casa, mas ainda assim eu preferia uma vida após a morte em que a mascote fosse um porquinho-da-índia.

— Não há regras contra assassinato? — perguntei, baixinho.

Hunding ergueu a sobrancelha peluda.

— Foi só brincadeira, garoto. Ele vai estar ótimo no jantar. — Hunding me puxou do esconderijo. — Venha.

Antes que eu pudesse perguntar mais sobre a "diversão", chegamos a um elevador. A porta de grade era formada por lanças. A parede era toda de escudos dourados sobrepostos. O painel de controle era repleto de botões, de cima a baixo. O número mais alto era quinhentos e quarenta. Hunding apertou o dezenove.

— Como este lugar pode ter quinhentos e quarenta andares? — perguntei. — Seria o prédio mais alto do mundo.

— Se existisse em um único mundo, sim. Mas ele se conecta a todos os nove mundos. Você acabou de chegar pela entrada de Midgard, como a maioria dos mortais.

— Midgard…

Eu me lembrava vagamente de alguma coisa sobre os vikings acreditarem em nove mundos diferentes. Randolph também se referira a eles no plural. Mas fazia muito tempo que minha mãe tinha lido aquelas histórias de ninar nórdicas.

— Você quer dizer tipo o mundo dos humanos.

— Isso. — Hunding respirou fundo e recitou: — *Quinhentos e quarenta andares tem Valhala; quinhentos e quarenta portões conduzem aos nove mundos*. — Ele sorriu. — Nunca se sabe quando e onde vamos ter que marchar para a guerra.

— Quantas vezes isso já aconteceu?

— Bom, nunca. Mas mesmo assim… poderia acontecer a qualquer momento. Eu, por exemplo, mal posso esperar! Finalmente Helgi vai ter que parar de me punir.

— O gerente? Por que ele pune você?

Hunding fez cara de nojo.

— É uma longa história. Ele e eu…

A porta de lanças do elevador se abriu.

— Deixe isso pra lá. — Hunding me deu um tapinha nas costas. — Você vai gostar do décimo nono andar. Vai ter bons vizinhos de corredor!

Sempre imaginei que corredores de hotel fossem lugares escuros, deprimentes e claustrofóbicos. O décimo nono andar? Nem tanto. O teto abobadado tinha seis metros de altura, com — isso mesmo — mais lanças como caibro. Valhala devia ter conseguido um bom desconto no Armazém das Lanças por Atacado. Em candeeiros, tochas irradiavam uma luz quente e laranja, sem produzir fumaça, iluminando espadas, escudos e tapeçarias expostos nas paredes. O corredor era tão largo que poderia tranquilamente servir como um campo de futebol. O tapete, vermelho como sangue, tinha desenhos de galhos de árvore que se moviam, como se balançassem ao vento.

Separadas por uns quinze metros, cada porta era de carvalho rústico com dobradiças de ferro. Não vi maçanetas nem fechaduras. No centro de cada uma delas havia um nome escrito em um círculo de ferro do tamanho de um prato, cercado por runas vikings.

O primeiro dizia MESTIÇO GUNDERSON. Pela porta, ouvi gritos e metal estalando, como se dentro do quarto estivesse acontecendo uma luta de espadas.

O seguinte dizia MALLORY KEEN. Esse estava silencioso.

Depois: THOMAS JEFFERSON, JR. Estalos de tiros vinham de dentro, embora soassem mais como um videogame do que tiros de verdade. (Sim, já ouvi os dois.)

A quarta porta tinha apenas um X. Havia um carrinho de serviço de quarto parado em frente a ela, com a cabeça de um porco disposta em uma bandeja de prata. As orelhas e o nariz do animal pareciam meio mordidos.

Não sou crítico gastronômico, nem nada. Nem poderia, sendo morador de rua. Mas tenho meus critérios quando se trata de cabeças de porco.

Estávamos quase chegando ao cruzamento no fim do corredor, quando um pássaro preto e grande fez uma curva e passou voando por mim, quase cortando minha orelha. Vi o animal desaparecer corredor afora. Era um corvo, e carregava bloco e caneta nas garras.

— O que foi aquilo? — perguntei.

— Um corvo — respondeu Hunding, o que achei muito útil.

Finalmente, paramos em frente à porta onde estava escrito MAGNUS CHASE.

Ao ver meu nome gravado em ferro, rodeado de runas, comecei a tremer. Minhas últimas esperanças de que tudo aquilo fosse um erro, uma pegadinha de aniversário ou uma confusão cósmica evaporaram. O hotel estava me esperando. Tinham escrito meu nome corretamente e tudo.

Só para deixar claro, Magnus quer dizer *grandioso*. Minha mãe me deu esse nome porque nossa família descendia de reis suecos ou algo do tipo, um bilhão de anos antes. Além disso, ela falou que eu era a coisa mais incrível que já lhe aconteceu. Eu sei. Um, dois, três: *Ownnnnn*. Era um nome irritante. As pessoas costumavam escrever Mangus, que rima com Angus. Eu sempre corrigia: *Não, é Magnus, que rima com húmus.* E então, só ficavam olhando para mim sem entender nada.

De qualquer modo, ali estava meu nome gravado na porta. Quando entrasse, eu me tornaria um hóspede. De acordo com o gerente, eu teria uma nova casa até o dia do Juízo Final.

— Vá em frente.

Hunding apontou para a chave-runa na minha mão. O símbolo era ligeiramente semelhante ao do infinito ou a uma ampulheta de lado:

ᛞ

— É *dagaz* — disse Hunding. — Não precisa ter medo. Simboliza novos começos, transformações. Também abre sua porta. Só você tem acesso.

Engoli em seco.

— E se, por exemplo, os funcionários quiserem entrar?

— Ah, nós usamos a chave dos funcionários.

Hunding deu um tapinha no machado preso ao cinto. Não consegui entender se ele estava brincando.

Levantei a runa. Eu não queria testar, mas também não queria ficar no corredor esperando para ser atingido por uma lança aleatória ou atropelado por um corvo. Instintivamente, encostei a pedra na respectiva runa *dagaz* na porta. O anel de runas se acendeu em um tom de verde. A porta se abriu.

Entrei, e meu queixo caiu.

Nunca tinha morado nem visitado um lugar tão legal quanto aquela suíte. Nem mesmo a mansão do tio Randolph.

Maravilhado, fui até o meio do quarto, onde havia um átrio central a céu aberto. Meus sapatos afundaram na grama verde e densa. Quatro carvalhos grossos delimitavam o jardim, como pilares. Os galhos mais baixos se esticavam pelo teto do quarto, entremeando-se com o caibro.

Os mais altos cresceram pela abertura do átrio, formando um toldo trançado. A luz do sol aqueceu meu rosto. Uma brisa agradável entrava no quarto, carregando um cheiro de jasmim.

— Como? — Olhei para Hunding. — Há centenas de andares acima de nós, mas estamos aqui a céu aberto. Em pleno inverno. Como pode estar ensolarado e quente?

Hunding deu de ombros.

— Não sei. Magia. Mas esta é a *sua* vida após a morte, garoto. Você ganhou certas vantagens, não é?

Ganhei? Não me sentia particularmente merecedor.

Girei lentamente. A suíte tinha forma de cruz, com quatro seções irradiando do átrio central. Cada ala era tão grande quanto meu apartamento antigo. Uma era o corredor de entrada por onde chegamos. Ao lado, havia um quarto com uma cama king size. Apesar do tamanho, ele era básico e simples: tinha um edredom bege e travesseiros macios na cama, paredes bege sem quadros nem espelhos e nenhuma decoração. Havia cortinas marrons pesadas para isolar a área.

Lembrei que, quando eu era criança, minha mãe deixava meu quarto com menos decoração possível. Eu só conseguia dormir em lugares totalmente escuros e sem nada que me distraísse. Vendo aquela suíte, tive a sensação de que alguém havia investigado em minha mente exatamente o que seria necessário para me deixar confortável.

A ala da esquerda era uma área de vestir e banheiro com azulejos pretos e bege, minhas cores favoritas. As vantagens que Hunding citou incluíam sauna, banheira de hidromassagem, closet, chuveiro e vaso sanitário enormes. (Esse último é brincadeira, mas *era mesmo* um trono elegante, apropriado para os mortos honrados.)

A quarta ala da suíte era a cozinha e a sala de estar. Em uma extremidade da sala, havia um grande sofá de couro em frente a uma TV de plasma com uns seis consoles de videogame diferentes empilhados em um gabinete. Do outro lado, duas poltronas reclináveis em frente à lareira acesa e uma parede de livros.

Sim, eu gosto de ler. Sou estranho. Mesmo depois de largar a escola, passei bastante tempo na Biblioteca Pública de Boston, aprendendo coisas aleatórias só para passar o tempo em um lugar quente e seguro. Durante dois anos, senti falta da minha velha coleção de livros. Nunca achei que teria outra.

Andei até lá para ver os títulos nas prateleiras. E então reparei no porta-retratos prateado sobre a lareira.

Alguma coisa como uma bolha de hélio subiu pelo meu esôfago.

— Não acredito…

Peguei a foto. Estávamos eu, aos oito anos, e a minha mãe no pico do monte Washington, em New Hampshire. Aquela havia sido uma das melhores viagens da minha vida. Tínhamos pedido a um guarda florestal para tirar a foto. Eu sorria (coisa que quase não faço mais), com duas janelinhas dos dentes da frente que tinham caído. Minha mãe estava ajoelhada atrás de mim me

abraçando, os olhos verdes enrugando-se nos cantinhos, as sardas ressaltadas pelo sol, o cabelo louro bagunçado pelo vento.

— Isso é impossível — murmurei. — Só havia uma cópia dessa foto. E ela foi queimada no incêndio… — Eu me virei para Hunding, que estava secando os olhos. — Você está bem?

Ele pigarreou.

— Estou! Claro. O hotel gosta de oferecer souvenires, lembrancinhas da vida antiga. Fotografias… — Por baixo da barba dele, talvez a boca estivesse tremendo. — Quando eu morri, não existiam fotografias. Você tem sorte.

Havia muito tempo que ninguém dizia isso para mim. A ideia me despertou do torpor. Eu perdi minha mãe fazia dois anos. Estava morto, ou fui *promovido*, havia apenas algumas horas. Aquele porteiro da Saxônia estivera ali desde 749 EC. Como será que havia morrido e quem havia deixado para trás? Mil e duzentos anos depois, e aquilo ainda mexia com ele; era cruel ter que passar a eternidade assim.

Hunding se aprumou e limpou o nariz.

— Chega disso! Se tiver alguma dúvida, ligue para a recepção. Espero ansiosamente ouvir sobre suas explorações corajosas no jantar hoje à noite.

— Minhas… explorações corajosas?

— Não seja modesto. Você não teria sido escolhido se não tivesse feito alguma coisa heroica.

— Mas…

— Foi um prazer servir você, senhor, e seja bem-vindo ao Hotel Valhala.

Ele estendeu a mão. Demorei um segundo para perceber que ele queria gorjeta.

— Ah, hã…

Enfiei a mão nos bolsos da jaqueta, esperando encontrá-los vazios. Por um milagre, a barra de chocolate que eu havia roubado da casa do tio Randolph ainda estava ali, inteira apesar da viagem pelo Grande Além. Entreguei para Hunding.

— Desculpa, só tenho isso.

Os olhos dele se arregalaram.

— Deuses de Asgard! Obrigado, garoto! — Ele cheirou o chocolate e o ergueu como um cálice sagrado. — Uau! Tudo bem, se precisar de alguma coisa, é só falar comigo. Sua valquíria vem buscá-lo na hora do jantar. Uau!

— Minha valquíria? Espera aí. Eu não tenho nenhuma valquíria.

Hunding riu, sem tirar os olhos do chocolate.

— É, se eu tivesse a *sua* valquíria, diria a mesma coisa. Ela já criou muita confusão por aqui.

— Como assim?

— Vejo você mais tarde, garoto! — Hunding foi saindo. — Tenho coisas a comer, quer dizer, a *fazer*. Tente sobreviver até o jantar!

ONZE

Prazer em conhecê-lo. Agora, vou esmagar sua traqueia

DESABEI NA GRAMA.

Fiquei olhando os galhos da árvore com o céu azul ao fundo, senti dificuldade de respirar. Fazia anos que eu não tinha crise de asma, mas me lembrava das noites em que minha mãe me abraçava enquanto eu ofegava, sentindo como se um cinto invisível estivesse apertando meu peito. Talvez vocês estejam se perguntando por que minha mãe me levava para acampar e para subir montanhas se eu tinha asma, mas me fazia bem ficar ao ar livre.

Deitado no meio do átrio, inspirei o ar fresco e torci para que meus pulmões se acalmassem.

Infelizmente, eu tinha quase certeza de que aquilo não era asma, e sim um colapso nervoso. O problema não era só estar morto, preso em um pós-vida viking bizarro em que as pessoas pediam cabeça de porco no serviço de quarto e empalavam os amigos no saguão.

Pelo meu histórico de vida, aquilo era aceitável. É *claro* que eu acabaria em Valhala no meu décimo sexto aniversário. Era meu destino.

O que me abalou mesmo foi estar, pela primeira vez desde que minha mãe morreu, em um lugar confortável, sozinho e em segurança (pelo menos assim espero). Abrigos não contavam. Refeitórios populares, marquises e sacos de dormir debaixo da ponte também não. Eu sempre dormi com um olho aberto e outro fechado. Nunca relaxava. Agora, estava livre para pensar.

E pensar não era nada bom.

Não tive o luxo de sofrer a perda de minha mãe. Não tive tempo de me sentar e sentir pena de mim mesmo. De certa forma, isso foi tão útil para mim quanto as habilidades de sobrevivência que ela me ensinou: navegar, acampar, como fazer uma fogueira.

Todas aquelas viagens a parques, montanhas, lagos. Enquanto o Subaru velho dela funcionasse, passávamos todos os fins de semana fora, explorando a natureza.

De que estamos fugindo?, perguntei a ela numa sexta-feira, alguns meses antes de sua morte. Eu estava irritado. Queria dormir em casa uma vez na vida. Não entendia aquele desespero frenético de fazer as malas e partir.

Ela sorriu, mas pareceu mais preocupada do que de costume. *Temos que aproveitar o máximo possível, Magnus.*

Será que ela me preparou desse jeito de propósito? Era quase como se soubesse o que aconteceria… Mas não era possível. Se bem que ser filho de um deus nórdico também era bem improvável.

Minha respiração ainda estava abalada, mas me levantei e andei pelo novo quarto. Na foto sobre a lareira, o Magnus de oito anos exibia um sorriso com janelinhas e o cabelo embaraçado. Aquele garoto não tinha noção de nada, não dava valor para o que tinha.

Analisei as prateleiras. Ali estavam meus autores de fantasia e horror favoritos de uns anos atrás: Stephen King, Darren Shan, Neal Shusterman, Michael Grant, Joe Hill; minhas séries favoritas de quadrinhos: Scott Pilgrim, Sandman, Watchmen, Saga; além de um monte de livros que eu pretendia ler na biblioteca. (Dica de sem-teto profissional: bibliotecas públicas são abrigos seguros. Têm banheiros. Raramente expulsam crianças que estão lendo, a não ser que estejam fedendo ou arrumando confusão.)

Peguei o livro infantil ilustrado de mitos nórdicos que minha mãe lia para mim quando eu era pequeno. Dentro, havia imagens simplórias de deuses vikings sorridentes, arco-íris, flores e garotas louras bonitas. Além de frases como *Os deuses viviam em um reino maravilhoso e lindo!*. Não havia menção alguma a Surt, o Negro, colocando fogo em carrinhos de bebê e jogando asfalto derretido, nada sobre lobos assassinando a mãe dos outros e explodindo apartamentos. Isso me deixou irritado.

Na mesa de centro havia um caderno com capa de couro intitulado SERVIÇOS PARA HÓSPEDES. Dei uma folheada. O cardápio tinha umas dez páginas. A lista de canais de TV era quase tão longa, e o mapa do hotel, tão complicado, dividido em tantas subseções, que não consegui entender. Não havia indicação de portas de emergência informando: SAIA POR AQUI PARA VOLTAR PARA A VIDA ANTIGA!

Joguei o livro na lareira.

Enquanto ele queimava, outro apareceu na mesa de centro. O hotel mágico idiota não me deixava nem vandalizar as coisas direito.

Em um acesso de fúria, derrubei o sofá. Eu não esperava que fosse longe, mas saiu rolando pela sala e bateu na parede do outro lado.

Fiquei olhando para a trilha de almofadas espalhadas, para o sofá de cabeça para baixo, para o reboco rachado e as marcas de couro na parede. Como fiz aquilo?

O sofá ficou onde caiu, não voltou para o lugar num passe de mágica. A raiva foi passando. Acho que só arrumei mais trabalho para algum pobre funcionário como Hunding. Isso não foi justo.

Andei mais um pouco de um lado para o outro, lembrando do cara negro e flamejante na ponte e me perguntando por que ele queria a espada. Eu queria que Surt tivesse morrido também, e que

a morte dele tivesse sido mais *permanente*, mas não estava otimista. Se pelo menos Blitz e Hearth tivessem se safado em segurança... (Ah, é. E Randolph também.)

E a espada… onde foi parar? No fundo do rio de novo? Valhala podia me ressuscitar com uma barra de chocolate no bolso, mas não com uma espada na mão. Isso era esquisito.

Nas velhas histórias, Valhala era o lugar de heróis que morreram em batalha. Eu me lembrava dessa parte. Não me sentia nem um pouco herói. Levei uma surra e uma bolada na barriga. Ao perfurar Surt e cair da ponte, falhei da forma mais produtiva possível. Morte honrada? Nem tanto.

Fiquei paralisado.

Uma ideia me atingiu com a força de um martelo.

Minha mãe… *Ela* sim havia morrido com honra. Para me proteger de…

Nessa hora, alguém bateu na porta.

A porta se abriu e uma garota entrou… a mesma que sobrevoava a batalha na ponte e me puxou pelo vazio cinzento.

Ela estava sem o elmo, a cota de malha e a lança brilhante. O lenço verde estava ao redor do pescoço, e o cabelo castanho comprido caía livremente pelos ombros. O vestido branco tinha runas vikings bordadas ao redor da gola e dos punhos. Pendurados no cinto dourado havia um molho de chaves antigas e um machado de lâmina única. Parecia a dama de honra de um casamento do *Mortal Kombat*.

Ela olhou para o sofá caído.

— A mobília ofendeu você?

— Você é real — observei.

Ela bateu nos próprios braços.

— É, aparentemente.

— Minha mãe.

— Não — disse —, não sou sua mãe.

— Não, digo, ela está aqui em Valhala?

A garota ficou de boca aberta. Olhou por cima do meu ombro, como se elaborando a resposta.

— Desculpa. Natalie Chase não está entre os Escolhidos.

— Mas *ela* foi a corajosa. Ela se sacrificou por mim.

— Eu acredito em você. — A garota examinou o chaveiro. — Mas eu saberia se ela estivesse aqui. Nós, valquírias, não temos permissão de escolher todo mundo que morre bravamente. Há… muitos fatores, muitas vidas após a morte diferentes.

— Então onde ela está? Eu quero ir para lá. Eu não sou um herói!

A garota correu na minha direção e me empurrou contra a parede com a mesma facilidade com que virei o sofá. E pressionou o antebraço no meu pescoço.

— Não diga isso — sibilou. — NÃO DIGA ISSO! Principalmente não hoje à noite, no jantar.

O hálito dela tinha cheiro de menta. Os olhos eram ao mesmo tempo escuros e cintilantes. Lembravam um fóssil que minha mãe tinha, a concha de um animal marítimo semelhante ao náutilo chamado amonite. Parecia ter um brilho interno, como se tivesse absorvido milhões de anos de lembranças enquanto ficou enterrado. Os olhos da garota tinham o mesmo tipo de brilho.

— Você não entende — gemi. — Eu tenho que…

Ela apertou meu pescoço com mais força.

— O que você acha que não entendo? A dor pela perda de sua mãe? A injustiça? Estar em um lugar onde você não quer estar, sendo obrigado a lidar com gente que você preferia não ver?

Eu não sabia como responder, principalmente porque não conseguia respirar.

Ela se afastou. Enquanto eu tossia e engasgava, ela andou pelo saguão, olhando de cara feia para nada em particular. O machado e as chaves balançavam no cinto.

Massageei meu pescoço machucado.

Que burrice, Magnus, falei para mim mesmo. *Novo lugar, aprenda as regras.*

Eu não podia começar a choramingar e fazer exigências. Tinha que deixar a questão da minha mãe de lado. Se ela estivesse em algum lugar, eu descobriria depois. No momento, aquele hotel não era diferente de um abrigo para jovens, acampamento de beco ou refeitório comunitário da igreja. Cada lugar tinha suas regras. Eu precisava aprender a estrutura de poder, a ordem hierárquica, as proibições que me fariam ser perfurado ou atacado. Eu tinha que sobreviver… mesmo que já estivesse morto.

— Me desculpe — falei. Sentia como se tivesse engolido um roedor vivo cheio de garras. — Mas que importância tem para você se sou herói ou não?

Ela bateu na testa.

— Uau, tudo bem. Talvez porque tenha sido eu que *trouxe* você para cá? Talvez porque minha carreira esteja em jogo? Mais um escorregão e… — Ela se controlou. — Não importa. Quando você for apresentado, siga o que eu disser. Fique de boca fechada, concorde e tente parecer corajoso. Não faça com que eu me arrependa de ter trazido você.

— Tudo bem. Mas, só para lembrar, eu não pedi nada.

— Pelo Olho de Odin! Você estava *morrendo*! Suas outras opções eram Helheim ou Ginnungagap ou… — Ela estremeceu. — Só digo que existem lugares piores do que Valhala. Eu vi o que você fez na ponte. Por mais que não admita, você foi corajoso. Você se sacrificou para salvar muita gente.

As palavras dela soavam como um elogio. O tom como se ela estivesse me chamando de idiota.

A garota veio até mim e me cutucou no peito.

— Você tem potencial, Magnus Chase. *Não* prove que estou errada, senão…

Uma corneta soou tão alto nos alto-falantes das paredes que sacudiu a foto sobre a lareira.

— O que é isso? — perguntei. — Ataque aéreo?

— Jantar. — A garota se aprumou. Respirou fundo e estendeu a mão. — Vamos começar de novo. Oi, sou Samirah al-Abbas.

Eu pisquei.

— Não me leve a mal, mas esse nome não me parece muito viking.

Ela deu um sorriso tenso.

— Pode me chamar de Sam. Todo mundo me chama assim. Serei sua valquíria esta noite. É um prazer conhecer você propriamente.

Ela apertou minha mão com tanta força que meus dedos estalaram.

— Agora, vou acompanhá-lo ao jantar. — Deu um sorriso forçado. — Se me fizer passar vergonha, vou ser a primeira a matar você.

DOZE

Pelo menos não sou eu quem precisa perseguir a cabra

NO CORREDOR, MEUS vizinhos estavam começando a sair dos quartos. Thomas Jefferson Jr. parecia ter a minha idade. Tinha cabelo curto encaracolado, corpo magro e um rifle pendurado no ombro. O casaco azul de lã tinha botões de latão e divisas em forma de V nas mangas, o uniforme do exército americano na Guerra Civil, eu supus. Ele assentiu e sorriu.

— Como vai?

— Hã, morto, acho — respondi.

Ele riu.

— É, você vai se acostumar. Pode me chamar de T. J.

— Sou Magnus — falei.

— Vamos. — Sam me puxou.

Passamos por uma garota que devia ser Mallory Keen. Ela tinha cabelo ruivo crespo, olhos verdes e uma faca de caça, que estava sacudindo na cara de um sujeito de uns dois metros de altura em frente à porta marcada com um X.

— De novo a cabeça de porco? — Mallory falava com um leve sotaque irlandês. — X, você acha que quero ver uma cabeça de porco decepada toda vez que saio do quarto?

— Eu não consegui terminar de comer — resmungou X. — A cabeça do porco não cabe na geladeira.

Se fosse comigo, eu não teria criado caso com o sujeito. Ele tinha o tamanho de uma câmara de contenção de bombas. Se eu precisasse me livrar de uma granada sem pino, tinha certeza de que podia pedir para X engoli-la e o problema seria resolvido. A pele dele era da cor da barriga de um tubarão, cheia de músculos e verrugas. Havia tantas protuberâncias no rosto dele que era difícil saber onde ficava o nariz.

Passamos por eles, e X e Mallory estavam ocupados demais discutindo para prestarem atenção em nós.

Quando nos afastamos, perguntei a Sam:

— Qual é a do sujeito grande e cinza?

Sam levou o dedo aos lábios.

— X é meio troll. Ele é um tanto sensível quanto a isso.

— Meio troll. Isso existe mesmo?

— É claro — disse ela. — E ele merece estar aqui tanto quanto você.

— Ah, não tenho dúvidas. Só estava perguntando.

O tom defensivo dela me fez querer saber qual era a história por trás disso.

Quando passamos pela porta de MESTIÇO GUNDERSON, a lâmina de um machado partiu a madeira vinda de dentro do quarto. Ouvi gargalhadas abafadas.

Sam me apressou para o elevador. Ela empurrou vários outros einherjar que estavam tentando entrar.

— Esperem o próximo, pessoal.

A porta feita de lanças entrelaçadas se fechou. Sam inseriu uma chave em uma abertura no painel, apertou uma runa vermelha, e o elevador começou a descer.

— Vou levar você até o salão de jantar antes que as portas principais se abram. Assim, você pode analisar o território.

— Hã… claro. Obrigado.

Uma música calma nórdica começou a tocar, vinda do teto.

Parabéns, Magnus!, pensei. *Bem-vindo ao paraíso dos guerreiros, onde você pode ouvir Frank Sinatra em norueguês PARA SEMPRE!*

Tentei pensar em alguma coisa para dizer, preferivelmente alguma coisa que não fizesse Sam esmagar minha traqueia.

— Então… todo mundo do décimo nono andar parece ter mais ou menos a minha idade — comentei. — Ou… a nossa idade. Valhala só recebe adolescentes?

Samirah balançou a cabeça.

— Os einherjar são agrupados pela idade que tinham quando morreram. Você está na ala jovem, que vai até os dezenove anos. Na maior parte do tempo, você nem vai ver as outras alas, a dos adultos e dos idosos. É melhor assim. Os adultos… bem, eles não levam os adolescentes a sério, nem mesmo os que estão aqui há centenas de anos a mais do que eles.

— Típico — falei.

— Quanto aos guerreiros idosos, eles nem sempre se dão bem. Imagine uma casa de repouso muito violenta.

— Parece com alguns abrigos em que estive.

— Abrigos?

— Esqueça. Então você é uma valquíria. Você escolhe todas as pessoas que virão para o hotel?

— É — afirmou ela. — Eu escolhi pessoalmente todo mundo aqui.

— Ha-ha. Você entendeu o que eu quis dizer. Sua… irmandade ou sei lá.

— As valquírias são responsáveis por escolher os einherjar. Cada guerreiro aqui teve uma morte valorosa. Cada um tinha um apreço pela honra ou alguma outra ligação com os deuses nórdicos que os tornaram elegíveis para Valhala.

Pensei no que tio Randolph me contou, sobre a espada ser uma herança de meu pai.

— Uma ligação… como ser filho de um deus?

Fiquei com medo de Sam rir de mim, mas ela assentiu com seriedade.

— Muitos einherjar são semideuses. Outros são mortais comuns. Você foi escolhido para Valhala pela coragem e honra, não pela descendência. Ao menos, é assim que deveria ser…

Não consegui decidir se o tom dela era melancólico ou ressentido.

— E você? — perguntei. — Como se tornou valquíria? Teve uma morte valorosa?

Ela riu.

— Não. Eu ainda estou viva.

— E como isso funciona exatamente?

— Ah, eu levo uma vida dupla. Agora, vou acompanhar você ao jantar. Depois, tenho que voar para casa para terminar meu dever de cálculo.

— Você não está brincando, está?

— Eu nunca brinco sobre o dever de cálculo.

As portas do elevador se abriram. Nós entramos em um salão do tamanho de um estádio.

Meu queixo caiu.

— Caramba…

— Bem-vindo — disse Samirah — ao Salão de Banquete dos Mortos.

Fileiras de mesas e bancos compridos estavam dispostos como em um anfiteatro. No centro do aposento, em vez de uma arena, havia uma árvore mais alta do que a Estátua da Liberdade. Os galhos mais baixos deviam estar a trinta metros do chão. A copa cobria todo o salão, roçando o teto abobadado e passando por uma abertura enorme no alto. Acima, estrelas brilhavam no céu noturno.

Minha primeira pergunta não foi a mais importante:

— Por que tem uma cabra na árvore?

Na verdade, vários animais saltavam entre os galhos. Eu não conseguia identificar a maioria, mas oscilando em um dos galhos mais baixos estava uma cabra bem gorda e desgrenhada. As tetas inchadas jorravam leite como chuveiros vazando. Abaixo, no chão, uma equipe de quatro guerreiros corpulentos carregava uma tina grande e dourada em hastes apoiadas nos ombros. Eles iam de um lado para outro, tentando ficar debaixo da cabra para pegar os jorros de leite. A julgar pelo estado em que se encontravam, eles erravam muito.

— A cabra é Heidrún — explicou Sam. — O leite dela é fermentado para fazer o hidromel de Valhala. É bom. Você vai ver.

— E os caras correndo atrás dela?

— Pois é, é um trabalho ingrato. Se você não se comportar, pode acabar ficando com essa tarefa.

— Hã… eles não poderiam, sei lá, descer a cabra da árvore?

— Ela é uma cabra selvagem. O hidromel fica mais gostoso assim.

— Claro que fica — afirmei. — E… todos os outros animais? Estou vendo esquilos e gambás e…

— Petauros-do-açúcar e preguiças — disse Sam. — São fofos.

— Certo. Mas vocês jantam aqui? Não pode ser higiênico com as fezes dos animais.

— Os animais da Árvore de Laeradr são bem-comportados.

— A Árvore de… Lei-ra-dur. Até a árvore tem nome.

— Todas as coisas importantes têm nome. — Ela franziu a testa de novo. — Como é mesmo o seu?

— Engraçadinha.

— Alguns dos animais são imortais e têm tarefas específicas. Não consigo encontrá-lo agora, mas em algum lugar está um cervo chamado Eikthrymir. Nós o chamamos de Ike. Está vendo aquela cachoeira?

Era difícil não ver. De algum ponto da árvore, água escorria pelas reentrâncias no tronco e formava uma torrente poderosa que descia por um galho em uma cortina branca. A água se acumulava em um lago do tamanho de uma piscina olímpica, entre duas raízes da árvore.

— Dos chifres do cervo jorra água sem parar — disse Sam. — Ela flui pelos galhos até o lago. Dali, penetra o solo e alimenta todos os rios em todos os mundos.

— Então… *toda* água é produto do chifre de um cervo? Tenho quase certeza de que não foi isso que me ensinaram na aula de geografia.

— Não vem toda dos chifres de Ike. Também tem neve derretida, água da chuva, e poluentes, além de traços de fluoreto e cuspe de jötunn.

— *Jötunn?*

— Você sabe, gigantes.

Sam não parecia estar brincando, apesar de ser difícil ter certeza. O rosto dela era cheio de humor tenso, os olhos sempre em movimento e alertas, os lábios comprimidos como se ela estivesse sufocando uma gargalhada ou esperando um ataque. Eu conseguia imaginá-la fazendo comédia stand-up, mas talvez não com o machado no cinto. As feições me pareciam estranhamente familiares: a linha do nariz, a curva do maxilar, as mechas ruivas e aloiradas no cabelo castanho.

— Nós já nos conhecíamos? — perguntei. — Quer dizer, antes de você escolher minha alma para Valhala?

— Duvido — disse ela.

— Mas você é mortal, não é? Mora em Boston?

— Em Dorchester. Estou no primeiro ano do ensino médio na King Academy. Moro com meus avós e passo a maior parte do tempo inventando desculpas para encobrir minhas atividades de valquíria. Hoje, Jid e Bibi acham que estou dando aula particular de matemática para um grupo de alunos do ensino fundamental. Mais alguma pergunta?

Os olhos dela passaram a mensagem oposta: *Chega de perguntas pessoais.*

Eu me perguntei por que ela morava com os avós. Mas, aí, lembrei o que ela disse antes, sobre entender o que era sentir falta da mãe.

— Chega de perguntas — decidi. — Minha cabeça explodiria.

— Isso seria nojento — concordou Sam. — Vamos procurar um lugar para você antes que…

Por todo o salão, cem portas se abriram. O exército de Valhala entrou.

— O jantar está servido — disse Sam.

TREZE

Phil, a batata, enfrenta seu destino

SOMOS PEGOS POR um tsunami de guerreiros famintos. Os einherjar surgiram de todos os lados, empurrando, fazendo piadas e rindo enquanto seguiam para seus lugares.

— Se segure — disse Sam.

Ela agarrou meu pulso e saímos voando, estilo Peter Pan.

Dei um grito.

— Que tal um aviso?

— Eu *falei* para você se segurar.

Nós voamos acima das cabeças dos guerreiros. Ninguém prestou muita atenção em nós, exceto um cara que chutei no rosto sem querer. Outras valquírias também voavam ao redor, algumas escoltando guerreiros, outras carregando travessas de comida e jarras.

Seguimos na direção do que era claramente a mesa principal, onde o time da casa se sentaria se estivéssemos em um jogo dos Celtics. Doze caras de aparência sinistra estavam sentados na frente de pratos dourados e cálices incrustados com pedras preciosas. No lugar de honra havia um trono de madeira vazio com dois corvos empoleirados, cuidando das penas.

Sam aterrissou na mesa da esquerda. Mais doze pessoas se sentavam, duas garotas e quatro caras de roupas comuns, além de seis valquírias vestidas mais ou menos como Sam.

— Outros recém-chegados? — perguntei.

Sam assentiu, as sobrancelhas franzidas.

— Sete em uma única noite é muita coisa.

— Isso é bom ou ruim?

— Muitos heróis morrendo quer dizer que coisas ruins estão acontecendo no mundo. O que quer dizer… — Ela apertou os lábios. — Deixa pra lá. Vamos nos sentar.

Antes que tivéssemos a chance, uma valquíria entrou em nosso caminho.

— Samirah al-Abbas, o que você nos trouxe esta noite? Outro meio troll? Talvez um espião do seu pai?

A garota parecia ter uns dezoito anos. Era grande o bastante para ser jogadora de rugby, com cabelo louro quase branco preso em duas tranças caídas pelos ombros. Por cima do vestido verde, usava uma cartucheira cheia de martelos de bola, que me pareceram uma escolha estranha

de arma. Talvez Valhala tivesse muitos pregos frouxos. Ao redor de seu pescoço havia um pingente dourado na forma de um martelo. Os olhos eram azul-claros e frios como um céu de inverno.

— Gunilla — a voz de Sam ficou tensa —, este é Magnus Chase.

Eu estiquei a mão.

— Gorila? É um prazer conhecer você.

As narinas da garota se inflaram.

— É *Gunilla*, sou a capitã das valquírias. E você, recém-chegado…

A corneta que ouvi antes ecoou pelo salão. Desta vez, consegui ver de onde vinha. Perto da base da árvore, dois caras seguravam um chifre preto e branco do tamanho de uma canoa enquanto um terceiro cara soprava.

Milhares de guerreiros tomaram seus lugares. Gorila me olhou de cara feia uma última vez, deu meia-volta e se dirigiu à mesa principal.

— Tome cuidado — avisou Sam. — Gunilla é poderosa.

— Também é chata pra caramba.

O canto da boca de Sam tremeu.

— Isso também.

Ela parecia abalada, os nós dos dedos estavam esbranquiçados no cabo do machado. Eu me perguntei o que Gunilla quis dizer com *espião do seu pai*, mas como meu pescoço ainda estava doendo desde a última vez que irritei Sam, decidi não perguntar.

Eu me sentei na ponta da mesa junto com Sam, então não pude conversar com os outros novatos. Enquanto isso, centenas de valquírias voavam pelo salão, distribuindo comidas e bebidas. Sempre que a jarra de uma valquíria ficava vazia, ela voava até a tina dourada, agora borbulhando acima de uma fogueira, enchia a jarra com o hidromel feito do leite da cabra e continuava servindo. O prato principal saiu de um forno de terra do outro lado do salão. Girando em um espeto de uns trinta metros estava a carcaça de um animal. Eu não sabia bem o que era quando estava vivo, mas tinha o tamanho de uma baleia-azul.

Uma valquíria voou por nós e depositou um prato de comida e um cálice na minha frente. Não consegui identificar o que eram as fatias de carne, mas o cheiro estava delicioso: cobertas de molho, com batatas de guarnição e fatias grossas de pão com manteiga. Fazia um tempo que eu não comia uma refeição quente, mas hesitei mesmo assim.

— Que animal é esse?

Sam limpou a boca com as costas da mão.

— Se chama Saehrímir.

— Tudo bem, primeiro de tudo, que tipo de pessoa batiza o jantar? Não quero saber o nome do que estou comendo. Essa batata, por acaso ela se chama Steve?

Ela revirou os olhos.

— Não, seu burro. Ela se chama Phil. O *pão* é Steve.

Eu a encarei.

— Estou brincando — disse ela. — Saehrímir é o animal mágico de Valhala. Todos os dias ele é morto e assado para o jantar. Todas as manhãs, ressuscita vivo e bem.

— Isso deve ser um saco. Mas é uma vaca ou um porco ou…

— É o que você quiser que seja. Minha porção é de carne de vaca. Partes diferentes do animal são frango ou porco. Eu não como carne de porco, mas algumas pessoas daqui adoram.

— E se eu for vegetariano? E se quiser falafel?

Sam ficou tensa.

— Isso é uma piada?

— Por que seria piada? Eu gosto de falafel.

Seus ombros relaxaram.

— Se você quiser falafel, peça pela anca esquerda. Essa parte é de tofu. Dá para temperar para que fique com gosto de qualquer coisa.

— Vocês têm um animal mágico cuja anca esquerda é feita de tofu.

— Aqui é Valhala, paraíso dos guerreiros a serviço de Odin. A comida vai ser perfeita, seja lá qual for.

Meu estômago estava ficando impaciente, então mergulhei com tudo. A carne tinha a mistura certa de sabor apimentado e adocicado. O pão parecia uma nuvem quente com casca amanteigada. Até Phil, a batata, estava gostosa.

Como eu não era um grande fã de leite de cabra selvagem, fiquei relutante em experimentar o hidromel, mas o líquido no meu cálice parecia mais sidra gasosa.

Tomei um gole. Doce, mas não doce demais. Fria e leve, com sabores sutis que não consegui identificar. Era amora? Ou mel? Ou baunilha? Bebi tudo de uma vez.

De repente, meus sentidos estavam pegando fogo. Não era como álcool (e sim, eu já experimentei bebidas alcoólicas, vomitei, experimentei bebidas alcoólicas de novo, vomitei de novo). O hidromel não me deixou tonto, bêbado ou enjoado. Parecia mais um *espresso* gelado sem o sabor amargo. Fez com que eu despertasse e me encheu de uma sensação calorosa de confiança, mas sem o nervosismo e o coração disparado.

— Isso é bom — admiti.

Uma valquíria apareceu, encheu meu copo e saiu voando.

Olhei para Sam, que estava tirando farelos de pão do lenço.

— Você também trabalha servindo?

— É claro. Nós nos revezamos. É uma honra servir os einherjar. — Ela não pareceu falar com sarcasmo.

— Quantas valquírias existem?

— Milhares.

— Quantos einherjar?

Sam inflou as bochechas.

— Dezenas de milhares? Como falei antes, este é só o primeiro jantar. Há dois outros turnos para os guerreiros mais velhos. Valhala tem quinhentos e quarenta portões. Cada um é grande o suficiente para acomodar oitocentos guerreiros avançando para batalha ao mesmo tempo. Isso significaria quatrocentos e trinta e dois mil einherjar.

— É muito tofu.

Ela deu de ombros.

— Pessoalmente, acho o número exagerado, mas só Odin sabe ao certo. Vamos precisar de um bom exército quando o Ragnarök chegar.

— Ragnarök?

— O Dia do Juízo Final — disse Sam. — Quando os nove mundos serão destruídos em uma grande conflagração e os exércitos dos deuses e gigantes se encontrarão para lutar uma última vez.

— Ah. *Esse* Ragnarök.

Observei o mar de guerreiros adolescentes. Eu me lembrei do primeiro dia de aula do ensino médio na escola pública em Allston, alguns meses antes de minha mãe morrer e minha vida virar um inferno. A escola tinha uns dois mil alunos. Entre as aulas, os corredores eram puro caos. O refeitório parecia um tanque de piranhas. Mas não era nada em comparação a Valhala.

Apontei para a mesa principal.

— E aqueles caras cheios de frescura? A maioria parece mais velha.

— Eu não os chamaria de *caras cheios de frescura* — aconselhou Sam. — Eles são os lordes de Valhala. Cada um foi convidado pessoalmente por Odin para se sentar à mesa dele.

— Então o trono vazio…

— É para Odin. Sim. Ele… bem, faz um tempo que não aparece para o jantar, mas os corvos dele veem tudo e relatam para ele.

As aves me deixaram nervoso com aqueles olhos pretos brilhantes. Tive a sensação de que estavam particularmente interessadas em mim.

Sam apontou para as cadeiras à direita do trono.

— Ali está Erik Machado Sangrento. E aquele é Erik, o Vermelho.

— São muitos Eriks.

— Ali está Leif Erikson.

— Opa… mas ele não está de sutiã de metal!

— Vou ignorar esse comentário. Ali está Snorri. E nossa encantadora amiga Gunilla. E lorde Nelson e Davy Crockett.

— Davy… espere, *é sério*?

— Na ponta está Helgi, o gerente do hotel. Você já deve tê-lo conhecido.

Helgi parecia estar se divertindo, rindo com Davy Crockett e bebendo hidromel. Atrás da cadeira dele, o porteiro Hunding estava de pé, com expressão infeliz, descascando uvas com cuidado e as entregando uma por uma para Helgi.

— Qual é a história entre o gerente e Hunding?

Sam fez uma careta.

— Uma briga ancestral quando eles estavam vivos. Quando morreram, os dois vieram para Valhala, mas Odin homenageou mais Helgi. Ele o colocou como gerente do hotel. A primeira ordem de Helgi foi fazer de seu inimigo, Hunding, seu servo por toda a eternidade.

— Isso não me parece o paraíso para Hunding.

Sam hesitou. Em voz baixa, ela disse:

— Mesmo em Valhala, há uma hierarquia. Você não vai querer estar por baixo. Lembre-se, quando a cerimônia começar…

Na mesa principal, os lordes começaram a bater com os cálices na mesa ao mesmo tempo. Por todo o salão, os einherjar se juntaram a eles, até o Salão dos Mortos inteiro trovejar com o retinir do metal.

Helgi se levantou e ergueu o cálice. O barulho cessou.

— Guerreiros! — A voz do gerente se espalhou pelo salão. Ele parecia tão nobre que era difícil acreditar que era o mesmo cara que poucas horas antes tinha me oferecido um upgrade de quarto e a chave do frigobar. — Sete novos guerreiros se juntaram a nós hoje! Isso já seria motivo suficiente para comemoração, mas temos um presente especial para vocês. Graças à capitã das valquírias, Gunilla, hoje, pela primeira vez, não vamos apenas *ouvir* sobre os feitos valorosos dos recém-chegados, mas vamos poder *vê-los*!

Ao meu lado, Sam pareceu engasgar.

— Não — murmurou ela. — Não, não, não…

— Que a apresentação dos mortos comece! — exclamou Helgi.

Dez mil guerreiros se viraram e olharam na minha direção com expectativa.

QUATORZE

Quatro milhões de canais e não tem nada passando além da Visão das Valquírias

PELO MENOS EU era o último.

Fiquei aliviado quando as apresentações começaram com um einherji do outro lado da mesa… até eu ver o que os *outros* novatos fizeram para irem parar em Valhala.

Helgi exclamou:

— Lars Ahlstrom!

Um cara louro e parrudo se levantou com sua valquíria. Lars estava tão nervoso que derrubou o cálice e derramou hidromel mágico por toda a calça. Uma onda de gargalhadas se espalhou pelo salão.

Helgi sorriu.

— Como muitos já sabem, a capitã Gunilla anda testando novos equipamentos nos últimos meses. Ela colocou câmeras nas armaduras das valquírias para tomar conta de tudo… e, com sorte, *nos* distrair!

Os guerreiros gritaram e bateram os cálices nas mesas, afogando o som de Sam xingando ao meu lado.

Helgi ergueu o próprio cálice.

— Apresento a vocês a Visão das Valquírias!

Ao redor do tronco da árvore, um anel de telas holográficas gigantescas ganhou vida, flutuando no ar. O vídeo estava picotando, provavelmente por ter sido gravado por uma câmera no ombro da valquíria. Estávamos no alto, circulando acima da cena de uma balsa afundando em um mar cinzento. Muitos dos botes salva-vidas estavam pendurados pelos cabos, inúteis. Passageiros saltavam ao mar, alguns com coletes. A valquíria se aproximou. O foco do vídeo melhorou um pouco.

Lars Ahlstrom andou com dificuldade pelo convés inclinado segurando um extintor de incêndio. A porta para a área interna da balsa estava bloqueada por um contêiner grande de metal. O garoto tentou movê-lo, mas era pesado demais. Lá dentro, pelo menos umas dez pessoas estavam presas e batiam desesperadamente nas janelas.

Lars gritou alguma coisa para elas em… sueco? Norueguês? Mas o significado era claro: *PARA TRÁS!*

Assim que as pessoas recuaram, Lars bateu com o extintor na janela. Na terceira tentativa, o vidro se estilhaçou. Apesar do frio, o garoto tirou o casaco e o colocou em cima do vidro quebrado.

Lars ficou ao lado da janela até os últimos passageiros saírem em segurança. Eles correram para os botes salva-vidas que restaram. Lars pegou o extintor de incêndio de novo e foi atrás, mas o navio tremeu violentamente. Ele bateu com a cabeça na parede e deslizou, inconsciente.

O corpo dele começou a brilhar. O braço esticado da valquíria apareceu no vídeo. Uma aparição dourada cintilante saiu do corpo de Lars, a alma dele, eu imaginei. O Lars Dourado segurou a mão da valquíria, e a tela do vídeo ficou escura.

Por todo o salão de banquete, guerreiros festejaram.

Na mesa principal, os lordes entraram em debate. Eu estava perto o bastante para ouvir parte da discussão. Um cara (lorde Nelson?) questionou se um extintor de incêndio podia contar como arma.

Eu me inclinei na direção de Sam.

— Por que isso tem importância?

Ela cortou o pão em pedaços cada vez menores.

— Para entrar em Valhala, um guerreiro precisa morrer em batalha portando uma arma. É o único jeito.

— Então se qualquer um pegar uma espada e morrer vai acabar em Valhala?

Ela deu uma risada debochada.

— Claro que não. Não queremos que crianças peguem armas e morram de propósito. Não há nada de heroico no suicídio. O sacrifício, a bravura, não devem ser planejados, mas sim uma verdadeira reação heroica a uma crise. Tem que vir do coração, sem qualquer pensamento por recompensa.

— Então… e se os lordes decidirem que um novato não deveria ter sido escolhido? Ele volta a ficar vivo? — Tentei não ficar muito esperançoso.

Sam não olhou nos meus olhos.

— Quando alguém se torna um einherji, é para sempre. Talvez pegue os piores trabalhos. Talvez tenha dificuldade em conquistar respeito. Mas fica em Valhala. Se os lordes decidirem que a morte não foi valorosa… bem, a valquíria é punida.

— Ah.

De repente, entendi por que todas as valquírias na mesa pareciam meio tensas.

Os lordes fizeram uma votação. Todos concordaram com unanimidade que o extintor de incêndio podia contar como arma e que a morte de Lars podia ser vista como o desfecho de um combate.

— Não há inimigo pior do que o mar — afirmou Helgi. — Decidimos que Lars Ahlstrom é digno de Valhala!

Mais aplausos. Lars quase desmaiou. A valquíria dele o segurou enquanto sorria e acenava para a multidão.

Quando o barulho cessou, Helgi prosseguiu:

— Lars Ahlstrom, você sabe quem são seus pais?

— Eu… — A voz do novato falhou. — Eu não conheci meu pai.

Helgi assentiu.

— Isso é bem comum. Vamos consultar as runas, a não ser que o Pai de Todos deseje interceder.

Todo mundo se virou para o trono desocupado. Os corvos inflaram as penas e grasnaram. O trono permaneceu vazio.

Helgi não pareceu surpreso, mas os ombros penderam em decepção. Ele fez sinal na direção do forno de terra. Do meio de serventes e cozinheiros, uma mulher usando uma veste verde com capuz se adiantou. O rosto estava escondido pelo capuz, mas, a julgar pela postura e pelas mãos retorcidas, ela devia ser bem velha.

— Quem é a Bruxa Malvada? — murmurei para Sam.

— Uma *völva*. Uma vidente. Ela é capaz de fazer feitiços, ver o futuro e… outras coisas.

A völva se aproximou da nossa mesa. Parou na frente de Lars Ahlstrom e puxou uma bolsinha de couro das dobras da veste. Tirou de lá um punhado de runas como as que vi no escritório de tio Randolph.

— E as runas? — perguntei para Sam. — Para que servem?

— São o velho alfabeto viking — respondeu ela —, mas cada letra também simboliza um poder: um deus, um tipo de magia, uma força da natureza. São como o código genético do universo. A völva é capaz de interpretar as runas para ver seu destino. Os grandes feiticeiros, como Odin, nem precisam usar runas. Eles conseguem manipular a realidade só dizendo o nome da runa.

Nota mental: evitar Odin. Eu não precisava que minha realidade fosse ainda mais manipulada.

Em frente à nossa mesa, a völva disse alguma coisa baixinho e jogou as runas aos próprios pés. Elas caíram no chão de terra batida, algumas viradas para cima, algumas viradas para baixo. Uma runa em particular pareceu chamar a atenção de todo mundo. As telas holográficas projetavam a imagem para o salão.

ᚦ

A marca não significava nada para mim, mas centenas de guerreiros gritaram em aprovação.

— Thor! — gritaram eles. E começaram a cantarolar: — THOR, THOR, THOR!

Sam grunhiu.

— Como se precisássemos de outro filho de Thor.

— Por quê? Qual é o problema dos filhos de Thor?

— Nada. Eles são ótimos. A Gunilla… é filha de Thor.

— Ah.

A capitã das valquírias estava sorrindo, o que era ainda mais assustador do que sua expressão de desprezo.

Quando a gritaria diminuiu, a völva ergueu os braços enrugados.

— Lars, filho de Thor, regozije-se! As runas mostram que você lutará bem no Ragnarök. E amanhã, em seu primeiro combate, provará seu valor e será decapitado!

A audiência comemorou e riu. Lars ficou muito pálido de repente. Isso só fez os guerreiros rirem mais, como se decapitação fosse um ritual de passagem no mesmo nível do cuecão. A völva reuniu as runas e se afastou enquanto a valquíria de Lars o ajudava a se sentar novamente.

A cerimônia prosseguiu. A próxima foi uma novata chamada Dede. Ela tinha salvado um grupo de crianças na escola de seu vilarejo quando os soldados de uma milícia tentaram sequestrá-las. Ela flertou com um dos soldados, o enganou para que deixasse que ela segurasse o rifle dele e atirou contra os homens da milícia. Acabou sendo morta, mas o sacrifício altruísta deu tempo para as crianças fugirem. O vídeo era bem violento. Os vikings adoraram. Dede foi aplaudida de pé.

A völva leu as runas. Confirmou que os pais de Dede eram mortais comuns, mas ninguém pareceu se importar. De acordo com as runas, ela lutaria com dedicação no Ragnarök. Na semana seguinte, perderia os braços várias vezes em combate. Em cem anos, sentaria à mesa dos lordes.

— Ooooooh! — murmurou a multidão com apreciação.

Os outros quatro novatos eram igualmente impressionantes. Todos haviam salvado pessoas. Tinham sacrificado as vidas com bravura. Dois eram mortais. Um era filho de Odin, o que causou uma pequena comoção.

Sam se inclinou na minha direção.

— Como falei, Odin não é visto há algum tempo. Recebemos com alegria qualquer sinal de que ele ainda transita entre os mortais.

A última novata era uma filha de Heimdall. Eu não sabia quem era esse cara, mas os vikings pareceram impressionados.

Minha cabeça estava rodando com tanta informação. Meus sentidos estavam em chamas por causa do hidromel. Só percebi que tinha chegado a minha vez quando Helgi chamou meu nome.

— Magnus Chase! — gritou ele. — Levante-se e nos impressione com sua coragem!

QUINZE

Meu vídeo pagando mico se torna viral

MINHA CORAGEM NÃO impressionou ninguém.

Eu me remexi na cadeira enquanto o vídeo passava. Os einherjar assistiram em silêncio, chocados. Depois, começaram os resmungos e sussurros, pontuados por explosões de gargalhadas incrédulas.

A Visão das Valquírias mostrou apenas partes do que aconteceu. Eu me vi na ponte, encarando Surt enquanto ele criava um tornado de fogo. A câmera se focou em mim quando eu o ameaçava com um pedaço corroído de metal. Em seguida, Hearth e Blitz apareceram. Blitz acertou o gigante com a placa de ABRA CAMINHO PARA OS PATOS. A flecha de plástico de Hearth me acertou na bunda. Surt me deu um soco. Surt me chutou nas costelas. Eu vomitei e me contorci de dor.

O vídeo cortou para mim no momento em que eu recuava contra a amurada da ponte. Surt arremessou a bola de asfalto quente. Tentei rebatê-la com a espada e errei. No salão de banquete, milhares de guerreiros grunhiram um "Oooooh!" quando o pedaço de asfalto me acertou na barriga. Surt atacou, e nós dois caímos por cima da amurada, lutando na queda.

Antes de atingirmos a água, a imagem congelou e se aproximou. A espada agora saía das entranhas de Surt, mas minhas mãos não estavam no cabo. Estavam ao redor do pescoço grosso do gigante.

Um burburinho se espalhou pelo salão.

— Não — falei. — Não, não foi assim… Alguém editou isso.

O rosto de Sam tinha virado pedra. Na mesa dos lordes, a capitã Gunilla sorriu. *As câmeras são dela*, pensei, *a edição também deve ser.*

Por algum motivo, Gunilla queria prejudicar Sam ao me fazer parecer idiota… o que não era uma tarefa difícil, na verdade.

Helgi baixou o cálice.

— Samirah al-Abbas… explique.

Sam tocou na ponta do lenço. Eu tinha a sensação de que ela queria esconder a cabeça e torcer para que o salão desaparecesse. Eu não podia culpá-la.

— Magnus Chase morreu bravamente — disse ela. — Enfrentou Surt sozinho.

Mais uma vez o burburinho inquietante.

Um dos lordes se levantou.

— Você afirma que aquele era Surt. Era um gigante do fogo, sem dúvida, mas se você está sugerindo que era o próprio lorde de Muspellheim…

— Eu sei o que vi, Erik Machado Sangrento. Ele — Sam apontou para mim como se eu fosse um prêmio — salvou muitas vidas naquela ponte. O vídeo não mostra a história inteira. Magnus Chase agiu como um herói. Merece estar entre os einherjar.

Outro lorde se levantou.

— Ele não morreu com a espada na mão.

— Lorde Ottar — a voz de Sam soou tensa —, os lordes já ignoraram esse tipo de tecnicalidade antes. Quer Magnus estivesse segurando ou não a espada no momento da morte, ele morreu bravamente em combate. Esse é o espírito da lei de Odin.

Lorde Ottar fungou.

— Obrigado, Samirah al-Abbas, filha de Loki, por nos ensinar o espírito da lei de Odin.

O nível de tensão no salão aumentou bastante. A mão de Sam desceu na direção do machado. Eu duvidava que qualquer outra pessoa além de mim conseguisse ver como os dedos dela tremiam.

Loki… Eu conhecia *esse* nome. Ele era o grande vilão da mitologia nórdica, nascido de gigantes. Era o arqui-inimigo dos deuses. Se Sam era filha dele, por que estava ali? Como tinha se tornado valquíria?

Por acaso, meus olhos encontraram os de Gunilla. A capitã estava adorando todo aquele drama. Mal conseguia segurar o sorriso. Se ela era filha de Thor, isso explicava por que odiava Sam. Nas antigas histórias, Thor e Loki nunca se deram muito bem.

Os lordes confabularam entre si.

Finalmente, o gerente Helgi falou:

— Samirah, não estamos vendo nenhum ato de heroísmo na morte desse garoto. Vemos um anão e um elfo com armas de brinquedo…

— Um anão e um elfo? — perguntei, mas Helgi me ignorou.

— … vemos um gigante do fogo que caiu de uma ponte e levou o garoto junto. É uma situação incomum, um filho de Muspell em Midgard, mas já aconteceu antes.

— É verdade — murmurou um lorde com costeletas fartas. — Vocês deviam ter visto o grande jötunn de fogo que ajudou Santa Anna na batalha do Álamo. Tenho que dizer que…

— Sim, obrigado, lorde Crockett. — Helgi pigarreou. — Como eu estava dizendo, há poucas evidências de que Magnus Chase tenha sido uma escolha digna para Valhala.

— Meus lordes — Sam falou lenta e cuidadosamente, como se estivesse falando com crianças —, o vídeo não mostra tudo o que aconteceu.

Helgi riu.

— Você está sugerindo que não devíamos confiar em nossos próprios olhos?

— Estou sugerindo que você ouça a história do meu ponto de vista. Sempre foi nossa tradição *narrar* os feitos do herói.

Gunilla se levantou.

— Me perdoem, meus lordes, mas Samirah está certa. Talvez devamos deixar a filha de Loki falar.

A multidão começou a vaiar. Alguns berraram:

— Não! Não!

Helgi fez um gesto pedindo silêncio.

— Gunilla, você honra sua irmandade ao defender uma colega valquíria, mas Loki sempre foi mestre da lábia e da persuasão. Pessoalmente, prefiro acreditar no que vejo, não em ouvir a história *contada por Samirah* e uma explicação inventada.

Os guerreiros aplaudiram.

Gunilla deu de ombros como quem diz *Ah, eu tentei!* e voltou a se sentar.

— Magnus Chase! — gritou Helgi. — Você sabe quem são seus pais?

Eu contei até cinco. Minha primeira inclinação foi gritar: *Não, mas* seu *pai aparentemente era um babaca!*

— Eu não conheço meu pai — admiti. — Mas, olhe, sobre o vídeo…

— Talvez você tenha algum potencial que não estejamos reconhecendo — disse Helgi. — Talvez seja filho de Odin ou Thor ou de algum outro deus nobre da guerra e sua presença nos traga honra. Vamos buscar a sabedoria nas runas, a não ser que o Pai de Todos queira interferir.

Ele olhou para o trono, que permaneceu vazio. Os corvos me observaram com olhos escuros e famintos.

— Muito bem — continuou Helgi. — Tragam a völva e…

Entre as raízes da árvore, onde a cachoeira formava o grande lago, uma bolha enorme explodiu. *BLUP!* Na superfície da água, surgiram três mulheres vestidas de branco.

Fora o estalar do fogo e os sons da cachoeira, o salão ficou em silêncio. Milhares de guerreiros observaram, surpresos, as três mulheres deslizarem pelo chão na minha direção.

— Sam — sussurrei. — Sam, o que está acontecendo?

A mão dela se afastou do machado.

— As Nornas — disse ela. — As próprias Nornas vieram ler seu destino.

DEZESSEIS

Nornas. Por que tinham que ser as Nornas?

EU QUERIA MUITO que alguém tivesse me avisado que eu ia morrer. Tipo: *Ei, você vai cair de uma ponte amanhã e vai se tornar um viking morto-vivo, então vai se preparar para o Ragnarök.*

Eu me sentia totalmente despreparado.

Lembrava de ter ouvido sobre as Nornas, mulheres que controlavam o destino, mas não sabia seus nomes, suas motivações e nem como me comportar na presença delas. Tinha que fazer uma reverência? Oferecer presentes? Sair correndo e gritando?

Ao meu lado, Sam murmurou:

— Isso é ruim. As Nornas só aparecem em casos extremos.

Eu não queria ser um caso extremo. Queria ser um caso fácil: *Ei, bom trabalho. Você é um herói. Aqui, pegue um biscoito.*

Ou, melhor ainda: *Ops. Foi engano. Pode voltar para a sua vida normal.*

Não que minha vida normal fosse lá essas coisas, mas era melhor do que ser julgado indigno por doze barbudos chamados Erik.

Conforme as Nornas foram se aproximando, percebi o quanto eram altas; tinham pelo menos dois metros e meio. Por baixo dos capuzes, os rostos eram bonitos, embora enervantes: totalmente brancos, até os olhos. Elas deixavam um rastro de névoa, como um véu de noiva. Pararam a uns cinco metros da minha mesa e viraram as palmas das mãos para cima. A pele parecia feita de neve.

Magnus Chase. Não consegui identificar qual delas havia falado. A voz suave e desencarnada ressoou pelo salão, penetrou na minha cabeça e transformou meu crânio em gelo. *Arauto do Lobo*.

Houve um burburinho na multidão, as pessoas estavam desconfortáveis. Eu já tinha visto a palavra *arauto* em algum lugar, talvez em um livro de fantasia, mas não conseguia lembrar o que significava. Não gostei de ouvir aquilo. Gostei menos ainda de ouvir *lobo*.

Havia acabado de concluir que sair correndo gritando era a opção mais inteligente neste caso. E, então, a névoa se acumulou nas mãos da Norna do meio, solidificando-se em seis runas. Ela as

jogou para cima; as runas flutuaram, cada uma se expandindo em um símbolo branco luminoso do tamanho de um pôster.

Eu não sabia ler runas, mas reconheci a do meio. Era o mesmo símbolo que vi na bolsinha no escritório do tio Randolph.

ᚠ

Fehu, anunciou a voz fria. *A runa de Frey.*

Milhares de guerreiros se remexeram em seus lugares, as armaduras tinindo.

Frey… Quem era Frey? Minha mente parecia coberta de gelo. Meus pensamentos estavam lentos e arrastados.

As Nornas falaram ao mesmo tempo, três vozes fantasmagóricas entoando em uníssono, balançando as folhas da árvore gigantesca.

Escolhido por engano, não era sua hora,
Um herói que, em Valhala, não pode permanecer agora.
Em nove dias o sol irá para o leste,
Antes que a Espada do Verão a fera liberte.

As runas brilhantes se dissolveram. As três Nornas fizeram uma reverência para mim. Elas se misturaram à névoa e desapareceram.

Olhei para Sam.

— Com que frequência isso acontece?

Ela parecia ter levado um golpe entre os olhos com um dos martelos de Gunilla.

— Não. Escolher você *não pode* ter sido um erro. Me disseram… Me prometeram…

— Alguém *mandou* você me pegar?

Em vez de responder, ela murmurou, como se fizesse cálculos para um foguete que se desviara da rota.

Na mesa dos lordes, começou uma discussão. Por todo o salão, milhares de einherjar me observavam. Meu estômago se dobrou em várias formas de origami.

Finalmente, Helgi me encarou.

— Magnus Chase, filho de Frey, seu destino é perturbador. Os lordes de Valhala precisam pensar mais a respeito. Por enquanto, você será recebido como um amigo. É um dos einherjar agora. Isso não pode ser revertido, mesmo que tenha sido um engano.

Ele olhou com desprezo para Sam.

— Samirah al-Abbas, as próprias Nornas declararam que sua avaliação foi um erro. Você tem algo a dizer em sua própria defesa?

Sam arregalou os olhos, como se tivesse acabado de perceber uma coisa.

— O filho de Frey… — Ela olhou ao redor, desesperada. — Einherjar, vocês não percebem? Este é o filho de Frey! O próprio Surt estava naquela ponte! Isso quer dizer que a espada… — Ela se virou para a mesa dos lordes. — Gunilla, você *tem* que enxergar o que isso tudo quer dizer. Temos que encontrar aquela espada! Uma missão, imediatamente…

Helgi bateu com o punho na mesa.

— Chega! Samirah, você vai ser julgada por um erro grave. Não tem o direito de nos dizer o que fazer. *Sequer* tem o direito de solicitar uma missão!

— Não cometi erro nenhum — disse Sam. — Fiz apenas o que me mandaram! Eu…

— Mandaram? — Helgi semicerrou os olhos. — Quem mandou?

Sam fechou a boca. Pareceu murchar.

Helgi assentiu com seriedade.

— Entendo. Capitã Gunilla, antes de eu anunciar o julgamento dos lordes para essa valquíria, você gostaria de se pronunciar?

Gunilla se remexeu. O brilho nos olhos dela havia sumido. Parecia uma pessoa que entrou na fila do carrossel e se viu de repente presa em uma montanha-russa.

— Eu… — Ela balançou a cabeça. — Não, meu senhor. Eu… eu não tenho nada a acrescentar.

— Muito bem — concluiu Helgi. — Samirah al-Abbas, por seu julgamento errôneo com esse einherji, Magnus Chase, e por seus erros passados, os lordes decidem que você será expulsa da irmandade das valquírias. Perderá seus poderes e privilégios. Volte a Midgard em desgraça!

Sam segurou meu braço.

— Magnus, escute! Você precisa encontrar a espada. Tem que impedi-los…

Houve um brilho de luz repentino como um flash fotográfico, e Sam desapareceu. A refeição parcialmente comida e as migalhas de pão ao redor da cadeira eram os únicos sinais de que ela estivera ali.

— Assim, nosso banquete se encerra — anunciou Helgi. — Verei vocês amanhã no campo de batalha! Durmam bem e sonhem com mortes gloriosas!

DEZESSETE

Eu não pedi bíceps

NÃO DORMI DIREITO. E não sonhei com mortes gloriosas. Já passei por isso, já cheguei à vida após a morte.

Enquanto eu estava no jantar, meu sofá foi colocado no lugar e consertado. Sentei nele e folheei meu velho livro infantil de mitologia nórdica, mas não havia muito sobre Frey. Tinha uma imagem pequena de um sujeito louro de túnica passeando em um bosque, com uma moça loura ao lado e dois gatos brincando aos pés deles.

Frey era o deus da primavera e do verão!, dizia a legenda. *Era o deus da riqueza, da abundância e da fertilidade. Sua irmã gêmea, Freya, a deusa do amor, era muito bonita! Ela tinha gatos!*

Joguei o livro para o lado. Que ótimo. Meu pai era um deus inferior que passeava no bosque. Devia ter sido eliminado logo no começo da última temporada de *Dançando com os asgardianos.*

Se fiquei arrasado ao saber isso? Nem um pouco. Vocês podem não acreditar, mas nunca me preocupei de verdade em saber quem era meu pai. Nunca me senti incompleto, achando que minha vida só faria sentido se eu o conhecesse. Eu sabia quem eu era: filho de Natalie Chase. Quanto à questão de a vida fazer sentido… já tinha visto muitas coisas estranhas para esperar isso.

Mas ainda havia muitos itens na minha lista de *coisas que não entendo*. Bem no topo: como um garoto de rua podia ser filho do deus da abundância e da riqueza? Isso é que era piada de mau gosto.

E também: por que eu entraria na mira de um cara barra-pesada como Surt? Se ele era o lorde de Muspellheim, o Grande Rei da Cocada Preta, não devia implicar com heróis mais interessantes, como os filhos de Thor? Pelo menos, o pai deles tinha um bando de filmes. Frey não tinha nem os próprios gatos. Precisava pegar os da irmã emprestados.

E a Espada do Verão… supondo que era a espada que resgatei do rio Charles, como ela foi parar ali? Por que era tão importante? Tio Randolph a procurava havia anos. A última coisa que Sam me disse foi para encontrar a espada de novo. Se ela pertencia ao meu pai e meu pai era um deus imortal, por que ele tinha permitido que sua arma ficasse no fundo de um rio por mil anos?

Fiquei olhando para a lareira apagada. As palavras das Nornas não saíam da minha cabeça, por mais que eu quisesse esquecê-las.

Arauto do Lobo. Agora lembrei o que era um arauto: sinalizava a chegada de uma força poderosa, como um súdito anunciando o rei ou um céu vermelho antes de um furacão. Eu não queria ser o arauto do lobo. Já tinha visto uma quantidade de lobos suficiente para toda a eternidade. Queria ser o arauto do sorvete ou do falafel.

Escolhido por engano, não era sua hora.

Era um pouco tarde para anunciar isso. Eu era um maldito einherji. Meu nome estava na porta. Eu tinha a chave do frigobar.

Um herói que, em Valhala, não pode permanecer agora.

Gostei mais desse verso. Talvez significasse que eu poderia sair dali. Ou também poderia significar que os lordes me derreteriam em uma explosão de luz ou me dariam como comida para a cabra mágica.

Em nove dias o sol irá para o leste,
Antes que a Espada do Verão a fera liberte.

Esses versos eram os que mais me incomodavam. Até onde eu sabia, o sol ia do leste para o oeste. E quem era a fera? Eu podia apostar que era um lobo, porque é sempre um maldito lobo. Se era para libertar um lobo, era melhor que a espada continuasse perdida.

Uma lembrança começou a me incomodar… um lobo preso. Olhei para o livro infantil de mitologia, quase tentado a pegá-lo novamente. Mas eu já estava perturbado o bastante.

Magnus, escute, dissera Sam. *Você precisa encontrar a espada. Tem que impedi-los.*

Eu me sentia mal por Samirah al-Abbas. Ainda estava irritado por ela ter me levado para lá, principalmente se tivesse sido por engano, mas não queria vê-la expulsa da ordem das valquírias por causa de um vídeo editado que me fez passar por idiota. (Tudo bem, por *mais* idiota do que o normal.)

Cheguei à conclusão de que deveria ir dormir. Não estava cansado, mas, se ficasse acordado pensando ainda mais, meu cérebro derreteria.

Tentei a cama. Macia demais. Acabei no átrio, deitado na grama, olhando para as estrelas em meio aos galhos.

Em algum momento, devo ter adormecido.

Um som alto me despertou, no susto; um galho estalando. Alguém soltou um palavrão.

O céu estava ficando cinza na luz da aurora. Algumas folhas caíram. Galhos balançavam como se algo pesado tivesse subido neles.

Fiquei deitado, parado, olhando. Nada. Será que imaginei a voz?

No corredor, um pedaço de papel foi enfiado por baixo da minha porta.

Eu me sentei, grogue.

Talvez a gerência estivesse me mandando a conta e me avisando para fazer o check-out. Cambaleei até a porta.

Minha mão tremeu quando peguei o papel, mas não era a conta. Era um bilhete manuscrito em uma letra cursiva muito bonita.

> *Oi, vizinho,*
> *Venha tomar café da manhã com a gente no salão 19. Fica no final do corredor, à esquerda. Traga suas armas e sua armadura.*
> *T.J.*

T.J.… Thomas Jefferson Jr., o cara do outro lado do corredor.

Depois do fiasco da noite anterior, eu não sabia por que estavam me convidando para o café da manhã. Também não entendia por que precisava de armas e armadura. Talvez os pãezinhos vikings contra-atacassem.

Fiquei tentado a fazer uma barricada na porta e me esconder no quarto. Talvez assim me deixassem em paz. Talvez, quando todos os guerreiros estivessem ocupados praticando Bikram yoga até a morte, eu pudesse me esgueirar e procurar uma saída para Boston.

Por outro lado, eu queria respostas. Não conseguia tirar da cabeça a ideia de que, se ali era um lugar para os mortos honrados, minha mãe talvez estivesse em algum canto. Ou de que alguém pudesse saber para qual pós-vida ela foi. Pelo menos, esse tal T.J. parecia simpático. Eu poderia andar com ele um tempo para ver o que tinha para me contar.

Fui até o banheiro.

Tive medo de que o vaso sanitário fosse alguma máquina de morte viking com lâminas de machado e um arco acionável pela descarga, mas era normal; não mais assustador do que os banheiros públicos do Boston Common.

O armário do espelho tinha o tipo de produto que eu costumava usar… quer dizer, pelo menos quando tinha uma casa.

E o chuveiro… Tentei me lembrar da última vez que tomei um banho quente, demorado e relaxante. Claro, cheguei a Valhala me sentindo magicamente limpo, mas depois de uma noite de sono ruim no átrio, estava pronto para uma chuveirada.

Tirei as camadas de camisa e quase gritei.

Qual era o problema com meu peito? Por que meus braços estavam daquele jeito? O que eram aquelas partes estranhamente inchadas?

Normalmente, evitava me olhar no espelho. Meu rosto não era uma coisa que eu gostava de ver regularmente. Mas, naquele momento, encarei meu reflexo.

Meu cabelo era o mesmo, um pouco menos sujo e embaraçado, mas ainda ia até a altura do queixo, como uma cortina louro-escura, partido ao meio.

Você parece o Kurt Cobain, minha mãe dizia, para me provocar. *Eu adorava o Kurt, pena que ele morreu.*

Ah, adivinha, mãe!, pensei. *Agora também tenho isso em comum com ele!*

Meus olhos são cinzentos, mais parecidos com os de Annabeth do que com os da minha mãe. Têm um vazio assombrado e assustador, mas tudo bem; me foi bem útil nas ruas.

Já meu peito, eu mal reconheci. Desde meus dias ruins de asma quando eu era pequeno, sempre fui meio magrelo. Mesmo com tantas caminhadas e acampamentos, eu tinha o peito magro, costelas projetadas e pele tão branca que minhas veias azuladas pareciam um mapa rodoviário.

Agora… as novas áreas inchadas pareciam músculos.

Não me entendam mal. Não foi tão dramático quanto virar o Capitão América. Eu ainda era magro e pálido, mas meus braços estavam definidos. Não parecia mais que eu ia sair voando no primeiro vendaval. Minha pele estava mais lisa, menos transparente. Todos os machucados e cortes e picadas que acumulei morando na rua tinham desaparecido. Até a cicatriz na palma da minha mão esquerda, de quando me cortei com uma faca de caça aos dez anos, sumira.

Eu me lembrei do quanto me senti forte quando cheguei a Valhala, da facilidade com que joguei o sofá do outro lado da sala na noite anterior. Não tinha parado para pensar naquilo.

Como foi que Hunding chamou Valhala? *Promoção*?

Fechei a mão.

Não sei bem o que deu em mim. Acho que, quando percebi que nem meu corpo era o meu, a raiva, o medo e a incerteza das últimas vinte e quatro horas chegaram a um ponto crítico. Minha vida foi arrancada de mim. Fui ameaçado, humilhado e promovido à força. Eu não pedi nenhuma suíte. Não pedi bíceps.

Bati na parede. Literalmente.

Meu punho atravessou o azulejo, o forro e uma tábua de cinco por dez centímetros. Puxei a mão. Mexi os dedos. Nada parecia quebrado.

Observei o buraco em forma de punho que fiz acima do suporte de toalhas.

— É — resmunguei. — As camareiras vão me amar.

A chuveirada ajudou a me acalmar. Depois, enrolado em um roupão felpudo com as iniciais HV bordadas, fui até o closet procurar roupas. Lá dentro havia três calças jeans, três camisetas verdes (todas com o selo de PROPRIEDADE DO HOTEL VALHALA), cuecas, meias, um par de tênis de corrida de qualidade e uma espada na bainha. Encostado na tábua de passar, encontrei um escudo verde redondo com a runa dourada de Frey no meio.

Está certo, então. Acho que eu já sabia o que vestiria hoje.

Passei dez minutos tentando descobrir como prender a bainha da espada no cinto. Eu era canhoto. Isso queria dizer que a espada ficava à direita? Havia diferença entre espadas para canhotos e espadas para destros?

Tentei puxá-la e quase arranquei a calça. Ah, eu seria um sucesso no campo de batalha.

Treinei brandir a espada. Eu me perguntei se ela começaria a zumbir e a controlar minha mão, como aconteceu na ponte, quando enfrentei Surt. Mas não. Essa parecia um pedaço normal de metal, silenciosa e sem piloto automático. Consegui embainhar sem perder nenhum dedo. Prendi o escudo nas costas, da mesma forma como os guerreiros no jantar de ontem. A tira pesou no meu pescoço e quase me sufocou.

Olhei no espelho de novo.

— Você, senhor — murmurei —, parece um grande imbecil.

Meu reflexo não argumentou.

Saí para procurar o café da manhã e matá-lo com minha espada.

DEZOITO

Eu compro uma briga contra o café da manhã

— ALI ESTÁ ELE. — T.J. se levantou e pegou minha mão. — Sente-se aqui com a gente. Você causou uma primeira impressão e tanto ontem à noite, no banquete!

Ele estava vestido da mesma forma que no dia anterior: de jaqueta azul de lã do exército com a camisa verde do hotel, calça jeans e botas de couro.

Com ele estavam o meio troll X, a ruiva Mallory Keen e um cara que imaginei ser o Mestiço Gunderson, que parecia um Robinson Crusoé com esteroides. A camisa dele era feita de retalhos de peles de animais. A calça de couro estava em frangalhos. Até pelos padrões vikings, a barba era desgrenhada, decorada com boa parte de uma omelete de queijo.

Meus quatro colegas de corredor abriram espaço para mim na mesa, o que foi muito legal.

Em comparação ao Salão dos Mortos, o salão dezenove era um ambiente íntimo. Havia umas seis mesas espalhadas pela sala, a maioria desocupada. Em um canto, as chamas de uma lareira estalavam em frente a um sofá surrado. Ao longo da parede, uma mesa de bufê exibia todo tipo de comida de café da manhã imaginável (e alguns tipos que eu *nunca* tinha imaginado).

T.J. e companhia tinham se posicionado em frente a um janelão virado para um amplo campo coberto de neve. Não fazia sentido, considerando que era verão no meu átrio no mesmo corredor, mas eu já tinha aprendido que a geografia do hotel era estranha.

— Ali é Niflheim — explicou T.J. —, o reino de gelo. A vista muda diariamente, fica variando entre os nove mundos.

— Os nove mundos… — Encarei meus ovos mexidos, me perguntando de que sistema solar eles vieram. — Fico ouvindo todos falarem dos nove mundos. Mas ainda é difícil acreditar.

Mallory Keen soprou o açúcar de confeiteiro de cima do donut dela.

— Acredite, novato. Já visitei seis deles até agora.

— E eu, cinco. — Mestiço sorriu, mostrando para mim pedaços da omelete de queijo nos dentes. — Claro que Midgard não conta. É o mundo humano. Já fui a Álfaheim, a Nídavellir, a Jötunheim…

— Eu fui à Disney World — disse X.

Mallory suspirou. Com o cabelo ruivo, os olhos verdes e açúcar de confeiteiro ao redor da boca, ela lembrava um Coringa com as cores invertidas.

— Pela última vez, seu cabeça-dura, a Disney não é um dos nove mundos.

— Por que tem esse nome, então? — X assentiu com arrogância, considerando a discussão vencida, e voltou a se concentrar na comida, sugando carne da carcaça de um crustáceo grande.

T.J. empurrou o prato vazio.

— Magnus, não sei se vai ajudar, mas os nove mundos não são planetas. Estão mais para… dimensões diferentes, camadas diferentes da realidade, todas ligadas pela Árvore do Mundo.

— Obrigado — falei. — Isso é bem mais confuso.

Ele riu.

— É, acho que é mesmo.

— A Árvore do Mundo é a do Salão dos Mortos?

— Não — respondeu Mallory. — A Árvore do Mundo é *bem* maior. Você vai ver, mais cedo ou mais tarde.

Isso me pareceu agourento. Tentei me concentrar na comida, mas era difícil com X ao meu lado se entupindo com um caranguejo mutante nojento.

Eu apontei para o casaco de T.J.

— Isso é um uniforme da Guerra Civil?

— Soldado na quinquagésima quarta infantaria em Massachusetts, meu amigo. Sou de Boston, como você. Só cheguei aqui um pouco antes.

Eu fiz os cálculos.

— Você morreu em batalha cento e cinquenta anos atrás?

T.J. deu um sorriso largo.

— No ataque a Fort Wagner, na Carolina do Sul. Meu pai era Tyr, deus da coragem, da justiça e do julgamento por combate. Minha mãe era uma escrava fugida.

Tentei encaixar isso na minha nova visão de mundo: um adolescente dos anos 1860, filho de uma ex-escrava e de um deus nórdico, agora estava tomando café da manhã comigo em um hotel extradimensional.

X arrotou, o que com certeza colocou as coisas em perspectiva.

— Deuses de Asgard! — reclamou Mallory. — Que cheiro é esse!

— Me desculpe — resmungou X.

— Seu nome é mesmo X? — perguntei.

— Não, meu nome de verdade é… — O meio troll disse alguma coisa que começava com alguns Ks e prosseguia por uns trinta segundos.

Mestiço limpou as mãos nas peles que formavam sua camisa.

— Está vendo? Ninguém consegue pronunciar isso. Nós o chamamos de X.

— X — concordou X.

— Ele é mais uma das aquisições de Sam al-Abbas — contou T.J. — X deu de cara com uma rinha de cachorros… uma daquelas ilegais. Onde foi mesmo, X? Em Chicago?

— Chiii-ca-go — afirmou X.

— Ele viu o que estava acontecendo e ficou louco. Começou a quebrar tudo, a bater nos apostadores e a libertar os cachorros.

— Os cachorros deveriam brigar quando tivessem vontade — disse X. — Não para humanos gananciosos. Deveriam ser selvagens e livres. Não ficar em gaiolas.

Eu não queria discutir com o grandalhão, mas não gostei muito da ideia de cachorros selvagens brigando quando tivessem vontade. Isso tinha muita cara de comportamento de lobos, um animal do qual eu me recusava a ser o arauto.

— Enfim — continuou T.J. —, virou uma batalha e tanto: X contra um bando de gângsteres com armas automáticas. Acabaram matando-o, mas X levou vários bandidos com ele e libertou muitos cachorros. Isso foi… o quê… um mês atrás?

X resmungou e continuou a chupar o crustáceo.

T.J. abriu as mãos.

— Samirah o julgou honrado e o trouxe para cá. Caíram em cima dela por causa disso.

Mallory riu com deboche.

— Você está pegando leve. Um troll em Valhala. Até parece que eles deixariam isso passar impune.

— Meio troll — corrigiu X. — Esse é meu *melhor* lado, Mallory Keen.

— Ela não quis ofender, X — disse T.J. — É que os preconceitos dificilmente morrem. Quando cheguei aqui em 1863, também não fui recebido de braços abertos.

Mallory revirou os olhos.

— Então você os conquistou com sua personalidade incrível. Eu juro, vocês estão dando má fama ao andar dezenove. E agora temos Magnus.

Mestiço se inclinou na minha direção.

— Não ligue para Mallory. Ela é um amor quando você aceita que ela é uma pessoa horrível.

— Cala a boca, Mestiço!

O grandão riu.

— Ela só está mal-humorada porque morreu tentando desarmar um carro-bomba com a cara.

As orelhas da garota ficaram tão vermelhas quanto suco de morango.

— Eu não… não estava… Argh!

— Magnus, não se preocupe com aquela confusão ontem à noite — prosseguiu Mestiço. — As pessoas vão esquecer em algumas décadas. Acredite, já vi isso acontecer. Morri durante a invasão viking à Anglia Oriental, lutei no exército de Ivar, o Sem-Ossos. Levei vinte flechas no peito protegendo meu lorde!

— Ai — falei.

Mestiço deu de ombros.

— Estou aqui há… hum, quase mil e duzentos anos agora.

Eu fiquei olhando para ele. Apesar do tamanho e da barba farta, Mestiço parecia ter no máximo dezoito anos.

— Como você aguenta sem ficar maluco? E por que chamam você de Mestiço?

O sorriso dele sumiu.

— Vou responder à segunda pergunta primeiro… Quando nasci, era tão grande e feio que minha mãe disse que eu era uma mistura de humano e pedra. O nome pegou.

— E você continua feio — murmurou Mallory.

— Quanto a ficar maluco aqui… Alguns ficam, Magnus. Esperar o Ragnarök é difícil. O truque é se manter ocupado. Tem muita coisa para fazer aqui. Eu aprendi umas dez línguas, inclusive o inglês. Tenho doutorado em literatura germânica e aprendi a tricotar.

T.J. assentiu.

— Foi por isso que convidei você para o café da manhã, Magnus.

— Para eu aprender a tricotar?

— Para você ficar ativo! Passar tempo demais sozinho no quarto pode ser perigoso. Se você se isolar, começa a sumir. Alguns dos einherjar mais antigos… — Ele pigarreou. — Não importa. Você está aqui! É só aparecer todas as manhãs até o Juízo Final e tudo vai ficar bem.

Olhei pela janela para a neve caindo. Pensei no aviso de Sam para encontrar a espada, nas Nornas prevendo que uma coisa ruim aconteceria em nove dias.

— Vocês disseram que visitaram os outros mundos. Isso quer dizer que dá para sair do hotel?

O grupo trocou olhares.

— Dá — disse Mestiço. — Mas nossa tarefa principal é esperar o Ragnarök. Treinar, treinar e treinar.

— Eu andei de trem na Disney — disse X.

Não dava para saber se ele estava brincando. O meio troll parecia ter duas expressões faciais: cimento molhado e cimento seco.

— Ocasionalmente — disse T.J. —, os einherjar são enviados para os nove mundos em missões.

— Para caçar monstros — explicou Mallory. — Matar gigantes que entram em Midgard. Impedir bruxas e almas penadas. E, claro, lidar com desgarrados…

— Almas penadas? Desgarrados? — perguntei.

— A questão é — interrompeu Mestiço — que só saímos de Valhala por ordem de Odin ou dos lordes.

— Mas, hipoteticamente, eu poderia voltar para o mundo humano, Midgard ou sei lá qual é o nome…

— Hipoteticamente, sim — disse T.J. — Olhe, sei que essa história das Nornas deve estar deixando você doido, mas não sabemos o que a profecia significa. Dê um tempo aos lordes para decidirem o que fazer. Você não pode se precipitar e fazer alguma idiotice.

— Pelos deuses — disse Mallory. — Nós *nunca* fazemos idiotices. Como aquela ida ao Santarpio's para comer pizza de madrugada. Aquilo não aconteceu.

— Fique quieta, mulher — resmungou Mestiço.

— *Mulher?* — Mallory levou a mão à faca no cinto. — Cuidado com as palavras, seu hamster sueco gigante.

— Esperem — falei. — Vocês sabem sair escondido de…

T.J. tossiu alto.

— Desculpe, acho que não ouvi direito. Tenho certeza de que você não estava nos perguntando sobre burlar as regras. Magnus, primeiro de tudo: se voltasse a Midgard agora, como explicaria para as pessoas que o conhecem? Todo mundo acha que você está morto. Normalmente, *se* nós voltamos, esperamos até todo mundo que conhecemos estar morto. É mais fácil assim. Além do mais, demora um tempo, às vezes anos, para sua força de einherji se desenvolver por completo.

Tentei me imaginar esperando anos. Eu não tinha muitos amigos e parentes para quem voltar. Ainda assim, não queria ficar preso ali, aprendendo novas línguas e tricotando suéteres durante séculos. Depois de ver minha prima Annabeth, eu meio que queria encontrá-la mais uma vez antes de ela morrer. E, se Samirah estava certa quanto a minha mãe não estar em Valhala… eu precisava encontrá-la, onde quer que estivesse.

— Mas é possível sair sem permissão — insisti. — Talvez não para sempre, mas por um tempo.

T.J. se remexeu, incomodado.

— Valhala tem portas para todos os mundos. O hotel foi construído assim. A maioria das saídas é protegida, mas… bem, tem muitos caminhos para Boston. Boston é o centro de Midgard.

Olhei para as pessoas ao redor da mesa. Ninguém estava gargalhando.

— É sério?

— Claro — afirmou T.J. — Fica no tronco da Árvore do Mundo, o ponto mais fácil do qual se pode acessar os outros mundos. Por que você acha que Boston se chama Núcleo do Universo?

— Arrogância?

— Não. Os mortais sempre souberam que havia alguma coisa naquele local, mesmo não conseguindo identificar o que era. Os vikings procuraram o centro do mundo durante anos. Eles sabiam que a entrada de Asgard ficava no oeste. Foi um dos motivos para continuarem explorando a América do Norte. Quando encontraram os nativos…

— Nós os chamávamos de skraelings — disse Mestiço. — Lutadores impiedosos. Eu gostava deles.

— … os nativos tinham várias histórias de como a presença espiritual era forte naquela área. Mais tarde, quando os puritanos fundaram as colônias, bem… A visão de John Winthrop de uma "Cidade na Colina" cintilando? Não era metáfora. Ele teve uma visão de Asgard, um vislumbre de outro mundo. E os julgamentos das bruxas de Salem? Histeria causada por magia que vazou

para Midgard. Edgar Allan Poe nasceu em Boston. Não é coincidência o poema mais famoso dele ser sobre um corvo, um dos animais sagrados de Odin.

— Chega. — Mallory me olhou com asco. — T.J. leva uma eternidade quando precisa responder sim ou não a uma pergunta. A resposta é sim, Magnus. É possível sair, com ou sem permissão.

X quebrou uma patinha de caranguejo.

— Você não seria imortal.

— É — disse T.J. — Esse é o segundo grande problema. Em Valhala, você não pode morrer, não de forma permanente. Sempre ressuscita. É parte do treinamento.

Eu me lembrei do cara que foi empalado e arrastado por lobos no saguão. Hunding disse que ele estaria bem até a hora do jantar.

— Mas fora de Valhala?

— Lá fora, nos nove mundos — contou T.J. —, você ainda é um einherji. É mais rápido, mais forte e mais resistente do que qualquer mortal comum. Mas, se morrer lá fora, continua morto. Sua alma pode ir parar em Helheim. Ou você pode se dissolver no abismo primordial, o Ginnungagap. É difícil saber. Não vale o risco.

— A não ser que… — Mestiço tirou um pedaço de ovo da barba. — A não ser que ele *realmente* tenha encontrado a espada de Frey e as lendas sejam verdadeiras…

— É o primeiro dia de Magnus — disse T.J. — Não vamos falar sobre isso. Ele já está bem assustado.

— Me assustem mais — pedi. — Que lendas são essas?

No corredor, uma corneta tocou. Nas outras mesas, os einherjar começaram a se levantar e a retirar os pratos.

Mestiço esfregou as mãos com ansiedade.

— A conversa vai ter que esperar. Está na hora da batalha!

— Hora da batalha — concordou X.

T.J. fez uma careta.

— Magnus, você precisa saber sobre a iniciação do primeiro dia. Não fique triste se…

— Ah, que isso! — interrompeu Mallory. — Não estrague a surpresa! — Ela me deu um sorriso cheio de açúcar de confeiteiro. — Mal posso esperar para ver o novato ser desmembrado!

DEZENOVE

Não me chame de Zé-Ninguém. Tipo, *nunca*

CONTEI PARA OS meus novos amigos que eu era alérgico a desmembramento. Eles só riram e me levaram para a arena. É por isso que não gosto de fazer novos amigos.

O campo de batalha era tão grande que não consegui entender direito o que estava vendo.

Nos bons e velhos tempos, quando era sem-teto, eu dormia em telhados durante o verão. Conseguia ver a paisagem de Boston inteira, do Fenway Park até Bunker Hill. O campo de batalha de Valhala era maior do que isso. Oferecia talvez uns oito quilômetros quadrados de lugares interessantes para morrer, tudo dentro do hotel, como um pátio interno.

Era cercado pelas paredes do prédio: penhascos de mármore branco e varandas com grades douradas, algumas com cartazes pendurados, algumas decoradas com escudos e outras com catapultas. Os andares mais altos pareciam se dissolver no brilho enevoado do céu, tão brancos quanto uma lâmpada fluorescente.

No centro do campo havia algumas colinas escarpadas; áreas de floresta pontilhavam a paisagem. O círculo externo era coberto de pasto e cortado por um rio tão largo quanto o Charles. Vários vilarejos ocupavam as margens, talvez para os que preferissem guerrear em ambientes urbanos.

Pelas centenas de portas ao redor do campo, batalhões de guerreiros entravam, as armas e as armaduras brilhando sob a luz intensa. Alguns einherjar usavam armadura completa, como cavaleiros medievais. Outros usavam camisas de cota de malha, calças e botas. Alguns estavam vestindo roupa camuflada e carregavam AK-47s. Um cara estava só de sunga. Tinha se pintado de azul e estava munido apenas de um taco de beisebol. No peito, trazia as palavras VEM ME PEGAR, MANO!

— Acho que não estou vestido de forma adequada — comentei.

X estalou os dedos.

— Não é a armadura que traz a vitória. Nem as armas.

Para ele era fácil dizer isso. O meio troll era maior do que algumas nações soberanas.

Mestiço Gunderson também estava usando a abordagem minimalista. Havia tirado tudo menos a calça, embora carregasse dois machados assustadores de lâmina dupla. Ao lado de qualquer

pessoa, Mestiço pareceria enorme. Ao lado de X, parecia um bebê… de barba, barriga tanquinho e machados.

T.J. ajustou a baioneta no rifle.

— Magnus, se quiser mais do que o equipamento básico, vai ter que tomá-lo ou negociá-lo. O arsenal do hotel aceita ouro vermelho e tem um esquema de troca.

— Foi assim que você conseguiu o rifle?

— Não, eu morri com ele, mas raramente o uso. Balas não têm muito efeito nos einherjar. Sabe aqueles caras com os fuzis? É só brilho e barulho. São as pessoas menos perigosas no campo. Mas esta baioneta? É de aço de osso, presente do meu pai. Aço de osso funciona muito bem.

— Aço de osso.

— É. Depois eu explico.

A mão que segurava a espada já estava suando. Meu escudo parecia frágil demais.

— Contra que grupos vamos lutar?

Mestiço me deu um tapinha nas costas.

— Contra todos! Os vikings lutam em pequenos grupos, meu amigo. Somos seus irmãos de escudo.

— E irmã de escudo — acrescentou Mallory. — Embora alguns de nós sejam apenas idiotas de escudo.

Mestiço a ignorou.

— Fique com a gente, Magnus, e… ah, você vai se dar mal de qualquer jeito. Vai morrer rápido. Mas acompanhe a gente. Vamos entrar em combate e matar o máximo possível!

— Esse é o seu plano?

Mestiço inclinou a cabeça.

— Por que eu teria um plano?

— Ah, às vezes nós temos — disse T.J. — As quartas são dias de cerco. Isso é mais complicado. Às quintas, soltam os dragões.

Mallory puxou a espada e a faca de lâmina serrilhada.

— Hoje é dia de combate livre. Adoro terças-feiras.

De mil varandas diferentes, cornetas soaram. Os einherjar partiram para a batalha.

Até aquela manhã, eu nunca tinha entendido o termo *banho de sangue*. Em poucos minutos, estávamos literalmente pingando.

Tínhamos acabado de entrar no campo quando um machado chegou voando do nada e acertou meu escudo, a lâmina perfurando a madeira acima do meu braço.

Mallory gritou e lançou sua faca, que se cravou no peito do cara que jogou o machado. Ele caiu de joelhos, rindo.

— Boa!

E desabou no chão, morto.

Mestiço abriu caminho por entre os inimigos, girando os machados, decepando cabeças e membros até parecer que estava em uma partida de paintball, mas usando só tinta vermelha. Era nojento. E apavorante. E sabem o mais perturbador nisso tudo? Os einherjar agiam como se fosse uma brincadeira. Matavam com alegria. Morriam como se alguém tivesse derrotado seu avatar em *Call of Duty*. Nunca gostei desse jogo.

— Que saco — murmurou um cara enquanto observava quatro flechas cravadas no peito.

Outro gritou:

— Vou pegar você amanhã, Trixie! — E caiu para o lado, uma lança enfiada nas entranhas.

T.J. cantava “The Battle Hymn of the Republic” enquanto atacava e defendia com a baioneta.

X destruía um grupo após outro. Estava com umas dez flechas enfiadas nas costas, como um porco-espinho, mas isso não parecia incomodá-lo. Toda vez que o punho dele acertava alguém, um einherji se tornava bidimensional.

Quanto a mim, ficava correndo de um lado para outro, como um rato assustado, erguendo o escudo e arrastando a espada. Tinham me dito que ali a morte não era permanente, mas achei isso difícil de acreditar. Um bando de guerreiros com objetos afiados tentava me matar. E eu não queria morrer.

Consegui me defender de um golpe de espada. Desviei de uma lança com o escudo. Tive a oportunidade de perfurar uma garota que estava com a guarda baixa, mas não tive coragem de fazer isso.

Foi um erro. O machado dela cortou minha coxa. Senti a dor subir até o pescoço.

Mallory acertou a garota.

— Vamos, Chase, não para! Você vai se acostumar com a dor depois de um tempo.

— Que maravilha. — Fiz uma careta. — Estou aguardando ansiosamente por esse momento.

T.J. enfiou a baioneta pela viseira de um cavaleiro medieval.

— Vamos tomar aquela colina!

Apontou para uma elevação na beira do bosque.

— Por quê? — gritei.

— Porque é uma colina!

— Ele adora tomar colinas — resmungou Mallory. — É uma coisa da Guerra Civil.

Atravessamos o campo de batalha na direção do terreno mais alto. Minha coxa ainda estava doendo, mas tinha parado de sangrar. Aquilo era normal?

T.J. ergueu o rifle e gritou:

— Atacar!

Na mesma hora, foi atingido nas costas por um dardo.

— T.J.! — gritei.

Ele me olhou nos olhos, deu um sorriso fraco e caiu de cara na lama.

— Pelo amor de Frigga! — reclamou Mallory. — Vamos logo, novato.

Ela segurou meu braço e me puxou. Mais dardos passaram voando por cima da minha cabeça.

— Vocês fazem isso todos os *dias*? — perguntei.

— Não. Como dissemos, nas quintas temos dragões.

— Mas…

— Ei, Zé-Ninguém, o negócio é se acostumar com o horror da batalha. Você acha isso ruim? Espere até termos que lutar de verdade no Ragnarök.

— Por que *eu* sou o Zé-Ninguém?

— Porque você é irritante.

Chegamos à beirada do bosque. X e Mestiço protegiam nossa retaguarda, retardando a horda que nos perseguia. E os inimigos *haviam* mesmo formado uma horda. Todos os grupos espalhados ao redor tinham parado de lutar entre si e estavam atrás de nós. Alguns apontaram para mim. Outros gritaram meu nome, e não de um jeito amigável.

— É, já localizaram você. — Mallory suspirou. — Quando falei que queria ver você desmembrado, não era para ser do meu *lado*. Enfim.

Quase perguntei por que todo mundo estava atrás de mim. Mas sabia a resposta. Eu era o novato. É *claro* que os outros einherjar se juntariam contra mim e os outros recém-chegados. Lars Ahlstrom já devia ter sido decapitado. Dede devia estar correndo por aí sem os braços. Os einherjar veteranos fariam de tudo para que essa experiência fosse a mais dolorosa e aterrorizante possível para nós, só para ver como reagiríamos. Isso me deixou com raiva.

Subimos a colina, sempre buscando refúgio atrás das árvores. Mestiço se jogou em um grupo de vinte caras que nos seguiam. Destruiu todos eles. Voltou rindo, com um brilho insano no olhar. Estava sangrando, com mais de dez ferimentos e uma adaga fincada no peito, bem acima do coração.

— Como é que ele ainda está vivo? — perguntei.

— Ele é um berserker. — Mallory olhou para trás, com uma mistura de desdém, impaciência e outra coisa… admiração? — Aquele idiota continua lutando até estar literalmente em pedacinhos.

Uma luzinha se acendeu na minha mente. Mallory *gostava* de Mestiço. Só se chama alguém de idiota tantas vezes se está a fim dessa pessoa. Em circunstâncias diferentes, eu teria feito uma piadinha, mas, enquanto ela estava distraída, ouvi um *tunk*: uma flecha cravada no pescoço dela.

Ela me olhou com raiva, como se dissesse *isso é culpa sua*.

E caiu. Ajoelhei ao lado dela e toquei seu pescoço. Consegui sentir sua vida se esvaindo. Consegui sentir a artéria cortada, os batimentos ficando cada vez mais fracos, todos os ferimentos que precisariam ser curados. Meus dedos ficaram mais quentes. Se tivesse um pouco mais de tempo…

— Cuidado! — gritou X.

Levantei o escudo. Uma espada bateu nele. Empurrei e joguei o atacante colina abaixo. Meus braços doíam. Minha cabeça estava latejando, mas, de alguma forma, consegui me levantar.

Mestiço estava a cinquenta metros de mim, cercado por uma multidão de guerreiros cutucando-o com lanças, enchendo-o de flechas. Continuou lutando, mas nem *ele* seria capaz de aguentar muito mais.

X arrancou o AK-47 da mão de um cara e bateu na cabeça dele.

— Vai, Magnus Zé-Ninguém — ordenou o meio troll. — Tome o cume pelo andar dezenove!

— Meu apelido não vai ser Zé-Ninguém — murmurei. — Não vai mesmo.

Cambaleei colina acima até chegar ao topo. Encostei no grande carvalho enquanto X atacava, se defendia e dava cabeçadas em vikings, deixando os inimigos inconscientes.

Uma flecha acertou meu ombro, me prendendo na árvore. A dor era tanta que quase desmaiei, mas arranquei a flecha e me soltei. O sangramento parou na mesma hora. O ferimento se fechou como se alguém o tivesse preenchido com cera quente.

Uma sombra passou por mim, algo grande e escuro vindo do céu. Levei menos de um segundo para perceber que era uma pedra, provavelmente lançada da catapulta de alguma varanda. Demorei mais um instante para perceber onde cairia.

Tarde demais. Não tive tempo de avisar a X.; o meio troll e mais uma dúzia de einherjar desapareceram debaixo de um pedregulho de calcário, no qual estava escrito: COM AMOR, DO ANDAR 63.

Cem guerreiros ficaram olhando a pedra. Folhas e galhos quebrados voavam ao redor. E então, todos os einherjar se viraram para mim.

Outra flecha me acertou no peito. Eu gritei, mais de raiva do que de dor, e a puxei.

— Uau — comentou um dos vikings. — Ele se regenera rápido.

— Tenta com uma lança — sugeriram. — Tenta com *duas* lanças.

Eles falaram como se não valesse a pena se dirigir a mim, como se eu fosse um animal encurralado com o qual pudessem fazer o que quisessem.

Vinte ou trinta einherjar levantaram as armas. A raiva dentro de mim explodiu. Eu gritei, liberando energia como uma bomba. Cordas de arco se romperam. Espadas caíram das mãos dos donos. Lanças e armas e machados saíram voando para as árvores.

Tão depressa quanto começou, a onda de poder se esvaiu. Ao meu redor, cem einherjar largaram suas armas.

O cara pintado de azul estava na vanguarda, o taco de beisebol aos seus pés. Ele ficou me olhando, chocado.

— O que aconteceu?

O guerreiro ao lado dele tinha um tapa-olho e armadura de couro vermelho decorada com espirais prateadas. Com cuidado, ele se abaixou e pegou o machado.

— *Álfar seidr* — disse Tapa-Olho. — Muito bem, filho de Frey. Não vejo um truque desses há séculos. Mas aço de osso ainda é melhor.

Fiquei vesgo quando a lâmina do machado dele girou na direção do meu rosto. E então tudo ficou preto.

VINTE

Venha para o lado negro. Temos jujubas

UMA VOZ FAMILIAR disse:

— Morreu de novo, foi?

Abri os olhos. Eu estava em um pavilhão cercado de colunas de pedra cinza. Do lado de fora, não havia nada além do céu azul sem nuvens. O ar estava rarefeito. Um vento frio soprava no piso de mármore, movimentando o fogo na lareira central, fazendo as chamas escorrerem até os braseiros dos dois lados da plataforma. Três degraus levavam a um trono, um divã de madeira branca entalhado com formas intrincadas de animais, pássaros e galhos de árvore. O assento era forrado de pele de arminho.

Deitado nele, comendo jujubas de um saquinho prateado, estava o homem de camisa do Red Sox.

— Bem-vindo a Hlidskjalf. — Ele sorriu, e as cicatrizes ao redor dos lábios pareciam as marcas de um zíper. — O Alto Trono de Odin.

— Você não é Odin — concluí. — Você é Loki.

O homem da camisa do Red Sox riu.

— Nada escapa do seu intelecto apurado.

— Em primeiro lugar, o que estamos fazendo aqui? Em segundo, Hlid o quê?

— *Hlidskjalf*. Tem *h* no começo e *f* no final. A primeira letra deve soar como se você estivesse se preparando para cuspir.

— Pensando bem, não dou a mínima.

— Mas devia. Foi aqui que tudo começou. É a resposta para sua primeira pergunta, explica por que estamos aqui. — Ele deu um tapinha no espaço ao lado no divã. — Venha. Coma uma jujuba.

— Hum, não, obrigado.

— Azar o seu. — Ele jogou outra jujuba na boca. — Essa roxa… Não sei qual é o sabor, mas é *divina*.

Uma veia latejou no meu pescoço, o que foi estranho, já que eu estava sonhando, e provavelmente morto.

Os olhos de Loki me deixavam nervoso. Tinham o mesmo brilho intenso dos olhos de Sam, mas ela mantinha as chamas sob controle. O olhar de Loki se movia sem parar como fogo na lareira, levado pelo vento, procurando qualquer coisa que pudesse destruir e queimar.

— Frey já se sentou aqui. — Ele acariciou o pelo de arminho. — Você conhece a história?

— Não, mas… não é proibido se sentar aí?

— Ah, é. Bem, a não ser Odin e Frigga, o rei e a rainha. Eles podem se sentar aqui e ver qualquer parte dos nove mundos. Só precisam se concentrar para encontrar o que quer que estejam procurando. No entanto, se qualquer outra pessoa se sentar aqui… — Ele estalou a língua. — A magia do trono pode ser uma maldição terrível. *Eu* jamais arriscaria se isso não fosse uma ilusão. Mas seu pai arriscou. Foi seu único momento de rebeldia. — Loki comeu outra jujuba. — Eu sempre o admirei por isso.

— E?

— E em vez de ver o que buscava, viu o que mais desejava. Isso arruinou a vida dele. Foi por isso que perdeu a espada. Ele… — Loki fez uma careta. — Com licença.

Ele virou a cabeça, suas feições contraídas como se ele fosse espirrar, e soltou um grito de dor. Quando voltou a olhar para mim, suas cicatrizes soltavam filetes de vapor.

— Desculpe — disse ele. — De vez em quando o veneno espirra nos meus olhos.

— O veneno. — Eu me lembrei de uma parte de um mito. — Você matou alguém. Os deuses capturaram e aprisionaram você. Havia algo sobre veneno. Onde você está agora, de verdade?

Ele me deu aquele sorriso torto.

— Onde sempre estou. Os deuses me deixaram, ah, devidamente confinado. Mas isso não é importante. Ainda posso projetar parte da minha essência de tempos em tempos, como estou fazendo agora, para falar com meus melhores amigos!

— Não é porque você está usando uma camisa do Sox que somos amigos.

— Isso me magoou! — Os olhos dele brilharam. — Minha filha Samirah viu alguma coisa em você. Poderíamos nos ajudar mutuamente.

— Você mandou que ela me levasse a Valhala?

— Ah, não. Não foi ideia minha. Você, Magnus Chase, é do interesse de muita gente. Algumas não são tão encantadoras e solícitas como eu.

— Que tal ser encantador e solícito com sua filha? Ela foi expulsa da ordem das valquírias porque me escolheu.

O sorriso dele sumiu.

— Isso aí é com os deuses. Eles também me baniram, e quantas vezes salvei a pele deles? Não se preocupe com Samirah. Ela é forte, vai ficar bem. Estou mais preocupado com *você*.

Um vento frio soprou pelo pavilhão, tão forte que me arrastou alguns centímetros pelo piso de pedra polida.

Loki amassou o saquinho das jujubas.

— Você vai acordar logo. Antes de ir, um conselhinho.

— Acho que não tenho escolha.

— A Espada do Verão — disse Loki. — Quando seu pai se sentou neste trono, o que viu o condenou. Ele se livrou da espada. Entregou-a a seu servo e mensageiro, Skírnir.

Por um momento, voltei para a ponte Longfellow, a espada zumbindo na minha mão como se tentasse se comunicar comigo.

— Tio Randolph mencionou Skírnir — falei. — O descendente dele estava naquele naufrágio.

Loki aplaudiu teatralmente.

— E lá a espada ficou por mil anos, esperando que alguém a reivindicasse, alguém que tivesse o direito de brandi-la.

— Eu.

— Ah, mas você não é o único que pode usá-la. Sabemos o que vai acontecer no Ragnarök. As Nornas já previram nosso destino. Frey… pobre Frey, por causa de suas escolhas, vai morrer nas mãos de Surt. Vai ser perfurado com sua própria espada pelo lorde dos gigantes do fogo.

Senti uma pontada na cabeça, bem no lugar em que o machado do einherji me acertou.

— É por isso que Surt quer a espada. Com ela, ele estará pronto para o Ragnarök.

— Não é só isso. Ele vai usar a espada para deflagrar uma cadeia de eventos que vão adiantar o Juízo Final. Em oito dias, a menos que você o impeça, ele vai soltar meu filho, o Lobo.

— Seu filho…? — Meus braços estavam evaporando. Minha visão ficou turva. Perguntas demais surgiam na minha mente. — Espere aí… você também não está destinado a lutar contra os deuses no Ragnarök?

— Sim, mas isso foi escolha dos *deuses*, não minha. A questão do destino, Magnus, é a seguinte: mesmo que não possamos mudar o cenário, nossas escolhas podem alterar os detalhes. É *assim* que nos rebelamos contra o destino, como deixamos nossa marca. Que escolha você vai fazer?

A imagem dele tremulou. Por um momento, eu o vi estirado em um pedaço de pedra, os punhos e os tornozelos presos com cordas viscosas, o corpo se contorcendo de dor. Depois, o vi em uma cama de hospital, uma médica inclinada sobre ele, tocando delicadamente sua testa. Ela parecia uma versão mais velha de Sam, com mechas do cabelo castanho escapando de uma touca vermelha e a boca tensa de preocupação.

Loki apareceu no trono de novo, limpando açúcar da jujuba que caiu na camisa do Red Sox.

— Não lhe direi o que fazer, Magnus. Essa é a diferença entre mim e os outros deuses. Levantarei apenas a seguinte questão: quando tiver oportunidade de se sentar no trono de Odin, e saiba que esse dia se aproxima, vai procurar o desejo do seu coração, sabendo que ele pode condenar você como condenou seu pai? Pense nisso, filho de Frey. Talvez voltemos a nos falar, se você sobreviver aos próximos oito dias.

Meu sonho mudou. Loki sumiu. Os braseiros explodiram, espirrando carvão quente por toda a plataforma, e o Alto Trono de Odin ardeu em chamas. As nuvens viraram massas de cinzas vulcânicas. Acima do trono em chamas, dois olhos vermelhos apareceram na fumaça.

VOCÊ. A voz de Surt me acertou como um lança-chamas. *TUDO O QUE CONSEGUIU FOI ME ATRASAR. AGORA GARANTIU UMA MORTE MAIS DOLOROSA E PERMANENTE.*

Eu tentei falar alguma coisa. O calor sugou o oxigênio dos meus pulmões. Meus lábios racharam e estouraram como bolhas.

Surt riu.

O LOBO ACHA QUE VOCÊ AINDA PODE SER ÚTIL. EU, NÃO. QUANDO NOS ENCONTRARMOS DE NOVO, VOCÊ VAI QUEIMAR, FILHO DE FREY. TRANSFORMAREI VOCÊ E SEUS AMIGOS EM CARVÃO. VOCÊS VÃO INICIAR O INCÊNDIO QUE VAI QUEIMAR OS NOVE MUNDOS.

A fumaça se adensou. Eu não conseguia respirar, não conseguia enxergar.

Meus olhos se abriram e eu me levantei de repente, ofegante. Estava deitado na minha cama no quarto de hotel. Surt havia sumido. Toquei meu rosto, mas não estava queimado. Não havia nenhum machado enfiado ali. Todos os ferimentos da batalha tinham sumido.

Mesmo assim, meu corpo todo vibrava, alarmado. Senti como se eu tivesse adormecido em cima do trilho do trem e o Acela Express tivesse acabado de passar.

O sonho já estava se apagando da minha mente. Tentei desesperadamente guardar informações específicas: o trono de Odin, Loki e as jujubas, *meu filho, o Lobo*, Surt prometendo queimar os nove mundos. Tentar entender aquilo tudo era ainda mais doloroso do que levar uma machadada na testa.

Alguém bateu à porta.

Pensando que poderia ser um dos meus vizinhos, pulei da cama e corri para atender. Abri a porta e me vi cara a cara com a valquíria Gunilla, e só então percebi que estava de cueca.

O rosto dela ficou rosado. Os músculos do maxilar se contraíram.

— Ah.

— Capitã Gorila. Quanta honra.

Ela se recuperou rapidamente e olhou para mim como se estivesse tentando ativar a visão de raio congelante.

— Magnus Chase, eu, hã… Você ressuscitou com uma velocidade incrível.

Pelo tom, concluí que ela não esperava me encontrar ali. Mas então, por que bateu à porta?

— Eu não estava cronometrando minha ressurreição. Foi rápida?

— Muito. — Ela olhou para trás de mim, talvez procurando alguma coisa. — Temos um tempinho antes do jantar. Talvez eu pudesse levar você para dar um passeio pelo hotel, já que sua valquíria foi dispensada.

— Você quer dizer já que você *fez* com que ela fosse dispensada.

Gunilla levantou as mãos.

— Eu não controlo as Nornas, são elas que decidem nosso destino.

— Isso é tão conveniente. — Eu me lembrei do que Loki dissera: *Nossas escolhas podem alterar os detalhes.* É assim *que nos rebelamos contra o destino.* — E eu? Você, ou melhor, *as Nornas* decidiram meu destino?

Gunilla fez uma careta. Ela estava tensa, pouco à vontade. Havia alguma coisa incomodando, ou até mesmo assustando, aquela garota.

— Os lordes estão discutindo sua situação agora. — Ela soltou o chaveiro do cinto. — Me acompanhe. Vamos conversar. Se eu entender você melhor, talvez possa interceder a seu favor. A não ser, claro, que você queira tentar a sorte sem a minha ajuda. Quem sabe dá certo. Talvez os lordes o coloquem para trabalhar de porteiro por uns séculos. Ou para lavar louça na cozinha.

A última coisa que eu queria era passar bons momentos com Gunilla. Por outro lado, um passeio pelo hotel poderia me mostrar detalhes importantes, como as saídas. E, depois do sonho que tive, não queria ficar sozinho.

Além do mais, eu podia imaginar quanta louça sobrava para lavar depois de três rodadas de jantar no salão de banquete.

— Aceito o passeio — falei. — Mas primeiro acho que preciso me vestir.

VINTE E UM

Gunilla queima o nariz e isso não tem graça. Talvez só um pouquinho

A PRINCIPAL COISA que descobri: Valhala precisava de GPS. Até Gunilla se confundiu nos infinitos corredores, salões de banquetes, jardins e salas.

Em certo ponto, estávamos em um elevador de serviço quando a valquíria anunciou:

— Aqui fica a praça de alimentação.

As portas se abriram e fomos envolvidos por uma parede de chamas.

Meu coração quase saiu pela boca. Achei que Surt tivesse me encontrado. Gunilla gritou e cambaleou para trás. Apertei botões aleatórios até a porta fechar. Tentei como pude apagar as chamas do vestido dela.

— Você está bem?

Minha pulsação disparou. Os braços de Gunilla estavam vermelhos e soltando fumaça.

— A pele vai cicatrizar — disse ela. — Meu orgulho, talvez não. Aquilo… aquilo era Muspellheim, e não a praça de alimentação.

Eu me perguntei se Surt, de alguma forma, tinha planejado nosso pequeno desvio ou se as portas do elevador em Valhala costumavam mesmo se abrir no reino de fogo de vez em quando. Eu não sabia o que era mais perturbador.

Pela tensão na voz de Gunilla dava para perceber que ela estava sentindo muita dor. Eu me lembrei de quando estava ao lado de Mallory Keen na batalha no momento em que ela morreu; eu havia conseguido sentir o ferimento e que podia tê-lo curado se houvesse mais tempo.

Ajoelhei-me ao lado da valquíria.

— Posso?

— O que você…?

Toquei no antebraço dela.

Meus dedos começaram a soltar fumaça, puxando o calor da pele dela. A vermelhidão sumiu. As queimaduras desapareceram. Até a ponta queimada do nariz se curou.

Gunilla ficou me encarando, como se tivessem surgido chifres na minha cabeça.

— Como você…? Você não se queimou. Como?

— Não sei. — Minha cabeça girava de exaustão. — Sorte? Alimentação saudável?

Tentei me levantar, mas desabei na mesma hora.

— Opa, filho de Frey. — Gunilla segurou meu braço.

As portas do elevador se abriram de novo. Dessa vez, foi mesmo em uma praça de alimentação. Os aromas de frango com limão e de pizza chegaram até nós.

— Vamos continuar andando — disse Gunilla. — Para aliviar sua mente.

Recebemos olhares tortos enquanto andávamos pela praça de alimentação, eu apoiado na capitã das valquírias e o vestido dela fumegando e esfarrapado.

Viramos em um corredor com salas de reunião. Em uma delas, um cara de armadura de couro com rebites fazia uma apresentação em PowerPoint para doze guerreiros explicando os pontos fracos dos trolls das montanhas.

Algumas portas depois, valquírias de chapeuzinhos de festa cintilantes conversavam, comendo bolo e sorvete. A velinha de aniversário tinha a forma do número quinhentos.

— Acho que estou bem agora — falei para Gunilla. — Obrigado.

Cambaleei um pouco, mas consegui me manter de pé.

— Sua capacidade de cura é impressionante — disse Gunilla. — Frey é o deus da abundância e da fertilidade, do crescimento e da vitalidade. Acho que isso explica tudo. Mesmo assim, nunca vi um einherji que se curasse tão depressa, e nem que curasse os outros.

— Sei tanto sobre isso quanto você.

Normalmente, tenho dificuldades até de tirar um Band-Aid.

— E sua imunidade ao fogo?

Eu me concentrei na estampa do tapete e em colocar um pé na frente do outro. Estava conseguindo andar, mas cuidar das queimaduras de Gunilla havia me deixado tão debilitado quanto se eu estivesse me recuperando de uma pneumonia grave.

— Acho que não é exatamente imunidade ao fogo. Já me queimei antes. Mas… tenho uma tolerância muito grande a temperaturas extremas. Ao frio. Ao calor. A mesma coisa aconteceu na ponte Longfellow, quando entrei no meio das chamas… — Minha voz falhou. Lembrei que Gunilla tinha editado o vídeo e que por causa disso eu tinha feito papel de idiota. — Mas acho que você já sabe disso.

Acho que Gunilla não percebeu o sarcasmo. Estava brincando distraidamente com um dos martelos no cinto, como se fosse um gatinho.

— Talvez… No começo da criação, só existiam dois mundos: Muspellheim e Niflheim, fogo e gelo. A vida surgiu entre esses dois extremos. Frey é o deus dos climas moderados e da colheita. Representa o terreno do meio. Talvez por isso você consiga resistir ao calor e ao frio. — Ela balançou a cabeça. — Não sei, Magnus Chase. Faz muito tempo que não encontro um filho de Frey.

— Por quê? Não temos permissão para ficar em Valhala?

— Ah, temos alguns filhos de Frey dos tempos antigos. Os reis da Suécia eram descendentes dele, por exemplo. Mas não vemos um filho dele novo em Valhala há séculos. Frey é um vanir, para começo de conversa.

— Isso é ruim? Surt me chamou de *cria de vanir*.

— Aquele não era Surt.

Lembrei do meu sonho: aqueles olhos brilhantes na fumaça.

— *Era* Surt.

Gunilla olhou para mim como se quisesse argumentar, mas deixou pra lá.

— Seja lá qual for o caso, os deuses se dividem em dois clãs. Os aesires em geral são os deuses da guerra: Odin, Thor, Tyr e alguns outros. Os vanires são os deuses da natureza: Frey, Freya e o pai deles, Njord. Estou resumindo, mas, de qualquer modo, há muito tempo houve uma guerra entre os dois clãs. Eles quase destruíram os nove mundos, mas acabaram acertando as diferenças. Casaram entre si, unindo forças contra um inimigo em comum: os gigantes. Mesmo assim, continuam sendo clãs diferentes. Alguns vanires têm palácios em Asgard, que pertence aos deuses aesires, mas os vanires também têm seu próprio mundo, Vanaheim. Quando o filho de um vanir morre bravamente, não costuma vir para Valhala. É mais comum que vá para a pós-vida dos vanires, supervisionada pela deusa Freya.

Demorei um minuto para absorver tudo. Clãs de deuses. Guerras. Sei lá. Mas aquela última parte, *a pós-vida dos vanires*…

— Quer dizer que tem outro lugar como Valhala, só que para os filhos de vanires, e que eu não estou lá? E se minha mãe tiver ido para lá? E se eu devesse ter ido…

Gunilla segurou meu braço. Os olhos azuis estavam intensos de raiva.

— Isso mesmo, Magnus. Pense no que Samirah al-Abbas fez. Não estou dizendo que *todos* os filhos de vanir vão para Fólkvangr…

— Para um Volkswagen?

— *Fólkvangr*. É o nome do salão dos mortos de Freya.

— Ah.

— O que quero dizer é que você poderia ter ido pra lá. Teria sido mais provável até. Metade dos mortos honrados vem para Odin. A outra metade vai para Freya. Foi parte do acordo que encerrou a guerra dos deuses, éons atrás. Então por que Samirah trouxe você para cá? *Escolhido por engano, não era sua hora.* Ela é filha de Loki, a origem de todo o mal. Não é confiável.

Eu não sabia o que dizer. Não conhecia Samirah havia tanto tempo, mas ela parecia legal. É claro que o pai dela, Loki, também…

— Você pode não acreditar — disse Gunilla —, mas estou lhe dando o benefício da dúvida. Acho que você pode ser inocente nos planos de Samirah.

— Que planos?

Ela soltou uma risada amarga.

— De antecipar o Juízo Final, claro. De trazer a guerra antes de estarmos prontos. É o desejo de Loki.

Fiquei com vontade de argumentar dizendo que Loki havia me contado outra coisa. Ele parecia mais interessado em *impedir* Surt de pegar a espada do meu pai… Mas cheguei à conclusão de que não seria sábio revelar a Gunilla que eu andava tendo conversinhas com a origem de todo o mal.

— Se você odeia Sam tanto assim, por que deixou que ela virasse uma valquíria?

— A decisão não foi minha. Eu supervisiono as valquírias, mas é Odin quem as escolhe. Samirah al-Abbas foi a última que ele escolheu, dois anos atrás, em circunstâncias… incomuns. O Pai de Todos não aparece em Valhala desde então.

— Você acha que Sam o matou?

Era uma piada, mas Gunilla pareceu considerar a possibilidade.

— Acho que Samirah jamais deveria ter sido escolhida como valquíria. Na minha opinião ela está a serviço do pai, para espionar e sabotar. Expulsá-la de Valhala foi a melhor coisa que eu fiz.

— Uau.

— Magnus, você não conhece aquela garota. Outro filho de Loki já esteve aqui. Ele… não era o que parecia. Ele… — Gunilla hesitou. Sua expressão revelava que ela havia sido gravemente magoada. — Não importa. Jurei a mim mesma que não seria enganada de novo. Pretendo atrasar o Ragnarök o máximo possível.

O medo tinha voltado à sua voz. Ela não parecia a filha de um deus da guerra.

— Por quê? — perguntei. — Não é para o Ragnarök que vocês estão treinando? É tipo a grande festa de formatura.

— Você não entende. Venha comigo. Tem uma coisa que preciso mostrar. Vamos pela loja de presentes.

Quando ela disse *loja de presentes*, imaginei um armarinho glorificado vendendo souvenires baratos de Valhala. Mas, na verdade, era uma mistura de loja de departamentos de cinco andares com uma feira de convenções. Passamos por um supermercado, por uma butique com a última moda viking e um outlet da IKEA (óbvio).

A maior parte do piso do showroom era um labirinto de barracas, quiosques e oficinas. Sujeitos barbudos com aventais de couro ficavam em frente às forjas oferecendo amostras de pontas de flechas. Havia mercadores especializados em escudos, lanças, arcos, elmos e canecas (muitas e muitas canecas). Muitas barracas maiores tinham barcos em tamanho real à venda.

Bati no casco de um barco de guerra de dezoito metros.

— Acho que isso não caberia na minha banheira.

— Temos vários lagos e rios em Valhala — explicou Gunilla. — Tem também a Experiência de Rafting em Corredeiras no décimo segundo andar. Todos os einherjar devem saber lutar tanto no mar quanto na terra.

Apontei para uma arena de equitação, onde doze cavalos estavam presos.

— E aquilo? Dá para cavalgar pelos corredores?

— Claro — disse Gunilla. — Somos receptivos aos animais. Mas repare em como temos poucas armas, Magnus. E armaduras.

— Você está brincando, não é? Este lugar tem *milhares* de armas à venda.

— Não o bastante — retrucou Gunilla. — Não para o Ragnarök.

Ela me levou pelo corredor de Badulaques Nórdicos até uma porta grande de ferro com uma placa: SOMENTE PESSOAL AUTORIZADO.

Enfiou uma de suas chaves na fechadura.

— Não mostro isso para muita gente. É perturbador demais.

— Não é outra parede de fogo, é?

— Pior.

Por trás da porta, havia uma escadaria. Depois outra. Depois outra. Quando chegamos ao topo, eu tinha perdido a conta de quantos lances foram. Minhas novas pernas versão einherji estavam tão firmes quanto macarrão cozido.

Finalmente, chegamos a uma varanda estreita.

— Esta — disse Gunilla — é minha vista favorita.

Não consegui responder. Estava ocupado demais tentando não morrer de vertigem.

A varanda contornava a abertura no telhado acima do Salão dos Mortos. Os galhos mais altos da árvore Laeradr projetavam-se sobre ela, formando um domo verde do tamanho do globo do Epcot Center. Dentro, bem lá embaixo, funcionários do hotel corriam entre as mesas como cupins, com os preparativos do jantar.

O telhado de Valhala inclinava-se para baixo a partir da varanda. Era uma estrutura de palha e escudos de ouro brilhando em vermelho no sol do fim de tarde. A sensação era de que eu estava na superfície de um planeta de metal.

— Por que você não mostra isso para as pessoas? É… bem, é intimidante, mas também é lindo.

— Aqui.

Gunilla me levou para um ponto onde era possível olhar para baixo para as duas partes do telhado.

Tive a sensação de que meus globos oculares iam implodir. Lembrei de uma aula de ciências no sexto ano, o professor explicava que a Terra era imensa mas nem se comparava ao sistema solar, que por sua vez era ínfimo em relação à galáxia etc. etc., até que me senti tão insignificante quanto uma manchinha no sovaco de uma pulga.

Ao redor de Valhala, brilhando até o horizonte, havia uma cidade de palácios; cada um tão grande e impressionante quanto o hotel.

— Asgard — disse Gunilla. — O reino dos deuses.

Vi telhados feitos totalmente de lingotes de prata, portas de bronze grandes o bastante para suportar um bombardeiro, torres largas de pedra que chegavam às nuvens. As ruas eram pavimentadas em ouro. Os jardins eram tão grandes quanto o Boston Harbor. E a cidade era rodeada por muralhas brancas que faziam a Grande Muralha da China parecer um cercadinho de bebê.

Até onde eu podia ver, a avenida mais larga da cidade passava por um portão na muralha. Do outro lado, o asfalto se dissolvia em luz multicolorida, uma estrada de fogo prismático.

— Bifrost — disse Gunilla. — A ponte arco-íris que leva de Asgard a Midgard.

Eu já tinha ouvido falar da ponte Bifrost. No meu livro de mitologia, a ponte era retratada como um arco de sete cores pastel com coelhinhos felizes dançando ao redor da base. A ponte que eu via não tinha coelhos felizes. Era apavorante. Estava para um arco-íris assim como um cogumelo estava para uma explosão nuclear.

— Só os deuses podem atravessar — disse Gunilla. — Qualquer outra pessoa pegaria fogo na hora que botasse o pé ali.

— Mas… estamos *em* Asgard?

— Claro. Valhala é um dos salões de Odin. É por isso que, dentro do hotel, os einherjar são imortais.

— Então podemos descer lá e ver os deuses, vender biscoitos de porta em porta e tal?

Gunilla curvou o lábio.

— Mesmo olhando para Asgard, você não tem senso de reverência.

— Não, não tenho.

— Não podemos visitar a cidade dos deuses sem a permissão de Odin, pelo menos até o Ragnarök, quando vamos defender os portões.

— Mas você voa.

— É proibido ir lá. Se tentasse, eu cairia. Você não está entendendo, Magnus. Olha de novo para a cidade. Não consegue perceber nada?

Observei o lugar, tentando enxergar além de toda a prata e ouro e da arquitetura gigantesca e assustadora. Em uma janela, cortinas caras estavam em frangalhos. Nas ruas, braseiros estavam vazios e frios. Em um jardim, a vegetação estava tão alta que cobria as estátuas. As ruas, desertas. Nenhum fogo ardia nas janelas.

— Onde está todo mundo? — perguntei.

— Exatamente. Eu não venderia muito biscoito por lá.

— Você quer dizer que os deuses *foram embora*?

Gunilla se virou para mim, os martelos brilhando no pôr do sol laranja.

— Alguns talvez estejam dormindo. Alguns, vagando pelos nove mundos. Outros ainda aparecem de vez em quando. O fato é que não sabemos o que está acontecendo. Estou em Valhala há quinhentos anos e nunca vi os deuses tão quietos, tão inativos. Os últimos dois anos…

Ela puxou uma folha de um dos galhos de Laeradr.

— Há dois anos, alguma coisa mudou. As valquírias e os lordes sentiram. As barreiras entre os nove mundos começaram a enfraquecer. Invasões dos gigantes do gelo e do fogo a Midgard se tornaram mais frequentes. Monstros de Helheim entraram nos mundos dos vivos. Os deuses ficaram distantes e silenciosos. Isso foi mais ou menos na época em que Samirah se tornou valquíria, a última vez que vimos Odin. Foi também quando sua mãe morreu.

Um corvo sobrevoou o lugar onde estávamos. Em seguida, dois se juntaram a ele. Pensei na minha mãe, ela brincava dizendo que aves de rapina nos seguiam quando estávamos caminhando. *Acham que estamos mortos. Rápido, comece a dançar!*

Naquele momento, não fiquei com vontade de dançar. Queria pegar os martelos de Gunilla e derrubar aqueles pássaros.

— Você acha que essas coisas estão relacionadas? — perguntei.

— Só sei que… não estamos nada preparados para o Ragnarök. Aí, *você* chega. As Nornas dão avisos terríveis, chamam você de Arauto do Lobo. Isso não é bom, Magnus. Samirah al-Abbas talvez estivesse de olho em você por anos, esperando o momento certo de jogá-lo em Valhala.

— *Jogá-lo*?

— Aqueles seus dois amigos na ponte, os que vinham monitorando você desde que virou morador de rua, talvez estivessem trabalhando com ela.

— Você está falando de Blitz e Hearth? Eles são mendigos.

— São mesmo? Não é estranho terem cuidado tão bem de você?

Eu queria mandar aquela garota para Helheim, mas Blitz e Hearth *sempre* pareceram meio… incomuns. Por outro lado, quando se mora nas ruas, a definição de comum fica meio indefinida.

Gunilla segurou meu braço.

— Magnus, a princípio, não acreditei, mas se *era* Surt na ponte, se você encontrou *mesmo* a Espada do Verão… está sendo usado por forças do mal. Se Samirah al-Abbas quer que você pegue a espada, é exatamente isso o que você *não* pode fazer. Fique em Valhala. Deixe que os lordes lidem com essa profecia. Se prometer que vai fazer isso, eu intercederei a seu favor. Vou convencer os lordes de que você é de confiança.

— Senão?

— Só direi uma coisa: até amanhã de manhã, os lordes vão anunciar a decisão sobre seu destino. Se *não* pudermos confiar em você, vamos ter que tomar certas precauções. Temos que saber de que lado você está.

Olhei para as ruas douradas vazias. Pensei em Samirah al-Abbas me arrastando pelo abismo frio, colocando a carreira em risco porque achava que eu era valente. *Você tem potencial, Magnus Chase.* Não *prove que estou errada.* Depois, foi vaporizada no salão de banquete graças à filmagem editada de Gunilla.

Puxei o braço.

— Você disse que Frey é o terreno intermediário entre fogo e gelo. Talvez a questão aqui não seja escolher lados. Talvez eu não queira escolher um extremo.

A expressão de Gunilla ficou sombria como uma tempestade.

— Posso ser uma inimiga poderosa, Magnus Chase. Só vou avisar uma vez: se seguir os planos de Loki, se antecipar o Ragnarök, vou destruir você.

Tentei encará-la e ignorar meu coração pulando no peito.

— Pode deixar.

Abaixo de nós, a corneta do jantar ecoou pelo salão de banquete.

— O passeio acabou — anunciou Gunilla. — Daqui pra frente, Magnus Chase, você segue sozinho.

Ela pulou da varanda e voou pelos galhos, me deixando ali para encontrar o caminho. Sem GPS.

VINTE E DOIS

Meus amigos caem de uma árvore

FELIZMENTE, UM BERSERKER simpático me encontrou andando pelo spa no centésimo décimo segundo andar. Ele tinha acabado de fazer as unhas do pé ("Não é porque você mata pessoas que seus pés também devem matar!") e ficou feliz em me guiar até os elevadores.

Quando cheguei ao Salão de Banquete, o jantar já tinha começado. Naveguei na direção de X, que era fácil de encontrar mesmo no meio da multidão, e me juntei aos meus colegas do andar dezenove.

Trocamos histórias sobre a batalha da manhã.

— Eu soube que você usou *álfar seidr*! — disse Mestiço. — Impressionante!

Eu quase tinha esquecido a explosão de energia que derrubou as armas de todo mundo.

— É, hã… o que exatamente é *álfar seidr*?

— Magia de elfos — contou Mallory. — Magia sorrateira dos vanires, truques indignos a um verdadeiro guerreiro. — Ela me deu um soco no braço. — Já estou gostando mais de você.

Tentei dar um sorriso, mas não sabia bem como tinha conseguido fazer magia élfica. Até onde sabia, eu não era um elfo. Pensei na minha resistência a temperaturas extremas e como curei Gunilla no elevador… aquilo também era *álfar seidr*? Talvez fosse por eu ser filho de Frey, embora não entendesse qual era a relação dos poderes.

T.J. me elogiou por tomar o cume da colina. X me elogiou por ficar vivo por mais de cinco minutos.

Era bom me sentir parte do grupo, mas não prestei muita atenção à conversa. Minha cabeça ainda estava zumbindo por causa da visita guiada com Gunilla e do sonho com Loki no trono de Odin.

Na mesa principal, Gunilla de vez em quando murmurava alguma coisa para Helgi, e o gerente olhava de cara feia para mim. Fiquei esperando que me chamasse e me mandasse descascar uvas com Hunding, mas acho que ele estava pensando em alguma punição melhor.

Amanhã de manhã, avisara Gunilla, *vamos ter que tomar certas precauções.*

Ao fim do jantar, dois novatos foram receber as boas-vindas a Valhala. Os vídeos deles eram apropriadamente heroicos. Nenhuma Norna apareceu. Nenhuma valquíria foi banida em desgraça. Nenhuma bunda foi atingida por flechas de plástico.

Conforme a multidão foi saindo do Salão de Banquete, T.J. me deu um tapa no ombro.

— Descanse um pouco. Amanhã teremos outra morte gloriosa!

— Viva… — falei.

No quarto, não consegui dormir. Passei horas andando de um lado para outro como um animal enjaulado. Estava ansioso para o julgamento dos lordes de manhã. Já tinha visto o quanto eram justos quando exilaram Sam.

Mas que escolha eu tinha? Sair me esgueirando pelo hotel, abrindo portas aleatoriamente, torcendo para encontrar uma que me levasse de volta a Boston? Mesmo que conseguisse, não havia garantia de que eu teria permissão de voltar para minha vida luxuosa de mendigo. Gunilla ou Surt ou algum outro monstro nórdico poderia me encontrar de novo.

Temos que saber de que lado você está, dissera Gunilla.

Eu estava do *meu* lado. Não queria me meter nessa história de Juízo Final viking, mas alguma coisa me dizia que já era tarde demais. Minha mãe tinha morrido dois anos antes, por volta da mesma época em que um bando de outras coisas ruins estava acontecendo nos nove mundos. Com a minha sorte, devia haver uma ligação. Se eu queria justiça para minha mãe — se queria descobrir o que aconteceu com ela —, não podia voltar a me esconder debaixo de uma ponte.

Mas também não podia ficar em Valhala, tendo aulas de sueco e vendo apresentações de PowerPoint sobre como matar trolls.

Por volta das cinco da manhã, desisti de tentar dormir. Fui até o banheiro lavar o rosto. Havia toalhas limpas penduradas no suporte. O buraco na parede tinha sumido. Eu me perguntei se foi consertado por magia ou se os lordes deram como punição para algum pobre coitado a tarefa de fazer isso. Talvez amanhã fosse eu quem estivesse consertando buracos na parede.

Andei até o átrio e olhei para as estrelas em meio aos galhos das árvores. Eu me perguntei para que céu estava olhando, para que mundo, que constelações.

Os galhos balançaram. Uma forma escura humanoide despencou da árvore. Caiu aos meus pés com um baque horrível.

— AI! — gritou ele. — Gravidade idiota!

Meu velho amigo Blitz estava caído de costas, gemendo e segurando o braço esquerdo.

Uma segunda pessoa pousou de leve na grama: Hearth, vestido com as roupas pretas de couro e o cachecol listrado de sempre. Ele fez um sinal: *Oi*.

Eu olhei para eles.

— O que vocês…? Como vocês…?

Então sorri. Nunca fiquei tão feliz em ver alguém.

— Braço! — gritou Blitz. — Quebrado!

— Certo. — Eu me ajoelhei e tentei me concentrar. — Talvez eu consiga curar isso.

— *Talvez*?

— Espere… o que aconteceu com você e suas roupas?

— Você está perguntando sobre minhas *roupas*?

— É, tipo isso.

Eu nunca tinha visto Blitz tão arrumado. O cabelo caótico estava lavado e penteado para trás. A barba fora aparada. A monocelha tinha sido depilada. Só o nariz em zigue-zague não tinha sido cosmeticamente corrigido.

Quanto às roupas, ele aparentemente havia roubado várias butiques chiques da rua Newbury. As botas eram de couro de crocodilo. O terno preto de lã era cortado de forma a se ajustar ao corpo robusto de um metro e sessenta de altura e combinava bem com sua pele escura. Por baixo do paletó, ele usava um colete estampado grafite com um relógio de bolso dourado, uma camisa turquesa e uma gravata de cordão. Blitz parecia um caubói caçador de recompensas afro-americano baixinho e muito elegante.

Hearth bateu palmas para chamar minha atenção. Ele sinalizou: *Braço. Conserta?*

— Certo. Desculpe.

Toquei o antebraço de Blitz com delicadeza. Consegui sentir a fratura por baixo da pele. Desejei que se consertasse. *Clique*. Ele deu um berro quando o osso voltou para o lugar.

— Experimente agora.

Blitz moveu o braço. A expressão dele mudou de dor para surpresa.

— Deu certo mesmo!

Hearth parecia ainda mais chocado. Ele sinalizou: *Magia? Como?*

— Também gostaria de saber — falei. — Rapazes, não me entendam mal, estou muito feliz em ver vocês, mas por que estão caindo das minhas árvores?

— Garoto — falou Blitz —, nas últimas vinte e quatro horas, andamos por toda a Árvore do Mundo procurando por você. Achamos que tínhamos encontrado o quarto certo ontem à noite, mas…

— Acho que talvez tenham encontrado mesmo — interrompi. — Antes do amanhecer, ouvi alguém andando pelos galhos.

Blitz se virou para Hearth.

— Eu *falei* que era o quarto certo!

Hearth revirou os olhos e fez sinais rápidos demais para eu conseguir ler.

— Ah, por favor — respondeu Blitz. — Sua ideia, minha ideia, não importa. A questão é que estamos aqui e que Magnus está vivo! Bem… tecnicamente, está morto. Mas está vivo. O que quer dizer que o chefe talvez não mate a gente!

— O chefe? — perguntei.

Blitz ficou com um tique nos olhos.

— É. Temos uma confissão a fazer.

— Vocês não são mendigos de verdade. Ontem à noite, um dos lordes viu vocês em um vídeo e…

Vídeo?, disse Hearth em linguagem de sinais.

— É. Visão das Valquírias. Enfim, esse lorde chamou vocês de anão e elfo. Imagino que — apontei para Blitz — você seja o anão?

— Típico — resmungou ele. — Você supõe que eu seja o anão porque sou baixo.

— Então você não é o anão?

Ele suspirou.

— É. Eu sou o anão.

— E você é…

Olhei para Hearth, mas não consegui falar em voz alta. Andei com aquele cara durante dois anos. Ele me ensinou palavrões em linguagem de sinais. Nós comemos burritos tirados de latas de lixo. Que tipo de elfo faz isso?

E-L-F-O. Hearth fez um sinal para cada letra. *Às vezes, é escrito Á-L-F-A-R.*

— Mas… vocês não são tão diferentes dos humanos.

— Na verdade — disse Blitz —, são os humanos que não são tão diferentes de nós.

— Não consigo acreditar que estou tendo essa conversa, mas você não é *tão* pequeno. Tipo, para um anão. Dá para se passar por um humano baixinho.

— E é o que tenho feito por dois anos. Existem anões de tamanhos diferentes, assim como os humanos. Por acaso, sou um *svartalfar*.

— Um smartphone elfo?

— Ah! Limpe os ouvidos, garoto. Um svartalfar. Quer dizer elfo negro. Sou de Svartalfaheim.

— Hã, pensei que você tivesse acabado de dizer que é um anão.

— Elfos negros não são elfos. É… Como se chama? Um termo impróprio. Somos um subgrupo dos anões.

— Ah, isso esclarece muita coisa.

Hearth abriu um leve sorriso, o que, para ele, era o equivalente a rolar no chão de tanto rir. Ele sinalizou: *smartphone elfo*.

Blitz o ignorou.

— Svartalfar costumam ser mais altos do que a média dos anões de Nídavellir. Além do mais, somos bem mais bonitos. Mas isso não é importante agora. Hearthstone e eu estamos aqui para ajudar você.

— Hearthstone?

Hearth assentiu. *Meu nome completo. O dele é B-L-I-T-Z-E-N.*

— Garoto, não temos muito tempo. Passamos os últimos dois anos de olho em você para mantê-lo em segurança.

— Para o seu chefe.

— Exato.

— E quem é ele?

— Isso é… confidencial. Mas é um dos mocinhos. É o chefe de uma organização dedicada a atrasar o Ragnarök o máximo possível. E você, meu amigo, é seu projeto mais importante.

— Então, é só um palpite, mas… vocês estão trabalhando para Loki?

Blitzen ficou ultrajado. Hearth sinalizou um dos palavrões que tinha me ensinado.

— Isso foi desnecessário, garoto. — Blitzen parecia mesmo magoado. — Eu me vesti como um mendigo todos os dias por dois anos por você. Deixei minha higiene pessoal ir para Helheim. Sabe quanto tempo eu tinha que ficar na banheira de espuma todas as manhãs para tirar o *cheiro*?

— Desculpe. Então… vocês estão trabalhando com Samirah, a valquíria?

Hearthstone fez outro sinal de palavrão. *A que levou você? Não. Ela tornou as coisas mais difíceis para nós.*

Na verdade, os sinais estavam mais para: *ELA. LEVOU. VOCÊ. TORNOU. DIFÍCIL. NÓS.* Mas eu já estava ótimo em interpretação.

— Você não devia ter morrido, garoto — disse Blitzen. — Nosso trabalho era proteger você. Mas agora… bem, você é um einherji. Talvez ainda possamos fazer isso dar certo. Temos que tirar você daqui. Temos que encontrar a espada.

— Tudo bem.

— Não discuta comigo — disse Blitzen. — Sei que você está gostando do paraíso dos guerreiros e que tudo é muito novo e empolgante…

— Blitz, vamos logo.

O anão olhou para mim sem entender.

— Mas eu tinha o discurso todo preparado.

— Não precisa. Eu confio em vocês.

Sabem o que era estranho? Eu estava falando a verdade.

Talvez Blitzen e Hearthstone fossem stalkers profissionais que estavam de olho em mim para uma organização secreta anti-Ragnarök. Talvez a ideia deles de me proteger envolvesse atacar o lorde dos gigantes do fogo com brinquedos de plástico baratos. Talvez os dois nem fossem da mesma espécie que eu.

Mas eles ficaram comigo quando eu estava na rua. Eram meus melhores amigos. Sim… minha vida era esquisita assim.

— Muito bem, então. — Blitzen limpou a grama do colete. — Vamos voltar pela Árvore do Mundo antes que…

De algum ponto lá em cima, um *au!* explosivo reverberou pelo quarto. Parecia um boston terrier raivoso de mais de dois mil e quinhentos quilos se engasgando com um osso de mamute.

Hearthstone arregalou os olhos. O som foi tão alto que ele devia ter sentido as vibrações pelos sapatos.

— Pelos deuses! — Blitzen agarrou meu braço. Junto com Hearthstone, ele me puxou para longe do átrio. — Garoto, me diga que sabe outro caminho para sairmos do hotel. Porque nós

não vamos pela árvore.

Outro *au!* sacudiu o quarto. Galhos partidos caíram no chão.

— O q-que tem lá em cima? — perguntei, com os joelhos bambos. Pensei na profecia das Nornas, que me chamou de arauto do mal. — É… o Lobo?

— Ah, muito pior — respondeu Blitzen. — É o Esquilo.

VINTE E TRÊS

Eu me reciclo

QUANDO ALGUÉM DIZ: *É o Esquilo*, você não faz perguntas. Só corre. O latido já me deixou suficientemente apavorado.

Peguei a espada fornecida pelo hotel antes de sair do quarto. Como ainda usava o pijama de seda verde de Valhala, eu duvidava que fosse precisar dela. Se tivesse que lutar com alguém, a pessoa morreria de rir antes mesmo de eu sacar a espada.

Saímos para o corredor e encontramos T.J. e Mallory, com cara de sono e vestidos apressadamente.

— Que som foi aquele? — Mallory me olhou com irritação. — Por que um anão e um elfo estavam no seu quarto?

— ESQUILO! — gritou Blitzen, batendo a porta do meu quarto.

Hearth disse a mesma coisa em linguagem de sinais, um gesto perturbador que parecia um par de mandíbulas triturando carne.

T.J. parecia ter levado um tapa na cara.

— Magnus, o que você fez?

— Eu preciso sair do hotel. *Agora.* Por favor, não nos impeçam.

Mallory falou um palavrão no que devia ser gaélico. Nosso pequeno grupo era uma genuína Organização em Prol dos Palavrões.

— Nós não vamos impedir você — disse ela. — Isso vai nos fazer trabalhar na lavanderia por décadas, mas vamos ajudar.

Eu a encarei.

— Por quê? Você me conhece há menos de um dia.

— O bastante para saber que você é um idiota — resmungou ela.

— O que Mallory está tentando dizer — explicou T.J. — é que colegas de corredor sempre se ajudam. Vamos ajudar na sua fuga.

A porta do meu quarto tremeu. Rachaduras surgiram na placa com o meu nome. Uma lança decorativa caiu da parede do corredor.

— X! — chamou T.J. — Precisamos de ajuda!

A porta do meio troll explodiu nas dobradiças. X marchou até o corredor como se estivesse de pé do lado de dentro, pronto para a ação.

— Chamou?

T.J apontou.

— A porta de Magnus. Esquilo.

— Tudo bem.

X foi até lá e escorou a porta com as costas. Ela balançou de novo, mas X segurou com firmeza. Um latido furioso ecoou lá de dentro.

Mestiço Gunderson saiu cambaleando do quarto, usando apenas uma cueca boxer com carinhas felizes e segurando os machados de lâmina dupla.

— O que está acontecendo? — Ele olhou de cara feia para Blitz e Hearth. — Devo matar o anão e o elfo?

— Não! — gritou Blitzen. — Não mate o anão e o elfo!

— Eles estão comigo — falei. — Estamos de saída.

— Esquilo — explicou T.J.

As sobrancelhas peludas de Mestiço se arquearam.

— Esquilo, tipo, *esquilo* esquilo?

— *Esquilo* esquilo — concordou Mallory. — E estou cercada de imbecis *imbecis*.

Um corvo surgiu voando pelo corredor. Pousou no suporte de luz mais próximo e grasniu para mim de forma acusatória.

— Ah, que ótimo. — Mallory fez uma careta. — Os corvos sentiram a invasão dos seus amigos. Isso quer dizer que as valquírias devem estar chegando.

Da direção dos elevadores, alguns uivos soaram no ar.

— E esses são os lobos de Odin — disse Mestiço. — São muito simpáticos se você não estiver invadindo nem saindo do hotel sem permissão. Se for esse o caso, eles fazem picadinho de você.

Um gritinho nada masculino começou a subir pela minha garganta. Eu conseguia aceitar ser morto por um esquilo, por um exército de valquírias ou até por outra machadada na testa, mas não por lobos. Minhas pernas ameaçaram virar gelatina.

— Blitz e Hearth — minha voz estava trêmula —, tem algum alarme que vocês *não* dispararam?

Não é justo, sinalizou Hearth. *Nós evitamos as minas nas árvores.*

— Minas nas árvores?

Eu não sabia se tinha entendido direito.

Mestiço Gunderson ergueu o machado.

— Vou atrapalhar os lobos. Boa sorte, Magnus!

Ele saiu correndo pelo corredor gritando “MORRAM!” enquanto as carinhas felizes tremiam na cueca boxer.

O rosto de Mallory ficou vermelho, mas eu não sabia se de constrangimento ou satisfação.

— Vou ficar com X para o caso de o esquilo conseguir passar — disse ela. — T.J., leve-os para a reciclagem.

— Está bem.

— *Reciclagem?* — perguntou Blitz.

Mallory puxou a espada.

— Magnus, não posso dizer que foi um prazer. Você é um pé no *nári*. Agora, dê o fora.

A porta do meu quarto balançou de novo. Reboco caiu do teto.

— O esquilo é forte — resmungou X. — Andem logo.

T.J. prendeu a baioneta.

— Vamos.

Ele nos levou pelo corredor, com a jaqueta azul da União por cima do pijama. Tive a sensação de que ele dormia com aquela jaqueta. Atrás de nós, lobos uivaram e Mestiço Gunderson berrou algo em nórdico arcaico.

Enquanto corríamos, alguns einherjar abriram as portas para ver o que estava acontecendo. Quando viam T.J. com a baioneta, voltavam para dentro.

Esquerda, direita, direita, esquerda… perdi a conta de quantas vezes viramos em um corredor. Outro corvo passou voando e grasnindo com irritação. Tentei dar um tapa nele.

— Não faça isso — avisou T.J. — Eles são sagrados para Odin.

Estávamos passando por uma bifurcação no corredor quando uma voz gritou:

— MAGNUS!

Cometi o erro de olhar.

À nossa esquerda, a uns quinze metros, estava Gunilla usando armadura completa e segurando um machado em cada mão.

— Se der mais um passo — rosnou ela —, vou acabar com você.

T.J. olhou para mim.

— Vocês três, continuem. Na próxima virada à direita, tem um duto com uma placa de “reciclagem”. Pulem lá dentro.

— Mas…

— Não dá tempo. — T.J. sorriu. — Mate alguns rebeldes por mim, ou monstros, tanto faz.

Ele apontou o rifle para a valquíria e gritou:

— Pela cinquenta e quatro de Massachusetts!

E atacou. Hearth segurou meu braço e me puxou. Blitz encontrou o duto de reciclagem e o abriu.

— VAI, VAI!

Hearthstone mergulhou de cabeça.

— Agora você, garoto — disse o anão.

Hesitei. O cheiro que vinha do duto lembrava meus dias de mergulhar em caçambas de lixo. De repente, os confortos do Hotel Valhala não me pareceram tão ruins.

Então mais lobos uivaram, desta vez mais perto, e eu me reciclei.

VINTE E QUATRO

Vocês só tinham um trabalho

O CASO É que Valhala vinha mandando o lixo para reciclagem na base do rebatedor no estádio de beisebol Fenway, o que podia explicar qualquer problema que o Red Sox estivesse tendo com o ataque.

Hearthstone já estava quase de pé quando caí em cima dele, derrubando-o de novo. Blitzen, por sua vez, caiu em cima de mim antes que eu pudesse me levantar também. Eu o empurrei e rolei para o lado, caso mais alguém decidisse cair do céu.

Eu me levantei.

— Por que estamos no parque Fenway?

— Não me pergunte. — Blitzen suspirou, lamentoso. O belo terno de lã parecia ter passado pelo trato digestivo de uma lesma. — As portas de entrada e saída de Valhala são famosas por funcionarem mal. Pelo menos, estamos em Midgard.

Ao redor, havia fileiras de arquibancadas vermelhas vazias e silenciosas, desconfortavelmente parecidas com o Salão de Banquete dos Mortos antes de os einherjar entrarem. O chão do campo estava coberto por pedaços de lona congelados que estalavam sob meus pés.

Deviam ser umas seis da manhã. O céu ao leste estava começando a ficar cinza. Minha respiração soltava fumaça.

— Do que estávamos fugindo? — perguntei. — Que tipo de esquilo mutante…

— Ratatosk — disse Blitz. — A praga da Árvore do Mundo. Qualquer pessoa que ousa subir nos galhos da Yggdrasill mais cedo ou mais tarde precisa encarar o monstro. Considere-se com sorte por termos escapado.

Hearthstone apontou para o amanhecer. Gesticulou: *Sol. Ruim para Blitzen.*

Blitz apertou os olhos.

— Você está certo. Depois daquela história na ponte, não consigo mais suportar exposição direta.

— Como assim? — Olhei com mais atenção para o rosto dele. — Você está ficando cinza?

Blitzen desviou o olhar, mas não havia dúvida. As bochechas tinham clareado, estavam cor de argila molhada.

— Garoto, talvez tenha reparado que nunca ando muito com você durante o dia.

— Eu… É. Parecia que Hearth pegava o turno do dia. E você, o da noite.

— Exatamente. Anões são criaturas subterrâneas. A luz do sol é mortal para nós. Mas saiba que não tanto quanto é para os trolls. Consigo aguentar um pouco, mas, se ficar ao ar livre por muito tempo, eu começo a… hã, petrificar.

Lembrei da luta na ponte Longfellow. Blitzen estava usando chapéu de aba larga, sobretudo, luvas e óculos de sol, uma combinação estranha, principalmente com a placa de ABRA CAMINHO PARA OS PATOS.

— Então se você estiver coberto, não tem problema?

— Ajuda um pouco. Roupas grossas, protetor solar, essas coisas. Mas, no momento — apontou para as próprias roupas —, não estou preparado. Deixei meu suprimento em algum lugar da Árvore do Mundo.

Hearthstone gesticulou: *Depois da ponte, as pernas dele viraram pedra. Só voltou a andar à noite.*

Um caroço se formou na minha garganta. A tentativa de Blitz e Hearth de me proteger na ponte Longfellow tinha sido bem ridícula, mas eles *tentaram*. Blitzen arriscou a vida só de estar na rua de dia.

Por mais que eu tivesse perguntas a fazer, por mais confusa que minha vida (morte?) estivesse no momento, saber que Blitzen estava em perigo de novo por minha causa redefiniu minhas prioridades.

— Vamos levar você para algum lugar escuro — falei.

A opção mais simples era o Monstro Verde, o famoso muro da altura de quatro andares para bloquear a passagem de bolas à esquerda do campo. Eu já tinha ficado atrás dele uma vez em um passeio da escola; se não me engano, no primeiro ano. Lembrava que havia portas de serviço debaixo do placar.

Quando encontrei uma destrancada, nós entramos.

Não havia muita coisa, só andaimes de metal, cartões verdes com números pendurados nas paredes e as costelas de concreto do estádio tatuadas com cem anos de pichações. Mas o lugar tinha uma característica importante: era escuro.

Blitzen se sentou em uma pilha de esteiras e tirou as botas. As meias dele tinham estampa cinza e combinavam com o colete.

Isso me impressionou tanto quanto qualquer outra coisa que encontrei em Valhala.

— Blitz, que roupa é essa? Você parece tão… elegante.

Ele estufou o peito.

— Obrigado, Magnus. Não foi fácil me vestir de mendigo por dois anos. Sem querer ofender, claro.

— Claro.

— É assim que costumo me vestir. Eu me preocupo muito com minha aparência. Admito que sou meio aficionado por moda.

Hearth fez um barulho estranho, algo entre um espirro e um ronco, e gesticulou: *Meio?*

— Ah, cala a boca — resmungou Blitz. — Quem comprou esse cachecol para você, hein? — Ele se virou para mim em busca de apoio. — Falei para Hearth que ele precisava de um toque de cor. Aquelas roupas pretas. O cabelo louro platinado. O cachecol vermelho listrado dá um toque de ousadia, você não acha?

— Hã… claro. Desde que *eu* não precise usar. Nem as meias estampadas.

— Não seja bobo. Tecido estampado não cairia bem em você. — Blitz franziu a testa para a bota. — Do que estávamos falando mesmo?

— Que tal falarmos sobre vocês estarem me vigiando por dois anos?

Hearth disse: *Já falamos. O chefe.*

— Não é Loki — concluí. — Então é Odin?

Blitz riu.

— Não. O Capo é ainda mais inteligente que Odin. Gosta de ficar nos bastidores, anônimo. Ele nos mandou vigiar e, hã — pigarreou —, manter você vivo.

— Ah.

— É. Nós tínhamos um trabalho para fazer. E falhamos. "Mantenham-no vivo", disse o Capo. "Fiquem de olho nele. Protejam-no, se necessário, mas não interfiram em suas escolhas. Ele é importante para o plano."

— O plano.

— O Capo sabe das coisas. Do futuro, por exemplo. Ele faz o máximo possível para guiar os eventos na direção certa, para impedir que os nove mundos virem um caos e explodam.

— Parece um bom plano.

— Ele nos disse que você era filho de Frey. Não entrou em detalhes, mas foi enfático: você era importante, tinha que ser protegido. Quando você morreu… bem, que bom que o encontramos em Valhala. Talvez nem tudo esteja perdido. Agora, precisamos nos reportar ao Capo e receber novas instruções.

Hearthstone disse: *E torcer para ele não nos matar.*

— Isso também. — Blitzen não pareceu muito otimista. — A questão, Magnus, é que, até falarmos com o chefe, não posso dar muitos detalhes.

— Apesar de eu ser importante para o plano.

É por isso que não podemos, gesticulou Hearth.

— E o que aconteceu depois que eu caí da ponte? Isso vocês podem me contar?

Blitz tirou uma folha da barba.

— Ah, Surt desapareceu na água com você.

— *Era* Surt.

— Era, sim. E tenho que dizer, você fez um bom trabalho. Um mortal derrotando o lorde dos gigantes do fogo? Mesmo que você tenha morrido fazendo isso, foi impressionante.

— Então… eu o matei?

Não deu tanta sorte, gesticulou Hearth.

— É — concordou Blitz. — Mas gigantes do fogo na verdade não se dão muito bem com água gelada. Imagino que o impacto o tenha jogado de volta para Muspellheim. E cortar o nariz dele… foi brilhante. Ele vai demorar até recuperar força suficiente para viajar entre mundos.

Alguns dias, supôs Hearth.

— Talvez mais — retrucou Blitz.

Fiquei olhando para eles, dois não humanos discutindo a mecânica de viajar entre mundos como se discutissem o tempo necessário para se consertar um carburador.

— Vocês obviamente escaparam — comentei. — E Randolph?

Hearthstone franziu o nariz. *Seu tio. Irritante, mas está bem.*

— Garoto, você salvou muitas vidas — disse Blitzen. — Algumas pessoas ficaram feridas, houve muito estrago, mas ninguém morreu… hã, só você. Na última vez que Surt visitou Midgard, as coisas não foram tão bem.

Grande incêndio de Chicago, disse Hearth.

— É — continuou Blitz. — De qualquer modo, as explosões de Boston foram parar no noticiário. Os humanos ainda estão investigando. Especulam que os danos tenham sido causados por meteoros.

Lembro que também me perguntei isso a princípio. E, depois, se aquilo tudo havia sido obra de Surt.

— Mas dezenas de pessoas viram Surt na ponte! Pelo menos um cara conseguiu filmá-lo.

Blitz deu de ombros.

— Você ficaria impressionado com o que os mortais *não* veem. Não só os humanos. Anões e elfos também deixam passar muita coisa. Além do mais, gigantes são especialistas em *glamour*.

— *Glamour*. Imagino que você não esteja falando de moda.

— Não. Gigantes tem um *péssimo* gosto para roupas. Estou falando no sentido de ilusões. Gigantes são seres mágicos por natureza. Conseguem manipular os seus sentidos sem esforço nenhum. Uma vez, um gigante fez Hearthstone pensar que eu era um javali, e Hearth quase me matou.

Chega da história do javali!, pediu Hearthstone.

— Enfim — disse Blitz —, você caiu no rio e morreu. Os serviços de emergência acharam seu corpo, mas…

— Meu corpo…

Hearthstone tirou um recorte de jornal do bolso da jaqueta e me entregou.

Li meu próprio obituário. Havia minha foto do quinto ano na escola, o cabelo caído nos olhos, meu sorriso desconfortável no estilo *o que estou fazendo aqui*, minha camisa velha dos DROPKICK MURPHYS. O obituário não dizia muito. Nada sobre os dois anos que passei desaparecido, minha vida nas ruas, a morte da minha mãe. Só: *Falecimento prematuro. Deixou dois tios e uma prima. Haverá velório particular*.

— Mas meu corpo está aqui — falei, tocando o peito. — Eu *tenho* um corpo.

— Um corpo novo e melhorado — concordou Blitz, apertando meu bíceps com admiração. — Retiraram seu *velho* corpo do rio. Hearth e eu fizemos nossa própria busca. Não havia sinal de Surt. Pior… não havia sinal da espada. Se não tiver voltado para o fundo do rio…

— Randolph pode ter encontrado?

Hearthstone balançou a cabeça. *Nós o vigiamos. Não está com ele.*

— Então Surt está com a espada — deduzi.

Blitz tremeu.

— Não vamos supor o pior. Ainda há chance de que esteja com seu velho corpo.

— Por que estaria?

Blitz apontou para Hearth.

— Pergunte a ele, o especialista em magia.

É difícil explicar por sinais, gesticulou Hearth. *Uma espada mágica fica com seu dono. Você a reivindicou.*

— Mas… não reivindiquei.

Você a invocou, disse Hearth. *Segurou-a primeiro, antes de Surt. Espero que isso signifique que Surt não a tenha pegado. Não sei por que ela não foi para Valhala.*

— Eu não estava segurando a espada quando caí no rio. Ela escorregou da minha mão.

— Ah. — Blitz assentiu. — Pode ser por isso então. Mesmo assim, ela iria tradicionalmente para o seu túmulo, ou seria queimada na sua pira. Então, há uma boa chance de se materializar ao lado do seu corpo. Precisamos olhar no seu caixão.

Fiquei arrepiado.

— Vocês querem que eu vá ao meu próprio enterro?

Hearth sinalizou: *Não. Vamos antes.*

— De acordo com seu obituário — informou Blitz —, seu corpo está sendo velado hoje em uma capela. O funeral só acontece à noite. Se você for agora, deve encontrar o lugar vazio. O prédio ainda não está aberto, e não vai ter uma fila de gente de luto na porta.

— Muito obrigado.

Blitzen colocou as botas.

— Vou falar com o chefe. No caminho, passo em Svartalfaheim para pegar suprimentos antiluz do sol.

— Você vai passar no mundo dos elfos negros?

— Vou. Não é tão difícil quanto parece. Tenho prática, e Boston fica no centro da Yggdrasill. Viajar entre os mundos é fácil por aqui. Uma vez, Hearth e eu descemos de um meio-fio na praça Kendall e caímos em Niflheim por acidente.

Estava frio, sinalizou Hearth.

— Enquanto eu estiver lá — disse Blitz —, Hearthstone vai levar você até a capela. Encontro vocês… onde?

Na Arlington, na estação de trem, gesticulou Hearth.

— Ótimo. — Blitzen se levantou. — Pegue aquela espada, garoto… e tome cuidado. Fora de Valhala, você pode morrer como qualquer pessoa. A última coisa que queremos ter que explicar para o chefe são *dois* cadáveres de Magnus Chase.

VINTE E CINCO

Meu agente funerário me veste de um jeito engraçado

UMA COISA BOA em ser mendigo: eu sabia onde conseguir roupas de graça.

Hearth e eu passamos por um bazar beneficente em Charlesgate, para eu não ter que andar pela cidade só de pijama. Então lá estava eu usando uma calça jeans desbotada, uma jaqueta camuflada e uma camisa cheia de buracos. Fiquei lindo. Parecia mais do que nunca com Kurt Cobain, mas duvido que ele usasse uma camisa com os dizeres: TOUR PRÉ-ESCOLAR DE ROCK & ROLL DOS WIGGLES! O mais perturbador era fazerem camisas daquele tipo no meu tamanho.

Mostrei a espada do hotel.

— Hearth, o que eu faço com isso? Duvido que a polícia goste de me ver andando por aí com uma espada de noventa centímetros.

Glamour, sinalizou Hearth. *Prenda no seu cinto.*

Assim que o fiz, a arma encolheu e derreteu até virar uma corrente, que estava só um pouco menos na moda do que a camisa dos Wiggles.

— Ótimo — falei. — Agora minha humilhação está completa.

Ainda é uma espada, sinalizou Hearth. *Os mortais não veem coisas mágicas muito bem. Entre o Gelo e o Fogo há a Névoa, G-i-n-n-u-n-g-a-g-a-p. Obscurece as aparências. Difícil explicar por sinais.*

— Tudo bem.

Eu me lembrei do que Gunilla me contou sobre os mundos se formando entre gelo e fogo e que Frey representava a zona intermediária entre os dois. Mas, aparentemente, os filhos de Frey não herdavam uma compreensão inata do que diabo isso queria dizer.

Li meu obituário de novo para pegar o endereço da capela.

— Vamos prestar nossas homenagens a mim.

Foi uma caminhada longa e fria. A temperatura não me incomodou, mas Hearth tremia dentro da jaqueta de couro. Os lábios estavam rachados e descascando. O nariz escorria. De todos os livros e filmes de fantasia que devorei quando era mais novo, eu tinha a impressão de que os

elfos eram criaturas nobres e de beleza sobrenatural. Hearthstone parecia mais um universitário anêmico que não comia havia algumas semanas.

Mesmo assim… comecei a reparar em detalhes inumanos nele. As pupilas eram estranhamente reflexivas, como as de um gato. Por baixo da pele pálida, as veias eram mais esverdeadas do que azuladas. E, apesar da aparência desgrenhada, ele não fedia como um sem-teto normal, nem a cecê, nem a álcool, nem a sujeira. Ele tinha cheiro de pinheiro e madeira queimada. Como eu não havia percebido isso antes?

Eu queria perguntar sobre os elfos, mas andar e fazer sinais não funcionava muito bem. E Hearth não conseguia ler lábios em movimento. Eu meio que gostava disso, na verdade. Não dava para ser multitarefa quando se falava com ele. O diálogo exigia cem por cento de concentração. Se todas as conversas fossem assim, eu imaginava que as pessoas não diriam tanto lixo.

Estávamos passando pela praça Copley quando ele me puxou para a entrada de um prédio comercial.

Gómez, sinalizou ele. *Espere.*

Gómez era um policial de patrulha que nos conhecia de longe. Ele não sabia meu nome real, mas, se tivesse visto uma foto recente minha no noticiário, eu teria dificuldade para explicar por que não estava morto. Além do mais, Gómez não era um cara muito simpático.

Bati no ombro de Hearth para chamar a atenção dele.

— Como é… o lugar onde você nasceu?

A expressão de Hearth ficou séria. *Álfaheim não é tão diferente daqui. É mais iluminado. Não tem noite.*

— Não tem noite, tipo, *nunca*?

Não tem noite. A primeira vez que vi um pôr do sol…

Ele hesitou, mas posicionou as mãos na frente do peito como se estivesse tendo um ataque cardíaco: o sinal de *medo.*

Tentei imaginar como era viver em um mundo em que sempre era dia, e então ver o sol desaparecer em meio a luzes tons de sangue no horizonte.

— Isso seria assustador — concluí. — Mas os elfos não têm coisas das quais os *humanos* teriam medo? Tipo… *álfar seidr*?

Uma luz surgiu nos olhos de Hearth. *Como você conhece esse termo?*

— Hã… ontem, no campo de batalha, alguém falou. — Contei para ele a explosão que derrubou as armas de todo mundo. — Quando curei o braço de Blitz, e quando entrei naquela parede de chamas na ponte Longfellow… eu me perguntei se era tudo o mesmo tipo de magia.

Hearth pareceu demorar mais do que o habitual para processar minhas palavras.

Não sei. Os gestos dele estavam menores, mais cuidadosos. Álfar seidr *pode ser muitas coisas, normalmente magia pacífica. Cura. Crescimento. Impedir violência. Não pode ser aprendida.*

Não é como a magia das runas. Ou se tem álfar seidr *no sangue ou não. Você é filho de Frey. Talvez tenha herdado algumas das habilidades.*

— Frey é um elfo?

Hearth balançou a cabeça. *Frey é o lorde de Álfaheim, nosso deus patrono. Os vanires são próximos dos elfos. Eram a fonte de todo* álfar seidr.

— Eram? Os elfos não falam mais com árvores, pássaros e tal?

Hearth grunhiu de irritação. Espiou pela esquina para verificar onde estava o policial.

Álfaheim não é assim, sinalizou ele. *Quase ninguém mais nasce com* álfar seidr. *Ninguém pratica magia. A maioria dos elfos acha que Midgard é um mito. Que humanos vivem em castelos e usam armaduras e calças justas.*

— Talvez uns mil anos atrás.

Hearth assentiu.

Naquela época, nossos mundos interagiam mais. Agora, os dois mundos mudaram muito. Os elfos passam a maior parte do tempo olhando telas, vendo vídeos engraçados de duendes quando deviam estar trabalhando.

Eu não sabia se tinha interpretado os sinais direito (*vídeos de duendes?*), mas Álfaheim parecia tão deprimente quanto Midgard.

— Então você sabe tanto sobre magia quanto eu — afirmei.

Não sei como era antigamente. Mas estou tentando aprender. Abri mão de tudo para tentar.

— O que isso quer dizer?

Ele olhou para a esquina de novo.

Gómez já passou. Vamos.

Eu não sabia se ele não entendera minha pergunta ou se escolhera ignorá-la.

A capela era perto das ruas Washington e Charles, no meio de uma fileira de casinhas que pareciam perdidas entre os novos arranha-céus de concreto e vidro. Um texto no toldo dizia: TWINING & FILHOS SERVIÇOS FUNERÁRIOS.

Um cartaz perto da porta listava os eventos por vir. O primeiro informava: MAGNUS CHASE. A data era hoje, às dez da manhã. A porta estava trancada. As luzes, apagadas.

— Cheguei cedo no meu próprio velório — comentei. — Típico.

Minhas mãos tremiam. A ideia de ver meu cadáver era mais perturbadora do que morrer.

— E aí, invadimos?

Deixe-me tentar uma coisa, sinalizou Hearth.

Do casaco, ele tirou uma bolsinha de couro. O conteúdo tilintou com um barulho familiar.

— Runas — imaginei. — Você sabe usá-las?

Ele deu de ombros, como quem diz: *Vamos descobrir.* Pegou uma pedra e bateu na maçaneta da porta. A tranca estalou. A porta se abriu.

— Legal. Isso funcionaria em qualquer porta?

Hearth guardou a bolsinha. Eu não conseguia decifrar a expressão dele, uma mistura de tristeza e cautela.

Ainda estou aprendendo, sinalizou ele. *Só tentei isso uma vez, quando conheci Blitz.*

— Como vocês dois…?

Hearth me interrompeu com um gesto. *Blitz salvou minha vida. É uma longa história. Vá logo. Vou montar guarda aqui fora. Cadáveres de humanos…* Ele estremeceu e balançou a cabeça.

Era o fim do meu apoio élfico.

Lá dentro, a capela tinha cheiro de flores podres. O tapete vermelho gasto e o revestimento de madeira escura das paredes deixavam o lugar parecendo o interior de um caixão gigantesco. Segui pelo corredor e espiei a primeira sala.

Havia três janelas com vitrais na parede do fundo, fileiras de cadeiras dobráveis viradas para um caixão aberto em uma plataforma. Eu já estava odiando isso. Fui criado sem religião. Sempre me considerei ateu.

Então, é claro que minha punição era descobrir que eu era filho de uma deidade nórdica, ir para uma pós-vida viking e ter um velório de caixão aberto em uma capela brega. Se havia mesmo um Deus Todo-Poderoso lá em cima, um chefão do universo, Ele estava rindo de mim agora.

Na entrada da sala, havia um retrato meu do tamanho de um pôster, cercado de papel crepom preto. Tinham escolhido a mesma foto engraçadinha do anuário da escola de quando estava no quinto ano. Ao lado, em uma mesinha, havia um livro de assinaturas.

Fiquei tentado a pegar a caneta e escrever na primeira linha:

Obrigado por virem ao meu velório! — Magnus

Quem viria, afinal? Tio Randolph? Talvez tio Frederick e Annabeth, se eles ainda estiverem na cidade. Meus antigos colegas de escola de dois anos antes? Até parece. Se a funerária oferecesse comida, talvez alguns dos meus colegas sem-teto aparecessem, mas os únicos de quem eu gostava mesmo eram Blitzen e Hearthstone.

Percebi que estava enrolando. Não sabia quanto tempo ficara de pé na porta da sala. Eu me obriguei a entrar.

Quando vi meu rosto no caixão, quase vomitei.

Não por eu ser *tão* feio assim, mas porque… bem, sabem como é estranho ouvir sua voz gravada? E como pode ser irritante se ver em uma foto em que você acha que não ficou bem? Agora imagine ver seu próprio corpo deitado na sua frente. Era tão real e, ao mesmo tempo, tão *não* eu.

Meu cabelo estava penteado com gel. Meu rosto estava cheio de maquiagem, provavelmente para cobrir os cortes e hematomas. Minha boca estava posicionada em um sorrisinho esquisito que eu jamais daria na vida real. Eu estava usando um terno de aparência barata azul com uma

gravata também azul. Eu odiava azul. Minhas mãos estavam unidas sobre a barriga, escondendo o ponto em que fui perfurado por uma bola de asfalto derretido.

— Não, não, não.

Eu me apoiei na lateral do caixão.

A sensação de que aquilo estava *errado* fez parecer que minhas entranhas estavam queimando de novo.

Sempre tive uma imagem do que aconteceria com meu corpo depois que eu morresse. Não era aquilo. Minha mãe e eu tínhamos um pacto, que pode parecer bizarro, mas não era. Ela me fez prometer que, quando morresse, eu mandaria cremá-la. Eu espalharia as cinzas dela no bosque de Blue Hills. Se eu morresse primeiro, ela prometeu que faria o mesmo por mim. Nenhum de nós gostava da ideia de ser embalsamado, transformado em uma exposição e enterrado em uma caixa. Nós queríamos estar sob o sol e o ar fresco e apenas desaparecer.

Não pude cumprir minha promessa para minha mãe. Agora, estava tendo exatamente o tipo de velório que eu não queria.

Meus olhos lacrimejaram.

— Sinto muito, mãe.

Tive vontade de derrubar o caixão. Tive vontade de botar fogo na capela. Mas eu tinha um trabalho a fazer. *A espada.*

Se estava no caixão, não estava visível. Prendi a respiração e enfiei a mão no forro lateral, como se estivesse procurando umas moedas. Nada.

Achando que a espada poderia estar escondida por *glamour*, estiquei o braço para tentar sentir a presença dela no caixão como fiz na ponte Longfellow. Nenhum calor. Nenhum zumbido.

A única outra opção era verificar debaixo do corpo.

Olhei para o Magnus 1.0.

— Desculpa aí, cara.

Tentei dizer para mim mesmo que o cadáver era um objeto inanimado, como um espantalho. Não uma pessoa real. E, certamente, não era eu.

Eu o rolei para o lado. O corpo era mais pesado do que eu imaginava.

Nada além de alfinetes prendendo o paletó. Uma etiqueta no forro dizia 50% CETIM, 50% POLIÉSTER, PRODUZIDO EM TAIWAN.

Coloquei meu corpo no lugar. O cabelo do Magnus morto estava bagunçado agora. O lado esquerdo ficou parecendo uma flor desabrochando. Minhas mãos se soltaram uma da outra, então eu parecia estar mostrando o dedo do meio para todo mundo.

— Bem melhor — concluí. — Agora está mais parecido comigo.

Às minhas costas, uma voz falhada chamou:

— Magnus?

Eu quase pulei para fora da camisa do Wiggles.

De pé na entrada estava minha prima Annabeth.

VINTE E SEIS

Oi, sei que você está morto, mas, se der, me liga

MESMO SE EU não a tivesse visto no parque dois dias antes, ainda assim teria reconhecido Annabeth. O cabelo louro ondulado continuava o mesmo desde quando ela era pequena. Os olhos cinzentos tinham a mesma determinação, como se ela tivesse escolhido um alvo distante e estivesse disposta a ir até ele para destruí-lo. Estava mais bem-vestida do que eu: usava uma jaqueta de esqui, calça preta e botas de cadarço. Mas, se as pessoas nos vissem juntos, poderiam achar que éramos irmãos.

Ela olhou para mim e depois para o caixão. Lentamente, seu choque virou uma frieza calculista.

— Eu sabia. *Sabia* que você não estava morto.

Ela me deu um abraço apertado. Talvez eu já tenha mencionado que não sou muito fã de contato físico, mas, depois de tudo que passei, um abraço da minha prima foi o bastante para me fazer desmoronar.

— É… hã… — Minha voz ficou engasgada. Tentei me soltar da forma mais delicada possível e pisquei para afastar as lágrimas. — É muito bom ver você.

Ela franziu o nariz para o cadáver.

— Vou ter que perguntar? Achei que você estivesse morto, seu bundão.

Não consegui evitar um sorriso. Fazia dez anos que ela não me chamava de bundão. Já estava mais do que na hora.

— É difícil explicar.

— Imaginei. O corpo é falso? Você estava tentando convencer todo mundo?

— Hum… não exatamente. Mas é melhor as pessoas acharem que estou morto. Porque…

Porque estou *morto*, pensei. *Porque fui para Valhala, e agora voltei com um anão e um elfo!* Como eu poderia contar isso?

Olhei para a porta da capela.

— Espere… Quando entrou aqui você passou por um elf… por um cara? Era para o meu amigo estar montando guarda.

— Não. Não tinha ninguém lá fora. A porta estava destrancada.

Meu equilíbrio oscilou.

— Eu devia checar…

— Opa. Não antes de me dar algumas explicações.

— Eu… Sinceramente, não sei nem por onde começar. Estou em uma situação meio perigosa. Não quero envolver você.

— Tarde demais. — Ela cruzou os braços. — E entendo bem de situações perigosas.

Por algum motivo, acreditei nela. Ali estava eu, renascido como superguerreiro de Valhala, e Annabeth ainda me intimidava. A postura, a confiança inabalável… eu conseguia perceber que ela tinha passado por poucas e boas da mesma forma que conseguia identificar quais caras nos abrigos eram os mais perigosos. Não dava para enrolar Annabeth. Mas também não queria arrastá-la para aquela confusão.

— Randolph quase morreu naquela ponte — falei. — Não quero que aconteça nada com você.

Ela riu mas não estava achando graça.

— Randolph… eu juro, vou enfiar aquela bengala dele… Deixa pra lá. Ele não quis explicar por que levou você para a ponte. Ficou falando que você estava em perigo por causa do seu aniversário. Disse que estava tentando ajudar. Alguma coisa sobre a história da nossa família…

— Ele me contou sobre meu pai.

Os olhos de Annabeth ficaram sombrios.

— Você não conhece seu pai.

— É. Mas, aparentemente… — Balancei a cabeça. — Olha, pareceria loucura. Mas… há uma ligação entre o que aconteceu naquela ponte e a morte da minha mãe e… meu pai.

A expressão de Annabeth se transformou: era como se ela tivesse aberto uma janela esperando ver uma piscina mas tivesse encontrado o oceano Pacífico.

— Magnus… ai, deuses.

Ela disse deuses. No plural.

Annabeth caminhou de um lado para outro na frente do meu caixão, as mãos unidas como se estivesse rezando.

— Eu devia ter pensado nisso. Randolph não parava de falar que nossa família era especial, que chamávamos atenção. Mas eu não fazia ideia de que você… — Ela parou e segurou meus ombros. — Me desculpe por não ter percebido antes. Eu poderia ter ajudado você.

— Hum, não sei do que…

— Meu pai vai voltar para a Califórnia hoje, depois do enterro — continuou ela. — Eu ia pegar o trem para Nova York, mas a escola pode esperar. Agora, eu *entendo*. Posso ajudar você, Magnus. Conheço um lugar onde você estará seguro.

Eu me afastei.

Não fazia ideia do que Annabeth sabia, ou do que achava que sabia. Talvez ela tivesse se metido com os nove mundos de alguma forma. Talvez estivesse falando de algo totalmente diferente. Mas cada nervo no meu corpo formigava de desespero quando eu pensava em contar a ela toda a verdade.

Agradeci a preocupação. Dava pra ver que era sincera. Mesmo assim… aquelas palavras: *Conheço um lugar onde você estará seguro*. Nada ativava os instintos de fuga de um menino de rua mais rápido do que ouvir aquilo.

Eu estava tentando pensar em como explicar tudo quando Hearthstone apareceu cambaleando na porta da capela. O olho esquerdo estava inchado e fechado. Ele gesticulou de forma tão frenética que mal consegui entender os sinais: *RÁPIDO. PERIGO.*

Annabeth se virou, seguindo meu olhar.

— Quem…

— É o meu amigo — expliquei. — Tenho mesmo que ir. Olha só, Annabeth… — Segurei as mãos dela. — Tenho que fazer isso sozinho. É como… como uma coisa pessoal…

— Uma missão?

— Eu ia dizer pé no… é, *missão* está bom. Se você quer mesmo me ajudar, apenas finja que não me viu. Mais tarde, quando tudo estiver resolvido, vou procurar você. Vou explicar tudo. Prometo. Agora, tenho que ir.

Ela deu um suspiro trêmulo.

— Magnus, acho mesmo que eu *poderia* ajudar. Mas… — Ela enfiou a mão no bolso do casaco e pegou um pedaço de papel dobrado. — Aprendi do jeito mais difícil que às vezes é preciso recuar e deixar que as pessoas cumpram suas próprias missões, mesmo que sejam pessoas muito queridas. Pelo menos pegue isto.

Desdobrei o papel. Era um dos panfletos com minha foto e a palavra DESAPARECIDO que ela e tio Frederick estavam distribuindo.

— O segundo número é o meu celular. Me ligue. Me avise quando estiver tudo bem, ou se mudar de ideia e…

— Vou ligar. — Dei um beijo na bochecha dela. — Você é demais.

Ela suspirou.

— Você continua um bundão.

— Eu sei. Obrigado. Tchau.

Corri até Hearthstone, que não conseguia nem ficar parado de tão impaciente.

— O que aconteceu? — perguntei. — Onde você estava?

Ele já estava correndo. Segui Hearth para fora da capela, subindo a rua Arlington. Mesmo esbanjando velocidade com minhas pernas novas versão einherji, eu mal conseguia acompanhar. Descobri que os elfos conseguiam correr rápido se quisessem.

Chegamos na escada da estação quando Blitzen estava se aproximando. Reconheci o chapéu de aba larga e o sobretudo da ponte Longfellow. Ele tinha colocado óculos de sol maiores, máscara de esqui, luvas de couro e um cachecol. Carregava uma bolsa preta de lona. O visual era meio *homem invisível indo jogar boliche.*

— Opa, opa, opa! — Blitz segurou Hearth para impedi-lo de cair nos trilhos. — O que aconteceu com seu olho? Vocês encontraram a espada?

— Nem sinal dela — falei, ofegando. — O olho de Hearth… não sei… alguma coisa sobre perigo.

Hearth bateu palmas para chamar nossa atenção.

Nocauteado, disse ele. *Uma garota pulou do segundo andar da capela. Caiu em mim. Acordei no beco.*

— Uma garota na capela? — Fiz cara feia. — Você não está falando de Annabeth? Ela é minha prima.

Ele fez que não com a cabeça. *Não ela. Outra garota. Estava…* As mãos dele congelaram quando ele reparou na bolsa de Blitz.

Hearth deu um passo para trás, balançando a cabeça, incrédulo. *Você veio com ele?* Ele soletrou E-L-E, então eu sabia que não tinha entendido errado.

Blitz levantou a bolsa. O rosto estava ilegível, por causa de toda a proteção contra o sol, mas a voz estava tensa.

— É. Ordens do Capo. Mas vamos por partes. Magnus, sua prima estava na capela?

— Está tudo bem. — Resisti à vontade de perguntar por que havia um *ele* na bolsa de boliche. — Annabeth não vai contar nada.

— Mas… havia *outra* garota lá?

— Eu não vi mais ninguém. Acho que ela deve ter me ouvido entrar e subiu.

O anão se virou para Hearth.

— E foi nessa hora que ela pulou da janela do segundo andar, nocauteou *você* e fugiu?

Hearth assentiu. *Ela só podia estar procurando a espada.*

— Você acha que ela encontrou? — perguntou Blitz.

Hearth fez que não.

— Como pode ter certeza? — perguntei.

Porque ela está bem ali.

Hearth apontou para Boylston. A quatrocentos metros na rua Arlington, andando depressa, havia uma garota de casaco marrom e lenço verde na cabeça. Reconheci o lenço.

O olho inchado de Hearth foi presente de Samirah al-Abbas, minha ex-valquíria.

VINTE E SETE

Vamos jogar frisbee com armas afiadas!

NA EXTREMIDADE NORTE do parque, Sam atravessou a rua Beacon e seguiu para a passarela sobre Storrow Drive.

— Para onde ela está indo? — perguntei.

— Para o rio, obviamente — disse Blitz. — Ela verificou seu corpo na capela…

— Podemos não falar desse jeito?

— Ela não encontrou a espada. Agora, está olhando no rio.

Sam subiu a rampa em espiral para a passarela. Olhou na nossa direção, e tivemos que nos esconder atrás de uma pilha de neve suja. Na temporada turística de verão, seria mais fácil segui-la sem chamar atenção. Agora, as calçadas estavam quase vazias.

Blitzen ajeitou os óculos escuros.

— Não estou gostando disso. Na *melhor* das hipóteses, as valquírias a mandaram, mas…

— Não. Ela foi expulsa.

Contei para eles a história enquanto continuávamos agachados atrás do banco de neve.

Hearth pareceu chocado. O olho inchado tinha ficado da cor de Kermit, o sapo. *Filha de Loki?*, gesticulou ele. *Ela está trabalhando para o pai.*

— Não sei — respondi. — Não consigo acreditar nisso.

Só porque ela salvou você?

Eu não sabia dizer. Talvez não quisesse acreditar que ela estivesse no time do mal. Talvez as palavras de Loki tivessem grudado na minha mente: *Pode ter certeza de que estou do seu lado!*

Apontei para o olho de Hearth e fiz o gesto da letra P de *permissão*? Toquei na pálpebra dele. Uma fagulha de calor passou pela ponta do meu dedo. O hematoma sumiu.

Blitz riu.

— Você está ficando bom nisso, Magnus.

Hearthstone segurou minha mão. Estudou as pontas dos meus dedos como se procurando magia residual.

— Sei lá. — Puxei a mão, meio constrangido. A última coisa que eu queria era ser Magnus Chase, Paramédico Viking. — Estamos perdendo Sam. Vamos.

A ex-valquíria seguiu rio abaixo pela trilha de corrida da Esplanade. Atravessamos a passarela. Abaixo de nós, carros seguiam pelos quebra-molas, buzinando sem parar. A julgar por todos os veículos de construção e as luzes piscando na ponte Longfellow, o trânsito devia ser minha culpa. Minha batalha com Surt tinha fechado a passagem.

Perdemos Sam de vista quando pegamos a rampa em espiral para a Esplanade. Passamos pelo parquinho. Achei que a veríamos em algum ponto do caminho, mas ela tinha desaparecido.

— Ah, mas que ótimo — comentei.

Blitz mancou até a sombra da lanchonete fechada. Parecia estar tendo dificuldade para carregar a bolsa de boliche.

— Você está bem? — perguntei.

— Só as pernas que estão um pouco petrificadas. Nada com que se preocupar.

— Não é o que parece.

Hearth andou de um lado para outro. *Eu queria ter um arco. Poderia ter atirado nela.*

Blitzen balançou a cabeça.

— Fique só na magia, meu amigo.

Os gestos de Hearth estavam bruscos de irritação. *Não consigo ler seus lábios. Com a barba já é ruim, com a máscara então... impossível.*

Blitz colocou a bolsa de boliche no chão e fez sinais enquanto falava.

— Hearth é muito bom com runas. Sabe mais magia de runas do que qualquer mortal vivo.

— Mortal tipo humano? — perguntei.

Blitz riu com deboche.

— Garoto, os humanos não são a única espécie mortal. Estou falando de humanos, anões *e* elfos. Os gigantes não contam, eles são esquisitos. Nem os deuses, claro. Nem os videntes que moram em Valhala. Nunca entendi *o que* eles eram. Mas, entre as três espécies mortais, Hearthstone é o melhor mago! Bem, também é o único, até onde sei. É a primeira pessoa em séculos a dedicar a vida à magia.

Estou ficando vermelho, disse Hearthstone, claramente não ficando vermelho.

— O que quero dizer é que você tem talento de verdade. E mesmo assim quer ser arqueiro!

Os elfos eram grandes arqueiros!, protestou Hearth.

— Mil anos atrás! — Blitzen bateu a mão duas vezes entre o polegar e o indicador; o gesto que significava *irritado*. — Hearth é um romântico. Sente falta de antigamente. É o tipo de elfo que vai a festivais da Renascença.

Hearth grunhiu. *Eu fui* uma *vez.*

— Pessoal — falei —, a gente tem que encontrar Sam.

Não adianta. Ela vai procurar no rio. Deixe ela perder tempo. Nós já procuramos.

— E se tivermos deixado a espada passar? — perguntou Blitz. — E se ela souber outro jeito de encontrar?

— Não está no rio — afirmei.

Blitz e Hearth olharam para mim.

— Tem certeza? — perguntou Blitz.

— Eu… Pois é. Não me perguntem como, mas agora que estou mais perto da água… — Eu olhei para o Charles, para as linhas cinza ondulantes cheias de gelo. — Senti a mesma coisa quando estava de pé na frente do meu caixão. Tem uma espécie de vazio, é como sacudir uma lata e perceber que não tem nada dentro. Eu apenas sei, a espada não está por aqui.

— Sacudir uma lata… — Blitzen refletiu. — Tudo bem. Imagino que você não possa nos direcionar para as latas que *deveríamos* sacudir?

— Isso seria bom — disse Samirah al-Abbas.

Ela surgiu por detrás da lanchonete e me chutou no peito, me jogando contra uma árvore. Meus pulmões implodiram como sacos de papel. Quando consegui enxergar direito, Blitz estava caído na parede. O saco de Hearth tinha caído, e as runas, se espalhado no chão, e Sam estava levantando o machado para ele.

— Pare! — Era para ser um grito, mas saiu um sussurro ofegante.

Hearth desviou do machado e tentou derrubá-la. Sam o virou em um golpe de judô, por cima do joelho. Hearth caiu de costas no chão.

Blitzen tentou se levantar. O chapéu estava inclinado para o lado. Os óculos tinham sido derrubados, e a pele ao redor dos olhos estava ficando cinza sob a luz do sol.

Sam virou-se para atingi-lo com o machado. A raiva rugiu dentro de mim. Estiquei a mão para a corrente no cinto. Imediatamente, virou uma espada outra vez. Puxei-a da bainha e a joguei, girando como um frisbee. Bateu no machado de Sam, derrubando a arma da mão dela e quase arrancando seu rosto.

Ela olhou para mim, incrédula.

— Que Helheim é isso?

— Você que começou!

Hearth segurou o tornozelo dela. Sam o chutou.

— E pare de chutar o meu elfo!

Sam tirou o lenço, soltando os cabelos castanhos. Encolheu-se em uma postura de lutadora, pronta para enfrentar todos nós.

— Magnus, se eu estivesse com todos os meus poderes, arrancaria sua alma do corpo por todos os problemas que você me causou.

— Que legal — falei. — Ou então você podia nos contar o que está fazendo aqui, talvez possamos ajudar um ao outro.

Blitzen colocou os óculos.

— *Ajudá-la*? Por que faríamos *isso*? Ela bateu em Hearth na capela! Meus olhos parecem pedaços de quartzo!

— Ah, se vocês não estivessem me seguindo — disse Sam.

— Aff! — Blitzen arrumou o chapéu. — Ninguém estava seguindo você, valquíria! Estamos procurando a mesma coisa, a espada!

Ainda deitado no chão, Hearth gesticulou: *Alguém mata essa garota, por favor.*

— O que ele está fazendo? — perguntou Sam. — Gestos rudes de elfo para mim?

— É linguagem de sinais — respondi.

— Linguagem élfica de sinais — corrigiu Blitz.

— E então — levantei as palmas das mãos —, podemos ter uma trégua e conversar? Qualquer coisa é só voltar para a matança depois.

Sam andou de um lado para o outro, murmurando alguma coisa. Pegou o machado dela e a minha espada.

Bom trabalho, Magnus, eu disse a mim mesmo. *Agora ela está com todas as armas.*

Ela jogou a espada de novo para mim.

— Eu não deveria ter escolhido você para Valhala.

Blitzen deu uma risada debochada.

— Pelo menos nisso concordamos. Se você não tivesse interferido na ponte…

— *Interferido?* — questionou Sam. — Magnus já estava morto quando o escolhi! Você e o elfo não estavam ajudando em nada com aquela placa de plástico e as flechas de brinquedo!

Blitz se empertigou, o que não o deixou muito mais alto.

— Fique sabendo que meu amigo é um ótimo usuário de runas.

— É mesmo? — perguntou Samirah. — Não o vi usando magia na ponte contra Surt.

Hearthstone pareceu ofendido. *Eu ia usar. Fui distraído.*

— Exatamente — disse Blitz. — Quanto a mim, tenho *muitas* habilidades, valquíria.

— Por exemplo?

— Por exemplo, eu poderia melhorar seu estilo. *Ninguém* usa casaco marrom com lenço verde.

— Um anão de óculos de sol e máscara de esqui querendo me dar conselhos de moda.

— Tenho problemas com a luz do dia!

— Pessoal — chamei —, parem, por favor. Obrigado.

Ajudei Hearthstone a se levantar. Ele olhou de cara feia para Sam e começou a recolher as runas.

— Tudo bem — continuei. — Sam, por que você está procurando a espada?

— Porque é minha única chance! Porque… — A voz dela falhou. Toda a raiva pareceu sumir. — Porque honrei sua bravura estúpida. Recompensei você com Valhala. E isso me custou *caro*. Se eu encontrar a espada, *talvez* os lordes me devolvam meu trabalho. Posso convencê-los de que… de que não sou…

— Filha de Loki? — perguntou Blitz, mas a voz dele tinha perdido parte da agressividade.

Sam baixou o machado.

— Não posso fazer nada a respeito disso. Mas *não* estou trabalhando para o meu pai. Sou leal a Odin.

Hearthstone olhou para mim com ceticismo, como se dizendo: *Você está acreditando nessa história?*

— Eu confio nela — falei.

Blitz grunhiu.

— É outro instinto desses como sacudir a latinha?

— Talvez. Olha só, todos nós queremos encontrar essa espada, certo? Queremos deixá-la longe de Surt.

— Supondo que Surt já não esteja com ela — disse Sam. — Supondo que possamos entender o que está acontecendo. Supondo que a profecia das Nornas para você não seja tão ruim quanto parece…

— Só tem um jeito de descobrir. — Blitz levantou a bolsa de boliche.

Sam deu um passo para trás.

— O que tem aí dentro?

Hearth fez um sinal de garra e bateu duas vezes no ombro, o sinal de *chefe*.

— Respostas — disse Blitz —, quer a gente queira ou não. Vamos consultar o Capo.

VINTE E OITO

Fale com a cabeça, porque ele praticamente só tem isso

BLITZ NOS LEVOU pela Esplanade, onde havia um píer que seguia até uma lagoa congelada. Na base da doca, um pequeno poste listrado de vermelho e branco estava inclinado para o lado.

— É daqui que saem os passeios de gôndola no verão — expliquei. — Acho que não vamos encontrar nenhuma agora.

— Só precisamos de água.

Blitz parou na beira do píer e abriu o zíper da bolsa de boliche.

— Ah, deuses. — Sam espiou lá dentro. — Isso é cabelo humano?

— Cabelo, sim — respondeu Blitz. — Humano, não.

— Você quer dizer… — Ela pressionou a mão na barriga. — Você não pode estar falando sério. Vocês trabalham para *ele*? Trouxeram o cara até *aqui*?

— Ele insistiu.

Blitz abriu a bolsa e revelou… é, uma cabeça decapitada. Sabem qual era a coisa mais bizarra nisso? Depois de dois dias em Valhala, eu nem estava surpreso.

O rosto do homem decapitado era murcho como uma maçã velha. Tufos de cabelo cor de ferrugem estavam grudados à cabeça. Os olhos fechados eram fundos e escuros. O queixo barbado se projetava como o de um buldogue, revelando uma fileira de dentes tortos embaixo.

Blitz enfiou a cabeça na água sem cerimônia, com a bolsa e tudo.

— Cara, as autoridades de preservação ambiental não vão gostar disso.

A cabeça emergiu, a água ao redor borbulhando e ondulando. O rosto do homem se inflou, as rugas suavizaram, a pele foi ficando rosada. Ele abriu os olhos.

Sam e Hearth se ajoelharam. Sam me cutucou para fazer o mesmo.

— Lorde Mímir — disse ela. — O senhor nos honra com sua presença.

A cabeça abriu a boca e cuspiu água. Mais água saiu das narinas, das orelhas e dos dutos lacrimais. Ele lembrava um bagre tirado do fundo do rio.

— Cara, eu odeio… — A cabeça tossiu, cuspindo mais água. Os olhos passaram de branco-giz a azul. — Odeio andar naquela bolsa.

Blitzen fez uma reverência.

— Me desculpe, Capo. Era isso ou o aquário. E o aquário é muito frágil.

A cabeça gargarejou. Ele observou os rostos até parar no meu.

— Filho de Frey, vim de longe para falar com você. Espero que valorize isso.

— Você é o chefe misterioso — afirmei. — Hearth e Blitz estão me vigiando há dois anos… porque receberam ordens de uma cabeça decepada?

— Olha o respeito, moleque. — A voz de Mímir me lembrava os estivadores de Union Hall, com os pulmões metade nicotina, metade água do mar.

Heart franziu a testa para mim. *Falei C-A-P-O. Capo quer dizer cabeça. Por que a surpresa?*

— Eu sou Mímir — disse a cabeça. — Já fui poderoso entre os aesires. Depois, veio a guerra com os vanires. Agora, tenho minha própria operação.

O rosto era tão feio que foi difícil saber se ele estava fazendo careta para mim ou não.

— Foi Frey quem cortou sua cabeça? — perguntei. — É por isso que você está com raiva de mim?

Mímir bufou.

— Não estou com raiva. Você vai saber quando eu estiver.

Eu me perguntei o que isso queria dizer. Talvez ele fosse gorgolejar de forma mais ameaçadora.

— Mas em parte foi, sim, graças ao seu pai que perdi a cabeça — explicou o deus. — Veja bem, a trégua para acabar a guerra exigia que os dois clãs de deuses trocassem reféns. Seu pai, Frey, e o pai *dele*, Njord, foram morar em Asgard. O deus Honir e eu fomos mandados para Vanaheim.

— Desconfio que isso não tenha terminado bem.

Mais água saiu dos ouvidos de Mímir.

— Seu pai me deixou em maus lençóis! Ele era o grande general entre os vanires, todo dourado e cintilante e lindo. Ele e Njord eram respeitados em Asgard. Quanto a mim e Honir, os vanires não ficaram tão impressionados.

— Não me diga.

— Ah, Honir nunca foi muito, como posso dizer, carismático. Os vanires pediam a opinião dele sobre assuntos importantes. Ele murmurava: “Ah, sei lá. Tanto faz.” Eu tentava fazer a minha parte. Falei para os vanires que deveriam abrir cassinos.

— Cassinos?

— É, um monte de aposentados estava indo para Vanaheim. Era dinheiro fácil. E os vanires tinham um monte de dragões. Eu falei para eles: corridas. No céu. Com dragões. Eles seriam imbatíveis.

Olhei para Blitz e Hearth. Eles pareciam resignados, como se já tivessem ouvido aquela história muitas vezes.

— De qualquer modo — prosseguiu Mímir —, os vanires não gostaram dos meus conselhos valorosos. Sentiram-se enganados na troca de reféns. Em protesto, cortaram minha cabeça e a mandaram para Odin.

— Caramba, e pensar que poderiam ter construído cassinos.

Sam pigarreou.

— É claro, grande Mímir, que tanto os aesires quanto os vanires honram você agora. Magnus não quis insultá-lo. Ele não seria tão burro.

Ela olhou de cara feia para mim, como quem diz: *Você é tão burro sim.*

Ao redor da cabeça de Mímir, a água borbulhou mais rápido. Escorria pelos seus poros e fluía pelos olhos.

— Esqueça, filho de Frey. Não guardo ressentimentos. Além do mais, quando Odin recebeu minha cabeça decepada, não se vingou. O Pai de Todos foi inteligente. Ele sabia que os vanires e aesires precisavam se unir contra nosso inimigo comum, a máfia chinesa.

— Hã… — Blitz ajustou o chapéu. — Acho que o senhor quer dizer os gigantes, chefe.

— É. Eles mesmos. Então Odin me levou para uma caverna escondida em Jötunheim, onde uma fonte mágica alimenta as raízes da Yggdrasill. Ele colocou minha cabeça no poço. A água me trouxe de volta à vida, e eu absorvi todo o conhecimento da Árvore do Mundo. Minha sabedoria aumentou mil vezes.

— Mas… você ainda é uma cabeça decepada.

Mímir assentiu, de um lado para outro.

— Não é assim tão ruim. Opero pelos nove mundos: empréstimos, proteção, caça-níqueis…

— Caça-níqueis.

— Fazem muito sucesso. Além do mais, estou sempre empenhado em atrasar o Ragnarök. O Ragnarök seria ruim para os negócios.

— Certo.

Decidi me sentar, pelo jeito aquela conversa não terminaria tão cedo. Sam e Hearth seguiram meu exemplo. Covardes.

— Além do mais — acrescentou Mímir —, Odin de tempos em tempos me visita em busca de conselhos. Sou o *consigliere* dele. Sou guardião do poço de conhecimento. Às vezes, deixo viajantes beberem das águas, embora a informação sempre tenha seu preço.

A palavra *preço* caiu sobre a doca como um cobertor pesado. Blitzen ficou tão imóvel que tive medo de que ele tivesse virado pedra. Hearthstone observou os grãos de areia entre as tábuas. Comecei a entender como meus amigos haviam se envolvido com Mímir. Eles tinham bebido das águas dele (que NOJO) e o preço foi tomar conta de mim nos últimos dois anos. Eu me perguntei se a informação tinha valido a pena.

— E então, grande e influente Mímir — falei —, o que você quer comigo?

Ele cuspiu um peixinho.

— Não preciso dizer, rapaz. Você já sabe.

Tive vontade de discordar, mas quanto mais eu ouvia o deus, mais sentia como se estivesse respirando oxigênio puro. Não sei por quê. O Capo não era exatamente inspirador. Mas, perto dele, minha mente parecia funcionar melhor, juntando as peças do quebra-cabeça das esquisitices que vivi nos últimos dias para formar uma imagem estranhamente coesa.

Uma ilustração do meu velho livro infantil de mitos nórdicos voltou à mente, uma história apavorante mesmo na versão adaptada para crianças, que enterrei no fundo da memória durante anos.

— O Lobo. Surt quer libertar o lobo Fenrir.

Eu estava torcendo para alguém me contradizer. Hearth baixou a cabeça. Sam fechou os olhos como se estivesse rezando.

— Fenrir — repetiu Blitzen. — Esse é um nome que eu torcia para nunca mais ouvir.

Mímir continuou chorando água gelada. Os lábios se curvaram em um sorrisinho.

— Isso aí, filho de Frey. Agora, me diga: o que você sabe sobre o lobo Fenrir?

Eu abotoei minha jaqueta. O vento do rio estava frio até para mim.

— Me corrijam se eu estiver errado. Eu *adoraria* estar errado. Um tempão atrás, Loki teve um caso com uma giganta. Eles tiveram três filhos monstruosos.

— Eu *não* fui um deles — murmurou Sam. — Já ouvi muitas piadas.

Hearthstone fez uma careta, como se estivesse se questionando sobre isso.

— O primeiro — continuei — era uma cobra enorme.

— Jörmungand — disse Sam. — A Serpente do Mundo, que Odin jogou no mar.

— O segundo foi Hel — prossegui. — Ela virou tipo a deusa dos mortos desonrados.

— E o terceiro — completou Blitzen — foi o lobo Fenrir.

O tom dele era amargo, cheio de rancor.

— Blitz, você fala como se o conhecesse.

— Todos os anões conhecem Fenrir. Foi a primeira vez que os aesires foram nos ajudar. Fenrir ficou tão selvagem que teria devorado os deuses. Tentaram amarrá-lo, mas ele quebrou todas as correntes.

— Eu me lembro da história — contei. — Finalmente, os anões fizeram uma corda forte o bastante para segurá-lo.

— Desde então os filhos de Fenrir são inimigos dos anões. — Ele olhou para cima. Vi o reflexo do meu rosto nos óculos dele. — Você não é o único que perdeu familiares para os lobos, garoto.

Tive uma vontade estranha de abraçá-lo. De repente, não me senti tão mal por todo o tempo que ele passou me vigiando. Nossa irmandade ia além das ruas. Ainda assim… resisti ao impulso. Sempre que tenho vontade de abraçar um anão, costuma ser sinal de que preciso me afastar.

— No Ragnarök — falei —, o Dia do Juízo Final, uma das primeiras coisas que deve acontecer é a libertação de Fenrir.

Sam assentiu.

— As velhas histórias não dizem como isso acontece…

— Mas um jeito — disse Blitz — seria cortando as cordas dele. A corda Gleipnir é indestrutível, mas…

A espada de Frey, gesticulou Hearth, *tem a lâmina mais afiada dos nove mundos.*

— Surt quer libertar o Lobo com a espada do meu pai. — Olhei para Mímir. — Como estamos indo até aqui?

— Nada mal. — A cabeça borbulhou. — O que nos leva à sua missão.

— Deter Surt — concluí. — Encontrar a espada antes dele… supondo que ele já não esteja com ela.

— Não está — afirmou Mímir. — Pode acreditar, um evento desses faria os nove mundos tremerem. Eu sentiria gosto de medo nas águas da Yggdrasill.

— Eca.

— Você nem faz ideia — disse Mímir. — Mas precisa se apressar.

— A profecia das Nornas. Daqui a nove dias, blá-blá-blá.

Os ouvidos do deus soltaram bolhas.

— Tenho certeza de que não disseram *blá-blá-blá*. No entanto, você está certo. A ilha onde os deuses aprisionaram Fenrir só é acessível na primeira lua cheia de cada ano. Isso é daqui a sete dias.

— Quem inventa essas regras? — perguntei.

— *Eu* inventei essa — respondeu Mímir. — Então, cale a boca. Encontre a espada. Chegue à ilha antes de Surt.

Sam levantou a mão.

— Hã, lorde Mímir, entendo a parte de encontrar a espada. Mas por que levá-la à ilha? Não é lá que Surt *quer usá-la*?

— Está vendo, srta. al-Abbas… é por isso que eu sou o chefe e você, não. Sim, levar a espada para a ilha é perigoso. Sim, Surt poderia usá-la para libertar o Lobo. Mas ele vai encontrar um jeito de libertar Fenrir com ou sem a espada. Eu mencionei que consigo ver o futuro, certo? A única pessoa capaz de deter Surt é Magnus Chase, supondo que ele consiga encontrar a espada e aprender a brandi-la.

Eu tinha ficado calado por quase um minuto inteiro, então concluí que podia levantar a mão.

— Lorde Senhor Bolhas…

— É Mímir.

— Se essa espada é tão importante, por que ficou no fundo do rio Charles por mil anos?

O deus suspirou espuma.

— Meus servos regulares nunca fazem tantas perguntas.

Blitz pigarreou.

— Na verdade, fazemos, chefe. Você que nos ignora.

— Respondendo à sua pergunta, Magnus Chase, a espada só pode ser encontrada por um descendente de Frey ao chegar à idade adulta. Outros tentaram, falharam e morreram. No momento, você é o único descendente vivo de Frey.

— O único… no mundo?

— Nos *nove* mundos. Frey não sai mais com tanta frequência. Sua mãe… devia ser uma mulher e tanto para atrair a atenção dele. De qualquer forma, muita gente nos nove mundos, deuses, gigantes, agentes de apostas, estavam esperando você fazer dezesseis anos. Alguns queriam vê-lo morto para que não pudesse encontrar a espada. Outros queriam que você conseguisse.

Senti pontadas na nuca. A ideia de um monte de deuses me espiando pelos telescópios asgardianos, me vendo crescer, me deixou apavorado. Durante todo esse tempo, minha mãe devia saber disso. Ela fez o que pôde para me manter em segurança, para me ensinar a sobreviver. Na noite em que os lobos atacaram nosso apartamento, ela se sacrificou por mim.

Olhei nos olhos cheios de água do Capo.

— E você? — perguntei. — O que você quer?

— Você é uma aposta arriscada, Magnus. Muitos destinos possíveis se cruzam na sua vida. Você poderia atrapalhar bastante as forças do mal e atrasar o Ragnarök por gerações. Ou, se falhar, pode antecipá-lo.

Engoli em seco.

— Antecipá-lo em quanto tempo?

— Que tal em uma semana?

— Ah.

— Decidi aceitar essa aposta — disse Mímir. — Depois que os filhos de Fenrir mataram sua mãe, mandei Blitz e Hearth como seus protetores. Você não deve ter ideia de quantas vezes eles salvaram sua vida.

Hearth levantou sete dedos.

Eu tremi, só que mais pela menção dos dois filhos de Fenrir, os lobos com olhos azuis…

— Para cumprir sua missão, você precisará dessa equipe. Hearthstone aqui dedicou a vida à magia de runas. Sem ele, você fracassará. Também vai precisar de um anão competente como Blitzen, que entende da arte de anões. Pode precisar fortalecer as cordas do Lobo ou, quem sabe, substituí-las.

Blitz se remexeu.

— Hã, chefe… minhas habilidades de artesão são, bem, você sabe…

— Não me venha com essa — interrompeu Mímir. — Nenhum anão tem coração mais forte. Nenhum anão viajou mais pelos nove mundos ou tem mais desejo de manter Fenrir acorrentado. Além do mais, você está a meu serviço. Vai fazer o que eu mandar.

— Ah. — Blitzen assentiu. — Falando assim…

— E eu, lorde Mímir? — perguntou Sam. — Onde eu entro nesse plano?

Mímir franziu a testa. Ao redor da barba, a água borbulhou em um tom mais escuro de verde.

— Você não era parte do plano. Tem uma nuvem encobrindo o seu destino, srta. al-Abbas. Levar Magnus para Valhala… Eu não esperava por essa. Não era para ter acontecido.

Sam desviou o olhar com os lábios apertados de raiva.

— Sam tem o papel dela — falei. — Tenho certeza disso.

— Não seja condescendente, Magnus. Eu escolhi você porque… — Ela se obrigou a parar. — Era para acontecer.

Então me lembrei do que ela disse no salão de banquete. *Me disseram… Me prometeram…* Quem? Decidi não perguntar isso na frente do Capo.

Mímir a observou.

— Espero que você esteja certa, srta. al-Abbas. Quando Magnus pegou a espada no rio, não conseguia controlá-la muito bem. Talvez, agora que ele é um einherji, tenha força, e, nesse caso, você salvou o dia. Ou talvez tenha bagunçado completamente o destino dele.

— Vamos nos sair bem — insisti. — Só duas perguntas: onde está a espada e onde fica a ilha?

Mímir assentiu, o que o fez parecer uma boia de pesca gigantesca.

— Bom, essa é a parte mais difícil, não é? Para ter esse tipo de informação, eu teria que romper os véus entre os mundos, molhar muitas mãos, ver os reinos dos outros deuses.

— Não podemos simplesmente beber sua água mágica do poço?

— Podem — concordou ele. — Mas teria um preço. Você e Samirah al-Abbas estão prontos para se comprometer com os meus serviços?

O rosto de Hearthstore ficou apreensivo. Pela tensão nos ombros de Blitzen, achei que ele estivesse se controlando para não dar um pulo e gritar: “Não faça isso!”.

— Você não pode abrir uma exceção? — perguntei ao Capo. — Considerando o quanto *deseja* que o serviço seja feito?

— Não dá, rapaz. Não estou sendo ganancioso. É que, bem, você tem aquilo pelo que paga. Se for barato, não vale muito. Isso é verdade especialmente no que diz respeito a conhecimento. Você pode pagar por um atalho, ter a informação agora, ou vai ter que descobrir sozinho, da maneira mais difícil.

Sam cruzou os braços.

— Minhas desculpas, lorde Mímir. Posso ter sido expulsa das valquírias, mas ainda me considero a serviço de Odin. Não posso ter outro senhor. Magnus pode tomar sua decisão, mas…

— Vamos descobrir sozinhos.

O deus fez um som aquoso. Parecia quase impressionado.

— Escolha interessante. Boa sorte, então. Se vocês conseguirem, vão ter uma conta em todos os meus cassinos. Se falharem… vejo vocês semana que vem, no Juízo Final.

A cabeça do deus girou e desapareceu na água gelada da lagoa.

— Ele deu descarga nele mesmo — falei.

Hearth parecia mais pálido do que de costume. *E agora?*

Meu estômago roncou. Eu não comia nada desde a noite anterior, e aparentemente meu organismo ficou estragado depois de algumas experiências de bufê viking liberado.

— Agora — falei —, estou pensando no almoço.

VINTE E NOVE

Nosso falafel é sequestrado por uma águia

NÃO CONVERSAMOS MUITO enquanto voltávamos pelo parque. O ar tinha cheiro de neve iminente. O vento aumentou e uivou como os lobos, ou talvez fosse eu que estivesse com lobos na cabeça.

Blitzen mancou junto conosco, ziguezagueando de sombra em sombra o máximo que conseguiu. O cachecol listrado de Hearthstone não combinava com sua expressão sombria. Eu queria perguntar mais sobre a magia das runas agora que sabia que o elfo era o melhor (e único) mortal que a praticava. Talvez houvesse uma runa capaz de fazer lobos explodirem, preferivelmente a uma distância segura. Mas Hearth estava com as mãos enfiadas nos bolsos, o equivalente em linguagem de sinais a *Não estou a fim de conversar*.

Estávamos passando por um lugar onde eu costumava dormir debaixo da ponte quando Sam resmungou:

— Mímir. Eu deveria saber que ele estava envolvido.

Olhei para ela.

— Alguns minutos atrás, você estava toda *lorde Mímir, você nos honra, nós não somos dignos*.

— É *claro* que mostrei respeito quando ele estava na minha frente! Ele é um dos deuses mais antigos. Mas é imprevisível. Nunca ficou claro de que lado está.

Blitzen disparou para a sombra de um salgueiro, assustando vários patos.

— O Capo está do lado de todo mundo que não quer morrer. Isso não basta?

Sam riu.

— Quer dizer que vocês dois trabalham para ele por vontade própria? Não beberam do poço e pagaram o preço?

Nem Blitz nem Hearth responderam.

— Foi o que pensei — continuou Sam. — Não faço parte do plano de Mímir porque jamais o seguiria cegamente ou beberia do refrigerante mágico de conhecimento.

— Não tem gosto de refrigerante — protestou Blitz. — É mais parecido com *root beer* com um toque de cravo.

Sam se virou para mim.

— Nada disso faz sentido. Encontrar a Espada do Verão, eu entendo. Mas levá-la para o lugar onde Surt quer usá-la? Burrice.

— É, mas se *eu* estiver com a espada…

— Magnus, a espada está *destinada* a cair nas mãos de Surt mais cedo ou mais tarde. No Ragnarök, seu pai vai morrer porque perdeu a espada. Surt vai matá-lo com ela. Ao menos, é o que a maioria das histórias diz.

Fiquei claustrofóbico só de pensar nisso. Como alguém, mesmo um deus, conseguia se manter são sabendo séculos antes exatamente como vai morrer?

— Por que Surt odeia tanto Frey? — perguntei. — Ele não podia implicar com um deus da guerra grande e forte?

Blitzen franziu a testa.

— Garoto, Surt quer morte e destruição. Quer que seu fogo se espalhe pelos nove mundos. Um deus guerreiro não pode impedir isso. Frey, sim. Ele é o deus da colheita, o deus da saúde e da nova vida. Mantém os extremos sob controle, tanto o fogo quanto o gelo. Não tem nada que Surt odeie mais do que ficar confinado. Frey é seu inimigo natural.

E, por extensão, pensei, *Surt* me *odeia.*

— Se Frey sabia qual seria o destino dele, por que abriu mão da espada?

Blitz grunhiu.

— Por amor. Que outro motivo?

— Por amor?

— Aff — disse Sam. — *Odeio* essa história. Aonde você vai nos levar para almoçar, Magnus?

Parte de mim queria ouvir a história. A outra parte lembrava minha conversa com Loki: *Vai procurar o desejo do seu coração, sabendo que ele pode condenar você como condenou seu pai?*

Muitas histórias nórdicas pareciam carregar a mesma mensagem: saber das coisas nem sempre valia o preço. Infelizmente para mim, sempre fui curioso.

— É… hã, ali na frente — falei. — Venham.

A praça de alimentação no Transportation Building não era nenhuma Valhala, mas, para um mendigo em Boston, era bem próximo disso. O átrio interno era quente, aberto ao público e nunca ficava cheio. Era patrulhado por alguns seguranças particulares. Enquanto você tivesse um copo ou um prato de comida pela metade, podia ficar sentado à mesa por muito tempo até que alguém o mandasse sair.

Na entrada, Blitzen e Hearthstone foram na direção das latas de lixo para checar os restos de almoço, mas eu os fiz parar.

— Gente, não — falei para os dois. — Vamos almoçar de verdade hoje. Por minha conta.

Hearth ergueu uma sobrancelha. E sinalizou: *Você tem dinheiro?*

— Ele tem aquele amigo aqui — relembrou Blitzen. — O cara do falafel.

Sam parou na mesma hora.

— O quê?

Ela olhou ao redor como se tivesse acabado de perceber onde estávamos.

— Está tudo bem — prometi. — Conheço um cara no Falafel do Fadlan. Você vai me agradecer. É delicioso…

— Não… eu… ah, deuses… — Ela colocou rapidamente o lenço sobre o cabelo. — Acho que vou esperar lá fora… não posso…

— Besteira. — Blitz passou o braço pelo dela. — É capaz de servirem mais comida se houver uma mulher bonita conosco!

Sam estava morrendo de vontade de sair correndo, mas permitiu que Hearth e Blitz a guiassem até a praça de alimentação. Acho que eu deveria ter dado mais atenção ao desconforto dela, mas quando estou só a trinta metros do Falafel do Fadlan, não consigo pensar em mais nada.

Nos dois anos anteriores, fiz amizade com o gerente, Abdel. Acho que ele me via como o projeto de caridade dele. A loja sempre tinha comida sobrando — pão árabe um pouco velho, shawarma do dia anterior, quibe que ficou tempo demais na vitrine aquecida. Abdel não podia vender essas coisas, mas o gosto ainda estava bom. Em vez de jogar fora, ele dava para mim. Sempre que eu ia lá, podia contar com um sanduíche de falafel no pão árabe ou alguma coisa tão deliciosa quanto. Em troca, eu fazia com que os outros sem-teto no átrio fossem educados e limpassem tudo depois de comer para que os clientes de Abdel não parassem de frequentar o lugar.

Em Boston, não dava para andar um quarteirão sem tropeçar em algum ícone da liberdade (a Freedom Trail, a igreja Old North, o Bunker Hill Monument), mas, para mim, a liberdade tinha gosto de Falafel do Fadlan. A comida de lá me manteve vivo e independente desde que minha mãe morreu.

Eu não queria assustar Abdel com um monte de gente, então mandei Blitz e Hearth pegarem uma mesa enquanto Sam e eu íamos buscar a comida. Durante todo o caminho, ela arrastou os pés, olhou para o outro lado e mexeu no lenço como se quisesse desaparecer dentro dele.

— Qual é o problema? — perguntei.

— Pode ser que ele não esteja lá — murmurou ela. — Talvez você possa dizer que sou sua professora.

Eu não fazia ideia do que ela estava falando. Fui até o balcão enquanto Sam ficava um pouco afastada, fazendo de tudo para se esconder atrás de uma figueira em um vaso.

— O Abdel está? — perguntei para o cara da registradora.

Ele começou a dizer alguma coisa, mas o filho de Abdel, Amir, veio dos fundos da loja, sorrindo e limpando as mãos no avental.

— Jimmy, como vai?

Eu relaxei. Se Abdel não estava, Amir era a segunda melhor opção. Ele tinha dezoito ou dezenove anos, andava arrumado e tinha boa aparência, com cabelo preto lustroso, uma tatuagem em árabe no bíceps e um sorriso tão brilhante que poderia vender toneladas de clareadores dentais. Assim como todo mundo no Falafel do Fadlan, ele me conhecia como "Jimmy".

— Estou bem — respondi. — E como vai seu pai?

— Está na loja de Somerville hoje. Você quer comida?

— Cara, você é demais.

Amir riu.

— Não é nada. — Ele olhou por cima do meu ombro e parou. — E ali está Samirah! O que você está fazendo aqui?

Ela se aproximou.

— Oi, Amir. Estou… dando aulas para Ma… Jimmy. Estou dando aulas para Jimmy.

— Ah, é? — Amir se inclinou no balcão, o que contraiu os músculos dos braços dele. O cara trabalhava em período integral nas várias lojas do pai, mas conseguia evitar que qualquer gota de gordura caísse na camisa branca. — Você não tem aula?

— Hã, tenho, mas ganho crédito extra por dar aulas fora da escola. Para Jimmy e… os colegas dele. — Ela apontou para Blitz e Hearth, que estavam tendo uma discussão acalorada em linguagem de sinais, desenhando círculos no ar. — Geometria — concluiu Samirah. — Eles são péssimos em geometria.

— Péssimos — concordei. — Mas comida nos ajuda a estudar.

Amir sorriu.

— Pode deixar. Fico feliz em ver que você está bem, Jimmy. Aquele acidente na ponte outro dia… o jornal divulgou a foto de um garoto que morreu. Era muito parecido com você. O nome era diferente, mas ficamos preocupados.

Eu estava tão concentrado no falafel que tinha me esquecido de pensar que talvez eles fizessem essa ligação.

— É, eu vi. Estou bem. Só estudando geometria. Com minha professora.

— Tudo bem! — Amir sorriu para Sam. O constrangimento era tanto que dava para cortá-lo com uma espada. — Bem, Samirah, mande um oi para Jid e Bibi por mim. Podem se sentar. Vou levar a comida em um segundo.

Sam murmurou alguma coisa que poderia ter sido *Muito obrigada* ou *Por favor, me mate*. E fomos nos juntar a Blitz e Hearth à mesa.

— O que foi aquilo? — perguntei. — De onde você conhece Amir?

Ela puxou o lenço até cobrir um pouco mais da testa.

— Não se sente muito perto de mim. Tente fazer parecer que estamos falando sobre geometria.

— Triângulos. Quadriláteros. Por que você está tão constrangida? Amir é incrível. Se você conhece a família Fadlan, é como uma celebridade para mim.

— Ele é meu primo — disse ela. — De quarto grau, ou quinto. Sei lá.

Olhei para Hearth. Ele estava encarando o chão de cara feia. Blitz havia tirado a máscara de esqui e os óculos, acho que porque a luz ali dentro não o incomodava muito, e agora estava girando um garfo de plástico na mesa com expressão emburrada. Aparentemente, perdi uma boa discussão entre ele e Hearth.

— Tudo bem — falei. — Mas por que você ficou tão nervosa?

— Vamos mudar de assunto?

Levantei as mãos em rendição.

— Tudo bem. Vamos recomeçar. Oi, pessoal. Sou Magnus e sou um einherji. Se não vamos estudar geometria, podemos conversar sobre como vamos encontrar a Espada do Verão?

Ninguém respondeu.

Um pombo passou ao lado da mesa, ciscando.

Olhei para a loja de falafel. Por algum motivo, Amir tinha descido a porta de aço. Eu nunca o tinha visto fechar a loja na hora do almoço, e me perguntei se Sam o tinha ofendido e ele havia cortado minha cota de falafel.

Se sim, eu viraria um berserker.

— O que aconteceu com nossa comida? — questionei.

Aos meus pés, uma vozinha grasniu:

— Posso ajudar a responder as duas perguntas.

Olhei para baixo. Minha semana foi tão maluca que nem reagi quando percebi quem tinha falado.

— Pessoal — falei —, um pombo quer nos ajudar.

O pombo voou para nossa mesa. Hearth quase caiu da cadeira. Blitz ergueu o garfo.

— O serviço aqui às vezes é meio lento — disse o pombo. — Mas posso acelerar seu pedido. Também posso dizer onde encontrar a espada.

Sam levou a mão ao machado.

— Isso não é um pombo.

O pássaro a observou com um olho alaranjado brilhante.

— Talvez não. Mas, se você me matar, não vai receber seu almoço. Também não vai encontrar a espada nem voltar a ver seu noivo.

Os olhos de Samirah pareciam que iriam sair voando das órbitas.

— Do que ele está falando? — perguntei. — Que noivo?

O pássaro arrulhou.

— Se você quer que o Falafel do Fadlan abra de novo…

— Tudo bem, isso agora é pessoal. — Eu considerei tentar pegar o pássaro, mas, mesmo com meus reflexos de einherji, duvidava que conseguisse. — O que você fez? O que aconteceu com Amir?

— Nada ainda! — disse o pombo. — Vou trazer seu almoço. Tudo o que quero é dar a primeira bicadinha na comida.

— Sei — respondi. — E, supondo que eu acredite em você, o que vai querer em troca da informação sobre a espada?

— Um favor. É negociável. E então, a loja de falafel vai ficar fechada para sempre ou temos um trato?

Blitzen balançou a cabeça.

— Não aceite, Magnus.

Hearth sinalizou: *Nunca confie em um pombo.*

Sam encarou meus olhos. A expressão dela era de súplica, quase de desespero. Ou ela gostava mais de falafel do que eu ou estava preocupada com outra coisa.

— Tudo bem — concordei. — Traga nosso almoço.

A porta de aço da loja subiu na mesma hora. O caixa estava paralisado como uma estátua, com o telefone no ouvido. De repente, ele começou a se mover, olhou por cima do ombro e gritou um pedido para o cozinheiro, como se nada tivesse acontecido. O pombo saiu voando na direção da loja e desapareceu atrás do balcão. O caixa não pareceu perceber.

Um instante depois, uma ave bem maior saiu da cozinha, uma águia-de-cabeça-branca com uma bandeja nas garras. Ela pousou no meio da nossa mesa.

— Você é uma águia agora? — perguntei.

— Sou — disse com a mesma voz coaxante. — Gosto de variar. Aqui está a comida.

Era tudo o que eu podia querer: quibes de carne moída temperada soltando fumacinha, uma pilha de kebabs de cordeiro com molho de iogurte com menta, quatro pães árabes frescos com bolinhos de falafel deliciosos, banhados com molho tahine e decorados com picles.

— Ah, Helheim, sim.

Estiquei a mão para a bandeja, mas a águia me bicou.

— Agora, não — repreendeu ela. — Eu primeiro.

Vocês já viram uma águia comendo falafel?

Essa imagem horrível agora assombra meus pesadelos.

Mais rápido do que um raio, a ave atacou e engoliu tudo, deixando apenas um pedaço de picles.

— Ei! — gritei.

Sam se levantou e ergueu o machado.

— É um gigante. Só pode ser!

— Nós fizemos um acordo. — A águia arrotou. — Agora, sobre a espada…

Soltei um rugido gutural, o grito de um homem que foi privado do quibe que era seu por direito. Puxei a espada e bati na águia com a parte achatada da lâmina.

Não foi o gesto mais racional, mas eu estava com fome. E com raiva. Odiava que tirassem vantagem de mim e não gostava tanto assim de águias-de-cabeça-branca.

A lâmina bateu nas costas da ave e grudou lá como supercola. Tentei arrancá-la, mas a espada não se moveu. Também não conseguia soltar o cabo da espada.

— Tudo bem, então — grasniu a águia. — Se é assim que você prefere.

Ela saiu voando pela praça de alimentação a cem quilômetros por hora e foi me arrastando pelo caminho.

TRINTA

Uma maçã por dia vai acabar matando você

ACRESCENTEM À MINHA lista de Atividades Menos Favoritas: surfar em águias.

A ave idiota não devia ter conseguido sair voando arrastando um garoto quase adulto. Mas foi o que ela fez.

Atrás de mim, Blitz e Sam gritaram coisas úteis como “Ei! Pare!” enquanto a águia me arrastava por mesas, cadeiras e vasos de planta, depois saía pela porta dupla de vidro e sobrevoava a rua Charles.

Um cara almoçando no décimo andar de um prédio do outro lado da rua cuspiu seu Cheetos quando eu passei. Deixei uma bela pegada na janela dele.

— Me solte! — gritei.

A águia riu enquanto me arrastava por um telhado.

— Tem certeza? Cuidado com a cabeça!

Eu me virei, e por pouco não dei de cara com um ar-condicionado. Bati em uma chaminé de tijolos, usando o peito como aríete. E então, a águia mergulhou pelo outro lado do prédio.

— Então! — disse ela. — Está pronto para negociar aquele favor?

— Com um pombo mutante que rouba falafel? Não, obrigado!

— Você que sabe.

A águia mudou de direção e me jogou em uma saída de emergência. Senti as costelas estalarem, e a dor era como frascos de ácido se quebrando no meu peito. Meu estômago vazio tentou, sem sucesso, vomitar.

Sobrevoamos uma igreja na rua Boylston e depois contornamos a torre da Old North Church. Tive um pensamento confuso sobre Paul Revere e aquela frase clássica das aulas de história: *Uma lanterna se for por terra, duas se for pelo mar.*

E se você vir um cara sendo arrastado por uma águia gigante, hã, nem sei quantas lanternas isso quer dizer.

Tentei curar as costelas com meu poder, mas não consegui me concentrar. A dor era intensa demais. Eu ficava sendo jogado contra paredes e chutando janelas.

— Tudo o que eu quero — disse a águia — é uma troca de favores. Vou dizer como pegar a espada, mas você tem que pegar uma coisa para mim também. Nada de mais. Só uma maçã. Uma

maçãzinha.

— Qual é a pegadinha?

— A pegadinha é que, se você não aceitar… Ah, olhe! Grade contra pombos!

À nossa frente, a beirada de um telhado de hotel era cheia de aço, como uma miniatura de arame farpado das trincheiras na Primeira Guerra Mundial. As pontas estavam lá para impedir que pombos fizessem ninhos, mas também seriam ótimas para destroçar minha barriga.

Fui tomado pelo medo. Não gosto de objetos pontiagudos. Minha barriga ainda estava sensível por causa da morte recente por asfalto derretido.

— Tudo bem! — gritei. — Nada de espetos!

— Diga: *Por minha fidelidade, concordo com seus termos.*

— Eu nem sei o que isso quer dizer!

— Diga!

— Por minha fidelidade, concordo com seus termos! Maçãs, sim! Espetos, não!

A águia subiu e passou raspando no telhado. As pontas dos meus sapatos roçaram no arame farpado. Voamos em círculo sobre a praça Copley e pousamos no telhado da Biblioteca Pública de Boston.

A espada se soltou das costas da águia. Minhas mãos se desgrudaram, o que foi ótimo, mas agora eu não tinha em que me segurar. Era quase impossível ficar de pé nas telhas de argila vermelhas e curvas. O telhado era perigosamente inclinado. A uns três metros abaixo de mim, estendia-se uma ampla área pavimentada com gostinho de morte.

Eu me agachei para não cair. Com cuidado, embainhei a espada, que voltou à forma de corrente.

— Ai! — exclamei.

Minhas costelas doíam. Meus braços quase tinham sido arrancados. Meu peito parecia ter sido carimbado permanentemente com a forma da parede de tijolos.

À esquerda, a águia se empoleirou no para-raios, com jeito magnânimo junto aos grifos decorativos de bronze ao redor da base.

Eu não sabia que águias tinham expressão, mas aquela estava com uma muito arrogante.

— Estou feliz por você ter sido racional! — disse ela. — Embora, sinceramente, eu tenha adorado nosso tour pela cidade. É bom falar com você a sós.

— Você está me fazendo corar — resmunguei. — Ah, não, espere. É só o sangue espalhado na minha cara.

— Eis a informação de que você precisa — prosseguiu a águia. — Quando sua espada caiu na água, a corrente a carregou rio abaixo. Ela foi reivindicada pela deusa Ran. Muitos tesouros valiosos vão parar na rede dela.

— Ran?

A águia estalou o bico.

— Deusa do mar. Tem uma rede. Preste atenção.

— Onde posso encontrá-la? E, por favor, não responda “no mar”.

— Ela pode estar em qualquer lugar, então você vai ter que chamar sua atenção. Como fazer isso? Conheço um cara. Harald. Ele tem um barco no Fish Pier, faz excursões em alto-mar. Diga que Big Boy mandou você.

— Big Boy.

— É um dos meus muitos nomes. Harald vai saber o que você quer dizer. Convença-o a levar você para pescar na baía de Massachusetts. Se você criar um tumulto por lá, vai atrair a atenção de Ran. Então, poderá negociar. Peça a espada e uma das maçãs de Idun.

— Éden?

— Você é surdo? I-D-U-N. Ela distribui as maçãs da imortalidade que mantêm os deuses jovens e imortais. Ran com certeza tem uma por perto, porque, sério, quando você a vir, vai perceber que ela às vezes se esquece de comê-las. Quando estiver com a maçã, traga-a para mim. Então liberto você da sua promessa.

— Duas perguntas. Você é maluco?

— Não.

— Como pescar na baía vai gerar um tumulto capaz de atrair uma deusa do mar?

— Isso depende do que você vai pescar. Diga para Harald que você precisa da isca especial. Ele vai entender. Se ele protestar, diga que Big Boy insistiu.

— Eu não faço ideia do que isso quer dizer — confessei. — Supondo que eu me encontre com Ran, como devo barganhar com ela?

— Aí já são três perguntas. Além disso, o problema é seu.

— Última pergunta.

— São quatro agora.

— O que me impede de pegar a espada e não trazer sua maçã?

— Ah, você me jurou fidelidade — respondeu a águia. — Sua fidelidade é sua palavra, sua fé, sua honra, sua alma. É um juramento incontestável, principalmente para um einherji. A não ser que você queira entrar em combustão espontânea e acabar preso na escuridão gelada de Helheim…

Mordi o lábio.

— Acho melhor cumprir minha promessa.

— Excelente! — A águia bateu as asas. — Seus amigos estão vindo, é minha deixa para ir embora. Vejo você quando estiver com minha maçã!

A águia levantou voo e desapareceu atrás das paredes de vidro da Hancock Tower, me deixando sozinho para encontrar um jeito de descer do telhado.

Na praça Copley, Blitzen, Hearthstone e Sam estavam correndo no gramado congelado. Sam me viu primeiro; parou na mesma hora e apontou, e eu acenei.

Não consegui ver sua expressão, mas ela abriu os braços como quem diz: *Que diabo você está fazendo aí em cima?*

Com certa dificuldade, me levantei. Graças ao meu plano de saúde de Valhala, meus ferimentos já estavam começando a cicatrizar, mas eu continuava dolorido e travado. Segui devagar até a beirada do telhado e espiei. O Magnus 1.0 jamais consideraria isso, mas agora imaginei uma série de pulos de três metros (para aquele parapeito da janela, depois para o mastro da bandeira, para o alto daquele poste e então para a escada em frente) e pensei: *Tudo bem, tranquilo.*

Em questão de segundos, estava seguro no chão. Meus amigos me encontraram na calçada.

— O que foi *aquilo*? — perguntou Blitzen. — Ele era um gigante?

— Não sei — respondi. — O nome dele é Big Boy e ele gosta de maçãs.

Contei a história toda.

Hearthstone bateu na testa. *Você fez um juramento de fidelidade?*

— Ah, era isso ou ser perfurado por espetos antipombos, então fiz.

Sam ficou olhando para o céu, talvez torcendo para ver uma águia que pudesse acertar com o machado.

— Isso vai acabar mal. Acordos com gigantes nunca dão certo.

— Pelo menos Magnus descobriu onde a espada está — disse Blitzen. — Além do mais, Ran é uma deusa. Ela vai ficar do nosso lado, certo?

Sam riu com deboche.

— Acho que você não ouviu as mesmas histórias que *eu* sobre ela. Mas, a essa altura, não temos muita escolha. Vamos procurar Harald.

TRINTA E UM

A mais fedida e não se fala mais nisso

NUNCA TIVE MEDO de andar de barco até ver o de Harald.

Na proa estava pintado: EXCURSÕES AO MAR PROFUNDO E DESEJOS DE MORTE DE HARALD — o que parecia muito texto para um barquinho de seis metros. O deque era uma bagunça de cordas, baldes e caixas de iscas. Redes e boias cobriam as laterais como decorações de Natal. O casco já tinha sido verde, mas estava desbotado, da cor de chiclete de menta muito mastigado.

O próprio Harald estava na doca ali perto, usando um macacão amarelo com respingos de água e uma camiseta tão velha que fazia a minha dos Wiggles parecer última moda. Ele era um cara do tamanho de um lutador de sumô com braços tão grossos quanto os espetos de churrasco grego no Falafel do Fadlan. (Sim, eu ainda estava pensando em comida.)

O mais estranho nele era o cabelo. Os cachos malcuidados, a barba e até os braços peludos brilhavam com um toque branco-azulado, como se ele tivesse passado a noite ao ar livre e estivesse coberto de geada.

Quando nos aproximamos, ele ergueu o rosto da corda que estava enrolando.

— Olhem só. Um anão, um elfo e dois humanos chegam no píer… Parece até o começo de uma piada.

— Espero que não — comentei. — Queremos alugar seu barco para uma expedição de pesca. Vamos precisar da isca especial.

Harald soltou um risinho de deboche.

— Vocês quatro em uma das *minhas* expedições? Não vai rolar.

— Big Boy nos mandou.

Harald franziu a testa, e um pouquinho de neve caiu de suas bochechas.

— Big Boy, é? O que ele quer com gente como vocês?

Sam deu um passo à frente.

— Não é da sua conta. — Do bolso do casaco, ela tirou uma moeda grande e a jogou para Harald. — Uma moeda de ouro vermelho agora; mais cinco quando terminarmos. Você vai alugar o barco para nós ou não?

Eu me inclinei na direção dela.

— O que é ouro vermelho?

— A moeda de Asgard e Valhala — explicou ela. — Aceita em todos os mundos.

Harald cheirou a moeda. A superfície dourada brilhou de forma tão calorosa que a moeda pareceu estar em chamas.

— Você tem sangue de gigante, garota? Vejo nos seus olhos.

— Isso também não é da sua conta.

— Hum. O pagamento é suficiente, mas meu barco é pequeno. Dois passageiros no máximo. Levo você e o garoto humano, mas o anão e o elfo… De jeito nenhum.

Blitzen estalou os dedos nas luvas de couro.

— Escuta aqui, Gelado…

— ARG! Nunca chame um gigante do gelo de *Gelado*. Odiamos isso. Além do mais, você já parece meio petrificado, anão. Não preciso de outra âncora. Quanto aos elfos, são criaturas de ar e luz, inúteis em um barco. Só dois passageiros. O acordo é esse. É pegar ou largar.

Olhei para os meus amigos.

— Pessoal, uma conversinha, por favor.

Eu os levei pelo píer até um ponto em que Harald não ouviria.

— O cara é um gigante do gelo?

Hearthstone gesticulou: *Cabelo gelado. Feio. Grande. Sim.*

— Mas… Sabe, ele é grande, mas não *gigante*.

A expressão de Sam me fez desconfiar de que ela não era a professora de geometria mais paciente do mundo.

— Magnus, gigantes não são necessariamente enormes. Alguns são. Alguns podem *crescer* muito se quiserem. Mas são seres ainda mais diversificados do que os humanos. Muitos parecem pessoas normais. Alguns podem assumir a forma de águia ou pombo ou praticamente qualquer coisa.

— Mas o que um gigante do gelo está fazendo no porto de Boston? Podemos confiar nele?

— Primeira resposta — disse Blitzen —, os gigantes do gelo estão por toda parte, principalmente ao norte de Midgard. Se são confiáveis… de jeito nenhum. Ele pode levá-lo direto para Jötunheim e jogá-lo em um calabouço, ou pode usá-lo como isca. Você tem que insistir em levar Hearth e a mim.

Hearth bateu no ombro de Blitz.

O gigante está certo, gesticulou ele. *Eu falei, luz do dia demais. Você está virando pedra. Só é muito teimoso para admitir.*

— Não, estou bem.

Hearthstone olhou ao redor. Viu um balde de metal, pegou e bateu com ele na cabeça de Blitzen. O anão não reagiu, já o balde amassou no formato do crânio dele.

— Tudo bem — admitiu Blitz —, talvez eu esteja ficando um pouco petrificado, mas…

— Saia da luz por um tempo — sugeri. — Vamos ficar bem. Hearth, você consegue encontrar um bom esconderijo subterrâneo para ele ou alguma coisa assim?

Hearth assentiu. *Vamos tentar descobrir mais sobre Fenrir e a corda que o aprisiona. Encontramos você de noite. Na biblioteca?*

— Está ótimo — falei. — Sam, vamos pescar.

Voltamos para Harald, que estava prendendo a corda em um nó perfeito.

— Tudo bem, dois passageiros. Precisamos pescar no ponto mais distante possível da baía de Massachusetts, e precisamos da isca especial.

Harald abriu um sorriso torto. Os dentes pareciam ser do mesmo material da corda desgrenhada que ele estava enrolando.

— Mas é claro, pequeno humano. — Apontou para uma porta corrediça na lateral do armazém. — Escolha sua isca… se conseguir carregar.

Quando Sam e eu abrimos a porta, quase desmaiei com o fedor.

Ela teve ânsia de vômito.

— Pelo olho de Odin, já estive em campos de batalha menos fedorentos.

No armazém, pendurados em ganchos de carne, havia uma coleção realmente impressionante de carcaças em decomposição. A menor era a de um camarão de um metro e meio. A maior era a cabeça decepada de um touro do tamanho de um carro.

Tampei o nariz com a manga da jaqueta. Não ajudou. Parecia que alguém tinha enchido uma granada com ovo podre, metal enferrujado e cebola crua e jogado nas minhas narinas.

— Respirar dói — falei. — Qual dessas gostosuras você acha que é a isca especial?

Sam apontou para a cabeça do touro.

— Que tal a maior e não se fala mais nisso?

Eu me obriguei a observar a cabeça do touro, os chifres pretos e curvos, a língua cor-de-rosa para fora da boca como um colchão de ar peludo, o pelo branco fumegante e as crateras brilhosas cheias de gosma das narinas.

— Como é possível um touro tão grande?

— Deve ser de Jötunheim — disse Sam. — O gado deles pode ser enorme.

— Não me diga. Alguma ideia do que devemos tentar pescar?

— Há muitos monstros marinhos nas profundezas. Desde que não seja… — Seu rosto subitamente ficou sombrio. — Deixa pra lá. Deve ser só um monstro marinho.

— Só um monstro marinho. Que alívio.

Fiquei tentado a pegar o camarão gigante e sair dali, mas tinha a sensação de que precisávamos de uma isca maior se queríamos mesmo causar um tumulto capaz de atrair uma deusa do mar.

— Vai ser a cabeça do touro então — concluí.

Sam levantou o machado.

— Não sei nem se vai caber no barco de Harald, mas…

Ela jogou o machado na corrente do gancho de carne, que quebrou com um estalo. A cabeça do touro caiu no chão como uma *piñata* grande e nojenta. O machado voltou voando para a mão de Sam.

Juntos, pegamos o gancho de carne e arrastamos a cabeça para fora do armazém. Mesmo com ajuda, eu não conseguiria deslocá-la se não fosse minha força de einherji.

Morra dolorosamente. Vá para Valhala. Ganhe a habilidade de arrastar cabeças decepadas rançosas e colossais por um píer. Viva.

Quando chegamos ao barco, puxei a corrente com toda a minha força. A cabeça do touro rolou pelo píer e caiu no convés. O *S.S. Harald* quase virou, mas de alguma forma se estabilizou. A cabeça ocupava a metade de trás do navio. A língua caía pela popa. O olho esquerdo rolou para dentro, e a cabeça ficou parecendo enjoada.

Harald se levantou do balde de iscas onde estava sentado. Se ficou surpreso ou irritado de eu ter jogado uma cabeça de vaca de duzentos e vinte quilos no barco, não demonstrou.

— Uma escolha ambiciosa de isca. — Harald olhou para o porto. O céu estava escurecendo. Uma leve chuva de granizo perfurava a superfície da água. — Vamos logo, então. É uma bela tarde para pescar.

TRINTA E DOIS

Meus anos jogando *Bassmasters 2000* compensaram

ERA UMA TARDE horrível para pescar.

O mar estava agitado e eu vomitei na água várias vezes. O frio não me incomodava, mas o granizo espetava meu rosto. O sacolejo do convés deixou minhas pernas bambas. Harald, o gigante do gelo, estava no leme, cantando em uma linguagem gutural que imaginei que fosse jötunnês.

Sam não pareceu incomodada pelo mar agitado. Ficou inclinada na amurada olhando para o céu acinzentado, o lenço voando ao redor do pescoço como guelras.

— Qual é a do lenço, afinal? — perguntei. — Às vezes, você cobre a cabeça. Às vezes, não.

Ela colocou os dedos na seda verde de forma protetora.

— É um hijab. Uso quando quero ou quando acho que devo. Quando levo minha avó à mesquita às sextas, por exemplo, ou…

— Ou quando vê Amir?

Ela murmurou:

— Cheguei a pensar que você ia deixar isso pra lá.

— O pombo disse que Amir é seu *noivo*. Você tem o quê, dezesseis anos?

— Magnus…

— Só estou dizendo, se for um daqueles casamentos forçados, isso é errado. Você é uma valquíria. Devia poder…

— Magnus, pare. Por favor.

O barco se chocou com uma onda e nos encharcou com água do mar.

Samirah segurou a amurada.

— Meus avós são antiquados. Foram criados em Bagdá, mas fugiram para os Estados Unidos quando Saddam Hussein estava no poder.

— E…?

— Eles conhecem os Fadlan desde sempre. São boas pessoas. Parentes distantes. Bem-sucedidos, gentis…

— Eu sei. Abdel é demais. Amir parece legal. Mas casamento forçado se você não ama o cara…

— Arg! Você não entende. Eu sou apaixonada por Amir desde que tinha doze anos.

O barco grunhiu ao passar entre mais ondas. Harald continuou cantando a versão de "Noventa e nove garrafas de cerveja" em jötunnês.

— Ah.

— Não que isso seja da sua conta — acrescentou Samirah.

— Não mesmo.

— Mas, às vezes, quando uma família tenta formar um casal, ela *leva em consideração* a opinião da garota.

— Certo.

— Só percebi quando fiquei mais velha… Depois que minha mãe morreu, meus avós me acolheram, mas, bem, minha mãe não era casada quando eu nasci. A geração dos meus avós ainda considera isso uma falta muito grave.

— É.

Decidi não acrescentar: *Além do mais, você é filha do Loki, a origem de todo o mal.*

Sam pareceu ler meus pensamentos.

— Ela era médica, a minha mãe. Conheceu Loki na sala de emergência. Ele estava… Não sei… Tinha gastado boa parte de seu poder tentando aparecer em Midgard na forma física. Ficou preso de algum jeito, dividido entre os mundos. A manifestação dele em Boston estava sofrendo, fraca e impotente.

— Ela o curou?

Sam limpou uma gota de água do pulso.

— De certa forma. Ela foi gentil; ficou ao lado dele. Loki pode ser muito encantador quando quer.

— Eu sei. — Pisquei. — Quer dizer… pelas histórias. Você já o viu pessoalmente?

Ela me lançou um olhar sombrio.

— Não aprovo as decisões do meu pai. Ele pode ser carismático, mas também é um mentiroso, ladrão e assassino. Já me visitou várias vezes. Eu me recusei a falar com ele, o que o deixou louco. Ele não gosta de ser ignorado. É doido para chamar a atenção.

— Entendi. Loki. Louquinho.

Ela revirou os olhos.

— Enfim. Minha mãe praticamente me criou sozinha. Era uma mulher determinada, diferente. Quando morreu… Bem, onde morávamos eu era considerada uma pessoa ruim, uma bastarda. Meus avós tiveram sorte, *muita* sorte, de terem a bênção dos Fadlan para que eu me casasse com Amir. Eles não têm absolutamente nada a ganhar com o casamento. Não sou rica nem respeitável nem…

— Pare com isso. Você é inteligente, corajosa. É uma valquíria com a bênção de Frigga. E não consigo acreditar que estou procurando motivos para apoiar seu casamento arranjado…

O cabelo castanho voava ao redor do rosto, acumulando pedacinhos de gelo.

— Essa coisa de valquíria é um problema — disse ela. — Minha família… Bem, somos um pouco diferentes. Temos um histórico com os deuses nórdicos.

— Como assim?

Sam abanou a mão e desconversou, como se dissesse: *Daria muito trabalho explicar.*

— Mesmo assim — prosseguiu —, se alguém descobrisse sobre minha vida dupla… Acho que o sr. Fadlan não gostaria que o filho mais velho se casasse com uma garota que faz bico como coletora de almas para deuses pagãos.

— Ah. Falando desse jeito…

— Eu cubro minhas faltas da melhor forma que posso.

— Aulas de matemática.

— E alguns *glamoures* simples de uma valquíria. Mas uma boa muçulmana não deve sair sozinha com caras estranhos.

— Caras estranhos. Obrigado.

Tive uma visão repentina de Sam sentada na aula de inglês e o celular começando a vibrar. A tela pisca: LIGAÇÃO DE ODIN. Ela corre para o banheiro, veste seu traje de Supervalquíria e sai voando pela janela mais próxima.

— Quando você foi expulsa de Valhala… Hã, bom, me desculpe por isso. Mas você não pensou: *Ei, talvez seja uma coisa boa. Posso ter uma vida normal agora*?

— Não. Esse é o problema. Eu quero *as duas coisas.* Quero me casar com Amir na hora certa. Mas também sempre quis voar.

— Voar, tipo, em *aviões* ou mais no estilo *andar por aí em um cavalo mágico*?

— As duas coisas. Aos seis anos, comecei a desenhar aviões. Eu queria ser piloto. Quantas pilotos mulheres árabe-americanas você conhece?

— Você seria a primeira — admiti.

— *Gosto* dessa ideia. Me faça qualquer pergunta sobre aviões, e eu saberei responder.

— Então, quando você se tornou uma valquíria…

— Foi adrenalina pura. Poder sair voando quando eu quisesse foi um sonho virando realidade. Além do mais, senti que estava fazendo uma coisa boa. Procurava pessoas honradas e corajosas que morriam protegendo outras e as levava para Valhala. Você não sabe o quanto sinto falta disso.

A dor estava evidente em sua voz. *Pessoas honradas e corajosas*… Ela me incluía nesse grupo. Depois dos problemas que lhe causei, queria poder assegurar que tudo ficaria bem. Que descobriríamos um jeito de devolver a ela suas duas vidas.

Mas eu não podia prometer nem que sobreviveríamos àquele passeio de barco.

Do leme, Harald gritou:

— Mortais, vocês deviam prender a isca no anzol! Estamos chegando perto da boa pescaria!

Sam balançou a cabeça.

— Não. Vá mais longe!

Harald fez cara feia.

— Não é seguro! Mais longe…

— Você quer seu ouro ou não?

Harald murmurou alguma coisa provavelmente imprópria em jötunnês. E acelerou o barco.

Olhei para Sam.

— Como você sabe que temos que ir mais longe?

— Consigo sentir — disse ela. — Acho que é uma das vantagens do sangue do meu pai. Normalmente, consigo saber onde os piores monstros se escondem.

— Quanta alegria.

Espiei a escuridão. Pensei em Ginnungagap, a névoa primordial entre o gelo e o fogo. Parecíamos estar seguindo diretamente para lá. A qualquer momento, o mar poderia se dissolver, e cairíamos no vazio. Eu torcia para estar errado. Os avós de Sam ficariam furiosos se ela se atrasasse para o jantar.

O barco tremeu. O mar escureceu.

— Pronto — disse Sam. — Você sentiu? Passamos de Midgard para as águas de Jötunheim.

Apontei para bombordo. A algumas centenas de metros, uma torre de granito se projetava em meio à névoa.

— Mas aquilo é Graves Light. Não estamos tão longe do porto.

Sam pegou uma das varas de pesca enormes que talvez fosse mais apropriada para salto com vara.

— Os mundos se sobrepõem, Magnus, principalmente perto de Boston. Vá pegar a isca.

Harald diminuiu a velocidade do barco quando me viu chegando à popa.

— É perigoso demais pescar aqui — avisou ele. — Além do mais, duvido que você consiga usar essa isca.

— Cala a boca, Harald.

Peguei a corrente e arrastei a cabeça do touro, quase derrubando o capitão com um dos chifres do animal.

Quando alcancei Sam, examinamos o gancho de metal, que estava bem enfiado no crânio do touro.

— Isso deve servir como anzol de pesca — concluiu Sam. — Vamos amarrar essa corrente nela.

Passamos alguns minutos prendendo a corrente na linha de pesca, um cabo de aço fino trançado que fez o molinete pesar uns cento e trinta quilos.

Juntos, Sam e eu rolamos a cabeça do touro pela frente do barco. Enquanto afundava lentamente na espuma congelada, o olho morto do touro ficou me olhando como se dissesse: *Isso não foi legal, cara!*

Harald se aproximou carregando uma cadeira grande. Afundou os quatro pés dela em buracos de âncora no convés. Em seguida, prendeu-a com cabos de aço.

— Se eu fosse você, humano — disse ele —, colocaria o cinto de segurança.

Com os arreios de couro, aquilo ficou parecendo uma cadeira elétrica, mas Sam segurou a vara de pescar enquanto eu sentei e me prendi.

— E por que *eu* estou na cadeira? — perguntei.

— A sua promessa — lembrou ela. — Você fez um juramento de fidelidade.

— Fidelidade é uma droga.

No kit de suprimentos do gigante, peguei luvas de couro quatro vezes o meu tamanho e coloquei nas mãos.

Sam me passou a vara e pegou luvas para ela.

Eu tinha parte de uma lembrança de quando tinha dez anos e vi *Tubarão* com minha mãe por insistência dela. Ela me avisou que era superassustador, mas ou eu ficava entediado pelo ritmo lento ou ria do tubarão de borracha ridículo.

— Tomara que eu pesque um tubarão de borracha — murmurei, naquele momento.

Harald desligou o motor. De repente, ficou estranhamente silencioso. O vento parou. O granizo caindo no convés parecia areia batendo no vidro. As ondas se acalmaram, como se o mar estivesse prendendo a respiração.

Sam ficou na amurada, soltando a linha enquanto a cabeça do touro afundava nas profundezas. Finalmente, a linha se esticou.

— Chegou ao fundo? — perguntei.

Sam mordeu o lábio.

— Não sei. Acho…

A linha se retesou fazendo um som que parecia o de um martelo em uma serra. Sam a soltou para não ser jogada no mar. A vara quase foi arrancada das minhas mãos, levando meus dedos junto, mas, de alguma forma, consegui segurar.

A cadeira grunhiu. As tiras de couro afundaram nas minhas clavículas. O barco todo se inclinou para a frente, em direção às ondas, com madeira estalando e parafusos soltando.

— Pelo sangue de Ymir! — gritou Harald. — Vamos afundar!

— Dê linha!

Sam pegou um balde. Jogou água no cabo, que soltava fumaça enquanto corria pela proa.

Trinquei os dentes. Os músculos dos meus braços pareciam massa quente de pão. Quando eu tinha certeza de que não aguentaria mais, o puxão parou. A linha zumbia de tensão, cortando a água cinzenta cem metros a estibordo.

— O que está acontecendo? — perguntei. — Está descansando?

Harald soltou um palavrão.

— Não estou gostando nada disso. Monstros do mar não se comportam assim. Nem os grandalhões…

— Puxe a linha! — gritou Sam. — Agora!

Girei o molinete. Foi como fazer queda de braço com o Exterminador do Futuro. A vara se curvou. O cabo estalou. Sam puxou a linha, deixando-a longe da amurada, mas mesmo com a ajuda dela quase não consegui enrolar.

Meus ombros ficaram dormentes. Senti fisgadas na lombar. Apesar do frio, eu estava coberto de suor e tremendo de exaustão. Parecia que estava puxando um navio de batalha naufragado.

De tempos em tempos, Sam gritava palavras de encorajamento:

— Não, seu idiota! Puxe!

Por fim, na frente do barco, o mar escureceu em uma área de quinze metros de diâmetro. A água se agitou.

No leme, Harald devia ter tido uma visão melhor do que estava emergindo. Quando gritou, não soou nem um pouco como um gigante:

— Cortem a linha!

— Não — respondeu Sam. — Agora vamos até o fim.

Harald pegou uma faca. Jogou no cabo, mas Sam afastou a lâmina com o machado.

— Afaste-se, gigante! — ordenou ela.

— Mas vocês não podem trazer essa coisa aqui para cima! — choramingou Harald. — É o…

— Sim, eu sei!

A vara começou a escorregar das minhas mãos.

— Me ajude!

Sam correu e pegou a vara de pescar. Ela pulou para perto de mim na cadeira a fim de ajudar, mas eu estava cansado e apavorado demais para ficar constrangido.

— Podemos até morrer — murmurou ela — mas isso com certeza *vai* chamar a atenção de Ran.

— Por quê? — perguntei. — O que é essa coisa?

Nossa pesca surgiu na superfície e abriu os olhos.

— Conheça meu irmão mais velho — disse Sam —, a Serpente do Mundo.

TRINTA E TRÊS

O irmão de Sam acorda meio mal-humorado

QUANDO DIGO QUE a serpente abriu os olhos, na verdade quis dizer que ligou faróis verdes do tamanho de camas elásticas. As íris brilhavam com tanta intensidade que tive certeza de que veria tudo tingido da cor de gelatina sabor limão pelo resto da vida.

A boa notícia: minha vida não parecia que duraria muito tempo.

A crista na cabeça e o focinho pontudo do monstro o faziam parecer mais uma enguia do que uma cobra. A pele brilhante tinha tons de verde, marrom e amarelo. (Aqui estou eu, descrevendo-o com toda a calma. Na hora, o único pensamento na minha cabeça era: ECA! COBRA ENORME!)

O monstro abriu a boca e sibilou, e o fedor de cabeça de touro rançosa e veneno era tão forte que minhas roupas começaram a soltar fumaça. Ele podia não usar enxaguante bucal, mas obviamente a Serpente do Mundo passava fio dental. Os dentes brilhavam em fileiras de triângulos brancos perfeitos. A boca rosada era grande o bastante para engolir o barco de Harald e mais uma dezena dos barcos dos amigos dele.

Meu gancho de carne estava preso no fundo da garganta do monstro, bem onde ficaria a úvula em uma boca humana. A serpente não parecia satisfeita.

Ela sacudiu a cabeça de um lado para outro, a linha de aço presa entre os dentes. Minha vara de pescar guinou para o lado. O barco sacudiu de bombordo para estibordo, com as tábuas estalando e gemendo, mas conseguimos ficar na superfície. A linha não se rompeu.

— Sam — chamei em voz baixa. — Por que ele ainda não nos matou?

Ela estava tão perto de mim que consegui senti-la tremendo.

— Acho que está nos estudando, talvez até tentando falar conosco.

— O que está dizendo?

Sam engoliu em seco.

— Meu palpite? *Como você ousa?*

A serpente sibilou, cuspindo gotas de veneno que fervilharam no convés.

Às nossas costas, Harald choramingou:

— Larguem a vara, seus tolos! Querem nos matar?!

Tentei olhar nos olhos da serpente.

— Ei, sr. Jörmungand. Posso chamá-lo de sr. J? Olhe, peço desculpas pelo incômodo. Não é nada pessoal. Só estamos usando você para chamar a atenção de uma pessoa.

O sr. J não gostou disso. A cabeça dele saiu da água e assomou acima de nós, depois bateu com tudo no mar, gerando um anel de ondas de quase doze metros de altura.

Aparentemente, Sam e eu estávamos sentados na área que molha. Comi água salgada no almoço. Meus pulmões descobriram que não conseguiam respirar água. Meus olhos passaram por uma lavagem potente. Mas, por incrível que pareça, o barco não virou. Quando as ondas diminuíram, vi que eu ainda estava vivo, ainda segurando a vara de pescar, e a linha ainda estava presa à boca da Serpente do Mundo. O monstro olhava para mim como quem diz: *Por que você não está morto?*

Pelo canto do olho, vi o tsunami bater no Graves, chegando à base do farol. Eu me perguntei se tinha acabado de inundar Boston.

Então lembrei por que Jörmungand era chamado de Serpente do Mundo. Supostamente, o corpo dele era tão comprido que dava a volta no planeta, esticando-se pelo fundo do mar como um cabo de telecomunicação monstruoso. Na maior parte do tempo, ele ficava com o rabo na boca (ei, eu usei chupeta até os dois anos de idade, não posso julgar ninguém), mas decidiu que nossa isca de cabeça de touro valia a troca.

A questão era: se a Serpente do Mundo estava sacudindo, o mundo todo deveria estar sacudindo junto.

— Então, o que fazemos agora?

— Magnus — disse Sam com um tom estrangulado —, tente não entrar em pânico. Mas olhe para a direita.

Eu não conseguia imaginar o que poderia ser mais assustador do que o sr. J até ver a mulher no redemoinho.

Em comparação à serpente, ela era bem pequena, só tinha uns três metros de altura. Da cintura para cima, usava uma blusa de cota de malha prateada, cheia de pequenos crustáceos. Talvez já tivesse sido bonita, mas a pele perolada estava murcha, os olhos da cor de algas marinhas, leitosos devido à catarata, e o cabelo louro esvoaçante, cheio de fios brancos como plantas secas em um campo de trigo.

Era da cintura para baixo que as coisas ficavam esquisitas. Ao redor dela, como a saia de uma dançarina, uma tromba d’água rodopiava dentro de uma rede de pesca de cem metros de diâmetro. Preso na rede havia uma mistura de pedaços de gelo, peixes mortos, sacos plásticos, pneus de carro, cestinhas de supermercado e outras porcarias variadas. Quando a mulher veio flutuando na nossa direção, a beirada da rede bateu no casco e esbarrou no pescoço da Serpente do Mundo.

Ran falou com voz de barítono:

— Quem ousa interromper minha busca?

Harald, o gigante do gelo, gritou. Ele era ótimo nisso. Correu para a amurada e jogou um punhado de moedas pela lateral. Então se virou para Sam.

— Rápido, garota, o pagamento que você me deve! Dê para Ran!

Sam franziu a testa, mas jogou mais cinco moedas no mar.

Em vez de afundar, o ouro vermelho girou até a rede de Ran e se juntou ao carrossel flutuante de detritos.

— Ah, grandiosa Ran! — choramingou Harald. — Por favor, não me mate! Aqui, pegue minha âncora! Leve esses humanos! Pode até ficar com a minha marmita!

— Silêncio!

A deusa enxotou o gigante do gelo, que fez o que pôde para se encolher, se arrastar e se esconder ao mesmo tempo.

— Vou esperar lá embaixo — disse ele, chorando. — E rezar.

Ran me olhou como se avaliando se eu era grande o bastante para ser cortado em filés.

— Solte Jörmungand, mortal! A última coisa de que preciso hoje é um evento de inundação mundial.

A Serpente do Mundo sibilou, concordando.

Ran se virou para o monstro.

— E você, cale a boca, sua moreia crescida. Todo esse sacolejar está levantando muita areia. Não consigo ver nada aqui embaixo. Quantas vezes já falei para você não pegar nenhuma cabeça rançosa de touro? Cabeças rançosas de touro não são nativas dessas águas!

A serpente rosnou com petulância, puxando o cabo de aço ainda preso à boca.

— Ó, grandiosa Ran — falei. — Sou Magnus Chase. Esta é Sam al-Abbas. Viemos barganhar com você. E, só uma dúvida… por que você não pode cortar a linha de pesca?

Ran soltou uma torrente de xingamentos nórdicos que literalmente fumegaram no ar. Agora que eu estava mais perto, conseguia ver coisas estranhas se mexendo na rede ao redor da deusa: rostos barbados fantasmagóricos, com as bocas abertas e expressões de pavor enquanto tentavam chegar à superfície; as mãos agarrando as cordas.

— Einherji imprestável — disse Ran —, você sabe muito bem o que fez.

— Sei? — perguntei.

— Você é uma cria de vanir! Filho de Njord? — Ran farejou o ar. — Não, o cheiro é mais suave. Talvez neto.

Sam arregalou os olhos.

— É verdade! Magnus, você é filho de Frey, que é filho de Njord, deus dos navios, marinheiros e pescadores. Foi por isso que nosso barco não virou. Foi por isso que você conseguiu pescar a serpente! — Sam olhou para Ran. — Hã, e isso, claro, nós já sabíamos.

A deusa rosnou.

— Depois de trazida para a superfície, a Serpente do Mundo não fica só presa pela sua linha de pesca. Fica ligada a você pelo destino! *Você* precisa decidir agora, e rápido, se vai soltá-la e deixá-la voltar a dormir ou permitir que acorde por completo e destrua este mundo!

Na minha nuca, alguma coisa estalou como uma mola enferrujada, provavelmente o restinho da minha coragem. Olhei para a Serpente do Mundo. Pela primeira vez, reparei que os olhos verdes brilhantes estavam cobertos por uma membrana fina quase transparente, um segundo par de pálpebras.

— Você quer dizer que o monstro está apenas meio acordado?

— Se estivesse realmente acordado — disse a deusa —, a Costa Leste inteira já estaria debaixo d'água.

— Ah…

Precisei resistir à vontade de jogar a vara de pescar longe, soltar o arreio de segurança e sair correndo e gritando pelo convés, como um pequeno Harald.

— Eu vou soltá-lo — falei. — Mas primeiro, grandiosa Ran, você tem que prometer que vai negociar conosco de boa-fé. Queremos fazer uma troca.

— Negociar com vocês? — A saia de Ran girou mais rápido. Gelo e plástico estalaram. Cestinhas de compras bateram umas nas outras. — Por direito, Magnus Chase, você deveria *pertencer* a mim! Você morreu afogado. As almas afogadas são *minha* propriedade.

— Na verdade — disse Sam —, ele morreu em combate, pertence a Odin.

— Detalhes! — interrompeu Ran.

Os rostos na rede da deusa abriam a boca e ofegavam, implorando ajuda. Sam havia me dito: *Existem lugares piores do que Valhala para se passar a vida após a morte.* Ao me imaginar emaranhado naquela rede prateada, senti uma gratidão repentina pela valquíria.

— Tudo bem. Então vou deixar o sr. J acordar totalmente. Eu não tinha planos para hoje, mesmo.

— Não! — sibilou Ran. — Você tem ideia de como é difícil revirar o fundo do mar quando Jörmungand fica agitado? Solte-o!

— E você promete negociar de boa-fé?

— Prometo. Tudo bem. Não estou com paciência para o Ragnarök hoje.

— Diga: "Por minha fidelidade…"

— Eu sou uma deusa! Não sou burra a ponto de jurar fidelidade!

Olhei para Sam, que deu de ombros. Ela me entregou o machado, e cortei a linha de pesca.

Jörmungand afundou entre as ondas, olhando para mim por entre uma nuvem verde borbulhante de veneno, como se dissesse: *NA PRÓXIMA VEZ VOCÊ NÃO TERÁ TANTA SORTE, MORTALZINHO.*

A saia rodopiante de Ran ficou mais lenta, na velocidade de uma tempestade tropical.

— Muito bem, einherji. Eu prometi negociar de boa-fé. O que você quer?

— A Espada do Verão — falei. — Estava comigo quando caí no rio Charles.

Os olhos da deusa brilharam.

— Ah, sim. Posso lhe entregar a espada. Mas, em troca, eu gostaria de uma coisa valiosa. Que tal… a sua alma?

TRINTA E QUATRO

Minha espada quase vai parar no eBay

— **EU ACHO QUE** não — respondi.

Ran fez um barulho retumbante, como uma baleia com azia.

— Você, o neto daquele intrometido, Njord, vem aqui pedindo para negociar, perturba a Serpente do Mundo, interrompe minha busca e não aceita uma proposta razoável? A Espada do Verão é o artefato mais valioso que veio parar na minha rede nos últimos séculos. Sua alma é um preço pequeno a se pagar em troca!

— Lady Ran. — Sam pegou o machado de volta e desceu da cadeira de pesca. — Magnus já foi reivindicado por Odin. Ele é um einherji. Isso não pode mudar.

— Além do mais — acrescentei —, você não quer minha alma. É muito pequena. Não a uso tanto assim. Duvido que ainda funcione.

A saia aquosa da deusa rodopiou. As almas presas tentaram chegar à superfície. Sacos plásticos estouraram como plástico bolha. O cheiro de peixe podre quase me fez sentir saudade da cabeça do touro.

— O que me oferece pela espada, então? — perguntou Ran. — O que poderia valer mais do que ela?

Boa pergunta, pensei.

Olhei para a rede da deusa e uma ideia começou a se formar.

— Você disse que estava procurando alguma coisa — relembrei. — O quê?

A expressão da deusa se suavizou. Os olhos dela brilharam em um tom de verde mais ganancioso.

— Muitas coisas. Moedas. Almas. Qualquer item de valor, na verdade. Pouco antes de você despertar a serpente, eu estava de olho na calota de um Chevy Malibu que devia valer quarenta dólares *fácil*. Estava lá, no fundo do mar, perto do porto. Mas agora — ela levantou as mãos —, já era.

— Você coleciona lixo. — Eu me corrigi: — Quer dizer… tesouros.

Sam semicerrou os olhos para mim, se perguntando se eu tinha perdido a cabeça, mas estava começando a entender o que chamava a atenção de Ran, aquilo de que ela mais gostava.

A deusa esticou a mão na direção do horizonte.

— Você já ouviu falar da mancha de lixo do oceano Pacífico?

— *Eu* já, lady Ran — respondeu Sam. — É um acúmulo flutuante de lixo do tamanho do Texas. Parece horrível.

— É maravilhoso! — exclamou Ran. — Na primeira vez que vi, fiquei sem palavras! Deixava minha coleção no chinelo. Durante séculos, todos os naufrágios dos mares do norte pertenciam a mim. Qualquer coisa perdida nas profundezas vinha para mim. Mas, quando vi as maravilhas da mancha de lixo, percebi o quanto meus esforços foram insignificantes. Desde então, passo todo o meu tempo procurando no fundo do mar para ver se encontro mais tesouros para a minha rede. Jamais teria encontrado sua espada se não fosse tão rápida!

Assenti em solidariedade. Agora eu conseguia encaixar essa deusa nórdica na visão de mundo de Magnus Chase. Ran era uma acumuladora. Eu sabia lidar com acumuladores.

Espiei o lixo flutuando no mar. Uma colher de prata se equilibrava em um pedaço de isopor. Uma roda de bicicleta passou girando, explodindo a cabeça fantasmagórica de uma alma perdida.

— Lady Ran — falei —, seu marido, Aegir, é o deus do mar, certo? Você mora com ele em um palácio dourado no fundo do oceano?

A deusa pareceu ficar intrigada.

— Onde você quer chegar?

— Bem… o que seu marido acha da sua coleção?

— Aegir! — disparou a deusa com desprezo. — O grande criador de tempestades marinhas! Atualmente, a única coisa que ele quer é fermentar a cerveja dele. Ele *sempre* gostou disso, mas agora está beirando o ridículo. Passa o tempo todo em lojas de lúpulo ou fazendo visitações a pequenos produtores com os amigos. Isso sem falar da camisa de flanela, da calça jeans skinny com a barra dobrada, dos óculos e da forma como ele apara a barba. Ele está sempre falando de cervejarias artesanais. Tem um caldeirão com quase um quilômetro de diâmetro! Como isso pode ser *artesanal*?

— Certo, deve ser bem irritante. Ele não aprecia a importância dos seus tesouros.

— Ele tem o hobby dele — disse Ran. — E eu tenho o meu!

Sam pareceu perplexa, mas tudo isso fazia sentido para mim. Eu conhecia uma acumuladora em Charlestown que herdou uma mansão de seis milhões de dólares do marido em Beacon Hill, mas ficar sentada lá sozinha a deixava solitária e infeliz. Então ela vivia nas ruas, empurrando o carrinho de compras, colecionando objetos decorativos de plástico de jardim e latas de alumínio. *Isso* a fazia se sentir completa.

Ran franziu a testa.

— De que estávamos falando mesmo?

— Da Espada do Verão — respondi. — E do que eu poderia oferecer em troca.

— Sim!

— Eis minha oferta: eu deixo você ficar com a sua coleção.

Gelo se espalhou pelos fios da rede. O tom de Ran ficou perigoso.

— Você está me ameaçando?

— Ah, não. Eu jamais faria isso. Entendo o quanto suas coisas são valiosas…

— Sabe este enfeite de plástico de girassol? Não é mais fabricado! Vale uns dez dólares.

— Certo. Mas, se você não me der a Espada do Verão, Surt e os gigantes do fogo virão atrás dela. E *eles* não vão demonstrar tanto respeito.

Ran deu uma risada com deboche.

— Os filhos de Muspell não podem tocar em mim. Meu reino é mortal para eles.

— Mas Surt tem muitos aliados — comentou Sam, entendendo meu plano. — Eles incomodariam você, atrapalhariam você, tirariam seus… tesouros. Eles farão qualquer coisa para pegar a espada. Quando estiverem com ela, vão causar o Ragnarök. Aí, não vai haver mais buscas. Os oceanos vão evaporar. Sua coleção será destruída.

— Não! — berrou a deusa.

— Sim — falei. — Mas, se você nos der a espada, Surt não vai ter motivo para incomodá-la. Vai ficar em segurança.

Ran olhou de cara feia para as redes, observando os padrões de lixo cintilante.

— E como, filho de Frey, a espada vai estar mais segura com você do que comigo? Você não pode devolvê-la para seu pai. Frey abriu mão dela quando a deu de presente para Skírnir.

Pela milionésima vez, tive vontade de encontrar meu pai, o deus do verão saltitante, e dar um soco nele. Por que ele abriu mão da espada? Por amor? Os deuses não deviam ser inteligentes? Mas, pensando bem, Ran colecionava calotas e Aegir gostava de fazer cerveja artesanal.

— Eu mesmo vou brandi-la — falei. — Ou vou levá-la para Valhala e protegê-la.

— Em outras palavras, você não sabe. — A deusa arqueou as sobrancelhas cheias de algas para Sam. — E você, filha de Loki, por que está do lado dos deuses de Asgard? Seu pai não é aliado deles, não mais.

— Eu não sou meu pai — respondeu Sam. — Eu sou… era uma valquíria.

— Ah, sim. A garota que sonhava em voar. Mas os lordes de Valhala a expulsaram. Por que você ainda tenta conquistar a confiança deles? Você não precisa deles para voar. Sabe muito bem que, devido ao sangue do seu pai…

— Nos dê a espada, lady Ran. — A voz de Sam ficou mais firme. — É o único jeito de adiar o Ragnarök.

A deusa deu um sorriso afetado.

— Você até fala como Loki. Ele era um orador muito persuasivo, em um momento lisonjeiro, no outro, ameaçador. Uma vez, até me convenceu a emprestar minha rede para ele! Isso criou todo tipo de problema. Loki descobriu os segredos de como trançar redes. Os deuses aprenderam e, depois, os humanos. Em pouco tempo, *todo mundo* tinha redes. Minha marca registrada! Não

vou me deixar convencer com tanta facilidade de novo. Vou ficar com a espada e tentar a sorte com Surt.

Eu me soltei da cadeira de pesca. Segui até a proa e olhei nos olhos da deusa. Não costumava extorquir acumuladoras, mas precisava fazer Ran me levar a sério. Arranquei a corrente do cinto. Os elos de prata brilharam sob a luz do entardecer.

— Esta corrente é uma espada — expliquei. — Uma lâmina autêntica de Valhala. Quantas dessas você tem na sua rede?

Ran esticou a mão para a corrente, mas se controlou.

— Sim… consigo ver a espada pelo *glamour*. Mas por que eu trocaria…

— Uma espada nova por uma velha? Esta espada é mais lustrosa, só foi usada uma vez em combate. Dá para conseguir vinte pratas por ela, moleza. A Espada do Verão, no entanto, não tem valor comercial.

— Hum, verdade, mas…

— A outra opção é eu *pegar* a Espada do Verão. Ela me pertence.

Ran rosnou. As unhas cresceram e ficaram pontudas como dentes de tubarão.

— Como ousa me ameaçar, mortal?

— Só estou falando a verdade — continuei, tentando parecer calmo. — Consigo sentir a espada na sua rede. — (Pura mentira.) — Já a tirei das profundezas uma vez. Posso fazer de novo. A espada é a arma mais afiada dos nove mundos. Você a quer mesmo cortando sua rede, espalhando suas coisas e libertando as almas presas? Se elas fugissem, você acha que lutariam *por* você ou contra você?

O olhar dela vacilou.

— Você não ousaria.

— Uma espada por uma espada — concluí. — Inclua uma das maçãs de Idun e fechamos negócio.

Ran sibilou.

— Você não falou nada sobre maçã nenhuma!

— Não é um pedido absurdo. Sei que você tem uma maçã da imortalidade extra por aí em algum lugar. Aí, nós vamos embora em paz. Impedimos o Ragnarök e deixamos você voltar às suas buscas. Senão — dei de ombros — você vai descobrir o que o filho de Frey pode fazer com a espada do pai.

Eu tinha certeza de que a deusa riria da minha cara, viraria o barco e acrescentaria nossas almas afogadas à coleção dela. Mas a encarei com intensidade, como se não tivesse nada a perder.

Depois de contar até vinte, tempo suficiente para uma gota de suor escorrer pelo meu pescoço e congelar na gola, Ran soltou outro rosnado:

— Muito bem.

Ela balançou a mão. A Espada do Verão saiu voando da água e pousou na minha mão. Na mesma hora começou a zumbir, agitando todas as moléculas do meu corpo.

Joguei minha corrente no mar.

— Agora, a maçã.

Uma fruta disparou da rede. Teria acertado Sam na testa se não fossem os reflexos rápidos dela. A maçã não parecia nada de mais, era até meio murcha, mas Sam a segurou com cuidado, como se fosse radioativa. Colocou-a no casaco.

— Agora vá, como prometeu — ordenou Ran. — Mas guarde minhas palavras, filho de Frey: sua barganha vai lhe custar caro. Você fez de Ran sua inimiga. Meu marido, Aegir, lorde das ondas, também vai saber disso, se eu conseguir tirá-lo da loja de lúpulo. Pelo seu bem, espero que não esteja planejando viagens pelo mar. Da próxima vez, sua ligação com Njord não vai salvá-lo. Se atravessar minhas águas de novo, vou arrastar sua alma até o fundo pessoalmente.

— Bem — falei —, mal posso esperar.

Ran nos deu às costas. A forma dela se dissolveu em uma nuvem de névoa em forma de funil, as redes a envolvendo como espaguete. Ela afundou nas profundezas e sumiu.

Sam estremeceu.

— Isso foi interessante.

Atrás de nós, a madeira estalou. A cabeça de Harald apareceu, vinda do interior do barco.

— Interessante? — exclamou ele. — Você disse que foi *interessante*?

O gigante saiu com expressão de raiva, os punhos fechados, a barba azul gelada pingando.

— Pescar a Serpente do Mundo é uma coisa. Mas antagonizar Ran? Eu jamais teria aceitado vocês a bordo se soubesse, independentemente do que Big Boy disse! Eu ganho a vida no oceano! Deveria jogar vocês ao mar e…

— Eu dobro seu pagamento — disse Sam. — Dez moedas de ouro vermelho. Só para nos levar de volta ao píer.

Harald piscou.

— Combinado.

O gigante do gelo seguiu para o leme.

Observei a Espada do Verão. Agora que eu estava com ela, não sabia bem o que fazer. O aço brilhava como se tivesse luz própria, com runas prateadas cobrindo a parte achatada da lâmina. A espada irradiava calor e aquecia o ar ao meu redor, derretendo o gelo na amurada e me enchendo da mesma sensação de poder que eu sentia quando curava alguém. Não era como segurar uma arma… era mais como segurar um portal para uma época diferente, caminhando com minha mãe em Blue Hills, sentindo o sol no rosto.

Sam esticou a mão. Ainda com as luvas de couro enormes, ela secou uma lágrima da minha bochecha.

Eu não tinha percebido que estava chorando.

— Desculpe — disse com voz rouca.

Sam me observou, preocupada.

— Você poderia mesmo ter atraído a espada da rede de Ran?

— Não sei.

— Então você é louco. Mas estou impressionada.

Baixei a espada. Ela continuou zumbindo, como se estivesse tentando me dizer alguma coisa.

— O que Ran queria dizer? — perguntei. — Ela falou que você não precisava ser valquíria para voar. Algo a ver com o sangue do seu pai.

A expressão de Sam se fechou mais depressa do que as redes da deusa.

— Não é nada.

— Tem certeza?

Ela prendeu o machado no cinto. Olhou para todos os lugares, menos para os meus olhos.

— Tanta certeza quanto você de conseguir atrair a espada.

Os motores rugiram. O barco começou a dar meia-volta.

— Estarei no leme com Harald — disse Sam, aparentemente ansiosa para se afastar de mim. — Vou cuidar para que ele nos leve de volta para Boston, e não para Jötunheim.

TRINTA E CINCO

Não farás cocô na cabeça da Arte

DEPOIS DE ME dar a maçã meio murcha da imortalidade, Sam me deixou no porto. Disse que se dependesse dela, não iria embora, mas seus avós iriam matá-la e ela não queria chegar atrasada nesse evento. Combinamos de nos encontrar na manhã seguinte no Public Garden.

Segui na direção da praça Copley. Me senti meio incomodado de andar pelas ruas com uma espada brilhante, então tive uma conversa com a minha arma. (Porque isso não era maluquice nenhuma.)

— Você pode fazer um *glamour* e virar uma coisa menor? De preferência algo que não uma corrente, porque não estamos mais nos anos 1990.

A espada não respondeu (dã), mas imaginei que estivesse zumbindo em um tom mais interrogativo, como: *Tipo o quê?*

— Sei lá. Alguma coisa que caiba no bolso e seja inofensiva. Uma caneta, talvez?

A espada pulsou, quase como se estivesse rindo. Imaginei-a dizendo: *Uma caneta que vira uma espada. É a coisa mais idiota que já ouvi.*

— Você tem uma ideia melhor?

A espada encolheu na minha mão e virou um pingente de runa em uma corrente. A pequena pedra branca tinha um símbolo preto:

ᚠ

— A runa de Frey. Não sou muito fã de bijuterias, mas tudo bem.

Prendi a corrente no pescoço. Descobri que a pedra era presa à corrente por magnetismo, então eu podia puxá-la com facilidade. Assim que fiz isso, a pedra cresceu e se transformou na espada. Se eu a quisesse de volta na forma de pingente, só precisava mentalizar. A espada encolhia e eu podia prender a pedra no cordão.

— Legal.

Talvez a espada tivesse *mesmo* ouvido meu pedido. Talvez tivesse sido eu quem criou o *glamour*. Ou talvez aquilo fosse uma alucinação e eu estivesse usando uma espada enorme

pendurada no pescoço.

Eu duvidava de que meu novo medalhão fosse chamar atenção de alguém.

Quem olhasse veria o ᚠ e imaginaria que significava ᚠracasso.

Quando cheguei à praça Copley, já estava escuro. Não havia sinal de Blitz e nem de Hearthstone, o que me deixou apreensivo. A biblioteca estaria fechada até o dia seguinte. Cheguei a me perguntar se Big Boy esperava que eu o encontrasse no telhado. Mas eu não escalaria as paredes da biblioteca.

Foi um dia longo. Com força de superguerreiro einherji ou não, eu estava exausto e tremendo de fome. Se Big Boy quisesse a maçã, ele que viesse buscar. Senão, eu a comeria.

Fiquei sentado na escadaria da frente da biblioteca, com a pedra balançando no pescoço como se ainda estivéssemos no barco de Harald. Eu estava entre duas estátuas de bronze que se reclinavam em um trono de mármore. Lembrei que uma simbolizava a Arte e a outra, a Ciência, mas ambas me pareciam prontas para sair de férias. Estavam apoiadas nos braços, com xales de metal cobrindo a cabeça, olhando na minha direção como se dissessem: *Semaninha difícil, hein?*

Era a primeira vez que eu ficava sozinho sem estar em perigo iminente desde… a capela? Estar acompanhado do próprio cadáver pode ser considerado sozinho?

Eu já devia ter sido enterrado àquela altura. Imaginei meu caixão sendo baixado em um túmulo gelado; tio Randolph apoiado na bengala, franzindo a testa com ressentimento; tio Frederick parecendo perplexo e perturbado com as roupas descombinadas; e Annabeth… eu não conseguia imaginar o que ela estava sentindo.

Ela correu para Boston para me procurar. Ficou sabendo que eu estava morto. Depois, que eu *não estava* morto, mas mesmo assim teve que ir ao meu enterro e sem poder contar a ninguém que tinha me visto.

Eu acreditava que ela cumpriria a promessa, mas nosso encontro me deixou atordoado. Algumas das coisas que ela disse: *Posso ajudar você. Conheço um lugar onde você estará seguro.*

Tirei o panfleto amassado do bolso do casaco. DESAPARECIDO! MAGNUS CHASE, 16 ANOS. LIGUE. Observei o número do celular de Annabeth e tentei memorizá-lo. Eu devia uma explicação para ela, mas ainda não era o momento. Por minha causa, Blitzen ficara meio petrificado, Hearthstone fora nocauteado e Sam fora expulsa das valquírias. Eu não podia correr o risco de arrastar mais alguém para os meus problemas.

De acordo com as Nornas, o lobo Fenrir seria solto em sete dias se eu não impedisse. O Ragnarök começaria. Surt incendiaria os nove mundos. Eu jamais encontraria minha mãe e nem faria justiça pelo assassinato dela.

Apesar disso tudo, cada vez que pensava em encarar um lobo, em encarar *o* Lobo, o próprio Fenrir, sentia vontade de me encolher no meu velho saco de dormir, enfiar os dedos nos ouvidos e cantarolar *Lá lá lá, não está acontecendo.*

Uma sombra encobriu minha cabeça. A águia Big Boy pousou na estátua de bronze à minha esquerda e imediatamente decorou a cabeça dela com titica.

— Cara, você fez cocô na Arte.

— Fiz? — Big Boy levantou as penas da cauda. — Ah, paciência. Imagino que ela esteja acostumada. Estou vendo que você sobreviveu à pescaria!

— Surpreso?

— Na verdade, estou. Conseguiu minha maçã?

Eu a tirei do bolso e joguei para ele. Big Boy pegou com a garra esquerda e começou a comer.

— Ah, é isso mesmo!

Eu tinha visto coisas estranhas recentemente, mas uma águia comendo uma maçã em cima da cabeça cagada da Arte estava entre as vinte melhores.

— Vai me dizer agora quem é você?

Big Boy arrotou.

— Acho que você merece. Vou confessar: não sou uma águia de verdade.

— Devo dizer que estou chocado. Cho-ca-do.

Ele arrancou outro pedaço de maçã.

— Além disso, duvido que você faça amigos entre os deuses quando eles souberem que me ajudou.

— Maravilha. Já estou na lista negra de Ran e Aegir.

— Ah, eles não são *deuses* propriamente. Não são aesires e nem vanires. Acho que estão mais para gigantes, embora a linha entre gigante e deus sempre tenha sido meio indefinida. Nossos clãs se casaram entre si muitas vezes ao longo dos anos.

— *Nossos clãs*. O que quer dizer…

A águia cresceu. Sombras se dobraram ao redor dele, aumentando seu tamanho como uma bola de neve ganhando massa. Ele assumiu a forma de um enorme velho deitado no colo da Arte. Usava botas com detalhes de ferro, uma bombacha de couro e uma túnica de penas de águia que devia estar ajudando na extinção da espécie. O cabelo era grisalho e o rosto, envelhecido. No antebraço, usava um bracelete dourado cheio de entalhes, o tipo de proteção de braço usado pelos lordes de Valhala.

— Você é um lorde?

— Um rei, na verdade. — Big Boy comeu outro pedaço de maçã. Na mesma hora, seu cabelo escureceu e algumas rugas sumiram. — Utgard-Loki, ao seu dispor!

Fechei os dedos ao redor da espada-pingente.

— Loki, tipo, *Loki* Loki?

O gigante fez cara feia.

— Você não faz ideia de quantas vezes ouço essa pergunta. *Você é o "famoso" Loki?* — Ele colocou famoso entre aspas. — Ugh! Ganhei esse nome antes de *ele* aparecer. É um nome

popular entre gigantes! De qualquer modo, não, Magnus Chase, não sou parente do *famoso* Loki. Sou Utgard-Loki, o que quer dizer Loki das Terras Distantes, rei dos gigantes das montanhas. Estou observando você há anos.

— Eu ouço muito isso.

— Ah, você é bem mais interessante do que aqueles filhos burros de Thor que costumam me desafiar. Você vai ser um inimigo maravilhoso!

Senti pressão nos canais auditivos.

— Somos inimigos agora?

— Não precisa puxar sua espada ainda. Mas é um belo pingente. Algum dia, vamos nos encontrar em lados opostos. É inevitável. Mas, por enquanto, fico feliz em observar. Espero que você aprenda a usar a espada sem morrer. Isso seria divertido. Surt, aquele saco de fumaça velha, merece ser humilhado.

— Ah, fico feliz em entreter você.

O gigante jogou o resto da maçã na boca e a engoliu inteira. Agora aparentava ter uns vinte e cinco anos, com cabelo preto como carvão, o rosto belo e anguloso sem rugas.

— Falando em Surt — disse ele —, o lorde do fogo nunca vai deixar você ficar com essa espada. Você tem… provavelmente até amanhã de manhã para que ele descubra que a encontrou.

Larguei o pingente. Meus braços pareciam sacos de areia molhados.

— Eu empalei Surt, cortei o nariz dele e o joguei em um rio com água gelada. Isso nem o atrasou?

— Ah, atrasou, sim! Agora, ele não passa de uma bola de fogo furiosa sem nariz, resmungando em Muspellheim. Surt vai precisar conservar todo o poder para se manifestar de novo no dia da lua cheia.

— Quando vai tentar libertar o lobo.

Talvez eu não devesse estar batendo papo sobre isso com um inimigo autodeclarado, mas alguma coisa me dizia que Utgard-Loki já sabia.

O gigante assentiu.

— Surt está mais ansioso do que qualquer um para que o Ragnarök aconteça. Ele sabe que vai consumir os nove mundos em chamas, e é o que espera desde o começo dos tempos. Já eu gosto do jeito como as coisas estão! Estou me divertindo. Mas gigantes do fogo… ah, não dá para dialogar com eles. Só querem queimar, queimar, queimar. A boa notícia é que Surt não vai poder matar você pessoalmente antes da lua cheia. Ele está fraco demais. A má notícia: ele tem muitos aliados.

— Odeio aliados.

— Surt não é o único atrás de você. Seus antigos amigos de Valhala o estão procurando. Não estão felizes de você ter saído sem permissão.

Pensei na capitã Gunilla e a cartucheira cheia de martelos. Imaginei um girando na direção do meu rosto.

— Ah, mas que perfeito.

— Se eu fosse você, Magnus, sairia de Midgard ao amanhecer. Isso despistaria os perseguidores, ao menos temporariamente.

— Sair da Terra. Simples assim.

— Eu sabia que você era esperto, garoto. — Utgard-Loki deslizou do colo da estátua. De pé, ele tinha uns três metros e meio. — Nós vamos nos encontrar de novo, Magnus Chase. Um dia, você vai precisar de um favor que só Utgard-Loki vai poder conceder. Mas agora… seus amigos querem conversar. Adeus!

O gigante foi envolvido por sombras e sumiu. No lugar dele estavam Blitzen e Hearthstone.

Hearth pulou para longe de mim como um gato assustado.

Blitzen largou a bolsa.

— Pela corneta de Heimdall, garoto! De onde você veio?

— De onde eu… Eu estou aqui há quase uma hora. Estava conversando com um gigante.

Hearth se aproximou de mim lentamente e me cutucou no peito para ver se eu era de verdade.

Estamos aqui há horas, disse ele. *Esperando você. Nós conversamos com o gigante. Então você apareceu.*

Tive um mau pressentimento.

— Acho que devíamos comparar as histórias.

Contei para eles o que aconteceu desde que nos separamos: o barco do gigante Harald, o sr. J e a Acumuladora Ran (o que seria um nome incrível para uma dupla de rappers) e minha conversa com Utgard-Loki.

— Ah. Isso não é nada bom. — Blitzen coçou a barba. Tinha deixado de lado o equipamento para afastar o sol e estava usando agora um terno de três peças berinjela com uma camisa malva e um cravo verde na lapela. — O gigante nos contou as mesmas coisas, mas… não o nome dele.

Hearth gesticulou *Surpresa* abrindo os dedos esqueléticos dos dois lados dos olhos, o que, nesse contexto, concluí que significava *CARAMBA!*

Utgard-Loki. Ele soletrou o nome. *O feiticeiro mais poderoso de Jötunheim. Capaz de criar ilusões.*

— Tivemos sorte — disse Blitz. — Utgard-Loki poderia ter nos levado a ver ou fazer *qualquer coisa*. Poderia ter nos feito pular de um telhado, matar uns aos outros acidentalmente ou até comer steak tartar. Na verdade — Blitz semicerrou os olhos —, ainda podemos estar em uma ilusão. Qualquer um de nós pode ser um gigante.

Blitzen deu um soco no braço de Hearthstone.

AI!, disse ele e pisou nos dedos do pé do anão.

— Ou talvez não — decidiu Blitzen. — Ainda assim, isso não é nada bom. Magnus, você deu uma maçã da imortalidade para um rei gigante.

— E… o que isso quer dizer exatamente?

Blitz mexeu no cravo.

— Para ser sincero, não sei. Nunca entendi como essas maçãs funcionam. Imagino que vá deixar Utgard-Loki mais forte e mais jovem. E não se engane, quando o Ragnarök chegar, ele não vai estar do nosso lado.

Hearthstone gesticulou: *Quem dera eu soubesse que era Utgard-Loki. Podia ter tirado umas dúvidas sobre magia.*

— Humf — resmungou Blitz. — Você sabe muita coisa. Além do mais, não dá para confiar que um gigante dará respostas diretas. Agora, vocês dois precisam dormir. Elfos não conseguem ficar acordados muito tempo sem luz do sol. E Magnus parece que vai desmaiar.

Blitz estava certo. Eu já estava começando a ver dois Blitzens e dois Hearthstones, e acho que não tinha nada a ver com ilusões.

Acampamos na porta da biblioteca, como antigamente, só que com suprimentos melhores. Blitz pegou três sacos de dormir na bolsa, junto com uma muda de roupa para mim e alguns sanduíches, que comi tão rápido que nem senti o gosto. Hearth se acomodou no saco de dormir e começou a roncar na mesma hora.

— Descanse — disse Blitz. — Vou ficar de vigia. Amanhã, visitamos meus parentes.

— No mundo anão? — Meus pensamentos estavam ficando embaçados. — Na sua casa?

— Na minha casa. — Blitzen pareceu inquieto. — Parte da pesquisa que Hearth e eu fizemos hoje… Parece que vamos precisar de mais informações sobre a corda que amarra Fenrir. Só vamos conseguir isso em Nídavellir. — Ele se concentrou na corrente no meu pescoço. — Posso ver? A espada?

Peguei o pingente e coloquei a espada entre nós, a luz fazendo o rosto de Blitz cintilar como um pedaço de cobre no escuro.

— De tirar o fôlego — murmurou ele. — Aço de osso… ou alguma coisa mais exótica.

— Aço de osso… T.J. lá de Valhala mencionou isso.

Blitz não tocou na lâmina, mas passou a mão por cima com reverência.

— Para fazer aço, o ferro é derretido com carbono. A maioria dos ferreiros usa carvão, mas também é possível usar ossos… Os ossos de inimigos, de monstros, de ancestrais.

— Ah…

Olhei para a lâmina e me perguntei se meus tataravós podiam estar em algum lugar dela.

— Se forjado corretamente — disse Blitz —, o aço de osso pode ferir criaturas sobrenaturais, até mesmo gigantes e deuses. É claro que é preciso encharcar a espada de sangue para endurecê-la, de preferência o sangue do tipo de criatura contra a qual você quer que a arma seja mais letal.

Os sanduíches não estavam caindo bem no meu estômago.

— Essa lâmina foi feita assim?

— Não sei — admitiu Blitz. — A espada de Frey é trabalho vanir, o que é um mistério para mim. Talvez esteja mais próxima da magia élfica de Hearth.

Meu ânimo murchou. Eu sabia que anões eram bons em forjar armas. No fundo, torcia para que Blitz pudesse me contar alguma coisa sobre os segredos da lâmina.

Olhei para Hearth, ainda roncando pacificamente.

— Você disse que Hearth sabia muita magia. Não estou criticando, mas nunca o vi fazer nenhuma… Bem, talvez só para abrir uma porta. O que mais ele sabe fazer?

Blitz colocou a mão ao lado dos pés de Hearth de forma protetora.

— A magia o exaure. Ele a usa com cuidado. Além do mais, a família dele…

Ele respirou fundo.

— Os elfos modernos não aprovam o estudo da magia. Os pais dele o envergonharam muito. Ele ainda tem vergonha de fazer magia na frente dos outros. Hearthstone não foi o filho que os pais queriam, considerando a magia e, você sabe…

Blitz bateu nos ouvidos.

Senti vontade de xingar os pais de Hearthstone em linguagem de sinais.

— Não é culpa dele ser surdo.

— Elfos. — Blitz deu de ombros. — Eles são intolerantes com qualquer coisa que não seja perfeita: música, artes, aparências. Os próprios filhos.

Senti vontade de protestar pelo quanto aquilo era errado. Mas pensei nos humanos e concluí que não éramos muito melhores.

— Durma um pouco, garoto — pediu Blitz. — Amanhã vai ser um grande dia. Para deixarmos Fenrir preso, vamos precisar da ajuda de um certo anão… e essa ajuda não vai ser barata. Vamos precisar de você com toda a sua força quando pularmos para Nídavellir.

— Pular… O que você quer dizer com *pular*?

Ele me olhou com preocupação, como se eu pudesse vir a ter outro enterro muito em breve.

— De manhã, você vai tentar subir na Árvore do Mundo.

TRINTA E SEIS

Patos!

PODEM ME CHAMAR de maluco.

Eu esperava que a Árvore do Mundo fosse uma árvore. Não uma fileira de patos de bronze.

— Aqui está! — disse Blitzen. — O eixo do universo!

Hearthstone se ajoelhou com reverência.

Olhei para Sam, que tinha se juntado a nós após uma fuga ousada da aula de física. Ela não estava rindo.

— Então… — falei. — Vou fazer apenas um comentário: essa é a estátua *Abra caminho para os patos*.

— Você acha que é coincidência? — perguntou Blitzen. — Nove mundos? Nove patos? O simbolismo grita *portal*! Este ponto é o crucial da criação, o centro da árvore, o lugar mais fácil de se pular de um pato, quer dizer, de um mundo para o outro.

— Se você diz.

Eu já tinha passado pelos patinhos de bronze mil vezes. Nunca achei que eram um eixo. Não li o livro infantil que deu origem a essa história, mas imaginei que fosse sobre uma mamãe pata e os bebês atravessando uma rua de Boston, então colocaram uma escultura no Public Garden.

No verão, os pais tiravam fotos das criancinhas sentadas na sra. Mallard. No Natal, os patos ganhavam gorrinhos de Papai Noel. No momento, estavam nus e sozinhos, enterrados até o pescoço com neve recém-caída.

Hearthstone passou as mãos pelas estátuas como se estivesse verificando calor na boca de um fogão.

Ele olhou para Blitz e balançou a cabeça.

— Como eu temia — disse Blitz. — Hearth e eu estamos viajando muito. Não vamos conseguir ativar os patos. Magnus, vamos precisar de você.

Esperei uma explicação, mas Blitz só estudou as esculturas. Ele estava experimentando um chapéu novo esta manhã, um chapéu de safári com uma rede escura que cobria até os ombros. De acordo com Blitz, o tecido da rede era criação dele. Bloqueava noventa e oito por cento da luz do sol, permitindo que víssemos seu rosto e, de tabela, suas roupas elegantes. Fazia com que ele parecesse um criador de abelhas de luto.

— Tudo bem, deixa comigo — falei. — Como faço para ativar os patos?

Sam observou os arredores. Ela parecia não ter dormido muito. Os olhos estavam inchados. As mãos estavam machucadas e cheias de bolhas por causa da nossa expedição de pesca. Ela tinha colocado um sobretudo preto, mas de resto vestia o mesmo que no dia anterior: o hijab verde, o machado, o escudo, uma calça jeans, botas de inverno e todos os apetrechos de uma ex-valquíria na moda.

— Não importa o que for fazer — disse ela —, seja rápido. Não gosto do quanto estamos perto dos portões de Valhala.

— Mas não sei como — protestei. — Vocês não pulam entre mundos o tempo todo?

Hearth disse: *Até demais*.

— Garoto — disse Blitz —, quanto mais você viaja entre mundos, mais difícil fica. É meio como superaquecer um motor. Em determinado ponto, você tem que parar e deixar o motor esfriar. Além do mais, pular aleatoriamente de um mundo para o outro é uma coisa. Viajar em uma missão… é diferente. Não temos certeza de onde exatamente precisamos ir.

Eu me virei para Sam.

— E você?

— Quando eu era valquíria, não teria sido problema. Mas agora? — Ela balançou a cabeça. — Você é filho de Frey. Seu pai é o deus da colheita e da fertilidade. Você devia conseguir atrair os galhos da Yggdrasill para perto o bastante para pularmos. Além do mais, a missão é sua. Você tem as melhores chances de navegar. Concentre-se nas esculturas. Encontre o caminho mais rápido para nós.

Ela teria se saído melhor explicando cálculo para mim.

Eu me senti um idiota, mas me ajoelhei ao lado da escultura. Toquei no pato no fim da fila. Uma sensação fria subiu pelo meu braço, como gelo, névoa e escuridão, alguma coisa desagradável e nada acolhedora.

— Este — concluí — é o caminho mais curto para Niflheim.

— Excelente — disse Blitz. — Não vamos por aí.

Eu estava esticando a mão para o pato seguinte quando alguém gritou:

— MAGNUS CHASE!

A duzentos metros, do outro lado da rua Charles, a capitã Gunilla estava flanqueada por duas outras valquírias. Atrás dela havia uma fila de einherjar. Não consegui identificar as expressões deles, mas o corpo cinza enorme de X, o meio troll, era inconfundível. Gunilla tinha escalado meus próprios amigos para me capturar.

Meus dedos tremeram de raiva. Eu queria pegar um gancho de carne e fazer a Gunilla de isca. Segurei o pingente.

— Magnus, não — disse Sam. — Concentre-se nos patos. Temos que ir para outro mundo *agora*.

Dos dois lados de Gunilla, as valquírias tiraram lanças cintilantes das costas. Gritaram para os einherjar prepararem as armas. Gunilla sacou dois martelos e os atirou em nossa direção.

Sam rebateu um com o escudo. Acertou o outro com o machado, desviando o martelo para o salgueiro mais próximo, onde ele se cravou até o cabo. Do outro lado da rua, as três valquírias levantaram voo.

— Não posso lutar contra todas — avisou Sam. — Temos que ir agora ou seremos capturados.

Minha raiva virou pânico. Olhei para a fileira de patos de bronze, mas minha concentração estava em frangalhos.

— Eu… eu preciso de mais tempo.

— Não *temos* tempo!

Sam afastou outro martelo. A força do golpe rachou o escudo dela no meio.

— Hearth. — Blitzen cutucou o braço do elfo. — Agora seria um bom momento.

Surgiu uma ruga nos cantos da boca de Hearthstone. Ele enfiou a mão na bolsa e pegou uma runa. Escondeu-a nas mãos e murmurou silenciosamente para ela, como se falando com um pássaro capturado. Jogou a pedra no ar.

A pedra explodiu acima de nós, criando uma runa de luz dourada chamejante.

ᚱ

Entre a equipe de caça de Gunilla e nós, a distância pareceu aumentar. As valquírias voaram em nossa direção a toda velocidade; meus colegas einherjar ergueram as armas e atacaram; mas não fizeram progresso.

A situação me lembrou aqueles desenhos baratos dos anos 1970 em que um personagem corre, mas o cenário atrás dele continua o mesmo. A rua Charles espiralou ao redor dos nossos perseguidores como uma gigantesca rodinha de hamster. Pela primeira vez, entendi o que Sam me disse sobre as runas serem capazes de alterar a realidade.

— *Raidho* — disse Blitzen com admiração. — Significa roda, a viagem. Hearthstone ganhou tempo para você.

Só alguns segundos, gesticulou Hearth. *Se apresse.*

Ele desabou na mesma hora nos braços de Sam.

Passei as mãos rapidamente pelos patos de bronze. No quarto, parei. Senti calor, segurança… uma sensação boa.

— Este.

— Então abra! — gritou Blitzen.

Eu me levantei. Sem saber direito o que estava fazendo, puxei o pingente da corrente. A Espada do Verão ganhou forma na minha mão. A lâmina ronronava como um gato feliz. Bati com ela no pato de bronze e fiz um corte para cima.

O ar se abriu como uma cortina. À minha frente, em vez de uma calçada, havia uma área de galhos de árvore. O mais próximo, tão largo quanto a rua Beacon, corria diretamente abaixo de nós, talvez a um metro, suspenso sobre o grande abismo. Infelizmente, o corte que fiz no tecido de Midgard já estava se fechando.

— Andem! — falei. — Pulem!

Blitzen não hesitou. Pulou na abertura.

Na rua Charles, Gunilla gritou de fúria. Ela e as valquírias ainda estavam voando a toda pela rodinha de hamster de desenho animado, os einherjar cambaleando atrás.

— Você está condenado, Magnus Chase! — gritou Gunilla. — Vamos perseguir você até o fim dos…

Com um *POP* alto, o feitiço de Hearth parou de funcionar. Os einherjar caíram de cara no chão. As três valquírias dispararam para cima de nós. A julgar pelo som de vidro se quebrando, deviam ter batido em um prédio na rua Arlington.

Não esperei meus velhos colegas de corredor recuperarem os sentidos.

Peguei o braço esquerdo de Hearth enquanto Sam pegava o direito. Juntos, pulamos na Árvore do Mundo.

TRINTA E SETE

Sou insultado por um esquilo

EU SEMPRE GOSTEI de escalar árvores.

Minha mãe aceitava bem esse meu lado. Só ficava nervosa se eu subisse mais de seis metros. Nesse caso, um pouco de tensão surgia na voz dela. "Docinho, esse galho pode não aguentar você. Pode descer um pouco?"

Na Árvore do Mundo, *todos* os galhos me aguentariam. Os maiores eram mais largos do que uma avenida. Os menores, da largura do tronco de uma sequoia. O tronco da Yggdrasill era imensurável. Cada ranhura na superfície parecia levar a um mundo novo, como se alguém tivesse enrolado casca de árvore em uma coluna de monitores de televisão passando um milhão de filmes diferentes.

O vento soprava e sacudia minha jaqueta nova. Acima da copa da árvore, não vi nada além de um brilho branco difuso. Abaixo não havia chão, só mais galhos atravessando o vazio. A árvore tinha que estar com as raízes presas em algum lugar, mas me senti tonto e desequilibrado, como se Yggdrasill e tudo que ela continha, inclusive meu mundo, estivessem flutuando livremente na Névoa, o Ginnungagap.

Se eu caísse ali, no melhor cenário, bateria em outro galho e quebraria o pescoço. No pior, continuaria caindo para sempre no Grande Vazio Branco.

Eu devia estar me inclinando para a frente, porque Blitzen segurou meu braço.

— Cuidado, garoto. A primeira vez na árvore deixa a gente meio tonto.

— É, eu reparei.

Hearthstone ainda estava se apoiando em mim e na Sam. Ele tentou ficar de pé sozinho, mas as pernas continuavam cedendo sob seu peso.

Sam cambaleou. O escudo quebrado escorregou da mão dela e tombou para o abismo.

Ela se agachou, a expressão tomada pelo pânico reprimido.

— Eu gostava bem mais da Yggdrasill quando podia voar.

— E Gunilla e os outros? — perguntei. — Vão conseguir nos seguir?

— Dificilmente — disse Sam. — Eles podem abrir outro portal, mas não necessariamente vai levar ao mesmo galho da árvore. Mesmo assim, devíamos seguir em frente. Ficar na Yggdrasill não é bom para a sanidade.

Hearthstone conseguiu ficar de pé sozinho. Ele sinalizou: *Estou bem. Vamos.* Se bem que as mãos dele estavam tão trêmulas que parecia mais: *Você é um túnel de coelho.*

Seguimos adiante no galho.

A Espada do Verão zumbia na minha mão, me puxando como se soubesse para onde estávamos indo. Eu esperava que soubesse, pelo menos.

Ventos fortes nos empurravam de um lado para outro. Galhos oscilavam, criando áreas de sombra e círculos brilhantes de luz pelo caminho. Uma folha do tamanho de uma canoa passou voando por nós.

— Fique concentrado — aconselhou Blitzen. — Sabe aquela sensação que você teve quando abriu o portal? Procure-a de novo. Encontre uma saída.

Depois de andar uns quatrocentos metros, encontramos um galho mais fino atravessado bem abaixo do nosso. Minha espada zumbiu mais alto e me puxou para a direita.

Olhei para os meus amigos.

— Acho que precisamos pegar essa saída.

Mudar de galho podia parecer fácil, mas envolvia escorregar três metros de uma superfície curva para outra, com o vento uivando e os galhos oscilando. Por sorte, conseguimos fazer isso sem ninguém ser esmagado e nem cair no abismo.

Percorrer o galho mais estreito foi pior. Ele balançava com mais violência sob nossos pés. Em determinado ponto, fui soterrado por uma folha, como uma lona verde surgindo do nada e caindo em cima de mim. Em outro momento, olhei para baixo e percebi que estava sobre uma rachadura no tronco. Oitocentos quilômetros abaixo, *dentro* do galho, eu conseguia ver uma cadeia montanhosa com picos cobertos de neve, como se estivesse de pé em um avião com piso de vidro.

Seguimos pelo labirinto de amontoados de líquen que pareciam colinas de marshmallow derretido. Cometi o erro de tocar em um deles. Minha mão afundou até o pulso e eu quase não consegui soltá-la.

Finalmente, o líquen se espalhou em amontoados menores, como pufes de marshmallow derretido. Seguimos nosso galho até ele se dividir em seis galhos finos impossíveis de escalar. A Espada do Verão parecia ter adormecido na minha mão.

— E agora? — perguntou Sam.

Espiei pela lateral. Uns dez metros abaixo de nós, um galho maior oscilou. No meio dele, um nó do tamanho de um ofurô brilhava com uma luz suave e calorosa.

— É ali — falei. — É nossa saída.

Blitzen fez uma careta.

— Tem certeza? Nídavellir não é quente e brilhante.

— Estou dizendo, a espada parece pensar que devemos ir para lá.

Sam assobiou baixinho.

— É uma queda e tanto. Se errarmos o buraco…

Hearthstone soletrou: *P-L-O-F-T.*

Uma rajada de vento nos atingiu, e Hearth cambaleou. Antes que eu conseguisse segurá-lo, ele caiu para trás em um amontoado de líquen. As pernas foram engolidas na mesma hora pela gosma parecida com marshmallow.

— Hearth!

Blitzen correu para o lado dele. Puxou os braços do elfo, mas o líquen grudento segurava suas pernas como um bebê carente.

— Vamos precisar cortar — disse Sam. — Sua espada, meu machado. Mas vai levar tempo. E vamos ter que tomar cuidado com as pernas dele. Mas poderia ser pior.

É claro que as coisas ficaram piores. De algum ponto acima de nós veio um *AU!* muito alto.

Blitzen se encolheu debaixo do chapéu.

— Ratatosk! Aquele maldito esquilo *sempre* aparece na pior hora. Andem logo com isso!

Sam cortou o líquen com o machado, mas a lâmina ficou presa.

— É como cortar pneus derretidos! Vai demorar.

VÃO!, sinalizou Hearth. *Fujam.*

— Isso não é uma opção — respondi.

AAAAUUU! O som foi bem mais alto desta vez. Uns dez galhos acima, uma sombra grande passou em meio às folhas.

Levantei a espada.

— Vamos lutar com o esquilo. Podemos fazer isso, não é?

Sam olhou para mim como se eu fosse louco.

— Ratatosk é invulnerável. Não dá para lutar com ele. Nossas opções são correr, nos esconder ou morrer.

— Não podemos fugir. E já morri duas vezes só essa semana.

— Então vamos nos esconder. — Sam desenrolou o hijab. — Pelo menos, Hearth e eu. Só consigo cobrir duas pessoas. Você e Blitz fujam, vão procurar os anões. Nos encontramos mais tarde.

— *O quê?* — Eu me perguntei se Utgard-Loki tinha mexido com o cérebro dela de alguma forma. — Sam, não dá para se esconder debaixo de um pedaço de seda verde! O esquilo não pode ser burro a esse ponto…

Ela balançou o tecido. Ficou do tamanho de um lençol de casal, as cores tremeluzindo até o hijab ficar do mesmo tom de marrom, amarelo e branco do líquen.

Ela está certa, sinalizou Hearth. *VÃO.*

Sam se agachou ao lado dele e puxou o lenço sobre os dois. Eles desapareceram, perfeitamente camuflados no líquen.

— Magnus. — Blitz puxou meu braço. — É agora ou nunca.

Ele apontou para o galho abaixo. O nó estava se fechando.

Naquele momento, Ratatosk surgiu na folhagem acima. Se você conseguir imaginar um tanque coberto de pelo avermelhado, descendo pela lateral de uma árvore… bom, o esquilo era *bem mais* apavorante do que isso. Os dentes da frente eram lâminas gêmeas de terror branco esmaltado. As garras pareciam cimitarras. Os olhos eram amarelos, sulfúricos, queimando de fúria.

AU! O grito de guerra do esquilo perfurou meus tímpanos. Mil insultos estavam inseridos naquele único som, todos invadindo meu cérebro e impedindo qualquer pensamento racional.

Você fracassou.

Ninguém gosta de você.

Você está morto.

O chapéu do anão é ridículo.

Você não foi capaz de salvar sua mãe.

Eu caí de joelhos. Um soluço ficou engasgado na minha garganta. Eu teria morrido bem ali se Blitz não tivesse me puxado com toda a sua força de anão e me dado um tapa na cara.

Não consegui ouvi-lo, mas li os lábios dele:

— RÁPIDO, GAROTO!

Segurando minha mão com dedos ásperos e calejados, ele pulou do galho e me carregou junto para o vento.

TRINTA E OITO

Caí em um Volkswagen

EU ESTAVA EM uma pradaria ensolarada, sem lembrança alguma de como tinha chegado ali.

Ao longe, flores campestres cobriam colinas verdes. A brisa tinha cheiro de alfazema. A luz era quente e intensa, como se o ar tivesse virado manteiga.

Meus pensamentos se arrastavam. Luz… a luz do sol era ruim para os anões. Eu tinha quase certeza de que estava viajando com um anão que me deu um tapa na cara e salvou minha vida.

— Blitz?

Ele estava à minha esquerda, segurando o chapéu ao lado do corpo.

— Blitz, seu chapéu!

Eu estava com medo de ele já ter sido petrificado.

Blitz se virou. Seus olhos estavam enevoados e distantes.

— Está tudo bem, garoto. Isso não é luz do sol comum. Não estamos mais em Midgard.

Ele parecia estar falando com papel de seda na boca. O latido do esquilo tinha deixado meus ouvidos zunindo e pensamentos corrosivos sacudindo minha mente.

— Ratatosk…

Não consegui terminar a frase. Só a menção ao nome dele me dava vontade de me encolher em posição fetal.

— É — disse Blitz. — Seu latido é mesmo pior do que sua mordida. Ele… — Blitz olhou para baixo e piscou rapidamente. — Ele é a criatura mais destrutiva da Árvore do Mundo. Passa o tempo todo correndo para cima e para baixo pelo tronco, levando insultos da águia que mora no alto até Nidhogg, o dragão que vive nas raízes.

Olhei para as colinas. Uma música baixinha parecia vir daquela direção, ou talvez fosse só impressão.

— Por que um esquilo faria isso?

— Para perturbar a árvore — explicou Blitz. — Ratatosk mantém a águia e o dragão em estado de agitação. Conta mentiras, boatos, fofocas horríveis sobre os dois. As palavras dele são capazes… Bem, você sabe o que as palavras dele são capazes de fazer. O dragão Nidhogg está sempre mastigando as raízes da Árvore do Mundo, tentando matá-la. A águia bate as asas e cria tempestades que arrancam galhos e provocam destruição pelos nove mundos. Ratatosk cuida

para que os dois monstros fiquem zangados e competindo um com o outro, para ver qual consegue destruir sua ponta da Yggdrasill mais rápido.

— Mas isso é… loucura. O esquilo *mora* na árvore.

Blitz fez uma careta.

— Todos nós moramos, garoto. As pessoas têm impulsos destrutivos. Alguns de nós querem ver o mundo queimar só por diversão… mesmo se formos destruídos no processo.

As palavras de Ratatosk ecoavam na minha cabeça. *Você fracassou. Você não foi capaz de salvar sua mãe.* O esquilo me deixou desesperado, mas consegui ver como o guincho dele poderia despertar outras emoções: ódio, amargura, autodepreciação.

— Como você não ficou louco? — perguntei a Blitz. — Quando o esquilo guinchou, o que você ouviu?

Blitzen passou os dedos gorduchos pela aba do chapéu e segurou a beirada do véu preto.

— Nada que eu não diga a mim mesmo o tempo todo, garoto. Nós temos que ir.

Ele saiu andando na direção da colina. Apesar do passo curto, precisei me esforçar para acompanhá-lo.

Atravessamos um riacho onde um sapinho pitoresco estava sentado em uma flor de lótus. Pombas e falcões sobrevoavam o lugar como se estivessem brincando de pique-pega. Eu estava esperando que um coral de animais fofinhos aparecesse no meio das flores e começasse a cantar uma música da Disney.

— Acho que não estamos em Nídavellir — falei, enquanto subíamos a colina.

Blitzen soltou um risinho debochado.

— Não. Muito pior.

— Álfaheim?

— Pior. — Blitzen parou antes do cume e respirou fundo. — Venha. Vamos acabar logo com isso.

No alto da colina, parei.

— Nossa.

Do outro lado, campos verdes se estendiam até o horizonte. Campinas estavam cobertas de toalhas de piquenique. Multidões ocupavam o espaço: comendo, rindo, conversando, tocando música, soltando pipa, jogando bola. Era o maior e mais relaxado show ao ar livre do mundo, só que não havia show. Algumas pessoas estavam vestidas com tipos variados de armaduras. A maioria carregava armas, mas não parecia muito interessada em usá-las.

Na sombra de um carvalho, duas jovens lutavam com espadas, mas, depois de alguns golpes, elas se entediaram, largaram as armas e começaram a conversar. Outro cara estava acomodado em uma cadeira de praia, flertando com a garota à sua esquerda enquanto se defendia dos ataques de um cara à direita.

Blitz apontou para o topo da colina seguinte, a uns oitocentos metros de distância, onde um estranho palácio brilhava. Parecia uma Arca de Noé de cabeça para baixo feita de ouro e prata.

— Sessrúmnir — disse Blitzen. — O Salão dos Muitos Assentos. Se tivermos sorte, talvez ela não esteja em casa.

— Quem?

Em vez de responder, ele se encaminhou para o meio da multidão.

Não tínhamos andado nem seis metros quando um cara sentado em uma toalha de piquenique ali perto gritou:

— Oi, Blitzen! E aí, cara?

Blitzen trincou os dentes com tanta força que consegui ouvi-los estalando.

— Oi, Miles.

— Ah, estou bem!

Miles levantou a espada distraidamente quando outro cara de sunga e regata cavada o atacava com um machado.

O atacante gritou:

— MORRA! Ha, ha, brincadeirinha.

Depois saiu andando, comendo uma barra de chocolate.

— E então, Blitz — continuou Miles —, o que traz você à Casa dos Incríveis?

— É bom ver você, Miles.

Blitzen segurou meu braço e saiu me puxando.

— Tudo bem! — gritou Miles. — Volte mais vezes!

— Quem era? — perguntei.

— Ninguém.

— De onde você o conhece?

— Não conheço.

Enquanto seguíamos na direção da mansão de arca virada de cabeça para baixo, mais pessoas pararam para dar oi para Blitzen. Alguns me cumprimentaram e elogiaram minha espada, meu cabelo ou meus sapatos. Uma garota disse: "Ah, belas orelhas!", o que não fez o menor sentido.

— Todo mundo é tão…

— Idiota? — sugeriu Blitzen.

— Eu ia dizer *tranquilo*.

Ele grunhiu.

— Aqui é Fólkvangr, o Campo do Exército… Ou podemos também traduzir como o Campo de Batalha do Povo.

— Então aqui é Volkswagen.

Observei a multidão, me perguntando se veria minha mãe, mas não conseguia imaginá-la em um lugar como aquele. Havia descanso demais e pouca ação. Minha mãe teria obrigado esses

guerreiros a se levantarem e partirem para uma caminhada de quinze quilômetros, e ainda teria insistido que montassem o próprio acampamento se quisessem jantar.

— Não parece um exército.

— Pois é — disse Blitz —, esses mortos são tão poderosos quanto os einherjar, mas o comportamento deles é diferente. Este reino é uma pequena subseção de Vanaheim, tipo, a versão de Valhala dos deuses vanires.

Tentei me imaginar passando a eternidade aqui. Valhala tinha pontos fortes, mas até onde vi, não tinha piqueniques nem bolas, e eu não a descreveria como tranquila. Ainda assim… não sabia se gostava tanto de Fólkvangr.

— Então metade dos mortos honrados vem para cá — relembrei — e metade vai para Valhala. Como escolhem quem vai para onde? Par ou ímpar?

— Isso faria mais sentido, na verdade.

— Mas eu estava tentando ir para Nídavellir. Por que viemos parar aqui?

Blitzen olhou para a mansão no alto da colina.

— Você estava procurando o caminho que deveríamos seguir para nossa missão. Esse caminho nos levou por Fólkvangr. Infelizmente, acho que sei por quê. Vamos prestar nossas homenagens antes que eu perca a coragem.

Quando nos aproximamos do portão, percebi que Sessrúmnir não tinha sido apenas construída para parecer um navio de cabeça para baixo. *Era* mesmo um navio de cabeça para baixo. As fileiras de janelas altas eram buracos para remo. As paredes curvadas do casco eram feitas de tábuas douradas encaixadas e presas com pregos prateados. A entrada principal tinha um toldo comprido que serviria como prancha.

— Por que é um barco? — perguntei.

— O quê? — Blitzen mexeu no cravo com nervosismo. — Não é tão incomum. Muitas construções dos seus ancestrais nórdicos eram barcos virados de cabeça para baixo. No caso de Sessrúmnir, quando o Dia do Juízo Final chegar, eles vão virar o palácio e *voilà*, é uma embarcação grande o suficiente para todos os guerreiros de Fólkvangr navegarem nobremente para a morte. Mais ou menos como estamos fazendo agora.

Ele me levou para dentro.

Eu estava esperando um interior escuro como o interior de um navio, mas o Salão dos Muitos Assentos parecia mais uma catedral. O teto ia até a quilha. As janelas de buraco para remo enchiam o ar com feixes de luz. O espaço todo era aberto, sem divisão de cômodos, apenas amontoados de sofás, cadeiras confortáveis, almofadas e redes que não estavam presas a nada, a maioria ocupada por guerreiros roncando. Esperava que o meio milhão de habitantes de Fólkvangr gostassem de ficar juntos, porque *não* havia privacidade nenhuma. Eu, claro, logo me perguntei qual seria o tamanho do banheiro.

No centro do salão havia um corredor de tapetes persas, ladeados por braseiros com esferas brilhantes de luz dourada. Na extremidade, um trono erguia-se em uma plataforma.

Blitz marchou nessa direção, ignorando os guerreiros que o cumprimentavam com "Oi, cara!" e "E aí, anão!" e "Bem-vindo de volta!".

Bem-vindo de volta?

Na frente da plataforma havia fogo aconchegante estalando na lareira. Pilhas de joias e pedras preciosas cintilavam em alguns cantos, como se alguém as tivesse varrido só para tirar do caminho. Dos lados da escadinha havia dois gatos malhados do tamanho de um tigre-dentes-de-sabre.

O trono era entalhado em uma madeira tão macia e amanteigada quanto a luz; tília, talvez. As costas estavam cobertas com uma capa de penas delicadas, como a barriga de um falcão. No trono estava a mulher mais bonita que já vi.

Ela parecia ter uns vinte anos e estava cercada por uma aura de esplendor dourado que me fez perceber o que Blitzen quis dizer mais cedo, quando falou que a luz do dia ali não era normal. O reino todo de Fólkvangr era quente e iluminado, não por causa do sol, mas porque estava envolvido pelo poder daquela mulher.

O cabelo louro dela caía pelo ombro em uma única trança. A blusa de alcinha branca mostrava os ombros bronzeados e a barriga chapada. A saia até os joelhos tinha um cinto dourado trançado com uma faca embainhada e um molho de chaves. Ao redor do pescoço havia uma joia impressionante, um colar rendado de ouro e pedras preciosas, como a rede de Ran em miniatura, só que com rubis e diamantes em vez de almas de marinheiros e calotas.

A deusa grudou os olhos azul-claros em mim. Quando sorriu, uma intensa onda de calor foi das pontas das minhas orelhas até os dedos dos pés. Eu teria feito qualquer coisa para que ela ficasse sorrindo para mim. Se a mulher me mandasse pular da Árvore do Mundo para o abismo, eu teria obedecido na mesma hora.

Lembrei da imagem dela no meu velho livro de mitologia e percebi como subestimavam ridiculamente sua beleza.

A deusa do amor era muito bonita! Ela tinha gatos!

Eu me ajoelhei diante da minha tia, a irmã gêmea do meu pai.

— Freya.

— Meu querido Magnus — disse ela —, como é bom conhecê-lo pessoalmente!

Ela se virou para Blitzen, que encarava as próprias botas de cara emburrada.

— E como você está, Blitzen? — perguntou a deusa.

Blitzen suspirou.

— Estou bem, mãe.

Trinta e nove

Freya é bonita! Ela tem gatos!

— ***MÃE?*** — **FIQUEI TÃO** surpreso que não tive certeza se falei em voz alta ou não. — Espere… Você, Blitzen. *Mãe?*

Blitzen me deu um chute na canela.

— Meu filho não contou? — Freya continuou sorrindo. — Ele é bem modesto. Blitzen querido, você está muito bonito, mas pode ajeitar sua gola?

Blitzen ajeitou, murmurando, baixinho:

— Andei meio ocupado tentando salvar minha vida.

— E querido — continuou Freya —, tem certeza quanto ao colete?

— Tenho, mãe — resmungou Blitz. — Tenho certeza quanto ao colete. Coletes estão voltando à moda.

— Ah, você deve saber melhor do que eu. — Freya piscou para mim. — Blitzen é um *gênio* com tecidos e moda. Os outros anões não apreciam o ofício dele, mas acho maravilhoso. Ele quer abrir o próprio…

— Então — disse Blitzen, um pouco alto demais —, estamos em uma missão…

Freya bateu palmas.

— Eu sei! É muito empolgante. Vocês estão tentando chegar a Nídavellir para descobrir mais sobre a corda Gleipnir. E, naturalmente, a Árvore do Mundo mandou vocês para mim primeiro.

Um dos gatos dela passou as garras no tapete persa, transformando vários milhares de dólares de tecelagem em farrapos. Tentei não imaginar o que o gato podia fazer comigo.

— Então, lady Freya — falei —, você pode nos ajudar?

— É claro! Mas o mais importante é que você pode *me* ajudar.

Blitzen suspirou.

— Aí vamos nós.

— Filho, seja educado. Primeiro, Magnus, como você está lidando com sua espada?

Hesitei por um momento.

Acho que ainda não pensava na Espada do Verão como *minha*. Puxei o pingente, e a espada ganhou forma na minha mão. Na presença de Freya, permaneceu silenciosa e imóvel, como se estivesse se fingindo de morta. Talvez tivesse medo de gatos.

— Não tive muito tempo para usar — contei. — Acabei de pegá-la com Ran.

— Sim, eu sei. — Freya franziu o nariz com um leve toque de repulsa. — E você entregou uma maçã para Utgard-Loki em troca. Talvez não tenha sido o gesto mais inteligente do mundo, mas não vou criticar suas escolhas.

— Acabou de criticar — disse Blitzen.

A deusa ignorou o comentário.

— Pelo menos, você não *me* prometeu para Utgard-Loki. Às vezes, quando gigantes fazem exigências, eles querem maçãs *e* a minha mão em casamento. — Ela jogou a trança por cima do ombro. — É muito cansativo.

Tive dificuldade de encarar Freya sem ser indiscreto. Não havia nenhum lugar seguro para onde olhar: os olhos, os lábios, o umbigo. Mentalmente, eu chamei minha atenção: *É a mãe de Blitzen! É minha tia!*

Decidi me concentrar na sobrancelha esquerda. Não havia nada apelativo em uma sobrancelha esquerda.

— De qualquer modo — falei —, eu ainda não matei nada com a sobrancelha, quer dizer, com a espada.

Freya se inclinou para a frente.

— *Matar*? Ah, querido, isso não é nada. Sua primeira tarefa é ficar amigo da espada. Você já fez isso?

Imaginei a espada e eu sentados lado a lado em uma sessão de cinema, com um pote de pipoca entre nós dois. Imaginei passear no parque com a espada em uma coleira.

— Como fico amigo de uma espada?

— Ah… bem, você precisa perguntar…

— Escute, tia Freya, eu não posso deixar a espada aqui com você? É uma arma vanir. Você é irmã de Frey. Tem algumas centenas de milhares de guerreiros bem armados e a postos para protegê-la de Surt…

— Ah, não — respondeu ela com tristeza. — A espada já está nas suas mãos, Magnus. Você a tirou do rio. Você a reivindicou. O melhor que podemos fazer é torcer para que a *Sumarbrander*, a Espada do Verão, permita que você a empunhe. Protegê-la de Surt é *seu* trabalho pelo resto da vida.

— Odeio meu trabalho.

Blitz me cutucou.

— Não diga isso, garoto. Vai ofender a espada.

Olhei para as runas cintilantes na lâmina.

— Me desculpe, pedaço comprido e afiado de metal. Magoei seus sentimentos? Mas, se você pode permitir ou não que as pessoas segurem você, por que deixaria um gigante do fogo do mal fazer isso? Por que não voltar para Frey, ou ao menos ficar com a adorável irmã dele?

A espada não respondeu.

— Magnus — disse a deusa —, isso não é assunto para brincadeira. A espada está destinada a pertencer a Surt mais cedo ou mais tarde. Você sabe disso. A espada não pode escapar do destino dela, assim como você não pode escapar do seu.

Visualizei Loki rindo enquanto relaxava no Alto Trono de Odin. *Nossas escolhas podem alterar os detalhes. É* assim *que nos rebelamos contra o destino.*

— Além do mais — continuou Freya —, a espada jamais me permitiria empunhá-la. Sumarbrander me considera parcialmente responsável pela perda dela… Ressente-se de mim quase tanto se ressente de Frey.

Talvez fosse minha imaginação, mas a espada pareceu ficar mais fria e pesada.

— Mas é a espada de Frey — protestei.

Blitzen grunhiu.

— *Era*. Eu já falei, garoto, ele abriu mão dela por amor.

A gata tricolor à direita de Freya rolou e se espreguiçou. A barriga pintada era bem fofa, exceto pelo fato de que eu ficava imaginando quantos guerreiros podia digerir de uma vez só.

— Quando Frey se sentou no trono de Odin, ele o fez por *minha* causa. Foi uma época sombria para mim. Eu estava vagando pelos nove mundos, sofrendo e perdida. Frey esperava que, ao se sentar no trono, ele pudesse me encontrar. Mas o trono mostrou o desejo de seu coração: uma giganta do gelo chamada Gerd. Ele se apaixonou perdidamente por ela.

Fiquei olhando para a sobrancelha de Freya. A história dela não estava ajudando minha opinião sobre meu pai.

— Ele se apaixonou à primeira vista… por uma giganta do gelo.

— Ah, ela era linda — disse Freya. — Era a prata para o ouro de Frey, frio para o calor dele, inverno para o seu verão. Você já ouviu falar que os opostos se atraem? Ela era o par perfeito para ele. Mas era uma giganta. Jamais aceitaria se casar com um vanir. Sua família não permitiria. Sabendo disso, Frey entrou em desespero. Plantações pararam de crescer. O verão perdeu o calor. Por fim, o servo e melhor amigo de Frey foi perguntar a ele o que havia de errado.

— Skírnir — concluí. — O cara que ficou com a espada.

Freya franziu a testa.

— Sim. *Ele.*

Blitzen deu um passo para trás, como se estivesse com medo de a mãe explodir. Pela primeira vez, percebi o quanto a deusa podia ser apavorante; linda, sim, mas também apavorante e poderosa. Imaginei-a armada com um escudo e uma lança, cavalgando com as valquírias. Se eu a visse no campo de batalha, sairia correndo na direção oposta.

— Skírnir prometeu que conseguiria levar Gerd para ele em nove dias — disse Freya. — Ele só pediu uma coisinha pelo serviço: a Espada do Verão. Frey estava tão apaixonado que não fez

perguntas. A espada… mal consigo imaginar como ela se sentiu quando foi traída pelo dono. Ela permitiu que Skírnir a brandisse, mas não com alegria.

Freya suspirou.

— É por isso que a espada jamais voltará a permitir que Frey a use. E é por isso que, no Ragnarök, Frey está destinado a morrer, porque não vai estar com a arma dele.

Eu não sabia o que dizer. *Que saco* não parecia ser suficiente. Eu me lembrei do aviso de Loki sobre sentar no trono de Odin e procurar o que meu coração mais deseja. O que eu procuraria? O paradeiro da minha mãe. Eu abriria mão de uma espada para encontrá-la? Claro. Arriscaria ser morto ou até adiantar o Juízo Final? Com certeza. Talvez eu não pudesse julgar meu pai.

Blitz segurou meu braço.

— Não fique tão deprimido, garoto. Tenho fé em você.

A expressão de Freya se suavizou.

— Sim, Magnus. Você *vai* aprender a usar a espada, e não estou falando de sacudi-la como um bruto. Quando descobrir as verdadeiras habilidades dela, vai ser incrível.

— Acho que ela não vem com manual, não é?

A deusa soltou um risinho.

— Me desculpe por não ter trazido você para Fólkvangr, Magnus. Você teria sido um belo acréscimo aos meus seguidores. Mas Valhala chamou você primeiro. Era seu destino.

Tive vontade de argumentar que as Nornas, os einherjar e a capitã das valquírias não concordavam com isso.

Pensar em Gunilla me fez lembrar de nossa fuga para a Árvore do Mundo, e em Sam e Hearthstone escondidos de um esquilo assassino debaixo de um véu.

— Nossos amigos… Nós nos separamos deles na Yggdrasill. Freya, você sabe se chegaram aqui em segurança?

Freya olhou ao longe.

— Eles não estão em Fólkvangr. Estou vendo… Sim. Espere. Perdi de novo. Ah! — Ela fez uma careta. — Foi por pouco, mas eles estão bem por enquanto. São uma dupla habilidosa. Sinto que não virão para cá. Vocês precisam seguir e encontrá-los em Nídavellir. O que nos leva à sua missão.

— E a como podemos ajudar você — concluiu Blitz.

— Exatamente, querido. Sua necessidade trouxe vocês aqui. A *necessidade* fala mais alto quando se viaja pela Árvore do Mundo. Afinal, foi assim que meu pobre filho acabou virando servo de Mímir.

— Não vamos ter essa discussão de novo — disse Blitz.

Freya virou as lindas mãos.

— Tudo bem. Continuando: como vocês bem sabem, os anões criaram a corda Gleipnir, que prende o lobo Fenrir…

— Sim, mãe — disse Blitz, revirando os olhos. — Todo mundo aprende esse versinho no jardim de infância.

Eu olhei para ele.

— Versinho?

— *“Gleipnir, Gleipnir, forte e resistente, prendeu o focinho do Lobo fortemente.”* Os humanos não aprendem isso?

— Hã… acho que não.

— De qualquer modo — continuou a deusa —, os anões vão poder contar mais sobre como a corda foi feita e como pode ser substituída.

— Substituída? — Fiz com que a espada voltasse ao formato de pingente. Mesmo assim, pendurada no meu pescoço, parecia pesar cinquenta quilos. — Pensei que a ideia fosse impedir que a corda fosse destruída.

— Ah… — Freya bateu nos lábios. — Magnus, não quero desanimar você, mas eu diria que tem uma boa chance, talvez de setenta e cinco por cento, de que, mesmo que Surt não pegue a espada, o gigante do fogo consiga encontrar um jeito de libertar o lobo Fenrir. Nesse caso, você precisa estar preparado.

Minha língua parecia quase tão pesada quanto o pingente-espada.

— É, isso não é nada desanimador. Na última vez que o Lobo esteve livre, não foi preciso todos os deuses trabalharem juntos para prendê-lo?

Freya assentiu.

— Foram necessárias três tentativas e muita malícia. O coitado do Tyr perdeu a mão. Mas não se preocupe. O Lobo não vai cair de novo no truque da mão na boca. Se chegar a isso, você vai precisar pensar em outra forma de amarrá-lo.

Eu apostava que Miles, lá no Campo de Batalha do Povo, não tinha esse tipo de problema. Fiquei pensando se ele ficaria interessado em trocar de lugar por um tempo, ir atrás do lobo Fenrir enquanto eu jogava vôlei.

— Freya, você pode ao menos nos dizer onde o Lobo *está*?

— Em Lyngvi, a Ilha das Urzes. — A deusa bateu no queixo. — Vamos ver, hoje é dia de Thor, dia dezesseis.

— Como é?

— Quis dizer quinta-feira. A ilha vai surgir na lua cheia daqui a seis dias, dia vinte e dois, no dia de Odin.

— Dia de Odin? — perguntei.

— Quarta-feira. Você deve ter tempo suficiente para pegar meus brincos antes de ir procurar o Lobo. Infelizmente, a localização da ilha muda a cada ano, pois os galhos da Yggdrasill balançam nos ventos do abismo. Os anões devem poder ajudar você a localizá-la. O pai de Blitzen sabia o caminho. Talvez outros também saibam.

À menção do pai, o rosto de Blitz se fechou. Cuidadosamente, ele tirou o cravo do colete e o jogou no fogo da lareira.

— E o que você quer, mãe? Qual é sua parte nisso?

— Ah, minhas necessidades são simples. — Os dedos dela tocaram o colar de renda dourada. — Quero que vocês encomendem brincos que combinem com meu colar Brisingamen. Um par bonito. Não exagerado, mas digno de nota. Blitzen, você tem um ótimo gosto. Confio em você.

Blitzen olhou com irritação para a pilha mais próxima de riquezas, que continha dezenas, talvez centenas de brincos.

— Você sabe com quem tenho que falar em Nídavellir. Só um anão tem a capacidade de substituir Gleipnir.

— Sim — concordou Freya. — Por sorte, ele também é excelente joalheiro, então vai poder realizar os dois pedidos.

— Para o nosso azar — interrompeu Blitzen —, esse anão em particular me quer morto.

Freya descartou a objeção dele.

— Ah, não é possível. Não depois de todo esse tempo.

— Anões têm memória muito boa, mãe.

— Ah, um pagamento bem generoso vai melhorar a atitude dele. Posso ajudar com isso. — Então ela gritou: — Dmitri, preciso de você!

De um dos amontoados de almofadas, três caras ficaram de pé, pegaram os instrumentos musicais e se aproximaram. Usavam camisas havaianas, bermudas e sandálias iguais. O cabelo estava cheio de gel e penteado para trás. O primeiro cara segurava um violão. O segundo, bongôs. O terceiro estava com um triângulo.

O cara do violão fez uma reverência para Freya.

— Ao seu serviço, minha senhora!

A deusa deu um sorriso conspiratório para mim, como se tivesse um segredo maravilhoso para compartilhar.

— Magnus, estes são Dmitri e os Do-Runs, a melhor banda da qual você nunca ouviu falar. Eles morreram em 1963, quando estavam quase estourando. Tão triste! Desviaram o carro com valentia na Route One para salvar um ônibus cheio de criancinhas de uma colisão horrível. Para honrar suas mortes altruístas, eu os trouxe aqui para Fólkvangr.

— E somos muito gratos, minha senhora — disse Dmitri. — Ser a sua banda oficial tem sido um ótimo trabalho!

— Dmitri, eu preciso chorar. Você pode tocar a música sobre meu marido perdido? Adoro essa música.

— Eu odeio essa música — murmurou Blitzen, baixinho.

O trio cantarolou.

Dmitri tocou um acorde.

— Por que sua mãe precisa chorar? — sussurrei para o anão.

Ele se virou para mim e fez o gesto de enfiar o dedo na garganta.

— Fique olhando. Você já vai descobrir.

Dmitri começou a cantar:

"Ah, Odur! Od, Od, Odur,
Onde está Odur; onde está meu amor?"

Os outros dois músicos se juntaram no refrão:

"Od saiu por aí, Odur está a caminhar,
Como é estranho não poder beijar
Meu Odur! Meu doce Od Odur!"

Triângulo.

Solo de bongô.

Blitzen sussurrou:

— O marido dela era um aesir chamado Odur, Od para os mais chegados.

Eu não sabia qual nome era pior.

— Ele desapareceu? — tentei adivinhar.

— Dois mil anos atrás — respondeu Blitzen. — Freya saiu à procura dele, desapareceu por quase um século em sua busca. Nunca o encontrou, mas foi por isso que Frey se sentou no trono de Odin, para procurar a irmã.

A deusa se inclinou para a frente e tapou o rosto. Inspirou fundo, trêmula. Quando ergueu o rosto, estava chorando, mas as lágrimas eram pequenas gotas de ouro vermelho. Ela chorou até estar com as mãos cheias de gotas brilhantes.

— Ah, Odur! — disse ela, chorando. — Por que você me deixou? Ainda sinto a sua falta! — Freya fungou e assentiu para os músicos. — Obrigada, Dmitri. Já basta.

Dmitri e os amigos fizeram uma reverência. A melhor banda que eu desejava nunca ter ouvido se afastou.

Freya ergueu as mãos em concha. Uma bolsinha de couro surgiu como que vinda do nada e pairou acima do colo dela. Freya colocou as lágrimas na bolsinha.

— Aqui, meu filho. — A deusa entregou a bolsinha para Blitzen. — Deve ser o suficiente se Eitri Júnior for minimamente razoável.

Blitzen olhou de mau humor para o saco de lágrimas.

— O único problema é que ele não é.

— Você vai conseguir! — disse Freya. — O destino dos meus brincos está nas suas mãos!

Eu cocei a nuca.

— Hã, lady Freya… obrigado pelas lágrimas e tudo o mais, mas você não poderia ir até Nídavellir e escolher os próprios brincos? Ir às compras não é metade da diversão?

Blitzen me lançou um olhar de advertência.

Os olhos azuis de Freya ficaram alguns graus mais frios. Os dedos dela acompanharam o formato do colar.

— Não, Magnus, eu *não posso* simplesmente ir fazer compras em Nídavellir. Você *sabe* o que aconteceu quando comprei Brisingamen dos anões. Quer que aconteça de novo?

Na verdade, eu não fazia ideia do que a deusa estava falando, mas ela não esperou uma resposta.

— Tenho problemas toda vez que vou a Nídavellir. Não é minha culpa! Os anões *sabem* da minha fraqueza por joias bonitas. Acredite em mim, é *bem* melhor vocês irem no meu lugar. Agora, se me dão licença, está na hora do luau com combate opcional. Adeus, Magnus. Adeus, meu querido Blitzen!

O chão se abriu sob nossos pés e caímos na escuridão.

Quarenta

Meu amigo evoluiu de um… Não. Não posso dizer

NÃO ME LEMBRO de aterrissar.

Quando dei por mim estava em uma rua escura em uma noite fria e nublada. Casas de madeira de três andares se enfileiravam na calçada. No final do quarteirão, as janelas sujas de uma taverna brilhavam com quadros em néon anunciando bebidas.

— Aqui é Southie — falei. — Perto da rua D.

Blitzen balançou a cabeça.

— Aqui é Nídavellir, garoto. Parece South Boston… ou melhor, South Boston é que é parecido com Nídavellir. Eu falei, Boston é o vórtice. Os nove mundos se juntam lá e afetam uns aos outros. Southie tem um clima anão no ar.

— Achei que Nídavellir seria subterrâneo. Com túneis claustrofóbicos e…

— Garoto, aquilo acima da sua cabeça é um teto de caverna. Só é bem alto e fica escondido pela poluição do ar. Não temos dia aqui. É escuro o tempo todo.

Olhei para as nuvens pesadas. Depois de estar no reino de Freya, o mundo dos anões parecia opressivo, mas também era mais familiar, mais… genuíno. Na minha opinião, nenhum morador de Boston confiaria em um lugar que fosse ensolarado e agradável o tempo todo. Mas um bairro sombrio, constantemente frio e escuro? Era só acrescentar algumas lojas de donuts e eu me sentiria em casa.

Blitz enrolou o chapéu na rede escura. Tudo se transformou em um lencinho preto, que ele guardou no bolso do casaco.

— Temos que ir.

— Não vamos falar sobre o que aconteceu lá em Volkswagen?

— O que há para dizer?

— Por exemplo, que somos primos.

Blitz deu de ombros.

— Fico feliz em ser seu primo, garoto, mas os filhos dos deuses não dão muita bola para esse tipo de relação. As linhagens familiares de deuses são tão enroladas, ficar pensando nisso vai

deixar você maluco. Todo mundo é parente de todo mundo.

— Mas você é um semideus. Isso é uma coisa boa, não é?

— Odeio a palavra *semideus*. Prefiro *nascido com um alvo nas costas*.

— Pare com isso, Blitz. Freya é sua mãe. É uma informação importante que você se esqueceu de mencionar.

— Freya é minha mãe — concordou ele. — Muitos elfos negros são descendentes de Freya. Aqui embaixo, isso não é nada de mais. Ela mencionou como conseguiu Brisingamen? Alguns milênios atrás, estava passeando por Nídavellir, sabe-se lá por quê, e encontrou quatro anões que estavam moldando o colar. Ela ficou obcecada. Tinha que conseguir aquele colar. Os anões aceitaram na hora, mas pelo preço certo. Freya deveria se casar com cada um dos quatro, um por dia.

— Ela… — Tive vontade de dizer: *Que esquisito, ela se casou com quatro caras?* Mas imediatamente lembrei que a história era sobre a mãe dele. — Ah.

— É. — Blitz pareceu infeliz. — Ela teve quatro filhos anões, um de cada casamento.

Franzi a testa.

— Espera aí. Se ela ficou casada um dia com cada anão e uma gravidez dura… Os cálculos não batem.

— Não me pergunte. As deusas seguem as próprias regras. Ela acabou conseguindo o colar. Sentiu vergonha de ter se casado com quatro anões e tentou manter isso em segredo. Mas a questão era que ela *amava* as joias dos anões. Ficou voltando a Nídavellir para escolher novas peças, e cada vez que vinha…

— Uau.

Blitzen ficou desanimado.

— Essa é a maior diferença entre os elfos negros e os elfos comuns. Nós somos mais altos e mais bonitos porque temos sangue vanir. Somos descendentes de Freya. Você diz que sou um semideus. Eu digo que sou um recibo. Meu pai fez um par de brincos para Freya, que foi casada com ele por um dia. Ela não conseguiu resistir à habilidade dele. Ele não conseguiu resistir à beleza dela. Agora, ela me manda embarcar em uma viagem para comprar um novo par de brincos porque está cansada dos velhos, e Asgard a proibiu de engravidar de um novo pequeno Blitzen.

A amargura na voz dele poderia ter derretido ferro. Eu quis dizer que entendia o que ele estava sentindo, mas a verdade é que não entendia, não. Mesmo sem conhecer meu pai, eu tinha minha mãe. Isso sempre bastou para mim. Para Blitzen… nem tanto. Eu não sabia o que havia acontecido com o pai dele, mas lembrei o que ele disse na lagoa da Esplanade: *Você não é o único que perdeu familiares para os lobos, garoto.*

— Venha — disse ele. — Se ficarmos mais tempo na rua, vão nos roubar esse saco de lágrimas. Anões conseguem sentir o cheiro de ouro vermelho a quilômetros de distância. — Ele

apontou para o bar na esquina. — Eu pago uma bebida na Taverna do Nabbi.

* * *

Nabbi restaurou a minha fé nos anões, porque era na verdade um túnel claustrofóbico. O teto era baixo e perigoso. As paredes, cobertas de velhos pôsteres de lutas como DONNER, O DESTRUIDOR VS MINIASSASSINATO, SÓ UMA NOITE!, com imagens de anões musculosos rosnando com máscaras de luta.

Nas mesas e cadeiras descombinadas havia uma dezena de anões descombinados, alguns elfos negros como Blitzen, que poderiam passar facilmente por humanos, e alguns caras bem mais baixos que poderiam passar facilmente por gnomos de jardim. Alguns clientes olharam para nós, mas ninguém pareceu chocado comigo… talvez não tivessem percebido que eu era humano. A ideia de ser confundido com um anão era bem perturbadora.

A coisa mais irreal no bar era “Blank Space”, de Taylor Swift, tocando em alto e bom som nos alto-falantes.

— Anões gostam de música humana? — perguntei a Blitzen.

— Você quer dizer que humanos gostam da *nossa* música.

— Mas… — Tive uma visão repentina da mãe da Taylor Swift e Freya em uma noitada em Nídavellir. — Deixa pra lá.

Quando nos encaminhamos para o bar, percebi que a mobília não era apenas descombinada. Cada mesa e cadeira eram únicas, aparentemente feitas à mão a partir de vários pedaços de metais, com designs e estofamentos diferentes. Uma mesa tinha a forma de roda de carroça de bronze com tampo de vidro. A superfície de outra era um tabuleiro de xadrez de estanho e bronze. Algumas cadeiras tinham rodas. Outras, assentos ajustáveis. Outras ainda tinham controles de massagem ou hélices nas costas.

Perto da parede esquerda, três anões jogavam dardos. Os anéis do alvo giravam e sopravam vapor. Um anão jogou o dardo, que zumbiu na direção do alvo como um pequeno drone. Enquanto ainda estava voando, outro anão disparou. O dado dele voou na direção do dardo-drone e explodiu, derrubando-o.

O primeiro anão só grunhiu.

— Belo disparo.

Finalmente, chegamos ao bar de carvalho polido, onde o próprio Nabbi esperava. Consegui perceber quem ele era por causa da minha mente dedutiva altamente treinada, e também porque seu avental amarelo manchado dizia: OI! SOU NABBI.

Achei que ele era o anão mais alto que eu já tinha visto até perceber que estava de pé em uma plataforma atrás do balcão. Nabbi tinha só sessenta centímetros de altura, incluindo o cabelo preto espetado como um ouriço-do-mar. O rosto barbeado me fez entender por que anões eram

barbudos. Sem barba, Nabbi era feio demais. Não tinha queixo. A boca parecia um botão, as bochechas inchadas.

Ele olhou para nós como se estivéssemos sujos de lama.

— Cumprimentos, Blitzen, filho de Freya. Nada de explosões no meu bar hoje, espero…

Blitzen fez uma reverência.

— Cumprimentos, Nabbi, filho de Loretta. Para ser justo, não fui eu que trouxe as granadas. E este é meu amigo Magnus, filho de…

— Hã. Filho de Natalie.

Nabbi assentiu para mim. Suas sobrancelhas cabeludas eram fascinantes. Pareciam taturanas.

Fui na direção do banco do bar, mas Blitzen me deteve.

— Nabbi — disse ele, formalmente —, meu amigo pode usar esse banco? Qual é o nome e a história dele?

— Esse banco é o Descanso de Traseiros — informou Nabbi. — Feito por Gonda. Já sustentou o bumbum do mestre ferreiro Alviss. Use com conforto, Magnus, filho de Natalie. E Blitzen, você pode se sentar em Lar de Retaguarda, famoso dentre os bancos, feito por este que vos fala. Sobreviveu à Grande Briga de Bar de 4109 DV!

— Meus agradecimentos. — Blitzen subiu no banco dele, que era de carvalho polido com assento estofado vermelho. — É um belo Lar de Retaguarda!

Nabbi olhou para mim com expectativa. Experimentei meu banco, que era de aço duro sem almofada. Não era exatamente um Descanso de Traseiros. Era mais um Massacre no Magnus, mas tentei dar um sorriso.

— É, esse banco é ótimo mesmo!

Blitzen bateu com os dedos no balcão do bar.

— Hidromel para mim, Nabbi. E para o meu amigo…

— Hã, refrigerante, talvez? — Eu não sabia se queria andar pelo Southie Anão com a cabeça cheia de hidromel.

Nabbi encheu duas canecas e colocou na nossa frente. O cálice de Blitzen era dourado por dentro, prateado por fora e decorado com imagens de anãs dançarinas.

— Esse cálice é a Vasilha Dourada — revelou Nabbi. — Foi feito pelo meu pai, Darbi. E este — indicou minha caneca de metal — é Bum Papai, feito por mim. Sempre peça pelo refil antes de chegar ao fundo. Senão… — ele abriu os dedos subitamente —, bum, papai!

Eu torcia para ele estar brincando, mas decidi tomar pequenos goles.

Blitz bebeu o hidromel.

— Hum. Uma delícia! E agora que cumprimos as formalidades, Nabbi… precisamos falar com Júnior.

Uma veia latejou na têmpora esquerda de Nabbi.

— Você quer morrer?

Blitz enfiou a mão na bolsinha. Colocou uma única lágrima de ouro na bancada.

— Esta é para você — disse ele, em voz baixa. — Só para fazer o contato. Diga a Júnior que temos mais. Só queremos uma oportunidade de negociar.

Depois da minha experiência com Ran, a palavra *negociar* me deixava ainda mais desconfortável do que o Descanso de Traseiros. Nabbi olhou para Blitzen e para a lágrima, com a expressão oscilando entre apreensão e ganância. Finalmente, a ganância venceu. O dono do bar pegou a gota de ouro.

— Vou fazer o contato. Aproveitem as bebidas.

Ele desceu da plataforma e desapareceu na cozinha.

Eu me virei para Blitz.

— Tenho algumas perguntas.

Ele riu.

— Só algumas?

— O que quer dizer 4109 DV? É a hora ou…

— Anões contam os anos a partir da criação da nossa espécie — explicou Blitz. — DV quer dizer *depois dos vermes*.

Concluí que meus ouvidos ainda deviam estar prejudicados por causa dos latidos de Ratatosk.

— Como é?

— A criação do mundo… Ah, você conhece a história. Os deuses mataram o maior dos gigantes, Ymir, e usaram a carne dele para criar Midgard. Nídavellir se desenvolveu *debaixo* de Midgard, onde os vermes comeram a carne morta do gigante e criaram túneis. Alguns desses vermes evoluíram, com um pouco da ajuda dos deuses, e viraram anões.

Blitzen pareceu orgulhoso do conhecimento histórico. Decidi fazer o máximo para apagar essa história da minha memória de longo prazo.

— Outra pergunta — falei. — Por que meu copo tem nome?

— Anões são artesãos — respondeu Blitzen. — Levamos a sério as coisas que fazemos. Vocês, humanos, fazem mil cadeiras ruins todas parecidas e com prazo de validade de um ano. Quando *nós* fazemos uma cadeira, ela dura a vida toda, é uma cadeira diferente de qualquer outra no mundo. Copos, móveis, armas… todo item feito à mão tem alma e nome. Não se pode admirar uma coisa se não for boa o bastante para ter um nome.

Observei a caneca, que era minuciosamente entalhada com runas e desenhos de onda. Preferia que tivesse um nome diferente, como *Impossível de Explodir*, mas eu tinha que admitir que era um belo copo.

— E chamar Nabbi de filho de Loretta? — perguntei. — Ou a mim de filho de Natalie?

— Anões são matriarcais. Acompanhamos a linhagem pela mãe. Mais uma vez, faz bem mais sentido do que seu jeito patrilineal. Afinal, uma pessoa pode nascer de uma mãe biológica

solteira. A não ser que você seja o deus Heimdall. Ele teve nove mães biológicas. Mas essa é outra história.

Sinapses derreteram no meu cérebro.

— Seguindo em frente. As lágrimas de Freya… ouro vermelho? Sam me disse que essa é a moeda de Asgard.

— É. Mas as lágrimas de Freya são cem por cento puras. O melhor ouro vermelho que existe. Pela bolsa de lágrimas que carregamos, a maioria dos anões daria o olho direito.

— Então esse cara, Júnior… ele vai negociar com a gente?

— Ou isso — disse Blitz — ou vai nos picar em pedacinhos. Quer nachos enquanto espera?

QUARENTA E UM

Blitz faz um mau negócio

EU TINHA QUE tirar o chapéu para Nabbi. Ele servia nachos pré-morte deliciosos.

Estava na metade do meu prato de gostosura potencializada por guacamole quando Júnior apareceu. Ao bater os olhos nele, me perguntei se não seria mais rápido só beber tudo que havia na Bum Papai e explodir logo, porque não gostei das nossas chances de negociar com o velho anão.

Júnior parecia ter duzentos anos. Tufos de cabelo grisalho se projetavam da cabeça cheia de manchas. A barba ilustrava perfeitamente a palavra *desgrenhada*. Os olhos castanhos maliciosos disparavam pelo bar como se ele estivesse pensando? *Odeio isso. Odeio aquilo. E odeio* muito *aquilo lá.* Ele não era fisicamente intimidante, tinha um passo arrastado apoiado em um andador dourado, mas estava escoltado por uma dupla de guarda-costas anões tão corpulentos que poderiam ser jogadores de futebol americano.

Os outros clientes se levantaram e saíram em silêncio, como em uma cena de filme de faroeste. Blitzen e eu ficamos de pé.

— Júnior. — Blitzen fez uma reverência. — Obrigado por vir se encontrar conosco.

— Quanta coragem! — vociferou Júnior.

— Quer meu banco? — ofereceu Blitzen. — É Lar de Retaguarda, feito por…

— Não, obrigado. Vou ficar de pé, tenham a honra de conhecer meu andador, Arrastador de Vovó, famoso entre produtos geriátricos, feito pela enfermeira Bambi, minha assistente particular.

Mordi o lábio. Acho que gargalhar não seria um gesto diplomático.

— Este é Magnus, filho de Natalie — apresentou Blitzen.

O velho anão olhou para mim de cara feia.

— Sei quem ele é. Encontrou a Espada do Verão. Não dava para esperar até eu morrer? Estou velho demais para essa bobagem de Ragnarök.

— Foi mal — falei. — Eu devia ter consultado você antes de ser atacado por Surt e enviado para Valhala.

Blitzen tossiu. Os guarda-costas me avaliaram como se eu tivesse acabado de tornar o dia deles mais interessante.

Júnior riu.

— Gostei de você. É grosseiro. Vamos ver essa espada, então.

Mostrei a ele o truque do pingente mágico. Nas luzes fracas de néon do bar, as runas da lâmina brilharam em laranja e verde.

O velho anão estalou a língua.

— É mesmo a espada de Frey. Má notícia.

— Então você está disposto a nos ajudar? — perguntou Blitzen.

— *Ajudar vocês?* — Júnior ofegou. — Seu pai era meu nêmesis! *Você* denegriu minha reputação. E agora quer minha ajuda. Você tem entranhas de ferro, Blitzen, tenho que admitir.

Os tendões no pescoço de Blitz pareciam prestes a explodir na gola engomada.

— A questão aqui não é nossa desavença pessoal, Júnior. A questão é a corda. É prender Fenrir.

— Ah, claro. — Júnior olhou de cara feia para os guarda-costas. — O fato de *meu pai*, Eitri Sênior, ter sido o único anão talentoso o bastante para *fazer* Gleipnir e seu pai, Bilì, ter passado a vida questionando a qualidade da corda… não tem nada a ver com a história!

Blitzen apertou a algibeira de lágrimas de ouro vermelho. Eu estava com medo de que ele tacasse o saquinho na cabeça de Júnior.

— A Espada do Verão está bem aqui. Surt está planejando libertar o Lobo em seis noites midgardianas. Vamos fazer o que estiver ao nosso alcance para impedi-lo. Mas você *sabe* que a corda Gleipnir passou da validade. Precisamos de informações sobre as amarras do Lobo. Mais importante, precisamos de uma corda substituta por garantia. Só você tem o talento para fazer isso.

Júnior colocou a mão em concha ao redor do ouvido.

— Diga essa última parte de novo.

— Você é talentoso, seu velho cascudo… — Blitz hesitou. — É o único que tem a habilidade para fazer uma nova corda.

— Verdade. — Júnior deu um sorrisinho debochado. — Acontece que já *tenho* uma corda substituta pronta. Não por causa de problemas com Gleipnir, fique sabendo, nem por causa das acusações escandalosas da sua família sobre a qualidade dela, mas só porque gosto de estar preparado. Ao contrário do *seu* pai, devo acrescentar, que foi sozinho como um idiota dar uma olhada no lobo Fenrir e acabou morto.

Tive que entrar na frente de Blitzen para impedir que ele atacasse o velho anão.

— Tudo bem, então — falei. — Rapazes, não é hora para isso. Júnior, se você tem uma corda nova, ótimo. Vamos falar sobre o preço. E, hã, também vamos precisar de um belo par de brincos.

— Ah. — Júnior limpou a boca. — Não me diga. Para a mãe de Blitzen, sem dúvida. O que oferecem como pagamento?

— Blitzen, mostre para ele.

Blitz ainda estava com um olhar selvagem de fúria, mas abriu a algibeira e virou algumas lágrimas de ouro vermelho na palma da mão.

— Hã! — exclamou Júnior. — Um preço aceitável… ou *seria*, se não fosse Blitzen. Vou vender o que você quer por essa bolsinha de lágrimas, mas a honra da minha família vem primeiro. Já está mais do que na hora de acertarmos essa briga. O que você diz, filho de Freya? Uma competição, você e eu. As regras tradicionais, a aposta tradicional.

Blitzen recuou até o bar. Contorceu-se tanto que quase consegui enxergar a herança dos ancestrais vermes. (APAGAR. Não me sabote, memória de longo prazo. APAGAR!)

— Júnior — disse ele —, você sabe que eu não… Eu não poderia…

— Devemos marcar amanhã, ao esmusguear? — perguntou Júnior. — O painel de jurados pode ser comandado por uma pessoa neutra. Talvez Nabbi, que certamente está escutando atrás do bar neste instante.

Alguma coisa bateu na plataforma. Atrás do balcão, a voz abafada de Nabbi disse:

— Seria uma honra.

— Aí está! — Júnior sorriu. — E então, Blitzen? Desafiei você de acordo com nossos antigos costumes. Você vai defender a honra da sua família?

— Eu… — Blitzen abaixou a cabeça, desanimado. — Onde vamos nos encontrar?

— Nas forjas na praça Kenning — disse Júnior. — Ah, vai ser divertido. Vamos, rapazes. Tenho que contar para a enfermeira Bambi!

O velho anão foi embora, seguido pelos guarda-costas. Assim que eles saíram, Blitzen desabou no Lar de Retaguarda e bebeu tudo o que havia na Vasilha Dourada.

Nabbi apareceu atrás da bancada. As sobrancelhas de taturana se contraíam de preocupação enquanto ele enchia a taça de Blitz.

— Este é por conta da casa, Blitzen. Foi um prazer conhecer você.

Ele voltou para a cozinha e me deixou sozinho com Blitz e Taylor Swift cantando “I Know Places”. A letra ganhou um novo significado em um mundo anão subterrâneo.

— Você vai explicar o que acabou de acontecer? — perguntei. — O que é essa disputa ao esmusguear? Aliás, o que é o esmusguear?

— Esmusguear… — Blitzen olhou para o copo. — A versão anã do amanhecer. Quando o musgo começa a brilhar. Quanto à disputa… — Engoliu em seco. — Não é nada. Tenho certeza de que você vai conseguir prosseguir na missão sem mim.

Nesse momento, a porta do bar se abriu. Sam e Hearthstone entraram cambaleando, como se tivessem sido empurrados de um carro em movimento.

— Eles estão vivos! — Eu me levantei com um pulo. — Blitz, olhe!

Hearthstone estava tão empolgado que não conseguia nem gesticular. Correu e quase derrubou Blitzen do banco.

— Oi, amigão. — Blitz bateu nas costas dele de forma distraída. — É, também estou feliz em ver você.

Sam não me abraçou, mas conseguiu dar um sorriso. Estava arranhada e coberta de folhas e galhos, mas não parecia muito machucada.

— Magnus, estou feliz por você ainda não ter morrido. Quero estar presente quando isso acontecer.

— Obrigado, al-Abbas. O que houve com vocês?

Ela deu de ombros.

— Ficamos escondidos embaixo do hijab pelo tempo que conseguimos.

Com todas as outras coisas que estavam acontecendo, eu tinha me esquecido disso.

— É, e qual é a do lenço? Você tem um hijab da invisibilidade?

— Não me torna invisível. É apenas camuflagem. Todas as valquírias ganham capas de cisne, que nos ajudam a nos esconder quando necessário. Eu transformei a minha em um hijab.

— Mas você não virou cisne. Virou musgo de árvore.

— A capa pode fazer coisas diferentes. De qualquer modo, esperamos o esquilo ir embora. O latido me deixou abalada, mas felizmente Hearth não foi afetado. Subimos pela Yggdrasill e ficamos lá por um tempo…

Um alce tentou nos comer, sinalizou Hearth.

— Como é? — perguntei. — Um alce?

Hearth grunhiu de exasperação. Ele soletrou: *C-E-R-V-O. O gesto é o mesmo para os dois.*

— Ah, bem melhor — comentei. — Um cervo tentou comer vocês.

— É — concordou Sam. — Dvalinn ou talvez Duneyrr, um dos cervos que vivem na Árvore do Mundo. Nós fugimos, pegamos uma entrada errada para Álfaheim…

Hearthstone estremeceu e fez um sinal: *Ódio.*

— E aqui estamos nós. — Sam olhou para Blitzen, ainda inexpressivo de choque. — E então… o que está acontecendo?

Contei sobre nosso encontro com Freya, depois sobre a conversa com Júnior. Hearthstone se apoiou no bar e soletrou com uma das mãos: *c-o-n-f-e-c-ç-ã-o*? Depois balançou a cabeça com veemência.

— O que você quer dizer com *confecção*? — perguntei.

— É a competição anã que testa a capacidade de forjar coisas — murmurou Blitzen, com a boca no cálice.

Sam tamborilou no machado.

— A julgar pela sua expressão, suponho que você não confie nas suas habilidades.

— Sou péssimo em forjar coisas.

Não é verdade, protestou Hearth.

— Hearthstone — disse Blitzen —, mesmo que eu fosse *excelente* em forjar, Júnior é o anão mais habilidoso que existe. Ele vai me destruir.

— Pare com isso — falei. — Você vai se sair bem. E, se perder, vamos encontrar outro jeito de pegar aquela corda.

Blitzen olhou para mim com tristeza.

— É pior do que isso, garoto. Se eu perder, tenho que pagar o preço tradicional: minha cabeça.

QUARENTA E DOIS

Temos uma festinha de pré-decapitação com rolinhos primavera

DORMIR NO APARTAMENTO de Blitzen foi o ponto alto da nossa viagem. Não que isso significasse muita coisa.

Blitz alugava o terceiro andar de uma casa em frente ao Svartalfar Mart (é, isso existe). Considerando o fato de que seria decapitado no dia seguinte, ele foi um bom anfitrião. Pediu desculpas por não ter feito uma arrumaçãozinha antes (embora o local me parecesse impecável), esquentou rolinhos primavera no micro-ondas e comprou um litro de refrigerante e um pacote de seis unidades de Hidromel Espumante Fjalar, com garrafas feitas à mão; cada vidro de uma cor diferente.

Tinha pouca mobília, mas a decoração era estilosa: um sofá em forma de L e duas poltronas futuristas. Deviam ter nomes e serem famosos no mundo da mobília de sala de estar, mas Blitzen não os apresentou. Na mesa de centro havia uma pilha organizada de revistas de moda de anões e de design de interiores.

Enquanto Sam e Hearth tentavam consolar Blitz, eu caminhei pela sala. Senti raiva e culpa por ter colocado Blitz em uma situação tão delicada. Ele já tinha arriscado muita coisa por mim. Passou dois anos nas ruas me vigiando quando poderia estar aqui, relaxando, comendo rolinhos primavera e bebendo hidromel espumante. Tentou me proteger atacando o lorde dos gigantes do fogo com uma placa. Agora, ia perder a cabeça em uma disputa de confecção com um idoso do mal.

Além do mais… a filosofia do ofício dos anões me perturbou. Em Midgard, a maioria das coisas era descartável e substituível. Eu *vivi* desse lixo pelos últimos dois anos, catando o que as pessoas jogavam fora, encontrando coisas que pudesse usar ou vender, ou que ao menos servissem para fazer uma fogueira.

Então me perguntei como seria morar em Nídavellir, onde cada objeto era fabricado para ser uma obra de arte para a vida toda, até um copo ou uma cadeira. Talvez fosse irritante ter que recitar cada detalhe dos sapatos antes de calçá-los de manhã, mas pelo menos saberíamos que eram sapatos incríveis.

Pensei na Espada do Verão. Freya me mandou fazer amizade com ela. Deu a entender que a arma tinha pensamentos e sentimentos.

Todo item feito à mão tem alma, dissera Blitz.

Talvez eu não tivesse me apresentado direito. Talvez devesse tratar a espada como uma companheira…

— Blitz, você deve ter uma especialidade — disse Samirah. — O que estudou na escola de comércio?

— Moda. — Blitzen fungou. — Criei meu próprio curso de graduação. Mas moda não é um ofício reconhecido. Eles esperam que eu modele lingotes derretidos ou conserte máquinas! Não sou bom nisso!

É, sim, sinalizou Hearth.

— Não sob pressão — disse Blitz.

— Não entendo — falei. — Por que quem perde tem que morrer? Como escolhem o vencedor?

Blitzen olhou para a capa da *Anão Quinzenal: Novos visuais para a primavera! 100 usos para couro de warg!*

— Cada participante confecciona três itens. Pode ser qualquer coisa. No fim do dia, o júri pontua cada item de acordo com utilidade, beleza, qualidade, essas coisas. Eles podem pontuar como bem entenderem. O participante com o maior número de pontos gerais vence; o outro, morre.

— Você não deve ter participado de muitas competições — observei — se o perdedor é sempre decapitado.

— Essa é a aposta tradicional — explicou Blitz. — A maioria das pessoas não insiste mais nela. Júnior é antiquado. E, além disso, me odeia.

— Tem a ver com Fenrir e seu pai?

Hearth balançou a cabeça tentando fazer com que eu parasse de falar, mas Blitzen bateu no joelho dele.

— Tudo bem, amigão. Eles merecem saber.

Blitz se recostou no sofá. Pareceu subitamente mais calmo em relação à morte iminente, o que achei perturbador. Eu queria que ele estivesse socando as paredes.

— Sabe quando eu falei que os objetos dos anões duram para a vida toda? Bem… para um anão, *a vida* pode ter centenas de anos.

Observei a barba de Blitz e me perguntei se ele pintava os fios brancos.

— Quantos anos você tem?

— Vinte — respondeu ele. — Mas Júnior… está chegando a quinhentos. O pai dele, Eitri, foi um dos artesãos mais famosos da história dos anões. Viveu mais de mil anos, construiu alguns dos objetos mais importantes dos deuses.

Samirah mordeu um rolinho primavera.

— Até *eu* já ouvi falar dele. Está nas histórias antigas. Fez o martelo de Thor.

Blitz assentiu.

— E a corda Gleipnir… pode-se dizer que foi seu trabalho mais importante, ainda mais do que o martelo de Thor. A corda impede que Fenrir se solte e dê início ao Juízo Final.

— Estou acompanhando até aqui — falei.

— A questão é que a corda foi feita às pressas. Os deuses estavam clamando por ajuda. Já tinham tentado prender Fenrir com duas correntes enormes. Eles sabiam que a janela de oportunidade estava se fechando. O Lobo estava ficando mais forte e mais selvagem a cada dia. Em pouco tempo, ficaria incontrolável. Assim, Eitri… bem, ele fez o que pôde. Obviamente, a corda aguentou esse tempo todo. Mas mil anos é muita coisa, mesmo para uma corda anã, principalmente quando o lobo mais forte do universo está lutando contra ela dia e noite. Meu pai, Bilì, era um grande fazedor de cordas. Passou anos tentando convencer Júnior de que Gleipnir precisava ser substituída. Júnior não lhe dava ouvidos. Disse que ia à ilha do Lobo de tempos em tempos para inspecionar a corda e jurou que Gleipnir estava ótima. Ele achava que meu pai só estava insultando a reputação da família dele. Finalmente, meu pai…

A voz de Blitz falhou.

Hearthstone gesticulou: *Não precisa contar.*

— Estou bem. — Blitzen limpou a garganta. — Júnior usou toda a influência dele para virar as pessoas contra meu pai. Nossa família perdeu negócios. Ninguém queria comprar as confecções de Bilì. Finalmente, papai foi até a ilha de Lyngvi. Queria ver a corda, provar que precisava ser trocada. E nunca voltou. Alguns meses depois, uma patrulha anã encontrou…

Ele olhou para baixo e balançou a cabeça.

Hearthstone sinalizou: *Roupas. Rasgadas. Caídas na beira da água.*

Ou Samirah estava começando a aprender linguagem de sinais ou captou a ideia geral. Tapou a boca com a mão.

— Blitz, sinto muito.

— Bem… — Ele deu de ombros com apatia. — Agora vocês sabem. Júnior ainda guarda ressentimento. A morte do meu pai não bastou. Ele quer me envergonhar e *me* matar.

Coloquei minha bebida na mesa de centro.

— Blitz, acho que falo por todos nós quando digo que Júnior pode enfiar o andador dele…

— Magnus… — Sam chamou minha atenção.

— O quê? Aquele anão velho precisa ser decapitado do pior jeito. O que podemos fazer para ajudar Blitz a vencer a competição?

— Eu agradeço, garoto. — Blitz ficou de pé. — Mas não há o que fazer. Eu… Se você me der licença…

Ele cambaleou até o quarto e fechou a porta.

Samirah repuxou os lábios. Ela ainda estava com um galho da Yggdrasill enfiado no bolso do casaco.

— Tem alguma chance de Júnior não ser *tão* bom? Ele está muito velho agora, não está?

Hearthstone desenrolou o cachecol e o jogou no sofá. Ele parecia não se sentir bem na escuridão de Nídavellir. As veias verdes no pescoço estavam mais saltadas do que o habitual. O cabelo flutuava com estática, como vinhas procurando o sol.

Júnior é muito bom. Ele gesticulou como se rasgasse ao meio uma folha de papel e jogasse os pedaços fora: *Não tem jeito.*

Senti vontade de jogar garrafas de Hidromel Espumante Fjalar pela janela.

— Mas Blitz *sabe* fazer coisas, não sabe? Ou você só estava sendo encorajador?

Hearth se levantou. Andou até um aparador encostado na mesa da sala de jantar. Eu não tinha prestado muita atenção à mesa, mas Hearth apertou alguma coisa na superfície, talvez um interruptor escondido, e o tampo se abriu como uma concha. A parte de baixo era um painel de luz grande, que acendeu, brilhando em dourado, caloroso.

— Uma câmara de bronzeamento artificial. — Assim que falei aquilo, a verdade surgiu. — Quando você veio para Nídavellir pela primeira vez, Blitzen salvou sua vida. Foi assim. Ele deu um jeito de fornecer luz do sol a você.

Hearth assentiu. *Na primeira vez que usei runas para fazer magia. Errei. Caí em Nídavellir. Quase morri. Blitzen… sabe fazer coisas. É gentil e inteligente. Mas não funciona bem sob pressão. Uma competição… não.*

Sam abraçou os joelhos.

— E o que vamos fazer? Você tem alguma magia que possa ajudar?

Hearth hesitou. *Um pouco. Vou usar antes da competição. Não vai ajudar.*

Traduzi para Sam e perguntei:

— O que eu posso fazer?

Protegê-lo, sinalizou Hearth. *Júnior vai tentar s-a-b-o-t-a-r.*

— Sabotar? — Franzi a testa. — Isso não é roubar?

— Já ouvi falar sobre isso — disse Sam. — Em competições anãs, você pode atrapalhar seu competidor desde que não seja pego. A interferência tem que parecer acidente, ou pelo menos algo que os juízes não possam rastrear até você. Mas parece que Júnior não precisa trapacear para vencer.

Ele vai trapacear. Hearth fez um sinal de gancho prendendo em uma fivela. *Por maldade.*

— Tudo bem — falei. — Vou manter Blitz em segurança.

Ainda não vai ser o bastante. Hearth deu uma espiada em Sam. *O único jeito de vencer é atrapalhando Júnior*.

Quando traduzi para Sam o que ele disse por meio de sinais, ela ficou tão cinza quanto um anão na luz do sol.

— Não. — Ela balançou o dedo para Hearth. — Não, de jeito nenhum. Eu *falei*.

Blitz vai morrer, sinalizou Hearth. *Você já fez isso antes.*

— Do que ele está falando? — perguntei. — O que você já fez antes?

Ela se levantou. A tensão na sala chegou de repente em alerta vermelho.

— Hearthstone, você disse que não comentaria nada sobre isso. Você prometeu. — Ela se virou para mim, com a expressão se fechando a qualquer outra pergunta. — Com licença. Preciso de ar.

E saiu do apartamento.

Fiquei olhando para Hearthstone.

— O que foi isso?

Ele abaixou os ombros. O rosto estava vazio, sem esperança. Ele sinalizou: *Um erro*. Em seguida, entrou na câmara de bronzeamento e se virou para a luz, o corpo criando uma sombra em forma de lobo no chão.

QUARENTA E TRÊS

Que comece a elaboração de patinhos decorativos de metal

A PRAÇA KENNING parecia uma quadra de basquete sem cestas. Uma grade de metal envolvia a área de asfalto rachado. De um lado, havia uma fileira de pilares de pedra entalhados como totens, com cabeças de dragão, centopeias e rostos de troll. Do outro, arquibancadas cheias de espectadores anões. Na quadra, onde ficariam as linhas de lance livre, duas oficinas de ferreiro a céu aberto estavam armadas e prontas para uso. Cada uma tinha uma forja com foles para alimentar o fogo, uma variedade de bigornas, algumas mesas sólidas e estantes de ferramentas que mais pareciam equipamentos de tortura.

A multidão parecia preparada para ficar um bom tempo ali. Estava com coolers, cobertores e cestas de piquenique. Alguns anões empreendedores pararam caminhões de *food truck* ali perto. A placa dizendo GOSTOSURAS CASEIRAS DE IRI mostrava um cone de casquinha com um palácio de três andares de sorvete. O BURRITOS DE CAFÉ DA MANHÃ DE BUMBURR tinha uma fila de vinte anões, o que me fez lamentar ter comido os donuts velhos na casa de Blitz.

Quando nos aproximamos da quadra, Blitzen foi ovacionado pela multidão. Não vi Sam em lugar nenhum. Ela não voltou para o apartamento na noite anterior. Eu não sabia se devia ficar preocupado ou irritado.

Júnior estava esperando, apoiado no andador dourado. Os dois guarda-costas estavam atrás do velho anão, vestidos como o chefe, de macacão e luvas de couro.

— Ora, ora, Blitzen. — O velho anão fez cara de desprezo. — O esmusguear começou há dez minutos. Você estava no seu sono da beleza?

Blitzen parecia não ter dormido nada. Tinha olheiras profundas e os olhos estavam vermelhos. Ele havia passado a última hora pensando no que vestir e finalmente se decidiu por uma calça cinza, uma camisa branca com suspensórios pretos, sapatos pretos de bico fino e um chapéu Pork Pie. Blitz talvez não vencesse pela habilidade de artesão, mas com certeza ganharia o concurso de anão mais bem-vestido.

Ele olhou ao redor, distraído.

— Vamos começar?

A multidão comemorou. Hearthstone acompanhou Blitzen até a forja. Depois de uma noite na câmara de bronzeamento, o rosto do elfo tinha um tom dourado, como se ele tivesse sido salpicado com páprica. Antes de sairmos do apartamento, ele jogou uma runa para Blitz para ajudá-lo a se sentir descansado e concentrado, o que deixou Hearth exausto e desconcentrado. Mesmo assim, Hearth alimentou a forja enquanto Blitzen arrumava a estação de trabalho, olhando com hesitação para as estantes de ferramentas e cestas de minério.

Enquanto isso, Júnior se deslocava com o andador, gritando para um dos guarda-costas pegar um pedaço de ferro e um saco de lascas de osso. O outro guarda-costas ficou vigiando, de olho em qualquer coisa que pudesse atrapalhar o trabalho do chefe.

Tentei fazer a mesma coisa por Blitz, mas duvidava que eu parecesse tão intimidante quanto um anão musculoso de macacão. (E sim, isso era deprimente.)

Depois de uma hora, a onda de adrenalina inicial passou. Comecei a entender por que os espectadores levaram cestas de piquenique. Forjar não era um esporte de ação. De vez em quando, a plateia batia palmas ou murmurava com aprovação quando Júnior dava um bom golpe com o martelo ou mergulhava um pedaço de metal na tina de resfriamento com um chiado satisfatório. Nabbi e mais dois juízes andavam entre as estações, fazendo anotações em uma prancheta. Mas eu passei boa parte da manhã de pé segurando a Espada do Verão, tentando não parecer um idiota.

Algumas vezes, precisei trabalhar. Em uma ocasião, um dardo veio voando do nada, na direção de Blitz. A Espada do Verão entrou em ação. Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, a lâmina cortou o dardo no ar. A multidão aplaudiu, o que teria sido gratificante se eu tivesse feito alguma coisa.

Um pouco depois, um anão qualquer me atacou vindo da arquibancada, balançando um machado e gritando “SANGUE!”. Eu o acertei na cabeça com o cabo da espada. Ele desabou. Mais aplausos educados. Dois espectadores puxaram o anão pelos tornozelos.

Júnior estava ocupado martelando um cilindro incandescente do tamanho de um cano de espingarda. Ele já tinha criado uma dezena de mecanismos menores que, supus, encaixariam no cilindro, mas não consegui identificar o que o produto final deveria ser. O andador do velho anão não o atrapalhava em nada. Ele tinha um pouco de dificuldade para se deslocar, mas não para ficar de pé no mesmo lugar. Apesar da idade, os braços eram musculosos por causa de uma vida batendo com martelos em bigornas.

Enquanto isso, Blitzen estava inclinado sobre a mesa de trabalho com uma pinça fina, ligando folhas finas de metal curvo para formar algum tipo de estatueta. Hearthstone estava por perto, ensopado de suor de ficar acionando os foles.

Tentei não me preocupar com o quanto Hearth parecia exausto, nem com onde Sam estava e nem com quantas vezes Blitzen largava as ferramentas e começava a chorar, desolado.

Finalmente, Nabbi gritou:

— Dez minutos para a primeira pausa!

Blitzen não parou de chorar. Prendeu outra folha de metal no projeto, que estava começando a parecer um pato.

A maior parte da plateia se concentrava na outra estação de trabalho, onde Júnior prendia vários mecanismos ao cilindro. Ele foi até a forja e reaqueceu a montagem toda até o metal estar vermelho e brilhando.

Com cuidado, colocou o cilindro sobre a bigorna e a segurou com a pinça. Em seguida, levantou o martelo.

Na hora em que foi martelar, alguma coisa deu errado. Júnior gritou. O martelo desceu torto, achatou o cilindro e espalhou os mecanismos para todo lado. O velho anão cambaleou para trás com as mãos no rosto.

Os guarda-costas correram para ajudá-lo, gritando:

— O quê? O que foi?

Não consegui ouvir a conversa toda, mas parece que algum tipo de inseto mordeu Júnior no meio da testa.

— Você acertou ele? — perguntou um dos guarda-costas.

— Não! O maldito saiu voando! Rápido, antes que o cilindro esfrie…

— Tempo! — gritou Nabbi.

Júnior bateu o pé e falou um palavrão. Olhou com raiva para o projeto destruído e gritou com os guarda-costas.

Fui dar uma olhada em Blitzen, que estava jogado sobre a bigorna. O chapéu Pork Pie estava torto. A alça esquerda do suspensório tinha arrebentado.

— Como está indo, campeão? — perguntei.

— Horrível. — Ele apontou para o projeto. — Eu fiz um pato.

— É… — Procurei um elogio. — É um pato muito bonito. Isso é o bico, não é? E aquilo são as asas?

Hearthstone se sentou ao nosso lado no asfalto. *Patos*, sinalizou ele. *Sempre os patos.*

— Desculpe — gemeu Blitz. — Quando estou estressado, sempre escolho fazer aves. Não sei por quê.

— Não tem problema — falei. — Júnior teve um contratempo. O primeiro projeto dele está estragado.

Blitz tentou tirar as cinzas da camisa branca.

— Não importa. O primeiro item de Júnior é sempre o aquecimento. Ele tem mais duas chances de me destruir.

— Ei, pare com essa atitude negativa.

Remexi na nossa bolsa de suprimentos e passei cantis de água e biscoitos com manteiga de amendoim.

Hearthstone comeu como um elfo faminto. Depois, se sentou e acendeu uma lanterna virada para o rosto para tentar absorver os raios. Blitzen quase não bebeu água.

— Eu nunca quis fazer isso — murmurou Blitz. — Competições de forja, itens mágicos. Só queria criar roupas de qualidade e vendê-las por preços justos na minha própria loja.

Olhei para a gola encharcada de suor e pensei no que Freya dissera: *Blitzen é um* gênio *com tecidos e moda. Os outros anões não apreciam o ofício dele, mas acho maravilhoso.*

— Esse é o seu sonho — percebi. — Foi por isso que você bebeu do Poço de Mímir, para saber como abrir uma loja de roupas?

Blitzen fez expressão de desprezo.

— Era mais do que isso. Eu queria seguir meu sonho. Queria que os outros anões parassem de rir de mim. Queria vingar a morte do meu pai e restaurar a honra da família! Mas essas coisas não combinam. Procurei Mímir em busca de conselhos.

— E… o que ele disse?

Blitzen deu de ombros, impotente.

— Quatro anos de serviço, esse foi o preço por beber do poço. Ele disse que o custo do conhecimento também era a resposta. Ao servi-lo, eu teria o que queria. Mas não tive. E agora, vou morrer.

Não, sinalizou Hearth. *Um dia, você vai realizar seu sonho.*

— Como exatamente? — perguntou Blitz. — É meio difícil cortar e costurar tecido sem a cabeça.

— Isso não vai acontecer — afirmei.

No meu estômago, várias ideias começaram a se unir e fazer um rebuliço, a não ser que a sensação fosse só os biscoitos com manteiga de amendoim. Pensei na minha espada, que podia virar pingente, e no hijab de Sam, que era uma camuflagem mágica de alta tecnologia.

— Blitz, seus próximos dois itens vão ser incríveis.

— Como você sabe? Eu posso entrar em pânico e fazer mais patos!

— Você quer fazer roupas, não quer? Então faça roupas.

— Garoto, isso é uma *forja*, não uma máquina de costura. Além do mais, a moda não é um ofício reconhecido.

— E armaduras?

Blitz hesitou.

— Bem, é, mas…

— E uma roupa moderna que também serve de armadura?

Blitz ficou boquiaberto.

— Pelas joias de Balder… Garoto, você pode ter tido uma boa ideia!

Ele ficou de pé e começou a andar pela oficina, recolhendo ferramentas.

Hearth abriu um sorriso luminoso para mim, literalmente, pois ainda estava com a lanterna virada para o rosto. Ele bateu com a mão livre na cabeça, o sinal que significava *gênio*.

Quando Nabbi avisou do fim do intervalo, assumi os foles para dar um descanso a Hearth. Ele ficou de guarda. Avivar o fogo era tão divertido quanto andar de bicicleta ergométrica dentro de um forno.

Depois de um tempo, Blitzen me tirou dos foles e me mandou ajudar com a confecção. Eu era péssimo, mas ser obrigado a me dar instruções pareceu aumentar a confiança de Blitz.

— Não, coloque aquilo lá. Não, use o alicate grande! Segure com firmeza, garoto! Isso não é firme o bastante!

Perdi a noção do tempo. Não prestei muita atenção ao que Blitz estava fazendo — alguma coisa pequena, tecida a partir de uma corrente. Fiquei pensando na Espada do Verão, agora em forma de pingente pendurada no meu pescoço.

Eu me lembrei de quando andei da doca até a praça Copley, meio delirante de fome e exaustão, e da conversa imaginária que tive com a espada. Pensei em como ela zumbia ou ficava em silêncio, guiava minha mão ou ficava pesada e inerte. Se tinha alma e emoções, eu não estava dando crédito suficiente a ela. Eu a vinha tratando como um objeto perigoso. Mas deveria tratar a espada como uma pessoa.

— Obrigado — disse, baixinho, tentando não me sentir ridículo. — Quando você acertou aquele dardo mais cedo, salvou meu amigo. Eu deveria ter agradecido antes.

O pingente pareceu ficar mais quente, embora fosse difícil ter certeza considerando que eu estava ao lado da forja.

— Sumarbrander. É assim que você gosta de ser chamada? Desculpe por ter ignorado você.

Hum, zumbiu o pingente com ceticismo.

— Você é muito mais do que uma espada — falei. — Não serve só para cortar coisas. Você…

Do outro lado do pátio, Nabbi gritou:

— Dez minutos para o intervalo do almoço!

— Ah, deuses — murmurou Blitzen. — Não consigo… Garoto, rápido! Me passe aquele martelo de textura.

As mãos dele voaram, pegando várias ferramentas, fazendo ajustes menores à criação. Não parecia muita coisa, só um pedaço achatado e estreito de cota de malha, mas Blitz trabalhou como se a vida dele dependesse daquilo. E dependia mesmo.

Ele dobrou e espremeu a cota de malha até a forma final, depois soldou a costura.

— É uma gravata! — concluí. — Blitzen, eu consegui reconhecer o que você fez!

— Obrigado. Agora cale a boca. — Ele levantou a solda e anunciou: — Pronto!

Na mesma hora, um estrondo reverberou na estação de trabalho de Júnior.

— GAAHHH! — gritou o velho anão.

A multidão toda ficou de pé.

Júnior estava caído no chão, escondendo o rosto nas mãos. Na mesa de trabalho havia um amontoado de ferro achatado e sem forma definida esfriando.

Os guarda-costas correram para ajudá-lo.

— Maldito inseto! — uivou Júnior. O nariz dele estava sangrando. Ele olhou para as palmas das mãos, mas aparentemente não encontrou o inseto esmagado. — Eu o acertei desta vez, tenho certeza! Onde está?

Nabbi e os outros juízes franziram a testa na nossa direção, como se pudéssemos ter orquestrado um ataque camicaze de insetos. Acho que parecemos surpresos o bastante para eles concluírem que não.

— Hora do almoço — anunciou Nabbi. — Mais um item será feito à tarde!

Comemos rapidamente, porque Blitz estava doido para voltar ao trabalho.

— Peguei o jeito da coisa agora. *Peguei* mesmo. Garoto, estou em débito com você.

Olhei para a estação de Júnior. Os guarda-costas estavam olhando com raiva para mim, estalando os dedos.

— Vamos acabar logo com isso — falei. — Eu queria que Sam estivesse conosco. Talvez precisemos lutar para sair daqui.

Hearth me olhou de um jeito curioso quando mencionei Sam.

— O quê? — perguntei.

Ele balançou a cabeça e voltou a comer o sanduíche de agrião.

A sessão da tarde passou rápido. Fiquei tão ocupado montando guarda que nem tive tempo de pensar. Júnior devia ter contratado sabotadores novos, porque a cada meia hora mais ou menos eu tinha que lidar com uma nova ameaça: uma lança jogada da plateia, uma maçã podre mirada na cabeça de Blitzen, um drone movido a vapor e um par de anões com macacões verdes de lycra armados com tacos de beisebol. (Quanto menos for dito sobre isso, melhor.) A cada vez, a Espada do Verão guiou minha mão e neutralizou a ameaça. A cada vez, eu me lembrei de agradecer à espada.

Quase conseguia discernir a voz dela agora: *Ah, tudo bem. Aham. Acho que sim.* Foi como se ela estivesse passando lentamente a gostar de mim, a superar a raiva de ter sido ignorada.

Hearthstone corria ao redor da estação de trabalho pegando materiais e ferramentas adicionais. Blitz estava trançando um pedaço de tecido de metal maior e mais complicado. O que quer que fosse, ele pareceu satisfeito.

Finalmente, o anão soltou o cinzel na bancada e gritou:

— Sucesso!

Na mesma hora, Júnior sofreu seu fracasso mais espetacular. Os guarda-costas estavam perto, prontos para outro ataque camicaze de inseto, mas não fez diferença. Quando Júnior desceu o martelo para o golpe final, um ponto preto surgiu voando do céu. A mosca mordeu Júnior no rosto com tanta força que ele girou por causa do impulso do martelo. Gritando e cambaleando,

ele derrubou os dois guarda-costas, que caíram, inconscientes, destruiu o que havia em duas bancadas de trabalho e derrubou a terceira invenção na forja antes de cair de cara no chão.

Não devia ter sido engraçado um anão idoso sendo humilhado assim. Mas foi, mais ou menos. Provavelmente porque esse anão idoso era vingativo e mau.

No meio da agitação, Nabbi tocou um sininho.

— A competição está encerrada! — anunciou. — É hora de julgar os objetos produzidos… e matar o perdedor!

QUARENTA E QUATRO

Júnior ganha um saco de lágrimas

SAM ESCOLHEU ESSE momento para aparecer.

Ela abriu caminho entre a multidão, o lenço cobrindo o rosto. O casaco estava sujo de cinzas, como se ela tivesse dormido numa chaminé.

Tive vontade de reclamar por ter sumido por tanto tempo, mas minha raiva evaporou quando vi que ela estava com um olho roxo e o lábio inchado.

— O que aconteceu? Você está bem?

— Uma briguinha boba — disse ela. — Não se preocupe. Vamos aguardar o julgamento.

Os espectadores se reuniram ao redor das duas mesas nas laterais, onde os trabalhos de Júnior e de Blitzen estavam sendo exibidos. Blitzen estava com as mãos unidas atrás das costas, parecendo confiante apesar do suspensório arrebentado, da camisa manchada de graxa e do chapéu encharcado de suor.

O rosto de Júnior estava uma imundície sangrenta. Ele mal conseguia se sustentar com o andador. O brilho alucinado nos olhos dele lhe dava um ar de assassino em série exausto depois de um dia intenso de trabalho.

Nabbi e os outros juízes circulavam pelas mesas, inspecionando os itens elaborados e fazendo anotações em suas pranchetas.

Finalmente, Nabbi se virou para a plateia, arqueou as sobrancelhas peludas e tentou dar um sorriso.

— Muito bem, então! Obrigado a todos por virem a essa competição, patrocinada pela Taverna do Nabbi, famosa entre as tavernas, construída por Nabbi e local de venda da Cerva do Nabbi, o único hidromel de que você vai precisar na vida. Agora, nossos competidores vão nos contar sobre seus primeiros itens. Blitzen, filho de Freya!

Blitzen apontou para sua escultura de metal.

— É um pato.

Nabbi piscou.

— E… o que ele faz?

— Quando aperto suas costas… — Blitzen fez isso. O pato ficou três vezes maior, como um baiacu assustado. — Ele aumenta.

O segundo juiz coçou a barba.

— Só isso?

— Bem, é — disse Blitz. — Chamo de Expande-Pato. É perfeito se você precisa de um pato pequeno de metal. Ou de um pato grande de metal.

O terceiro juiz se virou para os colegas.

— Enfeite de jardim, talvez? Assunto de conversa? Isca?

Nabbi tossiu.

— Sim, obrigado, Blitzen. E agora você, Eitri Júnior, filho de Edna. Qual é sua primeira criação?

Júnior limpou o sangue dos olhos e ergueu o cilindro de ferro achatado, com várias molas e fivelas penduradas.

— Isto é um míssil perseguidor de trolls autoguiado! Se não estivesse danificado, poderia destruir qualquer troll a uma distância de oitocentos metros. E é reutilizável!

A multidão murmurou, admirada.

— Hã, mas funciona? — perguntou o segundo juiz.

— Não! Estragou na última martelada. Mas, se *funcionasse*…

— Mas não funciona — observou o terceiro juiz. — Então no momento o que ele é?

— É um cilindro de metal inútil! — vociferou Júnior. — E não é culpa minha!

Os juízes confabularam e fizeram anotações.

— Portanto, na primeira rodada — resumiu Nabbi —, temos um pato expansível contra um cilindro de metal inútil. Nossos competidores estão praticamente empatados. Blitzen, qual é seu segundo item?

Blitzen ergueu com orgulho o enfeite de pescoço de cota de malha.

— Uma gravata à prova de balas!

Os juízes baixaram as pranchetas em sincronia perfeita.

— O quê? — perguntou Nabbi.

— Ah, vamos lá! — Blitzen se virou para a plateia. — Quantos de vocês já passaram pelo constrangimento de ter que usar um colete à prova de balas mas não tinham nenhuma gravata à prova de balas que combinasse?

No fundo da multidão, um anão levantou a mão.

— Exatamente! — afirmou Blitzen. — Além de estar na moda, ela também impede a passagem de qualquer coisa até o calibre .30-06. E também pode ser usada como *cravat*.

Os juízes franziram a testa e fizeram anotações, mas algumas pessoas na plateia pareceram impressionadas. Examinaram as próprias camisas, talvez percebendo o quanto se sentiam malvestidas sem uma gravata de cota de malha.

— Júnior — disse Nabbi —, qual é sua segunda confecção?

— O Cálice do Infinito! — Júnior indicou um pedaço deformado de ferro. — Aguenta uma quantidade ilimitada de qualquer líquido, é perfeito para longas viagens por desertos.

— Hã… — Nabbi apontou com a caneta. — Parece meio esmagado.

— Foi a porcaria da mosca de novo! — protestou ele. — Me mordeu bem na testa! Não é *minha* culpa se um inseto transformou minha invenção brilhante em um monte de lixo.

— Monte de lixo — repetiu Nabbi, escrevendo na prancheta. — E Blitzen, seu item final?

Blitzen ergueu um pedaço cintilante de tecido de metal trançado.

— Um colete de cota de malha! Para ser usado com um terno de três peças de cota de malha. Ou, se você quiser se vestir de forma mais casual, pode usar com calça jeans e uma camisa bonita.

E um escudo, sugeriu Hearthstone.

— Sim, e um escudo — confirmou Blitzen.

O terceiro juiz se inclinou para a frente e apertou os olhos.

— Imagino que ofereça o mínimo de proteção. Se você fosse esfaqueado nas costas em uma boate, por exemplo.

O segundo juiz anotou alguma coisa.

— Tem alguma habilidade mágica?

— Ah, não — disse Blitz. — Mas é dupla face: prateado por fora e dourado por dentro. Dependendo do tipo de joia que estiver usando ou da cor da armadura…

— Entendi. — Nabbi anotou alguma coisa na prancheta e se virou para Júnior. — E seu item final, senhor?

Os punhos de Júnior tremeram de raiva.

— Isso é injusto! Eu nunca perdi uma competição. Todos vocês conhecem minhas habilidades. Esse intrometido, esse *exibido* do Blitzen conseguiu de alguma forma estragar meu…

— Eitri Júnior, filho de Edna — interrompeu Nabbi —, qual é seu terceiro item?

Ele indicou a forja com impaciência.

— Meu terceiro item está lá dentro! Não *importa* o que era, porque agora é uma gosma fervente!

Os juízes se aproximaram e conferiram. A multidão ficou agitada.

Nabbi olhou para a plateia.

— Julgar está sendo difícil. Pesamos os méritos da gosma fervente, do monte de lixo e do cilindro de metal inútil de Júnior contra o colete de cota de malha, a gravata à prova de bala e o Expande-Pato. Foi difícil. No entanto, julgamos que o vencedor desta batalha é Blitzen, filho de Freya!

Os espectadores aplaudiram. Alguns arfaram, incrédulos. Uma anã de roupa de enfermeira, possivelmente Bambi, famosa entre as enfermeiras anãs, desmaiou.

Hearthstone deu pulinhos, e com isso as pontas do cachecol ondularam. Procurei Sam, mas ela estava na beirada da multidão.

Júnior olhou com raiva para os punhos, como se tentando decidir se devia bater em si mesmo.

— Tudo bem — resmungou ele. — Cortem minha cabeça! Não quero viver em um mundo em que Blitzen vence concursos de confecção.

— Júnior, não quero matar você — disse Blitzen.

Apesar da vitória, ele não estava orgulhoso nem se gabava. Tinha um aspecto cansado, talvez até triste.

Júnior piscou.

— Você… não quer?

— Não. Só me dê os brincos e a corda, como prometeu. Ah, e uma admissão pública de que meu pai estava certo o tempo todo sobre Gleipnir. Você devia ter trocado a corda séculos atrás.

— Nunca! — gritou Júnior. — Você está colocando em dúvida a reputação do meu pai! Não posso…

— Tudo bem, vou buscar meu machado — disse Blitzen em tom resignado. — Infelizmente, a lâmina está meio cega…

Júnior engoliu em seco. E olhou com desejo para a gravata à prova de balas.

— Muito bem. Talvez… talvez Bilì tivesse razão. A corda precisa ser trocada.

— E você errou ao manchar a reputação dele.

Os músculos faciais do velho anão entraram em convulsão, mas ele conseguiu dizer as palavras:

— E eu estava… errado. É.

Blitzen olhou para a escuridão e sussurrou alguma coisa. Eu não era bom em leitura labial, mas tinha quase certeza de que ele tinha dito: *Eu te amo, pai. Adeus.*

Voltou a se concentrar em Júnior.

— Agora, quanto ao que você me prometeu…

Júnior estalou os dedos. Um dos guarda-costas se aproximou, a cabeça recém-enfaixada por causa do encontro com um martelo ocorrido havia pouco tempo. Ele entregou uma caixinha de veludo para Blitzen.

— Brincos para sua mãe — disse Júnior.

Blitzen abriu a caixa. Dentro havia dois gatinhos feitos de filigrana de ouro, como Brisingamen. Enquanto eu olhava, os gatos se espreguiçaram, piscaram os olhos de esmeralda e balançaram os rabos de diamante.

Blitz fechou a caixa.

— Adequados. E a corda?

O guarda-costas jogou para ele uma bola de linha de pipa.

— Você está de brincadeira — falei. — Isso vai prender Fenrir?

Júnior olhou para mim de cara feia.

— Menino, sua ignorância é de tirar o fôlego. Gleipnir era tão fina e leve quanto esta, mas os ingredientes paradoxais lhe davam uma incrível força. Esta corda é igual, porém melhor!

— Ingredientes paradoxais?

Blitz segurou a ponta da corda e assobiou de tanta admiração.

— Ele quer dizer coisas que supostamente não existem. Ingredientes paradoxais são difíceis de usar para confecção, são perigosos. Gleipnir continha o passo de um gato, o cuspe de um pássaro, o bafo de um peixe e a barba de uma mulher.

— Não sei se esse último é tão paradoxal assim — observei. — A Alice Maluca de Chinatown tem uma barba bem grande.

Júnior bufou.

— A questão é que essa corda é ainda melhor! Eu a chamo de Andskoti, o Adversário. É trançada com os paradoxos mais poderosos dos nove mundos: wi-fi sem lag, sinceridade de político, uma impressora que realmente imprime, comida frita saudável e uma aula de gramática interessante!

— Está certo — admiti. — Essas coisas não existem.

Blitz colocou a corda na mochila. Pegou a bolsa de lágrimas e a entregou para o velho anão.

— Obrigado, Júnior. Considero nossa barganha completa, mas quero perguntar mais uma coisa. Onde fica a ilha do Lobo?

Júnior pegou seu pagamento.

— Se pudesse contar, Blitzen, eu contaria. Ficaria feliz de ver Fenrir fazer picadinho de você, como fez com seu pai. Mas eu não sei!

— Mas…

— Sim, eu disse que verificava a corda de tempos em tempos. Era mentira! A verdade é que poucos deuses e anões sabem onde a ilha do Lobo aparece. A maioria jurou segredo. Não sei como seu pai encontrou o lugar, mas, se você quiser fazer o mesmo, a melhor pessoa a quem perguntar é Thor. Ele sabe onde fica a ilha e tem boca grande.

— Thor — falei. — Onde encontramos Thor?

— Não faço ideia — admitiu Júnior.

Hearthstone sinalizou: *Sam talvez saiba. Ela sabe muita coisa sobre os deuses.*

— É. — Eu me virei. — Sam, venha aqui! Por que está se escondendo?

A multidão se abriu ao redor da ex-valquíria.

Assim que Júnior bateu os olhos nela, deu um gritinho estrangulado.

— Você! Foi você?

Sam tentou cobrir o lábio machucado.

— Me desculpe. Nós nos conhecemos?

— Ah, não banque a inocente comigo. — Júnior se deslocou com o andador, e o couro cabeludo vermelho deixou o cabelo grisalho cor-de-rosa. — Já vi metamorfose antes. Esse lenço é da mesma cor das asas da mosca. E o olho roxo foi de quando bati em você! Você está mancomunada com Blitzen! Amigos, colegas, anões honestos, matem esses trapaceiros!

Senti orgulho por nós quatro reagirmos como uma equipe. Em um movimento sincronizado, como uma máquina de combate bem lubrificada, demos meia-volta e saímos correndo.

QUARENTA E CINCO

Tenho a oportunidade de conhecer Jacques

SOU BOM EM fazer várias coisas ao mesmo tempo, então achei que conseguia fugir apavorado e discutir sem problemas.

— Mosca? — gritei para Sam. — Você consegue se transformar em mosca?

Sam se abaixou quando um dardo passou voando por cima da cabeça dela.

— Não é hora para isso!

— Ah, me desculpe. Eu devia esperar a *hora certa para falar sobre virar uma mosca*.

Hearthstone e Blitzen foram na frente. Atrás de nós, uma multidão de trinta anões se aproximava depressa. Não gostei das expressões assassinas e nem da variedade de armas confeccionadas à mão.

— Por aqui!

Blitzen entrou em um beco.

Infelizmente, Hearthstone não estava olhando. O elfo simplesmente seguiu em frente.

— Mãe! — xingou Blitzen.

Ao menos, achei que fosse um xingamento, até Sam e eu chegarmos na esquina e pararmos.

Alguns passos depois, no beco, Blitz estava preso em uma rede de luz. Ele se contorceu e falou palavrões enquanto a rede cintilante o erguia.

— É minha mãe! — gritou ele. — Ela quer a porcaria dos brincos. Vão! Alcancem Hearthstone! Encontro vocês…

POP! Nosso anão desapareceu em uma explosão de luz.

Olhei para Sam.

— O que foi isso?

— Temos outros problemas. — Ela pegou o machado.

A multidão havia nos alcançado. Eles se espalharam formando um semicírculo furioso de barbas, caras feias, tacos de beisebol e espadas. Eu não sabia o que estavam esperando. E então, ouvi a voz de Júnior em algum lugar lá atrás.

— Esperem! — gritou, ofegante. — Eu… — *Ofegou*. — Mato… — *Ofegou*. — Primeiro!

A multidão se abriu. Ladeado pelos guarda-costas, o velho anão empurrou o andador na nossa direção.

Ele olhou para mim e depois para Sam.

— Onde estão Blitzen e o elfo? — murmurou Júnior. — Ah, não importa. Vamos encontrá-los. Não ligo muito para você, garoto. Corra agora e talvez eu tenha piedade. A garota é obviamente uma filha de Loki. Ela me mordeu e estragou meu trabalho! Ela vai morrer.

Peguei meu pingente. A Espada do Verão ficou do tamanho normal. A multidão de anões recuou. Acho que sabiam reconhecer uma espada perigosa.

— Não vou a lugar nenhum — falei. — Vocês vão ter que encarar nós dois.

A espada zumbiu, chamando atenção.

— Correção — acrescentei —, vão ter que encarar nós *três*. Esta é Sumarbrander, a Espada do Verão, feita por… Na verdade, não sei direito, mas é famosa entre as espadas, e agora vai dar uma surra no traseiro coletivo de vocês.

— Obrigado — disse a espada.

Sam guinchou. A cara de choque dos anões deixou claro que aquilo não tinha sido minha imaginação.

Levantei a espada.

— Você consegue falar? Quer dizer… é claro que consegue. Você tem muitas, hã, habilidades incríveis.

— Era o que eu estava dizendo.

A voz da espada era masculina. Emanava das runas na lâmina, que vibravam e cintilavam a cada palavra, como as luzes de um equalizador estéreo.

Lancei um olhar arrogante para os anões, como se dissesse: *É, isso aí. Tenho uma espada falante pirotécnica e vocês, não.*

— Sumarbrander — falei —, o que você acha de encarar essa galera?

— Claro — respondeu a espada. — Você quer vê-los mortos ou…?

A multidão recuou de alarme.

— Não — concluí. — Só faça com que vão embora.

— Você não é nada divertido. Tudo bem, então, vamos.

Hesitei. Não queria segurar uma espada piscante, falante e sibilante, mas largar a arma não era bem um primeiro passo natural rumo à vitória.

Júnior devia ter sentido que eu estava relutante.

— Podemos enfrentá-lo! — gritou. — É um garoto com uma espada que ele não sabe usar!

Sam rosnou:

— E eu, uma ex-valquíria com um machado que *sei* usar.

— Aff! — bufou Júnior. — Vamos pegá-los, garotos! Arrastador de Vovó, ativar!

Fileiras de lâminas de adagas surgiram na parte da frente do andador. Dois motores de foguete em miniatura se acenderam atrás, impulsionando o velho anão na nossa direção em uma

velocidade impressionante de um quilômetro e meio por hora. Os colegas dele rugiram e partiram para o ataque.

Soltei a espada. Ela ficou suspensa por uma fração de segundos. Depois, entrou em ação. Mais rápido do que você poderia dizer *filho de Edna*, cada anão foi desarmado. As armas foram partidas ao meio, rachadas no eixo, derrubadas no chão ou cortadas em cubos do tamanho de canapés. As adagas e os motores do andador de Júnior foram arrancados. As pontas cortadas de trinta barbas caíram no chão, deixando trinta anões chocados com cinquenta por cento a menos de pelos faciais.

A Espada do Verão pairou entre mim e a multidão.

— Alguém quer mais? — perguntou a espada.

Os anões se viraram e fugiram.

Júnior gritou por cima do ombro enquanto saía cambaleando atrás dos guarda-costas, que já estavam uma quadra na frente.

— Isso não acabou, garoto! Vou voltar com reforços!

Sam baixou o machado.

— Isso foi… Uau.

— É — concordei. — Obrigado, Sumarbrander.

— De nada — respondeu a espada. — Mas, sabe, Sumarbrander é um nome muito comprido, e nunca gostei muito dele.

— Tudo bem. — Eu não sabia bem para onde olhar quando falava com a espada. Para as runas brilhantes? Para a ponta da lâmina? — Como você quer ser chamado?

A espada zumbiu, pensativa.

— Qual é seu nome?

— Magnus.

— É um bom nome. Me chame de Magnus.

— Você não pode ser Magnus. *Eu* sou Magnus.

— Então qual é o nome dela?

— Sam. Você também não pode ser Sam. Seria confuso demais.

A lâmina balançou de um lado para outro.

— Ah, mas qual *é* um bom nome? Uma coisa que combine com minha personalidade e meus muitos talentos?

— Não conheço você tão bem quanto gostaria.

Olhei para Samirah, que só balançou a cabeça como se dissesse: *Ei, é sua espada falante.*

— Sinceramente, não sei o que dizer, já que…

— Jacques! — gritou a espada. — Perfeito!

O problema de espadas falantes… é que é difícil saber quando estão brincando. Elas não têm expressão facial. Nem rosto.

— Então… quer que eu chame você de Jacques.

— É um nome nobre — argumentou a espada. — Bom para reis e implementos afiados de corte!

— Tudo bem — falei. — Muito bem, então, Jacques, obrigado por nos salvar. Você se importa se…?

Estiquei a mão para o punho da espada, mas Jacques flutuou para longe de mim.

— Eu não faria isso ainda — avisou ele. — O preço das minhas habilidades incríveis: assim que você me embainhar, me transformar em pingente ou sei lá o quê, vai se sentir tão cansado quanto se tivesse executado todas as minhas ações.

Os músculos dos meus ombros se contraíram. Pensei no quanto eu me sentiria esgotado se tivesse destruído todas aquelas armas e cortado todas aquelas barbas.

— Ah. Não reparei nisso antes.

— Porque você não tinha me usado para nada incrível ainda.

— Certo.

Ao longe, um alarme de ataque aéreo soou. Eu duvidava de que houvesse ataques aéreos em um mundo subterrâneo, então concluí que aquilo tinha a ver conosco.

— Temos que ir — disse Sam com urgência. — Temos que encontrar Hearthstone. Duvido que Júnior estivesse brincando sobre os reforços.

Encontrar Hearthstone foi a parte fácil. A duas quadras dali, demos de cara com ele, que estava voltando para nos procurar.

Mas que H-e-l-h-e-i-m? Onde está Blitzen?

Contei sobre a rede dourada de Freya.

— Vamos encontrá-lo. Agora, Júnior está convocando a Guarda Nacional dos Anões.

Sua espada está flutuando, observou Hearth.

— Seu elfo é surdo — reparou Jacques.

Eu me virei para a espada.

— Eu sei disso. Ah, me desculpe, as apresentações. Jacques, Hearth. Hearth, Jacques.

Hearth sinalizou: *Ela está falando? Não leio lábios de espada.*

— O que ele está dizendo? — perguntou Jacques. — Não leio mãos de elfo.

— Pessoal!

Sam apontou para trás de nós. A algumas quadras, um veículo com placas de ferro, lagartas no lugar de rodas e um torreão em cima virava lentamente na nossa rua.

— É um tanque — falei. — Júnior tem um *tanque*?

— Temos que ir — disse Jacques. — Sou incrível, mas se tentar destruir um tanque, o esforço é capaz de matar você.

— É — concordei. — Como saímos de Nídavellir?

Hearthstone bateu palmas para chamar minha atenção. *Por aqui.*

Corremos atrás dele, ziguezagueando por becos, derrubando latas de lixo cuidadosamente confeccionadas que com certeza tinham nome e alma.

De algum lugar atrás de nós, um *BUM!* alto sacudiu janelas e fez chover pedrinhas em nós.

— O tanque está sacudindo o *céu*? — gritei. — Isso *não* pode ser bom.

Hearthstone nos levou por outra rua de casas de madeira. Havia anões sentados em escadas, batendo palmas e gritando conforme passávamos correndo. Alguns nos filmaram em smartphones elaborados. Concluí que nossa tentativa de fuga se tornaria o próximo viral na internet anã, famosa entre as internets.

Finalmente chegamos ao que seria a fronteira sul de South Boston. Do outro lado da avenida, em vez da praia M Street, o chão despencava em um abismo.

— Ah, isso é muito útil — disse Sam.

Atrás de nós, na escuridão, a voz de Júnior gritou:

— Bazucas, pelo flanco direito!

Hearthstone nos levou pela beirada do cânion. Abaixo de nós, um rio rugiu.

Ele gesticulou: *Vamos pular.*

— Está falando sério? — perguntei.

Blitzen e eu já fizemos isso. O rio leva para fora de Nídavellir.

— Para onde?

Depende, gesticulou Hearthstone.

— Isso não é muito tranquilizador — disse Sam.

Hearthstone apontou para a avenida. A multidão anã estava se reunindo, tanques e jipes e lança-mísseis e um monte de anões geriátricos muito zangados com andadores cobertos de armadura.

— Vamos pular — concluí.

Jacques, a espada, pairou ao meu lado.

— É melhor me segurar agora, chefe. Senão posso me perder de novo.

— Mas você disse que a exaustão…

— Pode fazer você desmaiar — completou a espada. — O lado bom é que pelo jeito você vai morrer de qualquer jeito.

Ele tinha razão. Peguei a espada e a transformei novamente em um pingente. Mal tive tempo de prender na corrente e minhas pernas cederam.

Sam me segurou.

— Hearthstone! Pegue o outro braço dele!

Conforme minha visão foi escurecendo, Sam e Hearth me ajudaram a pular do penhasco. Afinal, para que servem os amigos?

QUARENTA E SEIS

A bordo do bom e velho navio *Unha do Pé*

EU SABIA QUE estava encrencado quando acordei no sonho.

Vi que estava ao lado de Loki no convés de um navio enorme.

— Aí está você! — disse o deus. — Eu estava começando a ficar preocupado.

— Como…? — Reparei na roupa dele. — O que você está vestindo?

— Gostou?

Os lábios cheios de cicatrizes se retorceram em um sorriso. O casaco branco de almirante brilhava com medalhas, mas Loki não estava exatamente usando-o de acordo com os parâmetros militares. Estava jogado sobre uma camisa preta com a cara do Jack Nicholson em *O Iluminado*. A legenda dizia: AQUIIIII ESTÁ LOKI!

— Onde estamos? — perguntei.

Loki poliu as medalhas com a manga do casaco.

— Ah, nenhum de nós dois está aqui *de verdade*, claro. Ainda estou preso em um pedaço de rocha com veneno de cobra pingando no rosto. Você está morrendo nas margens de um rio em Jötunheim.

— Estou o quê?

— Quer você viva ou não, essa pode ser nossa última conversa. Eu queria que você visse isso, *Naglfar*, o Navio das Unhas! Está quase completo.

O navio entrou em foco, um drácar viking bem maior do que um porta-aviões. O convés principal poderia receber a maratona de Boston. Escudos gigantescos formavam a amurada. Na frente e atrás havia carrancas de nove metros com formato de lobos rosnando. Claro que tinham que ser lobos.

Espiei pela lateral, entre dois escudos. Trinta metros abaixo, cabos trançados de ferro prendiam o navio a uma doca. O mar cinzento estava coberto de gelo.

Passei a mão pela amurada. A superfície era irregular e áspera, coberta com fragmentos brancos e cinzentos, como escamas de peixe ou raspas de pérolas. A princípio, achei que o convés fosse feito de aço, mas agora percebi que o navio todo era feito desse material estranho, meio transparente. Não era metal nem madeira, mas alguma coisa estranhamente familiar.

— O que é isso? — perguntei a Loki. — Não vejo madeira e nem pregos. Por que se chama Navio de Unhas?

Loki riu.

— Esse não é um nome figurativo, Magnus. *Naglfar* é feito das unhas das mãos e dos pés de homens mortos.

O convés pareceu se inclinar sob meus pés. Eu não sabia se era possível vomitar em um sonho, mas fiquei tentado. Não foi só a nojeira óbvia de estar em um barco feito de unhas cortadas que me deixou enjoado, foi também a *quantidade* delas. Quantos cadáveres tiveram que contribuir com suas unhas para fazer um navio daquele tamanho?

Quando consegui controlar a respiração, olhei para Loki.

— Por quê?

Mesmo com as cicatrizes nos lábios e no rosto, o sorriso de Loki era tão contagioso que quase retribuí. *Quase*.

— Incrivelmente nojento, não é? — comentou ele. — Antigamente, seus ancestrais sabiam que as unhas carregavam parte do seu espírito, da sua essência… do seu DNA, como vocês chamam agora. Durante toda a vida, os mortais tomavam o cuidado de queimar qualquer unha cortada. Quando eles morriam, as unhas eram aparadas, e os pedaços, destruídos, para que não contribuíssem para este grande navio. Mas, às vezes — Loki deu de ombros —, como você pode ver, as precauções adequadas não foram tomadas.

— Você construiu um navio feito de unhas do pé.

— Ah, o navio está se construindo *sozinho*. E, tecnicamente, *Naglfar* pertence a Surt e aos gigantes do fogo, mas, quando o Ragnarök chegar, vou guiar este navio para fora do porto. Vamos ter um exército de gigantes liderado pelo capitão Hrym, além de centenas de milhares de mortos desonrados de Helheim, todos que foram descuidados ou azarados de morrer sem uma espada na mão, sem um enterro apropriado e sem uma boa manicure no *post-mortem*. Vamos velejar até Asgard e destruir os deuses. Vai ser demais.

Olhei sobre a popa esperando ver um exército se reunindo na margem, mas a névoa estava tão densa que não consegui enxergar o fim da doca. Apesar da minha resistência habitual a temperaturas extremas, o ar úmido penetrou nos meus ossos e me fez tremer de frio.

— Por que você está me mostrando isso? — perguntei.

— Porque gosto de você, Magnus. Você tem senso de humor. Tem *vida*. É tão raro em um semideus! Mais raro ainda entre os einherjar. Estou feliz por minha filha ter encontrado você.

— Samirah… é por isso que ela consegue virar uma mosca. Ela é uma metamorfa como você.

— Ah, ela é a filhinha do papai mesmo. Não gosta de admitir, mas herdou muitas coisas de mim: meus poderes, minha beleza estonteante, meu intelecto apurado. Também consegue identificar talento. Afinal, ela escolheu você, amigo.

Botei a mão na barriga.

— Não estou me sentindo muito bem.

— Dã! Você está à beira da morte. Pessoalmente, espero que acorde, porque, se bater as botas agora, sua morte vai ser sem sentido e nada do que você fez até agora vai ter qualquer importância.

— Obrigado pelo apoio.

— Escute, eu trouxe você aqui para ter um pouco de perspectiva. Quando chegar o Ragnarök, *todos* os laços vão se romper, e não só as cordas que prendem Fenrir. As cordas deste navio: *snap*. As amarras que me prendem: *snap*. Independente de você impedir que Surt bote as mãos na espada, é só uma questão de tempo. Um laço vai se romper e todos os outros vão começar a se soltar, desfiando como uma tapeçaria enorme.

— Você está tentando me desencorajar? Pensei que quisesse adiar o Ragnarök.

— Ah, eu quero! — Ele levantou as mãos. Os pulsos estavam vermelhos e sangrando, como se tivesse sido algemado com muita força. — Estou do seu lado, Magnus! Olhe para as figuras da proa. Os focinhos dos lobos não estão prontos. Tem alguma coisa mais constrangedora do que velejar para a batalha com esculturas mal-acabadas?

— Então o que você quer?

— A mesma coisa que sempre quis — disse Loki. — Ajudar você a lutar contra seu destino. Que outro deus além de mim se deu ao trabalho de falar com você como amigo e igual?

Os olhos dele eram como os de Sam, brilhantes e intensos, de uma cor ardente, mas havia alguma coisa fria e calculista no olhar de Loki, algo que não combinava com o sorriso simpático. Eu me lembrei de como Sam o descreveu: *mentiroso, ladrão e assassino*.

— Somos amigos agora? — perguntei. — Iguais?

— Poderíamos ser — disse ele. — Na verdade, tenho uma ideia. Esqueça essa história de ir para a ilha de Fenrir. Esqueça a ideia de enfrentar Surt. Conheço um lugar onde a espada vai estar em segurança.

— Com você?

Loki riu.

— Não me tente, garoto. Não, não. Eu estava pensando no seu tio Randolph. Ele entende o valor da espada. Passou a vida procurando-a, se preparando para estudá-la. Você pode não saber, mas a casa dele é *muito* fortificada com magia. Se você levasse a espada para ele… bem, o coroa não pode usá-la. Mas ele a guardaria. Manteria a espada longe das mãos de Surt. E é isso o que importa, não é? Daria mais tempo para nós.

Fiquei com vontade de rir na cara de Loki e negar na mesma hora. Achei que ele estivesse tentando me enganar. Mas não conseguia ver o que ele ganharia com aquilo.

— Você acha que é uma armadilha — afirmou o deus. — Eu entendo. Mas deve ter se perguntado por que Mímir disse para você levar a espada para a ilha do Lobo, o exato lugar onde Surt *quer* usá-la. Qual é o sentido disso? E se Mímir estiver enganando você? Pense bem. Aquela

velha cabeça decapitada tem uma rede de cassinos! Se você não levar a espada para a ilha, Surt não vai poder colocar as mãos nela. Para que correr o risco?

Lutei para ficar com a mente lúcida.

— Você… você é bom de papo. Seria um ótimo vendedor de carros usados.

Loki deu uma piscadela.

— Acho que o termo é *seminovo*. Você vai ter que fazer uma escolha em breve, Magnus. Talvez não possamos conversar de novo. Mas, se quiser um gesto de boa-fé, posso melhorar o acordo. Minha filha Hel e eu… nós andamos conversando.

Meu coração deu um salto.

— Conversando sobre…

— Vou deixar que ela conte para você. Mas agora… — Ele inclinou a cabeça para escutar alguma coisa. — Sim, não temos muito tempo. Você está acordando.

— Por que você foi punido? — A pergunta saiu antes de eu ter percebido que estava pensando nela. — Eu lembro que você matou alguém…

O sorriso dele ficou rígido. As linhas de fúria ao redor dos olhos o fizeram envelhecer dez anos.

— Você sabe estragar uma conversa — disse Loki. — Matei Balder, o deus da luz. O belo, perfeito e *incrivelmente* irritante filho de Odin e Frigga. — Ele andou na minha direção e cutucou meu peito para enfatizar cada palavra. — E-faria-tudo-de-novo.

No fundo do meu cérebro, meu bom senso gritava: *MUDE DE ASSUNTO!* Mas, como vocês já devem ter percebido, não dou muita atenção ao meu bom senso.

— Por que você o matou?

Loki soltou uma gargalhada. O hálito dele tinha cheiro de amêndoas, como cianeto.

— Eu já falei que ele era irritante? Frigga ficou *tão* preocupada com ele. O pobre bebê estava tendo pesadelos sobre seu destino. Bem-vindo à realidade, Balder! *Todos* nós temos pesadelos. Mas Frigga não conseguia aceitar a ideia de que seu anjo precioso podia machucar o pezinho. Ela fez tudo na criação prometer não machucar o belo filho dela: pessoas, deuses, árvores, pedras… Você consegue imaginar como é arrancar uma promessa de uma pedra? Frigga conseguiu. Depois, os deuses fizeram uma festa para comemorar. Começaram a jogar coisas em Balder só por diversão. Flechas, espadas, pedras, uns aos outros… nada o machucava. Era como se o idiota estivesse cercado por um campo de força. Bem… *sinto muito,* mas a ideia de o senhor perfeito também ser o senhor invulnerável me deu enjoo.

Eu pisquei para tentar afastar o ardor dos olhos. A voz de Loki estava tão cheia de ódio que parecia fazer o ar queimar.

— Você encontrou um jeito de matá-lo.

— Visgo! — O sorriso de Loki se iluminou. — Você consegue imaginar? Frigga esqueceu uma plantinha. Fiz um dardo de visgo e o ofereci para o irmão cego de Balder, um deus chamado

Hod. Eu não queria que ele ficasse de fora da diversão de jogar objetos mortais em Balder, então direcionei a mão de Hod e… bem, os piores medos de Frigga viraram realidade. Balder *mereceu*.

— Por ser bonito e popular.

— Sim!

— Por ser amado.

— Exatamente! — Loki se inclinou para a frente até nossos narizes estarem quase se tocando. — Não me diga que *você* não fez a mesma coisa. Os carros que arrombou, as pessoas que roubou… você escolhia gente de quem não gostava, não era? Escolhia os ricos metidos, bonitos e arrogantes que *irritavam* você.

Comecei a tremer com mais força.

— Eu nunca *matei* ninguém.

— Ah, por favor. — Loki deu um passo para trás e me examinou com expressão de decepção. — É só uma questão de grau. Eu matei um deus. E daí! Ele foi para Helheim e virou convidado de honra no palácio da minha filha. E a *minha* punição? Você quer saber sobre a *minha* punição?

— Você foi amarrado a uma pedra — respondi. — Com veneno de cobra pingando no rosto. Eu sei.

— *Sabe?* — Loki puxou as mangas e me mostrou as cicatrizes em carne viva nos pulsos. — Os deuses não ficaram contentes em me punir com a tortura eterna. Descontaram a ira nos meus dois filhos favoritos, Vali e Narvi. Transformaram Vali em lobo e assistiram com diversão quando ele estripou o irmão, Narvi. Depois, atiraram no lobo e o estriparam também. Os deuses pegaram as entranhas dos meus filhos inocentes… — A voz de Loki falhou, pesarosa. — Bem, Magnus Chase, vamos só dizer que não fui amarrado com *cordas*.

Alguma coisa no meu peito se encolheu e morreu, possivelmente minha esperança de haver justiça no universo.

— Pelos deuses.

Loki assentiu.

— Sim, Magnus. Os *deuses*. Pense nisso quando conhecer Thor.

— Vou conhecer Thor?

— Infelizmente, sim. Os deuses nem *fingem* lidar com o bem e o mal, Magnus. Os aesires não são assim. A força determina o que é certo. Então, me diga… você quer mesmo partir para a batalha em defesa deles?

O navio tremeu debaixo dos meus pés. Névoa rolou pelo convés.

— Hora de ir — disse Loki. — Lembre-se do que falei. Ah, e divirta-se com o boca a boca de um bode.

— Espere… o quê?

Loki balançou os dedos com os olhos cheios de um brilho malicioso. Em seguida, o navio se dissolveu em um nada cinzento.

QUARENTA E SETE

Dou uma de terapeuta para um bode

COMO LOKI PROMETEU, acordei com um bode na cara.

Vou confessar: minha única experiência anterior com beijos foi com Jackie Molotov no sétimo ano, atrás da arquibancada, em um baile da escola. Sim, sei que é meio ridículo, considerando que agora eu tinha dezesseis anos. Mas, nos últimos tempos, andei meio ocupado, morando nas ruas e tal. De qualquer modo, peço desculpas para Jackie, mas receber respiração boca a boca de um bode me lembrou nosso beijo.

Virei o rosto e vomitei no rio convenientemente localizado ao meu lado. Meus ossos pareciam ter se quebrado e sido remendados com fita adesiva. Minha boca estava com gosto de grama mastigada e moedas velhas.

— Ah, você está vivo — disse o bode.

O animal pareceu ficar um pouco decepcionado.

Eu me sentei e grunhi. Os chifres do bode se curvavam para fora, como a metade de cima de uma ampulheta. Havia carrapichos por todo o pelo marrom desgrenhado.

Muitas perguntas surgiram na minha cabeça: *Onde estou? Por que você fala? Por que seu bafo é tão ruim? Você andou comendo moedas?*

Mas a primeira pergunta que saiu foi:

— Onde estão meus amigos?

— O elfo e a garota? — perguntou o bode. — Ah, morreram.

Meu coração ameaçou escapar pela garganta.

— O quê? Não!

O bode fez um gesto com os chifres. Alguns metros à minha direita, Hearthstone e Sam estavam caídos na praia rochosa.

Fui até lá. Coloquei as mãos nos pescoços deles e quase desmaiei de novo, dessa vez de alívio.

— Eles não estão mortos — falei para o bode. — Os dois têm pulsação.

— Ah. — O bode suspirou. — Bem, daqui a algumas horas eles provavelmente morrerão.

— Qual é o seu *problema*?

— Tenho muitos. Minha vida toda é um grande…

— Deixa pra lá — interrompi. — Só fique quieto.

O bode baliu.

— Claro, eu entendo. Você não quer saber dos meus problemas. Ninguém quer. Vou ficar ali, chorando, sei lá. É só me ignorar.

Com as mãos nas artérias carótidas de Sam e Hearthstone, mandei calor pelas pontas dos dedos para o sistema circulatório deles.

Sam foi fácil de curar. O coração dela era forte. Ela reagiu quase imediatamente, abrindo os olhos e ofegando para encher os pulmões de ar. Virou-se para o lado e começou a vomitar, o que encarei como um bom sinal.

Mas Hearthstone… havia alguma coisa errada além da água nos pulmões e o frio nos membros. Bem no centro dele, um nó denso de emoções sombrias sugava sua vontade de viver. A dor era tão intensa que me fez lembrar a noite da morte da minha mãe. Eu me lembrei das minhas mãos escorregando na saída de emergência, das janelas do nosso apartamento explodindo em chamas acima de mim.

A dor de Hearthstone era ainda pior. Eu não sabia exatamente pelo que ele tinha passado, mas seu desespero quase tomou conta de mim. Procurei uma lembrança feliz, da minha mãe e eu catando mirtilos selvagens em Hancock Hill, com ar tão limpo que consegui ver a baía Quincy cintilando no horizonte. Enviei uma onda de calor para o peito do elfo.

Os olhos dele se abriram.

Ele olhou para mim sem entender. Em seguida, apontou para o meu rosto e fez um gesto fraco, o sinal de luz.

— O que você quer dizer? — perguntei.

Sam grunhiu. Levantou-se apoiada em um braço e franziu a testa.

— Magnus… por que você está brilhando?

Olhei para as minhas mãos. Parecia mesmo que eu tinha sido mergulhado na luz de Fólkvangr. A aura quente e amanteigada estava começando a sumir, mas consegui sentir o poder residual formigando nos pelos dos braços.

— Aparentemente, se eu curo muita coisa de uma vez, começo a brilhar.

Sam fez uma careta.

— Obrigada por nos curar. Mas tente não entrar em combustão espontânea. Como Hearth está?

Eu o ajudei a se sentar.

— Como você está se sentindo, amigão?

Ele fez um círculo com o polegar e o dedo do meio, depois virou a mão para cima, o sinal para *péssimo*.

Isso não me surpreendeu. Considerando a profundidade da dor que senti dentro dele, minha surpresa era por ele não viver gritando sem parar.

— Hearth… — comecei a dizer —, quando curei você, eu…

Ele colocou as mãos em cima das minhas, uma versão da linguagem de sinais para *shhh*.

Talvez fosse alguma ligação residual da magia da cura, mas, quando olhei nos olhos do elfo, consegui saber o que ele estava pensando. A mensagem dele ficou bem clara na minha cabeça, como quando Jacques, a espada, começou a falar.

Depois. Obrigado… irmão.

Fiquei surpreso demais para responder.

O bode se aproximou.

— Você devia cuidar melhor do seu elfo. Eles precisam de muito sol, não dessa luz fraca de Jötunheim. E não se pode encharcá-los de água afogando-os em rios.

Hearthstone franziu a testa. Ele sinalizou: *O bode fala?*

Tentei esvaziar a mente.

— Hã, é, fala.

— E também entendo linguagem de sinais — comentou o bode. — Meu nome é Tanngnjóstr, o que quer dizer Rangedor de Dentes, porque… Bem, é um hábito nervoso meu. Mas ninguém me chama de Tanngnjóstr. É um nome horrível. Podem me chamar de Otis.

Sam se esforçou para ficar de pé. O hijab tinha se soltado e agora caía em volta do pescoço como uma bandana de pistoleiro.

— Então, Otis, o que o traz aqui a este lugar que é… onde quer que estejamos?

O bode suspirou.

— Eu me perdi. Típico. Estava tentando encontrar o caminho do acampamento, mas encontrei vocês. Imagino que agora vão querer me matar e me comer no jantar.

Franzi a testa para Sam.

— Você estava planejando matar o bode?

— Não. E você?

Olhei para Otis.

— Não estávamos planejando matar você.

— Não tem problema — disse ele. — Estou acostumado. Meu dono me mata o tempo todo.

— Ele… mata? — perguntei.

— Ah, claro. Basicamente, sou uma refeição falante sobre quatro patas. Meu terapeuta diz que é por isso que vivo deprimido, mas não sei. Acho que começou quando eu era pequeno…

— Calma aí. Quem é seu dono?

Hearthstone soletrou: *T-H-O-R. D-Ã.*

— Isso mesmo — disse o bode. — Mas o sobrenome dele não é *Dã*. Vocês o viram por aí?

— Não…

Pensei no sonho. Ainda conseguia sentir o cheiro de amêndoas do hálito de Loki. *Os deuses nem* fingem *lidar com o bem e o mal, Magnus. Pense nisso quando conhecer Thor.*

Júnior nos mandou procurar Thor. O rio nos levou para onde precisávamos ir. Só que agora eu não tinha certeza de que queria estar ali.

Sam ajustou o lenço.

— Não sou fã de Thor, mas, se ele puder nos mostrar o caminho para Lyngvi, temos que falar com ele.

— Mas o bode está perdido — falei. — Como vamos encontrar Thor?

Hearthstone apontou para meu pingente. *Pergunte ao Jacques.*

Segurei o pingente. A espada surgiu e começou a zumbir.

— Ei — disse Jacques, com as runas brilhando na lâmina —, fico feliz em ver você bem! Ah, aquele é Otis? Thor deve estar por perto.

Otis baliu.

— Você tem uma espada falante? Nunca fui morto por uma espada falante. Tudo bem. Só peço que seja um corte rápido pela garganta…

— Otis! — exclamou Jacques. — Você não me reconhece? Sou a espada de Frey, Sumarbrander. Nós nos conhecemos naquela festa em Bilskírnir, aquela em que você brincou de cabo de guerra com Loki.

— Ah… — Otis balançou os chifres. — Sei. Aquilo foi constrangedor.

— Jacques — falei —, estamos procurando Thor. Alguma chance de você nos indicar onde ele está?

— É mole como pudim. — A espada puxou meu braço. — Estou sentindo uma grande concentração de ar quente e trovão para aquele lado!

Sam e eu ajudamos Hearthstone a se levantar. Ele não parecia muito bem. Os lábios estavam verde-claros. O elfo oscilava como se tivesse acabado de sair de uma montanha-russa muito radical.

— Otis — chamou Sam —, nosso amigo pode montar em você? Talvez seja mais rápido.

— Claro — disse o bode. — Monte em mim, me mate, tanto faz. Mas tenho que avisar que estamos em Jötunheim. Se formos para o lado errado, podemos dar de cara com gigantes. Aí, seremos mortos e colocados em uma panela de ensopado.

— Não vamos para o lado errado — prometi. — Não é, Jacques?

— Hã? — disse a espada. — Ah, não. Acho que não. Tipo, temos sessenta por cento de chance de vivermos.

— Jacques…

— Brincadeirinha — disse ele. — Caramba, você é tão sem graça.

Ele apontou rio acima e nos guiou pela manhã enevoada, com leves nevascas e quarenta por cento de chance de morte.

QUARENTA E OITO

Hearthstone desmaia ainda mais do que Jason Grace (embora eu não faça ideia de quem seja esse cara)

JÖTUNHEIM ERA BEM parecido com Vermont, só que com menos placas oferecendo produtos à base de xarope de bordo. Havia neve nas montanhas de rocha escura. Camadas da altura da cintura de um homem cobriam os vales. Pinheiros brilhavam com pingentes de gelo.

Jacques, a espada, pairava na frente do grupo, nos guiando pelo rio que ziguezagueava pelos cânions cobertos de neve. Subimos trilhas ao lado de cachoeiras quase congeladas, e senti o suor na minha pele congelar na mesma hora.

Em outras palavras, foi divertido pra caramba.

Sam e eu ficamos perto de Hearthstone.

Torci para que minha aura residual de brilho de Frey fizesse bem a ele, mas o elfo ainda parecia muito fraco. O melhor que podíamos fazer era impedi-lo que escorregasse do bode.

— Aguente aí — falei.

Ele sinalizou alguma coisa, talvez *desculpe*, mas o gesto foi tão fraco que não tive certeza.

— Descanse — acrescentei.

Ele grunhiu de frustração. Tateou pela bolsa de runas, tirou uma e colocou-a nas mãos. Apontou para a pedra e depois para si mesmo, como se dissesse: *Esta sou eu.*

Eu não conhecia a runa.

Sam franziu a testa quando viu.

— Essa é *perthro*.

— O que quer dizer? — perguntei.

Ela olhou com cautela para Hearth.

— Está tentando explicar o que aconteceu com você? Quer mesmo que Magnus saiba?

Hearthstone respirou fundo, como se estivesse se preparando para sair correndo. Disse: *Magnus… sentiu… dor*.

Fechei os dedos ao redor da pedra.

— Senti… Quando curei você, havia alguma coisa sombria…

Hearth apontou para a pedra. E olhou para Sam.

— Você quer que eu conte? — perguntou ela. — Tem certeza?

Ele assentiu, apoiou a cabeça nas costas do bode e fechou os olhos.

Andamos uns vinte metros até Sam começar a falar.

— Quando Hearth e eu estávamos em Álfaheim, ele me contou parte da história. Não sei de todos os detalhes, mas… os pais dele… — Ela teve dificuldade de encontrar as palavras.

Otis, o bode, baliu.

— Continue. Adoro histórias deprimentes.

— Fique quieto — ordenou Sam.

— Vou só ficar quieto, então — concordou o bode.

Observei o rosto de Hearthstone. Ele parecia tão tranquilo dormindo.

— Blitzen me contou um pouquinho — falei. — Os pais de Hearth nunca o aceitaram porque ele era surdo.

— Foi pior do que isso — explicou Sam. — Eles não eram… boas pessoas.

Um pouco do tom ácido de Loki surgiu na voz dela, como se ela estivesse imaginando os pais de Hearth no alvo de dardos de visgo.

— Hearth tinha um irmão, Andiron, que morreu muito jovem. Não foi culpa de Hearthstone, mas os pais descontaram a amargura nele. Sempre diziam que o irmão errado havia morrido. Para eles, Hearth era uma decepção, um elfo deficiente, uma punição dos deuses. Ele não conseguia fazer nada certo.

Apertei a runa.

— Ele ainda carrega toda essa dor no peito. Deuses…

Sam colocou a mão no tornozelo de Hearth.

— Ele não conseguiu me contar os detalhes da infância, mas eu… Eu tive a sensação de que foi pior do que você pode imaginar.

Olhei para a runa.

— Não é surpresa ele viver sonhando em fazer magia. Mas esse símbolo…?

— *Perthro* simboliza um cálice vazio caído de lado — explicou Sam. — Pode ser uma bebida derramada, ou um cálice esperando para ser enchido, ou um copo para jogar os dados, como o destino.

— Não entendi.

Sam tirou pelos de bode da barra da calça de Hearthstone.

— Acho… acho que *perthro* é a runa com a qual Hearthstone se identifica. Quando ele foi até Mímir e bebeu do poço, teve que fazer uma escolha entre dois futuros. Se tomasse o primeiro caminho, Mímir daria a fala e a audição para ele, que então voltaria diretamente para Álfaheim para viver uma vida normal, mas teria que abrir mão do sonho de praticar magia. Se escolhesse o segundo caminho…

— Ele aprenderia magia — sugeri —, mas ficaria como é, surdo e mudo, odiado pelos próprios pais. Que tipo de escolha impossível é essa? Eu devia ter pisado na cara de Mímir quando tive oportunidade.

Sam balançou a cabeça.

— Mímir só apresentou as opções. A magia e a vida normal são mutuamente excludentes. Só pessoas que vivenciaram uma dor muito grande têm a capacidade de aprender magia. Elas têm que ser como cálices vazios. Até Odin… ele abriu mão de um dos olhos para beber do poço de Mímir, mas esse foi só o começo. Para aprender as runas, Odin se enforcou. Ficou pendurado em um galho da Árvore do Mundo por nove dias.

Meu estômago se contraiu procurando alguma coisa para vomitar.

— Isso… não é certo.

— Mas foi necessário — disse Sam. — Odin também perfurou o corpo com a própria lança e ficou sentindo dor, sem comida e sem água, até as runas se revelarem. A dor o deixou vazio… um receptáculo para magia.

Olhei para Hearthstone. Não sabia se devia abraçá-lo ou acordá-lo e dar uma bronca. Como alguém podia escolher por livre e espontânea vontade ficar sentindo tanta dor? Que tipo de magia valeria isso?

— Eu fiz magia — falei. — Curei, andei em meio às chamas, arranquei armas das mãos das pessoas. Mas nunca sofri como Hearth.

Samirah repuxou os lábios.

— É diferente, Magnus. Você nasceu com sua magia, foi uma herança do seu pai. Não pode escolher suas capacidades e nem mudá-las. *Álfar seidr* é inato. Também é magia menor se comparada ao que as runas são capazes de fazer.

— Menor?

Eu não queria discutir sobre que magia era mais impressionante, mas a maioria das coisas que vi Hearthstone fazer era bem… sutil.

— Expliquei para você em Valhala — continuou Sam — que as runas são a linguagem secreta do universo. Ao aprendê-las, você pode recodificar a realidade. Os únicos limites para sua magia são sua força e sua imaginação.

— Então por que mais gente não aprende sobre as runas?

— É o que estou dizendo. Requer um sacrifício inacreditável. A maioria das pessoas morreria antes de chegar onde Hearthstone chegou.

Prendi o cachecol de Hearth ao redor do pescoço dele. Agora eu entendia por que ele estava disposto a arriscar fazer magia de runas. Para um cara com o passado perturbado como o dele, recodificar a realidade deve ter parecido bem legal. Também pensei na mensagem que ele sussurrou na minha mente. Ele havia me chamado de *irmão*. Depois de tudo que Hearthstone passou com a morte do irmão… isso não devia ter sido fácil.

— Então Hearth se transformou em um cálice vazio — falei. — Como *perthro*.

— Para tentar se encher com o poder da magia — concordou Sam. — Eu não sei todos os significados de *perthro*, Magnus. Mas sei uma coisa: Hearthstone a usou quando estávamos caindo do penhasco no rio.

Tentei me lembrar, mas fiquei sobrecarregado de exaustão assim que peguei a espada.

— O que a runa fez?

— Nos trouxe *aqui* — explicou Sam. — E deixou Hearthstone assim. — Ela indicou o corpo que roncava. — Não posso ter certeza, mas acho que *perthro* é… como os mortais chamam? Uma tentativa arriscada. Ele jogou a runa como se jogaria um dado, entregando nosso destino para os deuses.

A palma da minha mão estava machucada de tanto apertar a pedra. Eu ainda não sabia por que Hearthstone me deu aquilo, mas senti um instinto forte me dizendo que deveria guardar para ele, mesmo temporariamente. Ninguém deveria carregar esse tipo de destino sozinho. Coloquei a runa no bolso.

Andamos pela natureza em silêncio por um tempo. Em determinado momento, Jacques nos levou pelo rio sobre um tronco de árvore caído. Não consegui deixar de olhar para os dois lados em busca de esquilos gigantes antes de atravessar.

Em alguns lugares, a neve era tão profunda que tínhamos que pular de pedra em pedra enquanto o bode Otis especulava sobre qual de nós escorregaria, cairia e morreria primeiro.

— Eu queria que você calasse a boca — murmurei. — Também queria ter sapatos para neve.

— Você precisaria de Uller para isso — disse o bode.

— De quem?

— Do deus dos sapatos de neve — contou Otis. — Ele os inventou. Além da arquearia e… Não sei, outras coisas.

Eu nunca tinha ouvido falar de um deus dos sapatos de neve. Mas teria pagado uma grana preta se o deus dos veículos de neve aparecesse rugindo no bosque naquela hora para nos dar uma carona.

Seguimos em frente.

Vimos uma casa de pedra no cume de uma colina. A luz cinzenta e as montanhas pregavam peças na minha percepção. Eu não sabia se a casa era pequena e estava perto ou se era enorme e estava longe. Lembrei do que meus amigos me contaram sobre os gigantes, que eles viviam e respiravam ilusões.

— Está vendo aquela casa? — perguntou Jacques. — Não vamos lá.

Não discuti.

Avaliar a passagem de tempo era difícil, mas, no fim da tarde, o rio virou uma corrente intensa. Havia penhascos na margem oposta. Ao longe, em meio às árvores, ouvi o rugido de uma cachoeira.

— Ah, é verdade — disse Otis. — Lembrei agora.

— Lembrou o quê? — perguntei.

— Por que fui embora. Eu tinha que procurar ajuda para o meu dono.

Sam limpou um pouco da neve no ombro.

— Por que Thor precisaria de ajuda?

— As corredeiras — explicou Otis. — Acho que é melhor irmos logo. Eu tinha que ser rápido, mas fiquei vendo vocês por quase um dia inteiro.

Levei um susto.

— Espere… ficamos inconscientes por *um dia inteiro*?

— Pelo menos — acrescentou Otis.

— Ele está certo — disse Jacques. — De acordo com minhas contas, hoje é domingo, dia dezenove. Eu avisei, quando você me segurasse… bem, lutamos com os anões na sexta. Vocês dormiram o sábado inteiro.

Sam fez uma careta.

— Perdemos um tempo precioso. A ilha do Lobo vai aparecer em três dias, e nem sabemos onde Blitzen está.

— Deve ser culpa minha — disse Otis. — Eu devia ter salvado vocês antes, mas fazer respiração boca a boca em um humano… Tive que reunir coragem. Meu terapeuta me passou exercícios de respiração…

— Pessoal — interrompeu Jacques, a espada —, estamos perto agora. De verdade desta vez.

Ele saiu flutuando pela floresta.

Seguimos a espada flutuante até as árvores se abrirem. Na nossa frente havia uma praia com pedras pretas irregulares e pedaços de gelo. Na margem oposta erguiam-se penhascos quase da altura do céu. O rio tinha virado uma corredeira de classe cinco, uma zona de combate com espuma branca e rochas meio submersas. Correnteza acima, o rio ficava comprimido entre duas colunas de pedra do tamanho de arranha-céus, mas eu não sabia se eram construções do homem ou naturais. O topo sumia entre as nuvens. Pela fissura entre elas, o rio explodia em uma camada vertical, menos como uma cachoeira e mais como uma barragem partida no meio.

De repente, Jötunheim não parecia mais Vermont. Parecia mais os Himalaias, um lugar que não foi feito para os mortais.

Era difícil me concentrar em qualquer coisa exceto as corredeiras violentas, mas acabei reparando em um pequeno camping na praia: uma barraca, uma fogueira e um segundo bode

com pelo escuro andando pela beirada da água com nervosismo. Quando o bode nos viu, se aproximou galopando.

Otis se virou para nós e gritou por cima do barulho do rio:

— Este é Marvin! É meu irmão! O nome dele de verdade é Tanngrísnir, o Rosnador, mas…

— Otis! — gritou Marvin. — Por onde você andou?

— Esqueci o que fui fazer — respondeu Otis.

Marvin baliu de exasperação. Os lábios estavam curvados em uma expressão permanente de desprezo, que, sei lá, talvez tenha sido o que lhe deu o nome de Rosnador.

— Foi essa a ajuda que você encontrou? — Marvin fixou os olhos amarelos em mim. — Dois humanos magrelos e um elfo morto?

— Ele não está morto! — gritei. — Onde está Thor?

— No rio! — Marvin apontou com os chifres. — O deus do trovão está quase se afogando, e, se não arrumarem um jeito de ajudá-lo, vou matar vocês. Aliás, é um prazer conhecê-los.

QUARENTA E NOVE

Ah, já sei qual é seu problema. Tem uma espada enfiada no seu nariz

NÃO CONSEGUI EVITAR.

Quando ouvi o nome Thor, pensei no cara dos filmes e dos quadrinhos, um grande super-herói do espaço sideral, com calça de lycra colorida, capa vermelha, cabelo louro e talvez um capacete com asinhas fofinhas.

Na vida real, Thor era mais assustador. E mais vermelho. E mais desgrenhado.

Além disso, xingava como um marinheiro bêbado e muito criativo.

— Balde de esterco da sua mãe suja! — gritou ele. (Ou alguma outra coisa parecida. Meu cérebro pode ter filtrado a linguagem verdadeira, pois teria feito meus ouvidos sangrarem.) — Onde está meu apoio?

Ele estava afundado até o peito na água perto da margem oposta, agarrado a um arbusto do penhasco. A pedra era tão lisa e escorregadia que não havia nenhuma reentrância onde se segurar. As raízes do arbusto pareciam prestes a se soltar. A qualquer momento, Thor seria levado pela correnteza, onde fileiras de pedras irregulares cortavam o fluxo em uma série de cataratas, perfeitas para fazer um milk-shake de Thor.

De longe, com os borrifos de água e a névoa, eu não conseguia ver direito o deus: ele tinha cabelo ruivo que caía até os ombros, uma barba ruiva encaracolada e braços de fisiculturista para fora de um colete de couro sem mangas. Usava manoplas de ferro escuro que lembravam mãos de robô e um colete de cota de malha que Blitzen não acharia muito elegante.

— Filho da pura barba repuxada! — vociferou o deus. — Otis, é você? Onde está minha artilharia? Meu suporte aéreo? Onde em Helheim está minha cavalaria?

— Estou aqui, chefe! — gritou Otis. — Eu trouxe… dois adolescentes e um elfo morto!

— Ele não está morto — repeti.

— Um elfo quase morto — corrigiu Otis.

— De que adianta isso? — bradou Thor. — Quero que matem aquela giganta e quero que matem AGORA!

— Giganta? — perguntei.

Marvin me cutucou com a cabeça.

— Aquela, seu burro.

Ele indicou a cachoeira. Por um momento, a névoa se partiu no alto do penhasco, e eu vi o problema.

Ao meu lado, Sam fez um som de quem estava sendo enforcada.

— Heimdall do céu.

Os pilares de pedra do tamanho de arranha-céus na verdade eram pernas, pernas *imensas* e tão cinzentas e ásperas que se misturavam com os penhascos ao redor. O restante da mulher era tão alto que ela fazia o Godzilla parecer um poodle toy. Fazia a Sears Tower parecer um cone de trânsito. O vestido até as coxas era feito de pele de tantos animais que provavelmente levou várias dezenas de espécies à extinção. O rosto, em algum lugar lá na estratosfera, era tão pétreo e sério quanto o dos presidentes do Monte Rushmore, cercado por um furacão de cabelo preto e comprido. Estava segurando os cumes dos penhascos dos dois lados do rio como se aguentar a torrente fosse difícil até para ela.

Olhou para baixo, sorriu com crueldade para o pontinho de deus do trovão preso na correnteza e apertou as pernas mais um pouco. A cachoeira jorrou entre as panturrilhas dela como uma cortina de força líquida de alta pressurização.

Thor quis gritar, mas ficou com a boca cheia de água. A cabeça dele submergiu. O arbusto no qual estava pendurado se inclinou para o lado, e as raízes se partiram uma após a outra.

— Ela vai jorrá-lo para o esquecimento! — gritou Marvin. — Façam alguma coisa, humanos!

Como o quê?, pensei.

— Ele é um deus — falei. — Não pode voar? Não pode explodi-la com um raio ou… que tal o martelo? Ele não tem um martelo?

Marvin rosnou. Ele era muito bom em rosnar.

— Caramba, por que *nós* não pensamos nisso? Se Thor pudesse fazer qualquer uma dessas coisas sem se soltar e ser instantaneamente morto, você não acha que já teria feito?

Tive vontade de perguntar como um deus podia morrer, já que todos supostamente eram imortais. Mas pensei em Mímir existindo para sempre como uma cabeça decepada e em Balder sendo ferido por um dardo de visgo e passando a eternidade no reino de Hel.

Olhei para Sam.

Ela deu de ombros, sentindo-se impotente.

— Contra uma giganta desse tamanho, não tenho nada.

Hearthstone murmurou dormindo. As pálpebras dele estavam começando a ter espasmos, mas ele não faria magia tão cedo.

Diante disso, só me restava um amigo para pedir ajuda.

— Jacques.

A espada pairou ao meu lado.

— O quê?

— Está vendo aquela giganta enorme bloqueando o rio?

— Falando tecnicamente — disse Jacques —, não consigo ver nada, pois não tenho olhos. Mas sim, estou vendo a giganta.

— Você acha que consegue voar até lá e, sei lá, matá-la?

Jacques zumbiu com indignação.

— Você quer que eu mate uma giganta de seiscentos metros?

— Quero.

— Ah, a questão é a seguinte. Você precisaria me arremessar como nunca arremessou nada antes. Precisaria *realmente* acreditar que matar essa giganta é uma tarefa que vale a pena. E precisaria estar preparado para o que aconteceria com você quando me segurar de novo. Quanta energia seria preciso para você subir nessa giganta de seiscentos metros e matá-la?

O esforço provavelmente me destruiria, pensei. Mas não vi muita escolha.

Precisávamos de informação de Thor. Sam e Hearthstone e dois bodes falantes antissociais dependiam de mim.

— Vamos lá.

Peguei a espada.

Tentei me concentrar. Eu não me importava muito com a vida de Thor. Nem conhecia o cara direito. E também não queria saber por que uma giganta de mais de meio quilômetro achava divertido ficar de pé em cima de um rio espremendo uma cachoeira entre as panturrilhas.

Mas eu me *importava* com Sam, Blitzen e Hearthstone. Eles arriscaram a vida para me levar até ali. Independentemente do que Loki prometesse, eu tinha que encontrar um jeito de impedir Surt e manter Fenrir acorrentado. O Lobo provocou a morte da minha mãe. Mímir disse que Fenrir mandou os dois filhos… Eles queriam *me* matar. Minha mãe sacrificou a vida dela por mim. Eu tinha que fazer o sacrifício dela *valer* alguma coisa.

Aquela giganta cinza representava tudo que estava no meu caminho. Ela tinha que morrer.

Com toda a minha força, joguei a espada.

Jacques saiu cortando o ar como um bumerangue com motor de foguete.

O que aconteceu depois… bem, eu não sei se vi corretamente. Era muito alto. Mas pareceu que Jacques entrou pela narina esquerda da giganta.

A giganta arqueou as costas. Fez uma cara de quem ia espirrar. As mãos escorregaram do topo dos penhascos. Jacques saiu pela narina direita na hora que os joelhos da giganta se dobraram e ela caiu na nossa direção.

— Madeira! — gritou a espada, espiralando para mim.

— CORRAM! — berrei.

Tarde demais. A giganta caiu de cara no rio com um tremendo *SPLASH!*

Não tenho lembrança do muro de água que me empurrou contra os galhos de uma árvore junto com Sam, um Hearthstone meio adormecido e os dois bodes assustados. Mesmo assim, deve ter sido o que aconteceu. Por pura sorte, nenhum de nós morreu.

O corpo da giganta mudou completamente a topografia do lugar. Onde antes havia um rio, naquele momento era um pântano grande e gelado, com água gorgolejando e jorrando ao redor da Ilha da Moça Morta enquanto tentava encontrar novas formas de seguir seu curso. A praia estava com quinze centímetros de água. O acampamento de Thor sumiu. O deus não estava em lugar nenhum.

— Você matou Thor! — baliu Otis. — Jogou uma giganta em cima dele!

O braço direito da giganta teve um espasmo. Eu quase caí da árvore. Fiquei com medo de Jacques só tê-la atordoado, mas aí Thor se contorceu para fora do sovaco da giganta com muitos palavrões e xingamentos.

Sam e eu ajudamos Hearthstone a descer da árvore enquanto o deus do trovão seguia pelas costas da giganta, pulava no pântano e se aproximava de nós. Os olhos dele eram azuis, envoltos em um vermelho furioso. A expressão era tão feroz que javalis teriam saído correndo chamando a mamãe.

Jacques, a espada, apareceu do meu lado, coberto de vários tipos de gosma tipicamente encontradas na narina de um gigante.

— O que você achou, *señor*? — As runas dele brilharam. — Está orgulhoso de mim?

— Vou responder se sobreviver aos próximos dois minutos.

O deus zangado parou na minha frente. Água pingava da barba ruiva no peito extremamente largo coberto de cota de malha. Os punhos do tamanho de frigideiras estavam fechados dentro das manoplas.

— Isso — ele abriu um sorriso — foi incrível!

Ele me deu um tapa tão forte no ombro que deslocou várias juntas.

— Venham jantar comigo! Podemos matar Otis e Marvin!

CINQUENTA

Nada de spoilers. Thor está *muito* atrasado nas suas séries preferidas

É. NÓS MATAMOS os bodes.

Thor jurou que eles ressuscitariam novinhos em folha na manhã seguinte, desde que não quebrássemos nenhum osso. Otis me garantiu que a morte frequente era boa para a terapia de exposição que fazia. Marvin rosnou e disse para eu acabar logo com aquilo e parar de fazer manha.

Foi bem mais fácil matar Marvin.

Depois de dois anos morando na rua, eu achava que sabia o quanto podia ser difícil manter meu estômago cheio, mas tenho que dizer: matar e estripar um animal para o meu próprio jantar foi uma experiência nova. Vocês acham nojento tirar um sanduíche meio comido de uma lata de lixo? Experimentem arrancar a pele de um bode, cortá-lo em pedaços, fazer uma fogueira e cozinhar a carne em um espeto enquanto tenta ignorar as cabeças dos bodes olhando para você da pilha de lixo.

Talvez esse tipo de experiência me fizesse ter vontade de virar vegetariano. Mas não. Assim que senti o cheiro da carne cozinhando, minha fome assumiu o comando. Esqueci os horrores da matança do bode. Os kebabs de Otis foram a melhor coisa que já comi.

Durante o jantar, Thor ficou falando sobre gigantes, Jötunheim e as séries de TV de Midgard, que, por algum motivo, ele acompanhava religiosamente. (Posso dizer que um deus nórdico fazia alguma coisa religiosamente?)

— Gigantes! — Ele balançou a cabeça com repulsa. — Depois de tantos séculos, era de se pensar que teriam aprendido a parar de invadir Midgard. Mas não! Eles são como… como é mesmo o nome? A Liga de Assassinos de *Arrow*! Sempre voltam! Como se eu fosse deixar alguma coisa acontecer com os humanos! Vocês são minha espécie favorita!

Ele deu um tapinha na minha bochecha. Felizmente, tinha tirado as luvas de ferro, senão teria quebrado meu maxilar. Infelizmente, o deus não tinha lavado as mãos depois de estripar os bodes.

Hearthstone estava sentado perto da fogueira, mordiscando um pedaço da anca de Marvin. Tinha recuperado parte da força, mas, cada vez que eu olhava para ele, precisava me segurar para não chorar. Eu queria abraçar o coitado, fazer biscoitos para ele e dizer o quanto lamentava a infância horrível que teve, mas sabia que ele não ia querer que eu sentisse pena. Hearth não ia querer que eu começasse a tratá-lo de maneira diferente.

Mesmo assim… a runa do cálice vazio pesava muito no bolso da minha jaqueta.

Sam ficou mais afastada de nós, o mais longe de Thor que conseguiu. Falou pouco e não fez movimentos repentinos, o que queria dizer que a maior parte da atenção de Thor estava voltada para mim.

Tudo que o deus do trovão fazia era com vontade. Ele adorava assar os bodes. Adorava comer carne e beber hidromel. Adorava contar histórias. E adorava peidar. Caramba, como ele gostava de peidar. Quando ficava empolgado, fagulhas de eletricidade voavam das mãos dele, dos ouvidos e… bem, vou deixar o resto para sua imaginação.

Diferente da versão do cinema, não havia nada de elegante em Thor. O rosto era bonito de um jeito bruto, como se ele tivesse passado anos treinando em um ringue de boxe. A cota de malha estava imunda, e o colete e a calça de couro, gastos até a cor de neve suja. Tatuagens cobriam os braços musculosos do deus. No bíceps esquerdo, havia o nome SIF inscrito dentro de um coração. Ao redor do antebraço direito, uma Serpente do Mundo estilizada se enrolava. Sobre as falanges das duas mãos, em letra de forma, vi os nomes MAGNI e MÓDI. Primeiro, fiquei nervoso com o nome *Magni*, porque era parecido demais com *Magnus* (a última coisa que eu queria era meu nome tatuado na mão do deus do trovão), mas Sam me garantiu que era um nome totalmente diferente.

Thor me presenteou com suas teorias sobre quem venceria em uma disputa mortal hipotética entre Daryl de *The Walking Dead* e Mike de *Breaking Bad*. Quando eu era apenas um mendigo em Boston, ficaria feliz em falar sobre séries de TV durante horas só para passar o tempo, mas agora eu tinha uma missão. Perdemos um dia inteiro inconscientes. Especular sobre as séries que estreariam no próximo mês não significaria muito se o mundo fosse consumido em chamas dali a três dias.

Ainda assim, Thor estava se divertindo tanto que era difícil mudar de assunto.

— O que você acha? — perguntou ele. — Qual é o melhor vilão das séries do momento?

— Hã… uau, essa é difícil. — Eu apontei para os dedos dele. — Quem são Magni e Módi?

— Meus filhos! — Thor abriu um sorriso. Com gordura de bode na barba e as faíscas elétricas imprevisíveis voando dos dedos, fiquei com medo de ele pegar fogo. — Tenho muitos filhos, é claro, mas eles são meus favoritos.

— Ah, é? — perguntei. — Quantos anos eles têm?

Ele franziu a testa.

— Ah, isso é meio constrangedor, mas não sei. Talvez ainda nem tenham nascido.

— Como…?

— Magnus — interrompeu Sam. — Os dois filhos de lorde Thor, Magni e Módi, estão destinados a sobreviver ao Ragnarök. Os nomes deles aparecem nas profecias das Nornas.

— Isso mesmo! — Thor se inclinou na direção de Sam. — Qual é seu nome mesmo?

— Hã… Sam, meu senhor.

— Você tem uma aura familiar, garota. — O deus franziu as sobrancelhas ruivas. — Por que será?

— Porque eu era valquíria…? — Sam recuou um pouco mais.

— Ah. Deve ser isso. — Thor deu de ombros. — Você vai ter que me desculpar. Estive em três mil quinhentas e seis batalhas consecutivas no front leste para manter os gigantes longe. Fico meio estressado às vezes.

Hearthstone sinalizou: *E cheio de gases.*

Thor arrotou.

— O que o elfo disse? Não entendo linguagem de gestos.

— Hã, ele estava querendo saber como você acompanha todas essas séries — menti —, considerando que passa tanto tempo em batalha.

Thor riu.

— Eu tenho que fazer *alguma* coisa para me manter são!

Hearthstone sinalizou: *E está funcionando?*

— O elfo concorda! — Thor tentou adivinhar. — Posso ver meus programas em qualquer lugar, ou pelo menos *podia*. Dentre seus muitos poderes, meu martelo, Mjölnir, tinha serviço excelente e resolução HD em qualquer um dos nove mundos.

— *Tinha*, no passado? — perguntou Sam.

Thor pigarreou alto.

— Mas chega de falar de televisão! Como está a carne? Vocês não quebraram nenhum osso, não é?

Sam e eu trocamos olhares. Quando nos apresentamos para o deus, achei estranho Thor não estar com o martelo. Era a arma dele. Achei que talvez estivesse disfarçada, como minha espada. Agora, eu estava começando a questionar isso. Mas o olhar penetrante e os olhos injetados me fizeram pensar que talvez fosse perigoso perguntar.

— Hã, não, senhor — respondi. — Nós não quebramos nenhum osso. Mas, teoricamente, o que aconteceria se quebrássemos?

— Os bodes ressuscitariam machucados — contou ele. — Os ossos demorariam muito para curar e isso seria bem irritante. Aí, eu teria que matar você ou transformá-lo em meu escravo pelo resto da vida.

Hearthstone sinalizou: *Esse deus é louco.*

— Você está certo, sr. Elfo — disse Thor. — É uma punição justa! Foi assim que consegui meu servo, Thjálfi. — Thor balançou a cabeça. — Pobre garoto. As batalhas estavam começando a lhe fazer mal. Agora ele está de licença. Seria *útil* ter outro escravo…

Ele me lançou um olhar avaliador.

— Então… — Coloquei de lado minha carne de bode. — Como você foi parar no rio e por que a giganta estava tentando afogar você?

— Ah, ela. — Thor olhou com raiva para o corpo do tamanho de um bairro no meio do pântano gelado. — Ela é filha de Geirröd, um dos meus antigos inimigos. Odeio aquele cara. Ele sempre manda as filhas para me matar. — Thor apontou para os penhascos. — Eu estava indo para a fortaleza dele para ver se… Bem, não importa. Obrigado pela ajuda. Era a espada de Frey, não era?

— Sim. Jacques está em algum lugar por aqui.

Eu assobiei. Jacques veio flutuando.

— Oi, Thor — cumprimentou a espada. — Quanto tempo.

— Rá! — O deus bateu palmas de prazer. — Achei que tinha reconhecido você. Mas seu nome não é Sumarbrander? Por que o humano chamou você de Jarvik?

— Jacques — corrigiu a espada.

— Yak.

— Não — disse a espada com paciência. — Jacques, com sotaque francês.

— Tá, tanto faz. Bom trabalho com a giganta.

— Você sabe o que dizem — falou Jacques com arrogância. — Quanto maior são, mais fácil é entrar voando pela cavidade nasal.

— Verdade — concordou Thor. — Mas achei que você estivesse perdido. Como foi parar com esse pessoal esquisito?

Nós é que somos esquisitos?, disse Hearthstone.

— Lorde Thor — começou Sam —, nós viemos procurar o senhor. Precisamos de sua ajuda, como Magnus vai explicar.

Ela ficou me olhando como quem diz: *Se souber o que é bom para ele.*

Contei a Thor sobre a profecia das Nornas, dali a nove dias, o sol indo para o leste, Surt queimando tudo, o lobo Fenrir, dentes horríveis, comendo o mundo etc.

Thor ficou agitado. Fagulhas voaram dos cotovelos. Ele se levantou e começou a andar de um lado para outro, dando socos nas árvores próximas de tempos em tempos.

— Você quer que eu diga onde fica a ilha — deduziu.

— Isso seria ótimo.

— Mas não posso — murmurou Thor, baixinho. — Não posso mandar mortais aleatórios em passeios de observação de lobos. É perigoso demais. Mas o Ragnarök… Não estou pronto. Não.

A não ser… — Ele parou e se virou para nós com um brilho ansioso nos olhos. — Talvez seja *por isso* que vocês estão aqui.

Não estou gostando disso, sinalizou Hearthstone.

Thor assentiu.

— O elfo concorda! Vocês estão aqui para me ajudar!

— Exatamente! — exclama Jacques, vibrando de empolgação. — Vamos ajudar, seja lá no que for!

Tive um desejo repentino de me esconder atrás das carcaças dos bodes. Qualquer coisa com que o deus do trovão e a Espada do Verão concordassem era algo de que eu não queria fazer parte.

Sam prendeu o machado na cintura, como se previsse precisar dele logo.

— Deixe que eu adivinhe, lorde Thor: você perdeu seu martelo de novo.

— Eu *não* falei isso! — Thor balançou o dedo para ela. — Você *não* ouviu isso de mim. Porque, se fosse verdade, hipoteticamente falando, e a notícia se espalhasse, os gigantes invadiriam Midgard na mesma hora! Vocês, mortais, não sabem com que frequência eu salvo vocês. Minha reputação por si só já deixa a maioria dos gigantes com medo demais para atacar seu mundo.

— Espere aí. O que Sam quer dizer com *de novo*? Você já perdeu seu martelo antes?

— Só uma vez — disse Thor. — Mentira, duas. Três se você contar essa, mas não devia, porque não estou admitindo que o martelo sumiu.

— Certo… — concordei. — E como você o perdeu?

— Não sei! — Thor começou a andar de um lado para outro de novo, com o cabelo ruivo e comprido soltando fagulhas e estalando. — Foi só… *Puf!* Eu tentei refazer meus passos. Tentei o aplicativo Encontre Meu Martelo, mas não funcionou!

— Seu martelo não é a arma mais poderosa do universo? — perguntei.

— É!

— Achei que era tão pesado que ninguém além de você conseguisse levantar.

— Verdade. Até *eu* preciso da força das luvas de ferro para levantá-lo! Mas os gigantes são astutos. São grandes e fortes e têm magia. Com eles, muitas coisas impossíveis são possíveis.

Pensei na águia Big Boy e na facilidade com que me enganou.

— É, eu entendo. Era por isso que você estava indo atrás de A-Rod?

— Geirröd — corrigiu Thor. — Sim. Ele é um provável suspeito. Mesmo que não esteja com ele, talvez saiba quem o roubou. Além do mais, sem meu martelo, não posso ver minhas séries. Estou uma temporada atrasado em *Sherlock* e isso está me matando! Eu estava pronto para ir à fortaleza de Geirröd, mas estou feliz de vocês terem se oferecido para ir em meu lugar!

Nós nos oferecemos?, perguntou Hearthstone.

— Esse é o espírito, sr. Elfo! Fico feliz de você estar pronto para morrer pela minha causa!

Não mesmo, sinalizou Hearth.

— Vão até a fortaleza de Geirröd e procurem meu martelo. É claro que é importante vocês não deixarem ninguém saber que ele sumiu. Se Geirröd *não* estiver com ele, não queremos que saiba que *eu* não estou. Mas se não estiver mesmo com o martelo, perguntem se ele sabe com quem está, mas, é claro, sem admitir que o perdi.

Samirah apertou as têmporas com os dedos.

— Estou ficando com dor de cabeça. Lorde Thor, como devemos encontrar seu martelo se não podemos mencionar…

— Vocês vão dar um jeito! — encorajou ele. — Humanos são inteligentes. Depois que tiverem determinado a verdade, vou saber que vocês são dignos de encarar o lobo Fenrir. Vou dar a localização da ilha e vocês poderão impedir o Ragnarök. Se me ajudarem, eu ajudo vocês.

Parecia mais *se me ajudarem, vocês vão me ajudar um pouco mais*, mas eu duvidava que houvesse um jeito educado de recusar sem levar um soco de luva de ferro na cara.

Sam devia estar pensando a mesma coisa. O rosto dela ficou do mesmo tom de verde do hijab.

— Lorde Thor — disse ela —, invadir a fortaleza de um gigante com apenas três pessoas seria…

Suicídio, sinalizou Hearthstone. *Burrice.*

— Complicado — concluiu Sam.

Nessa hora, um pinheiro próximo tremeu. Blitzen caiu dos galhos e mergulhou até a cintura em uma pilha de neve derretida.

Hearthstone foi até lá e o ajudou a sair.

— Obrigado, amigão — disse Blitz. — Viagem idiota pela árvore. Onde…?

— É amigo de vocês? — Thor levantou um punho coberto de metal. — Ou devo…?

— Não! Quer dizer, sim, ele é nosso amigo. Blitzen, Thor. Thor, Blitzen.

— *O* Thor? — Blitzen fez uma reverência tão profunda que pareceu que estava tentado desviar de um golpe. — É uma honra. De verdade. Oi. Uau!

— Muito bem, então! — O deus do trovão sorriu. — Vocês têm *quatro* pessoas para invadir a fortaleza do gigante! Amigo anão, coma da minha carne de bode e aproveite minha fogueira. Quanto a mim, depois de ficar tanto tempo preso naquele rio, vou deitar cedo. De manhã, vocês podem partir para procurar meu martelo, que, é claro, não está desaparecido oficialmente!

Thor foi até a cama de peles, se jogou nela e começou a roncar com tanto gosto quanto peidava.

Blitzen franziu a testa para mim.

— Em que enrascada você nos meteu?

— É uma longa história — expliquei. — Aqui, coma um pouco de Marvin.

CINQUENTA E UM

Temos a conversa sobre se transformar em mosca

HEARTHSTONE FOI O primeiro a dormir, mais porque era o único que *conseguia* pegar no sono com os roncos de Thor. Como o deus estava dormindo do lado de fora, Hearthstone foi para a barraca de duas pessoas. Entrou e apagou na mesma hora.

O restante de nós ficou acordado, conversando ao redor da fogueira. Primeiro, tive medo de acordarmos Thor, mas logo percebi que eu podia ter sapateado ao redor da cabeça dele, batido em gongos, gritado o nome dele e começado a explodir coisas, e ele continuaria dormindo.

Eu me perguntei se foi assim que ele perdeu o martelo. Os gigantes podiam ter esperado até que ele adormecesse, chegado com alguns guindastes industriais e feito o trabalho com facilidade.

Quando a noite caiu, fiquei grato pelo fogo. A escuridão era mais completa do que nos lugares mais ermos em que minha mãe e eu já acampamos. Lobos uivavam na floresta, o que me fez começar a tremer. O vento soprava entre os cânions como um coral de zumbis.

Comentei sobre isso com Blitzen, mas ele me corrigiu.

— Não, garoto — disse ele. — Zumbis nórdicos são chamados de *draugr*. Eles são silenciosos. Você nunca os ouviria chegando.

— Nossa, que alívio.

Blitzen mexeu a tigela de ensopado de bode com a colher, embora não parecesse interessado em provar. Ele estava com um terno azul de lã com sobretudo creme, talvez para se camuflar com a neve de Jötunheim com o máximo de estilo possível. Também levou para cada um de nós uma bolsa com roupas de inverno, que obviamente cabiam perfeitamente. Às vezes era bom ter um amigo que entendesse de roupas e fosse atencioso.

Blitz explicou que entregou os brincos para a mãe, mas acabou ficando preso em Fólkvangr por conta de deveres como representante de Freya: julgar uma competição de culinária à base de ostras, ser juiz em um jogo de vôlei, ser convidado de honra no 678º festival anual de ukulele.

— Foi horrível. Mamãe gostou dos brincos. Não perguntou como os consegui. Não quis ouvir sobre a competição com Júnior. Só disse: “Ah, por que você não faz trabalhos assim, Blitzen?”

— Do bolso, ele tirou a corda Andskoti. A seda brilhava como uma lua em miniatura. — Espero que tenha valido a pena.

— Ei — falei para ele —, eu vi o que você fez naquela competição. Nunca vi *ninguém* se dedicar tanto assim. Você deu seu coração e sua alma naquele Expande-Pato. E a gravata à prova de balas? O colete de cota de malha? Espere só. Vamos conseguir apoio de Thor e você vai lançar moda.

— Magnus está certo — interrompeu Sam. — Bem, talvez não sobre o apoio de Thor, mas você tem talento, Blitzen. Se Freya e os outros anões não veem isso, é problema deles. Sem você, jamais teríamos chegado tão longe.

— Você quer dizer que você não teria sido expulsa das valquírias, Magnus não teria morrido, não estaríamos atraindo a raiva de metade dos deuses, gigantes do fogo e einherjar não estariam nos perseguindo nem estaríamos aqui, no meio do nada em Jötunheim, com um deus que ronca?

— Exatamente — disse Sam. — A vida é boa.

Blitzen riu com deboche, mas fiquei feliz de ver um brilho de humor nos olhos do anão.

— Tá, tudo bem. Vou dormir. Vou precisar descansar se vamos invadir o castelo de um gigante amanhã.

Ele entrou na barraca e murmurou para Hearthstone:

— Chega pro lado, seu porco de barraca!

Depois, colocou o sobretudo em cima do elfo, o que achei um gesto meio fofo.

Sam estava sentada de pernas cruzadas, já com a jaqueta de neve nova, o capuz puxado sobre o lenço da cabeça. Tinha começado a nevar, flocos grandes e macios que se dissolviam e chiavam nas chamas.

— Falando da competição na Terra dos Anões — falei —, não conversamos sobre a mosca…

— Shhh. — Sam olhou com apreensão para Thor. — Certas pessoas não gostam do meu pai nem dos filhos do meu pai.

— Certas pessoas estão roncando como uma serra elétrica.

— Mesmo assim… — Ela observou a própria mão, como se para ter certeza de que não tinha mudado. — Eu prometi a mim mesma que não mudaria de forma, mas na última semana já fiz isso duas vezes. Na primeira vez… bem, o cervo estava atrás de nós na Árvore do Mundo. Virei uma corça para distraí-lo, para Hearthstone fugir. Não tive escolha.

Assenti.

— E, na segunda vez, você virou uma mosca para ajudar Blitzen. São bons motivos. Além do mais, mudar de forma é um poder incrível. Por que não usá-lo?

A luz do fogo deixou as íris dela quase tão vermelhas quanto as de Surt.

— Magnus, a metamorfose de verdade não é como a camuflagem do meu hijab. Mudar de forma não muda só a aparência. Muda *você*. Cada vez que faço isso, sinto… sinto como se mais

da natureza do meu pai estivesse tentando tomar conta de mim. Ele é fluido, imprevisível, não é de confiança. Não quero ser assim.

Fiz um gesto para Thor.

— Você poderia ter *esse aí* como pai, um gigante que peida, com gordura de bode na barba e tatuagens nos dedos. Aí, todo mundo em Valhala amaria você.

Consegui perceber que ela estava tentando não sorrir.

— Você é *muito* mau. Thor é um deus importante.

— Sem dúvida. Frey também, supostamente, mas nunca o vi. Pelo menos, seu pai tem charme e senso de humor. Pode ser um sociopata, mas…

— Peraí. — A voz de Sam ficou tensa. — Você fala como se o tivesse conhecido.

— Eu… eu acabei de me entregar, não foi? A verdade é que ele apareceu em algumas das minhas experiências de quase morte.

Contei os sonhos para Sam: os avisos de Loki, as promessas, a sugestão de eu levar a espada para meu tio Randolph e desistir da missão.

Sam escutou tudo. Não consegui identificar se ficou com raiva, chocada ou as duas coisas.

— Então você não me contou isso antes porque não confiava em mim?

— Talvez, no começo. Depois, eu… não sabia o que fazer. Seu pai é meio perturbador.

Ela jogou um galho nas chamas e o viu queimar.

— Você não pode fazer o que meu pai sugeriu, independente do que ele prometeu. Temos que enfrentar Surt. Vamos precisar da espada.

Lembrei-me do sonho do trono em chamas: o rosto negro flutuando na fumaça, a voz com o calor de um lança-chamas: *TRANSFORMAREI VOCÊ E SEUS AMIGOS EM CARVÃO. VOCÊS VÃO INICIAR O INCÊNDIO QUE VAI QUEIMAR OS NOVE MUNDOS.*

Olhei ao redor em busca de Jacques, mas não o vi. A espada tinha se oferecido para “patrulhar” as redondezas, como ele mesmo colocou. Ele sugeriu que eu esperasse até o último minuto possível para segurá-lo, pois, quando fizesse isso, desmaiaria na mesma hora pelo esforço de matar uma giganta por naricídio.

A neve continuou a cair, um fluxo constante nas pedras ao redor da lareira. Pensei no quase almoço na praça de alimentação do Transportation Building, em como Sam ficou nervosa perto de Amir. Aquilo parecia ter acontecido mil anos antes.

— Quando estávamos no barco de Harald — relembrei —, você disse que sua família tinha um histórico com deuses nórdicos. Como? Você disse que seus avós vieram do Iraque…?

Ela jogou outro galho nas chamas.

— Os vikings eram mercadores, Magnus. Viajavam para toda parte. Foram até a América. Não devia ser surpresa eles terem chegado ao Oriente Médio. Já encontraram moedas árabes na Noruega. As melhores espadas vikings foram feitas seguindo modelos de Damasco.

— Mas a *sua* família… Vocês têm uma ligação mais pessoal?

Ela assentiu.

— No período medieval, alguns vikings se instalaram na Rússia. Eles se denominavam Rus. É daí que vem a palavra *russo*. O califa, o grande rei em Bagdá, mandou um embaixador para o norte, para descobrir mais sobre os vikings, construir rotas de comércio com eles, esse tipo de coisa. O nome do embaixador era Ahmed ibn-Fadlan ibn-al-Abbas.

— Fadlan, igual ao Falafel do Fadlan. Al-Abbas, igual a…

— Certo. Igual a mim. Al-Abbas quer dizer *do leão*. Esse é meu ramo do clã. Enfim — ela tirou um saco de dormir da mochila —, esse tal Ibn Fadlan manteve um diário na época em que viveu com os vikings. É uma das únicas fontes escritas sobre os hábitos dos nórdicos. Desde então, minha família e os vikings estão interligados. Ao longo dos séculos, meus parentes tiveram vários encontros estranhos com… seres sobrenaturais. Talvez tenha sido por isso que minha mãe não ficou tão surpresa quando descobriu quem meu pai realmente era. — Ela desenrolou o saco de dormir ao lado da fogueira. — E é por isso que Samirah al-Abbas está destinada a não ter uma vida normal. Fim.

— *Vida normal* — refleti. — Nem sei mais o que isso quer dizer.

Ela pareceu que ia falar uma coisa, mas mudou de ideia.

— Vou dormir.

Tive uma visão estranha dos nossos ancestrais, o Chase medieval e a al-Abbas medieval, sentados ao redor de uma fogueira na Rússia mil e duzentos anos antes, comparando histórias de como os deuses nórdicos bagunçaram a vida deles, talvez com Thor roncando em uma cama de peles ali ao lado. A família de Sam podia estar interligada com os deuses, mas, como minha valquíria, agora ela também estava interligada com a *minha* família.

— Vamos resolver as coisas — prometi. — Não sei quanto a essa história de *normal*, mas vou fazer tudo que puder para ajudar você a ter o que quer: o emprego nas valquírias, o noivado com Amir, a licença de piloto. O que for preciso.

Ela ficou me olhando como se eu estivesse falando em outra língua.

— O que foi? — perguntei. — Estou com sangue de bode na cara?

— Não. Quer dizer, sim, você está com sangue de bode na cara. Mas não é isso… Eu estava tentando lembrar a última vez que alguém disse alguma coisa tão legal para mim.

— Se você quiser, volto a insultar você amanhã. Agora, preciso dormir. Bons sonhos.

Sam ficou encolhida perto da fogueira. Havia neve caindo de leve na manga do casaco dela.

— Obrigada, Magnus. Mas não quero sonhar. Não em Jötunheim.

CINQUENTA E DOIS

Estou com o cavalo bem aqui. O nome dele é Stanley

THOR AINDA ESTAVA roncando como uma motosserra com defeito quando nos aprontamos para partir na manhã seguinte. Isso é uma coisa e tanto, porque eu dormi uma eternidade. Jacques não estava brincando sobre o efeito de matar uma giganta. Assim que o peguei depois que Sam adormeceu, desmaiei na mesma hora.

Pelo menos, não perdi vinte e quatro horas dessa vez. Com a aparição de Fenrir em dois dias não podia me dar ao luxo de tirar longas sonecas. Eu me perguntei se talvez, só talvez, estivesse ficando mais resistente conforme minha conexão com a espada aumentava. Esperava que sim, mas ainda sentia como se tivesse sido esmagado por um rolo compressor a noite toda.

Arrumamos nossas coisas e comemos um café da manhã frio de barrinhas energéticas BOM DIA, VERME! que estavam nas bolsas de suprimentos de Blitz (delícia). Depois, Hearthstone colocou as cabeças decepadas dos dois bodes ainda mortos nos braços de Thor, como ursinhos de pelúcia. Ninguém podia dizer que elfos não têm senso de humor.

Olhei para a baba congelando na barba de Thor.

— E pensar que a defesa dos nove mundos está nas mãos desse cara.

— Vamos embora — murmurou Blitzen. — Não quero estar perto quando ele acordar com Otis e Marvin.

A giganta morta acabou sendo útil. Subimos nela para atravessar o pântano gelado. Depois, descobrimos que podíamos escalar seu pé esquerdo para alcançar a primeira elevação na lateral do penhasco.

Quando chegamos lá, olhei para os quinhentos metros restantes de pedra gelada.

— Incrível. Agora começa a diversão de verdade.

— Queria ainda poder voar — murmurou Sam.

Eu imaginava que ela *pudesse* voar usando um pouco de metamorfose, mas, depois da conversa na noite anterior, decidi não tocar mais nesse assunto.

Blitz entregou a mochila para Hearthstone e balançou os dedos gordinhos.

— Não se preocupem, crianças. Hoje, felizmente, vocês estão escalando com um anão.

Franzi a testa.

— Agora, além de mestre da moda, você é montanhista?

— Eu já falei, garoto, os anões vieram dos vermes que abriram caminho pela carne de Ymir.

— E você parece estranhamente orgulhoso disso.

— Pedra para nós é como… bem, não é como pedra. — Ele deu um soco na lateral do penhasco. Em vez de quebrar o punho, deixou um vinco do tamanho de um apoio de mão. — Não estou dizendo que vai ser rápido ou fácil. Preciso fazer muito esforço para dar forma a uma pedra. Mas é possível.

Olhei para Sam.

— Você sabia que anões podem socar pedras?

— Não. É novidade para mim.

Hearthstone sinalizou: *Que tal usarmos a corda mágica? Prefiro não cair e morrer.*

Tive um calafrio. Não conseguia pensar na corda Andskoti sem pensar no Lobo, e eu não gostava de pensar no Lobo.

— Precisamos da corda para amarrar Fenrir, não é? Não quero fazer nada que possa enfraquecê-la.

— Não se preocupe, garoto. — Blitz pegou a corda de seda. — Esta corda não pode ser enfraquecida. E Hearthstone está certo. É melhor nos amarrarmos com ela por segurança.

— Assim, se cairmos — explicou Sam —, caímos todos juntos.

— Tudo bem — concordei, tentando reprimir a ansiedade. — Adoro morrer com meus amigos.

Nós nos amarramos (por assim dizer) e seguimos nosso intrépido guia moldador de pedra fashionista pela lateral do monte Você Só Pode Estar de Brincadeira Comigo.

Eu já tinha ouvido amigos mendigos que eram veteranos de guerra descrevendo o período como noventa e cinco por cento tédio e cinco por cento terror. Subir no penhasco era mais cinco por cento terror e noventa e cinco por cento dor excruciante. Meus braços tremiam. Minhas pernas cediam. Cada vez que eu olhava para baixo, sentia vontade de chorar ou vomitar.

Apesar dos apoios de mãos e pés que Blitzen fez, o vento quase me derrubou várias vezes. Não havia nada a fazer além de seguir em frente.

Tinha certeza de que a força que ganhei em Valhala era a única coisa que me mantinha vivo. O Magnus 1.0 teria caído e morrido. Eu não sabia como Hearthstone estava conseguindo, lá no fim da corda, mas estava. E Sam… semideusa ou não, não tinha a vantagem de ser einherji. E mesmo assim não reclamou, não hesitou, não escorregou — o que foi bom, pois estava subindo logo na minha frente.

Finalmente, quando o céu começou a escurecer, chegamos ao alto. No cânion de onde subimos, o corpo da giganta estava tão pequeno que parecia de tamanho normal. O rio cintilava na escuridão. Se o acampamento de Thor ainda estava lá, não havia sinal.

Na outra direção, Jötunheim se abria como uma paisagem microscópica, com picos impossivelmente íngremes, penhascos cristalinos, ravinas cheias de nuvens arredondadas como bactérias flutuantes.

A boa notícia: consegui ver a fortaleza do gigante. Do outro lado de um abismo de quase dois quilômetros havia janelas com um brilho vermelho na lateral de uma montanha. Torres se projetavam do pico; não pareciam ter sido construídas, e sim modeladas na pedra no estilo anão.

A má notícia: mencionei o abismo de quase dois quilômetros? O alto do penhasco em que estávamos não passava de um platô estreito. A queda do outro lado era tão alta quanto a parede que escalamos.

Considerando que demoramos o dia todo para chegar até ali, concluí que deveríamos levar no mínimo uns seis meses até o castelo. Infelizmente, já era noite de segunda, e a ilha do Lobo teoricamente apareceria na quarta.

— Vamos acampar aqui hoje — disse Blitzen. — Pode ser que de manhã vejamos um jeito mais fácil de atravessar.

Apesar do tempo apertado, ninguém discutiu. Estávamos tão cansados que desmaiamos.

* * *

Como costuma acontecer, na luz da manhã, nossa situação pareceu bem pior.

Não havia escada, nem uma conveniente tirolesa, nem voos diretos até a fortaleza de Geirröd. Eu estava prestes a correr o risco de levar uma machadada na cara ao sugerir que Sam se metamorfoseasse, talvez em um petauro gigantesco para nos carregar até o outro lado, quando Hearthstone gesticulou: *Tenho uma ideia.*

Ele pegou uma runa:

ᛖ

— M — falei.

Ele balançou a cabeça e soletrou o nome: *E-H-W-A-Z.*

— Certo — falei. — Porque chamar de *M* seria fácil demais.

Sam pegou a pedra na palma da mão de Hearth.

— Conheço essa. Simboliza um cavalo, certo? A forma é de uma sela.

Olhei para a runa com os olhos apertados. O vento estava tão frio e forte que tive dificuldade em usar a imaginação, mas o símbolo continuou parecendo um M para mim.

— Como isso vai nos ajudar?

Hearthstone gesticulou: *Quer dizer cavalo, transporte. Talvez um jeito de ir...* Ele apontou para o castelo.

Blitzen mexeu na barba.

— Parece magia poderosa. Você já usou?

Hearthstone balançou a cabeça. *Não se preocupe. Eu consigo.*

— Sei que consegue — disse Blitz. — Mas você já exauriu suas forças várias vezes.

Vou ficar bem, insistiu Hearth.

— Acho que não temos muita escolha — comentei —, considerando que ninguém aqui pode criar asas.

— Vou empurrar você dessa montanha — avisou Sam.

— Tudo bem — concluiu Blitz —, vamos tentar. Digo, a runa, não empurrar Magnus montanha abaixo. Talvez Hearth consiga invocar um helicóptero ou algo parecido.

— Geirröd ouviria um helicóptero — observei. — E provavelmente jogaria pedras em nós. E nos mataria.

— Muito bem, então — disse Blitz. — Talvez um helicóptero sorrateiro. Hearthstone, faça sua magia!

Sam devolveu a pedra. Hearth passou a mão sobre ela, movendo os lábios como se imaginando como as sílabas soariam.

A runa virou pó. Hearthstone ficou olhando para o pó branco se esvaindo pelos dedos.

— Imagino que não era para acontecer isso — comentei.

— Pessoal. — A voz de Sam soou tão baixa que quase se perdeu no vento.

Ela apontou para o alto, onde uma forma cinza saía das nuvens. Era tão rápido e se mesclava tão bem com o céu que não percebi o que era até a criatura estar quase em cima de nós, um garanhão com o dobro do tamanho de um cavalo normal, o pelo esvoaçando como aço líquido, a crina branca balançando, os olhos pretos brilhando.

O garanhão não tinha asas, mas galopava no ar com a mesma facilidade com que desceria uma ladeira ligeiramente íngreme. Só quando pousou do nosso lado percebi que ele tinha quatro, cinco, seis… *oito* pernas: em cada lugar onde um cavalo normal teria uma, ele tinha duas; meio que como rodas duplas em uma picape.

Eu me virei para Hearthstone.

— Cara, quando se trata de conjurar cavalos, você não brinca em serviço.

Hearthstone sorriu. Em seguida, os olhos dele se reviraram e ele caiu para a frente. Consegui segurá-lo e colocá-lo no chão enquanto Blitzen e Sam se moviam com cautela ao redor do garanhão.

— Não… não pode ser — gaguejou Blitzen.

— Um dos filhos de Sleipnir? — especulou Sam. — Deuses, que animal magnífico.

O cavalo passou o focinho na mão dela, feliz com o elogio.

Segui na direção dele, fascinado pelos olhos inteligentes e pela postura majestosa. O animal justificava porque a potência dos carros esportivos era medida em cavalos.

— Alguém vai nos apresentar? — perguntei.

Sam se obrigou a sair do devaneio.

— Eu… não sei quem ele é. Parece Sleipnir, o corcel de Odin, mas não pode ser. Só Odin é capaz de chamá-lo. Acho que talvez seja um dos filhos de Sleipnir.

— Ah, ele é incrível. — Estiquei a mão. O cavalo passou os lábios pelos meus dedos. — É simpático. E é grande o bastante para nos carregar por cima do abismo. Você faria isso, amigão?

O cavalo relinchou, como quem diz: *Hã, dã, é para isso que estou aqui.*

— As oito pernas são… — Eu ia dizer *esquisitas*, mas mudei de ideia. — Incríveis. Como isso aconteceu?

Blitzen deu uma olhada em Sam.

— Sleipnir era um dos filhos de Loki. Eles costumam nascer… interessantes.

Eu sorri.

— Então este cavalo é seu sobrinho, Sam?

Ela olhou para mim de cara emburrada.

— Não vamos tocar nesse assunto.

— Como ele virou pai de um cavalo?

Blitzen tossiu.

— Na verdade, Loki é a mãe de Sleipnir.

— O quê…?

— Não vamos *mesmo* tocar nesse assunto — avisou Sam.

Guardei a informação para pesquisar mais tarde.

— Tudo bem, sr. Cavalo, como não sabemos seu nome, vou chamar você de Stanley, porque você tem cara de Stanley. Pode ser?

O cavalo pareceu dar de ombros, o que foi bom o bastante para mim.

Colocamos Hearthstone nas costas compridas de Stanley como um saco de batatas élfico. Subimos em seguida.

— Vamos para aquele castelo lá, Stanley — expliquei para o cavalo. — Queremos uma chegada discreta. Você acha possível?

O cavalo relinchou. Tive certeza de que ele estava me avisando para me segurar.

Eu me perguntei exatamente *em que* devia me segurar, uma vez que não havia rédeas nem sela. O cavalo bateu com os cascos da frente nas pedras, pulou da lateral do penhasco e despencou diretamente para o fundo.

Então morremos.

CINQUENTA E TRÊS

Como matar gigantes delicadamente

É BRINCADEIRINHA DESSA vez.

Só *pareceu* que íamos morrer.

O cavalo deve ter gostado da sensação de queda livre. Eu, não. Segurei o pescoço dele e gritei de terror (o que não foi muito discreto). Enquanto isso, Blitzen se segurava na minha cintura e, atrás dele, Sam de alguma forma ficou no lugar ao mesmo tempo em que segurava Hearthstone, para que ele não caísse no abismo.

A queda pareceu durar horas, mas só deve ter durado um ou dois segundos. Durante esse tempo, pensei em vários nomes mais criativos para Stanley. Finalmente, ele mexeu as oito patas como rodas de locomotiva. Paramos de descer e começamos a subir.

Stanley passou por uma nuvem, ziguezagueou pela encosta de uma montanha e pousou no peitoril de uma janela perto do alto da fortaleza. Eu desmontei com pernas trêmulas e ajudei os outros a carregar Hearthstone.

O parapeito era tão largo que nós quatro e o cavalo podíamos ficar de pé em um canto e parecermos do tamanho de ratinhos. A janela não tinha vidro (provavelmente não existia tanto vidro no mundo), mas Stanley nos deixou atrás de um painel de cortina, e ninguém lá dentro poderia nos ver, mesmo que estivesse procurando ratos na janela.

— Obrigado — falei para o cavalo. — Foi apavorante. Quer dizer, demais.

Stanley relinchou, me deu uma mordidinha delicada e desapareceu em uma explosão de pó. No local onde estava, apareceu a runa *ehwaz*.

— Ele pareceu gostar de mim — comentei.

Blitzen se sentou ao lado de Hearthstone e concordou:

— É.

Apenas Sam não parecia perturbada. Na verdade, estava eufórica. Os olhos dela brilhavam, e ela não conseguia parar de sorrir. Acho que amava *mesmo* voar, ainda que fosse um voo de queda livre quase mortal em um cavalo de oito patas.

— É claro que Stanley gostou de você. — Ela pegou a runa. — Os cavalos são um dos animais sagrados de Frey.

— Ah.

Pensei nas minhas experiências com a polícia montada de Boston que patrulhava o Public Garden. Os cavalos sempre pareceram simpáticos, mesmo quando os cavaleiros não eram nada amigáveis. Uma vez, quando um policial montado começou a me interrogar, o cavalo saiu galopando de repente na direção de um galho baixo de árvore.

— Sempre gostei de cavalos — falei.

— Os templos de Frey tinham suas próprias manadas — contou Sam. — Nenhum mortal podia montar neles sem a permissão do deus.

— Ah, eu queria que Stanley tivesse pedido minha permissão antes de ir embora — falei. — Não temos estratégia de fuga, e Hearthstone não parece capaz de fazer feitiços no futuro próximo.

O elfo tinha recuperado a consciência… mais ou menos. Estava encostado em Blitz, rindo em silêncio e fazendo sinais aleatórios como: *Borboleta. Pop. Viva.* Blitzen botou a mão na barriga e olhou para o nada, como se estivesse pensando em jeitos interessantes de morrer.

Sam e eu nos esgueiramos até a ponta da cortina. Espiamos lá dentro e vimos que estávamos na altura do teto de uma sala imensa como um estádio. Na lareira, havia uma fogueira tão grande quanto um incêndio de baderna urbana. A única saída era uma porta de madeira fechada na parede mais distante. No centro da sala, sentadas a uma mesa de pedra, duas gigantas jantavam, destroçando uma carcaça que me lembrava o animal assado no salão de banquete de Valhala.

As gigantas não pareciam tão altas quanto a morta no rio, apesar de ser difícil ter certeza. Em Jötunheim, as proporções não faziam sentido. Eu parecia estar olhando para pessoas numa casa de espelho de um parque de diversões.

Sam cutucou meu braço.

— Olha.

Ela apontou para uma gaiola pendurada no teto, mais ou menos na nossa altura. Dentro da gaiola, largado em uma cama de palha e com aspecto infeliz, havia um cisne branco.

— É uma valquíria — disse Sam.

— Como você pode ter certeza?

— Eu tenho. Não é só isso… Tenho certeza de que é Gunilla.

Senti um arrepio.

— O que ela estaria fazendo aqui?

— Provavelmente nos procurando. As valquírias são excelentes rastreadoras. Imagino que tenha chegado aqui antes de nós e…

Sam gesticulou como se pegasse alguma coisa no ar.

— E… deixamos que ela fique aí?

— Para os gigantes comerem? Claro que não.

— Ela armou contra você. Fez você ser expulsa das valquírias.

— Mas ainda é minha capitã — disse Sam. — Ela… Bem, ela tem motivos para não confiar em mim. Alguns séculos atrás, houve um filho de Loki que foi parar em Valhala.

— Ele e Gunilla se apaixonaram — adivinhei. — Tive essa impressão quando ela me levou em um passeio pelo hotel.

Sam assentiu.

— O filho de Loki a traiu. Na verdade, ele *era* espião do meu pai. Partiu o coração dela. Bem… você pode imaginar. De qualquer modo, não vou deixá-la aqui para morrer.

Eu suspirei.

— Tudo bem.

Peguei o pingente.

Jacques, a espada, ganhou vida, zumbindo.

— Estava na hora — disse ele. — O que perdi ontem?

— Um monte de escalada — contei. — Agora, estamos olhando para mais duas gigantas. O que você acha de voar pelas narinas delas?

A espada puxou minha mão, e a lâmina espiou pela beirada da cortina.

— Cara, estamos na janela delas. Tecnicamente, atravessamos o limite da casa dos gigantes.

— E daí?

— E daí que você tem que seguir as regras! Matá-las na própria casa sem provocação seria grosseiro!

— Certo — falei. — Nós não queremos matá-las com grosseria.

— Ei, *señor*, os direitos dos convidados e os direitos dos anfitriões são protocolos mágicos importantes. São eles que impedem que as situações saiam do controle.

Blitzen resmungou no canto.

— A espada tem razão, garoto. E não, não estou de brincadeira. Devemos entrar, reivindicar direitos de convidados e negociar pelo que precisamos. Se os gigantes tentarem nos matar, *aí* podemos atacar.

Hearthstone soluçou, sorriu e gesticulou: *Máquina de lavar.*

Sam balançou a cabeça.

— Vocês dois não estão em condição de ir a lugar nenhum. Blitz, fique aqui e tome conta de Hearthstone. Magnus e eu vamos entrar, encontrar o martelo de Thor e libertar Gunilla. Se as coisas derem errado, vai ser responsabilidade de vocês dois darem um jeito de nos salvarem.

— Mas… — Blitzen colocou o punho sobre a boca e sufocou um arroto. — Tudo bem… tá. Como vocês vão chegar lá embaixo?

Sam espiou do parapeito.

— Vamos usar sua corda mágica para descer. Depois, vamos andar até as gigantas e nos apresentar.

— Odiei esse plano — falei. — Vamos lá.

CINQUENTA E QUATRO

Por que não se deve usar uma faca como trampolim

DESCER DE RAPEL pela parede do desfiladeiro foi a parte fácil.

Quando chegamos lá embaixo, comecei a ter sérias dúvidas. As gigantas eram menores do que a irmã morta, mas ainda tinham uns quinze metros. Se me pedissem para lutar com um dos dedões do pé delas, eu poderia vencer sem problema. Então não gostei das minhas chances.

— Me sinto o João no pé de feijão — murmurei.

Sam riu baixinho.

— De onde você acha que essa história veio? É uma memória cultural, um relato atenuado do que acontece quando os humanos entram em Jötunheim.

— Legal.

A espada zumbiu na minha mão.

— Além do mais, você não pode ser João. Você é Magnus.

Eu não tinha como discutir com essa lógica.

Seguimos pelo piso de pedra, passando por uma selva de poeira, migalhas de comida e poças de gordura.

A lareira estava tão quente que minhas roupas começaram a fumegar. Meu cabelo estalou. O fedor do cecê das gigantas, uma combinação de argila molhada e carne estragada, era quase tão mortal quanto uma espada entrando voando no meu nariz.

Chegamos a uma distância da mesa que nos permitiria falar com elas, mas as gigantas continuaram sem nos notar. As duas estavam de sandálias, vestidos de couro tamanho 380 e colares no estilo Flintstones, feitos com pedra polida. O cabelo preto estava preso em marias-chiquinhas. Os rostos cinzentos estavam horrivelmente pintados com blush e batom. Blitzen, meu conselheiro de moda, não estava comigo, mas eu achava que as irmãs gigantas iam para uma noitada com as amigas, apesar de ainda ser hora do almoço.

— Pronto? — perguntou Sam.

A resposta era não, mas respirei fundo e gritei:

— Oi!

As gigantas continuaram conversando, batendo os copos e mastigando a carne.

Eu tentei de novo.

— EI!

As grandonas pararam. Observaram a sala. Finalmente, a da esquerda nos viu. Caiu na gargalhada, espalhando pedaços de carne e gotas de hidromel.

— Mais humanos! Não acredito!

A outra giganta se inclinou.

— Aquilo é outra valquíria? E… — Ela farejou o ar. — Um einherji. Perfeito! Eu estava me perguntando o que teríamos para a sobremesa.

— Reivindicamos direitos de convidados! — gritei.

A giganta da esquerda fez uma careta.

— Por que você tinha que fazer isso?

— Queremos negociar. — Apontei para a gaiola, agora tão acima de nós que eu só conseguia ver a base enferrujada pairando como uma lua. — Pela liberdade daquele cisne. E também… possivelmente, sabe, se vocês tiverem alguma arma roubada por aí. Tipo, sei lá, um martelo, talvez.

— Muito discreto — murmurou Sam.

As gigantas se olharam como se estivessem se esforçando para não rir. Ficou óbvio que estavam enchendo a cara de hidromel.

— Muito bem — disse a giganta da esquerda. — Sou Gjalp. Esta é minha irmã, Griep. Aceitamos vocês como convidados para negociação. Quais são seus nomes?

— Sou Magnus, filho de Natalie — falei. — E esta é…

— Samirah, filha de Ayesha — concluiu Sam.

— Vocês são bem-vindos na casa do nosso pai, Geirröd — disse Gjalp. — Mas não consigo ouvir vocês direito aí embaixo. Vocês se importam se eu colocá-los em uma cadeira?

— Hã, tudo bem.

A outra irmã, Griep, nos pegou como se fôssemos brinquedos. Ela nos colocou em uma cadeira vazia, com o assento do tamanho de uma sala. O tampo da mesa ainda estava um metro e meio acima da minha cabeça.

— Ah, caramba — disse Griep. — Ainda não consigo ouvir. Posso levantar a cadeira para você?

Sam começou a dizer:

— Magnus…

Mas eu respondi:

— Claro.

Com um grito de alegria, Griep pegou nossa cadeira e levantou acima da cabeça. Se não fosse o encosto, Sam e eu teríamos sido esmagados no teto. Mas só caímos e levamos uma chuva de

reboco.

Griep colocou a cadeira no chão. Demorou um tempo para meus olhos pararem de sacudir. Só então vi os rostos desdenhosos das gigantas acima de nós.

— Não deu certo — disse Griep, com uma decepção óbvia.

— Claro que não — reclamou Gjalp. — Você *nunca* dá esse golpe direito. Já falei, tem que ser uma coisa sem encosto, como um banco. E devíamos ter colocado aqueles espetos no teto.

— Vocês estavam tentando nos matar! — exclamei. — Isso não pode estar nas regras dos bons anfitriões.

— Matar? — Gjalp pareceu ofendida. — Essa é uma acusação totalmente sem fundamento. Minha irmã só fez o que você pediu. Ela pediu sua permissão para levantar a cadeira.

— Você acabou de dizer que era um golpe.

— Eu disse? — Gjalp piscou. De perto, os cílios cheios de rímel pareciam uma pista de obstáculos para uma corrida na lama. — Acho que não.

Olhei para a Espada do Verão, que ainda estava na minha mão.

— Jacques, elas violaram as regras do anfitrião? Porque tentar nos matar me parece meio exagerado.

— Se elas não admitirem a intenção, não — respondeu Jacques. — E as duas estão dizendo que foi sem querer.

As gigantas se empertigaram.

— Uma espada que fala? — comentou Gjalp. — Isso é interessante.

— Tem certeza que não posso levantar sua cadeira de novo para você? — ofereceu Griep. — Eu posso ir até a cozinha e buscar um banco. Não dá trabalho.

— Anfitriãs honradas — disse Sam, com a voz trêmula —, por favor, nos coloquem com segurança na mesa, para negociarmos com vocês.

Griep resmungou, aborrecida, mas fez o que Sam pediu. A giganta nos colocou ao lado do garfo e da faca dela, que eram mais ou menos do meu tamanho. A caneca seria uma ótima torre de água para uma cidade pequena. Eu só esperava que o nome não fosse Bum Papai.

— Então… — Griep se sentou novamente na cadeira. — Vocês querem libertar o cisne? Vão ter que esperar até nosso pai chegar para negociar os termos. Ela é prisioneira dele, não nossa.

— Ela é uma valquíria, claro — acrescentou Gjalp. — Entrou voando pela nossa janela ontem à noite. Ela se recusa a mostrar a forma verdadeira. Acha que consegue nos enganar ficando com essa capa boba de cisne, mas papai é inteligente demais para ela.

— Droga — falei. — Bem, nós tentamos.

— Magnus… — repreendeu Sam. — Graciosas anfitriãs, vocês podem pelo menos aceitar não matar o cisne até termos a oportunidade de falar com Geirröd?

Gjalp deu de ombros.

— Como falei, o destino dela depende do papai. Ele pode deixá-la ir se vocês se oferecerem em troca, mas não sei. Precisamos de *alguma coisa* picante para o ensopado de hoje.

— Vamos deixar para atacar esse assunto depois — sugeri.

— Isso é só uma expressão — acrescentou Sam, rapidamente. — Meu amigo não está dando permissão para vocês atacarem nada, muito menos nós.

— Boa ressalva — falei para ela.

Sam me lançou um olhar que dizia: *você é tão idiota*. Eu já estava me acostumando.

Gjalp cruzou os braços, formando uma nova plataforma contra o peito.

— Vocês disseram que também querem negociar por uma arma roubada?

— É — respondi. — Uma coisa que tem a ver com trovão, se estiver com você. Não que nenhum deus do trovão tenha perdido uma arma recentemente.

Griep riu.

— Ah, nós temos uma coisa assim… uma coisa que pertence ao próprio Thor.

Como Thor não estava presente para xingar de forma criativa, Sam fez as honras e murmurou algumas palavras que eu duvidava que seus avós aprovassem.

— São apenas expressões — acrescentei rapidamente. — Minha amiga não estava dando permissão para vocês fazerem… nada dessas coisas grosseiras que disse. Vocês vão negociar conosco pelo m… pela arma da qual você falou?

— É claro! — Gjalp sorriu. — Na verdade, eu gostaria de encerrar logo as negociações, pois minha irmã e eu temos um compromisso…

— Com gigantes do gelo gêmeos muito gatos — acrescentou Griep.

— … então vamos fazer um acordo justo — continuou Gjalp. — Vamos trocar a arma de Thor por essa adorável espada falante. E vamos libertar o cisne, tenho certeza de que papai não vai se importar, desde que vocês se entreguem em troca. Não vão conseguir um acordo melhor do que esse.

— Isso não é um acordo — resmungou Sam.

— Então recusem e vão embora em paz. Para nós, dá no mesmo.

Jacques vibrou de indignação, as runas brilhando.

— Magnus, você jamais me trocaria, não é? Nós somos amigos! Você não é como seu pai, não vai me abandonar assim que encontrar alguma outra coisa da qual gosta mais, não é?

Pensei na sugestão de Loki de entregar a espada para o meu tio Randolph. Na hora, fiquei tentado. Agora, a ideia parecia impossível, e só em parte porque a giganta queria nos colocar em uma gaiola e nos comer no jantar. Jacques já tinha salvado nossas vidas pelo menos duas vezes. Eu gostava dele, mesmo que às vezes me chamasse de *señor*.

Uma alternativa me ocorreu. Era uma ideia ruim, mas melhor do que a proposta da giganta.

— Jacques — falei —, hipoteticamente, se eu falasse para as gigantas como matamos a irmã delas, isso quebraria as regras de etiqueta dos convidados?

— *O quê?* — exclamou Gjalp.

As runas de Jacques brilharam em um tom mais alegre de vermelho.

— Não há nenhuma quebra de protocolo nisso, meu amigo, porque aquilo aconteceu antes de sermos convidados.

— Tudo bem. — Eu sorri para a giganta. — Nós matamos sua irmã. Não era uma moça grande e feia que estava tentando bloquear o rio e afogar Thor? Pois é. Ela está morta agora.

— MENTIRA! — Gjalp ficou de pé. — Humanos insignificantes! Vocês não teriam como matar nossa irmã.

— Na verdade, minha espada entrou voando pelo nariz dela e destroçou seu cérebro.

Griep uivou de fúria.

— Eu devia ter esmagado vocês como insetos! Pena que esqueci o banco e não coloquei espetos estratégicos no teto!

Vou admitir, ter duas gigantas acima de mim berrando ameaças de morte foi meio apavorante.

Mas Sam manteve a calma.

Ela apontou o machado para Griep.

— Então você *estava* tentando nos matar ainda agora!

— Claro, sua burra!

— E isso viola a regra dos anfitriões.

— Quem se importa? — gritou a giganta.

— A espada de Magnus se importa — disse Sam. — Jacques, você ouviu isso?

— Claro que ouvi. Mas eu gostaria de avisar que o esforço necessário para matar as duas gigantas pode ser demais…

— Pode matar! — Eu joguei a espada.

Jacques espiralou para cima, entrou direto pela narina direita de Griep e saiu pela esquerda. A giganta desabou, o que causou um tremor de 6,8 graus na escala Richter.

Gjalp sufocou um grito. Ela cobriu o nariz e a boca e cambaleou pela sala, enquanto Jacques tentava, em vão, abrir caminho por entre os dedos da giganta.

— Ah, essa é esperta! — gritou a espada. — Que tal uma ajudinha aqui?

— Magnus!

Sam empurrou a faca da giganta para a beirada da mesa até a lâmina se projetar como um trampolim.

Entendi o que ela queria que eu fizesse. Era loucura e burrice, mas não tinha tempo para parar e refletir. Corri com tudo e pulei na ponta da faca.

Sam gritou:

— Espere!

A essa altura, eu já estava no ar. Caí na faca, que me catapultou para cima. O plano funcionou mais ou menos. Eu aterrissei no assento vazio da cadeira, que não era tão distante a ponto de me

matar, mas foi uma queda boa, suficiente para quebrar minha perna. Viva! A dor foi a de um prego quente enfiado na base da minha coluna.

Para Gjalp, foi pior. A faca rodopiante acertou-a no peito. Não a empalou. Não atravessou nem o vestido, mas o golpe foi suficiente para fazê-la gritar. Ela baixou as mãos e as levou até o peito por instinto, o que deu acesso total a Jacques ao nariz dela.

Um segundo depois, Gjalp jazia morta no chão ao lado da irmã.

— Magnus! — Sam desceu da mesa e pousou ao meu lado na cadeira. — Seu imbecil! Eu queria que você me ajudasse a jogar um saleiro na faca! Não esperava que você fosse pular nela!

— De nada. — Fiz uma careta. — Além disso, *ai*.

— A perna está quebrada?

— Está. Não se preocupe, eu me curo rápido. Talvez demore uma hora…

— Acho que não temos… — Sam começou a dizer.

Na sala ao lado, uma voz grave exclamou:

— Meninas, cheguei!

CINQUENTA E CINCO

Sou levado para a batalha pela Primeira Divisão Aérea Anã

O PAPAI GIGANTE escolheu a pior hora para voltar para casa.

Eu estava sentado na sala de jantar dele com a perna quebrada e os corpos das filhas dele caídos ao meu redor… uma situação *particularmente* ruim. Sam e eu ficamos nos olhando enquanto os passos do gigante ecoavam cada vez mais alto na sala ao lado.

A expressão de Sam dizia: *Estou sem ideias.*

Eu também não tinha nenhuma.

E, em momentos como esse, ver um anão, um elfo e um cisne caindo de paraquedas na sua cadeira é o ponto alto do seu dia. Blitzen e Hearth estavam presos lado a lado pelas cordas, com Gunilla, a ave, aninhada nos braços do elfo. Blitzen puxou os batoques e realizou um pouso perfeito. Atrás dele, o paraquedas se amontoou, um montinho de seda azul que combinava perfeitamente com seu terno. Esse foi o único fato na chegada dele que *não* me surpreendeu.

— Como…? — perguntei.

Blitzen bufou.

— Por que você parece tão surpreso? Você distraiu as gigantas por tempo suficiente. Eu seria mesmo um péssimo anão se não fosse capaz de lançar um gancho da janela até a gaiola, atravessar até lá, libertar o cisne e usar meu paraquedas de emergência para chegar aqui embaixo.

Sam apertou a ponte do nariz.

— Você tinha um paraquedas de emergência esse tempo todo?

— Não seja boba — disse Blitzen. — Anões sempre carregam paraquedas de emergência. Você não?

— Vamos falar sobre isso depois — interrompi. — Agora…

— Meninas? — chamou o gigante no aposento ao lado. A voz dele parecia meio arrastada. — Cadê vocês?

Estalei os dedos.

— Vamos lá, pessoal, opções. Sam, você e Gunilla podem nos camuflar?

— Meu hijab só consegue cobrir duas pessoas — explicou Sam. — E Gunilla… o fato de ela ainda estar na forma de cisne deve indicar que está fraca demais para voltar ao normal.

O cisne grasniu.

— Vou interpretar isso como um sim — concluiu Sam. — Pode demorar algumas horas.

— O que nós não temos. — Olhei para Hearth. — As runas?

Não tenho forças, sinalizou ele, embora não precisasse dizer nada. Ele estava de pé e consciente, mas ainda parecia ter sido atropelado por um cavalo de oito pernas.

— Jacques! — chamei a espada. — Jacques, cadê você?

Na mesa acima de nós, a espada gritou:

— Cara, o que foi? Estou me lavando nessa caneca. Um pouco de privacidade seria bom!

— Magnus — disse Sam —, você não pode pedir a ele para matar três gigantes seguidos. Esse esforço todo vai *mesmo* destruir você.

Na sala ao lado, os passos ficaram mais altos. O gigante pareceu tropeçar em alguma coisa.

— Gjalp! Griep! Eu juro… *HIC!*… Se vocês estiverem mandando mensagem de texto para aqueles gigantes do gelo outra vez, vou torcer o pescoço das duas!

— Para o chão — decidi. — Me levem para o chão!

Blitzen me pegou no colo, o que quase me fez desmaiar de dor, e gritou:

— Se segure!

E pulou da cadeira, conseguindo, de alguma forma, uma descida de paraquedas segura. Quando recuperei os sentidos, Sam, Hearth e nosso novo cisne de estimação estavam ao nosso lado, depois de aparentemente usarem a perna da cadeira para escorregar até o chão.

Eu tremia de náusea. Meu rosto estava coberto de suor e minha perna quebrada ardia como uma bolha enorme estourada, mas não tivemos tempo para detalhes menores, tipo minha dor insuportável. Do outro lado da porta que levava à sala, as sombras dos pés do gigante foram ficando cada vez maiores, embora parecessem estar oscilando.

— Blitzen, me carregue por baixo daquela porta! — pedi. — Temos que interceptar Geirröd.

— Como é que é? — perguntou o anão.

— Você é forte! Já está me segurando. Ande!

Resmungando, ele correu na direção da porta, e cada sacolejo enviava uma pontada de dor até a base do meu crânio. O paraquedas se arrastava atrás de nós. Sam e Hearth nos seguiram, com o cisne grasnando, infeliz, nos braços do elfo.

A maçaneta começou a girar. Passamos por baixo da porta e saímos do outro lado, bem entre os pés do gigante.

Eu gritei:

— OI, E AÍ?

Geirröd cambaleou para trás. Acho que não esperava encontrar um anão paraquedista carregando um humano, seguido de uma humana e um elfo com um cisne no colo.

Eu também não estava preparado para o que vi.

Primeiro, o aposento em que entramos era pelo menos da metade do tamanho da sala onde estávamos. Pela maioria dos padrões, o salão seria considerado grande. O piso preto de mármore brilhava. Fileiras de colunas de pedra se intercalavam com braseiros de ferro com brasas, como dezenas de churrasqueiras. Mas o pé-direito só tinha uns oito metros. Até a porta pela qual acabamos de passar era menor deste lado, embora isso não fizesse sentido.

Passar pelo vão da porta seria impossível agora. Na verdade, eu não via como Gjalp ou Griep conseguiriam, a não ser que mudassem de tamanho conforme entravam de sala em sala.

Talvez fosse isso que acontecesse. Gigantes eram metamorfos. Versados em magia e ilusão. Se eu ficasse muito mais tempo ali, teria que levar um suprimento grande de remédio para enjoo e óculos 3D.

Na nossa frente, Geirröd ainda estava cambaleando, balançando hidromel no chifre que servia de copo.

— Quemsãocês? — perguntou ele com a voz arrastada.

— Convidados! — gritei. — Reivindicamos direitos de convidados!

Eu duvidava que isso ainda se aplicasse, pois matamos nossas anfitriãs, mas, como minha espada preocupada com etiqueta ainda estava na sala ao lado, se lavando para tirar gosma de nariz da lâmina, ninguém me desafiou.

Geirröd franziu a testa. Ele parecia ter voltado de uma festança animada versão Jötunheim, o que era estranho, pois ainda estava cedo. Aparentemente, a balada dos gigantes durava vinte e quatro horas por dia e sete dias por semana.

Ele usava uma jaqueta rosa-escura amassada, uma camisa preta para fora da calça listrada e sapatos sociais de couro legítimo cuja confecção deve ter custado a vida de vários animais. O cabelo preto estava penteado para trás com gel, mas em alguns pontos os fios se soltavam em mechas selvagens. O rosto tinha barba por fazer de três dias. Ele fedia a mel fermentado. A impressão geral era menos "frequentador de boate na moda" e mais "bêbado bem-vestido".

A coisa mais estranha nele era o tamanho. Não que fosse baixinho. Seis metros ainda é muita coisa se você está procurando alguém para jogar na NBA ou trocar aquelas lâmpadas difíceis de alcançar. Mas o cara era minúsculo em comparação às filhas, que estavam mortas agora, claro.

Geirröd arrotou. A julgar pela testa franzida, ele estava fazendo um esforço enorme para ter pensamentos racionais.

— Se vocês são convidados… por que estão com meu cisne? E onde estão minhas filhas?

Sam forçou uma gargalhada.

— Ah, aquelas garotas malucas? Nós negociamos seu cisne com elas.

— É — falei. — Agora, elas estão no chão da outra sala. Não estão muito bem.

Fiz o gesto de beber direto da garrafa, o que deve ter confundido Hearthstone, pois parecia *eu te amo* em linguagem de sinais.

Geirröd pareceu entender o que eu quis dizer. Os ombros dele relaxaram, como se a ideia das filhas desmaiadas de tão bêbadas no chão da sala não fosse nada com que se preocupar.

— Ah — disse ele —, desde que elas não estejam… *HIC!*… com aqueles gigantes do gelo de novo.

— Não, só estavam conosco — garanti.

Blitzen grunhiu enquanto me mudava de posição nos braços.

— Você é pesado.

Hearthstone, tentando participar da conversa, fez o sinal de *eu te amo* para o gigante.

— Ah, grande Geirröd! — disse Sam. — Viemos aqui para negociar pela arma de Thor. Suas filhas nos contaram que está com você.

Geirröd olhou para a direita. Na parede mais distante, quase escondida atrás de uma coluna, havia uma porta de ferro de tamanho humano.

— E a arma está atrás daquela porta — adivinhei.

O gigante arregalou os olhos.

— Que bruxaria é essa? Como você sabe?

— Queremos fazer um acordo pela arma — repeti.

Nos braços de Hearthstone, Gunilla grasniu, irritada.

— E também pela liberdade do cisne — acrescentou Sam.

— Rá! — Geirröd derramou mais hidromel. — Eu não… *HIC!*… preciso de nada que vocês tenham a oferecer. Mas talvez vocês pudessem… *ARROTO*… ganhar a arma e o ganso dourado.

— O cisne — corrigi.

— Tanto faz — respondeu o gigante.

Blitzen choramingou:

— Pesado. Está muito pesado.

A dor na minha perna dificultava o raciocínio. Cada vez que Blitzen se movia, eu tinha vontade de gritar, mas tentei manter a cabeça lúcida.

— O que você tem em mente? — perguntei ao gigante.

— Me entretenham! Joguem comigo!

— Tipo o quê… Banco imobiliário?

— O quê? Não! Tipo queimado! — Ele fez um gesto desdenhoso na direção da sala de estar. — Eu só tenho filhas. Elas nunca querem jogar queimado comigo. Joguem comigo!

Olhei para Sam.

— Acho que ele quer jogar queimado.

— Péssima ideia — murmurou ela.

— Sobrevivam dez minutos! — disse Geirröd. — É tudo que peço! Vou ficar… *HIC!*… feliz.

— Sobreviver? — perguntei. — Em um jogo de queimado?

— Ótimo, então você concorda! — Ele cambaleou até o braseiro mais próximo e pegou um carvão fumegante do tamanho de uma poltrona. — Eu começo!

CINQUENTA E SEIS

Nunca peçam a um anão para correr mais rápido

— CORRA! — GRITEI PARA Blitzen. — Vai, vai, vai!

Blitzen, que ainda estava com o paraquedas pendurado, só conseguiu tropeçar, atordoado.

— Pesado, muito pesado — ofegou ele.

Percorremos apenas uns seis metros e Geirröd gritou:

— COMEÇOU!

Nós quatro nos escondemos atrás da coluna mais próxima na hora que um pedaço de carvão bateu nela, abrindo um buraco na pedra e espalhando cinzas e fagulhas acima da nossa cabeça. A coluna estalou. Rachaduras se estenderam até o teto.

— Mais rápido! — gritou Sam.

Disparamos pelo corredor enquanto Geirröd pegava mais pedaços de carvão e os jogava com precisão impressionante. Se o gigante não estivesse bêbado, estaríamos seriamente encrencados.

A saraivada seguinte ateou fogo ao paraquedas de Blitzen. Sam conseguiu cortar as cordas com o machado, mas perdemos um tempo valioso. Outro pedaço de apocalipse em brasa abriu uma cratera no chão ao nosso lado, chamuscando as asas de Gunilla e o cachecol de Hearthstone. Centelhas voaram nos olhos de Blitzen.

— Estou cego! — exclamou ele.

— Eu oriento você! — gritei. — Esquerda! Esquerda! Sua outra esquerda!

Enquanto isso, do outro lado do aposento, Geirröd estava se divertindo, cantando em jötunnês, cambaleando de braseiro em braseiro, de vez em quando derramando hidromel em si mesmo.

— Vamos lá, pequenos convidados! Não é assim que se brinca. Vocês têm que agarrar o carvão e jogá-lo em mim!

Olhei ao redor desesperado, procurando saídas. Havia outra porta, na parede oposta da sala de jantar, mas era pequena demais para passarmos pelo vão e grande demais para conseguirmos abrir, sem mencionar que estava presa com um tronco de árvore apoiado em suportes de ferro.

Pela primeira vez desde que me tornei einherji, fiquei irritado por minha cura super-rápida não estar sendo rápida o bastante. Se íamos morrer, eu queria pelo menos estar apoiado nas minhas

próprias pernas.

Olhei para o teto. Acima da última coluna que Geirröd acertou, rachaduras começaram a se espalhar. A coluna envergou, pronta para se partir. Eu me lembrei da primeira vez que minha mãe me fez montar a barraca de camping sozinho. Os suportes foram um pesadelo. Fazer com que sustentassem a tenda exigia o equilíbrio certo de tensão. Mas fazê-la desabar… era fácil.

— Tive uma ideia — falei. — Blitzen, você vai ter que me carregar mais um pouco, a não ser que Sam…

— Hã, não — respondeu ela.

— Estou bem — disse Blitzen, arfando. — Estou ótimo. Quase consigo enxergar de novo.

— Tudo bem, pessoal! Vamos correr na direção do gigante.

Eu não precisava entender linguagem de sinais para ler a expressão de espanto de Hearth: *Você está louco?* O cisne me olhou do mesmo jeito.

— Confiem em mim — pedi. — Vai ser divertido.

— Por favor — implorou Sam —, não deixe que essas palavras sejam escritas na minha lápide.

Eu gritei para o gigante:

— Ei, Geirröd, você joga como um morador de Fólkvangr!

— O quê? Argh!

Geirröd se virou para pegar outro carvão.

— Direto para ele — falei para os meus amigos. — Agora!

Enquanto o gigante se preparava para jogar, gritei para Blitzen:

— Direita, vá para a direita!

Nos escondemos atrás de outra coluna. O pedaço de carvão atravessou o pilar, espalhando brasas e criando mais rachaduras no teto.

— Agora, para a esquerda — falei para os meus amigos. — Na direção dele até a coluna seguinte.

— O que você… — Sam arregalou os olhos quando entendeu. — Ah, deuses, você é *mesmo* maluco.

— Você tem uma ideia melhor?

— Infelizmente, não.

Corremos na frente de Geirröd.

— Suas filhas não estão bêbadas! — gritei. — Estão mortas!

— O QUÊ? NÃO!

Outro disparo de carvão foi lançado na nossa direção e acertou a coluna mais próxima com tanta força que ela explodiu em uma pilha de pedras colossais.

O teto cedeu um pouco. As rachaduras aumentaram. Corremos pelo meio da sala, e eu gritei:

— ERROU DE NOVO!

Geirröd uivou de fúria. Ele largou o chifre com a bebida para pegar pedaços de carvão com as duas mãos. Felizmente para nós, a raiva deixou sua mira péssima. Corremos ao redor do gigante, indo de uma coluna para outra enquanto ele espalhava carvão para todo lado, tropeçando em braseiros e quebrando pilares.

Eu insultei a jaqueta de Geirröd, seu corte de cabelo, os sapatos de couro. Finalmente, ele jogou um braseiro inteiro em nossa direção, derrubando o último pilar do lado da sala em que estávamos.

— Recuar! — falei para Blitzen. — Vão! AGORA!

O pobre Blitzen bufou e ofegou. Corremos até a parede mais distante enquanto Geirröd gritava:

— Covardes! Vou matá-los!

Ele poderia ter corrido atrás de nós, mas a mente bêbada do gigante ainda estava concentrada em encontrar projéteis com os quais pudesse nos atacar. Procurou mais carvões ao redor enquanto o teto desabava.

Quando percebeu o que estava acontecendo, era tarde demais. O gigante olhou para cima e gritou enquanto metade do aposento desabava sobre ele, enterrando Geirröd debaixo de mil toneladas de pedra.

Quando me dei conta, eu estava no chão, coberto de pó e detritos, me esforçando para não botar meus pulmões para fora de tanto tossir.

Lentamente, o ar foi ficando mais limpo. A poucos metros, Sam estava sentada de pernas cruzadas, também tossindo e ofegando, parecendo ter sido empanada em farinha.

— Blitzen! — chamei. — Hearth!

Estava tão preocupado com os dois que até me esqueci da perna quebrada. Tentei me levantar e fiquei surpreso ao ver que conseguia. A perna ainda latejava de dor, mas sustentou meu peso.

Blitzen saiu cambaleando de uma nuvem de poeira.

— Aqui — grunhiu ele.

O terno estava destruído. O cabelo e a barba ficaram prematuramente grisalhos com o pó.

Eu o abracei com força.

— Você é o anão mais forte e incrível do mundo!

— Se você diz, garoto. — Ele deu um tapinha no meu braço. — Onde está Hearthstone? Hearth!

Em momentos assim, esquecíamos que gritar o nome de Hearthstone não adiantava nada.

— Ali está ele — disse Sam, tirando um pouco dos escombros de cima do elfo caído. — Acho que está bem.

— Graças a Odin! — Blitzen saiu andando, mas quase caiu.

— Opa. — Eu o apoiei em uma das colunas que restaram. — Descanse por um segundo. Eu já volto.

Corri até Sam e a ajudei a tirar Hearthstone do meio dos destroços.

O cabelo do elfo estava soltando fumaça, mas, fora isso, ele parecia bem. Nós o ajudamos a se levantar. Na mesma hora, ele começou a me repreender em linguagem de sinais: *Burrice? Tentando nos matar?*

Demorei um instante para perceber que ele não estava segurando o cisne.

— Espere — falei. — Onde está Gunilla?

Atrás de mim, Blitzen soltou um gritinho. Eu me virei e me vi no meio de uma crise com um refém.

— Estou bem aqui! — Gunilla estava novamente na forma humana, atrás de Blitzen, com a ponta da lança cintilante encostada na garganta dele. — E vocês quatro vão voltar para Valhala como meus prisioneiros.

CINQUENTA E SETE

Sam aperta o botão de EJETAR

GUNILLA EMPURROU A ponta da lança na jugular de Blitz.

— Não cheguem mais perto — avisou ela. — Traidores e mentirosos, todos vocês. Botaram Midgard e Asgard em perigo, atiçaram os gigantes, criaram caos nos reinos…

— Nós também salvamos você de uma gaiola — acrescentei.

— Depois de me atraírem até aqui!

— Ninguém atraiu você — disparei. — Ninguém pediu que você nos caçasse.

— Gunilla. — Samirah largou o machado. — Solte o anão, por favor.

— Urgh — concordou Blitzen.

A capitã das valquírias olhou para Hearthstone.

— Elfo… nem *pense* nisso. Coloque o saco de runas no chão, senão transformo você em cinzas.

Eu não tinha percebido que Hearthstone estava prestes a fazer alguma coisa. Ele obedeceu à ordem de Gunilla, mas com os olhos em brasas. Hearth parecia querer fazer com a valquíria algo bem pior do que colocá-la em uma rodinha de hamster mágica.

Sam levantou as mãos.

— Não vamos lutar com você. Por favor, solte o anão. Nós sabemos o que a lança de uma valquíria é capaz de fazer.

Eu não sabia, mas tentei parecer o mais dócil e inofensivo possível. Do jeito como estava exausto, não foi difícil.

Gunilla me olhou.

— Onde está a espada, Magnus?

Indiquei a extremidade destruída do corredor.

— Na última vez que a vi, estava tomando banho em uma caneca.

Gunilla pensou no que eu disse. Era o tipo de declaração que só fazia sentido no mundo maluco dos vikings.

— Muito bem.

Ela empurrou Blitzen na minha direção e apontou a lança para a frente, pronta para desferir um golpe. A luz que a arma emanava era tão intensa que parecia estar assando minha pele.

— Vamos voltar para Asgard assim que eu recuperar minha força — disse Gunilla. — Enquanto isso, explique por que vocês perguntaram ao gigante sobre a arma de Thor.

— Ah… — Eu me lembrei de Thor sendo bem específico sobre não contar a ninguém a respeito do martelo desaparecido. — Bem…

— Foi um truque — interrompeu Sam. — Para confundir os gigantes.

Gunilla semicerrou os olhos.

— Um truque perigoso. Se os gigantes acreditassem que Thor perdeu o martelo… as consequências seriam imensuráveis.

— Falando em consequências imensuráveis — interrompi —, Surt vai soltar o lobo Fenrir amanhã à noite.

— Hoje à noite — corrigiu Sam.

Meu estômago despencou.

— Hoje não é terça-feira? Freya disse que a lua cheia era na quarta…

— Que tecnicamente começa no pôr do sol de terça — disse Sam. — Hoje é a primeira noite de lua cheia.

— Ah, mas que maravilha. Por que não me disse isso antes?

— Achei que você tivesse entendido.

— Silêncio, os dois! — ordenou Gunilla. — Magnus Chase, você caiu nas mentiras dessa filha de Loki.

— Você quer dizer que a lua cheia não vai ser hoje?

— Não, é hoje. Eu quis dizer… — Gunilla franziu a testa. — Pare de me confundir!

Blitzen choramingou quando ela apontou a lança brilhante na direção dele. Hearthstone se aproximou de mim com os punhos fechados.

Eu levantei as mãos.

— Gunilla, só estou dizendo que, se você não deixar que a gente impeça Surt…

— Eu avisei — disse Gunilla. — Ouvir Samirah só vai apressar o Ragnarök. Sinta-se afortunado por ter sido *eu* e não as outras valquírias ou seus antigos colegas einherjar quem encontrou vocês. Eles estão ansiosos para matar você, Magnus, e provar lealdade a Valhala. Eu, pelo menos, vou cuidar para que vocês tenham um julgamento adequado antes de os lordes jogarem suas almas em Ginnungagap!

Samirah e eu trocamos olhares. Não tínhamos tempo para sermos capturados e enviados de volta a Valhala. Eu não tinha tempo para ter minha alma jogada em um lugar cujo nome eu nem conseguia pronunciar.

Hearthstone nos salvou. O rosto dele foi tomado pelo medo. Ele apontou para trás de Gunilla como se Geirröd estivesse se levantando dos escombros. Era o truque mais antigo dos nove mundos, mas deu certo.

Gunilla olhou para trás. Sam correu como um raio. Em vez de tentar derrubar a capitã das valquírias, ela apenas encostou no bracelete dourado no braço de Gunilla.

O ar zumbiu como se alguém tivesse ligado um aspirador de pó industrial.

Gunilla deu um berro. Olhou para Sam, confusa.

— O que você…?

A valquíria implodiu. Encolheu até virar um ponto de luz e sumir.

— Sam! — Eu não conseguia acreditar no que tinha acontecido. — Você… você a matou?

— Claro que não! — Sam deu um tapa no meu braço. (Felizmente, eu não implodi.) — Fiz com que ela fosse chamada de volta a Valhala.

— O bracelete? — perguntou Blitzen.

Sam deu um sorriso modesto.

— Eu não sabia se funcionaria. Acho que minhas digitais ainda não foram tiradas do banco de dados das valquírias.

Hearthstone virou a mão. *Explique.*

— Os braceletes das valquírias têm um dispositivo de emergência — disse Sam. — Se uma valquíria é ferida em batalha e precisa de cuidados imediatos, outra valquíria pode enviá-la de volta para os Salões da Cura apenas tocando no bracelete. Ela é removida na mesma hora, mas é uma magia poderosa. Basta um uso, e o bracelete derrete.

Fiquei olhando para ela.

— Então Gunilla foi mandada para Valhala.

— Foi. Mas não temos muito tempo. Ela vai voltar assim que recuperar as forças. Imagino que com reforços.

— O martelo de Thor — falei. — No depósito.

Corremos até a pequena porta de ferro. Eu gostaria de poder dizer que planejei cuidadosamente o desabamento do teto de modo que a porta não ficasse enterrada em escombros. Na verdade, tive sorte.

O machado de Sam quebrou a tranca com um único golpe. Hearthstone abriu a porta. Dentro havia um armário, vazio exceto por uma haste de ferro do tamanho de um cabo de vassoura apoiada em um canto.

— Ah — disse. — Isso foi meio anticlimático.

Blitz observou a vara de ferro.

— Não sei, garoto. Está vendo as runas entalhadas? Não é Mjölnir, mas esse cajado foi forjado com magia poderosa.

O rosto de Sam se transformou.

— Ah… a arma de Thor. Só não é a arma *certa*.

Assentindo, Blitzen disse:

— É.

— Algum de vocês pode me explicar do que estão falando? — pedi.

— Garoto, essa é uma das armas alternativas de Thor — explicou Blitz. — O cajado foi presente de uma amiga dele… a giganta Grid.

— Três perguntas. Primeira: Thor tem uma amiga giganta?

— Tem — respondeu Blitz. — Nem todos os gigantes são maus.

— Segunda: todos os nomes de gigantas começam com G?

— Não.

— Última pergunta: Thor faz artes marciais? Tem um nunchaku por aqui também?

— Ei, garoto, não despreze o cajado. Pode não ter sido forjado por anões como o martelo, mas ferro de gigantes é coisa poderosa. Espero que a gente consiga levá-lo para Thor. Tenho certeza de que é pesado e protegido por encantamentos.

— Não precisa se preocupar com isso! — bradou uma voz vinda do alto.

O deus do trovão entrou voando por uma das janelas em uma carruagem puxada por Otis e Marvin. Jacques estava pairando ao lado deles.

Thor pousou na nossa frente em toda a sua glória desgrenhada.

— Bom trabalho, mortais! — Ele sorriu. — Vocês encontraram o cajado. É melhor do que nada!

— E, cara — disse Jacques —, só fui tomar um banhinho rápido. Quando vejo, além de você ter deixado a sala, também fez a saída desmoronar. O que uma espada deveria pensar?

Eu engoli um comentário.

— É. Desculpe, Jacques.

Thor esticou o braço na direção do depósito. A vara de ferro voou para a mão dele. O deus executou alguns golpes, investidas e rodopios da haste.

— Sim, vai ajudar muito até eu encontrar minha… ah, *outra* arma que não está oficialmente desaparecida. Obrigado!

Precisei resistir à vontade de dar um tapa nele.

— Você tem uma carruagem voadora?

— É claro! — Ele riu. — Thor sem sua carruagem voadora seria como um anão sem um paraquedas de emergência!

— *Viu?* — disse Blitz.

— Você podia ter nos trazido direto para cá — comentei. — Podia ter nos poupado um dia e meio e várias experiências de quase morte. Mas nos deixou subir aquele penhasco, passar por um abismo…

— Eu jamais privaria vocês da oportunidade de provarem seu heroísmo! — esbravejou o deus do trovão.

Blitzen choramingou.

Hearthstone sinalizou: *Odeio esse cara.*

— Exatamente, sr. Elfo! — disse Thor. — Foi uma oportunidade de ouro para vocês provarem sua coragem. De nada!

Otis baliu e bateu os cascos.

— Além do mais, o chefe não podia aparecer aqui sem o martelo, principalmente com a filha dele presa na gaiola.

Sam fez uma careta.

— Vocês *sabiam*?

Thor olhou de cara feia para o bode.

— Otis, precisamos ter outra conversinha sobre você ficar de focinho calado.

— Desculpe. — Otis baixou os chifres. — Pode me matar. Tudo bem.

Marvin deu uma mordiscada nele.

— Cale a boca! Toda vez que você é morto, eu sou morto!

Thor revirou os olhos para o teto.

— "Que tipo de animais você quer puxando sua carruagem, Thor?", perguntou meu pai. "Bodes", eu respondi. "Bodes voadores reconsumíveis seriam ótimos." Eu poderia ter escolhido dragões ou leões, mas nããããão. — Ele olhou para Sam. — Para responder à sua pergunta, sim, eu senti que Gunilla estava aqui. Normalmente sei quando um dos meus filhos está por perto. Concluí que, se vocês pudessem salvá-la, seria um ótimo bônus. Mas também não queria que ela soubesse que meu martelo está desaparecido. Essa informação é meio delicada. Devia se sentir honrada de eu ter contado para *você*, filha de Loki.

Sam recuou.

— Você sabe disso? Escute, lorde Thor…

— Garota, pare de me chamar de *lorde*. Sou um deus do povo, não um lorde! E não se preocupe, não vou matar você. Nem todos os filhos de Loki são maus. Até o próprio Loki… — Ele deu um suspiro. — Eu meio que sinto falta dele.

Sam olhou para o deus de soslaio.

— Sente?

— Ah, claro. — Thor coçou a barba ruiva. — Na maior parte do tempo, tenho vontade de matá-lo, como na vez em que ele cortou todo o cabelo da minha esposa ou quando me convenceu a usar um vestido de noiva.

— Convenceu você a fazer o quê? — perguntei.

Ele simplesmente prosseguiu:

— Mas Loki deixava a vida mais interessante. As pessoas ficaram com a ideia de que somos irmãos, o que não é verdade. Ele é irmão de sangue de *Odin*. Mas entendo como o boato começou. Eu odeio admitir, mas Loki e eu formávamos uma ótima equipe.

— Como Marvin e eu — sugeriu Otis. — Meu terapeuta disse…

— Cale a boca, seu burro! — gritou Marvin.

Thor girou o cajado de ferro.

— De qualquer modo, obrigado. Essa arma vai me ajudar até eu conseguir encontrar o *outro* objeto. E, por favor, *NÃO* mencionem isso para ninguém. Nem mesmo para os meus filhos. *Principalmente* para eles. Senão, vou ter que matar vocês, e talvez eu até me sinta mal por isso.

— Mas o que o senhor vai fazer sem Mjölnir? — perguntou Sam. — Como vai…?

— Ver televisão? — Thor deu de ombros. — Eu sei… o tamanho e a resolução da tela na ponta deste cajado são terríveis, mas vai ter que servir. Quanto a vocês, a ilha de Lyngvi surge das ondas hoje. Vocês têm que correr! Adeus, mortais, e…

— Espere — interrompi. — Precisamos da localização da ilha.

Thor franziu a testa.

— Ah, é verdade. Eu prometi contar isso para vocês. Bem, o que vocês têm que fazer é procurar os irmãos anões no píer Long Wharf, em Boston. Eles vão levar vocês à ilha. O barco deles costuma partir ao pôr do sol.

— Ah, anões. — Blitz assentiu com aprovação. — Então podemos confiar neles?

— Ah, não — respondeu Thor. — Aqueles dois vão tentar matar vocês na primeira oportunidade, mas *sabem* o caminho para a ilha.

— Lorde Th… quer dizer, Thor — disse Sam. — Você não quer vir conosco? É uma batalha importante, o lorde do fogo, Surt, e o lobo Fenrir. Deve merecer sua atenção.

O olho direito de Thor tremeu.

— É uma proposta boa. De verdade. Eu adoraria ir, mas tenho outro compromisso urgente…

— *Game of Thrones* — explicou Marvin.

— Cale a boca! — Thor ergueu o cajado acima das nossas cabeças. — Usem bem seu tempo, heróis. Preparem-se para a batalha e estejam no Long Wharf antes do pôr do sol!

A sala começou a girar. Jacques, a espada, voou para minha mão e me inundou de exaustão. Eu me apoiei na coluna mais próxima.

— Thor, para onde você está nos enviando?

O deus do trovão riu.

— Para onde cada um de vocês precisa ir.

Jötunheim desabou ao meu redor como uma barraca caindo na minha cabeça.

CINQUENTA E OITO

Quem diabos é Hel?

EU ESTAVA SOZINHO no meio de uma tempestade de neve em Bunker Hill.

Minha exaustão tinha passado. Jacques voltou à forma de pingente no meu pescoço. Nada fazia sentido, mas não parecia um sonho.

Eu sentia como se estivesse mesmo em Charlestown, do outro lado do rio de Boston, bem onde meu ônibus do quarto ano nos deixou em um dos passeios da escola. Cortinas finas de neve caíam nas casas de pedra marrom. O parque em si não era mais do que um campo branco com algumas árvores nuas. No centro, um obelisco cinza se projetava rumo ao céu de inverno. Depois de ter passado um tempo na fortaleza de Geirröd, o monumento parecia pequeno e triste.

Thor dissera que eu havia sido enviado para onde precisava ir. Por que eu tinha que estar ali e não junto dos meus amigos?

Uma voz atrás do meu ombro disse:

— Trágico, não?

Eu nem me mexi. Acho que estava acostumado a entidades nórdicas invadindo sem aviso meu espaço pessoal.

Ao meu lado, olhando para o monumento, estava uma mulher com a pele pálida de elfo e longos cabelos negros. De perfil, parecia linda, com uns vinte e cinco anos. A capa de arminho cintilava como uma torrente de neve ao vento.

De repente, ela se virou para mim, e meus pulmões se apertaram no peito.

O lado direito do rosto da mulher era um pesadelo: pele murcha, gelo azul cobrindo pedaços de carne em putrefação, lábios finos como membranas sobre dentes podres, um olho branco e leitoso e tufos de cabelo ressecado como teias de aranha pretas.

Tentei dizer a mim mesmo: *Calma, isso não é tão ruim. Ela é que nem o Duas Caras do Batman.* Mas o Duas Caras sempre me pareceu meio cômico; fala sério, ninguém com o rosto tão danificado poderia estar vivo.

A mulher diante de mim era *bem* real. Parecia que tinha ficado presa com metade do corpo exposto a uma nevasca. Na verdade… parecia mais um demônio horrendo que tentou se transformar em humano, mas foi interrompido no meio do processo.

— Você é Hel. — Minha voz soou como se eu tivesse cinco anos de novo.

Ela levantou a mão direita esquelética, prendeu um tufo de cabelo atrás da orelha… ou melhor, de um pedaço de carne destruída por geladura que talvez já tivesse sido uma orelha.

— Eu sou Hel — concordou a mulher. — Às vezes sou chamada de Hela, embora a maior parte dos mortais não ouse pronunciar meu nome. Não vai fazer nenhuma piadinha, Magnus Chase? *Está no inferno, abraça o capeta? Estou achando você meio caidinha, hein?* Esperava mais coragem de você.

Eu tinha acabado de ficar sem coragem nenhuma. O melhor que conseguia era não sair correndo e gritando. Uma rajada de vento soprou sobre Hel, e alguns pedaços de pele necrosada do antebraço zumbi saíram voando junto com a neve.

— O q-que você quer? — perguntei. — Já estou morto. Sou um einherji.

— Eu sei disso, jovem herói. Não quero sua alma. Já tenho muitas. Chamei você aqui para conversar.

— *Você* me chamou? Achei que Thor…

— Thor. — A deusa pronunciou o nome com certo deboche. — Se estiver procurando alguém capaz de zapear por cento e setenta canais de conteúdo HD, fale com Thor. Mas se tiver que enviar pessoas com precisão pelos nove mundos, ele não é de grande ajuda.

— Então…

— Então achei que estava mais do que na hora de conversarmos. Meu pai mencionou que eu procuraria por você, não foi? Ele lhe deu uma saída, Magnus. Entregue a espada para seu tio. Tire-a da jogada. É sua última oportunidade. Talvez você possa aprender uma lição com este lugar.

— Bunker Hill?

Ela se virou na direção do monumento, deixando só o lado mortal visível.

— Triste e sem sentido. Outra batalha inútil, como esta em que você está prestes a entrar…

Era verdade que eu estava meio enferrujado em história americana, mas tinha certeza de que não construíram monumentos no local de eventos tristes e sem sentido.

— Bunker Hill não foi uma vitória? Com os americanos rechaçando os britânicos do alto da colina? Só atirem quando virem…

Ela me encarou com olhos leitosos de zumbi, e não consegui me obrigar a dizer *o branco dos olhos deles.*

— Para cada herói, mil covardes — disse Hel. — Para cada morte honrosa, mil sem sentido. Para cada einherji… mil almas que entram no *meu* reino.

Ela apontou com a mão murcha.

— Bem aqui, um garoto britânico da sua idade morreu atrás de um fardo de feno, chorando e chamando a mãe. Era o mais jovem do regimento. O próprio comandante atirou nele por covardia. Você acha que ele gosta desse lindo monumento? E ali, no alto da colina, depois que a munição acabou, seus ancestrais jogaram pedras nos britânicos e lutaram como homens das

cavernas. Alguns fugiram. Outros ficaram e foram massacrados com baionetas. Quem foi mais inteligente?

Hel sorriu. Eu não sabia que lado da boca era mais macabro, o zumbi ou a bela mulher que se divertia com massacres.

— Ninguém chegou a dizer *o branco dos olhos deles* — prosseguiu. — Isso foi uma lenda, inventada anos depois. Aqui nem sequer é Bunker Hill. É Breed's Hill. E, apesar de a batalha ter saído muito cara para os britânicos, os americanos não venceram. Foram derrotados. A memória humana é assim… esquece a verdade e acredita no que for mais conveniente.

Neve derreteu no meu pescoço e umedeceu minha gola.

— O que você quer dizer? Que não devo lutar? Que devo deixar Surt libertar seu irmão, o Lobo Mau?

— Eu só aponto as opções — disse Hel. — Bunker Hill afetou mesmo o resultado da revolução? Se enfrentar Surt hoje, você estará adiando o Ragnarök ou acelerando-o? Entrar na batalha é o que o herói faria, o tipo de pessoa que vai parar em Valhala. Mas e as milhões de almas que viveram de maneira mais cautelosa e morreram tranquilamente na cama, de velhice? Elas acabaram no meu reino. Não foram mais sábias? Você pertence mesmo à Valhala, Magnus?

As palavras das Nornas pareciam espiralar ao meu redor no frio. *Escolhido por engano, não era sua hora; um herói que, em Valhala, não pode permanecer agora.*

Pensei no meu colega de corredor, T.J., ainda carregando o rifle e usando o casaco da Guerra Civil, correndo pelas colinas dia após dia em uma série de batalhas infinitas, esperando a morte final no Ragnarök. Pensei em Mestiço Gunderson, tentando manter a sanidade cursando doutorado em literatura quando não estava no modo berserker e esmagando crânios. Meu lugar era com esses caras?

— Leve a espada para seu tio — pediu Hel. — Deixe que os eventos se desenrolem sem você. É o caminho mais seguro. Se fizer isso… meu pai, Loki, pediu que eu recompensasse você.

A pele do meu rosto ardeu. Tive um medo irracional de estar sofrendo de geladura, assim como Hel.

— Me recompensar?

— Helheim não é um lugar tão ruim — explicou a deusa. — Meu salão tem muitas câmaras adoráveis para meus hóspedes favoritos. Posso promover um encontro.

— Um encontro… — Eu mal consegui dizer as palavras. — Com minha mãe? Você está com ela?

A deusa pareceu considerar a pergunta, inclinando a cabeça, metade viva, metade morta.

— Eu *poderia* conseguir. O status da alma dela, de tudo que ela era, ainda está no fluxo.

— Como…? Eu não…

— As orações e os desejos dos vivos costumam afetar os mortos, Magnus. Os mortais sempre souberam disso. — Ela mostrou os dentes, podres de um lado, imaculadamente brancos do outro.

— Não posso devolver Natalie Chase à vida, mas posso unir vocês dois em Helheim se for seu desejo. Posso unir as almas de vocês lá, para que nunca se separem. Vocês poderiam voltar a ser uma família.

Tentei imaginar aquilo. Minha língua congelou na boca.

— Não precisa falar — disse Hel. — Só me dê uma indicação. Chore por sua mãe. Deixe suas lágrimas caírem, e vou saber que concorda. Mas tem que decidir agora. Se rejeitar minha proposta, se insistir em lutar sua própria batalha de Bunker Hill esta noite, juro que nunca mais verá sua mãe novamente, nem nesta vida e nem em nenhuma outra.

Pensei em minha mãe jogando pedrinhas comigo no Houghton's Pond, os olhos verdes brilhantes de alegria. Ela abrindo os braços sob o sol, tentando explicar como era o meu pai. *Foi por isso que eu trouxe você aqui, Magnus. Não consegue sentir? Ele está ao nosso redor.*

Depois, imaginei minha mãe em um palácio frio e escuro, com a alma presa por toda a eternidade. Lembrei do meu próprio cadáver na capela, uma relíquia embalsamada, vestida para exibição. Pensei nos rostos das almas afogadas girando na rede de Ran.

— Você está chorando — reparou Hel com satisfação. — Então temos um acordo?

— Você não entende. — Olhei para a deusa. — Estou chorando porque sei o que minha mãe ia querer. Ela ia querer que eu me lembrasse de como ela era. É o único monumento de que precisa. Ela não ia querer ficar presa, preservada, obrigada a viver como um fantasma em um submundo frio de depósito.

Hel fez cara feia, com o lado direito do rosto se enrugando e rachando.

— Você ousa?

— Você não queria coragem? — Tirei o pingente da corrente. Jacques, a espada, assumiu seu tamanho original, a lâmina soltando fumaça no frio. — Me deixe em paz. Diga a Loki que não temos acordo. Se eu vir você de novo, corto bem na linha pontilhada.

Ergui a espada.

A deusa se dissolveu na neve. Tudo ao meu redor sumiu. De repente, me vi equilibrado na beirada de um telhado, cinco andares acima do asfalto.

CINQUENTA E NOVE

O terror que é o ensino fundamental

ANTES QUE EU pudesse despencar para a morte, alguém me segurou e me puxou para trás.

— Opa, caubói — disse Sam.

Ela estava vestindo um casaco novo, azul-marinho dessa vez, com calça jeans escura e botas. Azul não era minha cor favorita, mas a deixou com uma aparência digna e séria, como uma oficial da força aérea. O lenço estava salpicado de neve. O machado não estava preso no cinto; acho que Sam o havia guardado na mochila.

Ela não pareceu surpresa de me ver. Na verdade, a expressão era preocupada, o olhar, distante.

Meus sentidos começaram a se ajustar. Jacques ainda estava na minha mão. Por algum motivo, não senti nenhum cansaço pelo assassinato recente das irmãs gigantas.

Abaixo de nós, a área asfaltada não era exatamente um parquinho — estava mais para um trecho entre prédios da escola. Dentro da cerca, algumas dezenas de alunos se amontoavam em pequenos grupos, conversando perto de portas ou se empurrando no gelo. Pareciam do sétimo ano, mas era difícil ter certeza com todo mundo de casaco escuro.

Fiz a espada voltar à forma de pingente e a prendi na corrente. Eu achava que não devia andar pelo telhado de uma escola segurando uma arma.

— Onde estamos? — perguntei a Sam.

— No meu antigo lar. — A voz dela tinha um tom amargo. — A Malcolm X Middle School.

Tentei imaginar Sam no pátio, no meio dos grupos de garotas, o lenço como a única coisa colorida na multidão.

— Por que Thor mandou você para o fundamental? Parece crueldade.

Ela deu um sorrisinho.

— Na verdade, ele me transportou para casa. Eu apareci no meu quarto, bem na hora em que Jid e Bibi entraram para perguntar onde diabos eu estava. A conversa foi pior do que o fundamental.

Meu coração afundou no peito. Estive tão concentrado nos meus próprios problemas que esqueci que Sam estava tentando manter uma vida normal no meio de tudo aquilo.

— O que você disse para eles?

— Que estava com uma amiga. Vão supor que eu estava falando de Marianne Shaw.

— E não com três caras estranhos.

Ela cruzou os braços.

— Falei para Bibi que tentei mandar uma mensagem de texto para ela, o que é verdade. Ela vai achar que foi culpa dela. Bibi é péssima com celulares. Na verdade, Jötunheim não tem sinal. Eu… eu tento não *mentir*, mas odeio enganá-los. Depois de tudo que fizeram por mim, eles têm medo de eu me meter em confusão, de acabar como a minha mãe.

— Você quer dizer uma médica bem-sucedida que gostava de ajudar pessoas? Nossa, seria terrível.

Ela revirou os olhos.

— Você sabe o que quero dizer, uma rebelde, um constrangimento. Eles me trancaram no quarto, disseram que eu estava de castigo até o Juízo Final. Não tive coragem de dizer que esse dia talvez fosse hoje.

O vento aumentou e girou as velhas hélices de ventilação de metal como cata-ventos.

— Como você saiu de lá? — perguntei.

— Eu não saí. Só apareci aqui. — Sam olhou para o pátio. — Talvez eu precisasse de um lembrete de como tudo começou.

Meu cérebro parecia tão enferrujado quanto as pás da ventilação do telhado, mas um pensamento ganhou tração e começou a girar.

— Foi aqui que você se tornou uma valquíria.

Sam assentiu.

— Um gigante do gelo… entrou na escola. Talvez procurando por mim, talvez caçando algum outro semideus. Destruiu algumas salas de aula, gerou pânico. Não parecia ligar se mortais morreriam. A escola se isolou. Ninguém sabia o que estava acontecendo. As pessoas achavam que um humano maluco estava criando confusão. Chamaram a polícia, mas não havia tempo…

Ela colocou as mãos nos bolsos do casaco.

— Eu provoquei o gigante: insultei a mãe dele, esse tipo de coisa. Então o atraí aqui para o telhado e… — Ela olhou para baixo. — Ele não sabia voar. Caiu bem ali no asfalto e se estilhaçou em um milhão de pedacinhos de gelo.

Ela pareceu estranhamente constrangida.

— Você enfrentou um gigante sozinha — observei. — Salvou sua escola.

— Acho que sim. Os funcionários, a polícia… ninguém nunca entendeu o que houve. Todo mundo achou que o cara tinha fugido. Na confusão, ninguém reparou no que eu fiz… exceto Odin. Depois que o gigante morreu, o Pai de Todos apareceu na minha frente, bem onde você está. Ele me ofereceu o trabalho de valquíria. E eu aceitei.

Depois da minha conversa com Hel, eu não acreditava que pudesse me sentir ainda pior. A perda da minha mãe ainda doía tanto quanto na noite em que ela morreu. Mas a história de Sam fez com que eu me sentisse mal de uma forma diferente. Sam me levou para Valhala. Perdeu seu

lugar entre as valquírias porque acreditou que eu fosse um herói, um herói como *ela*. E, apesar de tudo o que aconteceu depois, ela não parecia me culpar.

— Você se arrepende? — perguntei. — De ter levado minha alma quando morri?

Sam riu baixinho.

— Você não entende, Magnus. Me *mandaram* levar você para Valhala. E não foi Loki. Foi o próprio Odin.

O pingente se aqueceu no meu pescoço. Por um instante, senti cheiro de rosas quentes e morangos, como se eu tivesse pisado em um bolsão de verão.

— Odin — repeti. — Pensei que ele estivesse sumido… que não aparecesse desde que você virou uma valquíria.

— Ele me mandou não dizer nada. — Sam estremeceu. — Acho que fracassei nisso também. Na noite anterior à sua luta com Surt, Odin me encontrou em frente à casa dos meus avós. Estava disfarçado de mendigo, com barba suja, um casaco azul velho, um chapéu de aba larga. Mas eu sabia quem ele era. O tapa-olho, a voz… Ele mandou que eu ficasse de olho e que o levasse para Valhala, se você lutasse bem.

No pátio, o sinal tocou, anunciando o fim do recreio. Os alunos entraram, empurrando uns aos outros e rindo. Para eles, era um dia de aula normal, o tipo de dia do qual eu mal conseguia me lembrar.

— Fui *escolhido por engano* — falei. — As Nornas disseram que eu não devia estar em Valhala.

— Mas você estava — retrucou Sam. — Odin previu. Não sei por que a contradição, mas temos que terminar essa missão. Temos que chegar à ilha hoje à noite.

Vi a neve apagar os passos no pátio vazio. Em pouco tempo, não haveria mais rastro dos alunos, tanto quanto não havia do impacto do gigante do gelo dois anos antes.

Eu não sabia o que pensar sobre Odin ter me escolhido para Valhala. Acho que devia me sentir honrado. O Pai de Todos achava que eu era importante. Ele me escolheu, independentemente do que as Nornas disseram. Mas, se era verdade, por que Odin não se deu ao trabalho de me encontrar pessoalmente? Loki estava preso em uma pedra por toda a eternidade e *ele* achou um jeito de falar comigo. Mímir era uma cabeça decapitada. Ele fez a viagem. Mas o Pai de Todos, o grande feiticeiro que supostamente podia distorcer a realidade apenas pronunciando o nome de uma runa… não podia fazer uma visita rápida?

A voz de Hel ecoou na minha cabeça: *Você pertence mesmo à Valhala, Magnus?*

— Acabei de voltar de Bunker Hill — contei para Sam. — Hel disse que podia me reunir com minha mãe.

Consegui contar a história inteira para ela.

Samirah esticou a mão como se fosse tocar meu braço, mas aparentemente mudou de ideia.

— Lamento, Magnus. Mas Hel é mentirosa. Você não pode confiar nela. Ela é como meu pai, só que mais fria. Você fez a escolha certa.

— É… mas mesmo assim. Alguma vez você já fez a coisa certa, *sabia* que era a coisa certa, mas ficou se sentindo péssima?

— Você acabou de descrever a maioria dos dias da minha vida. — Sam colocou o capuz. — Quando me tornei uma valquíria… Ainda não sei bem por que lutei com aquele gigante do gelo. O pessoal da Malcolm X era mau comigo. O lixo de sempre: me perguntavam se eu era terrorista. Puxavam meu hijab. Enfiavam bilhetes e fotos nojentas no meu armário. Quando aquele gigante atacou… eu podia ter fingido ser só mais uma mortal e fugido para um lugar seguro. Mas nem pensei nisso. Por que arrisquei minha vida por aquela gente?

Eu sorri.

— O quê? — perguntou ela.

— Uma vez me disseram que a bravura de um herói não é algo planejado, mas sim uma verdadeira reação heroica a uma crise. Tem que vir do coração, sem qualquer pensamento na recompensa.

Sam bufou.

— Essa pessoa deve ser bem arrogante.

— Talvez você não precisasse vir aqui — concluí. — Talvez *eu* precisasse. Para entender por que somos uma boa equipe.

— Ah, é? — Ela arqueou uma sobrancelha. — Agora somos uma boa equipe?

— Estamos prestes a descobrir. — Olhei para o norte, na direção da tempestade de neve. Em algum ponto naquela direção ficavam Boston e o Long Wharf. — Vamos procurar Blitzen e Hearthstone. Temos um gigante do fogo para apagar.

SESSENTA

Um lindo cruzeiro homicida ao pôr do sol

BLITZ E HEARTH estavam nos esperando em frente ao New England Aquarium.

Blitz tinha conseguido botar uma roupa nova, claro: um conjunto de calça e jaqueta verde-oliva, um lenço amarelo no pescoço combinando com um chapéu de safári amarelo e com rede protetora contra o sol também amarela.

— Minhas roupas de caçar lobo! — disse ele, todo alegre.

Blitz explicou que a magia de Thor o transportou para onde ele mais precisava ir: a melhor loja de departamentos de Nídavellir. Ele usou o Svartalfar Express Card para comprar uma quantidade de suprimentos de expedição, incluindo várias roupas reserva e um arpão retrátil de aço de osso.

— E não só isso — acrescentou —, mas sabe o escândalo da competição com Júnior? Saiu pela culatra e ferrou o velho verme! O boato de seu enorme fracasso se espalhou. Ninguém está mais me culpando, nem à mosca e nem nada! As pessoas começaram a falar dos meus designs de armadura cheios de estilo, e agora estão encomendando produtos. Se eu sobreviver a esta noite, talvez finalmente lance minha própria grife!

Sam e eu demos parabéns a ele, embora sobreviver àquela noite realmente parecesse um grande *se*. Ainda assim, Blitz estava tão feliz que eu não queria desanimá-lo. Ele começou a se balançar e a cantarolar “Sharp Dressed Man” baixinho.

Quanto a Hearth, ele fez outro tipo de compras. Estava carregando um cajado polido de carvalho branco. Na ponta, formava um Y, como um estilingue. Não sei por quê, mas tive a sensação de que faltava uma peça ali no meio.

Com o cajado na mão, Hearth parecia um elfo guerreiro e feiticeiro de verdade, embora ainda estivesse de calça jeans preta, jaqueta de couro por cima de uma camisa da HOUSE OF BLUES e o cachecol vermelho listrado.

Ele apoiou o cajado na dobra do braço e explicou em sinais que acabou indo parar no Poço de Mímir. O Capo o declarou mestre absoluto de *álfar seidr*, pronto para usar um cajado de feiticeiro.

— Não é incrível? — Blitzen deu um tapinha nas costas dele. — Eu sabia que conseguiria!

Hearthstone repuxou os lábios. *Não me sinto um mestre*.

— Tenho uma coisa que pode ajudar. — Enfiei a mão no bolso e peguei a runa *perthro*. — Algumas horas atrás, tive uma conversa com Hel. Ela me lembrou de tudo que perdi.

Contei para eles o que a deusa meio zumbi me ofereceu.

— Ah, garoto… — Blitzen balançou a cabeça. — Eu aqui falando da minha nova grife e você teve que passar por *isso*.

— Tudo bem. — Estranhamente, eu me sentia bem *mesmo*. — A questão é que, quando apareci em Bunker Hill, tinha acabado de usar a espada para matar duas gigantas. Eu devia ter desmaiado ou morrido de exaustão. Mas não foi o que aconteceu. E acho que sei por quê.

Virei a runa entre os dedos.

— Quanto mais tempo passo com vocês, mais facilidade tenho de usar minha espada, curar e fazer qualquer coisa, na verdade. Não sou especialista em magia, mas acho que… de alguma forma, estamos todos dividindo o preço.

Entreguei a runa para Hearthstone.

— Sei como é se sentir um cálice vazio, ter tudo tirado de você. Mas você não está sozinho. Independente de quanta magia precise usar, está tudo bem. Estamos do seu lado. Somos sua família.

Os olhos de Hearthstone se encheram de água verde. Ele gesticulou para nós, e, dessa vez, acho que realmente quis dizer *eu amo vocês* e não *as gigantas estão bêbadas.*

Hearth pegou a runa e colocou entre as pontas do novo cajado. A pedra encaixou no lugar da mesma forma que meu pingente encaixava na corrente. O *perthro* brilhou com uma luz levemente dourada.

O meu símbolo, anunciou ele. *O símbolo da minha família.*

Blitzen fungou.

— Gostei disso. Uma família de quatro cálices vazios!

Sam enxugou os olhos.

— De repente, estou sentindo sede.

— Al-Abbas — falei. — Nomeio você para o papel de irmã irritante.

— Cale a boca, Magnus. — Ela ajeitou o casaco, botou a mochila nas costas e respirou fundo. — Muito bem. Agora que acabamos com o discurso meloso, será que alguém sabe onde podemos encontrar dois anões com um barco?

— Eu sei. — Blitzen ajeitou o lenço. — Hearth e eu demos uma olhada antes de vocês chegarem. Venham!

Ele seguiu na frente pelo píer. Acho que só queria que víssemos como ele ficava bem usando o novo chapéu de safári amarelo.

No final do píer Long Wharf, do outro lado do quiosque de passeios de observação de baleias que estava fechado para o inverno, outro quiosque foi montado com pedaços de compensado e de caixas de papelão de eletrodomésticos. Acima da janela de atendimento, uma placa pintada a

dedo de qualquer jeito dizia: CRUZEIRO DE OBSERVAÇÃO DE LOBO. SÓ ESTA NOITE! UM OURO VERMELHO POR PESSOA! CRIANÇAS COM MENOS DE CINCO ANOS NÃO PAGAM!

Dentro do quiosque estava um anão que era menos svartalfar e mais verme. Tinha uns cinquenta centímetros de altura e tantos pelos faciais que era impossível dizer se tinha olhos e boca. Vestia uma capa de chuva amarela e um chapéu de capitão, que sem dúvida o protegia da luz do dia e o fazia parecer a mascote de um restaurante de lagosta para gnomos.

— Olá! — disse o anão. — Fjalar, ao seu dispor. Querem fazer o passeio? O tempo está ótimo para observar lobos!

— Fjalar? — A expressão de Blitzen mudou. — Você por acaso tem um irmão chamado Gjalar?

— Ele está bem ali.

Eu não sabia como não percebi, mas, amarrado a poucos metros, havia um drácar viking com motor externo. No leme, mordendo um pedaço de carne-seca, havia outro anão que era idêntico a Fjalar, mas usava um macacão manchado de graxa e um chapéu de feltro de aba flexível.

— Estou vendo que vocês ouviram falar de nosso serviço excepcional — continuou Fjalar. — Posso separar os quatro bilhetes de vocês? É uma oportunidade única, uma vez por ano!

— Por favor, nos dê um minutinho. — Blitzen nos levou para longe. — Esses são Fjalar e Gjalar — sussurrou. — São famosos.

— Thor nos avisou — disse Sam. — Não temos muita escolha.

— Eu sei, mas… — Blitzen torceu as mãos. — Fjalar e Gjalar? Eles roubam e matam gente há uns mil anos! Vão tentar nos matar se dermos qualquer oportunidade.

— Então, basicamente — resumi —, eles são iguais a quase todo mundo que encontramos.

— Eles vão nos esfaquear pelas costas — disse Blitz, preocupado —, ou nos abandonar em uma ilha deserta, ou nos empurrar do barco na boca de um tubarão.

Hearth apontou para si mesmo e bateu com um dedo na palma da mão. *Me convenceu.*

Voltamos para o quiosque.

Eu sorri para a mascote de lagosta homicida.

— Gostaríamos de quatro bilhetes, por favor.

SESSENTA E UM

Urze é minha nova flor menos preferida

EU ACHAVA QUE nada podia ser pior do que nossa expedição de pesca com Harald. Estava enganado.

Assim que deixamos o porto, o céu escureceu. A água ficou preta como tinta de lula. Através da neve que caía, a costa de Boston se transformou em uma coisa primitiva, do jeito que devia ser quando o descendente de Skírnir navegou com seu drácar pelo rio Charles pela primeira vez.

O Centro foi reduzido a algumas colinas cinzentas. As pistas do aeroporto Logan foram substituídas por pedaços de gelo flutuando na água. Ilhas afundaram e surgiram ao nosso redor, como um vídeo dos últimos dois milênios passando de forma acelerada.

Então percebi que eu podia estar olhando para o futuro, e não para o passado, para a forma como Boston ficaria depois do Ragnarök. Decidi guardar esse pensamento para mim.

No silêncio da baía, o motor de Gjalar fazia um barulho obsceno, estalando, gemendo e soprando fumaça enquanto nosso barco atravessava a água. Qualquer monstro em um raio de oito quilômetros saberia onde nos encontrar.

Na proa, Fjalar observava o caminho e gritava avisos ocasionais para o irmão.

— Pedras a bombordo! Iceberg a estibordo! Cuidado com o Kraken!

Nada disso ajudou a me acalmar. Surt havia prometido que nos encontraríamos naquela noite. Ele planejava queimar a mim e a meus amigos vivos e destruir os nove mundos. Mas, no fundo da minha mente, um medo ainda maior se esgueirava. Eu estava prestes a conhecer o Lobo. Essa percepção despertou todos os pesadelos que já tive com olhos azuis brilhantes, presas brancas e rosnados ferozes na escuridão.

Sentada ao meu lado, Sam manteve o machado no colo, onde os anões pudessem ver. Blitzen mexia na echarpe amarela, como se pudesse intimidar nossos anfitriões com seu guarda-roupa. Hearthstone treinou fazer o novo cajado aparecer e desaparecer. Quando dava certo, o objeto aparecia na mão dele do nada, como um buquê de flores surgindo da manga de um mágico. Quando dava errado, cutucava Blitzen ou batia na minha cabeça.

Depois de algumas horas e uma dezena de pequenas concussões, o barco tremeu, como se tivéssemos passado por uma contracorrente. No convés, Fjalar anunciou:

— Não vai demorar agora. Entramos em Amsvartnir, a Baía Preta como Breu.

— Nossa — olhei para as ondas escuras —, por que será que chamam assim, hein?

As nuvens se abriram. A lua cheia, pálida e prateada, nos espiou do vazio sem estrelas. À nossa frente, névoa e luar se misturavam, demarcando uma costa. Eu nunca odiei tanto a lua cheia.

— Lyngvi — anunciou Fjalar. — A Ilha de Urzes, a prisão do Lobo.

A ilha parecia a caldeira de um vulcão antigo, um cone achatado quinze metros acima do nível do mar. Eu sempre pensei que urzes fossem roxas, mas as encostas pedregosas estavam cobertas de flores brancas fantasmagóricas.

— Se isso é urze — falei —, tem mesmo muitas delas por lá.

Fjalar riu.

— É uma planta mágica, meu amigo, usada para afastar o mal e manter os espíritos longe. Que prisão poderia ser melhor para o lobo Fenrir do que uma ilha cheia disso?

Sam ficou de pé.

— Se Fenrir é tão grande quanto ouvi dizer, já não devíamos conseguir vê-lo?

— Ah, não — disse Fjalar. — Vocês têm que ir até a ilha para isso. Fenrir fica preso no centro, como uma runa em uma tigela.

Olhei para Hearthstone. Eu duvidava que ele conseguisse ler os lábios de Fjalar por trás daquela barba cerrada, mas não gostei da referência a uma runa em uma tigela. Lembrei-me do outro significado de *perthro*: um copo de jogar dados. Eu não queria correr cegamente para dentro da caldeira e torcer para tirar a pontuação máxima.

Quando estávamos a três metros da praia, a quilha do barco roçou em um banco de areia. O som me lembrou de forma desagradável a noite em que minha mãe morreu, a porta do nosso apartamento rangendo pouco antes de ser derrubada.

— Todos para fora! — exclamou Fjalar com alegria. — Apreciem o passeio a pé. É só vocês seguirem na direção daquela colina ali. Acho que vão concluir que o Lobo valeu a viagem!

Talvez fosse minha imaginação, mas comecei a sentir cheiro de fumaça e de pelo de animal molhado. Meu novo coração de einherji estava testando os limites de quanto conseguia bater rápido.

Se não fossem meus amigos, não sei se teria sentido coragem de desembarcar. Hearthstone pulou pela amurada primeiro. Sam e Blitzen foram atrás. Sem querer ficar preso no barco com o anão-lagosta e o irmão comedor de carne-seca, saltei do barco. A água estava na altura da cintura e tão fria que imaginei que cantaria em soprano pelo resto da semana.

Fui me arrastando até a praia, e um uivo de lobo quase rompeu meus tímpanos.

Agora, é claro que eu estava esperando um lobo. Lobos me apavoravam desde que eu era criança, então me esforcei para reunir coragem. Mas o uivo de Fenrir era diferente de qualquer coisa que eu já tivesse ouvido, uma nota de pura fúria tão profunda que parecia abalar meu corpo

inteiro, quebrando minhas moléculas em aminoácidos aleatórios e neve derretida de Ginnungagap.

Em segurança no barco, os dois anões riram de alegria.

— Eu devia ter mencionado — gritou Fjalar — que a viagem de volta é um pouco mais cara. Reúnam todos os seus itens de valor em uma das bolsas e joguem-na para mim, por favor. Senão, vamos deixar vocês aí.

Blitzen falou um palavrão.

— Eles vão nos abandonar de qualquer jeito. É o que fazem.

No momento, entrar na ilha para enfrentar o lobo Fenrir era um dos últimos itens da minha lista de desejos. No topo dela estava: *Chorar e implorar para os anões traidores me levarem de volta a Boston.*

Minha voz falhou, mas tentei agir com mais coragem do que sentia.

— Podem ir embora — falei para os anões. — Não precisamos mais de vocês.

Fjalar e Gjalar trocaram olhares. O barco já estava se afastando.

— Você não ouviu o uivo? — Fjalar falou mais devagar, como se tivesse superestimado minha inteligência. — Vocês estão presos nessa ilha. Com Fenrir. Sabe o quanto isso é ruim?

— É, a gente sabe.

— O Lobo vai comer vocês! — gritou Fjalar. — Amarrado ou não, ele vai *comer* vocês. Ao amanhecer, a ilha vai sumir levando vocês com ela!

— Obrigado pela carona — respondi. — Façam uma boa viagem.

Fjalar levantou as mãos.

— Idiotas! Façam como quiserem. Vamos pegar tudo que vocês tiverem nos esqueletos de vocês ano que vem! Venha, Gjalar, vamos voltar ao porto. Talvez dê tempo de pegarmos outro grupo de turistas.

Gjalar acelerou. O drácar deu a volta e desapareceu na escuridão.

Olhei para os meus amigos. Tinha a sensação de que eles não se importariam com outro discurso animador de *Somos uma família de cálices vazios e vamos acabar com eles!*

— Bem — comecei —, depois de fugirmos de um exército de anões, de encararmos um esquilo monstruoso, de matarmos três irmãs gigantas e estriparmos um par de bodes falantes… Será que Fenrir pode mesmo ser assim tão ruim?

— Muito — responderam Sam e Blitz ao mesmo tempo.

Hearthstone fez dois sinais de *ok*, cruzou os pulsos e os abriu. Era o sinal de *horrível.*

— Certo. — Puxei o pingente. A lâmina da espada fez as urzes parecerem ainda mais pálidas e fantasmagóricas. — Jacques, está pronto?

— Cara — disse a espada —, eu fui *forjado* pronto. Mesmo assim, tenho a sensação de que estamos indo direto para uma armadilha.

— Levante a mão — pedi aos outros — quem aqui estiver surpreso com isso.

Ninguém levantou a mão.

— Tá, beleza — disse Jacques. — Desde que vocês tenham consciência de que todos vão morrer em sofrimento e de que estão prestes a dar início ao Ragnarök, estou dentro. Vamos nessa!

SESSENTA E DOIS

O lobinho mau

EU ME LEMBRO da primeira vez que vi a rocha de Plymouth.

Minha reação foi: "É só *isso*?"

O mesmo aconteceu com o Liberty Bell na Filadélfia e com o Empire State em Nova York: de perto, pareciam menores do que imaginei e nem um pouco dignos da fama.

Foi o que senti quando avistei Fenrir.

Eu tinha ouvido tantas histórias terríveis sobre ele: os deuses morriam de medo de alimentá-lo; ele era capaz de arrebentar as correntes mais fortes; havia comido a mão de Tyr; engoliria o sol no Juízo Final, devoraria Odin de uma vez só. Eu esperava um lobo maior do que o King Kong com bafo de lança-chamas, laser disparando raios pelos olhos e pelas narinas.

O que vi na verdade foi um Lobo do tamanho de um lobo.

Paramos na beirada da cratera e olhamos para o vale, onde Fenrir estava sentado, calmo. Ele era maior do que um labrador comum, mas definitivamente não maior do que eu. As pernas eram longas e musculosas, feitas para correr. O pelo cinzento desgrenhado era cheio de tufos pretos. Ninguém o chamaria de *fofo*, não com aquelas presas brancas cintilantes e nem com os ossos que cobriam o chão ao redor das patas dele, mas era um belo animal.

Eu estava torcendo para encontrar o Lobo deitado, amarrado como um porco e preso ao chão com pregos, grampos, fita adesiva e supercola. Mas a Gleipnir o prendia mais como algemas de pé usadas para transportar criminosos. A corda cintilante estava amarrada ao redor das juntas das quatro patas, permitindo mobilidade suficiente para o Lobo se arrastar. Parecia que parte da corda já estivera amarrada ao redor do focinho, como uma focinheira, mas naquele momento estava caída no peito dele em um aro frouxo. A corda sequer parecia presa ao chão. Eu não sabia o que impedia Fenrir de fugir da ilha, a não ser que houvesse uma cerca invisível para cachorros na região.

No fim das contas, se eu fosse o deus Tyr e minha mão tivesse sido arrancada com uma mordida para os outros deuses terem tempo de amarrar o Lobo, eu teria ficado bem irritado com esse trabalho desleixado. Os aesires não tinham *um* deus dos nós decente?

Olhei para os meus amigos.

— Onde está o verdadeiro Fenrir? Isso só pode ser uma armadilha, não é?

— Não. — Sam apertou com tanta força o punho do machado que os nós dos seus dedos ficaram brancos. — É ele. Consigo sentir.

O Lobo se virou na nossa direção, atraído pelas vozes. Os olhos brilharam com uma luz azul familiar que gerou uma sensação de baqueta de xilofone descendo pela minha caixa torácica.

— Bem. — A voz dele era grave e vibrante. Os lábios negros se repuxaram em uma expressão de desprezo bem humana. — O que temos aqui? Os deuses me mandaram um lanche?

Repensei minha impressão do Lobo. Talvez o tamanho fosse comum. Talvez ele não espirrasse raios laser. Mas os olhos eram mais frios e mais inteligentes do que os de qualquer predador que já encontrei, animal ou humano. O focinho tremia como se ele conseguisse sentir o medo no meu hálito. E a voz… a voz escorreu por mim como melado, perigosamente suave e doce. Eu me lembrei do meu primeiro banquete em Valhala, quando os lordes não quiseram que Sam se pronunciasse porque temiam a lábia dos filhos de Loki. Agora entendia.

A última coisa que eu queria era me aproximar do Lobo. Mas o tom dele dizia: *Venham. Somos todos amigos aqui.*

A caldeira devia ter cem metros de largura, o que significava que o Lobo estava bem mais perto do que eu gostaria. O chão era levemente inclinado, mas as urzes sob meus pés eram escorregadias. Eu estava morrendo de medo de perder o equilíbrio e deslizar até as patas da fera.

— Sou Magnus Chase. — Minha voz *não* era suave como melado. Eu me forcei a olhar nos olhos de Fenrir. — Temos um compromisso.

O Lobo mostrou os dentes.

— Temos mesmo, filho de Frey. As crias de vanir têm um aroma tão interessante. Normalmente, eu só devoro os filhos de Thor, Odin ou meu velho amigo Tyr.

— Lamento decepcionar você.

— Ah, você não me decepciona. — O Lobo andou, a corda brilhando entre as patas, reduzindo o ritmo dos passos. — Estou um tanto satisfeito. Espero por isso há muito tempo.

À minha esquerda, Hearthstone bateu duas vezes com o cajado de carvalho branco nas pedras. As plantas de urze ficaram mais claras, uma névoa fina e prateada se erguendo como um sistema de irrigação de gramado. Com a mão livre, Hearth gesticulou: *As flores o mantém cativo. Fiquem perto.*

O lobo Fenrir soltou uma gargalhada.

— O elfo é sábio. Não é poderoso o bastante, não chega nem *perto* de ser páreo para mim, mas está certo sobre as urzes. Não consigo suportar esse negócio. Mas é engraçado… quantos bravos mortais preferem abandonar a segurança das urzes e se aproximar. Eles querem testar sua habilidade contra mim, ou talvez só queiram ter certeza de que ainda estou amarrado. — O Lobo lançou um olhar maldoso para Blitzen. — Seu pai foi um desses. Um anão nobre com a melhor das intenções. Ele se aproximou de mim. E morreu. Os ossos estão em algum lugar por aqui.

Blitzen soltou um grito gutural. Sam e eu tivemos que segurá-lo para impedir que partisse para cima do Lobo com o novo arpão.

— Bem triste, na verdade — refletiu Fenrir. — Bilì era o nome dele, não era? Ele estava certo, claro. Essa corda ridícula está se enfraquecendo há séculos. Houve uma época em que eu não conseguia andar. Depois de alguns séculos, consegui mancar um pouco. Ainda não consigo atravessar as urzes. Quanto mais me afasto do centro da ilha, mais a corda aperta e mais dor eu sinto. Mas é um progresso! A grande mudança aconteceu… ah, faz pouco mais de dois anos, quando finalmente consegui me livrar daquela maldita focinheira!

Sam hesitou.

— Dois anos…

O Lobo inclinou a cabeça.

— Isso mesmo, irmãzinha. Claro que você sabia. Comecei a sussurrar nos sonhos de Odin: que boa ideia seria fazer você, a filha de Loki, uma valquíria! Que ótimo jeito de transformar uma inimiga em potencial em uma valiosa aliada.

— Não — retrucou Sam. — Odin jamais ouviria você.

— Será que não? — O Lobo rosnou de prazer. — Essa é a coisa maravilhosa nas ditas pessoas *boas*. Elas ouvem aquilo em que desejam acreditar. Acham que é a consciência que está sussurrando quando, na verdade, é o Lobo. Ah, você agiu muito bem, irmãzinha, ao trazer Magnus para mim…

— Eu não *trouxe* Magnus para você! — gritou Sam. — E também não sou sua irmãzinha!

— Não? Sinto cheiro de sangue de traidora correndo nas suas veias. Você poderia ser poderosa. Poderia dar muito orgulho ao nosso pai. Por que luta contra isso?

Os dentes do Lobo continuavam afiados como sempre, a expressão maliciosa, também, mas a voz se encheu de solidariedade, decepção e melancolia. O tom dele dizia: *Posso ajudar você. Sou seu irmão.*

Sam deu um passo à frente. Eu segurei o braço dela.

— Fenrir — falei —, você mandou aqueles lobos… na noite que minha mãe morreu.

— Claro.

— Você queria me matar…

— Por que eu iria querer isso? — Os olhos azuis eram piores do que espelhos. Pareciam refletir todos os meus fracassos: minha covardia, minha fraqueza, meu egoísmo ao fugir quando minha mãe mais precisava de mim. — Você foi valioso para mim, Magnus. Mas precisava… de tempero. As dificuldades são maravilhosas para cultivar o poder. E olhe! Você teve sucesso, foi o primeiro filho de Frey forte o bastante para encontrar a Espada do Verão. Você me trouxe a forma de escapar dessas amarras, finalmente.

Fiquei sem chão. Senti como se estivesse de volta em Stanley, o cavalo, despencando sem rédeas, sem sela, sem controle. Durante todo esse tempo, achei que Fenrir quisesse me ver morto.

Que havia sido por isso que os lobos dele atacaram nosso apartamento. Mas o verdadeiro alvo era minha mãe. Ele a matou para me atingir. Essa ideia era ainda pior do que acreditar que ela havia morrido para me proteger. Minha mãe morreu para que esse monstro pudesse me transformar no arauto dele, um semideus capaz de obter a Espada do Verão.

Eu estava tomado de uma fúria tão intensa que não consegui me concentrar.

Na minha mão, a espada começou a zumbir. Percebi por quanto tempo Jacques havia ficado em silêncio. Ela puxou meu braço, me levando para a frente.

— Jacques — murmurei. — Jacques, o que você…?

O Lobo riu.

— Está vendo? A Espada do Verão está destinada a cortar estas amarras. Você não pode impedir. Os filhos de Frey nunca foram guerreiros, Magnus Chase. Você não pode querer controlar a espada e menos ainda lutar contra ela. Sua utilidade está quase no fim. Surt vai chegar em breve. A espada vai voar para a mão dele.

— Erro… — murmurou Jacques, lutando para se soltar da minha mão. — Foi um erro me trazer aqui.

— Sim — disse o Lobo com voz doce. — Sim, foi mesmo, bela espada. Surt acha que isso tudo foi ideia *dele*, sabe. Ele é uma ferramenta imperfeita. Como a maioria dos gigantes do fogo, é muito inflamado, tem mais pose do que cérebro, mas vai servir ao propósito. Vai ficar bem feliz de pegar você.

— Jacques, você é minha espada agora — falei, embora quase não conseguisse segurá-lo com ambas as mãos.

— Cortar a corda… — murmurou Jacques com insistência. — Cortar a corda.

— Ande, Magnus Chase — disse Fenrir. — Por que esperar Surt? Me solte por vontade própria e serei grato. Talvez até poupe você e seus amigos.

Blitzen rosnou mais alto do que o Lobo. Da mochila, tirou a nova corda, Andskoti.

— Eu estava pronto para prender esse vira-lata. Agora, acho que vou estrangulá-lo.

— Concordo — disse Samirah. — Ele morre.

Eu queria mais do que qualquer coisa me juntar a eles. Queria atacar a fera e cortá-la ao meio. A Espada do Verão supostamente tinha a lâmina mais afiada dos nove mundos. Claro que seria capaz de cortar pele de lobo.

Acho que eu teria feito exatamente isso, mas Hearthstone passou o cajado na frente de nós. A runa *perthro* brilhou com luz dourada.

Olhem. A ordem foi mais um tremor do que um som. Eu me virei e fiquei olhando surpreso para Hearthstone.

Os ossos. Ele não usou linguagem de sinais. Não falou. O pensamento simplesmente estava *lá*, limpando minha mente como vento soprando névoa.

Olhei de novo para os esqueletos cobrindo o chão. Todos foram heróis: filhos de Odin, Thor ou Tyr. Anões, humanos, elfos. Todos foram enganados, enfurecidos e encantados por Fenrir. Todos morreram.

Hearthstone era o único de nós que não conseguia ouvir a voz do Lobo. Era o único que estava pensando com clareza.

De repente, a espada ficou fácil de controlar. Não parou de lutar contra mim, mas senti o equilíbrio mudar um pouco a meu favor.

— Não vou soltar você — falei para o Lobo. — E não preciso lutar com você. Vamos esperar Surt. Vamos impedi-lo.

O Lobo farejou o ar.

— Ah… tarde demais para isso. Você não precisa lutar comigo? Pobre mortal… Eu também não preciso lutar com você. Há outros para fazerem isso por mim. Como disse, as pessoas boas são tão fáceis de manipular, estão tão prontas a fazerem o trabalho por mim. Aqui estão algumas delas!

Do outro lado da ilha, uma voz gritou:

— PAREM!

No lado oposto da crista estava nossa velha amiga Gunilla com uma valquíria de cada lado. À esquerda e à direita dela estavam meus antigos colegas de corredor: T.J., Mestiço, Mallory e X, o meio troll.

— Pego no ato de ajudar o inimigo — disse Gunilla. — Vocês assinaram suas sentenças de morte!

SESSENTA E TRÊS

Odeio assinar minha própria sentença de morte

— **ORA, ORA — DISSE** o Lobo. — Não tenho tanta companhia desde minha festa de amarração.

Gunilla segurou a lança. Não olhou para o Lobo, como se ignorá-lo pudesse fazer com que ele sumisse.

— Thomas Jefferson, Jr. — disse ela —, você e seus colegas de corredor vão capturar os prisioneiros. Contornem pela borda, obviamente. Devagar e com cuidado.

T.J. não pareceu feliz, mas assentiu. A jaqueta do exército estava toda abotoada. A baioneta brilhava ao luar. Mallory Keen me olhou de cara feia, mas poderia ser a versão dela de um cumprimento feliz. Os dois foram pela esquerda, contornando a beirada da cratera enquanto as três valquírias mantinham as lanças apontadas para Fenrir.

X foi pela direita, seguido de Mestiço, que estava girando os machados de batalha e assobiando baixinho, como se fizesse uma caminhada agradável por um campo cheio de inimigos caídos.

— Sam — murmurei —, se formos pegos…

— Eu sei.

— Não vai ter ninguém aqui para deter Surt.

— Eu sei.

— Podemos enfrentá-los — disse Blitz. — Eles não estão de armadura, e muito menos de armaduras estilosas.

— Não — falei. — Eles são meus irmãos… irmãos e irmã de escudo. Me deixe tentar falar com eles.

Hearth gesticulou: *Maluco. Você?*

Como era bonita a linguagem de sinais. Ele podia ter tentado dizer: *Você está maluco?* Ou: *Eu estou maluco. Como você!* Decidi interpretar como uma demonstração de apoio.

O lobo Fenrir se sentou e tentou coçar a orelha, o que não era possível com a corda prendendo suas patas.

Ele farejou o ar e sorriu para mim.

— Que companhias interessantes você tem, Magnus Chase. Alguém está se escondendo, mas consigo sentir o cheiro. Quem é ele, hein? Talvez eu faça um verdadeiro banquete hoje, afinal!

Olhei para Sam. Ela pareceu tão perdida quanto eu.

— Foi mal, bola de pelo. Não faço ideia do que você esteja querendo dizer.

Fenrir riu.

— Vamos ver. Eu me pergunto se ele vai ousar mostrar a verdadeira face.

— Chase! — Gunilla tirou um martelo da cartucheira. — Não fale com o Lobo de novo, senão vou afundar seu crânio.

— Gunilla — respondi —, também é ótimo ver você outra vez. Surt está a caminho agora mesmo. Não temos tempo a perder.

— Aliou-se ao lorde do fogo que matou você? Ou será que era parte do plano desde o começo, para fazer você ir para Valhala?

Sam suspirou.

— Para uma filha de Thor, você pensa demais.

— E você, filha de Loki, escuta de menos. Jefferson, depressa!

Meus vizinhos de corredor se aproximaram pelos dois lados.

Mallory estalou a língua.

— Por acaso você surtou ao se aliar a Surt, Chase?

— Inteligente — debochei. — Há quanto tempo você espera para fazer essa piadinha?

Mallory deu um sorrisinho arrogante.

Ao lado dela, X limpou gotas de suor verde da testa.

— A corda do Lobo está frouxa. Isso não é bom.

Do outro lado da cratera, Gunilla gritou:

— Nada de confraternização! Quero todos eles acorrentados!

T.J. tinha quatro algemas penduradas no dedo.

— A questão é a seguinte, Magnus, Gunilla deixou claro que, se não demonstrarmos nossa lealdade à Valhala capturando você, vamos passar os próximos cem anos na sala da caldeira jogando carvão com uma pá. Portanto, se considere preso, blá-blá-blá.

Mestiço sorriu e disse:

— Mas a *outra* questão é: nós somos vikings. Somos péssimos em seguir ordens. Portanto, se considere solto de novo.

T.J. deixou as algemas escorregarem do dedo.

— Ops.

Meu ânimo voltou.

— Você quer dizer…

— Ele quer dizer, seu idiota — resumiu Mallory — que estamos aqui para ajudar.

— Eu amo vocês, pessoal.

— O que precisa que a gente faça? — perguntou T.J.

Sam indicou Blitzen.

— Nosso anão tem uma corda para reamarrar o Lobo. Se conseguirmos…

— Chega! — gritou Gunilla. Dos dois lados dela, as tenentes valquírias prepararam as lanças. — Vou levar *todos* vocês de volta acorrentados, se precisar!

Fenrir uivou de prazer.

— Isso seria delicioso de assistir. Infelizmente, valquíria, você é lenta demais. Meus outros amigos chegaram e não vão fazer prisioneiros.

X olhou para o sul e os músculos do pescoço dele tremeram como cimento recém-despejado.

— Ali.

No mesmo instante, Hearthstone apontou com o cajado, e todo o comprimento de carvalho branco brilhou com fogo dourado.

Na crista à direita, entre as valquírias e nós, uma dezena de gigantes do fogo apareceu. Cada um tinha uns três metros. Usavam armaduras com escamas de couro, carregavam espadas do tamanho de lâminas de colheitadeira e tinham vários machados e facas pendurados no cinto. A pele era de uma variedade de cores vulcânicas: cinza, lava, pedra-pomes, obsidiana. Os campos de urzes podiam ser nocivos para o Lobo, mas não tinham o menor efeito nos gigantes do fogo. Onde quer que pisassem, as plantas queimavam e soltavam fumaça.

No meio da fila estava o próprio consultor de moda do Satanás, o lorde do fogo, Surt, usando um terno bem cortado de três peças feito de cota de malha, uma gravata e uma camisa que parecia tecida em chamas, segurando uma elegante cimitarra incandescente na mão. Estava com ótima aparência, apesar de o nariz ainda estar cortado. Isso ao menos me deixou feliz.

Blitzen trincou os dentes.

— Esse design é meu. Ele *roubou* meu design.

— Magnus Chase! — explodiu a voz de Surt. — Estou vendo que trouxe minha nova espada. Excelente!

Jacques quase pulou da minha mão. Devo ter ficado ridículo tentando controlá-lo, como um bombeiro lutando com uma mangueira de alta pressão.

— Meu mestre… — disse Jacques. — Ele vai ser meu mestre.

Surt riu.

— Entregue a espada e mato você rapidamente. — Ele olhou com desprezo para Gunilla e as duas tenentes valquírias. — Quanto às mocinhas de Odin, não faço promessas.

Fenrir se levantou e se espreguiçou.

— Lorde Surt, por mais que eu goste de atitudes e ameaças, podemos ir direto ao ponto? O luar está passando.

— T.J. — chamei.

— O quê?

— Você perguntou como podia ajudar. Meus amigos e eu precisamos reamarrar Fenrir. Vocês podem manter esses gigantes do fogo ocupados?

T.J. sorriu.

— Subi a colina enfrentando mil e setecentos confederados. Acho que consigo encarar uns gigantes do fogo.

Ele gritou para o outro lado do vale:

— Capitã Gunilla, você está com a gente? Porque prefiro não lutar em outra Guerra Civil.

Gunilla observou o exército de gigantes. Fez uma cara de nojo, como se os achasse ainda mais repugnantes do que eu. Ergueu a lança.

— Morte a Surt! Morte aos inimigos de Asgard!

Ela e as tenentes partiram para cima dos gigantes.

— Acho que estamos em ação — disse T.J. — Preparar baionetas!

SESSENTA E QUATRO

De quem foi a ideia de tornar esse Lobo imortal?

O TREINAMENTO DE combate diário de Valhala finalmente fez sentido para mim. Depois do terror e do caos da guerra no pátio do hotel, eu estava mais preparado para encarar o Lobo e os gigantes do fogo, mesmo não tendo AK-47s e nem o peito pintado com VEM ME PEGAR, MANO!

Mas ainda estava com muita dificuldade de controlar a espada. A única coisa que ajudou foi que Jacques agora parecia dividido entre querer voar para a mão de Surt e na direção do Lobo. Para minha sorte, eu precisava me aproximar de Fenrir.

Sam derrubou o machado que um gigante jogou.

— Sobre reamarrar Fenrir… você tem alguma ideia de como vamos fazer isso?

— Tenho — respondi. — Talvez. Na verdade, não.

Um gigante do fogo disparou na nossa direção. Blitzen estava tão zangado (entre o Lobo se gabando da morte do pai dele e Surt roubando suas ideias originais de moda) que uivou como a Alice Maluca de Chinatown e enfiou o arpão na barriga do gigante. O sujeito cambaleou, arrotando chamas e levando o arpão junto.

Hearthstone apontou para o Lobo. *Ideia*, sinalizou ele. *Me sigam.*

— Achei que precisávamos ficar nas urzes — relembrei.

Hearthstone levantou o cajado. No chão aos pés dele, uma runa se expandiu como uma sombra:

ᛉ

Urzes floresceram ao redor, se abrindo em novos galhos.

— *Algiz* — disse Sam, impressionada. — A runa da proteção. Nunca a vi ser usada.

Parecia que eu estava vendo Hearthstone pela primeira vez. Ele não cambaleou. Não desmaiou. Avançou com confiança, as flores se expandindo como um tapete se desenrolando. Além de Hearth ser imune à voz do Lobo, a magia das runas estava literalmente redesenhando os limites da prisão de Fenrir.

Seguimos para o vale, atrás de Hearthstone. No lado direito da ilha, meus amigos einherjar se chocaram com as forças de Surt. Mestiço Gunderson enfiou o machado no peito de um gigante. X pegou outro cuspidor de fogo e o jogou pela lateral da crista. Mallory e T.J. lutavam um de costas para o outro, atacando e cortando e desviando de jatos de fogo.

Gunilla e as duas tenentes valquírias estavam lutando com o próprio Surt. Entre as lanças brancas brilhantes e a espada flamejante, o combate quase ofuscava de tão claro.

Meus amigos lutaram com valentia, mas estavam em desvantagem; era um contra dois. Os gigantes do fogo não queriam morrer. Até o que Blitzen perfurou com o arpão ainda estava cambaleando pelos arredores, tentando queimar os einherjar com o bafo podre.

— Temos que ir logo — falei.

— Estou aberto a sugestões, garoto — disse Blitzen.

Fenrir andava de um lado para outro, ansioso. Não parecia preocupado de ver que estávamos nos aproximando dele em um tapete de urzes, armados coletivamente com um machado, um cajado branco brilhante, uma espada que não cooperava e um rolo de corda.

— Por favor, venha mesmo aqui — encorajou o Lobo. — Traga essa espada para mais perto.

Blitzen bufou.

— Vou amarrá-lo. Hearth pode me proteger. Magnus e Sam, vocês dois o impedem de arrancar minha cabeça com uma mordida por alguns minutos.

— Péssima ideia — disse Sam.

— Tem alguma melhor? — perguntou Blitz.

— Eu tenho! — Fenrir deu um pulo. Ele poderia ter arrancado meu pescoço, mas o plano não era esse. As patas da frente passaram dos dois lados da minha espada. Jacques cooperou com alegria e partiu a corda no meio.

Sam mirou o machado entre as orelhas do Lobo, mas Fenrir pulou para longe. As patas de trás ainda estavam presas, mas as da frente estavam livres. O pelo do Lobo soltava fumaça por causa do contato com as urzes. Bolhas se formaram nas quatro patas dele, mas Fenrir parecia feliz demais para se importar.

— Ah, que maravilha — disse ele. — Só as patas de trás agora, por favor. Aí, podemos dar início ao Ragnarök!

Toda a fúria crescida dentro de mim durante dois anos fervilhou.

— Blitz — falei —, faça o que tiver que fazer. Eu vou arrancar os dentes desse vira-lata.

Corri para cima do Lobo, possivelmente a pior ideia que já tive na vida. Sam atacou ao meu lado.

Fenrir podia ser do tamanho de um lobo normal, mas sua velocidade e força eram inigualáveis mesmo com as patas de trás amarradas.

Assim que saí da extremidade das urzes, ele se tornou um borrão de garras e dentes. Eu tropecei e caí, e meu peito se abriu em diversos cortes. Fenrir teria me partido ao meio se o

machado de Sam não o tivesse derrubado.

O Lobo rosnou.

— Você não pode me ferir. Os *deuses* não conseguiram. Você não acha que eles teriam cortado a minha garganta se pudessem? Meu destino está decidido. Até o Ragnarök, sou imortal!

— Deve ser legal. — Levantei-me com dificuldade. — Mas isso não vai me impedir de tentar.

Infelizmente, Jacques não estava ajudando. Cada vez que eu procurava atacar, a espada se virava e desviava, fazendo de tudo para cortar a corda ao redor das patas traseiras do Lobo. Minha luta com Fenrir era mais um jogo de manter a distância.

Blitzen deu um pulo com a ponta de Andskoti amarrada em um nó. Tentou prender as ancas do Lobo, mas era como se estivesse se movendo em câmera lenta. Fenrir deu um passo para o lado para desviar de outro ataque do machado de Sam. O Lobo fez um corte no pescoço de Blitzen, e o anão caiu de cara no chão. A corda saiu rolando.

— NÃO! — gritei.

Fui na direção de Blitzen, mas Hearthstone foi mais rápido.

Ele bateu com o cajado na cabeça de Fenrir. Fogo dourado ardeu. O Lobo cambaleou para longe, choramingando de dor. Uma marca de runa agora ardia na testa dele, uma flecha simples queimada no pelo cinza:

↑

— *Tiwaz?* — rosnou o Lobo. — Você *ousa* me atacar com a runa de Tyr?

O Lobo partiu para cima de Hearthstone, mas pareceu bater em uma barreira invisível. Ele oscilou e uivou.

Sam apareceu ao meu lado. O machado havia sumido. O olho esquerdo estava tão inchado que ela não conseguia abri-lo, e o hijab estava em farrapos.

— Hearth usou a runa do sacrifício — disse ela, com voz tremendo. — Para salvar Blitz.

— O que isso quer dizer? — perguntei.

Hearth caiu de joelhos e se apoiou no cajado. Ainda assim, conseguiu se colocar entre o anão e o Lobo.

— Você sacrificou sua força para proteger seu amigo? — O Lobo riu. — Ótimo. Aprecie seu feitiço. O anão já está morto. Sua própria magia de runa o condenou. Você pode ficar assistindo enquanto eu cuido das minhas outras presas deliciosas.

Ele mostrou os dentes para nós.

Do outro lado do campo, a batalha não ia bem.

Uma das valquírias de Gunilla estava caída sem vida nas pedras. A outra estava com a armadura queimando da espada de Surt. Gunilla enfrentava o lorde do Fogo sozinha, movendo a

lança como um chicote de luz, mas aquilo não duraria muito. As roupas estavam fumegando, e seu escudo, chamuscado e rachado.

Os einherjar estavam cercados. Mestiço tinha perdido um dos machados. Estava coberto de tantas queimaduras e cortes que não entendi como ainda podia estar vivo, mas ele continuava lutando e rindo enquanto atacava gigantes. Mallory se apoiava em um dos joelhos, soltando palavrões enquanto defendia ataques de três gigantes ao mesmo tempo. T.J. balançava o rifle loucamente. Até X parecia pequeno em comparação aos inimigos se amontoando ao redor dele.

Meu coração palpitou. Eu conseguia sentir meus poderes de einherji em ação, tentando fechar os ferimentos no meu peito, mas sabia que Fenrir me mataria mais rápido do que eu poderia me curar.

O Lobo farejou, sem dúvida percebendo minha fraqueza.

— Ah, que ótimo — disse ele, rindo. — Boa tentativa, Magnus, mas os filhos de Frey nunca foram guerreiros. Tudo que me resta agora é devorar meus inimigos. Adoro essa parte!

SESSENTA E CINCO

Odeio essa parte

AS COISAS MAIS estranhas podem salvar sua vida. Como leões. Ou lenços à prova de balas.

Fenrir pulou no meu rosto. Escapei inteligentemente caindo sentado. Um borrão pulou no Lobo e o derrubou.

Dois animais lutaram pelo campo cheio de ossos, em uma movimentação de dentes e garras. Quando se separaram, percebi que Fenrir estava enfrentando uma leoa com um olho inchado.

— Sam! — gritei.

— Pegue a corda. — Ela manteve o olhar grudado no inimigo. — Preciso ter uma conversinha com meu irmão.

O fato de Sam conseguir falar estando em forma de leoa me assustou mais do que ela ter virado uma leoa. Os lábios dela se moviam de uma forma muito humana. Os olhos estavam da mesma cor. A voz também ainda era a mesma.

Os pelos do pescoço de Fenrir ficaram eriçados.

— Então você aceita sua herança de nascimento diante da morte, irmãzinha?

— Eu aceito quem sou — disse ela. — Mas não como você está dizendo. Sou Samirah al-Abbas. Samirah do Leão.

Ela pulou no Lobo. Eles se atacaram, morderam, chutaram e uivaram. Eu já tinha ouvido o termo arranca-rabo, mas nunca havia percebido o quanto isso podia ser horrível. Os dois animais selvagens estavam tentando se destruir. E um desses animais era minha amiga.

Meu primeiro instinto foi partir para a batalha. Mas não daria certo.

Freya tinha me dito que matar era o menor dos poderes da espada.

Os filhos de Frey nunca foram guerreiros, dissera o Lobo.

Então, o que eu *era*?

Blitzen rolou, grunhindo. Hearthstone verificou desesperadamente o pescoço do anão.

O lenço estava cintilando. De alguma forma, passou de seda amarela a metal trançado, deixando o pescoço de Blitzen intacto. Era realmente um adereço à prova de balas.

Não pude deixar de sorrir. Blitz estava vivo. Devido ao seu ofício.

Blitz não era um guerreiro. Nem eu. Mas havia outros jeitos de se vencer uma batalha.

Peguei o rolo de corda. Parecia neve tecida, impossivelmente macia e fria. Na outra mão, a espada ficou parada.

— O que estamos fazendo? — perguntou Jacques.

— Decidindo coisas.

— Ah, legal. — A espada tremeu, como se estivesse se espreguiçando depois de uma soneca. — E como isso está indo?

— Melhor. — Enfiei a ponta da espada no chão. Jacques não tentou sair voando. — Surt pode pegar você um dia — falei —, mas ele não entende seu poder. Eu entendo agora. Somos uma equipe.

Amarrei a corda Andskoti no punho de Jacques e apertei bem. A batalha pareceu sumir ao meu redor. Parei de pensar em como combater o Lobo. Ele não podia ser morto, pelo menos não agora, não por mim.

Então, me concentrei no calor que sentia sempre que curava alguém: no poder de crescimento e vida, no poder de Frey. As Nornas me disseram nove dias antes: *O sol irá para o leste.*

Aquele lugar era todo noite, inverno e luar prateado. Eu precisava trazer o sol do verão.

O lobo Fenrir sentiu a mudança no ar. Ele atacou Sam e a jogou rolando pelo gramado de ossos. O focinho dele estava todo ensanguentado. A runa de Tyr brilhava feia e preta na testa dele.

— O que você está tramando, Magnus? Nada disso!

O Lobo atacou, mas, antes que pudesse me alcançar, caiu no chão, se retorcendo e uivando de dor.

Fui envolvido em luz, a mesma aura dourada de quando curei Sam e Hearthstone em Jötunheim. Não era quente como os fogos de Muspellheim. Não era particularmente intensa, mas estava claro que causava dor no Lobo. Ele rosnou e andou, apertando os olhos para mim como se eu tivesse virado um holofote.

— Pare com isso! — uivou. — Você está tentando me matar de *irritação*?

A leoa Sam se levantou com dificuldade. Estava com um corte horrível no flanco. O rosto parecia ter batido na traseira de um trator.

— Magnus, o que você está fazendo?

— Trazendo o verão.

Os cortes no meu peito se fecharam. Minha força voltou. Meu pai era o deus da luz e do calor. Lobos eram criaturas da escuridão. O poder de Frey podia controlar Fenrir do mesmo jeito que controlava os extremos de fogo e gelo.

Fincado no chão, Jacques zumbiu de satisfação.

— Verão. É, eu me lembro do verão.

Desenrolei Andskoti até se esticar atrás de Jacques como uma linha de pipa.

Encarei o Lobo.

— Um velho anão me disse uma vez que os materiais mais poderosos de confecção são paradoxais. Esta corda é feita deles. Mas tenho mais um, o paradoxo final que vai prender você: a Espada do Verão, a arma que não foi feita para ser uma arma, a lâmina que funciona melhor quando está livre.

Desejei que Jacques voasse e confiei que ele faria o resto.

Ele poderia ter cortado as sobras das cordas do Lobo. Poderia ter atravessado o campo de batalha direto para as mãos de Surt, mas não o fez. Passou por debaixo da barriga do Lobo e amarrou a corda Andskoti ao redor das patas dele tão depressa que Fenrir sequer teve tempo de reagir, prendendo-o e derrubando-o.

O uivo do Lobo fez a ilha estremecer.

— Não! Eu não vou…!

A espada girou ao redor do focinho. Jacques deu um nó na corda em uma pirueta aérea e voltou para mim, com a lâmina brilhando de orgulho.

— Como fui, chefe?

— Jacques, você é uma espada incrível.

— Ah, eu *sei* disso. Mas e o trabalho com as cordas, hein? Aquele ali é um perfeito nó de pescador, e eu nem tenho mãos.

Sam cambaleou na nossa direção.

— Você conseguiu! Você… Ugh.

A leoa se transformou na velha Sam de sempre; muito ferida, o rosto maltratado e o corpo encharcado de sangue. Antes que ela caísse, eu a peguei e arrastei para longe do Lobo. Mesmo amarrado, ele se debateu e espumou. Eu não queria me aproximar mais do que o necessário.

Hearthstone cambaleou atrás de mim, segurando Blitzen. Nós quatro caímos juntos em um tapete de urzes.

— Vivo — falei. — Eu não estava esperando isso.

Nosso momento de triunfo durou mais ou menos… bem, foi um momento mesmo.

Os sons da batalha ficaram mais altos e mais claros ao redor, como se uma cortina tivesse sido arrancada. A magia de proteção de Hearthstone podia ter nos dado proteção adicional contra o Lobo, mas também tinha nos isolado da luta com os gigantes do fogo… e meus amigos einherjar não estavam indo bem.

— Para a valquíria! — gritou T.J. — Vamos!

Ele cambaleou pela crista, enfiando a baioneta em um gigante do fogo e tentando chegar a Gunilla. Durante todo esse tempo, enquanto cuidávamos do Lobo, a capitã das valquírias deteve Surt. Agora, ela estava no chão, segurando a lança com fraqueza sobre o corpo quando Surt levantou a cimitarra.

Mallory cambaleou, desarmada, distante e ensanguentada demais para ajudar. X estava tentando sair de debaixo de uma pilha de cadáveres de gigantes. Mestiço Gunderson estava

sentado, sangrando e sem se mexer, apoiado em uma pedra.

Percebi tudo isso em uma fração de segundo. Com a mesma rapidez, vi que Hearth, Blitz, Sam e eu não chegaríamos a tempo de fazer alguma coisa.

Mesmo assim, peguei a espada e me levantei. Cambaleei na direção de Gunilla. Nossos olhares se encontraram acima do campo, e a última expressão dela foi de resignação e raiva: *Faça valer a pena.*

O lorde do Fogo fincou a cimitarra.

SESSENTA E SEIS

Sacrifícios

NÃO SEI POR que fiquei tão arrasado.

Eu nem gostava de Gunilla.

Mas, quando vi Surt de pé em cima do corpo sem vida dela, os olhos ardendo de triunfo, senti vontade de cair na pilha de ossos e ficar lá até o Ragnarök.

Gunilla estava morta. As tenentes dela estavam mortas. Eu nem sabia seus nomes, mas elas sacrificaram a própria vida para que eu ganhasse tempo. Mestiço estava morto ou morrendo. Os outros einherjar não estavam muito melhores. Sam e Blitz e Hearth não tinham condições de lutar.

E Surt ainda estava de pé, tão forte como sempre, a espada incandescente a postos. Três dos gigantes do fogo dele também estavam vivos e armados.

Depois de tudo pelo que passamos, o lorde do Fogo podia me matar, pegar minha espada e soltar o Lobo.

A julgar pelo sorriso no rosto, Surt esperava fazer exatamente isso.

— Estou impressionado — admitiu. — O Lobo me disse que você tinha potencial. Acho que nem Fenrir esperava que você se saísse tão bem.

O Lobo se debateu com a corda mágica nova.

A alguns metros do lorde do Fogo, T.J. se agachou, a baioneta preparada. Ele olhou para mim, esperando meu sinal. Eu sabia que ele estava pronto para atacar uma última vez, distrair os gigantes se fosse para me ajudar, mas eu não podia deixar mais uma pessoa morrer.

— Vá agora — falei para Surt. — Volte para Muspellheim.

O lorde do Fogo jogou a cabeça para trás e gargalhou.

— Corajoso até o fim! Não mesmo, Magnus Chase. Você vai queimar.

Ele esticou a mão. Uma coluna de fogo disparou na minha direção.

Permaneci imóvel.

Imaginei que estava com a minha mãe em Blue Hills no primeiro dia de primavera, a luz do sol aquecendo minha pele, derretendo delicadamente três meses de frio e escuridão para fora do meu corpo.

Minha mãe se virou para mim com um sorriso radiante: *É aqui que estou, Magnus. Nesse momento. Com você.*

Uma sensação de serenidade me ancorou. Eu me lembrei da minha mãe me contando uma vez que as casas em Back Bay, assim como a antiga casa da nossa família, foram construídas em uma área aterrada. De tempos em tempos, engenheiros tinham que colocar novos pilares debaixo da base para impedir que os prédios desabassem. Eu sentia como se meus pilares tivessem sido reforçados. Estava sólido.

As chamas de Surt passaram por mim. Perderam a intensidade. Não eram nada além de chamas fantasmagóricas, tão inofensivas quanto borboletas.

Aos meus pés, começaram a florescer urzes, flores brancas se espalhando pela paisagem, retomando as áreas pisoteadas e queimadas onde os guerreiros de Surt tinham passado, fazendo o sangue desaparecer, cobrindo os corpos dos gigantes mortos.

— A batalha acabou — declarei. — Eu consagro este chão em nome de Frey.

As palavras enviaram uma onda de choque em todas as direções. Espadas, adagas e machados voaram das mãos dos gigantes. O rifle de T.J. voou da mão dele. Até as armas que estavam no chão foram jogadas para fora da ilha e explodiram na escuridão como estilhaços.

O único que continuou segurando uma arma fui eu.

Sem a cimitarra incandescente, Surt não pareceu tão confiante.

— Truques e magia infantil! — vociferou. — Você não pode me derrotar, Magnus Chase. Essa espada vai ser minha!

— Não hoje.

Joguei a espada. Ela espiralou na direção de Surt e passou por cima da cabeça do gigante. Ele tentou pegá-la, mas não conseguiu.

— O que foi isso? — O gigante riu. — Um ataque?

— Não — declarei. — É a sua saída.

Atrás de Surt, Jacques cortou o ar e abriu o tecido entre os mundos. Um zigue-zague de fogo queimava na crista. Meus ouvidos estalaram. Como alguém sendo ejetado de uma cabine pressurizada de avião, Surt e os outros gigantes do fogo foram sugados aos berros para a abertura, que se fechou quando eles passaram.

— Tchauzinho! — gritou Jacques. — Até outra hora!

Não fosse pelo rosnado ultrajado do Lobo, a ilha estaria em silêncio.

Cambaleei pelo campo e caí de joelhos na frente de Gunilla. Na mesma hora vi que a capitã das valquírias estava morta. Os olhos azuis miravam a escuridão. A cartucheira estava vazia, sem martelos. A lança branca jazia quebrada sobre o peito.

Meus olhos arderam.

— Me desculpe.

Por quinhentos anos, ela ficou em Valhala, colhendo as almas dos mortos, se preparando para a batalha final. Lembrei de como ela me repreendeu: *Mesmo olhando para Asgard, você não tem senso de reverência.*

Na morte, o rosto tinha um ar de surpresa e admiração. Eu torcia para que ela estivesse vendo Asgard do jeito que desejava, cheia de aesires, com todas as luzes acesas na mansão do pai dela.

— Magnus — chamou T.J. —, temos que ir.

Ele e Mallory estavam lutando para carregar Mestiço Gunderson. X conseguiu sair de debaixo da pilha de cadáveres de gigantes do fogo e estava agora carregando as duas outras valquírias mortas. Blitz e Hearthstone se aproximaram, cambaleando juntos, com Sam logo atrás.

Peguei o corpo da capitã valquíria. Ela não era leve, e minha força estava sumindo de novo.

— Temos que nos apressar — disse T.J. o mais delicadamente que conseguiu, mas ouvi a urgência no tom dele.

O chão estava se movendo sob meus pés. Percebi que minha aura cintilante havia feito mais do que cegar o Lobo. A luz do sol tinha afetado a textura da ilha. Ela devia desaparecer ao amanhecer. Minha magia acelerou o processo, fazendo o chão se dissolver na névoa esponjosa.

— Só temos alguns segundos — disse Sam, ofegante. — Vamos.

Naquele momento, eu não me sentia nem um pouco capaz de ter uma explosão de velocidade, mas, de alguma forma, carregando Gunilla, segui T.J. na direção da margem.

SESSENTA E SETE

Mais uma vez, por um amigo

— **NÓS TEMOS UM** barco de Frey! — gritou T.J.

Eu não fazia ideia do que era um barco de Frey. Não vi nenhum barco na praia, mas estava exausto demais para perguntar. Parecia que os extremos de calor e frio que tolerei durante a vida inteira estavam agora se vingando. Minha testa ardia de febre. Meus olhos pareciam ferver. Meu peito era um bloco de gelo.

Saí andando. O chão ficou mais macio. A praia afundou. As ondas se aproximaram. Os músculos dos meus braços gritavam sob o peso da capitã das valquírias.

Comecei a tombar para o lado. Sam segurou meu braço.

— Só mais um pouco, Magnus. Fique comigo.

Chegamos à praia. T.J. pegou um pedaço de tecido que parecia um lenço e jogou no mar. Na mesma hora, o pano se abriu. Em uns dez segundos, um drácar viking de tamanho real oscilava nas ondas com dois remos enormes, um mastro com entalhe de javali e uma vela verde com o logo do Hotel Valhala. Na lateral da proa, em letras brancas, estava escrito: VEÍCULO DE CORTESIA DO HOTEL VALHALA.

— Entrem!

T.J. pulou a bordo primeiro e esticou os braços para pegar Gunilla.

A areia molhada prendia meus pés, mas acabei conseguindo subir pela amurada. Sam cuidou para que todos subissem em segurança. Em seguida, subiu também.

Um zumbido profundo reverberou pela ilha, como um amplificador de baixo no máximo. A Ilha das Urzes afundou debaixo das ondas pretas. A vela da embarcação se armou sozinha. Os remos entraram em ação, e o navio virou para oeste.

Blitzen e Hearthstone desabaram na proa. Começaram a discutir sobre qual dos dois tinha corrido mais riscos idiotas, mas estavam tão cansados que o debate virou uma competição de cutucadas sem entusiasmo, como dois alunos de segundo ano.

Sam ficou de joelhos ao lado de Gunilla. Cruzou os braços da capitã das valquírias sobre o peito e fechou delicadamente os olhos azuis.

— E as outras? — perguntei.

X baixou a cabeça.

Ele havia colocado as duas valquírias perto do leme, mas ficou claro que estavam mortas. Dobrou os braços delas como Sam fez com Gunilla.

— Guerreiras corajosas.

Ele tocou na testa delas com carinho.

— Eu não as conhecia — falei.

— Margaret e Irene. — A voz de Sam falhou. — Elas… elas nunca gostaram muito de mim, mas… eram boas valquírias.

— Magnus — chamou T.J. do meio do navio —, precisamos de você.

Ele e Mallory estavam ajoelhados ao lado de Mestiço Gunderson, cuja força berserker falhava agora. O peito era uma colcha de retalhos horrorosa, cheia de cortes e queimaduras. O braço esquerdo estava em um ângulo nada natural. A barba e o cabelo estavam manchados de sangue e com pedacinhos de urze.

— Boa… luta — disse ele, ofegando.

— Não fale, seu idiota! — disse Mallory, chorando. — Como *ousa* se machucar assim?

Ele deu um sorriso sonolento.

— Desculpe… Mãe.

— Aguente firme — disse T.J. — Podemos levar você de volta a Valhala. E então, se… se alguma coisa acontecer, você pode renascer.

Coloquei a mão no ombro de Mestiço. Senti um dano tão severo que quase me afastei. Era como enfiar a mão em uma tigela cheia de estilhaços de vidro.

— Não temos tempo — falei. — Ele está morrendo.

Mallory engasgou com as lágrimas.

— Você não pode. Não. Mestiço Gunderson, eu odeio tanto você.

Ele tossiu. Os lábios dele ficaram manchados de sangue.

— Também odeio você, Mallory Keen.

— Segurem-no para que fique parado — pedi. — Vou fazer o possível.

— Garoto, pense bem — disse Blitz. — Você já está fraco.

— Tenho que fazer isso.

Projetei meus sentidos e avaliei os ossos quebrados de Mestiço, a hemorragia interna, os órgãos feridos. O medo tomou conta de mim. Era muita coisa, ele estava próximo demais da morte. Eu precisava de ajuda.

— Jacques — chamei.

A espada pairou ao meu lado.

— Chefe?

— Mestiço está morrendo. Vou precisar da sua força para ajudar a curá-lo. Você pode fazer isso?

A espada zumbiu, nervosa.

— Posso. Mas, chefe, assim que você me segurar…

— Eu sei. Vou ficar ainda mais exausto.

— Não foi só amarrar o Lobo — avisou Jacques. — Eu também ajudei com a aura de luz dourada, que, se me permite dizer, foi bem legal. E houve também a Paz de Frey.

— A paz… — Percebi que ele estava falando do choque que desarmou todo mundo, mas não tinha tempo para me preocupar com isso. — Tudo bem. Sim. Temos que agir agora.

Peguei a espada. Minha visão ficou turva. Se já não estivesse sentado, teria caído. Lutei contra a náusea e a tontura e coloquei a espada com a parte achatada no peito de Mestiço.

Uma onda de calor se espalhou por mim. A luz transformou a barba de Mestiço em ouro vermelho. Enviei minhas últimas forças pelas veias dele, consertando os danos, fechando os ferimentos.

Depois disso, me lembro apenas de estar deitado de costas no convés, olhando uma vela verde tremendo ao vento enquanto meus amigos me sacudiam e gritavam meu nome.

Em seguida, estava de pé em uma campina ensolarada na beira de um lago, sob o céu azul. Uma brisa quente bagunçava meu cabelo.

Em algum lugar atrás de mim, uma voz masculina disse:

— Bem-vindo.

SESSENTA E OITO

Não seja um mané, cara

ELE PARECIA UM viking de Hollywood. Parecia mais o Thor dos filmes do que o próprio Thor.

O cabelo louro batia nos ombros. O rosto bronzeado, os olhos azuis, o nariz adunco e a barba curta teriam combinado igualmente bem no tapete vermelho ou nas praias de Malibu.

Ele estava sentado em um trono feito de galhos de árvore, com o assento coberto de pele de cervo. No colo havia uma espécie de cetro, um chifre de cervo enrolado em tiras de couro.

Quando sorriu, vi meu sorrisinho tímido, meu queixo. Ele até tinha o mesmo redemoinho acima da orelha direita.

Entendi por que minha mãe se apaixonou por ele. Não foi só porque era bonito, nem porque a calça jeans surrada, a camisa de flanela e as botas de caminhada eram bem o estilo dela. Ele irradiava calor e tranquilidade. Cada vez que curei alguém, cada vez que invoquei o poder de Frey, eu capturei um fragmento da aura dele.

— Pai — falei.

— Magnus. — O deus se levantou. Seus olhos brilharam, mas ele não pareceu saber direito o que fazer com os braços. — Estou tão feliz de finalmente poder conhecê-lo. Eu… eu daria um grande abraço em você, mas imagino que não seria bem-vindo. Entendo que precise de mais tempo…

Corri até Frey e dei um abraço de urso nele.

Isso não era o tipo de coisa que eu fazia, principalmente com estranhos.

Mas ele não era um estranho. Eu o conhecia tão bem quanto conhecia minha mãe. Pela primeira vez, entendi por que ela insistiu tanto em me levar para caminhar no meio do mato e acampar. Cada vez que estávamos na floresta em um dia de verão, cada vez que o sol aparecia atrás das nuvens, Frey esteve presente.

Talvez eu devesse me ressentir dele, mas não o fiz. Depois de perder minha mãe, eu não tinha tempo para ressentimentos. Meus anos nas ruas me ensinaram que não adiantava choramingar e remoer o que se poderia ter tido, o que eu merecia, o que era justo. Só estava feliz de ter aquele momento.

Ele aninhou a mão com delicadeza na minha nuca. O cheiro dele era de fumaça de acampamento, agulhas de pinheiro e marshmallows torrados. Será que havia marshmallows em Vanaheim?

Pensei de repente no motivo de eu estar ali. Eu estava morto. Ou, pelo menos, morrendo.

Então eu me afastei.

— Meus amigos…

— Estão bem. Você ficou à beira da morte tentando curar um berserker, mas ele vai sobreviver. E você também. Você se saiu bem, Magnus.

O elogio de Frey me deixou desconfortável.

— Três valquírias morreram. Eu quase perdi todos os meus amigos. Tudo que fiz foi amarrar o Lobo com uma corda nova e enviar Surt de volta a Muspellheim, e Jacques cuidou de todo o trabalho pesado. Nada mudou de verdade.

Frey riu.

— Magnus, você mudou *tudo*. Você, o portador da espada, está moldando o destino dos nove mundos. Quanto às mortes das valquírias… foi um sacrifício que elas estavam dispostas a fazer. Não as desonre sentindo culpa. Você não pode impedir todas as mortes, tanto quanto eu não posso impedir que o verão vire outono… tanto quanto não posso impedir o *meu* destino no Ragnarök.

— Seu destino… — Segurei a runa, agora de volta à corrente. — Estou com sua espada. Você não…?

Frey balançou a cabeça.

— Não, filho. Como sua tia Freya falou, eu nunca mais poderei empunhar a Espada do Verão. Pergunte à própria espada se quiser ter certeza.

Puxei o pingente. Jacques ganhou vida e começou a destilar uma série de insultos que não posso repetir aqui.

— E mais! — gritou ele. — Me entregar para se casar com uma giganta! Cara, o que você estava pensando? Espadas primeiro, gatas depois, sabe como é?

Frey sorriu com tristeza.

— Oi, velho amigo.

— Ah, agora somos amigos de novo? — questionou a espada. — Não. Hã-hã. A gente terminou. — Jacques fez uma pausa. — Mas seu filho é legal. Gosto dele. Desde que não esteja planejando me trocar para se casar com uma giganta.

— Isso não está na minha lista de coisas a fazer — prometi.

— Então estamos bem. Mas, quanto a esse seu pai lamentável, esse mané traidor…

Fiz a espada voltar à forma de pingente.

— Mané?

Frey deu de ombros.

— Eu fiz minha escolha há muito tempo. Entreguei a espada por amor.

— Mas, no Ragnarök, você vai morrer porque não vai estar com ela.

Ele levantou o chifre de cervo.

— Vou lutar com isto.

— Um chifre?

— Saber seu destino é uma coisa. Aceitar é bem diferente. Vou fazer o que tiver que fazer. Com este chifre, vou matar muitos gigantes, até Beli, um dos grandes generais. Mas você está certo. Não vai ser o suficiente para derrotar Surt. No final, vou morrer.

— Como pode falar isso com tanta calma?

— Magnus… nem os deuses podem viver para sempre. Não gasto energia tentando lutar contra a mudança das estações. Eu me contento em cuidar para que os dias que tenho, a estação que supervisiono, sejam os mais alegres, intensos e abundantes possível. — Ele tocou meu rosto. — Mas você já entende isso. Nenhum filho de Thor ou Odin ou mesmo do nobre Tyr poderia ter resistido às promessas de Hel. As palavras adocicadas de Loki. Você resistiu. Só um filho de Frey, com a Espada do Verão, poderia escolher se desprender do passado como você fez.

— Me desprender… Minha mãe…

— É. — Frey pegou uma coisa no trono, um jarro selado de cerâmica do tamanho de um coração. Ele o colocou em minhas mãos. — Sabe o que ela ia querer?

Eu não conseguia falar. Assenti, torcendo para que minha expressão deixasse claro o quanto estava agradecido.

— Você, meu filho, vai trazer esperança para os nove mundos. Já ouviu o termo veranico? Você vai ser nossa última estação assim, uma chance de calor, luz e crescimento antes do longo inverno do Ragnarök.

— Mas… — Eu pigarreei. — Mas sem pressão.

Frey mostrou um sorriso de dentes brancos brilhantes.

— Exatamente. Muita coisa precisa ser feita. Os aesires e vanires estão espalhados. Loki está ficando mais poderoso. Mesmo preso, ele nos jogou uns contra os outros, nos distraiu, nos fez perder o foco. Sou culpado também. Por tempo demais, fiquei afastado do mundo dos homens. Só sua mãe conseguiu… — Ele se concentrou no jarro nas minhas mãos. — Bem, depois de todo o meu discurso sobre não se prender ao passado… — Ele deu um sorriso pesaroso. — Ela era uma alma vibrante. Teria muito orgulho de você.

— Pai… — Eu não tinha mais o que dizer. Talvez só quisesse experimentar a palavra de novo. Nunca tive muita experiência em usá-la. — Não sei se sou capaz de fazer tudo isso.

Do bolso da camisa de flanela, ele tirou um pedaço de papel amassado, o panfleto que dizia DESAPARECIDO que Annabeth e o pai distribuíram no dia que eu morri. Frey o entregou para mim.

— Você não estará sozinho. Agora, descanse, meu filho. Prometo que não vai demorar mais dezesseis anos para nos encontrarmos de novo. Enquanto isso, você devia ligar para a sua prima. Deviam conversar. Você vai precisar da ajuda dela antes de tudo isso acabar.

Esse final pareceu um pouco ameaçador, mas não tive chance de perguntar nada. Pisquei, e Frey tinha sumido. Eu estava sentado no drácar de novo, segurando o panfleto e o jarro de cerâmica. Ao meu lado estava Mestiço Gunderson, tomando uma caneca de hidromel.

— Ah. — Ele me deu um sorriso sangrento. A maior parte das feridas dele já havia cicatrizado. — Devo minha vida a você. Que tal eu pagar o jantar?

Pisquei e olhei ao redor. Nosso navio tinha atracado em Valhala, em um dos rios que atravessavam o saguão. Eu não fazia ideia de como chegamos lá. Meus amigos estavam no píer, falando com Helgi, o gerente do hotel, com expressões sombrias, enquanto observavam desembarcarem os corpos das três valquírias mortas.

— O que está acontecendo?

Mestiço esvaziou a caneca.

— Fomos chamados ao Salão de Banquete para nos explicarmos perante os lordes e o restante dos einherjar. Espero que nos deixem comer antes de nos matarem de novo. Estou morrendo de fome.

SESSENTA E NOVE

Ah… Então foi *esse* o cheiro que Fenrir sentiu no capítulo sessenta e três

ACHO QUE PERDEMOS um dia inteiro voltando a Valhala, porque quando chegamos o jantar estava sendo servido no Salão de Banquete dos Mortos. Valquírias voavam com jarras de hidromel. Os einherjar jogavam pão e Saehrímir assado uns nos outros. Grupos de músicos tocavam espalhados pela sala.

A agitação foi parando conforme nosso grupo se encaminhou na direção da mesa dos lordes. Uma guarda honorária das valquírias carregava os corpos de Gunilla, Irene e Margaret, cobertos com linho branco, sobre macas. Eu tinha esperanças de que os mortos pudessem voltar à vida ao chegar em Valhala. As valquírias não podiam se tornar einherjar? Mas não aconteceu.

Mallory, X, T.J. e Mestiço seguiram as macas. Sam, Blitzen, Hearth e eu ficamos no final da fila.

Os guerreiros nos olhavam de cara feia conforme passávamos. As expressões das valquírias eram ainda piores. Fiquei surpreso de não sermos atacados antes de chegarmos aos lordes. Acho que as pessoas queriam nos ver humilhados publicamente. Elas não tinham noção do que havíamos feito. Sabiam apenas que éramos traidores que haviam fugido e foram trazidos de volta para julgamento, com o corpo de três valquírias. Não estávamos algemados, mas eu arrastava os pés como se a corda Andskoti estivesse enrolada nos meus tornozelos. O jarro de cerâmica estava aninhado no braço. Independente do que acontecesse, eu não podia perdê-lo.

Paramos na frente da mesa dos lordes. Erik, Helgi, Leif e todos os outros Eriks tinham uma expressão sombria. Até meu velho amigo Hunding, o porteiro, parecia em choque e decepcionado, como se eu tivesse roubado a barra de chocolate dele.

Helgi finalmente falou:

— Expliquem.

Não vi motivo para esconder nada. Não falei alto, mas minhas palavras ecoaram pelo salão. Quando cheguei na luta com Fenrir, minha voz falhou. Sam prosseguiu com a história.

Quando ela terminou, os lordes ficaram em silêncio. Não consegui interpretar o que estavam sentindo. Talvez estivessem mais inseguros do que enfurecidos, mas não importava. Apesar da

minha conversa com meu pai, eu não sentia orgulho do que fizemos. Só estava vivo porque as três valquírias na minha frente impediram que os gigantes do fogo se aproximassem enquanto prendíamos o lobo. Nenhuma punição dos lordes podia me fazer sentir pior do que isso.

Finalmente, Helgi se levantou.

— Essa é a questão mais séria que chega a esta mesa em muitos anos. Se vocês falam a verdade, realizaram feitos dignos de guerreiros. Impediram que o lobo Fenrir se libertasse. Enviaram Surt de volta a Muspellheim. Mas agiram como desertores, sem permissão dos lordes e… em companhia questionável. — Ele olhou com desprezo para Hearth, Blitz e Sam. — A lealdade, Magnus Chase… a lealdade a Valhala é tudo. Os lordes precisam discutir isso em particular antes de chegarem a um veredito, a não ser que Odin deseje interceder.

Ele olhou para o trono de madeira, que obviamente estava vazio. Empoleirados no encosto, os corvos me observaram com os olhos pretos brilhantes.

— Muito bem — continuou Helgi, suspirando. — Nós…

À minha esquerda, alguém disse:

— Odin deseja interceder.

Murmúrios nervosos se espalharam pelo salão. X levantou o rosto cinza-pedra na direção dos lordes.

— X — sussurrou T. J. —, não é a hora para piadas.

— Odin deseja interceder — repetiu o meio troll com teimosia.

A aparência dele mudou. A forma enorme de troll sumiu como tecido de camuflagem. No lugar de X, havia um homem com aparência de sargento aposentado. Tinha o peito largo, braços enormes em uma camisa polo de mangas curtas do Hotel Valhala. O cabelo grisalho era bem curto, a barba quadrada acentuava o rosto endurecido e maltratado. Um tapa-olho preto cobria o olho esquerdo. O direito era azul-escuro, da cor de uma veia. Ao lado dele estava uma espada tão grande que fez Jacques, o pingente, tremer na corrente.

O crachá do homem dizia: ODIN, PAI DE TODOS, DONO E FUNDADOR.

— Odin.

Sam se curvou, apoiando-se em um joelho.

O deus sorriu para ela. Depois, me deu o que achei que fosse uma piscadela conspiratória, apesar de ser difícil dizer, pois ele só tinha um olho.

O nome dele se espalhou pelo salão. Os einherjar se levantaram. Os lordes se ergueram e fizeram uma reverência profunda.

Odin, antes o meio troll conhecido como X, andou até a mesa e tomou seu lugar no trono. Os dois corvos pousaram nos ombros dele e bicaram as orelhas dele com carinho.

— Bem! — disse Odin, sua voz reverberando. — O que um deus precisa fazer para ganhar uma caneca de hidromel por aqui?

SETENTA

Somos sujeitados ao PowerPoint dos infernos

ODIN CONSEGUIU SUA bebida, fez alguns brindes e começou a andar de um lado para outro na frente do trono, falando sobre onde esteve e o que fez nas últimas décadas. Eu estava chocado demais para assimilar a maior parte do discurso. Acho que a maioria dos einherjar também.

As pessoas só voltaram ao normal quando Odin invocou as cintilantes telas da Visão das Valquírias. Os einherjar piscaram e se mexeram, como se saindo de uma hipnose em massa.

— Sou um caçador de conhecimento! — anunciou Odin. — Isso sempre foi verdade. Fiquei pendurado na Árvore do Mundo durante nove dias e nove noites, sentindo dores excruciantes, para descobrir o segredo das runas. Fiquei em uma fila durante seis dias no meio de uma nevasca para descobrir a bruxaria do smartphone.

— O quê? — murmurei.

Blitzen tossiu.

— Deixe pra lá.

— E, mais recentemente — anunciou Odin —, passei por sete semanas de treinamento intensivo de discurso motivacional em um hotel em Peoria para descobrir… isto!

Um controle remoto apareceu na mão dele. Em todas as telas, surgiu um slide de PowerPoint com o título: O PLANO DE ODIN — COMO TER UMA PÓS-VIDA ALTAMENTE BEM-SUCEDIDA!

— O que está acontecendo? — sussurrei para Sam.

— Odin gosta de experimentar coisas novas — disse ela. — Está sempre procurando conhecimento em novos lugares. Ele é muito sábio, mas…

Hearthstone sinalizou da forma mais discreta possível: *É por isso que trabalho para Mímir*.

— Como vocês podem ver — prosseguiu Odin, andando de um lado para outro, com os corvos batendo as asas para manterem o equilíbrio nos ombros do deus —, tudo que esses heróis fizeram foi com minha permissão. Eu os acompanhei o tempo todo, em pessoa ou espírito.

A tela mudou. Odin passou a falar a partir de uma lista de tópicos. Comecei a sonhar acordado, mas ele falou sobre o motivo de ter se escondido em Valhala como X, o meio troll:

— Para ver como vocês receberiam um guerreiro como esse e como cumpririam seus deveres quando achassem que eu não estava por perto. Todos vocês precisam trabalhar no seu

empoderamento positivo e na sua autoatualização.

Ele explicou por que escolheu Samirah al-Abbas como valquíria:

— Se a filha de Loki é capaz de mostrar tanta bravura, por que não podemos também? Samirah demonstra as sete qualidades heroicas que estarei abordando no meu próximo livro, *Sete qualidades heroicas*, que estará disponível na loja de presentes de Valhala.

Ele explicou por que a profecia das Nornas não significava o que pensávamos:

— *Escolhido por engano, não era sua hora* — recitou ele. — Magnus Chase foi escolhido por engano por *Loki*, que achou que o garoto poderia ser facilmente influenciável. Mas Magnus Chase se mostrou um verdadeiro herói!

Apesar do elogio, eu gostava mais de Odin como um meio troll taciturno do que como palestrante motivacional. As pessoas no jantar também pareciam não saber como lidar com aquilo, apesar de alguns lordes estarem fazendo anotações.

— O que nos leva à sessão das *afirmações* desta apresentação.

Odin prosseguiu com os slides. Uma foto de Blitzen apareceu. Foi tirada durante a competição com Júnior. Suor escorria pelo rosto dele. A expressão era de agonia, como se alguém tivesse deixado um martelo cair no seu pé.

— Blitzen, filho de Freya! — disse Odin. — Esse nobre anão conquistou a corda Andskoti, que confinou o lobo Fenrir. Ele seguiu seu coração, dominou os medos e serviu com fidelidade ao meu velho amigo, Mímir. Por seu heroísmo, Blitzen, você será libertado da servidão a Mímir e receberá fundos para abrir a loja que sempre quis. Porque tenho que dizer… — Odin passou a mão pela camisa polo do hotel. De repente, ele estava vestindo um colete de cota de malha. — Peguei seu protótipo depois da competição, e é uma peça excelente. Qualquer guerreiro sábio compraria um desses!

Os einherjar murmuraram com aprovação. Alguns fizeram “ohh” e outros fizeram “ahh”.

Blitzen fez uma reverência profunda.

— Obrigado, lorde Odin. Estou… Nem consigo expressar… Posso usar essa declaração na minha linha de produtos?

Odin deu um sorriso benevolente.

— Claro. E agora, temos Hearthstone, o elfo!

A foto de Hearth apareceu nas telas. Ele estava caído na janela do palácio de Geirröd. Tinha um sorriso bobo no rosto. As mãos estavam fazendo o sinal de *máquina de lavar*.

— Essa nobre criatura arriscou tudo para redescobrir a magia das runas. É o primeiro verdadeiro feiticeiro a aparecer nos reinos mortais em séculos. Sem ele, a missão de prender o Lobo teria falhado muitas vezes. — Odin sorriu para o elfo. — Meu amigo, você também será libertado da servidão a Mímir. E está convidado a permanecer em Asgard, onde vamos ensinar sobre o mistério das runas em uma aula particular de noventa minutos, acompanhada de um DVD e um exemplar autografado do meu livro *Magia de runas com o Pai de Todos*.

Aplausos educados.

Hearthstone parecia em choque. Ele conseguiu sinalizar um *Obrigado*.

A tela mudou. Na foto de Sam, ela estava de pé parecendo nervosa no balcão do Falafel do Fadlan, desviando o olhar e corando intensamente enquanto Amir se inclinava na direção dela, sorrindo.

— Oooooooo — disse a multidão de einherjar, seguido de uma boa quantidade de risinhos.

— Quero morrer — murmurou Sam. — Por favor, me mate.

— Samirah al-Abbas! — disse Odin. — Escolhi você pessoalmente para ser uma valquíria devido à sua coragem, à sua resiliência e ao seu grandioso potencial. Muitos não confiaram em você, mas você não desistiu. Seguiu minhas ordens. Cumpriu seu dever mesmo quando foi insultada e exilada. A você, ofereço uma escolha.

Odin olhou para as valquírias mortas deitadas em frente à mesa dos lordes. Ele permitiu que um silêncio respeitoso se espalhasse pelo salão.

— Gunilla, Margaret e Irene, as três sabiam os riscos de serem valquírias. Todas deram a vida para tornar possível a vitória de hoje. No fim, viram seu verdadeiro valor e lutaram ao seu lado. Acredito que elas concordariam que você deve ser readmitida como valquíria.

Os joelhos de Sam quase cederam. Ela precisou se apoiar em Mallory Keen para não cair.

— Ofereço a você uma escolha — repetiu Odin. — As valquírias precisam de uma capitã. Não consigo pensar em ninguém melhor do que você. Isso permitiria que você passasse mais tempo no mundo mortal, talvez uma chance de descansar depois desta missão difícil. *Ou* — o olho azul dele brilhou — você pode escolher uma tarefa bem mais perigosa, trabalhar diretamente para mim conforme a necessidade surgir em outras, como posso dizer, missões de alto risco e altamente recompensadoras.

Sam fez uma reverência.

— Pai de Todos, você me honra. Eu jamais conseguiria substituir Gunilla. Só peço a chance de me provar, quantas vezes forem necessárias, até que ninguém aqui tenha dúvidas de minha lealdade a Valhala. Aceito a tarefa mais perigosa. Me dê qualquer ordem, e não falharei.

Isso foi muito bem recebido pela multidão. Os einherjar aplaudiram. Alguns gritaram em aprovação. Até as outras valquírias olharam para Sam com expressões menos hostis.

— Muito bem — disse Odin. — Mais uma vez, Samirah, você mostra sua sabedoria. Vamos conversar sobre seus deveres mais tarde. E agora… Magnus Chase.

As telas mudaram. Ali estava eu: paralisado no meio de um grito enquanto caía da ponte Longfellow.

— Filho de Frey, você recuperou a Espada do Verão. Impediu que Surt a tomasse. Você se mostrou… bem, talvez não um grande guerreiro…

— Valeu — murmurei.

— … mas certamente um grande einherji. Acho que concordamos, todos nós aqui da mesa dos lordes, que você também merece uma recompensa.

Odin olhou para os dois lados. Os lordes se remexeram, murmurando, apressadamente:

— Sim. Hã. Claro.

— Não ofereço isso a qualquer um — continuou Odin. — Mas, se você ainda achar que Valhala não é o seu lugar, o enviarei para Fólkvangr, onde sua tia mora. Como filho de um vanir, talvez seja mais do seu agrado. Ou — seu olho azul pareceu me perfurar —, se desejar, posso permitir que volte ao mundo mortal e seja libertado de seus deveres como einherji.

O salão foi tomado por murmúrios e tensão. Pela expressão das pessoas, consegui perceber que era uma oferta incomum. Odin estava correndo um risco. Se ele abrisse um precedente de deixar que einherjar voltassem ao mundo mortal, outros também não poderiam querer?

Olhei para Sam, Blitzen e Hearthstone. Olhei para os meus companheiros do andar dezenove, T.J., Mestiço, Mallory. Pela primeira vez em anos, senti que estava onde deveria. Fiz uma reverência a Odin.

— Obrigado, Pai de Todos. Mas meu lar é onde meus amigos estiverem. Sou um dos einherjar. Sou um dos seus guerreiros. Isso já é recompensa suficiente.

O salão inteiro explodiu em comemoração. Canecas foram batidas nas mesas. Espadas estalaram contra escudos. Meus amigos me cercaram, me abraçaram e deram tapinhas nas minhas costas. Mallory beijou minha bochecha.

— Você é um *imenso* idiota. — Então sussurrou no meu ouvido: — Obrigada.

Mestiço bagunçou meu cabelo.

— Ainda vamos transformá-lo em um guerreiro, filho de Frey.

Quando a comemoração parou, Odin levantou a mão. O controle remoto se alongou e virou uma lança branca cintilante.

— Por Gungnir, a arma sagrada do Pai de Todos, declaro que esses sete heróis terão direito total de passagem pelos nove mundos, incluindo Valhala. Para onde quer que eles forem, vão em meu nome, servindo a vontade de Asgard. Que ninguém interfira, sob pena de morte! — Ele baixou a lança. — Hoje, comemoramos em homenagem a eles. Amanhã, nossas companheiras mortas serão entregues às águas e às chamas!

SETENTA E UM

Queimamos um pedalinho, e tenho certeza de que isso é ilegal

O FUNERAL ACONTECEU no lago do parque Public Garden. De alguma forma, os einherjar conseguiram um pedalinho de cisne, do tipo que normalmente não vai para a água no inverno. Eles modificaram o barquinho, transformando-o em uma pira funerária para as três valquírias. Os corpos estavam envoltos em branco e deitados em uma base de madeira, com armas, armaduras e ouro empilhados ao redor.

O lago estava congelado. Não devia haver nenhum jeito de empurrar o barco para a água, mas os einherjar levaram uma amiga, uma giganta de quatro metros e meio chamada Hyrokkin.

Apesar do frio, Hyrokkin estava usando apenas um short curto e uma camiseta tamanho GGGGG do Clube de Remo de Boston. Antes da cerimônia, ela andou descalça por todo o lago, quebrando o gelo e assustando os patos. Depois, voltou e esperou respeitosamente na margem, a água gelada na altura dos tornozelos, enquanto os einherjar se adiantavam para se despedirem das valquírias mortas. Muitos deixaram armas, moedas ou outros souvenires nas piras funerárias. Alguns falaram que Gunilla, Margaret e Irene foram responsáveis por levá-los a Valhala.

Finalmente, Helgi acendeu o fogo. Hyrokkin empurrou o barco no lago.

Não havia pedestres no Public Garden. Talvez magia estivesse mantendo-os longe. Se havia alguém por perto, talvez algum *glamour* o impedisse de ver a multidão de guerreiros mortos-vivos observando um barco pegar fogo.

Meus olhos seguiram para o local embaixo da ponte onde, duas semanas antes, eu estava vivo, sem-teto e infeliz. Só nesse momento eu consegui admitir quanto me sentia apavorado o tempo todo.

O barco seguiu em uma coluna de fogo, obscurecendo os corpos das valquírias. Depois, as chamas sumiram, como se alguém tivesse desligado o gás, acabando com qualquer rastro do barco, a não ser por um círculo fumegante no lago.

Pranteadores se viraram e andaram pelo parque, na direção do Hotel Valhala na rua Beacon.

T.J. segurou meu ombro.

— Você vem, Magnus?

— Em um segundo.

Quando meus vizinhos de corredor estavam voltando para casa, fiquei feliz de ver Mestiço Gunderson passar o braço pela cintura de Mallory Keen. E ela nem cortou a mão dele.

Blitzen, Hearth, Sam e eu ficamos para trás, vendo o vapor subir do lago.

Finalmente, Hearth sinalizou: *Eu vou para Asgard. Obrigado, Magnus.*

Vi os olhares de inveja que alguns einherjar lançaram para ele. Durante décadas, talvez séculos, nenhum mortal pôde visitar a cidade dos deuses. Agora, Odin aceitou dar aulas para um elfo.

— Isso é incrível, cara — falei. — Mas, escute só, não se esqueça de voltar e nos visitar, hein? Você tem uma família agora.

Hearthstone sorriu e disse: *Pode deixar.*

— Ah, ele vai nos visitar sim — afirmou Blitzen. — Ele prometeu me ajudar na mudança para a loja nova. Não vou arrastar todas aquelas caixas sem um pouco de mágica!

Fiquei feliz por Blitz, apesar de ser difícil pensar em mais um amigo meu indo embora.

— Tenho certeza de que você vai ter a melhor loja de Nídavellir.

Blitzen deu uma risadinha debochada.

— Nídavellir? Pff. Os anões não merecem meu bom gosto. Aquele ouro vermelho de Odin vai me comprar uma boa loja na rua Newbury. *O melhor de Blitzen* vai abrir na primavera, então você não tem desculpa para não ir e experimentar um desses.

Ele empurrou o sobretudo para o lado e revelou um colete brilhante e estiloso à prova de balas.

Não consegui evitar. Dei um abraço em Blitzen.

— Tudo bem, garoto, tudo bem. — Ele me deu um tapinha nas costas. — Não vamos amarrotar o tecido.

Sam abriu um sorriso.

— Talvez você possa fazer um hijab novo para mim. O velho ficou meio que todo rasgado.

— Faço pelo preço de custo, com mais propriedades mágicas! — prometeu Blitzen. — E tenho algumas ideias de cores.

— Você é o especialista — disse Sam. — Mas tenho que ir para casa. Estou de castigo. Tenho uma pilha de dever de casa atrasados para fazer.

— E tem um namorado com quem se entender — observei.

Ela ficou vermelha, o que foi meio fofo.

— Ele não é… Tudo bem, certo. Acho que tenho mesmo que resolver isso, seja lá o que for. — Ela me cutucou no peito. — Graças a você, posso voar de novo. Isso é o mais importante. Tente não morrer com muita frequência até nos vermos de novo.

— Quando vai ser isso?

— Em breve — prometeu Sam. — Odin não estava brincando quando falou em missões de alto risco. A boa notícia é — ela levou um dedo aos lábios — que posso escolher minha própria

força de combate. Então, todos vocês… se considerem avisados.

Eu queria abraçá-la, dizer o quanto agradecia tudo o que ela fez, mas sabia que Sam não ficaria à vontade com isso. Então, apenas sorri.

— Quando quiser, al-Abbas. Agora que Odin nos deu permissão de viajar pelos mundos, talvez eu vá visitar você em Dorchester.

— Isso — disse ela — é uma ideia verdadeiramente apavorante. Meus avós me matariam. Amir…

— Tudo bem, caramba — falei. — Mas não se esqueça: você não está nessa sozinha.

— Pode deixar. — Ela me cutucou com o cotovelo. — E você, Magnus? Vai voltar a Valhala para o banquete? Seus colegas de corredor andam cantando elogios. Até ouvi algumas valquírias especulando se você vai acabar virando lorde em um século desses.

Eu sorri, mas não estava pronto para pensar em *um século desses*. Olhei para o Public Garden. Um táxi estava parando na frente do bar Cheers, na esquina da Beacon com a Brimmer. O jarro de cerâmica pesava dentro do meu casaco.

— Tenho um compromisso antes — falei. — Preciso cumprir uma promessa.

Eu me despedi dos meus amigos e fui me encontrar com minha prima.

SETENTA E DOIS

Eu perco uma aposta

— **ISSO É BEM** melhor do que o último velório em que fui — disse Annabeth. — O seu.

Estávamos em uma colina em Blue Hills, vendo as cinzas da minha mãe flutuarem pelas árvores cheias de neve. Bem abaixo, o sol brilhava no lago Houghton. Era um dia frio, mas eu não estava incomodado. Eu me sentia quente e calmo; havia anos que não me sentia tão *certo*.

Coloquei o jarro de cerâmica vazio debaixo do braço.

— Obrigado por vir comigo — falei.

Os olhos cinzentos de Annabeth me observaram, do mesmo jeito que ela parecia observar tudo; não só minha aparência, mas minha composição, meus pontos fortes, meu potencial. Afinal, ela era a garota que fez modelos do Parthenon com runas quando tinha seis anos.

— Estou feliz de estar aqui — disse ela. — Sua mãe… pelo que lembro, era ótima.

— Ela gostaria que você estivesse presente.

Annabeth olhou pela linha da copa das árvores. O vento frio agredia seu rosto.

— Também cremaram você, sabe. Quer dizer, aquele outro corpo… ou o que quer que fosse. Suas cinzas foram colocadas no mausoléu da família. Eu nem sabia que *tínhamos* um mausoléu.

Senti um arrepio imaginando as cinzas em uma urna de porcelana em um buraco frio de pedra. Era bem melhor ficar ali, no ar fresco e na luz gelada do sol.

— Fingir que eu estava morto não deve ter sido fácil para você.

Ela tirou uma mecha de cabelo do rosto.

— O velório foi mais difícil para Randolph, eu acho. Ele pareceu bem abalado, considerando, você sabe…

— Que ele nunca ligou para mim?

— Para nenhum de nós. Mas meu pai… Magnus, foi difícil. Ele e eu temos um histórico complicado, mas estou tentando ser sincera com ele agora. Não gosto de esconder coisas.

— Me desculpe. — Abri as mãos. — Achei melhor não arrastar você para os meus problemas. Nos últimos dias, eu não sabia se me sairia bem. Algumas… algumas coisas perigosas estavam acontecendo. Tinha a ver com o lado hã, da família do meu pai.

— Magnus, eu talvez entenda mais do que você imagina.

Refleti sobre isso. Annabeth *parecia* mais ajustada, mais pé no chão do que a maioria das pessoas que eu conhecia, até a maior parte das pessoas de Valhala. Por outro lado, eu não queria colocá-la em risco e nem ameaçar o relacionamento tênue que estávamos começando a reconstruir.

— Estou bem agora — garanti a ela. — Estou com amigos. É um bom lugar, mas nem todo mundo entenderia. Tio Randolph não pode saber. Eu agradeceria se você não contasse para ninguém, nem mesmo para o seu pai.

— Humm — disse ela. — E não vou poder saber os detalhes?

Pensei no que Frey tinha me dito: *Vocês deviam conversar. Você vai precisar da ajuda dela antes de tudo isso acabar.* Também me lembrei do que Sam disse sobre a família dela, que eles atraíam a atenção dos deuses havia muitas gerações. Randolph deu a entender que nossa família também era assim.

— Só não quero colocar você em perigo — falei. — Eu esperava que você pudesse ser minha ligação com o mundo normal.

Annabeth ficou me olhando. Então deu uma gargalhada debochada e começou a rir.

— Uau. Você não faz ideia de como isso é engraçado. — Ela respirou fundo. — Magnus, se você tivesse ideia de como minha vida é esquisita…

— Tudo bem, mas estar aqui com você, sabe como é? É a sensação mais *normal* que tenho em anos. Depois de todas as brigas malucas entre nossos pais, dos ressentimentos idiotas e de perder o contato por anos, eu esperava que pudéssemos fazer nossa geração não ser tão desajustada.

A expressão de Annabeth ficou séria.

— *Desse* tipo de normal eu gosto. — Ela esticou a mão. — A nós, os primos Chase. A sermos menos desajustados.

Nós apertamos as mãos.

— Agora, desembuche — ordenou ela. — Conte o que está acontecendo. Prometo que não vou falar para ninguém. Eu talvez até possa ajudar. Também juro que, por mais estranho que sua vida possa estar parecendo nesse momento, a minha é ainda mais. Faria a sua parecer pacata.

Considerei tudo pelo que passei, morte e ressurreição, a busca pela Serpente do Mundo, a luta com gigantes, fugir de esquilos monstruosos, amarrar um lobo em uma ilha que desaparecia no mar.

— Quer apostar? — perguntei.

— Manda ver, primo.

— Almoço? — sugeri. — Conheço um lugar ótimo que vende falafel.

— Feito. Quero ouvir o que você anda fazendo.

— Ah, não — falei. — A sua história não é tão incrível? Então conte você primeiro.

EPÍLOGO

RANDOLPH NÃO DORMIA desde o funeral do sobrinho.

Todos os dias, ele ia ao mausoléu da família, torcendo por algum sinal, por algum tipo de milagre. Chorou lágrimas de verdade, mas não pelo jovem Magnus. Chorou por tudo que havia perdido, tudo que talvez não pudesse ser mais recuperado.

Ele entrou pela porta dos fundos da casa, as mãos tão trêmulas que mal conseguiu colocar a chave na fechadura. Tirou as botas e o casaco pesado, depois subiu a escada, repassando o que disse para Magnus na ponte pela milionésima vez, perguntando-se o que podia ter feito diferente.

Parou na porta do escritório. Um homem usando uma batina de padre estava sentado em sua mesa, os pés balançando.

— Foi visitar o túmulo de novo? — Loki sorriu. — Sinceramente, achei que o velório foi um excelente ponto final.

— Você era o padre? — Randolph suspirou. — É claro que era.

Loki riu.

— *Uma vida jovem interrompida, mas vamos recordar os dons e o impacto que teve sobre nós*... É claro que improvisei. Mas isso é o que faço melhor.

Randolph tinha visto o deus das mentiras mais de dez vezes antes, quando Loki escolhera enviar sua essência a Midgard, mas era sempre um choque: os olhos brilhantes, o cabelo feito chamas, os lábios destruídos e as cicatrizes no nariz. Ele era igualmente belo e apavorante de um jeito nada natural.

— Você veio me matar, imagino. — Randolph tentou ficar calmo, mas os batimentos pulsavam em seus ouvidos. — Por que esperou tanto tempo?

Loki abriu os braços, magnânimo.

— Eu não queria me apressar. Precisava ver como as coisas seriam. É verdade que você fracassou. Eu deveria matá-lo, mas você ainda pode ser útil. Afinal, ainda tenho uma coisa que você quer.

O deus se levantou da mesa e abriu a mão. Na palma, chamas arderam, consolidando-se nas formas em miniatura de uma mulher e duas garotas. Elas se contorceram no fogo, esticando as mãos para Randolph, suplicando em silêncio.

Só a bengala de Randolph o impediu de desabar.

— Por favor. Eu tentei. Eu não… Não contava com o anão e o elfo. Nem aquela maldita valquíria. Você não me disse…

— Randolph, meu amigo querido… — Loki fechou a mão, apagando o fogo. — Espero que você não esteja inventando desculpas.

— Não, mas…

— Eu sou o *mestre* das desculpas. Você teria que se esforçar muito para me impressionar. Só me diga, você ainda quer sua família de volta?

— C-Claro.

— Ah, que bom. Que bacana. Porque ainda não terminei com você. E nem com aquele garotinho, Magnus.

— Mas ele está com a espada. Ele atrapalhou seu plano.

— Ele atrapalhou *uma faceta* do meu plano. É, foi muito educativo. — Loki deu um passo à frente. Colocou a mão em concha na bochecha de Randolph, quase um gesto de carinho. — Devo dizer que seu sobrinho é impressionante. Não vejo nenhuma semelhança familiar.

Randolph inspirou o veneno antes de senti-lo. Um vapor acre entrou por suas narinas. O lado do rosto explodiu em dor branca e quente. Ele caiu de joelhos, a garganta se fechando de choque. Tentou se afastar, mas a mão de Loki ficou no mesmo lugar.

— Pronto, pronto — disse Loki com voz tranquilizadora. — É só um gostinho da minha vida, o veneno de cobra que é jogado no *meu* rosto todos os dias. Talvez você consiga compreender por que fico um pouquinho mal-humorado.

Randolph gritou até a garganta arder.

— Não vou matar você, velho amigo — garantiu Loki. — Mas vou punir seu fracasso. Sem dúvida!

Ele afastou a mão. Randolph desmoronou, chorando, o cheiro de carne queimada impregnando seu nariz.

— Por que… — gemeu ele. — Por quê…?

Loki ergueu as sobrancelhas, fingindo surpresa.

— Por que o quê? Por que torturar você? Continuar a usar você? Lutar contra os deuses? É minha natureza, Randolph! Agora, não reclame. Tenho certeza de que vai encontrar um jeito de explicar a terrível cicatriz em forma de mão no seu rosto. Acho que dá a você certo… *ar solene*. Os vikings vão ficar impressionados.

Loki andou até os armários de Randolph com porta de vidro. Passou os dedos pela coleção de bugigangas e talismãs.

— O Ragnarök tem muitos gatilhos, meu amigo. A Espada do Verão não é a única arma nesse jogo.

Ele tirou um colar de uma das vitrines. Os olhos de Loki brilharam quando o pequeno pingente de martelo de prata se balançou entre seus dedos.

— Ah, sim, Randolph. — Ele sorriu. — Você e eu vamos nos divertir muito.

GLOSSÁRIO

Aegir — deus das ondas

Aesir (pl.: Aesires) — deuses da guerra; semelhante aos humanos

álfar seidr — magia élfica

Andskoti — o Adversário, a nova corda mágica que prende o lobo Fenrir

Árvore de Laeradr — árvore localizada no centro do Salão de Banquete dos Mortos, em Valhala, com animais imortais que têm funções especiais

Balder — deus da luz; o segundo filho de Odin e Frigga, irmão gêmeo de Hod. Frigga fez todas as coisas jurarem nunca machucar o filho dela, mas se esqueceu do visgo. Loki fez Hod matar Balder com um dardo feito de visgo

Bifrost — a ponte arco-íris que liga Asgard a Midgard

Draugr — zumbis nórdicos

Eikthrymir — cervo da Árvore de Laeradr cujos chifres não param de jogar água, que alimenta todos os rios de todos os mundos

einherjar (sing.: einherji) — grandes heróis que morreram com bravura na Terra; soldados do exército eterno de Odin; treinam em Valhala para o Ragnarök, quando os mais corajosos se juntarão a Odin na batalha contra Loki e os gigantes no fim do mundo

Fenrir — lobo invulnerável nascido do caso de Loki com uma giganta; sua força incrível causa medo até nos deuses, que o mantêm amarrado a uma pedra em uma ilha. Ele está destinado a se soltar no dia do Ragnarök

Fólkvangr — a pós-vida dos vanires para os heróis mortos em batalha, governada pela deusa Freya

Frey — deus da primavera e do verão; do sol, da chuva e da colheita; da abundância e da fertilidade, do crescimento e da vitalidade. Frey é irmão gêmeo de Freya e, como a irmã, tem grande beleza. Ele é o lorde de Álfaheim

Freya — deusa do amor; irmã gêmea de Frey; governante de Fólkvangr

Frigga — deusa do casamento e da maternidade; esposa de Odin e rainha de Asgard; mãe de Balder e Hod

Ginnungagap — o abismo primordial; a névoa que obscurece as aparências

Gleipnir — corda feita por anões para prender o lobo Fenrir

Heidrún — a cabra da Árvore de Laeradr cujo leite é fermentado para fazer o hidromel mágico de Valhala

Heimdall — deus da vigilância e guardião do Bifrost, a entrada para Asgard

Hel — deusa da morte desonrosa; nascida do caso de Loki com uma giganta

Helheim — o submundo nórdico, governado por Hel e habitado pelos que morreram fazendo maldades, de velhice ou devido a doenças

Hlidskjalf — o Alto Trono de Odin

Hod — irmão cego de Balder

Honir — deus aesir que, ao lado de Mímir, trocou de lugar com os deuses vanires, Frey e Njord, no fim da guerra entre os dois clãs

Idun — deusa que distribui as maçãs da imortalidade, que mantêm os deuses jovens e alertas

Jörmungand — a Serpente do Mundo, monstro nascido do caso de Loki com uma giganta; o corpo dele é tão grande que envolve a Terra

jötunn — gigante

Loki — deus da lábia, da magia e dos artifícios; filho de dois gigantes; adepto da magia e da metamorfose. Ele é alternadamente maldoso e heroico para os deuses de Asgard e para a humanidade. Por causa do papel na morte de Balder, Loki foi acorrentado por Odin a três pedras gigantescas com uma serpente venenosa enrolada acima da cabeça. O veneno da cobra de tempos em tempos queima o rosto do deus, e quando ele se debate seus movimentos causam os terremotos

Lyngvi — a Ilha das Urzes, onde Fenrir está acorrentado; a localização da ilha muda todos os anos, conforme os galhos da Yggdrasill se balançam nos ventos do abismo. A ilha só aparece durante a primeira noite de lua cheia de cada ano

Magni e Módi — os filhos favoritos de Thor, destinados a sobreviver ao Ragnarök

Mímir — deus aesir que, ao lado de Honir, trocou de lugar com os deuses vanires, Frey e Njord, no final da guerra entre os dois clãs. Como os vanires não gostaram dos conselhos dele, cortaram sua cabeça e a mandaram para Odin. Odin depositou a cabeça em um poço mágico, onde a água o trouxe de volta à vida, e Mímir absorveu todo o conhecimento da Árvore do Mundo

Mjölnir — o martelo de Thor

Muspell — fogo

Naglfar — o Navio das Unhas

Narvi — um dos filhos de Loki, estripado pelo irmão, Vali, que foi transformado em lobo como punição por Loki ter matado Balder

Nidhogg — dragão que vive na base da Árvore do Mundo e rói suas raízes

Njord — deus dos navios, marinheiros e pescadores; pai de Frey e Freya

Nornas — três irmãs que controlam o destino dos deuses e dos humanos

Norumbega — um assentamento nórdico perdido no ponto mais distante que eles exploraram

Odin — o “Pai de Todos” e rei dos deuses; deus da guerra e da morte, mas também da poesia e da sabedoria. Ao trocar um olho por um gole do Poço da Sabedoria, Odin ganhou conhecimentos inigualáveis. Ele pode observar os nove mundos de seu trono em Asgard; além de seu grande salão, também vive em Valhala com os mais corajosos dentre os mortos em batalha

ouro vermelho — moeda de Asgard e Valhala

Ragnarök — o Dia do Juízo Final, quando os mais corajosos dentre os einherjar vão se juntar a Odin na batalha contra Loki e os gigantes no fim do mundo

Ran — deusa do mar; esposa de Aegir

Ratatosk — esquilo imortal que percorre a Árvore do Mundo carregando insultos entre a águia, que mora na copa, e Nidhogg, o dragão que mora nas raízes

Saehrímir — o animal mágico de Valhala; todos os dias ele é morto e assado para o jantar, e todas as manhãs ele ressuscita; tem o gosto que quem o come desejar

Sessrúmnir — o Salão dos Muitos Assentos, a mansão de Freya em Fólkvangr

Skírnir — um deus; servo e mensageiro de Frey

Sleipnir — o corcel de oito patas de Odin; só Odin pode invocá-lo; um dos filhos de Loki

Sumarbrander — a Espada do Verão

Surt — lorde de Muspellheim

svartalfar — elfo negro, um subgrupo dos anões

Thor — deus do trovão; filho de Odin. As tempestades são o efeito de quando a carruagem poderosa de Thor atravessa o céu, e os relâmpagos são provocados quando ele usa seu grande martelo, Mjölnir

Tyr — deus da coragem, da lei e do julgamento por combate; ele teve a mão arrancada por uma mordida de Fenrir, quando o Lobo foi amarrado pelos deuses

Uller — deus dos sapatos de neve e da arquearia

Utgard-Loki — o feiticeiro mais poderoso de Jötunheim; rei dos gigantes das montanhas

Valhala — paraíso para os guerreiros a serviço de Odin

Vali — filho de Loki; foi transformado em lobo como punição por Loki ter matado Balder. Na forma de lobo, ele estripou o irmão, Navi, antes de ser estripado também

valquíria — servas de Odin que escolhem os heróis mortos que serão levados para Valhala

Vanir (pl.: Vanires) — deuses da natureza; semelhantes aos elfos

völva — vidente

Yggdrasill — a Árvore do Mundo

Ymir — o maior dos gigantes; pai de todos os gigantes e deuses. Ele foi morto por Odin e pelos irmãos, que usaram sua carne para criar Midgard. Esse ato foi a gênese do ódio cósmico entre

os deuses e os gigantes

OS NOVE MUNDOS

Asgard — reino dos aesires

Vanaheim — reino dos vanires

Álfaheim — reino dos elfos

Midgard — reino dos humanos

Jötunheim — reino dos gigantes

Nídavellir — reino dos anões

Niflheim — mundo primordial do gelo, da névoa e da neblina

Muspellheim — reino dos gigantes do fogo e dos demônios

Helheim — reino de Hel e dos mortos desonrados

RUNAS (EM ORDEM DE APARIÇÃO)

Dagaz — novos começos, transformações

ᛞ

Thurisaz — a runa de Thor

ᚦ

Fehu — a runa de Frey

ᚠ

Raidho — a roda, a viagem

ᚱ

Perthro — o cálice vazio

ᛈ

Ehwaz — cavalo, transporte

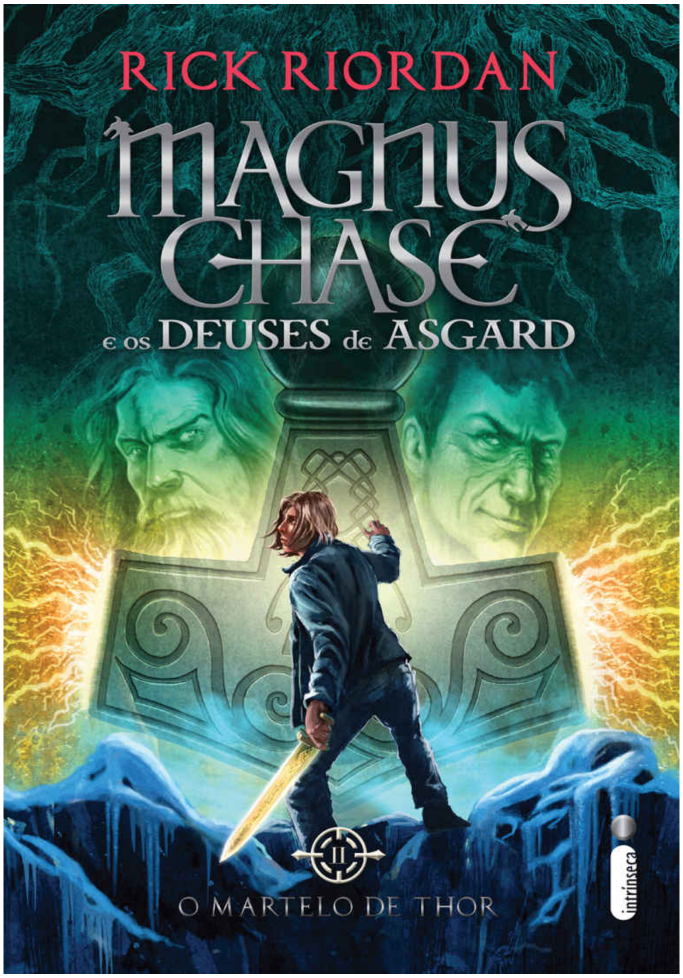
ᛖ

Algiz — proteção

ᛉ

Tiwaz — a runa de Tyr

ᛏ


RICK RIORDAN
MAGNUS CHASE
E OS DEUSES DE ASGARD
II
O MARTELO DE THOR
intrínseca

RICK RIORDAN

MAGNUS CHASE E OS DEUSES DE ASGARD

II

O MARTELO DE THOR

Tradução de Regiane Winarski

intrínseca

Copyright © 2016 by Rick Riordan
Edição em português negociada por intermédio de Nancy Gallt Literary Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

TÍTULO ORIGINAL
The Hammer of Thor

PREPARAÇÃO
Juliana Werneck

REVISÃO
Beatriz D'Oliveira
Rayana Faria

ILUSTRAÇÕES DAS RUNAS
Michelle Gengaro-Kokmen

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira | Equatorium Design

ARTE DE CAPA
SJI Associates, Inc.

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
© 2016 John Rocco

REVISÃO DE E-BOOK
Vanessa Goldmacher

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para J. R. R. Tolkien,
que abriu as portas do mundo da mitologia nórdica para mim

UM

Que tal não matar meu bode?

UMA LIÇÃO: SE vocês levarem uma valquíria para tomar café, vão acabar tendo que pagar a conta e ainda lidar com um cadáver.

Eu não via Samirah al-Abbas havia quase seis semanas, então, quando ela ligou de repente e disse que precisávamos conversar sobre uma questão de vida ou morte, eu concordei na hora.

(Tecnicamente, já estou morto, o que quer dizer que todo esse papo de *vida ou morte* não se aplica a mim, mas… Sam parecia nervosa ao telefone.)

Ela ainda não tinha chegado ao Thinking Cup da rua Newbury quando eu entrei. O café estava lotado, como sempre, então fui para a fila do balcão. Alguns segundos depois, Sam apareceu voando (literalmente) sobre a cabeça dos outros clientes.

Ninguém se importou. Mortais comuns não processam elementos mágicos direito, o que é ótimo, porque senão a população de Boston passaria boa parte do tempo correndo de gigantes, trolls, ogros e einherjar carregando machados e *lattes*.

Sam pousou ao meu lado. Ela usava tênis brancos, calça cáqui, uma camisa de manga comprida azul-marinho com a logo da King Academy e um hijab verde cobrindo o cabelo. Tinha também um machado pendurado no cinto. Eu tinha quase certeza de que o machado não fazia parte do código de vestimenta da escola.

Por mais que eu tenha ficado feliz em vê-la, reparei que a pele embaixo de seus olhos estava mais escura do que o normal. Sam parecia exausta.

— Oi — falei. — Você está péssima.

— É bom ver você também, Magnus.

— Não, quer dizer… não é péssima, tipo, *diferente do normal*. Você parece exausta.

— Quer que eu pegue uma pá para você cavar esse buraco mais fundo?

Levantei as mãos em rendição.

— Por onde você andou no último mês e meio?

Os ombros dela se retesaram.

— Estou cheia de trabalho este semestre. Estou dando aulas particulares depois da escola. E, como você talvez lembre, tenho meu trabalho de meio período coletando as almas dos mortos e fazendo missões confidenciais para Odin.

— Os jovens e suas agendas lotadas.

— Além disso… tem a escola de pilotos.

— Escola de pilotos? — Nós andamos na fila. — De *avião*?

Eu sabia que Sam pretendia tirar a licença de piloto um dia, mas não que ela já estava tendo aulas.

— Dá para fazer isso aos dezesseis anos?

Os olhos dela brilharam de empolgação.

— Meus avós nunca teriam dinheiro para pagar, mas os Fadlan têm um amigo que gerencia uma escola de voo. Eles convenceram Jid e Bibi…

— Ah. — Eu sorri. — Então as aulas foram um presente de Amir.

Sam ficou vermelha. Ela é a única adolescente que eu conheço que tem um *prometido*, e é fofo como ela fica vermelha quando fala de Amir Fadlan.

— Essas aulas foram um presente tão carinhoso, tão generoso… — Ela deu um suspiro melancólico. — Mas chega de falar disso. Não chamei você aqui para falar sobre minhas atividades. Viemos encontrar um informante.

— Um informante?

— Pode ser a oportunidade que eu estava esperando. Se essa informação for boa…

O celular de Sam vibrou. Ela o tirou do bolso, olhou para a tela e soltou um palavrão.

— Tenho que ir.

— Mas você acabou de chegar.

— Coisa de valquíria. Um possível código 381: morte heroica em andamento.

— Você acabou de inventar isso, não foi?

— Não.

— Então… como é, alguém acha que está para morrer e manda uma mensagem dizendo “Estou morrendo! Preciso de uma valquíria AGORA!” com um monte de emojis tristes?

— Acho que me lembro de levar *sua* alma para Valhala. Você não me mandou uma mensagem.

— Não, mas eu sou especial.

— Pegue uma mesa lá fora — disse ela. — Encontre meu informante. Eu volto assim que puder.

— Eu nem sei quem é seu informante.

— Você vai reconhecê-lo — prometeu Sam. — Seja corajoso. E compre um bolinho para mim.

Ela saiu voando da cafeteria como a Super Muçulmana, me deixando para trás para pagar a conta.

* * *

Comprei dois cafés grandes e dois bolinhos e procurei uma mesa do lado de fora.

A primavera chegara cedo em Boston. Ainda havia amontoados de neve suja nos meios-fios como dentes amarelados, mas as cerejeiras estavam

cheias de botões brancos e rosados. As vitrines das lojas de grife exibiam roupas floridas em tons pastel. Turistas passeavam, aproveitando o dia ensolarado.

Sentado do lado de fora, confortável com minha calça jeans, camiseta e jaqueta jeans limpas, percebi que aquela seria a primeira primavera em três anos em que eu não era sem-teto.

Em março, eu estava procurando comida no lixo. Dormia debaixo de uma ponte no Public Garden e andava com meus amigos Hearth e Blitz, fugindo da polícia e tentando sobreviver.

Dois meses atrás, eu morri lutando contra um gigante do fogo. Acordei em Valhala como um dos guerreiros einherji de Odin.

Agora, eu tinha roupas limpas. Tomava banho todos os dias. Dormia em uma cama confortável todas as noites. Podia me sentar a essa mesa e comer coisas pelas quais tinha pagado, sem precisar me preocupar em ser expulso.

Desde que eu renasci, me acostumei a muitas coisas esquisitas. Viajei pelos nove mundos e conheci deuses nórdicos, elfos, anões e um bando de monstros com nomes impronunciáveis. Encontrei uma espada mágica, atualmente pendurada no meu pescoço na forma de um pingente de runa. E até tive uma conversa muito louca com minha prima Annabeth sobre os deuses *gregos*, que habitavam Nova York e dificultavam a vida *dela*. Aparentemente, os Estados Unidos estavam infestados de deuses antigos. Era uma verdadeira praga.

Isso eu até conseguia aceitar.

Mas estar de volta a Boston em um belo dia de primavera, andando por aí como um garoto mortal comum?

Isso já era estranho.

Observei os pedestres em busca do informante de Sam. *Você vai reconhecê-lo*, prometera ela. Eu me perguntei que tipo de informação esse cara teria e por que Sam a considerava uma questão de vida ou morte.

Meu olhar foi atraído por uma loja no final do quarteirão. Acima da entrada, a placa de cobre e prata ainda brilhava orgulhosamente: O MELHOR DE BLITZEN. Mas a loja estava fechada. O vidro na porta estava coberto de papel por dentro, com uma mensagem rabiscada com caneta vermelha: *Fechada para reformas. Abriremos em breve!*

Eu andava querendo perguntar a Samirah sobre isso. Não sabia por que meu velho amigo Blitz tinha desaparecido abruptamente. Um dia, algumas semanas atrás, eu tinha passado pela loja e a vira fechada. Desde então, não tive notícias de Blitzen nem de Hearthstone, o que não era típico deles.

Pensar nisso me deixou tão preocupado que só vi nosso informante quando ele estava quase em cima de mim. Sam tinha razão: de certa forma, ele se destacava. Não é todo dia que eu vejo um bode vestindo sobretudo.

Havia um chapéu enfiado entre os chifres curvos e óculos escuros apoiados no focinho. O sobretudo ficava se emaranhando nas patas de trás.

Apesar do disfarce inteligente, eu o reconheci. Já tinha matado e comido a carne daquele bode em outro mundo, e esse tipo de experiência é impossível esquecer.

— Otis.

— *Shhh* — disse ele. — Estou incógnito. Pode me chamar de… *Otis*.

— Não acho que você sabe o que é *incógnito*, mas tudo bem.

Otis, também conhecido como Otis, ocupou a cadeira de Sam. Ele se sentou sobre as patas traseiras e apoiou as da frente na mesa.

— Onde está a valquíria? Ela também está incógnita? — Ele olhou dentro da sacola com os bolinhos, como se Sam pudesse estar escondida ali.

— Samirah teve que ir buscar uma alma. Ela já volta.

— Deve ser bom ter um propósito na vida. — Otis suspirou. — Bem, obrigado pela comida.

— Não é para…

Otis pegou o saco com o bolinho de Sam e começou a comê-lo, com papel e tudo.

Na mesa ao lado, um casal idoso olhou para meu companheiro bode e sorriu. Talvez seus sentidos mortais vissem apenas uma criança fofa ou um cachorro engraçadinho.

— Então… — Tive dificuldade de ficar olhando Otis comer o bolinho, espalhando migalhas pelas lapelas do sobretudo. — Você não tinha alguma coisa para nos contar?

Otis arrotou.

— É sobre meu mestre.

— Thor.

O bode fez uma careta.

— É, ele mesmo.

Se eu trabalhasse para o deus do trovão, também teria feito uma careta ao ouvir seu nome. Otis e seu irmão, Marvin, puxavam a carruagem de Thor. E também forneciam a ele um suprimento eterno de carne de bode. Todas as noites, Thor os matava e comia no jantar. E, todas as manhãs, Thor os ressuscitava. É por isso que vocês devem fazer faculdade: para, quando crescerem, não precisarem aceitar um emprego como o de bode mágico.

— Eu finalmente encontrei uma pista — disse Otis. — Sobre aquele *objeto* que meu mestre perdeu.

— Você está falando do marte…?

— Não diga em voz alta! — avisou Otis. — Mas, sim… *marte*.

Meu pensamento voltou para janeiro, quando conheci o deus do trovão. Foram bons momentos ao redor da fogueira, ouvindo Thor peidar, falar sobre suas séries preferidas, peidar, reclamar sobre o martelo desaparecido — que ele usava para matar gigantes e assistir às suas séries preferidas — e peidar mais um pouco.

— *Ainda* está desaparecido? — perguntei.

Otis bateu com as patas da frente na mesa.

— Bem, não *oficialmente*, claro. Se os gigantes soubessem que Thor está sem o você-sabe-o-quê, eles invadiriam os mundos mortais, destruiriam tudo e me deixariam muito deprimido. Mas, extraoficialmente… sim. Estamos procurando há meses e nada. Os inimigos de Thor estão ficando abusados. Eles sentem a fraqueza. Contei para meu terapeuta que isso me lembra quando eu era jovem e os valentões ficavam me encarando. — Uma expressão distante tomou conta dos olhos amarelos de pupilas estreitas de Otis. — Acho que foi quando meu estresse pós-traumático começou.

Essa seria minha deixa para passar as próximas muitas horas falando com Otis sobre seus sentimentos. Por ser uma pessoa horrível, eu só disse "Entendo sua dor" e mudei de assunto.

— Otis, na última vez que vimos vocês, nós encontramos um belo cajado de ferro para Thor usar nesse meio-tempo. Ele não está exatamente indefeso.

— Não, mas o cajado não é tão bom quanto… *marte*. Não inspira tanto medo nos gigantes. Além do mais, Thor fica mal-humorado quando tenta ver suas séries no cajado. A tela é pequenininha, e a resolução é péssima. Não gosto quando Thor fica mal-humorado. É difícil para mim ficar de boa.

Muitas coisas não faziam sentido: por que Thor teria tanta dificuldade de encontrar o próprio martelo? Como tinha conseguido esconder dos gigantes que perdera sua arma favorita por tanto tempo? E qual seria a ideia que o bode Otis tinha de ficar de boa?

— Então Thor quer nossa ajuda — supus.

— Não oficialmente.

— Claro. Vamos todos ter que usar sobretudos e óculos escuros.

— É uma excelente ideia — disse Otis. — Eu prometi à valquíria que a manteria atualizada, pois ela está encarregada das… você sabe, missões especiais de Odin. Essa é a primeira boa pista que consegui sobre o paradeiro do *objeto*. Minha fonte é confiável. É um bode que vai ao meu terapeuta. Ele ouviu uma conversa no celeiro dele.

— Você quer que a gente siga uma pista baseada em uma fofoca de celeiro que você ouviu na sala de espera do seu terapeuta.

— Sim, seria ótimo. — Otis se inclinou tanto para a frente que tive medo de ele cair da cadeira. — Mas vocês vão ter que tomar cuidado.

Precisei me esforçar muito para não rir. Eu já brinquei de jogar bola de lava com gigantes do fogo. Esquiei em uma águia pelos telhados de Boston. Tirei a Serpente do Mundo do fundo da baía de Massachusetts e derrotei o lobo Fenrir com um pedaço de corda. Agora, esse bode estava me dizendo para tomar cuidado.

— E onde está o *marte*? — perguntei. — Em Jötunheim? Niflheim? Em Thorpeidaheim?

— Engraçadinho. — Os óculos de Otis escorregaram pelo focinho dele. — Mas o *marte* está em um local inusitado e perigoso. Está em Provincetown.

— Provincetown — repeti. — Em Cape Cod.

Eu tinha lembranças vagas de Provincetown. Minha mãe me levou para passar um fim de semana lá, no verão, quando eu tinha uns oito anos. Eu me lembrava de praias, balas de caramelo, sanduíche de lagosta e um monte de galerias de arte. A coisa mais perigosa que encontramos foi uma gaivota com síndrome do intestino irritável.

Otis baixou a voz.

— Há um *draugr* em Provincetown. Na verdade, o dólmen de um *draugr*.

— Droga? Que tipo de droga?

— Não, não. *Draugr*… — Otis estremeceu. — Bom, um *draugr* é uma criatura morta-viva poderosa que gosta de colecionar itens mágicos. O túmulo de um *draugr* se chama… se chama dólmen. Desculpe, tenho dificuldade de falar sobre *draugrs*. Faz com que eu me lembre do meu pai.

Isso despertou outra série de perguntas sobre a infância de Otis, mas decidi deixá-las para seu terapeuta.

— Há muitos túmulos de vikings mortos-vivos em Provincetown?

— Só um, até onde sei. Mas é o bastante. Se o *objeto* estiver lá, vai ser difícil recuperá-lo: o dólmen é subterrâneo e deve estar protegido por magia poderosa. Você vai precisar dos seus amigos: o anão e o elfo.

Isso seria ótimo se eu soubesse onde meus amigos estavam. Esperava que Sam tivesse mais informações do que eu.

— Por que o próprio Thor não vai dar uma olhada nesse dólmen? — perguntei. — Espere aí… deixe-me adivinhar. Ele não quer chamar atenção. Ou quer nos dar a chance de sermos heróis. Ou é uma trabalheira danada e ele tem muitas séries atrasadas para ver.

— Para ser justo — disse Otis —, a nova temporada de *Jessica Jones* acabou de estrear.

Não é culpa do bode, falei para mim mesmo. *Ele não merece um soco.*

— Tudo bem. Quando Sam chegar, vamos pensar em uma estratégia.

— Não sei se devo esperar com você. — Otis lambeu uma migalha do bolinho da lapela. — Eu devia ter mencionado antes, mas sabe, alguém… ou *alguma coisa*… está me seguindo.

Os pelos da minha nuca se eriçaram.

— Você acha que foi seguido até aqui?

— Não sei — respondeu Otis. — Talvez meu disfarce tenha funcionado.

Ah, que ótimo, pensei.

Olhei a rua, mas não vi suspeitos óbvios.

— Você deu uma boa olhada nessa pessoa/coisa?

— Não — admitiu Otis. — Mas Thor tem muitos inimigos que poderiam tentar nos impedir de recuperar o… você-sabe-o-quê. Não iam querer que eu revelasse informações para você, principalmente essa última parte. Você tem que avisar Samirah que…

TUMP.

Por morar em Valhala, eu estava acostumado a armas mortais surgindo do nada, mas fiquei surpreso ao ver um machado brotar no peito peludo de Otis.

Eu me joguei por cima da mesa para ajudá-lo. Sendo filho de Frey, deus da fertilidade e da cura, consigo fazer uma magia de primeiros socorros bem impressionante, se tiver tempo. Mas assim que toquei Otis, soube que era tarde demais. O machado tinha acertado o coração.

— Ah, droga. — Otis tossiu sangue. — Eu vou… morrer… agora.

A cabeça dele pendeu para trás. O chapéu caiu na calçada. A moça sentada na mesa atrás da nossa gritou, como se só agora tivesse reparado que Otis não era um cachorrinho fofo. Ele era, na verdade, um bode morto.

Observei os telhados do outro lado da rua. A julgar pelo ângulo, o machado devia ter sido jogado de algum lugar lá em cima… Sim. Notei um movimento na hora em que o assassino se escondeu: uma figura vestida de preto usando algum tipo de elmo de metal.

Minha manhã relaxante já era. Puxei o pingente mágico do pescoço e corri atrás do assassino de bodes.

Dois

A cena padrão de perseguição no telhado envolvendo espadas falantes e ninjas

EU JÁ DEVIA ter apresentado minha espada.

Jacques, esses são os leitores. Leitores, este é Jacques.

O verdadeiro nome dele é *Sumarbrander*, a Espada do Verão, mas Jacques prefere *Jacques*, sei lá por quê. Quando Jacques decide tirar um cochilo, o que acontece na maior parte do tempo, ele fica em uma corrente no meu pescoço na forma de um pingente marcado com *fehu*, a runa de Frey:

ᚠ

Quando preciso de sua ajuda, ele vira uma espada e mata coisas. Às vezes, Jacques faz isso enquanto eu o empunho. Outras vezes, faz isso voando sozinho e cantando músicas pop irritantes. Ele é mágico assim.

Enquanto eu corria pela rua Newbury, Jacques ganhou forma na minha mão. A lâmina, setenta e cinco centímetros de aço de osso, era entalhada com runas que pulsavam em cores diferentes quando Jacques falava.

— O que está acontecendo? — perguntou ele. — Quem vamos matar?

Jacques alega que não presta atenção às minhas conversas quando está na forma de pingente. Ele diz que fica de fones de ouvido. Não acredito nisso, porque ele não tem fones. E muito menos ouvidos.

— Caçando um assassino — balbuciei, desviando de um táxi. — Bode morto.

— Certo — respondeu a espada. — O mesmo de sempre, então.

Pulei na lateral do prédio da Pearson Publishing. Tinha passado os últimos dois meses aprendendo a usar meus poderes de einherji, então um salto me levou a um patamar três andares acima da entrada principal, e sem dificuldade alguma, mesmo segurando a espada. Depois saltei de peitoril em peitoril pela fachada de mármore branco, incorporando meu Hulk interior, até chegar ao telhado.

Do outro lado, uma silhueta escura e bípede se escondeu atrás de uma fileira de chaminés. O assassino de bodes parecia humanoide, o que descartava bodicídio cometido por outro bode, mas eu já tinha visto o suficiente dos nove mundos para saber que humanoide nem sempre significava humano. Ele podia ser um elfo, um anão, um gigante pequeno ou até um deus do machado. (Por favor, tudo menos um deus do machado.)

Quando cheguei nas chaminés, meu alvo tinha pulado para o telhado do prédio ao lado. Pode não parecer impressionante, mas o prédio ao lado era uma mansão de tijolos marrons a cerca de quinze metros de distância, com um pequeno estacionamento no meio. O assassino de bodes nem sequer teve a decência de quebrar o tornozelo. Ele rolou para amortecer a queda e saiu correndo. Em seguida, pulou por cima da rua Newbury e caiu na torre de uma igreja, a Church of the Covenant.

— Odeio esse cara — falei.

— Como você sabe que é um cara? — perguntou Jacques.

A espada tinha razão. As roupas pretas e largas e o elmo de metal do assassino de bodes tornavam impossível saber seu gênero, mas decidi continuar pensando nele como homem por enquanto. Não sei bem por quê. Talvez tenha achado a ideia de uma assassina de bodes mais assustadora.

Recuei, peguei impulso e pulei na direção da igreja.

Adoraria dizer que caí na torre, botei algemas no assassino e anunciei: *Você está preso por matar um animal da fazenda!*

Mas… bem, a Church of the Covenant tem lindas janelas de vitral feitas pela Tiffany nos anos 1890. No lado esquerdo do santuário, uma janela está com uma rachadura enorme no alto. Foi mal.

Caí no telhado inclinado da igreja e deslizei, agarrando a calha com a mão direita. Pontadas de dor subiram pelos meus dedos. Fiquei pendurado na beirada, com as pernas balançando, chutando o belo vitral bem no Menino Jesus.

O lado bom é que ficar pendurado no telhado salvou minha vida. Quando eu me mexi, um machado veio voando do alto e cortou os botões da minha jaqueta jeans. Um centímetro para o lado e teria empalado meu peito.

— Ei! — gritei.

Costumo reclamar quando as pessoas tentam me matar. Claro, em Valhala, os einherjar estão sempre matando uns aos outros, e somos ressuscitados a tempo para o jantar. Mas, fora de Valhala, eu sou bem matável. Se morresse em Boston, não teria uma segunda chance cósmica.

O assassino de bodes me olhou do topo do telhado. Graças aos deuses, ele parecia ter usado todos os machados. Infelizmente, ainda tinha uma espada. A calça e a túnica eram cobertas de pelo preto. Uma cota de malha manchada de fuligem caía frouxa no peito. O elmo de ferro tinha uma cortina de cota de malha na base — o que, no meio viking, chamamos de almôfar —, cobrindo o pescoço. Suas feições estavam obscurecidas por uma viseira feita para parecer um lobo rosnando.

Claro que tinha que ser um lobo. Todo mundo nos nove mundos ama lobos. As pessoas têm escudos de lobo, elmos de lobo, protetores de tela de lobo, pijamas de lobo e festas de aniversário com decoração de lobo.

Já eu não curto muito lobos.

— Se toca, Magnus Chase. — A voz do assassino soou, indo de soprano a barítono na mesma frase, como se passasse por algum tipo de aparelho de efeitos especiais. — Fique longe de Provincetown.

Os dedos da minha mão esquerda apertaram o cabo da espada.

— Jacques, manda ver.

— Tem certeza? — perguntou Jacques.

O assassino arfou. Por algum motivo, as pessoas ficam chocadas quando descobrem que minha espada pode falar.

— Quer dizer — continuou Jacques —, sei que esse cara matou Otis, mas *todo mundo* mata Otis. Morrer é uma das funções dele.

— Corte a cabeça dele! Faça alguma coisa!

O assassino, que não era burro nem nada, deu meia-volta e fugiu.

— Pega ele! — falei para a espada.

— Por que *eu* tenho que fazer todo o trabalho duro? — reclamou Jacques.

— Porque eu estou pendurado aqui e você é imortal!

— O fato de você ter razão não deixa a coisa mais divertida.

Eu o joguei para o alto. Jacques zuniu para longe, voando atrás do assassino de bodes enquanto cantava sua versão de “Shake It Off”. (Nunca consegui convencê-lo de que um dos versos não é *cheese graters gonna grate, grate, grate, grate, grate*.)

Mesmo com a mão esquerda livre, demorei alguns segundos para subir no telhado. Ao longe, ouvi o estalo de lâminas ecoando nos prédios de tijolos. Corri na direção do som, pulando pelas torretas da igreja e saltando sobre a rua Berkeley. Pulei de telhado em telhado até ouvir Jacques gritar ao longe:

— Ai!

A maioria das pessoas não correria até uma batalha para verificar o bem-estar de sua espada, mas foi o que eu fiz. Na esquina da rua Boylston, subi pela lateral de um estacionamento coberto, cheguei ao telhado e

encontrei Jacques lutando pela… bem, talvez não pela vida, mas pelo menos pela sua dignidade.

Jacques costumava se gabar de ser a lâmina mais afiada dos nove mundos. Dizia poder cortar qualquer coisa e lutar contra dezenas de inimigos ao mesmo tempo. Eu tendia a acreditar nele, pois já o tinha visto derrubar gigantes do tamanho de arranha-céus. Mas o assassino de bodes não estava tendo dificuldade de forçá-lo a recuar pelo telhado. O assassino podia ser pequeno, mas era forte e rápido. A espada de ferro negro soltava fagulhas ao bater em Jacques. Toda vez que as lâminas se chocavam, Jacques gritava: "Ai! Ai!"

Eu não sabia se minha espada corria um perigo real, mas tinha que ajudá-la. Como eu não tinha outra arma e não estava a fim de lutar de mãos vazias, corri até o poste mais próximo e o arranquei da calçada.

Parecia até que eu estava me exibindo. Sinceramente, eu não estava. O poste foi o objeto mais parecido com uma arma que consegui encontrar, com exceção de um Lexus estacionado no meio-fio, mas eu não era forte o bastante para erguer um carro de luxo.

Ataquei o assassino de bodes com minha lança-poste de seis metros. Isso chamou a atenção dele. Quando ele se virou para mim, Jacques atacou e abriu um corte fundo na coxa do assassino, que grunhiu e cambaleou.

Essa era minha chance. Eu podia tentar derrubá-lo. Mas, quando estava a três metros do assassino, um uivo distante cortou o ar e me fez parar na hora.

Caramba, Magnus, vocês devem estar pensando, *foi só um uivo distante. Qual é o seu problema?*

Talvez eu já tenha mencionado que não gosto de lobos. Quando eu tinha quatorze anos, dois lobos com olhos azuis brilhantes mataram minha mãe. E meu encontro recente com Fenrir não ajudou em nada a aumentar minha admiração pela espécie.

Esse uivo, em particular, foi *definitivamente* de um lobo. Veio de algum lugar na direção do parque Boston Common e reverberou pelos prédios altos, transformando meu sangue em fréon. Era *exatamente* o mesmo som que eu tinha ouvido na noite da morte da minha mãe: faminto e triunfante, o som de um monstro que encontrou a presa.

O poste escorregou da minha mão e bateu no asfalto.

Jacques flutuou ao meu lado.

— Hã… ainda vamos lutar contra esse cara ou não?

O assassino cambaleou para trás, o pelo preto da calça brilhava com o sangue.

— E assim começa… — A voz dele soou ainda mais distorcida. — Cuidado, Magnus. Se você for a Provincetown, estará fazendo o que o inimigo deseja.

Eu encarei a viseira de lobo. Senti como se tivesse quatorze anos de novo, sozinho no beco atrás do meu prédio na noite em que minha mãe foi assassinada. Eu me lembro de olhar para a escada de incêndio da qual tinha acabado de descer e de ouvir os lobos uivarem na nossa sala. As chamas explodiram pelas janelas.

— Quem… quem é você?

O assassino soltou uma gargalhada gutural.

— Pergunta errada. A correta é: está preparado para perder seus amigos? Se não estiver, não procure o martelo de Thor.

Ele recuou até a beirada do telhado e pulou.

Corri até lá na mesma hora que um bando de pombos voou para o telhado, criando uma parede azul-acinzentada, girando acima da floresta de chaminés de Back Bay. Na calçada não havia movimento, nem corpo, nem sinal do assassino.

Jacques pairou ao meu lado.

— Eu podia ter matado o cara. Fui pego desprevenido. Não tive tempo de me alongar.

— Espadas não precisam se alongar — respondi.

— Ah, desculpe, sr. Especialista em Técnicas Adequadas de Aquecimento!

Uma pena de pombo voou em espiral até a beirada do telhado e grudou em uma poça do sangue. Eu a peguei e vi o líquido vermelho manchá-la.

— O que vamos fazer agora? — perguntou Jacques. — E o que foi aquele uivo?

Uma sensação gelada se espalhou pelo meu rosto, deixando um gosto frio e amargo na minha boca.

— Não sei — falei. — O que quer que tenha sido, já parou.

— Vamos dar uma olhada?

— Não! Quer dizer… quando descobrirmos de onde veio o som, será tarde demais para fazermos qualquer coisa. Além disso…

Eu observei a pena de pombo suja de sangue. Pensei na maneira eficiente como o assassino de bodes desapareceu e sobre como ele sabia que o martelo de Thor estava sumido. A voz distorcida reverberou na minha mente: *Está preparado para perder seus amigos?*

Alguma coisa no assassino pareceu muito errada… e muito familiar.

— Precisamos avisar Sam.

Peguei o punho de Jacques, e a exaustão tomou conta de mim.

O lado ruim de ter uma espada que lutava sozinha: o que quer que Jacques fizesse, eu pagava o preço assim que ele voltava para a minha mão. Senti hematomas se espalhando pelos meus braços, um para cada vez que Jacques foi acertado pela outra espada. Minhas pernas tremiam como se eu tivesse passado a manhã toda correndo. Um nó de emoção se formou na minha garganta: a vergonha de Jacques por deixar o assassino de bodes escapar.

— Ei, cara — falei para ele —, pelo menos você o feriu. É mais do que eu fiz.

— Ah, bem… — Jacques pareceu envergonhado. Ele não gostava de dividir os seus problemas comigo. — Talvez você devesse descansar um pouco. Você não está em condições…

— Estou ótimo. Obrigado, Jacques. Você agiu bem.

Fiz com que ele voltasse à forma de pingente e prendi a pedra na corrente.

A espada estava certa sobre uma coisa: eu precisava descansar. Estava com vontade de entrar naquele Lexus para tirar um cochilo, mas se o assassino de bodes decidisse voltar ao Thinking Cup, se pegasse Sam desprevenida…

Saí correndo pelos telhados, torcendo para não ser tarde demais.

Três

Meus amigos decidem não me contar nada para minha própria proteção. Valeu, gente

NO CAFÉ, SAM estava de pé junto ao corpo de Otis.

Os outros clientes entravam e saíam do Thinking Cup, evitando se aproximar do bode morto. Ninguém parecia assustado. Talvez vissem Otis como um sem-teto desmaiado. Alguns dos meus melhores amigos eram sem-teto desmaiados. Eu sabia bem como isso podia afastar as pessoas.

Sam franziu a testa. Sob o olho esquerdo dela havia um hematoma alaranjado recém-formado.

— Por que nosso informante está morto?

— Longa história — falei. — Quem bateu em você?

— Também é uma longa história.

— Sam…

Ela desconsiderou minha preocupação com um gesto.

— Eu estou bem. Só me diga que não foi você que matou Otis apenas porque ele comeu meu bolinho.

— Não. Agora, se ele tivesse comido o *meu* bolinho…

— Ha, ha. O que aconteceu?

Eu ainda estava preocupado com o olho de Sam, mas me esforcei para explicar sobre o assassino de bodes. Enquanto isso, a forma de Otis começou a se dissolver e a derreter em espirais de vapor branco, como gelo-seco. Em pouco tempo, não havia nada além do sobretudo, dos óculos escuros, do chapéu e do machado que o matou.

Sam pegou a arma no chão. A lâmina do machado não era maior do que um celular, mas parecia afiada. O metal escuro tinha entalhes de runas pretas como fuligem.

— Ferro forjado por gigantes — disse Sam. — Encantado. Bem balanceado. Não é o tipo de arma que alguém deixaria para trás.

— Legal. Eu odiaria que Otis fosse morto com uma arma vagabunda.

Sam me ignorou. Ela já estava virando profissional nisso.

— Você disse que o assassino usava um elmo de lobo?

— O que reduz nossas opções a metade dos vilões dos nove mundos. — Eu indiquei o casaco vazio de Otis. — Para onde ele foi?

— Otis? Ele vai ficar bem. Criaturas mágicas são formadas da névoa de Ginnungagap. Quando morrem, os corpos se dissolvem em névoa. Otis deve se recompor em algum lugar perto de seu mestre, com sorte a tempo de Thor matá-lo de novo para o jantar.

Achei isso uma coisa bem esquisita de se desejar, mas não mais esquisita do que a manhã que eu tivera. Antes que minhas pernas cedessem, eu me sentei à mesa. Tomei um gole do café agora frio.

— O assassino de bodes sabe que o martelo está desaparecido — falei. — Ele me disse que, se fôssemos para Provincetown, estaríamos fazendo o que nosso inimigo quer. Você acha que ele quis dizer…

— Loki? — Sam se sentou à minha frente. Ela largou o machado na mesa. — Tenho certeza de que ele está envolvido. Ele sempre está.

Eu não podia culpá-la por soar amarga. Sam não gostava de falar sobre o deus da mentira e da trapaça. Além de ele ser mau, era o pai dela.

— Você teve notícias dele recentemente? — perguntei.

— Só alguns sonhos. — Sam girou o copo de café para um lado e depois para o outro, como se fosse o botão de um cofre. — Sussurros, avisos. Ele anda interessado em… Deixa pra lá. Nada.

— Não me parece ser nada.

O olhar de Sam ficou intenso e ardente, como lenha em uma lareira logo antes de pegar fogo.

— Meu pai está tentando destruir minha vida pessoal. Isso não é novidade. Ele quer me distrair. Meus avós, Amir… — A voz dela falhou. — Não é nada com que eu não possa lidar sozinha. Não tem nada a ver com nosso problema com o martelo.

— Tem certeza?

A expressão dela me dizia para mudar de assunto. No passado, se eu a pressionasse demais, Sam me jogaria em uma parede e apertaria minha garganta com o antebraço. O fato de que ela ainda não tinha tentado me enforcar até eu ficar inconsciente era sinal de quanto nossa amizade havia evoluído.

— Loki não pode ser o assassino de bodes — concluiu ela. — Ele não conseguiria empunhar um machado assim.

— Por quê? Sei que tecnicamente ele está acorrentado na prisão de segurança máxima de Asgard por assassinato ou algo do tipo, mas ele não parece ter dificuldade alguma para falar comigo quando tem vontade.

— Meu pai consegue projetar sua imagem ou aparecer em sonhos. Com muita concentração, ele até consegue enviar poder suficiente para assumir uma forma física por tempo limitado.

— Como quando ele conheceu sua mãe.

Sam mais uma vez demonstrou todo o carinho que sentia por mim ao não me socar até meu cérebro espirrar para todo lado. Grandes provas de amizade estavam ocorrendo no Thinking Cup.

— Sim — disse ela. — Ele pode contornar o aprisionamento, mas não consegue se manifestar de forma sólida o suficiente para portar armas mágicas. Os deuses cuidaram para que fosse assim quando colocaram um feitiço nas amarras. Se ele pudesse pegar uma lâmina encantada, acabaria se libertando.

Achei que fazia sentido, do jeito absurdo dos mitos nórdicos. Imaginei Loki em uma caverna com as mãos e os pés atados com amarras feitas dos — ugh, mal conseguia pensar nisso — intestinos dos próprios filhos assassinados. Os deuses tinham feito isso. Também tinham supostamente colocado uma cobra acima da cabeça de Loki para que ficasse pingando veneno na cara dele por toda a eternidade. A justiça asgardiana não era muito misericordiosa.

— O assassino de bodes podia estar trabalhando para Loki — falei. — Quem sabe um gigante. Ou…

— Ele pode ser qualquer um — interrompeu Sam. — Pela forma como você o descreveu, como ele lutava e se movia, parece um einherji. Talvez até uma valquíria.

Senti um aperto no estômago. Eu o imaginei rolando pela calçada até o chapéu de Otis.

— Alguém de Valhala. Mas por quê…?

— Não sei. Seja lá quem for, ele ou ela não quer que a gente siga a pista de Otis. Mas acho que não temos escolha. Precisamos agir rápido.

— Por que a pressa? O martelo de Thor está desaparecido há meses. Os gigantes ainda nem atacaram.

Alguma coisa nos olhos de Sam me lembrou as redes de Ran, a deusa do mar, o jeito como se agitavam nas ondas, despertando os espíritos dos afogados. Não foi uma lembrança feliz.

— Magnus, os eventos estão aumentando. Minhas últimas missões em Jötunheim… os gigantes estão inquietos. Eles conjuraram *glamoures* enormes para esconder o que quer que estejam tramando, mas tenho quase certeza de que estão formando um exército. Eles estão se preparando para invadir.

— Invadir… que mundo?

Uma brisa fez o hijab voar ao redor do rosto de Sam.

— *Este* mundo, Magnus. E se eles vierem destruir Midgard…

Apesar do clima quente, senti um arrepio percorrer minha espinha. Sam tinha explicado que Boston ficava no centro da Yggdrasill, a Árvore do Mundo. Era o lugar mais fácil para viajar entre os nove mundos. Imaginei as sombras dos gigantes se estendendo pela rua Newbury, o chão tremendo sob botas com detalhes em ferro do tamanho de carros blindados.

— A única coisa que os impede — disse Sam — é o medo que têm de Thor. É assim há séculos. Eles não vão começar uma invasão em larga escala se não tiverem certeza absoluta de que Thor está vulnerável. Mas os gigantes estão ficando ousados. Começaram a desconfiar que o momento é favorável…

— Thor é só um deus — falei. — E Odin? Tyr? Ou meu pai, Frey? *Eles* não podem lutar contra os gigantes?

Assim que disse isso, a ideia me pareceu ridícula. Odin era imprevisível. Quando aparecia, ficava mais interessado em dar palestras motivacionais com apresentações de PowerPoint do que em lutar. Eu nem conhecia Tyr, o deus da coragem e do combate. Quanto a Frey… meu pai era o deus do verão e da fertilidade. Se você queria que flores desabrochassem, plantações vingassem ou um corte de papel fosse curado, ele era o deus ideal. Afastar as hordas de Jötunheim? Talvez não.

— Nós temos que impedir a invasão dos gigantes *antes* que ela aconteça — disse Sam. — O que quer dizer encontrar Mjölnir. Tem certeza de que Otis disse Provincetown?

— Tenho. O dólmen de um *draugr*. Isso é ruim?

— Em uma escala de um a dez, está perto do vinte. Vamos precisar de Hearthstone e Blitzen.

Apesar das circunstâncias, a possibilidade de ver meus velhos amigos me animou.

— Você sabe onde eles estão?

Sam hesitou.

— Sei como entrar em contato com eles. Os dois estão em um dos esconderijos de Mímir.

Tentei digerir a informação. Mímir — a cabeça decapitada de um deus que trocava goles do Poço da Sabedoria por anos de servidão, que mandara Hearth e Blitz ficarem de olho em mim quando eu era um sem-teto porque eu era “importante para o destino dos mundos”, que tinha uma rede de caça-níqueis entre os nove mundos e outros empreendimentos duvidosos — tinha uma grande variedade de esconderijos. Eu me perguntei o que ele exigira dos meus amigos como aluguel.

— Por que Blitz e Hearth estão escondidos?

— Eu devia deixar que eles explicassem — disse Sam. — Eles não queriam deixar você preocupado.

Isso era tão *sem* graça que eu até ri.

— Meus amigos desapareceram sem dizer nada porque não queriam me deixar *preocupado*?

— Olha, Magnus, você precisava de tempo para treinar, para se adaptar a Valhala e se acostumar a seus novos poderes. Hearthstone e Blitzen tiveram um mau presságio nas runas. Eles estão tomando precauções, ficando fora de cena. Mas, para essa missão…

— Mau presságio. Sam, o assassino disse que eu devia estar preparado para perder meus amigos.

— Eu *sei*. — Ela pegou o café, e seus dedos estavam tremendo. — Nós vamos tomar cuidado, Magnus. Mas, para o dólmen de um *draugr*… magia de runas e experiência em ambientes subterrâneos podem fazer toda a diferença. Nós vamos *precisar* de Hearth e Blitz. Vou fazer contato com eles esta tarde. E, depois, prometo que vou lhe contar tudo.

— Tem *mais*?

De repente, tive a sensação de que nas últimas seis semanas eu estivera sentado à mesa das crianças na Ceia de Natal. Perdi todas as conversas importantes entre os adultos. Eu não gostava da mesa das crianças.

— Sam, você não precisa me proteger — falei. — Eu já estou morto. Sou um maldito guerreiro de Odin que mora em Valhala. Quero ajudar.

— Você vai ajudar — prometeu ela. — Mas você *precisava* de tempo para treinar, Magnus. Quando saímos em busca da Espada do Verão, tivemos sorte. Para o que vem agora… vamos precisar de todas as suas habilidades.

O medo na voz dela me fez estremecer.

Eu não considerei que tivemos *sorte* quando encontramos a Espada do Verão. Chegamos perto de morrer várias vezes. Três de nossos companheiros sacrificaram a vida. Nós quase não conseguimos impedir o lobo Fenrir e um grupo de gigantes do fogo de destruir os nove mundos. Se isso foi sorte, eu não queria descobrir o que era azar.

Sam esticou a mão por cima da mesa. Pegou meu bolinho de laranja e cranberry e deu uma mordida. A cobertura era da mesma cor do olho machucado dela.

— Preciso voltar para a escola. Não posso perder outra aula de física avançada. À tarde, tenho que resolver alguns problemas em casa.

Eu me lembrei do que ela disse sobre Loki tentar estragar sua vida pessoal e daquele tom hesitante quando falou o nome de Amir.

— Posso ajudar em alguma coisa? Quem sabe passar no Falafel do Fadlan e falar com Amir.

— Não! — As bochechas de Sam ficaram vermelhas. — Não, obrigada. Mas não mesmo. Não.

— Já tinha entendido no primeiro "não".

— Magnus, eu sei que suas intenções são boas. Tem muita coisa acontecendo agora, mas eu consigo resolver sozinha. Vejo você à noite no jantar do… — A expressão dela ficou azeda. — Você sabe, do recém-chegado.

Ela estava falando sobre a alma que tinha ido buscar. Como a valquíria responsável que era, Sam estaria no banquete para apresentar o novo

einherji.

Observei o hematoma sob o olho dela e uma ideia surgiu na minha mente.

— A alma que você foi buscar… Foi esse novo einherji que te deu um soco?

Sam fez uma careta.

— É complicado.

Eu já tinha conhecido einherjar violentos, mas nunca um que ousasse atacar uma valquíria. Era suicídio, até para uma pessoa que já estava morta.

— Que tipo de idiota… Espere. Isso teve alguma coisa a ver com aquele uivo de lobo que eu ouvi do outro lado do parque Boston Common?

Os olhos castanhos de Sam ardiam, quase à beira da combustão.

— Você vai saber em breve. — Ela se levantou e pegou o machado do assassino. — Agora, volte para Valhala. Esta noite você vai ter o prazer de conhecer… — Ela fez uma pausa e avaliou as palavras. — Meu irmão.

Quatro

Sou atropelado por um guepardo

NA HORA DE escolher uma pós-vida, é importante considerar a localização.

Pós-vidas no subúrbio, como em Fólkvangr e Niflheim, podem oferecer custos de não vida mais baixos, mas a entrada de Midgard para Valhala fica no coração da cidade, na rua Beacon, em frente ao parque Boston Common. Dá para ir a pé às melhores lojas e aos melhores restaurantes, e fica a menos de um minuto da estação de metrô da rua Park!

Escolha Valhala. Para todas as suas necessidades de paraíso viking.

(Desculpem. Eu falei para a gerência do hotel que faria uma divulgação. Mas *realmente* era bem fácil voltar para Boston.)

Depois de comprar um saco de grãos de café expresso cobertos de chocolate no café, atravessei o Public Garden e passei pela ponte sob a qual eu costumava dormir. Dois sujeitos grisalhos estavam sentados em um amontoado de sacos de dormir, compartilhando restos de comida com um cachorro vira-lata.

— Ei, caras. — Entreguei para eles o sobretudo e o chapéu de Otis, junto com todo o dinheiro mortal que eu tinha, vinte e quatro dólares. — Tenham um bom dia.

Os homens ficaram surpresos demais para responder. Continuei andando, com a sensação de que havia um machado enfiado no meu peito.

Só porque fui morto por um gigante do fogo dois meses antes, eu podia viver em meio ao luxo. Enquanto isso, aqueles caras e o cachorro comiam o que quer que conseguissem encontrar nas lixeiras. Não era justo.

Eu queria poder reunir todos os sem-teto de Boston e dizer: *Ei, tem uma mansão enorme bem ali com milhares de suítes confortáveis e comida grátis para sempre. Me sigam!*

Mas não daria certo.

Mortais não podiam entrar em Valhala. Não se podia nem morrer de propósito para entrar. A morte tinha que ser um ato altruísta não planejado, e a pessoa tinha que torcer para haver uma valquíria por perto para levar sua alma.

Claro que mesmo assim Valhala era melhor do que os arranha-céus que surgiam por toda a cidade. A maioria era cheia de apartamentos de luxo vazios, reluzentes quartas ou quintas residências de bilionários. Não era preciso uma morte heroica para ir para lá, bastava ter muito dinheiro. Se os gigantes *invadissem* Boston, talvez eu pudesse convencê-los a derrubar alguns prédios estratégicos.

Por fim, cheguei à fachada de Midgard do Hotel Valhala. Do lado de fora, parecia uma mansão de oito andares de pedra branca e cinza, apenas mais uma propriedade supercara em uma rua de casas coloniais. A única diferença: o jardim da frente era completamente cercado por um muro branco de calcário de cinco metros sem nenhuma entrada — a primeira de muitas defesas para impedir que os mortais passassem.

Pulei por cima do muro e caí no bosque de Glasir.

Duas valquírias pairavam junto aos galhos da bétula de tronco branco, coletando as folhas de ouro vinte e quatro quilates. Elas acenaram para mim, mas eu não parei para conversar. Andei até os degraus da frente e empurrei a pesada porta dupla.

No saguão do tamanho de uma catedral, a cena era a mesma de sempre. Em frente à lareira acesa, einherjar adolescentes brincavam de jogos de tabuleiro ou relamachavam (que é igual a relaxar, só que com machados). Outros einherjar usando roupões verdes e felpudos do hotel corriam uns atrás dos outros em volta dos pilares rudimentares que se espalhavam pelo

saguão, brincando de esconde-esconde-mata. As gargalhadas deles ecoavam no teto alto, onde vigas brilhavam com as pontas de mil lanças enfileiradas.

Olhei para a recepção, perguntando-me se o irmão misterioso e violento de Sam estaria se registrando. A única pessoa lá era o gerente, Helgi, encarando a tela do computador. Uma manga do terno verde tinha sido rasgada. Pedaços da barba de tamanho épico tinham sido arrancados. O cabelo parecia mais um abutre morto do que o normal.

— Não vá lá — avisou uma voz familiar.

Hunding, o porteiro, parou ao meu lado, com o rosto vermelho cheio de verrugas coberto de novos arranhões. A barba, como a de Helgi, parecia ter ficado presa em uma máquina de depenar galinhas.

— O chefe está *muito* mal-humorado — disse ele. — Do tipo disposto a te dar uma surra.

— Você também não parece muito feliz — observei. — O que aconteceu?

A barba de Hunding estremeceu de raiva.

— Nosso novo hóspede chegou.

— O irmão de Samirah?

— Hum. Se você preferir chamá-lo assim. Não sei o que Samirah tinha na cabeça ao trazer aquele monstro para Valhala.

— Monstro? — Tive um flashback de X, o meio troll que Samirah levara para Valhala. Ela também fora criticada por isso, apesar de X mais tarde ter se mostrado Odin disfarçado. (Longa história.) — Você está dizendo que esse recém-chegado é um monstro *de verdade*, como Fenrir ou…

— Pior, se quer saber minha opinião. — Hunding tirou um tufo do bigode de cima do crachá. — O maldito *argr* quase arrancou minha cara quando viu os aposentos dele. Sem mencionar a *total* ausência de gorjeta…

— Porteiro! — gritou o gerente da recepção. — Pare de bater papo e venha aqui! Você tem dentes de dragão para passar fio dental!

Olhei para Hunding.

— Ele faz você passar fio dental nos dentes do dragão?

Hunding suspirou.

— E demora uma eternidade. Tenho que ir.

— Ei, cara. — Entreguei a ele o saco de grãos de café cobertos de chocolate que comprei no Thinking Cup. — Aguenta aí.

Os olhos do velho viking ficaram úmidos.

— Magnus Chase, você é um bom rapaz. Eu podia abraçar você até sufocar…

— PORTEIRO! — gritou Helgi de novo.

— JÁ VOU! SEGURA A ONDA SENÃO O DRÁCAR AFUNDA!

Hunding correu até a recepção, o que me poupou de um abraço mortal.

Por pior que eu estivesse me sentindo, pelo menos não tinha o emprego de Hunding. O pobre sujeito tinha chegado a Valhala só para ser obrigado a servir Helgi, seu arqui-inimigo da vida mortal. Eu achava que ele merecia um pouco de chocolate de vez em quando. Além do mais, a amizade dele já tinha se mostrado valiosa. Hunding conhecia o hotel melhor do que ninguém e sabia todas as fofocas boas.

Fui para os elevadores, me perguntando o que era um *argr* e por que Sam levaria um para Valhala. O que eu mais queria saber era se eu teria tempo de almoçar e cochilar antes da batalha que aconteceria à tarde. Era importante estar bem alimentado e descansado quando se morria em combate.

Nos corredores, alguns einherjar me olharam de soslaio. A maioria me ignorou. Claro, eu recuperara a Espada do Verão e derrotara o lobo Fenrir, mas a maioria dos meus colegas guerreiros só me via como o garoto que tinha causado a morte de três valquírias e que quase dera início ao Ragnarök. O fato de eu ser filho de Frey, o deus vanir do verão, não

ajudava. Os filhos do meu pai não costumavam ficar em Valhala. Eu não era popular o bastante para andar com os filhos de deuses da guerra como Thor, Tyr e Odin.

Sim, Valhala tinha panelinhas que nem o ensino médio. E apesar de o ensino médio *parecer* durar uma eternidade, Valhala era mesmo para sempre. Os únicos einherjar que me aceitavam de verdade eram meus colegas de corredor do andar dezenove, e eu estava ansioso para me encontrar com eles.

No elevador, a música calma viking não ajudou a melhorar meu humor. Perguntas se acumulavam no meu cérebro: quem matou Otis? O que o bode queria avisar? Quem era o irmão de Sam? Do que Blitz e Hearth estavam se escondendo? E quem, em sã consciência, ia querer gravar “Fly Me to the Moon” em norueguês antigo?

As portas do elevador se abriram no andar dezenove. Saí, e um animal grande quase trombou em mim. Estava se movendo tão rápido que só registrei uma mancha amarela e preta antes de ela dobrar o corredor e sumir. Em seguida, notei os buracos nos meus tênis, onde o animal tinha pisado. Pequenos gêiseres de dor surgiram no peito dos meus pés.

— Ai — falei, atrasado.

— Parem aquele guepardo! — Thomas Jefferson Jr. apareceu em disparada pelo corredor com o rifle em punho, e meus outros colegas, Mallory Keen e Mestiço Gunderson, logo atrás. Eles pararam na minha frente, os três ofegantes e suados.

— Você viu? — perguntou T.J. — Viu para onde foi?

— Hum… — Apontei para a direita. — Por que temos um guepardo?

— Não foi ideia nossa, pode acreditar. — T.J. apoiou o rifle no ombro. Como sempre, ele estava usando a jaqueta azul da União sobre a camiseta verde do Hotel Valhala. — Nosso novo colega de corredor não está feliz de estar aqui.

— Novo colega — repeti. — Um guepardo. Você quer dizer… a alma que Sam trouxe. Um filho de Loki. Ele é um metamorfo?

— Entre outras coisas — disse Mestiço Gunderson. Por ser um berserker, ele tinha o físico do pé-grande e estava usando apenas calças de couro. Tatuagens de runas se espalhavam pelo peito largo. Ele bateu com o machado no chão. — Meu rosto quase foi esmagado por aquele *meinfretr*!

Desde que me mudei para Valhala aprendi uma quantidade impressionante de palavrões em norueguês antigo. *Meinfretr* era alguma coisa como *peido fedido*, o que era, naturalmente, o pior tipo de peido.

Mallory guardou as duas facas.

— Mestiço, sua cara se beneficiaria de uma esmagada ocasional. — O sotaque dela ficava mais carregado quando estava com raiva. Com o cabelo ruivo e as bochechas avermelhadas, ela passaria por um pequeno gigante do fogo, só que gigantes do fogo não eram tão intimidadores. — Estou com medo de aquele demônio destruir o hotel! Você viu o que ele fez com o quarto do X?

— Ele está com o antigo quarto do X? — perguntei.

— E destruiu tudo. — Mallory fez um V com os dedos indicador e médio e os esticou embaixo do queixo na direção do guepardo que fugiu. A srta. Keen era irlandesa, então aquele gesto não significava *paz* ou *amor*, e sim algo bem mais grosseiro. — Viemos recebê-lo e encontramos o lugar em ruínas. Não tem respeito!

Eu me lembrei do meu primeiro dia em Valhala. Joguei um sofá do outro lado da sala e afundei o punho na parede do banheiro.

— Bem… pode ser difícil se acostumar.

T.J. balançou a cabeça.

— Não assim. O garoto tentou nos matar na mesma hora. Algumas das coisas que ele disse…

— Insultos de primeira — admitiu Mestiço. — Tenho que dar crédito a ele por isso. Mas nunca vi uma pessoa fazer uma bagunça tão grande…

Venha dar uma olhada, Magnus. Veja com seus próprios olhos.

Eles me levaram até o antigo quarto de X. Eu nunca tinha entrado, mas agora a porta estava escancarada. O interior parecia ter sido redecorado por um furacão de categoria cinco.

— Pelo amor de Frigga.

Passei por cima de um montinho de móveis quebrados e entrei na sala.

A disposição era parecida com a da minha suíte: quatro seções quadradas saindo de um átrio central como um sinal gigantesco de mais. A sala já tinha sido uma área com sofá, estantes, uma TV e uma lareira. Agora, era uma zona de guerra. Só a lareira permanecia intacta, e marcas fundas eram visíveis acima dela como se nosso novo vizinho a tivesse acertado com uma espada.

Pelo que pude ver, o quarto, a cozinha e o banheiro foram igualmente destruídos. Atordoado, segui para o átrio.

Assim como o meu, tinha uma árvore enorme no meio. Os galhos mais baixos se espalhavam pelo teto da suíte, se entrelaçando com as vigas. Os galhos mais altos se esticavam para um céu azul sem nuvens. Meus pés afundaram na grama verde. A brisa que entrava pela abertura no teto tinha cheiro de louro-da-montanha, parecido com refrigerante de uva. Eu já tinha ido ao quarto de vários amigos, mas nenhum tinha um átrio a céu aberto.

— Era assim na época de X? — perguntei.

Mallory fez um ruído de deboche.

— Não mesmo. O átrio do X era uma piscina grande, uma fonte termal natural. O quarto dele era sempre quente, úmido e sulfuroso, como o sovaco de um troll.

— Sinto falta do X. — Mestiço suspirou. — Mas, sim, tudo isso é totalmente novo. Cada suíte se adapta ao estilo do dono.

Eu me perguntei o que o fato de meu átrio ser exatamente igual ao do recém-chegado queria dizer. Eu não queria compartilhar estilos com um

filho de Loki assassino e felino selvagem que pisava nos pés das pessoas.

Na extremidade do átrio havia outra pilha de destruição. Prateleiras haviam sido derrubadas. A grama estava cheia de tigelas e xícaras de cerâmica, algumas coloridas, outras de argila.

Eu me ajoelhei e peguei a base de um vaso quebrado.

— Vocês acham que o garoto-guepardo fez tudo isso?

— Acho. — T.J. apontou com o rifle. — Tem uma fornalha e um torno para argila na cozinha.

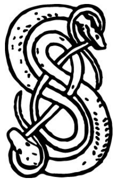
— Trabalho de qualidade — disse Mestiço. — O vaso que ele jogou na minha cara era lindo e mortal. Que nem a srta. Keen aqui.

O rosto de Mallory foi de vermelho-morango a laranja-pimenta.

— Você é um idiota.

Essa era a forma dela de expressar afeto pelo namorado.

Virei o estilhaço. Na base, as iniciais A.F. estavam gravadas na argila. Eu não queria especular o que podiam representar. Embaixo das iniciais havia um selo decorativo: duas cobras enroladas em um S elaborado, com os rabos entrelaçados na cabeça uma da outra.



As pontas dos meus dedos ficaram dormentes. Larguei o estilhaço e peguei outro vaso quebrado: as mesmas iniciais, o mesmo selo das serpentes.

— É um dos símbolos de Loki — disse Mestiço. — Flexibilidade, mudança, instabilidade.

Meus ouvidos estavam zumbindo. Já tinha visto aquele símbolo… recentemente, no meu quarto.

— Como… como você sabe?

Mestiço estufou o peito já estufado.

— Como disse, eu fiz muitas coisas durante meu tempo em Valhala. Tenho doutorado em literatura germânica.

— Coisa que ele só menciona várias vezes por dia — acrescentou Mallory.

— Ei, pessoal — chamou T.J. do quarto.

Ele enfiou o rifle em uma pilha de roupas e levantou um vestido de seda verde-escura sem mangas.

— Chique — disse Mallory. — É um Stella McCartney.

Mestiço franziu a testa.

— Como você sabe?

— Eu fiz muitas coisas durante meu tempo em Valhala. — Mallory fez uma ótima imitação da voz rouca de Mestiço. — Tenho doutorado em moda.

— Ah, me deixe em paz, mulher — murmurou Mestiço.

— E olhem isto. — T.J. levantou um paletó também verde-escuro, com lapelas cor-de-rosa.

Admito que estava um pouco distraído. Só conseguia pensar no símbolo de Loki nos vasos e em onde tinha visto o desenho de serpente antes. A confusão de roupas no quarto não fazia sentido para mim: jeans, saias, jaquetas, gravatas e vestidos de festa, a maioria em tons de rosa e verde.

— Quantas pessoas moram aqui? — perguntei. — Ele tem uma irmã?

Mestiço riu.

— T.J., você explica ou eu explico?

FLUUUUUM. O som da corneta de chifre de carneiro ecoou pelo corredor.

— Hora do almoço — anunciou T.J. — Podemos conversar lá.

Meus amigos seguiram para a porta. Eu fiquei agachado perto da pilha de estilhaços de vasos, tigelas e xícaras, olhando para as iniciais A.F. e para as serpentes entrelaçadas.

— Magnus — chamou T.J. — Você vem?

Eu estava sem fome. Também tinha perdido a vontade de cochilar. A adrenalina percorria meu corpo como uma nota aguda em uma guitarra elétrica.

— Podem ir na frente. — Meus dedos envolveram o vaso quebrado com o símbolo de Loki. — Preciso checar uma coisa primeiro.

Cinco

Minha espada tem uma vida social mais agitada que a minha

FOI BOM EU não ter ido almoçar.

Normalmente, era preciso lutar até a morte para se chegar ao bufê, e do jeito que eu estava distraído, seria empalado por um garfinho de fondue antes mesmo de encher o prato.

A maioria das atividades em Valhala era feita até a morte: Scrabble, rafting em corredeiras, comer panquecas, yoga. (Dica: *nunca* façam yoga viking.)

Fui para meu quarto e respirei fundo algumas vezes. Eu meio que esperava que tudo ali estivesse tão destruído quanto o quarto de A.F — como se, pelas suítes serem tão parecidas, a minha fosse decidir se destruir em solidariedade. Mas estava do jeito que deixei, apenas mais limpa.

Eu nunca via a equipe de limpeza. De alguma forma, eles sempre conseguiam arrumar tudo enquanto eu estava fora. Eles faziam a cama quer eu tivesse dormido nela ou não. Lavavam o banheiro mesmo se eu tivesse acabado de fazer isso. Passavam e dobravam minhas roupas, apesar de eu sempre tomar o cuidado de não deixar nenhuma peça espalhada pelo chão. Falando sério, quem passa e engoma cuecas?

Eu já sentia culpa de ter aquela suíte enorme só para mim; e a ideia de empregados cuidando de tudo me parecia ainda pior. Minha mãe me criou para arrumar minha bagunça. Mesmo assim, por mais que eu tentasse

fazer isso aqui, a equipe do hotel aparecia lá diariamente para limpar tudo, sem misericórdia.

Outra coisa que eles faziam era me deixar presentes. Isso me incomodava mais do que as cuecas engomadas.

Fui até a lareira. Quando olhei pela primeira vez, só havia uma foto sobre ela: uma imagem da minha mãe comigo quando eu tinha oito anos, no cume do monte Washington. Depois disso, mais fotos apareceram, algumas das quais eu me lembrava da infância, algumas que eu nunca tinha visto. Não sabia onde o pessoal do hotel as encontrava. Talvez, conforme a suíte fosse ficando mais sintonizada comigo, as fotos fossem surgindo do cosmos. Talvez Valhala tivesse um backup da vida de todos os einherjar no iCloud.

Em uma das fotos, minha prima Annabeth estava em uma colina, com a ponte Golden Gate e a cidade de São Francisco ao fundo. O cabelo louro estava revolto. Os olhos acinzentados brilhavam, como se alguém tivesse acabado de lhe contar uma piada.

Olhar para Annabeth me deixava feliz, porque ela era da família. Também me deixava ansioso, porque era um lembrete constante da nossa última conversa.

De acordo com Annabeth, nossa família, os Chase, tinha algum tipo de apelo especial aos deuses antigos. Talvez fosse nossa personalidade encantadora. Talvez fosse nossa marca de xampu. A mãe de Annabeth, a deusa grega Atena, se apaixonou pelo pai dela, Frederick. Meu pai, Frey, se apaixonou pela minha mãe, Natalie. Se alguém virasse para mim amanhã e me dissesse que — surpresa! — os deuses astecas estavam vivendo em Houston e que minha prima de segundo grau era neta de Quetzalcóatl, eu acreditaria numa boa. E, depois, sairia correndo e me jogaria de um penhasco em Ginnungagap.

Minha prima achava que todos os mitos antigos eram reais. Eles se alimentavam da memória e das crenças humanas — dezenas de panteões

velhos ainda lutando uns contra os outros como faziam antigamente. Enquanto suas histórias sobrevivessem, os deuses sobreviveriam. E histórias eram quase impossíveis de matar.

Annabeth prometeu que conversaríamos mais sobre o assunto. Até o momento, não tivemos oportunidade. Antes de voltar para Manhattan, ela tinha me avisado que raramente usava o celular porque o aparelho era perigoso para semideuses (embora eu nunca tivesse tido nenhum problema). Tentei não me preocupar por não conseguir falar com ela desde janeiro. Mas me perguntei o que poderia estar acontecendo lá na terra grega e romana.

Minha mão seguiu até a foto seguinte.

Essa era mais difícil de olhar. Minha mãe e seus dois irmãos, todos com vinte e poucos anos, sentados juntos nos degraus da casa da família. Mamãe estava como eu sempre me lembrava dela: cabelo curto, sorriso contagiante, sardas, calça jeans surrada e camisa de flanela. Se desse para ligar um gerador à sua alegria de viver, seria possível iluminar a cidade inteira.

Ao lado dela estava meu tio Frederick, o pai de Annabeth. Ele usava um cardigã grande demais por cima de uma camisa de botão e uma calça bege que ia até os tornozelos. Estava segurando um modelo de biplano da Primeira Guerra Mundial e tinha um sorriso bobo no rosto.

Ao lado dos dois, no degrau mais alto, com as mãos pousadas nos ombros deles, estava o irmão mais velho, Randolph. Ele parecia ter uns vinte e cinco anos, apesar de ser uma daquelas pessoas que nasceram para ser velhas. O cabelo curto era tão louro que parecia branco. O rosto grande e redondo e o corpo robusto o faziam parecer mais um segurança de boate do que um universitário. Apesar do sorriso, os olhos eram penetrantes, e a postura, controlada. Ele parecia prestes a atacar o fotógrafo a qualquer segundo para pegar a câmera e pisar nela.

Minha mãe me disse várias vezes: *não peça ajuda a Randolph, não confie nele.* Ela o afastou durante anos, se recusou a me levar até a mansão da família em Back Bay.

Quando fiz dezesseis anos, Randolph me encontrou. Ele me contou sobre meu pai divino. Ele me guiou até a Espada do Verão, e eu acabei morrendo.

Isso me deixou com o pé atrás sobre ir ver o tio Randolph de novo, embora Annabeth achasse que devíamos dar a ele o benefício da dúvida.

Ele é da família, Magnus, disse minha prima antes de partir para Nova York. *Nós não podemos desistir da família.*

Parte de mim achava que ela estava certa. A outra parte achava que Randolph era perigoso. Eu não confiava nele nem um pouco.

Nossa, Magnus, vocês devem estar pensando, *como você é rancoroso. Ele é seu tio. Só porque sua mãe o odiava, ele ignorou você boa parte de sua vida e te deixou morrer, agora você não confia nele?*

É, eu sei. Eu estava exagerando.

A questão é que o que mais me incomodava no tio Randolph não era nosso passado. Era o fato de a foto dos três irmãos ter mudado desde a semana anterior. Em algum momento, não sei como, uma nova marca apareceu na bochecha de Randolph, um símbolo suave, como uma marca d'água. E agora eu sabia o que significava.

Levantei o vaso que peguei no quarto de A.F: as iniciais na argila, o selo com as duas serpentes entrelaçadas. Definitivamente, o mesmo desenho.

Alguém fez a marca de Loki no rosto do meu tio.

Olhei para as cobras por bastante tempo, tentando entender.

Queria poder falar com Hearthstone, meu especialista em runas e símbolos. Ou com Blitzen, que conhecia itens mágicos. Queria que Sam estivesse aqui, porque, se eu estava enlouquecendo e vendo coisas, ela seria a primeira a me dar uns tapas e me devolver o bom senso.

Como eu não tinha ninguém com quem conversar, puxei meu pingente e chamei Jacques.

— Oi! — Jacques fez uma pirueta no ar, com as runas brilhando em azul e vermelho. Não havia nada melhor que um clima de discoteca quando se queria ter uma conversa séria. — Estou feliz de você ter me acordado. Tenho um encontro esta tarde com uma lança muito *gata*, e se eu perdesse… Ah, cara, eu me daria uma facada.

— Jacques, prefiro não saber sobre seus encontros com outras armas mágicas.

— Ah, não seja assim. Você precisa sair mais! Se você me ajudar, posso arrumar alguém para você. Essa lança tem uma amiga…

— Jacques.

— Tudo bem. — Ele suspirou, o que fez sua lâmina brilhar em um lindo tom de anil. Sem dúvida as lanças achariam isso muito atraente. — O que está rolando? Nenhum ninja apareceu por aqui, não é?

Eu mostrei a marca de serpente no pedaço de vaso.

— Você sabe alguma coisa sobre esse símbolo?

Jacques se aproximou.

— Ah, claro. É uma das marcas de Loki. Não tenho doutorado em literatura germânica nem nada, mas acho que representa, sei lá, traição.

Comecei a me perguntar se chamar Jacques tinha sido uma boa ideia.

— Nosso novo vizinho de corredor faz artesanato. E todos os vasos têm isso gravado embaixo.

— Hum… Eu diria que ele é um filho de Loki.

— Eu *sei* disso. Mas por que se gabar? Sam não gosta nem de mencionar o pai. E esse cara coloca o símbolo de Loki em todos os seus trabalhos.

— Gosto não se discute — retrucou Jacques. — Já conheci uma faca com cabo de acrílico verde. Dá para imaginar?

Peguei a foto dos três irmãos Chase.

— Mas em algum momento da semana passada, esse mesmo símbolo de Loki apareceu no rosto do meu tio. Alguma ideia?

Jacques apoiou a ponta da lâmina no tapete da sala. Ele se inclinou para a frente até o cabo estar a centímetros da foto. Talvez estivesse ficando míope.

— Hum… — disse ele. — Você quer a minha opinião?

— Quero.

— Acho isso bem estranho.

Esperei um pouco. Jacques não elaborou a resposta.

— Tudo bem, então — falei. — Você não acha que pode haver uma ligação entre… sei lá, outro filho de Loki aparecer em Valhala, essa marca estranha no rosto do meu tio e o fato de que, de repente, depois de dois meses de tranquilidade, temos que encontrar o martelo de Thor o mais rápido possível para impedir uma invasão?

— Pensando por esse lado, você está certo, é *bem* estranho. Mas Loki sempre aparece em lugares estranhos. E o martelo de Thor… — Jacques vibrou, como se estivesse tremendo ou segurando uma gargalhada. — Mjölnir *sempre* desaparece. Eu juro, Thor precisa grudar aquele martelo na cabeça com fita adesiva.

Eu duvidava que fosse esquecer essa imagem tão cedo.

— Como Thor pode perder aquilo com tanta facilidade? E como alguém poderia roubá-lo? Achei que Mjölnir fosse tão pesado que era impossível de levantar.

— Engano comum — disse Jacques. — Esqueça todo aquele papo de "só os dignos conseguem levantar Mjölnir" que aparece nos filmes. O martelo é pesado, mas se você reunir uma quantidade razoável de gigantes? Claro que eles conseguem carregar. Agora empunhá-lo, jogá-lo corretamente, pegá-lo de novo, conjurar relâmpagos com ele, isso, sim, exige habilidade. Perdi a conta de quantas vezes Thor dormiu no meio de uma floresta, gigantes brincalhões apareceram com uma retroescavadeira,

e, quando acordou, o deus do trovão se viu sem martelo. Na maior parte das vezes, ele consegue recuperá-lo rápido, mata os brincalhões e vive feliz para sempre.

— Mas não desta vez.

Jacques balançou para a frente e para trás, a versão dele de dar de ombros.

— Acho que recuperar Mjölnir é importante. O martelo é poderoso. Inspira medo nos gigantes. Destrói exércitos inteiros. Impede que as forças do mal destruam o universo e tal. Pessoalmente, eu sempre achei meio sem graça. Ele só fica *parado* na maior parte do tempo. Não diz nada. E *nunca* o convide para um karaokê no Nuclear Rainbow. Foi um *desastre*. Eu tive que cantar as duas partes de "Love Never Felt So Good" sozinho.

Eu me perguntei se a lâmina de Jacques era afiada o bastante para cortar o excesso de informações que ele estava me dando. Eu achava que não.

— Última pergunta: Mestiço mencionou que esse novo filho de Loki é um *argr*. Você tem alguma ideia…

— Eu AMO *argrs*! — Jacques deu uma pirueta de alegria e quase arrancou meu nariz. — Firulas de Frey! Nós temos um *argr* morando no corredor? Que ótima notícia.

— Hã, então…

— Uma vez, estávamos em Midgard, Frey, eu e dois elfos, certo? Eram umas três da manhã, e um *argr* veio falar com a gente… — Jacques uivou de tanto rir e suas runas pulsaram no modo *Os Embalos de Sábado à Noite*. — Ah, uau. Foi uma noite épica!

— Mas o que exatamente…?

Alguém bateu à porta. A cabeça de T.J. apareceu na fresta.

— Magnus, desculpe incomodar… Ah, oi, Jacques, beleza?

— T.J.! — disse Jacques. — Já se recuperou da noite de ontem?

T.J. riu, mas parecia constrangido.

— Um pouco.

Eu franzi a testa.

— Vocês foram para a farra ontem à noite?

— Ah, Magnus — repreendeu Jacques —, você precisa *mesmo* sair com a gente. Você ainda não viveu se não foi para uma festa com um rifle da Guerra Civil.

T.J. pigarreou.

— Então, eu vim buscar você, Magnus. A batalha vai começar.

Procurei um relógio, mas lembrei que não tinha um.

— Não está um pouco cedo?

— Hoje é quinta-feira.

Soltei um palavrão. As quintas eram especiais. E complicadas. Eu odiava esse dia da semana.

— Vou pegar meu equipamento.

— Tem outra coisa — disse T.J. — Os corvos do hotel encontraram nosso novo vizinho. Acho que deveríamos ir ficar com ele. Estão levando o cara para a batalha… quer ele queira ou não.

Seis

Adoro sopa de doninha

QUINTA-FEIRA ERA o dia dos dragões. O que significava mortes ainda mais dolorosas do que o habitual.

Eu teria levado Jacques, mas 1) ele não achava as batalhas de treino dignas de sua presença, e 2) ele tinha um encontro amoroso com uma lança.

Quando T.J. e eu chegamos ao campo de batalha, a luta já havia começado. Exércitos marchavam no pátio interno do hotel, uma zona de matança grande o bastante para ser um país independente com bosques, campinas, rios, colinas e vilarejos falsos. Se estendendo até o céu branco enevoado e fluorescente, o campo era cercado por varandas com grades douradas. Dos andares mais altos, catapultas lançavam projéteis em chamas na direção dos guerreiros como serpentinas mortais.

O som de cornetas ecoou pelas florestas. Nuvens de fumaça subiam de cabanas queimadas. Einherjar correram para o rio, lutando montados em cavalos, rindo enquanto cortavam uns aos outros.

E, como era quinta-feira, doze dragões enormes também se juntaram à matança.

Os einherjar mais velhos os chamavam de *lindwyrm*, ou dragão-serpente. Se quiserem saber minha opinião, aquilo parecia nome de pomada para alergia. Mas os dragões-serpentes eram do tamanho e do comprimento de caminhões de dezoito rodas. Só tinham duas pernas na frente e asas marrons encouraçadas, como a dos morcegos, mas pequenas

demais para voar. Durante quase todo o tempo eles se arrastavam pelo chão, ocasionalmente batendo as asas, pulando para atacar as presas.

De longe, com os corpos marrons, verdes e ocre, eles pareciam um bando furioso de perus-cobra carnívoros. Mas, acreditem: de perto, eles eram assustadores.

O objetivo da batalha de quinta-feira? Ficarmos vivos pelo máximo de tempo possível enquanto os dragões se esforçavam para não permitir isso. (Alerta de spoiler: os dragões sempre venciam.)

Mallory e Mestiço nos esperavam na extremidade do campo. Mestiço estava ajustando as tiras na armadura de Mallory.

— Você está fazendo errado — resmungou ela. — Está apertada demais nos ombros.

— Mulher, eu coloco armaduras há séculos.

— Quando? Você sempre entra em batalha com o peito nu.

— Você está reclamando? — perguntou Mestiço.

Mallory ficou vermelha.

— Cala a boca.

— Ah, Magnus e T.J. chegaram! — Mestiço bateu com a mão no meu ombro e deslocou várias das minhas juntas. — O andar dezenove está completo!

Tecnicamente, não era verdade. O andar dezenove tinha quase cem residentes. Mas nosso corredor em particular, nosso bairro dentro do bairro, consistia em nós quatro. E, claro, o mais novo residente…

— Onde está o guepardo? — perguntou T.J.

Como se esperando sua deixa, um corvo mergulhou do céu. Largou um saco de aniagem aos meus pés e pousou ali perto, batendo as asas e grasnando, irritado. O saco de aniagem se moveu. Um animal comprido e magro saiu de dentro: uma doninha marrom e branca.

A doninha sibilou. O corvo grasnou. Eu não falava corvês, mas tinha certeza de que ele estava dizendo: *se comporte, senão vou arrancar seus*

olhos de doninha com o bico.

T.J. apontou o rifle para o animal.

— Sabe, quando o 54º regimento de Massachusetts estava marchando na direção de Darien, na Geórgia, nós atirávamos em doninhas e fazíamos sopa. É gostoso. Vocês acham que eu devia pegar minha antiga receita?

A doninha se transformou. Eu tinha ouvido tanto sobre esse novo recruta ser um monstro que esperava que ele virasse um morto-vivo como a deusa Hel ou então uma versão em miniatura da Serpente do Mundo, Jörmungand. Mas o animal virou um adolescente humano normal, alto e magro, com o cabelo tingido de verde, preto nas raízes, como ervas daninhas arrancadas de um gramado.

O pelo marrom e branco da doninha virou roupas verde e rosa: tênis surrados de cano alto cor-de-rosa, calça skinny de veludo verde-limão, um colete quadriculado rosa e verde por cima de uma camiseta branca e outro suéter rosa de casimira enrolado na cintura como um kilt. A roupa me lembrava um traje de bobo da corte, ou a coloração de um animal venenoso: *se mexer comigo, você morre.*

O recém-chegado levantou o rosto, e eu prendi a respiração. Era o rosto de Loki, só que mais jovem: o mesmo sorriso torto e as feições angulosas, a mesma beleza sobrenatural, mas sem os lábios marcados e sem as queimaduras de ácido no nariz. E os olhos: um era castanho-escuro, e o outro, mel. Eu tinha esquecido o nome que se dava para íris de cores diferentes. Minha mãe teria chamado de olhos de David Bowie. Eu chamava de perturbadores.

E o mais estranho? Eu tinha certeza de que já tinha visto aquele garoto.

É, eu sei. Vocês estão achando que um garoto assim se destacaria. Como eu podia não lembrar exatamente onde nossos caminhos tinham se cruzado? Mas quando se mora nas ruas, pessoas com aparência excêntrica são normais. Só as pessoas normais parecem estranhas.

O garoto abriu um sorriso perfeito para T.J., apesar de não alcançar seus olhos.

— Aponte esse rifle para outro lugar, senão vou enrolar essa coisa no seu pescoço como uma gravata-borboleta.

Alguma coisa me dizia que aquela não era uma ameaça vazia. O garoto podia mesmo saber amarrar uma gravata-borboleta, o que era um conhecimento ancestral assustador.

T.J. riu. E baixou o rifle.

— Nós não tivemos oportunidade de nos apresentar mais cedo, quando você estava tentando nos matar. Sou Thomas Jefferson Jr., e estes são Mallory Keen, Mestiço Gunderson e Magnus Chase.

O recém-chegado só olhou para nós. Finalmente, o corvo deu um berro irritado.

— Tá, tá — disse o garoto para o pássaro. — Como falei, estou bem agora. Vocês não me fizeram mal algum, então está tudo bem.

Caw!

O garoto suspirou.

— Tudo bem, eu vou me apresentar. Sou Alex Fierro. É um prazer conhecer vocês, acho. Sr. Corvo, pode ir. Prometo não matar ninguém sem necessidade.

O corvo eriçou as penas. Ele me olhou com uma cara feia, como quem diz *o problema agora é seu, amigão*. E saiu voando.

Mestiço sorriu.

— Ótimo! Agora que você prometeu não nos matar, vamos começar a matar outras pessoas!

Mallory cruzou os braços.

— Ele nem tem uma arma.

— Ela — corrigiu Alex.

— Como? — perguntou Mallory.

— Me chame de *ela*, a não ser que eu diga o contrário.

— Mas…

— Ela, então! — intercedeu T.J., massageando o pescoço como se ainda estivesse preocupado em ganhar uma gravata-borboleta de rifle. — Vamos à batalha!

Alex ficou de pé.

Admito que fiquei encarando. De repente, minha perspectiva foi virada do avesso, que nem quando a gente olha para uma mancha de tinta e vê só a parte preta. Aí, seu cérebro inverte a imagem e você percebe que a parte branca forma uma imagem completamente diferente, apesar de nada ter mudado. Assim era Alex Fierro, só que em rosa e verde. Um segundo antes, ele era claramente um garoto aos meus olhos. Agora, ela era obviamente uma garota.

— O quê? — perguntou ela.

— Nada — menti.

Acima de nós, mais corvos começaram a circular, grasnando de forma acusatória.

— É melhor a gente ir — disse Mestiço. — Os corvos não gostam de quem fica enrolando no campo de batalha.

Mallory pegou suas facas e se virou para Alex.

— Venha com a gente, querida. Queremos ver o que você sabe fazer.

Sete

Você já precisou lidar com *lindwyrms*?

PARTIMOS PARA O combate como uma família feliz.

Bem, exceto pelo fato de que T.J. segurou meu braço e sussurrou:

— Fica de olho nela, tá? Não quero ser atacado pelas costas.

Então eu fiquei na retaguarda com Alex Fierro.

Seguimos para o centro por um campo de cadáveres, os quais veríamos vivos mais tarde, no jantar. Eu poderia ter tirado umas fotos engraçadas, mas não encorajavam celulares com câmera no campo de batalha. Vocês sabem como é. Alguém tira uma foto sua morto em uma posição comprometedora, isso chega no Instagram e você ouve piadinhas durante séculos.

Mestiço e Mallory abriram caminho a golpes de facão por um grupo de berserkir. T.J. deu um tiro na cabeça de Charlie Flannigan. Charlie achava hilário levar tiros na cabeça. Não me perguntem por quê.

Desviamos de uma saraivada de bolas de fogo das catapultas nas varandas. Tivemos uma breve batalha de espadas com Big Lou do 401º andar. Ele é um cara legal, mas sempre quer morrer por decapitação. É difícil, considerando que Lou tem quase dois metros e quinze de altura. Ele procura Mestiço Gunderson no campo de batalha porque Mestiço é um dos poucos einherjar altos o bastante para conseguir decapitá-lo.

De algum modo, chegamos ao bosque sem sermos pisoteados por um dragão-serpente. T.J., Mallory e Mestiço dispersaram-se na frente e nos levaram para a sombra das árvores.

Segui com cautela pela vegetação, com o escudo levantado e minha pesada espada padrão de combate na mão esquerda. Ela não tinha o equilíbrio ideal e nem era tão letal quanto Jacques, mas era bem menos tagarela. Alex me acompanhava, aparentemente sem medo de estar de mãos vazias e de ser o alvo mais colorido do grupo.

Depois de um tempo, o silêncio me incomodou.

— Eu já vi você antes — falei para ela. — Você estava no abrigo da juventude na rua Winter?

Ela fungou.

— Eu odiava aquele lugar.

— Eu também. Morei nas ruas por dois anos.

Ela arqueou a sobrancelha, o que fez o olho cor de mel parecer mais pálido e frio.

— Você acha que isso nos torna amigos?

Tudo na postura dela dizia: *Se afaste de mim. Pode me odiar, se quiser. Eu não ligo, desde que você me deixe em paz.*

Mas sou uma pessoa do contra. Nas ruas, vários sem-teto agiam com agressividade comigo e me repeliam. Eles não confiavam em ninguém. Por que deveriam? Isso só me deixava mais determinado a conhecê-los. Os solitários costumavam ter as melhores histórias. Eram os mais interessantes e os mais sábios na arte da sobrevivência.

Sam al-Abbas deve ter tido algum motivo para levar Alex para Valhala. Eu não deixaria ela se safar só porque tinha olhos surpreendentes, um colete impressionante e uma tendência a agredir as pessoas.

— O que você quis dizer mais cedo? — perguntei. — Quando pediu…

— Para você me chamar de *ela*? Sou de gênero fluido e transgênero, idiota. Pesquise se precisar, mas não é meu trabalho ensinar…

— Não era disso que eu estava falando.

— Ah, por favor. Eu vi seu queixo caído.

— Ah, é. Talvez por um segundo. Eu fiquei surpreso. Mas… — Eu não sabia como continuar sem parecer ainda mais idiota.

Essa coisa do gênero não foi o que me surpreendeu. Uma porcentagem *enorme* dos adolescentes sem-teto que eu conheci teve um gênero atribuído ao nascer, mas se identificava com outro, ou sentia que o binário garoto/garota não se aplicava a eles. Eles iam parar na rua porque, pasmem, suas famílias não os aceitavam. Nada mais amoroso do que jogar seu filho não heterossexual na sarjeta para que ele experimente abuso, drogas, altas taxas de suicídio e perigo físico constante. Valeu, mãe e pai!

O que me surpreendeu foi a maneira como reagi a Alex — como minha impressão sobre ela mudou rápido e o tipo de emoção que isso despertou. Eu não sabia se conseguiria colocar isso em palavras sem ficar tão vermelho quanto o cabelo de Mallory Keen.

— O q-que eu estava querendo, *dizendo*, é que, quando você estava falando com o corvo, mencionou que estava preocupada de alguém te fazer mal. O que exatamente quis dizer com isso?

Alex fez uma careta como se eu tivesse acabado de oferecer um pedação de queijo fedorento para ela.

— Talvez eu tenha exagerado. Não esperava morrer hoje e nem ser recolhida por uma valquíria.

— Foi Sam. Ela é legal.

Alex balançou a cabeça.

— *Não* tem desculpa. Cheguei aqui e descobri… não importa. Estou morta. Imortal. Nunca vou envelhecer e nunca vou mudar. Achei que isso queria dizer… — A voz dela falhou. — Não importa.

Eu tinha certeza de que importava. Queria perguntar sobre a vida dela em Midgard, por que Alex tinha um átrio a céu aberto como o meu na suíte, por que tanta cerâmica, por que ela colocava a marca de Loki junto das iniciais em seu trabalho. Eu me perguntei se a chegada dela era coincidência… ou se tinha alguma coisa a ver com a marca no rosto do tio

Randolph na foto e a necessidade urgente e repentina de encontrar o martelo de Thor.

Por outro lado, eu desconfiava que, se tentasse perguntar a ela sobre tudo isso, Alex viraria um gorila e arrancaria minha cabeça.

Felizmente, fui poupado desse destino quando um *lindwyrm* pousou na nossa frente.

* * *

O monstro desceu do céu, batendo as asas ridículas e rugindo como um urso-pardo com um amplificador de cem watts. Árvores racharam e caíram sob o peso dele quando parou junto a nós.

— ARGGG! — gritou Mestiço, o que era norueguês antigo para *CARAMBA, UM DRAGÃO*!, logo antes de o *lindwyrm* jogá-lo para o alto. A julgar pelo arco, Mestiço Gunderson pararia em algum lugar do andar vinte e nove, o que seria uma surpresa e tanto para quem estivesse relaxando na varanda.

T.J. disparou com o rifle. A fumaça do tiro floresceu inofensiva no peito do dragão. Mallory gritou um palavrão em gaélico e atacou.

O *lindwyrm* a ignorou e se virou para mim.

Eu devo mencionar… *lindwyrms* são feios. Como se Freddy Krueger e um zumbi de *The Walking Dead* tivessem um filho, feio *assim*. O rosto não tem carne nem pele, só uma carapaça de ossos e tendões expostos, dentes brilhantes e olhos escuros e afundados. Quando o monstro abria a bocarra, eu conseguia ver até a garganta cor de carne podre.

Alex se agachou e procurou alguma coisa no cinto.

— Isso não é bom.

— Não brinca. — Minha mão estava tão suada que eu mal conseguia segurar a espada. — Vá para a direita, eu vou para a esquerda. Vamos cercá-lo pelos lados…

— Não, eu quero dizer que não é um dragão *qualquer*. Este é Grimwolf, uma das antigas serpentes.

Fiquei olhando para as órbitas escuras do monstro. Ele parecia *mesmo* maior do que a maioria dos *lindwyrms* com que lutei, mas eu costumava estar ocupado demais morrendo para perguntar a um dragão-serpente qual era sua idade ou seu nome.

— Como você sabe? E por que alguém chamaria um dragão de Grim*wolf*?

O *lindwyrm* sibilou, enchendo o ar com um aroma de pneus queimados. Aparentemente, ele era sensível em relação ao próprio nome.

Mallory perfurou as pernas do dragão e gritou com mais irritação quando o monstro a ignorou novamente.

— Vocês dois vão ajudar — gritou ela para nós — ou vão ficar aí batendo papo?

T.J. perfurou o dragão-serpente com o rifle. A ponta só quicou nas costelas da criatura. Por ser um bom soldado, T.J. recuou e tentou outra vez.

Alex puxou um tipo de fio dos aros do cinto, um cabo de aço fino como uma linha de pipa, com um pino de madeira em cada ponta.

— Grimwolf é um dos dragões que vivem nas raízes da Yggdrasill. Ele não devia estar aqui. Ninguém seria louco o bastante para… — O rosto dela ficou pálido e a expressão endureceu, como se virasse osso de dragão-serpente. — *Ele* mandou o *lindwyrm* por minha causa. Ele sabe que estou aqui.

— Ele quem? — perguntei. — O quê?

— Distraia o dragão — ordenou Alex.

Ela pulou na árvore mais próxima e começou a subir. Mesmo sem virar gorila, ela conseguia se movimentar como um.

Eu suspirei, hesitante.

— Distrair o dragão. Claro.

Grimwolf tentou morder Alex e arrancou vários galhos de árvore. Ela se movia com rapidez, subindo pelo tronco, mas uma ou duas mordidas a mais e ela viraria almoço de *lindwyrm*. Enquanto isso, Mallory e T.J. ainda atacavam as pernas e a barriga da criatura, mas não estavam tendo sorte em convencer o dragão a comê-los.

É só uma batalha de treino, falei para mim mesmo. *Ataque agora, Magnus! Morra como um profissional!*

Esse era o objetivo dos combates diários: aprender a lutar contra qualquer inimigo, superar nosso medo da morte — porque no dia do Ragnarök, todos nós precisaríamos de toda a habilidade e a coragem que conseguíssemos reunir.

Então, por que eu hesitei?

Primeiro, porque sou bem melhor em curar do que em lutar. Ah, e em fugir — eu sou *muito* bom nisso. Além do mais, é difícil atacar quando se tem certeza de que vai morrer, mesmo sabendo que não vai ser permanente, e especialmente se essa morte envolver uma quantidade grande de dor.

O dragão tentou morder Alex de novo, e por um triz não pegou os tênis cor-de-rosa.

Por mais que eu odiasse morrer, eu odiava ainda mais ver meus companheiros serem mortos. Gritei "FREY!" e parti para cima do *lindwyrm*.

Para minha sorte, Grimwolf ficou feliz em desviar a atenção para mim. Quando se trata de irritar monstros antigos, eu até tenho certo talento.

Mallory saiu cambaleando do meu caminho e jogou uma das facas na cabeça do dragão. T.J. também recuou, gritando:

— É todo seu, amigão!

No que diz respeito a palavras de encorajamento pré-morte excruciante, essas eram bem ruins.

Levantei o escudo e a espada como os instrutores legais ensinaram na aula de viking básico. A boca do dragão se escancarou, revelando várias

fileiras extras de dentes, para o caso de a fileira externa não me matar o bastante.

Com o canto do olho, vi Alex se balançando no alto da árvore, um amontoado tenso de rosa e verde, pronto para saltar. Entendi o que ela estava planejando: Alex queria pular no pescoço do dragão. Era um plano tão idiota que me fez sentir melhor em relação à minha morte imbecil.

O dragão atacou. Eu ergui a espada, torcendo para perfurar o palato superior do monstro.

Uma dor repentina me cegou. Meu rosto parecia ter sido mergulhado em ácido. Meus joelhos se dobraram, o que deve ter salvado minha vida. O dragão mordeu o ar onde minha cabeça estava um milissegundo antes.

Em algum lugar à minha esquerda, Mallory gritou:

— Levanta, seu idiota!

Tentei piscar e afastar a dor. Só piorou. Minhas narinas se encheram com o fedor de carne queimada.

Grimwolf recuperou o equilíbrio, rosnando de irritação.

Dentro da minha cabeça, uma voz familiar disse: *Pare de lutar, amigo. Não resista!*

Minha visão duplicou. Eu ainda enxergava a floresta, o dragão acima de mim, uma pequena figura vestida de rosa e verde pulando na direção do monstro do alto de uma árvore. Mas tinha outra camada de realidade, uma cena enevoada tentando abrir caminho pelas minhas córneas. Eu me ajoelhei no escritório do tio Randolph, na mansão da família Chase, em Back Bay. De pé ao meu lado estava alguém bem pior do que um *lindwyrm*: Loki, o deus do mal.

Ele sorriu para mim. *Pronto. Não foi tão difícil!*

Ao mesmo tempo, o dragão Grimwolf atacou de novo e abriu a bocarra para me devorar inteiro.

Oito

Sou salvo da morte certa ao ser morto

EU NUNCA TINHA existido em dois lugares ao mesmo tempo. E concluí que não gostava da experiência.

Em meio à dor, fiquei pouco ciente da luta na floresta: Grimwolf estava prestes a me morder e me partir ao meio quando de repente ele jogou a cabeça para trás; agora, Alex estava montada no pescoço dele, puxando o cabo com tanta força ao redor do pescoço do dragão-serpente que ele se debateu e botou a língua preta bifurcada para fora.

T.J. e Mallory pararam na minha frente, agindo como escudo. Eles gritaram para Grimwolf, balançando as armas e tentando fazê-lo recuar.

Eu queria ajudá-los. Queria ficar de pé ou pelo menos rolar para fora do caminho. Mas estava paralisado, de joelhos, preso entre Valhala e o escritório de Randolph.

Eu não disse que funcionaria, Randolph? A voz de Loki me arrastou mais para a visão. *Está vendo? O sangue é importante. Nós temos uma conexão sólida!*

A cena enevoada se definiu em cores. Eu estava ajoelhado no tapete oriental em frente à mesa de Randolph, suando sob um feixe quadrado de luz do sol manchado de verde por causa do vitral em cima da porta. O aposento tinha cheiro de lustra-móveis de limão e carne queimada. Eu tinha certeza de que o segundo odor vinha da minha cara.

À minha frente estava Loki, com o cabelo desgrenhado da cor de folhagem no outono, o rosto delicadamente esculpido marcado por

queimaduras de ácido no nariz e nas bochechas e com cicatrizes de sutura ao redor dos lábios.

Ele sorriu e abriu os braços. *O que você acha da minha roupa?*

Ele estava usando um smoking verde-esmeralda com uma camisa marrom de babados, gravata-borboleta estampada e faixa combinando. (Isso se dava para dizer que alguma coisa no traje *combinava*.) Havia uma etiqueta de preço pendurada na manga esquerda do paletó.

Eu não conseguia falar. Não conseguia vomitar, por mais que quisesse. Não podia nem deixar Blitzen orgulhoso ao oferecer dicas de moda grátis.

Não? A expressão de Loki azedou. *Eu falei, Randolph. Você devia ter comprado o amarelo-canário também!*

Um som estrangulado saiu da minha garganta.

— Magnus — disse a voz do tio Randolph —, não escute…

Loki esticou as mãos, com as pontas dos dedos soltando fumaça. Ele não tocou em mim, mas a dor no meu rosto triplicou, como se alguém estivesse me queimando com ferro em brasa. Eu queria desabar, implorar para Loki parar, mas não conseguia me mexer.

Percebi que estava vendo tudo pelos olhos do meu tio. Estava habitando o corpo dele, sentindo o que ele estava sentindo. Loki estava usando Randolph como uma espécie de telefone operado pela dor para fazer contato comigo.

A dor diminuiu, mas o peso adicional de Randolph me envolveu como um terno de chumbo. Meus pulmões tremiam. Meus joelhos cansados doíam. Eu não gostei de ser um homem de meia-idade.

Já chega, Randolph, repreendeu Loki, *se comporte. Magnus, peço desculpas pelo seu tio. Onde eu estava? Ah, sim! Seu convite!*

Enquanto isso, em Valhala, eu continuava paralisado no campo de batalha enquanto o dragão Grimwolf cambaleava de um lado para outro, derrubando trechos inteiros da floresta. Um dos pés do *lindwyrm* acertou Mallory Keen e a esmagou. T.J. gritou e balançou pedaços do rifle agora

quebrado, tentando chamar a atenção do monstro. De algum modo, Alex Fierro conseguiu ficar no pescoço do dragão e foi apertando o cabo conforme Grimwolf se debatia.

Um casamento!, anunciou Loki com alegria. Ele mostrou um convite verde, dobrou-o e colocou no bolso da camisa de Randolph. *Daqui a cinco dias! Peço desculpas por estar em cima da hora, mas espero que você possa comparecer, principalmente porque você precisa levar a noiva e o dote. Senão, bem… guerra, invasão, Ragnarök etc. Um casamento vai ser bem mais divertido! Agora, vamos ver. Quanto Samirah contou para você?*

Meu crânio se comprimiu até parecer que meu cérebro sairia pelo nariz. Um grito irregular saiu pelos meus lábios, mas eu não sabia se era meu ou do tio Randolph.

Do pescoço do dragão, Alex gritou:

— Qual é o problema com o Magnus?

T.J. parou ao meu lado.

— Não sei! Tem fumaça saindo da cabeça dele! Isso é ruim, não é?

— Pegue a espada dele! — Alex apertou mais o cabo, fazendo sangue preto escorrer pelo pescoço do dragão. — Se prepare!

Ah, caramba. Loki bateu no meu nariz/nariz do tio Randolph. A pressão na minha cabeça diminuiu de prestes a desmaiar para tortura moderada. *Samirah não contou. A pobrezinha está constrangida, eu acho. Eu entendo! Também é difícil para mim entregar minha filha favorita. Os filhos crescem tão rápido!*

Tentei falar. Queria dizer: *Suma! Você é ridículo! Saia da minha cabeça e deixe Samirah em paz!*

Mas o que saiu foi:

— *Aaaaaah.*

Não precisa me agradecer, disse Loki. *Nenhum de nós quer que o Ragnarök comece agora, não é? E eu sou o único que pode ajudar você! Não foi uma negociação fácil, mas eu sei ser bem persuasivo. O martelo*

em troca da noiva. Uma proposta única. Eu conto mais quando você encontrar o dote.

— Agora! — gritou Alex.

Ela puxou o fio com tanta força que o dragão arqueou as costas, o que separou os segmentos da pele reforçada que protegia sua barriga. T.J. atacou e enfiou minha espada de treino em um ponto macio abaixo do coração de Grimwolf. Ele rolou para o lado quando o monstro caiu com todo o seu peso, se empalando. Alex pulou do pescoço do *lindwyrm*, ainda segurando o garrote pingando sangue.

Foi Alex que ouvi agora? Loki curvou o lábio marcado. *Ela não foi convidada para o casamento. Vai estragar tudo. Na verdade* — os olhos de Loki brilharam de malícia —, *dê um presentinho meu a ela, tá?*

Meus pulmões se contraíram, e a sensação foi pior do que quando eu era asmático. Meu corpo começou a superaquecer; eu estava com tanta dor que meus órgãos pareceram se dissolver em moléculas, com a pele brilhando e soltando vapor. Loki estava transformando meu cérebro em fogo, me enchendo com flashes de lembranças que não eram minhas, séculos de raiva e sede de vingança.

Tentei expulsá-lo da minha cabeça. Tentei respirar.

Alex Fierro parou ao meu lado com a testa franzida. O rosto dela e o de Loki se fundiram.

— Seu amigo vai explodir — disse Alex, como se as pessoas explodissem todos os dias.

T.J. secou a testa.

— O que exatamente você quer dizer com… *explodir*?

— Quero dizer que Loki está canalizando poder por ele — disse Alex. — É intenso demais. Magnus vai explodir e vai destruir boa parte deste pátio.

Trinquei os dentes. Consegui balbuciar uma palavra:

— *Corram.*

— Não vai adiantar — disse Alex. — Não se preocupe, tenho uma solução.

Ela se adiantou e enrolou calmamente o fio de metal no meu pescoço.

Consegui dizer outra palavra:

— *Espere.*

— É a única maneira de tirar Loki da sua cabeça. — Os olhos castanho e mel de Alex eram impossíveis de decifrar. Ela piscou para mim… ou talvez tenha sido Loki, com o rosto cintilando de leve embaixo da pele de Alex.

Nos vemos em breve, Magnus, disse o deus.

Alex puxou as duas pontas do garrote e me matou.

Nove

Nunca tome banho de banheira com um deus decapitado

ALGUÉM PODE ME explicar por que eu tenho que sonhar quando estou morto?

Lá estava eu, flutuando na escuridão da não existência, cuidando da minha vida, tentando superar o fato de que tinha acabado de ser decapitado. E caí de repente em uns pesadelos estranhos e vívidos. *Muito* irritante.

Eu me vi em um iate de trinta pés no meio de uma tempestade. O convés oscilava. Ondas batiam na proa. Filetes de chuva cinza escorriam no vidro das janelas da cabine de comando.

Na cadeira do capitão estava o tio Randolph, segurando o leme com uma das mãos e apertando o rádio com a outra. A capa de chuva amarela pingava e formava poças ao redor dos pés. A cabeça raspada brilhava com a água salgada. Na frente dele, os monitores do painel de controle não mostravam nada além de estática.

— SOS! — gritou ele como se o rádio fosse um cachorro teimoso se recusando a fazer um truque. — SOS, seus malditos. SOS!

No banco ao lado dele, uma mulher e duas garotas se abraçavam. Eu não as conheci em vida, mas reconheci das fotos no escritório do tio Randolph. Talvez porque eu tivesse acabado de estar na cabeça do meu tio, consegui pescar o nome delas da memória dele: sua esposa, Caroline, e as filhas, Aubrey e Emma.

Caroline estava sentada no meio, com o cabelo castanho-escuro grudado no rosto, os braços ao redor dos ombros das meninas.

— Vai ficar tudo bem — disse a mãe para as garotas. Ela encarou Randolph com uma acusação silenciosa no olhar: *Por que você fez isso com a gente?*

Aubrey, a mais nova, tinha o cabelo louro ondulado da família Chase. Sua cabeça estava abaixada, o rosto bem concentrado. Ela estava com um modelo do iate no colo, tentando manter o brinquedo reto apesar das ondas de quatro metros e meio que balançavam a cabine de comando, como se, ao fazer isso, pudesse ajudar o pai.

Emma não estava tão calma. Ela parecia ter uns dez anos, tinha cabelo escuro como o da mãe e olhos tristes e cansados como os do pai. De algum modo, eu sabia que era ela quem tinha ficado mais empolgada com aquele passeio. Emma insistira em ir junto na grande aventura do pai na busca por uma espada viking desaparecida que finalmente provaria suas teorias. Papai seria um herói! Randolph não conseguira dizer não.

Mas, agora, ela tremia de medo. O odor leve de urina me disse que a bexiga de Emma não estava conseguindo suportar tanto estresse. A cada oscilar do barco a menina gritava e agarrava um pingente que trazia no peito — uma runa que Randolph dera a ela no último aniversário. Eu não conseguia ver o símbolo, mas sabia qual era:

Othala: herança. Randolph via Emma como sua sucessora, a próxima grande historiadora-arqueóloga da família.

— Vou levar a gente para casa. — A voz de Randolph estava tomada de desespero.

Ele estava seguro de seus planos e confiante em relação à previsão do tempo. Seria uma viagem fácil a partir do porto. Randolph tinha feito uma pesquisa detalhada. Ele *sabia* que a Espada do Verão devia estar no fundo da baía de Massachusetts. Randolph se imaginou dando um mergulho rápido. Os antigos deuses de Asgard abençoariam seus esforços. Ele poderia levar a espada para a superfície e levantar a lâmina ao sol pela primeira vez em mil anos. A família estaria junto para testemunhar seu triunfo.

Mas ali estavam eles, presos em uma tempestade bizarra, com o iate sendo jogado de um lado para outro feito o brinquedo no colo de Aubrey.

O barco virou para estibordo. Emma gritou.

Um muro de água me engoliu.

* * *

Saí em um sonho diferente. Minha cabeça degolada oscilava em uma banheira cheia com cheiro de sabonete de morango e toalhas mofadas. À minha direita flutuava um pato alegre de borracha com olhos apagados. À minha esquerda flutuava a não tão alegre cabeça do deus Mímir. Algas e peixinhos mortos se embrenhavam na barba dele. Espuma de banho pingava dos olhos, ouvidos e do nariz.

— Estou dizendo — a voz dele ecoou no banheiro de azulejos —, vocês têm que ir. E não só porque eu sou seu chefe. O destino *exige* isso.

Ele não estava falando comigo. Ao lado da banheira, sentado em uma linda latrina de porcelana cor de abacate, estava meu amigo Hearthstone, com os ombros caídos, a expressão desanimada. Ele usava a jaqueta de couro e a calça pretas de sempre, uma camisa branca engomada e um cachecol de bolinhas que parecia ter sido feito do tapete de um jogo de Twister. O cabelo louro arrepiado era quase tão pálido quanto o rosto dele.

Hearth gesticulou em linguagem de sinais, tão rápido e com tanta irritação que só consegui captar algumas palavras: *Perigoso demais… morte… proteger esse idiota.*

Ele apontou para Blitzen, encostado na pia com os braços cruzados. O anão estava elegante, como sempre, com um terno castanho de três peças que combinava com o tom de sua pele, uma gravata-borboleta tão preta quanto sua barba e um chapéu estilo Frank Sinatra que fazia o visual todo funcionar.

— Nós temos que ir — insistiu Blitz. — O garoto *precisa* de nós.

Eu queria dizer quanto sentia a falta deles, quanto queria vê-los, mas também que eles não deviam arriscar a vida por mim. Infelizmente, quando abri a boca, a única coisa que saiu foi um peixe dourado se sacudindo desesperadamente para se salvar.

Meu rosto despencou para a frente, no meio da espuma. Quando voltei à superfície, o sonho havia mudado.

Eu ainda era uma cabeça sem corpo, mas agora estava flutuando em um pote enorme cheio de picles e vinagre. Era difícil ver através do líquido esverdeado e do vidro curvo, mas eu parecia estar em um bar. Anúncios de bebidas em néon brilhavam nas paredes. Formas enormes e indistintas estavam sentadas em bancos. Gargalhadas e conversas provocavam tremores no líquido do pote.

Eu não tinha passado muito tempo em bares. E não tinha passado muito tempo olhando através de potes imundos de picles. Mas alguma coisa naquele lugar parecia familiar: a disposição das mesas, a janela chanfrada em padrão de diamantes na parede oposta, até as fileiras de taças de vinho suspensas acima de mim como lâmpadas penduradas.

Uma nova forma surgiu no meu campo de visão, maior do que os clientes e vestida de branco.

— SAIAM! — A voz dela era rouca e irregular, como se ela passasse o tempo livre fazendo gargarejo com gasolina. — TODOS VOCÊS, PARA

FORA! QUERO FALAR COM MEU IRMÃO!

Sob muitos protestos, as pessoas se dispersaram. O bar ficou em silêncio, exceto pelo som de uma TV em algum lugar do aposento; era uma transmissão esportiva, e um comentarista dizia:

— Ah, veja isso, Bill! A cabeça dele se soltou inteira!

Levei esse comentário para o lado pessoal.

Na extremidade do bar, outra pessoa se mexeu — uma figura tão escura e grande que achei que era só uma sombra.

— O bar é meu. — A voz era um barítono grave, rouca e úmida. Se uma morsa pudesse falar, o som seria mais ou menos esse. — Por que você sempre expulsa meus amigos?

— *Amigos?* — gritou a mulher. — Eles são seus *súditos*, Thrym, não seus amigos! Comece a agir como um rei!

— Eu estou agindo! — disse o homem. — Vou destruir Midgard!

— Ah. Vou acreditar *nisso* quando vir. Se você fosse um rei de verdade, teria usado aquele martelo imediatamente em vez de esconder e enrolar por meses, decidindo o que fazer. E não o trocaria com aquele imprestável…

— É uma aliança, Thrynga! — gritou o homem. Eu duvidava que esse tal de Thrym fosse realmente uma morsa, mas o imaginei pulando de nadadeira em nadadeira, com os bigodes esticados. — Você não entende como isso é importante. Eu *preciso* de aliados para dominar o mundo humano. Quando eu tiver me casado com Samirah al-Abbas…

BLUP.

Eu não pretendia, mas assim que ouvi o nome de Samirah, gritei dentro do pote de picles, fazendo uma bolha enorme estourar na superfície do líquido verde oleoso.

— O que foi isso? — perguntou Thrym.

A forma branca de Thrynga surgiu acima de mim.

— Veio do pote de picles. — Ela falou como se fosse o título de um filme de terror.

— Bem, mate-o! — gritou Thrym.

Thrynga pegou um banco de bar e bateu no pote com ele, me jogando contra a parede e me fazendo cair no chão em uma poça de picles, líquido de conserva e vidro quebrado.

* * *

Acordei na minha cama, ofegante, tentando respirar. Minhas mãos voaram até o pescoço.

Graças a Frey, minha cabeça estava novamente presa ao corpo. As narinas ainda ardiam do cheiro de picles e de sabonete líquido de morango.

Tentei analisar o que havia acabado de acontecer: que partes eram reais e que partes eram sonho. O dragão Grimwolf. Alex Fierro e seu garrote. Loki queimando meu cérebro para abrir caminho e entrar na minha mente, de algum modo usando meu tio para isso. O aviso dele de um casamento em cinco dias.

Tudo isso tinha acontecido de verdade.

Infelizmente, meus sonhos pareciam tão concretos quanto todo o resto. Estive com o tio Randolph no barco no dia que a família dele morreu. As lembranças dele estavam agora misturadas com as minhas. Sua angústia pesava no meu peito como um bloco de aço: a perda de Caroline, Aubrey e Emma era tão dolorosa para mim quanto a morte da minha própria mãe. Até pior, de certa maneira, porque Randolph ainda estava de luto. Ele ainda sofria todas as horas de todos os dias.

O resto das visões: Hearthstone e Blitzen vindo me ajudar. Eu devia estar alegre, mas me lembrava dos sinais frenéticos de Hearthstone: *Perigoso demais. Morte.*

E a cena do pote de picles. O que em Helheim era aquilo? Aqueles irmãos misteriosos, Thrym e Thrynga… eu estava disposto a apostar cinquenta moedas de ouro vermelho e um jantar de falafel que eles eram gigantes. Thrym estava com o martelo de Thor e planejava trocá-lo — eu engoli bile com gosto de picles — por Sam.

Depende de você levar a noiva e o dote, dissera Loki. *Uma proposta única.*

Loki devia estar louco. Ele queria "nos ajudar" a pegar o martelo de Thor oferecendo Samirah em casamento?

Por que Sam não falou nada sobre isso?

A pobrezinha está constrangida, dissera Loki.

Eu me lembrei do desespero na voz de Sam quando conversamos no café, como os dedos dela tremeram ao segurar o copo. Não era surpresa ela precisar tanto encontrar o martelo. Não era só para salvar o mundo de uma invasão, blá-blá-blá. Nós estávamos sempre salvando o mundo. Sam queria impedir esse acordo de casamento.

Mas por que ela acharia que precisava honrar um acordo tão idiota? Loki não tinha o direito de dizer a ela o que fazer. Ela estava noiva de Amir. Ela o amava. Eu levantaria um exército de einherjar, de elfos mágicos e de anões bem-vestidos e botaria fogo em Jötunheim para impedir que coagissem minha amiga.

Fosse qual fosse o caso, eu precisava falar com ela de novo, e *logo*.

Eu me esforcei para sair da cama. Meus joelhos ainda estavam cansados e doloridos como os de Randolph, apesar de eu saber que era coisa da minha cabeça. Manquei até o armário, desejando ter a bengala do meu tio.

Eu me vesti e peguei o celular na cozinha.

A tela mostrava 7h02. Eu estava atrasado para o jantar de Valhala.

Nunca demorei tanto para ressuscitar depois de morrer em batalha. Normalmente, era um dos primeiros a renascer. Eu me lembrei de Alex

Fierro de pé acima de mim, cortando calmamente minha cabeça com o garrote.

Verifiquei minhas mensagens de texto. Nada de Annabeth. Eu não devia estar surpreso, mas não perdia as esperanças. Precisava da opinião da minha prima agora, do bom senso dela, da garantia dela de que eu era capaz de lidar com tanta bizarrice.

Minha porta se abriu. Três corvos entraram voando, espiralaram em volta da minha cabeça e pousaram no galho mais baixo da árvore do átrio. Eles me olharam do jeito que só os corvos conseguem, como se eu não fosse digno de ser carniça deles.

— Sei que estou atrasado — falei. — Acabei de acordar.

CAW!

CAW!

CAW!

Tradução mais provável:

"ANDA!"

"LOGO!"

"IDIOTA!"

Samirah estaria no jantar. Talvez eu conseguisse falar com ela.

Peguei meu cordão e pendurei no pescoço. O pingente de runa dava uma sensação quente e reconfortante, como se Jacques estivesse tentando me tranquilizar. Ou talvez ele estivesse de bom humor depois de um encontro agradável com uma lança. De qualquer modo, eu estava feliz em tê-lo de volta.

Tive a sensação de que não usaria a espada de treino nos próximos cinco dias. Agora, as coisas ficariam dignas de Jacques.

Dez

O luau viking mais estranho do mundo

COMO SE A quinta de dragões não fosse ruim o bastante, também era noite temática no Salão de Banquete dos Mortos: luau havaiano.

Ugh.

Eu entendia que a gerência precisava manter os eventos interessantes, principalmente para os guerreiros que esperavam o Juízo Final desde a Idade Média. Mesmo assim, o luau me parecia um pouco de apropriação cultural demais. (Os vikings eram famosos por se apropriar de outras culturas. Também por pilhar e por queimar tais culturas.) Além disso, ver milhares de einherjar de camisas floridas e colares havaianos era como receber uma granada de tinta néon entre os olhos.

O salão estava lotado até o teto: centenas de mesas arrumadas como um anfiteatro, todas viradas para o centro, onde uma árvore grande como um shopping espalhava os galhos pelo enorme teto abobadado. Perto das raízes, girando em um espeto acima do fogo, estava nosso jantar de sempre: a carcaça de Saehrímir, o animal mágico, que esta noite usava um lindo colar de orquídeas. Um abacaxi do tamanho de Wisconsin estava enfiado em sua boca.

Valquírias voavam de um lado para outro do salão, enchendo jarras, servindo comida e conseguindo não botar fogo nas saias de capim com as tochas havaianas que ardiam nos corredores.

— Magnus! — chamou T.J., acenando para mim. O rifle estava apoiado ao lado dele, com a parte quebrada colada com fita adesiva.

Não tínhamos lugar marcado. Isso acabaria com a diversão de brigar pelos melhores lugares. Esta noite, meus companheiros de corredor tinham conseguido um excelente local na terceira fila, a algumas fileiras da mesa dos lordes.

— Chegou nosso dorminhoco! — Mestiço sorriu, os dentes sujos de Saehrímir assado. — *Alicarl*, meu amigo!

Mallory o cutucou.

— É *aloha*, idiota. — Ela revirou os olhos para mim. — *Alicarl* é norueguês para gorducho, como Mestiço sabe perfeitamente.

— Cheguei perto! — Mestiço bateu o cálice para chamar a atenção das valquírias. — Tragam hidromel e carne para o meu amigo!

Eu me sentei entre Mallory e T.J. Em pouco tempo, tinha à minha frente uma caneca de hidromel frio e um prato de Saehrímir quente com pãozinho e molho. Apesar de toda a loucura que vivi hoje, minha fome era enorme. Ressuscitar sempre provocava isso em mim. Fui com tudo.

Na mesa dos lordes estava a variedade de sempre de pessoas mortas. Reconheci Jim Bowie, Crispus Attucks e Ernie Pyle, todos pessoas que morreram corajosamente em combate, junto com Helgi, o gerente do hotel, e uns outros vikings antigos. O trono de Odin, no centro, estava vazio, pra variar. De tempos em tempos, supostamente, Sam recebia ordens do Pai de Todos, mas Odin não aparecia em Valhala desde o final de nossa missão em janeiro. Devia estar trabalhando no novo livro — *Cinco dias até o melhor Ragnarök do mundo!* — e na apresentação de PowerPoint que o acompanharia.

À esquerda dos lordes havia a mesa de honra. Esta noite, estava ocupada por apenas duas pessoas: Alex Fierro e sua valquíria, Samirah al-Abbas. Isso queria dizer que, em todos os nove mundos, nas últimas vinte e quatro horas, só Alex tivera uma morte digna de Valhala.

Isso não era necessariamente incomum. Os números por noite variavam de zero a doze. Mas eu não conseguia afastar a sensação de que mais

ninguém tinha morrido bravamente no dia de hoje só porque não queria dividir a mesa com Alex. Duas guardas valquírias estavam atrás dela, como se prontas para impedir uma tentativa de fuga.

A linguagem corporal de Sam era pura tensão. Eu estava longe demais para ouvi-la, mas imaginei que a conversa com Alex fosse alguma coisa assim:

Sam: *Que papo constrangedor.*

Alex: *Superconstrangedor.*

Sam (assentindo): *Constrangedor pra caramba.*

Ao meu lado, T.J. empurrou o prato vazio.

— Que combate o de hoje. Eu nunca vi ninguém fazer isso — ele passou o dedo no pescoço — tão rápido e com tanta frieza.

Resisti à vontade de tocar meu pescoço.

— Foi a primeira vez que fui decapitado.

— Não é divertido, é? — perguntou Mallory. — O que estava acontecendo com você, soltando fumaça e ameaçando explodir daquele jeito?

Eu já conhecia meus companheiros de corredor havia um tempo. Confiava neles como família, e queria dizer família estilo *Annabeth*, não estilo *tio Randolph*. Contei tudo para eles: Loki com o smoking verde horrendo me convidando para um casamento; os sonhos com meu tio, Hearth e Blitz e os irmãos gigantes no bar.

— Thrym? — Mestiço Gunderson tirou uns pedaços de pãozinho da barba. — Conheço esse nome das antigas lendas. Ele era um dos reis dos gigantes da terra, mas não pode ser o mesmo cara. Aquele Thrym foi bem morto séculos atrás.

Pensei no bode Otis, que supostamente podia retornar da névoa de Ginnungagap.

— Os gigantes não ressuscitam?

Mestiço riu com deboche.

— Não que *eu* saiba. Deve ser outro Thrym. É um nome comum. Mas se ele estiver com o martelo de Thor…

— Nós não devíamos espalhar a notícia de que está desaparecido — alertei.

— Isso aí — resmungou Mallory. — Você diz que esse gigante planeja se casar… — O dedo dela se virou na direção de Sam. — Ela *sabe* sobre esse plano?

— Preciso perguntar a ela. De qualquer modo, nós temos cinco dias. Se esse gigante Thrym não tiver sua noiva…

— Ele corre para o telégrafo — disse T.J. — e conta para todos os outros gigantes que está com o martelo de Thor. E eles invadem Midgard.

Decidi não lembrar a T.J. que ninguém mais usava telégrafos.

Mestiço pegou a faca de carne e começou a limpar os dentes.

— Não entendo por que esse Thrym esperou tanto tempo. Se ele está com o martelo há meses, por que não estamos sob ataque?

Eu não tinha uma resposta, mas imaginava que tivesse alguma coisa a ver com Loki. Como sempre, ele devia estar sussurrando no ouvido das pessoas, manipulando eventos por trás das cenas. O que quer que Loki quisesse dessa transação esquisita de casamento, eu tinha certeza de uma coisa: ele não estava tentando recuperar o martelo de Thor só porque era um cara legal.

Olhei para o outro lado do salão, para Alex Fierro. Eu me lembrei do que ela dissera no campo de batalha quando enfrentamos Grimwolf: *Ele mandou o* lindwyrm *por minha causa. Ele sabe que estou aqui.*

Mallory me cutucou.

— Você está pensando a mesma coisa que eu? Não pode ser coincidência Alex Fierro ter chegado no meio disso tudo. Você acha que Loki a mandou?

Senti como se uma banheira cheia de peixinhos dourados estivesse tentando subir pela minha garganta.

— Como Loki poderia armar para alguém se tornar einherji?

— Ah, meu amigo… — T.J. balançou a cabeça. A combinação da camisa havaiana com estampa floral e da jaqueta da União o fazia parecer um detetive de *Hawai Five-0: versão 1862*. — Como Loki conseguiria soltar um *lindwyrm* ancestral em Valhala? Como poderia ajudar os confederados com a Primeira Batalha de Bull Run?

— Loki ajudou o quê?

— O que quero dizer é que Loki é capaz de fazer muitas coisas — disse T.J. — *Nunca* o subestime.

Era um bom conselho. Mesmo assim… ao olhar para Alex Fierro, eu tinha dificuldade em achar que ela fosse uma espiã. Apavorante e perigosa, sim. Um pé no saco, claro. Mas trabalhando para o pai?

— Loki não escolheria alguém que… se misturasse um pouco melhor? — perguntei. — Além do mais, quando estava na minha cabeça, ele me pediu para não levar Alex ao casamento. Loki disse que ela estragaria tudo.

— Psicologia reversa — sugeriu Mestiço, ainda usando a faca nos dentes.

Mallory riu com deboche.

— O que você sabe sobre psicologia, seu pateta?

— Ou psicologia reversa da reversa da reversa! — Mestiço balançou as sobrancelhas peludas. — Aquele Loki é traiçoeiro.

Mallory jogou uma batata assada nele.

— Só estou dizendo que vale a pena ficar de olho em Alex Fierro — continuou Mallory. — Depois que ela matou o *lindwyrm*…

— Com uma ajudinha minha — acrescentou T.J.

— … ela desapareceu na floresta. Deixou a gente nos defendendo sozinhos. O resto dos dragões surgiu do nada…

— E nos matou — disse T.J. — É, *foi mesmo* meio estranho…

Mestiço grunhiu.

— Fierro é filha de Loki e é um *argr*. Não dá para confiar em um *argr* em combate.

Mallory bateu no braço dele.

— Sua atitude é mais ofensiva que seu cheiro.

— Acho sua ofensa ofensiva! — protestou Mestiço. — *Argrs* não são guerreiros. Foi o que eu quis dizer!

— Tá, e o que é um *argr*? — perguntei. — Quando você falou pela primeira vez, achei que fosse um monstro. Depois, achei que era outra palavra para pirata, tipo, *quem fica falando argh*. Quer dizer pessoa transgênero ou o quê?

— Literalmente, quer dizer *não másculo* — disse Mallory. — É um insulto mortal entre vikings grosseiros como esse cara.

Ela cutucou Mestiço no peito.

— Humf — disse Mestiço. — Só é ofensa se você chamar de *argr* alguém que não é um *argr*. Pessoas de gênero fluido não são novidade, Magnus. Existiam muitos *argrs* entre os nórdicos. Eles têm seus propósitos. Alguns dos maiores padres e sacerdotes eram… — Ele fez círculos no ar com a faca de carne. — Você sabe.

Mallory franziu a testa para mim.

— Meu namorado é um neandertal.

— De jeito nenhum! — disse Mestiço. — Sou um homem moderno e iluminado do ano 865 EC. Agora, se você falar com os einherjar de 700 EC, bem… eles não têm a mente tão aberta para essas coisas.

T.J. tomou um gole de hidromel com o olhar perdido.

— Durante a guerra, tínhamos um mensageiro da tribo Lenape que se referia a si mesmo, ou a si mesma, como Mãe William.

— Que nome de guerra horrível! — reclamou Mestiço. — Quem tremeria de pavor frente a alguém chamado Mãe William?

T.J. deu de ombros.

— Admito que a maioria de nós não conseguia entender. Seu gênero parecia mudar de um dia para o outro. Ele dizia que tinha dois espíritos no corpo, um masculino e um feminino. Mas que alma incrível. Nos salvou de uma emboscada durante a marcha pela Geórgia.

Observei Alex jantando, pegando cuidadosamente pedaços de cenoura e batata no prato. Era difícil acreditar que poucas horas antes os mesmos dedos delicados derrubaram um dragão e cortaram minha cabeça com um fio.

Mestiço se inclinou na minha direção.

— Não há vergonha em sentir atração, Magnus.

Eu engasguei com um pedaço de carne.

— O quê? Não, eu não estava…

— Encarando? — Mestiço sorriu. — Sabe, os sacerdotes de Frey eram muito fluidos. Durante o festival da colheita eles usavam vestidos e faziam danças *incríveis*…

— Você está de onda comigo — respondi.

— Não. — Mestiço riu. — Uma vez, em Uppsala, eu conheci uma linda…

A história dele foi interrompida pelo som de cornetas se espalhando pelo salão.

Na mesa dos lordes, Helgi se levantou. Desde a última vez que eu o tinha visto, de manhã, ele havia ajeitado o paletó e aparado a barba, mas agora estava usando um elmo de guerra grande demais, provavelmente para esconder os danos causados por Alex Fierro ao seu penteado de urubu morto.

— Einherjar! — ribombou a voz dele. — Esta noite, só um guerreiro se juntou a nós, mas me disseram que a história de sua morte é impressionante. — Ele olhou de cara feia para Samirah al-Abbas como quem diz: é melhor *que seja mesmo*. — Levante-se, Alex Fierro, e nos fascine com seus feitos gloriosos!

Onze

O que um cara precisa fazer para ser aplaudido de pé?

ALEX NÃO DEMONSTROU animação por ter que nos fascinar.

Ela se levantou, puxando o colete, e observou a plateia, como se desafiasse cada guerreiro para um duelo.

— Alex, filho de Loki! — começou Helgi.

— *Filha* — corrigiu Alex. — Se eu não disser o contrário, é filha.

Na ponta da mesa dos lordes, Jim Bowie tossiu na caneca de hidromel.

— Como é?

Ernie Pyle murmurou alguma coisa no ouvido de Bowie. Eles aproximaram as cabeças. Pyle pegou seu bloco de jornalista e uma caneta. Pareceu estar desenhando um diagrama para Bowie.

O rosto de Helgi se contorceu.

— Como preferir, filha de Loki…

— E não precisa citar Loki — acrescentou Alex. — Eu não gosto muito dele.

Gargalhadas nervosas se espalharam pelo aposento. Ao lado de Alex, Samirah apertou os punhos, como se aquecesse os músculos da estrangulação. Duvido que ela estivesse com raiva de Alex — Sam também não gostava de Loki. Mas, se por algum motivo os lordes decidissem que Alex não era uma escolha digna de Valhala, Sam podia ser expulsa das valquírias e exilada em Midgard. Eu sabia disso porque foi o que aconteceu quando ela me apresentou.

— Muito bem, filha de alguém. — A voz de Helgi estava seca como a órbita vazia de Odin. — Vamos apreciar suas façanhas, cortesia da Visão

das Valquírias!

Esses vikings de hoje e suas tecnologias complicadas… Ao redor do tronco da árvore Laeradr, telas holográficas enormes surgiram. Imagens da câmera de valquíria de Sam começaram a aparecer.

Sam era especialista em trigonometria, cálculo e aviação, então era de se pensar que ela saberia usar uma câmera. Mas não. Ela sempre esquecia quando ligar e desligar. Na metade das vezes, os vídeos saíam de lado porque ela prendia a câmera errado. Às vezes, ela gravava missões inteiras com a câmera mostrando só suas narinas.

Esta noite, a qualidade do vídeo estava boa, mas Sam tinha começado a gravar cedo demais. Hora no vídeo, 7h03 da manhã: tivemos uma vista da sala da casa dos avós, um espaço pequeno e arrumado com mesa de centro baixa e dois sofás de camurça. Acima da lareira havia uma gravura emoldurada de caligrafia árabe, um desenho com tinta dourada em pergaminho branco. Orgulhosamente exibidas na prateleira da lareira estavam fotos de Sam quando bebê com um avião de brinquedo, quando criança no campo de futebol e quando adolescente segurando um grande troféu.

Assim que Sam percebeu o ponto em que o vídeo começava, ela sufocou um grito. Mas não havia o que pudesse fazer para pará-lo.

O vídeo virou para a esquerda, para uma sala de jantar onde três pessoas mais velhas tomavam chá em xícaras com bordas douradas. Eu conhecia uma delas: Abdel Fadlan, o dono do Falafel do Fadlan. Não havia como confundir o cabelo branco denso e o terno azul bem cortado. Os outros dois deviam ser os avós de Sam: Jid e Bibi. Jid parecia o Papai Noel, ou Ernest Hemingway — tinha o peito largo e o rosto redondo, com barba branquinha e muitas marcas de expressão, embora hoje estivesse com a testa franzida. Ele usava um terno cinza que devia ter servido vinte anos e dez quilos antes. Bibi estava usando um elegante vestido vermelho e dourado bordado, com hijab combinando. Estava sentada com uma pose

perfeita, como a realeza, enquanto servia chá para o convidado, o sr. Fadlan.

Pelo ângulo da câmera, concluí que Samirah estava sentada em uma cadeira entre os dois sofás. A uns três metros, na frente da lareira, Amir Fadlan andava de um lado para outro com agitação, passando as mãos pelo cabelo preto. Ele estava lindo, para variar, com calça jeans skinny, camiseta branca e um colete elegante, mas o sorriso fácil de sempre não estava presente. A expressão dele era de angústia, como se alguém tivesse pisado em seu coração.

— Sam, eu não entendo — disse ele. — Eu te amo!

A plateia toda do salão reagiu:

— Ooooh!

— Calem a boca! — disse Samirah com rispidez, o que só fez todos rirem. Percebi que ela estava usando toda a sua força de vontade para não chorar.

O vídeo continuou. Vi Sam voar para se encontrar comigo no Thinking Cup, depois receber uma mensagem no celular com um possível código 381.

Ela saiu voando do café e atravessou o parque na direção de Downtown Crossing.

Desceu do céu e pairou acima de um beco sem saída escuro entre dois teatros em ruínas. Eu sabia exatamente onde ficava, na esquina de um abrigo para sem-teto. Viciados em heroína gostavam de se drogar naquele beco, o que o tornava um ótimo lugar para levar uma surra, ser roubado ou morto.

Assim que Sam chegou, o local também se tornou um ótimo lugar para ser atacado por lobos brilhantes malvados.

Na rua sem saída, três animais grandes encurralavam um mendigo desgrenhado. A única coisa entre o homem e a morte certa era um carrinho de compras cheio de latas para reciclagem.

Meu jantar pesou na barriga. Os lobos traziam muitas lembranças do assassinato da minha mãe. Mesmo se eles não fossem do tamanho de cavalos adultos, eu saberia que não eram lobos comuns de Midgard. Uma névoa azul fosforescente grudava no pelo deles, gerando ondas de luz que lembravam um aquário nas paredes de tijolos. Os rostos eram expressivos demais, com olhos humanos e lábios com expressão de desdém. Eram filhos de Fenrir. Eles andaram de um lado para outro, rosnando e farejando o ar, apreciando o cheiro de medo vindo da presa.

— Para trás! — grunhiu o homem, empurrando o carrinho de compras na direção dos animais. — Já falei que não quero! Não acredito nisso!

No Salão de Banquete, os einherjar reunidos murmuraram com reprovação.

Eu tinha ouvido histórias de alguns semideuses modernos, filhos e filhas de deuses ou deusas nórdicos, que se recusavam a aceitar seu destino. Eles davam as costas para a esquisitice dos nove mundos. Em vez de lutar quando monstros apareciam, eles corriam e se escondiam. Alguns concluíam que eram realmente loucos. Tomavam remédios. Internavam-se em hospitais. Outros se tornavam alcoólatras ou viciados e acabavam nas ruas. Aquele cara devia ser um deles.

Eu podia sentir a pena e a repulsa no salão. Aquele velho podia ter passado a vida fugindo, mas agora estava encurralado. Em vez de ir para Valhala como herói, ele morreria como covarde e iria para a terra fria de Hel — o pior destino que qualquer einherji podia imaginar.

Nesse momento, na entrada do beco, uma voz gritou:

— Ei!

Alex Fierro tinha chegado. Ela estava com os pés separados, os punhos na cintura como a Supergirl — isso se a Supergirl tivesse cabelo verde e usasse um colete rosa e verde.

Alex devia estar passando por ali. Talvez tivesse ouvido o homem gritando ou os lobos rosnando. Não havia motivo para ela se envolver. Os

lobos estavam tão concentrados na presa que jamais teriam reparado nela.

Mas Alex atacou os animais, se transformando enquanto se movia e partindo para a batalha como um pastor alemão.

Apesar da diferença de tamanho, Alex conseguiu derrubar o lobo maior. Ela enfiou os dentes no pescoço dele. O animal se contorceu e rosnou, mas Alex pulou para longe antes que ele pudesse mordê-la. Enquanto o lobo ferido cambaleava, os outros dois a atacaram.

Com a fluidez de água corrente, Alex voltou à forma humana. Ela atacou com o fio de aço, usando como chicote. Com um único movimento, um dos lobos perdeu a cabeça.

— Ooooh! — fez a plateia com apreciação.

Antes que Alex pudesse atacar de novo, o outro lobo pulou em cima dela. Os dois rolaram pelo beco. Alex virou pastor alemão outra vez, arranhou e mordeu, mas estava fora da sua classe de peso.

— Vire uma coisa maior. — Eu me vi murmurando. Mas, por algum motivo, Alex não virou.

Eu sempre gostei de cachorros, mais do que gosto da maioria das pessoas e *definitivamente* mais do que de lobos. Foi difícil ver o lobo atacar o pastor alemão, arrancando o focinho e a garganta de Alex, cobrindo seu pelo com sangue. Finalmente ela conseguiu mudar de forma, encolhendo-se até virar um lagarto e sair correndo de debaixo do agressor. Ela virou humana de novo a poucos metros de distância, com as roupas em farrapos e o rosto um show de horrores de cortes e mordidas.

Infelizmente, o primeiro lobo tinha se recuperado. Ele uivou de raiva, um som que ecoou pelo beco e ricocheteou nos prédios ao redor. Percebi que era o mesmo uivo que eu tinha ouvido do outro lado da cidade, enquanto lutava com o assassino de bodes.

Juntos, os dois lobos que restaram avançaram na direção de Alex, com os olhos azuis brilhando de raiva.

Alex mexeu no suéter que usava amarrado na cintura. Um dos motivos para usá-lo ficou evidente: escondia uma faca que Alex levava no cinto. Ela puxou a arma e jogou na direção do sem-teto.

— Me ajude! — gritou. — Lute!

A faca deslizou pelo asfalto. O homem recuou, mantendo o carrinho de compras entre ele e a luta.

Os lobos partiram para cima de Alex.

Finalmente, ela tentou virar uma coisa maior — talvez um búfalo ou um urso, era difícil saber —, mas acho que não estava com força suficiente. Ela desabou na forma humana na hora que os lobos pularam, derrubando-a.

Alex lutou com ferocidade, enrolando o garrote no pescoço de um lobo, chutando o outro, mas estava em número menor e tinha perdido muito sangue. Ela conseguiu estrangular o lobo maior. Ele caiu em cima dela e a esmagou. O último animal a atacou no pescoço. Alex colocou os dedos no pescoço do animal, mas seus olhos estavam perdendo o foco.

Tarde demais, o homem tinha pegado a faca. Ele se aproximou do último lobo. Com um grito horrorizado, enfiou a lâmina nas costas do bicho.

O monstro caiu morto.

O velho se afastou da cena: três lobos mortos, com o pelo ainda cintilando em nuvens leves de azul-néon; Alex Fierro, com o último suspiro tremendo o peito, uma poça de sangue se espalhando ao redor dela como uma aura.

O velho largou a faca e saiu correndo, chorando.

A câmera se aproximou quando Samirah al-Abbas desceu na direção da guerreira caída. Sam esticou a mão. Do corpo destruído de Alex Fierro, um espírito dourado cintilante surgiu, já fazendo cara feia para o chamado inesperado.

O vídeo ficou escuro. Não mostrou Alex discutindo com Sam, dando um soco no olho dela nem provocando o caos quando finalmente chegou em Valhala. Talvez a câmera de Sam tenha ficado sem bateria. Ou talvez Sam tenha intencionalmente interrompido o vídeo naquele ponto para fazer Alex parecer mais heroica.

O Salão de Banquete estava em silêncio, exceto pelo estalar das tochas havaianas. E os einherjar explodiram em aplausos.

Os lordes ficaram de pé. Jim Bowie secou uma lágrima do olho. Ernie Pyle assoou o nariz. Até Helgi, que parecia tão furioso minutos antes, chorou abertamente enquanto aplaudia Alex Fierro.

Samirah olhou ao redor, perplexa com as reações.

Alex parecia uma estátua. Seus olhos ficaram fixos no lugar escuro onde a tela de vídeo estava, como se pudesse fazer a morte voltar atrás apenas pela força de vontade.

Quando os aplausos cessaram, Helgi levantou o cálice.

— Alex Fierro, você lutou com poucas chances, sem pensar na própria segurança, para salvar um homem mais fraco. Você ofereceu uma arma a esse homem, uma chance de se redimir em batalha e chegar a Valhala! Tanta bravura e honra em uma filha de Loki é… é verdadeiramente excepcional.

Sam parecia ter algumas palavrinhas especiais para compartilhar com Helgi, mas foi interrompida por outra rodada de aplausos.

— É verdade — prosseguiu Helgi — que aprendemos a não julgar os filhos de Loki rápido demais. Recentemente, Samirah al-Abbas foi acusada de comportamento não condizente com sua posição de valquíria, e nós a perdoamos. Mais uma vez, temos prova de nossa sabedoria!

Mais aplausos. Os lordes assentiram e bateram nas costas uns dos outros, como quem diz: *Caramba! Nós somos mesmo sábios de mente aberta! Merecemos biscoitos!*

— E, além disso — acrescentou Helgi —, tal heroísmo vindo de um *argr*! — ;Ele sorriu para os outros lordes, compartilhando sua estupefação. — Nem sei o que dizer. Verdadeiramente, Alex Fierro, você superou todas as nossas expectativas. A Alex Fierro! — brindou ele. — À morte sangrenta!

— MORTE SANGRENTA! — rugiu a multidão.

Mais ninguém parecia ter reparado em quanto Alex estava apertando as mãos fechadas ou em como olhava com raiva para a mesa dos lordes. Meu palpite era que ela não tinha gostado de algumas escolhas de palavra dele.

Helgi não se deu ao trabalho de chamar uma *völva*, ou vidente, para ler o destino de Alex nas runas como fizera quando eu cheguei em Valhala. Ele devia ter concluído que os lordes já sabiam que Fierro faria coisas incríveis quando todos partíssemos para a morte no Ragnarök.

Os einherjar entraram no modo festa com toda a força. Eles riram, lutaram e pediram mais hidromel. Valquírias voavam de um lado para outro com as saias de capim e os colares de flores, enchendo jarras o mais rápido que conseguiam. Músicos tocavam melodias nórdicas de dança que pareciam metal mortal acústico tocado por gatos selvagens.

Na minha opinião, duas coisas estragaram o clima de festa.

Primeiro, Mallory Keen se virou para mim.

— Você ainda acha que Alex é uma einherji legítima? Se Loki quisesse colocar um agente em Valhala, ele não podia ter arrumado uma apresentação melhor…

A ideia me fez sentir como se estivesse de volta ao barco de Randolph, sendo jogado de um lado para outro por ondas de quatro metros e meio. Eu queria dar uma chance a Alex. Sam tinha me dito que era impossível trapacear para entrar em Valhala. Por outro lado, desde que eu tinha me tornado einherji, eu presenciava o impossível diariamente.

A segunda coisa que aconteceu: captei um vislumbre de movimento em algum lugar acima de mim. Olhei para o teto, esperando ver uma valquíria

voando alto ou talvez um dos animais que moravam na árvore Laeradr. Mas, trinta metros acima, quase perdida na escuridão, uma figura de preto se encostava no canto de um galho, batendo palmas lentamente enquanto via nossa comemoração. Na cabeça dele havia um elmo de aço com o rosto de um lobo.

Antes que eu pudesse dizer *Ei, olhem, tem um assassino de bodes na árvore*, eu pisquei e ele sumiu. Do local onde ele estava, uma única folha veio descendo e caiu na minha caneca de hidromel.

Doze

Com quem será, com quem será, com quem será que a Sam vai *conversar*?

QUANDO AS PESSOAS foram saindo do salão, vi Samirah voar para longe.

— Ei! — gritei, mas não tinha como ela ter me ouvido em meio à barulheira dos einherjar.

Peguei meu pingente e chamei Jacques.

— Você pode voar atrás de Sam? Diga que preciso falar com ela.

— Posso fazer ainda melhor — disse Jacques. — Segure firme.

— Opa. Você pode me *carregar*?

— Por uma distância curta, sim.

— Por que você não me disse isso antes?

— Mas eu falei! Além do mais, está no manual do usuário.

— Jacques, você não tem manual do usuário.

— Aguente aí. Mas é claro que, quando você me botar de volta em forma de pingente, você vai sentir…

— Como se tivesse voado por aí. E vou desmaiar ou algo assim. Tudo bem. Vamos.

Não havia nada de gracioso em voar pela Jacques Linhas Aéreas. Eu não parecia um super-herói nem uma valquíria. Eu parecia um cara pendurado no cabo de uma espada disparando para o alto — a bunda contraída, as pernas balançando. Perdi um sapato lá pelo vigésimo andar. Quase caí para a morte duas vezes. Fora isso, é, foi uma ótima experiência.

Quando cheguei perto de Sam, gritei:

— À sua esquerda!

Ela se virou e parou no ar.

— Magnus, o que você…? Ah, oi, Jacques.

— E aí, moça do leão? Podemos pousar em algum lugar? Esse cara é pesado.

Nós pousamos no galho mais próximo. Contei para Sam sobre o assassino de bodes escondido em Laeradr, e ela partiu para alertar as valquírias. Cinco minutos depois, ela voltou, a tempo de interromper a versão de Jacques de "Hands to Myself".

— Isso é perturbador — disse Sam.

— Eu sei — concordei. — Jacques *não consegue* cantar Selena Gomez.

— Não, eu estava falando do assassino — disse Sam. — Ele desapareceu. Toda a equipe do hotel está em alerta, mas… — ela deu de ombros — ele não está em lugar algum.

— Posso terminar minha música agora? — perguntou Jacques.

— Não! — dissemos Sam e eu em uníssono.

Eu quase falei para Jacques voltar para a forma de pingente. Mas lembrei que, se ele voltasse, eu provavelmente desmaiaria por doze horas.

Sam pousou no galho ao meu lado.

Bem abaixo, o resto do pessoal do jantar estava saindo do salão. Meus amigos do andar dezenove, T.J., Mallory e Mestiço, cercaram Alex Fierro e a levaram para fora. Ali de cima, era difícil saber se tinha sido uma escolta alegre de "companheiros" ou uma marcha forçada para garantir que ela não mataria ninguém.

Sam seguiu meu olhar.

— Você tem dúvidas sobre ela, eu sei. Mas ela merece estar aqui, Magnus. O jeito como ela morreu… Tenho tanta certeza do heroísmo dela quanto tive do seu.

Como nunca tive confiança no meu próprio heroísmo, o comentário de Sam não me tranquilizou.

— Como está seu olho?

Ela tocou no hematoma.

— Não é nada. Alex só surtou. Demorei um pouco para entender, mas quando você pega a mão de alguém e leva para Valhala, tem um vislumbre da alma dessa pessoa.

— Aconteceu isso quando você me trouxe?

— Com você, não tinha muito para ver. É meio vazio aí dentro.

— Boa! — disse Jacques.

— Existe uma runa que faria vocês dois calarem a boca? — perguntei.

— Enfim — continuou Sam —, Alex estava com raiva e assustada. Depois que a deixei aqui, comecei a entender por quê. Ela tem gênero fluido. Achou que, se virasse einherji, ela ficaria presa a um gênero para sempre. E *odiou* essa ideia.

— Ah — falei, o que queria dizer: *Eu entendo, mas na verdade não entendo*.

Eu vivi preso a um gênero a vida toda. Nunca me incomodou. Agora, eu me perguntava como isso seria para Alex. A única analogia que consegui elaborar não era muito boa. Minha professora do segundo ano, a srta. Mengler (também conhecida como srta. Monga), me obrigava a escrever com a mão direita apesar de eu ser canhoto. Ela prendeu minha mão esquerda à mesa com fita adesiva. Minha mãe ficou furiosa quando soube, mas eu ainda me lembrava da sensação de pânico de ficar preso, forçado a escrever de uma maneira nada natural só porque a srta. Mengler insistiu. *Esse é o jeito normal, Magnus. Pare de reclamar. Você vai se acostumar.*

Sam soltou um suspiro.

— Admito que não tenho muita experiência com…

Jacques se empertigou na minha mão.

— *Argrs?* Ah, eles são ótimos! Uma vez, Frey e eu…

— Jacques… — falei.

As runas dele mudaram para um magenta controlado.

— Tudo bem, vou ficar aqui parado como um *objeto inanimado*.

Isso arrancou uma gargalhada de Sam. Ela tinha descoberto o cabelo, como costumava fazer em Valhala. Sam me disse que considerava o hotel sua segunda casa, e os einherjar e as valquírias como sendo da família, então não sentia necessidade de usar o hijab aqui. Os cachos castanhos caíam pelos ombros, e o lenço de seda verde estava enrolado no pescoço, cintilando enquanto tentava ativar a camuflagem mágica. Era um pouco perturbador, porque de vez em quando os ombros e o pescoço de Sam davam a impressão de terem desaparecido.

— Alex Fierro incomoda você? — perguntei. — Quer dizer… o fato de ela ser transgênero? Por você ser religiosa e tal?

Sam arqueou uma sobrancelha.

— Sendo "religiosa e tal", muitas coisas me incomodam neste lugar. — Ela indicou nossos arredores. — Tive que fazer uma reflexão de alma quando me dei conta de que meu pai era… você sabe, *Loki*. Ainda não aceito a ideia de que os deuses nórdicos são *deuses*. Eles são apenas seres poderosos. Alguns são parentes irritantes meus. Mas não passam de criações de Alá, o único deus, assim como você e eu somos.

— Você lembra que sou ateu, né?

Ela riu.

— Parece o começo de uma piada, não acha? *Um ateu e uma muçulmana entram em uma pós-vida pagã*. O fato de Alex ser transgênero é o menor dos meus problemas. Estou mais preocupada com a… ligação dela com nosso pai.

Sam passou o dedo na linha da vida na palma de sua mão.

— Alex muda de forma com muita frequência. Ela não se dá conta de quanto é perigoso contar com o poder de Loki. Não se pode dar a ele mais controle do que já tem.

Eu franzi a testa. Samirah havia me dito uma coisa assim antes, que ela não gostava de mudar de forma porque não queria ficar como o pai, mas

eu não tinha entendido. Pessoalmente, se eu pudesse mudar de forma, viraria um urso-polar, tipo, a cada dois minutos.

— De que tipo de *controle* estamos falando?

Ela não olhou nos meus olhos.

— Esqueça. Você não veio voando atrás de mim para falar de Alex Fierro, veio?

— É verdade. — Descrevi o que tinha acontecido no campo de batalha: o dragão e o jeito como Loki invadira minha mente usando um smoking ridículo e me convidando para um casamento. Depois, contei sobre meus sonhos e que, aparentemente, esse casamento seria entre ela e um gigante chamado Thrym que falava com voz de morsa e cujo bar servia os picles mais fedidos de Jötunheim.

Jacques também não tinha ouvido ainda parte disso. Apesar da promessa de ficar inanimado, ele ofegou e gritou "Tá de brincadeira!" em todos os momentos apropriados, e também em alguns inapropriados.

Quando eu terminei, Sam ficou em silêncio. Um sopro frio passou entre nós, como um vazamento de fréon do ar-condicionado.

Lá embaixo, a equipe de limpeza chegou. Corvos pegaram os pratos e copos. Grupos de lobos comeram a comida que sobrou e lamberam o chão até ficar limpo. Higiene era importante em Valhala.

— Eu queria contar para você — disse Sam. — Tudo aconteceu tão rápido. Simplesmente… caiu no meu colo.

Ela secou uma lágrima da bochecha. Eu nunca tinha visto Sam chorar. Eu queria consolá-la — dar um abraço, um tapinha na mão, alguma coisa assim —, mas Sam não gostava de contato físico, mesmo eu *sendo* parte da família estendida em Valhala.

— É assim que Loki está estragando sua vida pessoal — adivinhei. — Ele foi falar com seus avós? Com Amir?

— Ele deu *convites* para eles.

Sam tirou um do bolso e me entregou: letra cursiva dourada em papel dourado, como o que Loki tinha colocado no bolso do tio Randolph.

O incomparável Loki
e algumas outras pessoas
convidam você para o casamento de

Samirah al-Abbas Bint Loki
e
Thrym, filho de Thrym, neto de Thrym

QUANDO:
Daqui a cinco dias
ONDE:
Avisamos depois
POR QUÊ:
Porque é melhor que o dia do Juízo Final
Presentes são bem-vindos!
Danças e sacrifícios pagãos depois da cerimônia

Eu levantei o rosto.

— Sacrifícios pagãos?

— Dá para imaginar como meus avós encararam isso.

Observei o convite de novo. A linha *quando* tremeluziu, e a palavra *cinco* se apagou e virou *quatro*. O *onde* também tinha um brilho holográfico, como se pudesse acabar mudando para um endereço específico.

— Você não podia dizer para os seus avós que era pegadinha?

— Não com meu pai indo entregar pessoalmente.

— Ah.

Imaginei Loki sentado à mesa de jantar dos al-Abbas, tomando chá em uma das lindas xícaras com detalhes dourados. Imaginei o rosto de Papai Noel de Jid ficando cada vez mais vermelho, Bibi se esforçando para manter a pose majestosa enquanto um vapor furioso saía pelas beiradas do hijab.

— Loki contou tudo para eles — disse Sam. — Como conheceu minha mãe, como eu me tornei valquíria, *tudo*. Disse que eles não tinham o direito de planejar um casamento para mim porque ele era meu pai e já tinha planejado um.

Jacques estremeceu na minha mão.

— O lado bom — disse ele — é que o convite é bonito.

— Jacques… — falei.

— Certo. Inanimado.

— Me diga que seus avós não aceitaram isso. Eles não esperam que você se case com um gigante.

— Eles não sabem *o que* pensar. — Sam pegou o convite de volta. Ficou olhando para ele como se torcesse para que queimasse. — Eles tinham desconfianças sobre o relacionamento da minha mãe. Como eu falei, minha família interage com os deuses nórdicos há gerações. Os deuses têm essa… essa *atração* pelo meu clã.

— Bem-vinda ao clube — murmurei.

— Mas Jid e Bibi não tinham ideia da extensão de tudo até Loki aparecer. O que eles acharam pior foi eu ter escondido deles minha vida como valquíria. — Outra lágrima escorreu pela lateral do nariz de Sam. — E Amir…

— O vídeo da Visão das Valquírias… Ele e o pai foram até sua casa hoje de manhã e você tentou explicar.

Ela assentiu e puxou o canto do convite.

— O sr. Fadlan não entende o que está acontecendo, só que tem algum tipo de desacordo. Mas Amir… nós conversamos de novo esta tarde, e eu… eu contei a verdade para ele. Toda a verdade. E prometi que *jamais* aceitaria esse casamento maluco com Thrym. Mas não sei se Amir consegue me *ouvir* a essa altura. Ele deve pensar que estou louca…

— Nós vamos resolver — prometi. — Você não vai ser obrigada a se casar com um gigante.

— Você não conhece meu pai como eu, Magnus. Ele pode destruir minha vida. Já começou. Ele tem meios de… — Ela hesitou. — A questão é, Loki decidiu que *ele* é o único que pode negociar pelo martelo de Thor. Não consigo imaginar o que ele vai ganhar no acordo, mas não pode ser boa coisa. O único jeito de impedi-lo é encontrando o martelo primeiro.

— Então vamos fazer isso. Nós sabemos que esse tal de Thrym está com ele. Vamos buscar. Melhor ainda, diga para Thor e faça com que ele vá buscar.

Nos meus joelhos, Jacques vibrou e brilhou.

— Não vai ser tão fácil, senhor. Mesmo que você conseguisse encontrar a fortaleza de Thrym, ele não seria burro o bastante de deixar o martelo de Thor lá. Ele é um gigante da terra. Pode ter enterrado em qualquer lugar.

— O dólmen do *draugr* — disse Sam.

— Em Provincetown — completei. — Você ainda acha que é nossa melhor aposta? Mesmo com o assassino de bodes nos dizendo que é armadilha?

Sam olhou por cima do meu ombro. Ela parecia estar olhando o horizonte, imaginando uma nuvem cogumelo subindo da bomba que Loki jogou no futuro dela.

— Eu tenho que tentar, Magnus. O dólmen do *draugr*. De manhã logo cedo.

Eu odiei a ideia. Infelizmente, não tinha outra melhor.

— Tudo bem. Você fez contato com Hearth e Blitz?

— Eles vão nos encontrar em Cape Cod. — Ela se levantou e amassou o convite de casamento. Antes que eu pudesse protestar e dizer que nós podíamos precisar dele, ela o jogou para os corvos e lobos. — Encontro você depois do café. E traga um casaco. Vai ser uma manhã gelada para voar.

Treze

Relaxe, é só uma profeciazinha de morte

COMO PREVISTO, ASSIM que Jacques virou pingente eu desmaiei por doze horas.

De manhã, acordei com braços e pernas doloridos, sentindo como se tivesse passado a noite voando com um einherji pendurado no meu tornozelo.

Alex Fierro estranhamente não apareceu para o café, embora T.J. tenha garantido que colocou um bilhete embaixo da porta dela explicando onde ficava o salão do andar dezenove.

— Ela ainda deve estar dormindo — disse T.J. — O primeiro dia foi bem intenso.

— A não ser que ela seja aquele mosquito ali — Mestiço apontou para um inseto pousado no saleiro. — É você, Fierro?

O mosquito não respondeu.

Meus amigos prometeram ficar alertas, prontos para fazer o que fosse necessário para impedir Loki de realizar o casamento em cinco (agora quatro) dias.

— Vamos ficar de olho em Fierro também — prometeu Mallory, olhando de cara feia para o mosquito.

Só tive tempo de engolir um bagel, e Sam chegou logo em seguida e me levou até o estábulo acima da sala de exercícios do 422º andar.

Sempre que Sam dizia “Vamos voar”, eu não conseguia ter certeza do que ela queria dizer.

As valquírias eram perfeitamente capazes de voar sozinhas. Eram fortes o bastante para carregar pelo menos mais uma pessoa, então ela talvez pretendesse me colocar em uma mala grande e me transportar até Cape Cod.

Ou talvez ela quisesse dizer *voar* no sentido de *vamos despencar de um penhasco e morrer*. Nós passávamos muito tempo fazendo isso.

Hoje, ela quis dizer cavalgar em um cavalo voador. Eu não sabia bem por que as valquírias *tinham* cavalos voadores. Provavelmente porque eles eram incríveis. Além do mais, ninguém queria ir para a batalha montado em um *lindwyrm*, sacudindo e pulando como um caubói montado em um peru-cobra.

Sam cavalgava em um garanhão branco. Ela subiu nas costas dele e me puxou para a garupa, e galopamos pelo portão do estábulo direto para os céus acima de Boston.

Ela estava certa sobre o frio. Não me incomodou, mas o vento estava forte, e o hijab de Sam ficava batendo na minha boca. Como os hijabs representavam simplicidade e devoção, eu duvidava que Sam quisesse que o dela parecesse ter sido mastigado por mim.

— Quanto falta? — perguntei.

Ela olhou para trás. O hematoma no olho tinha sumido, mas ela ainda parecia distraída e exausta. Eu me perguntei se havia dormido.

— Não muito — disse ela. — Se segure.

Eu já tinha voado com Sam por vezes o suficiente para levar o aviso a sério. Apertei os joelhos nos flancos do cavalo e passei os braços na cintura de Sam. Quando mergulhamos pelas nuvens, talvez eu tenha gritado “Meinfretr!”.

Minha bunda ficou sem peso na sela. Para sua informação, não gosto de ficar com a bunda sem peso. Eu me perguntei se Sam pilotava o avião assim e, em caso positivo, quantos instrutores de voo tiveram parada cardíaca por causa disso.

Nós cortamos as nuvens. Na nossa frente, Cape Cod se projetava no horizonte — um parêntese verde e dourado em um mar azul. Diretamente abaixo, a ponta norte da península fazia uma leve curva em torno do porto de Provincetown. Alguns veleiros pontilhavam a baía, mas era cedo demais na primavera para haver muitos visitantes.

Sam parou de descer a cerca de cento e cinquenta metros e voou pela costa, passando por dunas e brejos, depois seguindo o arco da rua Commercial com os chalés de telhas cinza e casinhas pintadas de cores néon. As lojas estavam quase todas fechadas, e as ruas, vazias.

— Só estou observando — explicou Sam.

— Verificando se não tem um exército de gigantes escondido atrás do Estúdio de Tatuagem Mooncusser?

— Nem trolls do mar, nem *draugr*, nem meu pai, nem…

— Tá, entendi a ideia.

Finalmente, ela fez uma curva para a esquerda e seguiu para uma torre de pedra cinza em uma colina na extremidade da cidade. A estrutura de granito tinha uns setenta e cinco metros e uma ponta no alto que parecia de castelo de conto de fadas. Eu me lembrava vagamente de ter visto aquela torre na minha visita quando criança, mas minha mãe estava mais interessada em fazer caminhadas pelas dunas e praias.

— Que lugar é aquele? — perguntei a Sam.

— Nosso destino. — Um leve sorriso surgiu nos lábios dela. — Na primeira vez que vi, achei que fosse o minarete de uma mesquita. Parece um pouco.

— Mas não é?

Ela riu.

— Não. É um memorial para os peregrinos. Eles atracaram aqui antes de se mudarem para Plymouth. Claro que os muçulmanos estão nos Estados Unidos há muito tempo também. Uma amiga minha da mesquita tem um ancestral, Yusuf ben Ali, que serviu com George Washington na

revolução americana. — Ela parou de falar. — Desculpe, você não queria uma aula de história. Mas não viemos aqui por causa da torre. Estamos aqui pelo que tem embaixo dela.

Temi que Sam não estivesse falando da lojinha de presentes.

Nós voamos ao redor do monumento, observando a clareira na base. Do lado de fora da entrada da torre, sentados na pedra de suporte do muro e balançando os pés como se estivessem entediados, estavam minhas duas pessoas favoritas de mundos diferentes.

— Blitz! — gritei. — Hearth!

Hearth era surdo, então gritar o nome dele não adiantava muito, mas Blitzen o cutucou e apontou para nós. Os dois pularam da pedra e acenaram com entusiasmo enquanto nosso cavalo pousava.

— Garoto! — Blitzen correu na minha direção.

Ele poderia ser confundido com o fantasma de um explorador tropical. Da aba do chapéu de safári, uma tela branca o cobria até a altura dos ombros. A tela, eu sabia, era feita para bloquear a luz do sol, que transformava anões em pedra. Ele também colocou luvas de couro para proteger as mãos. Fora isso, estava usando a mesma roupa que vi no sonho: um terno de três peças castanho com gravata-borboleta preta, sapatos de couro de bico fino e um lenço laranja para dar um toque de cor. O traje perfeito para uma excursão até a tumba de um morto-vivo.

Ele me envolveu em um abraço e quase deixou o chapéu cair. Sua colônia tinha cheiro de pétalas de rosas.

— Martelos e bigornas, estou feliz de ver você!

Hearthstone veio correndo também, com um sorriso leve e balançando as palmas das mãos no gesto que significava *Viva!*. Para Hearth, era o equivalente a gritos histéricos.

Ele estava usando a jaqueta preta de couro e a calça jeans de sempre, com um cachecol de bolinhas amarrado no pescoço. O rosto estava pálido, como de costume, com os olhos perpetuamente tristes e o cabelo platinado

espetado, mas ele havia ganhado um pouco de peso nas últimas semanas. Parecia mais saudável, ao menos para os meus padrões humanos. Talvez ele andasse pedindo muita pizza no esconderijo de Mímir.

— Pessoal. — Eu puxei Hearth para um abraço. — Estão exatamente iguais a quando vi vocês no banheiro!

Em retrospecto, não deve ter sido o melhor assunto para puxar uma conversa.

Eu me afastei e expliquei o que estava acontecendo: os sonhos estranhos, a realidade ainda mais estranha, Loki na minha cabeça, minha cabeça em um pote de picles, a cabeça de Mímir na banheira etc.

— É — disse Blitzen. — O Capo *adora* aparecer na banheira. Meu coração quase pulou para fora do peito e do pijama de cota de malha uma noite.

— Eu não precisava dessa imagem — respondi. — Além do mais, temos que conversar sobre comunicação. Vocês desapareceram sem falar *nada*.

— Ei, garoto, foi ideia *dele*. — Ele disse isso em linguagem de sinais também, para que Hearth entendesse: o mindinho encostando na testa, depois apontando dois dedos para Hearth. *Ideia. Dele.* E um H representando o nome de Hearthstone.

Hearth grunhiu de irritação. E respondeu com sinais: *Para salvar você, idiota. Conte para Magnus.* Ele fez um M representando meu nome, um punho com três dedos sobre o polegar.

Blitzen suspirou.

— O elfo está exagerando, como sempre. Ele me deixou apavorado e me carregou para fora da cidade. Mas já me acalmei agora. Foi só uma profeciazinha de morte!

Sam soltou a mochila dos alforjes do cavalo. Fez um carinho no focinho do animal e apontou para o céu, e nosso amigo garanhão branco saiu voando para as nuvens.

— Blitzen… — Ela se virou. — Você entende que não existe profecia*zinha* de morte, certo?

— Eu estou bem! — Blitzen deu um sorriso confiante. Através da rede ele parecia um fantasma um pouco mais feliz. — Algumas semanas atrás, Hearth voltou de uma aula particular de runas mágicas com Odin. Estava todo empolgado para ler meu futuro. Então, jogou as runas e… bom, o resultado não foi muito bom.

Não foi muito bom? Hearthstone bateu o pé. *Blitzen. Banho de sangue. Não pode ser impedido. Antes de O-S-T-A-R-A.*

— Certo — disse Blitzen. — Foi o que ele leu nas runas. Mas…

— O que é Ostara? — perguntei.

— O primeiro dia da primavera — disse Sam. — Que acontece em, hã, quatro dias.

— O mesmo dia do seu suposto casamento.

— Acredite — disse ela com a voz azeda —, não foi ideia minha.

— Então Blitzen deve morrer antes disso? — Meu estômago começou a subir para a garganta. — Banho de sangue que não pode ser impedido?

Hearthstone assentiu com ênfase. *Ele não deveria estar aqui.*

— Concordo — respondi. — É perigoso demais.

— Pessoal! — Blitzen deu uma risadinha. — Olhem, Hearthstone é novo nessa coisa de leitura do futuro. Pode ter interpretado errado! *Banho de sangue* poderia ser, na verdade… *ganho de sangue.* Um ganho de sangue que não pode ser impedido. Seria uma *boa* profecia!

Hearthstone esticou as mãos, como se fosse estrangular o anão, o que não precisava de tradução.

— Além do mais — disse Blitz —, se tiver uma tumba aqui, vai ser subterrânea. Vocês precisam de um anão!

Hearth começou a fazer uma série de sinais furiosos, mas Samirah se intrometeu.

— Blitz está certo — disse ela, sinalizando a mensagem com uma batida de punhos, com os dois indicadores esticados. Ela tinha ficado boa em linguagem de sinais desde que conhecera Hearthstone. — Talvez no tempo livre entre coletar almas, ser aluna condecorada e pilotar aviões. — Isso é importante demais. Eu não pediria se não fosse. Temos que encontrar o martelo de Thor antes do primeiro dia da primavera, senão mundos inteiros serão destruídos. Ou… eu terei que me casar com um gigante.

Outro jeito, sinalizou Hearth. *Deve ter. Nem sabemos se o martelo está aqui.*

— Amigo. — Blitz segurou as mãos do elfo, o que foi um pouco fofo, mas também foi grosseiro, porque era o equivalente a colocar uma mordaça na boca de Hearth. — Sei que você está preocupado, mas vai ficar tudo bem.

Blitz se virou para mim.

— Além disso, por mais que eu ame esse elfo, estou ficando *maluco* naquele esconderijo. Prefiro morrer aqui, sendo útil para os meus amigos, a ficar vendo TV e comendo pizza e esperando que a cabeça de Mímir apareça na banheira. Além disso, Hearthstone ronca de um jeito que você não acreditaria.

Hearth puxou as mãos. *Você não está sinalizando, mas eu sei ler lábios, lembra?*

— Hearth — disse Sam. — Por favor.

Sam e Hearth se encararam com tanta intensidade que consegui sentir cristais de gelo se formando no ar. Eu nunca tinha visto aqueles dois discordando tanto, e *não* queria me meter. Fiquei tentado a chamar Jacques e pedir para ele cantar uma música da Beyoncé só para eles poderem ter um inimigo em comum.

Finalmente, Hearthstone sinalizou: *Se alguma coisa acontecer com ele…*

Eu assumo a responsabilidade, disse Sam apenas com os lábios.

— Eu também sei ler lábios — disse Blitzen. — E posso assumir a responsabilidade por mim mesmo. — Ele esfregou as mãos com ansiedade. — Agora, vamos encontrar a entrada desse dólmen, hein? Faz meses que não desenterro uma força morta-viva do mal!

Quatorze

Pode chorar rios de sangue. Pensando bem, melhor não

FOI COMO ANTIGAMENTE: nós indo juntos em direção ao desconhecido, procurando armas mágicas desaparecidas e correndo o risco de mortes dolorosas. Eu estava com saudade dos meus amigos!

Tínhamos andado por metade da base da torre quando Blitzen disse:

— A-há!

Ele se ajoelhou e passou as pontas dos dedos cobertos pelas luvas em uma rachadura nas pedras. Para mim, não era nada diferente de milhares de outras rachaduras na pedra, mas Blitzen pareceu gostar dessa.

Ele sorriu para mim.

— Está vendo, garoto? Vocês *nunca* encontrariam isso sem um anão. Teriam andando por aqui para sempre, procurando a entrada da tumba, e…

— Essa rachadura é a entrada?

— É o *gatilho* da entrada. Mas nós ainda precisamos de magia para entrar. Hearth, verifique para mim, por favor.

Hearth se agachou ao lado dele. Assentiu como quem diz *Aham* e desenhou uma runa no chão com o dedo. Imediatamente, uma seção de um metro quadrado do piso se vaporizou, revelando um túnel. Infelizmente, nós quatro por acaso estávamos *em cima* desse um metro quadrado quando ele se vaporizou.

Caímos na escuridão com uma boa quantidade de gritos, a maioria meus.

Boa notícia: quando caí, não quebrei nenhum osso. Má notícia: Hearthstone quebrou.

Ouvi um *crec* molhado, seguido de um grunhido de Hearth, e soube na mesma hora o que tinha acontecido.

Não estou dizendo que elfos sejam delicados. De algumas maneiras, Hearth era o cara mais durão que já conheci. Mas, de vez em quando, eu sentia vontade de enrolá-lo em cobertores e colar um adesivo de "frágil" na testa dele.

— Calma, cara — falei para ele, o que foi inútil, porque Hearth não conseguia me ver na escuridão.

Encontrei a perna dele e logo localizei a fratura. Ele ofegou e tentou arrancar a pele das minhas mãos com as unhas.

— O que está acontecendo? — perguntou Blitz. — De quem é esse cotovelo?

— É meu — disse Sam. — Todo mundo bem?

— Hearth quebrou o tornozelo — expliquei. — Preciso consertar. Vocês dois fiquem vigiando.

— Está escuro demais! — reclamou Blitz.

— Você é anão. — Sam puxou o machado do cinto, um som que eu conhecia bem. — Achei que se dava melhor no subterrâneo.

— E me dou! — disse Blitz. — De preferência, em um subterrâneo bem-iluminado e com decoração de bom gosto.

A julgar pelo eco das nossas vozes, estávamos em uma câmara ampla de pedra. Não havia luz, então supus que a abertura por onde caímos tinha se fechado.

O lado positivo era que nada tinha nos atacado… ainda.

Encontrei a mão de Hearth e fiz o contorno de letras na palma da mão dele para que não entrasse em pânico: *VOU CURAR. FIQUE PARADO.*

E coloquei as duas mãos no tornozelo quebrado.

Invoquei o poder de Frey. Um calor surgiu no meu peito e se espalhou pelos meus braços. Meus dedos brilharam com uma luz dourada suave, afastando a escuridão. Consegui sentir os ossos do tornozelo de Hearthstone se unindo, o inchaço diminuindo, a circulação voltando ao normal.

Ele soltou um longo suspiro e sinalizou: *Obrigado.*

Apertei o joelho dele.

— Não foi nada, cara.

— Magnus — disse Blitz, rouco —, você talvez queira olhar ao redor.

Um efeito colateral do meu poder de cura era que eu brilhava temporariamente. Não quero dizer que era um brilho saudável. Eu realmente cintilava. Durante o dia, quase não dava para reparar, mas ali, em uma câmara subterrânea escura, eu parecia uma tocha humana. Infelizmente, isso queria dizer que eu agora conseguia ver nossos arredores.

Estávamos no meio de uma câmara abobadada, como uma colmeia gigante entalhada na pedra. O cume do teto, a uns seis metros de altura, não exibia sinal da abertura pela qual caímos. Por toda a circunferência das paredes, em nichos do tamanho de armários, havia homens mumificados em roupas podres, com os dedos coriáceos segurando espadas corroídas. Não vi saída daquele aposento.

— Ah, que perfeito — comentei. — Eles vão acordar, não vão? Esses dez caras…

— Doze — corrigiu Sam.

— Doze caras com espadas grandes.

Fechei a mão ao redor do pingente de runa. Jacques estava tremendo, ou talvez fosse eu. Decidi que devia ser Jacques.

— Eles podem ser só cadáveres inanimados apavorantes — disse Blitz. — Pense positivo.

Hearthstone estalou os dedos pedindo atenção. Ele apontou para o sarcófago de pé bem no meio do aposento.

Não que eu não tenha reparado. A caixa grande de ferro era difícil de passar despercebida. Mas eu estava tentando ignorar, torcendo para que sumisse. A frente era entalhada com imagens vikings — lobos, serpentes e inscrições rúnicas ao redor de uma imagem central de um homem barbado com uma espada grande.

Eu não fazia ideia do que um caixão como aquele estava fazendo em Cape Cod. Tinha quase certeza de que os peregrinos não o tinham levado no *Mayflower*.

Sam fez sinal para ficarmos parados. Ela levitou do chão e flutuou ao redor do sarcófago, com o machado na mão.

— Tem inscrições atrás também — relatou ela. — Esse sarcófago é *velho*. Não vejo sinais de abertura recente, mas talvez Thrym tenha escondido o martelo aí dentro.

— Tive uma ideia — disse Blitzen. — Não vamos verificar.

Eu olhei para ele.

— É sua opinião de especialista?

— Olha, garoto, essa tumba *fede* a poder antigo. Foi construída há mais de mil anos, bem antes de os exploradores vikings chegarem à América do Norte.

— Como você sabe?

— As marcas na pedra — disse Blitzen. — Consigo saber quando uma câmara foi aberta pela última vez com a mesma facilidade com que consigo avaliar a idade de uma camisa pelo desgaste dos fios.

Isso não me pareceu muito fácil. Por outro lado, eu não tinha diploma em design de moda anã.

— Então é uma tumba viking construída antes de os vikings chegarem aqui — resumi. — Hã… como isso é possível?

Se mexeu, sinalizou Hearth.

— Como uma tumba pode se mexer?

Blitzen tirou o chapéu de safári. A rede fina deixara o cabelo normalmente perfeito todo amassado.

— Garoto, as coisas se mexem nos nove mundos o tempo todo. Nós somos ligados pela Árvore do Mundo, certo? Os galhos oscilam. Novos galhos crescem. Raízes se aprofundam. Este lugar se moveu de onde foi originalmente construído. Provavelmente porque… está cheio de magia do mal.

Sam pousou ao nosso lado.

— Não sou fã de magia do mal.

Hearthstone apontou para o chão na frente do sarcófago. Eu não tinha reparado, mas ao redor da base do caixão, um círculo desgastado de runas estava marcado na pedra.

Hearth soletrou com os dedos: *K-E-N-N-I-N-G*.

— O que é isso? — perguntei.

Samirah chegou um pouco mais perto da inscrição.

— Kenning é um apelido viking.

— Você quer dizer tipo… "Oi, Kenning. Tudo bem?"

— Não — disse Sam, com um tom de: *Vou bater em você com vara de marmelo*. — É um jeito de se referir a alguém com uma descrição em vez de pelo nome. Como se, em vez de Blitzen, eu dissesse *Roupas Elegantes* ou, sobre Hearth, eu dissesse *Lorde das Runas*.

Hearth assentiu. *Podem me chamar de Lorde das Runas*.

Sam apertou os olhos para a inscrição no chão.

— Magnus, você pode brilhar um pouco mais perto, por favor?

— Não sou sua lanterna.

Mesmo assim, andei na direção do caixão.

— Está dizendo *Rio de Sangue* — anunciou Sam. — Repetidamente, ao redor.

— Você sabe ler norueguês antigo? — perguntei.

— Norueguês antigo é fácil. Quer saber o que é difícil? Tente aprender árabe.

— Rio de Sangue. — O bagel do café da manhã pesou na minha barriga. — Isso lembra a alguém o *banho de sangue que não pode ser impedido*? Não estou gostando.

Mesmo sem a redinha, Blitz parecia meio cinza.

— Acho… que deve ser coincidência. No entanto, eu gostaria de observar que não há saídas deste aposento. Meus sentidos anões me dizem que essas paredes são totalmente sólidas. Nós caímos em uma armadilha. O único jeito de sair daqui é acionando.

— Estou começando a não gostar dos seus sentidos de anão — confessei.

— Nem eu, garoto.

Hearthstone olhou de cara feia para Blitzen. *Você queria vir aqui. E agora? Quebrar o círculo do kenning. Abrir caixão?*

Sam ajeitou o hijab.

— Se tem um *draugr* nessa tumba, vai estar no sarcófago. Também é o lugar mais seguro para esconder uma arma mágica, como o martelo de um deus.

— Preciso de uma segunda opinião.

Puxei meu pingente.

Jacques surgiu na minha mão.

— Oi, pessoal! Ah, uma tumba cheia de magia do mal? Maneiro!

— Amigão, você consegue sentir o martelo de Thor em algum lugar aqui?

Jacques vibrou com concentração.

— É difícil ter certeza. Tem *alguma coisa* poderosa naquela caixa. Uma arma? Uma arma mágica? Podemos abrir? Por favor, por favor! Isso é empolgante!

Resisti à vontade de dar um pescotapa no cabo dele, o que só teria me machucado.

— Você já ouviu falar de um gigante da terra trabalhando com um *draugr*? Tipo… usando a tumba dele como cofre?

— Isso seria bem estranho — admitiu Jacques. — Normalmente, gigantes da terra enterram suas coisas… você sabe, na terra. Tipo, *bem* fundo.

Eu me virei para Sam.

— Então por que Otis nos mandaria para cá? E como isso pode ser uma boa ideia?

Sam olhou ao redor como se estivesse tentando decidir atrás de qual das doze múmias se esconder.

— Olha, talvez Otis tenha se enganado. Talvez… talvez tenha sido uma busca inútil, mas…

— Mas nós estamos aqui agora! — disse Jacques. — Ah, qual é, pessoal. Eu protejo vocês! Além do mais, não consigo deixar um presente fechado. Pelo menos me deixem sacudir o caixão para tentar adivinhar o que tem dentro!

Hearthstone fez um movimento de corte na palma da mão. *Já chega*.

De dentro do bolso da jaqueta, ele tirou uma bolsinha de couro, sua coleção de runas. Ele pegou uma que eu já tinha visto:

ᛞ

— É *dagaz* — falei. — Usamos essa para abrir portas em Valhala. Tem certeza…?

A expressão de Hearth me fez parar. Ele não precisava de linguagem de sinais para expressar o que sentia. Lamentava aquela situação toda. Odiava

botar Blitz em perigo. Mas estávamos ali agora. Nós o levamos porque ele sabia magia. Ele queria acabar logo com aquilo.

— Magnus — disse Sam —, talvez seja melhor você se afastar.

Eu me afastei e me posicionei na frente de Blitzen, para o caso de o Rio de Sangue sair do caixão em um estilo samurai e partir direto para cima do anão mais próximo.

Hearth se ajoelhou. Encostou *dagaz* na inscrição. Imediatamente, o kenning Rio de Sangue se acendeu como um anel de pólvora. Hearth se afastou quando a tampa do sarcófago pulou longe, passou voando por mim e bateu na parede. À nossa frente estava um rei mumificado com coroa de prata e armadura de prata, com a espada embainhada nas mãos.

— Esperem só — murmurei.

Naturalmente, o cadáver abriu os olhos.

Quinze

Todos a favor do massacre de Magnus digam *sim*

NINGUÉM ESPERA TER uma conversa civilizada com um zumbi.

Achei que o rei Múmia ia dizer *ROOARRRR!*. Ou, no máximo, *MIOLOS!*. Depois, naturalmente, tentaria nos matar.

Eu não estava preparado para:

— Obrigado, mortais! Tenho uma dívida com vocês!

Ele saiu do caixão, um pouco oscilante, já que era um cadáver esquelético cuja armadura devia pesar bem mais do que ele, e fez uma dancinha da vitória.

— Passei mil anos naquela caixa idiota, mas agora estou livre! HA, HA, HA, HA, HA!

Às suas costas, o interior da tampa do caixão tinha centenas de marcas, feitas para contar a passagem dos anos. Mas não havia sinal do martelo de Thor, o que queria dizer que o zumbi fora trancado ali sem um jeito decente de acessar a Netflix.

Jacques tremeu de empolgação.

— Olha *só* aquela espada! Ela é *tão* linda!

Eu não fazia ideia de como ele sabia que a espada era fêmea, muito menos como ele sabia que ela era linda. E não sabia se queria respostas para essas perguntas.

Sam, Blitz e Hearth se afastaram do zumbi. A ponta de Jacques flutuou na direção da espada-fêmea, mas eu o empurrei para o chão e me apoiei nele. Não queria ofender o sr. Zumbi nem a espada dele com liberdades demais.

— Hã, oi — falei para o zumbi. — Sou Magnus.

— Você tem um brilho dourado lindo!

— Obrigado. E como é que você está entendendo o que estou dizendo?

— Não sei. — O rei inclinou a cabeça demoníaca. Havia filetes brancos pendurados no queixo dele, talvez teias de aranha ou os restos de uma barba. Os olhos eram verdes, brilhantes e totalmente humanos. — Talvez seja magia. Talvez estejamos nos comunicando em um nível espiritual. Seja qual for o caso, obrigado por me libertar. Sou Gellir, príncipe dos dinamarqueses!

Blitzen espiou por trás de mim.

— Gellir? Rio de Sangue é seu apelido?

A gargalhada de Gellir soou como um chocalho cheio de areia molhada.

— Não, meu amigo anão. Rio de Sangue é um kenning que conquistei por causa da minha *lâmina*, a espada Skofnung.

Clank, clank.

Hearth recuou e caiu em cima da tampa do caixão. Ele ficou naquela posição de siri, com os olhos arregalados.

— Ah! — disse Gellir. — Vejo que seu elfo ouviu falar da minha espada.

Jacques tremeu sob meu cotovelo.

— Ei, senhor? Eu também ouvi falar dela. Ela é… *uau*. Ela é *famosa*.

— Espere — disse Sam. — Príncipe Gellir, por acaso tem um… um martelo por aqui, em algum lugar? Ouvimos falar que você talvez tivesse um martelo.

O zumbi franziu a testa, o que fez com que linhas se abrissem no rosto coriáceo.

— Martelo? Não. Por que eu ia querer um martelo se sou o Senhor da Espada?

Os olhos de Sam ficaram sombrios, ou talvez fosse meu brilho começando a desvanecer.

— Tem certeza? — perguntei. — Quer dizer, Senhor da Espada é legal, mas você também podia ser, sei lá, Donzelo do Martelo.

Gellir manteve o olhar grudado em Sam. Sua testa se franziu ainda mais.

— Um momento. Você é uma mulher?

— Hã… sim, príncipe Gellir. Meu nome é Samirah al-Abbas.

— Nós a chamamos de Gingado do Machado — falei.

— Eu vou bater em você — sussurrou Sam para mim.

— Uma mulher. — Gellir esfregou o queixo e arrancou parte dos bigodes de teia de aranha. — Que pena. Não posso desembainhar minha espada na presença de uma mulher.

— Ah, que saco — disse Jacques. — Eu quero conhecer Skoff!

Hearthstone se levantou. Ele sinalizou: *Vamos embora. Agora. Não deixar o zumbi empunhar a espada.*

— O que seu elfo está fazendo? — perguntou Gellir. — Por que faz esses gestos estranhos?

— É linguagem de sinais — respondi. — Ele, hã, não quer que você empunhe a espada. Disse que devíamos ir embora.

— Mas não posso permitir isso! Preciso demonstrar minha gratidão! Além disso, preciso matar vocês!

Meu brilho estava definitivamente sumindo agora. Quando Jacques falou, suas runas banharam a tumba com uma luz vermelha ameaçadora.

— Ei, sr. Zumbi? Gratidão significa mandar um cartão legal, e não *desejar matar a gente*.

— Ah, eu estou muito grato! — protestou Gellir. — Mas também sou um *draugr*, o *draugr* chefe deste dólmen. Vocês estão invadindo. Então, depois que eu terminar de agradecer adequadamente, vou consumir sua carne e devorar suas almas. Mas a espada Skofnung tem muitas restrições. Por exemplo, ela não pode ser desembainhada de dia nem na presença de uma mulher.

— Que coisa idiota — disse Sam. — Quer dizer, que regras *sensatas*. Então você não pode nos matar?

— Não — admitiu Gellir. — Mas não se preocupem. Eu ainda posso *mandar* matar vocês!

Ele bateu três vezes no chão com a bainha da espada. Para a surpresa de ninguém, os doze guerreiros mumificados saíram de seus nichos na parede.

* * *

Os *draugrs* tinham zero respeito por clichês de zumbis. Eles não se arrastavam, não gemiam coisas incoerentes nem agiam como se estivessem atordoados, como zumbis de verdade deviam fazer. Eles puxaram as armas em sincronia e aguardaram as ordens de Gellir.

— Isso é ruim — disse Jacques, o sr. Óbvio. — Não sei se vou conseguir derrotar tantos antes de eles matarem vocês. E não quero parecer incompetente diante daquela espada gata!

— Prioridades, Jacques.

— Exatamente! Espero que você tenha um plano que me faça brilhar!

Sam nos deu uma nova fonte de luz. Na mão livre, uma lança cintilante surgiu, a arma das valquírias. O brilho intenso fez o rosto dos zumbis começar a fumegar.

Hearthstone pegou a bolsa de runas. Blitzen tirou a gravata-borboleta, que, como toda a sua coleção de primavera, era forrada de cota de malha ultraflexível. Ele envolveu o punho com a gravata, pronto para dar na cara de uns zumbis.

Não gostei das nossas chances: quatro contra treze. Ou cinco, se a gente contasse Jacques como uma pessoa. Eu não contei, porque isso significaria que eu teria que lutar sozinho.

Eu me perguntei se podia invocar a Paz de Frey. Graças ao meu pai, um deus pacifista que não permitia brigas em seus locais sagrados, eu às vezes conseguia desarmar todo mundo em uma grande área ao meu redor, arrancando suas armas das mãos. Mas esse era meu *gran finale*. Eu pareceria idiota se tentasse agora, naquele lugar fechado, e os zumbis simplesmente pegassem as espadas no chão e nos matassem.

Antes que eu pudesse decidir o que fazer para impressionar uma espada gata, um dos zumbis levantou a mão.

— Temos quórum?

O príncipe Gellir murchou como se uma de suas vértebras tivesse se desintegrado.

— Arvid — disse ele —, nós estamos trancados nesta câmara há séculos. É *claro* que temos quórum! Estamos todos presentes porque não podemos sair!

— Então proponho que iniciemos a reunião — disse outro homem morto.

— Ah, pelo amor de Thor! — reclamou Gellir. — Estamos prestes a massacrar esses mortais, nos alimentar da carne deles e tomar suas almas. Isso é óbvio. Aí, teremos força suficiente para nos libertarmos desta tumba e provocar o caos em Cape Cod. Precisamos mesmo…?

— Eu apoio nosso colega — disse outro zumbi.

Gellir bateu com a mão na testa de esqueleto.

— Tudo bem! Todos a favor?

Os doze mortos levantaram a mão.

— Então o massacre, quer dizer, a reunião vai começar. — Gellir se virou para mim, com os olhos fervendo de irritação. — Minhas sinceras desculpas, mas nós votamos sobre tudo neste grupo. É tradição da Ping.

— Ping? Que Ping?

— A Ping — disse Gellir. — Da palavra *Þingvellir*, que quer dizer *campo de assembleia*. O conselho de votação norueguês.

— Ah. — Sam hesitou entre o machado e a lança, como se não soubesse qual usar… ou se essa decisão exigiria um novo movimento. — Eu já ouvi falar da Ping. Era um lugar onde os antigos nórdicos se reuniam para acertar disputas legais e tomar decisões políticas. Essas reuniões inspiraram a criação do parlamento.

— Sim, sim — disse Gellir. — Agora, o parlamento *inglês*, esse não foi culpa minha. Mas quando os peregrinos chegaram… — Ele apontou para o teto com o queixo. — Bem, naquela época, nossa tumba estava aqui havia séculos. Os peregrinos chegaram e acamparam acima de nós durante algumas semanas. Devem ter sentido nossa presença inconscientemente. Acabamos inspirando o Pacto de Mayflower, iniciando toda aquela história sobre direitos, democracia na América e blá-blá-blá.

— Posso fazer a ata? — perguntou um zumbi.

Gellir suspirou.

— Dagfinn, sinceramente… Tudo bem, você é o secretário.

— Eu adoro ser o secretário.

Dagfinn devolveu a espada à bainha. Pegou um bloco e uma caneta no cinto, e não, eu não faço ideia do que um cadáver viking estava fazendo com material escolar.

— Então… espere — disse Sam. — Se você estava preso naquela caixa, como sabe o que estava acontecendo do lado de fora da tumba?

Gellir revirou os lindos olhos verdes.

— Telepatia. *Dã.* De qualquer forma, desde que inspiramos os peregrinos, meus doze guarda-costas ficaram incrivelmente orgulhosos. Nós temos que fazer *tudo* por regras parlamentares… ou Pingamentares. Mas não se preocupem. Vamos matar vocês logo. Agora, faço uma moção…

— Mas, primeiro — interrompeu outro zumbi —, temos algum assunto antigo em pauta?

Gellir fez um punho tão apertado que achei que sua mão fosse se desfazer.

— Knut, somos *draugrs* do século VI. Para nós, *tudo* é assunto antigo!

— Sugiro lermos as atas da última reunião — disse Arvid. — Alguém concorda?

Hearthstone levantou a mão. Eu não o culpei. Quanto mais tempo eles passassem lendo as atas de massacres passados, menos tempo teriam para nos matar em um massacre futuro.

Dagfinn voltou algumas páginas do caderno. Elas viraram pó sob os dedos dele.

— Ah, na verdade, não tenho as atas.

— Muito bem, então! — disse Gellir. — Seguindo em frente…

— Espere! — gritou Blitzen. — Precisamos de um relato oral! Quero saber sobre seu passado: quem vocês são, por que foram todos enterrados juntos e os nomes e a história de todas as suas armas. Sou um anão. A história das coisas é importante para mim, principalmente se essas coisas vão me matar. Sugiro que vocês nos contem tudo.

— Eu apoio essa sugestão — disse Samirah. — Todos a favor?

Todos os zumbis levantaram a mão, inclusive Gellir, acho que por hábito, pois depois pareceu irritado consigo mesmo. Jacques subiu no ar para tornar a votação unânime.

Gellir deu de ombros, fazendo a armadura e os ossos estalarem.

— Vocês estão tornando esse massacre muito difícil, mas tudo bem, vou recontar nossa história. Cavalheiros, descansar.

Os outros zumbis embainharam as espadas. Alguns se sentaram no chão. Outros se recostaram na parede e cruzaram os braços. Arvid e Knut pegaram novelos de lã e agulhas de tricô em seus nichos e começaram a fazer luvinhas.

— Eu sou Gellir — começou o príncipe —, filho de Thorkel, um príncipe dos dinamarqueses. E esta — ele deu um tapinha na espada — é

Skofnung, a lâmina mais famosa já carregada por um viking!

— Exceto pela companhia presente — murmurou Jacques. — Mas, ah, *cara*, Skofnung é um nome *maravilhoso*.

Eu não concordava com ele. Também não estava gostando da expressão de terror no rosto de Hearthstone.

— Hearth, você conhece essa espada?

O elfo sinalizou com cuidado, como se o ar pudesse queimar seus dedos. *Primeiro pertenceu ao rei H-R-O-L-F. Foi forjada com as almas de seus doze seguidores, todos berserkir.*

— O que ele está dizendo? — perguntou Gellir. — Esses gestos com as mãos são muito irritantes.

Comecei a traduzir, mas Blitzen me interrompeu, gritando tão alto que Arvid e Knut largaram as agulhas de tricô.

— É *aquela* espada? — Blitz encarou Hearthstone. — A que tem… a pedra… na sua casa?

Não fez sentido para mim, mas Hearth assentiu.

Entendeu agora?, sinalizou ele. *Nós não devíamos ter vindo.*

Sam se virou, com a luz da lança fazendo a poeira no chão cintilar.

— O que você quer dizer? Que pedra? E o que isso tem a ver com o martelo de Thor?

— Com licença — disse Gellir. — Não gosto de ser interrompido. Se vieram aqui procurando o martelo de Thor, alguém passou uma informação bem equivocada para vocês.

— A gente tem que sobreviver hoje — falei para meus amigos. — Porque preciso matar um bode.

— Ahã — continuou Gellir. — Como eu estava dizendo, Skofnung foi criada por um rei chamado Hrolf. Seus doze berserkir sacrificaram suas vidas para que suas almas incutissem a lâmina de poder. — Gellir olhou de cara feia para os próprios seguidores, dos quais dois agora estavam jogando cartas no canto. — Era uma época em que um príncipe conseguia

encontrar *bons* guarda-costas. De qualquer modo, um homem chamado Eid roubou a espada do túmulo de Hrolf. Eid emprestou Skofnung para meu pai, Thorkel, que meio que… se esqueceu de devolver. Meu pai morreu em um naufrágio, mas a espada foi levada pelo mar até a Islândia. Eu a encontrei e usei em muitos massacres gloriosos. E agora… aqui estamos! Quando morri em batalha, a espada foi enterrada comigo, junto com meus doze berserkir, para proteção.

Dagfinn virou uma página do caderno e recitou:

— *Para... proteção*. Posso acrescentar que esperávamos ir para Valhala? Que fomos amaldiçoados a ficar nesta tumba para sempre porque sua espada era um bem roubado? E que odiamos nossa pós-vida?

— NÃO! — exclamou Gellir com rispidez. — Quantas vezes você quer que eu peça desculpa?

Arvid desviou o olhar das luvas de tricô pela metade.

— Sugiro que Gellir peça desculpa mais um milhão de vezes. Alguém apoia?

— Parem com isso! — disse Gellir. — Olhem, nós temos convidados. Não vamos lavar a túnica suja agora, não é? Além do mais, quando matarmos os mortais e devorarmos suas almas, vamos ter poder suficiente para sair desta tumba! Mal posso esperar para dar uma olhada em Provincetown.

Eu imaginei treze vikings zumbis andando pela rua Commercial, entrando no Café Wired Puppy e ameaçando os baristas com espadas.

— Chega de falar de coisa velha! — disse Gellir. — Posso, *por favor*, apresentar uma sugestão de matar esses invasores?

— Eu apoio. — Dagfinn balançou a caneta. — Acabou a tinta mesmo.

— Não! — gritou Blitzen. — Não discutimos o suficiente. Não sei os nomes dessas outras armas. E dessas agulhas de tricô! Contem-me sobre elas!

— Você está sendo inconveniente.

— Sugiro que nos mostrem a saída mais próxima — falei.

Gellir bateu o pé.

— Você também está sendo inconveniente! Eu peço uma votação!

Dagfinn olhou para mim como quem pede desculpas.

— É uma coisa da Ping. Você não entenderia.

Eu devia ter atacado imediatamente, quando eles ainda estavam desprevenidos, mas me pareceu uma atitude pouco democrática.

— Todos a favor? — perguntou Gellir.

— Sim! — gritaram ao mesmo tempo os vikings mortos.

Eles se levantaram, guardaram o baralho e as agulhas de tricô e puxaram as espadas novamente.

Dezesseis

Hearthstone desperta sua alma bovina

JACQUES DECIDIU QUE aquele era um excelente momento para uma sessão de treinamento.

Apesar de ser totalmente capaz de lutar sozinho, ele acreditava mesmo que eu devia aprender a portá-lo com minha própria força. Era algo sobre ser digno e competente, sei lá. A questão é que eu era péssimo com a espada. Além disso, Jacques sempre decidia me treinar nas *piores* situações possíveis.

— Não tem hora melhor do que agora! — gritou ele, ficando pesado e inútil na minha mão.

— Pare com isso, cara! — Eu desviei da primeira lâmina, que não acertou minha cabeça por um triz. — Vamos treinar depois, com manequins ou algo do tipo!

— Desvie para a esquerda! — gritou Jacques. — Sua outra esquerda! Me deixe orgulhoso, senhor. A lâmina Skofnung está olhando!

Quase fiquei tentado a morrer só para constranger Jacques na frente da outra espada. Mas como eu não estava em Valhala e minha morte ali seria permanente, decidi que esse plano talvez não fosse lá muito inteligente.

Os zumbis se aproximaram.

O espaço apertado era nossa única vantagem. Cada *draugr* estava armado com uma espada de lâmina larga, que exigia pelo menos um metro e meio de espaço livre para ser manuseada com eficiência. Doze berserkir mortos com espadas largas, cercando um grupo unido de defensores em uma câmara pequena? Não fazia diferença quanto eles eram bons de

quórum, os zumbis não conseguiriam nos massacrar com facilidade sem acertar os próprios companheiros.

Nossa luta virou um empurra-empurra confuso com muitos xingamentos e bafo fedido de zumbi. Samirah enfiou a lança embaixo do maxilar de Arvid. A luz da arma queimou a cabeça dele como fogo em papel higiênico.

Outro zumbi cutucou o peito de Blitzen, mas o colete forrado de cota de malha fez a lâmina entortar. Blitzen bateu na barriga do *draugr* com o punho envolto na gravata-borboleta e, para desgosto de todos, ficou com a mão presa na cavidade abdominal do zumbi.

— Que nojo! — Blitzen deu um pulo para trás, puxando o zumbi consigo, balançando-o feito um parceiro de dança desajeitado e derrubando outros *draugrs* no caminho.

Hearthstone levou o prêmio de Melhor Preparado para Combate Corpo a Corpo. Ele pegou uma runa:

ᚢ

Hearth foi imediatamente envolto em luz dourada. Ficou mais alto. Os músculos incharam, como se alguém estivesse inflando suas roupas. Os olhos ficaram injetados. O cabelo se arrepiou com a estática. Ele agarrou o zumbi mais próximo e o jogou do outro lado da câmara. Pegou outro e literalmente o quebrou no meio usando o joelho.

Como vocês podem adivinhar, os outros zumbis recuaram para longe do elfo maluco e bombado.

— Que runa é *essa*?

Sem querer, acertei o topo do caixão de Gellir com Jacques, criando um teto solar.

Blitz soltou a mão do parceiro de dança, que desabou em pedaços.

— *Uruz* — disse Blitz. — A runa do touro.

Acrescentei silenciosamente a runa de *uruz* à minha lista de Natal.

Enquanto isso, Samirah foi acertando os inimigos um a um, girando a lança em uma das mãos como uma vareta cintilante da morte. Qualquer zumbi que conseguisse evitar ser queimado, ela picava com o machado.

Jacques continuou gritando instruções inúteis.

— Se esquive, Magnus! Se abaixe! Padrão de defesa ômega!

Eu tinha quase certeza de que isso nem existia. Nas poucas vezes que consegui acertar um zumbi, Jacques o cortou em pedaços, mas duvidava que os golpes fossem impressionantes o bastante para ele conseguir um encontro com a outra espada.

Quando ficou claro que Gellir estava ficando sem guarda-costas, ele entrou na batalha, batendo em mim com a espada embainhada e gritando:

— Mortal mau! Mortal mau!

Eu tentei reagir, mas Jacques resistiu. Deve ter achado que não seria cavalheiresco lutar contra uma moça, principalmente se ela ainda estava na bainha. Jacques era mesmo um cara antiquado.

Finalmente, Gellir foi o único *draugr* que restou. Seus guarda-costas estavam caídos no chão em uma coleção assustadora de braços, pernas, armas e agulhas de tricô.

Gellir recuou na direção do caixão, aninhando a espada Skofnung contra o peito.

— Esperem. Sessão encerrada. Sugiro que adiemos o combate até…

Hearthstone contestou a sugestão de Gellir correndo até o príncipe e arrancando a cabeça dele. O corpo de Gellir caiu para a frente, e nosso elfo bombado pisou nele, chutando e espalhando os restos ressecados até não haver nada além da espada Skofnung.

Hearthstone começou a chutá-la também.

— Parem esse elfo! — gritou Jacques.

Segurei o braço de Hearth, o que foi a coisa mais corajosa que fiz naquele dia. Ele se virou para mim, os olhos ardendo de fúria.

Ele está morto, eu sinalizei. *Você pode parar agora.*

Havia uma boa chance de eu ser decapitado de novo.

Hearthstone piscou. Os olhos injetados ficaram límpidos. Os músculos murcharam. O cabelo se assentou na cabeça. Ele desmoronou, mas Blitzen e eu conseguimos segurá-lo. Estávamos acostumados com os desmaios pós-magia de Hearthstone.

Sam enfiou a lança no cadáver de Dagfinn e a deixou de pé como um bastão néon gigante. Ela andou pela tumba, xingando baixinho.

— Desculpe, pessoal. Tanto risco, tanto esforço e nada de Mjölnir.

— Ah, tudo bem — disse Jacques. — Nós resgatamos a espada Skofnung do dono malvado! Ela vai ficar *tão* agradecida. Nós temos que levá-la conosco!

Blitzen abanou o lenço laranja no rosto de Hearth, tentando acordá-lo.

— Levar essa espada seria uma ideia *muito* ruim.

— Por quê? — perguntei. — E por que Hearth ficou tão nervoso quando ouviu o nome dela? Você falou alguma coisa sobre uma pedra…

Blitz aninhou a cabeça de Hearth no colo como se estivesse tentando proteger o elfo da nossa conversa.

— Garoto, quem quer que tenha nos mandado aqui… Era uma armadilha, sim. Mas os *draugrs* não eram a coisa mais perigosa nesta câmara. Alguém queria que a gente libertasse essa espada.

Uma voz familiar disse:

— Você está totalmente certo.

Meu coração deu um salto. De pé na frente do caixão de Gellir estavam os dois homens que eu menos queria ver nos nove mundos: tio Randolph e Loki. Atrás deles, o painel nos fundos do caixão cortado tinha virado um portal tremeluzente. Do outro lado estava o escritório de Randolph.

Os lábios marcados de Loki se retorceram em um sorriso.

— Bom trabalho em encontrar o dote da noiva, Magnus. A espada será o presente de casamento *perfeito*!

Dezessete

Tio Randolph entra na minha lista negra PRA VALER

FOI SAM QUEM reagiu mais rápido. Ela pegou a lança e partiu para cima do pai.

— Não, querida.

Loki estalou os dedos.

Instantaneamente, os joelhos de Sam fraquejaram. Ela caiu no chão e ficou imobilizada, com os olhos semicerrados. A lança cintilante rolou pelas pedras.

— Sam! — Corri na direção dela, mas o tio Randolph me interceptou.

O corpo dele eclipsou tudo. Ele segurou meus ombros, o bafo uma combinação arrasadora de alho e peixe podre.

— Não, Magnus. — A voz dele estava falhando de pânico. — Não piore as coisas.

— *Piorar?*

Eu o empurrei.

Meu corpo vibrava de raiva. Jacques parecia leve na minha mão, pronto para atacar. Ao ver Samirah inconsciente aos pés do pai (ah, deuses, eu esperava que ela estivesse apenas inconsciente), senti vontade de cortar meu tio com a espada. Senti vontade de virar um *uruz* na cara de Loki.

Dê uma chance a Randolph, a voz de Annabeth sussurrou em minha mente. *Ele é da família.*

Eu hesitei… o suficiente para reparar na condição do tio Randolph.

O terno cinza estava gasto e manchado com cinzas, como se ele tivesse se arrastado por uma chaminé. E o rosto… pelo nariz, bochecha esquerda e

sobrancelha havia uma cratera horrível de cicatrizes vermelhas e amarronzadas, uma marca de queimadura mal cicatrizada em forma de mão.

Senti como se um anão tivesse perfurado minha cavidade abdominal. Lembrei que a marca de Loki apareceu na bochecha de Randolph na fotografia da família. Pensei no meu sonho no campo de batalha em Valhala e me lembrei da dor ardente em meu rosto quando Loki se comunicou comigo, usando Randolph como condutor. Loki *marcou* meu tio.

Fixei o olhar no deus da trapaça. Ele ainda estava usando o smoking verde horrível que tinha experimentado durante a minha visão, com a gravata-borboleta estampada em um ângulo torto. Os olhos brilhavam como se ele estivesse pensando: *Vá em frente. Mate seu tio. Talvez seja divertido.*

Decidi não dar esse prazer a Loki.

— Você nos enganou para virmos aqui — rosnei. — Por que, se podia passar por uma passagem mágica em um caixão?

— Ah, mas nós não podíamos! — respondeu o deus. — Não enquanto você não abrisse o caminho. Quando abriu, bem… você e Randolph estão ligados. Ou ainda não tinha reparado nisso? — Ele bateu na lateral do próprio rosto. — O sangue é uma coisa poderosa, Magnus. Sempre posso encontrar você por meio dele.

— A não ser que eu te mate. Randolph, saia da frente.

Loki riu.

— Você ouviu o garoto, Randolph. Chegue para o lado.

Meu tio parecia estar tentando engolir um limão inteiro.

— Por favor, Loki. Não…

— Uau! — Loki ergueu as sobrancelhas. — Até parece que você está tentando me dar uma ordem! Mas isso não pode estar certo, pode? Isso violaria nosso acordo!

As palavras *nosso acordo* fizeram Randolph se encolher. Ele deu um passo para o lado, com os músculos do rosto se retorcendo ao redor da nova cicatriz.

Pelo canto do olho, vi Blitzen ajudando Hearthstone a se levantar. Desejei silenciosamente que eles recuassem e ficassem em segurança. Eu não queria mais ninguém no caminho de Loki.

Sam continuava imóvel.

Meu coração batucava contra as costelas. Dei um passo à frente.

— Loki, o que você fez com ela?

O deus olhou para a filha.

— Quem, Samirah? Ela está bem. Só a mandei parar de respirar.

— Você fez *o quê*?

Loki desconsiderou minha preocupação.

— Não para sempre, Magnus. Só gosto de ser firme com meus filhos. Os pais são tão *desinteressados* atualmente, você não acha?

— Ele os controla — grunhiu Randolph.

Loki lançou um olhar irritado para ele.

— Conte para a gente quão bem *você* se saiu como pai, Randolph. Ah, é verdade. Sua família está *morta*, e sua única esperança de vê-las de novo sou *eu*.

Randolph se encolheu.

Loki se virou para mim. Seu sorriso fez calafrios de nojo subirem pela minha coluna.

— Sabe, Magnus, meus filhos devem seus poderes a mim. Em troca, têm que me obedecer quando eu quero. É justo. Como falei, o sangue é uma ligação muito poderosa. Que bom que você me ouviu e deixou Alex em Valhala. Senão eu teria duas filhas inconscientes! — Ele esfregou as mãos. — Agora, você quer ver mais? Samirah sempre relutou em se metamorfosear. Talvez eu deva forçá-la a assumir a forma de um gato para você. Ou de um canguru? Ela seria um canguru bem fofo.

O nojo embrulhou meu estômago e ameaçou explodi-lo.

Finalmente, entendi a relutância de Samirah em se metamorfosear.

Cada vez que faço isso, ela me disse certa vez, *sinto como se mais da natureza do meu pai estivesse tentando tomar conta de mim.*

Era compreensível Sam ter medo de Loki poder obrigá-la a se casar com o gigante. Era compreensível ela se preocupar com Alex Fierro, que se metamorfoseava sem pensar duas vezes.

Será que os outros deuses tinham esse tipo de controle sobre os filhos? Frey podia…? Não, eu não me permitiria pensar nisso.

— Deixe ela em paz.

Loki deu de ombros.

— Como desejar. Eu só precisava dela apagada. Sem dúvida, Gellir contou: a espada Skofnung não pode ser desembainhada na presença de uma mulher. Felizmente, mulheres em coma não contam! Randolph, rápido. Essa é a parte em que você desembainha a espada.

Tio Randolph umedeceu os lábios.

— Talvez fosse melhor se… — Sua voz se dissolveu em um grito gutural. Ele se inclinou para a frente, com fumaça saindo das cicatrizes na bochecha. Meu rosto ardeu em solidariedade.

— Pare! — gritei.

Meu tio ofegou. Ele se levantou, ainda com fumaça saindo da lateral do nariz.

Loki gargalhou.

— Rand, Rand, Rand. Você é *ridículo*. Nós já passamos por isso antes. Quer trazer sua família de volta de Helheim? Exijo pagamento *integral* e *adiantado*. Você carrega minha marca e faz o que eu digo. Não é tão difícil. — Ele apontou para a espada Skofnung. — Pegue, garoto. E, Magnus, se tentar interferir, sempre posso tornar o coma de Sam permanente. Mas espero que você não faça nada. Seria terrivelmente inconveniente, com o casamento tão próximo.

Eu queria parti-lo ao meio, como Hel. (Estou falando da filha dele, Hel, que tinha dois lados diferentes.) Depois, queria colá-lo de volta e parti-lo ao meio de novo. Não conseguia acreditar que pensei em Loki como carismático e persuasivo. Ele chamou meu tio de “Rand”. Isso por si só já merecia a pena de morte.

Mas eu não sabia a extensão do controle de Loki sobre Sam. Ele podia mesmo deixá-la em um coma permanente apenas com o pensamento? Eu também estava preocupado (mais ou menos) com o que podia acontecer com meu tio. O idiota podia ter feito um acordo do mal com Loki, mas eu entendia o motivo. Eu me lembrei da esposa dele, Catherine, naquele barco afundando; de Aubrey com o barquinho de brinquedo; de Emma gritando enquanto agarrava a runa *herança*, o símbolo de todos os sonhos que ela não realizaria.

À minha esquerda, Hearthstone e Blitzen se aproximaram. Hearth tinha se recuperado o bastante para ficar de pé sozinho. Blitz estava segurando uma espada que devia ter pego de um zumbi. Eu levantei a mão, pedindo que eles ficassem onde estavam.

Randolph pegou a espada Skofnung. Tirou-a lentamente da bainha, uma lâmina dupla de ferro frio e cinzento. Na parte central, runas brilhavam levemente em todos os tons de azul, de gelo a azul-escuro.

Jacques tremeu.

— Ah… ah, *uau*.

— Realmente — disse Loki. — Se *eu* pudesse portar uma espada e não pudesse ter a famosa Espada do Verão, escolheria a Skofnung.

— O cara pode ser mau — sussurrou Jacques —, mas tem bom gosto.

— Infelizmente — prosseguiu Loki —, no meu estado atual, não estou totalmente presente.

Blitzen grunhiu.

— É a primeira coisa que ele diz com a qual concordo. Essa espada nunca devia ser desembainhada.

Loki revirou os olhos.

— Blitzen, filho de Freya, você é um anão *tão* dramático quando o assunto é armas mágicas! Não posso brandir Skofnung, mas os Chase descendem dos antigos reis nórdicos! Eles são perfeitos.

Eu me lembrei do tio Randolph ter me contado alguma coisa parecida, que a família Chase descendia da antiga realeza sueca e blá-blá-blá. Mas sinto muito: se isso nos qualificava a portar espadas do mal, eu *não* ia colocar isso no meu currículo.

Perigoso demais. Os sinais de Hearthstone foram desanimados e fracos. Os olhos estavam tomados de medo. *Morte. A profecia.*

— A lâmina tem alguns melindres — disse Loki. — Eu adoro melindres! Ela não pode ser usada na presença de mulheres. Não pode ser desembainhada à luz do dia. Só pode ser usada por alguém de linhagem nobre. — Loki cutucou o braço de Randolph. — Até *esse* cara serve. Além do mais, quando a espada é brandida, ela não pode ser embainhada enquanto não tiver sentido gosto de sangue.

Jacques zumbiu com um gemido metálico.

— Não é justo. Ela é atraente *demais*.

— Não é? — disse Loki. — E o último melindre da espada… Hearthstone, meu amigo, você quer contar ou conto eu?

Hearthstone oscilou. Ele segurou o ombro de Blitzen. Eu não sabia se era para ter apoio ou se para ter certeza de que o anão ainda estava ali.

Blitzen ergueu a espada, que era quase do tamanho dele.

— Loki, você não vai fazer isso com Hearth. Eu não vou deixar.

— Meu querido anão, agradeço por você ter encontrado a entrada da tumba! E é claro que eu precisava de Hearthstone para quebrar a barreira mágica ao redor do caixão. Cada um de vocês desempenhou bem sua parte, mas infelizmente preciso pedir um *pouco* mais dos dois. Vocês querem ver Samirah casada e feliz, não querem?

— Com um gigante? — Blitzen fez um ruído de desprezo. — Não.

— Mas é por uma boa causa! A devolução do martelo daquele fulano lá! Isso quer dizer que preciso de um dote apropriado, e Thrym pediu a espada Skofnung. É uma troca bem razoável. A questão é que a espada não está completa sem a pedra. As duas formam um conjunto.

— O que você quer dizer? — perguntei. — Que pedra?

— A pedra Skofnung, a pedra feita para afiar a lâmina! — Com os polegares e os dedos, Loki fez um círculo do tamanho de um prato de sobremesa. — Grande assim, azul com manchas cinzentas. — Ele piscou para Hearthstone. — Soa familiar?

Hearthstone pareceu estar sendo sufocado pelo cachecol.

— Hearth, do que ele está falando?

Meu amigo elfo não respondeu.

Tio Randolph cambaleou, agora usando as duas mãos para levantar a espada amaldiçoada. A lâmina de ferro ficou mais escura, e filetes de fumaça gelada saíram das beiradas.

— Está ficando mais pesada — disse Randolph, ofegante. — Mais fria.

— Então temos que correr. — Loki olhou para a forma inconsciente de Samirah. — Randolph, vamos alimentar a espada faminta.

— De jeito nenhum. — Eu levantei minha espada. — Randolph, não quero machucar você, mas vou.

Meu tio soltou um gemido trêmulo.

— Magnus, você não entende. Você não sabe o que ele está planejando…

— *Randolph* — sibilou Loki —, se você quer ver sua família de novo, ataque!

Meu tio partiu para cima, atacando com a espada amaldiçoada… e eu avaliei totalmente errado qual era seu alvo.

Burrice, Magnus. Uma burrice imperdoável.

Eu só pensava em Sam, caída indefesa aos pés de Loki. Precisava defendê-la. Não estava pensando em profecias nem em como tudo o que

Loki fazia, até uma olhada casual na direção da filha, era puro teatro.

Eu me adiantei para interceptar o ataque do meu tio, mas ele passou direto por mim. Com um grito de horror, enfiou a espada Skofnung na barriga de Blitzen.

Dezoito

Preciso aprender muito mais palavrões em linguagem de sinais

EU UIVEI DE fúria.

Ataquei com Jacques desferindo um arco para cima, e a espada Skofnung voou da mão de Randolph, junto com (eca, talvez vocês queiram pular essa parte) umas coisas rosadas que pareciam dedos.

Meu tio cambaleou para trás, segurando o punho contra o peito. A espada Skofnung tombou no chão.

— Ah. — Blitzen arregalou os olhos. A espada passou direto pelo colete de cota de malha. Sangue escorria por entre os dedos do anão.

Ele cambaleou. Hearthstone o segurou e o arrastou para longe de Randolph e Loki.

Eu me virei para Loki. Ergui a lâmina de Jacques de novo e cortei o rosto arrogante do deus, mas a forma dele só tremeluziu, como uma projeção.

— Ele ataca! Ele erra! — Loki balançou a cabeça. — Fala sério, Magnus, nós dois sabemos que você não pode me machucar. Não estou totalmente *aqui*! Além do mais, lutar não é seu ponto forte. Se precisar descontar a ira em alguém, pode ir em frente e matar Randolph, mas seja rápido. Temos muito o que conversar, e seu anão está sangrando.

Eu não conseguia respirar. A sensação era de que alguém estava derramando ódio puro goela abaixo. Eu queria atacar meu tio. Queria detonar aquela tumba até não sobrar pedra sobre pedra. De repente,

entendi Ratatosk, o esquilo que tinha raiva de tudo e queria destruir a própria árvore onde morava.

Não foi fácil, mas sufoquei a raiva. Salvar Blitz era mais importante do que me vingar.

— Jacques — falei —, fique de olho nesses *meinfretrs*. Se eles tentarem machucar Sam ou pegar a espada Skofnung, ataque sem dó.

— Pode deixar — disse Jacques com voz mais grave do que a habitual, provavelmente para impressionar a espada Skofnung. — Vou proteger a espada gata com minha vida! Ah, e Sam também.

Corri até Blitz.

— Isso aí! — comemorou Loki. — Esse é o Magnus Chase que eu conheço e amo! Sempre pensando nos outros. Sempre o curandeiro!

Coloquei as mãos na barriga de Blitzen e olhei para Hearthstone.

— Você tem alguma runa que possa ajudar?

Ele fez que não. Seu ódio nível Ratatosk fervia nos olhos. Eu via o desespero neles, o desejo de fazer alguma coisa, *qualquer coisa*, mas Hearth já tinha usado duas runas naquela manhã. Mais uma provavelmente o mataria.

Blitzen tossiu. Seu rosto ficou branco como rejunte de banheiro.

— Eu… eu estou bem, pessoal. Só preciso… de um minuto.

— Aguente firme, Blitz.

Mais uma vez, conjurei o poder de Frey. Minhas mãos se aqueceram como as resistências de um cobertor elétrico, espalhando calor para todas as células do corpo do anão. Fiz a circulação dele ficar mais lenta. Diminuí a dor. Mas o ferimento em si se recusava a ser curado. Eu o senti lutando contra mim, abrindo tecidos e capilares mais rápido do que eu conseguia consertá-los, atacando com fome maliciosa.

Eu me lembrei da profecia de Hearthstone: *Blitzen. Banho de Sangue. Não pode ser impedido.*

Era culpa minha. Eu devia ter previsto aquilo. Devia ter insistido para Blitz ficar no esconderijo de Mímir comendo pizza. Devia ter ouvido aquele assassino de bodes idiota em Back Bay.

— Você vai ficar bem — prometi. — Fique comigo.

Os olhos de Blitz estavam começando a perder o foco.

— Tem… um kit de costura no bolso do colete… se ajudar.

Eu queria gritar. Que bom que Jacques não estava mais nas minhas mãos, porque eu teria dado um ataque de birra digno do Kylo Ren.

Eu me levantei e olhei para Loki e Randolph. Minha expressão devia estar bem assustadora. Randolph recuou até um dos nichos de zumbi, deixando uma trilha de sangue no chão. Eu provavelmente poderia curar sua mão ferida, mas não fiquei nem um pouco tentado.

— Loki, o que você quer? — perguntei. — Como posso ajudar Blitzen?

O deus abriu os braços.

— Estou *tão* feliz de você ter perguntado. Por sorte, as duas perguntas têm a mesma resposta!

— A pedra — ofegou Blitz. — Ele quer… a pedra.

— Exatamente! — concordou Loki. — Sabe, Magnus, os ferimentos feitos pela espada Skofnung *nunca* cicatrizam. Só ficam sangrando para sempre… ou até a morte, o que vier primeiro. O único jeito de curar essa ferida é com a pedra Skofnung. É por isso que os dois formam um conjunto tão importante.

Hearthstone explodiu em uma torrente de xingamentos em linguagem de sinais tão impressionante que seria uma bela arte performática. Mesmo para quem não sabia linguagem de sinais, os gestos transmitiam a raiva dele melhor do que qualquer gritaria.

— Minha nossa — disse Loki. — Não sou chamado de alguns desses nomes desde minha última competição de insultos com os aesires! Lamento por você se sentir assim, amigo elfo, mas você é o único capaz de

conseguir a pedra. Você *sabe* que é a única solução. É melhor ir correndo para casa!

— Casa? — Minha mente se movia em câmera lenta. — Você quer dizer… Álfaheim?

Blitzen gemeu.

— Não faça Hearth voltar pra lá. Não vale a pena, garoto.

Olhei com raiva para o tio Randolph, que estava se acomodando no nicho do zumbi. Com o terno maltrapilho, o rosto marcado e os olhos vidrados devido à dor e à hemorragia, Randolph já estava a meio caminho de se tornar um morto-vivo.

— O que Loki quer? — perguntei a ele. — O que isso tem a ver com o martelo de Thor?

Ele me lançou a mesma expressão desolada do meu sonho, quando se virou para a família no iate açoitado pela tempestade e disse: *Vou levar a gente para casa*.

— Magnus, eu… eu sinto…

— Muito? — ofereceu Loki. — Sim, você sente muito, Randolph. Nós sabemos. Mas, falando sério, Magnus, você não vê a ligação? Talvez eu precise ser mais claro. Às vezes esqueço como vocês mortais podem ser lentos. Um-gigante-está-com-o-martelo.

Ele ilustrou cada palavra com linguagem de sinais exagerada.

— Gigante-dá-martelo-para-Samirah. Nós-trocamos-presentes-no-casamento. Martelo-por-S-K-O-F-N-U-N-G.

— Pare com isso! — rosnei.

— Então você entendeu tudo? — Loki balançou as mãos. — Que bom, porque meus dedos estavam ficando cansados. Eu não posso dar *metade* do dote, posso? Thrym nunca vai aceitar. Preciso da espada *e* da pedra. Felizmente, seu amigo Hearthstone sabe exatamente onde a pedra está!

— Foi *por isso* que você armou essa armadilha? Por que você…? — Eu indiquei Blitz, que estava deitado em uma poça vermelha cada vez maior.

— Pode chamar isso de incentivo — disse Loki. — Eu não sabia se você pegaria a pedra para mim só por causa do casamento de Samirah, mas vai fazer para salvar seu amigo. E, devo lembrar, tudo isso é para que *eu* possa ajudar *você* a recuperar aquele martelo idiota. Todo mundo sai ganhando. A não ser que o anão morra. São criaturas tão pequenas e ridículas. Randolph, vamos!

Meu tio andou na direção de Loki como um cachorro esperando uma surra. Eu não sentia muito amor por ele no momento, mas também odiava a maneira como Loki o tratava. Eu me lembrei da ligação que compartilhei com Randolph em meus sonhos… de sentir a dor arrasadora que o motivava.

— Randolph, você não tem que ir com ele.

Ele olhou para mim, e então percebi o quanto eu estava errado. Quando meu tio enfiou a espada em Blitzen, alguma coisa dentro dele se quebrou. Ele foi puxado tão fundo naquela negociação do mal, abriu mão de tanta coisa para recuperar a esposa e as filhas mortas, que não conseguia imaginar outro caminho.

Loki apontou para a espada Skofnung.

— A espada, Randolph. Pegue a espada.

As runas de Jacques pulsaram em um roxo furioso.

— Experimente, amigo, e você vai perder mais do que dois dedos.

Randolph hesitou, como as pessoas costumam fazer quando são ameaçadas por espadas falantes e brilhantes.

A confiança arrogante de Loki foi abalada. Seus olhos escureceram. Os lábios marcados se curvaram para baixo. Vi quanto ele queria aquela espada. Ele precisava dela para alguma coisa bem mais importante do que um presente de casamento.

Coloquei o pé em cima da lâmina de Skofnung.

— Jacques está certo. A espada não vai a lugar algum.

As veias no pescoço do deus pareciam prestes a explodir. Fiquei com medo de ele matar Samirah e pintar as paredes com desenhos abstratos de anão, elfo e einherji.

Eu o encarei mesmo assim. Não sabia qual era seu plano, mas estava começando a perceber que ele precisava de nós vivos… pelo menos por enquanto.

No espaço de um nanossegundo, o deus recuperou a compostura.

— Tudo bem, Magnus — disse ele, casualmente. — Leve a espada e a pedra quando entregar a noiva. Você tem quatro dias. Vou avisar o local. E *arrume* um smoking. Randolph, venha comigo. Vamos estar esperando de dedos cruzados!

Meu tio fez uma careta.

— Ah, desculpe. — Ele balançou o mindinho e o anelar. — Cedo demais?

Loki segurou a manga de Randolph. Os dois homens voltaram pelo portal como se estivessem sendo sugados para fora de um jato em movimento. O caixão implodiu em seguida.

* * *

Sam se mexeu. Sentou-se abruptamente, como se o despertador tivesse tocado. O hijab escorregou por cima do olho direito, como um tapa-olho de pirata.

— O que… o que aconteceu?

Eu estava entorpecido demais para explicar. Estava ajoelhado ao lado de Blitzen, fazendo tudo o que podia para mantê-lo estável. Minhas mãos brilhavam com poder de Frey suficiente para criar uma fusão nuclear, mas não estava ajudando. Meu amigo estava morrendo.

Os olhos de Hearth estavam cheios de lágrimas. Ele estava sentado ao lado de Blitz, com o cachecol de bolinhas sujo de sangue. De vez em

quando, batia um sinal de V na própria testa: *Burro. Burro.*

A sombra de Sam assomou sobre nós.

— Não! Não, não, não. O que *aconteceu*?

Hearthstone fez outra sequência de sinais: *Eu falei! Perigoso demais! Sua culpa...*

— Amigo… — Blitzen puxou as mãos de Hearthstone com fraqueza. — Não é culpa… da Sam. Também não é sua. Foi… ideia minha.

Hearthstone balançou a cabeça. *Valquíria burra. Eu também sou burro. Deve ter um jeito de curar você.*

Ele olhou para mim, desesperado por um milagre.

Eu *odiava* ser um curandeiro. Pelas firulas de Frey, eu queria ser um guerreiro. Ou metamorfo, como Alex Fierro, ou mago das runas, como Hearthstone, ou até um berserker, como Mestiço, partindo para a batalha apenas com as roupas de baixo. Saber que meus amigos dependiam de minhas habilidades, ver a luz dos olhos de Blitzen se apagando aos poucos e saber que não havia nada que eu pudesse fazer… era insuportável.

— Loki não nos deixaria outra escolha — falei. — Temos que encontrar a pedra Skofnung.

Hearthstone grunhiu de frustração. *Eu a encontraria. Por Blitz. Mas não temos tempo. Demoraria pelo menos um dia. Ele terá morrido até lá.*

Blitzen tentou dizer alguma coisa. Nenhuma palavra saiu. A cabeça dele pendeu para o lado.

— Não! — disse Sam, chorando. — Não, ele não pode morrer. Onde está essa pedra? Eu vou buscar!

Observei a tumba, desesperado por ideias. Meus olhos encontraram a única fonte de luz: a lança de Sam, caída na poeira.

Luz. Luz do *sol*.

Havia um último milagre que eu podia tentar, um milagre bobo e meia-boca, mas era tudo o que eu tinha.

— Precisamos ganhar tempo — falei —, então vamos *criar* mais tempo. — Eu não sabia se Blitzen ainda estava lúcido, mas apertei o ombro dele. — Vamos trazer você de volta, amigão. Eu prometo.

Fiquei de pé. Ergui o rosto na direção do teto abobadado e imaginei o sol acima. Convoquei os poderes do meu pai, o deus do calor e da fertilidade, o deus das coisas vivas que abriam caminho pela terra para chegar à luz.

A tumba ribombou. Poeira caiu do alto. Acima de mim, o teto rachou como uma casca de ovo, e uma abertura irregular surgiu ali, permitindo que a luz do sol penetrasse a escuridão e iluminasse o rosto de Blitzen.

Enquanto eu observava, um dos meus melhores amigos nos nove mundos se transformou em pedra.

Dezenove

Devo ficar nervoso porque nossa piloto está rezando?

O AEROPORTO DE Provincetown era o lugar mais deprimente que já conheci. Para ser justo, talvez fosse porque eu estava em companhia de um anão petrificado, um elfo de coração partido, uma valquíria furiosa e uma espada que não calava a boca.

Sam chamou um Uber para nos buscar no Pilgrim Monument. Eu me perguntei se ela usava o Uber como alternativa para transportar almas para Valhala. Durante todo o caminho até o aeroporto, espremido no banco de trás de um Ford Focus sedã, eu não conseguia parar de cantarolar "Cavalgada das Valquírias".

Ao meu lado, Jacques botou o cinto de segurança e me encheu de perguntas.

— Podemos desembainhar Skofnung de novo, só por um minuto? Quero dar um oi.

— Jacques, não. Ela não pode ser desembainhada de dia, nem na presença de mulheres. E, se nós a desembainhássemos, ela teria que matar alguém.

— É, mas, fora isso, não seria incrível? — Ele suspirou, suas runas iluminando a lâmina. — Ela é *tão* linda.

— Por favor, volte para a forma de pingente.

— Você acha que ela gosta de mim? Eu não falei nenhuma besteira, falei? Seja sincero.

Engoli alguns comentários mordazes. Não era culpa de Jacques estarmos naquela situação difícil. Mesmo assim, fiquei aliviado quando

finalmente o convenci a virar pingente. Falei que ele precisaria do sono da beleza para o caso de desembainharmos Skofnung mais tarde.

Quando chegamos ao aeroporto, ajudei Hearthstone a tirar nosso anão de granito do carro enquanto Sam ia até o terminal. O aeroporto em si não era grande coisa, só uma sala para embarque e desembarque, alguns bancos na frente e, depois da cerca de segurança, duas pistas para aviões pequenos.

Sam não explicou por que estávamos ali. Imaginei que ela estivesse usando seus contatos de piloto para conseguir um voo para Boston. Obviamente, ela não podia levar nós quatro com o poder de valquíria, e Hearthstone não estava em condições de usar mais runas.

O elfo tinha gastado suas últimas energias mágicas para conjurar plástico bolha e fita adesiva, usando uma runa que parecia um X comum. Talvez fosse o símbolo viking antigo para um selo do correio. Talvez fosse a runa do Álfaheim Express. Hearthstone estava com tanta raiva e tão infeliz que não tive coragem de perguntar. Só fiquei do lado de fora do terminal, esperando Sam voltar enquanto Hearth embalava cuidadosamente seu melhor amigo.

Tínhamos chegado a uma espécie de trégua enquanto esperávamos o Uber. Hearth, Sam e eu nos sentíamos como fios desencapados, superenergizados com culpa e ressentimento, prontos para matar qualquer um que nos tocasse. Mas sabíamos que isso não ajudaria Blitzen. Nós não discutimos, mas chegamos a um acordo silencioso de só gritar, berrar e bater uns nos outros mais tarde. Naquele momento, tínhamos um anão para curar.

Finalmente, ela saiu do terminal. Sam devia ter feito uma parada no banheiro, porque suas mãos e seu rosto ainda estavam úmidos.

— O Cessna está a caminho — disse ela.

— O avião do seu instrutor?

Ela assentiu.

— Precisei implorar e suplicar. Mas Barry é muito legal. Ele entendeu que é uma emergência.

— Ele sabe sobre…?

Fiz um gesto ao redor, implicando fracamente os nove mundos, anões petrificados, guerreiros mortos-vivos, deuses perversos e todas as outras coisas malucas que faziam parte das nossas vidas.

— Não — disse ela. — E gostaria que continuasse assim. Não posso pilotar aviões se meu instrutor achar que eu sou doida.

Ela olhou para o projeto de plástico bolha de Hearthstone.

— Nenhuma mudança em Blitzen? Ele ainda não começou… a se desfazer?

Um nó se formou em minha garganta.

— Se desfazer? Diga que isso não vai acontecer.

— Eu espero que não. Mas, às vezes… — Sam fechou os olhos e demorou um segundo para se recompor. — Às vezes, depois de alguns dias…

Como se eu precisasse de outro motivo para me sentir mais culpado.

— Quando encontrarmos a pedra Skofnung… *deve haver* um jeito de despetrificar Blitz, certo?

Aquela parecia ser uma pergunta que eu devia ter feito *antes* de transformar meu amigo em um bloco de granito, mas, bem, eu estava sob muita pressão.

— Eu… eu espero que sim.

Isso me fez sentir muito melhor.

Hearthstone olhou para nós. Sinalizou para Sam com movimentos curtos e furiosos: *Avião? Você vai deixar Magnus e a mim. Depois vai embora.*

Sam pareceu magoada, mas levantou a mão ao lado do rosto, com o indicador apontando para cima. *Entendido.*

Hearthstone continuou embrulhando nosso anão.

— Dê um tempo a ele — falei para Sam. — Não é culpa sua.

Sam encarou o asfalto.

— Eu queria acreditar nisso.

Tive vontade de perguntar sobre o controle de Loki sobre ela, de dizer quanto eu me sentia mal por isso, de prometer que encontraríamos um jeito de derrotar seu pai. Mas achei que era cedo demais para tocar em todos esses assuntos. A vergonha dela estava recente demais.

— O que Hearthstone quis dizer com nos deixar? — perguntei.

— Explico quando estivermos no avião. — Sam pegou o celular e olhou a hora. — É a *zuhr*. Temos uns vinte minutos até o avião pousar. Magnus, posso conversar com você em particular?

Eu não sabia o que era *zuhr*, mas a segui até uma área gramada no meio de uma entrada circular para carros.

Sam remexeu na mochila, pegou um tecido azul que parecia um lenço enorme e abriu na grama. Meu primeiro pensamento foi: *vamos fazer um piquenique?*

Mas percebi que ela estava alinhando o pano virado para o sudeste.

— É um tapete para orações?

— É — disse ela. — Está na hora das orações do meio-dia. Você pode ficar vigiando para mim?

— Eu… espere. O quê? — Senti como se ela estivesse me entregando um bebê recém-nascido e me pedindo para cuidar dele. Desde que eu conheci Sam, nunca a tinha visto orar. Achei que ela não fazia isso com frequência. Era o que eu teria feito no lugar dela, a menor quantidade de coisas religiosas possível. — Como você pode orar em um momento desses?

Ela riu sem muito entusiasmo.

— A verdadeira pergunta é: como eu posso *não* orar em um momento desses? Só fique vigiando caso… sei lá, trolls ataquem, alguma coisa assim.

— Por que eu nunca vi você fazer isso?

Sam deu de ombros.

— Eu rezo todos os dias. Cinco vezes, como exigido. Normalmente, vou para um lugar tranquilo, mas se estiver viajando ou em uma situação perigosa, eu adio as orações até ter certeza de estar em segurança. Isso é permitido.

— Como quando estávamos em Jötunheim?

Ela assentiu.

— É um bom exemplo. Já que não estamos em perigo no momento e você está comigo, e também como está na hora… você se importa?

— Hã… não. Quer dizer, claro. Vá em frente.

Eu já tinha estado em situações bem surreais. Fui a um bar anão. Fugi de um esquilo gigante na Árvore do Mundo. Desci de rapel por uma cortina na sala de jantar de um gigante. Mas proteger Samirah al-Abbas enquanto ela orava no estacionamento do aeroporto… isso era novidade.

Sam tirou os sapatos. Ficou parada na ponta do tapete, com as mãos unidas na altura da barriga, os olhos fechados. Ela sussurrava alguma coisa, baixinho. Levou as mãos aos ouvidos por um momento, o mesmo gesto que usávamos em linguagem de sinais para *escute com atenção*. Então começou a orar, um cantarolar suave em árabe que parecia que ela estava recitando um poema que sabia de cor ou uma canção de amor. Sam se curvou, se empertigou e se ajoelhou com os pés embaixo do corpo e encostou a testa no pano.

Não estou dizendo que fiquei olhando. Parecia errado encarar. Mas fiquei vigiando do que eu esperava ser uma distância respeitosa.

Tenho que admitir que fiquei um pouco fascinado. E talvez também tenha sentido um pouco de inveja. Apesar de tudo o que acabara de acontecer com ela, depois de ter sido controlada e deixada inconsciente pelo pai do mal, Sam parecia em paz naquele momento. Ela estava criando sua própria bolha de tranquilidade.

Eu nunca rezava, porque não acreditava em um Deus Todo-Poderoso. Mas, como Sam, gostaria de ter fé em alguma coisa.

A oração não demorou. Sam dobrou o tapete e se levantou.

— Obrigada, Magnus.

Eu dei de ombros, ainda me sentindo um intruso.

— Está melhor agora?

Ela abriu um sorrisinho debochado.

— Não é magia.

— É, mas… nós vemos magia o tempo todo. Não é difícil acreditar, tipo, que existe por aí algo mais poderoso do que todos esses seres nórdicos que enfrentamos? Principalmente, e não quero ofender ninguém, considerando que esse Cara não intervém para ajudar?

Sam guardou o tapete de orações na bolsa.

— Não intervir, não interferir, não forçar… a mim, isso parece mais misericordioso e mais divino, não acha?

Eu assenti.

— Bom argumento.

Não vi Sam chorando, mas os cantos dos olhos dela estavam rosados. Eu me perguntei se ela chorava do mesmo jeito que rezava: em particular, em um lugar tranquilo, para nós não percebermos.

Ela olhou para o céu.

— Além do mais, quem disse que Alá não ajuda? — Ela apontou para a forma branca e brilhante de um avião se aproximando. — Vamos encontrar Barry.

* * *

Surpresa! Além de conseguir um avião e um piloto, a gente também conseguiu a companhia do namorado de Sam.

Ela estava correndo pela pista quando a porta do avião se abriu. A primeira pessoa a descer os degraus foi Amir Fadlan, vestindo uma jaqueta de couro marrom por cima da camiseta do Falafel do Fadlan, o cabelo penteado para trás com gel, e óculos escuros de aros dourados — ele parecia um personagem saído do filme *Top Gun*.

Sam diminuiu o passo quando o viu, mas era tarde demais para ela se esconder. Ela olhou para mim com uma expressão de pânico e foi encontrar o noivo.

Perdi o começo da conversa. Estava ocupado demais ajudando Hearthstone a carregar um anão de pedra até o avião. Sam e Amir ficaram junto à escada, trocando gestos exasperados e expressões de sofrimento

Quando finalmente os alcancei, Amir estava andando de um lado para outro como se estivesse treinando um discurso.

— Eu nem devia estar aqui. Achei que você estivesse em perigo. Achei que era uma questão de vida ou morte. Eu… — Ele parou na mesma hora. — Magnus?

Ele me olhou como se eu tivesse acabado de cair do céu, o que não era justo, pois eu não caía do céu havia horas.

— Oi, cara — cumprimentei. — Tem um bom motivo para isso tudo. Bom mesmo. Tipo, Samirah não fez… *nada* do que você possa estar achando que ela fez de errado. Porque ela não fez nada de errado.

Sam me olhou de cara feia. *Você não está ajudando*.

O olhar de Amir se desviou para Hearthstone.

— Eu reconheço você também. De uns meses atrás, na praça de alimentação. Do suposto grupo de estudos de matemática de Sam… — Ele balançou a cabeça com descrença. — Então você é o elfo de quem Sam falou? E, Magnus… você… você está morto. Sam disse que levou sua alma para Valhala. E o anão… — ele olhou para Blitzen enrolado em plástico bolha — é uma estátua?

— Temporariamente — respondi. — Isso também não foi culpa da Sam.

Amir soltou uma daquelas gargalhadas loucas que ninguém gosta de ouvir, do tipo que indica que o cérebro desenvolveu algumas rachaduras, e elas não vão sumir tão cedo.

— Nem sei por onde começar. Sam, você está bem? Está… está com algum problema?

As bochechas de Sam ficaram da cor de molho de cranberry.

— É… complicado. Desculpe, Amir. Eu não esperava…

— Que ele estivesse aqui? — disse uma nova voz. — Querida, ele não aceitou *não* como resposta.

Na porta do avião havia um homem magro de pele morena tão bem-vestido que Blitzen teria chorado de alegria: calça skinny marrom, camisa verde-pastel, colete trespassado e botas de bico fino. A identificação de piloto plastificada e pendurada no pescoço dele dizia BARRY AL-JABBAR.

— Queridos — disse Barry —, se queremos manter nosso plano de voo, precisamos subir a bordo. Só temos que reabastecer e podemos seguir viagem. E quanto a você, Samirah… — Ele ergueu uma sobrancelha. Tinha os olhos dourados mais calorosos que já vi. — Me perdoe por contar para Amir, mas, quando você ligou, fiquei preocupadíssimo. Amir é um amigo querido. E, seja qual for o drama rolando entre vocês, espero que resolvam! Assim que ele soube que você estava com problemas, insistiu em vir junto. Então… — Barry juntou as mãos em torno da boca e fingiu sussurrar: — Vamos dizer que estou supervisionando vocês, está bem? Agora, todos a bordo!

Barry se virou e desapareceu dentro do avião. Hearthstone foi atrás dele, puxando Blitzen junto pelos degraus.

Amir retorceu as mãos.

— Sam, eu estou tentando entender. De verdade.

Ela olhou para o cinto, talvez percebendo que ainda estava carregando o machado.

— Eu… eu sei.

— Eu faço qualquer coisa por você — disse Amir. — Só… não pare de falar comigo, está bem? Me *conte*. Por mais louco que seja, me *conte*.

Ela assentiu.

— É melhor você subir a bordo. Preciso fazer a inspeção externa.

Amir olhou para mim mais uma vez, como se estivesse tentando encontrar onde estavam meus ferimentos mortais, e subiu a escada.

Eu me virei para Sam.

— Ele veio até aqui por você. Sua segurança é a única coisa que importa para ele.

— Eu sei.

— Isso é *bom*, Sam.

— Eu não mereço. Não fui honesta com Amir. Eu só… Eu não queria contaminar a única parte *normal* da minha vida.

— A parte anormal da sua vida está bem aqui.

Os ombros dela murcharam.

— Desculpe. Sei que você está tentando ajudar. Eu não tiraria você da minha vida, Magnus.

— Ah, que bom — falei. — Porque tem muito mais maluquice a caminho.

Sam assentiu.

— Falando nisso, é melhor você ir se sentar e afivelar o cinto.

— Por quê? Barry pilota mal?

— Ah, Barry é um excelente piloto, mas ele não vai pilotar hoje. *Eu* vou, e direto para Álfaheim.

Vinte

Em caso de possessão demoníaca, sigam as luzes de emergência até a saída mais próxima

Barry estava no corredor para falar conosco, os cotovelos apoiados no encosto dos assentos dos dois lados. A colônia dele deixava o avião com o cheiro do mercado de flores de Boston.

— Meus queridos, por acaso vocês já viajaram em um jatinho Citation XLS antes?

— Hã, não — respondi. — Acho que eu lembraria.

A cabine não era grande, mas tudo era revestido de couro branco com contornos dourados, feito uma bmw com asas. Havia quatro bancos de passageiros virados uns para os outros, como uma espécie de área de conferência. Hearthstone e eu nos sentamos virados para a frente. Amir se sentou de frente para mim, e Blitzen estava preso no cinto de frente para Hearth.

Sam estava no banco do piloto, verificando sintonizadores e acionando interruptores. Eu achava que todos os aviões tinham portas separando a cabine do piloto da área dos passageiros, mas o Citation não era assim. De onde eu estava, via direto pelo para-brisa. Fiquei tentado a pedir para Amir trocar de lugar comigo. A vista do banheiro seria menos perturbadora.

— Bem — disse Barry —, como seu copiloto neste voo, é meu trabalho dar a vocês as instruções de segurança. A saída principal é por aqui. — Ele bateu com os dedos na porta pela qual havíamos entrado. — Em caso de emergência, se Sam e eu não pudermos abri-la, vocês… *VOCÊ DEVIA TER ME DADO OUVIDOS MAGNUS CHASE.*

A voz de Barry ficou grave e triplicou de volume. Amir, que estava sentado perto do cotovelo dele, quase caiu no meu colo.

Na cabine de comando, Sam se virou lentamente.

— Barry?

— *EU AVISEI.* — A nova voz de Barry estalava de distorção, e o tom oscilava. — *MAS VOCÊ CAIU NA ARMADILHA DE LOKI MESMO ASSIM.*

— O que há de errado com ele? — perguntou Amir. — Esse não é o Barry.

— Não — concordei, com a garganta tão seca quanto a de um berserker zumbi. — É o meu assassino favorito.

Hearthstone parecia ainda mais confuso do que Amir. Ele não podia ouvir a mudança na voz de Barry, obviamente, mas percebia que as instruções de segurança haviam sido interrompidas.

— *AGORA, NÃO HÁ ESCOLHA* — disse a voz de Barry. — *DEPOIS QUE CURAR SEU AMIGO, ME ENCONTRE EM JÖTUNHEIM. VOU DAR AS INFORMAÇÕES DE QUE VOCÊ PRECISA PARA IMPEDIR O PLANO DE LOKI.*

Observei o rosto do copiloto. Os olhos dourados pareciam desfocados, mas, fora isso, eu não via nenhuma diferença nele.

— Você é o assassino de bodes — afirmei com convicção. — O cara que estava me olhando do galho da árvore durante o banquete.

Amir não conseguia parar de piscar.

— Assassino de bodes? Galho de árvore?

— *PROCURE HEIMDALL* — disse a voz distorcida. — *ELE VAI MOSTRAR O CAMINHO. LEVE A OUTRA, ALEX FIERRO. ELA É SUA ÚNICA ESPERANÇA AGORA*… E isso é tudo. Alguma pergunta?

A voz de Barry tinha voltado ao normal. Ele sorriu com satisfação, como se não conseguisse pensar em um jeito melhor de passar o dia do

que voando de um lado para outro por Cape Cod, ajudando os amigos e canalizando as vozes de ninjas de outro mundo.

Amir, Hearth e eu balançamos a cabeça com veemência.

— Sem perguntas — falei. — Nenhumazinha. Nada.

Olhei bem nos olhos de Sam. Ela deu de ombros e balançou a cabeça, como quem diz: *Sim, eu ouvi. Meu copiloto ficou possuído por um tempo. O que você quer que eu faça?*

— Tudo bem. — Barry bateu na cabeça de granito de Blitzen. — Os fones de ouvido estão nos compartimentos ao lado, se vocês quiserem falar conosco na cabine. É um voo bem curto até Norwood Memorial. Relaxem e divirtam-se!

* * *

Diversão não é a palavra que eu teria usado.

Uma pequena confissão: além de nunca ter voado em um Citation XLS, eu nunca tinha voado em um avião. Minha primeira vez provavelmente não devia ser em um jatinho de oito lugares pilotado por uma garota da minha idade que fazia aulas havia poucos meses.

Não foi culpa de Sam. Eu não tinha com o que comparar, mas a decolagem pareceu tranquila. Pelo menos, subimos ao céu sem fatalidades. Mesmo assim, minhas unhas deixaram marcas permanentes nos braços da poltrona. Cada sacolejo de turbulência me deixava tão nervoso que senti saudade de nosso velho amigo Stanley, o cavalo alado de oito patas mergulhador de penhascos. (Bem, quase.)

Amir recusou o fone de ouvido, talvez porque seu cérebro já estivesse lotado de informações nórdicas malucas. Ele ficou de braços cruzados, olhando demoradamente pela janela, como se pensando se algum dia voltaríamos a pousar no mundo real.

A voz de Sam estalou nos meus fones.

— Chegamos à altitude de cruzeiro. Alcançaremos nosso destino em trinta e dois minutos.

— Tudo bem aí? — perguntei.

— Sim… — A conexão apitou. — Pronto. Não tem mais ninguém neste canal. Nosso *amigo* parece bem agora. Mas não precisa se preocupar. Estou com os controles.

— Quem, eu? Preocupado?

Pelo que eu podia ver, Barry parecia tranquilo no momento. Ele estava relaxando no banco do copiloto, olhando para o iPad. Eu queria acreditar que ele estava de olho em leituras importantes de aviação, mas tinha quase certeza de que estava jogando *Candy Crush*.

— Alguma ideia? — perguntei a Sam. — Sobre o conselho do assassino de bodes?

Estática. Depois:

— Ele disse que devíamos procurá-lo em Jötunheim. Então, ele é um gigante. Isso não quer dizer necessariamente que seja mau. Meu pai… — ela hesitou, provavelmente tentando tirar da boca o gosto azedo daquela palavra — tem muitos inimigos. Seja lá quem for o assassino, ele tem magia poderosa. E estava certo sobre Provincetown. Devíamos ouvi-lo. *Eu* devia ter ouvido antes.

— Não faça isso. Não seja tão dura consigo mesma.

Amir tentou se concentrar em mim.

— Desculpe, o quê?

— Não você, cara. — Bati no microfone dos fones de ouvido. — Estou falando com a Sam.

Amir fez um “Ah” silencioso. E voltou a treinar o olhar perdido na janela.

— Amir consegue ouvir o que estou dizendo? — perguntou Sam.

— Não.

— Depois que eu deixar vocês, vou levar a espada Skofnung para Valhala, por segurança. Não posso levar Amir para o hotel, mas… vou tentar mostrar a ele o que puder. Mostrar minha vida.

— Boa. Ele é forte, Sam. Consegue aguentar.

Uma contagem de três segundos de ruídos.

— Espero que você tenha razão. Também vou atualizar a galera do andar dezenove.

— E Alex Fierro?

Sam olhou para mim. Era estranho vê-la a metros de distância, mas ouvir sua voz bem nos meus ouvidos.

— Levá-la junto é uma má ideia, Magnus. Você viu o que Loki conseguiu fazer comigo. Imagine o que…

Eu conseguia imaginar. Mas também tinha a sensação de que o assassino de bodes estava certo. Nós precisaríamos de Alex Fierro. A chegada dela em Valhala não tinha sido coincidência. As Nornas, ou algum outro deus maluco das profecias, entrelaçaram o destino dela com o nosso.

— Acho que não devíamos subestimá-la — falei, me lembrando da luta de Alex com os lobos e de quando montou no *lindwyrm* raivoso. — Além do mais, eu confio nela. Quer dizer, tanto quanto se pode confiar em uma pessoa que arrancou sua cabeça. Você tem alguma ideia de como encontrar o deus Heimdall?

A estática pareceu mais pesada, mais zangada.

— Infelizmente, sim — disse Sam. — Se prepare. Estamos quase em posição.

— Para pousar em Norwood? Achei que você tinha dito que íamos para Álfaheim.

— *Vocês* vão. Eu, não. O caminho de voo até Norwood nos coloca acima de uma área de salto perfeita.

— Área de *salto*?

Eu esperava ter ouvido errado.

— Olha, preciso me concentrar em pilotar este avião e não matar todo mundo. Pergunte a Hearthstone.

Meus fones de ouvido ficaram em silêncio.

Hearthstone estava fazendo competição de sério com Blitzen. O rosto de granito do anão aparecia no casulo de plástico bolha, a expressão congelada em sofrimento mortal. Hearthstone não parecia muito mais contente. A infelicidade em torno dele era quase tão fácil de ver quanto o cachecol de bolinhas manchado de sangue.

Álfaheim, eu sinalizei. *Como chegamos lá?*

Pulando, disse Hearth.

Meu estômago se embrulhou.

— Pulando? Pulando de um *avião*?

Hearth olhou para um ponto atrás de mim, da maneira que ele faz quando está pensando em como explicar uma coisa complicada por meio de linguagem de sinais… normalmente alguma coisa de que não vou gostar.

Álfaheim é um reino de ar, luz, sinalizou ele. *Só se pode entrar…* Ele fez uma pantomima de queda livre.

— Estamos em um avião — falei. — Não podemos simplesmente pular. Vamos morrer!

Morrer, não, prometeu Hearth. *E também não vamos exatamente pular. Só…* Ele fez um gesto de *puf*, que não me tranquilizou. *Não podemos morrer até salvarmos Blitzen.*

Para um cara que raramente emitia sons, Hearth conseguia ser bem assertivo quando queria. Ele tinha acabado de me dar ordens expressas: pular do avião; cair em Álfaheim; salvar Blitzen. Só depois eu teria permissão para morrer.

Amir se mexeu na poltrona.

— Magnus, você parece nervoso.

— E estou.

Fiquei tentado a inventar uma explicação simples, alguma coisa que não traumatizaria o generoso cérebro mortal de Amir. Mas já tínhamos passado desse ponto. Ele estava totalmente inserido na vida de Sam, para o bem ou para o mal, normal ou anormal. Amir sempre tinha sido gentil comigo. Tinha me alimentado quando eu era sem-teto, me tratara como uma pessoa quando os outros fingiam que eu era invisível. Ele tinha vindo nos salvar hoje sem saber nenhum detalhe, só porque Sam estava encrencada. Eu não podia mentir para ele.

— Aparentemente, Hearth e eu vamos fazer *puf*.

Contei para ele as ordens que tinha acabado de receber.

Amir pareceu tão perdido que senti vontade de abraçá-lo.

— Até semana passada, minha maior preocupação era para onde expandir nossa franquia de Falafel, se para Jamaica Plain ou Chestnut Hill. Agora, não sei nem sobre que *mundo* estamos voando.

Conferi o microfone do fone de ouvido para ter certeza de que estava desligado.

— Amir, Sam é a mesma de sempre. Ela é corajosa. É forte.

— Eu sei disso.

— E também é doida por você — falei. — Ela não pediu para ter essas coisas esquisitas na vida dela. A maior preocupação dela é não estragar o futuro de vocês. Confie na Sam.

Ele baixou a cabeça como um cachorrinho em um canil.

— Eu… eu estou tentando, Magnus. É que tudo é tão estranho.

— É — concordei. — Um alerta: vai ficar mais estranho ainda. — Então, liguei o microfone. — Sam?

— Eu ouvi a conversa toda — anunciou ela.

— Ah. — Aparentemente, eu não tinha entendido direito como mexer nos controles. — Hã…

— Vou matar você depois — disse ela. — Agora, sua parada está chegando.

— Espere. Barry não vai reparar se a gente simplesmente desaparecer?

— Ele é mortal. O cérebro vai se ajustar. Afinal de contas, gente não desaparece de aviões no meio do voo. Quando pousarmos em Norwood, ele provavelmente não vai nem lembrar que vocês estavam aqui.

Eu queria pensar que eu era um pouco mais memorável do que isso, mas estava nervoso demais para me preocupar.

Ao meu lado, Hearthstone soltou o cinto de segurança. Ele tirou o cachecol e o amarrou em volta de Blitzen, preparando uma espécie de cinto improvisado.

— Boa sorte — disse Sam para mim. — Vejo vocês em Midgard, supondo… você sabe.

Supondo que a gente sobreviva, pensei. *Supondo que a gente consiga curar Blitzen. Supondo que nossa sorte esteja melhor do que nos últimos dois dias… ou do que sempre.*

Entre um momento e o seguinte, o jato desapareceu. Eu me vi flutuando no céu, com os fones de ouvido ligados em nada.

E caí.

Vinte e um

Os encrenqueiros levarão tiros, serão presos e levarão ainda mais tiros

BLITZEN ME CONTOU certa vez que os anões nunca saíam de casa sem um paraquedas.

Agora, eu entendia o porquê disso. Hearthstone e eu despencamos pelo ar gelado — eu balançando os braços e gritando, Hearth em um mergulho perfeito com o Blitzen de granito preso à costas. Hearth olhou para mim com uma expressão tranquilizadora, como quem diz: *Não se preocupe. O anão está enrolado em plástico bolha.*

Minha única resposta foi mais gritos incoerentes, porque eu não sabia linguagem de sinais para *PELO AMOR DE AGGGHHH!*.

Passamos por uma nuvem, e tudo mudou. Nossa queda ficou mais lenta. O ar ficou quente e doce. A luz do sol se intensificou, quase me cegando.

Batemos no chão. Bom, foi mais ou menos isso. Meus pés tocaram lentamente uma grama recém-cortada, e eu quiquei, parecendo pesar apenas dez quilos. Saltei como um astronauta pelo gramado até recuperar o equilíbrio.

Apertei os olhos sob a luz intensa do sol, tentando ver onde eu estava: hectares de paisagem, árvores altas, uma casa grande ao longe. Tudo parecia envolto em fogo. Em qualquer direção que eu me virasse, a sensação era de que tinha um holofote na minha cara.

Hearthstone segurou meu braço. Ele me entregou alguma coisa: um par de óculos de sol bem escuros. Eu os coloquei no rosto, e o ardor intenso nos meus olhos diminuiu.

— Obrigado — murmurei. — É claro assim o tempo todo?

Hearthstone franziu a testa. Eu devia estar arrastando as palavras. Ele estava tendo dificuldade para ler meus lábios. Repeti a pergunta em linguagem de sinais.

Sempre, concordou Hearth. *Você se acostuma.*

Ele olhou ao redor como se procurasse ameaças.

Pousamos em um gramado na frente de uma grande propriedade. Muros baixos de pedra contornavam a fazenda, uma área do tamanho de um campo de golfe com canteiros de flores bem-cuidados e árvores finas e longas, como se a gravidade tivesse se invertido e as puxado para cima. A casa era uma mansão no estilo Tudor, e tinha janelas com vitrais e torres cônicas.

Quem mora aqui?, sinalizei para Hearth. *O presidente de Álfaheim*?

Só uma família. Os Makepiece. Ele soletrou o nome.

Eles devem ser importantes, sinalizei.

Hearth deu de ombros.

São comuns. Classe média.

Eu ri, mas percebi depois que ele não tinha feito uma piada. Se aquela era a casa de uma família de classe média em Álfaheim, eu não queria dividir a conta do almoço com ninguém da classe alta.

Precisamos ir, sinalizou Hearth. *Os Makepiece não gostam de mim*. Ele ajeitou o cachecol que servia de alças em Blitzen, que devia pesar o mesmo que uma mochila comum em Álfaheim.

Juntos, nós seguimos para a estrada.

Tenho que admitir, a gravidade mais leve me fez sentir… bem, mais leve. Segui em frente, percorrendo um metro e meio a cada passo. Tive que me segurar para não ir mais longe. Com minha força de einherji, se eu não tomasse cuidado, podia acabar pulando por cima de telhados de mansões de classe média.

Pelo que podia perceber, Álfaheim consistia em fileiras e mais fileiras de propriedades como a dos Makepiece, cada uma com vários hectares, cada qual com um gramado com canteiros de flores e arbustos bem-cuidados. Nas entradas de pedra, SUVs pretos de luxo cintilavam. O ar tinha cheiro de hibisco assado e notas novas de dólar.

Sam dissera que nosso percurso de voo até Norwood nos deixaria na melhor área de salto. Agora, isso fazia sentido. Da mesma maneira que Nídavellir lembrava Southie, Álfaheim me fazia pensar nos subúrbios chiques a oeste de Boston — Wellesley, talvez, com suas casas enormes e paisagens pastoris, estradas sinuosas, seus riachos pitorescos e sua aura sonolenta de total segurança… supondo que você fosse de lá.

O lado ruim era que a luz do sol era tão intensa que acentuava todas as imperfeições. Até uma folha caída ou uma flor murcha em um jardim se destacavam como um problema evidente. Minhas roupas pareciam mais sujas. Eu via todos os poros nas costas das mãos e as veias debaixo da pele.

Também entendia o que Hearthstone queria dizer sobre Álfaheim ser feita de ar e luz. O ambiente parecia irreal, como se tivesse sido construído de fibras de algodão-doce e pudesse se dissolver com um pouco de água. Ao andar pelo chão esponjoso, senti inquietação e impaciência. Os óculos escuros só aliviavam um pouco minha dor de cabeça.

Depois de alguns quarteirões, sinalizei para Hearthstone: *Aonde estamos indo?*

Ele repuxou os lábios. *Para casa.*

Segurei o braço dele e o fiz parar.

Para sua casa?, sinalizei. *Onde você cresceu?*

Hearth olhou para o muro do jardim mais próximo. Ao contrário de mim, ele não estava de óculos. Na luz brilhante do dia, os olhos do elfo cintilavam como formações de cristais.

A pedra Skofnung está na minha casa, sinalizou ele. *Com… meu pai.*

O sinal para *pai* era a mão aberta com a palma para cima e o polegar na testa. Isso me fez lembrar do L de *loser*. Considerando o que eu sabia sobre a infância de Hearth a comparação pareceu apropriada.

Certa vez, em Jötunheim, eu curei Hearth. Naquela ocasião, tive um vislumbre da dor que ele carregava dentro de si. Ele tinha sido maltratado e humilhado quando criança, principalmente por causa da surdez. O irmão dele morrera (eu não sabia os detalhes), e os pais haviam culpado Hearth. Ninguém teria vontade de voltar para uma casa assim.

Eu me lembrei da intensidade com que Blitzen protestara contra a ideia, mesmo sabendo que ia morrer. *Não faça Hearth voltar pra lá. Não vale a pena, garoto.*

Mas ali estávamos nós.

Por quê?, sinalizei. *Por que seu pai* (loser) *teria a pedra Skofnung?*

Em vez de responder, Hearthstone assentiu na direção pela qual tínhamos vindo. Tudo era tão brilhante no mundo elfo que eu só reparei nas luzes quando o carro preto parou diretamente atrás de nós. Na grade da frente do sedã, luzes sequenciais vermelhas e azuis pulsavam. Atrás do para-brisa, dois elfos de terno nos olhavam de cara feia.

O Departamento de Polícia de Álfaheim chegara para dar oi.

* * *

— Podemos ajudar? — perguntou o primeiro policial.

Nesse momento, eu soube que estávamos encrencados. Por experiência própria, podia afirmar que nenhum policial perguntava *podemos ajudar* se tivesse o desejo real de ajudar. Outra prova: a mão do policial estava apoiada no cabo da arma.

O segundo policial saiu pelo lado do carona, parecendo também pronto a dar uma ajuda bem fatal.

Os dois elfos estavam vestidos como detetives à paisana, com ternos escuros e gravatas de seda, os distintivos presos no cinto. O cabelo curto deles era tão louro quanto o de Hearthstone. Tinham os mesmos olhos claros e as expressões estranhamente calmas.

Fora isso, não se pareciam em nada com meu amigo. Os policiais aparentavam ser mais altos, mais magros e mais esquisitos. Emanavam um ar frio de desdém, como se tivessem aparelhos pessoais de ar-condicionado instalados embaixo do colarinho.

Outra coisa que achei estranha: *eles falavam*. Eu tinha passado tanto tempo com Hearthstone, que se comunicava num silêncio eloquente, que ouvir a voz de um elfo era perturbador. Parecia errado.

Os dois policiais olharam para Hearthstone. Era como se eu não existisse.

— Eu fiz uma pergunta, amigo — disse o primeiro policial. — Tem algum problema aqui?

Hearthstone balançou a cabeça. Ele recuou, mas eu segurei seu braço. Recuar só tornaria tudo pior.

— Nós estamos bem — falei. — Obrigado, policiais.

Os detetives me olharam como se eu fosse de outro mundo, coisa que, para ser justo, eu era mesmo.

A identificação no distintivo do primeiro policial dizia SUNSHINE, tipo raio de sol. Ele não parecia muito um raio de sol. Por outro lado, acho que eu também não parecia muito magno.

A identificação do segundo policial dizia WILDFLOWER, flor silvestre. Com um nome desses, eu esperaria que ele estivesse usando uma camisa florida ou pelo menos um lenço colorido, mas o traje dele era tão sem-graça quanto o do companheiro.

Sunshine franziu o nariz como se eu tivesse o fedor do dólmen de um *draugr*.

— Onde você aprendeu élfico, obtuso? Seu sotaque é horrível.

— *Obtuso?* — indaguei.

Wildflower deu uma risadinha para o companheiro.

— Quer apostar que élfico não é a língua materna dele?

Eu queria deixar claro que eu era um humano falando inglês e que aquela *era* minha língua materna. E a única que eu falava, aliás. Élfico e inglês eram a mesma coisa, assim como a linguagem élfica de sinais de Hearth e a linguagem de sinais que a gente usava nos Estados Unidos.

Eu duvidava que os policiais fossem ouvir ou dar atenção. A maneira como eles falavam *era* estranha aos meus ouvidos: um sotaque meio antiquado e aristocrático que eu tinha ouvido em documentários e filmes dos anos 1930.

— Olhem — comecei —, nós só estamos fazendo uma caminhada.

— Em um bairro chique — disse Sunshine —, onde suponho que vocês não moram. Os Makepiece do fim da rua fizeram uma queixa. Pessoas invadindo, vadiando. Levamos esse tipo de coisa a sério, obtuso.

Tive que controlar minha raiva. Como sem-teto, eu era alvo frequente de maus-tratos por parte da polícia. Meus amigos de pele mais escura sofriam ainda mais. Então, durante os dois anos que morei na rua, adquiri um novo nível de cautela quando lidava com policiais "simpáticos".

Ainda assim… não gostei de ser chamado de *obtuso*. Seja lá o que isso fosse.

— Policiais, estamos andando há uns cinco minutos. Estamos indo para a casa do meu amigo. Como isso pode ser vadiagem?

Hearthstone sinalizou para mim: *Cuidado.*

Sunshine franziu a testa.

— O que foi isso? Algum sinal de gangue? Fale élfico.

— Ele é surdo — esclareci.

— Surdo? — O rosto de Wildflower se franziu de nojo. — Que tipo de elfo…?

— Opa, parceiro. — Sunshine engoliu em seco. Puxou a gola como se o ar-condicionado pessoal tivesse parado de funcionar. — Esse é…? Só pode ser… você sabe, o filho do sr. Alderman.

A expressão de Wildflower mudou de desprezo para medo. Teria sido satisfatório de olhar, não fosse o fato de um policial temeroso ser *bem* mais perigoso do que um enojado.

— Sr. Hearthstone? — perguntou Wildflower. — É o senhor?

Hearthstone assentiu de modo sombrio.

Sunshine falou um palavrão.

— Tudo bem. Os dois, no carro.

— Opa, por quê? — perguntei. — Se vocês vão nos prender, quero saber quais são as acusações…

— Nós não vamos prender vocês, obtuso — rosnou Sunshine. — Vamos levá-los para a casa do sr. Alderman.

— Depois disso — acrescentou Wildflower —, você não vai mais ser problema nosso.

O tom dele fez parecer que não seríamos problema de *ninguém*, pois seríamos enterrados embaixo de um lindo canteiro de flores em algum lugar. A última coisa que eu queria era entrar naquele carro, mas os policiais bateram os dedos nas armas élficas, nos mostrando quanto estavam preparados para ajudar.

Subi no banco de trás do carro.

Vinte e dois

Tenho quase certeza de que o pai de Hearthstone é um alienígena abdutor de vacas

ERA O CARRO de polícia mais chique em que eu já havia entrado, e olha que não tinham sido poucos. O interior de couro preto tinha cheiro de baunilha. O vidro que separava os bancos da frente do de trás estava tinindo de tão limpo. O banco tinha função de massagem, para eu poder relaxar depois de um dia puxado de vadiagem. Obviamente, serviam só os criminosos mais refinados em Álfaheim.

Depois de um quilômetro e meio de viagem confortável, saímos da rua principal e paramos em frente a um portão de ferro com um A rebuscado. De ambos os lados, os muros de pedra de mais ou menos três metros de altura tinham pontas decorativas para impedir a invasão da ralé de classe média que morava no fim da rua. Do alto do portão, câmeras de segurança se viraram para nos avaliar.

O portão foi aberto. Quando entramos na propriedade da família de Hearthstone, meu queixo quase caiu. E eu achava a mansão da *minha* família constrangedora.

O jardim da frente era maior do que o parque Boston Common. Cisnes deslizavam por um lago rodeado de salgueiros. Seguimos por duas pontes diferentes para passar por um riacho sinuoso, por outros quatro jardins e por um segundo portão antes de chegar à casa principal, que parecia uma versão pós-moderna do castelo da Bela Adormecida na Disney — paredes de tábuas brancas e cinza se projetavam em ângulos estranhos, torres estreitas feito canos de órgão, vitrais enormes de vidro laminado e uma

porta de entrada de aço polido tão grande que devia ter que ser aberta por trolls puxando correntes.

Hearthstone mexia na bolsa de runas e olhava ocasionalmente para o porta-malas do carro, onde os policiais tinham guardado Blitzen.

Eles só falaram quando paramos em frente à porta principal.

— Para fora — disse Wildflower.

Assim que Hearthstone estava livre, ele andou até a parte de trás do carro e batucou na traseira.

— Tá, tudo bem. — Sunshine abriu o porta-malas. — Mas não sei por que você se importa. Deve ser o anão de jardim mais *feio* que já vi.

Hearthstone tirou Blitzen do porta-malas com delicadeza e apoiou o anão de granito no ombro.

Wildflower me empurrou na direção da porta.

— Anda, obtuso.

— Ei! — Eu quase peguei o pingente, mas me controlei. Pelo menos os policiais agora estavam tratando Hearthstone como intocável, mas ainda pareciam perfeitamente à vontade me empurrando de um lado para outro. — Seja lá o que *obtuso* queira dizer, eu não sou isso — resmunguei.

Wildflower riu com deboche.

— Você se olhou no espelho recentemente?

Percebi que, em comparação com os elfos, todos finos, delicados e lindos, eu devia parecer quadrado e desajeitado: *obtuso*. Tive a sensação de que o termo também queria dizer mentalmente lento, afinal, por que insultar alguém em um nível se você pode insultar em dobro?

Fiquei tentado a despejar minha vingança nos policiais pedindo a Jacques para cantar algumas canções de sucesso. Antes que eu tivesse a oportunidade, Hearthstone segurou meu braço e me guiou pelos degraus da frente. Os policiais ficaram atrás de nós, querendo distância de Hearthstone como se temessem que surdez pudesse ser contagiosa.

Quando chegamos ao último degrau, a grande porta de aço se abriu silenciosamente. Uma jovem veio correndo nos encontrar. Era quase tão baixa quanto Blitzen, mas tinha o cabelo louro e as feições delicadas de elfo. A julgar pelo vestido simples e pelo gorrinho branco, concluí que devia ser a empregada da casa.

— Hearth! — Os olhos dela se iluminaram de empolgação, mas ela sufocou o entusiasmo quando viu nossa escolta policial. — Quer dizer, sr. Hearthstone.

Hearth piscou, como se fosse começar a chorar. Ele sinalizou: *Oi/desculpe*, misturando as duas palavras em uma só.

O policial Wildflower pigarreou.

— Seu mestre está em casa, Inge?

— Ah… — Inge engoliu em seco. Olhou para Hearthstone e para os policiais novamente. — Sim, senhor, mas…

— Vá chamá-lo — disse Sunshine com rispidez.

Inge se virou e correu para dentro da casa. Enquanto se afastava, reparei em uma coisa pendurada na parte de trás da saia: um fio de pelo marrom e branco, desfiado na ponta como franjas decorativas. Mas o fio se moveu, e percebi que se tratava de algo vivo.

— Ela tem uma cauda de vaca — deixei escapar.

Sunshine riu.

— Bem, ela é uma huldra. Seria ilegal se escondesse a cauda. Teríamos que prendê-la sob acusação de incorporar um elfo respeitável.

O policial lançou um olhar rápido para Hearth, deixando claro que sua definição de *elfo respeitável* também não incluía meu amigo. Wildflower sorriu.

— Acho que o garoto nunca viu uma huldra, Sunshine. Qual é o problema, obtuso? Não existem espíritos da floresta domesticados no mundo do qual você rastejou?

Não respondi, mas em pensamento eu estava imaginando Jacques cantando músicas da Selena Gomez a plenos pulmões nos ouvidos dos policiais. Aquele pensamento me confortou.

Olhei para o saguão, uma colunata de pedras brancas iluminada pelo sol e claraboias de vidro, que, apesar disso, conseguia parecer claustrofóbico. Eu me perguntei o que Inge achava de ter que exibir a cauda o tempo todo. Era fonte de orgulho mostrar sua identidade, ou aquilo era visto como uma punição, um lembrete constante do seu status inferior? Decidi que a coisa realmente horrível era juntar as duas situações: *mostre-nos quem você é; agora, sinta-se mal por isso.* Não era muito diferente de Hearth sinalizando *oi* e *desculpe* como uma única palavra.

Senti a presença do sr. Alderman antes de vê-lo. O ar ficou mais frio e tinha um aroma de menta. Os ombros de Hearthstone baixaram, como se a gravidade fosse agora a de Midgard. Ele ajustou Blitzen no meio das costas, como se para escondê-lo. As bolinhas no cachecol do elfo pareceram oscilar. Então percebi que meu amigo estava tremendo.

Passos ecoaram no piso de mármore.

O sr. Alderman apareceu, surgindo por detrás de uma coluna e se aproximando de nós.

Todos demos um passo para trás — Hearth, eu e até os policiais. O sr. Alderman tinha mais de dois metros de altura e era tão magro que parecia um daqueles alienígenas que realizavam estranhos experimentos médicos e voavam em óvnis de Roswell. Os olhos eram grandes demais. Os dedos eram delicados demais. O maxilar era tão pontudo que me perguntei se o rosto estava preso em um triângulo isósceles.

Mas ele se vestia melhor do que o viajante comum de objetos voadores não identificados. O terno cinza combinava com a blusa verde de gola alta que deixava seu pescoço parecendo ainda mais comprido. O cabelo louro platinado era arrepiado como o de Hearth. Eu via certa semelhança no nariz e na boca, mas o rosto do sr. Alderman era bem mais expressivo. Ele

parecia cruel, crítico, insatisfeito — tipo alguém que acabou de fazer uma refeição absurdamente cara e horrível e estava pensando na péssima crítica que ia escrever a respeito.

— Bem. — Os olhos dele perscrutaram o rosto do filho. — Você voltou. Pelo menos foi sensato o bastante para trazer o filho de Frey com você.

Sunshine engasgou com o próprio sorriso arrogante.

— Desculpe, senhor. Quem?

— Esse rapaz. — O sr. Alderman apontou para mim. — Magnus Chase, filho de Frey, não é?

— Isso mesmo.

Engoli o impulso de acrescentar *senhor*. Até o momento, aquele cara não estava merecendo.

Eu ainda não tinha me acostumado com as pessoas ficarem impressionadas ao saberem que meu pai era Frey. As reações costumavam variar de “Caramba, sinto muito” a “Quem é Frey?”, passando por gargalhadas histéricas.

Então, não vou mentir. Gostei de como a expressão dos policiais mudou rapidamente de desprezo para: *Ah, droga, tratamos mal um semideus*. Eu não entendi, mas gostei.

— Nós… nós não sabíamos. — Wildflower limpou uma sujeira da minha camisa, como se fosse resolver a situação. — Nós, hã…

— Obrigado, homens — interrompeu o sr. Alderman. — Eu assumo a partir daqui.

Sunshine olhou para mim boquiaberto, como se quisesse me pedir desculpas ou oferecer um cupom de cinquenta por cento de desconto para a minha próxima prisão.

— Vocês ouviram — falei. — Podem ir, policiais Sunshine e Wildflower. E não se preocupem, eu vou me lembrar de vocês.

Eles fizeram uma reverência… uma reverência *de verdade*, e saíram bem rápido para a viatura.

O sr. Alderman avaliou Hearthstone, como se estivesse procurando defeitos visíveis no filho.

— Você não mudou nada — disse ele com desgosto. — Pelo menos o anão virou pedra. Já é um avanço.

Hearthstone trincou o maxilar. E fez sinais em explosões curtas e furiosas: *O nome dele é B-L-I-T-Z-E-N.*

— Pare — exigiu Alderman. — Nada desse sacolejo ridículo de mãos. Entre. — Ele me olhou de cima a baixo com uma expressão gelada. — Temos que dar as boas-vindas ao nosso hóspede.

Vinte e três

É, o outro carro dele é mesmo um óvni

FOMOS LEVADOS ATÉ a sala de estar, onde nada parecia estar de fato. Entrava luz pelas janelas panorâmicas. O teto com pé-direito de nove metros cintilava com um mosaico prateado de luzes. O piso de mármore polido era branco a ponto de quase cegar. Cobrindo as paredes havia nichos iluminados, exibindo vários minerais, pedras e fósseis. Por toda a sala havia mais artefatos debaixo das vitrines de vidro em pódios brancos.

No que tangia a museus, bem, o espaço era ótimo. Mas como uma sala onde eu ia querer ficar… não, obrigado. Os únicos lugares para sentar eram dois bancos longos de madeira em ambos os lados de uma mesa de centro feita de aço. Acima da lareira fria, sorria para mim um gigantesco retrato a óleo de um garoto. Ele não se parecia com Hearthstone. O irmão morto, Andiron, eu supus. O terno branco do garoto e o rosto sorridente o faziam parecer um anjo. Eu me perguntei se Hearthstone alguma vez fora feliz assim quando criança. Eu duvidava. O garoto elfo sorridente era a única coisa alegre no cômodo, e o garoto elfo sorridente estava morto; congelado no tempo como os outros objetos.

Fiquei tentado a me sentar no chão em vez de nos bancos. Mas decidi tentar ser educado. Não era algo que costumava funcionar para mim, mas, de vez em quando, eu tentava.

Hearthstone colocou Blitzen no chão com cuidado. Então se sentou ao meu lado.

O sr. Alderman ficou pouco à vontade no banco em frente a nós.

— Inge — chamou ele —, traga as bebidas.

A huldra se materializou em uma porta próxima.

— Imediatamente, senhor. — Ela se afastou depressa, a cauda de vaca balançando nas dobras da saia.

O sr. Alderman lançou um olhar fulminante a Hearthstone, ou talvez aquela fosse a expressão normal dele de “uau, senti sua falta”.

— Seu quarto está como você o deixou. Imagino que deseje ficar.

Hearthstone balançou a cabeça. *Precisamos da sua ajuda. Depois, vamos partir.*

— Use o quadro, filho. — O sr. Alderman apontou para a ponta da mesa, perto de Hearth, onde havia um pequeno quadro branco com uma caneta presa a um barbante. O velho elfo olhou para mim. — O quadro o encoraja a pensar antes de falar… isso se você chamar esse sacolejo de mão de falar.

Hearthstone cruzou os braços e olhou feio para o pai.

Decidi bancar o tradutor antes que os dois resolvessem se matar.

— Sr. Alderman, Hearth e eu precisamos da sua ajuda. Nosso amigo Blitzen…

— Virou pedra — interrompeu o sr. Alderman. — Sim, deu para perceber. Água corrente traz um anão petrificado de volta. Não vejo qual é o problema.

Essa informação por si só teria feito a viagem desagradável até Álfaheim valer a pena. Senti como se o peso de um anão de granito tivesse sido tirado das minhas costas. Infelizmente, nós precisávamos de mais.

— Mas, bem, eu transformei Blitzen em pedra de propósito. Ele foi ferido por uma espada. A espada Skofnung.

A boca do sr. Alderman tremeu.

— Skofnung.

— É. Acha isso engraçado?

O sr. Alderman mostrou os dentes brancos e perfeitos.

— Vocês vieram buscar minha ajuda. Para curar esse anão. Querem a pedra Skofnung.

— Você está com ela?

— Ah, claro.

O sr. Alderman indicou um dos pódios próximos. Debaixo de uma vitrine de vidro havia um disco de pedra do tamanho de um prato de sobremesa: cinza com manchas azuis, como Loki descrevera.

— Eu coleciono artefatos dos nove mundos — explicou o sr. Alderman. — A pedra Skofnung foi uma das minhas primeiras aquisições. Foi encantada para suportar o fio mágico da espada, para afiá-la se necessário, e, claro, para oferecer cura instantânea no caso de algum portador idiota se cortar.

— Ah, que ótimo — falei. — E como se cura com ela?

O sr. Alderman riu.

— É bem simples. Basta encostar a pedra no ferimento, e ele se fecha.

— E… podemos pegá-la emprestada?

— Não.

Por que não fiquei surpreso? Hearthstone me lançou um olhar como quem diz: *É, o melhor pai dos nove mundos*.

Inge voltou com três cálices prateados em uma bandeja. Depois de servir o sr. Alderman, ela colocou um cálice na minha frente, sorriu para Hearthstone e entregou o dele. Quando seus dedos se tocaram, as orelhas de Inge ficaram vermelhas. Ela saiu correndo para… o lugar onde tinha que ficar, fora do campo de visão, mas a uma distância de ouvir um chamado.

O líquido no meu cálice parecia ouro derretido. Eu não comia nem bebia nada desde o café da manhã, então estava torcendo por sanduíches élficos e água com gás. Fiquei na dúvida se devia perguntar sobre a criação do cálice e seus feitos famosos antes de beber, como era de praxe em Nídavellir, o mundo dos anões. Alguma coisa me disse que não. Os

anões tratavam cada objeto que forjavam como únicos, merecedores de um nome. Pelo que eu tinha visto até o momento, elfos se cercavam de artefatos de valor inestimável e davam tanta atenção a eles quanto davam aos empregados. Eu duvidava que nomeassem os cálices.

Tomei um gole. Sem dúvida, era a melhor coisa que já havia bebido, com a doçura do mel, a intensidade do chocolate e a refrescância do gelo, mas tinha um gosto diferente de tudo isso. Encheu meu estômago de modo mais satisfatório do que uma refeição completa. Eu já não sentia sede. A energia que a bebida me deu fez o hidromel de Valhala parecer um energético chinfrim.

De repente, a sala foi tomada de luz caleidoscópica. Olhei para o gramado bem-cuidado, para as cercas vivas esculpidas, para as topiarias do jardim. Eu queria tirar os óculos escuros, quebrar a janela e sair saltitando alegremente por Álfaheim até o sol me cegar.

Percebi que o sr. Alderman estava me olhando, querendo saber como eu lidaria com a bebida élfica inebriante. Pisquei várias vezes para reorganizar meus pensamentos.

— Senhor — falei, porque a educação estava funcionando muito bem, não é mesmo? —, por que não quer ajudar? A pedra está bem aqui.

— Não vou ajudar porque não vou ganhar nada com isso. — Ele tomou um gole da bebida, levantando o dedo mínimo para ostentar um anel de ametista brilhante. — Meu… *filho*… Hearthstone não merece minha ajuda. Ele foi embora anos atrás sem dizer uma palavra. — Ele fez uma pausa e soltou uma gargalhada. — Sem dizer uma palavra. Bom, isso é óbvio. Mas você entende o que eu quero dizer.

Fiquei com vontade de enfiar meu cálice entre os dentes perfeitos dele, mas me controlei.

— Hearthstone foi embora. Isso é crime, por acaso?

— Devia ser. — Alderman fez uma expressão de desprezo. — Ao fazer isso, ele matou a mãe.

Hearthstone engasgou e deixou o cálice cair. Por um momento, o único som na sala foi o do cálice rolando no piso de mármore.

— Você não sabia? — perguntou o sr. Alderman. — Claro que não. Por que se importaria? Depois que foi embora, ela ficou preocupada e deprimida. Você não faz ideia de como nos constrangeu ao desaparecer. Houve boatos de você estar estudando magia de runas, logo isso, de ter se unido a Mímir e à ralé dele e de ter feito amizade com um *anão*. Bem, certa tarde, sua mãe estava atravessando a rua no vilarejo, voltando do country club. Ela tinha ouvido comentários horríveis das amigas durante o almoço. Temia que sua reputação estivesse arruinada. Não estava olhando para onde andava. Quando um caminhão de entregas avançou o sinal vermelho…

O sr. Alderman olhou para o mosaico no teto. Por um segundo, quase consegui imaginar que ele sentia emoções além da raiva. Pensei detectar tristeza nos olhos do elfo. Mas logo o olhar reprovador voltou.

— Como se causar a morte do seu irmão já não fosse ruim o bastante.

Hearthstone tentou pegar o cálice. Seus dedos pareciam feitos de argila. Ele precisou de três tentativas para equilibrá-lo na mesa. Gotas de líquido dourado sujavam as costas de sua mão.

— Hearth. — Eu toquei o braço dele. E sinalizei: *Estou aqui*.

Eu não conseguia pensar no que dizer. Queria que ele soubesse que não estava sozinho, que pelo menos uma pessoa naquela sala gostava dele. Pensei na runa que ele havia me mostrado meses antes: *perthro*, o símbolo do cálice vazio, sua runa favorita. Hearthstone foi drenado pela infância em Álfaheim. Ele escolheu encher a vida com magia de runa e uma nova família, que me incluía. Eu queria gritar para o sr. Alderman que Hearthstone era um elfo melhor do que os pais.

Mas aprendi uma coisa sendo filho de Frey: nem sempre era possível lutar as batalhas dos meus amigos. O melhor que eu podia fazer era estar presente para curar as feridas deles.

Além do mais, gritar com o sr. Alderman não nos daria aquilo de que precisávamos. Claro, eu podia conjurar Jacques, quebrar o vidro que protegia a pedra e pegá-la. Mas estava certo de que o sr. Alderman tinha seguranças de primeira. Não adiantaria nada curar Blitzen só para sermos mortos logo em seguida pela SWAT de Álfaheim. Eu nem sabia se a pedra *funcionaria* se não fosse dada por vontade própria pelo dono. Itens mágicos tinham regras estranhas, principalmente os que se chamavam Skofnung.

— Sr. Alderman. — Tentei manter a voz controlada. — O que o senhor quer em troca?

Ele ergueu uma sobrancelha platinada.

— Perdão?

— Além de deixar seu filho infeliz, claro — acrescentei. — O senhor é muito bom nisso. Mas disse que não ganharia nada nos ajudando. O que *faria* valer a pena?

Ele deu um sorriso fraco.

— Ah, um jovem que entende de negócios. De você, Magnus Chase, não quero muito. Você sabia que os vanires são nossos deuses ancestrais? O próprio Frey é nosso patrono e senhor. Toda Álfaheim foi dada a ele como presente pelo nascimento do primeiro dente quando ele era bebê.

— Então… ele mastigou vocês e cuspiu?

O sorriso do sr. Alderman sumiu.

— O que quero dizer é que um filho de Frey seria um amigo valioso para nossa família. Eu só pediria que você ficasse conosco por um tempo, talvez fosse a uma pequena recepção… só algumas centenas de amigos íntimos. Apareça e tire algumas fotos comigo para a imprensa. Essas coisas.

O líquido dourado deixou um gosto ruim na minha boca. Tirar fotos com o sr. Alderman pareciam algo quase tão doloroso quanto ser decapitado pelo garrote de Alex.

— O senhor está preocupado com a própria reputação — falei. — Tem vergonha do seu filho e quer que *eu* te dê uma moral.

Os grandes olhos alienígenas do elfo se estreitaram, deixando-os quase do tamanho normal.

— Não conheço essa expressão, filho de Frey, mas acredito que estejamos na mesma página.

— Ah, eu entendo. — Olhei para Hearthstone em busca de orientação, mas ele continuava com o olhar perdido e infeliz. — Então, sr. Alderman, eu aceito sua proposta de sessão de fotos e o senhor nos dá a pedra?

— Ah, bem… — Alderman tomou um longo gole do cálice. — Eu esperaria alguma coisa do meu filho cabeça-dura também. Ele tem assuntos pendentes por aqui. Precisa recompensar. Precisa pagar seu *wergild*.

— O que é *wergild*?

Eu rezei silenciosamente para não ser alguma coisa parecida com um lobo ou lobisomem.

— Hearthstone sabe o que quero dizer. — O sr. Alderman olhou para o filho. — Nem um único pelo pode aparecer. Você sabe o que deve ser feito, o que devia ter feito anos atrás. Enquanto cuida disso, seu amigo vai ficar hospedado em nossa casa.

— Espere aí. De quanto tempo estamos falando? Temos um evento importante para ir em menos de quatro dias.

O sr. Alderman mostrou os dentes brancos de novo.

— Bem, então é melhor Hearthstone se apressar. — Ele se levantou e gritou: — Inge!

A huldra se aproximou correndo com um pano de prato nas mãos.

— Providencie o necessário para meu filho e seu convidado — ordenou o sr. Alderman. — Eles vão ficar hospedados no antigo quarto de Hearthstone. E, Magnus Chase, nem pense em me desafiar. Minha casa,

minhas regras. Se você tentar pegar a pedra, as coisas não vão terminar bem para você, filho de Frey ou não.

Ele jogou o cálice no chão, como se não pudesse permitir que Hearthstone tivesse o derramamento de líquido mais impressionante.

— Limpe isso — disse ele rispidamente para Inge antes de sair da sala.

Vinte e quatro

Ah, você quer respirar? Pague mais três moedas

O QUARTO DE Hearthstone? Parecia mais a "câmara de isolamento de Hearthstone".

Depois de limpar a sujeira (nós insistimos em ajudar), Inge nos guiou por uma escadaria ampla até o segundo andar, por um corredor coberto de tapeçarias luxuosas e artefatos expostos até uma porta simples de metal. Ela a abriu com uma chave grande e antiquada, embora a ação tenha feito Inge se encolher como se a porta estivesse em chamas.

— Peço desculpas — disse ela. — As trancas da casa são todas feitas de ferro. É incômodo para espíritos da floresta como eu.

A julgar pelo suor em seu rosto, acho que ela quis dizer *doloroso* em vez de incômodo. Concluí que o sr. Alderman não devia querer Inge destrancando muitas portas, ou talvez ele só não se importasse com seu sofrimento.

Dentro, o quarto era quase do tamanho da minha suíte em Valhala, mas enquanto minha suíte era feita para ser tudo o que eu pudesse querer, aquele lugar era feito para não ser nada que Hearthstone pudesse querer. Diferentemente de todas as partes da casa que eu tinha visto, o quarto não tinha janelas. Fileiras de luzes fluorescentes brilhavam intensamente no teto, oferecendo a ambientação de uma loja de móveis. No chão, em um canto, havia um colchão de solteiro forrado com lençóis brancos. Sem cobertor, sem edredom, sem travesseiro. À esquerda, uma porta levava ao que supus ser o banheiro. À direita, um armário estava aberto, deixando à

mostra exatamente um traje: um terno branco mais ou menos do tamanho de Hearth, mas, fora isso, idêntico ao terno do retrato de Andiron lá embaixo.

Nas paredes, quadros brancos como os usados em salas de aula exibiam listas de tarefas em letra de forma.

Algumas listas estavam escritas com pilot preto:

LAVAR A PRÓPRIA ROUPA, DUAS VEZES POR SEMANA = +2 MOEDAS
VARRER O CHÃO, OS DOIS ANDARES = +2 MOEDAS
TAREFAS DE VALOR = +5 MOEDAS

Outras estavam escritas com pilot vermelho:

CADA REFEIÇÃO = −3 MOEDAS
UMA HORA DE TEMPO LIVRE = −3 MOEDAS
FRACASSOS CONSTRANGEDORES = −10 MOEDAS

Contei umas doze listas assim, junto com centenas de frases motivacionais como: NUNCA SE ESQUEÇA DAS SUAS RESPONSABILIDADES. LUTE PARA TER VALOR. A NORMALIDADE É A CHAVE DO SUCESSO.

Senti como se estivéssemos cercados de adultos enormes com o dedo em riste, despejando vergonha, me deixando cada vez menor. E eu só estava ali havia um minuto. Não conseguia imaginar como seria *morar* ali.

E os quadros brancos dos Dez Mandamentos não eram a coisa mais estranha ali. Esticado no chão estava o couro azul de um animal enorme. A cabeça fora removida, mas as quatro patas ainda tinham as garras, lâminas curvas de marfim que seriam anzóis perfeitos para pegar tubarões-brancos. Havia moedas de ouro em cima da pele, talvez duzentas ou trezentas, cintilando no mar de denso pelo azul.

Hearthstone depositou Blitzen delicadamente ao pé do colchão. Olhou os quadros brancos, o rosto uma máscara de ansiedade, como se procurasse sua nota em uma lista de resultado de provas.

— Hearth? — Fiquei tão chocado com o quarto que não conseguia formar uma pergunta coerente, tipo *Por quê?* ou *Posso quebrar os dentes do seu pai?*.

Ele fez um dos primeiros sinais que me ensinou, ainda nas ruas, quando estava me ajudando a ficar longe de confusão. Cruzou dois dedos e passou pela palma da outra mão, como se estivesse escrevendo uma multa: *Regras*.

Minhas mãos demoraram um momento para lembrar como fazer sinais. *Seus pais fizeram isso para você?*

Regras, repetiu ele. Seu rosto revelava pouco. Comecei a me perguntar se, quando era criança, Hearthstone sorria mais, chorava mais, demonstrava *alguma* emoção. Talvez tenha aprendido a controlar as expressões como forma de defesa.

— Mas por que os preços? — perguntei. — Parece um cardápio…

Olhei para as moedas douradas no tapete de couro.

— Espere, as moedas eram sua mesada? Ou… seu *pagamento*? Por que as jogava no tapete?

Inge estava parada em silêncio na porta, com o rosto baixo.

— É o couro do animal — disse ela, também sinalizando as palavras. — O que matou o irmão dele.

Minha boca ficou com gosto de ferrugem.

— Andiron?

Inge assentiu. Ela olhou para trás, provavelmente com medo de o mestre aparecer.

— Aconteceu quando Andiron tinha sete anos, e Hearthstone, oito. — Enquanto falava, ela sinalizava de maneira quase tão fluente quanto Hearth, como se tivesse praticado por anos. — Eles estavam brincando no bosque nos fundos da casa. Tem um velho poço…

Ela hesitou e olhou para Hearthstone, pedindo permissão para dizer mais.

Hearthstone estremeceu.

Andiron amava aquele poço, sinalizou ele. *Achava que concedia desejos. Mas tinha um espírito maligno…*

Ele fez uma estranha combinação de sinais: um A de água, depois apontou para baixo, o símbolo de poço. Depois fez um V na frente de um dos olhos, o sinal de fazer xixi. (Nós usávamos muito esse nas ruas, também.) Juntos, parecia que ele estava chamando o espírito maligno de *Xixi No Poço*.

Eu franzi a testa para Inge.

— Ele disse…?

— Sim — confirmou ela. — É o nome do espírito. Na linguagem antiga, se chama *brunnmigi*. Ele saiu do poço e atacou Andiron na forma… *daquilo*. Uma criatura grande e azulada, uma mistura de urso e lobo.

Sempre os lobos azuis. Eu os odiava.

— E matou Andiron — resumi.

Na luz fluorescente, o rosto de Hearthstone parecia tão petrificado quanto o de Blitzen. *Eu estava brincando com umas pedras*, sinalizou ele. *Estava de costas. Eu não ouvi. Eu não podia…*

Ele prendeu a respiração.

— Não foi sua culpa, Hearth — disse Inge.

Ela parecia muito jovem com o vestido azul-claro, as bochechas rosadas e cheias, o cabelo louro encaracolado saindo pelas beiradas do gorrinho, mas falava como se tivesse presenciado o ataque.

— Você estava lá? — perguntei.

Ela ficou ainda mais vermelha.

— Não exatamente. Eu era só uma garotinha, mas minha mãe trabalhava como empregada do sr. Alderman. Eu… eu me lembro de Hearthstone correndo para dentro de casa, chorando, sinalizando um pedido de ajuda. Ele e o sr. Alderman saíram correndo de novo. E, mais tarde… o sr. Alderman voltou carregando o corpo do mestre Andiron.

A cauda de vaca tremeu e roçou na moldura da porta.

— O sr. Alderman matou o *brunnmigi*, mas fez Hearthstone… tirar o couro da criatura sozinho. Hearthstone só teve permissão de voltar para casa depois de terminar. Quando o couro estava curtido e foi transformado em tapete, ele colocou aqui.

— Deuses.

Eu andei pelo quarto. Tentei apagar algumas das palavras de um quadro branco, mas elas estavam escritas com marcador permanente. Claro.

— E as moedas? — perguntei. — Os itens do cardápio?

Minha voz saiu mais dura do que eu pretendia. Inge se encolheu.

— O *wergild* de Hearthstone — disse ela. — A dívida de sangue pela morte do irmão.

Cubra o tapete, Hearthstone sinalizou mecanicamente, como se estivesse citando uma coisa que tinha ouvido um milhão de vezes. *Ganhe moedas de ouro até não dar para ver um único pelo. Aí, minha dívida estará paga.*

Olhei para a lista de valores, os mais e os menos do livro-caixa da culpa de Hearthstone. Olhei para as moedas cintilantes jogadas em uma área de pelo azul. Imaginei Hearthstone com oito anos, tentando ganhar dinheiro para cobrir uma pequena porção daquele tapete enorme.

Estremeci, mas não consegui afastar a raiva.

— Hearth, eu achava que seus pais batiam em você. Isso é ainda pior.

Inge retorceu as mãos.

— Ah, não, senhor, surras são apenas para os empregados. Mas você está certo. A punição do sr. Hearthstone é muito mais difícil.

Surras. Inge mencionou como se fosse um fato infeliz da vida, como biscoitos queimados ou pias entupidas.

— Eu vou destruir este lugar — decidi. — Vou jogar seu pai…

Hearthstone me olhou nos olhos. Minha raiva ficou engasgada na garganta. Não era coisa minha. Não era a minha história. Mesmo assim…

— Hearth, nós não podemos fazer esse joguinho doentio. Ele quer que você complete esse *wergild* como condição para nos ajudar? É impossível! Sam vai se casar com um gigante em quatro dias. Nós não podemos pegar a pedra? Viajar para outro mundo antes de Alderman perceber?

Hearth balançou a cabeça.

A pedra Skofnung tem que ser dada como presente. Só funciona se for entregue por vontade própria.

— E tem guardas — acrescentou Inge. — Espíritos seguranças que… você não quer conhecer.

Eu esperava todas essas coisas, mas isso não me impediu de falar palavrões até as orelhas de Inge ficarem vermelhas.

— E magia de runa? — perguntei. — Você não consegue conjurar ouro suficiente para cobrir a pele?

Wergild *não pode ser por trapaça*, sinalizou Hearth. *O ouro precisa ser conquistado ou ganhado por esforço próprio.*

— Isso vai levar anos!

— Talvez não leve tanto tempo — murmurou Inge, como se falasse com o tapete azul. — Há um jeito.

Hearth se virou para ela. *Como?*

Inge retorceu as mãos, nervosa. Eu não sabia se ela estava ciente de que estava fazendo o sinal de *casamento*.

— Eu… eu não quero me intrometer. Mas tem o Cauteloso.

Hearth levantou as mãos no gesto universal de: *Você está de brincadeira?* Ele sinalizou: *O Cauteloso é só uma lenda.*

— Não — disse Inge. — Eu sei onde ele está.

Hearth olhou para ela, consternado. *Mesmo assim. Não. Perigoso demais. Todo mundo que tenta roubá-lo acaba morto*.

— Nem todo mundo — retrucou Inge. — Seria perigoso, mas você conseguiria, Hearth. Eu *sei* que conseguiria.

— Espere — falei. — Quem é o Cauteloso? Do que vocês estão falando?

— Tem… tem um anão — disse Inge. — O único anão em Álfaheim além de… — Ela indicou nosso amigo petrificado. — O Cauteloso tem um estoque de ouro grande o bastante para cobrir esse tapete. Posso dizer onde encontrá-lo… se vocês não se importarem com as chances meio altas de morrerem.

Vinte e cinco

Hearthstone,
o destruidor de corações

NÃO SE DEVE fazer um comentário sobre morte iminente e depois dizer:

— Boa noite! Conversamos amanhã!

Mas Inge insistiu que devíamos ir atrás do anão apenas na manhã seguinte. Ela notou que precisávamos descansar. Levou roupas, comida, bebida e uns travesseiros. Depois, saiu correndo, talvez para limpar algum líquido derramado, tirar o pó de algum artefato ou pagar cinco moedas ao sr. Alderman pelo privilégio de ser sua empregada.

Hearth não queria falar sobre o anão assassino Cauteloso e nem sobre o ouro da criatura. Não queria ser consolado pela morte da mãe nem pelo pai vivo. Depois de uma refeição rápida e melancólica, ele sinalizou *Preciso dormir* e desabou no colchão.

Só de raiva, decidi dormir no tapete azul. Claro que era sinistro, mas com que frequência você pode se deitar em pele de Xixi No Poço cem por cento genuína?

Hearthstone já havia contado que o sol nunca se punha em Álfaheim. Apenas chegava perto do horizonte e voltava para o alto, como o verão no Ártico. Eu me perguntei se teria dificuldade para dormir se não houvesse noite. Mas não precisava ter me preocupado: no quarto sem janelas de Hearthstone, um clique no interruptor me deixou na escuridão total.

Eu tivera um dia longo, lutando contra zumbis democráticos e sendo largado de um avião nos subúrbios abastados de Elitistaheim. A pele da

criatura do mal era surpreendentemente quente e confortável. Antes que eu percebesse, apaguei em um sono não muito tranquilo.

Falando sério, não sei se há um deus nórdico dos sonhos, mas, se houver, vou encontrar a casa dele e destruir seu colchão com um machado.

Fui exposto a uma confusão de imagens perturbadoras, nenhuma delas fazendo muito sentido. Vi o barco do tio Randolph emborcando na tempestade, ouvi as filhas dele gritando de dentro da cabine de comando. Sam e Amir, que não tinham motivo algum para estar lá, encontravam-se em lados opostos do convés, tentando alcançar a mão um do outro até que uma onda quebrou sobre eles e os jogou no mar.

O sonho mudou. Vi Alex Fierro na sua suíte em Valhala, jogando vasos de cerâmica pelo átrio. Loki estava no quarto dela, ajeitando casualmente a gravata estampada no espelho enquanto vasos passavam por ele e se quebravam na parede.

— É um pedido tão simples, Alex — disse ele. — A alternativa vai ser desagradável. Você acha que só porque morreu não tem mais nada a perder? Você está *muito* enganada.

— Sai daqui! — gritou Alex.

Loki se virou, mas ele não era mais *ele*. O deus tinha se transformado em uma mulher com longos cabelos ruivos e olhos impressionantes, com um vestido de gala verde-esmeralda valorizando suas curvas.

— Calma, meu amor — ronronou ela. — Lembre-se das suas origens.

As palavras reverberaram, destruindo a cena.

Depois me vi em uma caverna com poças sulfúricas borbulhantes e grossas estalagmites. O deus Loki, vestindo apenas uma tanga, estava preso a três colunas de pedra — os braços bem abertos, as pernas unidas, tornozelos e punhos amarrados com fios escuros brilhantes de entranhas endurecidas. Havia uma serpente verde enorme enrolada em uma estalactite acima da cabeça dele, com a boca aberta, os dentes pingando

veneno nos olhos do deus. Mas, em vez de gritar, Loki ria enquanto o rosto queimava.

— Logo, logo, Magnus! — gritou o deus. — Não esqueça seu convite para o casamento!

Outra cena: uma encosta em Jötunheim, no meio de uma nevasca. No cume da montanha estava o deus Thor, a barba ruiva e o cabelo desgrenhado salpicados de gelo, os olhos em chamas. Usando capa de pele grossa, com as roupas de couro cobertas de neve, ele parecia o Abominável Homem-Biscoito das Neves. Mil gigantes subiam o aclive para matá-lo; um exército de seres enormes e musculosos, de armaduras feitas de placas de pedra, com lanças do tamanho de sequoias.

Com suas manoplas, Thor levantou o martelo, o poderoso Mjölnir. A cabeça era um bloco de ferro com a forma de uma tenda de circo achatada, arredondado dos lados e pontudo no meio. Desenhos de runas serpenteavam pelo metal. Thor segurava o martelo com as duas mãos, o cabo de Mjölnir tão curto que era quase cômico, como uma criança levantando uma arma pesada demais para ela. O exército de gigantes riu e debochou.

Então, Thor golpeou com o martelo. Aos seus pés, a lateral da montanha explodiu. Gigantes saíram voando em um turbilhão de pedras e neve, com relâmpagos estourando entre eles, filetes famintos de energia os queimando até virarem cinzas.

O caos cessou. Thor olhou para os mil inimigos, agora mortos, cobrindo a encosta da montanha. E, depois, dirigiu-se a mim.

— Você acha que posso fazer isso com um *cajado*, Magnus Chase? — gritou ele. — ACHE LOGO ESSE MARTELO!

E então, por ser Thor, ele levantou a perna direita e peidou um trovão.

* * *

Na manhã seguinte, Hearthstone me acordou.

Eu estava com a sensação de que havia passado a noite toda fazendo levantamento de Mjölnir, mas consegui cambalear até o chuveiro e me vestir com brim e linho élficos. Precisei enrolar as mangas e as bainhas umas dezesseis vezes para caber na roupa.

Eu não estava muito a fim de deixar Blitzen para trás, mas Hearthstone concluiu que nosso amigo estaria mais seguro aqui do que aonde estávamos indo. Nós o colocamos no colchão e o cobrimos. Em seguida, nos esgueiramos para fora da casa, felizmente sem encontrar o sr. Alderman.

Inge havia combinado de nos encontrar nos fundos da propriedade. Ela já estava nos esperando lá, onde o gramado bem-cuidado levava a uma linha irregular de árvores e vegetação baixa. O sol estava alto de novo, deixando o céu laranja-avermelhado. Mesmo de óculos escuros, meus olhos gritavam de dor. O belo nascer do sol idiota do Mundo Élfico idiota.

— Não tenho muito tempo — disse Inge, meio nervosa. — Comprei um intervalo de dez minutos com o mestre.

Isso me deixou com raiva outra vez. Eu queria perguntar quanto custaria comprar dez minutos pisoteando o sr. Alderman com chuteiras, mas concluí que não devia desperdiçar o tempo valioso de Inge.

Ela apontou para o bosque.

— O lar de Andvari fica no rio. Sigam a corrente até a cachoeira. Ele vive na lagoa na base dela.

— Andvari? — perguntei.

Ela assentiu com inquietação.

— É o nome dele; o Cauteloso em linguagem antiga.

— E esse anão mora debaixo d'água?

— Na forma de um peixe — disse Inge.

— Ah. Naturalmente.

Hearthstone sinalizou para Inge: *Como você sabe disso?*

— Eu… bem, mestre Hearthstone, as huldras ainda têm um pouco de magia da natureza. Não devemos usar, mas… eu senti o anão na última vez que fui ao bosque. O sr. Alderman só tolera essa parte de natureza selvagem na propriedade porque… você sabe, uma huldra precisa de uma floresta por perto para sobreviver. E ele sempre pode… contratar mais empregados lá.

Ela disse *contratar*. Eu ouvi *capturar*.

A sessão de dez minutos de pisoteio com chuteira estava parecendo cada vez mais tentadora.

— Então esse anão… — eu falei —, o que ele está fazendo em Álfaheim? A luz do sol não o transforma em pedra?

A cauda de vaca de Inge estremeceu.

— De acordo com os boatos que ouvi, Andvari tem mais de mil anos. Ele tem magia poderosa. A luz do sol quase não o afeta. Além do mais, ele fica nas profundezas mais escuras da lagoa. Eu… eu acho que ele pensou que Álfaheim era um lugar seguro para se esconder. O ouro dele já foi roubado antes, por anões, humanos e até por deuses. Mas quem procuraria um anão e seu tesouro aqui?

Obrigado, Inge, sinalizou Hearth.

A huldra corou.

— Só tome cuidado, mestre Hearth. Andvari é ardiloso. O tesouro dele deve estar escondido e protegido por vários tipos de encantamento. Sinto muito por só poder dizer onde encontrá-lo, não como derrotá-lo.

Hearthstone deu um abraço em Inge. Fiquei com medo de o gorrinho da pobre garota voar longe como uma tampa de garrafa.

— Eu… por favor… boa sorte!

Ela saiu correndo.

Eu me virei para Hearthstone.

— Ela é apaixonada por você desde que vocês eram crianças?

Hearth apontou para mim e fez um círculo com o dedo na lateral da cabeça. *Você está maluco*.

— Sei lá, cara. Só estou feliz por você não ter dado um beijo nela. Ela teria desmaiado.

Hearthstone soltou um grunhido irritado. *Venha. Temos um anão para roubar.*

Vinte e seis

Nós explodimos todos os peixes

Eu já tinha caminhado por florestas em Jötunheim. Já tinha morado nas ruas de Boston. E, por algum motivo, o trecho de terra não cultivada atrás da Mansão Alderman parecia ainda mais perigoso.

Ao olhar para trás, eu ainda avistava as torres da casa acima das árvores. Ouvia o trânsito na rua. O sol brilhava com a alegria de sempre. Mas, debaixo das árvores retorcidas, a sombra era persistente. Raízes e pedras pareciam determinadas a me fazer tropeçar. Nos galhos mais altos, pássaros e esquilos me olhavam de cara feia. Era como se aquele trecho de natureza estivesse se esforçando muito para permanecer selvagem com o intuito de evitar ser transformado em um jardim.

Se nós virmos você trazendo uma tesoura de poda para cá, as árvores pareciam dizer, *vamos fazer você comê-la inteirinha.*

Gostei da atitude, mas tornou nossa caminhada meio tensa.

Hearthstone parecia saber para onde estava indo. A ideia de Andiron e Hearthstone brincando neste bosque quando pequenos renovou meu respeito pela coragem deles. Depois de abrir caminho por alguns hectares de arbustos espinhentos, nós saímos em uma clareira pequena com uma pilha de pedras no meio.

— O que é isso? — perguntei.

A expressão de Hearthstone era tensa e sofrida, como se ele ainda estivesse avançando em meio à floresta espinhenta. Ele sinalizou: *O poço.*

A melancolia do lugar penetrava pelos meus poros. Aquele era o local onde o irmão dele havia morrido. O sr. Alderman devia ter enchido o poço, ou talvez tenha forçado Hearthstone a fazer isso depois que terminou de

arrancar a pele da criatura do mal. O ato devia ter valido algumas moedas de ouro para Hearth.

Fiz um círculo com o punho no peito, o sinal de *Sinto muito*.

Hearth ficou me olhando como se não compreendesse o sentimento. Ajoelhou-se ao lado do monte e pegou uma pedrinha no alto. Entalhada nela em vermelho-escuro havia uma runa:

Othala. *Herança*. O mesmo símbolo que a filhinha de Randolph, Emma, estava segurando no meu sonho. Ao vê-lo na vida real, senti enjoo novamente. Meu rosto ardeu com a lembrança da cicatriz de Randolph.

Eu me lembrei do que Loki disse na tumba do *draugr*: *O sangue é uma coisa poderosa, Magnus. Sempre posso encontrar você por meio dele.* Por um segundo, me perguntei se Loki havia colocado a runa ali como uma mensagem para mim, mas Hearthstone não pareceu surpreso por encontrá-la.

Eu me ajoelhei ao lado dele e sinalizei: *Por que isso está aqui?*

Hearthstone apontou para si mesmo. E colocou a pedra com cuidado no alto da pilha.

Quer dizer lar, sinalizou ele. *Ou o que é importante.*

— Herança?

Ele pensou por um momento e então assentiu.

Eu coloquei aqui no dia em que parti, anos atrás. Essa runa eu não vou usar. Pertence a ele.

Olhei para a pilha de pedras. Será que algumas eram as mesmas que o Hearthstone de oito anos usava para brincar quando o monstro atacou seu

irmão? Aquele lugar era mais do que um memorial para Andiron. Parte de Hearthstone também havia morrido ali.

Eu não era feiticeiro, mas pareceu errado um conjunto de runas estar sem um símbolo. Como era possível dominar uma língua, principalmente a língua do universo, sem todas as letras?

Eu queria encorajar Hearth a pegar a runa de volta. Claro que Andiron ia querer isso. Hearth tinha uma nova família agora. Era um grande feiticeiro. Seu cálice da vida estava cheio novamente.

Mas Hearthstone evitou o meu olhar. É fácil ignorar alguém quando se é surdo. Basta não olhar para a pessoa. Ele se levantou e saiu andando, fazendo sinal para que eu o seguisse.

Alguns minutos depois, encontramos o rio. Não era impressionante — só um riacho pantanoso como o que atravessava o cinturão verde de Fenway. Nuvens de mosquitos pairavam sobre a área de brejo. O chão parecia pudim quente. Seguimos a corrente por áreas densas de arbustos e água até os joelhos. O anão milenar Andvari havia escolhido um lugar lindo para se aposentar.

Depois dos sonhos da noite anterior, meus nervos estavam à flor da pele.

Eu ficava pensando em Loki preso na caverna. E no aparecimento dele na suíte de Alex Fierro: *É um pedido tão simples*. Se isso tinha realmente acontecido, o que Loki queria?

Eu me lembrei do assassino, do matador de bodes que gostava de possuir instrutores de voo. Ele me disse para levar Alex para Jötunheim: *ELA É SUA ÚNICA ESPERANÇA AGORA*. Isso não era um bom presságio.

O gigante Thrym esperava um casamento em três dias. Ele ia querer a noiva e também o dote: a espada e a pedra Skofnung. Em troca, talvez, conseguíssemos recuperar o martelo de Thor e impedir que hordas de Jötunheim invadissem Boston.

Pensei nos mil gigantes que tinha visto no meu sonho, marchando para desafiar Thor. Eu não estava ansioso para enfrentar uma força como aquela; não sem um martelo grande que pudesse explodir montanhas e fritar exércitos invasores em pedacinhos torrados.

Pensei que o que Hearth e eu estávamos fazendo agora fazia sentido: andávamos por Álfaheim tentando pegar ouro de um anão velho para obtermos a pedra Skofnung e curar Blitz. Mesmo assim… senti como se Loki estivesse nos distraindo intencionalmente, sem nos dar tempo para pensar. Ele era como um armador de basquete balançando os braços na nossa cara, nos distraindo para não corrermos para a cesta. Havia mais coisa envolvida nesse acordo de casamento do que recuperar o martelo de Thor. O plano de Loki tinha muitas camadas. Ele recrutou o tio Randolph por um motivo. Se ao menos eu pudesse parar um momento para organizar os pensamentos sem ser puxado de um problema mortal para outro…

Ah, claro. Você acabou de descrever toda a sua vida e sua pós-vida, Magnus.

Tentei dizer para mim mesmo que tudo ficaria bem. Infelizmente, meu esôfago não acreditou em mim. Ficava pulando do meu peito até os dentes.

A primeira cachoeira que encontramos era um gotejar delicado sobre um patamar cheio de musgo. Campinas amplas se espalhavam nas duas margens. A água não era funda o bastante para um peixe se esconder. As campinas eram planas demais para camuflar armadilhas eficientes como espinhos envenenados, minas terrestres e fios que acionassem dinamite ou roedores raivosos por catapultas. Nenhum anão que se preze esconderia seu tesouro ali. Seguimos em frente.

A *segunda* cachoeira tinha mais chances. O terreno era mais pedregoso, com muitos musgos escorregadios e vãos traiçoeiros entre as pedras nas duas margens. As árvores acima faziam sombra na água e ofereciam esconderijos em potencial para bestas e lâminas de guilhotina. O próprio rio cascateava por uma escadaria de pedra natural antes de despencar três

metros em uma lagoa do diâmetro de uma cama elástica. Com toda a espuma e as ondulações, eu não conseguia ver abaixo da superfície, mas a julgar pela água azul-escura, devia ser funda.

— Pode ter qualquer coisa lá embaixo — falei para Hearth. — Como fazemos isso?

Hearthstone indicou meu pingente. *Fique preparado.*

— Hã, tá.

Peguei minha runa e chamei Jacques.

— Oi, pessoal! — disse ele. — Opa! Estamos em Álfaheim! Vocês trouxeram óculos escuros para mim?

— Jacques, você não tem olhos.

— É, mas eu fico lindo de óculos escuros! O que vamos fazer?

Resumi a história para ele enquanto Hearthstone remexia no saco de runas, tentando decidir que sabor de magia usar em um anão/peixe.

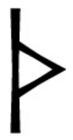
— Andvari? — perguntou Jacques. — Já ouvi falar desse cara. Vocês podem roubar o ouro dele, mas não devem matá-lo. Daria muito azar.

— O que isso quer dizer, exatamente?

Espadas não podiam dar de ombros, mas Jacques se balançou de um lado para outro, que era o equivalente mais próximo.

— Não faço ideia do que aconteceria. Sei que está na lista de coisas que não se deve fazer, junto com quebrar espelhos, atravessar o caminho dos gatos de Freya e tentar beijar Frigga debaixo do visco. Cara, eu cometi esse erro uma vez!

Tive a sensação horrível de que Jacques ia me contar essa história. Mas Hearthstone levantou uma runa acima da cabeça. Só tive tempo de reconhecer o símbolo:



Thurisaz: a runa de Thor.

Hearthstone a jogou na lagoa.

KA-BLAM! Vapor embaçou meus óculos escuros. A atmosfera ficou tomada de vapor e ozônio tão rápido que minhas narinas inflaram como air bags.

Limpei as lentes. Onde antes ficava a lagoa, agora havia um buraco lamacento com nove metros de profundidade. No fundo, dezenas de peixes surpresos se debatiam, as guelras agitadas.

— Opa — falei. — Para onde a cachoeira…?

Olhei para o alto. O rio fazia um curva por cima da nossa cabeça como um arco-íris líquido, ultrapassando a lagoa e caindo no rio mais para a frente.

— Hearth, como é…?

Ele se virou para mim, e dei um passo cauteloso para trás. Os olhos do elfo ardiam de raiva. Sua expressão era mais assustadora e ainda menos típica de Hearth do que quando ele se *uruzou* e virou o elfo-touro.

— Hã, só estou falando, cara… — Levantei as mãos. — Você explodiu uns cinquenta peixes inocentes.

Um deles é um anão, sinalizou Hearth.

Ele pulou no buraco, as botas afundando na lama. Andou de um lado para outro, puxando os pés com barulhos altos de sucção, examinando cada peixe. Acima de mim, o rio continuava a fazer um arco no ar, rugindo e cintilando à luz do sol.

— Jacques — falei —, o que a runa *thurisaz* faz?

— É a runa de Thor, senhor. Ei… *Thor, senhor*. Até que rima!

— É, legal. Mas, hã, por que a lagoa fez *bum*? Por que Hearthstone está tão estranho?

— Ah! Porque *thurisaz* é a runa da força destrutiva. Como Thor. Explode coisas. Além do mais, quando você a invoca, pode acabar ficando meio… tipo Thor.

Tipo Thor. Era isso que eu esperava ouvir. Agora eu não queria mesmo pular naquele buraco. Se Hearthstone começasse a peidar como o deus do trovão, o ar lá embaixo ia ficar tóxico rapidinho.

Por outro lado, eu não podia deixar aqueles peixes à mercê de um elfo furioso. Tudo bem que eram só peixes. Mas eu não gostava da ideia de tantos deles morrerem apenas para descobrirmos um anão disfarçado. Vida era vida. Acho que era uma coisa de Frey. Também pensei que Hearthstone se sentiria mal quando estivesse livre da influência de *thurisaz*.

— Jacques, fique aqui. Fique vigiando.

— Coisa que seria mais fácil e mais bacana com óculos escuros — reclamou Jacques.

Eu o ignorei e pulei lá dentro.

Pelo menos, Hearth não tentou me matar quando apareci ao lado dele. Olhei ao redor, mas não vi sinal de tesouro: nada de X marcando o local, só um monte de peixes sufocando.

Como encontramos Andvari?, sinalizei para Hearth. *Os outros peixes precisam de água para respirar.*

Nós esperamos, sinalizou Hearth. *O anão também vai sufocar se não mudar de forma.*

Não gostei dessa resposta. Eu me agachei e apoiei as mãos na lama, espalhando o poder de Frey pela gosma. Sei que pode parecer estranho, mas achei que, se eu podia curar com um toque, intuindo tudo o que havia de errado no corpo de alguém, talvez pudesse ampliar um pouco mais minha percepção, da mesma maneira que se estreita os olhos para ver mais longe, e sentir todas as formas de vida diferentes ao redor.

Funcionou, mais ou menos. Minha mente tocou na consciência fria e em pânico de uma truta se debatendo a alguns centímetros. Localizei uma enguia enterrada na lama que estava considerando seriamente morder o pé de Hearthstone (eu a convenci a não fazer isso). Toquei nas mentes pequeninas de barrigudinhos, cujo processo de pensamento era todo

composto de *Eek! Eek! Eek!*. Depois, senti uma coisa diferente: uma garoupa com pensamentos disparados demais, como se estivesse calculando planos de fuga.

Eu a peguei com meus reflexos de einherji. A garoupa gritou:

— *AI!*

— Andvari, presumo. Prazer em conhecer você.

— ME SOLTE AGORA! — gritou o peixe. — Meu tesouro não está nesta lagoa! Na verdade, eu não tenho tesouro! Esqueça que falei isso!

— Hearth, que tal a gente sair daqui? — sugeri. — Deixe a lagoa se encher outra vez.

O fogo dos olhos de Hearthstone sumiu de repente. Ele cambaleou.

Do alto, Jacques gritou:

— Ei, Magnus! Acho que você devia se apressar.

A magia da runa estava enfraquecendo. O arco de água começou a se dissolver, soltando gotas. Com uma das mãos apertando bem minha garoupa prisioneira, passei o outro braço pela cintura de Hearthstone e pulei para o alto com toda a minha força.

Pessoal, não tentem fazer isso em casa. Sou um einherji treinado que teve uma morte dolorosa, foi para Valhala e agora passa a maior parte do tempo lutando com uma espada. Sou um profissional qualificado, capaz de pular de buracos lamacentos de nove metros de profundidade. Espero que vocês não sejam.

Caí na margem na hora que a cachoeira desabou, concedendo a todos os peixinhos um milagre bem molhado e uma história para contar aos netos.

A garoupa tentou se soltar.

— Me largue, seu patife!

— Contraproposta. Andvari, este é meu amigo Jacques, a Espada do Verão. Ele consegue cortar quase qualquer coisa. Ele canta músicas pop como um anjo demente. Também consegue transformar um peixe em filé com mais facilidade do que você poderia acreditar. Estou prestes a pedir a

Jacques para fazer todas essas coisas de uma vez só. Ou você pode voltar à sua forma verdadeira, calma e tranquilamente, para nós batermos um papo.

Em um momento, em vez de estar segurando um peixe, minha mão estava ao redor do anão mais velho e gosmento que eu já tinha visto. Ele era tão nojento que o fato de eu não soltá-lo devia ter provado minha bravura e feito com que eu pudesse ir para Valhala de novo.

— Parabéns — grunhiu o anão. — Você me pegou. E agora vai ter um fim trágico!

Vinte e sete

Me largue agora, ou eu faço você ficar bilionário

AH, UM FIM!

Normalmente, não sou ameaçado com um *fim*. A maioria dos seres dos nove mundos não usa uma palavra assim. Só dizem "VOU TE MATAR!". Ou deixam que os punhos envoltos em cota de malha falem por eles.

Fiquei tão impressionado com o vocabulário de Andvari que apertei a garganta dele com mais força.

— Ai! — O anão se debateu e se sacudiu.

Ele era escorregadio, mas não pesado. Mesmo para os padrões dos anões, o sujeito era pequenininho. Usava uma túnica de pele de peixe e uma cueca que era basicamente uma fralda de musgo. Gosma cobria suas pernas. Os braços gorduchos tentavam me bater, mas não foi pior do que ser acertado por uma pistola d'água. E o rosto dele… sabe como o polegar fica depois de usarmos um band-aid molhado por muito tempo, todo enrugado, sem cor e nojento? Imaginem isso como o rosto dele, uns bigodes brancos e os olhos verde-mofo, e dá para ter uma ideia de como é Andvari.

— Onde está o ouro? — perguntei. — Não me faça liberar a playlist da minha espada.

Andvari se contorceu mais um pouco.

— Vocês não vão querer meu ouro! Não sabem o que acontece com as pessoas que o pegam?

— Ficam ricas? — arrisquei.

— Não! Bem, sim. Mas, depois disso, morrem! Ou… pelo menos ficam *desejando* morrer. Elas sempre sofrem. E todo mundo ao redor delas também!

Ele balançou os dedinhos melequentos como quem diz: *Uuu, uuu, que ameaçador!*

Hearthstone estava cambaleando um pouco, mas conseguiu ficar de pé. Ele sinalizou: *Uma pessoa roubou o ouro e não sofreu nenhuma consequência*. E fez o sinal do meu nome menos favorito: indicador e polegar apertados na lateral da cabeça, uma combinação da letra L e do sinal do *diabo*, que era perfeito para nosso amigo Loki.

— Loki pegou seu ouro uma vez — interpretei — e *ele* não morreu nem sofreu.

— Ah, é, mas era Loki! — disse Andvari. — Todas as outras pessoas que receberam o ouro depois dele ficaram malucas! Tiveram vidas horríveis, deixaram uma trilha de mortos! É isso que vocês querem? Querem ser como Fafnir? Como Siegfried? Como os vencedores da loteria Powerball?

— Quem?

— Ah, não é possível! Vocês ouviram as histórias. Toda vez que perco meu anel, ele passeia pelos nove mundos por um tempo. Algum mané o encontra. Acerta a loteria e ganha milhões. Mas sempre acaba pobre, divorciado, doente, infeliz ou morto. É isso que vocês querem?

Hearth sinalizou: *Anel mágico, sim. É o segredo da riqueza dele. Precisamos disso.*

— Você mencionou um anel…

Andvari ficou imóvel.

— Mencionei? Não. Devo ter me confundido. Não tenho anel nenhum.

— Jacques — falei —, o que você acha dos pés dele?

— Péssimos, senhor. Precisam de um tratamento.

— Vá em frente.

Jacques começou a agir. É uma espada rara, que consegue remover sujeira grudada de lagoa, lixar calos, aparar unhas enormes e deixar um par de pés de anão limpo e brilhando sem 1) matar o tal anão, 2) cortar fora os pés agitados do tal anão, ou 3) cortar as pernas do einherji que estava segurando o dito anão… E durante todo o tempo cantando "Can't Feel My Face". Jacques é mesmo muito especial.

— Tá bom! Tá bom! — gritou Andvari. — Chega de tortura! Vou mostrar onde está o tesouro! Está debaixo daquela pedra!

Ele apontou freneticamente para tudo ao redor, até seu dedo parar na direção de uma pedra perto da beirada da cachoeira.

Armadilhas, sinalizou Hearthstone.

— Andvari — falei —, se eu mover aquela pedra, que tipo de armadilha vou disparar?

— Nenhuma!

— E se eu a mover usando sua cabeça como alavanca?

— Tudo bem, tem uma armadilha! Feitiços explosivos! Disparadores de catapultas!

— Eu *sabia*! Como se desarma? *Todas* elas.

O anão estreitou os olhos com concentração. Pelo menos, eu *esperava* que fosse isso que ele estava fazendo. Se não fosse, estava fazendo um depósito na fralda de musgo.

— Pronto. — Ele suspirou, infeliz. — Desarmei todas as armadilhas.

Olhei para Hearthstone. O elfo esticou as mãos, provavelmente testando os arredores em busca de magia da mesma maneira que eu consegui sentir enguias e garoupas. (Ei, todos temos talentos diferentes.)

Hearth assentiu. *Seguro.*

Com Andvari ainda pendurado na minha mão, andei até a rocha e a virei com o pé. (Força einherji também é um bom talento.)

Debaixo da pedra, um buraco forrado de lona estava cheio de… Uau. Eu normalmente não ligava para dinheiro. Não sou assim. Mas minhas

glândulas salivares dispararam quando vi o volume de ouro: pulseiras, colares, moedas, adagas, anéis, cálices, notas do Banco Imobiliário. Eu não sabia qual era o valor do ouro por peso atualmente, mas avaliei que estava olhando um gazilhão de dólares.

Jacques gritou.

— Ah, vejam aquelas adagas! São *adoráveis*.

Os olhos de Hearthstone recuperaram a vivacidade. Todo aquele ouro parecia ter nele o mesmo efeito de passar uma xícara de café debaixo do nariz.

Fácil demais, sinalizou Hearth. *Deve ter alguma pegadinha.*

— Andvari, se seu nome quer dizer *Cauteloso*, por que é tão fácil roubar você?

— Eu sei! — choramingou o anão. — Eu *não* sou cauteloso! Sou roubado toda hora! Acho que o nome é uma ironia. Minha mãe era uma mulher cruel.

— Então seu tesouro vive sendo roubado, mas você o recupera? Por causa do anel que mencionou?

— Que anel? Tem um monte de anéis naquela pilha. Podem levar!

— Não, o anel mágico. Onde ele está?

— Hã, deve estar em algum lugar daquela pilha. Vá procurar! — Andvari tirou rapidamente um anel de um dos dedos e o enfiou na fralda. As mãos dele estavam tão imundas que eu não teria reparado na joia se ele não tivesse tentado esconder.

— Você acabou de colocá-lo dentro da calça — acusei.

— Não coloquei, não!

— Jacques, acho que esse anão quer uma depilação completa.

— Não! — berrou Andvari. — Tá, tudo bem, meu anel mágico está na minha calça. Mas, *por favor*, não o leve. Encontrá-lo sempre dá muito trabalho. Eu *falei* que é amaldiçoado. Você não quer acabar como um ganhador da loteria, quer?

Eu me virei para Hearth.

— O que você acha?

— Diga para ele, sr. Elfo! — gritou Andvari. — Obviamente, o senhor é um elfo sábio. Conhece suas runas. Aposto que sabe a história de Fafnir, não é? Diga para seu amigo que esse anel só vai trazer problemas.

Hearth olhou ao longe, como se lesse uma lista em um quadro branco divino: −10 moedas por levar um anel amaldiçoado para casa. +10 gazilhões de moedas por roubar um gazilhão de ouro.

Ele sinalizou: *O anel é amaldiçoado. Mas também é a chave para o tesouro. Sem o anel, o tesouro nunca vai ser suficiente. Sempre vai faltar.*

Olhei para o depósito de ouro do tamanho de uma banheira de hidromassagem.

— Não sei, cara. Parece suficiente para cobrir o tapete *wergild*.

Hearth balançou a cabeça. *Não vai ser. O anel é perigoso. Mas temos que levar só por garantia. Se não usarmos, podemos devolver.*

Virei o anão para me encarar.

— Desculpa aí, Andvari.

Jacques riu.

— Ei, isso quase rimou!

— O que o elfo *disse*? — perguntou Andvari. — Não consigo ler esses gestos! — Ele acenou as mãos sujas, fazendo acidentalmente os sinais de *burro, garçom, panqueca*.

Eu estava perdendo a paciência com o velho nojento, mas fiz o possível para transmitir a mensagem de Hearth.

Os olhos verde-musgo de Andvari escureceram. Ele mostrou os dentes, que pareciam não ver fio dental desde que os zumbis tinham inspirado o Pacto de Mayflower.

— Então você é um tolo, sr. Elfo — resmungou ele. — O anel vai acabar voltando para mim. Sempre volta. Enquanto isso, causará morte e infelicidade para quem o usar. E não pense que vai resolver seus

problemas. Essa não será a última vez que você vai ter que voltar para casa. Só adiou um acerto de contas bem mais perigoso.

A mudança no tom de Andvari me deixou mais nervoso do que sua transformação de garoupa para anão. Não havia mais choramingo nem berros. Ele falou com uma certeza fria, feito um carrasco explicando o funcionamento de uma forca.

Hearthstone não pareceu abalado. Ele estava com a mesma expressão que fizera no amontoado de pedras do irmão, como se revivesse uma tragédia que tinha acontecido muito tempo antes e que não podia ser modificada.

O anel, sinalizou ele.

O gesto foi tão óbvio que até Andvari entendeu.

— Tudo bem. — O anão olhou para mim com raiva. — Você também não vai escapar da maldição. Em pouco tempo, vai ver o que advém de presentes roubados!

Os pelos nos meus braços se eriçaram.

— O que você quer dizer?

Ele deu um sorriso cruel.

— Ah, nada. Nadinha.

Andvari deu uma sacudida de bunda. O anel caiu pelo buraco da perna da fralda.

— Um anel mágico — anunciou ele —, completo, com maldição e tudo.

— Peguei!

Jacques mergulhou e agiu como uma espátula para pegar o anel na lama com a parte achatada da lâmina.

Andvari olhou com tristeza enquanto minha espada brincava de jogar o anel de um lado da lâmina para outro.

— O acordo de sempre? — perguntou o anão. — Você poupa minha vida e leva tudo o que eu tenho?

— O de sempre parece ótimo — assenti. — E todo esse ouro do buraco? Como carregamos?

Andvari fez um ruído debochado.

— Amadores! O forro de lona é um grande saco mágico. Puxe as cordas e *voilà*! Tenho que deixar o tesouro pronto para fugas rápidas nas *poucas* vezes que consigo evitar ser roubado.

Hearthstone se agachou ao lado do esconderijo. Saindo de um buraco na beirada da lona havia um barbante. Hearth o puxou, e o saco se fechou, encolhendo até o tamanho de uma mochila. O elfo levantou para que eu visse: um gazilhão de dólares em ouro com um tamanho superconveniente para ser transportado.

— Agora honre sua parte do acordo! — exigiu Andvari.

Eu o larguei.

— Humf. — O velho anão massageou o pescoço. — Apreciem seu fim, amadores. Espero que tenham dor e sofrimento e ganhem em *duas* loterias!

Com essa maldição cruel, ele pulou na lagoa e desapareceu.

— Ei, senhor! — chamou Jacques. — Atenção!

— Não ouse…

Ele jogou o anel para mim. Eu o peguei por reflexo.

— Ai, *eca*.

Como era um anel mágico, eu esperava um grande momento *O Senhor dos Anéis* quando o objeto caiu na minha mão — um sussurro frio e pesado, uma névoa rodopiante cinza, uma fileira de Nazgûl fazendo o *moon walk*. Nada disso aconteceu. O anel só ficou ali, com cara de anel de ouro, ainda que um anel de ouro recentemente caído da fralda de musgo de um anão de mil anos.

Coloquei o anel no bolso da calça e depois observei o resíduo circular de gosma na palma da minha mão.

— Minha mão nunca mais vai ficar limpa.

Hearthstone colocou a nova e preciosa mochila nas costas, como um Papai Noel gazilionário. Ele olhou para o sol, que já tinha passado do seu ápice. Eu não tinha me dado conta de quanto tempo ficamos andando pela floresta no quintal do sr. Alderman.

Temos que ir, sinalizou Hearth. *Meu pai deve estar esperando.*

Vinte e oito

E, se você comprar agora, também vai receber esse anel amaldiçoado!

O PAI DELE estava mesmo esperando. Andava pela sala, tomando suco dourado em um cálice prateado com Inge ali perto, esperando um derramamento qualquer.

Quando entramos, o sr. Alderman se virou para nós, o rosto feito uma máscara de raiva gélida.

— Onde vocês…?

O queixo dele caiu.

Acho que não esperava nos ver encharcados de suor, cobertos de grama e galhos, com sapatos sujos deixando marcas no piso de mármore. A expressão do sr. Alderman foi uma das melhores recompensas que já tive, juntinho com morrer e ir para Valhala.

Hearthstone largou o saco de lona no chão com um estalo abafado. Ele sinalizou *Pagamento* com a palma para cima e um dedo apontando para o pai, como se estivesse jogando uma moeda para ele. O jeito como Hearth sinalizou fez parecer que era um insulto. Gostei disso.

O sr. Alderman esqueceu que não devia entender linguagem de sinais e perguntou:

— Pagamento? Mas como…?

— Venha para o andar de cima e vamos mostrar. — Eu olhei para trás do sr. Alderman, onde Inge estava de pé com olhos arregalados e um sorriso surgindo lentamente no rosto. — Temos um tapete de pele de demônio para cobrir.

Ah, o som das moedinhas de ouro do Banco Imobiliário caindo por um tapete de pele… Não tem nada mais doce, eu juro. Hearthstone virou a bolsa de lona e andou pelo tapete, cobrindo-o com uma torrente de riquezas. O rosto do sr. Alderman ficou mais pálido. Na porta, Inge dava pulinhos enquanto batia palmas de empolgação, alheia ao fato de que não tinha pagado ao mestre pelo privilégio.

Quando a última moeda caiu, Hearthstone deu um passo para trás e jogou a bolsa vazia no chão. Ele sinalizou: Wergild *pago*.

O sr. Alderman parecia perplexo. Ele não disse "Bom trabalho, filho!" nem "Caramba, estou rico!" muito menos "Você assaltou o Departamento de Tesouro Élfico?".

Ele se agachou e examinou a pilha, moeda por moeda, adaga por adaga.

— Tem cachorros em miniatura e trens a vapor — observou. — Por quê?

Eu tossi.

— Acho que, hã, o dono anterior gostava de jogos de tabuleiro. De *ouro* maciço.

— Hum. — O sr. Alderman continuou a inspeção, para garantir que o tapete estava todo coberto. Sua expressão foi ficando cada vez mais azeda. — Você saiu da propriedade para adquirir isto? Porque eu não dei permissão…

— Não — respondi. — Você é dono daquela floresta no quintal, certo?

— É, sim! — afirmou Inge. O mestre olhou para ela com raiva, e a huldra acrescentou rapidamente: — Porque, ah, o sr. Alderman é um homem *muito* importante.

— Olhe, senhor, está na cara que Hearthstone conseguiu. O tapete está coberto. Admita.

— Eu vou decidir isso! — rosnou ele. — A questão é *responsabilidade*, coisa que vocês jovens não entendem.

— Você *quer* que Hearthstone fracasse, não é?

O sr. Alderman fez cara de desprezo.

— Eu *espero* que ele fracasse. Tem uma diferença. Esse garoto mereceu a punição. Não estou convencido de que ele tenha potencial para pagá-la.

Eu quase gritei: *Hearthstone está pagando a vida toda!* Senti vontade de enfiar o tesouro de Andvari pela goela do sr. Alderman e ver se isso o convencia do potencial do filho.

Hearthstone roçou os dedos no meu braço. Ele sinalizou: *Calma. Fique preparado com o anel.*

Tentei controlar minha respiração. Eu não entendia como Hearth suportava os insultos do pai. Ele tinha muita prática, claro, mas o velho elfo era intolerável. Fiquei feliz por Jacques estar em forma de pingente, porque eu o teria mandado fazer aquela depilação completa no sr. Alderman.

No bolso da minha calça, o anel de Andvari era tão leve que eu mal conseguia senti-lo. Tive que resistir à vontade de tocar nele a cada segundo pra conferir se ainda estava lá. Percebi que esse era um dos motivos de eu sentir tanta irritação com o sr. Alderman. Eu queria que ele dissesse que a dívida estava paga. E não queria que Hearthstone estivesse certo sobre precisarmos do anel.

Eu meio que queria ficar com ele para mim. Não, esperem. Isso não está certo. Eu queria devolvê-lo para Andvari, para não termos que lidar com a maldição. Meus pensamentos sobre o assunto estavam começando a ficar confusos, como se minha cabeça estivesse cheia de lama.

— Ahá! — gritou o sr. Alderman, triunfante. Ele apontou para a parte de cima do tapete, onde o pelo era mais denso. Um único pelo azul apareceria no meio do tesouro como uma erva daninha teimosa.

— Ah, qual é! Um pequeno ajuste vai resolver.

Mexi no tesouro para cobrir o pelo. Mas, assim que consegui, outro pelo surgiu no lugar de onde tinha tirado o ouro. Parecia que o mesmo pelo azul idiota estava me seguindo e desafiando meus esforços.

— Isso não é problema — insisti. — Vou pegar minha espada. Ou, se você tiver uma tesoura…

— A dívida *não* está paga! — insistiu o sr. Alderman. — A não ser que vocês consigam cobrir aquele último pelo agora com mais ouro, vou cobrar de você por me decepcionar e me fazer perder tempo. Digamos… metade desse tesouro.

Hearthstone se virou para mim, sem surpresa no rosto, só uma triste resignação. *O anel.*

Uma onda de ressentimento assassino tomou conta de mim. Eu não queria abrir mão do anel. Mas olhei para todos os quadros brancos ao redor do quarto: todas as regras e os itens de cardápio, todas as expectativas que o sr. Alderman torcia para que Hearthstone *não* cumprisse. A maldição do anel de Andvari era bem forte. Sussurrava para mim, me dizendo para ficar com ele e me tornar podre de rico. Mas a vontade de ver Hearthstone livre do pai, reencontrando Blitzen e longe daquela casa tóxica… isso foi mais forte.

Peguei nosso último elemento secreto do tesouro.

Uma luz faminta se acendeu nos olhos de alienígena do sr. Alderman.

— Muito bem. Coloque na pilha.

Pai, sinalizou Hearthstone. *Um aviso: o anel é amaldiçoado.*

— Eu não vou ouvir seus gestos de mão!

— Você sabe o que ele está dizendo. — Levantei o anel. — Esta coisa contamina o dono. Vai destruir você. Caramba, fiquei alguns minutos com ele e já está fazendo mal para a minha cabeça. Pegue o ouro que já está no tapete. Considere a dívida paga. Mostre um pouco de misericórdia, e vamos devolver este anel ao dono.

O sr. Alderman deu uma gargalhada amarga.

— *Misericórdia*? O que eu posso comprar com misericórdia? Isso vai trazer Andiron de volta para mim?

Eu teria dado um soco na cara dele, mas Hearthstone deu um passo na direção do pai. Ele parecia genuinamente preocupado. *Maldição de F-A-F-N-I-R*, sinalizou ele. *Não.*

Andvari mencionou aquele nome. Parecia vagamente familiar, mas não consegui identificar. Talvez Fafnir fosse um ganhador da loteria.

Hearthstone sinalizou *por favor* — a mão aberta no peito fazendo um círculo. Percebi que *por favor* era só uma versão mais relaxada e menos raivosa de *desculpe*.

Os dois elfos se encararam por cima da pilha de ouro. Eu quase conseguia sentir Álfaheim oscilando nos galhos da Árvore do Mundo. Apesar de tudo o que o sr. Alderman fizera para ele, Hearthstone ainda queria ajudar o pai… estava fazendo um último esforço de tirá-lo de um buraco muito mais fundo do que o de Andvari.

— Não — decidiu o sr. Alderman. — Pague o *wergild* ou fique em dívida. Vocês *dois*.

Hearthstone baixou a cabeça, derrotado. Fez sinal para eu entregar o anel.

— Primeiro, a pedra Skofnung — falei. — Me mostre que vai cumprir seu lado da barganha.

Alderman grunhiu.

— Inge, traga a pedra Skofnung. O código de segurança da vitrine é *Greta*.

Hearthstone fez uma careta. Supus que Greta fosse o nome da mãe dele.

A huldra saiu correndo.

Por alguns momentos tensos, Hearthstone, o sr. Alderman e eu ficamos parados ao redor do tapete, nos encarando. Ninguém sugeriu jogarmos Banco Imobiliário. Ninguém gritou “Iupi!” e pulou na pilha de ouro (mas tenho que admitir que fiquei tentado).

Finalmente, Inge voltou, a pedra de amolar azul e cinza nas mãos. Ela ofereceu para o sr. Alderman com uma reverência.

O homem a pegou e entregou ao filho.

— Eu lhe dou isto livremente, Hearthstone, para você fazer o que quiser. Que o poder desta pedra seja seu. — O sr. Alderman olhou para mim de cara feia. — Agora, o anel.

Eu não tinha mais motivos para enrolar, mas mesmo assim foi difícil. Respirando fundo, me ajoelhei e acrescentei o anel de Andvari ao tesouro, cobrindo o último pelo.

— O acordo está cumprido — falei.

— Ah, é? — O olhar do sr. Alderman estava grudado no tesouro. — Sim, exceto por uma coisa. Você me prometeu exposição na mídia, Magnus Chase. Marquei uma festinha para esta noite. Inge!

A huldra deu um pulo.

— Sim, senhor! Os preparativos estão indo bem. Todos os quatrocentos convidados confirmaram.

— *Quatrocentos?* — perguntei, espantado. — Como você teve tempo de organizar isso? Como sabia que íamos conseguir?

— Há! — A luz maluca nos olhos do sr. Alderman não acalmou meus nervos. — Eu não sabia que vocês conseguiriam, mas não me importava. Eu planejava dar festas *todas* as noites enquanto vocês estivessem aqui, Magnus, de preferência para sempre. Mas como vocês pagaram o *wergild* tão rápido, hoje à noite vai ter que valer a pena. Quanto a *como*, eu sou Alderman da Casa Alderman. Ninguém ousaria recusar meu convite!

Atrás dele, Inge acenou freneticamente e passou o dedo pelo pescoço.

— E agora… — O sr. Alderman pegou o anel amaldiçoado no meio da pilha, colocou no dedo e levantou para admirá-lo, como alguém que acabou de ficar noivo. — Sim, vai ficar *lindo* com meu traje de gala. Hearthstone, espero que você e seu convidado… *Hearthstone*, aonde você vai?

Aparentemente, Hearth já estava de saco cheio do pai. Com a pedra Skofnung em uma das mãos, ele levantou Blitzen pela alça de cachecol e o

levou para o banheiro.

Um instante depois, ouvi o chuveiro ser aberto.

— Eu, hã, tenho que ir ajudar — falei.

— O quê? — disse o sr. Alderman. — Sim, claro. Que anel *lindo*. Inge, faça com que nossos jovens patifes estejam vestidos de maneira apropriada para a festa e mande alguns empregados para me ajudar com todo esse ouro. Preciso pesar e contar cada peça do tesouro. Polir também! Vai ficar lindíssimo polido. E, já que estamos falando nisso…

Eu não queria deixar Inge sozinha no mesmo quarto que o sr. Anel Maluco, mas estava ficando enjoado de ver o sr. Alderman flertar com a fortuna. Corri para me juntar aos meus amigos no banheiro.

* * *

Sabem qual é a única coisa mais perturbadora que uma cabeça de deus cortada no banho de espuma? Um anão de granito sangrando no seu boxe.

Hearth colocou Blitzen debaixo do chuveiro. Assim que a água corrente caiu na cabeça do anão, o corpo dele começou a amolecer. O rosto cinza e frio escureceu em pele quente e morena. Sangue jorrou do ferimento e escorreu pelo ralo. Os joelhos dele falharam. Corri até o boxe para segurá-lo.

Hearthstone pegou a pedra Skofnung um pouco sem jeito. Apertou no ferimento que sangrava, e Blitz ofegou. O fluxo de sangue parou na mesma hora.

— Eu estou condenado! — balbuciou Blitz. — Não se preocupe comigo, seu elfo maluco! Só… — Ele cuspiu água. — Por que está chovendo?

Hearthstone o abraçou com força, esmagando o rosto do anão contra o peito.

— Ei! — reclamou Blitz. — Não dá para respirar!

Hearth, claro, não o ouviu e não pareceu se importar. Ele se balançou para a frente e para trás com o anão nos braços.

— Tudo bem, cara. — Blitz deu tapinhas fracos nele. — Pronto, pronto.

Ele olhou para mim e fez mil perguntas silenciosas com os olhos, inclusive: *Por que nós três estamos tomando banho juntos? Por que não estou morto? Por que vocês estão com cheiro de lodo? O que tem de errado com meu elfo?*

Quando tivemos certeza de que ele estava despetrificado, Hearth fechou a torneira. Blitzen estava fraco demais para se mexer, então o colocamos sentado lá no chuveiro mesmo.

Inge entrou correndo no banheiro com uma pilha de toalhas e roupas limpas. Do quarto de Hearth veio o som de moedas se espalhando, como uma dezena de máquinas caça-níquel pagando a um vencedor, pontuado por ocasionais gargalhadas histéricas.

— Talvez seja melhor vocês ficarem mais um pouco aqui — avisou Inge, olhando com nervosismo para trás. — Está meio… confuso lá fora.

E saiu, fechando a porta ao passar.

Nós fizemos o melhor possível para nos limparmos. Usei um cinto para fazer uma tira para a pedra Skofnung e a amarrei na cintura, botando a camisa por cima para não ficar óbvio demais caso o sr. Alderman tivesse um surto e tentasse pegar ela de volta.

O ferimento de Blitzen fechou direitinho, deixando apenas uma pequena cicatriz esbranquiçada, mas ele reclamou do dano ao terno: o corte de espada no colete, as manchas grandes de sangue.

— Nenhuma quantidade de suco de limão vai tirar isso — disse ele. — Quando tecido vira granito e depois volta, a descoloração é permanente.

Não me dei ao trabalho de observar que pelo menos ele estava vivo. Eu sabia que Blitz estava em choque e lidando com a situação se concentrando em coisas que entendia e era capaz de consertar, como o guarda-roupa.

Nós nos sentamos juntos no chão do banheiro. Blitzen usou seu kit de reparos para costurar toalhas de banho para uma proteção adicional contra o sol de Álfaheim, enquanto Hearthstone e eu nos revezávamos contando o que havia acontecido.

Blitzen balançou a cabeça, impressionado.

— Vocês fizeram isso tudo por *mim*? Seus idiotas malucos e maravilhosos, vocês podiam ter morrido! E, Hearth, você se sujeitou ao seu pai? Eu *nunca* pediria a você para fazer isso. Você jurou que nunca voltaria para cá, e foi por um bom motivo!

Eu também jurei proteger você, sinalizou Hearth. *Foi minha culpa você ser perfurado. E de Samirah.*

— Pare com isso agora mesmo — disse Blitz. — Não foi culpa sua e nem dela. Não se pode enganar uma profecia. Aquele ferimento mortal estava fadado a acontecer, mas agora você consertou, então podemos parar de nos preocupar com ele! Além do mais, se você quiser culpar alguém, culpe aquele tolo do Randolph. — Ele olhou para mim. — Sem querer ofender, garoto, mas tenho um desejo forte de assassinar seu tio com bastante brutalidade.

— Não estou ofendido — afirmei. — Até fico tentado a ajudar.

Mas me lembrei do grito horrorizado de Randolph quando ele enfiou a espada em Blitzen, e do modo como seguiu Loki feito um cachorro maltratado. Por mais que eu quisesse odiar meu tio, não podia deixar de sentir pena dele. Agora que eu tinha conhecido o sr. Alderman, estava começando a me dar conta de que, por pior que seja a sua família, sempre tem como piorar.

Hearth terminou de contar tudo para Blitzen em linguagem de sinais, explicando como roubamos Andvari e fomos ameaçados com múltiplos ganhos na loteria Powerball.

— Vocês dois estavam loucos de encarar aquele anão — disse Blitzen. — Ele é famoso em Nídavellir, ainda mais ardiloso do que Eitri Júnior!

— Podemos não falar nele? — pedi. Eu ainda tinha pesadelos com o velho anão que desafiou Blitz em uma competição de confecção, em janeiro. Eu nunca mais queria ver um andador impulsionado por foguetes na minha vida.

Blitzen franziu a testa para Hearth.

— E você disse que seu pai está com o anel agora?

Hearthstone assentiu. *Eu tentei alertá-lo.*

— Sim, mas mesmo assim… aquela coisa pode distorcer a mente do dono para algo irreconhecível. Depois do que aconteceu com Hreidmar, Fafnir, Regin e todos aqueles ganhadores da loteria… Bem, tem uma lista interminável de gente que aquele anel destruiu.

— Quem são essas pessoas? — perguntei. — Essas aí que você mencionou?

Blitzen ergueu sua criação feita de toalhas de banho, uma espécie de burca felpuda com óculos escuros sobre os buracos dos olhos.

— É uma longa e trágica história, garoto. Com muitas mortes. O importante é que precisamos convencer o sr. Alderman a abrir mão daquele anel antes que seja tarde demais. Temos que ficar nessa festa por um tempo, certo? Isso vai nos dar oportunidade. Talvez ele esteja de bom humor e a gente consiga fazer com que tenha bom senso.

Hearthstone grunhiu. *Meu pai? Duvido.*

— É — concordei. — E se ele não tiver bom senso?

— Aí, nós fugimos — disse Blitz. — E torcemos para que Alderman não…

Do quarto, Inge chamou:

— Sr. Hearthstone?

O tom dela beirava o pânico.

Saímos do banheiro cambaleando e descobrimos que o quarto de Hearth tinha sido totalmente esvaziado. O colchão tinha sumido. Os quadros brancos haviam sido removidos, deixando sombras brancas em paredes um

pouco menos brancas. A pilha do tesouro e o tapete de pele azul tinham sumido como se o *wergild* nunca tivesse acontecido.

Inge estava na porta, o gorrinho torto na cabeça. O rosto dela estava vermelho, e ela puxava ansiosamente tufos da ponta da cauda.

— Mestre Hearth, os… os convidados chegaram. A festa começou. Seu pai está chamando você, mas…

Hearthstone sinalizou: *Qual é o problema?*

Inge tentou falar. Nenhuma palavra saiu. Ela deu de ombros, impotente como se não conseguisse descrever os horrores que tinha testemunhado na festinha do sr. Alderman.

— Talvez… seja melhor o senhor ver por si mesmo.

Vinte e nove

Um nøkkaute

O SR. ALDERMAN sabia dar uma festa. Também sabia dar um vexame daqueles.

Do alto da escada, vimos a sala lotada de elfos bem-vestidos com tons elegantes de branco, dourado e prata. Os olhos e cabelos claros e as joias caras cintilavam no sol da noite que entrava pelas janelas. Dezenas de huldras se moviam pela multidão servindo canapés. E, em todos os pedestais onde artefatos e minerais ficavam expostos, pilhas do tesouro de Andvari cintilavam, deixando o cômodo parecido com um depósito de joalheria depois de um tornado.

Acima da prateleira da lareira, no pé do retrato do sr. Andiron, havia uma faixa dourada com letras vermelhas: BEM-VINDO, MAGNUS CHASE, FILHO DE FREY, PATROCINADO PELA CASA ALDERMAN! E, debaixo disso, com letras menores: HEARTHSTONE FOI TRAZIDO PARA CASA.

Não “voltou”. *Foi trazido*. Como se o serviço policial élfico o tivesse apreendido e arrastado até a casa acorrentado.

O próprio sr. Alderman circulava rápido entre as pessoas, jogando moedas de ouro para os convidados, abordando-os com joias e murmurando:

— Você acredita nesse tesouro todo? Incrível, não é? Quer um trenzinho de ouro? Estaria interessado em uma adaga?

Com o smoking branco, os olhos enlouquecidos e o sorriso brilhante, ele parecia um maître diabólico levando grupos às suas mesas no restaurante Chez Assassinato em Massa. Os convidados riam com

nervosismo quando Alderman jogava tesouros neles. Quando Alderman passava, os elfos cochichavam, talvez se perguntando em quanto tempo poderiam fugir da festa sem parecerem mal-educados. O sr. Alderman andou pela sala distribuindo peças de ouro, e as pessoas se afastavam dele como gatos fugindo de um aspirador de pó descontrolado.

Atrás de nós, Inge murmurou:

— Ah, caramba. Ele está piorando.

Hearthstone sinalizou: *O anel o está afetando.*

Eu assenti, mas me perguntei quão são o sr. Alderman era antes. Há décadas, ele vivia com ressentimento, culpando Hearthstone pela morte de Andiron. Agora, de repente, Hearthstone tinha se livrado dessa dívida. O anel de Andvari simplesmente preenchera o vazio com loucura.

Blitzen segurou o corrimão com as mãos enluvadas.

— Isso não é bom.

Ele estava usando a burca de toalhas de banho para se proteger da luz de Álfaheim. Blitz havia nos explicado que o chapéu de safári com rede e o protetor solar não seriam suficientes, pois ele ainda estava fraco da petrificação. Mesmo assim, o traje era meio perturbador. Ele parecia uma versão em miniatura do Primo Itt, da Família Addams.

— Ahá! — O sr. Alderman nos viu na escada e sorriu ainda mais. — Apresento meu filho e seus amigos! O anão, ou pelo menos eu suponho que seja o anão embaixo daquelas toalhas. E Magnus Chase, filho de Frey!

As pessoas se viraram e olharam para nós, emitindo uma boa quantidade de *oohs* e *aahs*. Eu nunca gostei de ser o centro das atenções. Odiava na escola e, mais tarde, em Valhala. Odiei mais ainda aqueles elfos glamourosos me olhando como se eu fosse uma deleitável fonte de chocolate que tinha acabado de entrar em funcionamento.

— Sim, sim! — O sr. Alderman riu como um maluco. — Sabem todo esse tesouro que vocês veem, meus amigos? Não é nada em comparação a Magnus Chase! Meu filho finalmente fez uma coisa certa. Trouxe um filho

de Frey como parte do pagamento de *wergild*. E agora, esse garoto, Magnus Chase, vai ser meu hóspede permanente! Vamos começar uma fila para fotos no bar…

— Espere aí — falei. — Esse *não* foi o acordo, sr. Alderman. Nós não vamos ficar depois que acabar a festa.

Hearthstone sinalizou: *Pai, o anel. Perigoso. Tire.*

A multidão se mexeu com inquietação, sem saber como interpretar aquilo.

O sorriso de Alderman foi sumindo. Ele estreitou os olhos.

— Meu filho está me pedindo para tirar meu novo anel. — Ele levantou a mão e balançou o dedo, deixando que o aro de ouro refletisse a luz. — Por que ele pediria isso? E por que Magnus Chase ameaçaria ir embora? A não ser que esses patifes estejam planejando roubar meu tesouro.

Blitzen riu com deboche.

— Eles acabaram de *trazer* o tesouro para você, seu elfo burro. Por que o roubariam de novo?

— Então você admite!

Alderman bateu palmas. Todas as portas do cômodo se fecharam. Ao redor da sala, doze colunas de água surgiram do chão e viraram formas vagamente humanoides, como balões em forma de animais cheios de água… só que sem o balão.

Blitzen deu um gritinho.

— São seguranças *nøkks*.

— O quê? — perguntei.

— Também conhecidos como *nixes* — disse ele. — São espíritos da água. Coisa ruim.

Hearthstone segurou o braço de Inge. Ele sinalizou: *Você ainda tem familiares no bosque?*

— T-tenho — respondeu a huldra.

Vá agora, disse ele. *Eu liberto você do serviço à minha família. Não volte. E chame a polícia.*

Inge parecia atordoada e magoada, mas olhou para os espíritos aquáticos ao redor das pessoas lá embaixo.

Ela deu um beijo na bochecha de Hearthstone.

— Eu… eu te amo.

Ela sumiu em uma explosão de fumaça com cheiro de roupa lavada.

Blitzen arqueou as sobrancelhas.

— Eu perdi alguma coisa?

Hearthstone lançou um olhar irritado para ele, mas não teve tempo de explicar.

Na sala, um elfo mais velho gritou:

— Alderman, o que significa tudo isso?

— O significado, sr. prefeito? — Alderman sorriu com uma intensidade que não era totalmente sã. — Eu agora entendo por que todos vocês vieram aqui. Queriam roubar meu tesouro, mas peguei vocês com a boca na botija! Seguranças *nøkks*, dominem esses ladrões! Ninguém sai daqui vivo!

* * *

Dica de etiqueta: para saber a hora certa de ir embora de uma festa, o momento é quando o anfitrião gritar “Ninguém sai daqui vivo”.

Elfos gritaram e correram para as saídas, mas as portas de vidro estavam trancadas. Seguranças nixes se moveram pela multidão, mudando da forma animalesca para humana e para onda sólida, envolvendo os elfos um a um e os deixando desacordados no chão em elegantes amontoados molhados. Enquanto isso, Alderman ria e dançava pela sala, pegando os objetos de ouro dos convidados caídos.

— Temos que sair daqui *agora* — disse Blitzen.

— Mas precisamos ajudar os elfos — observei.

Era verdade que, com exceção de Hearthstone, eu não me importava muito com os elfos que conhecia. Gostava mais dos barrigudinhos da lagoa de Andvari. Mas também não conseguia suportar a ideia de deixar quatrocentos elfos à mercê do sr. Alderman e de seus valentões nixes líquidos. Peguei meu pingente e chamei Jacques.

— Ei, pessoal! — cumprimentou a espada. — O que está rolando… ah, *nøkks*? Vocês estão de brincadeira? Não dá pra cortar esses caras.

— Faça o que puder! — gritei.

Tarde demais, sinalizou Hearthstone. *Violinos!*

Eu não tive certeza se tinha interpretado o último sinal corretamente. Mas olhei para baixo. Metade dos nixes tinha se posicionado ao redor da sala em forma humanoide e estava pegando violinos e arcos do… bem, de algum lugar dentro de seus eus líquidos. Parecia um lugar bem ruim para guardar instrumentos de corda, mas os nixes levantaram os violinos de madeira até os queixos aquosos.

— Tape os ouvidos! — avisou Blitz.

Apertei as mãos nas laterais da cabeça na hora que os *nøkks* começaram a tocar. Só ajudou um pouco. A canção era tão triste e dissonante que meus joelhos bambearam. Lágrimas surgiram nos meus olhos. Por toda a sala, mais elfos desabaram em crises de choro, exceto o sr. Alderman, que parecia imune à música. Ele ficava rindo e pulando de um lado para outro, chutando de vez em quando os convidados VIP na cara.

De dentro do capuz atoalhado, Blitz soltou um grito abafado.

— Faça parar, senão vamos morrer de coração partido em questão de minutos!

Eu não achei que ele estava sendo metafórico.

Felizmente, Hearthstone não foi afetado.

Ele estalou os dedos pedindo atenção e apontou para Jacques: *Espada. Cortar violinos.*

— Você ouviu — falei para Jacques.

— Não ouvi, não! — reclamou minha espada.

— Destrua os violinos!

— Ah. Será um prazer.

Jacques saiu voando para agir.

Enquanto isso, Hearthstone pegou uma runa. Jogou-a do alto da escada, e ela explodiu no ar, fazendo uma forma gigante e brilhante de H acima das cabeças dos elfos:

ᚺ

Lá fora, o céu escureceu. A chuva caiu nas janelas de vidro, sufocando o barulho dos violinos.

Me sigam, ordenou Hearthstone.

Ele desceu a escada enquanto a tempestade aumentava. Pedras de granizo gigantes batiam nas janelas, rachando o vidro e fazendo a casa toda tremer. Apertei a mão contra a cintura para ter certeza de que a pedra Skofnung ainda estava segura e corri atrás de Hearth.

Jacques voou de *nøkk* em *nøkk*, picando os violinos e esmagando as esperanças e os sonhos de músicos nixes muito talentosos. As criaturas da água atacaram Jacques. Pareciam tão capazes de machucar a espada quanto ela era de machucá-los, mas Jacques os manteve ocupados tempo o bastante para chegarmos no pé da escada.

Hearthstone fez uma pausa e levantou os braços. Com um *BUM!* tremendo, todas as janelas e portas de vidro da casa se estilhaçaram. Granizo entrou, acertando os elfos, as huldras e os nixes.

— Vamos! — gritei para as pessoas. — Venham!

— Tolos! — gritou o sr. Alderman. — Vocês são meus! Não podem escapar!

Fizemos o melhor que pudemos para levar todo mundo para o jardim. Estar do lado de fora foi como correr por um furacão de bolas de beisebol, mas era melhor do que morrer cercado de violinistas *nøkk*. Eu queria ter tido o bom senso de me cobrir com toalhas de banho, como Blitzen.

Elfos se espalharam e fugiram. Os nixes correram atrás de nós, mas o granizo os deixou lentos, caindo neles e formando espuma até parecerem raspadinhas de gelo que escaparam de copos.

Estávamos na metade do gramado, seguindo para a floresta, quando ouvi as sirenes. Com o canto do olho, vi luzes de emergência piscando enquanto carros de polícia e ambulâncias chegavam pela entrada principal da propriedade.

Acima de nós, as nuvens escuras começaram a se abrir. O granizo diminuiu. Peguei Hearthstone quando ele tropeçou. Quase achei que chegaríamos na floresta quando uma voz atrás de nós gritou:

— Parem!

A cinquenta metros, nossos velhos amigos, os policiais Wildflower e Sunshine, tinham puxado as armas e estavam se preparando para atirar em nós por vadiagem, invasão ou por fugir sem permissão.

— Jacques! — gritei.

Minha espada disparou na direção dos policiais e cortou o cinto deles. As calças caíram até os tornozelos na hora. Descobri que elfos não deviam usar short nunca. Eles têm pernas pálidas e finas que não são elegantes e nem graciosas.

Enquanto os policiais tentavam recuperar a dignidade, nós entramos na floresta. A força de Hearthstone estava quase esgotada. Ele se apoiou em mim enquanto corríamos, mas eu tinha muita prática em carregá-lo. Jacques voou até o meu lado.

— Isso foi divertido! — declarou ele. — Mas, infelizmente, eu só os atrapalhei. Estou sentindo um bom lugar para fazer um corte ali à frente.

— Fazer um corte? — perguntei.

— Ele quer dizer entre os mundos! — disse Blitzen. — Não sei você, mas, para mim, qualquer um dos outros oito é preferível agora!

Cambaleamos na clareira onde ficava o velho poço.

Hearthstone balançou a cabeça com fraqueza. Sinalizou com uma das mãos, apontando em direções diferentes. *Qualquer lugar, menos aqui.*

Blitzen se virou para mim.

— Que lugar é este?

— É onde o irmão de Hearth… você sabe.

O anão pareceu se encolher debaixo do amontoado de toalhas.

— Ah.

— É o melhor lugar, pessoal — insistiu Jacques. — Tem um portal bem fino entre os mundos em cima daquele amontoado de pedras. Eu posso…

Atrás de nós, um tiro soou. Todos se encolheram, exceto Hearthstone. Uma coisa zumbiu perto do meu ouvido, como um inseto irritante.

— Faça agora, Jacques! — gritei.

Ele disparou até o amontoado de pedras. A lâmina cortou o ar, abrindo uma fenda para a escuridão absoluta.

— Eu amo escuridão — disse Blitzen. — Venham!

Juntos, nós puxamos Hearthstone na direção do velho lar de Xixi No Poço e pulamos na fenda entre os mundos.

Trinta

Além do arco-íris há coisas esquisitas acontecendo

TROPEÇAMOS POR ALGUNS degraus até um patamar de concreto. Nós três caímos amontoados, ofegantes e atordoados. Parecíamos estar em uma escada de emergência: paredes de tijolo exposto, corrimão verde industrial, extintores de incêndio e placas iluminadas indicando a saída. Acima de nós, a porta de metal mais próxima estava marcada com as palavras 6º ANDAR.

Levei a mão à cintura, mas a pedra Skofnung ainda estava presa em segurança, sem danos. Jacques tinha voltado à forma de pingente. Estava pendurado confortavelmente no cordão enquanto toda a energia que ele tinha gastado lutando contra os nixes era retirada da minha alma. Meus ossos pareciam de chumbo. Minha visão oscilou. Quem poderia imaginar que cortar violinos e fazer cair as calças de policiais exigia tanto esforço?

Hearthstone não estava em melhores condições. Ele agarrou o corrimão para se levantar, mas as pernas não pareciam estar funcionando. Eu poderia achar que ele estava bêbado, mas não o vi consumir nada mais forte do que refrigerante diet em Nídavellir.

Blitzen tirou a burca de toalhas de banho.

— Estamos em Midgard — anunciou ele. — Eu reconheceria esse cheiro em qualquer lugar.

Para mim, a escada apenas cheirava a elfo, anão e Magnus molhados, mas confiei na palavra de Blitz.

Hearth cambaleou, uma mancha vermelha aparecendo na camisa.

— Amigão! — Blitz correu para perto dele. — O que aconteceu?

— Opa, Hearth. — Eu o fiz se sentar e examinei o ferimento. — Tiro de revólver. Nossos amigos da polícia élfica deram um presente de despedida.

Blitz tirou o chapéu de Frank Sinatra e deu um soco nele.

— Podemos, *por favor,* passar vinte e quatro horas sem que um de nós seja mortalmente ferido?

— Relaxa — respondi. — Foi só de raspão nas costelas. Segura ele.

Eu sinalizei para Hearth: *Não foi grave. Posso curar.*

Apertei a mão no ferimento. Calor se irradiou pelo peito de Hearth. Ele inspirou fundo e começou a respirar com mais facilidade. A abertura na pele se fechou.

Até afastar a mão, eu não tinha percebido quanto estava preocupado. Meu corpo todo tremia. Eu não usava meus poderes de cura desde que Blitzen fora ferido, e acho que temia não funcionassem mais.

— Está vendo? — Tentei dar um sorriso confiante, mas achei que parecia que eu estava tendo um derrame. — Está melhor.

Obrigado, sinalizou Hearth.

— Você ainda está mais fraco do que eu gostaria — comentei. — Vamos descansar aqui um minuto. Esta noite você vai precisar de uma boa refeição, muito líquido e sono.

— Falou o dr. Chase. — Blitz olhou de cara feia para o elfo. — E chega de correr para cima de balas perdidas, está ouvindo?

O canto da boca de Hearth tremeu. *Não consigo ouvir. Sou surdo.*

— Humor — falei. — É um bom sinal.

Nós nos sentamos juntos e apreciamos a novidade de não estarmos sendo caçados, feridos e nem aterrorizados.

Bom, eu ainda estava bem aterrorizado, mas um de três até que não era ruim.

A desgraça total das nossas últimas trinta e poucas horas em Álfaheim começou a ficar clara. Eu queria acreditar que tínhamos deixado aquele lugar maluco para trás para sempre: os policiais loucos para puxarem as

armas, as propriedades bem-cuidadas e o sol ofuscante. O sr. Alderman. Mas não consegui me esquecer do que Andvari nos disse: em pouco tempo, pagaríamos o preço dos bens roubados, e Hearthstone estava destinado a voltar para casa.

Você só adiou um acerto de contas bem mais perigoso.

A runa *othala* ainda estava em cima das pedras onde Andiron tinha morrido. Eu tinha a sensação de que um dia Hearthstone teria que buscar a letra que faltava no alfabeto cósmico dele, independentemente de sua vontade.

Olhei para Hearth sacudindo a camisa, tentando limpar o sangue que havia nela. Quando ele olhou nos meus olhos, eu sinalizei: *Sinto muito pelo seu pai.*

Ele meio assentiu, meio deu de ombros.

— A maldição de Fafnir — falei. — Posso perguntar…?

Blitzen limpou a garganta.

— Talvez devêssemos esperar até ele estar recuperado.

Tudo bem, sinalizou Hearth.

Ele se recostou na parede para se firmar e poder usar as duas mãos para sinalizar. *Fafnir era um anão. O anel de Andvari o levou à loucura. Ele matou o pai e roubou o ouro dele. Guardou o tesouro em uma caverna. Acabou virando um dragão.*

Eu engoli em seco.

— O anel pode fazer isso?

Blitzen puxou a barba.

— O anel desperta o pior nas pessoas, garoto. Talvez o sr. Alderman não tenha tanto mal dentro de si. Talvez só… fique sendo um elfo desagradável e ganhe na loteria.

Eu me lembrei do pai de Hearth rindo enquanto expulsava os convidados, dançando enquanto os nixes atacavam as pessoas. O que quer

que o sr. Alderman tivesse dentro de si, eu duvidava que fosse um gatinho fofinho.

Olhei para o alto da escadaria, onde uma placa dizia ACESSO AO TELHADO.

— Nós devíamos procurar por Sam — anunciei. — Temos que falar com o deus Heimdall e pegar instruções para chegar a algum lugar em Jötunheim…

— Ah, garoto? — O olho de Blitzen tremeu. — Acho que Hearth talvez precise de mais um pouco de sossego antes de irmos encontrar Samirah e sairmos correndo para lutar com gigantes. Eu também preciso descansar.

— Certo. — Eu me senti mal por falar na nossa lista de coisas a fazer. Eram pessoas demais para encontrar e mundos perigosos demais para visitar. Tínhamos três dias para achar o martelo de Thor. Até o momento, tínhamos encontrado uma espada gata e uma pedra azul, mal tínhamos sobrevivido, e havíamos deixado o pai de Hearthstone criminalmente insano. Nada além do esperado.

— Querem passar a noite em Valhala? — perguntei.

Blitzen grunhiu.

— Os lordes não gostam de mortais se misturando com os honoráveis mortos. Pode ir. Eu levo Hearth para Nídavellir e deixo que descanse na minha casa. A câmara de bronzeamento dele está pronta.

— Mas… como vocês vão chegar lá?

Blitz deu de ombros.

— Como já disse, tem um monte de entradas para o mundo dos anões debaixo de Midgard. Deve existir uma no porão deste prédio. Se não tiver, vamos encontrar o esgoto mais próximo.

Sim, sinalizou Hearth. *Nós amamos esgotos.*

— Não comece com o sarcasmo — disse Blitz. — Garoto, que tal a gente se encontrar amanhã de manhã no antigo local de sempre?

Não consegui evitar um sorriso com as lembranças dos velhos tempos, andando com Hearth e Blitz sem saber quando faríamos a próxima refeição e quando seríamos roubados. Os velhos tempos eram horríveis, mas eram horríveis de um jeito bem menos complicado do que a atualidade maluca.

— No antigo local de sempre, então. — Abracei os dois. Eu não queria que Hearth e Blitz fossem embora, mas nenhum deles estava em condição de encarar mais perigos naquela noite, e eu não sabia o que encontraria no telhado. Soltei a pedra Skofnung do cinto e entreguei a Blitz. — Guarde isto. Mantenha em segurança.

— Pode deixar — prometeu Blitz. — E, garoto… obrigado.

Eles cambalearam escada abaixo de braços dados, apoiados um no outro.

— Pare de pisar nos meus dedos — resmungou Blitz. — Você engordou? Não, vá com o pé esquerdo primeiro, elfo bobo. Assim.

Subi até o alto da escada, me perguntando em que parte de Midgard eu tinha ido parar.

* * *

Um fato irritante sobre viajar entre os mundos: é comum que você saia exatamente onde precisa estar, quer você *queira* estar lá ou não.

Quatro pessoas que eu conhecia se encontravam no telhado, embora eu não tivesse ideia do motivo. Sam e Amir estavam discutindo em voz baixa na base de um enorme outdoor iluminado. E não era um outdoor *qualquer*, eu percebi. Acima de nós estava a famosa propaganda do Boston Citgo, seis metros quadrados de LEDs que banhavam o telhado de branco, laranja e azul.

Sentados na beirada do telhado, com cara de tédio, estavam Mestiço Gunderson e Alex Fierro.

Sam e Amir estavam ocupados demais discutindo para reparar em mim, mas Mestiço assentiu em cumprimento. Ele não pareceu surpreso.

Andei até meus colegas einherjar.

— Hã… e aí?

Alex jogou uma pedra de cascalho, que saiu quicando pelo telhado.

— Ah, está tudo *tão* divertido. Samirah queria trazer Amir para ver a placa do Citgo. Tem alguma coisa a ver com arco-íris. Ela precisava de um parente homem tomando conta.

Eu pisquei.

— Então você…?

Alex fez uma reverência exagerada de *ao seu dispor*.

— Eu sou o parente homem.

Tive um momento de vertigem ao me dar conta de que, sim, Alex Fierro no momento era *ele*. Não sei como eu percebi, além do fato de ele ter me contado. As roupas não eram específicas de gênero. Ele estava usando os All Star de cano alto de sempre, com calça skinny verde e uma camiseta rosa de manga comprida. O cabelo parecia um pouco mais longo, ainda verde com raízes pretas, agora penteado para um lado formando uma onda.

— Meus pronomes são *ele* e *dele* — confirmou Alex. — E pode parar de encarar.

— Eu não estava… — Tive que me controlar. Discutir não faria sentido. — Mestiço, o que você está fazendo aqui?

O berserker sorriu. Ele tinha colocado uma camiseta do Bruins e uma calça jeans, talvez para se misturar com os mortais, apesar de o machado preso às costas ainda ser meio revelador.

— Ah, eu? Estou tomando conta de quem veio tomar conta. E meu gênero não mudou, obrigado por perguntar.

Alex deu um tapa nele, o que deixaria Mallory Keen orgulhosa.

— Ai! — reclamou Mestiço. — Você bate forte para um *argr*.

— O que eu falei sobre o termo? — disse Alex. — *Eu* decido o que é masculino, não masculino, feminino ou não feminino para mim. Não me faça matar você de novo.

Mestiço revirou os olhos.

— Você me matou *uma* vez. E nem foi uma luta justa. Eu me vinguei no almoço.

— Não importa.

Olhei para os dois. Percebi que, no último dia e meio, eles tinham se tornado amigos… uma amizade cheia de xingamentos e assassinatos, aparentemente.

Alex tirou o garrote dos passadores da calça.

— Magnus, você conseguiu curar seu anão?

— Hã, consegui. Você soube disso?

— Sam nos contou. — Ele começou a fazer uma cama de gato com o fio, conseguindo, não sei como, não cortar os dedos no processo.

Eu me perguntei se era um bom sinal Samirah ter compartilhado informações com Alex. Talvez tivessem começado a confiar um no outro. Ou talvez o desespero de Sam para impedir Loki a tivesse feito deixar a cautela de lado. Eu queria perguntar a Alex sobre o sonho que tive com Loki na suíte dele, fazendo *um pedido tão simples* enquanto Alex jogava vasos no pai. Concluí que talvez não fosse o melhor momento, principalmente com o garrote de Fierro tão perto do meu pescoço.

Alex apontou para Sam e Amir com o queixo.

— Você devia ir até lá. Eles estão te esperando.

O casal feliz ainda estava discutindo. Sam fazia gestos suplicantes com as palmas das mãos para cima; Amir puxava o cabelo como se quisesse arrancar o próprio cérebro.

Franzi a testa para Mestiço.

— Como eles sabiam que eu viria para cá? Nem *eu* sabia.

— Os corvos de Odin — respondeu o berserker, como se fosse uma explicação perfeitamente lógica. — Faça o favor de ir até lá e interromper. Eles não vão chegar a lugar algum com essa discussão, e eu estou morrendo de tédio.

A definição de Mestiço para tédio era: *Não estou matando ninguém no momento e não estou vendo ninguém ser morto de maneira interessante.* Portanto, não fiquei ansioso para deixá-lo animado. Mesmo assim, me aproximei de Sam e Amir.

Felizmente, Samirah não me empalou com o machado. Ela até pareceu aliviada em me ver.

— Magnus, que bom. — A luz da placa do Citgo a estava iluminando, deixando o hijab da cor de um tronco de árvore. — Blitzen está bem?

— Está melhor. — Contei o que aconteceu, embora ela tenha parecido distraída. Os olhos ficavam se desviando para Amir, que ainda tentava arrancar o cérebro.

— E então — encerrei a história —, o que vocês andaram fazendo?

Amir deu uma gargalhada.

— Ah, você sabe. O de sempre.

O pobre sujeito não parecia estar fazendo magia com um conjunto completo de runas. Olhei para a mão dele, para ter certeza de que não estava usando um novo anel amaldiçoado.

Sam uniu os dedos na frente da boca. Eu esperava que ela não planejasse pilotar aviões hoje, porque parecia exausta.

— Magnus… Amir e eu estamos conversando desde que você foi embora. Eu o trouxe aqui com esperanças de lhe dar uma prova.

— Prova de quê? — perguntei.

Amir abriu os braços.

— Dos deuses, ao que parece! Dos nove mundos! Prova de que nossa vida toda é uma mentira!

— Amir, nossa vida não é uma mentira. — A voz de Sam tremeu. — É só… é só mais complicada do que você imaginava.

Ele balançou a cabeça, o cabelo agora espetado como a crista de um galo furioso.

— Sam, gerenciar restaurantes é complicado. Agradar ao meu pai e aos meus e aos seus avós é complicado. Esperar mais dois anos para nos casarmos quando só quero estar com você… isso é complicado. Mas valquírias? Deuses? Einher… Não consigo nem pronunciar essa palavra!

Samirah talvez estivesse vermelha. Era difícil saber por causa das luzes.

— Eu também quero estar com você. — A voz dela estava baixa, mas cheia de convicção. — E estou tentando mostrar.

Ficar no meio da conversa deles me fez sentir tão constrangido quanto um elfo de sunga. Também me senti culpado, porque encorajei Sam a ser sincera com Amir. Eu disse que ele era forte o bastante para encarar a verdade. E não queria ver que estava errado.

Meu instinto foi de recuar e deixá-los em paz, mas tive a sensação de que Sam e Amir só estavam falando tão abertamente um com o outro por terem três acompanhantes. Eu nunca vou entender os adolescentes noivos de atualmente.

— Sam — comecei —, se você só quer mostrar para ele uma prova de coisa esquisita, pegue sua lança iluminada. Voe ao redor do telhado. Você pode fazer um milhão de coisas…

— E nenhuma delas deve ser vista por mortais — observou ela com amargura. — É um paradoxo, Magnus. Eu não *devo* revelar meus poderes para um mortal, então, se eu tentar fazer de propósito, meus poderes não vão funcionar. Se eu disser “Ei, vou voar!”, de repente, não vou conseguir voar.

— Isso não faz sentido.

— Obrigado — concordou Amir.

Sam bateu o pé.

— Tente, Magnus. Mostre a Amir que é um einherji. Pule para o alto da placa do Citgo.

Olhei para cima. Dezoito metros… difícil, mas era possível. Porém, só de pensar, meus músculos ficaram frouxos. Minha força me abandonou. Desconfiei que, se tentasse, pularia quinze centímetros e faria papel de trouxa, o que sem dúvida seria muito divertido para Mestiço e Alex.

— Entendi o que você quis dizer — admiti. — Mas e quanto a mim e Hearth desaparecendo do avião? — Eu me virei para Amir. — Você reparou, não é?

Amir pareceu perdido.

— Eu… eu acho que sim. Sam fica me lembrando disso, mas estou cada vez mais confuso. Vocês *estavam* naquele voo?

Sam suspirou.

— A mente dele está tentando compensar. Amir é mais flexível que Barry, que se esqueceu de vocês assim que pousamos. Mesmo assim…

Olhei nos olhos da valquíria e percebi por que ela estava tão preocupada. Ao explicar sua vida para Amir, ela estava fazendo mais do que ser sincera. Estava tentando reconfigurar a mente do namorado. Se conseguisse, ela talvez ampliasse a percepção dele. Amir veria os nove mundos como nós os víamos. Se fracassasse… na melhor perspectiva, ele talvez acabasse esquecendo tudo. A mente dele embotaria tudo o que aconteceu. Na pior perspectiva, a experiência deixaria cicatrizes permanentes. Ele talvez nunca se recuperasse. De qualquer modo, como Amir poderia olhar para Samirah do mesmo modo novamente? Ele sempre teria uma dúvida persistente de que havia alguma coisa *errada*, meio fora do padrão.

— Tudo bem — falei —, então por que você o trouxe aqui?

— Porque — começou Sam, como se já tivesse explicado isso vinte vezes naquele dia — a coisa sobrenatural mais fácil de mortais

conseguirem ver é a ponte Bifrost. Precisamos encontrar Heimdall, não é? Pensei que, se eu conseguisse ensinar Amir a ver Bifrost, isso poderia expandir permanentemente os sentidos dele.

— Bifrost — repeti. — A ponte arco-íris que vai até Asgard.

— É.

Olhei para a placa do Citgo, o maior outdoor iluminado da Nova Inglaterra, que anunciava gasolina na praça Kenmore havia quase um século.

— Você está me dizendo…

— É o ponto estacionário mais claro de Boston — disse Sam. — A ponte arco-íris nem *sempre* se ancora aqui, mas, na maioria das vezes…

— Pessoal — interrompeu Amir. — Vocês não precisam provar nada para mim. Eu só… vou acreditar na palavra de vocês! — Ele soltou uma gargalhada nervosa. — Eu te amo, Sam. Acredite em mim. Posso estar tendo um colapso nervoso, mas tudo bem! Tudo bem. Vamos fazer outra coisa!

Eu entendia por que Amir queria ir embora. Já tinha visto muitas coisas malucas: espadas falantes, zumbis que tricotavam, a garoupa de água doce mais rica do mundo. Mas até *eu* tinha dificuldade de acreditar que a placa do Citgo era o portal para Asgard.

— Escute, cara. — Eu segurei os ombros dele. Achei que o contato físico seria minha maior vantagem. Samirah era proibida de tocar nele até estarem casados, mas não havia nada tão convincente quanto sacudir um amigo até ele criar bom senso. — Você tem que tentar, tá? Sei que você é muçulmano e não acredita em deuses politeístas.

— Eles não são deuses — disse Sam. — São só entidades poderosas.

— Não importa — respondi. — Cara, eu sou ateu. Não acredito em *nada*. Mas… essas coisas são reais. São coisas bem malucas, mas são reais.

Amir mordeu o lábio.

— Eu… não sei, Magnus. Isso me deixa nervoso.

— Eu sei, cara. — Deu para perceber que ele estava tentando ouvir, mas senti como se estivesse gritando com Amir enquanto ele usava fones de ouvido com cancelamento de ruído. — Isso também me deixa nervoso. Algumas das coisas que aprendi… — Eu parei. Decidi que não era hora de falar da minha prima Annabeth e dos deuses gregos. Eu não queria que Amir tivesse um aneurisma. — Se concentre em mim — ordenei. — Olhe nos meus olhos. Você consegue?

Uma gota de suor escorreu pela lateral do rosto dele. Com o esforço de alguém levantando cento e quarenta quilos, ele conseguiu me olhar nos olhos.

— Tudo bem, agora escute. Repita comigo: nós vamos olhar juntos.

— Nós v-vamos olhar juntos.

— Nós vamos ver a ponte arco-íris.

— Nós vamos — a voz dele falhou — ver a ponte arco-íris.

— E nossos cérebros não vão explodir.

— … não vão explodir.

— Um, dois, três.

Nós olhamos.

E, caramba… ali estava ela.

O eixo do mundo pareceu mudar. Agora, estávamos olhando para a placa do Citgo de um ângulo de quarenta e cinco graus em vez de perpendicular. Do alto do outdoor, uma lâmina ardente de cores subia pelo céu noturno.

— Amir, você está vendo isso?

— Não acredito — murmurou ele, com um tom que deixou claro que ele estava vendo.

— Graças a Alá — disse Sam, sorrindo mais do que eu já tinha visto em qualquer outra ocasião —, o misericordioso, o compassivo.

Nesse momento, uma voz falou no céu, ao mesmo tempo aguda e nada divina.

— *OI, PESSOAL! SUBAM!*

Trinta e um

Heimdall tira selfie com todo mundo

AMIR QUASE GANHOU a força de um einherji. Ele teria pulado uns vinte metros se eu não o estivesse segurando.

— O que foi isso? — perguntou ele.

Samirah abriu um sorriso largo.

— Você ouviu a voz? Que fantástico! É só Heimdall nos convidando para subir.

— Subir, tipo, *subir*? — Amir se afastou da placa. — Como isso pode ser fantástico?

Mestiço e Alex se aproximaram.

— Nossa… — Alex não parecia particularmente impressionado com a ponte cósmica subindo pelo céu. — É seguro?

Mestiço inclinou a cabeça.

— Provavelmente, se Heimdall convidou. A outra opção é eles pegarem fogo e virarem cinzas assim que pisarem no arco-íris.

— *O quê?* — gritou Amir.

— Nós *não* vamos pegar fogo. — Sam olhou para Mestiço de cara feia. — Vamos ficar bem.

— Estou dentro — anunciou Alex. — Os dois malucos aqui ainda precisam de um acompanhante para não fazerem nada irresponsável.

— *Irresponsável?* — A voz de Amir subiu mais meia oitava. — Tipo subir no céu em um arco-íris incandescente?

— Está tudo bem, cara — falei, mas percebi que minha definição de *tudo bem* havia se tornado bem flexível nos últimos meses.

Mestiço cruzou os braços.

— Divirtam-se. Eu vou ficar aqui.

— Por quê? — perguntou Alex. — Está com medo?

O berserker riu.

— Já conheço Heimdall. Só preciso ter essa honra uma vez.

Não gostei do que o tom dele insinuava.

— Por quê? Como ele é?

— Você vai descobrir. — Mestiço deu um sorrisinho. — Encontro vocês em Valhala. Divirtam-se explorando o espaço interdimensional!

Sam abriu um sorriso.

— Amir, mal posso esperar para mostrar *tudo* a você. Vamos!

Ela deu um passo na direção da placa do Citgo e se vaporizou em uma mancha de luz multicolorida.

— Sam? — gritou Amir.

— Ah, legal!

Alex deu um pulo à frente e também desapareceu.

Eu botei a mão no ombro de Amir.

— Eles estão bem. Fica frio, cara. Agora eu vou pagar todos os pratos de falafel que você me deu quando eu era sem-teto. Você vai poder conhecer os nove mundos!

Amir respirou fundo. Devo dizer que fiquei impressionado por ele não ter desmaiado, se encolhido em posição fetal ou chorado, reações que seriam perfeitamente aceitáveis ao se descobrir que havia seres de voz aguda no céu que convidavam você para subir em seu arco-íris.

— Magnus — disse ele.

— O quê?

— Me lembre de nunca mais te dar falafel.

Juntos, nós pisamos no brilho laranja.

* * *

Não havia nada de interessante para se ver. Apenas quatro adolescentes subindo um arco-íris nuclear.

Uma luz radiante nos envolveu, difusa e quente. Em vez de andar por uma superfície lisa e sólida, senti como se estivéssemos atravessando um campo de trigo… se trigo fosse feito de luz altamente radioativa.

Não sei como, mas perdi os óculos escuros de Álfaheim. E duvidava que fossem me ajudar agora. Aquela luz era intensa de um jeito diferente. As cores faziam meus olhos latejarem. O calor parecia girar a um milímetro da minha pele. Debaixo dos nossos pés, a ponte emitia um zumbido baixo como a gravação de uma explosão tocada em looping. Acho que Mestiço Gunderson estava certo: sem a bênção de Heimdall, seríamos vaporizados no momento que botássemos o pé em Bifrost.

Às nossas costas, a paisagem de Boston virou uma mancha indistinta. O céu ficou escuro e cheio de estrelas, como nas viagens que eu fazia com a minha mãe. A lembrança ficou entalada na minha garganta. Pensei no cheiro da fogueira e dos marshmallows assados, minha mãe e eu contando histórias um para o outro, inventando novas constelações como a Twinkie e a Wombat e morrendo de rir feito dois bobos.

Andamos por tanto tempo que comecei a me perguntar se havia alguma coisa no fim do arco-íris. Nada de potes de ouro ou duendes. Nada de Asgard. Talvez tudo aquilo não passasse de uma pegadinha. Heimdall faria Bifrost desaparecer e nos deixaria flutuando no vácuo. *VOCÊ ESTÁ CERTO*, a voz aguda anunciaria. *NÓS NÃO EXISTIMOS. TROUXA!*

Aos poucos, a escuridão foi esmaecendo. A paisagem de outra cidade surgiu no horizonte: paredes brilhantes, portões dourados e, atrás deles, os pináculos e domos dos palácios dos deuses. Eu só tinha visto Asgard uma vez, de dentro, olhando por uma janela em Valhala. De longe era ainda mais impressionante. Eu me imaginei avançando pela ponte com um exército invasor de gigantes. Estava certo de que perderia as esperanças quando visse aquela vasta fortaleza.

De pé na nossa frente, com as pernas bem abertas, estava um guerreiro alto com uma espada enorme.

Eu tinha imaginado um deus cortês e tranquilo, um sujeito com estilo de astro de cinema. O Heimdall da vida real era meio decepcionante. Usava uma túnica acolchoada e legging de lã, tudo bege, o que o fazia incorporar as cores de Bifrost. Percebi que era camuflagem, o jeito perfeito de se mesclar com um arco-íris. O cabelo era louro platinado e cheio como lã de carneiro. O rosto sorridente era bronzeado, o que podia ser o resultado de ficar em uma ponte radioativa por mil anos. Eu esperava que ele não pretendesse ter filhos um dia.

Em geral, ele parecia aquele cara meio esquisito ao lado de quem ninguém queria sentar no ônibus da escola, exceto por duas coisas: a espada desembainhada, que era quase do tamanho dele, e o chifre enorme de carneiro pendurado no ombro esquerdo. O chifre e a espada pareciam imponentes, mas eram tão grandes que ficavam batendo um no outro. Tive a sensação de que, se Heimdall matasse alguém, seria porque ele tinha se distraído e tropeçado.

Quando nos aproximamos, ele acenou com entusiasmo, fazendo a espada bater no chifre: *clink, clonk, clink, clonk*.

— E aí, pessoal?

Nós quatro paramos. Sam fez uma reverência.

— Lorde Heimdall.

Alex olhou para ela como quem diz: *Lorde?*

Ao meu lado, Amir levou a mão à testa.

— Não acredito no que estou vendo.

Heimdall arqueou as sobrancelhas espessas. As íris eram puro alabastro.

— Ah, o que você está vendo? — Ele olhou para um ponto atrás de nós, para o vazio abaixo de nós. — Está falando do cara armado em Cincinnati? Não, tudo bem. Ele só está indo fazer treinamento de tiro. Ou você está

falando daquele gigante do fogo em Muspellheim? Ele *está* vindo para cá… Não, espere. Ele tropeçou! Foi hilário! Ah, queria ter gravado um snap.

Tentei seguir o olhar de Heimdall, mas não vi nada além de espaço vazio e estrelas.

— O que você…?

— Minha visão é muito boa — explicou o deus. — Vejo tudo nos nove mundos. E minha audição também! Eu estava ouvindo vocês discutindo naquele telhado. Foi por isso que decidi jogar um arco-íris para vocês.

Sam engoliu em seco.

— Você, hã, nos ouviu discutindo?

Heimdall sorriu.

— Tudinho. Vocês dois são *muito* fofos. Na verdade, posso tirar uma selfie com vocês antes de falarmos de trabalho?

— Hã… — balbuciou Amir.

— Ótimo!

Heimdall começou a tentar mexer no chifre, sem derrubar a espada.

— Precisa de ajuda? — perguntei.

— Não, não, pode deixar.

Alex Fierro parou ao meu lado.

— Assim é mais engraçado.

— Estou ouvindo, Alex — avisou o deus. — Escuto milho crescendo a oitocentos quilômetros de distância. Escuto gigantes do gelo arrotando em seus castelos em Jötunheim. É *claro* que consigo ouvir você. Mas não se preocupe, eu tiro selfies o tempo todo. Agora, vamos ver…

Ele mexeu no enorme chifre de carneiro como se estivesse procurando um botão. Enquanto isso, a espada estava apoiada em um ângulo esquisito na dobra do cotovelo, com a lâmina de um metro e oitenta virada para nós. Eu me perguntei o que Jacques acharia dessa espada, se era uma moça gata ou um zagueiro de futebol americano, ou as duas coisas.

— Ahá!

Heimdall devia ter encontrado o botão certo. O chifre encolheu até virar o maior smartphone que eu já tinha visto, com a tela do tamanho de um tijolo e a capinha feita de chifre de carneiro brilhante.

— Seu chifre é um telefone? — perguntou Amir.

— Acho que, tecnicamente, é um tablet — disse Heimdall. — Mas, sim, esta é Gjallar, a Trombeta e/ou Tablet do Juízo Final! Quando eu sopro essa belezinha uma vez, os deuses sabem que tem algum problema em Asgard e vêm correndo. Quando eu sopro *duas*, é dia de Ragnarök, bebê! — Ele pareceu eufórico com a ideia de ser o responsável por sinalizar o começo da batalha que vai destruir os nove mundos. — Na maior parte do tempo, só uso para tirar fotos e mandar mensagens e tal.

— Isso não é nada assustador — disse Alex.

Heimdall riu.

— Você não faz ideia. Uma vez, anunciei sem querer o apocalipse. Foi *tão* constrangedor! Tive que mandar mensagem para todo mundo da minha lista de contatos dizendo: *Alarme falso, pessoal!* Muitos deuses vieram correndo mesmo assim. Eu fiz um GIF deles subindo pela ponte Bifrost e percebendo que não havia batalha. Foi impagável.

Amir piscou várias vezes, talvez porque Heimdall falasse cuspindo.

— Você é o encarregado pelo Juízo Final. É mesmo um… um…

— Um aesir? — disse Heimdall. — É, sou um dos filhos de Odin! Mas, aqui entre nós, Amir, acho que Samirah está certa. — Ele se inclinou para a frente para que as pessoas nos campos de milho a oitocentos quilômetros dali não conseguissem ouvir. — Sinceramente, também não penso em nós como *deuses*. Depois que você vê Thor desmaiado no chão, ou Odin de roupão gritando com Frigga porque ela usou a escova de dentes dele… é difícil enxergar divindade na minha família. Como minhas mães diziam…

— *Mães*, no plural? — perguntou Amir.

— É. Eu nasci de nove mães.

— Como…?

— Não pergunte. O Dia das Mães é um inferno. Nove ligações diferentes, nove buquês de flores. Quando eu era criança e tentava fazer café da manhã para todas… ah, cara! Bom, vamos tirar logo essa foto.

Ele juntou Sam e Amir, que parecia atordoado por estar com o rosto sorridente de um deus enfiado entre os dois. Heimdall esticou o tablet, mas o braço não era longo o suficiente.

Eu limpei a garganta.

— Tem certeza de que não quer que eu…

— Não, não! Ninguém além de mim pode segurar o poderoso tablet Gjallar. Mas tudo bem! Só um minutinho. — Heimdall deu um passo para trás e mexeu mais uma vez no aparelho e na espada, aparentemente tentando prender um no outro. Depois de algumas manobras (e provavelmente várias ligações acidentais anunciando o apocalipse), ele ergueu a espada, triunfante, agora com o tablet preso na ponta. — Ta-dá! Minha melhor invenção até o momento!

— Você inventou o pau de selfie — disse Alex. — Sempre quis saber quem era o culpado por isso.

— É *espada* de selfie, na verdade. — Heimdall enfiou o rosto entre o de Sam e o de Amir. — Digam *gamalost*!

O flash de Gjallar disparou.

Mais agitação enquanto Heimdall tirava o aparelho da ponta da espada e avaliava a foto.

— Perfeita!

Ele nos mostrou a foto com orgulho, como se não estivéssemos ali quando tinha sido tirada, três segundos antes.

— Alguém já disse que você é doido? — perguntou Alex.

— Doido por *diversão*! — afirmou Heimdall. — Olhem minhas outras fotos.

Ele nos reuniu em torno do tablet e começou a passar as imagens da galeria de fotos, embora eu estivesse bem distraído pelo fato de Heimdall ter cheiro de ovelha molhada.

Vimos uma foto majestosa do Taj Mahal com o rosto de Heimdall bem grande em primeiro plano. Depois, o salão de banquete de Valhala, desfocado e indistinto ao fundo, com o eclipse total do nariz de Heimdall em foco perfeito. Depois, o presidente dos Estados Unidos num discurso com Heimdall fazendo photo-bomb.

Fotos de todos os nove mundos, todas selfies.

— Uau — falei. — São bem… consistentes.

— Não gostei da minha camisa nessa foto. — Ele nos mostrou uma fotografia da polícia élfica batendo em uma huldra com cassetetes. Heimdall sorrindo na frente, usando uma camisa polo listrada de azul. — Mas, ah, em algum lugar aqui tem uma foto incrível de Asgard, comigo fazendo cara de zangado e fingindo comer o palácio de Odin!

— Heimdall — interrompeu Samirah —, isso tudo é muito interessante, mas precisamos da sua ajuda.

— Hum? Ah, você quer uma foto de nós cinco? Com Asgard ao fundo? Claro!

— Na verdade — interrompeu Sam —, estamos procurando o martelo de Thor.

Toda a empolgação sumiu dos olhos de alabastro de Heimdall.

— Ah, não. Isso de novo, não. Eu *falei* para Thor que não conseguia ver nada. Todos os dias ele me liga, manda mensagem, manda fotos dos bodes sem eu pedir. “Procure mais! Procure mais!” Estou dizendo, não está *em lugar nenhum*. Podem olhar.

Ele passou mais fotos.

— Nada de martelo. Nada de martelo. Aqui sou eu com a Beyoncé, mas nada de martelo. Hum, talvez devesse colocar essa foto no meu perfil.

— Quer saber? — Alex se alongou. — Vou deitar aqui e não matar ninguém irritante, está bem? — Ele se deitou na ponte, abriu os braços e os balançou para cima e para baixo distraidamente pela luz, fazendo um anjinho no arco-íris.

— Então… — comecei. — Heimdall, sei que é um saco, mas você acha que poderia dar outra olhada para nós? Achamos que Mjölnir está escondido no subsolo, então…

— Bom, isso explicaria tudo! Só consigo enxergar através de pedra sólida por no máximo um quilômetro e meio. Se estiver mais fundo do que isso…

— Certo — disse Sam. — A questão é que sabemos quem pegou. Um gigante chamado Thrym.

— Thrym! — Heimdall pareceu ofendido, como se fosse alguém com quem ele *nunca* se rebaixaria a tirar uma selfie. — Aquele ser horrível, feioso…

— Ele quer se casar com Sam — disse Amir.

— Mas não vai — afirmou Sam.

Heimdall se apoiou na espada.

— Ah, bom. Temos um dilema. Posso dizer facilmente onde Thrym está. Mas ele não é burro a ponto de deixar o martelo na própria fortaleza.

— Nós sabemos.

Achei que Heimdall não ia manter a concentração por muito mais tempo, mas contei sobre os planos nefastos de Loki, sobre a espada e a pedra Skofnung, sobre o prazo de três dias até o casamento e sobre o assassino de bodes, que podia ou não estar do nosso lado, ter nos mandado procurar Heimdall e pedir instruções. De tempos em tempos, eu jogava aleatoriamente a palavra *selfie* para manter o interesse do deus.

— Hum… — disse Heimdall. — Nesse caso, eu ficaria feliz de olhar os nove mundos de novo e procurar esse tal de assassino de bodes. Vou preparar a espada de selfie de novo.

— E se — sugeriu Amir — você olhasse sem usar o celular?

Heimdall ficou encarando nosso amigo mortal. Amir disse o que todos nós estávamos pensando, o que foi algo bem corajoso de se fazer na primeira vez dele no espaço sideral nórdico, mas tive medo de Heimdall decidir usar a espada para algo além de conseguir bons ângulos para fotos.

Felizmente, Heimdall só deu um tapinha no ombro de Amir.

— Tudo bem, Amir. Sei que você está confuso com a existência dos nove mundos e tudo mais. Mas, infelizmente, o que você disse não faz sentido.

— Por favor, Heimdall — disse Sam. — Sei que parece… estranho, mas olhar *diretamente* para os nove mundos pode dar uma nova perspectiva.

O deus não pareceu convencido.

— Deve ter outro jeito de encontrar seu assassino de bodes. Talvez eu pudesse soprar Gjallar e chamar os deuses aqui. Poderíamos perguntar se eles viram…

— Não! — gritamos, todos ao mesmo tempo. Alex gritou um pouco atrasado, pois ainda estava deitado fazendo anjinhos. Ele talvez tenha acrescentado alguns modificadores coloridos ao próprio *não*.

— Humf. — Heimdall fez cara feia. — Bom, isso não é nada ortodoxo. Mas não quero ver um gigante grande e feio separar um casal fofo como vocês dois.

Heimdall apontou para mim e Sam.

— Na verdade, são *eles* dois — corrigi, apontando para Amir.

No arco-íris, Alex riu.

— Sim, claro. Desculpem. Vocês ficam bem diferentes quando não estão no aplicativo da câmera. Talvez tenham razão quanto a uma nova perspectiva! Vamos ver o que conseguimos encontrar nos nove mundos!

Trinta e dois

Godzilla me manda uma mensagem importante

HEIMDALL OLHOU AO longe e cambaleou para trás na mesma hora.

— Pelas minhas nove mães!

Alex Fierro se sentou, subitamente interessado.

— O que foi?

— Hã… — As bochechas de Heimdall estavam ficando da mesma cor de lã de carneiro do cabelo. — Gigantes. Um *monte* deles. Eles… eles parecem estar se reunindo nas fronteiras de Midgard.

Eu me perguntei que outras ameaças Heimdall teria deixado passar enquanto estava tirando uma selfie com o presidente dos Estados Unidos. Entre esse cara e o Thor desmartelado, não era surpresa a segurança de Asgard depender de pessoas despreparadas e pouco treinadas como… bem, como nós.

Sam conseguiu manter a voz firme.

— Nós sabemos sobre os gigantes, lorde Heimdall. Eles desconfiam que o martelo de Thor tenha desaparecido. Se não o recuperarmos logo…

— Sim. — Heimdall umedeceu os lábios. — Eu… eu acho que você disse alguma coisa sobre isso. — Ele botou a mão em concha no ouvido e prestou atenção. — Eles estão falando sobre um… casamento. O casamento de Thrym. Um dos generais… está resmungando, porque eles precisam esperar a cerimônia para invadir. Aparentemente, Thrym prometeu uma boa notícia após a cerimônia, uma coisa que vai tornar a invasão deles bem mais fácil.

— Uma aliança com Loki? — adivinhei, embora alguma coisa ali não parecesse certa. Tinha que haver mais.

— E também — continuou Heimdall —, Thrym disse… sim, os exércitos do gigante só vão se juntar à invasão depois do casamento. Ele avisou aos outros exércitos que seria grosseria começar a guerra sem ele. Eu… acho que os gigantes não têm medo de Thrym, mas, pelo que estou entendendo, morrem de medo da irmã dele.

Eu me lembrei do sonho: a voz rouca da giganta que derrubou meu pote de picles do balcão do bar.

— Heimdall, você consegue ver Thrym? O que ele está fazendo? — perguntei.

O deus apertou os olhos e procurou mais atentamente.

— Sim, ali está ele, no limite da minha visão, embaixo de quase um quilômetro e meio de pedra. Sentado naquela fortaleza horrível. Por que ele quer morar em uma caverna decorada como um bar, eu não faço ideia. Ah, ele é *tão* feio! Tenho pena da pessoa que se casar com ele.

— Que ótimo — murmurou Sam. — O que ele está fazendo?

— Bebendo. Agora está arrotando. Agora está bebendo de novo. A irmã dele, Thrynga… ah, a voz dela é como remos raspando gelo! Ela está brigando com ele por ser um tolo. Está dizendo alguma coisa sobre esse casamento ser a ideia mais idiota que ele já teve e que deviam matar a noiva assim que ela chegar!

Heimdall fez uma pausa, talvez lembrando que Samirah era a pobre garota em questão.

— Hã… sinto muito. Mas, como pensei, não vejo o martelo em lugar nenhum. Isso não é surpresa. Esses gigantes da terra, eles conseguem enterrar coisas…

— Vou tentar adivinhar — falei. — Na terra?

— Exatamente! — Heimdall pareceu impressionado com meu conhecimento sobre gigantes da terra. — Eles conseguem recuperar esses

objetos só os chamando de volta para sua mão. Imagino que Thrym vá esperar até depois do casamento. Quando tiver a noiva e o dote, vai recuperar o martelo… isso se quiser cumprir a parte dele do acordo.

Amir pareceu mais enjoado do que me senti a bordo do jatinho.

— Sam, você não pode fazer isso! É perigoso demais!

— Eu não vou fazer. — Ela fechou as mãos com força. — Lorde Heimdall, você é o guardião do matrimônio sagrado, não é? As antigas histórias dizem que você viajava entre a humanidade aconselhando casais, abençoando os filhos deles e criando as várias classes da sociedade viking.

— Eu? — Heimdall olhou para o tablet, como se estivesse tentado a pesquisar essa informação. — Hã, quer dizer, sim. Claro!

— Então ouça meu voto sagrado — disse Sam. — Eu juro pela Bifrost e pelos nove mundos que nunca vou me casar com *ninguém* que não seja este homem, Amir Fadlan. — (Felizmente, ela apontou na direção correta e não me envolveu. Senão as coisas poderiam ter ficado constrangedoras.) — Eu não vou nem *cogitar* a ideia de me casar com esse gigante, Thrym. Não vai acontecer.

Alex Fierro se levantou, com a testa franzida.

— Hã… Sam?

Achei que Alex estava pensando a mesma coisa que eu: se Loki conseguisse controlar as ações de Sam, ela talvez não cumprisse aquela promessa.

Sam lançou um olhar de advertência para Alex. Supreendentemente, ele ficou calado.

— Eu fiz minha promessa — anunciou Sam. — Inshallah, vou cumprir o que prometi e me casarei com Amir Fadlan de acordo com os ensinamentos do Corão e do profeta Maomé, que a paz esteja com ele.

Eu me perguntei se a ponte Bifrost desabaria sob o juramento muçulmano sagrado que Sam estava fazendo, mas nada mudou, com

exceção de Amir, que parecia ter sido acertado entre os olhos com um tablet.

— Que a p-paz esteja com ele — gaguejou ele.

Heimdall fungou.

— Isso foi *tão* fofo. — Uma lágrima branca como seiva escorreu pela bochecha dele. — Espero que vocês, adolescentes malucos, consigam realizar isso. Espero mesmo. Eu queria… — Ele inclinou a cabeça e prestou atenção aos murmúrios distantes do universo. — Não, não estou na lista de convidados do seu casamento com Thrym, que droga.

Sam olhou para mim como quem diz: *Esses últimos minutos foram só minha imaginação, ou o quê?*

— Lorde Heimdall, você quer dizer… o casamento que eu acabei de jurar que não vou levar adiante?

— É — confirmou ele. — Tenho certeza de que vai ser lindo, mas essa sua futura cunhada, Thrynga, está falando sem parar: "Nenhum aesir, nenhum vanir." Parece que eles montaram algum tipo de segurança de primeira para revistar os convidados.

— Eles não querem que Thor entre — supôs Alex — e recupere seu martelo.

— Isso faz sentido. — Heimdall manteve o olhar no horizonte. — A questão é que esse bar-fortaleza subterrâneo… Eu já vi como funciona. Só tem uma entrada, e ela fica mudando de lugar, se abrindo em um ponto diferente a cada dia. Às vezes, é atrás de uma cachoeira, ou em uma caverna de Midgard, ou debaixo das raízes de uma árvore. Mesmo que Thor quisesse planejar um ataque, ele não teria ideia de por onde começar. Não vejo *como* vocês podem planejar uma emboscada para recuperar o martelo. — Ele franziu a testa. — Thrym e Thrynga ainda estão falando da lista de convidados. Apenas familiares e gigantes estão convidados e… Quem é Randolph?

Senti como se alguém tivesse aumentado o termostato da Bifrost. Meu rosto formigou, como se uma marca de queimadura em formato de mão estivesse se formando na minha bochecha.

— Randolph é meu tio — falei. — Você consegue vê-lo?

Heimdall balançou a cabeça.

— Não em Jötunheim, mas Thrym e Thrynga estão muito irritados por ele estar na lista. Thrym está dizendo: “Loki insiste.” Thrynga está jogando garrafas. — Heimdall fez uma careta. — Desculpe, tive que desviar os olhos. Sem a câmera, tudo parece tão 3D!

Amir me observou com preocupação.

— Magnus, seu tio está envolvido?

Eu não queria falar sobre aquele assunto. A cena do dólmen dos zumbis ficava se repetindo na minha mente: Randolph chorando enquanto enfiava a espada Skofnung na barriga de Blitzen.

Felizmente, Alex Fierro mudou de assunto.

— Ei, lorde Selfie — disse ele —, e o assassino de bodes? É ele que precisamos encontrar agora.

— Ah, sim. — Heimdall levantou a lâmina da espada acima dos olhos como uma aba de boné e quase me decapitou no processo. — Vocês disseram uma figura de roupas negras, com elmo de metal e viseira de lobo rosnando?

— Ele mesmo — respondi.

— Não estou vendo. Mas tem uma coisa estranha. Sei que falei que não usaria a câmera, mas… ah, não sei como descrever isso. — Ele levantou o tablet e tirou uma foto. — Olhem.

Nós quatro nos reunimos em torno da tela.

Foi difícil avaliar a escala, pois a foto fora tirada do espaço interdimensional, mas no alto de um penhasco havia uma construção enorme com a aparência de um armazém. No telhado havia letras enormes

de néon, quase tão chamativas quando a placa do Citgo: PISTAS DE BOLICHE UTGARD.

Atrás disso, ainda maior e mais impressionante, havia um Godzilla inflável enorme, como os bonecos de um parque de diversões. O Godzilla trazia nas mãos um cartaz que dizia:

E AÍ, MAGNUS?
VENHA ME VISITAR!
TENHO INFORMAÇÕES P/ VC. TRAGA SEUS AMIGOS!
ÚNICO JEITO DE VENCER THRYM + JOGAR BOLICHE.
ABS BIG BOY

Soltei alguns palavrões em norueguês. Fiquei tentado a jogar o tablet do Fim do Mundo da ponte Bifrost.

— Big Boy — falei, por fim. — Eu devia ter imaginado.

— Isso é ruim — murmurou Sam. — Ele *disse* que um dia você ia precisar da ajuda dele. Mas se *ele* é nossa única esperança, estamos ferrados.

— Por quê? — perguntou Amir.

— É — concordou Alex. — Quem é esse Big Boy que se comunica por Godzillas infláveis?

— Eu sei responder essa! — disse Heimdall com alegria. — Ele é o gigante feiticeiro mais perigoso e poderoso de todos os tempos! Seu verdadeiro nome é Utgard-Loki.

Trinta e três

Pausa para um falafel? Sim, por favor

Outra dica de viking profissional: se Heimdall se oferecer para deixar vocês em algum lugar, digam não!

A ideia de Heimdall de nos mandar de volta para Midgard foi fazendo a ponte Bifrost se dissolver sob nossos pés e literalmente nos deixar cair pelo infinito. Quando paramos de gritar (ou pode ter sido só eu; não julguem), nós nos vimos na esquina da Charles e Boylston, na frente da estátua de Edgar Allan Poe. A essa altura, meu coração definitivamente estava me entregando. Minha pulsação estava tão disparada que dava para ouvir o danadinho por uma parede de tijolos.

Estávamos todos exaustos, mas também com fome e vibrando pela adrenalina pós-arco-íris. E o mais importante, estávamos a uma quadra da praça de alimentação do Transportation Building, onde os Fadlan tinham um restaurante.

— Sabem… — Amir flexionou os dedos, como se para ter certeza de que ainda estavam lá. — Eu posso preparar alguma coisa para o jantar.

— Não precisa, cara — respondi, o que achei bem nobre, considerando quanto eu amava a receita de falafel da família dele. (Sei que ele me pediu para lembrá-lo de não me dar mais falafel, mas decidi interpretar esse pedido como insanidade temporária.)

— Não, eu… eu quero.

Entendi o que ele quis dizer. O mundo do sujeito tinha acabado de se partir ao meio. Ele precisava de alguma coisa familiar para acalmar os

nervos. Desejava o conforto de bolinhos fritos de grão-de-bico, e quem era eu para discutir?

O Transportation Building ficava fechado à noite, mas por ser dono de um dos restaurantes da praça de alimentação, Amir tinha as chaves do prédio. Ele nos deixou entrar, abriu o Falafel do Fadlan e preparou a cozinha para fazer um incrível jantar tardio/café da manhã bem antecipado.

Enquanto isso, Alex, Sam e eu ficamos sentados a uma mesa na praça de alimentação escura, ouvindo o barulho de panelas e fritadeiras ecoando pelo espaço amplo como gritos de pássaros metálicos.

Sam parecia atordoada. Ela virou um saleiro na mesa e formou letras com os grãos brancos; se nórdicas ou árabes, não consegui identificar.

Alex bateu com o All Star de cano alto na cadeira em frente. Ele girou os polegares, com os olhos de duas cores observando o local.

— Então esse gigante feiticeiro…

— Utgard-Loki — falei.

Muita gente do cosmos nórdico tinha me avisado que nomes têm poder. Não se devia pronunciá-los sem necessidade. Eu preferia falar nomes como se não fossem grande coisa. Parecia a melhor maneira de tirar o poder deles.

— Ele não é meu gigante favorito. — Olhei ao redor, para ter certeza de que não havia pombos falantes por perto. — Alguns meses atrás, ele apareceu bem aqui. Me enganou para que eu desse meu falafel para ele. Depois, se transformou em uma águia e me arrastou pelos telhados de Boston.

Alex bateu com os dedos na mesa.

— E agora ele quer que você visite o boliche dele.

— Sabe o que é mais bizarro? Essa é a coisa *menos* maluca que me aconteceu essa semana.

Alex riu.

— E por que ele se chama Loki? — Ele olhou para Sam. — Alguma relação com a gente?

Sam balançou a cabeça.

— O nome dele quer dizer Loki das Terras Distantes. Não tem qualquer conexão com… nosso pai.

Desde o Grande Desastre Alderman daquela tarde, a palavra *pai* não invocava sentimentos tão negativos em uma conversa. Ao olhar para Alex e Sam sentados de frente um para o outro, eu não conseguia imaginar duas pessoas mais diferentes. Mas os dois estavam com a mesma expressão: resignação amarga de compartilharem o deus da trapaça como pai.

— O lado bom — comecei — é que Utgard-Loki não me pareceu muito fã do outro Loki. Não consigo imaginar os dois trabalhando juntos.

— Os dois são gigantes — observou Alex.

— Os gigantes brigam entre si que nem os humanos — ponderou Sam. — E, a julgar pelo que descobrimos com Heimdall, recuperar o martelo de Thrym *não* vai ser fácil. Precisamos de todos os conselhos que pudermos ter. Utgard-Loki é ardiloso. Pode ser a pessoa certa para pensar em um jeito de estragar os planos do nosso pai.

— Combater Loki com Loki — falei.

Alex passou a mão pelo cabelo verde.

— Não ligo para quanto seu amigo gigante é astuto e inteligente. No fim das contas, vamos ter que ir ao casamento e pegar o martelo. O que significa que nós vamos ter que encarar Loki.

— *Nós?* — perguntei.

— Vou com vocês — disse Alex. — Obviamente.

Eu me lembrei do sonho com Loki no apartamento de Alex: *É um pedido tão simples*. Ter a presença de dois de seus filhos no casamento, ambos podendo ser controlados pelo menor ímpeto de Loki… essa não era a minha definição de ocasião alegre.

Samirah fez outro desenho no sal.

— Alex, não posso pedir para você ir.

— Você não está pedindo, eu estou avisando que vou. Você me trouxe para a pós-vida. Essa é minha chance de fazer a diferença. Você *sabe* o que precisamos fazer.

Sam balançou a cabeça.

— Eu… eu ainda não sei se é uma boa ideia.

Alex levantou as mãos.

— Você tem mesmo algum parentesco comigo? Onde está seu senso de imprudência? *Claro* que não é uma boa ideia, mas é o único jeito.

— Que ideia? — perguntei. — Que jeito?

Estava claro que eu tinha perdido uma conversa entre os dois, e nenhum deles parecia ansioso para me contar. Nessa hora, Amir chegou com a comida. Ele colocou na mesa um prato enorme de kebab de cordeiro, charuto de folha de uva, falafel, quibe e outras delícias divinas, e eu me lembrei das minhas prioridades.

— Você, meu senhor, é uma entidade poderosa — falei.

Ele quase sorriu. Começou a se sentar ao lado de Sam, mas Alex estalou os dedos.

— Hã-hã, bonitão. A dama de companhia aqui diz que não.

Amir pareceu envergonhado. Ele veio se sentar entre mim e Alex.

Nós caímos de boca na comida. (Na verdade, talvez tenha sido eu quem mais caiu de boca.)

Amir mordeu o canto de um triângulo de pão árabe.

— Não parece possível… a comida tem o mesmo gosto. A fritadeira frita na mesma temperatura. Minhas chaves abrem as mesmas fechaduras. Ainda assim… o universo todo mudou.

— Nem tudo mudou — prometeu Sam.

A expressão de Amir estava melancólica, como se ele estivesse se lembrando de uma boa experiência da infância que não podia ser revivida.

— Eu agradeço, Sam — disse ele. — E *entendo* o que você quer dizer sobre as deidades nórdicas. Não são deuses. Qualquer um que tire tantas *selfies* com uma espada e um chifre de carneiro… — Ele balançou a cabeça. — Alá pode ter noventa e nove nomes, mas Heimdall não é um deles.

Alex sorriu.

— Gosto desse cara.

Amir piscou, aparentemente sem saber o que fazer com o elogio.

— Então… e agora? Como se supera uma viagem por Bifrost?

Sam deu um sorriso fraco.

— Bom, esta noite preciso ter uma conversa com Jid e Bibi para explicar por que fiquei fora até tão tarde.

Amir assentiu.

— Você vai… tentar mostrar os nove mundos para eles, como fez comigo?

— Não dá — disse Alex. — São velhos demais. Os cérebros não são tão flexíveis.

— Opa! — protestei. — Não precisa ser grosseiro.

— Só estou sendo sincero. — Alex mastigou um pedaço de cordeiro. — Quanto mais velhos somos, mais difícil é aceitar que o mundo pode não ser do jeito que achávamos que era. É um milagre Amir ter conseguido ver através de toda a névoa e todo o glamour sem ficar maluco.

Alex manteve o olhar grudado em mim por mais tempo do que pareceu necessário.

— Sim — murmurou Amir. — Me sinto muito sortudo por não estar maluco.

— Mas Alex está certo — disse Sam. — Quando falei com meus avós hoje de manhã, a conversa que eles tiveram com Loki já estava sumindo da memória. Eles sabiam que deviam estar zangados comigo. Lembravam

que você e eu discutimos. Mas os detalhes… — Ela fez um gesto de *puf* com os dedos.

Amir esfregou o queixo.

— Com meu pai foi a mesma coisa. Ele só perguntou se você e eu tínhamos acertado nossas diferenças. Eu acho… que poderíamos dizer qualquer coisa sobre onde fomos hoje, não é? Qualquer desculpa comum seria mais fácil de eles aceitarem do que a verdade.

Alex o cutucou.

— Não vá ficando cheio de ideias, bonitão. Eu ainda sou a dama de companhia.

— Não! Eu só quis dizer… Eu nunca…

— Relaxe — disse Alex. — Estou só curtindo com a sua cara.

— Ah. — Amir não pareceu relaxar. — E depois? O que vai acontecer?

— Vamos para Jötunheim — disse Sam. — Temos um gigante para interrogar.

— Você vai viajar para outro mundo. — Amir balançou a cabeça, impressionado. — Sabe, quando combinei aquelas aulas de voo com Barry, eu… eu achei que estava expandindo seus horizontes. — Ele riu com tristeza. — Que inocência a minha.

— Amir, foi o presente mais gentil…

— Não tem problema. Não estou reclamando. Eu só… — Ele soltou o ar pesadamente. — O que posso fazer para ajudar?

Sam colocou a mão na mesa, os dedos esticados na direção de Amir, como uma versão de mãos dadas sem toque.

— Só confie em mim. Acredite na minha promessa.

— Eu acredito — disse ele. — Mas deve haver mais alguma coisa. Agora que consigo ver tudo… — Ele balançou um garfo de plástico na direção do teto. — Eu quero apoiar você.

— Você está apoiando — garantiu Sam. — Você me viu como valquíria e não saiu correndo e gritando. Não *imagina* quanto isso ajuda. Só fique

em segurança, por favor, até voltarmos. Seja minha âncora.

— Com prazer. Mas… — Ele deu um sorriso tão sem graça quanto as piadas de Jacques. — Eu não *vi* de verdade você como valquíria. Você acha…?

Sam ficou de pé.

— Alex, Magnus, encontro vocês de manhã?

— Na estátua no parque — respondi. — Vejo você lá.

Ela assentiu.

— Amir, em dois dias isso tudo vai estar terminado. Eu prometo.

Ela subiu no ar e desapareceu em um brilho dourado.

O garfo de plástico caiu da mão de Amir.

— É verdade — disse ele. — Não consigo acreditar.

Alex sorriu.

— Bom, está ficando tarde. Tem mais uma coisa que você pode fazer por nós, amigão.

— Claro. Qualquer coisa.

— Que tal uma quentinha com esse falafel?

Trinta e quatro

Faço uma visita ao meu mausoléu favorito

NA MANHÃ SEGUINTE, acordei na minha cama em Valhala, não revigorado e, definitivamente, nada preparado para levantar. Fiz uma malinha com coisas de acampamento e restos de falafel. Fui falar com T.J. do outro lado do corredor; ele me entregou a espada Skofnung e prometeu ficar alerta para o caso de eu precisar de reforços da cavalaria ou de ajuda para atacar as fortificações inimigas. Depois, me encontrei com Alex Fierro no saguão e seguimos para Midgard.

Alex concordou em fazer mais uma parada antes de nos encontrarmos com os outros. Eu não *queria*, mas me senti obrigado a invadir a mansão de Randolph, em Back Bay, para dar uma olhada no meu tio assassino e traidor. Porque, afinal, família é para essas coisas.

Eu não sabia o que faria se o encontrasse. Talvez pensasse em um jeito de libertá-lo da influência de Loki. Talvez desse um tabefe na cara dele com um saco de quibes — se bem que isso seria desperdiçar um bom quibe.

Para a sorte de Randolph e da minha quentinha, ele não estava em casa. Arrombei a porta dos fundos, como sempre (Randolph não recebeu a mensagem sobre trocar as fechaduras), depois Alex e eu roubamos os vários chocolates espalhados pela mansão (porque isso era uma necessidade), rimos das cortinas e dos badulaques cheios de frescura e, por fim, entramos no escritório.

Nada lá havia mudado desde a minha última visita. Tinha mapas em cima da mesa. A grande tumba viking estava no canto, com a figura do

lobo ainda rosnando para mim. Armas e tranqueiras medievais ocupavam as prateleiras junto com livros de capas de couro e fotos de Randolph em locais de escavações na Escandinávia.

No cordão no meu pescoço, o pingente de Jacques vibrou de tensão. Eu nunca o tinha trazido para a casa de Randolph. Acho que ele não gostou do lugar. Ou talvez só estivesse empolgado porque a espada Skofnung estava presa nas minhas costas.

Eu me virei para Alex.

— Ei, você é garota hoje?

A pergunta me escapuliu antes de eu ter a chance de pensar se dizer aquilo era estranho, grosseria ou se faria com que eu fosse decapitado.

Alex sorriu de um jeito que eu esperava que fosse divertido e não homicida.

— Por quê?

— Por causa da espada Skofnung. Ela não pode ser desembainhada na presença de mulheres. Eu meio que gosto mais quando ela não pode ser desembainhada.

— Ah. Espere. — O rosto de Alex se contraiu em concentração intensa. — Pronto! Agora sou menina.

Minha expressão deve ter sido impagável.

Alex caiu na gargalhada.

— Estou brincando. Sim, sou garota hoje. *Ela* e *dela*.

— Mas você não…

— Mudei de gênero por força de vontade? Não, Magnus. Não é assim que funciona. — Ela passou os dedos pela mesa de Randolph. A janelinha de vitral acima da porta jogava luz multicolorida em seu rosto.

— Então, posso perguntar…? — Fiz um gesto vago. Eu não sabia quais palavras usar.

— *Como* funciona? — Ela deu um sorrisinho. — Desde que você não me peça para falar por todas as pessoas fluidas de gênero, tá? Não sou

embaixadora. Não sou professora, nem garota-propaganda. Sou só — ela imitou meu gesto — *eu*. Tentando ser eu da melhor forma possível.

Pareceu justo. Pelo menos era melhor do que ela me dando socos, me enforcando com o garrote ou virando guepardo e me atacando.

— Mas você é metamorfa. Não pode simplesmente… você sabe, ser o que quiser?

O olho mais escuro tremeu, como se eu tivesse cutucado uma ferida.

— Essa é a ironia. — Ela pegou um abridor de cartas e girou na luz colorida. — Posso mudar minha *aparência* para o que ou quem eu quiser. Mas meu gênero? Não. Não posso mudar por vontade própria. É realmente fluido, no sentido de que eu não o controlo. Na maior parte do tempo eu me identifico como alguém do sexo feminino, mas às vezes tenho dias muito *masculinos*. E não me pergunte como sei o que sou em que dia.

Essa seria a minha próxima pergunta, na verdade.

— Então por que você não usa palavras neutras? Não seria menos confuso do que ficar trocando de pronomes?

— Menos confuso para quem? Para você?

Minha boca devia estar aberta, porque ela revirou os olhos para mim como quem diz: *Seu cretino*. Eu esperava que Heimdall não estivesse fazendo snaps dessa conversa.

— Olha, alguns preferem a neutralidade — disse Alex. — São pessoas não binárias ou de espectro neutro, sei lá. Se elas não querem identificação de gênero na fala, é isso o que você deve fazer. Mas, no meu caso, eu não quero usar os mesmos pronomes o tempo todo, porque eu não sou assim. Eu mudo muito. Essa é a questão. Quando sou ela, eu sou *ela*. Quando sou ele, eu sou *ele*. Não sou *elx*. Entendeu?

— Se eu disser que não, você vai me bater?

— Não.

— Então não, não entendi muito bem.

Ela deu de ombros.

— Você não precisa entender. Só, sabe, respeitar.

— A garota com o fio muito afiado? Tranquilo.

Ela deve ter gostado da resposta. Não havia nada de confuso no sorriso que me deu. A temperatura do escritório aumentou uns quinze graus.

Eu limpei a garganta.

— Estamos procurando qualquer coisa que possa nos dar uma dica do que está acontecendo com meu tio.

Comecei a olhar as estantes, como se tivesse ideia do que estava fazendo. Não encontrei nenhuma mensagem e nenhuma alavanca secreta que pudesse abrir salas escondidas. Sempre parecia tão fácil no desenho do *Scooby-Doo*!

Alex mexeu nas gavetas da escrivaninha de Randolph.

— E você morava nesse mausoléu enorme?

— Felizmente, não. Minha mãe e eu tínhamos um apartamento em Allston… antes de ela morrer. Depois, fui morar nas ruas.

— Mas sua família tinha dinheiro.

— Randolph tinha. — Peguei uma antiga foto dele com Caroline, Aubrey e Emma. Era difícil olhar para elas. Desviei os olhos. — Você vai perguntar por que eu não vim morar aqui com ele em vez de virar um sem-teto?

Alex bufou.

— Deuses, não. Eu jamais perguntaria isso.

A voz dela tinha ficado amarga, como se parentes ricos e idiotas fossem algo que ela conhecesse bem.

— Você vem… de um lugar assim? — perguntei.

Alex fechou a gaveta.

— Minha família tinha muitas coisas, menos as que importavam… como um filho e herdeiro, por exemplo. Ou, sabe, *sentimentos*.

Tentei imaginar Alex morando em uma mansão como aquela, ou participando de uma festa elegante como a do sr. Alderman, em Álfaheim.

— Sua família sabia que você era filha de Loki?

— Ah, Loki fez questão de que eles soubessem. Meus pais mortais o culpavam pelo jeito como eu era, por ser fluida. Diziam que ele me corrompeu, que botou ideias na minha cabeça, blá-blá-blá.

— E seus pais não… convenientemente esqueceram Loki, como os avós de Sam?

— Quem me dera. Loki se certificou de que eles lembrassem. Ele… sempre abria os olhos deles, acho que podemos dizer assim. Como o que você fez por Amir, só que os motivos de Loki não eram tão nobres.

— Eu não fiz nada por Amir.

Alex andou até mim e cruzou os braços. Ela estava usando uma camisa de flanela rosa e verde hoje, com uma calça jeans. Os tênis de caminhada eram tediosamente práticos, exceto pelos cadarços rosa-metálicos.

Os olhos de cores diferentes pareciam puxar meus pensamentos em duas direções ao mesmo tempo.

— Você acha mesmo que não fez nada? — perguntou ela. — Quando segurou os ombros de Amir? Quando suas mãos começaram a brilhar?

— Eu… brilhei? — Não tinha lembrança nenhuma de conjurar o poder de Frey. Nem tinha me ocorrido que Amir precisasse de cura.

— Você o salvou, Magnus — disse Alex. — Até *eu* vi isso. Ele teria desmoronado com o estresse. Você deu a ele resiliência para ampliar a mente sem se romper. O único motivo de ele estar mentalmente são é por sua causa.

Senti como se estivesse de volta à ponte Bifrost, com cores superaquecidas ardendo através de mim. Eu não sabia o que fazer com o olhar de aprovação que Alex estava me lançando, nem com a ideia de que tinha curado a mente de Amir sem nem saber.

Ela me deu um soco no peito, com força suficiente para doer.

— Que tal a gente terminar aqui? Estou começando a sufocar neste lugar.

— Sim. Sim, claro.

Eu também estava com dificuldade para respirar, mas não por causa da casa. O jeito como Alex falou de mim, com tanta aprovação… provocou um estalo. Eu percebi quem ela me lembrava: a energia inquieta, o porte pequeno e o cabelo curto, a camisa de flanela com calça jeans e tênis, o desprezo pelo que as outras pessoas achavam dela, até a gargalhada, nas raras ocasiões em que isso acontecia. Estranhamente, Alex me lembrava a minha mãe.

Decidi não pensar nisso. Em pouco tempo eu precisaria de terapia mais do que o bode Otis.

Olhei as prateleiras uma última vez. Meus olhos se fixaram na única foto sem Randolph: uma imagem de uma cachoeira congelada no meio de uma floresta, com folhas de gelo penduradas na beirada de um penhasco cinzento. Podia ser só uma fotografia bonita da natureza, mas me pareceu familiar. As cores eram mais vibrantes do que nas outras fotos, como se aquela tivesse sido tirada recentemente. Peguei o porta-retratos. Não havia poeira na prateleira onde ele estava. Mas havia outra coisa, um convite de casamento verde.

Alex observou a foto.

— Conheço esse lugar.

— Bridal Veil Falls — falei. — New Hampshire. Já fui caminhar lá.

— Eu também.

Em circunstâncias diferentes, nós talvez tivéssemos trocado histórias de viagens. Era outra estranha similaridade entre ela e minha mãe, e talvez o motivo de Alex ter um átrio aberto no meio da suíte do hotel, como eu.

Mas, no momento, minha mente estava disparada em outra direção. Eu me lembrei do que Heimdall dissera sobre a fortaleza de Thrym, que a entrada sempre mudava, de maneira que era impossível prever onde estaria no dia do casamento. Ele tinha dito que às vezes aparecia atrás de uma cachoeira.

Olhei o convite, idêntico ao que Sam jogara fora. A linha *quando* agora dizia: EM DOIS DIAS. Em outras palavras, depois de amanhã. A linha *onde* ainda dizia: AVISAMOS DEPOIS.

A fotografia de Bridal Veil Falls podia ser uma imagem aleatória. O nome da cachoeira, Véu de Noiva, podia ser coincidência. Ou talvez o tio Randolph não estivesse totalmente sob o controle de Loki. Talvez tivesse deixado uma pista digna de *Scooby-Doo*.

— É o convite do casamento de Sam — notou Alex. — Você acha que quer dizer alguma coisa o fato de estar atrás dessa foto?

— Pode não ser nada — respondi. — Ou pode ser um ponto de entrada para uns penetras de casamento.

Trinta e cinco

Temos um probleminha

LOCAL DE ENCONTRO: a estátua de George Washington no Public Garden. Hearthstone, Blitzen e Samirah já estavam lá, junto com outro velho amigo que por acaso era um cavalo com oito patas.

— Stanley!

O cavalo relinchou e encostou o focinho em mim. Ele indicou a estátua de George Washington e sua montaria como quem diz: *Dá para acreditar nesse cara? Ele nem é tão legal. O cavalo dele só tem quatro patas.*

Conheci Stanley quando pulamos de um penhasco em Jötunheim, a caminho da fortaleza de um gigante. Fiquei feliz em ver o cavalo de novo, mas tive a péssima sensação de que estávamos prestes a participar da sequência: *Saltos de Penhasco II: A Ascensão de Big Boy*.

Fiz carinho no focinho de Stanley, desejando ter uma cenoura para ele. Eu só tinha chocolate e quibe, e achava que nenhum dos dois faria bem a um cavalo de oito patas.

— Você o chamou? — perguntei a Hearth. — Como ainda está consciente?

Na primeira vez que Hearthstone usou *ehwaz*, a runa de transporte, ele desabou e ficou rindo e sinalizando algo sobre máquinas de lavar durante meia hora.

Hearth deu de ombros, mas notei uma centelha de orgulho na expressão dele. Ele parecia melhor hoje, depois de passar a noite na câmara de bronzeamento artificial. A calça jeans e a jaqueta pretas estavam limpas, e agora ele usava o cachecol listrado.

Está mais fácil, sinalizou ele. *Consigo usar duas, às vezes até três runas seguidas sem desmaiar.*

— Uau.

— O que ele disse? — perguntou Alex.

Eu traduzi.

— Só duas ou três? Sem querer ofender, mas não parece grande coisa.

— Mas é. Usar uma runa demanda muito esforço físico. É como correr por mais de uma hora sem parar.

— Bom, eu não malho, então…

Blitzen limpou a garganta.

— Ah, Magnus? Quem é sua amiga?

— Desculpem. Esta é Alex Fierro. Blitzen, Hearthstone, Alex é nossa mais nova einherji.

Blitzen estava usando o chapéu de safári, então era difícil ver a expressão dele atrás da rede. No entanto, eu tinha certeza de que o anão não estava sorrindo.

— Você é a outra filha de Loki — disse ele.

— Sou — respondeu Alex. — Prometo não matar vocês.

Para Alex aquela era uma concessão e tanto, mas Hearth e Blitz não souberam como interpretá-la.

Samirah me deu um sorriso seco.

— O que foi? — perguntei.

— Nada. — Ela estava usando o uniforme escolar, o que achei bem otimista, tipo *vou dar um pulinho em Jötunheim e voltar a tempo para a última aula*. — Onde vocês estavam? Não vieram da direção de Valhala.

Expliquei sobre a excursão à casa de Randolph e sobre a foto e o convite de casamento que agora estavam na minha mochila.

Sam franziu a testa.

— Você acha que essa cachoeira é a entrada para a fortaleza de Thrym?

— Talvez. Ou pelo menos vai ser, em dois dias. Se tivermos essa informação com antecedência, poderemos usá-la a nosso favor.

Como?, sinalizou Hearth.

— Hã, ainda não cheguei nessa parte.

Blitzen grunhiu.

— Acho que é possível. Gigantes da terra podem manipular pedra sólida melhor do que anões. E podem mudar as entradas de lugar. Além disso — ele balançou a cabeça com repugnância —, as fortalezas deles são quase impossíveis de invadir. Túneis, explosivos, poder divino, nada disso vai funcionar. Acreditem em mim, o C.E.I.A. tentou.

— Ceia? — perguntei.

Ele me olhou como se eu fosse burro.

— O Corpo de Engenheiros da Infantaria Anã, dã. O que *mais* poderia ser? Enfim, com gigantes da terra é *preciso* usar a entrada principal. Mas, mesmo que seu tio soubesse onde a entrada estaria no dia do casamento, por que lhe contaria? Esse é o cara que furou minha barriga.

Eu não precisava do lembrete. Via essa cena sempre que fechava os olhos. Também não tinha uma boa resposta para ele, mas Alex interveio.

— Não temos que ir?

Sam assentiu.

— Você está certa. Stanley só ficará aqui por mais alguns minutos. Ele prefere carregar no máximo três passageiros, então pensei em ir voando com Hearth. Magnus, que tal você, Alex e Blitz irem no nosso amigo cavalo?

Blitzen se remexeu com desconforto no terno azul-marinho de três peças. Talvez estivesse pensando no quanto seu estilo e o de Alex iam contrastar no cavalo.

Tudo bem, Hearthstone sinalizou para ele. *Vá em segurança*.

— Humf. Tudo bem. — Blitz olhou para mim. — Mas quero ir na frente. Podemos chamar de *banco do carona* quando se trata de um

cavalo?

Stanley relinchou e bateu as patas. Acho que ele não gostou de ser comparado a um carro.

Entreguei para Sam a espada Skofnung. Blitzen entregou a pedra Skofnung. Como seriam o dote dela, achamos que Sam devia ter o direito de carregá-las. Ela não poderia desembainhar a espada por causa do encantamento, mas pelo menos podia bater com a pedra na cabeça das pessoas, caso houvesse necessidade.

Stanley nos permitiu subir a bordo: Blitzen primeiro, Alex no meio e eu atrás, ou, como eu gostava de pensar: *o primeiro a cair e morrer em caso de decolagem abrupta.*

Fiquei com medo de Alex cortar minha cabeça ou virar um lagarto gigante e me morder se eu me segurasse nela, mas ela pegou meus pulsos e passou meu braço pela sua cintura.

— Eu não sou frágil. Nem contagiosa.

— Eu não falei nada…

— Cala a boca.

— Já calei.

Ela tinha cheiro de argila, como a oficina de esculturas na sua suíte. Também tinha uma pequena tatuagem na qual eu não tinha reparado, na nuca: as serpentes duplas de Loki. Quando me dei conta do que estava vendo, meu estômago deu uma despencada um pouco antecipada, mas não tive muito tempo para avaliar o significado da tatuagem.

— Vejo vocês em Jötunheim. — Sam segurou o braço de Hearthstone, e os dois saíram voando em um brilho de luz dourada.

Stanley não foi tão discreto. Ele galopou na direção da rua Arlington, pulou a cerca do parque e disparou para o Taj Hotel. Um momento antes de batermos no muro, Stanley subiu. A fachada de mármore do hotel se dissolveu em neblina, e o cavalo fez um giro de trezentos e sessenta graus por ela, de alguma forma conseguindo não nos deixar cair. Os cascos dele

tocaram o chão novamente, e passamos por uma ravina arborizada, cercada por montanhas altas dos dois lados.

Pinheiros cobertos de neve se destacavam acima de nós. Nuvens cinza-metálicas pairavam baixas e pesadas. Minha respiração virou vapor.

Só tive tempo de pensar *ei, estamos em Jötunheim* antes que Blitzen gritasse:

— Pra baixo!

O milissegundo seguinte demonstrou como eu pensava mais rápido do que reagia. Primeiro, pensei que Blitz tinha visto alguma coisa lá embaixo. Mas logo percebi que ele estava mandando eu me abaixar, o que é difícil quando se é o último em uma fila de três pessoas nas costas de um cavalo.

Então, eu vi o enorme galho de árvore no nosso caminho. Percebi que Stanley ia passar correndo por baixo dele a toda velocidade. Mesmo que o galho tivesse um cartaz alertando para tomar cuidado com a altura do veículo, Stanley não sabia ler.

PLOFT!

Eu me vi caído de costas na neve. Acima de mim, galhos de pinheiro borrados dançavam em tecnicolor. Meus dentes estavam doendo.

Eu consegui me sentar. Minha visão clareou, e então vi Alex a alguns metros de mim, gemendo em cima de uma pilha de agulhas de pinheiro. Blitzen cambaleou, procurando o chapéu de safári. Felizmente, a luz de Jötunheim não era forte o bastante para petrificar anões, senão ele já teria virado pedra.

Quanto à nossa intrépida montaria… Stanley tinha sumido, e uma trilha de pegadas continuava por baixo do galho e seguia até o bosque. Talvez ele tivesse chegado ao limite do tempo de convocação e sumido. Ou talvez tivesse se distraído com a alegria de correr e só fosse perceber que nos deixara para trás trinta quilômetros depois.

Blitzen pegou o chapéu na neve.

— Cavalo idiota. Que grosseria!

Ajudei Alex a se levantar. Um corte feio ziguezagueava pela testa dela como uma boca vermelha irregular.

— Você está sangrando. Eu posso curar isso.

Ela deu um tapa na minha mão.

— Estou bem, dr. House, mas obrigada pelo diagnóstico. — Ela se virou meio cambaleante e observou a floresta. — Onde estamos?

— A pergunta mais importante é: onde estão os outros? — disse Blitz.

Sam e Hearthstone não estavam em lugar nenhum. Eu esperava que Sam fosse melhor em desviar de obstáculos do que Stanley.

Fiz uma careta para o galho com o qual tínhamos nos chocado. Eu me perguntei se podia mandar Jacques cortá-lo antes de o próximo grupo de pobres otários passar por ali. Mas tinha alguma coisa estranha na textura. Em vez das reentrâncias habituais de um tronco, o galho consistia de uma fibra cinzenta entrelaçada. Não afinava até formar uma ponta, mas se curvava até o chão, onde serpenteava pela neve. Não era um galho, então… estava mais para um cabo enorme. A parte de cima se enrolava nas árvores e desaparecia entre as nuvens.

— O que é essa coisa? — perguntei. — Não é uma árvore.

À nossa esquerda, uma forma alta e escura que supus ser uma montanha se mexeu e retumbou. Percebi com uma certeza de contorcer as entranhas que aquilo na verdade não era uma montanha. O maior gigante que eu já tinha visto estava sentado ao meu lado.

— Não mesmo! — ribombou a voz dele. — Esse é o meu cadarço!

* * *

Vocês devem estar se perguntando: como pude não reparar em um gigante tão grande? Bom, ele era grande demais para compreender. Os tênis eram colinas. Os joelhos dobrados eram picos de montanhas. A camisa cinza-escura se misturava ao céu, e a barba branca e fofa lembrava nuvens

carregadas de neve. Mesmo sentado, os olhos brilhantes do gigante estavam tão altos que podiam ser pequenos dirigíveis ou luas.

— Oi, pequeninos! — A voz do gigante era grave o bastante para liquefazer substâncias sólidas, como meus olhos, por exemplo. — Vocês deviam olhar por onde andam!

Ele levantou o pé direito. O galho de árvore/cadarço no qual nos chocamos deslizou pelos pinheiros, arrancando arbustos, quebrando galhos e assustando animais. Um cervo com chifre de doze pontas surgiu do nada e quase atropelou Blitzen.

O gigante se inclinou e bloqueou a luz cinza. Amarrou o sapato, cantarolando o tempo todo, passando um cabo enorme por cima do outro, os cadarços destruindo trechos inteiros de floresta.

Quando o gigante terminou de dar o laço, a terra parou de tremer.

Alex gritou:

— Quem é você? E como nunca ouviu falar em velcro?

Não sei onde ela encontrou coragem para falar. Talvez tivesse batido a cabeça. Eu estava tentando decidir se Jacques tinha poder para matar um gigante tão grande. Mesmo que conseguisse voar pelo nariz dele, duvidava que a lâmina fosse provocar um estrago maior do que um espirro. E isso seria uma péssima ideia.

O gigante se levantou e riu. Eu me perguntei se os ouvidos dele estalavam quando subia tão alto na estratosfera.

— Nossa! O mosquitinho de cabelo verde é corajoso! Meu nome é Miúdo!

Agora que estava prestando atenção, vi o nome MIÚDO bordado na camisa, como se fosse o letreiro distante de Hollywood.

— Miúdo — repeti.

Eu não achava que ele conseguia me ouvir, da mesma forma que eu não conseguia ouvir formigas discutindo, mas ele sorriu e assentiu.

— Sim, ser insignificante. Os outros gigantes gostam de me provocar porque, em comparação à maioria dos habitantes do palácio de Utgard-Loki, eu sou pequeno.

Blitzen limpou gravetos do paletó azul.

— Só pode ser uma ilusão — murmurou ele para nós. — Ele não pode ser tão grande.

Alex tocou a testa ensanguentada.

— *Isto* não é ilusão. Aquele cadarço era bem real.

O gigante se alongou.

— Que bom que vocês me acordaram do meu cochilo. Eu tenho que ir!

— Espere! — gritei. — Você disse que é do palácio de Utgard-Loki?

— Hum? Ah, sim. Pistas de Boliche Utgard! Vocês estão indo para lá?

— Ah, sim! Nós precisamos ver o rei!

Eu estava torcendo para Miúdo nos oferecer uma carona. Parecia a coisa certa a se fazer por viajantes que tinham acabado de sofrer um acidente com seu cadarço.

Miúdo riu.

— Não sei como vocês se sairiam nas Pistas de Boliche Utgard. Estamos muito ocupados preparando o torneio de boliche amanhã. Se não conseguem andar nem ao redor de cadarços, podem acabar esmagados acidentalmente.

— Nós vamos ficar bem! — disse Alex, novamente com bem mais confiança do que eu conseguiria demonstrar. — Onde fica o palácio?

— Logo ali. — Miúdo apontou para a esquerda, provocando uma nova ventania. — É uma caminhada tranquila de dois minutos.

Tentei traduzir isso do gigantês. Concluí que queria dizer que o palácio ficava a sete bilhões de quilômetros de distância.

— Você pode nos dar uma carona? — Tentei não parecer muito digno de pena.

— Ah, bom — disse Miúdo. — Eu não devo nenhum favor a vocês, devo? Vocês precisam chegar à entrada da fortaleza para pedir privilégios de convidados. *Aí* nós teremos que tratar vocês bem.

— Lá vamos nós… — resmungou Blitzen.

Eu me lembrei de como fora a questão dos direitos dos convidados da última vez que tínhamos ido a Jötunheim. Se a gente entrasse na casa de um gigante e alegasse ser convidado, supostamente o dono da casa não podia nos matar. Claro que, quando tentamos isso antes, acabamos matando uma família inteira depois que eles tentaram nos esmagar como insetos, mas tudo fora feito com muita cortesia.

— Além do mais — continuou Miúdo —, se vocês não conseguem chegar às Pistas de Boliche Utgard sozinhos, não deviam estar aqui! A maioria dos gigantes não é tão tranquila quanto eu. Vocês precisam tomar cuidado, pequeninos. Os gigantes maiores podem achar que vocês são invasores, pragas ou algo assim! Eu manteria distância.

Tive uma visão terrível de Sam e Hearthstone voando para dentro do boliche e sendo pegos pelo maior mata-mosquito elétrico do mundo.

— Nós temos que ir! — gritei. — Vamos encontrar dois amigos.

— Hum… — Miúdo levantou o antebraço, revelando uma tatuagem de Elvis Presley do tamanho do Monte Rushmore. O gigante coçou a barba, e um único pelo branco se soltou como um helicóptero militar e caiu perto de nós, levantando uma nuvem de neve. — Vamos fazer o seguinte: vocês carregam minha bolsa de boliche. Assim, todos vão saber que são meus amigos. Façam esse pequeno serviço para mim, e falo por vocês com Utgard-Loki. Tentem me acompanhar! Mas, se ficarem para trás, cuidem para chegar ao castelo antes de amanhã de manhã. É quando o torneio vai começar!

Ele se levantou e se virou para ir embora. Tive tempo de admirar o coque desgrenhado e grisalho e ler as palavras amarelas gigantes bordadas nas costas da camisa: PERUS DO BOLICHE DO MIÚDO. Eu me perguntei se era

o nome do time ou talvez do trabalho dele. Imaginei perus do tamanho de catedrais e soube que isso assombraria meus pesadelos para sempre.

Em dois passos, Miúdo desapareceu no horizonte.

Eu olhei para os meus amigos.

— Em que a gente acabou de se meter?

— Tenho uma boa e uma má notícia — disse Blitzen. — A boa notícia é que encontrei a bolsa. A má… é que encontrei a bolsa.

Ele apontou para uma montanha próxima: um penhasco escuro e íngreme que se elevava cento e cinquenta metros até um platô amplo no alto. Mas é claro que não era uma montanha. Era uma bolsa de boliche de couro marrom.

Trinta e seis

Resolvendo problemas com muito estilo

EM UM MOMENTO como aquele, a maioria das pessoas se jogaria no chão e perderia as esperanças. E quando digo a maioria das pessoas, quero dizer eu.

Eu me sentei na neve e olhei para o penhasco enorme da montanha Bolsa de Boliche. PERUS DO BOLICHE DO MIÚDO estava bordado no couro marrom com letras pretas tão apagadas que pareciam falhas aleatórias.

— É impossível — declarei.

A testa de Alex tinha parado de sangrar, mas a pele ao redor do corte tinha ficado tão verde quanto seu cabelo, o que não era um bom sinal.

— Odeio concordar com você, Maggie, mas é. É impossível.

— Por favor, não me chame de Maggie — falei. — Até Zé-Ninguém é melhor.

Alex pareceu estar arquivando mentalmente essa informação para usar mais tarde.

— Quer apostar que tem uma bola de boliche dentro da bolsa? Deve pesar o mesmo que um porta-aviões.

— Faz diferença? — perguntei. — Mesmo vazia, a bolsa é grande demais para ser movida.

Só Blitzen não pareceu derrotado. Ele andou ao redor da bolsa, passando os dedos pelo couro, murmurando baixinho como se fizesse cálculos.

— Só pode ser uma ilusão — disse ele. — Nenhuma bolsa de boliche pode ser tão grande. Nenhum gigante é tão grande.

— Eles *são* gigantes — observei. — Talvez, se tivéssemos Hearthstone aqui, ele poderia fazer alguma magia de runa, mas…

— Garoto, pense comigo — disse Blitz. — Estou tentando resolver um problema. Isso é um acessório de moda. É uma *bolsa*. É a minha especialidade.

Eu queria argumentar que bolsas de boliche estavam tão longe da moda quanto os Estados Unidos estavam da China. Eu não via como um anão, por mais talentoso que fosse, poderia resolver esse problema de proporções gigantescas com algumas escolhas de estilo inteligentes. Mas não queria parecer negativo.

— Em que você está pensando? — perguntei.

— Bom, não podemos dissipar a ilusão — murmurou Blitz. — Vamos ter que trabalhar com o que temos, não contra. Eu me pergunto…

Ele encostou o ouvido na bolsa de couro. E sorriu.

— Hã, Blitz? Você me deixa nervoso quando sorri assim.

— Essa bolsa não foi terminada. Não tem nome.

— Nome? — disse Alex. — Tipo “Oi, Bolsa. Meu nome é Alex. Qual é o seu”?

Blitzen assentiu.

— Exatamente. Os anões sempre dão nome para as suas criações. Nenhum objeto está pronto enquanto não tiver nome.

— É, mas Blitz… Essa bolsa é de um *gigante*. Não de um anão — falei.

— Ah, mas *poderia* ser. Você não vê? Eu poderia terminar de fazê-la.

Alex e eu apenas o encaramos.

Ele suspirou.

— Olhem, enquanto eu estava com Hearthstone no esconderijo, fiquei entediado. Comecei a pensar em novos projetos. Um deles… bom, você sabe qual é a runa pessoal de Hearthstone, não sabe, Magnus? *Perthro?*

— O cálice vazio. Sim, eu lembro.

— O quê? — perguntou Alex.

Eu desenhei a runa na terra.

ᛈ

— Quer dizer um cálice esperando para ser preenchido — expliquei. — Ou uma pessoa que foi esvaziada e está esperando que alguma coisa dê sentido à sua vida.

Alex franziu a testa.

— Deuses, que deprimente.

— A questão — disse Blitz — é que andei pensando em uma bolsa *perthro*, uma bolsa que nunca fica cheia. A bolsa sempre pareceria vazia e leve. E, o mais importante, seria do tamanho que você quisesse.

Eu olhei para a montanha Bolsa de Boliche. A lateral era tão alta que pássaros a contornavam, irritados. Ou talvez só estivessem admirando o belo trabalho de costura.

— Blitz, gosto do seu otimismo. Mas tenho que dizer que essa bolsa é aproximadamente do tamanho de Nantucket.

— Sim, sim. Não é ideal. Eu planejava fazer um protótipo primeiro. Mas, se conseguir finalizar o trabalho na bolsa de boliche e dar um nome a ela, costurando um bordado estiloso no couro e usando uma palavra de comando, posso conseguir canalizar a magia. — Ele bateu nos bolsos até encontrar seu kit de costura. — Hum, vou precisar de material melhor.

— É — disse Alex. — O couro deve ter um metro e meio de espessura.

— Ah — retrucou Blitz —, mas nós temos a melhor agulha de costura do mundo!

— Jacques — arrisquei.

Os olhos de Blitz brilharam. Eu não o via tão empolgado desde que criara a faixa de smoking de cota de malha.

— Também vou precisar de alguns ingredientes mágicos — continuou ele. — Vocês vão ter que ajudar. Vou precisar tecer fios de filamentos especiais, uma coisa com poder, resistência e propriedades de crescimento mágico. Por exemplo, o cabelo de um filho de Frey!

Senti como se ele tivesse acertado minha cara com um cadarço.

— Como é?

Alex riu.

— Adorei esse plano. O cabelo dele precisa de um bom corte. Afinal, a gente não está em 1993.

— Esperem aí — protestei.

— Além do mais… — Blitz olhou para Alex. — A bolsa precisa mudar de formato, o que significa que vou precisar tingir o fio com o sangue de uma metamorfa.

O sorriso de Alex sumiu.

— De quanto sangue estamos falando exatamente?

— Só um pouquinho.

Ela hesitou, talvez se perguntando se devia pegar o garrote e substituir por sangue de anão e de einherji.

Por fim, Alex suspirou e enrolou a manga da camisa de flanela.

— Tudo bem, anão. Vamos fazer uma bolsa de boliche mágica.

Trinta e sete

Marshmallow de falafel na fogueira

NÃO HÁ NADA melhor do que acampar em uma floresta apavorante de Jötunheim enquanto seu amigo borda runas em uma bolsa de boliche gigante!

— O dia *todo*? — reclamou Alex quando Blitz fez a estimativa de quanto tempo demoraria até terminar. Ela tinha ficado meio mal-humorada depois de ser atingida por um cadarço gigante, cortada com uma faca e ver o sangue ser colhido em uma tampa de garrafa térmica. — Estamos correndo contra o tempo, anão!

— Eu sei disso. — Blitz falou calmamente, como se estivesse dando aula para uma turma de jardim de infância de Nídavellir. — Também sei que estamos completamente expostos aqui, em território gigante, e que Sam e Hearth estão desaparecidos, o que está me deixando *nervoso*. Mas nossa melhor chance de encontrá-los e conseguir as informações de que precisamos é chegando ao palácio de Utgard-Loki. A melhor maneira de fazer isso sem *morrer* é encantando esta bolsa. Portanto, a não ser que você saiba de um jeito mais rápido, sim, vou demorar o dia todo. Posso ter que trabalhar durante a noite também.

Alex fez uma careta, mas criticar a lógica de Blitzen era tão sem sentido quanto criticar seu senso fashion.

— O que *nós* vamos fazer, então?

— Me trazer comida e água — disse Blitz. — Ficar de vigia, principalmente à noite, para eu não ser comido por trolls. Torcer para Sam

e Hearth aparecerem antes de eu terminar. E, Magnus, preciso da sua espada.

Convoquei Jacques, que ficou feliz em ajudar.

— Ah, costurar? — As runas da lâmina brilharam de empolgação. — Isso me lembra o Grande Festival de Costura da Islândia de 886 EC! Frey e eu *arrasamos* na competição. Vários guerreiros foram para casa chorando de tanto que nós esnobamos a costura e o bordado deles.

Decidi não perguntar. Quanto menos eu soubesse sobre as vitórias de meu pai na costura, melhor.

Enquanto Jacques e Blitzen conversavam sobre as melhores estratégias, Alex e eu montamos o acampamento. Ela tinha levado suprimentos, então arrumamos tudo bem rápido, com duas barracas e uma fogueira cercada por pedras.

— Você deve ter acampado bastante — comentei.

Ela deu de ombros e arrumou umas varetas para acender o fogo.

— Eu amo estar ao ar livre. Sempre ia acampar na montanha com o pessoal do meu estúdio de cerâmica em Brookline Village, só para fugir um pouco.

Ela botou muita ênfase na palavra *fugir*.

— Estúdio de cerâmica?

Alex fez uma careta, como se tentasse detectar sarcasmo. Talvez tivesse ouvido várias perguntas idiotas como: *Ah, você gosta de cerâmica? Que fofo! Eu gostava de brincar com massinha quando era pequeno!*

— O estúdio era o único lugar seguro para mim — disse ela. — Me deixavam dormir lá quando as coisas estavam ruins em casa.

Da mochila, Alex tirou uma caixa de fósforos. Os dedos pareceram desajeitados quando ela puxou alguns palitos. O corte na testa tinha ficado de um tom de verde mais escuro, mas Alex se recusava a me deixar curá-lo.

— A questão da argila é que ela pode ser moldada em qualquer formato. Eu decido o que é melhor para cada peça. Meio que… escuto o que a argila quer. Sei que parece idiota.

— Você está dizendo isso para um cara que tem uma espada falante.

Ela riu.

— É, mas…

Os fósforos caíram no chão. Alex caiu sentada, o rosto pálido de repente.

— Opa. — Cheguei mais perto dela. — Você *precisa* me deixar curar esse ferimento na cabeça. Só os deuses sabem que tipo de bactérias havia no cadarço de Miúdo, e sua doação de sangue para o projeto artístico de Blitz não ajudou.

— Não, eu não quero… — Ela hesitou. — Tem um kit de primeiros socorros na minha bolsa. Eu vou…

— Um kit de primeiros socorros não vai resolver nada. O que você ia dizer?

Alex tocou a testa e fez uma careta.

— Nada.

— Você disse "eu não quero…".

— Isso! — exclamou ela com rispidez. — Você se metendo na minha vida! Samirah disse que, quando cura as pessoas, tipo aquele elfo, Hearthstone, você entra na cabeça delas, vê coisas. Eu não quero isso!

Desviei o olhar, com as mãos ficando dormentes. Na fogueira, a pirâmide de gravetos de Alex desabou. Os fósforos tinham se espalhado em símbolos de runa, mas, se queriam dizer alguma coisa, eu não sabia interpretar.

Pensei em algo que Mestiço Gunderson dissera certa vez sobre alcateias: cada indivíduo da alcateia força o limite dentro do grupo. Eles ficam testando constantemente sua posição na hierarquia: onde podem dormir, quanto podem comer de uma carcaça. E continuam a forçar até o

alfa partir para cima deles e lembrá-los de seus lugares. Eu não tinha percebido que estava forçando a barra, mas recebi um ataque de lobo alfa de primeira categoria.

— Eu… não controlo exatamente o que acontece quando estou curando. — Estava surpreso por minha voz ainda funcionar. — Com Hearth, tive que usar muito poder. Ele estava à beira da morte. Acho que eu não conseguiria ler muito de você enquanto estivesse curando um corte infeccionado. Vou tentar não ler, pelo menos. Mas, se você não for curada…

Ela olhou para o curativo do braço, no local onde Blitzen tirara sangue.

— Tá. Tá, tudo bem. Só que… só a testa. Nada *dentro* da minha cabeça.

Toquei a testa dela. Alex estava ardendo de febre. Invoquei o poder de Frey, e ela soltou um suspiro de surpresa. Na mesma hora, o ferimento se fechou. A pele esfriou. A cor voltou ao normal.

Minhas mãos quase não brilhavam. Parecia que o fato de estarmos ao ar livre, cercados pela natureza, facilitava a cura.

— Não vi nada — jurei para Alex. — Você ainda é um mistério envolto em um ponto de interrogação envolto em roupas de flanela.

Ela expirou, emitindo um som que era algo entre uma gargalhada e um suspiro de alívio.

— Obrigada, Magnus. Agora será que podemos acender a fogueira?

Ela não me chamou de Maggie nem de Zé-Ninguém. Decidi encarar isso como uma oferta de paz.

Quando estávamos com uma bela chama acesa, tentamos descobrir a melhor maneira de requentar o falafel do Fadlan sobre uma chama aberta. Aprendemos uma lição importante: não dá para assar falafel no espeto como se fosse um marshmallow. Praticamente só comemos os chocolates da casa do tio Randolph.

Blitz passou boa parte da manhã fiando o fio mágico na roca portátil de viagem. (Claro que ele tinha uma roca no kit. Por que não teria?) Enquanto

isso, Jacques voou de um lado para outro na lateral da bolsa de boliche, perfurando no padrão que Blitz queria que ele bordasse.

Alex e eu ficamos vigiando, mas não aconteceu muita coisa. Sam e Hearth não apareceram. Nenhum gigante eclipsou o sol ou destruiu a floresta com cadarços desamarrados. A coisa mais perigosa que vimos foi um esquilo vermelho em um galho acima da nossa fogueira. Provavelmente não era uma ameaça, mas desde que conhecera Ratatosk, eu achava melhor prevenir. Fiquei de olho nele até que pulasse para outra árvore.

À tarde, as coisas ficaram mais animadas. Depois do almoço, Blitz e Jacques começaram a trabalhar no bordado em si. De algum modo (talvez, hã, com *magia*?), Blitz fez uma pilha de fio vermelho cintilante com meu cabelo, o sangue de Alex Fierro e os fios do colete dele. Depois amarrou uma ponta no cabo de Jacques, que voou de um lado para o outro da lateral da bolsa, mergulhando no couro como um golfinho, deixando uma trilha cintilante de pontos. Vê-lo me lembrou de como amarramos o lobo Fenrir… uma lembrança que eu não fazia questão de ter.

Blitzen gritava instruções.

— Para a esquerda, Jacques! Diminua esse ponto! Certo, agora faça um pesponto! Faça um arremate ali no final!

Alex mordeu a barra de chocolate.

— Arremate?

— Não faço ideia do que eles estão falando — admiti.

Talvez inspirada pela exibição de costura, Alex soltou o garrote dos passadores da calça. Passou o fio de metal pelas solas dos tênis, raspando a lama gelada.

— Por que escolheu essa arma? — perguntei. — Você pode simplesmente me mandar calar a boca de novo, se quiser, sem problemas.

Alex me deu um meio sorriso.

— Tudo bem. Começou como meu cortador de argila.

— Cortador de argila. É aquele fio que você passa por um bloco de argila.

— Você descobriu isso sozinho?

— Ha-ha. Imagino que a maioria dos cortadores de argila não tenha aplicações de combate.

— Não muito. Minha m… — Ela hesitou. — Loki me visitou uma vez no estúdio. Estava tentando me impressionar, me mostrar quanto podia fazer por mim. Ele me ensinou um encantamento que eu poderia usar para fazer uma arma mágica. Eu não queria dar a ele a satisfação de me ajudar. Então, usei o feitiço na coisa mais estúpida e inócua em que consegui pensar. Não me dei conta de que um fio com cavilhas nas pontas pudesse ser uma arma.

— Mas…

Alex apontou para uma rocha próxima, um pedaço grande de granito do tamanho de um piano. Ela lançou o garrote, segurando uma das pontas como um chicote. O fio se esticou quando voou. A ponta se enrolou na pedra e prendeu bem. Alex puxou. A parte de cima da pedra deslizou para o chão com um som de tampa de pote de biscoitos sendo removida.

O fio voltou para sua mão.

— Legal. — Tentei não deixar meus olhos pularem da cara. — Mas faz batata frita?

Alex murmurou alguma coisa sobre garotos idiotas, mas tenho certeza de que não teve nada a ver comigo.

A luz da tarde sumiu rapidamente. Lá na bolsa de boliche, Blitz e Jacques continuavam trabalhando em sua participação na Grande Competição de Costura de Jötunheim. As sombras se alongaram. A temperatura caiu. Reparei nisso porque Blitz tinha acabado de fazer um corte de cabelo drástico em mim, e meu pescoço exposto estava gelado. Eu só estava agradecido de não haver espelhos para me mostrar os horrores que o anão tinha feito na minha cabeça.

Alex jogou outro graveto no fogo.

— Você pode perguntar.

Eu me remexi, desconfortável.

— O quê?

— Você quer me perguntar sobre Loki — disse Alex. — Por que coloquei o símbolo dele no meu trabalho, por que tenho a tatuagem. Quer saber se estou trabalhando para ele.

Essas perguntas *estavam* no fundo dos meus pensamentos, mas eu não entendia como Alex podia saber. Eu me perguntei se meu toque de cura tinha saído pela culatra. Talvez eu tenha dado a Alex uma visão da *minha* cabeça.

— Isso é algo que me preocupa — admiti. — Você age como se não gostasse de Loki…

— Eu não gosto.

— Então por que usa o símbolo dele?

Ela tocou a nuca.

— Este desenho, as duas cobras entrelaçadas? Era chamado de Serpentes de Urnes, por causa de um lugar na Noruega. Não é apenas um símbolo de Loki. — Ela entrelaçou os dedos e os balançou. — As cobras significam mudança e flexibilidade. Versatilidade. As pessoas começaram a usar as cobras para representar Loki, e ele não se importou. Mas eu decidi… por que Loki pode tomar posse de um símbolo tão maneiro? Eu gosto das cobras. Estou transformando o símbolo em algo meu. Loki não é o dono do símbolo da mudança tanto quanto não é meu dono. E não estou nem aí para o que as pessoas pensam.

Olhei para outro graveto estalando nas chamas; um enxame de fagulhas laranja se elevou da fogueira. De repente me lembrei do meu sonho com a suíte de Alex, Loki se transformando em uma mulher ruiva. Pensei em como Alex evitava chamar Loki de pai.

— Você é como o cavalo de oito patas.

Alex franziu a testa.

— Stanley?

— Não, o cavalo de oito patas *original*. Qual é o nome dele? Sleipnir. Mallory Keen me contou a história, alguma coisa sobre Loki virar uma égua para poder atrair o garanhão de um gigante para longe. E aí… Loki engravidou. Ele… *ela* deu à luz Sleipnir. — Olhei para Alex, bem ciente do garrote pousado sobre sua coxa. — Loki não é seu pai, é? Ele é sua mãe.

Alex apenas me encarou.

Eu pensei: *Bem, lá vem o garrote. Adeus, membros! Adeus, cabeça!*

Ela me surpreendeu com uma gargalhada amarga.

— Acho que esse corte de cabelo te deixou mais esperto.

Resisti à vontade de passar a mão na cabeça.

— Então estou certo?

— Está. — Ela puxou os cadarços cor-de-rosa dos tênis. — Eu queria poder ter visto a cara do meu pai quando ele descobriu. Pelo que sei, Loki se metamorfoseou no tipo de mulher que meu pai gostava. Ele já era casado na época, mas isso não o impediu. Ele estava acostumado a ter o que queria. Teve um caso com uma ruiva gostosona. Nove meses depois, Loki apareceu na porta dele com um bebezinho de presente.

Tentei imaginar o deus em sua forma impressionante de sempre, talvez usando smoking verde, tocando a campainha de uma casa em um bairro elegante. *Oi, eu era aquela moça com quem você teve um caso. Olha o nosso bebê aqui.*

— Como sua mãe mortal reagiu? Quer dizer, a esposa do seu pai… Quer dizer, sua madrasta…

— É confuso, não é? — Alex jogou outro graveto no fogo. — Minha madrasta não ficou feliz. Eu cresci com *duas* pessoas que se ressentiam e tinham vergonha de mim. E ainda tinha Loki, que ficava aparecendo em momentos aleatórios, tentando agir como *mãe*.

— Cara... — falei.

— *Moça*, hoje — corrigiu Alex.

— Não, eu quis dizer… — Parei ao perceber que ela estava implicando. — O que aconteceu? Quando você saiu de casa?

— Dois anos atrás, mais ou menos. E você quer saber o que aconteceu? Uma porção de coisas.

Desta vez, reconheci o tom de aviso na voz dela. Queria mudar de assunto.

Ainda assim… Alex se tornou sem-teto na época em que minha mãe morreu, no mesmo período em que fui parar na rua. Essa coincidência me deixou inquieto.

Antes de perder a coragem, perguntei:

— Loki pediu para você vir com a gente?

Ela me olhou nos olhos.

— O que você quer dizer com isso?

Contei meu sonho para Alex: ela jogando vasos no pai (mãe), Loki dizendo *É um pedido tão simples*.

Estava escuro agora, mas eu não sabia direito quando tinha anoitecido. À luz da fogueira, o rosto de Alex pareceu ondular. Tentei convencer a mim mesmo de que não era a parte Loki dela se revelando. Era só mudança, flexibilidade. A tatuagem das cobras no pescoço dela era totalmente inocente.

— Você entendeu errado — disse Alex. — Ele me pediu para *não* vir.

Um estranho som latejante surgiu nos meus ouvidos. Percebi que era minha pulsação.

— Por que Loki pediria isso? E… do que você e Sam estavam falando ontem à noite, sobre um plano?

Ela enrolou o garrote nas mãos.

— Talvez você descubra, Magnus. E, a propósito, se me espionar novamente nos seus sonhos…

— Pessoal! — gritou Blitzen da montanha Bolsa de Boliche. — Venham ver como ficou!

Trinta e oito

Vocês nunca, nunquinha, vão adivinhar a senha do Blitzen

JACQUES PAIROU COM orgulho ao lado do seu trabalho manual.

É possível fazer trabalho manual quando não se tem mãos?

Na lateral da bolsa estavam costuradas várias novas linhas de escrita rúnica vermelha brilhante.

— O que está escrito? — perguntou Alex.

— Ah, são algumas runas técnicas. — Os olhos de Blitzen brilharam de satisfação. — O básico de magia, termos e condições, o acordo do usuário. Mas, embaixo, diz: COUROVAZIO, UMA BOLSA FINALIZADA POR BLITZEN, FILHO DE FREYA. COM AJUDA DE JACQUES.

— Eu escrevi isso! — disse Jacques com orgulho. — Eu ajudei!

— Bom trabalho, amigão. E… como funciona?

— Estamos prestes a descobrir! — Blitzen esfregou as mãos, ansioso. — Vou falar a palavra secreta de comando. Aí, essa bolsa vai encolher para um tamanho pequeno e fácil de carregar, ou… Bem, tenho certeza de que vai encolher.

— Volte um pouquinho para a parte do *ou* — pediu Alex. — O que *mais* pode acontecer?

Blitzen deu de ombros.

— Bom… tem uma pequena chance de a bolsa se expandir e cobrir boa parte deste continente. Não, não. Tenho certeza de que acertei. Jacques foi cuidadoso na hora de pespontar as runas onde eu pedi.

— Eu tinha que ter pespontado? — Jacques brilhou em amarelo. — Brincadeirinha. É, eu pespontei direitinho.

Eu não estava tão confiante. Por outro lado, se a bolsa se expandisse para um tamanho continental, eu não viveria o bastante para me importar.

— Tudo bem — falei. — Qual é a senha?

— Não! — gritou Blitzen.

A bolsa de boliche estremeceu. A floresta inteira sacudiu junto. A bolsa encolheu tão rápido que fiquei enjoado pela mudança de perspectiva. A montanha de couro sumiu. Aos pés de Blitzen havia uma bolsa de boliche de tamanho normal.

— ISSO! — Blitzen a pegou e espiou o fundo. — Tem uma bola de boliche dentro, mas a sensação é de que está vazia. Jacques, nós conseguimos!

Eles bateram as mãos, ou uma mão, considerando que a lâmina de Jacques não tinha dedos.

— Espere — disse Alex. — Quer dizer… bom trabalho, e tal. Mas você criou mesmo uma senha que era *senha*?

— NÃO! — Blitz jogou a bolsa de boliche no bosque como se fosse uma granada. Na mesma hora, ela cresceu até o tamanho de uma montanha, criando um maremoto de árvores esmagadas e animais apavorados. Quase senti pena dos esquilos traiçoeiros.

— Eu estava com pressa! — disse Blitzen, bufando. — Posso alterar a s… a *palavra de comando* mais tarde, mas exigiria mais fio e mais tempo. Por enquanto, vocês podem *fazer o favor* de evitar dizer… vocês sabem, *aquela* palavra?

Em seguida, ele disse *aquela palavra*. A bolsa encolheu novamente.

— Você trabalhou muito bem, cara — falei. — E, Jacques, belo trabalho no bordado.

— Obrigado, senhor! Eu também adorei seu novo corte de cabelo. Você não parece mais aquele cara do Nirvana. Está mais para, sei lá… Johnny

Rotten? Ou uma Joan Jett loura?

Alex caiu na gargalhada.

— Como você conhece essa gente? — perguntou ela. — T.J. disse que você ficou no fundo de um rio por mil anos!

— Fiquei, mas andei me atualizando.

Alex riu.

— Joan Jett.

— Calem a boca, vocês dois — resmunguei. — Quem aqui quer jogar boliche?

* * *

Ninguém queria jogar boliche.

Blitzen entrou em uma barraca e desmaiou de exaustão. Em seguida, cometi o erro de deixar Jacques voltar para a forma de pingente, e *eu* desmaiei de exaustão, com a sensação de ter passado o dia todo escalando penhascos.

Alex prometeu ficar de vigia. Pelo menos, acho que foi isso que ela disse. Ela poderia ter anunciado: *Vou convidar Loki para o acampamento e matar todos vocês! MUA-HA-HA-HA.* E eu desmaiaria do mesmo jeito.

Não sonhei com nada além de golfinhos pulando alegremente em um mar de couro.

Acordei com o céu passando de preto a chumbo. Insisti para que Alex descansasse um pouco. Até nós três acordarmos, comermos o café da manhã e terminarmos de desmontar o acampamento, o céu já parecia um cobertor grosso cinza-escuro.

Quase vinte e quatro horas perdidas. Samirah e Hearthstone ainda estavam desaparecidos. Tentei imaginá-los em segurança junto à lareira na casa de Utgard-Loki, contando histórias e se empanturrando. Mas só consegui imaginar um bando de gigantes perto da lareira, contando

histórias sobre os mortais saborosos que eles tinham comido na noite anterior.

Pare com isso, falei para o meu cérebro.

E o casamento é amanhã, meu cérebro respondeu.

Saia da minha cabeça.

Meu cérebro se recusou a sair da minha cabeça. Que falta de consideração.

Caminhamos pela ravina, tentando seguir a direção que Miúdo havia indicado. Era de se supor que poderíamos seguir os passos dele, mas era difícil distingui-los dos vales e cânions naturais.

Depois de uma hora, mais ou menos, avistamos nosso destino. Em um penhasco enorme, ao longe, havia uma estrutura parecida com um armazém. O Godzilla inflável havia sumido (o aluguel diário de uma coisa daquelas devia ser exorbitante), mas a placa de néon ainda brilhava: PISTAS DE BOLICHE UTGARD. As letras brilhavam uma de cada vez, depois todas juntas, depois com brilhos nas beiradas, garantindo que ninguém deixasse de ver a única placa de néon no maior penhasco de Jötunheim.

Seguimos por uma trilha sinuosa perfeita para burros colossais, mas não muito indicada para mortais pequenos. O vento frio soprava ao nosso redor. Meus pés estavam doendo. Eu estava agradecido pela bolsa de boliche mágica de Blitzen, porque arrastar a versão em tamanho real por aquela ladeira teria sido impossível e nada divertido.

Quando chegamos no topo, percebi quanto o boliche Utgard realmente era grande. A construção em si era capaz de abrigar boa parte do centro de Boston. A porta dupla marrom era coberta de rebites de metal do tamanho de uma casa de três quartos. Nas janelas sujas brilhavam propagandas em néon de Suco Jötunn, Cerveja Pequena Grande e Super-Hidromel. Havia animais colossais presos a postes do lado de fora: cavalos, carneiros, iaques e, sim, burros, cada um mais ou menos do tamanho do Kilimanjaro.

— Não há nada a temer — murmurou Blitz. — É como um bar anão. Só que… enorme.

— Como vamos fazer isso? — perguntou Alex. — Vamos arrasar com um strike?

— Ha-ha — falei. — Sam e Hearth podem estar aí dentro, então vamos seguir as regras. Vamos entrar. Pedir direito de convidados. Tentar negociar.

— E, quando isso não der certo, nós improvisamos — disse Blitz.

Alex, por ser sempre a favor de mudanças e versatilidade, disse:

— Odiei essa ideia. — Ela franziu a testa para mim. — Além do mais, você me deve uma bebida por ter sonhado comigo.

Ela andou até a entrada.

Blitzen ergueu as sobrancelhas.

— Devo perguntar?

— Não — respondi. — Não mesmo.

Passar pelas portas não foi problema. Atravessamos pelo vão sem nem precisarmos nos agachar.

Lá dentro havia o maior e mais lotado boliche que eu já tinha visto.

À esquerda, vinte ou trinta gigantes do tamanho da Estátua da Liberdade ocupavam o bar, sentados em bancos que seriam ótimos arranha-céus residenciais. Os gigantes estavam usando camisas de boliche de cores néon que deviam ter roubado de um brechó dos anos 1970. Na cintura, havia uma variedade de facas, machados e clavas cheias de pontas. Eles riam e xingavam uns aos outros e jogavam canecas de hidromel que poderiam irrigar todas as plantações da Califórnia por um ano.

Pareceu meio cedo para hidromel, mas, pelo que eu sabia, esses caras podiam estar na farra desde 1999. Ao menos essa era a música tocando nos alto-falantes: “1999”, do Prince.

À nossa direita havia um fliperama onde mais gigantes jogavam pinball e *Sra. Pac-Man Imensa*. No fundo do cômodo, tão longe quanto Boston é

de New Hampshire, mais gigantes se reuniam nas pistas de boliche em grupos de quatro ou cinco, com roupas fosforescentes combinando e sapatos de boliche feitos de camurça. Uma faixa na parede dos fundos dizia: GRANDE TORNEIO DE BOLICHE DE UTGARD! BEM-VINDOS, COMPETIDORES DO G.T.B.U.!

Um dos gigantes fez uma jogada. Um trovão ribombou enquanto a bola de boliche rolava pela pista. O chão vibrou, me sacudindo como se eu fosse um brinquedo de corda.

Procurei Miúdo e sua camisa de Perus do Boliche. Não consegui vê-lo. Ele devia ser fácil de encontrar, mas, de nosso ponto de vista no chão, havia obstáculos enormes demais no caminho.

Nesse momento, a multidão se mexeu. Do outro lado do aposento, olhando diretamente para mim, estava um gigante que eu queria ver menos ainda do que Miúdo. Ele estava sentado em uma cadeira de couro alta, na plataforma com vista para as pistas, como se fosse o juiz ou o mestre de cerimônias. A camisa de boliche era feita de penas de águia. A calça era de poliéster marrom. As botas com rebites de ferro pareciam feitas de navios de guerra reciclados da Segunda Guerra Mundial. Em volta do antebraço dele havia um bracelete de ouro cravejado de gemas verdes.

O rosto dele era anguloso e bonito, mas de um jeito meio cruel. O cabelo liso preto-carvão descia até os ombros. Os olhos cintilavam com diversão e malícia. Ele definitivamente teria chegado à lista de *Os 10 Assassinos Mais Atraentes de Jötunheim*. Estava uns trinta metros mais alto do que na última vez que eu o vira, mas eu o reconheci na hora.

— Big Boy — falei.

Não sei como o gigante ouviu minha voz diminuta em meio ao caos, mas assentiu em um cumprimento.

— Magnus Chase! — gritou ele. — Estou feliz por você ter conseguido chegar!

A música parou. No bar, gigantes se viraram para olhar para nós. Big Boy levantou o punho, como se me oferecesse um microfone. Entre os dedos dele, como bonecos de soldadinhos, estavam Samirah e Hearthstone.

Trinta e nove

Elvis deixou a bolsa de boliche

— PEDIMOS DIREITOS DE convidados! — gritei. — Utgard-Loki, solte nossos amigos!

Achei que foi um ato bem corajoso da minha parte, considerando que estávamos encarando uma convenção armada e malvestida de Estátuas da Liberdade.

O grupo de gigantes riu. No bar, um gritou:

— O que você disse? Fale mais alto!

— Eu falei…

O barman voltou a botar “1999” e abafou minha voz. Os gigantes uivaram de tanto rir.

Franzi a testa para Blitzen.

— Você me disse que as músicas da Taylor Swift eram as preferidas dos anões… Isso quer dizer que Prince era um gigante?

— Hã? — Blitzen manteve o olhar grudado em Hearthstone, que ainda estava preso e se debatendo na mão de Utgard-Loki. — Não, garoto. Isso só quer dizer que os gigantes têm bom gosto. Você acha que Jacques poderia cortar nossos amigos da mão do gigante?

— Antes de Utgard-Loki os esmagar? Improvável.

Alex enrolou o garrote na mão, apesar de eu não conseguir ver como isso ajudaria, a não ser que ela pretendesse passar fio dental nos gigantes.

— Qual é o plano?

— Estou trabalhando nisso.

Finalmente, Utgard-Loki fez um gesto de *basta*, passando o dedo na garganta. (Não era meu gesto favorito.) A música foi interrompida outra vez. Os gigantes se acalmaram.

— Magnus Chase, estávamos esperando você! — Utgard-Loki sorriu. — Quanto aos seus amigos, eles não são meus prisioneiros. Eu só estava levantando os dois para que vissem que você chegou! Tenho certeza de que estão muito felizes!

Sam não parecia feliz. Ela mexeu os ombros, tentando se soltar. Sua expressão sugeria que ela tinha vontade de matar todos os presentes que estivessem usando camisa de boliche e talvez alguns que não estivessem.

Quanto a Hearth, eu sabia quanto ele odiava ficar com as mãos presas. Desse jeito ele não podia se comunicar nem fazer magia. A fúria gelada nos olhos do elfo me lembrou o pai dele, o sr. Alderman, e não foi uma semelhança que eu gostei de notar.

— Coloque meus amigos no chão se eles não são seus prisioneiros.

— Como desejar! — Utgard-Loki colocou Sam e Hearth em cima da mesa, e eles eram do tamanho da caneca de hidromel do gigante. — Nós deixamos os dois bem à vontade enquanto esperávamos vocês. Miúdo mencionou que trariam a bolsa de boliche dele no máximo até esta manhã. Eu estava começando a achar que vocês não iam conseguir chegar!

Pelo jeito que ele falou, pareceu que estávamos fazendo uma troca de reféns. Uma sensação fria e pesada surgiu nas minhas entranhas. Eu me perguntei o que teria acontecido com Sam e Hearth se não tivéssemos aparecido com a bolsa. Nós os deixamos esperando, presos aqui por vinte e quatro horas, provavelmente se perguntando se ainda estávamos vivos.

— Nós estamos com a bolsa! — falei. — Não se preocupe.

Cutuquei Blitzen.

— Certo! — Blitzen deu um passo à frente e levantou sua criação. — Esta é Courovazio, prestes a ficar famosa entre as bolsas de boliche, finalizada por Blitzen, filho de Freya! Com ajuda de Jacques!

Nosso velho amigo Miúdo abriu caminho pela multidão. Manchas de hidromel sujavam a camisa cinza. O coque havia se soltado. Como ele avisara, em comparação aos outros gigantes do local, ele *realmente* parecia pequeno.

— O que vocês fizeram com a minha bolsa? — gritou o gigante. — Lavaram na máquina? Está minúscula!

— Igual a você! — disse outro gigante, assobiando.

— Cale a boca, Hugo! — gritou Miúdo.

— Não tema! — prometeu Blitzen, a voz demonstrando qual era o som do temor. — Posso fazer a bolsa voltar ao tamanho normal! Mas, primeiro, quero garantias do seu rei de que temos direitos de convidados: nós três e nossos dois amigos na mesa.

Utgard-Loki deu um risinho.

— Bem, Miúdo, parece que eles fizeram o que você pediu. Trouxeram sua bolsa.

Miúdo indicou, triste, a nova bolsa minúscula.

— Mas…

— Miúdo… — disse o rei, o tom engrossando.

Miúdo olhou de cara feia para nós. Ele não parecia tão tranquilo agora.

— Sim — afirmou o gigante com os dentes cerrados. — Eles cumpriram a parte deles da barganha. Eu asseguro… de um jeito muito, muito *pequeno*.

— Prontinho! — Utgard-Loki sorriu de modo radiante. — Vocês são convidados oficiais do meu boliche!

Ele pegou Sam e Hearth e os colocou no chão. Felizmente, a espada e a pedra Skofnung ainda estavam nas costas de Samirah.

O rei se virou para falar com os gigantes reunidos.

— Meus amigos, se recebermos esses convidados, no nosso tamanho atual, vamos ficar com a vista cansada só tentando não pisar neles. Vamos

ter que servir comida com pinças e encher os copinhos deles com conta-gotas. Isso não é divertido! Vamos diminuir um pouco a festa, certo?

Os gigantes resmungaram, mas ninguém pareceu querer contradizer o rei. Utgard-Loki estalou os dedos. O salão girou. Meu estômago embrulhou, fiquei atordoado.

O boliche encolheu e passou de colossal a apenas enorme. Os gigantes agora tinham em média dois metros de altura. Eu conseguia olhar para eles sem inclinar o pescoço ou ter que ver suas narinas cavernosas.

Samirah e Hearthstone correram para se juntar a nós.

Você está bem?, Blitz sinalizou para Hearth.

Onde vocês estavam?, perguntou Hearth.

Samirah me deu um sorriso sofrido de eu-vou-te-matar.

— Achei que vocês estivessem mortos. E o que aconteceu com seu cabelo?

— Longa história — respondi.

— É, desculpa pelo atraso. — O pedido de desculpas de Alex me surpreendeu mais do que qualquer outra coisa até o momento. — O que a gente perdeu?

Sam olhou para ela como quem diz: *Se eu contasse, você não acreditaria*.

Eu não consegui imaginar que a história dela fosse mais esquisita do que a nossa, mas, antes que pudéssemos comparar as experiências, Miúdo cambaleou na direção de Blitzen. O gigante pegou a bolsa de boliche, que agora estava do tamanho certo para ele.

Ele a abriu e deu um suspiro de alívio.

— Graças aos céus! Elvis!

Miúdo tirou a bola de boliche de dentro da bolsa e a examinou para ver se estava danificada. Na superfície havia uma pintura de Elvis Presley dos anos 1970, com o macacão branco cheio de pedras.

— Ah, machucaram você, bebê? — O gigante beijou a bola e a abraçou contra o peito. E olhou de cara feia para Blitzen. — Você tem sorte de não ter acontecido nada com Elvis, anãozinho.

— Não tenho interesse nenhum em fazer mal a Elvis. — Blitzen tirou a bolsa agora vazia das mãos de Miúdo. — Mas vou ficar com Courovazio como garantia! Você pode pegá-la de volta quando sairmos daqui ilesos. Se tentar qualquer coisa, devo avisar que a bolsa só muda de tamanho com uma palavra de comando, e você nunca vai adivinhar sozinho!

— *O quê?* — gritou Miúdo. — É *Presley*?

— Não.

— É *Graceland*?

— Não.

— Amigos, amigos! — Utgard-Loki andou em nossa direção com os braços abertos. — Hoje é o dia do torneio! Temos convidados especiais! Não vamos brigar. Vamos comer, beber e competir! Aumentem a música! Aqui tem bebidas para todos!

"Little Red Corvette" começou a tocar nos alto-falantes. A maioria dos gigantes se dispersou, voltando para o hidromel, para o boliche e para a *Sra. Pac-Man Não Tão Imensa*. Alguns, principalmente os de camisa cinza como a de Miúdo, pareciam querer nos matar, independentemente dos direitos de convidados, mas me confortei sabendo que tínhamos uma opção catastrófica. Se as coisas fossem de mal a pior, sempre podíamos gritar *senha* e destruir a construção inteira em uma avalanche de couro bordado por anão.

Utgard-Loki bateu nas costas de Miúdo.

— Isso aí! Vá tomar um Suco Jötunn!

Miúdo aninhou Elvis nos braços e foi para o bar, olhando de cara feia para nós por cima do ombro.

— Utgard-Loki — falei —, nós precisamos de informações…

— Agora não, seu idiota. — Ele manteve o sorriso, mas o tom foi um rosnado desesperado. — Pareça feliz. Finja que acabou de me contar uma piada.

— O quê?

— Essa foi ótima! — gritou o rei gigante. — Ha-ha-ha!

Meus amigos tentaram entrar na farsa.

— É, ha-ha! — disse Sam.

Blitzen soltou uma boa gargalhada anã.

— Hilário! — disse Alex.

H-A-H-A, sinalizou Hearth.

Utgard-Loki continuou sorrindo para mim, mas seus olhos estavam afiados como adagas.

— Nenhum gigante aqui além de mim quer ajudar vocês — disse ele, baixinho. — Se não se mostrarem dignos, nunca vão sair vivos deste boliche.

— O quê? — sibilou Blitzen. — Você prometeu direitos de convidados. Você é o rei!

— E já usei toda a minha influência e credibilidade tentando ajudar vocês! De outro modo, não teriam chegado tão longe!

— Nos *ajudar*? — questionei. — Matando nosso bode?

— E se infiltrando em Valhala? — acrescentou Sam. — E possuindo um instrutor de voo inocente?

— Tudo isso para dissuadir vocês de caírem na armadilha de Loki. O que, até agora, vocês conseguiram fazer *mesmo assim*. — Ele virou a cabeça e gritou para quem estivesse olhando: — É verdade, pequeno mortal! Mas vocês nunca vão vencer os gigantes!

Ele baixou a voz de novo.

— Nem todo mundo aqui acha que Loki *precisa* ser impedido. Vou contar para vocês o que precisam saber para atrapalhar os planos dele, mas vão ter que colaborar. Se não se provarem dignos e não conquistarem o

respeito dos meus seguidores, vou ser destronado, e um desses imbecis vai se tornar o novo rei. Aí, estaremos *todos* mortos.

Alex olhou para os gigantes como se decidisse que imbecil garrotear primeiro.

— Olhe, Vossa Majestade Penosa, você podia ter nos passado essas informações importantes por mensagem de texto ou telefone dias atrás. Para que todo o segredo e o Godzilla inflável?

Utgard-Loki franziu a testa para ela.

— Eu não podia mandar mensagem de *texto* para você, *cria de Loki*, por vários motivos. Primeiro e mais importante, porque seu pai tem meios de descobrir as coisas. Não concorda?

O rosto de Alex ficou vermelho, mas ela não disse nada.

— Agora — continuou o rei —, participem da festa. Vou levá-los à sua mesa.

— E depois? — perguntei. — Como vamos provar que somos dignos?

Os olhos de Utgard-Loki brilharam de um jeito que eu não gostei.

— Vocês vão nos entreter com feitos impressionantes. Vão nos superar na competição de boliche. Ou morrerão tentando.

Quarenta

O Pequeno Billy mereceu

EIS O CAFÉ da manhã dos campeões do boliche: amendoim, cachorro-quente morno e nachos velhos cobertos de gosma laranja que não tinha semelhança alguma com queijo cheddar. O hidromel estava choco e com gosto de adoçante. O lado bom: as porções eram gigantescas. Eu não tinha comido nada além de restos de falafel e chocolate no dia anterior. Encarei aquela gororoba corajosamente.

Em cada pista de boliche, gigantes se agrupavam por times, jogando comida, fazendo piadas e se gabando do poder de derrubar pinos.

Sam, Hearthstone, Blitz, Alex e eu nos sentamos juntos em um banco de plástico em formato de U, escolhendo as melhores partes da comida e observando as pessoas com certo nervosismo.

Utgard-Loki insistiu para que trocássemos nossos calçados normais por sapatos de boliche, todos grandes demais e laranja e rosa fosforescente. Quando Blitzen viu isso, achei que ia ter um choque anafilático. Mas Alex pareceu gostar. Pelo menos, não tivemos que vestir camisas de time. Enquanto comíamos, contamos para Sam e Hearth o que tinha acontecido conosco na floresta.

Sam balançou a cabeça, irritada.

— Magnus, você sempre fica com a parte fácil.

Eu quase engasguei com um amendoim.

— Fácil?

— Hearth e eu passamos o dia aqui tentando nos manter vivos. Quase morremos seis vezes.

Hearth levantou sete dedos.

— Ah, é — disse Sam. — Teve a coisa das privadas.

Blitzen colocou os pés embaixo do banco, sem dúvida para não ter que olhar para os sapatos horríveis.

— Os gigantes não deram direito de convidados a vocês?

— Foi a primeira coisa que pedimos — disse Sam. — Mas esses gigantes das montanhas… eles tentam distorcer suas palavras e matar você com gentileza.

— Como aquelas irmãs que conhecemos em janeiro. As que se ofereceram para levantar nossos assentos até a altura da mesa e tentaram nos esmagar no teto.

Sam assentiu.

— Ontem, eu pedi algo para beber. O barman me jogou em uma caneca de cerveja. Primeiro, sou muçulmana. Eu não bebo álcool. Segundo, as laterais eram tão escorregadias que eu não conseguia sair. Se Hearth não tivesse rachado o vidro com uma runa…

Tivemos que tomar cuidado com tudo o que dizíamos, sinalizou Hearth. *Eu pedi um lugar para dormir…* Ele estremeceu. *Quase fui esmagado na máquina de devolver bolas.*

Sam traduziu para Alex.

— Ai. — Alex fez uma careta. — Não é surpresa vocês estarem com essa cara péssima. Sem querer ofender.

— Isso não é o pior — disse Sam. — Tentar fazer minhas orações com Hearthstone de guarda? Impossível. E os gigantes ficavam nos desafiando e trapaceando em demonstrações de habilidade.

Ilusões, sinalizou Hearthstone, movendo as palmas das mãos em círculos para nós para representar duas imagens se modificando. *Nada aqui é o que parece*.

— É. — Blitz assentiu com seriedade. — A mesma coisa com Miúdo e a bolsa de boliche. Utgard-Loki e seu povo são famosos pelo poder de

ilusão.

Olhei ao redor, me perguntando quão grandes os gigantes realmente eram e como seriam sem magia. Talvez as roupas de boliche horrendas fossem miragens com a intenção de nos desorientar.

— Então… como podemos saber o que é ilusão e o que é real?

— O mais importante… — Alex levantou um nacho encharcado de gosma laranja. — Posso fingir que isto é um burrito da Taqueria da Anna?

— Temos que ficar atentos — avisou Sam. — Ontem à noite, depois que elaboramos o pedido com muito cuidado, eles finalmente nos deram sacos de dormir, mas tivemos que "provar nossa força" abrindo-os nós mesmos. Tentamos por uma hora. Os sacos nem se mexiam. Utgard-Loki finalmente admitiu que eram feitos de titânio. Os gigantes morreram de rir.

Eu balancei a cabeça.

— Como isso pode ser engraçado?

Hearth sinalizou: *Conte sobre o gato.*

— É — concordou Sam. — E teve o gato. Como "favor", antes de recebermos o jantar, nós tínhamos que pegar o gato de Utgard-Loki e trazê-lo para dentro.

Olhei ao redor, mas não vi nenhum gato.

— Está em algum lugar por aqui — disse Sam. — Mas nós não conseguíamos movê-lo porque o gato era um elefante-africano de seis toneladas. Nós só percebemos quando os gigantes nos contaram, mais tarde, depois de passarmos horas tentando e de perdermos o jantar. Eles *amam* humilhar os convidados fazendo-os se sentirem fracos e insignificantes.

— Está dando certo — murmurou Blitz.

Imaginei tentar pegar um elefante sem perceber que era um elefante. Era o tipo de coisa que eu perceberia.

— Como combatemos uma coisa assim? — perguntei. — Vamos ter que impressioná-los em vários testes? Desculpem, não tem muito que eu possa fazer contra sacos de dormir de titânio e elefantes-africanos.

Sam se inclinou sobre a mesa.

— O que quer que vocês achem que está acontecendo, lembrem-se de que é um artifício. Pensem fora da caixa. Façam alguma coisa inesperada. Quebrem as regras.

— Ah — disse Alex. — Nenhuma novidade aí.

— Então sua experiência deve ser útil — respondeu Sam. — Além disso, sabe aquele papo de Utgard-Loki sobre tentar ajudar? Não acredito em uma palavra…

— Oi, convidados!

Para um sujeito grande com uma camisa de boliche cheia de penas, o rei gigante era sorrateiro. Utgard-Loki se inclinou sobre a grade atrás da nossa mesa e olhou para nós, segurando um salsichão no palito.

— Nós temos pouco tempo. Os jogos já vão começar.

— Os jogos — disse Sam. — Como os que estamos fazendo desde *ontem*?

Os olhos de Utgard-Loki combinavam com a camisa de penas de águia. Ele e aquele olhar de ave de rapina, como se estivesse prestes a descer voando e pegar um roedor, ou talvez um humano pequeno, para jantar.

— Samirah, você tem que entender. Meus vassalos já estão chateados por eu ter convidado vocês para virem aqui. Precisam ter espírito esportivo. Ofereçam entretenimento, nos deem um bom show, mostrem que são dignos. Não esperem gentileza da minha parte durante as competições. Meus homens vão se virar contra mim se eu der tratamento preferencial.

— Então você não é grande coisa como rei — observei.

Utgard-Loki fez uma cara de desprezo. Para que os seguidores ouvissem, ele gritou:

— Isso é tudo o que vocês conseguem comer, mortais insignificantes? Temos bebês que conseguem devorar mais nachos! — Ele apontou o cetro real de salsichão para mim e baixou a voz: — Você sabe muito pouco sobre ser líder, Magnus Chase. Ser rei exige a combinação perfeita de punhos de ferro e hidromel, medo e generosidade. Por melhor que eu seja com magia, não posso simplesmente *forçar* minha vontade aos meus gigantes. Eles sempre estarão em número maior. Preciso conquistar o respeito deles todos os dias. Agora, *vocês* também precisam.

Alex se inclinou para longe do rei.

— Se é tão perigoso para você, por que nos ajudaria a recuperar Mjölnir?

— Não dou a mínima para o martelo de Thor! Os aesires sempre contaram demais com o medo que ele inspira. É uma arma poderosa, sim, mas, quando o Ragnarök chegar, Thor estará em apuros. Os deuses vão morrer de qualquer jeito. O martelo é um blefe, uma ilusão de força. E, acreditem em um feiticeiro experiente — o gigante sorriu —, até as melhores ilusões têm limite. Não ligo para o martelo. Quero impedir o plano de Loki.

Blitzen coçou a barba.

— De casar Sam e Thrym? Você teme essa aliança?

Utgard-Loki entrou novamente no modo atuação e gritou para a plateia:

— Humf! Esses são os salsichões mais incríveis de Jötunheim! Não existe nada igual! — Ele deu uma mordida enorme e jogou o palito vazio por cima do ombro. — Blitzen, filho de Freya, use a cabeça. É claro que eu temo a aliança. Aquele sapo feio do Thrym e a irmã dele, Thrynga, adorariam levar Jötunheim para a guerra. Com uma aliança com Loki *e* o martelo de Thor, Thrym se tornaria o Lorde dos Lordes.

Sam semicerrou os olhos.

— "Com o martelo de Thor"? Você quer dizer que, mesmo se eu me cassasse com ele, o que eu não vou fazer, Thrym não devolveria Mjölnir?

— Ah, vai haver uma troca de presentes, com certeza! Mas talvez não do jeito que você imagina. — Utgard-Loki esticou a mão e bateu no cabo da espada Skofnung, ainda pendurada nas costas de Sam. — Venham, venham, meus amigos. Antes que eu possa dar uma solução, vocês precisam entender o problema. Ainda não descobriram o verdadeiro objetivo de Loki?

Do outro lado do salão, um dos gigantes gritou:

— Nosso rei, e a competição? Por que está de namorico com esses mortais?

Mais gigantes riram e assobiaram para nós.

Utgard-Loki se empertigou, sorrindo para os súditos como se estivesse se divertindo muito.

— Sim, claro! Gigantas e gigantes, vamos começar a diversão! — Ele olhou para nós. — Honrados convidados, que habilidades incríveis vocês planejam nos mostrar hoje?

Todos os gigantes se viraram para nós, ansiosos para ouvir que tipos de fracassos constrangedores nós escolheríamos. Meus maiores talentos eram fugir e comer falafel, mas depois de uma refeição pesada de cachorros-quentes e nachos quimicamente modificados, eu duvidava que conseguisse vencer em qualquer uma das duas categorias.

— Não sejam tímidos! — Utgard-Loki abriu os braços. — Quem quer ser o primeiro? Queremos ver o que os campeões dos reinos mortais são capazes de fazer! Vocês vão beber mais do que nós? Correr mais rápido? Vão nos desafiar em uma luta?

Samirah se levantou. Fiz uma oração silenciosa de agradecimento pelas valquírias destemidas. Mesmo quando era um aluno mortal comum, eu odiava ser o primeiro. O professor sempre prometia pegar leve com o primeiro voluntário, ou dar um pontinho extra. Não, obrigado. Não valia toda a ansiedade.

Sam respirou fundo e olhou para a plateia.

— Sou hábil com o machado — afirmou ela. — Quem deseja me desafiar em arremesso de machado?

Os gigantes gritaram e assobiaram.

— Ora, ora! — Utgard-Loki pareceu satisfeito. — Esse seu machado é pequeno, Samirah al-Abbas, mas tenho certeza de que é uma excelente arremessadora. Hum… Normalmente, eu escolheria Bjorn Rachacrânio como nosso campeão de arremesso de machado, mas não quero que você se sinta humilhada *demais*. Que tal competir com o Pequeno Billy?

De um grupo de gigantes no final das pistas, um jovem gigante de cabelo encaracolado se levantou. Ele parecia ter uns dez anos, com a barriga gorducha enfiada em uma camiseta listrada de *Onde está Wally* e suspensórios amarelos segurando a bermuda. Também era muito vesgo. Quando veio em nossa direção, o garoto esbarrou nas mesas e tropeçou em bolas de boliche, para a diversão dos outros gigantes.

— Billy ainda está aprendendo a arremessar — disse Utgard-Loki. — Mas deve ser um bom desafio para você.

Samirah contraiu o maxilar.

— Tudo bem. Quais são os alvos?

Utgard-Loki estalou os dedos. No final das pistas um e três, fendas se abriram no chão e placas planas de madeira surgiram, cada uma pintada para se parecer com Thor, com o cabelo ruivo desgrenhado e a barba encaracolada, e o rosto contraído como se no meio de um peido.

— Cada um arremessa três vezes! — anunciou Utgard-Loki. — Samirah, você gostaria de começar?

— Ah, não, obrigada — disse ela. — As crianças primeiro.

Pequeno Billy andou na direção da linha de falta da pista. Ao lado dele, outro gigante colocou um embrulho de couro no chão, abriu e tirou três machadinhas, cada uma quase do tamanho de Billy.

Billy se esforçou para levantar o primeiro machado. Estreitou os olhos para o alvo distante.

Tive tempo de pensar: *Talvez Sam se saia bem. Talvez Utgard-Loki esteja pegando leve com ela, afinal*. Mas Billy começou a agir. Ele jogou um machado depois do outro, tão rápido que quase não consegui acompanhar os movimentos. Quando terminou, uma machadinha estava enfiada na testa de Thor, outra no peito e a terceira na virilha poderosa do deus do trovão.

Os gigantes comemoraram.

— Nada mal! — disse Utgard-Loki. — Agora, vamos ver se Samirah, orgulho das valquírias, consegue derrotar um garoto vesgo de dez anos de idade!

Ao meu lado, Alex murmurou:

— Ela está ferrada.

— Devemos intervir? — perguntou Blitzen, preocupado. — Sam nos disse para pensarmos fora da caixa.

Eu me lembrei do conselho dela: *Façam alguma coisa inesperada.*

Fechei os dedos ao redor do pingente. Eu me perguntei se devia pular da cadeira, chamar Jacques e provocar uma distração cantando um dueto de “Love Never Felt So Good”. Hearthstone me poupou desse constrangimento levantando os dedos: *Espere.*

Sam estudou o oponente. Ela olhou para os machados de Pequeno Billy no alvo e pareceu chegar a uma conclusão. Seguiu até a linha de falta e ergueu o próprio machado.

O aposento ficou respeitosamente em silêncio. Ou talvez nossos anfitriões estivessem respirando fundo para poderem rir muito depois que Sam fracassasse.

Em um movimento fluido, Sam se virou e jogou o machado em Billy. Os gigantes ofegaram.

Os olhos de Pequeno Billy ficaram ainda mais vesgos com ele olhando para o machado enfiado na testa. Ele caiu para trás e desabou no chão.

Os gigantes berraram de ultraje. Alguns se levantaram e pegaram as armas.

— Esperem! — gritou Utgard-Loki. Ele olhou com raiva para Sam. — Explique-se, valquíria! Por que não devemos matá-la pelo que acabou de fazer?

— Porque essa era a única maneira de vencer — respondeu Sam.

Ela falou com uma calma muito grande, considerando o que havia feito e o número de gigantes prontos para massacrá-la. Sam apontou para o cadáver de Pequeno Billy.

— Ele não é uma criança gigante!

Ela anunciou isso com a autoridade de um detetive de TV, mas vi uma gota de suor escorrendo por baixo do hijab. Quase consegui ouvi-la pensando: *Por favor, que eu esteja certa. Por favor, que eu esteja certa.*

A multidão de gigantes continuou olhando para o cadáver de Pequeno Billy. Ele continuou parecendo uma criança gigante morta e malvestida. Eu sabia que a qualquer momento todos eles atacariam Samirah, e nós teríamos que fugir em disparada.

Mas, lentamente, a forma do garoto gigante começou a mudar.

A pele murchou até ele parecer um dos *draugrs* do príncipe Gellir. Os lábios de couro se curvaram sobre os dentes. Uma película amarela cobriu os olhos. As unhas cresceram e viraram foices afiadas. O Pequeno Billy zumbi se esforçou para ficar de pé e tirou o machado da testa.

Ele sibilou para Sam. Uma onda de puro terror se espalhou pelo cômodo. Alguns gigantes largaram as bebidas. Outros caíram de joelhos e choraram. Meus intestinos se embolaram e deram um nó.

— S-sim — anunciou Sam, com a voz bem mais baixa. — Como vocês podem ver, este não é Pequeno Billy. Este é Medo, que ataca rapidamente e sempre acerta o alvo. A única maneira de vencer o Medo é atacando-o de frente. Foi o que fiz. É por isso que venci a competição.

Medo largou o machado de Sam com repugnância. Com um sibilar final apavorante, ele se dissolveu em fumaça branca e sumiu.

Um suspiro coletivo de alívio se espalhou pelo lugar. Vários gigantes correram para o banheiro, provavelmente para vomitar ou para trocar de cueca.

Eu sussurrei para Blitzen:

— Como foi que Sam adivinhou? Como aquela coisa podia ser Medo?

Os olhos de Blitzen também pareciam meio amarelados.

— Eu… acho que Sam já encontrou Medo antes. Ouvi boatos de que os gigantes se dão bem com várias deidades menores: Raiva, Fome, Doença. Supostamente, a Velhice jogava boliche com os Utgard Supremos, mas não muito bem. Só que nunca achei que conheceria o Medo em pessoa…

Alex estremeceu. Hearthstone parecia triste, mas não surpreso. Eu me perguntei se ele e Sam tinham encontrado outras deidades menores durante o sofrimento de vinte e quatro horas.

Fiquei feliz por Sam ter sido a primeira, e não eu. Com a minha sorte, eu teria sido desafiado pela Felicidade e precisaria bater nela com a espada até que parasse de sorrir.

Utgard-Loki se virou para Sam com um brilho de admiração nos olhos.

— Acho que não vamos matar você, Samirah al-Abbas, pois fez o que era necessário para vencer. Esta rodada é sua!

Os ombros de Sam murcharam de alívio.

— Então nós provamos que somos dignos? A competição acabou?

— Ah, não, ainda não! — Os olhos do rei se arregalaram. — E nossos quatro outros convidados? Temos que ver se são tão habilidosos quanto você.

Quarenta e um

Na dúvida, transforme-se em um inseto

Eu estava começando a odiar o Grande Torneio de Boliche de Utgard.

Em seguida foi a vez de Hearthstone. Ele fez sinal para o fliperama e, com tradução minha, desafiou os gigantes a fazerem a maior pontuação no jogo que os competidores escolhessem. O time Jammers de Jötunn, de Hugo, indicou um cara chamado Kyle, que andou até a máquina de skee-ball e marcou exatos mil pontos. Enquanto os gigantes comemoravam, Hearthstone andou até a máquina de pinball *Starsky & Hutch*: *Justiça em Dobro* e colocou uma moeda de ouro vermelho na fenda.

— Espere! — protestou Hugo. — Não é o mesmo jogo!

— Não precisa ser — falei. — Hearth disse "qualquer jogo que os competidores escolhessem", no plural. Seu jogador escolheu skee-ball. Hearth escolheu pinball.

Os gigantes resmungaram, mas no fim cederam.

Blitzen sorriu para mim.

— Você vai ver uma coisa e tanto, garoto. Hearth faz magia.

— Eu sei disso.

— Não, estou falando no pinball.

Hearthstone soltou a primeira bola. Eu não o vi usar magia, mas ele logo destruiu a pontuação de Kyle — o que, convenhamos, não foi justo, pois a pontuação de pinball vai *bem* mais alto do que mil. Mesmo depois de ter passado de quinhentos milhões, Hearth continuou jogando. Ele mexia na máquina e batia nos pinos com tanta intensidade que eu me

perguntei se Hearth estava pensando no pai e em todas as moedas que ele o fizera guardar por tarefas completadas. Naquela máquina, Hearth logo se tornou um bilionário de mentirinha.

— Chega! — gritou Utgard-Loki, tirando a máquina da tomada. — Você provou sua habilidade! Acho que podemos concordar que este elfo surdo sabe jogar pinball. Quem é o próximo?

Blitzen desafiou os gigantes a uma repaginação completa de visual. Prometeu que conseguiria deixar *qualquer* gigante mais atraente e estiloso. Os gigantes escolheram por unanimidade um jötunn chamado Grum, que aparentemente estava dormindo embaixo do bar (acumulando sujeira e limo) pelos últimos quarenta anos. Eu tinha quase certeza de que ele era a deidade menor Falta de Higiene.

Blitzen não desanimou. Ele pegou os itens de costura e começou a trabalhar. Demorou algumas horas para aprontar roupas novas a partir de itens da lojinha do boliche. Depois, Blitz levou Grum para o banheiro para um tratamento de choque. Quando saíram de lá, as sobrancelhas de Grum haviam sido aparadas. A barba e o cabelo estavam mais bem-cortados do que os do hipster mais metrossexual. Ele estava usando uma camisa de boliche cintilante com GRUM bordado na frente, junto com uma calça prateada e sapatos de boliche combinando. As moças gigantes desmaiaram. Os homens gigantes se afastaram dele, intimidados por aquela vibe de astro do cinema. Grum voltou para debaixo do bar e começou a roncar.

— Não consigo mudar maus hábitos! — disse Blitz. — Mas vocês viram. Eu venci o desafio ou não?

Houve muitos murmúrios, mas ninguém ousou discutir. Nem a feiura incrementada magicamente era páreo para um anão especializado em moda.

Utgard-Loki se inclinou para mim e murmurou:

— Vocês estão indo muito bem! Vou ter que fazer com que o último desafio seja muito difícil, para você ter uma chance alta de morrer. Isso deve solidificar o respeito dos meus vassalos.

— *Como é que é?*

O rei solícito levantou as mãos para a multidão.

— Gigantas e gigantes! Nós temos mesmo convidados muito interessantes, mas não temam! Teremos nossa vingança! Restam ainda dois desafiantes. O destino quis assim, pois esse é o número perfeito para um desafio de duplas de boliche. Como o boliche é o motivo de estarmos aqui hoje, façamos nossos dois últimos visitantes enfrentarem os campeões dos Perus do Boliche do Miúdo!

Os gigantes berraram e comemoraram. Miúdo olhou para mim e passou o dedo pela garganta, um gesto que eu já estava ficando cansado de ver.

— Os vencedores receberão o prêmio de sempre, que é, claro, a cabeça dos perdedores! — anunciou Utgard-Loki.

Olhei para Alex Fierro e me dei conta de que agora éramos uma dupla.

— Acho que é uma péssima hora para confessar — disse Alex —, mas eu nunca joguei boliche.

* * *

Nossos oponentes dos Perus do Boliche do Miúdo eram irmãos com os incríveis nomes de Herg e Blerg. Era difícil saber quem era quem. Além de serem gêmeos idênticos, eles usavam camisas cinza iguais e capacetes de futebol americano, esse último item provavelmente para nos impedir de jogar machados na cara deles. A única diferença entre os dois eram as bolas de boliche. A de Herg tinha uma pintura do rosto do Prince. (Talvez ele tivesse providenciado a playlist do bar.) O irmão, Blerg, tinha uma bola vermelha com a cara do Kurt Cobain. Blerg ficava olhando para mim e

para a bola, como se estivesse tentando me imaginar com o cabelo comprido.

— Muito bem, meus amigos! — anunciou Utgard-Loki. — Vamos jogar um jogo curto de três jogadas!

Alex se inclinou na minha direção.

— Como é uma jogada?

— *Shhh.*

Na verdade, eu estava tentando lembrar as regras do boliche. Fazia anos que eu não jogava. Havia uma pista no Hotel Valhala, mas como os einherjar faziam quase tudo até a morte, não fiquei ansioso para ir conhecer.

— É uma competição muito simples! — continuou Utgard-Loki. — A pontuação mais alta ganha. A primeira equipe: os Mortais Insignificantes!

Ninguém comemorou quando Alex e eu fomos buscar as bolas.

— O que você acha? — sussurrou Alex.

— Basicamente — expliquei —, você tem que rolar a bola pela pista e derrubar os pinos.

Ela me olhou com irritação, o olho cor de mel duas vezes mais brilhante e raivoso do que o castanho-escuro.

— *Isso* eu sei. Mas devemos violar as regras, certo? Qual é a ilusão aqui? Você acha que Herg e Blerg são deidades menores?

Eu me virei para Sam, Blitz e Hearth, que tinham sido forçados a ficar observando pelo lado de fora da grade. As expressões deles não me diziam nada que eu já não soubesse: estávamos com sérios problemas.

Fechei os dedos ao redor do pingente e pensei: *Ei, Jacques, algum conselho?*

Minha espada cantarolou, sonolenta, como costumava fazer quando estava em forma de pingente. *Não.*

Obrigado, pensei em resposta. *Excelente ajuda da espada mágica.*

— Mortais insignificantes! — chamou Utgard-Loki. — Há algum problema? Vocês querem desistir?

— Não! Não, nós estamos bem. — Respirei fundo. — Certo, Alex, nós temos três jogadas. Três rodadas para jogar. Vamos ver como vai ser a primeira. Pode ser que nos dê ideias. Observe como eu jogo.

Foi uma declaração que eu jamais achei que fosse dar. Boliche *não* era um dos meus superpoderes. Mesmo assim, pisei no acesso com minha bola de boliche cor-de-rosa. (Ei, qual é?! Era a única que cabia nos meus dedos!) Tentei me lembrar das dicas que meu professor de carpintaria, o sr. Gent, nos dera quando tivemos nossa festa do ensino fundamental nas Pistas Lucky Strike. Fui até a linha, mirei e joguei com toda a minha força einherji.

A bola rolou lentamente, arrastada, e parou na metade da pista.

Os gigantes berraram de tanto rir.

Peguei a bola e voltei andando, com o rosto em chamas. Quando passei por Alex, ela resmungou:

— Valeu! Isso foi bem instrutivo.

Voltei para o meu lugar. Atrás da grade, Sam parecia pálida. Hearthstone sinalizou seu conselho mais útil: *Jogue melhor*. Blitzen sorriu e mostrou dois polegares para cima, o que me fez questionar se ele entendia as regras do boliche.

Alex foi até a linha. Ela jogou como uma criança, balançando a bola entre as pernas com as duas mãos e jogando pela pista. A esfera azul-escura quicou uma, duas vezes, e rolou um pouco mais longe do que a minha antes de cair na canaleta.

Mais risadas da plateia de gigantes. Alguns trocaram batidas de mãos. Moedas de ouro vermelho foram repassadas.

— Hora dos Perus do Boliche! — gritou Utgard-Loki.

Houve uma salva de palmas quando Herg entrou na pista ao lado.

— Esperem — falei. — Eles não têm que usar a mesma pista que nós?

Miúdo abriu caminho na multidão, os olhos arregalados de inocência fingida.

— Ah, mas o rei não falou nada sobre isso! Ele só disse que a maior pontuação vence. Vão em frente, rapazes!

Herg jogou a cabeça de Prince. A bola rolou direto pelo meio em velocidade relâmpago e derrubou os pinos com um som de marimba explodindo.

Gigantes comemoraram e balançaram os punhos. Herg se virou sorrindo por trás da máscara do capacete. Ele deu um tapa no ombro de Blerg, e eles trocaram algumas palavras.

— Preciso saber o que eles estão dizendo — disse Alex. — Já volto.

— Mas…

— PAUSA PARA O BANHEIRO! — gritou Alex.

Alguns dos gigantes franziram a testa por causa da interrupção, mas em geral, quando alguém grita *pausa para o banheiro* no meio de uma multidão, as pessoas não interferem. As consequências não são boas.

Alex entrou no banheiro feminino. Enquanto isso, Blerg chegou ao acesso. Levantou a bola do Kurt Cobain e a rolou pela pista, o rosto do cantor sumindo e aparecendo, dizendo *oi, oi, oi* até acertar os pinos e jogá-los longe com muito espírito roqueiro.

— Mais um strike! — gritou Miúdo.

Houve comemoração e hidromel sendo servido para todo lado, exceto entre mim e meus amigos.

Blerg e Herg se encontraram no suporte de bolas, rindo e olhando na minha direção. Enquanto a multidão ainda estava comemorando e fazendo novas apostas, Alex voltou do banheiro.

— JÁ TERMINEI! — anunciou ela.

Alex correu até mim e agarrou meu braço.

— Acabei de escutar Herg e Blerg conversando — sussurrou.

— Como?

— Eu xeretei. Faço esse tipo de coisa quando viro uma mosca.

— Ah. — Olhei para Sam, que estava com a testa muito franzida. — Estou familiarizado com essa coisa da mosca.

— A pista *deles* é uma pista normal de boliche — relatou Alex. — Mas a nossa… não sei. Ouvi Herg dizer "Boa sorte para eles, tentando acertar as Montanhas Brancas".

— As Montanhas Brancas — repeti. — Em New Hampshire?

Alex deu de ombros.

— A não ser que existam Montanhas Brancas em Jötunheim também. Seja como for, aquilo lá não são pinos de boliche.

Estreitei os olhos para o final da nossa pista, mas os pinos ainda pareciam pinos, não montanhas. Por outro lado, Pequeno Billy não parecia o Medo… até parecer.

Balancei a cabeça.

— Como é possível…?

— Não faço ideia — disse Alex. — Mas se nossas bolas de boliche estiverem rolando na direção de uma cadeia montanhosa em outro mundo…

— Elas nunca vão chegar ao final da pista. E não vamos conseguir derrubar nenhum pino. Como desfazemos o feitiço?

— Andem logo, mortais insignificantes! — gritou Miúdo. — Parem de enrolar!

Era difícil pensar com uma porção de gigantes gritando comigo.

— Eu… eu não sei — falei para Alex. — Preciso de mais tempo. Agora, a melhor coisa em que consigo pensar é em sabotar a pista *deles*.

Foi impulsivo, admito. Mas corri até a linha de falta e joguei minha bola de boliche cor-de-rosa com toda a minha força na pista de Herg e Blerg. A bola caiu com um baque que rachou o piso de madeira, ricocheteou para o meio da multidão e caiu em um espectador, que cacarejou feito uma galinha assustada.

— OHHHH! — gritaram os gigantes.

— O que foi isso? — gritou Miúdo. — Você acertou a cabeça de Eustis!

Utgard-Loki fez cara feia e se levantou do trono.

— Miúdo está certo, mortal. Você não pode jogar na outra pista. Quando escolhe uma pista, tem que permanecer nela.

— Ninguém disse isso — protestei.

— Bom, estou dizendo agora! Continuem!

Um gigante da plateia rolou a bola rosa de volta para mim.

Olhei para Alex, mas não tinha conselhos para oferecer a ela. Como se joga boliche quando o alvo é uma cadeia montanhosa distante?

Alex murmurou alguma coisa baixinho. Quando se aproximou, virou um urso-pardo. Ela se levantou nas patas de trás, com a bola de boliche presa nas patas da frente. Chegou à linha de falta e ficou de quatro, jogando a bola para a frente com cento e quarenta quilos de pura força. A bola quase chegou no primeiro pino antes de parar.

Um suspiro coletivo de alívio foi ouvido no meio dos gigantes.

— Agora é a nossa vez! — Miúdo esfregou as palmas das mãos com ansiedade. — Vamos, garotos!

— Mas, chefe! — disse Herg. — Nossa pista está com um amassado enorme.

— Vá para a pista ao lado — sugeriu Miúdo.

— Ah, não — retruquei. — Vocês ouviram o rei: quando você escolhe uma pista, tem que permanecer nela.

Miúdo resmungou. Até a tatuagem de Elvis no braço dele parecia com raiva.

— Tudo bem! Herg, Blerg, façam seu melhor. Vocês já estão com uma vantagem insuperável!

Herg e Blerg não pareceram felizes, mas fizeram a segunda jogada. Conseguiram evitar o amassado na pista, mas os dois rolaram as bolas na canaleta, sem acrescentar pontos ao total anterior.

— Tudo bem! — garantiu Miúdo. Ele fez cara de desprezo para Alex e para mim. — Fiquei tentado a pisar em vocês dois na floresta, mas agora estou feliz de não ter feito isso. Se vocês não fizerem uma última jogada perfeita, não vão conseguir nem *empatar*. Vamos ver do que são capazes, mortais. Mal posso esperar para cortar a cabeça de vocês.

Quarenta e dois

Ou então você pode brilhar muito. Isso também funciona

ALGUMAS PESSOAS GOSTAM de bebidas energéticas. Eu? Acho que a ameaça de decapitação iminente me deixa energizado o bastante.

Em pânico, olhei para os meus amigos. Hearthstone sinalizou: *F-R-E-Y.*

Sim, Hearth, pensei, *ele é meu pai.*

Mas de que maneira isso poderia me ajudar, eu não fazia ideia. O deus do verão não ia aparecer em uma explosão de glória para derrubar as Montanhas Brancas para mim. Ele era o deus da natureza. Não daria as caras em um boliche nem morto…

Uma ideia lentamente começou a se formar na minha cabeça. A natureza. As Montanhas Brancas. O poder de Frey. Sumarbrander, a espada de Frey, que era capaz de cortar o véu entre os mundos. E uma coisa que Utgard-Loki tinha falado mais cedo: *Até as melhores ilusões têm limite.*

— Mortais insignificantes! — gritou Utgard-Loki. — Vocês desistem?

— Não! — gritei em resposta. — Só um segundo.

— Você precisa ir ao banheiro?

— Não! Eu só… preciso falar com minha dupla antes de sermos brutalmente decapitados.

Utgard-Loki deu de ombros.

— Parece justo. Prossiga.

Alex se inclinou na minha direção.

— Me diga que você teve uma ideia.

— Você disse que já foi a Bridal Veil Falls. Foi acampar nas Montanhas Brancas muitas vezes?

— Fui, claro.

— Existe alguma chance de aqueles pinos de boliche realmente *serem* as Montanhas Brancas?

Ela franziu a testa.

— Não. Não consigo acreditar que alguém seria poderoso o bastante para teletransportar uma cadeia montanhosa inteira até um boliche.

— Concordo. Minha teoria é que… aqueles pinos são só pinos. Os gigantes não poderiam trazer uma cadeia de montanhas para um boliche, mas poderiam mandar nossas bolas de boliche para *fora* da pista. Tem algum tipo de portal entre os mundos bem no meio da nossa pista. Está escondido por uma ilusão ou sei-lá-o-quê, mas está mandando nossas bolas para New Hampshire.

Alex olhou para o final da pista.

— Bem, se for assim, por que minha bola voltou pela máquina que as devolve para o suporte?

— Não sei! Talvez eles tenham carregado uma bola idêntica na máquina para a gente não reparar.

Alex trincou os dentes.

— Esses *meinfretrs* trapaceiros. O que podemos fazer?

— Você conhece as Montanhas Brancas. Eu também conheço. Quero que você olhe para a pista e se concentre em ver as montanhas. Se nós dois fizermos isso ao mesmo tempo, talvez a gente consiga deixar o portal visível. Aí, pode ser que eu consiga dissipá-lo.

— Você quer dizer mudando nossa percepção? — perguntou Alex. — Meio como… a cura mental que você fez em Amir?

— Acho que sim… — Eu queria sentir mais confiança no meu plano. O jeito como Alex descreveu me fez parecer um guru da Nova Era. — Mas,

olhe, funcionaria melhor se eu segurasse a sua mão. E… não posso prometer que não vou, tipo, descobrir coisas sobre a sua vida.

Vi que ela hesitou, ponderando as opções.

— Então minhas opções são perder a cabeça ou ter você na minha cabeça — resmungou ela. — Escolha difícil. — Alex segurou minha mão. — Vamos lá.

Olhei atentamente para o fim da pista. Imaginei um portal entre nós e os pinos, uma janela com vista para as Montanhas Brancas. Eu me lembrei de como ficava empolgado nas viagens que fazia com minha mãe nos fins de semana, quando ela via as montanhas no horizonte: *Olhe, Magnus, estamos chegando!*

Conjurei o poder de Frey. Um calor irradiou pelo meu corpo. Minha mão que segurava a de Alex Fierro começou a fumegar. Uma luz dourada brilhante nos envolveu, feito o sol do meio do verão afastando a névoa e destruindo as sombras.

Pelo canto do olho, vi gigantes fazendo careta e protegendo o rosto.

— Parem com isso! — gritou Miúdo. — Vocês estão nos cegando!

Mantive o foco nos pinos de boliche. A luz ficou ainda mais intensa. Pensamentos aleatórios de Alex percorreram minha mente: a luta fatal contra os lobos; um homem de cabelo escuro e roupas de tenista de pé na frente dela, gritando que ela deveria ir embora e nunca mais voltar; um grupo de adolescentes chutando Alex no chão quando ela tinha dez anos, chamando-a de aberração enquanto ela se encolhia, tentando se proteger, apavorada demais para mudar de forma.

A raiva ardeu no meu peito. Eu não sabia se aquela emoção era minha ou de Alex, mas nós dois estávamos cansados de ilusões e fingimentos.

— Ali! — disse ela.

No meio da pista, uma rachadura tremeluzente surgiu, como as que Jacques abria entre os mundos. Do outro lado, ao longe, estava o cume do monte Washington coberto de neve. De repente, o portal desapareceu. A

luz dourada sumiu ao nosso redor, deixando uma pista comum com pinos de boliche no final, como antes.

Alex puxou a mão. Rapidamente, secou uma lágrima.

— Nós conseguimos?

Eu não sabia o que dizer.

— Mortais insignificantes! — interrompeu Utgard-Loki. — O que foi isso? Vocês sempre conversam gerando uma luz ofuscante?

— Desculpem! — gritei para a plateia. — Estamos prontos agora!

Pelo menos, eu *esperava* que estivéssemos prontos. Talvez tivéssemos conseguido apagar a ilusão e fechar o portal. Ou talvez Utgard-Loki só estivesse me permitindo *pensar* que eu tinha desfeito seu truque. Poderia ser uma ilusão dentro da ilusão. Decidi que não fazia sentido abusar do meu cérebro nos últimos minutos que minha cabeça poderia passar junto ao meu pescoço.

Levantei a bola de boliche. Fui até a linha de falta e joguei aquela bola cor-de-rosa idiota bem pelo centro da pista.

Tenho que dizer que o som dos pinos caindo foi a coisa mais bonita que ouvi o dia todo. (Foi mal, Prince. Você chegou bem perto.)

Blitzen gritou:

— Strike!

Samirah e Hearthstone se abraçaram, coisa que nenhum dos dois costumava fazer.

Alex arregalou os olhos.

— Deu certo? Sério?

Eu sorri para ela.

— Agora você só precisa derrubar todos os seus pinos, e aí nós empatamos. Você tem alguma forma que possa…?

— Ah, não se preocupe. — O sorriso malicioso era cem por cento a mãe dela, Loki. — Pode deixar comigo.

Alex cresceu até um tamanho imenso, os braços se transformando em pernas grossas, a pele ficando cinza e enrugada, o nariz se alongando até virar uma tromba de três metros.

Ela agora era um elefante-africano, apesar de um gigante confuso no fundo da sala ter gritado:

— Ela virou um gato!

Alex pegou a bola de boliche com a tromba. Correu até a linha de falta e jogou a bola, caindo com todo o peso e sacudindo o boliche todo. Além de a bola dela derrubar os pinos, a força da queda obliterou os pinos das doze pistas, tornando Alex o primeiro elefante da história, ao menos que eu soubesse, a marcar trezentos pontos, doze strikes, com um só arremesso.

Eu posso ter dado pulos e batido palmas feito uma garotinha de cinco anos que acabou de ganhar um pônei. (O que eu falei sobre não julgar?) Sam, Hearth e Blitz correram até nós e nos envolveram no maior abraço coletivo do mundo, enquanto a multidão de gigantes olhava com expressão azeda.

Herg e Blerg jogaram os capacetes no chão.

— A gente não tem como bater essa pontuação! — choramingou Herg. — Levem nossas cabeças!

— Os mortais trapacearam! — reclamou Miúdo. — Primeiro, eles encolheram minha bolsa e insultaram Elvis! Agora, desonraram os Perus do Boliche!

Os gigantes começaram a avançar para cima de nós.

— Parem! — Utgard-Loki levantou os braços. — Este boliche ainda é meu, e esses competidores venceram… hã, honestamente, ainda que não de forma justa. — Ele se virou para nós. — O prêmio normal é de vocês. Querem as cabeças de Herg e Blerg?

Alex e eu nos entreolhamos. Concordamos tacitamente que cabeças cortadas não combinariam com a decoração dos nossos quartos no hotel

Valhala.

— Utgard-Loki — comecei —, nós só queremos as informações que você prometeu.

O rei olhou para a multidão. Abriu as palmas como quem diz: *Fazer o quê?*

— Meus amigos, vocês precisam admitir que esses mortais têm coragem. Por mais que tenhamos tentado humilhá-los, foram eles que nos humilharam. E existe alguma coisa no mundo que nós, gigantes das montanhas, respeitamos mais do que a habilidade de humilhar os inimigos?

Os outros gigantes murmuraram em concordância silenciosa.

— Eu quero ajudá-los! — anunciou Utgard-Loki. — Acredito que eles provaram seu valor. Quanto tempo vocês me dão?

Eu não entendi a pergunta, mas os gigantes murmuraram entre si. Miúdo se adiantou.

— Sugiro cinco minutos. Todos a favor?

— Sim! — gritou a multidão.

Utgard-Loki fez uma reverência.

— É mais do que justo. Venham, meus convidados, vamos conversar lá fora.

Quando ele nos guiou pelo bar e pela porta da frente, eu perguntei:

— Hã, o que acontece depois de cinco minutos?

— Hum? — Utgard-Loki sorriu. — Ah, depois disso meus súditos podem caçar e matar vocês. Afinal, vocês *realmente* os humilharam.

Quarenta e três

Você fica usando a palavra *ajuda*. Acho que ela não quer dizer o que acha que quer dizer

UTGARD-LOKI NOS acompanhou até os fundos do boliche. Ele nos guiou por um caminho gelado até uma floresta ampla enquanto eu o enchia de perguntas como "Nos caçar? Nos matar? O que está acontecendo?". Ele só me deu uns tapinhas no ombro e riu, como se fosse uma piada interna nossa.

— Vocês se saíram bem! — disse ele enquanto andávamos. — Normalmente, teríamos convidados sem graça como Thor. Eu digo para ele: "Thor, beba toda essa caneca de hidromel." Ele só fica tentando e tentando! Nem passa pela cabeça dele que a caneca de hidromel esteja conectada ao oceano e que seja impossível beber tudo.

— Como se conecta uma caneca de hidromel ao oceano? — perguntou Sam. — Não, deixa pra lá. Temos assuntos mais importantes.

— Cinco *minutos*? — perguntei outra vez.

O gigante bateu nas minhas costas como se estivesse tentando desalojar alguma coisa, talvez minha garganta ou meu coração.

— Ah, Magnus! Tenho que confessar, quando você fez aquela primeira jogada, fiquei nervoso. Mas a segunda… bem, a força bruta jamais funcionaria, mas foi uma boa tentativa. Alex, sua bola quase chegou ao Taco Bell na I-93, ao sul de Manchester.

— Obrigada — disse ela. — Esse era o plano.

— Mas aí, vocês dois destruíram a ilusão! — Utgard-Loki sorriu. — Foi raciocínio de primeira. E, claro, teve também a habilidade do elfo no

pinball, o talento do anão com acessórios, Sam acertando a cara do Medo com o machado… parabéns a todos os envolvidos! Vai ser uma honra massacrar vocês quatro no Ragnarök.

Blitzen riu com deboche.

— O sentimento é mútuo. Agora, acho que você nos deve informações.

— Sim, claro.

Utgard-Loki mudou de forma. De repente, o assassino de bodes estava à nossa frente com as peles pretas, a cota de malha suja de fuligem e o elmo de ferro, o rosto coberto pela viseira de um lobo rosnando.

— Dá para tirar a máscara? — pedi. — Por favor.

Utgard-Loki levantou a viseira. Embaixo, o rosto dele era o mesmo de antes, os olhos escuros com um brilho assassino.

— Digam, meus amigos: vocês descobriram o verdadeiro objetivo de Loki?

Hearthstone cruzou a palma de uma das mãos sobre a outra, fechou as mãos em punho e as separou, como se rasgasse uma folha de papel: *Destruir.*

Utgard-Loki riu.

— Até *eu* entendi esse sinal. Sim, mestre do pinball, Loki quer destruir seus inimigos. Mas esse não é o objetivo principal dele no momento. — O gigante se virou para Sam e Alex. — Vocês duas são filhas dele. Devem saber.

Samirah e Alex trocaram um olhar pouco à vontade. Elas tiveram uma conversa silenciosa, típica de irmãs: *Você sabe? Não, eu achei que você soubesse! Eu não sei; achei que* você *soubesse!*

— Ele levou vocês até o dólmen do *draugr* — continuou Utgard-Loki. — Apesar dos meus esforços, vocês foram até lá. E…?

— Não tinha martelo nenhum — disse Blitzen. — Só uma espada. Uma espada que eu odeio muito.

— Exatamente.

O gigante esperou que juntássemos as peças. Eu sempre odiava quando os professores faziam isso. Queria gritar: *Não gosto de enigmas!*

Ainda assim, vi aonde ele queria chegar. A ideia estava se formando na minha cabeça havia muito tempo, eu acho, mas meu subconsciente estava tentando sufocá-la. Eu me lembrei da minha visão de Loki na caverna, amarrado a pilares de pedra com as entranhas endurecidas dos próprios filhos assassinados. Também me lembrei da serpente pingando veneno no rosto dele e do jeito como Loki prometeu: *Logo, logo, Magnus!*

— Loki quer sua liberdade — adivinhei.

Utgard-Loki inclinou a cabeça para trás e riu.

— Temos um vencedor! Isso mesmo, Magnus Chase. É o que Loki quer há mais de mil anos.

Samirah levantou a mão para descartar a ideia.

— Não, isso é impossível.

— Mesmo assim — disse Utgard-Loki —, a arma que pode libertá-lo está presa às suas costas: a espada Skofnung!

Meu cordão começou a me enforcar, o pingente se esticando pela minha clavícula como se quisesse chegar mais perto de Sam. Jacques devia ter acordado quando ouviu *Skofnung*. Eu o puxei de volta, o que deve ter feito parecer que eu tinha uma pulga na camisa.

— Isso tudo nunca foi por causa do martelo de Thor — percebi. — Loki quer a espada.

Utgard-Loki deu de ombros.

— Bom, o roubo do martelo foi um bom catalisador. Imagino que Loki tenha sussurrado a ideia no ouvido de Thrym. Afinal, o avô de Thrym já roubou o martelo de Thor, e as coisas não terminaram muito bem para ele. Thrym e a irmã querem se vingar do deus do trovão desde sempre.

— O avô de Thrym?

Eu me lembrei do convite de casamento: *Thrym, filho de Thrym, neto de Thrym.*

Utgard-Loki ignorou minha pergunta.

— Você pode perguntar a Thor quando o encontrar, e tenho certeza de que isso acontecerá em breve. A questão é que Loki aconselhou Thrym sobre o roubo e montou uma situação em que um grupo de campeões como vocês não teria escolha além de tentar recuperar o martelo… e, no processo, poderia levar para Loki o que ele realmente deseja.

— Espere. — Alex fechou as mãos em concha como se tentasse modelar um pedaço de argila. — Vamos levar a espada para dar a Thrym. Como isso…?

— O dote. — Sam pareceu enjoada de repente. — Ah, sou tão idiota.

Blitz fez uma careta.

— Hã… é verdade que sou anão e não entendo as tradições patriarcais, mas o dote não é uma coisa que você dá ao noivo?

Sam balançou a cabeça.

— Eu estava tão ocupada negando que esse casamento pudesse acontecer, tentando não pensar nele, que não me lembrei… das antigas tradições de casamento nórdicas.

— Que também são as tradições dos gigantes — concordou Utgard-Loki.

Hearthstone fungou como se estivesse desalojando alguma coisa desagradável do nariz. Ele soletrou: *m-u-n-d-r*?

— Sim, o *mundr* — disse Sam —, o termo do norueguês antigo para dote. Não vai para o noivo. Vai para o pai da noiva.

Paramos no meio do bosque. Atrás de nós, o Pistas de Boliche Utgard quase não era mais visível, com a placa de néon iluminando os troncos das árvores com luz vermelha e dourada.

— Você quer dizer que ao buscarmos a espada e a pedra Skofnung — falei —, estávamos o tempo todo recolhendo presentes para *Loki*?

O gigante riu.

— É engraçado, exceto pelo fato de que Loki quer se libertar para matar todo mundo.

Sam se encostou na árvore mais próxima.

— E o martelo… é o presente matinal?

— Exatamente! — concordou o gigante. — O *morgen-gifu*.

Alex inclinou a cabeça.

— *O que*-tofu?

Hearthstone sinalizou: *Presente para a noiva, dado pelo noivo. Só é dado quando o casamento está…* Os dedos dele hesitaram. *Consumado. Na manhã seguinte.*

— Acho que vou vomitar — disse Samirah.

Traduzi as palavras de Hearth para Alex.

— Então o martelo iria para você… — Alex apontou para Sam. — Hipoteticamente, se você fosse a noiva, o que não vai acontecer. Mas só depois da noite de núpcias, então… É, acho que também vou vomitar.

— Ah, mas ainda pode ficar pior! — disse o gigante, alegre demais. — O presente matinal pertence à noiva, mas é mantido pela família do noivo. Portanto, mesmo que você se case e recupere o martelo de Thor…

— O martelo continua com Thrym — falei. — Os gigantes fazem uma aliança *e* continuam com o martelo.

— E Loki fica com a espada Skofnung. — Sam engoliu em seco. — Não, ainda não faz sentido. Loki não pode ir em carne e osso ao casamento. O melhor que pode fazer é mandar uma manifestação. O corpo físico continua preso na caverna onde ele foi aprisionado.

— Que é impossível de encontrar — disse Blitzen. — Impossível de chegar.

Utgard-Loki nos deu um sorriso torto.

— Como a ilha de Lyngvi?

Infelizmente, Utgard-Loki tinha razão, e isso me deu vontade de entrar para o grupinho do enjoo de Sam. O local de prisão do lobo Fenrir era um

segredo bem guardado entre os deuses, mas isso não nos impediu de fazer uma pequena visita, em janeiro.

— E a espada? — prosseguiu Blitzen. — Por que Skofnung? Por que não Sumarbrander ou outra arma mágica?

— Não tenho certeza — admitiu Utgard-Loki. — Também não faço ideia de como Loki levaria a espada até sua prisão nem como a usaria. Mas ouvi falar que as amarras de Loki são *bem* difíceis de romper, por serem entranhas endurecidas com ferro, fortes, grudentas e corrosivas. Elas cegam qualquer lâmina, até a mais afiada. Talvez desse para cortar uma das amarras com Sumarbrander, mas depois disso a espada ficaria inútil.

O pingente de Jacques vibrou com tristeza.

Calma, amigão, pensei. *Ninguém vai fazer você cortar entranhas endurecidas com ferro*.

— O mesmo ocorreria com Skofnung… — Blitzen falou um palavrão. — É claro! A espada tem uma pedra de amolar mágica. Pode ser afiada quantas vezes forem necessárias. É por isso que Loki precisa da espada e da pedra.

O rei gigante bateu palmas devagar.

— Ah, com um *pouquinho* de ajuda, vocês descobriram. Muito bem!

Blitz e Hearth se entreolharam como quem diz: *Agora que juntamos as peças, podemos separá-las novamente?*

— Então encontraremos outro jeito de pegar o martelo — falei.

O gigante deu uma risadinha.

— Boa sorte. Mjölnir está enterrado em algum lugar treze quilômetros abaixo da terra, tão fundo e distante que nem Thor consegue alcançar. O único jeito de recuperá-lo é convencendo Thrym a ir buscá-lo.

Alex cruzou os braços.

— Ouvi muitas notícias ruins de você, gigante. Ainda não escutei nada que pudesse chamar de útil.

— Conhecimento é sempre útil! — rebateu Utgard-Loki. — Mas, na minha opinião, há apenas duas opções viáveis para derrotar Loki. Primeira opção: eu mato todos vocês e pego a espada Skofnung, impedindo que ela caia nas mãos erradas.

Sam levou a mão ao machado.

— Não estou gostando da primeira opção.

O gigante deu de ombros.

— Bom, é simples e eficiente. Não recupera o martelo, mas, como falei, não ligo para isso. Minha preocupação principal é manter Loki preso. Se ele se libertar, o Ragnarök vai começar *agora*, e eu ainda não estou pronto. Temos a noite das moças no boliche na sexta-feira. O fim do mundo estragaria isso.

— Se quisesse nos matar já teria feito isso — observei.

Utgard-Loki sorriu.

— Eu sei! Estou me segurando tanto! Mas, meus pequeninos amigos, existe uma opção mais arriscada, porém com uma recompensa maior. Eu estava esperando para ver se vocês seriam capazes de executá-la. Depois do seu desempenho nas competições, acho que são.

— Todos aqueles desafios… — disse Sam. — Você estava nos testando para ver se éramos dignos ou não de ficarmos vivos?

Hearthstone fez alguns sinais que decidi não traduzir, embora o significado parecesse bem claro para Utgard-Loki.

— Calma, calma, mestre do pinball — disse o gigante. — Não precisa ficar mal-humorado. Se eu deixar vocês em liberdade e se conseguirem vencer Loki no jogo dele, tenho as mesmas recompensas, além da satisfação de saber que o deus da traição foi humilhado com minha ajuda. Como posso ter mencionado, nós, gigantes das montanhas, *amamos* humilhar nossos inimigos.

— E, por elaborar essa humilhação — disse Alex —, você ganha o respeito dos seus seguidores.

Utgard-Loki fez uma reverência modesta.

— Talvez no caminho vocês consigam o martelo de Thor de volta. Talvez, não. Eu não ligo. Na minha opinião, o martelo de Thor não passa de uma quinquilharia asgardiana, e podem contar a Thor que eu disse isso.

— Eu não contaria — confessei —, mesmo que soubesse o que isso quer dizer.

— Me deixem orgulhoso! — disse Utgard-Loki. — Encontrem um caminho para mudar as regras do jogo de Loki, como fizeram hoje em nosso festival. Tenho certeza de que vocês conseguem elaborar um plano.

— *Essa* é a segunda opção? — perguntou Alex. — “Se virem”? Essa é toda a sua ajuda?

Utgard-Loki levou as mãos ao peito.

— Estou magoado. Dei *tanto* a vocês! Além do mais, nossos cinco minutos acabaram.

Um *BUM* reverberou pela floresta, o som de portas de bar sendo escancaradas, seguido do rugido de gigantes enfurecidos.

— Corram, pequeninos! — disse Utgard-Loki. — Procurem Thor e contem para ele o que descobriram. Se meus súditos pegarem vocês… Bem, infelizmente, eles são *muito* fãs da primeira opção!

Quarenta e quatro

Somos honrados com runas e cupons

JÁ FUI PERSEGUIDO por valquírias. Já fui perseguido por elfos com armas de fogo. Já fui perseguido por anões com um tanque. Agora, para a minha sorte, eu estava sendo perseguido por gigantes com gigantescas bolas de boliche.

Qualquer dia desses, eu gostaria de sair de um mundo sem estar sendo perseguido por uma multidão furiosa.

— Corram! — gritou Blitz, como se essa ideia não tivesse nos ocorrido.

Nós cinco corremos pela floresta, pulando árvores caídas e raízes emaranhadas. Atrás de nós, os gigantes ficavam maiores a cada passo. Em um momento, eles tinham três metros de altura. No seguinte, pareciam ter seis.

Senti como se estivesse sendo perseguido por uma onda gigante. A sombra deles caiu sobre nós, e me dei conta de que não havia esperança.

Blitzen nos deu alguns segundos extras. Com um palavrão, ele jogou a bolsa Courovazio para trás e gritou:

— Senha!

A multidão de gigantes viu de repente o caminho bloqueado pela aparição da montanha Bolsa de Boliche, mas em questão de instantes eles ficaram altos o suficiente para transpor aquela barreira. Logo seríamos pisoteados. Nem Jacques podia lutar contra tantos gigantes.

Hearthstone saiu em disparada, gesticulando freneticamente: *Venham!* Ele apontou para uma árvore com galhos finos e amontoados de frutinhas vermelhas amadurecendo na folhagem verde. O chão embaixo estava

coberto de pétalas de flores brancas. A árvore definitivamente se destacava entre os pinheiros enormes de Jötunheim, mas não entendi por que Hearth estava tão ansioso para morrer naquele local específico.

De repente, o tronco da árvore se abriu como uma porta. Uma moça saiu por ela e chamou:

— Venham por aqui, heróis!

Ela tinha feições élficas delicadas e longos cabelos dourados, cheios e lustrosos. O vestido laranja-avermelhado era preso no ombro com um broche verde e prateado.

Meu primeiro pensamento: *É uma armadilha*. A experiência na Yggdrasill tinha despertado em mim um medo saudável de pular por portas em árvores. Meu segundo pensamento: a moça parecia uma dríade, os espíritos das árvores que Annabeth descrevera, embora eu não soubesse o que uma dríade estaria fazendo em Jötunheim.

Sam não hesitou. Correu atrás de Hearthstone enquanto a mulher de cabelo louro esticava a mão e gritava:

— Rápido!

Também me pareceu um conselho bem óbvio.

O céu ficou preto como a meia-noite. Olhei para cima e vi a sola de um sapato de boliche do tamanho de um iate, pronta para nos esmagar. A mulher puxou Hearth para dentro da árvore. Sam pulou em seguida, com Alex logo atrás. Blitz estava ficando para trás devido às pernas curtas, então eu o agarrei e pulamos juntos. Na hora que o sapato do gigante desceu, o mundo foi sufocado em escuridão absoluta e silenciosa.

Eu pisquei. Não parecia estar morto. Blitzen se debatia para sair de debaixo do meu braço, então deduzi que ele também não tinha morrido.

De repente, fui cegado por uma luz intensa. Blitz grunhiu de susto. Eu o ajudei a levantar enquanto o anão lutava para colocar o chapéu de safári. Só quando ele estava seguramente coberto foi que olhei ao redor.

Estávamos em uma sala luxuosa que *definitivamente* não era uma pista de boliche. Acima de nós, uma pirâmide de vidro com nove lados permitia que a luz entrasse. Janelas panorâmicas cercavam a câmara, dando vista para os telhados de Asgard. Ao longe, dava para ver o domo principal de Valhala. Feito de cem mil escudos dourados, parecia a carapaça do tatu mais chique do mundo.

A câmara onde estávamos parecia ser um átrio interno. Ao redor da circunferência havia nove árvores, todas iguais àquela pela qual tínhamos entrado em Jötunheim. No meio, na frente de uma plataforma, uma chama estalava alegremente na lareira. E, na plataforma em si, havia um trono de madeira branca entalhada de forma elaborada.

A mulher de cabelo dourado subiu os degraus e se sentou no trono.

Assim como o cabelo, tudo nela era gracioso, fluido e luminoso. O movimento de seu vestido me fez lembrar um campo de papoulas vermelhas oscilando em uma brisa morna de verão.

— Sejam bem-vindos, heróis — disse a deusa. (Ah, é. ALERTA DE SPOILER. A essa altura, eu já tinha certeza de que ela era uma deusa.)

Hearthstone correu para a frente e ajoelhou-se diante do trono. Eu não o via assim tão impressionado desde… bem, nunca, nem mesmo quando ele esteve cara a cara com o próprio Odin.

Ele soletrou com os dedos: *S-I-F*.

— Sim, meu querido Hearthstone — disse a deusa. — Eu sou Sif.

Blitz correu até o lado de Hearth e também se ajoelhou. Eu não era muito de me ajoelhar, mas fiz uma reverência para a deusa e consegui não me desequilibrar. Alex e Sam ficaram paradas, parecendo levemente irritadas.

— Minha senhora — disse Sam, com óbvia relutância —, por que nos trouxe para Asgard?

Sif franziu o nariz delicado.

— Samirah al-Abbas, a valquíria. E essa deve ser Alex Fierro, a… nova einherji. — Até os policiais Sunshine e Wildflower aprovariam a expressão de reprovação dela. — Eu salvei a vida de vocês. Não é motivo para gratidão?

Blitz limpou a garganta.

— Minha senhora, o que Sam quis dizer…

— Eu posso falar por mim mesma — interrompeu a valquíria. — Sim, agradeço a ajuda, mas foi em um momento incrivelmente conveniente. Você estava nos vigiando?

Os olhos da deusa brilharam feito moedas debaixo d'água.

— Claro que eu estava vigiando vocês, Samirah. Mas, obviamente, só podia resgatá-los quando tivessem as informações que ajudariam meu marido.

Olhei ao redor.

— Seu marido… é Thor?

Eu não conseguia imaginar o deus do trovão morando em um lugar tão limpo e bonito, com teto de vidro e janelas intactas. Sif parecia tão refinada, tão graciosa, tão improvável de peidar ou arrotar em público.

— Sim, Magnus Chase. — Sif abriu os braços. — Bem-vindos ao nosso lar, Bilskírnir, o renomado palácio Fenda Luminosa!

Ao nosso redor, um coral divino cantou *Ahhhhhhh!* e se silenciou tão abruptamente quanto havia começado.

Blitzen ajudou Hearthstone a ficar de pé. Eu não entendia nada de etiqueta divina, mas achei que, quando o coral divino terminasse de cantar, você tinha permissão de se levantar.

— A maior mansão de Asgard! — disse Blitzen, maravilhado. — Já ouvi histórias sobre este palácio. E que nome lindo, Bilskírnir!

Outro coral soou. *Ahhhhhhh!*

— Fenda Luminosa? — Alex nem esperou os anjos terminarem para perguntar: — Você é vizinha da Fenda do Biquíni?

Sif franziu a testa.

— Não gostei de você. Acho que vou mandar essa coisa de volta para Jötunheim.

— Me chama de *coisa* de novo — rosnou Alex. — Experimenta.

Coloquei o braço na frente dela como proteção, apesar de saber que estava correndo risco de amputação pelo cortador de argila.

— Hã, Sif, você pode nos dizer por que estamos aqui?

Sif pousou o olhar em mim.

— Sim, claro, filho de Frey. Eu sempre gostei do seu pai. Ele é muito bonito.

Ela passou a mão pelo cabelo. De algum modo, tive a sensação de que por *bonito* Sif estava querendo dizer *capaz de provocar ciúme no meu marido*.

— Como eu falei — continuou ela —, sou esposa de Thor. Infelizmente, é tudo o que algumas pessoas sabem sobre mim, mas também sou a deusa da terra. Foi uma simples questão de rastrear seus movimentos pelos nove mundos sempre que vocês passavam por uma floresta ou pisavam em grama ou musgo vivos.

— Musgo? — falei.

— Sim, meu querido. Tem até um musgo chamado Cabelo-de-Sif, batizado em homenagem às minhas opulentas madeixas douradas.

O tom dela era arrogante, mas eu não tinha certeza se ficaria tão empolgado de ter um musgo batizado em meu nome.

Hearth apontou para as árvores ao redor do pátio e sinalizou: *S-o-r-v-e-i-r-a*.

Sif se alegrou.

— Você sabe muito, Hearthstone! A sorveira é mesmo minha árvore sagrada. Posso passar de uma a outra por todos os nove mundos, e foi assim que trouxe vocês para o meu palácio. A sorveira é uma fonte de

muitas bênçãos. Você sabia que meu filho Uller fez o primeiro arco e os primeiros esquis de madeira de sorveira? Senti *tanto* orgulho.

— Ah, sim. — Eu me lembrei de uma conversa que tive com um bode em Jötunheim. (É deprimente poder usar uma frase dessas.) — Otis mencionou alguma coisa sobre Uller. Eu não sabia que ele era filho de Thor.

Sif levou o dedo aos lábios.

— Na verdade, Uller é meu filho com meu *primeiro* marido. Thor é meio sensível quanto a isso. — Esse fato pareceu agradá-la. — Mas, falando em sorveiras, tenho um presente para nosso feiticeiro elfo!

Das mangas do vestido elegante, ela tirou uma bolsinha de couro.

Hearth quase desmaiou. Ele fez gestos intensos com as mãos que não queriam dizer nada, mas pareciam transmitir a ideia de um gritinho sufocado.

Blitzen segurou o braço dele para firmá-lo.

— É… é uma bolsa de runas, senhora?

Sif sorriu.

— Correto, caro anão bem-vestido. Runas escritas em madeira carregam um poder bem diferente daquelas escritas em pedra. São cheias de vida e flexibilidade. A magia delas é mais suave e maleável. E a madeira da sorveira é a melhor para runas.

Ela chamou Hearthstone para que se aproximasse. Colocou a bolsa de couro nas mãos dele.

— Você vai precisar delas em lutas vindouras. Mas esteja avisado: está faltando uma runa, assim como no seu outro conjunto. Quando uma letra está ausente, a linguagem toda da magia fica enfraquecida. Um dia, você vai ter que recuperar aquele símbolo para atingir todo o seu potencial. Quando fizer isso, venha me ver de novo.

Eu me lembrei da runa *herança*, que Hearthstone deixou nas pedras no local da morte do irmão. Se Sif era capaz de pular de uma árvore para

outra e se comunicar telepaticamente com musgos, eu não entendia por que não podia dar uma nova *othala* para Hearthstone. Por outro lado, eu não tinha frequentado o curso Magia de Runas com o Pai de Todos: Um Seminário de Fim de Semana.

Hearthstone baixou a cabeça com gratidão. Afastou-se da plataforma, aninhando a nova bolsa de runas como se fosse um bebê embrulhado.

Sam se mexeu, segurando o machado. Ela olhou para Sif como se a deusa pudesse ser o Pequeno Billy disfarçado.

— Lady Sif, é muita generosidade sua. Mas a senhora ia nos contar por que nos trouxe aqui.

— Para ajudar meu marido! — respondeu ela. — Suponho que agora vocês tenham as informações necessárias para encontrar e recuperar o martelo.

Olhei para os meus amigos, me perguntando se alguém tinha um jeito diplomático de dizer *pode ser, mais ou menos, não exatamente*.

Sif suspirou com uma leve indicação de desdém.

— Ah, sim, entendo. Primeiro vocês querem discutir a questão do pagamento.

— Hã — falei —, não era bem isso…

— Só um momento. — A deusa passou os dedos pelo cabelo comprido, como se estivesse usando um tear. Fios dourados caíram no colo dela e começaram a se trançar, como uma impressora 3-D cuspindo ouro maciço.

Eu me virei para Sam e sussurrei:

— Ela é tipo a Rapunzel?

Sam ergueu as sobrancelhas.

— De onde você acha que veio o conto de fadas?

Em questão de instantes, sem nem bagunçar o penteado, a deusa estava segurando um pequeno troféu dourado. Ela o levantou com orgulho.

— Cada um vai ganhar um deste!

No alto do troféu havia uma réplica dourada pequenininha do martelo Mjölnir. Na base estava escrito: PRÊMIO DE VALOR POR RECUPERAR O MARTELO DE THOR. E, com letras menores que tive que estreitar os olhos para ler: O PORTADOR TEM DIREITO A UMA ENTRADA EXTRA GRATUITA NA COMPRA DE UMA ENTRADA DE IGUAL VALOR NOS RESTAURANTES PARTICIPANTES DE ASGARD.

Blitzen soltou um gritinho.

— Que incrível! Que habilidade! Como…?

Sif sorriu, satisfeita.

— Bom, como meu cabelo original foi substituído por cabelo mágico de ouro maciço depois daquela peça *horrível* que Loki pregou em mim — o sorriso dela azedou quando ela olhou para Alex e Sam —, *um* benefício é que consigo tecer meus cabelos extras em vários itens de ouro maciço. Sou responsável por pagar os funcionários da casa, inclusive heróis como vocês, com prêmios assim. Thor é um fofo. Ele aprecia *tanto* minhas habilidades que me chama de esposa-troféu.

Eu pisquei.

— Uau.

— Não é? — Sif ficou vermelha. — De qualquer modo, quando seu trabalho for concluído, vocês vão ganhar um troféu cada.

Blitzen esticou a mão para o modelo, ansioso.

— Entrada de graça para… para qualquer restaurante participante?

Eu estava com medo de ele chorar de alegria.

— Sim, querido — disse a deusa. — Agora, como vocês planejam recuperar o martelo?

Alex tossiu.

— Hã, na verdade…

— Não importa, não me contem! — Sif levantou a mão como se quisesse bloquear o rosto de Alex. — Prefiro deixar os detalhes com os ajudantes.

— Os *ajudantes* — repetiu Alex.

— Sim. Sua primeira tarefa vai ser complicada. Seja qual for a notícia que vocês têm, terão que dá-la ao meu marido. O elevador está ali. Vocês vão encontrá-lo na, como é que ele chama? No *espaço masculino* dele. Estejam avisados, Thor anda de *péssimo* humor.

Sam batucou com os dedos na cabeça do machado.

— E você não poderia dar nosso recado para ele?

O sorriso de Sif endureceu.

— Ah, não, claro que não. Agora, vão, andem logo. E tentem não deixar Thor furioso. Não tenho tempo de contratar outro grupo de heróis.

Quarenta e cinco

Marias-chiquinhas nunca pareceram tão apavorantes

— SIF É RIDÍCULA — murmurou Alex assim que a porta do elevador se fechou.

— Talvez essa não seja a hora de dizer isso — sugeri —, já que a gente está no elevador dela.

— Se as lendas forem verdade — acrescentou Blitz —, esta mansão tem mais de seiscentos andares. Prefiro não despencar até o porão.

— Tanto faz — resmungou Alex. — E que tipo de nome é Fenda Luminosa?

Um coral de dois segundos de alegria celestial soou nos alto-falantes.

— É um kenning! — disse Blitzen. — Você sabe, tipo Rio de Sangue para o cara da espada Skofnung. Fenda Luminosa…

Ahhhhhhh!

— … é só um jeito poético de dizer *relâmpago*, já que Thor é o deus do trovão e tal.

— Não tem *nada* de poético em Fenda Luminosa — resmungou Alex.

Ahhhhhhh!

Desde que pegou a nova bolsa de runas, Hearthstone ficou ainda mais quieto do que de costume. Estava encostado no canto do elevador, puxando o cordão da bolsa de couro. Tentei chamar a atenção dele, perguntar se estava bem, mas o elfo não me olhou nos olhos.

Quanto a Sam, ela ficava passando a ponta dos dedos pela lâmina do machado, como se previsse que o usaria em breve.

— Você também não gosta de Sif — comentei.

Sam deu de ombros.

— Por que deveria? Ela é uma deusa vaidosa. Não costumo concordar com as pegadinhas do meu pai, mas cortar o cabelo dourado original de Sif… isso eu entendi. Ele queria provar um ponto de vista. Ela se importa com a aparência acima de tudo. A capacidade de tecer coisas com o novo cabelo de metal precioso, aquilo de ser uma esposa-troféu? Tenho certeza de que meu pai também planejou isso. É bem o estilo dele. Mas Sif e Thor são burros demais para entender.

Aparentemente, Hearthstone entendeu. Ele enfiou a bolsa de runas no bolso e sinalizou: *Sif é sábia e boa. A deusa de tudo o que cresce. Você...* Ele apontou para Sam, fez dois sinais de ok com as mãos, puxou um para longe do outro, como se rasgasse um pedaço de papel, o sinal de *injusta.*

— Ei, elfo? — disse Alex. — Estou chutando o significado, mas, se você está defendendo Sif, tenho que dizer que estou do lado de Samirah.

— *Obrigada* — disse Sam.

Hearthstone fez cara feia e cruzou os braços, o equivalente dos surdos a *Não quero falar com você agora.*

Blitz resmungou.

— Bom, acho que vocês são loucas de falar mal de Sif na casa de Thor quando estamos prestes a ver…

Ding.

A porta do elevador se abriu.

— Belo espaço masculino — falei.

Saímos para uma área parecida com uma oficina. A carruagem de Thor estava suspensa em um elevador hidráulico; as rodas tinham sido removidas, e o que parecia um eixo quebrado estava pendurado. Em um painel na parede havia dezenas de chaves de boca, serras, chaves de fenda e martelos de borracha. Considerei brevemente pegar um dos martelos e sair gritando “Encontrei seu martelo!”. Mas achei que a piada podia não ser bem recebida.

Depois da área da oficina, o porão se abria em uma caverna masculina completa. Havia estalactites penduradas no teto enchendo a caverna com um brilho estilo Nídavellir. A metade dos fundos era um cinema IMAX com duas telas imensas e uma fileira de monitores de plasma menores logo embaixo, para que Thor pudesse ver dois filmes enquanto acompanhava doze canais esportivos diferentes ao mesmo tempo. Porque, sabe como é, o lance era relaxar. As poltronas do cinema eram reclináveis, de couro e pele, com mesinhas feitas de chifres de alces.

À nossa esquerda havia uma cozinha: cinco geladeiras Sub-Zero de aço inoxidável, um forno, três micro-ondas, uma fileira de liquidificadores modernos e uma estação de cortes de carne, que *não* devia ser o lugar favorito dos bodes dele. No fim de um corredor curto, uma cabeça de carneiro empalhada apontava o caminho dos banheiros com uma placa em cada chifre:

VALQUÍRIAS ⟶

⟵ BERSERKIR

A metade da direita da caverna era quase toda ocupada por jogos de fliperama, a última coisa que eu queria ver depois de Pistas de Boliche Utgard. Felizmente, não tinha boliche ali. A julgar pela mesa enorme que ocupava um lugar de honra bem no meio da caverna, Thor gostava mais de hóquei de ar.

O lugar era tão grande que eu só vi Thor quando ele saiu de detrás da máquina de *Dance Dance Revolution.* Ele parecia perdido em pensamentos, andando de um lado para outro e murmurando enquanto batia dois rebatedores de hóquei de ar um no outro, como se estivesse se preparando para desfibrilar o coração de alguém. Atrás dele vinham os bodes, Otis e Marvin, mas eles não eram muito ágeis. Cada vez que Thor se virava, colidia com eles e tinha que empurrá-los para longe.

— Martelos — resmungou ele. — Martelos idiotas. Martelos.

Finalmente, ele reparou em nossa presença.

— Ahá!

Thor andou até nós, os olhos injetados e furiosos, o rosto tão vermelho quanto sua barba densa. A armadura de combate consistia de uma camiseta velha do Metallica e um short de academia que exibia as pernas pálidas e peludas. Os pés descalços precisavam urgentemente de uma pedicure. Por algum motivo, o cabelo ruivo desgrenhado estava preso em marias-chiquinhas, mas em Thor o visual ficava mais apavorante do que engraçado. Era quase como se ele quisesse que nós soubéssemos: *Posso usar meu cabelo como o de uma garotinha de seis anos e ainda assim matar vocês!*

— Quais são as novidades? — perguntou ele.

— Oi, Thor — cumprimentei, com uma voz tão masculina quanto as marias-chiquinhas dele. — Hã, Sumarbrander tem uma coisa para contar.

Puxei o pingente e chamei Jacques. Era covardia me esconder atrás de uma espada mágica falante? Prefiro encarar como estratégia. Eu não poderia fazer nenhum favor a Thor se ele quebrasse minha cara com rebatedores de hóquei de ar.

— Oi, Thor! — Jacques brilhou com alegria. — Oi, bodes! Ah, hóquei de ar! Lugar maneiro, Homem do Trovão!

Thor coçou a barba com um dos rebatedores. O nome do filho dele, Módi, estava tatuado em azul nos dedos. Eu esperava não ver aquele nome mais de perto.

— Sim, sim, oi, Sumarbrander — resmungou Thor. — Mas onde está meu martelo? Onde está Mjölnir?

— Ah. — Jacques brilhou em um tom mais escuro de laranja. Ele não conseguia fazer cara feia, mas virou o fio da lâmina na minha direção. — Então… temos boas notícias. Nós sabemos quem está com o martelo e onde ele está.

— Que ótimo! — bradou o deus.

Jacques se afastou alguns centímetros.

— Mas tem uma notícia ruim…

Otis olhou para o irmão, Marvin, e soltou um suspiro.

— Tenho a sensação de que estamos prestes a ser mortos.

— Pare com isso! — cortou Marvin. — Não dê ideias ao chefe!

— O martelo foi roubado por um gigante chamado Thrym — continuou Jacques. — Ele o enterrou treze quilômetros debaixo da terra.

— Que péssimo!

Thor chocou os rebatedores um no outro. Um trovão ribombou no aposento. TVs de tela de plasma tombaram. Micro-ondas piscaram. Os bodes cambalearam para a frente e para trás, como se estivessem no convés de um navio.

— Eu odeio Thrym! — rugiu o deus. — Odeio gigantes da terra!

— Nós também! — concordou Jacques. — E aqui está Magnus, para contar nosso plano brilhante para recuperar o martelo!

Jacques voou para trás de mim e pairou por ali com grande sabedoria estratégica. Otis e Marvin se afastaram do mestre e se esconderam atrás da máquina de *Dance Dance Revolution*.

Pelo menos Alex, Sam, Blitz e Hearth não se esconderam, mas Alex me olhou como quem diz: *Ei, é o* seu *deus do trovão*.

Então, contei para Thor a história toda: que fomos enganados para irmos até a tumba do *draugr* para pegar a espada Skofnung, depois corremos para Álfaheim para buscar a pedra Skofnung, subimos na ponte Bifrost para tirar uma selfie com Heimdall e fomos jogar boliche para obter informações com Utgard-Loki. Expliquei as exigências de Thrym para uma aliança com Loki.

De tempos em tempos, eu precisava parar e deixar Thor absorver as notícias andando de um lado para outro, jogando ferramentas e socando as paredes.

Ele precisava de muito tempo para absorver as coisas.

Quando terminei, Thor anunciou sua conclusão sensata:

— Temos que matar todos!

Blitz levantou a mão.

— Ah, sr. Thor, mesmo que nós conseguíssemos levá-lo para perto o bastante de Thrym, matá-lo não ajudaria. Ele é o único que sabe exatamente onde o martelo está.

— Então vamos torturá-lo até ele contar e *depois* matá-lo! Aí, eu mesmo recupero o martelo!

Alex murmurou:

— Cara legal.

— Senhor — disse Sam —, tortura não é muito eficiente, além de não ser ética, mas mesmo que fizéssemos isso e Thrym dissesse exatamente onde o martelo está, como o senhor o recuperaria de treze quilômetros embaixo da terra?

— Eu abriria caminho quebrando tudo! Com o meu martelo!

Nós esperamos as engrenagens mentais de Thor girarem.

— Ah — disse o deus. — Percebi o problema. Maldição! Sigam-me!

Ele andou até a oficina, jogou para longe os rebatedores e começou a remexer nas ferramentas.

— Deve haver alguma coisa aqui capaz de furar treze quilômetros de pedra maciça.

Ele avaliou uma furadeira, uma fita métrica, um saca-rolhas e o cajado de ferro que quase morremos para recuperar da fortaleza de Geirröd. Thor jogou tudo no chão.

— Nada! — disse ele, contrariado. — Tralhas inúteis!

Talvez você possa usar a cabeça, sinalizou Hearth. *É bem dura*.

— Ah, não tente me consolar, sr. Elfo — pediu Thor. — É impossível, não é? Eu *preciso* de martelos para *recuperar* martelos. E isto… — Ele pegou um martelo de borracha e suspirou. — Não vai adiantar. Estou

arruinado! Todos os gigantes logo vão saber que estou indefeso. Vão invadir Midgard, destruir a indústria audiovisual, e eu *nunca* voltarei a ver minhas séries favoritas!

— Pode haver um jeito de pegar o martelo. — As palavras saíram da minha boca antes de eu pensar no que estava dizendo.

Os olhos de Thor se iluminaram.

— Você tem uma bomba enorme?

— Hã, não. Mas Thrym espera se casar com alguém amanhã, não é? Podemos fingir que vamos cooperar e…

— Esqueça — grunhiu Thor. — Sei o que você vai sugerir. De jeito nenhum! O avô de Thrym me humilhou o suficiente quando *ele* roubou meu martelo. Não vou fazer *aquilo* de novo!

— Fazer o quê? — perguntei.

— Usar um vestido de noiva! — bradou Thor. — Fingir ser a noiva do gigante, Freya, que se recusou a se casar com Thrym. Mulher egoísta! Fui desgraçado, humilhado e… Por que *você* está com esse sorrisinho?

Esse último comentário foi direcionado a Alex, que logo voltou à expressão séria.

— Nada — disse ela. — Só estou… imaginando você de vestido de noiva.

Pairando acima do meu ombro, Jacques soltou um suspiro.

— Ele estava in-crí-vel.

Thor grunhiu.

— Foi tudo ideia de Loki, claro. Deu certo. Eu me infiltrei na fortaleza, peguei meu martelo de volta e matei todos os gigantes… bem, exceto pelas criancinhas, Thrym III e Thrynga. Mas, quando voltei para Asgard, Loki contou a história tantas vezes que me fez passar por ridículo. Ninguém me levou a sério durante *séculos*! — Thor franziu a testa como se tivesse acabado de pensar em alguma coisa, o que deve ter sido uma experiência dolorosa. — Sabe, aposto que esse era o plano de Loki o

tempo todo. Aposto que ele armou o roubo *e* a solução para me fazer passar vergonha!

— Que terrível — disse Alex. — Como era seu vestido de noiva?

— Ah, era branco com gola alta de renda bordada e uma parte em conchas… — A barba de Thor brilhou de eletricidade. — ISSO NÃO É IMPORTANTE!

— Então… — falei. — Esse Thrym, Thrym III, sei lá, está esperando que você tente isso de novo. Ele tomou algumas precauções. Nenhum deus vai passar despercebido. Vamos precisar de uma noiva diferente.

— Ah, que alívio! — Ele sorriu para Samirah. — E agradeço por você se envolver, garota! Ainda bem que não é egoísta como Freya. Devo um presente a você. Vou pedir a Sif para fazer um troféu. Ou talvez você queira sorvete? Tenho alguns no freezer…

— Não, lorde Thor — disse Sam. — Não vou me casar com um gigante por você.

Thor piscou com malícia.

— Certo… Você apenas vai *fingir* se casar com ele. E, quando ele trouxer o martelo…

— Eu não vou nem fingir — afirmou Sam.

— *Eu* vou — disse Alex.

Quarenta e seis

Lá vem a noiva e/ou a assassina

ALEX SABIA ATRAIR as atenções. Hearth e Blitz olharam para ela, boquiabertos. Jacques ofegou e brilhou em amarelo. As sobrancelhas de Thor se franziram, faiscando como fios desencapados. Até os bodes se aproximaram para ver melhor quem era a garota maluca.

— Qual é o problema? — perguntou ela. — Sam e eu conversamos sobre o assunto. Ela prometeu a Amir que não ia nem *fingir* se casar com esse gigante, não foi? A farsa não me incomoda nem um pouco. Vou me arrumar, fazer os juramentos, matar meu marido, esse tipo de coisa. Sam e eu temos quase a mesma altura. Nós duas somos filhas de Loki. Ela pode se fazer passar por minha madrinha. É nossa melhor opção.

Olhei para a valquíria.

— Era sobre isso que vocês estavam conversando?

Samirah mexeu nas chaves presas ao cinto.

— Alex acha que consegue resistir aos comandos de Loki… ao contrário do que aconteceu comigo em Provincetown.

Era a primeira vez que ela falava sobre o incidente de maneira tão aberta. Eu me lembrei de Loki estalando os dedos, Sam desabando no chão, todo o ar expelido dos pulmões. Sam era uma valquíria. Tinha mais força de vontade e disciplina do que qualquer um que eu conhecia. Se *ela* não podia resistir ao controle de Loki…

— Alex, você tem certeza? — Tentei não deixar a dúvida aparente na minha voz. — Quer dizer, você já tentou resistir a Loki alguma vez?

A expressão de Alex endureceu.

— O que você quer dizer com isso?

— Nada — falei rapidamente. — Eu só…

— A questão aqui — intrometeu-se Thor — é que você nem é uma garota de verdade! Você é um *argr*!

O ar ficou pesado, como no momento que antecedia um trovão. Eu não sabia qual possibilidade me assustava mais: Thor atacar Alex ou vice-versa. A expressão nos olhos dela me fez pensar se não devíamos apenas colocá-la na fronteira de Jötunheim para assustar os gigantes em vez de ter aquele trabalho todo com Thor e seu martelo.

— Eu sou filha de Loki — disse ela em tom firme. — É isso que Thrym está esperando. Como meu pai, sou de gênero fluido. E, quando sou mulher, *sou* mulher. E consigo usar um vestido de noiva melhor do que você!

Thor franziu a testa.

— Não precisa ser cruel.

— Além do mais — continuou Alex —, eu *não* vou deixar Loki me controlar. Nunca deixei. Nunca vou permitir. Também não estou vendo *ninguém* se oferecendo para essa missão matrimonial mortal.

— *Matrimonial mortal* — repetiu Jacques. — Ei, rimou!

Otis se adiantou e suspirou.

— Bem, se vocês precisarem de um voluntário para morrer, acho que eu posso ir. Eu amo casamentos…

— Cale a boca, idiota! — disse Marvin. — Você é um bode!

Thor pegou o cajado de ferro. Apoiou-se nele, pensativo, tamborilando e fazendo imagens diferentes piscarem na superfície: uma partida de futebol, o canal de vendas, *A Ilha dos Birutas*.

— Bem, ainda não confio em um *argr* para fazer esse trabalho…

— *Uma pessoa de gênero fluido* — corrigiu Alex.

— Uma pessoa de… isso aí que você falou — disse Thor. — Mas acho que, de reputação, você é quem tem menos a perder.

Alex mostrou os dentes.

— Agora entendo por que Loki ama tanto você.

— Pessoal — interrompi. — Temos outros problemas para discutir, e nosso tempo é curto. Thrym espera que a noiva chegue amanhã.

Alex cruzou os braços.

— Está decidido, então. Eu me caso com o grandão feioso.

Então você se casa com ele, sinalizou Hearthstone. *Espero que seja feliz e tenha belos filhos.*

Alex estreitou os olhos.

— Parece que vou ter mesmo que aprender linguagem de sinais. Enquanto isso, prefiro supor que você tenha dito *Sim, Alex. Obrigado por ser tão corajosa e heroica.*

Quase isso, sinalizou Hearth.

Eu ainda não estava gostando da ideia de Alex como noiva falsa, mas achei que era melhor dançar conforme a música. Manter o grupo unido era como guiar uma carruagem sem bodes e com o eixo quebrado.

— Então, precisamos aceitar que não podemos levar Thor escondido ao casamento — falei.

— E ele não pode simplesmente invadir a fortaleza de um gigante da terra — acrescentou Blitz.

Thor limpou a garganta.

— Eu tentei, acreditem. Os gigantes idiotas estão enterrados muito fundo naquelas rochas estúpidas.

— Uau, você deve ser especialista em estupidez — supôs Alex.

Lancei para ela um olhar de *cala a boca*.

— Vamos ter que usar a porta da frente. Acho que eles só vão dizer onde será o casamento no último minuto, para evitar uma emboscada ou a entrada de penetras.

— O que o convite diz? — perguntou Sam.

Eu o peguei e mostrei a todos. A linha sobre o horário agora dizia: AMANHÃ DE MANHÃ!!! A linha sobre o local ainda dizia: AVISAMOS DEPOIS.

— Tudo bem — falei. — Acho que talvez eu saiba onde a porta vai aparecer.

Expliquei para Thor sobre a foto de Bridal Veil Falls.

O deus do trovão não pareceu se alegrar.

— Então ou você está enganado e a foto é aleatória, ou você está certo e está escolhendo acreditar em uma informação dada por seu tio traiçoeiro…

— Bem… é. Mas, se *for* a entrada…

— Eu posso ir lá olhar — disse Thor. — Posso reunir um esquadrão de deuses disfarçados, prontos para seguir o grupo da festa de forma sorrateira.

— Um time de deuses parece excelente — concordei.

— Depende dos deuses — murmurou Blitz.

— Também temos alguns einherjar de prontidão — sugeriu Sam. — Bons guerreiros. Confiáveis.

Ela disse *confiáveis* como se fosse uma palavra que Thor talvez nunca tivesse ouvido.

— Hum… — Thor girou uma das marias-chiquinhas. — Acho que pode dar certo. E quando Thrym invocar o martelo…

— *Se* ele invocar — disse Alex. — O martelo vai ser dado como, hum… *morgen-gifu.*

Thor pareceu chocado.

— Ainda assim, ele *precisa* estar com Mjölnir na cerimônia! A noiva tem o direito de exigi-lo. O símbolo do meu martelo sempre é usado para abençoar um casamento. Se Thrym estiver com o verdadeiro, ele *tem* que usá-lo, se você insistir. E, quando ele usar, invadimos e matamos todo mundo!

Menos nós, ponderou Hearthstone.

— Exatamente, sr. Elfo. Vai ser um banho de sangue glorioso!

— Lorde Thor — disse Sam —, como vai saber a hora certa de atacar?

— Isso é fácil. — Ele se virou e bateu na cabeça de Marvin e na de Otis. — Vocês vão com minha carruagem para o salão de casamento. É uma prática comum para lordes e ladies. Com um pouco de concentração, eu consigo ver e ouvir o que meus bodes veem e ouvem.

— É — disse Otis. — Dá um formigamento logo atrás dos olhos.

— Fique quieto — disse Marvin. — Ninguém quer saber do formigamento nos seus olhos.

— Quando Mjölnir aparecer — Thor abriu um sorriso cruel —, nós invadimos, deuses e einherjar. Massacramos os gigantes, e tudo vai ficar bem. Até já me sinto melhor!

— Viva! — comemorou Jacques, batendo no cajado de Thor em um tapinha de alegria.

Samirah levantou o indicador como quem diz *um momento*.

— Tem mais uma coisa. Loki quer a espada Skofnung para se libertar. Como podemos garantir que ele não vai conseguir pegá-la?

— Isso nunca vai acontecer! — disse Thor. — O local de punição de Loki é bem longe de lá, e foi selado muito tempo atrás pelos deuses. A prisão dele é mais protegida do que a do lobo Fenrir.

E nós vimos quanto isso deu certo, sinalizou Hearth.

— O elfo fala com sabedoria — concordou Thor. — Não há nada com que se preocupar. Loki não pode estar presente no casamento. Mesmo que Thrym pegue a espada Skofnung, ele não vai ter tempo de encontrar Loki e o libertar. Não antes de chegarmos e matarmos o grandalhão!

Thor girou o cajado de ferro para demonstrar seus golpes ninja. A maria-chiquinha esquerda se soltou, o que só aumentou o efeito intimidante.

Um medo gelado se espalhou pelas minhas entranhas.

— Tenho minhas dúvidas sobre esse plano. Ainda parece que estamos esquecendo alguma coisa importante.

— Meu martelo! — disse Thor. — Mas vamos recuperá-lo logo. Sr. Elfo e sr. Anão, por que vocês não vão a Valhala alertar os einherjar?

— Senhor, nós iríamos… — Blitz ajustou o chapéu de safári. — Mas, tecnicamente, não temos permissão para entrar em Valhala, por não estarmos, você sabe… mortos.

— Posso dar um jeito nisso!

— Não nos mate! — gritou Blitz.

Thor remexeu em uma mesa até encontrar uma viga de madeira com uma chave na ponta. Na lateral da tábua, com letras pirogravadas, havia a palavra PASSE LIVRE DO THOR.

— Isto vai permitir que vocês entrem em Valhala — prometeu ele. — Só não se esqueçam de devolver. Vou consertar a carruagem para que nossa noiva *argr* possa usar amanhã. Depois, vou reunir meu esquadrão de ataque e procurar esse local, Bridal Veil Falls.

— E quanto a nós? — perguntei com relutância.

— Você e as duas filhas de Loki vão ser nossos convidados esta noite! — anunciou Thor. — Vejam se minha esposa está lá em cima. Ela vai acomodar vocês. De manhã, vou partir para um glorioso massacre matrimonial!

— Ah — disse Otis com um suspiro. — Eu amo casamentos.

Quarenta e sete

Nos preparando para o combate no estilo discoteca

NA VÉSPERA DE um grande massacre, era de se esperar que eu não conseguisse pegar no sono.

Ledo engano. Dormi feito um gigante da pedra.

Sif ofereceu um quarto de hóspedes para cada um de nós nos andares superiores da Fenda Luminosa. Desabei na minha cama de madeira de sorveira com lençóis de ouro trançado e só abri os olhos pela manhã, quando ouvi o despertador: um pequeno troféu de ouro no formato de Mjölnir que não parava de soar como um coral divino de *Ahhhhhhhh! Ahhhhhhhh! Ahhhhhhhh!* até eu pegá-lo na mesa de cabeceira e jogá-lo na parede. Tenho que admitir que foi uma maneira satisfatória de acordar.

Acho que Sam e Alex não dormiram tão bem quanto eu. Quando as encontrei no átrio de Sif, as duas estavam com olhares perdidos. No colo de Alex tinha um prato com migalhas de donuts. Ela os quebrara em pedaços para fazer um rosto franzindo a testa. Os dedos estavam cobertos de açúcar de confeiteiro.

Sam levou uma xícara de café aos lábios como se gostasse do cheiro da bebida, mas não conseguisse lembrar como tomá-la. A espada Skofnung estava pendurada nas costas dela.

A valquíria olhou para mim e perguntou:

— Aonde?

Não entendi a pergunta de primeira. Depois, percebi que ela estava perguntando se eu sabia aonde íamos hoje.

Remexi no bolso em busca do convite de casamento.

A linha do *quando* agora dizia: HOJE! ÀS 10H. ESTÁ ANIMADO?!

A linha do *ONDE* dizia: SIGA PARA O TACO BELL NA I-93 AO SUL DE MANCHESTER, NEW HAMPSHIRE. AGUARDE MAIS INSTRUÇÕES. NADA DE AESIR, SENÃO O MARTELO VAI SOFRER!

Mostrei o convite para Alex e Sam.

— Taco Bell? — resmungou Alex. — Que idiotas.

— Tem alguma coisa errada. — Sam tomou um gole de café. A xícara tremeu nas mãos dela. — Magnus, fiquei a noite toda pensando no que você falou. Estamos esquecendo alguma coisa importante, e não estou me referindo ao martelo.

— Talvez vocês estejam precisando de roupas mais apropriadas para a ocasião — disse nossa anfitriã.

À nossa frente estava Sif, que surgira do nada, como as deusas costumavam fazer. Ela usava o mesmo vestido vermelho-alaranjado, o mesmo broche verde e prateado e o mesmo sorriso condescendente que dizia *Acho que vocês são meus criados, mas não lembro seus nomes.*

— Meu marido me disse que você quer brincar de se disfarçar. — Ela olhou Alex de cima a baixo. — Acho que vai ser mais fácil do que botar Thor em um vestido de noiva, mas temos muito trabalho a fazer. Venha comigo.

Sif andou por um corredor no final do átrio, sinalizando para Alex segui-la.

— Se eu não voltar em uma hora — disse Alex —, quer dizer que estrangulei Sif e estou me livrando do corpo.

Sua expressão não dava indicação nenhuma de estar brincando. Alex saiu andando, fazendo uma imitação tão boa da caminhada de Sif que eu daria um troféu para ela.

Sam ficou de pé. Com a xícara de café na mão, ela andou até a janela mais próxima e olhou por cima dos telhados de Asgard. Os olhos dela pareceram se fixar no domo dourado feito de escudos de Valhala.

— Alex não está pronta — disse ela.

Eu me juntei a Sam na janela. Uma mecha de cabelo castanho escapou do hijab perto da têmpora esquerda. Tive um ímpeto protetor de botar os fios de volta. Como eu gostava muito da minha mão, não me mexi.

— Você acha que ela está certa? — perguntei. — Acha que ela consegue… você sabe, resistir a Loki?

— Ela *acha* que consegue — disse Sam. — Alex tem uma teoria sobre reivindicar os próprios poderes, não deixar que nosso pai a possua. Ela até se ofereceu para me ensinar. Mas acho que ela nunca testou a si mesma contra Loki. Não de verdade.

Pensei na minha conversa com Alex na floresta de Jötunheim, na confiança com que ela falara sobre usar o símbolo das serpentes de Urnes para si, saindo da sombra venenosa do pai. Era uma boa ideia. Infelizmente, eu sabia com que facilidade Loki podia manipular as pessoas. Vi o que ele havia feito com o tio Randolph.

— Pelo menos não estaremos sozinhos.

Olhei para Valhala ao longe. Pela primeira vez, senti uma pontada de saudade do lugar. Eu torcia para que Blitz e Hearth tivessem chegado lá em segurança. Imaginei-os com a galera do andar dezenove preparando as armas e arrumando trajes de casamento para uma missão ousada que salvaria nossa pele.

Quanto a Thor… eu não tinha muita fé nele. Mas, com sorte, ele e um bando de outros aesires estariam preparados ao redor de Bridal Veil Falls, usando roupas camufladas com catapultas manuais de alta precisão ou lanças motorizadas ou quaisquer outras armas que os deuses usassem atualmente.

Sam balançou a cabeça.

— Com ou sem ajuda… Alex não sabe o que aconteceu na tumba do *draugr*. Ela não sabe totalmente do que Loki é capaz, com que facilidade ele pode…

Ela estalou os dedos.

Eu não sabia o que dizer. *Tudo bem, você não pôde evitar* não pareceu útil.

Sam deu um gole no café.

— Devia ser eu usando o vestido de noiva. Eu sou uma valquíria. Tenho poderes que Alex não tem. Tenho mais experiência em luta. Eu…

— Você fez uma promessa a Amir. Existem limites que você não pode ultrapassar. Isso não é fraqueza. É um dos seus pontos fortes.

Sam observou meu rosto, talvez avaliando se eu estava falando sério.

— Às vezes não parece um ponto forte.

— Depois do que aconteceu naquela tumba em Provincetown? — falei. — Sabendo do que Loki é capaz e sem ideia se consegue resistir a ele, você *ainda* vai voltar e lutar contra seu pai. Se quer saber, está *bem* acima do nível Valhala de coragem.

Ela colocou a xícara no peitoril da janela.

— Obrigada, Magnus. Mas, hoje, se você tiver que escolher… Se Loki tentar fazer Alex e a mim de reféns, ou…

— Sam, não.

— O que quer que ele esteja planejando, Magnus, você *tem* que impedi-lo. Se estivermos incapacitadas, talvez você seja o único que consiga. — Ela tirou a espada Skofnung das costas e a entregou para mim. — Guarde isto. Não perca de vista.

Mesmo na luz matinal de Asgard, no calor do átrio de Sif, a bainha de couro da espada estava fria como a porta de um freezer. A pedra Skofnung agora estava presa ao cabo da espada. Quando coloquei a espada nas costas, a pedra afundou na minha omoplata.

— Sam, eu não vou precisar fazer uma escolha. Não vou deixar Loki matar meus amigos. E, definitivamente, não vou deixar que ele chegue perto desta espada. A não ser que ele queira comer a lâmina. Por mim, tudo bem.

O canto da boca de Sam tremeu.

— Fico feliz por você estar comigo nisso, Magnus. Espero que, um dia, quando meu casamento *de verdade* acontecer, você também esteja lá.

Foi a coisa mais legal que alguém me disse em muito tempo. Claro que, considerando como meus últimos dias tinham sido tumultuados, isso talvez não fosse surpresa.

— Vou estar lá — prometi. — E não vai ser só por causa da comida excelente do Falafel do Fadlan.

Ela deu um tapa no meu ombro, que encarei como um elogio. Normalmente, Sam evitava qualquer tipo de contato físico. Acho que dar um tapa em um amigo idiota era permitido de vez em quando.

Por um tempo, observamos o nascer do sol em Asgard. Estávamos em uma posição bem alta, mas como aconteceu quando vi Asgard de Valhala, não notei ninguém andando nas ruas. Pensei em todas as janelas escuras e nos pátios silenciosos, nos jardins descuidados crescendo desenfreados. Que deuses teriam morado naquelas mansões? Para onde todos tinham ido? Talvez tenham se cansado da péssima segurança e se mudado para um condomínio com guarita, onde o guardião não passava o tempo todo tirando selfies celestiais.

Não sei bem quanto tempo esperamos Alex. Tempo suficiente para eu beber uma xícara de café e comer um rosto de testa franzida feito de donuts. Tempo suficiente para eu me perguntar por que Alex estava demorando tanto para esconder o corpo de Sif.

Finalmente, a deusa e a noiva surgiram pelo corredor. Toda umidade evaporou da minha boca. Eletricidade pulou de poro em poro no meu couro cabeludo.

O vestido branco de seda de Alex brilhava com bordados dourados, das franjas nas mangas até a barra ondulada que cobria os pés. Um colar dourado fazia a volta no pescoço dela como um arco-íris invertido. Preso às mechas pretas e verdes do cabelo havia um véu branco, puxado para trás

para deixar o rosto à mostra; os olhos bicolores estavam decorados com uma camada de rímel, os lábios, pintados de um tom quente de vermelho.

— Irmã — disse Sam. — Você está linda.

Fiquei feliz por *ela* ter dito. Minha língua estava enrolada como um saco de dormir de titânio.

Alex fez uma careta para mim.

— Magnus, você pode parar de me olhar como se eu fosse te matar?

— Eu não estava…

— Porque, se não parar, eu *vou* te matar.

— Certo. — Era difícil desviar os olhos, mas eu me esforcei.

Sif estava com um brilho confiante no olhar.

— A julgar pela reação da nossa cobaia masculina, acho que meu trabalho aqui está feito. Exceto por uma coisa… — A deusa tirou um longo fio de ouro preso na própria cintura, tão fino e delicado que eu mal conseguia ver. Em cada ponta havia uma haste dourada em formato de S. Um garrote, eu percebi, como o de Alex, só que de ouro. Sif o enrolou na cintura de Alex, juntando os dois *S* para formarem as Serpentes de Urnes.

— Pronto. Essa arma, feita do meu cabelo, tem as mesmas propriedades do seu outro garrote, só que combina com o vestido e *não* veio de Loki. Que sirva bem a você, Alex Fierro.

Alex parecia ter recebido um troféu que garantia ao portador praticamente tudo.

— Eu… eu não sei como agradecer, Sif.

A deusa inclinou a cabeça.

— Talvez nós duas possamos nos esforçar mais para não julgar baseadas em primeiras impressões, hein?

— Isso… é. Concordo.

— E, se você tiver a chance — acrescentou Sif —, estrangular seu pai com um garrote feito do meu cabelo mágico pareceria bem apropriado.

Alex fez uma reverência.

A deusa se virou para Sam.

— Agora, minha querida, vamos ver o que podemos fazer para a madrinha.

Depois que Sif acompanhou Samirah pelo Corredor de Transformações Mágicas, eu me virei para Alex, fazendo um esforço para não deixar meus olhos saltarem da cara.

— Eu, hã… — Minha língua começou a se enrolar de novo. — O que você disse para Sif? Ela parece gostar de você agora.

— Eu sei ser encantadora quando preciso — disse Alex. — E não se preocupe. Vai chegar sua vez logo, logo.

— De… ser encantador?

— Isso seria impossível. — Alex franziu o nariz de um jeito bem parecido com Sif. — Mas pelo menos você pode tomar um banho. Preciso que meu acompanhante esteja *bem* mais elegante.

* * *

Não sei se consegui ficar elegante. Estava mais para hesitante.

Enquanto Samirah ainda estava se vestindo, Sif voltou e me guiou para o provador dos cavalheiros. Por que a deusa tinha um provador masculino, eu não sabia, mas achei que Thor não passava muito tempo ali. Não encontrei nenhum short de ginástica e nenhuma camiseta do Metallica.

Sif providenciou para mim um smoking dourado e branco, com o forro feito de cota de malha à moda de Blitzen. Jacques pairou ali perto, cantarolando de empolgação. Ele gostou muito da gravata-borboleta feita do cabelo de Sif e da camisa com babados.

— Ah, sim! — exclamou a espada. — Agora você só precisa da runa certa nesse traje arrasador!

Eu nunca o tinha visto tão ansioso para virar um pingente mudo. A runa de Frey assumiu seu lugar embaixo da minha gravata-borboleta, aninhada

entre os babados como um ovo de Páscoa de pedra. Com a espada Skofnung presa nas costas, eu parecia pronto para dançar em uma discoteca enquanto perfurava meus parentes mais próximos. Infelizmente, isso parecia ser uma ideia bem exata do que poderia acontecer.

Assim que voltei ao átrio, Alex se dobrou de tanto rir. Havia alguma coisa de profundamente humilhante em ser alvo de risadas de uma garota de vestido de noiva, principalmente uma garota que estava *arrasando* com o tal vestido.

— Ah, meus deuses. — Ela fez um ruído de deboche. — Você parece estar a caminho de um casamento em Vegas em 1987.

— Nas suas próprias palavras — falei —, cale a boca.

Alex se aproximou e ajeitou minha gravata. Os olhos pareciam brilhar de divertimento. Alex tinha cheiro de fumaça. Por que ainda estava com cheiro de fogueira?

Ela recuou e riu de novo.

— Tá. Melhor assim. Agora, só precisamos ver Sam… Ah, uau.

Segui o olhar dela.

Samirah tinha chegado pelo corredor. Estava usando um vestido de gala verde com bordado preto que era uma imagem espelhada do de Alex, com espirais das mangas até a barra. No lugar do hijab de sempre, ela usava um capuz de seda verde com uma espécie de véu cobrindo até o alto do nariz. Só os olhos estavam visíveis, e mesmo eles estavam pintados com sombra escura.

— Você está ótima — falei para ela. — Além disso, adorei sua participação em *Assassin's Creed*.

— Ha-ha. Posso ver que você está pronto para o baile do colégio. Alex, você já experimentou o véu?

Com a ajuda de Sam, Alex puxou a cortina de tecido leve por cima do rosto. Havia algo de fantasmagórico nela com aquele véu, como se Alex pudesse sair flutuando a qualquer momento. Dava para ver que ela *tinha*

rosto, mas as feições estavam totalmente obscurecidas. Se eu não soubesse, podia achar que era Sam. Só as mãos a entregavam. O tom de pele de Alex era um pouco mais claro que o da valquíria. Ela resolveu isso com luvas de renda. Eu queria muito que Blitzen estivesse com a gente, porque ele ia adorar todas aquelas roupas elegantes.

— Meus heróis. — Sif parou ao lado de uma das sorveiras. — Está na hora.

O tronco da árvore se abriu, revelando uma greta de luz roxa da mesma cor da placa do Taco Bell.

— Onde está a carruagem? — perguntou Alex.

— Esperando vocês do outro lado — respondeu Sif. — Sigam, meus amigos, e matem muitos gigantes.

Amigos, eu reparei. Não *ajudantes.*

Talvez tivéssemos mesmo causado uma boa impressão na deusa. Ou talvez ela tivesse se dado conta de que morreríamos, então um pouco de gentileza não faria mal.

Alex se virou para mim.

— Vá na frente, Magnus. Se houver algum inimigo, seu smoking vai cegá-lo.

Sam riu.

Para acabar logo com o constrangimento, passei pela sorveira e fui para outro mundo.

Quarenta e oito

Todos a bordo do Expresso Mexicano

A ÚNICA COISA hostil no estacionamento do Taco Bell era Marvin, que estava dando uma bronca no irmão, Otis.

— Muito obrigado por nos transformar em sanduíches de bode, seu idiota! — gritou Marvin. — Você sabe quanto precisa irritar Thor para ele nos comer dessa maneira?

— Ah, olhe. — Otis apontou com os chifres em nossa direção. — São nossos passageiros.

Ele disse a palavra *passageiros* como se dissesse *executores*. Acho que, para Otis, elas costumavam ser sinônimos.

Os dois bodes estavam presos à carruagem, estacionada ao lado da pista de drive-thru do restaurante. As coleiras tinham sinos dourados que tocavam alegremente quando Otis e Marvin balançavam a cabeça. A carruagem em si estava decorada com flores amarelas e brancas que não mascaravam o cheiro de suor de deus do trovão.

— Oi, pessoal. — Acenei para os bodes. — Vocês estão tão festivos.

— É — resmungou Marvin. — Estou me sentindo *muito* festivo. Já sabe para onde vamos, humano? O cheiro de burrito está me deixando enjoado.

Conferi o convite mais uma vez. A linha do *onde* agora dizia: SIGA PARA BRIDAL VEIL FALLS. VOCÊ SÓ TEM CINCO MINUTOS.

Li duas vezes para ter certeza de que não estava imaginando coisas. Eu estava certo no meu palpite. Tio Randolph devia mesmo estar tentando me ajudar. Agora tínhamos uma chance de contrabandear uns penetras divinos.

Por outro lado, não dava mais para evitar o casamento. Eu tinha ganhado em uma loteria cujo grande prêmio era uma viagem só de ida para a fortaleza de um gigante da terra malvado com potes de picles, garrafas de cerveja e morte. Eu duvidava que ele fosse honrar os cupons do troféu de Sif.

Mostrei o convite para os bodes e para as garotas.

— Então você estava certo — disse Sam. — Talvez Thor…

— *Shhh* — avisou Alex. — De agora em diante, acho que devemos supor que Loki esteja nos vigiando.

Não foi um pensamento alegre. Os bodes olharam ao redor, como se Loki pudesse estar escondido ali perto, possivelmente disfarçado de um grande burrito.

— É — disse Marvin, um pouco alto demais —, acho que Thor… vai ficar triste, já que não tem como ele ir para Bridal Veil Falls com um esquadrão de ataque em apenas cinco minutos, já que acabamos de receber essa informação e estamos com uma desvantagem enorme! Droga!

As habilidades de disfarce dele eram quase tão refinadas quanto as de Otis. Eu me perguntei se os dois bodes tinham sobretudos, chapéus e óculos escuros iguais.

Otis balançou os sinos com alegria.

— É melhor seguirmos logo para a morte. Cinco minutos não é muito tempo, até para a carruagem de Thor. Subam a bordo.

Subir não era possível para Sam e Alex, com seus vestidos de casamento. Tive que levantá-las, o que não deixou nenhuma das duas feliz, a julgar pelos resmungos e xingamentos por trás dos véus.

Os bodes partiram galopando a toda… ou o que quer que bodes façam. Trotar? Desfilar? No final do estacionamento, a carruagem levantou voo. Tilintamos conforme decolávamos do restaurante, como o trenó do Papai Taco, levando burritos para todos os meninos, meninas e gigantes bonzinhos.

Os bodes ganharam velocidade. Atravessamos uma nuvem a mil e quinhentos quilômetros por hora, a névoa fria molhando meu cabelo e fazendo os babados da minha camisa murcharem. Desejei ter um véu, como Sam e Alex, ou pelo menos óculos de proteção. Imaginei se Jacques podia se mover como um limpador de para-brisa.

De repente, começamos a descer com a mesma rapidez com que subíramos. Abaixo de nós estavam as Montanhas Brancas e seus cumes cinzentos com veios brancos onde a neve se agarrava nas fendas.

Otis e Marvin mergulharam em direção a um dos vales, deixando meu estômago nas nuvens. O cavalo Stanley aprovaria. Sam não aprovou. Ela se segurou e murmurou:

— Mais devagar, pessoal. Cuidado com a velocidade de aproximação.

Alex deu uma risadinha debochada.

— Não tente pilotar do banco de trás!

Pousamos em uma ravina na floresta. Os bodes seguiram em frente, com neve sendo espirrada pelas rodas da carruagem como sorvete. Otis e Marvin não pareceram se importar. Eles seguiram em frente, tilintando e exalando vapor, nos levando mais fundo nas sombras das montanhas.

Fiquei olhando para os cumes acima de nós, tentando ver algum aesir e algum einherji escondidos na vegetação, prontos para ajudar se alguma coisa desse errado. Eu teria adorado ver o brilho do rifle de T.J. ou o rosto pintado de berserker de Mestiço ou ouvir alguns xingamentos em gaélico de Mallory. Mas a floresta parecia vazia.

De repente, me lembrei do que Utgard-Loki tinha dito: nos matar e pegar a espada Skofnung seria muito mais fácil do que nos deixar seguir em frente com os planos do casamento.

— Ei, pessoal… como podemos saber que Thrym não é fã, vocês sabem, da opção número um?

— Ele não nos mataria — disse Sam. — A não ser que precise. Thrym *deseja* essa aliança com Loki, o que significa que ele precisa de mim, quer

dizer, precisa dela, Samirah.

Sam apontou para Alex.

Marvin balançou os chifres, como se tentasse soltar os sinos.

— Vocês estão com medo de alguma emboscada? Não temam. Festas de casamento têm passagem segura garantida.

— Verdade — disse Otis. — Se bem que os gigantes sempre podem nos matar depois da cerimônia, eu espero.

— Você quer dizer que *acha* — disse Marvin. — Não que *espera*.

— Hã? Ah, é.

— Vamos fazer silêncio agora — resmungou Marvin. — Não queremos provocar uma avalanche.

A possibilidade de uma avalanche no meio da primavera parecia pequena. Não havia tanta neve nos picos das montanhas. Mesmo assim, depois de tudo pelo que tínhamos passado, seria burrice morrermos enterrados embaixo de uma tonelada de detritos gelados com um smoking tão estiloso.

Finalmente, a carruagem se aproximou de um penhasco com uns dez andares de altura. Folhas de gelo cobriam as pedras feito uma cortina de açúcar. Embaixo, a cachoeira estava lentamente voltando à vida, gorgolejando, se movendo e pulsando de luz.

— Bridal Veil Falls — disse Alex. — Escalei aqui algumas vezes.

— Mas não usando um vestido de noiva, eu acho.

Ou eu *espero*? Otis me deixou confuso.

— O que a gente faz agora? — perguntou Sam.

— Bom, faltam quatro minutos — disse Marvin. — Não estamos atrasados.

— Seria uma pena se perdêssemos a passagem. (Tenho quase certeza de que isso era um *espero*.)

Bem nessa hora, o chão rugiu. A cachoeira pareceu se esticar, acordar do sono de inverno, soltando pedaços de gelo que se quebraram e caíram

no riacho abaixo. A face do penhasco se abriu no meio, e a água chegou para os lados, revelando a boca de uma grande caverna.

Da escuridão surgiu uma giganta. Ela tinha uns dois metros de altura — era até baixinha para uma giganta. Usava um vestido todo costurado de peles brancas, o que me deixou triste pelos animais, provavelmente ursos-polares, que deram a vida por aquela roupa. O cabelo branco da giganta estava trançado dos dois lados do rosto, e eu desejei que ela tivesse um véu, porque, *eca*. Os olhos saltados eram do tamanho de laranjas. O nariz parecia ter sido quebrado várias vezes. Quando sorriu, os lábios e os dentes dela tinham manchas pretas.

— Olá! — Ela tinha a mesma voz grave de que eu me lembrava do meu sonho.

Eu me encolhi involuntariamente, com medo de ela derrubar meu pote de picles.

— Eu sou Thrynga! — continuou a giganta —, princesa dos gigantes da terra, irmã de Thrym, filho de Thrym, neto de Thrym! Estou aqui para receber minha nova cunhada.

Alex se virou para mim. Eu não conseguia ver o rosto dela, mas o som estalado que ecoou do fundo da garganta parecia querer dizer: *Abortar missão! Abortar missão!*

Sam fez uma reverência. Falou com um tom mais agudo do que o habitual.

— Obrigada, Thrynga! Samirah está encantada por estar aqui. Sou sua madrinha…

— Prudence — sugeri.

Sam se virou para mim, e o olho dela tremeu acima do lenço de bandida.

— Sim… Prudence. E este é…

Antes que ela pudesse se vingar me chamando de Clarabelle ou Horatio Q. Pantaloons, eu me adiantei:

— Magnus Chase! Filho de Frey e portador do dote da noiva. É um prazer conhecê-la.

Thrynga lambeu os lábios manchados. Falando sério, eu me perguntei se ela sugava canetas esferográficas quando estava de bobeira.

— Ah, sim — disse ela. — Você está na lista de convidados, filho de Frey. E essa é a espada Skofnung que você carrega? Muito bom. Eu fico com ela.

— Não até a troca de presentes durante a cerimônia — falei. — Queremos seguir as tradições, não queremos?

Os olhos de Thrynga tinham um brilho perigoso… e cheio de ganância.

— Claro. As tradições. E, falando nisso…

Das mangas de urso-polar ela tirou uma espátula enorme de pedra. Tive um breve momento de terror ao me perguntar se gigantes costumavam bater nos convidados de casamento.

— Vocês não se importam se eu fizer uma rápida verificação de segurança, não é mesmo? — Thrynga passou o detector pelos bodes. Em seguida, inspecionou a carruagem e nós. — Ótimo. Nenhum aesir nas redondezas.

— Meu terapeuta diz que Marvin tem complexo de deus — disse Otis. — Mas acho que isso não conta.

— Cale a boca, senão vou acabar com você — resmungou Marvin.

Thrynga franziu a testa enquanto observava a carruagem.

— Esse veículo parece familiar. Tem até um cheiro familiar.

— Ah, você sabe — falei —, lordes e ladies costumam andar de carruagem para ir a casamentos. Esta é alugada.

— Hum… — Thrynga puxou os fios brancos de barba que tinha no queixo. — Acho que sim… — Ela olhou novamente para a espada Skofnung nas minhas costas, um brilho ganancioso nos olhos. Fez sinal para a entrada da caverna. — Por aqui, pequenos humanos.

Não achei justo ela nos chamar de *pequenos*. Thrynga só tinha dois metros, afinal de contas. A giganta baixinha entrou na caverna, e nossos bodes foram atrás, puxando a carruagem direto pelo meio da cachoeira interrompida.

O túnel era arredondado e mal tinha espaço para as rodas da carruagem. O chão era coberto de gelo, e a descida era tão íngreme que fiquei com medo de Marvin e Otis escorregarem e nos arrastarem para o vazio. Mas Thrynga não pareceu ter dificuldade para manter o equilíbrio.

Havíamos percorrido uns quinze metros de túnel quando ouvi a entrada da caverna se fechando atrás de nós.

— Ei, Thrynga, não devíamos deixar aquela cachoeira aberta? Como vamos sair depois da cerimônia?

A giganta me deu um sorriso manchado.

— Sair? Ah, eu não me preocuparia com isso. Além do mais, temos que deixar a entrada fechada e o túnel se movendo. Não íamos querer que ninguém interferisse nesse dia tão feliz, não é mesmo?

A gola do meu smoking estava encharcada de suor. Quanto tempo a entrada do túnel tinha ficado aberta depois que nós passamos? Um minuto? Dois? Thor e os outros conseguiram entrar? Eles estavam lá? Não ouvi nada atrás de nós, nem um peidinho discreto, então era impossível saber.

Meus olhos pareciam estar saltando das órbitas. Meus dedos tremiam. Eu queria falar com Alex e Sam, elaborar planos de contingência para o caso de as coisas darem errado, mas não podia fazer isso com a giganta Thrynga bem na nossa frente.

Enquanto andava, a giganta tirou uma castanha do bolso do vestido. Começou a jogar distraidamente o fruto para o alto e a pegar de volta. Pareceu um amuleto esquisito para um gigante. Por outro lado, eu tinha uma runa que virava espada, então não podia criticar.

O ar ficou mais frio e mais denso. O teto de pedra parecia nos pressionar. A sensação era de que estávamos deslizando para o lado, mas eu não sabia se era por causa do gelo ou do túnel se movendo na terra ou do meu baço pressionando a lateral do corpo, tentando escapar.

— Até onde esse túnel vai? — Minha voz ecoou nas paredes de pedra.

Thrynga riu e virou a castanha nos dedos.

— Tem medo do subterrâneo, filho de Frey? Não se preocupe. Só vamos descer mais um pouco. Claro que o túnel em si vai até Helheim. A maioria das passagens subterrâneas acaba indo para lá.

Ela parou para me mostrar as solas dos sapatos, cheios de ferrinhos pontudos.

— Gigantes e bodes estão mais bem-equipados para uma estrada assim. Vocês, pequeninos, perderiam o equilíbrio e deslizariam até o Muro de Cadáveres. Não podemos permitir isso.

Pela primeira vez, eu concordei com a giganta.

A carruagem seguiu em frente. O cheiro das guirlandas de flores ficou mais doce e mais frio e me lembrou a casa funerária onde meu corpo mortal foi exposto em um caixão. Eu esperava não precisar de um segundo funeral. Se precisasse, me perguntei se seria enterrado ao lado do meu próprio corpo.

A ideia de "mais um pouco" de Thrynga eram mais quatro horas de viagem. Os bodes não pareceram se importar, mas eu estava ficando louco de frio, ansiedade e tédio. Só tinha tomado uma xícara de café e comido alguns pedaços de donuts no palácio de Sif naquela manhã. Agora, estava com fome e tenso. Fui reduzido a um estômago vazio, nervos em frangalhos e uma bexiga cheia. Não vimos estações de serviço nem paradas de descanso no caminho. Nem mesmo um arbusto. As garotas também deviam estar sofrendo. Elas ficavam se mexendo e se balançando.

Finalmente, chegamos a uma bifurcação no túnel. O caminho principal continuava pela escuridão gelada. Mas, à direita, um corredor curto

terminava em um conjunto de portas de carvalho com rebites de ferro e aldravas no formato de cabeça de dragão.

O capacho dizia ABENÇOE ESTA CAVERNA!

Thrynga sorriu.

— Chegamos, pequeninos. Espero que estejam animados.

Ela abriu as portas, e nossa carruagem passou… e entrou no bar de *Cheers*.

Quarenta e nove

Thrym!

De repente, seguir a estrada para Helheim não pareceu tão ruim.

Não era surpresa que a casa de Thrym me fosse tão familiar quando a vi pelo pote de picles no sonho. O local era uma réplica quase perfeita do Bull & Finch Pub, a inspiração para a velha série de TV *Cheers*.

Como ficava em frente ao parque Public Garden, eu já tinha ido algumas vezes ao pub quando era sem-teto, para me aquecer em um dia frio de inverno ou para pedir um hambúrguer a algum cliente. O local estava sempre cheio, e fez sentido ter um equivalente para os gigantes da terra.

Quando entramos, uma dezena de gigantes se viraram em nossa direção e levantaram as canecas de hidromel.

— Samirah! — gritaram eles em uníssono.

Mais gigantes ocupavam as mesas e o bar, comendo hambúrgueres e bebendo hidromel.

A maioria dos clientes era um pouco maior do que Thrynga. Estavam vestidos com uma confusão de peças de smoking, peles e armaduras que faziam meu traje parecer superdiscreto.

Olhei o aposento, mas não vi sinal de Loki nem do tio Randolph. Eu não sabia se ficava aliviado ou preocupado com essa situação. Na extremidade mais distante do bar, em um trono de madeira simples debaixo da TV de tela plana, estava o gigante da terra em pessoa: Thrym, filho de Thrym, neto de Thrym.

— Finalmente! — gritou ele com sua voz de morsa.

O rei se levantou cambaleando. Tinha uma semelhança tão grande com o Norm do programa de TV que eu me perguntei se ele recebia algum cachê. O corpo era perfeitamente redondo, enfiado em uma calça preta de poliéster e em uma camiseta vermelha com gravata preta larga. Cabelo fino e encaracolado envolvia o rosto de lua cheia. Ele era o primeiro gigante que eu via sem barba, e desejei que deixasse crescer algum pelo na cara. Sua boca era úmida e rosada. O queixo praticamente não existia. Os olhos vorazes se grudaram em Alex, como se ela fosse um prato apetitoso de cheesebúrgueres.

— Minha rainha chegou! — Thrym bateu na barriga ampla. — Podemos começar as festividades!

— Irmão, você nem trocou de roupa ainda! — gritou Thrynga. — E por que este lugar está tão imundo? Mandei você limpar enquanto eu estivesse fora!

Thrym franziu a testa.

— O que você quer dizer? Nós *limpamos*. E colocamos gravatas!

— Gravatas! — gritou a multidão de gigantes.

— Seus patifes inúteis! — Thrynga pegou o banco mais próximo e quebrou na cabeça de um gigante qualquer, que desabou no chão. — Desliguem a televisão. Limpem a bancada! Varram o chão! Lavem a cara!

Ela se virou para nós.

— Peço desculpas por esses idiotas. Vou prepará-los rapidamente.

— Tá, tudo bem — respondi, fazendo a dancinha de quem precisa fazer xixi. — A propósito… onde fica o banheiro?

— No final daquele corredor ali. — Thrynga apontou. — Deixe a carruagem. Vou cuidar para que ninguém coma seus bodes.

Ajudei Sam e Alex a saírem da carruagem e andamos em meio ao caos, desviando de esfregões, vassouras e gigantes fedidos enquanto Thrynga andava em meio à multidão, gritando para os clientes se aprontarem rápido para a festa ou ela arrancaria a cabeça deles.

Os banheiros ficavam nos fundos, como era em *Cheers*. Felizmente, a área estava vazia, exceto por um gigante que desmaiou e estava roncando em uma cabine de canto, com o rosto apoiado em um prato de nachos.

— Estou confusa — disse Alex. — Por que aqui é igual a *Cheers*?

— Muitos elementos passam de Boston para os outros mundos — explicou Sam.

— Tipo Nídavellir, que parece Southie — falei. — E Álfaheim, que parece Wellesley.

Alex estremeceu.

— Tá, mas eu tenho que me casar em *Cheers*?

— Conversamos depois — falei. — Banheiro agora.

— É — concordaram as garotas ao mesmo tempo.

Por ser homem e não ter dificuldade por causa de um vestido, eu terminei primeiro. Alguns minutos depois, as garotas reapareceram, com um rabo de papel higiênico preso na barra do vestido de Alex. Eu duvidava que algum dos gigantes fosse reparar ou ligar, mas Sam retirou para ela.

— Vocês acham que nossos amigos conseguiram entrar? — perguntei.

— Espero que sim — disse Alex. — Estou tão nervosa que… *URF!*

Essa última sílaba pareceu um urso engasgando com uma bala de caramelo. Olhei para a cabine de canto para ter certeza de que o gigante não tinha ouvido. Ele só murmurou baixinho e virou a cabeça no travesseiro de nachos.

Sam deu um tapinha no ombro de Alex.

— Está tudo bem. — Ela me olhou. — Alex virou um gorila no banheiro. Ela vai ficar bem.

— Ela *o quê*?

— Acontece — disse Sam. — Com metamorfose, se você fica nervoso e perde o foco…

Alex arrotou.

— Estou melhor. Acho que voltei a ser humana agora. Espere… — Ela se balançou dentro do vestido, como se estivesse tentando desalojar uma pedrinha. — É. Tudo bem.

Eu não sabia se ela estava falando sério ou não. Não sabia nem se *queria* saber.

— Alex, se você mudar de forma sem querer enquanto estiver no meio dos gigantes…

— Não vai acontecer — prometeu ela.

— Só fique quieta — disse Sam. — Você tem que ser a noiva tímida e envergonhada. Deixa que eu falo por você. Siga minhas dicas. Vamos enrolar o máximo possível, com sorte dando tempo suficiente para Th… *nossos amigos* chegarem.

— Mas onde está Loki? — perguntei. — E meu tio?

Sam ficou em silêncio.

— Não sei. Mas temos que ficar atentos. Quando virmos o mar…

— Aí estão vocês! — Thrynga surgiu no corredor. — Estamos prontos agora.

— Claro! — disse Sam. — Nós só estávamos, hã, falando quanto amamos marisco. Esperamos que tenha mariscos no banquete!

Eu pisquei para ela, como quem diz: *Que discreto. Discreto no nível Otis.*

Thrynga nos levou de volta ao bar. A julgar pelo cheiro, alguém tinha borrifado uma quantidade absurda de desinfetante de limão. A maior parte do vidro quebrado e dos restos de comida caídos no chão tinha sido varrida. A TV estava desligada, e todos os gigantes estavam de pé perto da parede, em fila, com o cabelo penteado, as gravatas arrumadas e as camisas para dentro das calças.

Em uníssono, eles cantarolaram:

— Boa tarde, srta. Samirah.

Alex fez uma reverência.

A verdadeira Samirah disse:

— Boa tarde, hã, turma. Minha senhora, Samirah, está emocionada demais para falar, mas está muito feliz por estar aqui.

Alex zurrou feito um burro. Os gigantes olharam hesitantes para Thrynga, em busca de uma dica de etiqueta.

O rei Thrym franziu a testa. Ele tinha colocado um paletó preto de smoking com um cravo rosa preso na lapela, que o fez parecer mais elegantemente feio.

— Por que minha noiva zurra como um burro?

— Ela está chorando de alegria — disse Sam rapidamente — porque finalmente viu seu lindo marido!

— Hum. — Thrym passou o dedo pela papada. — Faz sentido. Venha, doce Samirah! Sente-se ao meu lado e vamos começar o banquete!

Alex se sentou na cadeira ao lado do trono de Thrym. Thrynga ficou ao lado do irmão como uma guarda-costas, então Sam e eu ficamos do outro lado de Alex e tentamos parecer solenes. Nosso trabalho parecia consistir basicamente de não comer, desviar a ocasional caneca de hidromel que voava na direção de Alex e ouvir nossos estômagos roncarem.

O primeiro prato foi de nachos. Qual era a coisa dos gigantes com nachos?

Thrynga ficava sorrindo para mim e olhando para a espada Skofnung, ainda presa às minhas costas. Estava claro que ela desejava a arma. Eu me perguntei se alguém tinha dito para a giganta que a espada não podia ser desembainhada na presença de mulheres. Suponho que gigantas contem como mulheres. Eu não sabia o que aconteceria se alguém tentasse desembainhar Skofnung apesar das restrições, mas duvidava que fosse algo bom.

Tente, zumbiu a voz de Jacques na minha mente, como se ele estivesse tendo um sonho agradável. *Ah, cara, ela é tão linda.*

Volte a dormir, Jacques, disse para ele.

Os gigantes riram e comeram nachos, mas mantiveram um olho em Thrynga, como se para ter certeza de que ela não ia bater neles com um banco de bar por mau comportamento. Otis e Marvin estavam presos nos arreios, como os deixamos. De vez em quando, um nacho perdido voava na direção deles, e um dos bodes o pegava no ar.

Thrym fez o melhor que pôde para seduzir Alex. Ela se encolheu para longe e não disse nada. Só para ser educada, de vez em quando levava um nacho para debaixo do véu.

— Ela come tão pouco! — disse Thrym com preocupação. — Ela está bem?

— Ah, está — assegurou Sam. — Está empolgada demais para ter apetite, Vossa Majestade.

— Hum. — Thrym deu de ombros. — Bem, pelo menos eu sei que ela não é Thor!

— Claro que não! — A voz de Sam subiu uma oitava. — Por que você pensaria isso?

— Séculos atrás, quando Mjölnir foi roubado pela primeira vez pelo meu avô…

— *Nosso* avô — corrigiu Thrynga, examinando os sulcos na castanha da sorte.

— …Thor veio disfarçado de noiva para recuperar o martelo. — Os lábios úmidos de Thrym se curvaram como se ele estivesse tentando localizar seus dentes de trás. — Eu me lembro daquele dia, apesar de ser apenas uma criança. A noiva falsa comeu um touro inteiro e bebeu dois barris de hidromel!

— *Três* barris — disse Thrynga.

— Thor conseguiu se enfiar em um vestido de noiva — disse Thrym —, mas não conseguiu disfarçar o apetite. — O gigante sorriu para Alex. — Mas não se preocupe, Samirah, meu amor! Eu sei que você não é um deus. Sou mais inteligente do que meu avô!

Thrynga revirou os olhos enormes.

— É a *minha* segurança que impede a entrada dos aesires, irmão. Nenhum deus poderia passar pelas nossas portas sem disparar os alarmes!

— Sim, sim — disse Thrym. — De qualquer modo, Samirah, vocês foram todos examinados magicamente assim que entraram. Você é, como deveria ser, filha de Loki. — Ele franziu a testa. — Se bem que sua madrinha também.

— Nós somos parentes! — disse a verdadeira Sam. — Normal, não é? Uma parente próxima costuma ser madrinha de casamento.

Thrym assentiu.

— É verdade. De qualquer modo, quando o casamento for encerrado, a Casa de Thrym vai recuperar seu antigo status! O fracasso do meu avô vai ficar para trás. Vamos ter uma aliança de casamento com a Casa de Loki! — Ele bateu no peito, fazendo a pança tremer e sem dúvida afogando nações inteiras de bactérias nas entranhas. — Finalmente vou ter minha vingança!

Thrynga virou a cabeça e resmungou:

— *Eu* vou ter minha vingança.

— O que foi, irmã? — perguntou Thrym.

— Nada. — Ela mostrou os dentes pretos. — Vamos pedir o segundo prato?

O segundo prato era hambúrguer. *Muito* injusto. O cheiro estava tão bom que meu estômago rolou de um lado para outro, dando ataque de birra.

Tentei me distrair pensando na briga que estava prestes a acontecer. Thrym parecia bem burro. Talvez conseguíssemos mesmo enganá-lo. Infelizmente, ele tinha o apoio de várias dezenas de gigantes da terra, e a irmã dele me preocupava. Dava para perceber que Thrynga tinha um objetivo próprio. Apesar de tentar esconder, de tempos em tempos ela olhava para Alex com ódio assassino. Eu me lembrei de uma coisa que

Heimdall a ouvira dizer… que eles deviam matar a noiva assim que ela chegasse. Perguntei-me quanto tempo os aesires levariam para chegar aqui quando o martelo fosse revelado, e se eu conseguiria manter Alex viva por todo esse tempo. Pensei em onde Loki e o tio Randolph estariam…

Por fim, os gigantes terminaram de comer. Thrym arrotou alto e se virou para a futura esposa.

— Finalmente, está na hora da cerimônia! Vamos embora?

Minhas entranhas se encolheram.

— Embora? O que você quer dizer?

Thrym riu.

— Ah, não vamos fazer a cerimônia aqui. Seria grosseria! Os convidados do casamento não estão presentes!

O rei se levantou e se virou para a parede em frente ao bar. Gigantes saíram do caminho e afastaram as mesas e as cadeiras.

Thrym esticou a mão. A parede se abriu, e um novo túnel surgiu pela terra. O ar azedo e úmido lá dentro me lembrou uma coisa que eu não consegui identificar… algo ruim.

— Não. — Sam falou como se a garganta estivesse se fechando. — Não, nós não *podemos* ir até lá.

— Mas não podemos fazer um casamento sem o pai da noiva! — anunciou Thrym com alegria. — Venham, meus amigos! Minha futura esposa e eu vamos fazer nossos votos na caverna de Loki!

Cinquenta

Um pouco de veneno refrescante no rosto, senhor?

EU ODEIO QUEBRA-CABEÇAS. Já mencionei isso?

Odeio principalmente quando olho para a peça durante horas, me perguntando onde se encaixa, aí outra pessoa aparece, coloca no lugar e diz: *Ali, seu burro!*

Foi assim que me senti quando finalmente entendi o plano de Loki.

Eu me lembrei dos mapas espalhados na escrivaninha do tio Randolph quando fui com Alex na casa dele. Talvez, no fundo da minha mente, eu tivesse estranhado aquilo. A busca de Randolph pela Espada do Verão tinha acabado. Por que ele ainda estaria olhando mapas? Mas não questionei Alex e nem a mim mesmo. Estava distraído demais.

Agora, eu podia apostar que Randolph estava estudando mapas topográficos da Nova Inglaterra, comparando com mapas e lendas nórdicos antigos. Ele recebeu a ordem de fazer uma busca diferente: encontrar as coordenadas da caverna de Loki em relação à fortaleza de Thrym. Se alguém era capaz disso, esse alguém era o meu tio. Foi por isso que Loki o manteve vivo.

Não era surpresa que Loki e Randolph não tivessem aparecido no bar. Eles estavam nos esperando do outro lado do túnel.

— Precisamos dos bodes! — gritei.

Fui andando pela multidão até chegar à carruagem. Segurei a cara de Otis e apertei minha testa contra a dele.

— Testando — sussurrei. — Este bode está ligado? Thor, está me ouvindo?

— Você tem olhos lindos — disse Otis.

— Thor, alerta vermelho! Estamos nos deslocando. Vão nos levar para a caverna de Loki. Eu… eu não sei onde ela fica. O túnel está na parede da direita, descendo. Só… *encontre a gente*! Otis, ele recebeu o recado?

— Que recado? — perguntou o bode com voz sonhadora.

— Magnus Chase! — gritou o rei gigante. — Está pronto?

— Hã, claro! — respondi. — Só temos que ir de carruagem porque… bem, por motivos tradicionais de casamento.

Os outros gigantes deram de ombros e assentiram, como se aquilo fizesse sentido para eles. Apenas Thrynga pareceu desconfiada. Fiquei com medo de ela estar começando a duvidar que a carruagem fosse alugada.

De repente, o bar ficou pequeno demais, com todos os gigantes vestindo paletós, ajeitando gravatas, bebendo os restos de hidromel e tentando descobrir seu lugar na procissão de casamento.

Samirah e Alex se aproximaram da carruagem.

— O que a gente faz? — sibilou Alex.

— Não sei! — disse Sam. — Onde está nossa ajuda?

— Vamos estar no lugar errado — falei. — Como eles vão nos encontrar?

Isso foi tudo o que tivemos tempo de conversar antes de Thrym se aproximar e pegar as rédeas dos nossos bodes. Ele puxou a carruagem para o túnel, com a irmã ao lado e o resto dos gigantes atrás de nós, seguindo em pares.

Assim que o último gigante entrou no túnel, a entrada se fechou.

— Ei, Thrym? — Minha voz tinha uma semelhança infeliz com a do Mickey Mouse, me fazendo pensar em que tipo de gases estranhos devia haver naquele túnel. — Tem certeza de que é uma boa ideia confiar em Loki? Quer dizer… não foi ideia *dele* levar Thor escondido para o casamento do seu avô? Ele não ajudou Thor a matar sua família?

O rei gigante parou tão abruptamente que Marvin se chocou contra ele. Eu sabia que estava fazendo uma pergunta indelicada, principalmente no dia do casamento do sujeito, mas queria me agarrar a qualquer coisa que pudesse diminuir o ritmo do cortejo.

Thrym se virou, os olhos feito diamantes rosados e úmidos na escuridão.

— Você acha que não sei disso, humano? Loki é traiçoeiro. É da natureza dele. Mas foi *Thor* quem matou meu avô, meu pai, minha mãe, minha família inteira!

— Menos eu — murmurou Thrynga.

Na escuridão, ela brilhava de leve, uma aparição de feiura com dois metros de altura. Eu não tinha reparado nisso antes. Talvez fosse uma habilidade que os gigantes da terra podiam ligar e desligar.

Thrym a ignorou.

— Essa aliança foi o jeito que Loki encontrou para pedir *desculpas*; você não vê? Ele percebeu que os deuses sempre foram seus inimigos. Então, se arrependeu de ter traído meu avô. Nós vamos unir nossas forças, dominar Midgard e invadir Asgard!

Atrás da carruagem, os gigantes soltaram um grito ensurdecedor.

— Matem todos os humanos!

— Calados! — gritou Thrynga. — Temos humanos aqui conosco!

Os gigantes resmungaram. Alguém no fundo emendou:

— Todos, menos os presentes.

— Mas, grande rei Thrym — disse Sam —, você realmente confia em Loki?

Thrym riu. Para um cara tão grande, ele tinha dentes muito pequenos.

— Loki é prisioneiro em sua própria caverna. Está vulnerável! Ele me convidou para ir até lá. Me *indicou* a localização. Por que faria um gesto tão grandioso de confiança?

A irmã giganta riu com deboche.

— Ih, não sei, irmão. Talvez porque Loki precise de um gigante da terra para abrir um túnel até o local onde ele está preso? Ou talvez porque ele quer se libertar?

Eu desejava que Thrynga estivesse do nosso lado, a não ser pelo fato de que ela era uma giganta faminta por poder, decidida a se vingar e assassinar todos os humanos.

— *Nós* tomamos as decisões — insistiu Thrym. — Loki não *ousaria* nos trair. Além do mais, sou *eu* que vou abrir a caverna dele! Loki vai ficar agradecido! Se ele honrar sua parte do acordo, será um prazer libertá-lo. E a bela Samirah… — Thrym olhou para Alex com malícia. — Ela vale o risco.

Por baixo do véu, Alex piou feito um papagaio. O barulho foi tão alto que Thrynga quase bateu no teto.

— O que foi *isso*? — perguntou a giganta. — A noiva está engasgada?

— Não, não! — Sam deu um tapinha nas costas de Alex. — A pobrezinha só está nervosa. Samirah fica pouco à vontade quando é elogiada.

Thrym riu.

— Então ela vai ficar bem pouco à vontade quando for minha esposa.

— Ah, Vossa Majestade! — disse Sam. — Palavras mais verdadeiras nunca foram ditas!

— Em frente!

Thrym prosseguiu pelo caminho gelado.

Eu me perguntei se esse atraso teria ganhado algum tempo para nossas tropas de apoio. Supondo que tivéssemos uma. Thor conseguiria seguir nosso progresso pelos olhos e ouvidos dos bodes? Será que havia algum modo de passar uma mensagem para Blitz e Hearth e para os meus colegas einherjar do andar dezenove?

O túnel se fechou atrás de nós conforme descemos. Tive uma visão horrível de Thor no banheiro dos gigantes, tentando quebrar a parede com

um saca-rolhas e uma furadeira elétrica.

Depois de mais alguns minutos, o túnel começou a estreitar. O progresso de Thrym ficou mais lento. Tive a sensação de que a própria terra estava lutando contra ele agora, tentando empurrá-lo para trás. Talvez os aesires tivessem colocado uma barreira mágica em torno da prisão de Loki.

Se era esse o caso, não foi o bastante. Seguimos em frente e cada vez mais fundo, com a carruagem agora raspando nas paredes. Atrás de nós, os gigantes agora andavam em fila indiana. Ao meu lado, Sam murmurava baixinho um cântico em árabe que eu me lembrava de ter ouvido durante as orações dela.

Um cheiro ruim veio das profundezas — leite azedo, ovos podres e carne queimada. Infelizmente, eu achava que não era Thor.

— Consigo senti-lo — sussurrou Alex, a primeira coisa que disse em quase uma hora. — Ah, não, não, não…

O túnel se alargou de uma hora para outra, como se Thrym tivesse finalmente rompido as defesas da terra. Nosso cortejo entrou na câmara de Loki.

* * *

Eu já tinha visto o lugar em um sonho, mas isso não me preparou para a realidade. A caverna era do tamanho de uma quadra de tênis, com um teto alto e abobadado de pedra rachada e estalactites quebradas, cujos pedaços cobriam o chão. Não havia outras saídas que eu pudesse ver. O ar estava rançoso e desagradavelmente doce com o fedor de podridão e carne queimada. Por toda a câmara, estalagmites enormes se projetavam do chão. Em outros lugares, crateras de líquido viscoso borbulhavam e fumegavam, enchendo a caverna com gás tóxico. A temperatura devia

estar por volta de quarenta graus, e todos aqueles gigantes da terra entrando lá não ajudou com o calor nem com o cheiro.

No centro da caverna, como eu tinha visto no sonho, Loki estava deitado no chão, os tornozelos unidos e amarrados a uma estalagmite, os braços esticados e acorrentados a duas outras rochas.

Diferentemente das manifestações dele que eu tinha visto, o verdadeiro Loki não era bonito nem atraente. Não estava usando nada além de uma tanga em farrapos. O corpo era esquelético, imundo e coberto de cicatrizes. O cabelo comprido e fino podia ter sido castanho-avermelhado, mas agora estava queimado e desbotado pelos séculos naquela caverna tóxica. E o rosto — ou o que tinha sobrado dele — era uma máscara meio derretida de cicatrizes.

Enrolada na estalactite acima da cabeça de Loki, uma serpente enorme olhava para o prisioneiro, as presas pingando veneno amarelo.

Ao lado de Loki havia uma mulher ajoelhada usando vestes brancas e capuz. Ela segurava uma tigela de metal acima do rosto do deus para recolher o veneno da serpente. Mas a cobra era uma produtora e tanto. O veneno pingava das presas como uma torneira quebrada, e a tigela da mulher era pequena demais.

Enquanto olhávamos, o veneno encheu a tigela até as bordas e a mulher se virou para esvaziá-la, derramando o conteúdo em uma das poças fumegantes atrás de si. Apesar de a mulher ter sido rápida, algumas gotas do veneno da serpente pingaram direto no rosto de Loki. Ele se contorceu e gritou. A caverna tremeu. Achei que o teto ia desabar em cima de nós, mas de algum modo aguentou. Talvez os deuses tivessem criado aquela câmara para aguentar o tremor, assim como tinham criado as amarras de Loki para nunca se partirem, a cobra para nunca secar e a tigela da mulher para nunca ser grande o suficiente.

Eu não era religioso, mas aquela cena toda me lembrou o crucifixo da igreja católica: um homem em dor excruciante, os braços esticados. Claro

que Loki não era a ideia que ninguém fazia de um salvador. Ele não era bom. Não estava se sacrificando por uma causa nobre. Era um imortal mau pagando por seus crimes. Mesmo assim, ao vê-lo ali, em pessoa, destruído, imundo, sofrendo, não consegui não sentir pena. Ninguém merecia aquele tipo de punição, nem mesmo um assassino mentiroso.

A mulher de branco levantou a tigela de novo para proteger o rosto dele. Loki balançou a cabeça para tirar o veneno dos olhos. Respirou com dificuldade e olhou em nossa direção.

— Bem-vindo, Magnus Chase! — Ele me deu um sorriso horrendo. — Espero que me perdoe por não ir até aí recebê-lo.

— Pelos deuses — murmurei.

— Ah, não; não tem deuses aqui! — disse Loki. — Eles nunca vêm visitar. Eles nos trancaram e nos largaram aqui. Somos só eu e minha adorável esposa, Sigyn. Diga oi, Sigyn.

A mulher de branco levantou a cabeça. Por baixo do capuz, o rosto estava tão cadavérico que ela podia ser um *draugr*. Os olhos eram vermelhos e vazios. Lágrimas vermelhas escorriam pelo rosto de pele grossa.

— Ah, é verdade. — A voz de Loki soou ainda mais ácida do que o ar. — Sigyn não fala há mil anos, desde que os aesires, em sua sabedoria infinita, mataram nossos filhos e nos abandonaram aqui para sofrermos por toda a eternidade. Mas onde estão meus modos? É uma ocasião feliz! Como você está, Thrym, filho de Thrym, neto de Thrym, bisneto de Thrym?

O rei não parecia muito bem. Ele ficava engolindo em seco, como se os nachos não quisessem ficar na barriga.

— O-oi, Loki. N-na verdade, são só *três* Thryms. E estou pronto para selar nossa aliança com um casamento.

— Sim, claro! Magnus, você trouxe a espada Skofnung.

Era uma afirmação, não uma pergunta. Ele falou com tanta autoridade que precisei resistir à vontade de soltar a espada das costas e mostrar para ele.

— Nós trouxemos — falei. — Mas uma coisa de cada vez. Queremos ver o martelo.

Loki riu, um som molhado e gorgolejante.

— Primeiro, vamos confirmar que a noiva é realmente a noiva. Venha aqui, Samirah. Deixe-me ver seu rosto.

As duas garotas se aproximaram dele como se estivessem sendo puxadas.

Minha pulsação latejou na gola do smoking. Eu devia ter imaginado que Loki ia querer verificar por baixo dos véus das meninas. Afinal, ele era o deus da trapaça. Apesar das garantias de Alex de que podia resistir às ordens de Loki, ela cambaleou para a frente do mesmo jeito que Samirah.

Eu me perguntei com que velocidade seria capaz de pegar minha espada e quantos gigantes conseguiria matar. Pensei se Otis e Marvin ajudariam em uma briga. Devia ser demais esperar que eles fossem treinados em bode-fu.

— Prontinho — disse Loki. — Agora, que tal a noiva mostrar o rosto, hein? Só para ter certeza de que todo mundo está jogando limpo.

As mãos de Alex se levantaram como se estivessem presas por fios de marionete. Ela começou a levantar o véu. A caverna estava em silêncio, exceto pelo borbulhar das fontes ferventes e pelo gotejar constante de veneno na tigela de Sigyn.

Alex levantou o véu por cima da cabeça e mostrou… o rosto de Samirah.

Por um segundo, entrei em pânico. As garotas tinham trocado de lugar? E então percebi, não sei como, talvez por algum brilho nos olhos, que Alex ainda era Alex. Ela tinha se metamorfoseado para parecer Sam, mas se isso enganaria Loki ou não…

Passei os dedos pelo pingente. O silêncio durou tempo o bastante para eu começar a compor meu testamento mentalmente.

— Bem… — disse Loki, por fim. — Tenho que admitir que estou surpreso. Você realmente seguiu as ordens. Boa menina! Acho que isso quer dizer que sua madrinha é…

A tigela de Sigyn escorregou e virou veneno no rosto de Loki. O deus gritou e se contorceu nas amarras. As garotas recuaram rapidamente.

Sigyn endireitou a tigela. Tentou limpar o veneno dos olhos de Loki com a manga, mas isso só o fez gritar mais. A bainha soltou fumaça e ficou cheia de buracos.

— Mulher burra! — gritou Loki.

Por um momento, o olhar de Sigyn encontrou o meu, embora fosse difícil ter certeza, com aqueles olhos vermelhos. A expressão dela não mudou. As lágrimas continuaram escorrendo. Mas me perguntei se ela havia derramado o veneno de propósito. Até onde eu sabia, Sigyn estava fielmente ajoelhada ao lado do marido havia séculos. Mesmo assim… me pareceu um descuido em um momento oportuno.

Thrynga limpou a garganta — um belo som, feito uma serra elétrica cortando lama.

— Você perguntou sobre a madrinha, lorde Loki. Ela disse que seu nome é Prudence.

Loki riu, ainda tentando piscar para tirar o veneno dos olhos.

— Tenho certeza de que disse. O verdadeiro nome dela é Alex Fierro, e eu avisei a ela para não vir hoje, mas não importa! Vamos em frente. Thrynga, você trouxe o convidado especial que eu pedi?

A giganta curvou os lábios manchados de tinta. Pegou a castanha que estava jogando para o alto mais cedo.

— Seu convidado especial é uma noz? — perguntei.

Loki deu uma gargalhada rouca.

— Podemos dizer que sim. Vá em frente, Thrynga.

A giganta enfiou a unha na casca e abriu a castanha. Jogou-a no chão, e uma coisa pequena e escura rolou para fora; não a polpa da castanha, mas uma pequena forma humana, que cresceu até um homem corpulento aparecer na minha frente, o smoking preto amassado sujo de terra, a bochecha com a marca de uma queimadura em formato de mão.

Qualquer otimismo que eu ainda pudesse ter se desfez com mais rapidez do que o cabelo de ouro de Sif.

— Tio Randolph.

— Oi, Magnus — cumprimentou ele, o rosto contorcido de tristeza. — Por favor, meu rapaz… me dê a espada Skofnung.

Cinquenta e um

Oi, paranoia,
como vai?

É POR ISSO que eu odeio reuniões de família.

A gente sempre tem que falar com aquele tio que não quer ver, o que sai de uma castanha e exige uma espada.

Parte de mim ficou tentada a dar um pescotapa em Randolph com a pedra Skofnung. A outra parte queria enfiá-lo de volta na castanha, guardar no bolso e levá-lo para longe de Loki. Nenhuma das duas ficou tentada a entregar a espada que poderia libertar o deus.

— Não posso fazer isso, Randolph.

Ele fez uma careta. A mão direita ainda estava com um curativo no local onde cortei dois dedos dele. Randolph a encostou no peito e esticou a mão esquerda, os olhos desesperados e pesados. Um gosto de cobre se espalhou na minha língua. Percebi que meu tio rico agora parecia mais um mendigo do que eu durante os dois anos em que morei nas ruas.

— Por favor — implorou ele. — Eu tinha que trazê-la hoje, mas você a pegou. Eu… eu *preciso* dela.

Esse era o trabalho dele, eu percebi. Além de encontrar a localização da caverna, ele foi encarregado de libertar Loki, empunhando a espada Skofnung como só alguém de sangue nobre poderia fazer.

— Loki não vai dar o que você quer. Sua família está morta.

Ele piscou, como se eu tivesse jogado areia em seus olhos.

— Magnus, você não entende…

— Nada de espada — afirmei. — Só quando virmos o martelo de Thor.

— O martelo é o *morgen-gifu*, humano idiota! — disse o rei gigante, rindo. — Só vai ser entregue depois da noite de núpcias!

Ao meu lado, Alex estremeceu. Os arcos dourados de seu colar me lembraram a ponte arco-íris, o jeito como ela se deitou de maneira tão casual e relaxada em Bifrost, fazendo um anjinho na luz. Eu não podia permitir que ela fosse obrigada a se casar com um gigante. Só queria saber como impedir.

— Nós precisamos do martelo para abençoar o casamento — falei. — É direito da noiva. Queremos vê-lo e usá-lo na cerimônia. Depois, você pode levar de volta até… até amanhã.

Loki riu.

— Não mesmo, Magnus Chase. Mas foi uma boa tentativa. Agora, Skofnung…

— Espere. — Thrynga dirigiu a Loki seu olhar de *Vou bater em você com um banco de bar*. — A garota tem direito. Se deseja a bênção do martelo, assim deve ser. Ou meu irmão quer romper com nossa tradição sagrada?

Thrym se encolheu. Seu olhar passou da irmã a seus súditos, depois a Loki.

— Eu… hã… não. Quer dizer, sim. Minha noiva, Samirah, pode receber a bênção. Na hora da cerimônia, vou trazer Mjölnir. Vamos começar?

Os olhos de Thrynga brilharam com malícia. Eu não sabia o que ela pretendia, nem por que queria trazer o martelo logo, mas não ia discutir.

Thrym bateu palmas. Eu não tinha reparado, mas alguns gigantes no final do cortejo haviam trazido alguns móveis do bar. À esquerda do local onde Loki estava preso, colocaram um banco de madeira e cobriram o assento com peles. Dos dois lados do banco, fincaram postes como totens, cada um entalhado com caras de animais ferozes e inscrições rúnicas.

Thrym se sentou. O banco gemeu sob o peso dele. Um dos gigantes colocou uma coroa de pedra em sua cabeça, um aro entalhado de uma

única peça de granito.

— Garota, você fica aí — disse a giganta para Alex —, entre seu pai e seu futuro marido.

Alex hesitou.

Loki estalou a língua.

— Venha, filha. Não seja tímida. Fique ao meu lado.

Alex fez o que ele mandou. Eu quis acreditar que foi por ela estar dando corda para a situação e não por estar sendo forçada, mas me lembrei da maneira como ela fora arrastada ao comando de Loki.

Sam estava de pé ao meu lado, retorcendo as mãos com ansiedade. Randolph se moveu para esperar aos pés de Loki. Ele ficou encolhido ali como um cão culpado que voltou da caça sem nenhum animal morto para o mestre.

— O cálice! — ordenou Thrym.

Um dos homens colocou um cálice cravejado de pedras na mão dele. Um líquido vermelho escorreu pela beirada.

Thrym tomou um gole e ofereceu o cálice para Alex.

— Samirah al-Abbas, filha de Loki, dou a você bebida, e com ela a promessa do meu amor. Com minha promessa, você será minha esposa.

Alex pegou o cálice com os dedos cobertos de renda. Olhou ao redor, como se procurasse orientação. Passou pela minha cabeça que ela talvez não conseguisse imitar a voz de Sam do mesmo modo como havia imitado o rosto.

— Não precisa falar, garota! — disse Thrynga. — Só beba!

Eu teria ficado preocupado com a ressaca, mas Alex levantou parte do véu e tomou um gole.

— Excelente. — Thrynga se virou para mim, o rosto tremendo de impaciência. — Agora, finalmente, o *mundr*. Entregue a espada, garoto.

— Irmã, não — rosnou Thrym. — Não é para você.

Thrynga se virou para o irmão.

— *O quê?* Eu sou sua única parente! O dote precisa passar pelas minhas mãos!

— Tenho um acordo com Loki. — Thrym parecia mais confiante agora, quase arrogante, com Alex tão perto. Tive uma sensação horrível de que ele estava ansioso pelo final da cerimônia e pela chance de beijar a noiva. — Garoto, dê a espada para o seu tio. Ele vai segurar.

Thrynga me olhou com raiva. Ao encará-la, percebi o que ela queria. Ela pretendia tomar Skofnung para si, e provavelmente Mjölnir também. Não tinha interesse em uma aliança de casamento com Loki. Thrynga via aquele casamento como a oportunidade de tomar o trono do irmão. Mataria qualquer um que ficasse em seu caminho. Talvez ela não soubesse que a espada Skofnung não podia ser desembainhada na presença de mulheres. Talvez achasse que podia usá-la mesmo assim. Ou talvez ficasse feliz em usar o poder de um banco de bar, desde que as duas outras armas estivessem guardadas em segurança com ela.

Em circunstâncias diferentes, eu poderia desejar sorte na tentativa de assassinar o irmão. Caramba, eu até daria um troféu com descontos de cinquenta por cento nos restaurantes de Asgard. Infelizmente, tive a sensação de que o plano de Thrynga também incluía matar a mim, Sam, Alex e, provavelmente, o tio Randolph.

Dei um passo para trás.

— Já falei, Thrym. Sem martelo não tem espada.

Randolph andou na minha direção, a mão com curativo encostada na faixa do smoking.

— Magnus, você tem que entregar — disse ele. — É a ordem da cerimônia. O *mundr* tem que ser dado primeiro, e cada casamento *exige* uma espada ancestral para as alianças. A bênção do martelo vem depois.

O pingente de Jacques vibrou no meu pescoço. Talvez ele estivesse tentando me avisar. Ou talvez só quisesse dar outra olhada em Skofnung, a

maior gata entre as espadas. Ou talvez estivesse com ciúmes porque *ele* queria ser a espada cerimonial.

— O que foi, garoto? — resmungou Thrym. — Eu já prometi que os direitos tradicionais serão garantidos. Você não confia em nós?

Quase dei uma gargalhada.

Olhei para Sam. O mais discretamente que conseguiu, ela sinalizou: *Não há escolha. Mas fique de olho nele.*

De repente, me senti um idiota. Esse tempo todo poderíamos estar usando a linguagem de sinais para trocar mensagens secretas.

Por outro lado, Loki podia estar controlando Sam, obrigando-a a dizer isso. Será que ele conseguia entrar na mente dela sorrateiramente, sem nem precisar estalar os dedos? Eu me lembrei do que Sam me pediu no átrio de Sif: *Você* tem *que impedi-lo. Se formos incapacitadas, talvez você seja o único que consiga*. Pelo que me constava, eu era o único no local que *não* estava sob o controle de Loki.

Uau. Oi, paranoia.

Mais de duas dezenas de gigantes estavam me encarando. Meu tio esticou a mão boa.

Por acaso, olhei nos olhos vermelhos e vazios de Sigyn. A deusa inclinou a cabeça de leve. Não sei por que isso me convenceu, mas soltei a espada e coloquei Skofnung na mão de Randolph, a pedra pesando no punho.

— Você ainda é um Chase — disse, baixinho. — Ainda tem família *viva*.

O olho de Randolph tremeu. Ele pegou a espada em silêncio.

Randolph se ajoelhou na frente do banco do rei. Com dificuldade por causa da mão machucada, ele segurou a bainha na horizontal, como uma bandeja. Thrym colocou duas alianças de ouro no centro e sustentou a mão acima delas, como uma bênção.

— Ymir, ancestral dos deuses e dos gigantes, ouça minhas palavras — disse ele. — Essas alianças selam nosso casamento.

Ele colocou uma aliança no próprio dedo e outra no dedo de Alex. Em seguida, fez sinal para o tio Randolph se afastar. Meu tio deu alguns passos com a espada, mas Sam e eu nos movemos para interceptá-lo, bloqueando o caminho para impedi-lo de se aproximar de Loki.

Eu estava prestes a insistir pelo martelo, mas Thrynga foi mais rápida.

— Irmão, honre sua promessa.

— Sim, sim — concordou Thrym. — Samirah, minha querida, pode se sentar.

Alex se moveu como se estivesse em transe e se sentou ao lado do gigante. Era difícil saber por debaixo do véu, mas ela parecia estar olhando para a aliança em seu dedo como se fosse uma aranha venenosa.

— Gigantes, fiquem de prontidão — disse Thrym. — Vocês vão cercar o martelo e trazê-lo aqui. Vão segurá-lo acima da minha noiva, *com muito cuidado*, enquanto eu pronuncio a bênção. Depois, vou mandá-lo imediatamente de volta à terra… — Ele se virou para Alex. — Até amanhã de manhã, meu amor, quando Mjölnir será oficialmente seu *morgen-gifu*. Depois disso, vou mantê-lo em segurança para você.

Ele deu um tapinha no joelho de Alex, o que ela pareceu apreciar quase tanto quanto a aliança venenosa.

Thrym esticou a mão. Parecia fazer força, pois seu rosto ficou da cor de geleia de amora. A caverna rugiu. O chão se abriu a uns seis metros de nós, e cascalho e lama subiram, como se um inseto enorme estivesse cavando um túnel. O martelo de Thor surgiu e pousou sobre uma camada de destroços.

Parecia o que eu tinha visto no meu sonho: uma enorme cabeça trapezoidal de metal com desenhos entrelaçados de runas e um cabo grosso e curto envolto em couro. A presença de Mjölnir encheu a caverna com um cheiro de tempestade. Enquanto os gigantes corriam para cercar o martelo,

eu sinalizei para Sam: *Vigie Randolph*. Em seguida, fui na outra direção, a da carruagem.

Segurei o focinho de Otis e encostei o rosto no dele.

— Está rolando — sussurrei. — O martelo está na caverna. Repito: o martelo está na caverna. Outubro vermelho. A águia pousou. Padrão de Defesa Ômega!

Não sei bem de onde vieram os códigos militares. Mas achei que era o tipo de coisa a que Thor responderia. E, ei, eu estava meio nervoso.

— Você tem olhos lindos — murmurou Otis.

— Tragam o martelo! — Thrym ordenou aos gigantes. — Sejam rápidos!

— Sim — concordou Loki, balançando a cabeça para tirar o cabelo cheio de veneno dos olhos. — E, enquanto vocês estão fazendo isso… Randolph, você pode me soltar.

Foi nessa hora que Alex surtou.

Cinquenta e dois

Meu tio consegue algumas *backing vocals*

ALEX ARRANCOU O véu, tirou o novo garrote de ouro da cintura e o enrolou no pescoço de Thrym. O rei gigante se levantou, gritando de fúria, enquanto Alex subia nas costas dele e começava a estrangulá-lo como fizera com o *lindwyrm* em Valhala.

— Quero o divórcio! — gritou ela.

O rosto de Thrym ficou em um tom ainda mais escuro de roxo. Os olhos saltaram. A garganta devia ter sido cortada de um lado a outro, mas a pele em torno do garrote parecia estar virando uma pedra cinza brilhante; gigantes da terra idiotas e suas magias da terra idiotas.

— Traidores! — Os olhos de Thrynga dançavam de empolgação, como se ela finalmente visse a oportunidade de também trair um pouquinho. — Tragam o martelo! — Ela pulou na direção de Mjölnir, mas o machado de Samirah voou pela caverna e se alojou nas costas de Thrynga. A giganta caiu para a frente como se estivesse pulando para a segunda base em um jogo de beisebol.

Invoquei a presença de Jacques. Tio Randolph estava quase ao lado de Loki. Antes que eu pudesse chegar até ele, fui cercado por gigantes.

Jacques e eu entramos em ação, trabalhando juntos de maneira eficiente pela primeira vez, abrindo caminho por um gigante da terra atrás do outro. Mas estávamos em número bem menor, e os gigantes (ALERTA DE FATO ÓBVIO) eram *muito* grandes. Pelo canto do olho, vi Thrynga se arrastando pelo chão, tentando chegar ao martelo agora desprotegido. Thrym ainda estava cambaleando por ali, batendo com as costas na parede da caverna

na tentativa de desalojar Alex. Mas, cada vez que tentava, Alex virava um gorila, o que só tornava mais fácil o estrangulamento de Thrym. A língua do gigante estava do tamanho e da cor de uma banana-da-terra verde. Ele esticou a mão na direção do martelo de Thor, provavelmente tentando mandá-lo de volta para a terra, mas Alex apertou o garrote e rompeu a concentração do gigante.

Enquanto isso, Sam arrancou o próprio véu. Sua lança de valquíria apareceu na mão, inundando a caverna com um brilho branco. Mais dois gigantes partiram para cima dela, bloqueando meu campo de visão.

Em algum lugar atrás de mim, Loki gritou:

— Agora, seu idiota!

— Eu… não posso! — choramingou Randolph. — Tem mulheres aqui!

O deus rosnou. Acho que ele podia ter forçado Alex e Sam a desmaiar, mas isso não resolveria o problema de Thrynga e Sigyn.

— Faça mesmo assim — ordenou Loki. — Danem-se as consequências!

— Mas…

— AGORA!

Eu estava ocupado demais desviando de clavas e perfurando gigantes para ver o que aconteceu, mas ouvi a espada Skofnung ser desembainhada. Ela soltou um uivo sobrenatural, um coral ultrajado de doze espíritos berserkir libertados contra a vontade e em violação ao antigo tabu.

O som foi tão alto que me fez ficar tonto. Vários gigantes cambalearam. Infelizmente, Jacques também foi afetado. Ele ficou pesado e inanimado nas minhas mãos bem na hora que um gigante me deu um tapa e me jogou do outro lado da caverna.

Bati contra uma estalagmite. Alguma coisa no meu peito fez *crack*. Não devia ser um bom sinal. Eu me esforcei para levantar, tentando ignorar a dor que agora se espalhava pela minha caixa torácica.

Minha visão ficou embaçada. Tio Randolph estava gritando, a voz se misturando ao uivo dos espíritos de Skofnung. Uma névoa o envolvia,

saindo da lâmina, como se ela tivesse virado gelo-seco.

— Rápido, seu idiota! — gritou Loki. — Antes que a espada se dissolva!

Chorando, Randolph acertou as amarras dos pés de Loki. Com um som como o de um fio de aço se rompendo em uma ponte, as amarras se partiram.

— Não! — gritou Sam.

Ela deu um pulo, mas o estrago já estava feito. Loki encolheu as pernas pela primeira vez em mil anos. Sigyn recuou para a parede mais distante da caverna, deixando que o veneno da cobra caísse livremente no rosto do marido. Loki gritou e se debateu.

Sam atacou meu tio com a lança, mas Loki ainda teve presença de espírito suficiente para gritar:

— Samirah, pare!

A valquíria ficou paralisada, os dentes cerrados com o esforço. Seus olhos ardiam de fúria. Ela soltou um grunhido gutural quase pior do que o da espada Skofnung, mas não conseguiu se libertar da ordem de Loki.

Randolph cambaleou, olhando para a espada fumegante. A beirada estava se corroendo, a gosma preta das amarras de Loki destruindo a lâmina mágica.

— A pedra, seu idiota! — Loki chutou inutilmente na direção dele, virando o rosto para longe do gotejar de veneno. — Afie a lâmina e continue cortando! Você só tem alguns minutos!

Mais fumaça envolveu Randolph. A pele dele estava começando a ficar azul. Percebi que não era só a espada que estava se dissolvendo. Os espíritos enfurecidos de Skofnung, ainda uivando, descontavam a raiva no meu tio.

Um gigante me atacou com um totem cerimonial. Consegui rolar e sair do caminho, com minhas costelas quebradas latejando em protesto, e aleijar o gigante com um golpe de espada nos tornozelos.

Alex ainda atacava o rei gigante. Os dois pareciam mal. Thrym cambaleou, as mãos tentando agarrar a esposa. Sangue escorria da orelha de Alex, manchando o vestido branco. Eu esperava que Sif não achasse que íamos devolver tudo lavado.

Três dos gigantes cercaram novamente o martelo de Thor. Dessa vez, conseguiram pegá-lo, cambaleando com o peso de Mjölnir.

— O que a gente faz com isso? — grunhiu um deles. — Coloca de volta na terra?

— Não ouse! — gritou Thrynga. Ela estava de pé agora, com o machado ainda enfiado nas costas. — Esse martelo é meu!

Era verdade que eu não sabia as regras para magia da terra, mas, a julgar pelo esforço de Thrym para recuperar o martelo, eu duvidava que algum dos gigantes fosse capaz de enterrá-lo a treze quilômetros de profundidade tão rápido, não em meio a uma batalha com armas voando e espíritos berserkir uivando. Eu estava mais preocupado com a espada.

Randolph já tinha afiado a lâmina. Meu tio foi na direção da mão direita de Loki enquanto Sam gritava para ele parar.

— Thrynga! — gritei.

A giganta branca olhou para mim, os lábios escuros repuxados em um rosnado.

— Você não quer a espada? — perguntei a ela, apontando para Randolph. — É melhor correr.

Pareceu uma boa ideia virar uma giganta assassina contra Loki.

Infelizmente, Thrynga também *me* odiava.

— Aquela espada já era — disse ela. — Está se dissolvendo. Mas talvez eu pegue a sua!

A giganta me atacou. Tentei levantar Jacques, mas ele ainda era um peso morto em minhas mãos. Thrynga pulou em cima de mim, e nós dois deslizamos pelo chão direto para uma das poças fumegantes.

Novidade: poças de líquido fervente são *quentes*.

Se eu fosse um mortal qualquer, teria morrido em segundos. Por ser um einherji, achei que tinha mais ou menos um minuto até o calor me matar. Uau. Quanta sorte!

Meu mundo foi reduzido a um rugido fervente, a uma névoa amarela sulfurosa e à forma branca da giganta, cujos dedos estavam afundados no meu pescoço.

Eu ainda segurava Jacques, mas meu braço parecia pesado e inútil. Com a mão livre, ataquei Thrynga cegamente, tentando fazê-la soltar minha garganta.

Por sorte, meus dedos encontraram o cabo do machado de Sam, ainda enfiado nas costas dela. Eu o puxei e ataquei a cabeça da giganta.

A pressão no meu pescoço afrouxou de repente. Empurrei Thrynga para o lado e me debati até a superfície. De algum modo, consegui sair, soltando fumaça e tão vermelho quanto uma lagosta, da fonte borbulhante.

Mais sons de batalha: lâminas se chocando contra lâminas. Pedras se quebrando. Gigantes rugindo. Os espíritos da espada Skofnung continuavam a gritaria amarga. Eu tentei me levantar, mas minha pele parecia pele de salsicha cozida. Fiquei com medo de explodir se me movesse rápido demais.

— Jacques, vai — grunhi.

Jacques saiu da minha mão, mas se movia lentamente. Talvez ainda estivesse atordoado pelo uivo dos espíritos. Talvez a minha condição o estivesse enfraquecendo. Ele só conseguiu impedir que os gigantes acabassem comigo.

Minha visão estava branca e enevoada com bolhas amarelas, como se meus olhos tivessem virado ovos cozidos. Vi Thrym cambalear até o banco do casamento, pegá-lo com as duas mãos e, em uma explosão final de força, levantá-lo acima da cabeça na direção de Alex. O banco a acertou na testa, e ela finalmente caiu das costas do gigante.

Ali perto, ouvi outro *SNAP*. A mão direita de Loki estava livre.

— Isso! — gritou o deus. Ele rolou para o lado, para longe do alcance da cobra. — Mais uma, Randolph, e você poderá ver sua família novamente!

Sam ainda estava paralisada. Ela lutava contra a vontade de Loki tão intensamente que um capilar tinha estourado em sua testa, formando uma linha vermelha pontilhada na região. Na luz de sua lança, o rosto de Randolph estava mais azul do que nunca. A pele estava ficando transparente, a estrutura do crânio aparecendo enquanto ele se apressava para afiar a lâmina Skofnung para um último golpe.

Três gigantes ainda andavam com dificuldade de um lado para outro com o martelo de Thor, sem saber o que fazer com ele. O rei gigante se virou para Alex, que agora estava caída no chão, atordoada. Outro gigante se aproximou de Sam com cautela, olhando para a lança luminosa, obviamente pensando se ela estava mesmo tão indefesa quanto parecia.

— Jacques… — murmurei, minha voz arrastada como areia molhada.

Mas eu não sabia o que dizer para ele. Eu mal conseguia me mexer. Uns dez gigantes ainda estavam de pé. Loki estava quase livre. Eu não podia salvar Alex e Sam *e* impedir meu tio, tudo ao mesmo tempo. Era o fim.

Nesse momento, a caverna estremeceu. Uma rachadura se abriu no teto como as garras de uma mão mecânica, cuspindo um anão, um elfo e vários einherjar.

* * *

Blitz atacou primeiro. Quando Thrym olhou, momentaneamente distraído do desejo de matar sua esposa, um anão de cota de malha estampada caiu na cara dele. Blitz não era pesado, mas tinha a gravidade e o elemento surpresa a seu favor. O rei gigante desmoronou como uma pilha de livros.

Hearthstone pousou no chão da caverna com a graça usual de um elfo e logo jogou uma runa em Loki:

I

De repente, o deus do mal estava envolto em gelo, os olhos arregalados em choque, o braço esquerdo ainda preso na última estalagmite, tornando-o o picolé mais feio que eu já tinha visto.

Meus companheiros do andar dezenove partiram exultantes para a batalha.

— Morte e glória! — rugiu Mestiço.

— Matar todos! — disse Mallory.

— Atacar! — gritou T.J.

T.J. enfiou o rifle no gigante mais próximo. As facas de Mallory brilharam quando ela acabou com mais dois deles com golpes bem localizados nas virilhas. (Dica: nunca lutem com Mallory Keen sem armadura de titânio na virilha.) Mestiço Gunderson, nossa versão de gigante, partiu para a batalha… sem camisa, como sempre, com carinhas sorridentes vermelho-sangue pintadas no peito. (Supus que Mallory tivesse ficado entediada na viagem pelo túnel.) Rindo como louco, Mestiço pegou a cabeça do gigante mais próximo e a apresentou ao seu joelho esquerdo. O joelho de Mestiço venceu.

Com Loki congelado, Samirah conseguiu se libertar do controle dele. Logo botou a lança para trabalhar, empalando um gigante que avançava e ameaçando o tio Randolph.

— Se afaste! — rosnou ela.

Por um momento, achei que o jogo tinha virado. Gigantes caíam um atrás do outro. Chamei Jacques para a minha mão, e apesar da minha condição cozida, apesar da exaustão, consegui ficar de pé. A presença dos meus amigos me energizou. Cambaleei até Alex e a ajudei a se levantar.

— Estou bem — murmurou ela, embora parecesse desorientada e estivesse sangrando. Como ela tinha sobrevivido àquele golpe com o

banco, eu não conseguia entender. Acho que ela era *mesmo* cabeça dura.

— Ele… ele não me controlou. Loki não me controlou. Eu… eu estava fingindo.

Ela segurou minha mão, com medo de eu não acreditar nela.

— Eu sei, Alex. — Apertei a mão dela. — Você foi ótima.

Enquanto isso, Blitzen continuava batendo repetidamente na cara de Thrym com a gravata-borboleta de cota de malha. Enquanto fazia isso, olhou para mim e sorriu.

— Thor falou com a gente, garoto. Belo trabalho! Foi mais fácil para *mim* abrir um túnel até aqui quando soube a localização. Os deuses ainda estão abrindo caminho a partir da fortaleza deste idiota. A pedra foi magicamente endurecida por este cara — ele deu um soco na cara de Thrym de novo —, mas eles já estão chegando.

Os corpos dos gigantes caídos estavam espalhados pela caverna. Os últimos três de pé eram os que estavam protegendo o martelo de Thor, mas eles passaram tanto tempo cambaleando de um lado para outro com Mjölnir, indo de Thrym para Thrynga como uma equipe de mudanças com um sofá enorme, que pareciam exaustos. Mestiço Gunderson cuidou deles rapidamente com o machado. Depois se ergueu, triunfante, em cima dos gigantes, esfregando as mãos com ansiedade.

— Eu sempre quis fazer isso!

Ele tentou levantar Mjölnir, mas o martelo ficou teimosamente no lugar.

Mallory riu.

— Como já disse, você *não* é tão forte quanto três gigantes. Agora, me ajude a…

— Cuidado! — gritou Alex.

O esforço de Mestiço com o martelo nos distraiu de tio Randolph e Loki. Eu me virei na hora que o bloco de gelo explodiu, nos borrifando com estilhaços.

Enquanto ficávamos cegos com a explosão, meu tio se adiantou com a Skofnung. Ele acertou a última amarra no punho esquerdo de Loki e a cortou.

A espada se dissipou em uma nuvem de fumaça. O coral de berserkir furiosos ficou em silêncio. Meu tio caiu de joelhos, gritando, o braço começando a se dissolver em vapor azul.

No fundo da caverna, Sigyn se encolheu quando o marido ficou de pé.

— Livre — disse Loki, o corpo magro fumegando, o rosto uma área destruída de cicatrizes. — Agora a diversão vai começar.

Cinquenta e três

Hora do martelo!
(Alguém tinha que dizer isso)

UM RELÓGIO.

Os aesires *realmente* precisavam de um relógio.

Nosso reforço divino ainda não havia chegado. Tínhamos um martelo, mas ninguém para empunhá-lo. E Loki estava liberto na nossa frente, em toda a sua glória mutilada, com gelo grudado no cabelo e veneno ainda pingando do rosto.

— Ah, sim. — Ele sorriu. — Como meu primeiro ato…

Ele avançou com mais velocidade e força do que deveria ser possível para um cara que ficou acorrentado por mil anos, pegou a cobra que ficava pingando veneno no rosto dele, arrancou-a da estalactite e a brandiu como um chicote.

A espinha da cobra se estilhaçou com um som que parecia com plástico bolha estourando. Loki a largou, tão sem vida quanto uma mangueira de jardim, e se virou para nós.

— Eu odiava essa cobra — disse ele. — Quem é o próximo?

Jacques estava pesado na minha mão. Alex mal conseguia ficar de pé. Sam segurava a lança com força, mas parecia relutante em atacar, provavelmente porque não queria ser paralisada pelo pai de novo… ou coisa pior.

Meus outros amigos se aproximaram de mim: três einherjar fortes, Blitzen com a cota de malha elegante, Hearthstone com as runas de sorveira estalando na bolsa enquanto mexia lá dentro.

— A gente consegue encarar esse cara — disse T.J., o rifle úmido de sangue de gigante. — Todos juntos. Prontos?

Loki abriu os braços em um gesto de boas-vindas. Randolph se ajoelhou aos pés do deus, sofrendo em silêncio enquanto vapor azul subia por seu braço, consumindo sua carne. Na parede mais distante, Sigyn estava imóvel, os olhos vermelhos indecifráveis, pressionando a tigela de veneno vazia contra o peito.

— Venham, então, guerreiros de Odin — provocou Loki. — Estou desarmado e fraco. Vocês conseguem!

Foi nessa hora que eu soube que nós não conseguiríamos. Nós atacaríamos e morreríamos. Acabaríamos caídos no chão com as espinhas partidas, como a cobra.

Mas não tínhamos escolha. Precisávamos tentar.

De repente, ouvimos um estalo vindo da parede às nossas costas, seguido de uma voz familiar.

— Chegamos! Sim, Heimdall, tenho certeza desta vez. Eu acho.

A ponta de um cajado de metal surgiu na pedra e girou. A parede começou a desmoronar.

Loki baixou os braços e suspirou. Parecia mais irritado do que apavorado.

— Ah, bem. — Ele piscou para mim, ou talvez fosse apenas um tique causado por séculos de veneno. — Fica pra próxima?

O chão se abriu sob os pés dele. Os fundos da caverna desabaram. Estalagmites e estalactites implodiram. Poças de líquido fervente viraram cachoeiras fumegantes antes de desaparecerem na escuridão. Loki e Sigyn caíram no nada. Meu tio, que estava ajoelhado na beirada do abismo, também caiu.

— Randolph!

Eu me aproximei da fenda.

Cerca de quinze metros abaixo, Randolph estava encolhido em uma protuberância de pedra molhada e fumegante, tentando manter o equilíbrio. O braço direito não existia mais, e o vapor azul agora subia pelo ombro. Ele olhou para mim, o crânio sorrindo no rosto translúcido.

— Randolph, se segure!

— Não, Magnus. — Ele falou em voz baixa, como se não quisesse acordar ninguém. — Minha família…

— Eu *sou* sua família, seu idiota!

Talvez eu devesse ter dito algo mais carinhoso. Talvez eu devesse ter pensado *já vai tarde* e deixado que ele caísse. Mas Annabeth estava certa. Randolph *era* da família. Todo o clã Chase atraía a atenção dos deuses, e Randolph carregava essa maldição com mais peso do que a maioria de nós. Apesar de tudo, eu ainda queria ajudá-lo.

Ele balançou a cabeça, a tristeza e a dor lutando por dominância nos olhos dele.

— Desculpe. Eu quero vê-las.

Randolph tombou na escuridão sem emitir qualquer som.

Não tive tempo de sofrer, nem de processar o que havia acontecido, pois três deuses de armadura de combate entraram na caverna.

Todos estavam de capacete, óculos de visão noturna, botas e armadura completa à prova de balas com as letras MRRD no peito. Eu talvez os confundisse com uma equipe tática da SWAT, não fossem as barbas fartas e as armas nada comuns.

Thor entrou primeiro, segurando o cajado de ferro como um rifle, apontando em todas as direções.

— Chequem os cantos! — gritou ele.

O próximo deus a entrar foi Heimdall, sorrindo como se estivesse se divertindo muito. Também segurava a espada enorme como um rifle, com o Tablet do Juízo Final preso na ponta. Ele apontou para toda a câmara, tirando selfies de vários ângulos.

Não reconheci o terceiro sujeito. Ele entrou na caverna com um *CLANG*, porque usava no pé direito o sapato mais grotesco que eu já tinha visto. Era enorme e feito de pedaços de couro e metal, partes de tênis de cor néon, tiras de velcro e fivelas velhas de metal. Até tinha uns seis saltos agulha projetados na ponta como espinhos de um porco-espinho.

Os três deuses andaram de um lado para outro, procurando ameaças.

Escolhendo o pior momento possível, o rei gigante Thrym começou a recuperar a consciência. O deus com o sapato esquisito correu até lá e levantou o pé direito. A bota cresceu para o tamanho de um carro esportivo; pedaços de sucata misturados a partes de sapatos velhos e restos de metal, tudo compactado em um grande bloco esmagador da morte. Thrym nem teve tempo de gritar antes de o Homem Sapato pisar nele.

PLOFT. Fim das ameaças.

— Boa, Vidar! — exclamou Heimdall. — Pode fazer de novo para eu tirar uma foto?

Vidar franziu a testa e apontou para o que sobrara do gigante. Em linguagem de sinais perfeita, o deus sinalizou: *Ele já está esmagado.*

Do outro lado da câmara, Thor ofegou.

— Meu bebê! — Ele passou correndo pelos bodes e pegou o martelo Mjölnir. — Enfim, juntos! Você está bem, Mimi? Os gigantes malvados reprogramaram seus canais?

Marvin balançou os guizos.

— Sim, nós estamos bem, chefe — murmurou o bode. — Obrigado por perguntar.

Eu olhei para Sam.

— Ele chamou o martelo de Mimi?

Alex grunhiu.

— Ei, aesires idiotas! — Ela apontou para o abismo recém-formado. — Loki foi por ali.

— Loki? — Thor se virou. — Onde?

Um relâmpago brilhou na barba dele, o que deve ter tornado os óculos de visão noturna inúteis.

Escolhendo um momento ainda pior do que o de Thrym, a giganta Thrynga decidiu mostrar que ainda estava viva. Ela surgiu da fossa mais próxima feito uma baleia saltando e caiu aos pés de Heimdall, ofegante e fumegante.

— Matar todos! — grunhiu ela, o que não foi a coisa mais inteligente de se dizer ao encarar três deuses com armaduras de combate.

Thor apontou o martelo para Thrynga com a casualidade de quem está zapeando por canais de TV. Relâmpagos foram disparados das runas gravadas no metal. A giganta explodiu em um milhão de pedacinhos.

— Cara! — reclamou Heimdall. — O que eu falei sobre relâmpagos tão perto do meu tablet? Você quer fritar a placa-mãe?

Thor grunhiu.

— Bem, mortais, que bom que chegamos na hora certa, senão essa giganta poderia ter machucado alguém! Agora, o que vocês estavam dizendo sobre Loki?

* * *

O problema dos deuses é que não dá para simplesmente estapeá-los quando eles agem como idiotas.

Eles só vão revidar com outro tapa e matar você.

Além do mais, eu estava exausto, em choque, fervido e sofrendo demais para reclamar muito, apesar de os aesires terem deixado Loki fugir.

Não, me corrigi. Nós *deixamos Loki fugir.*

Enquanto Thor murmurava coisas fofas para o martelo, Heimdall parou na beira do abismo e espiou na escuridão.

— Segue até Helheim. Não há sinal de Loki.

— E meu tio? — perguntei.

As íris brancas de Heimdall se viraram para mim. Pela primeira vez, ele não estava sorrindo.

— Sabe, Magnus… às vezes é melhor não olhar até onde *conseguimos* olhar, nem ouvir tudo o que conseguimos ouvir.

Ele me deu tapinhas no ombro e se afastou, e eu fiquei me perguntando o que foi que ele quis dizer com aquilo.

Vidar, o deus do sapato, deu uma volta para checar os feridos, mas todo mundo parecia mais ou menos bem; todo mundo fora os gigantes, claro. Todos estavam mortos agora. Mestiço tinha estirado a virilha tentando levantar o martelo de Thor. Mallory ficou com dor de estômago de tanto rir dele, mas os dois problemas eram fáceis de resolver. T.J. saiu sem nenhum arranhão, mas estava preocupado com como tirar o sangue dos gigantes da terra da coronha do rifle.

Hearthstone estava bem, mas ficava sinalizando *othala*, o nome da runa que faltava. Ele sinalizou para Blitz que poderia ter impedido Loki, se tivesse a runa. Eu achava que ele estava se cobrando demais, mas não tinha certeza. Quanto a Blitz, o anão estava encostado na parede da caverna tomando alguma coisa de um cantil, parecendo cansado depois de escavar em pedra até chegar na caverna de Loki.

Assim que os deuses chegaram, Jacques virou pingente de novo, murmurando alguma coisa sobre não querer ver a espada metida a diva de Heimdall. Na verdade, acho que ele se sentia culpado por não ter sido muito útil para nós e que lamentava o fato de Skofnung não ser a lâmina dos seus sonhos. Agora, Jacques estava pendurado no meu pescoço de novo, em um sono agitado. Felizmente, ele não sofreu nenhum dano. E como Jacques ficou atordoado durante grande parte da briga, eu quase não absorvi o cansaço dele. Ele viveria para lutar (e cantar músicas pop de sucesso) em outra ocasião.

Sam, Alex e eu nos sentamos na beirada do abismo, ouvindo os ecos na escuridão. Vidar enfaixou minhas costelas, depois passou um bálsamo nas

queimaduras em meus braços e em meu rosto e me disse em linguagem de sinais que eu não morreria. Ele também fez um curativo na orelha de Alex e sinalizou: *Concussão pequena. Fique acordada.*

Sam não tinha ferimentos físicos, mas eu sentia a dor emocional irradiando dela. Estava sentada com a lança no colo como um remo de caiaque, parecendo pronta para remar direto para Helheim. Acho que Alex e eu soubemos por instinto que não devíamos deixá-la sozinha.

— Fiquei impotente de novo — disse ela, infeliz. — Ele simplesmente… me *controlou*.

Alex deu um tapinha na perna dela.

— Não é totalmente verdade. Você está viva.

Eu olhei de uma para a outra.

— O que você quer dizer?

O olho castanho-escuro de Alex estava mais dilatado do que o cor de mel, provavelmente devido à concussão. O que fez o olhar dela parecer ainda mais vazio e vidrado.

— Quando as coisas ficaram ruins na briga — contou ela —, Loki simplesmente… ordenou que a gente morresse. Ele mandou meu coração parar de bater, meus pulmões pararem de respirar. Acho que fez o mesmo com Sam.

Samirah assentiu, os nós dos dedos ficando brancos no cabo da lança.

— Pelos deuses.

Eu não sabia o que fazer com toda a raiva dentro de mim. Meu peito ferveu na mesma temperatura que as poças fumegantes. Se eu já odiava Loki o bastante antes, agora estava determinado a persegui-lo até o fim dos nove mundos e… e fazer alguma coisa terrível com ele.

Como prendê-lo com as entranhas dos próprios filhos?, perguntou uma vozinha na minha mente. *Colocar uma cobra venenosa acima do rosto dele? Esse tipo de punição deu muito certo para os aesires, não é?*

— Então vocês *resistiram* — falei para as garotas. — Isso é bom.

Alex deu de ombros.

— Eu já disse, Loki não consegue me controlar. Mais cedo, fingi para ele não desconfiar. Mas, Sam, é… foi um bom começo. Você sobreviveu. Não dá para esperar resistência completa na primeira tentativa. Podemos trabalhar nisso juntas…

— Ele está *livre*, Alex! — disse Sam com rispidez. — Nós falhamos. *Eu* falhei. Se tivesse sido mais rápida, se tivesse percebido…

— *Falhou?* — O deus do trovão surgiu à nossa frente. — Besteira, garota! Vocês recuperaram meu martelo! Vocês são heróis e vão todos receber troféus!

Vi Sam segurando sua raiva, cerrando os dentes, tentando não explodir com Thor. Fiquei com medo de ela estourar outro capilar com aquele esforço todo.

— Eu agradeço, lorde Thor — disse Sam. — Mas Loki nunca se importou com o martelo. O roubo era apenas uma distração para ele se libertar.

Thor franziu a testa e ergueu Mjölnir.

— Ah, não se preocupe, garota. Nós vamos prender Loki de novo. E prometo que ele *vai* se importar com o martelo quando eu o enfiar goela abaixo!

Palavras corajosas, mas quando olhei para os meus amigos, percebi que ninguém estava muito confiante.

Encarei as letras no colete à prova de balas de Thor.

— O que é M-R-R-D, afinal?

— Se pronuncia *mrrd* — disse Thor. — É sigla de *Mobilização de Resposta Rápida dos Deuses*.

— Rápida? — rosnou Alex. — Tá de *brincadeira*? Vocês levaram uma eternidade para chegar aqui!

— Calma, calma. — Heimdall se aproximou. — Vocês eram um alvo móvel, não eram? Nós entramos no túnel em Bridal Veil Falls direitinho!

Mas aí teve toda aquela coisa de ir para a caverna de Loki, e isso nos pegou desprevenidos. Ficamos cercados de pedra endurecida por gigantes da terra. Cavando atrás de vocês… bem, mesmo com três deuses, foi difícil.

Principalmente quando um fica tirando fotos e não ajuda, sinalizou Vidar.

Os outros dois deuses o ignoraram, mas Hearthstone sinalizou: *Eles nunca ouvem, não é?*

Pois é, sinalizou o deus. *Pessoas que escutam. Idiotas.*

Decidi que gostava de Vidar.

— Com licença — falei para ele, sinalizando enquanto falava. — Você é o deus dos sapatos? Da cura? Ou…?

Vidar deu um sorrisinho. Dobrou os dois indicadores. Colocou um debaixo do olho e bateu nesse dedo com o outro. Eu nunca tinha visto esse sinal, mas entendi: *Olho por olho.*

— Você é o deus da vingança.

Isso me pareceu estranho, porque ele parecia muito gentil e era mudo. Por outro lado, usava um sapato que se expandia e podia esmagar reis gigantes.

— Ah, Vidar é o cara para todo tipo de emergência! — disse Heimdall. — O sapato dele é feito dos restos de todos os sapatos que já foram jogados fora! Ele pode… bem, você viu o que pode fazer. Ei, o que vocês acham de uma foto em grupo?

— Não — responderam todos.

Thor olhou com irritação para o guardião da ponte.

— Vidar também é chamado de “O Silencioso”, o que quer dizer que é mudo. Ele também não fica tirando selfies o tempo todo, o que o torna uma *boa* companhia.

Mallory Keen embainhou as duas facas.

— Bom, isso é fascinante, tenho certeza. Mas vocês, aesires, não deviam estar fazendo alguma coisa produtiva agora, como… ah, sei lá, talvez procurar Loki e o prender de novo?

A garota está certa, sinalizou Vidar. *O tempo está correndo.*

— Escute o corajoso Vidar, garota — disse Thor. — A captura de Loki pode esperar mais um dia. Agora, devíamos comemorar por eu ter recuperado meu martelo!

Não foi isso que eu falei, sinalizou Vidar.

— Além do mais — continuou Thor —, não preciso procurar o patife. Eu sei exatamente para onde ele está indo.

— Sabe? — perguntei. — Para onde?

Thor bateu nas minhas costas, felizmente com a mão e não com o martelo.

— Vamos conversar sobre isso em Valhala. O jantar é por minha conta!

Cinquenta e quatro

Os esquilos na janela podem ser maiores do que parecem

ADORO QUANDO DEUSES se oferecem para pagar um jantar que já é de graça.

Quase tanto quanto adoro esquadrões de ataque que aparecem depois do ataque.

Mas não tive chance de reclamar. Quando voltamos a Valhala, usando a carruagem superlotada de Thor, ganhamos uma festa de comemoração que foi louca até para os padrões vikings. Thor desfilou pelo salão de banquete segurando Mjölnir acima da cabeça, sorrindo e gritando “Morte aos nossos inimigos!” e causando um grande alvoroço. Cornetas foram tocadas. Hidromel foi consumido. Piñatas foram destruídas com o poderoso Mjölnir e doces foram ingeridos.

Só nosso grupinho estava desanimado, amuado na mesa, aceitando sem muito ânimo os tapinhas nas costas e os elogios dos nossos colegas einherjar. Eles nos garantiram que éramos heróis. Além de termos recuperado o martelo de Thor, destruímos uma festa de casamento de gigantes da terra cruéis e malvestidos!

Ninguém reclamou da presença de Blitz e Hearth. Ninguém prestou muita atenção ao nosso novo amigo, Vidar, apesar do sapato estranho. O Silencioso fez jus ao nome e ficou sentado à mesa em silêncio, fazendo perguntas ocasionais a Hearthstone com gestos de linguagem de sinais que não reconheci.

Heimdall saiu cedo para voltar para a ponte Bifrost. Havia muitas selfies importantes para ele tirar. Enquanto isso, Thor comemorou feito

um louco, pulando nas multidões de einherjar e valquírias. O que quer que fosse que ele queria nos falar sobre a localização de Loki havia sido esquecido, e eu não ia me aproximar dele naquela multidão.

Meu único consolo: alguns lordes na mesa dos lordes também estavam incomodados. De tempos em tempos, o gerente Helgi olhava de cara feia para as pessoas, como se estivesse com vontade de gritar o que eu estava pensando: PAREM DE COMEMORAR, SEUS IDIOTAS! LOKI ESTÁ LIVRE!

Talvez os einherjar preferissem não se preocupar. Talvez Thor tivesse garantido a eles que era um problema fácil de resolver. Ou talvez eles estivessem comemorando *porque* o Ragnarök estava próximo. Essa era a ideia que mais me assustava.

Quando o jantar terminou, Thor foi embora em sua carruagem sem nem falar com a gente. Ele bradou para todos no salão que tinha que correr para as fronteiras de Midgard e demonstrar o poder do martelo transformando alguns exércitos de gigantes em pedacinhos fritos. Os einherjar comemoraram e começaram a deixar o salão, sem dúvida a caminho de festas menores e ainda mais loucas.

Vidar se despediu depois de uma conversa rápida com Hearthstone naquela linguagem estranha. O que quer que ele tenha dito, o elfo não contou para nós. Meus companheiros de corredor se ofereceram para me fazer companhia, mas tinham sido convidados para uma festa depois da festa depois da festa, e eu falei para eles irem. Eles mereciam se divertir depois do tédio de abrir caminho até a caverna de Loki.

Sam, Alex, Blitz e Hearth me acompanharam até os elevadores. Antes de chegarmos lá, Helgi apareceu e segurou meu braço.

— Você e seus amigos precisam vir comigo.

A voz do gerente estava sombria. Tive a sensação de que não receberíamos troféus ou cupons de desconto por nossos feitos corajosos.

Helgi nos levou por passagens que eu nunca tinha visto e por escadas em locais ermos do hotel. Eu sabia que Valhala era grande, mas toda vez

que saía para explorar, ficava impressionado de novo. O local parecia ser infinito, como uma aula de química.

Finalmente, chegamos a uma porta pesada de carvalho com uma placa de metal dizendo GERENTE.

Helgi abriu a porta, e entramos atrás dele no escritório.

Três das paredes e o teto eram cobertos de lanças: varas de carvalho polido com pontas brilhantes de prata. Atrás da mesa de Helgi, a parede era tomada por uma janela de vidro enorme com vista para os galhos oscilantes e infinitos da Árvore do Mundo.

Eu já conhecia várias vistas das janelas de Valhala. O hotel tinha acesso a cada um dos nove mundos. Mas eu nunca tinha visto uma assim, com vista direta para a árvore. Aquilo me deixou meio desorientado, como se estivéssemos flutuando nos galhos… o que, cosmicamente falando, estávamos mesmo.

— Sentem-se.

Helgi apontou para um semicírculo de cadeiras de um dos lados da mesa. Sam, Alex, Blitz, Hearth e eu nos acomodamos com muito couro gemendo e madeira estalando. Helgi se sentou atrás da imensa escrivaninha de mogno, que estava vazia exceto por um daqueles brinquedinhos com bolas prateadas penduradas que ficam batendo umas nas outras.

Ah… e os corvos. Nos dois cantos da mesa havia um corvo de Odin, ambos olhando para mim de cara feia, parecendo em dúvida entre me mandar para a detenção ou me jogar como alimento para os trolls.

Helgi se recostou na cadeira e uniu as pontas dos dedos. O gerente pareceria intimidante se seu cabelo não lembrasse um animal morto e ele não tivesse restos de comida na barba.

Sam mexeu com nervosismo no chaveiro.

— Senhor, o que aconteceu na caverna de Loki… não foi culpa dos meus amigos. Eu assumo total responsabilidade…

— De jeito nenhum! — disse Alex com rispidez. — Sam não fez nada de errado. Se você vai punir alguém…

— Parem! — ordenou Helgi. — Ninguém aqui vai ser punido.

Blitzen soltou o ar, aliviado.

— Ah, isso é bom. Porque não tivemos tempo de devolver isto para Thor, mas pretendíamos, de verdade.

Hearthstone pegou o passe livre de Thor e o colocou na mesa do gerente.

Helgi franziu a testa, colocou o passe na gaveta, e eu me perguntei quantos outros ele tinha ali.

— Vocês estão aqui — disse o gerente — porque os corvos de Odin chamaram.

— Hugin e Munin?

Pensamento e *Memória*, eu me lembrei de ter lido no *Guia do Hotel Valhala.*

As aves fizeram aquele barulho esquisito que os corvos adoram fazer, como se regurgitassem as almas de todos os sapos que tinham comido ao longo dos séculos.

Eles eram bem maiores do que corvos normais… e mais apavorantes. Os olhos eram como portais para um abismo. As penas tinham mil tons diferentes de ébano. Quando a luz batia neles, runas pareciam brilhar na plumagem, palavras sombrias surgindo em um mar de tinta preta.

Helgi bateu no brinquedinho. As bolas começaram a bater umas nas outras com um *click, click, click* irritante.

— Odin gostaria de estar aqui — disse o gerente —, mas está cuidando de outros assuntos. Hugin e Munin estão presentes como seus representantes. A vantagem — Helgi se inclinou para a frente e baixou a voz — é que os corvos não exibem PowerPoints motivacionais.

Os pássaros grasniram em concordância.

— Agora, vamos ao assunto principal — disse Helgi. — Loki fugiu, mas nós sabemos onde ele está. Samirah al-Abbas… sua próxima missão como a valquíria de Odin encarregada das operações especiais será encontrar seu pai e prendê-lo de novo.

Samirah baixou a cabeça. Não pareceu surpresa — estava mais para alguém que perdeu o apelo final em uma sentença de morte contra a qual lutou a vida toda.

— Senhor — disse ela —, vou obedecer à ordem. Mas, depois do que aconteceu nas últimas duas vezes que enfrentei meu pai, a facilidade com que ele me controlou…

— Você pode aprender a resistir — interrompeu Alex. — Eu posso ajudar…

— Eu não sou você, Alex! Não consigo… — Sam fez um gesto vago para a irmã, como se para indicar todas as coisas que Alex era e Sam jamais poderia ser.

Helgi tirou os restos de comida da barba.

— Samirah, eu não falei que seria fácil. Mas os corvos dizem que você é capaz. Precisa fazer isso. E vai fazer.

Sam olhou para as bolinhas indo de um lado para outro. *Click, click, click.*

— Esse lugar para onde meu pai foi… — disse ela. — Onde fica?

— Na Costa Oriental — respondeu Helgi. — Como contam as antigas histórias. Agora que Loki está livre, ele foi para o porto, onde espera terminar a construção de *Naglfar*.

Hearthstone sinalizou: *O Navio das Unhas. Isso não é bom.*

Senti um calafrio… e fiquei meio enjoado.

Lembrei ter visitado aquele navio em um sonho, de estar de pé no convés de um drácar viking do tamanho de um porta-aviões, todo feito das unhas dos mortos. Loki me avisou que, quando o Ragnarök começasse, ele

seguiria no navio até Asgard, destruiria os deuses, roubaria as jujubas deles e provocaria caos em massa.

— Se Loki está livre, já não é tarde demais? — perguntei. — A libertação dele não é um dos eventos que sinalizam o início do Ragnarök?

— Sim e não — respondeu Helgi.

Eu esperei.

— Tenho que escolher uma das respostas?

— A libertação de Loki *ajuda* o início do Ragnarök — continuou Helgi. — Mas nada indica que *essa* fuga é a última fuga, a derradeira. É possível que vocês consigam recapturá-lo e prendê-lo de novo, adiando assim o Juízo Final.

— Como fizemos com o lobo Fenrir — murmurou Blitz. — Aquilo foi moleza.

— Exatamente. — Helgi assentiu com entusiasmo. — Moleza.

— Eu estava sendo sarcástico — disse Blitz. — Imagino que não haja sarcasmo em Valhala, tanto quanto não há barbeiros decentes.

Helgi ficou vermelho.

— Escute aqui, anão…

Ele foi interrompido por uma criatura marrom e alaranjada enorme se chocando contra a janela.

Blitzen caiu da cadeira. Alex pulou e se agarrou no teto na forma de um morcego. Sam se levantou segurando o machado, pronta para lutar. Eu corajosamente me escondi atrás da mesa de Helgi. Hearthstone só ficou ali sentado, franzindo a testa para o esquilo gigante.

Por quê?, sinalizou ele.

— Está tudo bem, pessoal — garantiu Helgi. — É só Ratatosk.

As palavras *só* e *Ratatosk* não combinavam. Eu tinha sido caçado pela Árvore do Mundo por aquele roedor monstruoso. Tinha ouvido sua voz chamejante e horrenda. *Nunca* estava tudo bem quando ele aparecia.

— Não, é sério — insistiu Helgi. — A janela é à prova de som e à prova de esquilo. Ratatosk gosta de passar por aqui para me provocar, às vezes.

Espiei por cima da mesa. Ratatosk estava berrando e gritando, mas só um leve murmúrio passava pelo vidro. Ele estalou os dentes para nós e encostou a bochecha na janela.

Os corvos não pareceram incomodados. Olharam para trás como quem diz *Ah, é você* e voltaram a cuidar das próprias penas.

— Como você aguenta? — perguntou Blitzen. — Essa… essa coisa é mortal!

O esquilo inflou a boca no vidro, mostrando os dentes e as gengivas, depois lambeu a janela.

— Eu gosto de saber onde ele está — disse Helgi. — Às vezes, consigo saber o que está acontecendo nos nove mundos só de observar o nível de agitação do esquilo.

A julgar pelo atual estado de Ratatosk, tinha alguma coisa séria acontecendo nos nove mundos. Para aliviar nossa ansiedade, Helgi se levantou, fechou as persianas e voltou a se sentar.

— Onde estávamos? — disse ele. — Ah, sim, moleza e sarcasmo.

Alex desceu do teto e voltou à forma humana. Tinha tirado o vestido de noiva mais cedo e colocado novamente o colete quadriculado. Ela mexeu nele de forma casual, como quem diz: *Sim, era minha intenção virar um morcego desde o início*.

Sam baixou o machado.

— Helgi, sobre essa missão… eu não sei nem por onde começar. Onde o navio está atracado? A Costa Oriental pode ser em qualquer mundo.

O gerente levantou as mãos.

— Não tenho essas respostas, Samirah, mas Hugin e Munin vão lhe passar todas as instruções. Vá com eles para os telhados de Valhala. Deixe que eles lhe mostrem pensamentos e lembranças.

Para mim, isso parecia uma missão meio doida com Darth Vader aparecendo em uma caverna enevoada.

Sam também não pareceu feliz.

— Mas, Helgi…

— Sem discussão, Samirah — insistiu o gerente. — Odin escolheu você. Escolheu esse grupo todo porque…

Ele fez uma pausa repentina e levou o dedo ao ouvido. Nunca tinha percebido que Helgi usava ponto eletrônico, mas ele estava escutando alguma coisa.

O gerente olhou para nós.

— Peço desculpas. Onde eu estava? Ah, sim, vocês cinco estavam presentes quando Loki fugiu. Portanto, os cinco vão ter um papel crucial na recaptura do deus foragido.

— Aqui se faz, aqui se paga — murmurei.

— Exatamente! — Helgi sorriu. — Agora que isso está resolvido, vocês vão ter que me dar licença. Houve um massacre no estúdio de yoga, e precisamos trocar os tapetes.

Cinquenta e cinco

Margaridas em formato de elfo

ASSIM QUE SAÍMOS do escritório de Helgi, os corvos levaram Sam para outra escadaria. Ela olhou para nós com inquietação, mas Helgi tinha deixado bem claro que não havíamos sido convidados.

Alex deu meia-volta e saiu andando na direção oposta.

— Ei — chamei. — Aonde você…

Ela se virou, os olhos tão furiosos que não consegui terminar a pergunta.

— Mais tarde a gente conversa, Magnus — disse ela com a voz sombria. — Eu tenho que… — Ela fez um gesto de estrangulamento com as mãos. — Até mais tarde.

Fiquei apenas com Blitzen e Hearthstone, que oscilava, quase caindo de sono.

— Vocês querem…?

— Dormir — completou Blitzen. — Por favor. Imediatamente.

Eu os levei para o meu quarto. Nós três acampamos na grama do átrio, o que me lembrou de antigamente, quando dormíamos no Public Garden. Mas não vou dizer que sentia saudade de ser sem-teto. Não ter casa não é uma coisa da qual uma pessoa em sã consciência sentiria falta. Mesmo assim, como falei, era bem mais simples do que ser um guerreiro imortal e ter que perseguir deuses fugitivos pelos nove mundos e ter conversas sérias enquanto um esquilo monstruoso fazia careta na janela.

Hearthstone apagou primeiro. Ele se encolheu, suspirou e adormeceu na mesma hora. Quando estava imóvel, apesar das roupas pretas, ele parecia

se misturar com as sombras da grama. Talvez fosse camuflagem élfica, um resquício da época em que eles eram mais ligados à natureza.

Blitz encostou-se a uma árvore e olhou para Hearth com preocupação.

— Nós vamos ao *O melhor de Blitzen* amanhã — disse ele. — Vamos reabrir a loja. Passar algumas semanas tentando nos recuperar e voltar ao… bem, ao que quer que possa ser entendido por *normal*. Antes de termos que procurar… — A perspectiva de ir atrás de Loki outra vez era tão assustadora que ele nem conseguiu terminar a frase.

Eu me senti culpado por não ter pensado na dor de Hearthstone nos últimos dias. Estava preocupado demais com o martelo-TV idiota de Thor.

— É uma boa ideia — falei. — Álfaheim foi difícil para ele.

Blitz uniu as mãos perto de onde a espada Skofnung o havia perfurado.

— É, estou preocupado com os assuntos pendentes de Hearth por lá.

— Eu queria ter ajudado mais — confessei. — Ajudado vocês dois, na verdade.

— Que nada, garoto. Algumas coisas têm que ser feitas por nós mesmos. Hearth… ele tem um buraco em formato de pai no coração. Você não pode fazer nada quanto a isso.

— O pai dele nunca vai ser um cara legal.

— Não mesmo. Mas Hearth precisa aceitar isso. Mais cedo ou mais tarde, ele vai ter que voltar e enfrentá-lo… pegar a runa de herança de volta, de uma forma ou de outra. Mas quando e como isso vai acontecer…

Ele deu de ombros, impotente.

Pensei no tio Randolph. Como é que se decidia que alguém era um caso perdido? Quando uma pessoa era tão má ou tóxica ou determinada a fazer as coisas do próprio jeito que tínhamos que simplesmente aceitar o fato de que nunca mudaria? Quanto tempo dava para insistir em salvar alguém, e em que momento desistíamos e sofríamos como se aquela pessoa tivesse morrido para nós?

Para mim, era fácil aconselhar Hearthstone sobre o pai dele. O cara era terrível. Mas meu tio, que me deixou morrer, enfiou uma espada no meu amigo e libertou o deus do mal… Mesmo assim não conseguia esquecê-lo.

Blitzen deu um tapinha na minha mão.

— O que quer que aconteça, garoto, estaremos prontos quando você precisar de nós. Vamos resolver isso e acorrentar Loki de novo, mesmo que eu tenha que fabricar essas correntes.

— As suas seriam bem mais estilosas.

O canto da boca de Blitz tremeu.

— É. Seriam mesmo. E não se sinta culpado, garoto. Você agiu bem.

Eu não tinha tanta certeza disso. O que eu havia feito? Sentia como se tivesse passado seis dias andando de um lado para outro, tentando manter meus amigos vivos e minimizar as consequências do plano de Loki.

Imaginei o que Samirah diria: *Já chega, Magnus.* Ela provavelmente apontaria que eu tinha ajudado Amir. Que conseguira curar Blitzen. Que tinha ajudado o esquadrão de Thor a entrar na fortaleza dos gigantes para recuperar o martelo. Que jogara boliche de um jeito irado com Alex, o elefante-africano.

Mesmo assim… Loki estava livre. Tinha machucado Sam. *Destruíra* a confiança dela. E tinha também aquele detalhe de os nove mundos estarem correndo perigo. Serem jogados no caos e tal.

— Eu me sinto péssimo, Blitz — admiti. — Quanto mais eu treino, quanto mais poderes aprendo… parece que os problemas só ficam dez vezes maiores do que consigo resolver. Algum dia isso vai parar?

Blitz não respondeu. O queixo estava apoiado no peito. Ele estava roncando baixinho.

Coloquei um cobertor sobre meu amigo. Fiquei sentado por muito tempo, vendo as estrelas por entre os galhos da árvore e pensando em corações partidos.

Pensei no que Loki estaria fazendo agora. Se eu fosse ele, estaria planejando a vingança mais cruel que os nove mundos já viram. Talvez fosse por isso que Vidar, o deus da vingança, parecia tão gentil e quieto. Ele sabia que não era preciso muita coisa para começar uma reação em cadeia de violência e morte. Um insulto. Um roubo. Uma corrente rompida. Thrym e Thrynga guardaram ressentimento por gerações. Foram usados por Loki não uma, mas duas vezes. E agora, estavam mortos.

Não me lembro de ter adormecido. Quando acordei na manhã seguinte, Blitz e Hearth já tinham partido. Um canteiro de margaridas floresceu onde Hearth havia dormido; talvez fosse o jeito dele de dizer *tchau, obrigado, até breve*. Eu ainda estava deprimido.

Tomei banho e me vesti. Escovar os dentes pareceu ridiculamente normal depois dos últimos dias. Eu estava quase saindo para o café da manhã quando reparei em um bilhete debaixo da minha porta, na caligrafia elegante de Samirah:

Precisamos conversar. Thinking Cup? Ficarei lá a manhã toda.

Saí para o corredor. Gostei da ideia de deixar Valhala um pouquinho. Eu queria conversar com Sam. Queria um bom café mortal. Queria me sentar ao sol e comer um bolinho de chocolate e fingir que não era um einherji com um deus fugitivo para capturar.

Aí, olhei para o outro lado do corredor.

Antes de sair, eu precisava fazer mais uma tarefa difícil e perigosa. Precisava ver como Alex Fierro estava.

* * *

Alex abriu a porta e me cumprimentou com um alegre:

— Some daqui.

O rosto e as mãos de Alex estavam sujos de argila úmida. Olhei lá dentro e vi o projeto no torno.

— E aí, cara…

Entrei no quarto. Por algum motivo, Alex permitiu.

Toda a cerâmica quebrada tinha sido removida. As prateleiras estavam cobertas de novos vasos e tigelas, secando e ainda sem brilho. No torno tinha um vaso enorme, com quase um metro, em formato de troféu.

Sorri.

— É para Sif?

Alex deu de ombros.

— É. Se ficar bom.

— É um presente irônico ou sério?

— Você vai me fazer escolher? Sei lá. É que… me pareceu certo dar algo a ela. Primeiro, eu a odiei. Ela me fazia lembrar minha madrasta, cheia de frescura e estressada. Mas… talvez eu devesse pegar leve com Sif.

O vestido de noiva dourado e branco estava em cima da cama, ainda manchado de sangue, a barra suja de lama e com manchas de ácido. Mesmo assim, Alex o esticou com cuidado, como se fosse uma coisa que valesse a pena ser guardada.

— Magnus, por que você veio aqui?

— Hum… — Achei difícil me concentrar. Olhei para as fileiras de vasos, todos perfeitos. — Você fez todos ontem?

Peguei um.

Alex o tirou das minhas mãos.

— Não, você não pode tocar neles. Valeu por perguntar, Magnus. Sim, a maioria foi feita na noite passada. Não consegui dormir. A cerâmica… faz eu me sentir melhor. Agora você ia dizer por que veio aqui e sair logo do meu pé, não é?

— Vou me encontrar com Sam em Boston. Pensei…

— Que eu podia querer ir com você? Não mesmo. Quando Sam estiver pronta para conversar, ela sabe onde me encontrar.

Alex voltou até o torno, pegou uma espátula e começou a alisar as laterais do troféu.

— Você está com raiva dela.

Alex continuou alisando o troféu.

— É um vaso bem impressionante — falei. — Não sei como você consegue fazer uma coisa tão grande sem que desmorone. Tentei usar um torno na aula de artes do quinto ano. O melhor que consegui foi um calombo torto.

— Um autorretrato, então?

— Ha-ha. Só estou dizendo que queria saber fazer uma coisa tão legal.

Não houve resposta imediata. Talvez porque eu não tivesse deixado muito espaço para um insulto inteligente.

Finalmente, Alex levantou o rosto, hesitante.

— Você cura as pessoas, Magnus. Seu pai é um deus *prestativo*. Você tem uma… coisa ensolarada, calorosa, simpática em você. Não é legal o suficiente?

— Eu nunca tinha sido chamado de *ensolarado*.

— Ah, por favor. Você finge ser todo durão e sarcástico, mas é um manteiga-derretida. E, respondendo sua pergunta, sim, estou com raiva de Sam. Se ela não mudar de atitude, não sei se vou conseguir ensinar a ela.

— A… resistir a Loki.

Alex pegou um pouco de argila e espremeu.

— O segredo é estar à vontade com a metamorfose. O tempo todo. Tem que transformar o poder de Loki em *seu* poder.

— Como a sua tatuagem.

Alex deu de ombros.

— A argila pode ser modelada e remodelada uma porção de vezes, mas, se ficar seca demais, se estiver acomodada… é impossível trabalhar com

ela. Quando chega a esse ponto, é melhor ter certeza de que esteja no formato que você quer que fique para sempre.

— Você está dizendo que Sam não consegue mudar.

— Não sei se ela consegue, nem se ela quer. Mas sei do seguinte: se ela não me deixar ensinar como resistir a Loki, se não quiser ao menos tentar… na próxima vez que o enfrentarmos, estaremos perdidos.

Soltei um suspiro.

— Tá, boa conversa motivacional. Nos vemos no jantar.

Quando cheguei à porta, Alex disse:

— Como você soube?

Eu me virei.

— Soube o quê?

— Quando você entrou, disse *cara*. Como soube que eu era garoto?

Eu pensei a respeito. Primeiro, me perguntei se foi só um comentário habitual, um *cara* sem especificidade de gênero. Mas, analisando um pouco mais a fundo, percebi que captei mesmo o fato de Alex estar masculino. Ou melhor, de que Alex *estava*. Agora, depois de conversarmos alguns minutos, Alex definitivamente parecia feminina. Mas eu não fazia ideia de como tinha percebido isso.

— Foi só minha natureza perceptiva, eu acho.

Alex riu com deboche.

— Sei.

— Mas agora você é garota.

Ela hesitou.

— É.

— Interessante.

— Pode ir embora agora.

— Você vai fazer um troféu para minha perceptividade?

Ela pegou um pedaço de cerâmica e jogou em mim.

Fechei a porta bem na hora que o objeto a acertou por dentro.

Cinquenta e seis

Vamos tentar outra vez essa coisa de "encontro para um café"

A JULGAR PELA quantidade de xícaras vazias, Sam estava no terceiro expresso.

A ideia de abordar uma valquíria munida com três expressos no organismo não parecia aconselhável, mas me aproximei lentamente e me sentei de frente para ela. Sam não olhou para mim. Sua atenção estava voltada para as duas penas de corvo em cima da mesa. O vento estava forte. O hijab verde sacudia ao redor do rosto dela como ondas na praia, mas as duas penas de corvo não se moviam.

— Oi — cumprimentou ela.

Foi bem mais simpático do que *some daqui*. Sam era muito diferente de Alex, mas havia algo parecido nos olhos delas, um turbilhão fervendo logo abaixo da superfície. Não era fácil pensar na herança de Loki lutando dentro das minhas amigas, tentando tomar o controle.

— Você ganhou penas — comentei.

Ela tocou a da esquerda.

— Uma lembrança. E esta — Sam tocou a da direita — é um pensamento. Os corvos não falam. Eles encaram você e permitem que você acaricie sua plumagem até a pena certa cair.

— E o que querem dizer?

— Esta, a lembrança… — Sam passou um dedo pela beirada. — É ancestral. Do meu antepassado, Ahmad Ibn Fadlan Ibn al-Abbas.

— O cara que viajou com os vikings.

Sam assentiu.

— Quando peguei a pena, *vi* a viagem dele como se eu tivesse estado lá. Descobri muitas coisas que ele nunca registrou, coisas que ele achava que não iam ser bem recebidas na corte do califa de Bagdá.

— Ele viu deuses nórdicos? — tentei adivinhar. — Valquírias? Gigantes?

— E mais. Também ouviu lendas sobre o navio *Naglfar*. O local onde está atracado, a Costa Oriental, fica na fronteira entre Jötunheim e Niflheim, a parte mais selvagem e remota dos dois mundos. É completamente inacessível, coberto de gelo, exceto por um dia do ano: o Solstício de Verão.

— Então é quando Loki vai planejar a partida.

— E é quando teremos que estar lá para impedi-lo.

Eu queria um café, mas meu coração estava tão disparado que eu duvidava que fosse me fazer bem.

— E agora? Esperamos até o verão?

— Vai levar tempo para encontrarmos o paradeiro de Loki. E, antes de partirmos, vamos precisar nos preparar, treinar, ter certeza de que seremos capazes de vencê-lo.

Eu me lembrei do que Alex disse: *Não sei se vou conseguir ensinar a ela.*

— Vamos fazer tudo isso. — Tentei parecer confiante. — O que a segunda pena contou a você?

— Esta é um pensamento — disse Samirah. — Um plano. Para chegar à Costa Oriental, vamos precisar viajar pelos galhos mais distantes da Árvore do Mundo, pelas terras vikings ancestrais. É onde a magia de gigantes é mais forte, e onde vamos encontrar a passagem no mar para o porto de *Naglfar*.

— As terras vikings ancestrais. — Meus dedos formigaram. Eu não sabia se de empolgação ou medo. — A Escandinávia? Tenho certeza de

que tem voos diretos para lá saindo de Logan.

Sam balançou a cabeça.

— Vamos ter que ir pelo mar, Magnus. Da mesma maneira como os vikings vieram para *cá*. Assim como só se pode entrar em Álfaheim pelo ar, só podemos chegar às terras selvagens da Costa Oriental por água salgada e gelo.

— Certo. Porque nada pode ser fácil.

— Não, não pode.

O tom dela era distraído, melancólico. Fez com que eu percebesse que estava sendo insensível. Sam tinha muitos outros problemas além do pai do mal.

— Como está Amir? — perguntei.

Ela sorriu. No vento, o hijab pareceu se metamorfosear de ondas para campos de grama e para vidro.

— Ele está muito bem. Ele me aceita. Não quer desfazer nosso noivado. Você estava certo, Magnus. Ele é bem mais forte do que supus.

— Que maravilha. E seus avós e o pai dele?

Samirah deu uma risadinha seca.

— Bem, não se pode ter tudo. Eles não se lembram das visitas de Loki. Sabem que Amir e eu fizemos as pazes. No momento, está tudo bem. Voltei a inventar desculpas para precisar sair correndo no meio ou depois da aula. Estou dando muitas "aulas particulares".

Ela fez aspas com as mãos.

Eu me lembrei de como Sam pareceu cansada quando a encontrei naquele mesmo lugar, seis dias antes. Se havia alguma mudança, ela parecia mais cansada agora.

— Mas você tem que diminuir o ritmo, Sam — falei para ela. — Você parece exausta.

— Eu sei. — Ela colocou a mão em cima da pena do pensamento. — Prometi a Amir: quando recapturarmos Loki, quando eu tiver certeza de

que o Ragnarök foi adiado, ao menos por enquanto, vou dar um tempo.

— *Dar um tempo?*

— Vou me aposentar das valquírias. Vou me dedicar à faculdade, a terminar meu curso de piloto e… ao casamento, claro. Quando eu tiver dezoito anos, como planejamos.

Ela estava vermelha feito… bem, feito uma noiva.

Tentei ignorar o vazio no meu peito.

— E é isso o que você quer?

— É totalmente escolha minha. E conto com o apoio de Amir.

— Valquírias podem se demitir?

— Claro. Não é como ser… hã…

Um einherji, era o que ela queria dizer. Eu era um dos renascidos. Podia viajar entre os mundos. Tinha força e resistência incríveis. Mas jamais voltaria a ser um humano normal. Eu ficaria como era, com a mesma idade para sempre… ou até o Ragnarök, o que viesse primeiro. (Pode haver certas restrições. Leia os termos de serviço para saber os detalhes.)

— Magnus, sei que eu trouxe você para essa pós-vida esquisita — disse ela. — Não é justo eu abandonar você, mas…

— Ei. — Toquei brevemente a mão dela. Sabia que Sam não gostava muito de contato físico, mas ela e minha prima Annabeth eram o mais próximo que eu teria de irmãs. — Samirah, eu só quero que você seja feliz. E, você sabe, se pudermos impedir que os nove mundos peguem fogo antes de você ir embora, também seria legal.

Ela riu.

— Tudo bem, Magnus. Está combinado. Vamos precisar de um navio. Vamos precisar de muitas coisas, na verdade.

— É.

O sal e o gelo já pareciam estar se alojando na minha garganta. Eu me lembrei de nosso encontro em janeiro com a deusa do mar, Ran… e de

quando ela me avisou que eu estaria encrencado se tentasse navegar pelo mar outra vez.

— Primeiro, precisamos de conselhos — falei. — Sobre navegar por águas mágicas, lutar contra monstros marinhos esquisitos e não morrer nas mãos de um bando de deuses do mar furiosos. Estranhamente, sei exatamente com quem conversar.

— Sua prima — arriscou Sam.

— É. Annabeth.

Cinquenta e sete

Cobro alguns favores

TENTEI MANDAR MENSAGEM de texto e ligar e, quando nada disso deu certo, mandei um corvo.

Quando falei para T. J. que estava com dificuldade de falar com minha prima, ele me olhou como se eu fosse burro.

— É só mandar um pássaro, Magnus.

Que idiota. Passei meses em Valhala e não percebi que podia alugar um corvo, amarrar uma mensagem na perna dele e mandar que encontrasse qualquer pessoa nos nove mundos. A coisa toda parecia meio *Game of Thrones*, mas sei lá. O importante é que deu certo.

O corvo voltou logo depois com a resposta de Annabeth.

Combinamos nos encontrar no meio do caminho entre Boston e Manhattan, na estação de trem de New London, Connecticut. Annabeth chegou antes de mim e ficou lá na plataforma de calça jeans e sandálias e uma camisa roxa de mangas compridas com o desenho de uma coroa de louros e as letras SPQR: UNR.

Ela me abraçou até meus olhos saltarem, como os de Thrynga.

— Fiquei tão aliviada — disse ela. — Nunca achei que ficaria feliz de ver um corvo na minha janela, mas… Você está bem?

— Estou, estou. — Sufoquei uma gargalhada nervosa, porque *bem* era uma palavra estúpida para descrever minha condição. Além do mais, estava na cara que Annabeth também *não* estava bem. Seus olhos pareciam pesados e cansados, menos como nuvens de tempestade e mais como neblina que não se dissipava.

— Temos muito para conversar — falei. — Está com fome?

Pegamos uma mesa na varanda do Muddy Waters café. Eu achava que o nome era uma homenagem ao músico de blues, mas pareceu um mau presságio considerando as águas pelas quais eu planejava navegar. Annabeth e eu ficamos no sol, pedimos Coca-Cola e cheesebúrgueres e ficamos olhando os veleiros seguindo para o estuário de Long Island.

— A coisa anda meio louca em Nova York — disse Annabeth. — Achei que a comunicação estivesse ruim só entre os semideuses… quer dizer, do *meu* tipo, os gregos e romanos, mas aí me dei conta de que não tinha tido notícias suas também. Foi mal por não ter percebido antes.

— Como assim a comunicação está ruim?

Annabeth cutucou a mesa com os dentes do garfo. O cabelo louro estava solto dessa vez. Ela parecia estar deixando crescer. Captou o sol de um jeito que me lembrou Sif… mas tentei afastar a ideia. Eu sabia que Annabeth destruiria qualquer um que ousasse chamá-la de "troféu".

— Estamos no meio de uma crise — contou Annabeth. — Um deus caiu na terra como humano. Uns imperadores romanos do mal estão de volta, causando confusão.

— Ah, o de sempre, então.

Ela riu.

— É. De algum modo esses romanos malvados encontraram um jeito de estragar a comunicação entre os semideuses. Não só os meios mágicos, mas também celulares, redes wi-fi, qualquer tipo. Estou surpresa de seu corvo ter chegado. Eu teria ido a Boston dar uma olhada em você antes, mas… — Ela deu de ombros, impotente. — Andei muito ocupada.

— Entendo. Eu não devia estar atrapalhando. Você já tem muita coisa para resolver…

Ela esticou a mão por cima da mesa e apertou a minha.

— Está de brincadeira? Eu quero ajudar. O que está acontecendo?

Foi muito bom contar tudo para ela. Eu me lembrei de como foi esquisito na primeira vez que comparamos histórias: a dela com os deuses gregos, a minha com os deuses nórdicos. Nós dois fomos embora naquele dia sentindo que tínhamos sobrecarregado nossas baterias e que nosso cérebro estava derretendo.

Agora, pelo menos, tínhamos algum contexto no qual trabalhar. Claro, tudo ainda era muito louco. Se eu parasse para pensar demais, começaria a rir histericamente. Mas eu podia contar meus problemas para Annabeth sem medo de ela não acreditar em mim. Isso fez com que eu percebesse quanto Sam devia gostar de estar sendo totalmente verdadeira com Amir.

Contei para minha prima sobre a fuga de Loki e sobre a ideia de Sam para irmos atrás dele; sobre um porto gelado nas fronteiras mais distantes de Jötunheim e Niflheim (ou na Escandinávia; o que chegasse primeiro).

— Uma viagem de barco — disse ela. — Ah, cara. Isso me traz péssimas lembranças.

— É. Eu me lembrei do que você disse sobre navegar até a Grécia e… é. — Não queria falar sobre todas aquelas coisas horríveis de novo. Ela chorou quando me contou o que tinha acontecido durante a viagem, principalmente na parte em que ela e o namorado, Percy, caíram em um lugar do mundo inferior chamado Tártaro. — Olha, não quero arrumar mais problemas para você. Só pensei que… sei lá… talvez você tivesse ideias, dicas.

Um trem passou pela estação. Minha visão da baía piscou entre os vagões como um filme desalinhado.

— Você disse que está com problemas com deuses do mar — disse Annabeth.

— É, Ran… uma moça acumuladora com uma rede. E acho que o marido dela também me odeia. O nome ele é Aegir.

Annabeth deu um tapa na testa.

— Preciso me esforçar para guardar todos esses nomes. Olha, eu não sei como funciona com vários deuses do mar. Os nórdicos ficam no norte, e Poseidon, no sul, ou eles, sei lá, fazem algum tipo de escala…?

Eu me lembrei de um desenho antigo com cães batendo ponto ao chegarem para turnos diferentes e impedirem os lobos de atacar os rebanhos. Eu me perguntei se os deuses também tinham que bater ponto todo dia, ou se todos trabalhavam de casa. Os deuses do mar podiam fazer *home office*?

— Não faço ideia — admiti. — Mas queria evitar que todos os meus amigos fossem assolados por um tsunami assim que sairmos de Boston.

— Quanto tempo vocês têm?

— Até o verão. Não podemos partir com os mares congelados, algo assim.

— Ótimo. Até lá nós vamos ter terminado as aulas e finalmente nos formado.

— Eu não frequento a escola… Ah, você quis dizer você e seu namorado?

— Exatamente. Supondo que Percy seja aprovado e vá bem nas provas, e supondo que os imperadores romanos não nos matem e destruam o mundo…

— É. Loki ficaria bem irritado se os imperadores romanos destruíssem o mundo antes de ele conseguir iniciar o Ragnarök.

— Acho que vamos ter tempo de ajudar, ou pelo menos comparar informações, talvez cobrar alguns favores.

— Hã, favores?

Annabeth sorriu.

— Não conheço o mar muito bem, mas meu namorado conhece. Está na hora de você conhecer Percy.

GLOSSÁRIO

Aegir — deus das ondas

Aesir (pl.: Aesires) — deuses da guerra; semelhantes aos humanos

alicarl — nórdico para *gorducho*

almôfar — cortina de cota de malha na base do elmo, feita para proteger o pescoço

argr — nórdico para *não másculo*

Árvore de Laeradr — árvore localizada no centro do Salão de Banquete dos Mortos, em Valhala, com animais imortais que têm funções especiais

berserker (pl.: berserkir) — guerreiro nórdico considerado invencível em batalha

Bifrost — a ponte arco-íris que liga Asgard a Midgard

Bilskírnir — Fenda Luminosa, palácio de Thor e Sif

Bint — árabe para *filha*

brunnmigi — um monstro que urina em poços

dólmen — tumba de um *draugr*

draugr — zumbis nórdicos poderosos que gostam de colecionar armas

einherjar (sing.: einherji) — grandes heróis que morreram com bravura na Terra; soldados do exército eterno de Odin; treinam em Valhala para o Ragnarök, quando os mais corajosos se juntarão a Odin na batalha contra Loki e os gigantes no fim do mundo

Fenrir — lobo nascido do caso de Loki com uma giganta; sua força incrível causa medo até nos deuses, que o mantêm amarrado a uma pedra em uma ilha. Ele está destinado a se soltar no dia do Ragnarök

Fólkvangr — a pós-vida dos vanires para os heróis mortos em batalha, governada pela deusa Freya

Frey — deus da primavera e do verão; do sol, da chuva e da colheita; da abundância e da fertilidade, do crescimento e da vitalidade. Frey é irmão gêmeo de Freya e, como a irmã, tem grande beleza. Ele é o lorde de Álfaheim

Freya — deusa do amor; irmã gêmea de Frey; governante de Fólkvangr

Frigga — deusa do casamento e da maternidade; esposa de Odin e rainha de Asgard; mãe de Balder e Hod

gamalost — queijo velho

Ginnungagap — o abismo primordial; a névoa que obscurece as aparências

Gjallar — trombeta de Heimdall

Heimdall — deus da vigilância e guardião da Bifrost, a entrada para Asgard

Hel — deusa da morte desonrosa; nascida do caso de Loki com uma giganta

Helheim — o submundo nórdico, governado por Hel e habitado pelos que morreram fazendo maldades, de velhice ou devido a doenças

Hugin e Munin — corvos de Odin, cujos nomes significam *pensamento* e *memória*, respectivamente

huldra — espírito da floresta domesticado

Jörmungand — a Serpente do Mundo, monstro nascido do caso de Loki com uma giganta; o corpo dele é tão grande que envolve a Terra

jötunn — gigante

kenning — apelido viking

lindwyrm — um dragão temível do tamanho e do comprimento de um caminhão, com apenas duas patas frontais e asas marrons com textura coriácea parecidas com as dos morcegos, porém pequenas demais para voo

Loki — deus da lábia, da magia e da trapaça; filho de dois gigantes; adepto da magia e da metamorfose. Ele é alternadamente maldoso e heroico para os deuses de Asgard e para a humanidade. Por causa do papel na morte de Balder, Loki foi acorrentado por Odin a três pedras gigantescas com uma serpente venenosa enrolada acima da cabeça. O veneno da cobra queima o rosto do deus de tempos em tempos, e quando ele se debate seus movimentos causam os terremotos

Magni e Módi — os filhos favoritos de Thor, destinados a sobreviver ao Ragnarök

meinfretr — peido fedido

Mímir — deus aesir que, ao lado de Honir, trocou de lugar com os deuses vanires, Frey e Njord, no final da guerra entre os dois clãs. Como os vanires não gostaram dos conselhos dele, cortaram sua cabeça e a mandaram para Odin. Odin depositou a cabeça em um poço mágico, onde a água o trouxe de volta à vida, e Mímir absorveu todo o conhecimento da Árvore do Mundo

Mjölnir — o martelo de Thor

morgen-gifu — *presente matinal*; um presente do noivo para a noiva, dado na manhã seguinte à consumação do casamento. Pertence à noiva, mas é mantido pela família do noivo

mundr — *dote*; um presente do noivo para o pai da noiva

Muspell — fogo

Naglfar — o *Navio das Unhas*

nøkk — um nixe, ou espírito da água

Nornas — três irmãs que controlam o destino dos deuses e dos humanos

Odin — o “Pai de Todos” e rei dos deuses; deus da guerra e da morte, mas também da poesia e da sabedoria. Ao trocar um olho por um gole do Poço da Sabedoria, Odin ganhou conhecimentos inigualáveis. Ele pode observar os nove mundos de seu trono em Asgard; também vive em Valhala com os mais corajosos entre os mortos em batalha

Ostara — primeiro dia de primavera

othala — herança

ouro vermelho — moeda de Asgard e Valhala

Ragnarök — o Dia do Juízo Final, quando os mais corajosos entre os einherjar vão se juntar a Odin na batalha contra Loki e os gigantes no fim do mundo

Ran — deusa do mar; esposa de Aegir

Ratatosk — esquilo imortal que percorre a Árvore do Mundo carregando insultos entre a águia, que mora na copa, e Nidhogg, o dragão que mora nas raízes

Saehrímir — o animal mágico de Valhala; todos os dias ele é morto e assado para o jantar, e todas as manhãs ele ressuscita; tem o gosto que quem o come desejar

Serpentes de Urnes — símbolo de duas cobras entrelaçadas; significa mudança e flexibilidade e às vezes é associado a Loki

Sif — deusa da terra; com seu primeiro marido, teve Uller; Thor é seu segundo marido; a sorveira é sua árvore sagrada

Sleipnir — o corcel de oito patas de Odin; só Odin pode invocá-lo; um dos filhos de Loki

Sumarbrander — a Espada do Verão

Þingvellir — campo de assembleia

Thor — deus do trovão; filho de Odin. As tempestades são o efeito de quando a carruagem de Thor atravessa o céu, e os relâmpagos são provocados quando ele usa seu poderoso martelo, Mjölnir

Thrym — rei gigante

Tyr — deus da coragem, da lei e do julgamento por combate; ele teve a mão arrancada por uma mordida de Fenrir, quando o Lobo foi amarrado pelos deuses

Uller — deus dos sapatos de neve e da arquearia

Utgard-Loki — o feiticeiro mais poderoso de Jötunheim; rei dos gigantes das montanhas

Valhala — paraíso para os guerreiros a serviço de Odin

valquíria — servas de Odin que escolhem os heróis mortos que serão levados para Valhala

Vanir (pl.: Vanires) — deuses da natureza; semelhantes aos elfos

Vidar — deus da vingança; também chamado de “o Silencioso”

völva — vidente

wergild — dívida de sangue

Yggdrasill — a Árvore do Mundo

zuhr — árabe para oração do meio-dia

OS NOVE MUNDOS

Asgard — reino dos aesires

Vanaheim — reino dos vanires

Álfaheim — reino dos elfos

Midgard — reino dos humanos

Jötunheim — reino dos gigantes

Nídavellir — reino dos anões

Niflheim — mundo primordial do gelo, da névoa e da neblina

Muspellheim — reino dos gigantes do fogo e dos demônios

Helheim — reino de Hel e dos mortos desonrados

RUNAS (EM ORDEM DE APARIÇÃO)

Fehu — a runa de Frey

Othala — herança

Dagaz — novos começos, transformações

Uruz — touro

Gebo — presente

Perthro — o cálice vazio

ᚦ

Thurisaz — a runa de Thor

ᚺ

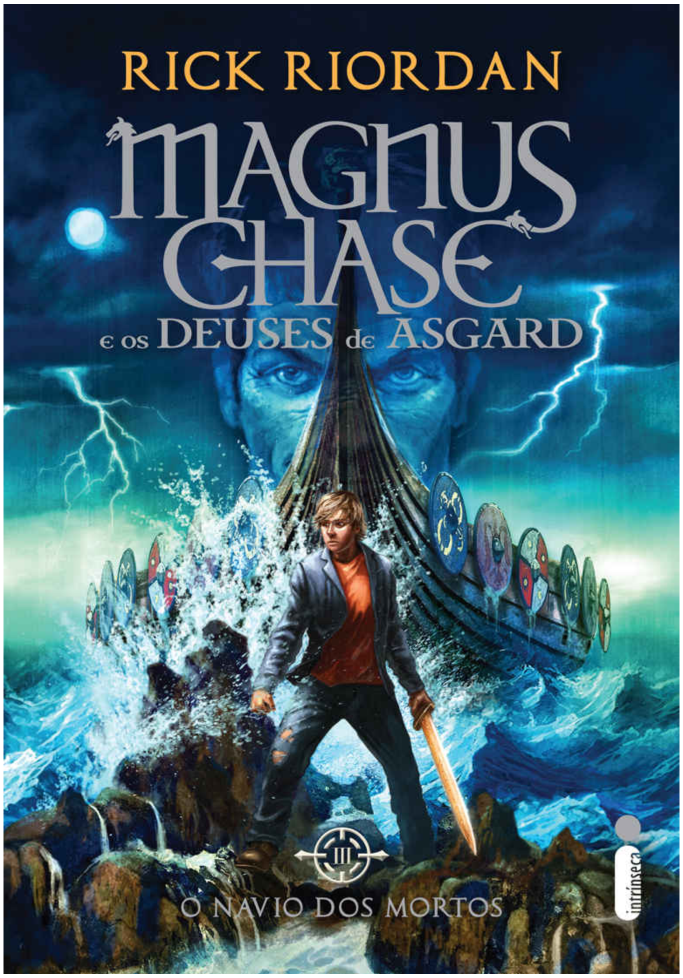
Hagalaz — granizo

ᛖ

Ehwaz — cavalo, transporte

ᛁ

Isa — gelo


RICK RIORDAN
MAGNUS CHASE
E OS DEUSES DE ASGARD
III
O NAVIO DOS MORTOS
intrínseca

RICK RIORDAN

MAGNUS CHASE E OS DEUSES DE ASGARD

III

O NAVIO DOS MORTOS

Tradução de Regiane Winarski

intrínseca

Copyright © 2017 by Rick Riordan
Edição em português negociada por intermédio de Nancy Gallt Literary Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

TÍTULO ORIGINAL
The Ship of the Dead

PREPARAÇÃO
Marina Góes

REVISÃO
Beatriz D'Oliveira
Cristiane Pacanowski

ILUSTRAÇÕES DAS RUNAS
Michelle Gengaro-Kokmen

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira | Equatorium Design

DESIGN DE CAPA
SJI Associates, Inc.

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
© 2017 John Rocco

REVISÃO DE E-BOOK
Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Phillip José Farmer,
cujos livros da série Riverworld despertaram meu amor por história

Um

Percy Jackson se esforça ao máximo para me matar

— **Tente de novo** — disse Percy. — Desta vez, morrendo menos.

De pé no topo do mastro do USS *Constitution*, olhando para o porto de Boston sessenta metros abaixo, eu desejei ter as defesas naturais de um urubu de cabeça vermelha. Assim, poderia projetar vômito em Percy Jackson e fazer com que ele fosse embora.

Na última vez que ele me fez tentar dar aquele pulo, apenas uma hora antes, quebrei todos os ossos do corpo. Alex Fierro me levou correndo para o Hotel Valhala a tempo de eu morrer na minha própria cama.

Infelizmente, eu era um einherji, um dos guerreiros imortais de Odin. Desde que morresse dentro dos limites de Valhala, minha morte não seria permanente. Trinta minutos depois, acordei novinho em folha. Agora, lá estava eu de novo, pronto para sentir mais dor. Uhul!

— Isso é mesmo necessário? — perguntei.

Percy apoiou as costas nos cordames, o vento bagunçando seu cabelo preto.

Ele parecia um garoto normal: camiseta laranja, calça jeans, tênis brancos surrados. Se o vissem andando na rua, não pensariam: *Ei, olha só, um semideus filho de Poseidon! Viva os olimpianos!* Ele não tinha guelras nem dedos com membranas, mas os olhos eram verdes da cor do mar; do mesmo tom que eu imaginava que minha cara estivesse naquela hora. A única coisa estranha em Jackson era a tatuagem na parte interna do antebraço: um tridente tão escuro quanto madeira queimada, com uma única linha embaixo e as letras SPQR.

Ele já tinha contado que as letras eram a sigla de *Sono Pazzi Quelli Romani — esses romanos são doidos*. Eu não tinha certeza se ele estava falando sério.

— Olha, Magnus — disse Percy. — Você vai navegar por território hostil. Um bando de monstros marinhos e deuses do mar e sei lá mais o quê vão tentar matar você, certo?

— É, acho que sim.

Com isso, eu queria dizer: *Por favor, não faça eu me lembrar disso. Por favor, me deixe em paz.*

— Em algum momento — continuou Percy —, você vai ser jogado para fora do barco, talvez de um lugar alto como este. Você vai precisar saber como sobreviver ao impacto, não se afogar e voltar para a superfície pronto para a luta. Vai ser difícil, ainda mais na água fria.

Eu sabia que ele estava certo. Pelo que minha prima Annabeth tinha me contado, Percy passou por aventuras ainda mais perigosas do que eu. (E eu morava em Valhala, morria pelo menos uma vez por dia.) Só que, por mais que apreciasse o fato de ele ter vindo de Nova York me oferecer dicas heroicas de sobrevivência aquática, eu já estava ficando de saco cheio de tanto fracassar.

No dia anterior, eu tinha sido mastigado por um tubarão-branco, estrangulado por uma lula-gigante e queimado por mil águas-vivas furiosas. Havia engolido vários litros de água salgada tentando prender a respiração e aprendido que minhas habilidades em combate mano a mano não melhoravam quando eu estava dez metros debaixo d’água.

Naquela manhã, Percy já tinha andado comigo pelo Old Ironsides tentando me ensinar o básico sobre navegação e náutica, mas eu ainda não conseguia entender a diferença entre o mastro da mezena e o convés de tombadilho.

Agora, ali estava eu: um fracasso em cair de um mastro.

Ao olhar para baixo vi Annabeth e Alex Fierro nos observando do convés.

— Você consegue, Magnus! — gritou Annabeth, animada.

Alex fez sinal de positivo. Pelo menos, eu acho que o gesto foi esse. Era difícil ter certeza lá do alto.

Percy respirou fundo. Ele tinha sido paciente comigo até aquele momento, mas percebi que o estresse do fim de semana também já começava a afetá-lo. Sempre que ele olhava para mim, seu olho esquerdo tremia.

— Tá tudo bem, cara — prometeu Percy. — Vou demonstrar de novo, ok? Comece na posição de queda livre, braços e pernas abertos para desacelerar a queda. Então logo antes de bater na água, estique o corpo como uma flecha, cabeça para cima, calcanhares para baixo, costas retas, bunda contraída. Essa última parte é muito importante.

— Queda livre — repeti. — Abertos. Flecha. Bunda.

— Isso. Olha só.

Ele pulou do mastro e caiu na direção do porto na posição perfeita, com as pernas e os braços abertos. No último momento, ele se esticou com os calcanhares para baixo e bateu na água, desaparecendo sem mal fazer a superfície ondular. Um instante depois, emergiu, as palmas das mãos para cima como quem diz: *Viu só? É fácil!*

Annabeth e Alex aplaudiram.

— Vamos lá, Magnus! — gritou Alex para mim. — Agora é sua vez! Seja homem!

Acho que isso era para ser uma piada. Na maior parte do tempo, Alex se identificava como do gênero feminino, mas hoje estava definitivamente masculino. Às vezes eu me enganava e usava os pronomes errados para ele/ela, então Alex rebatia implicando comigo sem piedade. Amizade é isso.

— Arrasa, primo! — exclamou Annabeth.

Lá embaixo, a superfície escura da água brilhava como uma sanduicheira recém-lavada, pronta para me esmagar.

"Certo", murmurei para mim mesmo.

E pulei.

Por meio segundo, me senti bem confiante. O vento assobiava nos meus ouvidos. Abri os braços e consegui não gritar.

Beleza, pensei. *Eu consigo fazer isso.*

E foi nessa hora que minha espada, Jacques, veio voando do nada querendo bater papo.

— Oi! — As runas dele brilharam pela lâmina dupla. — O que você está fazendo?

Eu me debati todo ao tentar ficar na vertical para o impacto.

— Jacques, agora não!

— Ah, entendi! Você está caindo! Sabe, uma vez Frey e eu estávamos caindo quando…

Antes que ele pudesse continuar o que com certeza seria uma história fascinante, eu atingi a água.

Como Percy tinha avisado, o frio atordoou meu cérebro. Eu afundei, momentaneamente paralisado, sem ar nenhum nos pulmões. Meus tornozelos latejavam como se eu tivesse mergulhado em uma parede de tijolos. Mas pelo menos eu não estava morto.

Procurei ferimentos maiores. Quando se é um einherji, a gente fica especialista em identificar a própria dor. A gente pode estar cambaleando em um campo de batalha de Valhala, ferido mortalmente, prestes a dar o último suspiro, e ainda assim pensar calmamente: *Ah, então é essa a sensação de ter a caixa torácica esmagada. Interessante!*

Desta vez, eu tinha certeza de que havia quebrado o tornozelo esquerdo. O direito estava só torcido.

Coisa fácil de resolver. Conjurei o poder de Frey.

Como a luz do sol no verão, um calor se espalhou do meu peito até minhas pernas. A dor diminuiu. Eu não era tão bom em curar a mim mesmo quanto era em curar os outros, mas senti os tornozelos começando a melhorar, como se um bando de vespas simpáticas rastejasse sob minha pele, cobrindo as fraturas de lama, reconstituindo os ligamentos.

Ah, bem melhor, pensei enquanto flutuava pela escuridão fria. *Mas tem outra coisa que eu devia estar fazendo… Ah, é. Respirando.*

O cabo de Jacques cutucou minha mão como um cachorro querendo atenção. Fechei os dedos na empunhadura de couro e ele me puxou para cima, me tirando da água como uma Dama do Lago com propulsão a jato. Caí no convés do Old Ironsides, ofegante e trêmulo, ao lado dos meus amigos.

— Opa. — Percy deu um passo para trás. — Isso foi inusitado. Você está bem, Magnus?

— Estou — respondi, tossindo e parecendo um pato com bronquite.

Percy olhou as runas que brilhavam na espada.

— De onde veio essa espada?

— Oi, eu sou o Jacques! — apresentou-se Jacques.

Annabeth sufocou um grito.

— Ela fala?

— *Ela?* — perguntou Jacques. — Ei, moça, exijo respeito. Sou *Sumarbrander*! A Espada do Verão! A arma de Frey! Existo há milhares de anos! E sou homem!

Annabeth franziu a testa.

— Magnus, quando me contou sobre sua espada mágica, acho que você se esqueceu de mencionar que ela… hum… que *ele* fala.

— Esqueci? — Sinceramente, eu não conseguia lembrar.

Nas semanas anteriores, Jacques saiu por aí sozinho, fazendo o que espadas mágicas sencientes fazem no tempo livre. Percy e eu praticávamos com espadas de treino padrão do Hotel Valhala. Não me

ocorreu que Jacques poderia aparecer do nada e se apresentar. Além do mais, Jacques falar era a coisa *menos* estranha a respeito dele. Ele saber de cor todas as canções do musical *Jersey Boys*… *isso* sim era esquisito.

Alex Fierro parecia estar tentando não rir. Ele estava de rosa e verde hoje, como sempre, embora eu nunca tivesse visto aquela combinação antes: coturnos, jeans rosado ultra skinny, camisa verde-limão para fora da calça e gravata xadrez, frouxa como se fosse um colar. Com seu Ray-Ban de armação preta e grossa e o cabelo verde repicado, parecia ter saído de uma capa de disco de new wave de 1979.

— Seja educado, Magnus — disse ele. — Apresente seus amigos para a sua espada.

— Hã, tá. Jacques, estes são Percy e Annabeth. Eles são semideuses gregos.

— Ah… — Jacques não pareceu impressionado. — Já conheci Hércules.

— Quem nunca? — murmurou Annabeth.

— É verdade — admitiu Jacques. — Mas acho que, se vocês são amigos do Magnus…

Jacques ficou totalmente imóvel. Suas runas se apagaram. Então pulou da minha mão e voou na direção de Annabeth, a lâmina estremecendo como se farejasse o ar.

— Onde ela está? Onde você escondeu a gata?

Annabeth recuou na direção da amurada.

— Opa, calma aí, espada. Não tão perto!

— Jacques, comporte-se — disse Alex. — O que você está fazendo?

— Ela está em algum lugar aqui — insistiu Jacques, voando até Percy. — Ahá! O que você tem no bolso, garoto do mar?

— Oi? — Percy pareceu meio nervoso com o fato de a espada mágica estar pairando perto da cintura dele.

Alex baixou os óculos.

— Agora eu fiquei curioso. O que é que você tem no bolso, Percy? A espada quer saber.

Percy tirou uma caneta esferográfica de aparência comum do bolso da calça.

— Você está falando disto?

— A-HA! — exclamou Jacques. — Quem é essa belezinha?

— Jacques — falei. — Isso é uma caneta.

— Não, não é. Eu quero ver! Me mostra!

— Hã… claro.

Percy tirou a tampa da caneta.

Na mesma hora ela se transformou em uma espada de noventa centímetros com uma lâmina de bronze brilhante em formato de folha. Em comparação a Jacques, ela parecia delicada, quase *mignon*, mas pela forma como Percy brandia a arma, eu não tinha dúvida de que ele seria capaz de se defender com aquela coisa nos campos de batalha de Valhala.

Jacques virou a ponta na minha direção, suas runas brilhando em vermelho-escuro.

— Viu só, Magnus? Eu *disse* que não era idiotice carregar uma espada disfarçada de caneta!

— Eu nunca disse que era, Jacques! — protestei. — *Você* disse.

Percy ergueu a sobrancelha.

— Do que vocês estão falando?

— Nada, não — respondi rapidamente. — Esse é o famoso Contracorrente? Annabeth me contou sobre ele.

— Sobre *ela* — corrigiu Jacques.

Annabeth franziu a testa.

— A espada do Percy é menina?

Jacques riu.

— Ah, *dã*.

Percy observou Contracorrente. Por experiência própria, eu poderia ter dito a ele que era quase impossível saber o gênero de uma espada só de olhar para ela.

— Hum… — disse ele. — Você tem certeza…?

— Percy — interrompeu Alex. — Respeite o gênero.

— Tudo bem, tá. Só é meio estranho eu descobrir isso agora.

— Por outro lado — comentou Annabeth —, você não sabia que dava para *escrever* com a caneta até o ano passado.

— Golpe baixo, Sabidinha.

— Enfim! — interrompeu Jacques. — O importante é que Contracorrente está aqui agora, é linda e me conheceu! Talvez a gente possa… sabe como é… ter um momento a sós para falar sobre, er, assuntos de espada?

Alex deu um sorrisinho.

— Parece uma ideia maravilhosa. Que tal a gente deixar as espadas se conhecendo enquanto vamos almoçar? Magnus, acha que consegue comer falafel sem engasgar?

Dois

Sanduíches de falafel com Ragnarök

COMEMOS NO CONVÉS superior, na popa. (Vejam como eu conheço os termos náuticos.)

Depois de uma manhã difícil e cheia de fracassos, eu sentia que merecia meus bolinhos de grão-de-bico fritos com pão árabe, meu iogurte com fatias de pepino frio e meus kebabs de cordeiro muito apimentados. Annabeth tinha organizado o piquenique. Ela me conhecia muito bem.

Minhas roupas secaram rapidamente ao sol. Era gostoso sentir a brisa morna no rosto. Barcos a vela percorriam seus caminhos pelo porto e aviões cruzavam o céu azul, indo do aeroporto Logan para Nova York, Califórnia, Europa. Um certo ar de impaciência parecia pairar sobre toda a cidade de Boston, como uma sala de aula um minuto antes de o sinal bater, todos prontos para sair dali e aproveitar o verão.

Quanto a mim, tudo que eu queria era ficar em paz.

Contracorrente e Jacques estavam apoiados ali perto, em uma corda enrolada, os cabos encostados na borda do costado da embarcação. Contracorrente agia como um típico objeto inanimado, mas Jacques ia chegando mais perto, falando com ela, a lâmina brilhando no mesmo tom de bronze escuro da dela. Felizmente, Jacques estava acostumado com conversas unilaterais. Ele fazia piadas e elogios. Citava gente famosa sem parar.

— Sabe, certa vez eu estava em uma taverna com *Thor* e *Odin*…

Se Contracorrente ficou impressionada, não deixou transparecer.

Percy fez uma bolinha com o papel que embrulhava o falafel. Além de respirar debaixo d'água, o cara também tinha a capacidade de engolir qualquer comida em segundos sem engasgar.

— E então — disse ele —, quando é que vocês partem?

Alex ergueu a sobrancelha para mim como quem diz: *É, Magnus, quando é que a gente parte?*

Eu havia passado as duas últimas semanas tentando evitar esse assunto com Fierro, embora não tivesse tido muita sorte.

— Em breve — respondi. — Não sabemos exatamente para onde vamos, nem quanto tempo vamos demorar para chegar lá…

— História da minha vida — comentou Percy.

— … mas temos que encontrar o grande e horrendo navio da morte de Loki antes que ele parta no solstício de verão. Sabemos que está ancorado em algum lugar na fronteira entre Niflheim e Jötunheim. Estimamos que vá levar duas semanas para navegarmos essa distância.

— Isso quer dizer que já devíamos ter partido — disse Alex. — Nós temos que ir embora até o final da semana, prontos ou não.

Vi o reflexo do meu rosto preocupado nas lentes escuras dos óculos de sol dele. Nós dois sabíamos que estávamos tão longe de "estar prontos" quanto estávamos de Niflheim.

Annabeth cruzou as pernas. O cabelo louro e comprido estava preso em um rabo de cavalo. FACULDADE DE DESIGN AMBIENTAL, UC BERKELEY estava escrito em letras amarelas em sua camiseta azul-escura.

— Heróis nunca estão prontos, não é? — disse ela. — A gente só tenta fazer o melhor possível.

Percy assentiu.

— É. Normalmente, dá certo. Ainda não morremos.

— Embora você não pare de *tentar*.

Annabeth deu uma cotovelada leve em Percy, que respondeu passando o braço pelos ombros dela.

Ela se aninhou no seu peito, e Percy beijou as mechas louras do topo da cabeça dela.

Essa demonstração de afeto me fez sentir um aperto no peito.

Era bom ver minha prima tão feliz, mas ao mesmo tempo isso me lembrava quantas coisas estavam em jogo caso eu não conseguisse impedir Loki.

Alex e eu já tínhamos morrido. Nós nunca envelheceríamos. Moraríamos em Valhala até o dia do Juízo Final (a não ser que morrêssemos fora do hotel antes disso). A melhor vida que poderíamos esperar era treinar para o Ragnarök, adiar a batalha inevitável o máximo de séculos possível e, um dia, marchar de Valhala com o exército de Odin e ter uma morte gloriosa enquanto os nove mundos queimavam à nossa volta. Divertido.

Mas Annabeth e Percy tinham chance de levar uma vida normal. Ambos já haviam concluído o ensino médio, a época mais perigosa para os semideuses gregos, segundo Annabeth. No outono, os dois iriam para a faculdade na Costa Oeste. Se conseguissem sobreviver a *isso*, tinham boas chances de sobreviver à vida adulta. Conseguiriam viver no mundo mortal sem serem atacados por monstros a cada cinco minutos.

A não ser que meus amigos e eu não conseguíssemos impedir Loki, e nesse caso o mundo (*todos* os mundos) terminaria em poucas semanas. Mas, sabe como é… sem pressão.

Coloquei meu sanduíche de lado. Nem falafel conseguia me animar.

— E quanto a vocês? — perguntei. — Vão voltar direto para Nova York hoje?

— Aham — disse Percy. — Vou ficar de babá hoje à noite. Mal posso esperar!

— Ah, é. Você vai tomar conta da sua irmãzinha.

Mais uma vida importante na balança, pensei.

Mas consegui abrir um sorriso.

— Parabéns, cara. Qual é o nome dela?

— Estelle. Era o nome da minha avó. Hã, do lado materno, claro. Não de Poseidon.

— Eu gostei — disse Alex. — Clássico e elegante. Estelle Jackson.

— Bom, Estelle *Blofis*, na verdade — corrigiu Percy. — Meu padrasto se chama Paul Blofis. Não posso fazer muito quanto ao sobrenome, mas minha irmãzinha é incrível. Tem cinco dedos em cada mão. Cinco em cada pé. Dois olhos. Baba muito.

— Igual ao irmão — comentou Annabeth.

Alex riu.

Eu conseguia imaginar Percy balançando a pequena Estelle nos braços, cantando “Aqui no mar”, de *A pequena sereia*. Isso me deixou ainda mais infeliz.

Eu precisava achar uma forma de proporcionar à pequena Estelle anos suficientes para que tivesse uma boa vida. Precisava encontrar o navio demoníaco de Loki, cheio de guerreiros zumbis, impedi-lo de zarpar e dar início ao Ragnarök. Depois, recapturar Loki e acorrentá-lo novamente para que não provocasse mais nenhuma maldade incendiária no mundo. (Ou pelo menos uma quantidade *menor* de maldades incendiárias no mundo.)

— Ei. — Alex jogou um pedaço de pão árabe em mim. — Para de fazer essa cara de enterro.

— Desculpa. — Tentei parecer mais alegre. Não era algo tão fácil quanto curar meu tornozelo com pura força de vontade. — Mal posso esperar para conhecer Estelle depois que voltarmos da missão. E agradeço a vocês por terem vindo até Boston. De verdade.

Percy olhou para Jacques, que ainda estava dando em cima de Contracorrente.

— Desculpa não ter conseguido ajudar mais. O mar é — ele deu de ombros — meio imprevisível.

Alex esticou as pernas.

— Pelo menos Magnus caiu bem melhor na segunda vez. Se o pior acontecer, eu sempre posso virar golfinho e salvar o pobre coitado.

Os cantos da boca de Percy estremeceram.

— Você consegue se transformar em golfinho?

— Eu sou filho de Loki. Quer ver?

— Não, eu acredito. — Percy olhou para o horizonte. — Tenho um amigo chamado Frank que é metamorfo. Ele também sabe virar golfinho. Ou um peixinho-dourado gigante.

Imaginar Alex Fierro em forma de carpa gigante cor-de-rosa e verde me fez estremecer.

— A gente vai dar um jeito. Temos uma boa equipe.

— Isso é importante — concordou Percy. — Provavelmente mais importante do que ter habilidades marinhas…

Ele se empertigou e franziu a testa.

Annabeth se desencostou dele.

— Ih… Conheço essa cara. Você teve uma ideia.

— Eu me lembrei de uma coisa que meu pai disse…

Percy se levantou. Andou até sua espada, interrompendo Jacques no meio de uma história fascinante sobre quando ele fez um bordado em uma gigantesca bolsa de boliche. Percy pegou Contracorrente e observou a lâmina.

— Ei, cara! — reclamou Jacques. — A gente estava batendo um papo ótimo aqui.

— Desculpa, Jacques. — Percy tirou a tampa da caneta do bolso e encostou na ponta da espada. Com um ruído baixinho, Contracorrente encolheu e virou caneta outra vez. — Poseidon e eu tivemos essa conversa sobre armas uma vez. Ele disse que todos os deuses do mar têm uma coisa em comum: são muito vaidosos e possessivos quando o assunto são seus objetos mágicos.

Annabeth revirou os olhos.

— Dá para falar isso de *todos* os deuses que já conhecemos.

— Verdade — admitiu Percy. — Mas é ainda pior quando se trata dos deuses do mar. Tritão *dorme* com o trompete de concha. Galateia passa a maior parte do tempo polindo a sela mágica de cavalo-marinho. E meu pai é superparanoico de perder o tridente.

Pensei no meu único encontro com uma deusa do mar nórdica. Não terminou muito bem. Ran prometeu acabar comigo se eu navegasse por suas águas de novo. E ela era *mesmo* obcecada por suas redes mágicas e pela coleção de lixo que carregava nelas. Graças a isso consegui enganá-la para que me devolvesse minha espada.

— Está dizendo que vou ter que usar os objetos deles contra eles — supus.

— Isso mesmo — disse Percy. — Além do mais, aquilo que você disse sobre ter uma boa equipe… ser filho de um deus do mar não foi o suficiente para me salvar em várias ocasiões, mesmo debaixo d'água. Uma vez, meu amigo Jason e eu fomos puxados para o fundo do mar Mediterrâneo por uma deusa da tempestade, Cimopoleia. Eu não consegui fazer nada. Jason me salvou ao propor criar cards colecionáveis e *action figures* dela.

Alex quase engasgou com o falafel.

— *O quê?*

— A questão — continuou Percy — é que mesmo não sabendo nada sobre o mar, ainda assim Jason me salvou. Foi meio constrangedor.

Annabeth deu um sorrisinho.

— Parece que sim. Eu nunca ouvi os detalhes dessa história.

As orelhas de Percy ficaram tão cor-de-rosa quando a calça de Alex.

— Talvez a gente esteja encarando isso do jeito errado. Eu estava tentando ensinar habilidades marinhas a você. Só que o mais importante é usar o que você tiver a mão: sua equipe, sua inteligência, os objetos mágicos do seu inimigo.

— E não dá para se planejar para coisas assim — concluí.

— Exatamente! — disse Percy. — Meu trabalho aqui está feito.

Annabeth franziu a testa.

— Mas, Percy, você está dizendo que o melhor plano é não ter plano. Como filha de Atena, não posso concordar com isso.

— É. E, falando por mim — disse Alex —, eu ainda gosto do *meu* plano de virar um mamífero marinho.

Percy ergueu as mãos.

— Só estou dizendo que o semideus mais poderoso da nossa geração está sentado aqui, e não sou eu. — Ele indicou Annabeth. — A Sabidinha aí não sabe se metamorfosear, respirar embaixo da água e nem falar com pégasos. Não sabe voar nem é superforte. Mas é inteligente *pra caramba* e boa em improvisação. É isso o que a torna mortífera. Não importa se ela está na terra, na água, no ar ou no Tártaro. Magnus, acho que, em vez de ter passado o fim de semana todo treinando comigo, você devia ter treinado com Annabeth.

Os olhos cinzentos e tempestuosos de Annabeth eram difíceis de interpretar. Por fim, ela disse:

— Tá, isso foi fofo.

Ela beijou a bochecha de Percy.

Alex assentiu.

— Nada mal, Cabeça de Alga.

— Não me venha com esse apelido também — murmurou Percy.

Um som alto, acho que de portas de armazém se abrindo, veio do píer. Vozes ecoaram nas laterais dos prédios.

— Essa é nossa deixa para ir embora — falei. — Este navio acabou de voltar da doca seca. Vão reabrir ao público esta noite com uma grande cerimônia.

— É — concordou Alex. — O *glamour* não vai camuflar nossa presença quando a tripulação toda estiver a bordo.

Percy ergueu a sobrancelha.

— Glamour? Você está falando da sua roupa?

Alex riu.

— Não. *Glamour* é uma magia ilusória. É a força que obscurece a visão dos mortais.

— Hã — disse Percy. — Nós chamamos isso de Névoa.

Annabeth deu um tapinha na cabeça de Percy.

— Seja lá qual for o nome, precisamos ir logo. Vem cá me ajudar a arrumar tudo.

Alcançamos o final da prancha de acesso no momento em que os primeiros marinheiros chegaram. Jacques flutuava à nossa frente, brilhando em cores diferentes e cantando “Walk Like a Man” com um falsete horrível. Alex mudou de forma, passando para guepardo e logo depois para flamingo. (Ele é um ótimo flamingo.)

Os marinheiros olharam para nosso grupo com expressões de confusão, mas ninguém perguntou o que estávamos fazendo ali.

Quando saímos do porto, Jacques se transformou em pingente de runa. Então caiu na minha mão, e eu o prendi no cordão. Não era do feitio dele calar a boca assim tão de repente. Talvez estivesse chateado porque o encontro com Contracorrente tinha sido interrompido muito bruscamente.

Enquanto andávamos pela rua Constitution, Percy se virou para mim.

— O que foi aquilo lá atrás? A metamorfose, a espada cantante? Vocês estavam *querendo* ser pegos?

— Claro que não — respondi. — Os mortais ficam ainda mais confusos quando veem objetos mágicos e estranhos. — Eu me senti bem por poder ensinar alguma coisa a *ele*. — Dá uma espécie de curto-circuito no cérebro deles, faz com que evitem a gente.

— Ah. — Annabeth balançou a cabeça. — Passamos todos esses anos sendo discretos quando poderíamos ter agido com naturalidade?

— Vocês deviam fazer isso *sempre*. — Alex andava ao meu lado, novamente em forma humana, embora ainda tivesse algumas penas de flamingo grudadas na cabeça. — Sejam esquisitos com orgulho, gente.

— Vou me lembrar disso — disse Percy.

— Lembra mesmo.

Paramos na esquina, onde o Toyota Prius de Percy estava estacionado diante de um parquímetro. Trocamos um aperto de mão e Annabeth me deu um abraço.

Minha prima segurou meus ombros. Observou meu rosto com olhos cinzentos e estreitos de preocupação.

— Se cuida, Magnus. Você *vai* ficar bem. É uma ordem.

— Sim, senhora — prometi. — Os Chase têm que permanecer unidos.

— Falando nisso… — Ela baixou a voz. — Você já foi lá?

Senti como se estivesse em queda livre outra vez, despencando para uma morte dolorosa.

— Ainda não — admiti. — Vou hoje. Prometo.

A última visão que tive de Percy e Annabeth foi quando o Prius dobrou a esquina na Primeira Avenida, enquanto Percy cantava junto com Led Zeppelin no rádio e Annabeth ria da voz desafinada dele.

Alex cruzou os braços.

— Se aqueles dois fossem mais fofos juntos, provocariam uma explosão nuclear de fofura e destruiriam a Costa Leste.

— Isso era para ser um elogio? — perguntei.

— Provavelmente o mais perto disso que *você* vai ouvir na vida. — Ele olhou para mim. — Você prometeu a Annabeth que iria aonde?

O gosto que eu tinha na boca era como se tivesse mastigado papel-alumínio.

— Na casa do meu tio. Tem uma coisa que eu preciso fazer por lá.

— Ahhh. — Alex assentiu. — Eu odeio aquele lugar.

Eu vinha adiando a tarefa havia semanas. Não queria ir sozinho. Também não queria pedir a nenhum dos meus outros amigos: Samirah, Hearthstone, Blitzen e nem o restante da galera do andar dezenove do Hotel Valhala. Aquilo era pessoal demais, doloroso demais. Mas Alex já tinha ido comigo à mansão Chase. A ideia de tê-lo como companhia não me incomodava. Na verdade, fiquei surpreso ao perceber quanto eu *queria* que ele fosse junto.

— Hã… — Eu pigarreei, me livrando dos restos de falafel e de água do mar da garganta. — Quer ir comigo a uma mansão sinistra vasculhar os pertences de um cara morto?

Alex abriu um sorriso.

— Achei que você nunca fosse me convidar.

Três

Eu herdo um lobo morto e umas cuecas

— **ISSO É NOVIDADE** — disse Alex.

A porta da frente da casa de tijolinhos tinha sido arrombada; a tranca, arrancada da parede. No saguão, caído sobre o tapete oriental, havia a carcaça de um lobo.

Estremeci.

Não dava para golpear com um machado em nenhum lugar dos nove mundos sem acertar algum tipo de lobo: Fenrir, os lobos de Odin, os lobos de Loki, lobisomens, lobos maus e lobos autônomos microempreendedores que matariam qualquer um pelo preço certo.

O lobo morto no saguão do tio Randolph parecia um dos que tinham atacado minha mãe dois anos antes, na noite em que ela morreu.

Fiapos de luminescência azul se agarravam ao pelo preto desgrenhado, a boca estava contorcida em um rosnar permanente. No topo da cabeça, cauterizada na pele, havia uma runa viking, mas o pelo em volta estava tão queimado que eu não conseguia identificar o símbolo. Meu amigo Hearthstone talvez soubesse dizer.

Alex contornou a carcaça do tamanho de um pônei. Chutou as costelas do lobo. A criatura permaneceu prestativamente morta.

— O corpo ainda não se dissolveu — observou ele. — Normalmente, monstros se desintegram logo depois que morrem. Ainda dá para sentir o cheiro de pelo queimado. Deve ter sido recente.

— Acha que a runa era algum tipo de armadilha?

Alex deu um sorrisinho.

— Acho que seu tio sabia uma ou duas coisinhas sobre magia. O lobo pisou no tapete, a runa disparou e BAM!

Eu me lembrei de todas as vezes que, quando era sem-teto, invadi a casa do tio Randolph quando ele não estava para roubar comida, vasculhar o escritório dele ou só para irritar. Eu nunca levei um *bam*. Sempre considerei Randolph um fracasso em segurança doméstica. Naquele momento, comecei a ficar enjoado ao me perguntar se podia ter acabado morto no capacho com uma runa queimada na testa.

Teria sido essa armadilha o motivo para o testamento de Randolph ter sido tão específico sobre Annabeth e eu precisarmos visitar a propriedade antes de tomarmos posse? Randolph teria tentado se vingar do além?

— Você acha que é seguro explorar o restante da casa? — perguntei.

— Acho que não — disse Alex, animado. — Vamos nessa.

Não encontramos mais nenhum lobo morto no primeiro andar. Nenhuma runa explodiu na nossa cara. A coisa mais horrenda que descobrimos foi a geladeira do tio Randolph, na qual iogurte e leite de soja vencidos e cenouras mofadas estavam prestes a se tornar uma sociedade pré-industrial. Randolph nem deixou chocolate na despensa para mim, o maldito.

No segundo andar, nada tinha mudado. No escritório do meu tio, o sol entrava pelo vitral, projetando uma luz vermelha e laranja pelas estantes e artefatos vikings expostos. Em um dos cantos, uma grande runa entalhada com a cara vermelha e rosnante de um lobo (naturalmente). Mapas caindo aos pedaços e pergaminhos amarelados e desbotados cobriam a escrivaninha de Randolph. Passei os olhos pelos documentos em busca de alguma novidade, alguma coisa importante, mas não vi nada que já não tivesse visto em minha última visita.

Eu me lembrei das palavras no testamento de Randolph, que Annabeth tinha enviado para mim.

É urgente, declarara Randolph, *que meu amado sobrinho Magnus examine meus pertences mundanos o mais rápido possível. É necessário que ele dê especial atenção aos papéis.*

Eu não sabia por que ele havia colocado tais frases no testamento. Nas gavetas, não encontrei nenhuma carta endereçada a mim, nenhum pedido de desculpas sincero dizendo *Querido Magnus, sinto muito por ter mandado matá-lo, depois traído você ao ficar do lado de Loki, esfaqueado seu amigo Blitzen e então quase ter matado você de novo.*

Ele não deixou nem a senha do wi-fi da mansão.

Olhei pela janela do escritório. Do outro lado da rua, no Commonwealth Mall, as pessoas passeavam com os cachorros, jogavam frisbee e curtiam o dia de sol. A estátua de Leif Erikson continuava em seu pedestal, ostentando com orgulho o sutiã de metal, observando o tráfego na rua Charlesgate e provavelmente se perguntando por que não estava na Escandinávia.

— Então… — Alex se aproximou de mim. — Você vai herdar isso tudo?

Ao longo da nossa caminhada até lá, contei para ele o básico sobre o testamento do tio Randolph, mas Alex ainda parecia incrédulo, quase ofendido.

— Randolph deixou a casa para Annabeth e para mim — falei. — Só que, tecnicamente, eu estou morto, o que quer dizer que é tudo de Annabeth. Os advogados de Randolph fizeram contato com o pai de Annabeth, que contou para ela, que contou para mim. Ela pediu que eu desse uma olhada e — eu dei de ombros — decidisse o que fazer com este lugar.

Na estante mais próxima, Alex pegou um porta-retratos com uma foto do tio Randolph com a esposa e as filhas. Eu não conheci Caroline, Emma e Aubrey. Elas morreram num naufrágio durante uma tempestade, anos antes. Mas eu as tinha visto nos meus pesadelos. Sabia que foram a moeda

de troca que Loki usou para convencer meu tio, prometendo a Randolph que ele veria a família de novo se o ajudasse a escapar das correntes… E, de certa forma, Loki falou a verdade. Na última vez que vi tio Randolph, ele estava caindo em um abismo direto para Helheim, a terra dos mortos desonrados.

Alex virou o porta-retratos, esperando talvez encontrar um bilhete secreto no verso. Na última vez que fomos àquele escritório, encontramos um convite de casamento escondido assim; um convite que, por sinal, nos trouxe todo tipo de problema. Desta vez, não havia mensagem escondida, apenas papelão, uma visão que causava bem menos sofrimento do que os rostos sorridentes dos meus parentes mortos.

Alex colocou o porta-retratos de volta no lugar.

— Annabeth não liga para o que você vai fazer com a casa?

— Não. Ela já tem muita coisa na cabeça com a faculdade e, você sabe, as questões de semideusa. Só quer que eu avise se encontrar alguma coisa interessante: álbuns de fotos antigos, relíquias de família, esse tipo de coisa.

Alex franziu o nariz.

— Relíquias de família. — O rosto dele tinha a mesma expressão um pouco enojada e um pouco intrigada de quando chutou o lobo morto. — O que tem no andar de cima?

— Não sei direito. Quando eu era criança, nós não tínhamos permissão de ir além dos dois primeiros andares. E, nas poucas vezes que invadi a casa mais recentemente… — Dei de ombros. — Acho que nunca fui tão longe.

Alex me olhou por cima dos óculos, o olho castanho e o olho âmbar como luas díspares subindo no horizonte.

— Parece interessante. Vamos.

O terceiro andar abrigava dois quartos grandes. O da frente estava impecavelmente limpo, frio e impessoal. Tinha duas camas de solteiro.

Uma cômoda. Paredes vazias. Talvez fosse um quarto de hóspedes, embora eu duvidasse de que Randolph recebesse muita gente. Ou talvez tivesse sido o quarto de Emma e Aubrey. Se foi, Randolph removera todos os vestígios de ambas, deixando um buraco vazio no meio da casa. Não ficamos muito tempo ali.

O segundo quarto devia ter sido o de Randolph. Tinha o cheiro da colônia de cravo antiquada que ele usava. Havia pilhas de livros mofados junto às paredes. Embalagens de chocolate enchiam a cesta de lixo. Randolph provavelmente comera o estoque todo antes de sair de casa para ajudar Loki a destruir o mundo.

Mas não dava para culpá-lo. É como eu sempre digo: *Chocolate primeiro, destruir o mundo depois.*

Alex pulou na cama de dossel, quicou e sorriu quando as molas rangeram.

— O que você está fazendo? — perguntei.

— Barulho. — Ele se inclinou e mexeu na gaveta da mesa de cabeceira de Randolph. — Vejamos. Pastilhas para tosse. Clipes de papel. Bolinhas de lenço de papel nas quais não vou tocar. E… — Ele assobiou. — Remédio para prisão de ventre! Magnus, tudo isso pertence a você!

— Você é uma pessoa estranha.

— Eu prefiro pessoa *fabulosamente esquisita*.

Nós vasculhamos o restante do quarto, apesar de eu não saber o que estava procurando. *Especial atenção aos papéis*, dizia o testamento de Randolph. Eu duvidava de que ele estivesse falando dos lenços amassados.

Annabeth não tinha conseguido arrancar muitas informações dos advogados de Randolph. Aparentemente nosso tio revisara o testamento pouco antes de morrer. Isso poderia significar que Randolph sabia que seu fim estava próximo, que ele sentiu uma pontada de culpa por ter me traído e então quis me deixar algum tipo de mensagem final. Ou que ele tinha revisado o testamento sob as ordens de Loki. Mas se tudo isso era uma

armadilha para me atrair até a mansão, por que havia um lobo morto no saguão?

Não encontrei nenhum papel secreto no armário de Randolph. O banheiro não tinha nada de mais, exceto por uma coleção impressionante de frascos de Listerine pela metade. A gaveta de roupa íntima estava lotada de cuecas azul-marinho suficientes para vestir um esquadrão de Randolphs: todas estilo sunga, engomadas, passadas e dobradas. Algumas coisas desafiam qualquer explicação.

No quarto andar, mais dois quartos vazios. Nada perigoso como lobos, runas explosivas ou cuecas de gente velha.

O último andar era uma biblioteca ainda maior do que a que havia no escritório de Randolph. Uma coleção desorganizada de romances ocupava as prateleiras. Havia uma copa num canto do aposento, com frigobar e chaleira elétrica e — MALDITO SEJA, RANDOLPH! — nenhum chocolate. As janelas tinham vista para os telhados de telhas verdes de Back Bay, e uma escada levava para o que eu supunha ser o terraço.

Uma poltrona de couro que parecia ser confortável estava virada para a lareira. No centro da moldura de mármore havia (é claro) uma cabeça de lobo rosnando. Na cornija, em um tripé, havia um chifre de bebida nórdico cuja borda de prata estava cheia de desenhos de runas e, preso a ele, uma tira de couro. Eu tinha visto milhares de chifres assim em Valhala, mas fiquei surpreso de encontrar um ali. Randolph nunca me pareceu do tipo que bebia hidromel. Talvez usasse para beber chá Earl Grey.

— *Madre de Dios* — disse Alex.

Olhei para ele. Era a primeira vez que eu o ouvia falar espanhol.

Ele indicou uma das fotos na parede e abriu um sorriso malicioso.

— *Por favor*, diga que esse aqui é você.

Era uma foto da minha mãe com o cabelo curto de sempre e um sorriso radiante, vestindo calça jeans e camisa de flanela. Estava de pé no tronco oco de uma figueira, segurando um Magnus bebê virado para a câmera;

meu cabelo era um tufo louro platinado, minha boca brilhava de baba e meus olhos cinzentos estavam arregalados como quem diz: *O que é que eu estou fazendo aqui?*

— Eu mesmo — admiti.

— Você era *tão* fofo! — Alex olhou para mim. — O que aconteceu?

— Ha, ha.

Olhei para a parede cheia de fotos. Fiquei surpreso por tio Randolph ter uma foto minha com a minha mãe à vista sempre que se sentasse na poltrona, quase como se realmente gostasse de nós.

Outra foto exibia os irmãos Chase quando crianças, Natalie, Frederick e Randolph, os três usando uniformes militares da Segunda Guerra Mundial, segurando rifles de mentira. Halloween, provavelmente. Ao lado havia uma foto dos meus avós: um casal de testa franzida e cabelos brancos vestindo as extravagantes roupas xadrez dos anos 1970, como se estivessem prontos para ir à igreja ou à discoteca dos cidadãos da terceira idade.

Preciso confessar: eu tinha dificuldade de identificar quem era meu avô e quem era minha avó. Eles morreram antes que eu pudesse conhecê-los, mas, pelas fotos, dava para ver que eram um daqueles casais que ao longo dos anos vão ficando parecidos a ponto de serem praticamente indistinguíveis. Tinham o mesmo cabelo branco em formato de capacete. Os mesmos óculos. Os mesmos bigodes pontudos. Na foto, alguns artefatos vikings, inclusive o chifre de hidromel que agora se via acima da lareira de Randolph, estavam pendurados na parede atrás deles. Eu não fazia ideia de que meus avós gostavam de coisas nórdicas também. Fiquei me perguntando se tinham viajado pelos nove mundos. Isso explicaria as expressões confusas e meio vesgas.

Alex avaliou os livros nas estantes.

— Algo de bom? — perguntei.

— *O senhor dos anéis*. Nada mal. Sylvia Plath. Legal. Ah, *A mão esquerda da escuridão*. Eu adoro esse livro. O resto… meh. A coleção dele tem homens brancos mortos demais para o meu gosto.

— Eu sou um homem branco morto — comentei.

Alex ergueu a sobrancelha.

— Aham, você é.

Eu não sabia que Alex gostava de ler. Fiquei tentado a perguntar se ele gostava de alguns dos meus livros favoritos: *Scott Pilgrim* ou *Sandman*. Eram dois livros fabulosamente esquisitos, mas talvez aquela não fosse a melhor hora para começarmos um clube do livro.

Procurei diários ou compartimentos escondidos nas estantes.

Alex subiu até o último lance de escada. Então olhou para cima e ficou tão verde quanto o cabelo.

— Ei, Magnus. Acho que talvez você devesse ver isso.

Eu me aproximei dele.

No alto da escada, uma escotilha abobadada de acrílico levava ao telhado. E, do outro lado, andando de um lado para outro, havia outro lobo raivoso.

Quatro

Mas veja só: se você agir agora, o segundo lobo é de *graça*!

— **COMO VOCÊ QUER** lidar com isso? — perguntei.

Dos aros do cinto, Alex tirou o fio dourado que tinha a função tripla de acessório da moda, cortador de argila e garrote.

— Eu estava pensando em matá-lo.

O lobo rosnou e passou as unhas na escotilha. Runas mágicas brilharam no acrílico. O pelo do focinho do animal já estava soltando fumaça e chamuscado de tentativas anteriores de entrar.

Eu me perguntei quanto tempo havia que aquele lobo estava no telhado e por que não tentara entrar de outra forma. Talvez não quisesse acabar morto como o amigo no andar de baixo. Ou talvez estivesse interessado apenas naquele aposento.

— Ele quer alguma coisa…

— Nos matar — disse Alex. — E é por isso que a gente deveria matá-lo primeiro. Você quer abrir a escotilha ou…?

— Espere. — Normalmente, eu seria a favor de matar um lobo azul-cintilante, mas alguma coisa naquele animal me incomodava… Seus olhos frios e escuros pareciam nos ignorar, como se o lobo estivesse procurando uma presa diferente. — E se nós deixarmos ele entrar?

Alex olhou para mim como se eu estivesse louco. Ele fazia isso com muita frequência.

— Você quer oferecer uma xícara de chá também? Quem sabe emprestar um livro?

— Ele deve estar aqui em uma missão — insisti. — Alguém mandou esses lobos para buscar alguma coisa. Pode ser a mesma coisa que estou procurando.

Alex refletiu.

— Você acha que Loki mandou os lobos.

Eu dei de ombros.

— Quem mais teria mandado?

— E se a gente deixar o lobo entrar, você acha que ele pode ir direto para o que veio caçar.

— Tenho quase certeza de que ele não veio buscar o remédio para prisão de ventre.

Alex afrouxou ainda mais a gravata xadrez.

— Certo. Nós abrimos a escotilha, vemos aonde o lobo vai e *aí* matamos ele.

— Isso.

Tirei o pingente de runa do pescoço. Jacques assumiu a forma de espada, embora parecesse mais pesado do que o habitual, como uma criança fazendo birra em uma loja de departamentos.

— O que você quer agora? — Jacques suspirou. — Não vê que estou morrendo de coração partido?

Eu poderia ter comentado que ele não podia morrer e que não tinha um coração de verdade, mas achei que seria crueldade.

— Desculpa, Jacques. Nós temos um lobo para matar.

Eu expliquei o que estava acontecendo.

A lâmina de Jacques brilhou em tom violeta.

— Você viu quão afiada era a lâmina da Contracorrente? — perguntou ele em tom sonhador. — Você viu?

— Vi. Muito afiada. Agora, que tal a gente impedir Loki de partir com o poderoso navio da morte e iniciar o Ragnarök? Depois, pode ser que a gente consiga marcar um segundo encontro entre você e Contracorrente.

Outro suspiro.

— Lobo. Telhado. Escotilha. Entendi.

Olhei para Alex e sufoquei um grito. Enquanto não estava olhando, ele tinha se transformado em um enorme lobo cinzento.

— É realmente *necessário* virar um animal quando estou de costas? — perguntei.

Alex mostrou os dentes em um sorriso canino. Ele apontou com o focinho para o alto da escada como quem diz: *O que você está esperando? Sou um lobo. Não posso abrir a escotilha.*

Subi até lá. Era abafado como o interior de uma estufa. Do outro lado da barreira de acrílico, o lobo farejou e tentou morder, deixando filetes de baba e arranhões na superfície. As runas da barreira protetora deviam estar com um gosto ótimo. Estar perto assim de um lobo inimigo fez os pelos da minha nuca se eriçarem.

O que aconteceria se eu abrisse a escotilha? As runas me matariam? Matariam o lobo? Ou seriam desativadas se eu deixasse o lobo entrar por livre e espontânea vontade, já que era a coisa mais idiota que eu podia fazer?

O lobo babou no acrílico.

— Oi, amigão — falei.

Jacques zumbiu na minha mão.

— O quê?

— Não você, Jacques. Estou falando com o lobo. — Eu sorri para o animal, mas aí lembrei que mostrar os dentes não era um gesto muito amigável para os caninos. Então fiz beicinho. — Vou deixar você entrar. Isso não vai ser legal? Aí você vai poder pegar o que veio buscar, pois sei que você não veio aqui me matar, né?

O rosnado do lobo não foi tranquilizador.

— Tudo bem — falei. — Um, dois, três!

Empurrei a escotilha com toda a minha força de einherji, jogando o lobo para trás quando saí para o terraço. Deu tempo de notar uma churrasqueira, hibiscos floridos e duas espreguiçadeiras com uma vista incrível do rio Charles. Tive vontade de dar uns tapas no tio Randolph por nunca ter me contado que tinha um lugar tão legal para festas.

O lobo saiu de trás da escotilha e rosnou, o pelo eriçado como uma nadadeira dorsal desgrenhada. Um dos olhos estava fechado de tão inchado, a pálpebra queimada por causa do contato com a armadilha de runas do meu tio.

— Agora? — perguntou Jacques sem nem um pingo de entusiasmo.

— Ainda não.

Flexionei os joelhos, pronto para entrar em ação. Eu mostraria àquele lobo como podia lutar bem… ou, sabe como é, como podia fugir rápido, dependendo do que a situação pedisse.

O lobo me observou com o olho bom, rosnou com desdém e correu para a escada, entrando na casa.

Não sabia se ficava aliviado ou se me sentia insultado.

Eu corri atrás dele. Quando cheguei ao pé da escada, Alex e o outro lobo estavam trocando rosnados no meio da biblioteca. Mostravam os dentes e se encaravam, procurando sinais de medo ou fraqueza. O lobo azul era bem maior. Os filetes de néon que cintilavam no pelo lhe davam certo ar descolado. Mas ele também estava cego de um olho e mancando de dor. Alex, por ser Alex, não parecia nem um pouco intimidado. Ele se manteve firme enquanto o outro lobo o rodeava.

Quando nosso visitante azul ficou confiante de que Alex não atacaria, ele ergueu o focinho e farejou o ar. Eu esperava que corresse para as estantes e mastigasse algum livro secreto de mapas náuticos, ou talvez um exemplar de *Como deter o navio dos mortos de Loki para leigos*. Mas o

lobo disparou na direção da lareira, pulou na prateleira e abocanhou o chifre de hidromel.

Uma parte lerda do meu cérebro pensou: *Ei, acho que eu devia impedir isso.*

Alex estava mais adiantado. Em um movimento fluido, ele voltou à forma humana, deu um passo à frente e atacou com o garrote como se estivesse jogando uma bola de boliche. (Na verdade, foi bem mais gracioso que isso. Eu já tinha visto Alex jogar boliche e não era nada bonito.) O fio dourado se enrolou no pescoço do lobo. Com um puxão, Alex curou o animal de qualquer problema futuro de dor de cabeça.

A carcaça decapitada caiu no carpete, começou a chiar e se desintegrou até restarem apenas o chifre e alguns tufos de pelo.

A lâmina de Jacques ficou pesada na minha mão.

— Tudo bem, então — disse ele. — Parece que você não precisou de mim, afinal de contas. Vou voltar a escrever poesias de amor e me acabar de chorar.

Jacques voltou a ser um pingente de runa.

Alex se agachou ao lado do chifre.

— Alguma ideia de por que um lobo iria querer um item decorativo?

Eu me ajoelhei ao lado dele, peguei o chifre e olhei pela abertura. Enfiado lá dentro, enrolado, estava um livrinho de couro que parecia um diário. Eu o peguei e folheei: desenhos de runas vikings se intercalavam com parágrafos escritos com a letra pequena do tio Randolph.

— Acho que encontramos o autor branco morto certo.

• • •

Nós nos recostamos nas espreguiçadeiras do terraço.

Enquanto eu folheava o diário do meu tio para tentar entender os desenhos desvairados de runas e o texto louco e quase ilegível, Alex

relaxava e bebia suco de goiaba no chifre de hidromel.

Por que tio Randolph tinha suco de goiaba no frigobar da biblioteca, eu não fazia ideia.

De tempos em tempos, só para me irritar, Alex bebia com entusiasmo exagerado e estalava os lábios.

— *Ahhhh.*

— Tem certeza de que é seguro beber nesse chifre? — perguntei. — Pode ser amaldiçoado, sei lá.

Alex agarrou o pescoço e fingiu se engasgar.

— Ah, não! Estou virando um sapo!

— Por favor, não.

Ele apontou para o diário.

— Alguma sorte com isso aí?

Olhei para as páginas. Runas dançavam diante dos meus olhos. As anotações eram uma mistura de línguas: norueguês antigo, sueco e algumas que eu não conseguia nem adivinhar. Não que as passagens em inglês fizessem mais sentido para mim. Era como se eu estivesse tentando ler um livro de física quântica avançada de trás para a frente em um espelho.

— A maior parte eu não consigo entender — admiti. — As primeiras páginas parecem ser da época em que Randolph estava procurando pela Espada do Verão. Reconheço algumas referências. Mas aqui, no final…

As últimas páginas foram escritas com pressa. A caligrafia de Randolph ficou trêmula e frenética. Manchas de sangue seco salpicavam o papel. Eu lembrei que, na tumba dos zumbis vikings em Provincetown, vários dedos de Randolph foram cortados. Aquelas páginas podiam ter sido escritas depois, com a outra mão. As letras trêmulas lembravam meus garranchos do ensino fundamental, quando a professora me obrigava a usar a mão direita.

Na última página, Randolph rabiscou meu nome: *Magnus*.

Debaixo dele, desenhou duas serpentes entrelaçadas formando um oito. A qualidade era péssima, mas reconheci o símbolo na mesma hora. Alex tinha um desenho idêntico tatuado na nuca: o símbolo de Loki.

Em seguida havia um termo que supus ser norueguês antigo: *mjöð*. Depois, algumas anotações em inglês: *Talvez impeça L. Pedra de amolar de Bolverk > guardiões. Onde?*

A última palavra estava inclinada, e o ponto de interrogação era um rabisco desesperado.

— O que você acha disso?

Eu passei o diário para Alex. Ele franziu a testa.

— É o símbolo da minha mãe, obviamente.

(Vocês ouviram certo. Loki costumava preferir a forma masculina, mas por acaso era a mãe de Alex. Longa história.)

— E o resto? — perguntei.

— Essa palavra parece um *mu* com um *j*. Será que as vacas escandinavas têm sotaque?

— Então você não lê norueguês antigo ou sabe-se lá que língua é essa?

— Magnus, talvez você fique surpreso de saber que não tenho todos os talentos do mundo. Só os mais importantes.

Ele estreitou os olhos para o papel. Quando se concentrava, o canto esquerdo da boca tremia como se ele estivesse apreciando uma piada secreta. Esse tique me distraía. Queria saber o que ele achava tão engraçado.

— Talvez impeça L — leu Alex. — Vamos supor que seja Loki. A pedra de amolar de Bolverk… Você acha que é a mesma coisa que a pedra Skofnung?

Estremeci. Nós perdemos a pedra e a espada Skofnung durante uma festa de casamento na caverna de Loki, quando ele se libertou das amarras que o aprisionavam havia milhares de anos. (Ops. Desculpa aí.) Eu nunca mais queria ver aquela pedra de amolar de novo.

— Espero que não — falei. — Você já ouviu falar em Bolverk?

— Não. — Alex terminou o suco de goiaba. — Mas já estou começando a gostar desse chifre de hidromel. Você se importa se eu ficar com ele?

— É todo seu. — Achei a ideia de Alex levar um souvenir da mansão da minha família estranhamente agradável. — Se Randolph queria que eu encontrasse o diário e Loki mandou os lobos para recuperá-lo antes que eu pudesse…

Alex jogou o diário para mim.

— Você quer dizer: supondo que o que você disse seja verdade, que tudo isso não seja uma armadilha e que o diário não seja apenas os delírios de um doido?

— Hã… é.

— Então, na melhor das hipóteses, seu tio teve uma ideia para impedir Loki. Não era algo que ele pudesse fazer, mas esperava que você conseguisse. Envolve uma pedra de amolar, um Bolverk e possivelmente uma vaca escandinava.

— Quando você fala assim, não parece muito promissor.

Alex cutucou a ponta do chifre de hidromel.

— Desculpe estragar a festa, mas a maioria dos planos para impedir Loki falha. Nós sabemos bem disso.

A amargura na voz dele me surpreendeu.

— Você está pensando no seu treinamento com Sam — concluí. — Como está indo?

O rosto de Alex já foi resposta suficiente.

Dentre as muitas qualidades perturbadoras de Loki, ele era capaz de obrigar os filhos a fazer o que quisesse quando estavam na presença dele, o que tornava as reuniões de família um verdadeiro inferno.

Alex era exceção. Ele tinha aprendido a resistir ao poder de Loki e, nas últimas seis semanas, estava tentando ensinar sua meia-irmã Samirah al-

Abbas a fazer o mesmo. O fato de nenhum dos dois falar muito sobre os treinos sugeria que não estavam tendo muito progresso.

— Ela está se esforçando — disse Alex. — Não facilita o fato de ela estar…

Ele hesitou.

— O quê?

— Deixa pra lá. Prometi não falar sobre isso.

— Agora fiquei curioso. Está tudo bem entre ela e Amir?

Alex riu.

— Ah, está. Eles ainda estão apaixonados, sonhando com o dia em que vão poder se casar. Eu juro, se eu não vigiasse aqueles dois, acabariam fazendo alguma loucura, tipo dar as mãos.

— Então, qual é o problema?

Alex ignorou minha pergunta.

— Só estou dizendo que você não deveria confiar em nada que vier do seu tio Randolph. Nem o conselho nesse diário. Nem essa casa. As coisas que herdamos da família… *sempre* têm um preço.

Pareceu uma coisa estranha para ele dizer, considerando que estava apreciando a vista do terraço magnífico de Randolph enquanto tomava suco de goiaba gelado no chifre de hidromel viking dele, mas tive a sensação de que Alex não estava pensando no meu tio desequilibrado.

— Você nunca fala muito sobre a sua família — observei. — Sobre a sua família mortal.

Ele olhou para mim de forma sombria.

— Nem vou começar agora. Se você soubesse *metade* da…

CRAW! Em uma agitação de penas pretas, um corvo pousou na ponta da bota de Alex.

Não se vê muitos corvos selvagens em Boston. Gansos-do-canadá, gaivotas, patos, pombos, até falcões, sim. Mas quando uma ave preta

enorme pousa no seu pé, isso só pode querer dizer uma coisa: mensagem de Valhala.

Alex esticou a mão. (Normalmente, não recomendado com corvos. A bicada dói à beça.) A ave pulou no pulso dele, vomitou uma cápsula do tamanho de uma noz-pecã na palma de sua mão e saiu voando, tendo cumprido sua missão.

Sim, nossos corvos entregam mensagem via correio do vômito. Os corvos têm a capacidade natural de regurgitar qualquer coisa que não consigam digerir, como ossos e pelo, por isso não têm problemas para engolir uma cápsula de mensagem, voar pelos nove mundos e vomitar no destinatário correto. Não seria *minha* escolha de carreira, mas, ei, não estou aqui para julgar ninguém.

Alex abriu a cápsula. Desdobrou uma carta e começou a ler, o canto da boca tremendo de novo.

— É do T.J. — disse ele. — Parece que vamos partir hoje. Agora, na verdade.

— O quê? — Eu me sentei na espreguiçadeira. — Por quê?

Claro que eu sabia que estávamos ficando sem tempo. Tínhamos que partir logo para podermos chegar ao navio de Loki antes do solstício de verão. Mas havia uma grande diferença entre *logo* e *agora*. Eu não era muito fã de *agora*.

Alex continuou lendo.

— Alguma coisa a ver com a maré? Sei lá. É melhor eu ir buscar Samirah na escola. Ela tem aula de cálculo. Não vai ficar nada feliz.

Ele se levantou e ofereceu a mão para mim.

Eu não queria me levantar. Queria ficar no terraço com Alex e ver a luz da tarde mudar a cor do rio de azul para âmbar. Talvez nós pudéssemos ler alguns livros velhos do Randolph. Beber todo o suco de goiaba. Mas o corvo vomitou nossas ordens. Não dava para discutir com vômito de corvo.

Eu aceitei a mão dele e me levantei.

— Quer que eu vá com você?

Alex franziu a testa.

— Não, seu burro. Você tem que voltar para Valhala. É você que está com o barco. Falando nisso, você já avisou aos outros sobre…?

— Não — respondi rápido, o rosto ficando vermelho. — Ainda não.

Alex riu.

— Isso vai ser interessante. Não nos espere. Vamos alcançar vocês no caminho!

Antes que eu pudesse perguntar o que ele queria dizer com isso, Alex virou um flamingo e saiu voando pelo céu, tornando aquele um dia especial para os observadores de pássaros de Boston.

Cinco

Eu me despeço de Erik, de Erik, de Erik e também de Erik

REZA A LENDA que Valhala tem quinhentos e quarenta portões, convenientemente distribuídos por todos os nove mundos para facilitar o acesso.

Mas nenhuma lenda menciona que uma dessas entradas fica na Forever 21 da rua Newbury, atrás de uma arara na seção feminina de roupas de ginástica.

Não era a entrada que eu gostava de usar normalmente, mas *era* a mais próxima da mansão do tio Randolph. Ninguém em Valhala sabia me explicar por que havia um portal na Forever 21. Alguns especulavam que remonta à época em que o prédio não era uma loja. Achei que a localização podia ser uma das piadinhas de Odin, pois muitos de seus einherjar teriam literalmente vinte e um anos para sempre, ou dezesseis, ou dezessete.

Meu amigo anão Blitzen odiava aquela entrada. Toda vez que eu mencionava a Forever 21, ele começava a resmungar que as roupas *dele* eram bem melhores. Algo a ver com bainhas. Sei lá.

Cruzei a seção de lingerie e recebi um olhar atravessado da vendedora, depois pulei na arara de roupas de ginástica e saí do outro lado em uma das salas de jogos do Hotel Valhala. Estava rolando um torneio de bilhar, no qual os vikings usam lanças em vez de tacos. (Dica: nunca fique atrás de um viking quando ele for dar uma tacada.) Erik, o Verde, do 135º andar,

me cumprimentou com alegria. (Até onde sei, setenta e dois por cento da população masculina de Valhala se chama Erik.)

— Salve, Magnus Chase! — Ele apontou para o meu ombro. — Tem uma calça de lycra bem aí.

— Ah, valeu.

Soltei a calça legging que tinha ficado grudada na minha camiseta e joguei no cesto marcado DEVOLVER P/ AS ARARAS.

Então saí em busca dos meus amigos.

Andar pelo Hotel Valhala nunca era chato. Ao menos não para mim, e os einherjar que já estavam ali centenas de anos a mais do que eu diziam a mesma coisa. Graças ao poder de Odin, ou à magia das Nornas, ou talvez só ao fato de termos uma IKEA viking, a decoração mudava constantemente, embora sempre houvesse muitas lanças e escudos e talvez mais desenhos de lobo do que eu gostaria.

Até encontrar os elevadores exigia navegar por corredores que tinham mudado de tamanho e de direção desde a manhã, passando por aposentos que eu nunca tinha visto. Em uma sala enorme com paredes de carvalho, guerreiros brincavam de *curling* usando remos como vassouras e escudos de combate como pedras. Muitos estavam com talas nas pernas, braços em tipoias e ataduras na cabeça, porque, é claro, os einherjar praticavam *curling* até a morte.

O saguão principal estava com um carpete novo de um tom intenso de vinho, uma ótima cor para esconder manchas de sangue. As paredes agora tinham tapeçarias exibindo valquírias voando para a batalha contra gigantes do fogo. Era um lindo trabalho, embora a proximidade de tantas tochas me deixasse um pouco nervoso. Valhala era meio negligente em relação a protocolos de segurança. Eu não gostava de morrer queimado. (Era uma das mortes que eu mais detestava, junto com engasgar com balinhas de menta depois de uma refeição no salão de jantar.)

Peguei o elevador para o décimo nono andar. Infelizmente, a música ambiente não tinha mudado. Eu já estava a ponto de conseguir cantar junto com Frank Sinatra em norueguês. Ainda bem que meu quarto ficava em um andar baixo. Morar nos cento e tanto teria me deixado… bem, maluco.

No andar dezenove, tudo estava estranhamente quieto. Não ouvi o som de um jogo de videogame violento vindo do quarto de Thomas Jefferson Jr. (Soldados mortos da Guerra Civil *amam* videogames quase tanto quanto amam atacar colina acima.) Não vi sinal de que Mallory Keen tivesse praticado lançamento de facas no corredor. A porta do quarto de Mestiço Gunderson estava aberta e, lá dentro, um bando de corvos voando pela biblioteca e pela coleção de armas tirava o pó de livros e machados. O homenzarrão em si não estava em lugar nenhum.

Meu quarto tinha sido arrumado recentemente. A cama estava feita. No átrio central, as árvores tinham sido podadas, e a grama, aparada. (Eu não conseguia entender como os corvos usavam o cortador de grama.) Na mesa de centro, um bilhete com a caligrafia elegante de T.J. dizia:

Estamos na doca 23, subnível 6. Encontramos você lá!

A TV estava ligada no canal do Hotel Valhala, que exibia uma lista dos eventos da tarde: raquetebol, paintball-metralhadora (igual a paintball normal, só que com metralhadoras), aquarela, culinária italiana, amolação avançada de espadas e uma coisa chamada vitupério — tudo até a morte.

Olhei para a tela com melancolia. Nunca quis praticar aquarela até a morte, mas no momento estava tentado. Parecia bem mais fácil do que a viagem que eu estava prestes a fazer saindo da doca vinte e três, subnível seis.

Uma coisa de cada vez: tomei banho para tirar o cheiro do porto de Boston. Vesti roupas limpas. Peguei minha bolsa de viagem. Dentro dela:

suprimentos de camping, algumas provisões básicas e, claro, algumas barras de chocolate.

Por melhor que minha suíte do hotel fosse, eu não tinha muitas coisas pessoais; só alguns dos meus livros favoritos e umas fotos do meu passado que apareciam magicamente com o tempo, ocupando aos poucos a prateleira acima da lareira.

O hotel não era para ser um lar eterno. Nós, einherjar, podíamos ficar lá durante séculos, mas era só uma parada no caminho até o Ragnarök. O hotel todo irradiava uma sensação de transitoriedade e expectativa. *Não fique muito à vontade*, o lugar parecia dizer. *Você pode ir embora a qualquer momento para sua morte definitiva no Juízo Final. Uhul!*

Olhei meu reflexo no espelho. Eu não sabia por que me dava ao trabalho. Nunca liguei muito para aparências durante os dois anos que morei nas ruas, mas ultimamente Alex Fierro pegava no meu pé sem parar e isso me deixou acanhado em relação à minha imagem.

Além do mais, se você não se olha de tempos em tempos em Valhala, pode acabar andando por aí por horas com cocô de corvo no ombro, uma flecha na bunda ou uma calça legging em volta do pescoço.

Botas: ok. Calça jeans nova: ok. Camiseta verde do Hotel Valhala: ok. Casaco de penas, apropriado para expedições em água fria e cair de mastros: ok. Pingente de runa que podia virar uma espada mágica cujo coração estava partido: ok.

Depois de viver nas ruas, eu ainda não tinha me acostumado a estar com o rosto tão limpo. Nem com meu novo corte de cabelo, feito pela primeira vez por Blitz durante nossa incursão em Jötunheim. Desde então, toda vez que o cabelo começava a crescer, Alex cortava de novo, deixando minha franja longa o suficiente para cair nos olhos e a parte de trás na altura da gola da camisa. Eu estava acostumado a ficar com o cabelo bem mais desgrenhado e ondulado, mas Alex tinha uma alegria tão grande em assassinar meus cachos louros que era impossível dizer não.

Está perfeito!, dizia Alex. *Seu rosto ainda está meio escondido, mas pelo menos agora parece que você penteou o cabelo!*

Coloquei o diário de Randolph na bolsa, junto com o último item no qual estava tentando não pensar: o lenço de seda que ganhei do meu pai.

Suspirei para o Magnus no espelho.

Bem, é melhor ir logo, senhor Magnus. Seus amigos esperam ansiosamente para rir da sua cara.

• • •

— Lá está ele! — gritou Mestiço Gunderson, berserker extraordinário, sempre apontando o óbvio.

Mestiço veio correndo em minha direção como um caminhão afetuoso. O cabelo estava mais desgrenhado do que o meu já havia sido na vida. (Eu tinha quase certeza de que ele mesmo cortara. Usando um machado. No escuro.) Ele estava de camiseta, o que era incomum, mas os braços ainda eram uma paisagem selvagem de músculos e tatuagens. Nas costas carregava o machado chamado Machado, e seis facas presas na calça de couro.

Ele me envolveu em um abraço de urso e me levantou, talvez um teste para ter certeza de que minhas costelas não quebrariam sob pressão. Depois me devolveu ao chão e deu tapinhas nos meus ombros, aparentemente satisfeito.

— Pronto para uma missão? — berrou ele. — Porque eu estou pronto para uma missão!

Da beirada do cais, onde enrolava cordas, Mallory Keen gritou:

— Ah, cala a boca, bobão! Ainda acho que devíamos te usar de figura de proa.

O rosto de Mestiço ficou vermelho, mas ele manteve o olhar em mim.

— Estou tentando não matar ela, Magnus. De verdade. Mas é *tão* difícil. É melhor eu me ocupar, senão vou acabar fazendo algo de que vou me arrepender. Você está com o lenço?

— Hã, estou, mas…

— Bom homem. O tempo urge!

Ele andou até a doca e começou a separar seus suprimentos: bolsas de couro enormes, sem dúvida cheias de comida, armas e muitas calças de couro extras.

Eu observei a caverna. Na parede à esquerda, um rio corria pelo canal, emergindo de um túnel do tamanho perfeito para um trem de um lado e desaparecendo em um túnel idêntico do outro. O teto em arco era de madeira polida, o que amplificava o rugido da água e me fazia sentir como se estivéssemos dentro de um barril. Havia suprimentos e bagagens enfileirados no cais, esperando o navio no qual seriam carregados.

Na extremidade da doca, Thomas Jefferson Jr. estava absorto em uma conversa com o gerente do hotel, Helgi, e seu assistente, Hunding, os três analisando uma papelada em uma prancheta. Como tenho aversão a papeladas e a Helgi, andei até Mallory, que agora enfiava arpéus de ferro em um saco de aniagem.

Ela vestia peles pretas e jeans preto, seu cabelo ruivo preso em um coque apertado. Sob a luz das tochas, as sardas brilhavam alaranjadas. Como sempre, ela levava seu par de facas de confiança preso na cintura.

— Está tudo bem? — perguntei, porque estava na cara que não.

Mallory franziu as sobrancelhas.

— Não comece você também, senhor… — Ela me chamou de um termo gaélico que não reconheci, mas tinha certeza de que não significava *querido amigo*. — Estávamos esperando você e o barco.

— Onde estão Blitzen e Hearthstone?

Fazia várias semanas que eu não via meu amigo anão e meu amigo elfo, portanto mal podia esperar para que viessem a bordo conosco. (Uma das

poucas coisas para a qual eu estava ansioso.)

Mallory grunhiu com impaciência.

— Nós vamos encontrar os dois no caminho.

Isso poderia significar que nossa parada seria em outra parte de Boston ou em outro mundo, mas Mallory não parecia estar com humor para entrar em detalhes. Ela olhou por cima do meu ombro e franziu a testa.

— E Alex e Samirah?

— Alex disse que eles vão nos encontrar depois.

— Muito bem, então. — Mallory balançou a mão para mim. — Vai assinar nossa partida.

— Assinar nossa partida?

— É… — Ela falou a palavra de forma bem arrastada só para demonstrar quanto achava que eu era lento. — Com Helgi. O gerente. Vai logo!

Como ela estava segurando um punhado de arpéus, fiz o que ela mandou.

T.J. estava com o pé apoiado em uma caixa de suprimentos, o rifle nas costas. Os botões de metal brilhavam em seu casaco do Exército da União. Ele me cumprimentou inclinando um pouquinho seu quepe da infantaria.

— Bem na hora, meu amigo!

Helgi e Hunding trocaram olhares nervosos, como faziam sempre que Odin anunciava um de seus retiros motivacionais para a equipe.

— Magnus Chase — disse Helgi, puxando sua barba que mais parecia um animal atropelado. Vestia o terno listrado verde-escuro de sempre. Provavelmente ele achava que a roupa o fazia parecer um profissional do ramo de hotelaria, mas na verdade só fazia com que parecesse um viking usando um terno listrado. — Estávamos começando a ficar preocupados. A maré alta vai começar a qualquer minuto.

Olhei para a água que corria com violência pelo canal. Eu sabia que vários rios subterrâneos passavam por Valhala, mas não entendia como

podiam estar sujeitos a marés. Também não compreendia como o nível da água ali podia *aumentar* sem inundar todo o aposento. Por outro lado, eu estava tendo uma conversa com dois vikings mortos e um soldado da Guerra Civil, então decidi deixar a lógica de lado.

— Desculpa. Eu estava…

Fiz um sinal vago, tentando indicar que estava lendo diários misteriosos, matando lobos e quebrando as pernas no porto de Boston.

T.J. praticamente vibrava de empolgação.

— Está com o barco? Mal posso esperar para ver!

— Hã, sim.

Eu comecei a remexer na bolsa, mas o lenço parecia ter ido parar lá no fundo.

Hunding retorceu as mãos. Os botões de seu uniforme de porteiro estavam nas casas erradas, como se ele tivesse se vestido às pressas de manhã.

— Você não perdeu, né? Eu avisei sobre deixar itens mágicos à vista no quarto! Mandei os corvos da limpeza não tocarem nele. “É um navio de guerra!”, eu disse. “Não um guardanapo!” Mas eles ficavam querendo levar para lavar junto com os lençóis. Se tiver sumido…

— A culpa vai ser *sua* — rosnou Helgi para o porteiro. — O andar dezenove está na *sua* área de serviço.

Hunding se encolheu. Ele e Helgi tinham uma desavença que durava vários séculos. O gerente inventava qualquer desculpa para fazer Hunding trabalhar turnos extras jogando lixo no incinerador ou lavando as tocas dos *lindwyrms*.

— Relaxem. — Peguei o tecido. — Estão vendo? Aqui está. E, Hunding, isto é para você. — Eu entreguei a ele uma das minhas barras de chocolate. — Obrigado por ficar de olho no meu quarto.

Os olhos do porteiro ficaram marejados.

— Garoto, você é o melhor. Pode deixar itens mágicos à vista no quarto quando quiser!

— Humf. — Helgi fechou a cara. — Muito bem, Magnus Chase, vou precisar que você assine a partida do grupo. — Ele empurrou a prancheta para mim. — Leia cuidadosamente e rubrique o pé de cada página.

Folheei umas doze páginas de linguagem densa e burocrática. Passei os olhos por frases como *no caso de morte por ataque de esquilo* e *o proprietário não será responsabilizado por desmembramento fora da área do hotel*. Não me surpreendia meus amigos preferirem sair do hotel sem permissão. Os formulários de liberação eram brutais.

T.J. pigarreou.

— Então, Magnus, já que você está fazendo isso, posso montar o barco? Posso? Estou pronto para botar esse regimento a caminho!

Dava para perceber. Ele estava carregado de sacolas de munição, bolsas a tiracolo e cantis suficientes para uma marcha de trinta dias. Os olhos brilhavam tanto quanto a baioneta que carregava. Como T.J. costumava ser a voz da razão no andar dezenove, eu estava feliz que ele fosse junto, mesmo que ficasse um pouco empolgado demais com ataques diretos a exércitos inimigos.

— Pode. Claro que pode, cara.

— VIVA! — Ele puxou o lenço da minha mão e correu para o cais.

Eu assinei os formulários, tentando não dar atenção demais às cláusulas sobre arbitragem caso fôssemos incinerados pelo fogo de Muspelheim ou pulverizados por gigantes do gelo. Devolvi a prancheta a Helgi.

O gerente franziu a testa.

— Tem certeza de que leu tudo?

— Hã… tenho. Eu leio rápido.

Helgi segurou meu ombro.

— Então boa sorte, Magnus Chase, filho de Frey. E lembre-se: você *precisa* impedir que *Naglfar*, o navio de Loki, parta no solstício de

verão…

— Eu sei.

— … senão o Ragnarök terá início.

— Certo.

— E se isso acontecer, as reformas no salão de jantar não vão terminar nunca. Isso sem falar no andar quarenta e dois, que não vai ter internet banda larga tão cedo.

Eu assenti com tristeza. Ser responsável pela conexão de internet de um andar inteiro era uma pressão extra da qual eu não precisava.

— Nós vamos conseguir. Não se preocupe.

Helgi puxou novamente a barba.

— Mas, se você *der* início ao Ragnarök, será que pode voltar para cá o mais rápido possível ou mandar uma mensagem de texto?

— Tudo bem. Hã, mensagem de texto?

Até onde eu sabia, a equipe do hotel só usava corvos. Eles não sabiam usar celulares. Nenhum deles tinha um aparelho. Mas isso não os impedia de fingir que sabiam do que estavam falando.

— Nós vamos precisar que todo mundo comece a preencher a pesquisa de satisfação dos hóspedes antes de partirmos para o Juízo Final — explicou Helgi. — Para acelerar as mortes. Se você não conseguir voltar, pode preencher on-line. E, se não se importar de marcar *excelente* sempre que houver menção ao gerente, fico grato. Odin lê esses formulários.

— Mas, se vamos todos morrer mesmo…

— Bom homem. — Ele deu um tapinha no meu ombro. — Bem, tenha uma ótima… er, uma viagem bem-sucedida!

Ele colocou a prancheta embaixo do braço e saiu andando, provavelmente para inspecionar as reformas do salão de jantar.

Hunding suspirou.

— Esse homem não tem bom senso. Mas obrigado pelo chocolate, meu garoto. Eu só queria poder fazer mais por você.

Senti uma descarga de energia com uma ideia súbita. Durante o tempo que passei no hotel, Hunding se tornou minha melhor fonte de informações. Ele sabia tudo sobre todos (literalmente). Sabia todos os itens secretos do cardápio de serviço de quarto. Sabia como ir do saguão até o terraço de observação acima do bosque de Glasir sem ter que passar pelo amontoado de lojas de souvenirs. Ele era uma Vikingpédia ambulante.

Peguei o diário de Randolph e mostrei a ele a última página.

— Alguma ideia do que essa palavra quer dizer?

Eu apontei para *mjöð*.

Hunding riu.

— Quer dizer *hidromel*, claro!

— Hã. Então não tem nada a ver com vacas?

— Como é?

— Deixa pra lá. E esse nome aqui: Bolverk?

Hunding ficou tão surpreso que deixou a barra de chocolate cair.

— Bolverk? NÃO. Não, não, não. Que livro é esse, garoto? Por que você…?

— Aiii! — gritou Mestiço do porto. — Magnus, precisamos de você aqui agora!

O rio estava começando a se avolumar, lançando espuma e respingos na doca. T.J., balançando o lenço desesperadamente, gritou:

— Como isso aqui funciona? Como?

Não tinha passado pela minha cabeça que o navio dobrável, por ter sido presente do meu pai, talvez só funcionasse para mim. Eu corri para ajudar.

Mallory e Mestiço reuniam os suprimentos às pressas.

— Temos no máximo um minuto até que a maré alta inunde a caverna inteira! — gritou Mestiço. — Navio, Magnus! Agora!

Peguei o lenço e tentei firmar minhas mãos trêmulas. Eu tinha praticado o truque de desdobrar o navio algumas vezes em águas calmas — uma vez sozinho e uma vez com Alex —, mas ainda não conseguia

realmente acreditar que funcionaria. Definitivamente eu não estava ansioso para ver o resultado.

Joguei o lenço na direção da água. Assim que o tecido encostou na superfície, os cantos se desdobraram e se desdobraram e continuaram se desdobrando. Era como ver a construção de uma estrutura de Lego em um vídeo acelerado. No tempo que levamos para inspirar e expirar duas vezes, um navio viking surgiu ancorado no canal, a água turbulenta correndo em torno de sua popa.

Mas claro que ninguém elogiou o casco lindamente entalhado, nem os elaborados escudos vikings nas amuradas, muito menos as cinco fileiras de remos, recolhidos e parados, prontos para o que desse e viesse. Ninguém notou como o mastro principal tinha dobradiças e estava dobrado para conseguir passar por aquele túnel baixo sem quebrar. Ninguém perdeu o fôlego diante da bela figura de dragão na proa, nem elogiou o fato de a embarcação ser bem maior e mais espaçosa do que um típico navio viking, tendo até uma área coberta sob o convés para não termos que dormir na chuva e na neve.

O primeiro comentário de Mallory Keen foi:

— Podemos conversar a respeito da cor?

T.J. franziu a testa.

— Por que ele é…

— Eu não sei! — respondi, deprimido. — Eu *realmente* não sei por que ele é amarelo!

Meu pai, Frey, tinha enviado o barco duas semanas antes com a promessa de que seria a embarcação perfeita para nossa viagem. O navio nos levaria aonde precisávamos ir. E nos protegeria nos mares mais traiçoeiros.

Meus amigos ficaram animados. Confiaram em mim mesmo quando me recusei a dar a eles uma prévia do nosso navio mágico.

Mas por que, ah, por que meu pai tinha pintado o barco da cor da mais artificial das margarinas?

Tudo nele era de um tom amarelo-ovo de derreter os olhos: as cordas, os escudos, o casco, a vela, o leme, até o busto de dragão na frente. Até onde eu sabia, a parte de baixo do barco também era amarela, e com isso deixaríamos cegos todos os peixes em nosso caminho.

— Bem, não importa agora — disse Mestiço, fazendo uma carranca para mim como se importasse muito. — Levem tudo a bordo! Vamos, depressa!

Corrente acima, um rugido ecoou do túnel como um trem de carga se aproximando. O navio bateu na doca. Mestiço jogou nossos suprimentos no convés enquanto T.J. recolhia a âncora e Mallory e eu segurávamos as amarras com toda a nossa força de einherji.

Na hora que Mestiço jogou os últimos sacos no barco, uma parede de água explodiu do túnel atrás de nós.

— Vamos! — gritou T.J.

Pulamos a bordo no instante em que a onda bateu na popa, nos empurrando para a frente como o coice de uma mula gigante.

Olhei para a doca uma última vez. Hunding, o porteiro, estava com água na altura dos joelhos. De lá, segurando a barra de chocolate, ele olhava para mim enquanto disparávamos rumo à escuridão, seu rosto tomado de choque como se, depois de tantos séculos convivendo com mortos em Valhala, ele finalmente tivesse visto um fantasma de verdade.

Seis

Eu tenho um pesadelo com unhas do pé

GOSTO DOS RIOS como gosto dos meus inimigos: lentos, largos e preguiçosos.

Eu raramente consigo aquilo de que gosto.

Nosso barco disparou pelas corredeiras em meio à escuridão quase total. Meus amigos corriam pelo convés, agarrando cordas e tropeçando nos remos. O barco era jogado de um lado para outro, me fazendo sentir como se estivesse surfando em um pêndulo. Mallory segurou o leme com toda a força, tentando nos manter no meio da corrente.

— Não fique aí parado! — gritou ela para mim. — Ajude!

Aquele velho ditado é verdade: nenhum treinamento náutico sobrevive ao primeiro contato com a água.

Tenho quase certeza de que isso é um velho ditado.

Tudo que aprendi com Percy Jackson evaporou do meu cérebro. Esqueci o que era bombordo e estibordo, proa e popa. Esqueci como desencorajar ataques de tubarão e como cair da forma certa do mastro. Saí pulando pelo convés gritando “Estou ajudando! Estou ajudando!”, sem ter ideia do que deveria fazer.

Nós oscilamos e sacudimos pelo túnel em velocidades impossíveis, nosso mastro dobrado quase tocando o teto. A ponta dos remos arranhou as paredes de pedra, criando fagulhas amarelas que faziam com que parecesse que fadas estavam patinando ao nosso lado.

T.J. passou correndo por mim, indo na direção da proa e quase me empalando com a baioneta.

— Magnus, segura a corda! — gritou ele, indicando praticamente todas as cordas do navio.

Segurei o cordame mais próximo e puxei com o máximo de força que consegui, torcendo para ter pegado a corda certa, ou pelo menos torcendo para parecer útil mesmo fazendo a coisa errada.

O barco caiu por uma série de cachoeiras. Meus dentes transmitiram várias mensagens em código Morse. Ondas geladas açoitavam os escudos nas amuradas. De repente, o túnel se alargou, e batemos de lado em uma pedra que apareceu do nada. O barco começou a girar. Nós despencamos por uma cachoeira para a morte certa, e quando o ar virou uma névoa fria ao nosso redor… tudo ficou escuro.

Que momento fantástico para ter uma visão!

Eu me vi de pé no convés de um navio diferente.

Ao longe, penhascos glaciais contornavam uma baía larga coberta de gelo. O ar estava tão frio que uma camada de gelo começou a se formar nas mangas do meu casaco. Sob meus pés, em vez de tábuas de madeira, havia uma superfície irregular em tons de cinza e preto brilhante, como o casco de um tatu.

O navio todo, uma embarcação viking do tamanho de um porta-aviões, era feito do mesmo material. Infelizmente, eu já sabia o que era: as unhas cortadas dos mortos desonrados, bilhões e bilhões de unhas de zumbis nojentos, tudo reunido por magia do mal para criar *Naglfar*, conhecido também como o navio dos mortos.

Acima de mim, velas cinzentas tremulavam no vento congelante.

Arrastando-se pelo convés havia milhares de esqueletos humanos ressecados vestidos com armaduras enferrujadas: *draugrs*, zumbis vikings. Gigantes andavam entre eles, berrando ordens e os chutando para que entrassem em formação. Pelo canto do olho, tive vislumbres de seres escuros: sombras sem corpo que podiam ser lobos, serpentes ou esqueletos de cavalos feitos de fumaça.

— Vejam quem está aqui! — disse uma voz alegre.

De pé na minha frente, com o uniforme branco de almirante da marinha, estava o próprio Loki. O cabelo da cor de folhas do outono saía pelas laterais do quepe. As íris intensas cintilavam como anéis de âmbar líquido, sufocando as pobres pupilas presas. Apesar do rosto cheio de marcas por causa dos séculos em que veneno de cobra ficou pingando entre seus olhos, apesar dos lábios retorcidos e cheios de cicatrizes que muito tempo antes tinham sido costurados por um anão furioso, Loki sorriu de forma tão calorosa e simpática que precisei me esforçar para não retribuir.

— Veio me visitar? — perguntou ele. — Incrível!

Eu tentei gritar com ele. Queria repreendê-lo por ter matado meu tio, por torturar meus amigos, por arruinar minha vida e provocar seis meses inteiros de indigestão, mas minha garganta parecia estar cheia de cimento.

— Ficou sem palavras? — Loki riu. — Tudo bem, porque eu tenho *muito* a dizer pra você. Primeiro, um aviso: eu *realmente* pensaria duas vezes antes de seguir os planos de Randolph. — Seu rosto foi tomado por falsa solidariedade. — Infelizmente, o pobre homem ficou meio senil pouco antes de morrer. Apenas um louco daria atenção a ele!

Senti vontade de estrangular Loki, mas minhas mãos estavam estranhamente pesadas. Olhei para baixo e vi que minhas unhas estavam crescendo em velocidade nada natural, se esticando na direção do convés como uma raiz procurando o solo. Meus pés pareciam grandes demais para os sapatos. Percebi que minhas unhas dos pés também estavam crescendo, empurrando as meias, tentando fugir do confinamento das botas.

— O que mais? — Loki bateu com o dedo no queixo. — Ah, sim! Olhe!

Ele indicou a baía além das hordas de zumbis se arrastando, movimentando o braço como se revelasse um fabuloso prêmio que eu tinha acabado de ganhar. No horizonte enevoado, um dos penhascos glaciais tinha começado a se desfazer, soltando pedaços enormes de gelo

na água. O som chegou aos meus ouvidos meio segundo depois: um rugido abafado como um trovão.

— Legal, né? — Loki sorriu. — O gelo está derretendo bem mais rápido do que imaginava. Eu *amo* o aquecimento global! Nós vamos poder partir antes do fim da semana, então, na verdade, você já está atrasado. Eu daria meia-volta e retornaria para Valhala, se fosse você. Afinal, só tem alguns dias para se divertir antes de o Ragnarök chegar. Podia muito bem fazer uma das fabulosas aulas de yoga!

Minhas unhas rebeldes chegaram ao convés. Penetraram na superfície cinza brilhante, me puxando para baixo, me obrigando a me curvar. As unhas dos meus pés arrebentaram os sapatos. Fiquei imobilizado enquanto as unhas de homens mortos começaram a crescer como árvores na minha direção, curvando-se com ansiedade em volta dos meus cadarços, envolvendo meus tornozelos.

Loki abriu um sorriso gentil, como se estivesse observando um bebê dando os primeiros passos.

— Sim, é uma semana maravilhosa para o Juízo Final. Mas, se você insiste em me desafiar… — Ele suspirou e balançou a cabeça como quem diz: *Esses jovens malucos e suas missões.* — Que tal me fazer o *favor* de deixar meus filhos de fora? Pobres Sam e Alex. Já sofreram o bastante. Se você gosta deles… Bom, essa missão vai destruir os dois. Disso você pode ter certeza. Eles não fazem *ideia* do que vão enfrentar!

Eu caí de joelhos. Não conseguia mais diferenciar onde as minhas unhas acabavam e o navio começava. Galhos irregulares de queratina cinza e preta apertavam meus tornozelos e pulsos, me prendendo ao convés, envolvendo meu corpo, me puxando para baixo, para o cerne do navio.

— Se cuida, Magnus! — gritou Loki. — De uma forma ou de outra, nos encontraremos em breve!

Uma mão calejada apertou meu ombro e me acordou.

— Magnus! — gritou Mestiço Gunderson. — Acorda, cara! Pega um remo!

Eu me vi novamente no convés do nosso navio amarelo. Estávamos adernando para o lado em uma névoa fria e densa, a corrente nos puxando para a frente, onde o rio despencava em uma escuridão trovejante.

Eu engoli o cimento entalado na minha garganta.

— É outra cachoeira?

Mallory se sentou no banco ao meu lado.

— É, uma que vai nos jogar direto em Ginnungagap e nos matar. Está a fim de remar agora?

T.J. e Mestiço se sentaram no banco à nossa frente. Juntos, nós quatro remamos com toda a nossa força, guinando o barco para estibordo e nos levando para longe do precipício. Meus ombros queimavam. Os músculos das minhas costas berravam em protesto. Por fim, o som trovejante foi ficando mais baixo. A névoa desapareceu, e vi que estávamos no porto de Boston, não muito longe do Old Ironsides. À minha esquerda estavam as fileiras de casas de tijolos e os degraus da igreja de Charlestown.

T.J. se virou e sorriu.

— Viram? Não foi tão ruim!

— Claro — disse Mallory. — Tirando a parte em que quase caímos pela beirada do mundo e fomos vaporizados, é, foi ótimo.

Mestiço massageou os braços.

— Parece que acabei de carregar um elefante para o alto de Bunker Hill, mas fizemos um bom trabalho, pess… — Ele hesitou quando viu meu rosto. — Magnus? O que foi?

Eu estava olhando para minhas mãos trêmulas. Sentia como se minhas unhas ainda estivessem crescendo, tentando voltar para o navio dos mortos.

— Eu tive uma visãozinha — murmurei. — Preciso de um segundo.

Meus amigos trocaram olhares receosos. Todos sabiam que não existia visão*zinha*.

Mallory Keen se aproximou de mim.

— Gunderson, por que você não cuida do leme?

Mestiço franziu a testa.

— Eu não recebo ordens de…

Mallory fechou a cara para ele. Mestiço soltou um muxoxo e foi para o leme.

Ela me encarou, as íris verdes salpicadas de marrom e laranja como os ovos de um pássaro cardeal.

— Foi Loki que você viu?

Normalmente, eu não ficava tão perto de Mallory a não ser que ela estivesse arrancando um machado do meu peito no campo de batalha. Ela prezava seu espaço pessoal. Havia algo de perturbador no olhar dela, uma espécie de raiva descontrolada, como um fogo que pulava de telhado em telhado. Nunca se sabia o que queimaria e o que deixaria em paz.

— Foi.

Eu expliquei minha visão.

Mallory curvou o lábio com repulsa.

— Aquele trapaceiro… Ele está aparecendo nos pesadelos de todos nós ultimamente. Quando eu botar minhas mãos nele…

— Ei, Mallory — repreendeu T.J. — Sei que você quer vingança mais do que a maioria de nós, mas…

Ela o silenciou com um olhar intenso.

Eu me perguntei sobre o que T.J. estava falando. Eu ouvi dizer que Mallory tinha morrido tentando desarmar um carro-bomba na Irlanda, mas, fora isso, sabia bem pouco sobre seu passado. Loki teria sido responsável pela morte dela?

Ela agarrou meu pulso, os dedos calejados lembrando desconfortavelmente os galhos de queratina de *Naglfar*.

— Magnus, Loki está provocando você. Se tiver esse sonho de novo, não fale com ele. Não morda a isca.

— Que isca? — perguntei.

Atrás de nós, Mestiço gritou:

— Valquíria à esquerda!

Ele apontou para Charlestown. Uns quatrocentos metros à frente, identifiquei duas pessoas de pé na doca, uma de hijab verde, outra de cabelo verde.

Mallory franziu a testa para Gunderson.

— Precisa gritar tão alto, bobão?

— Esse é meu tom de voz normal, mulher!

— Sim, eu sei: alto e irritante.

— Se você não gosta…

— Magnus — interrompeu ela —, vamos conversar depois.

Ela foi até a escotilha do convés, por onde Mestiço tinha jogado o machado no meio da confusão. Pegou a arma e mostrou para Mestiço.

— Você vai poder ter isso de volta quando começar a se comportar.

Ela desceu pela escada e desapareceu sob o deque.

— Ah, não, ela não fez isso!

Mestiço abandonou o posto e foi batendo os pés atrás dela.

O navio começou a adernar para estibordo. T.J. foi até lá e assumiu o leme com um suspiro.

— Esses dois escolheram uma péssima hora para terminar.

— Espera aí, *o quê*? — perguntei.

T.J. ergueu as sobrancelhas.

— Você não soube?

Mestiço e Mallory brigavam tanto que era difícil saber quando estavam com raiva e quando só estavam demonstrando afeto. Mas agora que estava pensando no assunto, eles estavam, sim, um pouco mais agressivos um com o outro nos últimos dias.

— Por que terminaram?

T.J. deu de ombros.

— A pós-vida é uma maratona, não uma corrida de velocidade. Relacionamentos longos são complicados quando se vive para sempre. Não é incomum que casais einherji terminem sessenta, setenta vezes ao longo de alguns séculos.

Tentei imaginar isso. Claro que nunca tinha tido um relacionamento, longo ou não, então… não consegui.

— E estamos presos em um navio com eles — observei —, enquanto os dois resolvem suas diferenças cercados de uma ampla variedade de armas.

— Eles são profissionais — disse T.J. — Tenho certeza de que vai ficar tudo bem.

TUM. Abaixo dos meus pés, o convés tremeu com o som de um machado acertando madeira.

— Certo… E aquilo que Mallory estava dizendo sobre Loki?

O sorriso de T.J. sumiu.

— Nós todos tivemos problemas com aquele trapaceiro.

Eu me perguntei quais tinham sido os de T.J. Eu morava no andar dezenove com meus amigos havia meses, mas estava começando a perceber como sabia pouco sobre o passado deles. Thomas Jefferson Jr., ex-integrante da quinquagésima quarta infantaria de Massachusetts, filho do deus da guerra, Tyr, e de uma escrava livre. T.J. nunca parecia ficar constrangido, nem quando era morto no campo de batalha ou quando tinha que ajudar Mestiço Gunderson com sonambulismo e zanzando pelos corredores pelado a voltar para o quarto. T.J. tinha a disposição mais alegre dentre todas as pessoas mortas que eu conhecia, mas devia ter visto sua cota de horrores.

Eu me perguntei o que Loki usava para provocá-lo nos sonhos.

— Mallory disse que Loki estava me provocando. E que eu não deveria morder a isca.

T.J. flexionou os dedos, como se estivesse sentindo dores solidárias pelo pai, Tyr, cuja mão foi arrancada por uma mordida do lobo Fenrir.

— Mallory está certa. Alguns desafios não valem a pena, principalmente os vindos de Loki.

Eu franzi a testa. Loki também falou em *desafiar*. Não *lutar*. Não *deter*. Ele disse *Se você insiste em me desafiar…*

— T.J., seu pai não é o *deus* dos desafios pessoais, duelos e essas coisas?

— Exatamente. — A voz de T.J. estava dura e seca como os biscoitos que ele adorava comer. Ele apontou para o porto. — Olha só, Sam e Alex têm companhia.

Eu não tinha reparado antes, mas alguns metros atrás dos filhos de Loki, apoiado no capô do carro, de calça jeans e camisa azul-petróleo, estava meu fornecedor favorito de sanduíches frescos de falafel. Amir Fadlan, noivo de Samirah, tinha aparecido para se despedir.

Sete

Nós todos nos afogamos

— **UAU — DISSE SAMIRAH** quando nos aproximamos do porto. — Você estava falando sério, Alex. O navio é *mesmo* amarelo.

Eu suspirei.

— Não vem você também.

Alex sorriu.

— Eu sugiro batizarmos o navio de *Bananão*. Todos a favor?

— Não ouse — falei.

— Adorei — disse Mallory, jogando a linha de ancoragem para Alex.

Ela e Gunderson tinham subido para o convés em uma trégua aparente, embora os dois estivessem de olho roxo.

— Está decidido, então! — berrou Mestiço. — O bom navio *Mikillgulr*!

T.J. coçou a cabeça.

— Tem um termo em norueguês antigo para *bananão*?

— Bom, não exatamente — admitiu Mestiço. — Os vikings nunca foram tão ao sul a ponto de descobrirem as bananas. Mas *Mikillgulr* significa *amarelão*. É bem parecido!

Olhei para cima em uma oração silenciosa: *Frey, deus do verão, pai, obrigado pelo barco. Mas verde também é uma ótima cor de verão. E você pode, por favor, parar de me constranger na frente dos meus amigos? Amém.*

Fui para terra firme e ajudei a prender a Grande Humilhação Amarela, as pernas ainda bambas por causa da agitação no trajeto pelo rio e da visão com Loki. Se eu me sentia tão agradecido de estar em terra firme depois

de apenas alguns minutos de viagem, nossa jornada pelo mar prometia ser muito divertida.

Amir apertou a minha mão.

— Como está, J… Magnus?

Mesmo depois de tantos meses, ele às vezes escorregava e me chamava de *Jimmy*. Era culpa minha. Durante os dois anos que vivi como sem-teto, Amir e o pai dele foram uma das minhas poucas fontes garantidas de refeições quentes. Eles me davam sobras do restaurante na praça de alimentação do Transportation Building. E eu retribuí essa gentileza enorme não contando aos dois meu nome verdadeiro. Ainda me sentia culpado por isso.

— É, estou bem… — Eu percebi que estava mentindo para ele de novo. — Quer dizer, tão bem quanto se pode esperar, considerando que estamos partindo em mais uma jornada perigosa.

Samirah cutucou minhas costelas com o cabo do machado.

— Ei, não deixe ele nervoso. Passei os últimos dias tentando convencer Amir de que não havia com que se preocupar.

Alex deu um sorrisinho debochado.

— E eu passei os últimos dias tomando conta dos dois enquanto ela tentava convencer Amir de que não havia com que se preocupar. Foi *muito* fofo.

Samirah ficou vermelha. Ela estava usando as roupas de viagem habituais: botas de couro, calça cargo grossa com dois machados pendurados na cintura, uma blusa de gola alta e mangas compridas e uma jaqueta verde-escura que combinava com o hijab mágico. O tecido do lenço ondulava na brisa, captando as cores dos arredores, pronto para entrar em modo camuflagem a qualquer momento.

Mas o rosto de Sam parecia meio *estranho*. Os lábios estavam secos e descamando, e os olhos, fundos e sem brilho, como se ela estivesse sofrendo de alguma deficiência de vitaminas.

— Você está bem? — perguntei a ela.

— Claro que estou!

Mas senti o cheiro de cetona no hálito dela: um odor azedo como o de limões deixados ao sol. Era o odor de uma pessoa que não comia havia um tempo. Eu tinha me acostumado com isso nas ruas.

— Não — concluí. — Você não está bem.

Ela começou a negar, mas Amir intercedeu.

— O ramadã começou duas semanas atrás — disse ele. — Nós estamos de jejum.

— Amir! — protestou Sam.

— Ora. Magnus é nosso amigo. Merece saber.

Alex estava rangendo os dentes, tentando engolir a frustração. Claro que Alex sabia. Era disso que ele estava falando na casa do tio Randolph, o motivo de Sam estar tendo tanto problema para se concentrar no treinamento. Eu não conhecia muito sobre o ramadã, mas sabia bem o que era passar fome. Pode minar sua concentração.

— Então, hã, quais são as regras? — perguntei.

— Nada que vá afetar nossa missão — prometeu Sam. — Eu não queria dizer nada porque não queria que ficassem preocupados. Eu só não posso beber nem comer durante as horas do dia.

— Nem tomar banho — continuou Amir. — Nem falar palavrão. Nem fumar. Nem cometer atos de violência.

— E, é claro, isso não será um problema — disse Alex —, porque nossas missões *nunca* envolvem violência.

Sam revirou os olhos.

— Eu posso me defender se for atacada. É só um mês…

— Um *mês*?! — exclamei.

— Faço isso todos os anos desde os dez anos — disse Sam. — Acredite, não é nada de mais.

Parecia uma coisa muito importante, principalmente no verão, quando os dias eram bem mais longos e nós teríamos que enfrentar todo tipo de situações de vida ou morte que não esperariam até o fim do horário comercial.

— Você não pode, sei lá, adiar até o fim da missão?

— Ela *poderia* — disse Amir. — Isso é permitido se você está viajando ou se fazer jejum for perigoso demais, e ambas as situações são verdadeiras neste caso.

— Mas ela não quer — explicou Alex. — Porque é teimosa como uma mula muito devota.

Sam cutucou Alex nas costelas.

— Cuidado, irmão.

— Ai — reclamou Alex. — O que aconteceu com a proibição de violência?

— Eu estava me defendendo.

— Ei, vocês aí! — gritou Mestiço do barco. — Estamos carregados e prontos para partir. O que estão conversando? Vamos logo!

Eu olhei para Amir, tão arrumado quanto sempre estava, as roupas impecáveis e perfeitamente passadas, o cabelo preto cortado à navalha com perfeição. Nunca daria para adivinhar que era um homem que devia estar fraco de fome e de sede. Mas seu rosto estava flácido. Os olhos castanhos gentis ficavam piscando como se ele esperasse que uma gota de água fria caísse na testa. Amir estava sofrendo, mas não tinha nada a ver com o ramadã.

— Só tomem cuidado — pediu ele. — Todos vocês. Magnus, eu pediria para você cuidar da Samirah, mas, se fizesse isso, ela bateria em mim com o machado.

— Eu nunca bateria em você com o machado — retrucou Sam. — E eu que vou cuidar do Magnus, não ele de mim.

— *Eu* vou cuidar da Sam — ofereceu Alex. — Família serve pra isso, né?

Amir piscou ainda mais. Tive a sensação de que ele ainda não sabia bem como interpretar Alex Fierro, o meio-irmão de gênero fluido e cabelo verde de Sam, além de acompanhante dos infernos.

— Tudo bem. — Amir assentiu. — Obrigado.

Não pude evitar sentir um pouco de culpa pela angústia de Amir. Meses antes, quando ele começou a descobrir sobre a estranha vida dupla de Samirah como valquíria de Odin, eu curei a mente dele para impedir que ficasse maluco. Agora, seus olhos mortais estavam permanentemente abertos. Em vez de viver na feliz ignorância, ele conseguia ver os gigantes da terra que às vezes andavam pela avenida Commonwealth, as serpentes marinhas que nadavam pelo rio Charles e as valquírias que passavam voando, levando as almas de heróis mortos para fazer check-in no Hotel Valhala. Ele até conseguia ver nosso enorme navio de guerra viking cheio de armamentos pesados e que parecia uma banana.

— Nós vamos tomar cuidado — garanti a ele. — Além do mais, ninguém ousaria atacar este navio. É amarelo *demais*.

Ele abriu um sorriso fraco.

— Isso é verdade.

Ele esticou a mão para trás e pegou, de cima do capô do carro, uma grande bolsa térmica verde, do tipo que o Falafel do Fadlan usava para entregas.

— É para você, Magnus. Espero que goste.

O aroma de falafel fresco saiu da bolsa. Era verdade que eu tinha comido falafel algumas horas antes, mas meu estômago roncou porque… bom, mais falafel.

— Cara, você é o melhor. Não acredito… Espera. Você está no meio de um longo jejum e trouxe comida para mim? Isso parece errado.

— Não é porque estou jejuando que você não pode apreciar um bom falafel. — Ele bateu no meu ombro. — Vocês vão estar nas minhas orações. Todos vocês.

Eu sabia que ele estava sendo sincero. Eu era ateu. Só orava sarcasticamente para meu pai por um barco com uma cor melhor. Aprender sobre a existência de deidades nórdicas e sobre os nove mundos só me deixou *mais* convencido de que não havia um grande plano divino. Que tipo de Deus iria permitir que Zeus e Odin andassem por aí no mesmo cosmos, os dois alegando serem os reis da criação, dizimando mortais com raios ou dando seminários motivacionais?

Mas Amir era um homem de fé. Ele e Samirah acreditavam em algo maior, uma força cósmica que *gostava* dos humanos. Acho que era meio reconfortante saber que Amir estava cuidando de mim no departamento das orações, mesmo eu duvidando de que houvesse alguém do outro lado da linha.

— Obrigado, cara.

Eu apertei a mão dele uma última vez.

Amir se virou para Sam. Eles estavam próximos, mas sem se tocar. Em todos os anos que se conheciam, eles nunca se tocaram. Eu me perguntei se isso estava matando Amir ainda mais que o jejum.

Eu mesmo não gostava muito de contato, mas de vez em quando um abraço de alguém querido podia ajudar bastante. Considerando quanto Sam e Amir se gostavam, não poder nem dar as mãos… Eu não conseguia nem imaginar como era isso.

— Eu te amo — disse Amir para ela.

Samirah cambaleou para trás como se tivesse sido atingida por um ovo de águia gigante na testa. Alex a apoiou.

— Eu… sim — guinchou Samirah. — Idem. Também.

Amir assentiu. Ele se virou e entrou no carro. Um momento depois, os faróis traseiros desapareceram na Flagship Way.

Samirah bateu na própria testa.

— *Idem? Também?* Eu sou tão idiota.

Alex deu tapinhas no braço dela.

— Achei que você foi bem eloquente. Vamos, irmã. Seu navio de guerra amarelo-ovo a aguarda.

Nós soltamos os cordames, esticamos o mastro, içamos as velas e realizamos vários outros procedimentos náuticos. Em pouco tempo, estávamos deixando Boston para trás, velejando pelo canal entre o aeroporto Logan e o Seaport District.

Eu gostava bem mais do *Bananão* quando o barco não estava sacudindo em corredeiras subterrâneas nem indo na direção de cachoeiras interdimensionais. Um vento forte inflou a vela. O pôr do sol conferiu um tom dourado-avermelhado à paisagem da cidade. O mar se projetava à nossa frente em um tom azul sedoso, e agora eu só precisava ficar de pé na proa apreciando a vista.

Depois de um dia longo e difícil, eu poderia até ter conseguido relaxar, só que ficava pensando no tio Randolph. Ele havia partido deste mesmo porto para procurar a Espada do Verão. A família dele não voltou.

Agora é diferente, eu disse a mim mesmo. *Nós temos uma tripulação bem treinada de einherjar e a valquíria mais teimosa e devota de Valhala.*

A voz de Loki ecoou na minha cabeça. *Pobres Sam e Alex. Essa missão vai destruir os dois. Eles não fazem ideia do que vão enfrentar!*

— Cala a boca — murmurei.

— O quê?

Eu não tinha percebido que Samirah estava bem do meu lado.

— Hã. Nada. Bom… não exatamente nada. É que seu pai resolveu fazer uma visitinha.

Contei os detalhes a ela.

Samirah fez uma careta.

— O de sempre, então. Alex também está tendo visões e pesadelos praticamente todos os dias.

Eu observei o convés, mas Alex devia estar lá embaixo.

— Sério? Ele não falou nada sobre isso.

Samirah deu de ombros como quem diz: *Esse é o Alex.*

— E você? — perguntei. — Alguma visão?

Ela inclinou a cabeça.

— Não, e isso é interessante. O ramadã tende a concentrar a mente e fortalecer a vontade. Pode ser por isso que Loki não está conseguindo entrar na minha cabeça. Espero que…

Ela parou de falar, mas entendi o que queria dizer. Ela esperava que o jejum pudesse dificultar o controle de Loki sobre ela. Parecia um tiro no escuro para mim. Por outro lado, se meu pai pudesse me obrigar a fazer tudo que ele quisesse só dando uma ordem, eu estaria disposto a tentar qualquer coisa, até abrir mão de sanduíches de falafel, para frustrá-lo. Toda vez que Sam dizia o nome do pai, eu ouvia a fúria fervendo dentro dela. Ela *odiava* estar sob o controle dele.

Um avião comercial decolou do aeroporto Logan e rugiu no céu. Do ponto de observação de T.J., no alto do mastro, ele ergueu os braços e gritou “Uhul!” enquanto o vento agitava seu cabelo cacheado.

Por ser dos anos 1860, T.J. amava aviões. Acho que pareciam mais mágicos para ele do que anões, elfos e dragões.

Percebi movimentação e ouvi alguns barulhos vindos de baixo de nós; deviam ser Alex e Mallory armazenando todos os suprimentos. Mestiço Gunderson estava na popa, apoiado na amurada e assobiando “Fly Me to the Moon”. (Malditas músicas chiclete de elevador de Valhala.)

— Sam, você vai estar pronta — falei, por fim. — Vai vencer Loki desta vez.

Ela se virou para olhar o pôr do sol. Eu me perguntei se Sam estava esperando o anoitecer, quando poderia comer, beber e, o mais importante,

falar palavrão de novo.

— O problema é que não vou saber até o momento de enfrentar Loki. O treinamento de Alex é focado em me deixar mais relaxada, mais à vontade com a metamorfose, mas… — Ela engoliu em seco. — Eu não sei se *quero* ficar mais à vontade com isso. Não sou como Alex.

Isso era inegável.

Quando me contou que era uma metamorfa, Sam explicou que odiava usar essa habilidade. Ela via isso como ceder a Loki, ficar mais parecida com o pai.

Alex, por outro lado, acreditava em reivindicar para si o poder de Loki. Sam via sua herança jötunn como um veneno a ser expelido. Ela contava com disciplina e estrutura: rezar mais. Abrir mão de comida e bebida. O que fosse preciso. Mas mudar de forma, ser fluida como Alex e Loki eram… Isso não tinha nada a ver com ela, apesar de ser parte de sua herança.

— Você vai encontrar um jeito — garanti. — Um que funcione pra você.

Ela observou meu rosto, talvez tentando avaliar se eu acreditava no que estava dizendo.

— Eu agradeço. Mas, enquanto isso, temos outras coisas com que nos preocupar. Alex me contou o que aconteceu na casa do seu tio.

Apesar da noite quente, eu estremeci. Pensar em lobos fazia isso comigo.

— Você tem alguma ideia do que as anotações do meu tio significam? Hidromel? Bolverk?

Sam balançou a cabeça.

— Podemos perguntar a Hearthstone e Blitzen quando encontrarmos os dois. Eles têm viajado, feito muito… Como foi que eles chamaram? Reconhecimento de amplo espectro.

Pareceu uma coisa impressionante. Talvez eles estivessem fazendo contato com conhecidos da máfia estranha e interdimensional de Mímir, tentando descobrir o caminho mais seguro para nós pelos mares dos nove mundos. Mas a imagem que cismava em voltar à minha mente era de Blitzen comprando roupas novas enquanto Hearthstone ficava esperando, arrumando runas em vários feitiços para fazer o tempo passar mais rápido.

Eu estava com saudade deles.

— Onde exatamente vamos nos encontrar com eles? — perguntei.

Sam apontou para a frente.

— No farol da ilha Deer. Eles prometeram estar lá hoje ao pôr do sol. Que é agora.

Dezenas de ilhas pontilhavam a costa de Boston. Eu não conseguia me lembrar de todas, mas o farol sobre o qual Sam estava falando era fácil de distinguir: era uma construção baixa com uma estrutura comprida como um mastro no meio, se projetando em meio às ondas como a torre de observação de um submarino feito de concreto.

Quando chegamos mais perto, esperei para ver o colete cintilante de cota de malha de um anão estiloso ou um elfo vestido de preto da cabeça aos pés balançando um cachecol listrado.

— Não estou vendo os dois… — Olhei para cima, para T.J. — Ei, você está vendo alguma coisa?

Nosso vigia pareceu paralisado. A boca estava aberta, os olhos arregalados em uma expressão que nunca associei a Thomas Jefferson Jr.: puro pavor.

Ao meu lado, Sam pareceu engasgar. Ela recuou da amurada e apontou para a água entre nós e o farol.

À nossa frente, a superfície do mar tinha começado a se agitar, girando em um funil como se alguém tivesse tirado a tampa do ralo da baía de Massachusetts. Subindo no meio do turbilhão havia formas enormes e líquidas de mulheres; eram nove no total, cada uma do tamanho do nosso

navio, com vestidos feitos de espuma e gelo e rostos azul-esverdeados retorcidos de fúria.

Eu só tive tempo de pensar: *Percy não falou sobre isso nas aulas de navegação básica.*

De repente, as gigantas caíram sobre nós como um tsunami vingativo, jogando nosso glorioso navio de guerra amarelo no abismo.

Oito

No salão do hipster carrancudo

DESPENCAR PARA O fundo do mar já era bem ruim.

Eu não precisava da cantoria.

À medida que nosso navio despencava em queda livre pelo olho de um ciclone de água salgada, as nove donzelas gigantes rodopiavam à nossa volta, entrando e saindo do turbilhão como se estivessem se afogando repetidas vezes. Os rostos se contorciam de raiva e euforia. O cabelo comprido das gigantas nos chicoteava como gelo. A cada vez que emergiam, elas berravam e gritavam, mas não eram ruídos aleatórios. Os uivos tinham um certo tom, como um coral de cantos de baleia tocando em meio a uma microfonia pesada. Captei alguns trechos da letra: *hidromel fervente… filhas das ondas… morte, morte, morte!* Lembrou a primeira vez que Mestiço Gunderson botou black metal norueguês para eu ouvir. Depois de alguns momentos, passou pela minha cabeça: *Eita, calma lá. Isso era para ser música!*

Sam e eu passamos os braços pelo cordame. T.J. ficou empoleirado no alto do mastro, gritando como se estivesse montado no pônei de carrossel mais apavorante do mundo. Mestiço lutava com o leme, apesar de eu não ver de que isso serviria durante a queda. Abaixo do convés, ouvi Mallory e Alex sendo jogados de um lado para outro, *PLAFT, PLOFT, PLUFT*, um par de dados humanos.

O navio girou. Com um grito de desespero, T.J. perdeu a pegada no leme e caiu no turbilhão. Sam voou atrás dele. Agradeci aos céus pelos poderes de voo das valquírias. Ela segurou T.J. pela cintura e ziguezagueou

de volta para o navio com ele, desviando das mãos ansiosas das gigantas do mar e dos vários volumes de bagagem usados como lastro que estávamos perdendo.

Assim que ela chegou ao convés: *BLOOOOSH!*

Nosso navio caiu com um *splash* e submergiu completamente.

O maior choque foi o calor. Eu estava esperando uma morte gelada, mas a sensação era de ter mergulhado em uma banheira escaldante. Minhas costas se arquearam. Meus músculos se contraíram. Consegui não ingerir nenhum líquido, mas, quando pisquei para tentar enxergar em que direção ficava a superfície, a água estava com uma estranha cor dourada enevoada.

Isso não pode ser bom, pensei.

O convés sacudiu embaixo de mim. O *Bananão* irrompeu na superfície de… de onde quer que estivéssemos. A tempestade tinha sumido. As nove gigantas não estavam em parte alguma. Nosso navio balançava e estalava na plácida água dourada que borbulhava em volta do casco, exalando um aroma como de especiarias exóticas, flores e doces. Em todas as direções elevavam-se penhascos marrons íngremes, formando um anel perfeito de quase um quilômetro de diâmetro. Meu primeiro pensamento foi que tínhamos sido largados no meio de um lago vulcânico.

Nosso navio parecia estar inteiro, ao menos. A vela amarela balançava no mastro, toda molhada. O cordame brilhava e soltava fumaça.

Samirah e T.J. se levantaram primeiro. Escorregaram e cambalearam na popa, onde Mestiço Gunderson estava caído por cima do leme, sangue pingando de um corte feio na testa.

Por um momento, pensei: *Ah, Mestiço morre assim o tempo todo*. Mas aí lembrei que não estávamos mais em Valhala. Onde quer que estivéssemos, se morrêssemos ali, não haveria volta.

— Ele está vivo! — anunciou Sam. — Apagado, mas vivo.

Meus ouvidos ainda ecoavam aquela estranha melodia. Lentos, meus pensamentos se arrastavam. Eu me perguntei por que T.J. e Sam estavam

olhando para mim.

E então, me dei conta: *Ah, é. Eu tenho poderes de cura.*

Corri até lá para ajudar. Canalizei o poder de Frey para curar o ferimento da cabeça de Gunderson enquanto Mallory e Alex, ambos machucados e sangrando, surgiam cambaleantes da parte inferior do barco.

— O que os idiotas estão *aprontando* aqui? — perguntou Mallory.

Como se em resposta, uma nuvem de tempestade surgiu, obscurecendo metade do céu. Uma voz trovejou lá de cima:

— O QUE VOCÊS ESTÃO FAZENDO NO MEU CALDEIRÃO?

A nuvem de tempestade se aproximou, e eu percebi que tinha o formato de um rosto, um que não parecia feliz por nos ver.

Nos meus encontros anteriores com gigantes, aprendi que o único jeito de entender seu imenso tamanho era me concentrando em uma coisa de cada vez: um nariz do tamanho de um petroleiro, uma barba densa e grande como uma floresta de sequoias, óculos com aros dourados que pareciam aqueles círculos misteriosos que surgem nas plantações. E, na cabeça do gigante, o que achei ser a tempestade chegando na verdade era a aba do maior chapéu fedora do universo.

O modo como a voz dele ecoou na bacia, batendo nos penhascos em reverberações metálicas, me fez perceber que não estávamos em uma cratera vulcânica. Os penhascos eram as paredes de metal de um caldeirão enorme. O lago fumegante era algum tipo de caldo. E nós tínhamos acabado de nos tornar o ingrediente secreto.

Meus amigos estavam boquiabertos, tentando entender o que viam; todos, menos Mestiço Gunderson, que sabiamente permaneceu inconsciente.

Fui o primeiro a recuperar a fala. Odeio quando isso acontece.

— Oi — falei para o gigante.

Sou diplomático assim, sempre sei o cumprimento certo a dar.

O carrancudo enorme franziu a testa, me fazendo lembrar a aula de ciências do sexto ano sobre placas tectônicas. Ele olhou para os dois lados e gritou:

— Filhas! Venham aqui!

Mais rostos gigantescos apareceram ao redor do caldeirão: as nove mulheres do redemoinho, bem maiores agora, o cabelo de espuma flutuando em volta do rosto, os sorrisos um pouco maníacos demais, os olhos brilhando de empolgação ou fome. (Torci para não ser fome… Devia ser fome.)

— A gente pegou eles, pai! — gritou uma das mulheres (ou seria um grito se ela não fosse do tamanho do lado sul de Boston).

— Sim, mas *por quê*?

— Eles são amarelos! — respondeu outra giganta. — Nós reparamos neles na mesma hora! Com um navio dessa cor, achamos que eles mereciam se afogar!

Comecei mentalmente a compor uma lista de palavras que começavam com *F*: Frey. Fraterno. Falso. Feliz. Frito. Ferrado. E algumas outras.

— Além disso — disse uma terceira filha —, eles estavam conversando sobre *hidromel*! Nós sabíamos que você ia querer falar com eles, pai! É a sua palavra favorita!

— Opa, opa, opa! — Alex Fierro balançou as mãos como se estivesse pedindo tempo. — Ninguém estava conversando sobre hidromel. Foi um engano… — Ele hesitou e franziu a testa para mim. — Certo?

— Hã… — Eu apontei para Samirah, que recuou para longe do alcance do garrote de Alex. — Eu só estava explicando…

— NÃO IMPORTA! — trovejou o Carrancudo. — Vocês estão aqui agora, mas não posso deixar que fiquem no caldeirão. Estou preparando hidromel. Um barco viking pode estragar o sabor docinho!

Olhei para o líquido borbulhante ao nosso redor. De repente, fiquei feliz de não ter inspirado nada daquilo.

— Docinho? — perguntei.

— Nem vem, cara — rosnou Alex.

Acho que ele estava brincando, mas não quis perguntar.

Uma mão enorme surgiu acima de nós, e Carrancudo pegou nosso navio pelo mastro.

— Eles são pequenos demais para enxergar direito — reclamou ele. — Vamos mudar a escala das coisas.

Eu odiava quando gigantes mudavam as proporções da realidade. Na mesma hora, o mundo se condensou ao meu redor. Meu estômago implodiu. Meus ouvidos estalaram. Meus olhos se expandiram dolorosamente nas órbitas.

BUM! BAM! TUM!

Eu tropecei nos meus próprios pés e vi que estava de pé com meus amigos no meio de um salão viking enorme.

Em um canto, nosso navio estava tombado para o lado, com hidromel quente pingando do casco. O salão tinha dezenas de quilhas de barco servindo como colunas, subindo dezenas de metros e se curvando para dentro para formar as vigas de um teto pontudo. Em vez de tábuas ou gesso preenchendo o espaço onde ficariam as paredes, não havia nada além de água verde ondulando, contida ali por uma física que não fazia o menor sentido para mim. Portas se enfileiravam ao longo das paredes líquidas, levando a outros aposentos submarinos, provavelmente. O piso era coberto por algas úmidas, o que me deixou feliz de estar usando botas.

A disposição do salão não era muito diferente do típico salão de festas viking. Uma mesa retangular de banquete dominava o espaço, com cadeiras feitas de coral vermelho entalhado dispostas dos dois lados e um trono elaborado na cabeceira, decorado com pérolas e maxilares de tubarão. Braseiros ardiam com chamas verdes fantasmagóricas, enchendo o salão com um odor parecido com alga torrada. Sobre o fogo da lareira principal estava o caldeirão no qual estávamos flutuando antes, embora agora parecesse bem menor; talvez só grande o bastante para cozinhar

alguns bois. As laterais polidas de bronze tinham entalhes de ondas e rostos rosnando.

Nosso anfitrião/captor, o papai gigante carrancudo, estava na nossa frente, os braços cruzados, a testa franzida. Agora, só tinha o dobro do tamanho de um humano. As barras da calça skinny verde-musgo terminavam em botas pretas de bico fino. O colete do terno estava abotoado por cima de uma camisa branca, as mangas puxadas até os cotovelos para revelar as várias tatuagens rúnicas entrelaçadas nos antebraços. Com o chapéu fedora e os óculos de aros dourados, ele parecia um freguês agitado preso na fila expressa de um mercadinho orgânico, atrás de um monte de gente com produtos demais quando tudo que ele queria era pagar pelo smoothie macrobiótico e dar o fora.

Às costas dele, em um semicírculo desorganizado, havia as nove garotas das ondas — que, graças aos deuses, não estavam cantando. Cada giganta era apavorante de um jeito diferente, mas todas brincavam e riam e se empurravam com o mesmo nível de empolgação, como fãs esperando o ídolo sair do camarim para poderem demonstrar seu amor e parti-lo em pedacinhos.

Eu relembrei meu encontro com a deusa do mar Ran, que descreveu o marido como um cara que gostava de fazer cerveja artesanal. Na época, a descrição foi estranha demais para entender. Depois, pareceu engraçada. Agora, parecia um pouco real demais, porque eu tinha quase certeza de que o deus hipster em questão estava de pé na minha frente.

— Você é Aegir — adivinhei. — O deus do mar.

Aegir grunhiu de um jeito que parecia querer dizer: *Sou, e daí? Você estragou meu hidromel mesmo assim.*

— E essas… — Eu engoli em seco. — Essas damas adoráveis são suas filhas?

— Claro — disse ele. — As Nove Gigantas das Ondas! São Himinglaeva, Hefring, Hrönn…

— Eu sou Hefring, pai — interrompeu a garota mais alta. — Ela é Hrönn.

— Certo — disse Aegir. — E Udr. E Bylgja…

— Bigli o quê? — perguntou Mallory, que estava se esforçando para segurar Mestiço, parcialmente consciente.

— É um prazer conhecer todas! — gritou Samirah antes que Aegir pudesse apresentar Cometa, Cupido e Rudolph. — Nós reivindicamos direitos de convidados!

Samirah era inteligente. Em lares jötunn refinados, reivindicar direitos de convidado podia salvar você de ser massacrado, ao menos por um tempo.

Aegir pigarreou.

— Você acha que sou o quê, um selvagem? É *claro* que vocês têm direitos de convidados. Apesar de terem estragado meu hidromel e de terem um navio amarelo que é um verdadeiro insulto, vocês são meus convidados. Nós pelo menos temos que fazer uma refeição juntos antes de eu decidir o destino de vocês. A não ser que Magnus Chase esteja presente, é claro, porque senão eu teria que matar todos vocês imediatamente. Ele não está aqui, espero?

Ninguém respondeu, mas todos os meus amigos me olharam de cara feia, como quem diz: *Caramba, Magnus*.

— Só hipoteticamente… — falei. — Se Magnus Chase estivesse aqui, por que você mataria ele?

— Porque prometi à minha esposa, Ran! — gritou Aegir. — Por algum motivo, ela *odeia* esse cara!

As nove filhas assentiram vigorosamente, murmurando:

— Odeia mesmo. Muito. Aham, pra caramba.

— Ah. — Fiquei feliz de estar encharcado de hidromel. Talvez escondesse o suor brotando na minha testa. — E onde está sua adorável esposa?

— Não está aqui hoje — disse Aegir. — Está recolhendo lixo nas redes dela.

— Graças aos deuses! Quer dizer… graças aos deuses que podemos pelo menos passar um tempinho com o restante da sua família!

Aegir inclinou a cabeça.

— Sim… Bem, filhas, acho que vocês precisam botar mais lugares na mesa para nossos convidados. Vou falar com o chef para cozinhar aqueles prisioneiros suculentos!

Ele acenou para uma das portas laterais, que se abriu sozinha. Atrás dela ficava uma cozinha enorme. Quando vi o que estava suspenso acima do fogão, precisei de toda a minha força de vontade para não gritar como uma giganta das ondas. Pendurados em duas gaiolas extragrandes estavam nossos especialistas em reconhecimento de amplo espectro, Blitzen e Hearthstone.

Nove

Viro vegetariano por uma hora

SABE AQUELE MOMENTO constrangedor em que você troca olhares com dois amigos pendurados em gaiolas na cozinha de um gigante? E aí um deles reconhece você e começa a gritar seu nome, mas você não quer que seu nome seja gritado?

Blitzen cambaleou para ficar de pé, segurou as grades da gaiola e berrou:

— MAG…

— … NÍFICO! — eu gritei mais alto. — Que belos exemplares!

Eu corri na direção das gaiolas, com Sam e Alex logo atrás.

Aegir franziu a testa.

— Filhas, cuidem dos nossos convidados!

Ele fez um gesto amplo e depreciativo na direção de Mallory e T.J., que ainda tentavam impedir nosso berserker semiconsciente de cair de cara no chão de alga. Então o deus do mar nos seguiu para a cozinha.

Os eletrodomésticos tinham o dobro do tamanho humano. Só os botões do fogão seriam ótimos pratos de jantar. Hearthstone e Blitzen, parecendo ilesos, porém humilhados, estavam pendurados acima do *cooktop* de quatro bocas, as gaiolas batendo em um azulejo em que *BUON APPETITO!* estava pintado de vermelho em uma caligrafia cursiva rebuscada.

Hearthstone vestia sua roupa preta de couro de sempre, o cachecol listrado o único detalhe colorido. O rosto pálido e o cabelo louro platinado dificultavam saber se estava anêmico, apavorado ou apenas constrangido pelo azulejo *BUON APPETITO!*

Blitzen ajeitou o blazer azul-marinho e verificou se a camisa de seda malva estava para dentro da calça jeans. O lenço e a gravata combinando pareciam um pouco tortos, mas o cara tinha uma aparência ótima para um prisioneiro que estava no cardápio. O cabelo e a barba pretos encaracolados estavam bem aparados. A pele escura combinava belissimamente com as barras de ferro da gaiola.

No mínimo, Aegir deveria ter um pouco de empatia por um cara tão bem-vestido quanto ele.

Fui rápido ao usar linguagem de sinais para avisá-los: *Não digam meu nome. A-E-G-I-R vai me matar.*

Eu soletrei o nome do deus porque não sabia que sinal podíamos usar para ele. *Carrancudo, Cara da Cerveja* ou H de *hipster* eram escolhas lógicas.

O deus apareceu do meu lado.

— Eles são *mesmo* exemplares magníficos — concordou. — Sempre tentamos ter à mão algum alimento fresco, capturado no dia, para o caso de convidados aparecerem.

— Certo! Muito inteligente — falei. — Mas vocês costumam comer anões e elfos? Eu não achava que deuses…

— *Deuses?* — Aegir soltou uma gargalhada. — Bem, aí está seu erro, pequeno mortal. Eu não sou um daqueles deuses aesires ou vanires sem-gracinha! Sou uma deidade jötunn, cem por cento gigante!

Eu não ouvia o termo *sem-gracinha* desde a aula de educação física do terceiro ano do fundamental com o treinador Wicket, mas, se não me falhava a memória, não era um elogio.

— Então… vocês *comem* elfos e anões?

— Às vezes. — Aegir pareceu ficar na defensiva. — Ocasionalmente algum troll ou humano, embora eu imponha um limite em relação ao consumo de hobgoblins. Eles são muito nojentos. Por que a pergunta? — Ele estreitou os olhos. — Você tem restrições alimentares?

Sam, mais uma vez, pensou rápido.

— Na verdade, tenho! Sou muçulmana.

Aegir fez uma careta.

— Entendi. Peço desculpas. Acho que anões não são halal. Já não tenho tanta certeza quanto aos elfos.

— Também não — disse Sam. — Na verdade, estamos no ramadã, o que quer dizer que preciso fazer minha primeira refeição *com* anões e elfos, em vez de comê-los ou estar na companhia de alguém que coma. É estritamente proibido.

Eu tinha quase certeza de que ela estava inventando isso, mas como eu ia saber? Acho que ela estava contando com que Aegir tivesse ainda menos informações a respeito de restrições do Alcorão do que eu.

— Que pena. — Nosso anfitrião suspirou. — E quanto aos demais?

— Eu sou vegetariano — respondi na lata, o que não era verdade, mas, ei, falafel não tinha carne.

Olhei para Blitz e Hearth. Vi quatro polegares entusiasmados para cima.

— E eu tenho cabelo verde. — Alex abriu as mãos como quem diz: *O que se pode fazer?* — Infelizmente, comer anões e elfos é contra minha crença. Mas agradeço o convite.

Aegir fez cara de decepção, como se estivéssemos testando os limites de sua hospitalidade culinária. Ele olhou para Blitzen e Hearthstone, agora encostados casualmente nas grades das gaiolas tentando parecer o mais não halal possível.

— Já era a carne do dia — resmungou Aegir. — Mas nós sempre fazemos o melhor para agradar os convidados. *Eldir!*

Ele gritou essa última palavra tão alto que eu pulei e bati a cabeça no cabo da porta do forno.

Uma porta lateral se abriu, e um velho saiu da copa, arrastando os pés em uma nuvem de fumaça. Vestia um traje branco de chef, completo até o chapéu, mas as roupas pareciam em processo de combustão. Chamas

dançavam pelas mangas e pelo avental. Saía fumaça da gola, como se o peito estivesse fervendo. Fagulhas piscavam nas sobrancelhas e barba grisalhas. O sujeito parecia ter uns seiscentos anos, e sua expressão era tão amarga que ele parecia ter passado aquele tempo todo sentindo cheiros horríveis.

— Que foi? — disse ele com rispidez. — Eu estava preparando minha salmoura élfica!

— Vamos precisar de alguma coisa diferente para o jantar — ordenou Aegir. — Nada de elfo. Nada de anão.

— *O quê?* — resmungou Eldir.

— Nossos convidados têm restrições alimentares: halal, vegetariano, adequado a cabelo verde.

— E é ramadã — acrescentou Sam. — Você vai precisar libertar esses prisioneiros para que possam desjejuar ao meu lado.

— Humf — disse Eldir. — Esperam que eu *(resmungo, resmungo)* em pouco tempo *(resmungo, resmungo)* cardápio adequado a cabelo verde. Pode ser que tenha hambúrguer de alga no freezer.

Ele voltou para a copa, ainda reclamando e fumegando.

— Sem querer ser grosseiro — comentei para Aegir —, mas seu chef está pegando fogo?

— Ah, Eldir está assim há séculos. Desde que meu outro servo, Fimafeng, foi morto por Loki, Eldir passou a ter o dobro de trabalho e isso o deixou *fervendo* de raiva!

Uma pequena bolha de esperança se formou no meu peito.

— Morto por Loki, você disse?

— É! — Aegir franziu a testa. — Você deve ter ouvido falar de como aquele patife destruiu meu salão.

Olhei para Sam e Alex como quem diz: *Ei, pessoal, Aegir também é inimigo de Loki!*

Então lembrei que Sam e Alex eram filhos de Loki. Aegir podia não gostar dos meus amigos tanto quanto não gostava de Magnus Chase.

— Lorde Aegir — chamou Sam. — A vez em que Loki destruiu seu salão… isso foi no banquete dos deuses?

— Sim, sim — respondeu Aegir. — Foi um desastre! Os sites de fofoca fizeram a festa!

Eu quase conseguia ver a mente de Sam trabalhando. Se ela fosse Eldir, estaria soltando vapor pelas beiradas do hijab.

— Eu me lembro dessa história — disse Sam, segurando o braço de Alex. — Preciso fazer minhas orações. Alex vai me ajudar.

Alex piscou.

— Vou?

— Lorde Aegir — continuou Sam —, posso usar um canto do seu salão para fazer rapidamente as minhas preces?

O deus do mar alisou o colete.

— Bem, acho que sim.

— Obrigada!

Sam e Alex saíram da cozinha. Eu esperava que estivessem prestes a formular um plano engenhoso para nos tirar com vida do salão de Aegir. Se Sam estivesse realmente indo fazer uma oração… bem, torci para que já tivesse experiência em rezas muçulmanas no lar de um deus nórdico (desculpe, *deidade jötunn*). Fiquei com medo de que o paradoxo religioso fizesse o local ruir.

Aegir ficou me encarando. A cozinha foi tomada por aquele silêncio constrangedor de quando você tenta servir anão e elfo a um vegetariano.

— Vou pegar hidromel na adega — disse ele. — Por favor, me diga que você e seus amigos não têm restrições quanto a hidromel.

— Acho que não temos! — respondi, porque não queria ver um jötunn adulto chorar.

— Graças às ondas. — Aegir tirou um chaveiro do bolso do colete e jogou para mim. — Destranque o jantar, quer dizer, os prisioneiros, por favor. Depois, fique…

Ele acenou vagamente para indicar o salão de jantar e saiu andando, me deixando a imaginar qual seria o fim daquela frase: à vontade, escondido, com medo.

Eu subi no fogão e soltei Blitz e Hearth das gaiolas. Tivemos uma reunião lacrimosa junto ao queimador frontal esquerdo.

— Garoto! — Blitzen me abraçou. — Eu sabia que você viria nos salvar!

— Hum, na verdade eu não sabia que vocês estavam aqui. — Usei linguagem de sinais ao mesmo tempo que falava, tentando facilitar para Hearthstone, embora não fizesse isso havia várias semanas e minhas mãos estivessem lentas. A gente perde a prática rápido. — Mas estou muito feliz de ter encontrado vocês.

Hearthstone estalou os dedos pedindo atenção. *Eu também estou feliz*, sinalizou ele. Depois bateu no saco de runas que trazia pendurado no cinto. *Essas gaiolas idiotas eram à prova de magia. Blitzen chorou muito.*

— Não chorei — protestou Blitzen, também usando linguagem de sinais. — Você chorou.

Não chorei, disse Hearthstone. *Você chorou*.

Àquela altura, a conversa por linguagem de sinais se deteriorou e um passou a cutucar o peito do outro.

— Pessoal — interrompi —, o que aconteceu? Como vocês vieram parar aqui?

— Longa história — disse Blitz. — Nós estávamos esperando vocês no farol, cuidando das nossas vidas.

Lutando contra uma serpente marinha, sinalizou Hearth.

— Sem fazer nada de errado — continuou Blitz.

Batendo na cabeça da serpente com pedras.

— Bem, ela estava ameaçando a gente! — disse Blitz. — Aí uma onda veio do nada e nos engoliu.

Uma onda com nove mulheres furiosas. A serpente era o bichinho de estimação delas.

— Como eu podia imaginar uma coisa dessas? — resmungou Blitz. — O bicho não *parecia* estar tentando brincar de pique-pega. Mas isso não importa, garoto. Nós descobrimos informações em nossa missão de reconhecimento, e não são boas…

— Convidados! — gritou Aegir do salão principal. — Venham! Juntem-se a nós para beber hidromel e comer!

Vamos voltar a esse assunto depois, sinalizou Hearthstone, cutucando Blitz no peito uma última vez.

Na época em que éramos três sujeitos sem-teto nas ruas de Boston, se alguém nos chamasse para jantar, iríamos correndo. Agora, fomos com relutância. Era uma refeição de graça para a qual eu não estava muito animado.

As nove filhas de Aegir se aproximaram com agitação, botando pratos e garfos e canecas na mesa. Aegir cantarolou enquanto mexia em uma prateleira cheia de barris de hidromel, cada um com rótulo de runas diferente. T.J., Mallory e Mestiço já estavam sentados, parecendo pouco à vontade nas cadeiras vermelhas de coral, com alguns assentos vazios entre eles. Mestiço Gunderson, mais ou menos consciente àquela altura, piscava e olhava ao redor como se esperasse despertar de um sonho.

No *Bananão*, Samirah terminou as orações. Enrolou o tapete, teve uma conversa breve e urgente com Alex e os dois vieram se juntar a nós. Se Sam tinha um plano brilhante, eu fiquei feliz de que não envolvesse Alex e ela virando golfinhos, gritando *Até mais, otários!* e fugindo sozinhos.

A mesa de jantar parecia ter sido feita a partir do maior mastro do mundo cortado ao meio e disposto lado a lado. Acima, suspenso nas vigas por uma corrente de âncora, estava um candelabro de vidro marinho. Em

vez de velas ou luz elétrica, as almas cintilantes dos mortos giravam em arandelas enormes. Só para criar um clima, eu acho.

Eu estava prestes a me sentar entre Blitz e Hearth quando percebi que havia plaquinhas indicando os lugares de cada um: ANÃO. HRÖNN. ELFO. HEFRING. LENÇO VERDE. Encontrei a minha do outro lado da mesa: CARA LOURO.

Que ótimo. Lugares marcados.

Duas filhas de Aegir se sentaram de cada um dos meus lados. De acordo com as plaquinhas, a moça à esquerda era Kolga. A da direita… Putz. Aparentemente ela se chamava Blódughadda. Eu me perguntei se tinha sido esse o som que a mãe dela fez, ainda meio anestesiada, ao dar à luz a filha número nove. Talvez desse para chamá-la apenas de Blod.

— Oi — falei.

Blod sorriu. Os dentes estavam manchados de vermelho. O cabelo ondulado estava salpicado de sangue.

— Oi. Foi um prazer arrastar vocês até aqui.

— Ah. Obrigado.

A irmã dela, Kolga, se inclinou para perto. Gelo começou a se formar no meu braço. O vestido que ela usava parecia ser trançado de fragmentos de gelo e neve derretida.

— Espero que a gente possa ficar com eles, irmã — disse ela. — Seriam ótimos espíritos torturados.

Blod riu. Seu hálito tinha aquele cheiro de carne moída que acabou de sair da geladeira.

— É mesmo! Perfeitos para nosso candelabro.

— Agradeço a proposta — disse a elas. — Mas na verdade nossa agenda está bem cheia.

— Nossa, como fui indelicada — comentou Blod. — Na sua língua, eu me chamo Cabelo Vermelho de Sangue. Minha irmã aqui é Onda Gelada. E

você… Seu nome é… — Ela franziu a testa ao olhar para minha plaquinha. — Cara Louro?

Eu não via como isso podia ser pior do que Cabelo Vermelho de Sangue.

— Pode me chamar de Jimmy — falei. — Na sua língua se diz… Jimmy mesmo.

Blod não pareceu satisfeita com a explicação.

— Você não me é estranho… — Ela farejou meu rosto. — Por acaso já navegou pelas minhas águas vermelho-sangue em uma batalha naval?

— Tenho quase certeza de que não.

— Talvez minha mãe Ran tenha descrito você pra mim. Mas por que ela…?

— Convidados! — trovejou Aegir, e nunca fiquei tão feliz com uma interrupção. — Eis minha primeira fermentação da noite. É um hidromel de pêssego tipo lambic, um delicioso aperitivo. Agradeço os comentários depois que vocês provarem.

As nove filhas soltaram gritinhos de aprovação quando Aegir ergueu o barril de hidromel e caminhou ao redor da mesa servindo a todos.

— Vocês vão ver que tem um toque frutado — disse Aegir. — Com um leve sabor de…

— Magnus Chase! — gritou Blod, ficando de pé e apontando para mim. —Esse aí é o MAGNUS CHASE!

Dez

Podemos falar sobre hidromel?

SUPERNORMAL. ALGUÉM DIZ toque frutado e meu nome pipoca na mente.

Pare com isso, pessoal. Eu mereço um pouco de respeito.

As filhas de Aegir ficaram de pé. Algumas pegaram facas, garfos ou guardanapos com os quais nos furar, cutucar ou estrangular.

Aegir gritou:

— Magnus Chase? Que história é essa?

Meus amigos e eu não movemos um músculo. Todos nós sabíamos como funcionavam os direitos dos convidados. Talvez ainda conseguíssemos escapar de uma briga usando a lábia, mas quando sacássemos as armas, deixaríamos de ser considerados convidados e passaríamos a ser o prato do dia. Estando contra uma família inteira de deidades jötunn, na casa deles, eu não gostava das nossas chances.

— Espere! — falei o mais calmamente que consegui tendo uma mulher chamada Cabelo Vermelho de Sangue segurando uma faca ao meu lado. — Nós ainda somos convidados à sua mesa. Não violamos nenhuma regra.

Vi o vapor saindo por baixo da aba do chapéu fedora de Aegir. Os óculos de aro dourado ficaram embaçados. Embaixo do braço, o barril de hidromel começou a rachar como uma noz em um quebra-nozes.

— Você mentiu para mim — rosnou Aegir. — Disse que não era Magnus Chase!

— Você vai quebrar seu barril — avisei.

Isso chamou a atenção dele. Aegir levou o barril para a frente do corpo e o abraçou como se fosse um bebê.

— Direitos de convidados não se aplicam! Eu dei a você um lugar à minha mesa com base na sua má-fé!

— Eu nunca *disse* que não era Magnus Chase — lembrei a ele. — Além do mais, suas filhas também nos trouxeram aqui porque falamos sobre hidromel.

Kolga rosnou.

— E porque vocês têm um navio amarelo horrendo.

Eu me perguntei se todo mundo conseguia ver meu coração batendo embaixo da camiseta, tamanho era meu nervosismo.

— Certo, mas também hidromel. Nós viemos falar sobre hidromel!

— Viemos? — perguntou Mestiço.

Mallory pareceu querer bater nele, mas havia uma giganta do mar bloqueando o caminho.

— Claro que viemos, seu bobão!

— Então, sabe — continuei —, não foi má-fé. Pode ter fé de que foi por uma boa causa!

As filhas de Aegir murmuraram baixinho, incapazes de contrariar minha lógica impecável.

Aegir apertou o barril contra o peito.

— O que exatamente vocês têm a dizer sobre hidromel?

— Que bom que você perguntou!

E percebi que não tinha resposta.

Mais uma vez, Samirah veio ao resgate.

— Nós vamos explicar! — prometeu ela. — Mas as melhores histórias são contadas durante o jantar, acompanhadas por um bom hidromel, não são?

Aegir acariciou o barril com afeto.

— Um aperitivo com toque frutado.

— Exatamente — concordou Sam. — Vamos então desjejuar juntos. Se não estiver completamente satisfeito com nossas explicações no final do

jantar, pode nos matar.

— Pode? — perguntou T.J. — Quer dizer… claro. Pode, sim.

À minha direita, as unhas em forma de garras de Blod pingavam água salgada vermelha. À minha esquerda, uma chuva de granizo em miniatura se formava em volta de Kolga. Espalhadas entre meus amigos, as outras sete filhas rosnavam como diabos-da-tasmânia.

Blitzen colocou as mãos no colete de cota de malha. Depois de ser perfurado pela espada Skofnung alguns meses antes, ele ficou meio sensível a ataques de faca. Os olhos de Hearthstone iam de um rosto a outro, tentando acompanhar a conversa. Ler os lábios de uma pessoa já era bem difícil. Tentar ler um salão inteiro era praticamente impossível.

Mallory Keen segurou a caneca de hidromel, pronta para imprimir o desenho decorativo na cara da giganta mais próxima. Mestiço franzia a testa com expressão sonolenta, a essa altura sem dúvida *convencido* de que tudo aquilo não passava de um sonho. T.J. tentou não chamar a atenção enquanto enfiava a mão na bolsa de munição, e Alex Fierro só ficou calmamente sentado, bebendo o hidromel de pêssego tipo lambic. Alex não precisava se preparar para batalhas. Eu já tinha presenciado a velocidade com que sacava seu garrote.

O deus do mar Aegir era quem dava as cartas. Ele só precisava dizer “Matem todos” e estaríamos fritos. Lutaríamos corajosamente, sem dúvida. Mas morreríamos.

— Não sei… — refletiu Aegir. — Minha esposa disse para eu matar você se nossos caminhos se cruzassem. O combinado era afogar você lentamente, revivê-lo e então afogá-lo de novo.

É, parecia mesmo algo que Ran falaria.

— Grande lorde — disse Blitzen —, o senhor fez um *juramento* formal de matar Magnus Chase?

— Bom, não — admitiu Aegir. — Mas quando minha esposa pede…

— É preciso considerar os desejos de sua senhora, sem dúvida! — concordou Blitz. — Mas acho que também deveria pesar isso em relação aos direitos dos convidados, não é? E como ter certeza do que fazer se não tiver nos dado tempo para que possamos contar toda a história?

— Me deixe matar eles, pai! — rosnou a filha com as mãos excepcionalmente grandes. — Vou esmagá-los eles até que gritem!

— Silêncio, Onda Ávida — ordenou Aegir.

— Me deixe fazer as honras! — exclamou outra filha, jogando o prato no chão. — Vou jogar eles na boca de Jörmungand!

— Calma, Onda Arremessadora. — Aegir franziu a testa. — O anão tem razão. Estamos em um dilema…

Ele acariciou o barril. Eu esperava que dissesse: *Meu barril de hidromel está irritado. E quando meu barril de hidromel fica irritado,* EU *fico irritado!*

No entanto, ele deu apenas um suspiro.

— Seria uma vergonha desperdiçar um hidromel tão bom. Vamos comer e beber juntos. Vocês vão me contar a história, dando ênfase especial à sua relação com hidromel.

Ele fez sinal para as filhas se sentarem de novo.

— Mas estou avisando, Magnus Chase, que se eu decidir matar você, minha vingança será terrível. Sou uma deidade jötunn, uma das forças primordiais! Como meus irmãos Fogo e Ar, eu, o Mar, sou um poder furioso que não pode ser contido!

A porta da cozinha se abriu com força. Em uma nuvem de fumaça, Eldir apareceu, a barba ainda fumegando e o chapéu de chef agora em chamas. Carregava nos braços uma torre torta de pratos cobertos.

— Quem pediu a refeição sem glúten? — rosnou ele.

— Sem glúten? — perguntou Aegir. — Acho que não teve isso.

— É minha — respondeu Blod.

Ela reparou na minha expressão e fez uma careta.

— O que foi? Estou em uma dieta só de sangue.

— Sem problemas — balbuciei.

— Certo — disse Aegir, assumindo o comando dos pedidos. — A refeição halal… é de Samirah. A vegetariana é de Magnus Vai-Morrer-Em-Breve Chase. O prato de cabelo verde…

— Aqui — disse Alex, o que provavelmente foi desnecessário.

Mesmo em uma sala cheia de gigantas do mar, ele ainda era o único que tinha cabelo verde.

Os pratos foram distribuídos. O hidromel foi servido.

— Certo. Todos servidos? — perguntou Aegir, sentando-se ao trono.

— Sobrou um! — gritou Eldir. — A refeição budista.

— É minha — disse Aegir.

Não fique encarando, eu disse para mim mesmo quando a deidade primordial tirou a cobertura do prato de tofu com broto de feijão. *Isso é completamente normal.*

— Agora, onde eu estava? — continuou Aegir. — Ah, sim. Um poder furioso que não pode ser contido! Vou arrancar os membros de vocês um a um!

A ameaça teria sido mais assustadora se ele não estivesse balançando uma ervilha fresca cozida no vapor em nossa direção.

Alex tomou um gole da caneca.

— Posso só dizer que esse hidromel está *excelente*? Se não estou enganado, tem um toque frutado. Como você prepara?

Os olhos de Aegir se iluminaram.

— Você tem um paladar refinado! Bem, o segredo está na temperatura do mel.

Aegir começou a falar. Alex assentiu educadamente e fez mais perguntas.

Percebi que ele estava tentando ganhar tempo, na esperança de prolongar o jantar enquanto pensávamos em coisas incríveis para dizer a

respeito do hidromel. Mas eu estava sem ideias.

Olhei para o prato de Blod. Grande erro. Ela estava comendo uma coisa vermelha gelatinosa.

Virei para o outro lado. A refeição de Kolga era um prato de raspadinhas de gelo de cores diferentes, arrumados em leque como as penas de um pavão.

Kolga reparou que eu estava olhando e rosnou, os dentes parecendo cubos de gelo afiados. A temperatura no ambiente caiu tão rápido que cristais de gelo se formaram nos meus ouvidos.

— O que você está olhando, Magnus Chase? Não vou te dar minhas raspadinhas!

— Não, não! Eu só queria saber, hã… de que lado vocês vão lutar no Ragnarök?

Ela sibilou.

— O mar vai engolir tudo.

Eu esperei para ver se ela ia entrar em detalhes, mas a frase parecia ter explicado seu plano de batalha inteiro.

— Certo. Fico feliz em saber que vocês vão ficar neutros.

— Neutros, não. Vamos ficar *frios*. Gelados, até.

— Ah… certo. Mas seu pai não é amigo de Loki.

— É claro que não! Depois daquele vitupério horrível? Loki desgraçou este salão, os deuses, meu pai e até o hidromel dele!

— Certo. O vitupério.

A palavra era familiar. Eu tinha quase certeza de que vira na TV em Valhala, mas não fazia ideia do que queria dizer.

— Suponho que você já tenha ouvido o nome Bolverk? — perguntei, tentando a sorte. — Ou o que ele pode ter a ver com hidromel?

Kolga fez uma cara de desprezo, como se eu fosse burro.

— Bolverk era o pseudônimo do ladrão de hidromel, claro.

— O ladrão de hidromel.

Parecia o título de um livro bem ruim.

— O que roubou o hidromel de Kvásir! — disse Kolga. — O único hidromel que meu pai não sabe preparar! Você é mesmo um sem noção. Estou louca para enfiar sua alma no candelabro.

Ela voltou a saborear as raspadinhas.

Kvásir. Ótimo. Eu perguntava sobre um nome que não conhecia e ouvia outro. No entanto, senti que estava chegando perto de uma coisa importante, a combinação das peças de um quebra-cabeça que explicaria o diário do tio Randolph, me revelaria o plano dele para vencer Loki e talvez até oferecesse uma solução baseada em hidromel para nos tirar daquele salão com vida.

Aegir continuou falando sobre preparação de hidromel, explicando a Alex as virtudes de nutrientes fermentados escalonados e dos hidrômetros. Num gesto heroico, Alex foi capaz de parecer interessado.

Consegui chamar a atenção de Hearthstone do outro lado da mesa. Eu perguntei em linguagem de sinais: *O que é V-I-T-U-P-É-R-I-O?*

Ele franziu a testa. *Competição*. Levantou o indicador e girou como se estivesse enfiando… Ah, sim. O símbolo de *insultos*.

E quem é K-V-Á-S-I-R?, perguntei.

Hearthstone afastou as mãos como se tivesse tocado em um fogão quente. *Então você sabe?*

Sam bateu com os dedos na mesa para chamar minha atenção. As mãos voaram em gestos curtos e furiosos. *Estou tentando te falar! Loki esteve aqui. Muito tempo atrás. Competição de insultos. Temos que prometer vingança a Aegir. Alex e eu achamos que há um hidromel que podemos usar…*

Isso eu entendi, sinalizei para ela.

Por incrível que pareça, senti que tinha um plano. Embora não um com todos os detalhes. Nem mesmo a maioria dos detalhes. Era mais como se eu tivesse sido girado com uma venda nos olhos e alguém tivesse colocado

uma vareta na minha mão e me posicionado mais ou menos na direção da *piñata*, dizendo *Pode bater*.

Mas era melhor do que nada.

— Grande Aegir! — Eu pulei na cadeira e subi na mesa antes que pudesse pensar no que estava fazendo. — Vou explicar para você por que não deveria nos matar e o que isso tem a ver com hidromel!

Um silêncio se espalhou pelo salão. Nove gigantas da tempestade olharam para mim como se considerando todas as formas diferentes com que poderiam me arremessar, esmagar, jogar ou congelar até a morte.

Pelo canto do olho, vi Alex sinalizando para mim: *Seu zíper está aberto.*

Com força de vontade sobre-humana, não olhei para baixo. Continuei concentrado em Aegir, em sua testa franzida e no broto de feijão pendurado na barba dele.

O deus do mar trovejou:

— Eu estava explicando como limpar um fermentador. É melhor que essa história seja boa.

— E é! — prometi, verificando o zíper discretamente e notando que não estava realmente aberto. — Nossa tripulação está navegando para que a justiça seja feita! Loki fugiu da sua prisão, mas nós pretendemos encontrar o navio dele, *Naglfar*, antes que possa partir no solstício de verão. Então recapturaremos Loki e o acorrentaremos de novo. Se nos ajudar, terá sua vingança por aquele vitupério horrível.

Uma nuvem de vapor saiu do chapéu fedora de Aegir como se alguém tivesse levantado a tampa de uma pipoqueira.

— Como ousa falar daquela desgraça?! — perguntou ele. — Aqui, na mesa onde aconteceu?

— Eu sei que Loki insultou você! — gritei. — E muito! Você e todos os seus convidados divinos sofreram insultos *horríveis*. Ele insultou até o seu

hidromel! Mas nós podemos derrotá-lo e vingar você e sua casa. Eu… eu mesmo vou desafiar Loki!

Sam apoiou a cabeça nas mãos. Alex olhou para o teto e disse apenas com o movimento dos lábios: *Uau. Não.*

Meus outros amigos me olharam com perplexidade, como se eu tivesse tirado o pino de uma granada. (Eu fiz isso uma vez no campo de batalha de Valhala antes de entender direito como uma granada funcionava. Esse episódio não acabou bem nem para a granada nem para mim.)

Aegir demonstrou uma calma mortífera. Ele se inclinou para a frente, as lentes cintilando na armação dourada dos óculos.

— Você, Magnus Chase, desafiaria Loki em um vitupério?

— Sim. — Apesar das reações dos meus amigos, eu ainda tinha certeza de que era a resposta certa, apesar de não entender o que vitupério significava. — Vou insultar ele pra caramba.

Aegir acariciou a barba, encontrou o broto de feijão e o jogou longe.

— Como você conseguiria isso? Nem os deuses se equiparam a Loki em um vitupério! Você precisaria de uma arma secreta incrível para ter um toque de vantagem!

Talvez eu também precise de um toque frutado, pensei, porque essa era a outra coisa da qual eu tinha certeza, apesar de não entender completamente. Eu me levantei com a coluna bem ereta e anunciei usando a voz grave de quem aceita uma missão:

— Vou usar o hidromel do Kevin!

Alex se juntou a Samirah no clube de esconder a cara.

Aegir franziu a testa.

— Você quer dizer o hidromel de Kvásir?

— É! Isso!

— Impossível! — protestou Kolga, a boca tingida de seis cores diferentes por causa das raspadinhas de gelo. — Pai, não acredite neles!

— E tem mais, grande Aegir — insisti —, se nos deixar partir, nós até… hã, traremos pra você uma amostra do hidromel de Kvásir, o único hidromel que você não consegue preparar.

Meus amigos e as nove gigantas se viraram para Aegir, esperando a resposta dele.

Um leve sorriso se anunciava nos lábios do deus do mar. Ele parecia alguém que conseguira pular para a fila do caixa rápido que acabou de ser aberto no mercado para finalmente pedir o *smoothie* do momento.

— Bem, isso muda tudo — disse ele.

— Muda? — perguntei.

Aegir se levantou do trono.

— Eu adoraria ver Loki pagar pelo que fez, ainda mais em um vitupério. Também adoraria ter uma amostra do hidromel de Kvásir. E preferiria não matar vocês todos, pois concedi direitos de convidados.

— Ótimo! — exclamei. — Então você vai nos deixar ir?

— Infelizmente — continuou Aegir —, você ainda é Magnus Chase e minha esposa quer te ver morto. Se eu deixar você ir, ela vai ficar com muita raiva. Mas, se vocês escapassem, digamos, quando eu não estivesse olhando, e minhas filhas não conseguissem matar vocês durante a tentativa de fuga… Bem, acho que teríamos que considerar isso o desejo das Nornas!

Ele alisou o colete.

— Vou para a cozinha pegar mais hidromel! Espero que nada de desagradável aconteça enquanto eu estiver lá. Venha comigo, Eldir!

O cozinheiro lançou um último olhar fumegante na minha direção.

— Insulte Loki uma vez por Fimafeng, está bem?

Em seguida, seguiu o mestre até a cozinha.

Assim que a porta se fechou, as nove filhas de Aegir se levantaram das cadeiras e atacaram.

Onze

Minha espada leva a gente para (pausa dramática) a era disco

Quando eu era apenas um mortal comum, não sabia realmente muito sobre combates.

Tinha a vaga ideia de que exércitos formavam filas, tocavam trompetes de guerra e marchavam para matarem uns aos outros de forma ordenada. Se eu pensasse em combate viking, visualizava algum cara gritando PAREDE DE ESCUDOS! e um bando de caras louros e cabeludos calmamente juntando os escudos em um padrão geométrico bonito como um poliedro ou, sei lá, um Megazord dos Power Rangers.

Uma batalha de verdade não tinha nada a ver com isso. Ao menos, não as versões de que *eu* participei. Estava mais para o cruzamento entre dança interpretativa, luta livre e quebra-pau de talk show diurno da TV.

As nove gigantas do mar se lançaram contra nós com um uivo de alegria coletivo. Meus amigos estavam prontos. Mallory Keen pulou nas costas de Onda Ávida e enfiou as facas nos ombros da giganta. Mestiço Gunderson segurou duas canecas de hidromel e bateu na cara de Hefring e na barriga de Udr.

T.J. perdeu um tempo valioso tentando carregar o rifle. Antes que pudesse disparar, a linda Himinglaeva virou uma onda enorme e o jogou do outro lado do salão.

Hearthstone usou uma runa que eu nunca tinha visto:

ᛚ

Acertou Bigli, quer dizer, Bylgja, com um brilho forte, liquefazendo-a em uma poça grande e irritada.

A lança de luz de Sam cintilou na mão dela. Ela voou para o alto, para fora do alcance das gigantas, e começou a acertar as irmãs com arcos de puro brilho de valquíria.

Enquanto isso, Blitzen só aumentava o caos, distraindo as nove irmãs com críticas ferinas de estilo, como:

— Sua barra está curta demais! Tem um fio puxado na sua meia-calça! Esse lenço *não* combina com seu vestido!

Kolga e Blod vieram para cima de mim. Eu me enfiei corajosamente embaixo da mesa e tentei escapar engatinhando, mas Blod me puxou pela perna.

— Ah, não — rosnou ela, os dentes pingando vermelho. — Vou arrancar sua alma do corpo, Magnus Chase!

Mas um gorila caiu em cima dela, derrubou-a no chão e arrancou sua cara. (Soou nojento, mas na verdade, quando o gorila arrancou a cara de Blod, a cabeça toda da giganta simplesmente se dissolveu em água salgada, encharcando o chão de algas.)

O gorila me encarou, os olhos de cores diferentes, um castanho, e o outro, mel. Ele grunhiu para mim com impaciência, como quem diz: *Levanta logo, idiota! Lute!*

O gorila se virou para enfrentar Kolga.

Eu cambaleei para trás. Explosões mágicas, raios de luz, machados, espadas e insultos sobre moda voavam para todo lado, recebidos por explosões de água salgada, estilhaços de gelo e pedaços de gelatina cor de sangue.

Meus instintos me diziam que as gigantas seriam bem mais poderosas se combinassem as forças, como fizeram quando afundaram nosso navio.

Nós só estávamos vivos porque as irmãs tinham se concentrado em matar cada uma o próprio alvo. Tínhamos sido bem-sucedidos em sermos individualmente irritantes. Se as nove gigantas começassem a cantar aquela música esquisita de novo, trabalhando em equipe, seria nosso fim.

Mesmo lutando com cada uma separadamente, nós estávamos encrencados. Toda vez que uma giganta era vaporizada ou reduzida a uma poça, ela se reformava na mesma hora. Estávamos em menor número. E por melhor que meus amigos lutassem, as gigantas tinham a vantagem do terreno… e também da imortalidade, que era um toque frutado bem grande.

Nós tínhamos que encontrar um jeito de pegar o barco e sair dali, voltar para a superfície e ir para bem longe. Para isso, precisaríamos de uma distração, então decidi chamar meu especialista.

Eu tirei a pedra de runa do cordão.

Jacques surgiu em forma de espada.

— Oi! Sabe, eu estava pensando na Contracorrente. Quem precisa dela, né? Tem muitas outras espadas no arsenal e… OPA! Estamos no palácio de Aegir? Incrível! Que hidromel ele está servindo hoje?

— Socorro! — gritei quando Blod surgiu na minha frente, o rosto no lugar, as garras pingando sangue.

— Claro! — disse Jacques, animado. — Mas, cara, o Hidromel de Abóbora com Especiarias da Oktoberfest de Aegir é de beber de joelhos!

Ele foi até Cabelo Vermelho de Sangue e se colocou entre minha agressora e eu.

— Ei, moça! — chamou Jacques. — Quer dançar?

— Não! — rosnou Blod.

Ela tentou contorná-lo, mas Jacques era ágil. Ele ia de um lado para outro, apontando a lâmina para a giganta e cantando “Funkytown”.

Blod pareceu não querer ou não conseguir se desviar da lâmina mágica de Jacques, o que me deu alguns segundos para recuperar o fôlego

enquanto minha espada dançava discoteca.

— Magnus! — Samirah passou voando três metros acima de mim. — Prepare o navio!

Meu coração despencou. Percebi que meus amigos estavam distraindo as gigantas para mim, na esperança de eu conseguir deixar nosso navio pronto para navegar novamente. Pobres amigos iludidos.

Eu fui correndo até o *Bananão*.

O navio estava caído de lado, o mastro atravessando a parede de água. A corrente lá fora devia ser forte, porque estava empurrando o barco de leve, a quilha deixando marcas no chão de algas.

Toquei no casco. Felizmente, o barco reagiu e voltou à forma de lenço. Se conseguisse reunir todos os meus amigos, talvez pudéssemos atravessar a parede de água juntos e conjurar o navio enquanto a corrente nos carregasse para longe dali. Talvez o navio, por ser mágico, nos levasse de volta à superfície. Talvez não nos afogássemos nem fôssemos esmagados pela pressão da água.

Eram muitas hipóteses. Mesmo que nós conseguíssemos, as nove filhas de Aegir já tinham nos sugado para debaixo d'água uma vez. Eu não via por que não poderiam fazer isso de novo. De alguma forma, tinha que impedir que elas nos seguissem.

Eu observei a batalha. Hearthstone passou correndo por mim, jogando runas nas gigantas em seu encalço. A runa ᛚ parecia funcionar melhor do que as outras. Cada vez que acertava uma giganta, ela virava uma poça por vários segundos. Não era muito, mas era alguma coisa.

Olhei para as paredes do salão e tive uma ideia.

— Hearth! — gritei.

Xinguei minha própria burrice. Alguma hora, eu superaria o hábito de gritar para chamar a atenção do meu amigo surdo. Corri atrás dele, desviando de Onda Ávida, que Mallory Keen estava guiando pela sala com os cabos das adagas como se fosse um robô de combate.

Segurei a manga de Hearth para chamar sua atenção. *A runa*, sinalizei. *Qual é?*

L-A-G-A-Z, soletrou ele. Água. Ou… Ele fez um gesto que eu nunca tinha visto: uma das mãos na horizontal, os dedos da outra mão balançando abaixo dela. Captei a ideia: *pingar, vazar*. Ou talvez *liquefazer*.

Você consegue fazer isso com a parede?, perguntei. *Ou com o teto?*

A boca de Hearth se curvou, formando o que para ele era um sorriso diabólico. Ele assentiu.

Espere meu sinal, sinalizei.

Onda Arremessadora surgiu entre nós, urrando, e Hearthstone voltou para o meio da confusão.

Eu tinha que pensar em uma forma de separar meus amigos das gigantas. Assim, poderíamos desabar parte do salão em cima das nove irmãs durante nossa fuga. Eu duvidava de que isso fosse machucar nossas inimigas, mas pelo menos poderia surpreendê-las e atrapalhar qualquer contra-ataque. O problema era que eu não sabia como interromper a luta. Duvidava de que pudesse soprar um apito e gritar “Falta!”.

Jacques voava de um lado para outro, perturbando gigantas com sua lâmina mortal e com sua interpretação mais mortal ainda de um clássico da discoteca dos anos 1970. Kolga espalhou gelo pelo tapete, fazendo Mestiço Gunderson escorregar. Bylgja lutava com T.J., uma espada vermelha de coral contra uma baioneta. Onda Ávida finalmente conseguiu tirar Mallory das costas. A giganta a teria partido ao meio, mas Blitzen jogou um prato bem na cara dela.

(Uma das habilidades secretas de Blitz: ele dava um *show* no Ultimate Frisbee anão.)

Himinglaeva pulou atrás de Samirah. Ela conseguiu agarrar as pernas de Sam, mas Alex atacou com o garrote. A giganta perdeu de repente vários centímetros de cintura… Na verdade, a cintura *toda*. Ela tombou no chão, quase partida ao meio, e se dissolveu em espuma salgada.

Hearthstone chamou minha atenção. *A runa?*

Queria ter uma resposta. Meus amigos não podiam fazer a luta durar para sempre. Considerei conjurar a Paz de Frey (meu superpoder de arrancar as armas das mãos de todo mundo), mas as gigantas não estavam usando armas, e eu achava que meus amigos não iam gostar de serem desarmados.

Eu precisava de ajuda. Desesperadamente. Então, fiz uma coisa que não era fácil para mim. Olhei para o teto líquido e rezei com sinceridade, não de palhaçada.

— Certo… Frey, pai, por favor. Sei que fui meio ingrato mais cedo quando reclamei do navio amarelo. Mas estamos prestes a morrer aqui, então, se você puder enviar alguma ajuda, eu agradeceria. Amém. Com amor, Magnus. Magnus *Chase*, se você estiver em dúvida.

Fiz uma careta. Eu era péssimo em orações. Também não tinha certeza de que ajuda um deus do verão poderia me mandar no fundo da baía de Massachusetts.

— Oi — disse uma voz perto de mim.

O susto quase me fez atravessar o teto, o que não seria bom, considerando as circunstâncias.

De pé ao meu lado havia um homem com uns cinquenta e tantos anos, forte e queimado de sol como se tivesse trabalhado décadas como salva-vidas. Usava uma camisa polo azul-clara e um short cargo, e os pés estavam descalços. O cabelo fino e a barba curta eram cor de mel, com alguns fios brancos. Ele sorriu como se fôssemos velhos amigos, apesar de eu ter certeza de que nunca o tinha visto antes.

— Hã, oi?

Quando se mora em Valhala, a gente se acostuma com entidades estranhas aparecendo do nada. Mesmo assim, parecia um momento esquisito para um encontro casual.

— Eu sou seu avô — explicou ele.

— Ah… — O que eu poderia dizer? O homem não se parecia em nada com o vovô (nem com a vovó) Chase, mas imaginei que ele estava falando do outro lado da árvore genealógica. O lado vanir. Se eu ao menos conseguisse lembrar qual era o nome do pai de Frey, seria um sucesso. — Oi… vovô.

— Seu pai não pode fazer muita coisa no mar — explicou meu avô, o pai de Frey. — Mas eu posso. Estão precisando de uma mãozinha?

— Sim, bastante — respondi, o que talvez fosse idiotice.

Eu não tinha como ter certeza de que aquele cara era quem dizia ser, e aceitar ajuda de um ser poderoso sempre o deixava em dívida.

— Ótimo! — Ele deu um tapinha no meu braço. — Encontro você na superfície quando isso tudo acabar, tá?

Eu assenti.

— Aham.

Meu recém-descoberto avô entrou no meio da batalha.

— Oi, garotas! Como estão?

A luta parou de repente. As gigantas recuaram com cautela na direção da mesa de jantar. Meus amigos cambalearam e tropeçaram até onde eu estava.

Blod mostrou os dentes manchados de vermelho.

— Njord, você não é bem-vindo aqui!

Njord! É esse o nome dele!

Vou tentar me lembrar de enviar um cartão para ele no Dia dos Avós. Será que essa data era importante para os vikings?

— Ah, pare com isso, Blódughadda — retrucou o deus, animado. — Um velho amigo não pode vir tomar uma caneca de hidromel? Vamos conversar como deidades do mar civilizadas.

— Esses mortais são nossos! — rosnou Onda Ávida. — Você não tem direito!

— Ah, mas eles estão sob minha proteção agora, sabe? O que quer dizer que voltamos ao nosso velho conflito de interesses.

As gigantas sibilaram e rosnaram. Claramente, as irmãs queriam fazer Njord em pedacinhos, mas estavam com medo de atacar.

— Além do mais — continuou o deus —, um dos meus amigos aqui tem um truque para mostrar. Não tem, Hearthstone?

Hearthstone olhou para mim. Eu assenti.

Hearth jogou a runa *lagaz* para cima, passando pelo candelabro das almas perdidas. Eu não via como poderia chegar ao teto trinta metros acima, mas a runa pareceu ir ficando mais leve e mais rápida conforme subia. Bateu nas vigas e explodiu em um ᛚ dourado ardente, e o teto líquido desabou, enterrando as gigantas e Njord em um jato de um milhão de litros d'água.

— Agora! — gritei para os meus amigos.

Nós nos reunimos em um abraço grupal desesperado quando a onda nos acertou. Meu lenço se expandiu à nossa volta. O salão nos expulsou das profundezas do oceano como pasta de dente do tubo, e disparamos para a superfície em nosso navio de guerra amarelo.

Doze

O cara com belos pés

Não há nada melhor do que explodir das profundezas do oceano em um navio viking mágico!

Mentira. É horrível. Muito.

Meus olhos pareciam uvas que tinham sido *lagaz*-adas. Meus ouvidos estalaram com tanta força que achei que tinha levado um tiro na nuca. Desorientado e trêmulo, agarrei a amurada quando o *Bananão* atingiu as ondas — *WHOOOSH!* — e deslocou meu maxilar.

A vela se abriu sozinha. Os remos destravaram, mergulharam na água e começaram a remar sozinhos.

Navegamos sob o céu estrelado, o mar calmo e cintilante, nenhuma terra à vista em qualquer direção.

— O navio… está seguindo por conta própria — observei.

Ao meu lado, Njord apareceu do nada, sem aparentar estar abalado por ter sido pego no meio do desabamento do salão de Aegir.

O deus riu.

— Bom, sim, Magnus, claro que o navio está seguindo por conta própria. Vocês estavam tentando remar à moda antiga?

Eu ignorei meus amigos me olhando de cara feia.

— Hum, talvez.

— Você só precisa mandar o navio levar você para onde quer ir — explicou Njord. — Não precisa de mais nada.

Pensei em todo o tempo que passei com Percy Jackson, aprendendo sobre bolinas e mastros só para acabar descobrindo que os deuses vikings

inventaram um aplicativo que dirigia barcos. Aposto que o navio até usaria mágica para me ajudar, se eu precisasse cair do mastro.

— Magnus — Alex cuspiu uma bola de cabelo de giganta do mar que estava na boca dele. Ops. *Dela*. Eu não tinha certeza do que aconteceu, mas estava quase certo de que Alex havia mudado de gênero. — Você não vai nos apresentar para o seu novo amigo?

— Certo — concordou. — Pessoal, esse é o pai do Frey. Quer dizer, Njord.

Blitz fez cara feia e murmurou baixinho:

— Eu devia ter imaginado.

Mestiço Gunderson arregalou os olhos.

— Njord? Deus dos navios? *O* Njord?

Em seguida, o berserker se virou e vomitou por cima da amurada.

T.J. deu um passo à frente e levantou as mãos em um gesto de *Viemos em paz*.

— Mestiço não estava fazendo um comentário crítico, grande Njord. Nós apreciamos sua ajuda! É que ele bateu a cabeça com força.

Njord sorriu.

— Não tem problema nenhum. Vocês todos deviam descansar um pouco. Eu fiz o que podia para aliviar o enjoo provocado pela descompressão, mas vocês vão se sentir mal por um ou dois dias. E, olha, tem sangue escorrendo do seu nariz. Ah, e das suas orelhas também.

Percebi que ele estava falando com todo mundo. Estávamos vazando como Blódughadda, mas pelo menos meus amigos pareciam inteiros.

— Então, Njord — disse Mallory, limpando o nariz. — Antes de descansarmos, você tem certeza de que aquelas nove gigantas não vão aparecer de novo a qualquer momento e nos destruir?

— Não, não — prometeu ele. — Vocês estão sob minha proteção e seguros no momento! Agora será que poderiam me dar um tempo para conversar com meu neto?

Alex tirou um último fio de cabelo de giganta da língua.

— Tudo bem, pai do Frey. Ah, e a propósito, pessoal, meus pronomes são *ela* e *dela* agora, ok? É um novo dia!

(Viva pra mim porque acertei.)

Samirah deu um passo à frente, os punhos fechados. O hijab molhado estava grudado na cabeça como um polvo muito carinhoso.

— Magnus, lá no salão de jantar… Você percebe o que aceitou fazer? Tem alguma ideia…?

Njord levantou a mão.

— Minha querida, que tal deixar que eu discuta isso com ele? O amanhecer está chegando. Você não deveria fazer sua refeição *suhur*?

Sam olhou para o leste, onde as estrelas começavam a sumir. Ela cerrou os dentes.

— Acho que você está certo, apesar de eu não estar com muita fome. Alguém quer me acompanhar?

T.J. pendurou o rifle no ombro.

— Sam, quando o assunto é comida, eu sempre estou pronto. Vamos lá embaixo ver se a cozinha ainda está inteira. Mais alguém?

— Claro. — Mallory olhou para o deus do mar. Por algum motivo, pareceu fascinada pelos pés descalços dele. — Vamos dar a Magnus um momento família.

Alex foi atrás dela, se esforçando para ajudar Mestiço Gunderson a andar. Talvez fosse minha imaginação, mas antes de descer a escada, ela me olhou com cara de *Você está bem?*. Ou talvez só estivesse se perguntando por que eu era tão esquisito, como sempre.

Isso deixou só Blitz e Hearth no convés, um arrumando a roupa do outro. O cachecol de Hearth ficara enrolado no braço como uma tipoia. A gravata de Blitz tinha se envolvido na cabeça dele como um turbante elaborado. Eles estavam tentando se ajudar ao mesmo tempo que um empurrava o outro, e com isso não chegavam a lugar nenhum.

— Anão e elfo. — O tom de Njord foi relaxado, mas meus amigos pararam na mesma hora o que estavam fazendo e olharam para o deus. — Fiquem conosco. Precisamos conversar.

Hearthstone pareceu satisfeito, mas Blitz fez uma careta ainda pior.

Nós nos sentamos na proa, que era o único lugar onde não seríamos atingidos pelos remos que funcionavam sozinhos ou pelo botaló, nem estrangulados pelos cordames mágicos.

Njord se sentou de costas para a amurada, as pernas bem abertas. Mexeu os dedos dos pés como se quisesse que ficassem bem bronzeados. Isso não deixou muito espaço para o restante de nós, mas como Njord era um deus e tinha nos salvado, achei que ele merecia o espaço extra.

Blitz e Hearth se sentaram lado a lado em frente ao deus. Eu me agachei junto à proa, embora sempre ficasse meio enjoado sentado de costas em um veículo em movimento. Esperava que não fosse me tornar o segundo tripulante a vomitar na presença do deus.

— Bem — disse Njord —, está uma noite muito agradável.

Sentia como se minha cabeça tivesse sido esmagada por um torno. Eu estava encharcado de hidromel e água salgada. Mal tinha tocado no meu prato vegetariano e meu estômago parecia devorar a si mesmo. Gotas de sangue pingavam do nariz no meu colo. Fora isso, sim, era realmente uma noite agradável.

Em algum momento na subida, Jacques voltou à forma de pingente. Estava pendurado no cordão, vibrando sobre meu peito como se cantarolasse: *Elogie os pés dele.*

Devo ter imaginado ou entendido errado. Talvez Jacques quisesse dizer: *Elogie os anéis dele.*

— Ah, obrigado de novo pela ajuda, vovô.

Njord sorriu.

— Pode me chamar de Njord. *Vovô* faz eu me sentir velho!

Supus que ele estava vivo havia dois ou três mil anos, mas não queria insultá-lo.

— Certo. Desculpa. Então, foi Frey que te mandou ou calhou de você estar por perto?

— Ah, eu escuto todas as orações feitas no mar.

Njord balançou os dedos dos pés. Era imaginação minha ou ele estava se exibindo intencionalmente? Tinha que admitir que os pés dele *eram* bem cuidados. Sem calos. Nem uma mancha de sujeira. As unhas estavam aparadas e lixadas à perfeição. Não havia pele sobrando nem pelos de hobbit. Mas, mesmo assim…

— Fiquei feliz em ajudar — continuou Njord. — Aegir e eu nos conhecemos há um tempão. Ele, Ran e as filhas dele representam a força destruidora da natureza, o poder primitivo do mar, blá-blá-blá. Enquanto eu…

— Você é o deus da pescaria — afirmou Blitzen.

Njord franziu a testa.

— De outras coisas também, sr. Anão.

— Por favor, me chame de Blitz — pediu ele. — Sr. Anão era o meu pai.

Hearthstone grunhiu com impaciência, como costumava fazer quando Blitzen estava prestes a ser morto por uma deidade.

Njord é o deus de muitas coisas, sinalizou ele. *Da navegação. Da construção de navios.*

— Exatamente! — disse Njord, aparentemente sem dificuldade nenhuma com a linguagem de sinais. — Do comércio, da pescaria, da navegação, qualquer ocupação que envolva o mar. Até da agricultura, pois as marés e as tempestades afetam o crescimento da lavoura! Aegir é o lado ruim e brutal do oceano. Eu sou o cara para quem você reza quando quer que o mar te ajude!

— Humf, sei — disse Blitz.

Eu não sabia por que Blitz estava sendo antagônico. Mas aí lembrei que o pai dele, Bilì, tinha morrido enquanto verificava as correntes que prendiam o lobo Fenrir. A roupa rasgada e cortada de Bilì tinha ido parar na costa de Nídavellir. Nada de viagem segura para casa, no caso dele. Então por que Blitzen consideraria o mar qualquer outra coisa além de cruel?

Eu queria que Blitz soubesse que eu entendia, que lamentava, mas ele manteve o olhar firme no convés.

— Enfim — disse Njord —, Aegir e a família dele são meus, hã, *concorrentes* há séculos. Eles tentam afogar mortais; eu tento salvá-los. Eles destroem navios; eu construo navios melhores. Não somos propriamente inimigos, mas sempre deixamos o outro com o pé atrás!

Ele enfatizou a palavra *pé* e esticou os dele mais um pouco. Aquilo estava ficando estranho.

A voz de Jacques zumbiu na minha cabeça com mais força. *Elogie os pés dele.*

— Você tem lindos pés, vov… er, Njord.

O deus abriu um grande sorriso.

— Ah, essas coisas velhas? É gentileza sua. Sabia que já ganhei um concurso de beleza por causa dos meus pés? O prêmio foi minha esposa!

Olhei para Blitz e Hearth para ver se eu estava imaginando aquela conversa.

Por favor, sinalizou Hearth com zero entusiasmo. *Nos conte a história.*

— Bem, já que insistem. — Njord olhou para as estrelas, talvez relembrando seus dias de glória em concursos de beleza de pés. — A maior parte da história não é importante. Os deuses mataram um gigante, Thiazi. A filha dele, Skadi, exigiu vingança. Sangue. Mortes. Blá-blá-blá. Para impedir outra guerra e acabar com a discussão, Odin deixou Skadi se casar com um deus da escolha dela.

Blitzen fez cara de desprezo.

— E ela escolheu… você?

— Não! — Njord bateu palmas com prazer. — Ah, foi *tão* engraçado. Sabe, Odin deixou Skadi escolher o marido olhando apenas para os pés dos deuses!

— Por quê? — perguntei. — Por que não… narizes? Ou cotovelos?

Njord fez uma pausa.

— Nunca tinha pensado nisso. Não sei! Mas Skadi achou que o marido mais bonito teria os pés mais bonitos, certo? Então ficamos atrás de uma cortina, e ela andou junto à fila, procurando Balder, que era o deus que todo mundo achava incrível. — Ele revirou os olhos e disse só com movimentos labiais: *Metido.* — Mas eu tinha os pés mais bonitos de todos os deuses, Odin com certeza sabia disso. E Skadi me escolheu! Vocês tinham que ver a cara dela quando puxou a cortina e descobriu com quem ia ter que se casar!

Blitzen cruzou os braços.

— Então Odin usou você para enganar a pobre moça. Você foi um misto de prêmio com armadilha.

— Claro que não! — Njord pareceu mais surpreso do que zangado. — Foi uma ótima combinação!

— Tenho certeza de que foi — falei, ansioso para impedir Blitzen de ser transformado em bote ou qualquer outra punição que um deus da navegação pudesse infligir. — Vocês dois viveram felizes para sempre?

Njord relaxou as costas contra a amurada.

— Bem, não. Nós nos separamos pouco depois. Ela queria morar na montanha. Eu gostava da praia. Além disso, Skadi teve um caso com Odin. Então nos divorciamos. Mas essa não é a questão! No dia da competição meus pés estavam *incríveis*! Eles conquistaram a mão de Skadi, a linda giganta do gelo!

Fiquei tentado a perguntar se ele só ganhou a mão dela ou o restante também, mas concluí que não era uma boa ideia.

Blitzen olhou para mim e retorceu as mãos como se quisesse sinalizar alguma coisa feia a respeito de Njord, mas lembrou que o deus conseguia entender linguagem de sinais. Ele suspirou e encarou o colo.

Njord franziu a testa.

— O que houve, sr. Anão? Você não parece impressionado.

— Ah, ele está — garanti. — Só está sem palavras. Nós todos percebemos que… hã, seus pés são muito importantes para você.

Qual é seu segredo de beleza?, perguntou Hearthstone educadamente.

— Vários séculos de pé nas ondas — confidenciou Njord. — Isso alisou os dois até se tornarem essas obras de arte esculpidas que podem ver aqui. Isso e tratamentos regulares com parafina. — Ele mexeu os dedos com unhas brilhantes. — Eu estava na dúvida se devia lustrar ou não, mas acho que lustrar deixa esses fofinhos reluzentes!

Eu assenti e concordei que ele tinha dedos mindinhos bem reluzentes. Também desejei não ter uma família tão esquisita.

— Na verdade, Magnus — disse Njord —, esse era um dos motivos para eu querer me encontrar com você.

— Para me mostrar seus pés?

Ele riu.

— Não, bobinho. — Ao dizer isso, tenho certeza de que ele queria dizer "sim". — Para te dar alguns conselhos.

— Sobre como lustrar as unhas dos pés? — perguntou Blitzen.

— Não! — Njord hesitou. — Se bem que eu *poderia* fazer isso. Tenho duas dicas que podem ajudar na sua missão para impedir Loki.

Gostamos de dicas, sinalizou Hearth.

— A primeira é o seguinte: para chegar ao navio dos mortos, vocês vão precisar passar pela fronteira entre Niflheim e Jötunheim, um território hostil. Mortais podem congelar em segundos. Se isso não matar vocês, os gigantes e *draugrs* matarão — explicou Njord.

Blitz resmungou:

— Não estou gostando dessa dica.

— Ah, mas existe um porto seguro — acrescentou Njord. — Ou pelo menos um porto potencialmente seguro. Ou pelo menos um porto em que vocês talvez não sejam mortos instantaneamente. Vocês precisam procurar o Lar do Trovão, a fortaleza da minha amada Skadi. Digam que fui eu que enviei vocês.

— Sua amada? — perguntei. — Vocês não estão divorciados?

— Estamos.

— Mas ainda são amigos.

— Eu não a vejo há séculos. — Njord ficou com o olhar distante. — E nossa separação não se deu exatamente em bons termos. Mas preciso acreditar que ela ainda tenha algum afeto por mim. Procurem por ela. Se Skadi oferecer porto seguro a vocês por minha causa, isso vai significar que ela me perdoou.

E se ela não oferecer?, perguntou Hearth.

— Seria uma decepção.

Eu entendi que isso queria dizer: *Vocês todos vão parar no freezer da Skadi.*

Não gostei de ser a cobaia do meu avô para uma reconciliação com a ex-esposa. Por outro lado, um porto potencialmente seguro parecia melhor do que morrer congelado em vinte segundos.

Infelizmente, eu tinha a sensação de que ainda não tínhamos ouvido a pior dica "útil" de Njord. Esperei pelo outro lado da moeda, apesar de o deus não parecer ter moeda nenhuma.

— Qual é a segunda dica? — perguntei.

— Hum? — O foco de Njord voltou para mim. — Ah, sim. A lição da minha história sobre meus belos pés.

— Tinha uma lição? — Blitz pareceu genuinamente surpreso.

— É claro! — exclamou Njord. — A coisa mais inesperada pode ser a chave da vitória. Balder era o mais bonito dos deuses, mas, por causa dos

meus pés, *eu* ganhei a garota.

— De quem você se separou e se divorciou depois — comentou Blitz.

— Você pode parar de ficar se prendendo a isso? — Njord revirou os olhos como quem diz: *Esses anões de hoje em dia*. — O que quero dizer, meu querido neto, é que você vai precisar usar meios inusitados para derrotar Loki. Você começou a perceber isso no salão de Aegir, não foi?

Eu não me lembrava de ter arrancado tufos de cabelo de giganta com os dentes, mas uma bola de cabelos parecia estar se formando na minha garganta.

— O vitupério. Vou ter que vencer Loki em uma competição… de insultos?

Novos fios grisalhos se espalharam como gelo pela barba de Njord.

— Um vitupério é bem mais do que uma simples série de xingamentos — avisou ele. — É um duelo de prestígio, poder, confiança. Eu estava presente no salão de Aegir quando Loki insultou os deuses. Ele nos envergonhou tanto… — Njord pareceu murchar, como se só de pensar no episódio o deixasse mais velho e mais fraco. — Palavras podem ser mais letais que lâminas, Magnus. E Loki é um mestre da retórica. Para vencê-lo, você precisa encontrar o poeta dentro de você. Apenas uma coisa pode lhe dar a chance de vencer Loki no seu próprio jogo.

— Hidromel — adivinhei. — O hidromel de Kvásir.

A resposta não me pareceu certa. Eu vivi nas ruas por tempo suficiente para ver como "hidromel" aprimorava as habilidades das pessoas. Fosse qual fosse o veneno: cerveja, vinho, vodca, uísque. As pessoas alegavam precisar disso para aguentar o dia. Chamavam de coragem líquida. Deixava-os mais engraçados, mais inteligentes, mais criativos. Só que não. Só os tornava menos capazes de perceber como estavam agindo de forma idiota e burra.

— Não é um simples hidromel — retrucou meu avô, lendo minha expressão. — O hidromel de Kvásir é o elixir mais valioso já criado.

Encontrá-lo não vai ser fácil. — Ele se virou para Hearthstone e Blitzen. — Vocês já sabem, não é? Sabem que essa missão pode ser o fim de vocês dois.

Treze

Malditos avôs explosivos

— **Você devia ter** começado falando isso — falei, com o coração disparado. — Hearth e Blitz *não* vão morrer. Isso invalida qualquer acordo.

O sorriso cheio de dentes de Njord era branco como neve escandinava. Eu queria saber o segredo dele para ficar tão calmo. Meditação? Pescaria? Aulas de yoga do Hotel Valhala?

— Ah, Magnus, você é tão parecido com o seu pai.

Eu pisquei.

— Nós dois somos louros e gostamos de ficar ao ar livre?

— Vocês dois têm bom coração — explicou Njord. — Frey faria qualquer coisa pelos amigos. Ele sempre amou com facilidade e desprendimento, embora às vezes sem sabedoria. Você carrega a prova disso no seu pescoço.

Fechei os dedos em volta da pedra de runa de Jacques. Eu conhecia a história: Frey renunciara à Espada do Verão para conquistar o amor de uma bela giganta. Como abriu mão da arma, ele seria morto no Ragnarök. A moral da história, como Jacques gostava de dizer: *Primeiro as espadas, depois as namoradas.*

Mas, de qualquer jeito, a questão era que praticamente todo mundo morreria no Ragnarök. Eu não culpava meu pai pelas escolhas dele. Se ele não se apaixonasse tão facilmente, eu não teria nascido.

— Tudo bem, eu sou igual ao meu pai. Ainda prefiro meus amigos a uma caneca de hidromel. Não ligo se é de abóbora com especiarias ou de

pêssego tipo lambic.

— É de sangue, na verdade — disse Njord. — E de cuspe.

Comecei a ficar enjoado, mas achei que não era por estar viajando de costas.

— Como é que é?

Njord abriu a mão. Acima da palma flutuava a miniatura de um homem de barba vestindo uma túnica de lã. O rosto era simpático e alegre, a expressão capturada no meio de uma gargalhada. Ao vê-lo, foi difícil não me inclinar para a frente, sorrir e querer ouvir sobre o que ele estava rindo.

— Esse era Kvásir. — O tom de Njord beirava a tristeza. — O ser mais perfeito já criado. Milênios atrás, quando os deuses vanires e aesires deram fim à guerra, todos nós cuspimos em um cálice de ouro. Dessa mistura surgiu Kvásir, nosso tratado de paz ambulante!

De repente, eu não queria mais me inclinar para tão perto do homem cintilante.

— O cara foi feito de cuspe.

— Faz sentido — grunhiu Blitzen. — Saliva de deus é um excelente ingrediente.

Hearthstone inclinou a cabeça. Pareceu fascinado pela figura holográfica. Ele sinalizou: *Por que alguém o assassinaria?*

— Assassinato? — perguntei.

Njord assentiu, com um brilho nos olhos. Pela primeira vez tive a impressão de que meu avô não era só um cara tranquilo com pés bem cuidados. Ele era uma deidade poderosa que provavelmente poderia esmagar nosso navio com um único pensamento.

— Kvásir perambulou pelos nove mundos levando sabedoria, conselhos e justiça aonde quer que fosse. Era amado por todos. Até que foi massacrado. Uma coisa horrível. Injustificável.

— Loki? — tentei adivinhar, porque parecia a próxima palavra lógica daquela lista.

Njord deu uma gargalhada curta e amarga.

— Não dessa vez, não. Foram anões. — Ele olhou para Blitzen. — Sem querer ofender.

Blitzen deu de ombros.

— Os anões não são todos iguais. Assim como os deuses.

Se Njord se sentiu insultado, não demonstrou. Ele fechou a mão, e o homenzinho de cuspe desapareceu.

— Os detalhes do assassinato não são importantes. Depois, o sangue de Kvásir foi drenado do corpo e misturado com mel para criar um hidromel mágico. Tornou-se a bebida mais estimada e desejada dos nove mundos.

— Ugh. — Eu coloquei a mão na boca. Minha ideia de quais detalhes deviam ficar de fora de uma história era bem diferente da de Njord. — Você quer que eu beba hidromel feito do sangue de um deus feito de cuspe.

Njord coçou a barba.

— Dito assim, realmente parece ruim. Mas, sim, Magnus. Quem bebe o hidromel de Kvásir encontra seu poeta interior. As palavras perfeitas surgem. A poesia flui. O discurso encanta. As histórias hipnotizam os ouvintes. Com um poder como esse, você poderia ficar cara a cara e insulto a insulto em uma disputa com Loki.

Meus pensamentos se reviraram junto com meu estômago. Por que tinha que ser *eu* a desafiar Loki?

Minha consciência respondeu, ou talvez tivesse sido Jacques: *Porque você se ofereceu no banquete, bobão. Todo mundo ouviu.*

Massageei as têmporas, me perguntando se era possível um cérebro literalmente explodir por excesso de informações. Essa era uma morte que eu nunca tinha tido em Valhala.

Hearthstone olhou para mim com preocupação. *Quer uma runa?*, sinalizou ele. *Ou aspirina?*

Eu fiz que não.

Então o diário do tio Randolph não era um truque. Ele deixou um plano real e viável. No fim das contas, apesar de tudo que fez, parecia que o velho tolo sentiu algum remorso. Ele tentou me ajudar. Eu não tinha certeza se isso me fazia sentir melhor ou pior.

— E o nome Bolverk? — perguntei. — O que significa?

Njord sorriu.

— Era um dos pseudônimos de Odin. Por muito tempo, os gigantes estiveram de posse de todo o hidromel de Kvásir. Odin usou um disfarce para roubar um pouco para os deuses. E conseguiu. Ele até espalhou gotas de hidromel por Midgard para inspirar bardos mortais. Mas o suprimento do elixir dos deuses acabou séculos atrás. O único hidromel que resta é uma porção pequena, guardada com muito ciúme pelos gigantes. Para conseguir, você vai ter que seguir os passos de Bolverk e ser capaz de roubar algo que apenas Odin já conseguiu.

— Perfeito — murmurou Blitz. — E como é que nós fazemos *isso*?

— Mais importante — interrompi —, por que a missão é tão perigosa para Hearth e Blitz? E como podemos fazer com que não seja?

Senti um desejo enorme de escrever um bilhete em nome de Hearth e Blitz: *Queridas forças cósmicas, por favor, liberem meus amigos do destino mortal. Eles não estão se sentindo muito bem hoje.* No mínimo, queria paramentá-los com capacete e coletes salva-vidas antes de mandá-los em frente.

Njord olhou para Hearthstone e Blitzen. Ele sinalizou: *Vocês já sabem qual é sua tarefa.*

Ele fez um boneco de palito ficar de pé na palma da mão: *base*; depois, dois punhos, um batendo em cima do outro: *trabalho.*

Trabalhem para construir as bases. Ao menos foi o que eu entendi. Tinha sido isso ou: *Vocês vão cultivar os campos.* Como Njord era o deus da colheita, fiquei na dúvida.

Hearthstone tocou no cachecol e sinalizou com relutância: *A pedra?*

Njord assentiu. *Vocês sabem onde procurar.*

Blitzen interrompeu a conversa, sinalizando tão rápido que as palavras ficaram meio confusas. *Deixe meu elfo em paz! Nós não podemos fazer isso de novo! É muito perigoso!*

Ou ele podia estar querendo dizer: *Deixe meu elfo no banheiro! Não podemos fazer esse relógio de pulso! Lixo demais!*

— Do que vocês estão falando? — perguntei.

Em voz alta, minhas palavras pareceram incômodas e indesejadas no diálogo silencioso.

Blitzen passou as mãos pelo colete de cota de malha.

— Do nosso trabalho de reconhecimento de amplo espectro, garoto. Mímir nos mandou procurar o hidromel de Kvásir. E aí, ouvimos boatos de certo item de que precisaríamos…

— A pedra de amolar de Bolverk — adivinhei.

Ele assentiu com infelicidade.

— É o único jeito de derrotar o que protege o hidromel. — Ele abriu os braços. — Só não sabemos direito quem são, como faremos isso ou por quê.

Todas me pareceram perguntas importantes.

— A questão é que — continuou Blitz —, se essa pedra estiver onde *achamos* que está…

Tudo bem, sinalizou Hearthstone. *Nós temos que fazer isso. Então é o que faremos.*

— Amigo, não — disse Blitz. — Você não pode…

— O elfo está certo — interrompeu Njord. — Vocês dois precisam encontrar a pedra enquanto Magnus e o restante da tripulação navegam para descobrir a localização do hidromel. Estão prontos?

— Opa, opa, opa — falei. — Você vai mandá-los para longe *agora*? Eles acabaram de chegar!

— Neto, você tem muito pouco tempo até que o navio de Loki esteja pronto para zarpar. É preciso dividir para conquistar.

Eu tinha quase certeza de que a frase *dividir para conquistar* significava que o exército dividido *era* conquistado, mas Njord não parecia estar com humor para discutir.

— Deixe que eu vá então. — Fiquei de pé com dificuldade. Eu havia tido o dia mais longo da história dos dias. Estava prestes a desmoronar, mas não havia a menor possibilidade de eu ficar parado enquanto meus amigos mais antigos ficavam à mercê de um perigo mortal. — Ou pelo menos deixe que eu vá com eles.

— Garoto — disse Blitz, a voz falhando. — Está tudo bem.

O fardo é meu, sinalizou Hearth, as mãos empurrando um dos ombros dele para baixo.

Njord me deu outro sorriso calmo. Eu estava quase pronto para dar um soco nos dentes perfeitos do meu avô.

— A tripulação deste navio vai precisar de você, Magnus — avisou ele. — Mas prometo o seguinte: quando Hearthstone e Blitzen tiverem encontrado o paradeiro da pedra de amolar, quando tiverem preparado as bases para o ataque, enviarei os dois de volta para buscar você. E assim vocês três poderão enfrentar o perigo juntos. Se falharem, morrerão como uma equipe. Que tal?

Isso não me fez gritar *viva*, mas concluí que era a melhor proposta que eu ia receber.

— Tudo bem. — Ajudei Blitz a ficar de pé e dei um abraço nele. Meu amigo tinha cheiro de alga torrada e perfume Anão Noir. — Não ousem morrer sem mim.

— Vou me esforçar, garoto.

Eu me virei para Hearthstone. Coloquei a mão delicadamente em seu peito, um gesto élfico de profunda afeição. *Você*, eu sinalizei. *Em segurança. Senão eu. Com raiva.*

Os cantos da boca de Hearth se ergueram, apesar de ele ainda parecer distraído e preocupado. Os batimentos saltavam sob meus dedos como uma pomba assustada batendo as asas.

Você também, sinalizou ele.

Njord estalou os dedos e meus amigos viraram água do mar, como ondas quebrando no casco.

Engoli minha raiva.

Disse para mim mesmo que Njord havia apenas enviado Hearth e Blitz para longe. Não pulverizado os dois. Meu avô prometeu que eu os veria de novo. Eu tinha que acreditar nisso.

— E agora? O que eu faço enquanto eles estiverem longe?

— Ah. — Njord cruzou as pernas em posição de lótus, provavelmente só para exibir as solas dos pés esculpidos pelas ondas. — Sua tarefa é igualmente difícil, Magnus. Você precisa descobrir onde está o hidromel de Kvásir. É um segredo bem guardado, que só alguns gigantes conhecem. Um deles, no entanto, pode ser convencido a contar para você: Hrungnir, que habita a terra humana de Jórvík.

O navio bateu em uma onda enorme, fazendo meu estômago pular.

— Já tive alguns maus encontros com gigantes.

— E quem não teve? — disse Njord. — Quando chegar a Jórvík, você terá que encontrar Hrungnir e desafiá-lo. Se vencer, exija dele a informação de que precisa.

Tremi, pensando na última vez que estive em Jötunheim.

— Diga que esse desafio não vai ser um torneio de boliche.

— Ah, não, fique tranquilo! — disse Njord. — Provavelmente será um combate corpo a corpo até a morte. Você precisa levar alguns amigos. Eu recomendaria a garota bonita, Alex Fierro.

Eu me perguntei se Alex ficaria lisonjeada ou enojada com o elogio, ou se só riria. Eu me perguntei se os pés de Alex eram tão bem cuidados quanto os de Njord. Uma coisa bem idiota de se pensar.

— Tudo bem. Jórvík. Onde quer que isso seja.

— O navio sabe o caminho — assegurou Njord. — Posso garantir navegação segura até lá, mas, se você sobreviver e avançar, seu navio vai ficar mais uma vez vulnerável a ataques de Aegir, Ran, as filhas deles ou… coisas piores.

— Vou tentar conter minha felicidade.

— É uma boa ideia — disse Njord. — Seu elfo e seu anão vão encontrar a pedra de amolar de que você precisa. Você vai descobrir a localização secreta do hidromel de Kvásir, vai derrotar Loki e prender aquele trapaceiro novamente!

— Agradeço o voto de confiança.

— Bem, é que, se você não fizer isso, Loki vai te insultar até que vire uma sombra patética e impotente de si mesmo. Depois, terá que assistir a todos os seus amigos morrendo, um por um, até só sobrar você para sofrer em Helheim por toda a eternidade enquanto os nove mundos ardem em chamas. Esse é o plano de Loki.

— Ah.

— Enfim! — disse Njord com alegria. — Boa sorte!

Meu avô explodiu em uma névoa marinha fina, borrifando meu rosto com água salgada.

Quatorze

Nada acontece. É um milagre

TUDO NA MAIS completa paz.

Eu nunca tinha apreciado essa expressão até vivenciá-la em primeira mão. Os dois dias seguintes foram chocante e perversamente parados. O céu permaneceu sem nuvens, e os ventos, suaves e frescos. O mar se estendia em todas as direções como seda verde, me lembrando das fotos que minha mãe me mostrava do artista favorito dela, um cara chamado Christo, que trabalhava ao ar livre e envolvia florestas, prédios e ilhas inteiras em tecido fino. Parecia que Christo havia transformado o Oceano Atlântico em uma enorme instalação de arte.

O *Bananão* avançava alegremente. Nossos remos amarelos trabalhavam sozinhos. A vela mudava de direção conforme necessário.

Quando falei para a tripulação que estávamos indo para Jórvík, Mestiço grunhiu com infelicidade, mas não quis contar o que sabia sobre o lugar. Pelo menos o navio parecia entender para onde estávamos indo.

Na segunda tarde, me vi no convés ao lado de Mallory Keen, que parecia mais insatisfeita do que o habitual.

— Ainda não entendo por que Blitz e Hearth tiveram que ir embora — resmungou ela.

Eu tinha a leve desconfiança de que a srta. Keen estava interessada em Blitzen, mas não tinha coragem suficiente para perguntar. Cada vez que Blitz ia a Valhala, eu pegava Mallory observando sua barba imaculada e suas roupas perfeitas, depois olhando para Mestiço Gunderson como se

questionando por que seu namorado/ex-namorado/renamorado/ex-namorado não podia se vestir tão bem.

— Njord jurou que era necessário — respondi, apesar de ter feito pouca coisa além de me preocupar com Blitz e Hearth. — Algo a ver com otimizar nosso tempo.

— Humf. — Mallory apontou para o horizonte. — Mas aqui estamos nós, navegando e navegando. Seu avô não podia ter levado a gente até Jórvík de uma vez? Teria sido mais útil.

Mestiço Gunderson passou com um esfregão e um balde.

— Útil — murmurou ele. — Diferentemente de *algumas* pessoas.

— Cala a boca e esfrega! — disparou Mallory. — Quanto a você, Magnus, eu avisei sobre morder a isca de Loki. E o que você fez? Foi lá e se voluntariou para um vitupério. Você é tão burro quanto aquele berserker!

Com isso, ela subiu no alto do mastro, o lugar mais solitário do navio, e ficou encarando o mar com a testa franzida.

Mestiço resmungou enquanto esfregava o convés:

— Megera irlandesa. Não dê atenção a ela, Magnus.

Eu queria que não tivéssemos que fazer nossa viagem com os dois brigando. Nem com Sam fazendo jejum por causa do ramadã. Nem com Alex tentando ensinar a ela como resistir ao controle de Loki. Pensando bem, eu queria que não tivéssemos que fazer aquela viagem e pronto.

— Qual é a história de Mallory com Loki? — perguntei. — Ela parece…

Eu não sabia bem que palavra usar: *preocupada? Ressentida? Homicida?*

Mestiço deu de ombros, fazendo as tatuagens de serpente ondularem nas costas. Ele olhou para o alto do mastro, como se pensando em mais xingamentos para Mallory.

— Não posso contar uma história que não é minha. Mas morder a isca para fazer uma coisa de que mais tarde vai se arrepender… Mallory entende o que é isso. Foi assim que ela morreu.

Pensei nos meus primeiros dias em Valhala, quando Mestiço pegou no pé de Mallory por ter tentado desarmar um carro-bomba com a cara. Tinha alguma peça faltando nessa história. Afinal, ela foi corajosa o bastante para chamar a atenção de uma valquíria.

— Magnus, você tem que entender — disse Mestiço —, nós dois estamos indo para os lugares onde morremos. Pode ser diferente pra você. Você morreu em Boston e ficou em Boston. Não está morto há tempo suficiente para ver o mundo mudar ao seu redor. Mas para nós? Mallory não tem vontade nenhuma de ver a Irlanda de novo, mesmo que seja apenas a costa. E eu… eu nunca quis voltar a Jórvík.

Senti uma pontada de culpa.

— Cara, sinto muito mesmo. Foi lá que você morreu?

— Ah. Não o lugar exato, mas perto. Eu ajudei a conquistar a cidade com Ivar, o Sem-Ossos. Serviu de local de acampamento. Mal podia ser considerada uma cidade, na época. Só espero que não tenha mais *vatnavaettir* no rio. — Ele estremeceu. — Isso seria péssimo.

Eu não tinha ideia do que era *vatnavaettir*, mas se Mestiço Gunderson considerava ruim, eu não queria conhecer.

Mais tarde, conversei com T.J., que estava na proa olhando as ondas, tomando café e comendo seus biscoitos. Por que ele gostava daquelas coisas eu não sabia dizer. Era como um grande cream cracker sem sal feito com cimento em vez de farinha.

— Oi — cumprimentei.

Ele parecia distraído.

— Ah, oi, Magnus. — Ele me ofereceu um biscoito de cimento. — Quer um?

— Não, obrigado. Acho que vou precisar dos meus dentes mais tarde.

Ele assentiu como se não tivesse entendido a piada.

Desde que contei para a tripulação sobre minha conversa com Njord, T.J. ficou quieto e retraído, o mais perto que ele já tinha chegado de pensativo.

Ele molhou o biscoito no café.

— Eu sempre quis visitar a Inglaterra. Só nunca imaginei que fosse acontecer depois de eu estar morto, no meio de uma missão para impedir o Ragnarök, em um navio de guerra amarelo.

— Inglaterra?

— É pra lá que estamos indo. Você não sabia?

Quando pensava na Inglaterra, o que não acontecia com frequência, eu pensava nos Beatles, em Mary Poppins e em homens usando chapéus-coco, carregando guarda-chuvas e bebendo chá. Não pensava em hordas de vikings e nem em lugares chamados Jórvík. Mas aí lembrei que, quando conheci Mestiço Gunderson, ele me contou que morreu durante uma invasão à Ânglia Oriental, que era um reino na Inglaterra uns mil e duzentos anos atrás. Os vikings gostavam mesmo de dar um passeio.

T.J. se apoiou na amurada. Ao luar, uma fina linha âmbar se destacou no pescoço dele: resquícios de uma bala minié que o acertou de raspão na primeira batalha dele como soldado do exército da União. Eu achava estranho que fosse possível morrer, chegar a Valhala, ressuscitar diariamente por cento e cinquenta anos e continuar com uma pequena cicatriz da sua vida mortal.

— Na guerra — disse ele —, nós tínhamos medo de que a Grã-Bretanha se declarasse a favor dos rebeldes. Os britânicos tinham abolido a escravatura *bem* antes de nós, da União, mas eles precisavam do algodão do sul para abastecer a indústria têxtil. O fato de o Reino Unido ter permanecido neutro e *não* ter ajudado os estados do sul foi crucial para a vitória do norte na guerra. Por isso sempre gostei muito dos britânicos. Eu sonhava em ir lá um dia e agradecer em pessoa.

Tentei notar sarcasmo ou ironia no tom dele. T.J. era filho de uma escrava liberta. Ele lutou e morreu por um país que manteve sua família acorrentada por gerações. Até carregava o nome de um escravocrata bem famoso. Mas T.J. dizia *nós* quando se referia à União. Ainda usava o uniforme com orgulho depois de mais de um século. Sonhava em atravessar o oceano para agradecer aos britânicos só porque fizeram o favor de ficarem neutros.

— Como você consegue sempre ver o lado bom de tudo? — perguntei, impressionado. — Você é tão… positivo.

T.J. riu e quase engasgou com o biscoito.

— Magnus, amigo, se você tivesse me visto logo depois que cheguei a Valhala… Não. Aqueles primeiros anos foram difíceis. Os soldados da União não foram os únicos a irem para Valhala. Vários rebeldes morreram com espadas em punho. Valquírias não ligam para o lado da guerra em que você luta, nem se sua causa é justa. Ligam só para bravura e honra. — Ah. Notei um toque de reprovação na voz dele. — Nos dois primeiros anos que fui einherji, vi alguns rostos familiares entrarem no salão de jantar…

— Como você morreu? — perguntei. — A história real.

Ele passou o dedo na borda da caneca.

— Já contei. Atacando Fort Wagner, na Carolina do Sul.

— Mas essa não é a história inteira, não é? Alguns dias atrás você me alertou sobre aceitar desafios. Falou como se já tivesse passado por isso.

Eu observei a linha do maxilar de T.J., a tensão acumulada ali. Talvez fosse por isso que ele gostava tanto do biscoito duro. Mastigá-lo fazia ele trincar os dentes.

— Um tenente da Confederação me escolheu — disse ele, por fim. — Mas não tenho ideia do motivo. Nosso regimento aguardava a ordem para atacar as ameias. O inimigo estava poupando munição. Nenhum dos dois lados podia se mexer.

Ele olhou para mim.

— Aí um oficial rebelde se levantou nas linhas inimigas. Apontou com a espada *bem* para mim, como se me conhecesse, e gritou: "Você aí, criou…" Bom, já deu para perceber do que ele me chamou. "Venha lutar comigo homem a homem!"

— O que teria sido suicídio.

— Prefiro encarar como uma exibição incrível de coragem.

— Você quer dizer que *foi*?

A caneca tremeu nas mãos dele. O pedaço de biscoito afundado no café começou a se dissolver e se expandir como uma esponja, líquido marrom encharcando o amido branco.

— Quando se é filho de Tyr — explicou ele —, não dá para recusar um duelo. Se alguém disser *Lute comigo*, você luta. Cada músculo do meu corpo reagiu àquele desafio. Acredite, eu não queria lutar contra aquele… cara.

Ficou claro que ele estava pensando em outra palavra no lugar de *cara*.

— Mas eu não podia recusar. Então me levantei e ataquei as fortificações rebeldes sozinho. Mais tarde, depois que morri, soube que minha ação deflagrou a ofensiva que levou à queda de Fort Wagner. O restante do pessoal seguiu meu exemplo. Devem ter achado que eu estava tão maluco que era melhor me ajudarem. Mas eu só queria matar aquele tenente. E matei. Jeffrey Toussaint. Atirei uma vez no peito dele e cheguei perto o bastante para enfiar a baioneta na sua barriga. Claro que, àquela altura, os rebeldes já tinham atirado em mim umas trinta vezes. Eu caí no meio deles e morri sorrindo para um bando de Confederados zangados. Quando percebi, estava em Valhala.

— Pelas cuecas de Odin — murmurei, um xingamento que eu reservava para ocasiões especiais. — Espera… o tenente que você matou. Como você descobriu o nome dele?

T.J. deu um sorriso pesaroso.

Por fim, eu entendi.

— Ele acabou em Valhala também.

T.J. assentiu.

— Andar setenta e seis. Eu e o velho Jeffrey… nós passamos uns cinquenta anos nos matando sem parar, todos os dias. Eu estava com tanto ódio. Aquele homem era tudo que eu desprezava e vice-versa. Fiquei com medo de acabarmos como Hunding e Helgi: inimigos imortais, ainda trocando insultos milhares de anos depois.

— Mas não foi assim?

— É até engraçado. Eu cansei. Parei de procurar Jeffrey Toussaint no campo de batalha. Eu me dei conta de uma coisa: não dá para sentir ódio para sempre. Não vai afetar nem um pouco a pessoa que você odeia, mas vai te envenenar, com certeza.

Ele passou a mão na cicatriz da bala.

— Quanto a Jeffrey, ele parou de aparecer no salão de jantar. Nunca mais vi o cara. Isso aconteceu com muitos dos einherjar da Confederação. Eles não duraram. Trancaram-se nos quartos, nunca mais saíram. Acabaram desaparecendo. — T.J. deu de ombros. — Acho que era mais difícil para eles se ajustarem. Você acha que o mundo é de um jeito, depois descobre que na verdade é bem maior e mais estranho do que imaginava. Se não conseguir expandir seus horizontes, não vai se dar bem na pós-vida.

Eu me lembrei de estar com Amir Fadlan no telhado, sob a propaganda do Boston Citgo, segurando os ombros dele e desejando que sua mente mortal não se fraturasse sob o peso de ver a ponte Bifrost e os nove mundos.

— É — concordei. — Expandir os horizontes dói.

T.J. sorriu, mas eu não via mais como um sorriso fácil. Foi difícil de conquistar, tão corajoso quanto um soldado atacando sozinho as linhas inimigas.

— Você aceitou seu desafio, Magnus. Vai ter que encarar Loki cara a cara. Não dá para voltar atrás. Mas você não precisa atacar as fortificações

sozinho. Nós vamos estar com você.

Ele deu um tapinha no meu ombro.

— Agora, se me der licença… — T.J. me entregou a mistura de café e biscoito duro como se fosse um presente fantástico. — Vou tirar uma soneca!

A maior parte da tripulação dormia sob o convés. Nós descobrimos que o *Bananão* oferecia quantos quartos nós precisássemos para ficar à vontade, independentemente do tamanho do casco. Eu não fazia ideia de como aquilo funcionava. Apesar de ser fã de *Doctor Who*, eu não estava com vontade de testar os limites da nossa TARDIS amarela. Preferia dormir no convés, observando as estrelas, lugar em que eu estava na nossa terceira manhã no mar quando Alex me acordou.

— Anda logo, Chase — ordenou ela. — Nós vamos testar as habilidades de Samirah. Vou ensinar a ela como resistir a Loki nem que isso acabe matando a gente. E quando digo “a gente”, quero dizer você.

Quinze

Macaco!

PERCEBI MEU PROBLEMA imediatamente.

Eu não devia ter apresentado Alex para Percy Jackson. Parece que ela aprendeu *bastante* com os métodos implacáveis de treinamento dele. Talvez Alex não conseguisse conjurar animais marinhos, mas podia virar um. E isso talvez fosse até pior.

Nós começamos com Samirah e Alex lutando uma com a outra… no convés, na água, no ar. Meu trabalho era gritar animais aleatórios de uma pilha de cartões que Alex tinha feito. Eu gritava “MACACO!”, e Sam tinha que se transformar em macaco no meio do combate, enquanto Alex constantemente mudava de forma, de humana para animal para humana de novo, dando seu melhor para vencer Sam.

Sempre que Alex estava em forma humana, ela fazia provocações como:

— Vamos lá, al-Abbas! Você chama isso de mico-leão-dourado? Se esforce!

Depois de uma hora daquele combate à la Imagem & Ação, o rosto de Samirah estava brilhante de suor. Ela tinha tirado o hijab e prendido o cabelo castanho comprido para poder lutar melhor. (Ela nos considerava parte da família, então não tinha problema ficar sem o hijab quando necessário.) Sam se apoiou na amurada para descansar. Eu quase ofereci água, mas aí lembrei que ela estava de jejum.

— Acho que a gente deveria descansar até a noite — sugeri. — Depois que escurecer, você pode comer e beber. Isso deve estar te matando.

— Eu estou bem. — Sam não mentia muito bem, mas forçou um sorriso. — Obrigada.

Alex andou pelo convés consultando a prancheta. *Uma prancheta*, como se ela estivesse almejando ser gerente-assistente no Hotel Valhala ou algo parecido. Estava usando calça jeans skinny verde e uma blusa rosa, a parte da frente bordada com lantejoulas em um gesto de mão obsceno. O cabelo tinha começado a crescer, as raízes pretas fazendo-a parecer ainda mais imponente, como um leão com juba volumosa.

— Muito bem, Magnus, agora é sua vez — anunciou ela. — Pegue Jacques e se prepare para a batalha.

Jacques ficou feliz em ajudar.

— Hora do combate? Legal! — Ele flutuou em círculos em volta de mim. — Com quem a gente vai lutar?

— Com a Sam.

Jacques hesitou.

— Mas eu gosto da Sam.

— A gente só está treinando — expliquei. — Tente matar ela sem matar ela de verdade.

— Ufa! Tudo bem. Posso fazer isso.

Alex tinha um apito. Não havia limites para a crueldade dela. Jacques e eu lutamos contra Sam: Jacques atacando com a lâmina, obviamente; eu com um esfregão, que duvidei de que tivesse despertado pavor no coração de Sam. Sam desviou e pulou e tentou nos acertar com o machado, a lâmina enrolada em uma das velas do barco. Sam tinha que mudar de forma sempre que Alex apitava, coisa que ela fazia em intervalos aleatórios sem dar bola para a situação de Sam.

Acho que a ideia era condicionar Samirah a mudar de forma em qualquer momento e qualquer lugar que fosse necessário, sem hesitar.

Jacques estava se segurando, percebi. Só acertou Sam duas vezes. Eu tive menos sucesso com meu esfregão. Fazer manobras de combate no

convés de um navio viking era uma das muitas habilidades importantes que eu não tinha. Eu tropeçava nos remos. Ficava enrolado nas cordas. Duas vezes, bati a cabeça no mastro e caí direto no mar. Normal para mim, em outras palavras.

Sam não tinha esse tipo de dificuldade. Ela me deixou todo roxo e dolorido. A única vez em que acertei um golpe foi quando Alex apitou em um momento particularmente ruim. No meio do pulo, Sam virou uma arara e voou de bico no cabo do meu esfregão. Ela piou, voltou à forma humana e caiu sentada no convés, uma nuvem de penas azuis e vermelhas voando em torno dela.

— Desculpa. — Fiquei cheio de vergonha. — Nunca bati em uma arara.

Apesar do nariz sangrando, Sam riu.

— Tudo bem. Vamos tentar de novo.

Nós lutamos até ficarmos exaustos. Alex disse que nosso treino estava encerrado, e nós três nos encostamos na amurada de escudos.

— Ufa! — Jacques parou ao meu lado. — Estou exausto!

Como toda energia que ele gastava sairia de *mim* assim que eu o segurasse, decidi deixar Jacques ficar na forma de espada por mais um tempo. Eu só estava pronto para entrar em coma depois do almoço.

Mas pelo menos eu *podia* almoçar.

Olhei para Samirah.

— Essa coisa de ramadã… eu não sei como você consegue.

Ela ergueu a sobrancelha.

— Você quer dizer *por que* eu faço?

— Isso também. Você tem mesmo que aguentar o jejum por um mês inteiro?

— Tenho, Magnus — disse ela. — Talvez você fique surpreso de saber que o mês do ramadã dura um mês.

— Fico feliz de você não ter perdido o senso de humor.

Ela secou o rosto com uma toalha, coisa que aparentemente não era proibida.

— Eu já passei da metade do mês. Não é tão ruim. — Ela franziu a testa. — Claro, se todos nós morrermos antes do fim do ramadã, será bem irritante.

— É — concordou Alex. — Loki bota fogo nos nove mundos enquanto você está de jejum e não pode nem tomar um gole d'água? Ui.

Sam deu um tapa no braço dela.

— Você tem que admitir, Fierro, eu estava mais concentrada hoje. O ramadã ajuda.

— Ah, talvez — disse Alex. — Ainda acho que você é louca de fazer jejum, mas não estou tão preocupada quanto antes.

— Sinto que minha mente está mais clara — comentou Sam. — Mais vazia, mas de um jeito *bom*. Não estou hesitando tanto. Vou estar pronta quando enfrentar Loki, *inshallah*.

Sam não usava muito esse termo, mas eu sabia que significava *se Deus quiser*. Embora obviamente a ajudasse, nunca inspirou muita confiança em mim. *Eu vou me sair bem, inshallah* era meio como dizer *Vou me sair bem, supondo que eu não seja atropelado por um caminhão primeiro.*

— Bom — continuou Alex —, nós só vamos saber o que vai acontecer quando você enfrentar o querido mãe-barra-pai. Mas estou levemente otimista. E você não matou Magnus, o que acho que foi bom.

— Obrigado — murmurei.

Até essa pequena consideração de Alex, a ideia de que minha morte pudesse ser ligeiramente desagradável para ela, me deu uma sensação calorosa no peito. Eu era patético.

No resto da tarde, ajudei no *Bananão*. Apesar da navegação automática, ainda havia muita coisa a fazer: lavar o convés, desembaraçar os cordames, impedir que Mallory e Mestiço se matassem. As tarefas me impediam de pensar muito no meu confronto iminente com Loki ou no que

Blitz e Hearth poderiam estar fazendo. Eles já estavam longe havia três dias, e agora nós tínhamos menos de duas semanas até o solstício de verão, talvez menos tempo até o gelo derreter o suficiente para o navio de Loki zarpar. Quanto tempo Blitz e Hearth podiam demorar a encontrar uma pedra?

Naturalmente, a ideia de procurar uma pedra de amolar trouxe de volta lembranças ruins da minha última missão com Blitz e Hearth, quando estávamos tentando encontrar a pedra Skofnung. Tentei me convencer de que não havia conexão. Desta vez, não haveria luz do sol brutal de Álfaheim, nem *nøkk* violinistas do mal, nem pai elfo sádico e carrancudo.

Em pouco tempo, Hearth e Blitzen voltariam e nos informariam sobre uma série de novos obstáculos perigosos para enfrentarmos! Toda vez que uma onda quebrava no casco, eu via o borrifo do mar e torcia para se solidificar nos meus amigos. Mas eles não reapareceram.

Duas vezes durante a tarde, pequenas serpentes do mar com uns seis metros de comprimento passaram nadando por nós. Elas olharam o navio, mas não atacaram. Concluí que ou não gostavam de presas sabor banana ou ficaram com medo da cantoria de Jacques.

Minha espada me seguia pelo convés, alternando entre cantar sucessos do Abba (vikings são muito fãs de Abba) e me contar histórias sobre antigamente, quando ele e Frey passeavam pelos nove mundos espalhando luz do sol e felicidade e, de tempos em tempos, matando pessoas.

Conforme o dia avançava, aquilo se tornou um teste de resistência: eu queria que Jacques voltasse à forma de runa, o que me faria desmaiar pelo cansaço do nosso esforço conjunto, ou queria ficar ouvindo o cara cantar por mais tempo?

Por fim, perto do anoitecer, não consegui mais aguentar. Fui tropeçando até a popa do navio, onde tinha colocado meu saco de dormir. Eu me deitei, apreciando o som de Samirah fazendo sua oração noturna na proa, a poesia melódica suave e relaxante.

Pareceu estranho a Oração do Crepúsculo a bordo de um navio viking cheio de ateus e pagãos. Por outro lado, os ancestrais de Samirah enfrentavam vikings desde a Idade Média. Eu duvidava de que fosse a primeira vez que orações para Alá tinham sido ditas a bordo de um navio viking. O mundo, *os mundos*, eram bem mais interessantes por causa da mistura constante.

Fiz Jacques voltar para a forma de pingente e mal tive tempo de prendê-lo no pescoço antes de desmaiar.

Nos meus sonhos, testemunhei um assassinato.

Dezesseis

Homem de cuspe vs. serra elétrica. Adivinhem quem ganhou?

Eu estava ao lado de quatro deuses no cume de uma colina, próximo das ruínas de uma cabana de sapê.

Odin apoiava-se em um cajado grosso de carvalho, os elos da cota de malha cintilando embaixo da capa azul de viagem. Uma lança estava presa nas costas. Havia uma espada pendurada na cintura. Seu único olho brilhava por baixo do chapéu azul de abas largas. Com a barba grisalha, o tapa-olho e as armas variadas, ele parecia um homem incapaz de decidir se ia para uma festa de Halloween de bruxo ou de pirata.

Ao lado dele encontrava-se Heimdall, o guardião da ponte Bifrost. Os smartphones ainda não deviam ter sido inventados, porque ele não estava tirando fotos a cada cinco segundos. O deus usava uma armadura branca de lã grossa, com duas espadas cruzadas presas nas costas. Gjallar, a Trombeta do Juízo Final, estava pendurada no cinto, o que não me pareceu muito seguro. Qualquer um poderia ter surgido por trás dele, soprado a trombeta e começado o Ragnarök de bobeira.

O terceiro deus, Frey, meu pai, estava ajoelhado ao lado das cinzas de uma fogueira. Ele usava uma calça jeans surrada e uma camisa de flanela, apesar de eu não entender como aquelas roupas já podiam ter sido inventadas. Talvez Frey, na verdade, tivesse sido o primeiro criador de tendências dos nove mundos. O cabelo louro caía até os ombros. A barba volumosa brilhava à luz do sol. Se houvesse justiça no mundo, Thor, o

deus do trovão, teria esta aparência: louro, bonito e majestoso, e não a máquina de peido ruiva e musculosa que eu tivera o desprazer de conhecer.

O quarto deus eu não conhecia, mas reconheci da demonstração holográfica de Njord: Kvásir, o tratado de paz ambulante entre os aesires e vanires. Ele era um homem bonito considerando que se originou de cuspe divino. O cabelo e a barba, ambos pretos e encaracolados, balançavam na brisa. Estava envolto em um manto comprido, o que lhe dava um ar de mestre Jedi. Ele se ajoelhou ao lado do meu pai, os dedos pairando acima dos restos queimados da fogueira.

Odin se inclinou na direção dele.

— O que você acha, Kvásir?

Aquela pergunta por si só me mostrou quanto os deuses respeitavam Kvásir. Normalmente, Odin não pedia a opinião de ninguém. Ele só dava respostas, normalmente na forma de enigmas ou apresentações de Power Point.

Kvásir tocou nas cinzas.

— É uma fogueira de Loki, com certeza. Ele esteve aqui recentemente. Ainda está na região.

Heimdall observou o horizonte.

— Não o vejo em um raio de oitocentos quilômetros, a não ser que… Não, é um irlandês com um belo corte de cabelo.

— Nós temos que capturar Loki — resmungou Odin. — Aquele vitupério foi a gota d’água. Ele precisa ser preso e punido!

— Uma rede — anunciou Kvásir.

Frey franziu a testa.

— Como assim?

— Está vendo? Loki decidiu queimar as provas. — Kvásir mostrou um padrão de linhas cruzadas em meio às cinzas que mal dava para identificar. — Ele estava tentando prever nossos atos, considerando todas as formas

pelas quais poderíamos capturá-lo. Ele teceu uma rede e, logo em seguida, a queimou.

Kvásir se levantou.

— Cavalheiros, Loki se disfarçou de peixe. Nós precisamos de uma rede!

Os outros pareceram impressionados, como quem diz: *Como você fez isso, sr. Holmes?*

Achei que Kvásir ia gritar *Elementar, meus caros!*, mas ele disse apenas:

— Para o rio mais próximo!

E saiu andando, os outros deuses correndo atrás dele.

Meu sonho mudou. Tive vislumbres da vida de Kvásir enquanto viajava pelos nove mundos, oferecendo conselhos sobre tudo, desde a melhor época para o cultivo a como preencher corretamente a declaração de imposto de renda. Todos os mortais o amavam. Em todas as cidades, castelos e vilarejos ele era recebido como herói.

Certo dia, depois de preencher um formulário particularmente difícil de imposto de renda para uma família de gigantes, ele estava na estrada para Midgard quando foi parado por um par de anões; sujeitinhos franzinos, peludos e cheios de verrugas com sorrisos maliciosos.

Infelizmente, eu os reconheci: os irmãos Fjalar e Gjalar. Uma vez, eles me venderam um passeio de barco só de ida. De acordo com Blitzen, eles também eram ilustres ladrões e assassinos.

— Olá! — disse Fjalar do alto de uma rocha. — Você deve ser o famoso Kvásir!

Ao lado dele, Gjalar acenou com entusiasmo.

— Que sorte! Nós ouvimos muitos elogios sobre você!

Kvásir, o ser mais inteligente já criado, deveria ter tido sabedoria suficiente para dizer *Sinto muito, não estou interessado em comprar nada* e continuar andando.

Infelizmente, Kvásir também era gentil, então ele apenas levantou a mão em cumprimento.

— Oi, bons anões! Sou mesmo Kvásir. Como posso ajudar?

Fjalar e Gjalar trocaram olhares, como se não conseguissem acreditar na sorte.

— Hã, bom, você pode ser nosso convidado para o jantar!

Gjalar indicou uma colina próxima, onde a entrada de uma caverna estava protegida por uma cortina de couro meio rasgada.

— Nós não estamos interessados em assassinar você — prometeu Fjalar. — Nem em roubar suas coisas. Muito menos em drenar seu sangue, que deve ter propriedades mágicas incríveis. Nós só queremos oferecer nossa hospitalidade!

— Agradeço imensamente — disse Kvásir. — Mas sou esperado em Midgard hoje. Muitos humanos precisam da minha ajuda.

— Ah, entendi — comentou Fjalar. — Você gosta de… ajudar. — Ele falou isso da forma como alguém diria *Você gosta de carne crua*. — Bom, na verdade, nós estamos tendo uma dificuldade enorme de, hã, fazer nosso fluxo de caixa.

Kvásir franziu a testa em solidariedade.

— Entendi. Pode ser mesmo difícil.

— Sim! — Gjalar uniu as mãos. — Você pode nos ajudar, ó, Sábio?

Foi como aquela parte em todos os filmes de terror em que a plateia grita: *Não faça isso!* Mas a compaixão de Kvásir superou toda a sua sabedoria.

— Muito bem — disse o deus. — Me mostrem todos os recibos!

Ele seguiu os anões para a caverna.

Eu queria correr atrás dele, avisar o que ia acontecer, mas meus pés ficaram grudados no chão. Dentro da caverna, Kvásir começou a gritar. Alguns momentos depois, ouvi o som de uma serra elétrica, depois um

líquido sendo derramado em um grande caldeirão. Se eu fosse capaz de vomitar dormindo, teria vomitado.

A cena mudou uma última vez.

Eu me vi no jardim de uma mansão de três andares, em uma fileira de casas coloniais de frente para um parque. Devia ser Salém ou Lexington, uma daquelas cidades sossegadas pré-revolucionárias perto de Boston. Colunas pintadas de branco ladeavam a entrada da casa. Arbustos de madressilva exalavam um perfume doce. Uma bandeira americana tremulava na varanda. A cena era tão bucólica que poderia ser Álfaheim se a luz do sol fosse um pouco mais intensa.

A porta da frente se abriu, e uma figura magra rolou pelos degraus de tijolo como se tivesse sido jogada.

Alex Fierro parecia ter uns quatorze anos, talvez dois ou três anos a menos de quando a conheci. Um filete de sangue escorria de sua têmpora esquerda. Ela engatinhou pela calçada, as palmas das mãos raladas da queda deixando manchas de sangue no cimento como uma pintura com esponja.

Ela não parecia assustada, e sim amarga e fervendo de raiva, com lágrimas de frustação nos olhos.

Na porta da casa, um homem de meia-idade apareceu: cabelo curto e preto com fios grisalhos, calça preta sem vincos, sapatos pretos engraxados, uma camisa branca tão engomada e imaculada que meus olhos doeram. Imaginei Blitzen dizendo: *Você precisa de um toque de cor, meu amigo!*

O homem era bem parecido com Alex. O rosto era bonito da mesma forma angulosa, como um diamante que se pode admirar, mas não tocar sem se cortar.

Ele não deveria ser assustador. Não era grande nem forte nem tinha aparência violenta. Vestia-se como um banqueiro. Mas havia algo de apavorante em seus dentes cerrados, na intensidade do olhar, na forma

como os lábios tremiam, como se ele ainda não tivesse dominado as expressões humanas. Tive vontade de ficar entre ele e Alex, mas não consegui me mexer.

Em uma das mãos, o homem segurava um objeto de cerâmica do tamanho de uma bola de futebol americano; algo ovoide marrom e branco. Vi que era um busto com dois rostos diferentes lado a lado.

— NORMAL! — O homem jogou a escultura de cerâmica na direção de Alex. Quebrou-se na calçada. — É só o que quero de você! Que seja *normal*! É pedir muito?

Alex finalmente conseguiu se levantar. Ela encarou o pai. Uma saia malva caía até a altura dos joelhos por cima de uma legging preta. A blusa verde sem mangas não a protegeu durante a queda. Os cotovelos pareciam ter sido esfolados por um batedor de carne. O cabelo estava mais comprido do que eu já tinha visto, um rabo de cavalo verde saindo das raízes pretas como uma chama da lareira de Aegir.

— Eu sou normal, *pai*. — Ela pronunciou a palavra como se fosse o insulto mais distorcido em que conseguiu pensar.

— Chega de ajuda. — O tom dele era duro e frio. — Chega de dinheiro.

— Eu *não quero* o seu dinheiro.

— Ah, ótimo! Porque ele vai todo para os meus *verdadeiros* filhos. — Ele cuspiu nos degraus. — Você tinha tanto potencial. Entendia o ofício quase tão bem quanto seu avô. E olhe só para você agora.

— A arte — corrigiu Alex.

— O quê?

— É uma arte, não um ofício.

O pai dela acenou com nojo para as peças quebradas de cerâmica.

— Isso não é arte. É lixo.

O sentimento estava claro, mesmo ele não precisando dizer em voz alta: *Você também escolheu ser lixo.*

Alex olhou com raiva para o pai. O ar entre eles se tornou seco e amargo. Cada um parecia estar esperando o outro fazer um gesto definitivo: pedir desculpas e ceder ou cortar os laços para sempre.

Alex não obteve a opção que queria.

O pai dela balançou a cabeça com consternação, como se não conseguisse acreditar que sua vida tinha chegado àquele ponto. Em seguida, se virou e entrou, batendo a porta.

Eu acordei com um baque.

— Que foi?!

— Relaxa, dorminhoco.

Alex Fierro estava de pé olhando para mim. Era a Alex do *presente*, usando uma capa de chuva de um amarelo tão forte que me perguntei se nosso navio tinha começado a assimilá-la. O som alto que me despertou do sonho foi ela largando um cantil cheio ao lado da minha cabeça. Ela jogou uma maçã no meu peito.

— Café da manhã — disse Alex. — E almoço também.

Esfreguei os olhos. Ainda conseguia ouvir a voz do pai dela e sentir o cheiro das madressilvas do jardim.

— Quanto tempo fiquei apagado?

— Umas dezesseis horas. Não aconteceu muita coisa, então deixamos você dormir. Mas agora, está na hora.

— De quê?

Eu me sentei no saco de dormir. Meus amigos andavam pelo convés, amarrando cordas e prendendo remos. Uma garoa gelada caía ao nosso redor. Nosso navio estava ancorado em uma margem de pedra, em um rio com casas de tijolo nas margens, não muito diferentes das de Boston.

— Bem-vindo a Jórvík. — Mestiço parecia infeliz. — Ou, como os mortais modernos chamam, York, na Inglaterra.

Dezessete

Somos atacados por umas pedras

CASO ESTEJAM QUERENDO saber, a Velha York não se parece em nada com Nova York.

Parece mais velha.

Magnus Chase, mestre da descrição. De nada, pessoal.

Mestiço não ficou animado de voltar para seu antigo local de acampamento.

— Nenhuma cidade viking de respeito deveria ficar tão longe do mar — resmungou ele. — Não sei por que Ivar, o Sem-Ossos, quis vir para este lugar. Nós perdemos a manhã inteira só para chegar até aqui, quarenta quilômetros rio Ouse acima.

— Rio Onze? — perguntei.

— Ouse — corrigiu T.J., abrindo um sorriso. — Tipo "use" só que com um "O" na frente. Eu li sobre ele em um guia de viagens!

Estremeci. Que nome péssimo. Também achei perturbador que T.J. tivesse pesquisado tanto sobre a Inglaterra. Por outro lado, cento e cinquenta anos era bastante tempo para ficar em Valhala, e a biblioteca do hotel era impressionante.

Olhei para bombordo. Água verde suja envolvia nosso casco, a chuva pontilhando a superfície. A correnteza parecia viva demais, *desperta* demais. Por mais que Percy Jackson tivesse me treinado, eu não queria cair lá.

— Você também sente, não é? — Mestiço ergueu o machado como se estivesse pronto para partir para cima do Ouse. — Os *vatnavaettir*.

Mestiço disse a palavra como se a achasse verdadeiramente horrível, como *covardia* ou *aparador de barba*.

— O que são? — perguntei.

— E eles têm um nome mais pronunciável? — acrescentou Alex.

— São espíritos da natureza — explicou Mallory. — Nós temos lendas similares na Irlanda. Chamamos de *each-uisge*, cavalos d'água.

Mestiço fez um ruído de deboche.

— Os irlandeses têm lendas similares porque roubaram dos nórdicos.

— Mentira — rosnou Mallory. — Os celtas estiveram na Irlanda *muito* antes de vocês, vikings grosseirões, invadirem.

— *Grosseirões?* O reino viking de Dublin era o único que merece ser citado na sua ilha infeliz!

— Então… — Samirah se meteu entre os pombinhos. — Por que esses cavalos d'água são perigosos?

Mestiço franziu a testa.

— Bom, eles podem formar um bando e, se forem provocados, destruir nosso navio. Imagino que tenham se segurado até agora porque nunca se depararam com um barco amarelo antes. Além disso, se alguém for idiota o bastante para tocar neles…

— Eles grudam na pele — explicou Mallory —, arrastam a pessoa para o fundo do rio e a afogam.

As palavras dela fizeram meu estômago se contrair. Uma vez, fiquei grudado em uma águia mágica que me levou em um passeio de demolição pelos telhados de Boston. A ideia de ser arrastado para o fundo do Ouse pareceu ainda menos divertida.

Alex passou os braços em volta de Mallory e de Mestiço.

— Então tá. Parece que vocês dois são especialistas em cavalos d'água. Deviam ficar a bordo e defender o *Bananão* enquanto o restante de nós vai caçar gigantes!

— Hã — falei. — Eu posso transformar o navio em lenço…

— Nada disso! — retrucou Mestiço. — Não tenho desejo *nenhum* de botar o pé em Jórvík de novo. Eu nem seria útil. O lugar mudou muito em mil e duzentos anos. Vou ficar no navio, mas não preciso da ajuda de *Mallory* para defendê-lo.

— Ah, é? — Mallory olhou para ele com raiva, as mãos nos cabos das facas. — E por acaso *você* conhece canções em gaélico para acalmar os cavalos d'água? Eu não vou deixar este navio aos *seus* cuidados.

— Bom, e eu não vou deixar aos *seus*!

— Pessoal! — Samirah ergueu as mãos como uma juíza de boxe.

Ela nunca gostou muito de xingar, mas tive a sensação de que estava lutando novamente com a regra de *não falar palavrão* do ramadã. Engraçado como isso funciona: assim que dizem que não podemos fazer uma coisa, sentimos um desejo absurdo de fazer.

— Se vocês dois insistem em ficar a bordo — disse ela —, eu também vou ficar. Sou boa com cavalos. Posso voar se ficar encrencada. E, em um piscar de olhos — ela mexeu o pulso, fazendo a lança de luz aparecer —, posso explodir qualquer coisa que nos atacar. Ou posso explodir vocês dois se não se comportarem.

Mestiço e Mallory pareceram igualmente infelizes com essa decisão, o que significava que era um bom meio-termo.

— Você ouviu a moça — disse Alex. — O grupo em terra vai ser formado por mim, T.J. e Cara Louro.

— Excelente! — T.J. esfregou as mãos. — Mal posso esperar para agradecer aos britânicos!

• • •

T.J. não estava brincando.

Enquanto andávamos pelas ruas estreitas de York, debaixo de uma garoa fria e cinzenta, ele cumprimentava todo mundo que via e tentava

apertar a mão das pessoas.

— Oi! — disse ele. — Sou de Boston. Obrigado por não apoiar a Confederação!

As reações dos moradores variavam de “Hã?” a “Sai pra lá!” a algumas expressões tão elaboradas que eu me perguntava se aquelas pessoas eram descendentes de Mestiço Gunderson.

T.J. não se deixou abater. Continuou andando, acenando e apontando.

— O que vocês precisarem! — oferecia ele. — Eu devo uma a vocês. — Ele sorriu para mim. — Amei este lugar. As pessoas são *tão* simpáticas.

— Aham. — Observei os telhados baixos, pensando que, se havia um gigante na cidade, eu deveria conseguir vê-lo. — Se você fosse um jötunn em York, onde estaria escondido?

Alex parou na frente de várias placas de rua. Com o cabelo verde aparecendo embaixo do capuz da capa de chuva amarela, ela parecia a garota-propaganda de uma marca de peixe frito.

— Talvez a gente possa começar aqui. — Ela apontou para a placa do alto. — O Centro Viking de Jórvík.

Parecia um plano tão bom quanto qualquer outro, principalmente porque não conseguimos pensar em mais nada.

Nós seguimos as placas, serpenteando pelas ruas estreitas e sinuosas com casas de tijolos, pubs e lojas. Podia ser o bairro North End de Boston, só que York era uma mistura histórica ainda maior. Tijolos vitorianos dividiam espaço com pedras medievais, que davam lugar a mansões elisabetanas, que ficavam ao lado de um salão de bronzeamento artificial que oferecia vinte minutos por cinco libras.

Vimos muitas pessoas no caminho. O trânsito estava leve. Eu me perguntei se era feriado ou se os moradores teriam ouvido falar do navio viking amarelo invadindo pelo rio Ouse e fugido para as colinas.

Eu decidi que era melhor assim. Se houvesse mais ingleses para cumprimentar, T.J. teria nos atrasado.

Seguimos por uma rua chamada Shambles, que significa bagunça, o que me pareceu uma boa descrição, mas uma péssima propaganda. A rua em si tinha a largura ideal para uma bicicleta passar, supondo que o ciclista fosse magro. As casas ocupavam a calçada em ângulos doidos, como em uma casa de espelhos de parque de diversões, e cada andar era um pouco maior do que o de baixo, dando a impressão de que o bairro inteiro ia desabar se déssemos um passo em falso. Mal consegui respirar até sairmos em uma avenida mais ampla.

Por fim, as placas nos levaram a uma área comercial, onde um prédio baixo de tijolos estava coberto de faixas verdes: VIKINGS! HISTÓRIA VIVA! EMOÇÃO! UMA EXPERIÊNCIA TOTALMENTE INTERATIVA!

Tudo isso pareceu ótimo, exceto pela placa na entrada: FECHADO.

— Ah. — T.J. testou a maçaneta. — Devemos invadir?

Eu não via de que isso adiantaria. O lugar era um museu para turistas, obviamente. Por melhor que a experiência interativa fosse, seria uma decepção depois de morar em Valhala. Eu também não precisava de parafernália viking da loja de souvenirs. Meu pingente de runa/espada falante era suficiente.

— Pessoal — disse Alex, a voz tensa —, aquela parede se mexeu?

Segui o olhar dela. Do outro lado da praça, havia ruínas de blocos de pedra calcária que podia ter sido parte de um castelo ou do antigo muro da cidade.

Pelo menos foi o que pensei até a pilha de pedras se mexer.

Eu já tinha visto Samirah sair de debaixo do hijab de camuflagem algumas vezes. Parecia que ela tinha saído de um tronco de árvore ou de uma parede branca ou da vitrine do Dunkin' Donuts. A visão das pedras me deu a mesma sensação de vertigem.

Minha mente precisou reprocessar o que eu estava vendo: não um pedaço de muro em ruínas, mas um gigante de seis metros de altura cuja aparência imitava perfeitamente a pedra calcária. A pele áspera era marrom e bege e cheia de bolinhas como a do monstro-de-gila. Havia

pedregulhos grudados na barba e no cabelo comprido e desgrenhado. Ele usava uma túnica e uma calça de tecido grosso, o que apenas complementava o visual de muro da fortaleza. Eu não fazia ideia de por que ele estava encostado no mercado. Cochilando? Mendigando? Gigantes mendigavam?

Ele fixou os olhos âmbar em nós, a única parte dele que parecia viva.

— Ora, ora — ribombou o gigante. — Estou esperando há séculos que vikings apareçam no Centro Viking. Mal posso esperar para matar vocês!

— Boa ideia, Alex — balbuciei. — Vamos seguir as placas até o Centro Viking. Viva.

Pela primeira vez, ela não teve resposta mordaz. Só olhou para o gigante, a boca aberta, o capuz da capa de chuva escorregando para trás.

O rifle de T.J. tremia nas mãos dele como vara verde.

Eu não me sentia muito mais corajoso. Claro que já tinha visto gigantes mais altos. Já tinha visto gigantes na forma de águia, gigantes do fogo, gigantes bêbados e gigantes usando camisas ridículas de boliche. Mas nunca vira um gigante da pedra aparecer bem na minha frente e declarar com alegria que queria me matar.

De pé, os ombros ficavam na altura dos telhados das casas de dois andares à nossa volta. Os poucos pedestres simplesmente o contornavam como se ele fosse uma construção inconveniente.

Ele puxou o poste mais próximo e o arrancou do chão junto com um pedaço da calçada. Só quando o apoiou no ombro foi que percebi que era a arma dele: um martelo com a cabeça do tamanho de uma piscininha de plástico.

— Os vikings já foram mais sociáveis — ribombou ele. — Pensei que eles voltariam ao centro comunitário para julgamentos por combate. Ou pelo menos para jogar bingo! Mas vocês são os primeiros que vejo em… — Ele inclinou a cabeça descabelada, um gesto que pareceu uma avalanche de sheepdogs. — Por *quanto tempo* eu fiquei sentado aqui?

Devo ter cochilado! Ah, bom. Digam seus nomes, guerreiros. Eu gostaria de saber quem vou matar.

Nesse momento, eu teria gritado: *Reivindico direitos de convidados!* Mas, infelizmente, não estávamos dentro da casa do gigante. Eu duvidava de que direitos de convidados se aplicassem a uma rua pública em uma cidade humana.

— Você é o gigante Hrungnir? — perguntei, torcendo para parecer mais confiante do que desesperado. — Sou Magnus Chase. Estes são Thomas Jefferson Jr. e Alex Fierro. Nós viemos negociar com você!

O colosso de pedra descabelado olhou de um lado para outro.

— Claro que sou Hrungnir! Você está vendo algum outro gigante da pedra por aqui? Infelizmente, matar vocês não é negociável, pequeno einherji, mas podemos discutir os detalhes, se quiser.

Engoli em seco.

— Como você sabia que somos einherjar?

Hrungnir sorriu, os dentes pareciam as muralhas de um castelo.

— Vocês têm *cheiro* de einherjar! Agora, vamos lá. O que vocês queriam negociar? Uma morte rápida? Morte por esmagamento? Talvez uma linda morte sendo pisoteados e depois serem raspados da sola do meu sapato!

Eu olhei para T.J., que balançou a cabeça vigorosamente. *O sapato não!*

Alex ainda não tinha se movido. Eu só sabia que ela estava viva porque piscou para tirar a chuva dos olhos.

— Ó, Grande e Bege Hrungnir — falei —, nós procuramos a localização do hidromel de Kvásir!

Hrungnir franziu a testa, as sobrancelhas pedregosas se erguendo, os lábios de tijolos formando um arco.

— Ora, ora. Estão dando uma de Odin, é? O velho truque de Bolverk?

— Hã… talvez.

— Eu poderia dar essa informação. Eu estava com Baugi e Suttung quando eles guardaram o hidromel no novo esconderijo — disse o gigante depois de rir.

— Certo. — Acrescentei silenciosamente *Baugi* e *Suttung* à minha lista mental de “coisas que não faço a menor ideia do que sejam”. — Foi sobre isso que viemos negociar. A localização do hidromel!

Percebi que já tinha dito isso.

— Qual é seu preço, ó, Poderoso Ser Bege?

Hrungnir coçou a barba, fazendo com que pedras e poeira caíssem na frente da túnica.

— Para eu considerar essa troca, suas mortes teriam que ser muito divertidas. — Ele olhou T.J., depois a mim e, por fim, seus olhos encontraram Alex Fierro. —Ah. Você tem cheiro de argila! Tem as habilidades necessárias, não tem?

Eu olhei para Alex.

— Habilidades necessárias?

— Tenho, sim — concordou Alex.

— Excelente! — trovejou Hrungnir. — Faz séculos que os gigantes da pedra não encontram um oponente digno para um duelo tradicional dois contra dois! Uma luta até a morte! Vamos marcar para amanhã ao amanhecer?

— Opa, calma aí — falei. — Nós não podemos fazer uma competição de cura?

— Ou jogar bingo — propôs T.J. — Bingo é legal.

— Não! — gritou Hrungnir. — Meu nome significa *brigão*, pequeno einherji. Você não vai roubar uma boa luta de mim! Nós vamos seguir as antigas regras de combate. Eu contra… Hum…

Eu não queria me oferecer, mas tinha visto Jacques acabar com gigantes maiores do que aquele cara. Levantei a mão.

— Tudo bem, eu…

— Não, você é magrelo demais. — Hrungnir apontou para T.J. — Eu te desafio!

— E eu ACEITO! — gritou T.J.

E piscou, como se pensando *Valeu mesmo, pai*.

— Que bom — disse o gigante. — E meu segundo vai lutar com o segundo de vocês, que vai ser feito por ela!

Alex cambaleou para trás como se tivesse sido empurrada.

— Eu… não posso. Eu nunca…

— Ou eu posso matar os três agora — disparou Hrungnir. — Aí vocês *não vão* ter chance de encontrar o hidromel de Kvásir.

Minha boca parecia tão cheia de poeira quanto a barba do gigante.

— Alex, do que ele está falando? O que você tem que fazer?

Pela expressão temerosa nos olhos dela, percebi que ela entendia a exigência de Hrungnir. Eu só a tinha visto nervosa assim uma vez: no primeiro dia em Valhala, quando achou que fosse ficar presa no mesmo gênero por toda a eternidade.

— Eu… — Ela umedeceu os lábios. — Tudo bem. Eu faço.

— É assim que se fala! — exclamou Hrungnir. — Quanto ao lourinho aqui, acho que ele pode ser o garoto que traz água. Bom, vou lá fazer meu segundo. Vocês deviam fazer o mesmo. Vamos nos encontrar amanhã ao amanhecer em Konungsgurtha!

O gigante se virou e saiu andando pelas ruas de York, os pedestres saindo do caminho como se ele fosse um ônibus desgovernado.

Eu me virei para Alex.

— O que você acabou de aceitar fazer?

O contraste entre os olhos heterocromáticos pareceu ainda maior do que o habitual, como se o mel e o castanho estivessem se separando, se acumulando à esquerda e à direita.

— Precisamos encontrar um estúdio de cerâmica — disse ela. — *E rápido*.

Dezoito

Eu enrolo massinha até morrer

NÃO OUVIMOS HERÓIS dizerem isso com frequência.

Rápido, Garoto Maravilha! Para o estúdio de cerâmica!

Mas o tom de Alex não deixou dúvida de que se tratava de uma questão de vida ou morte. Acabou que a oficina de cerâmica mais próxima, um lugar chamado Earthery, ficava na minha rua favorita, Shambles. Não encarei isso como um bom presságio. Enquanto T.J. e eu esperávamos do lado de fora, Alex passou alguns minutos conversando com o proprietário, que finalmente saiu, sorrindo e segurando uma pilha de cédulas coloridas de dinheiro.

— Divirtam-se, rapazes! — disse ele enquanto se apressava pela rua. — Que maravilha! Obrigado!

— Obrigado! — T.J. acenou. — E valeu por não se envolver na nossa Guerra Civil!

Entramos e vimos Alex avaliando o material: mesas de trabalho, tornos, prateleiras de metal repletas de peças de cerâmica inacabadas, potes cheios de ferramentas, um armário com pedaços de argila molhada em sacos plásticos. No fundo do estúdio, uma porta levava a um pequeno banheiro e outra ao que parecia ser um depósito.

— Pode ser que dê certo — murmurou Alex. — Talvez…

— Você comprou este lugar? — perguntei.

— Não seja bobo. Só paguei ao dono por vinte e quatro horas de uso exclusivo. Paguei bem.

— Em libras — observei. — Onde você conseguiu tanta grana?

Ela deu de ombros, a atenção voltada para a quantidade de sacos de argila disponíveis.

— Isso se chama estar preparado, Chase. Eu percebi que viajaríamos pelo Reino Unido e pela Escandinávia. Então trouxe euros, coroas suecas, coroas norueguesas e libras. Cortesia da minha família. E por *cortesia* quero dizer que roubei.

Eu me lembrei do sonho que tive com Alex na frente da casa dela, do jeito agressivo com que falou *Eu não quero seu dinheiro*. Talvez ela quisesse dizer que só queria nos termos dela. Eu respeitava isso. Mas mesmo assim não fazia ideia de como tinha conseguido tantas moedas diferentes.

— Pare de olhar de boca aberta e me ajude — ordenou ela.

— Eu não… eu não estava de boca aberta.

— Nós precisamos juntar essas mesas — disse ela. — T.J., vá ver se tem mais argila lá nos fundos. Precisamos de *bem* mais.

— Deixa comigo!

T.J. correu para o depósito.

Alex e eu juntamos as mesas, formando uma superfície de trabalho grande o bastante para jogar pingue-pongue. T.J. trouxe sacos de argila em quantidade adequada para fazer uma picape de cerâmica.

Alex olhou para a matéria-prima e para os tornos. Bateu com a unha nos dentes, nervosa.

— Não temos tempo suficiente — murmurou ela. — Secar, polir, assar…

— Alex — interrompi. — Se você quer nossa ajuda, vai ter que explicar o que vamos fazer.

T.J. se afastou de mim para o caso de Alex pegar o garrote.

Ela só me olhou de cara feia.

— Você *saberia* o que estou fazendo se tivesse feito comigo as aulas de cerâmica básica em Valhala, como pedi.

— Eu… já tinha um compromisso.

Na verdade, não gostei da ideia de fazer cerâmica até a morte, principalmente se envolvia ser jogado em um forno quente.

— Gigantes da pedra têm uma tradição chamada *tveirvigi* — explicou Alex. — Combate duplo.

— É como o combate individual, *einvigi* — acrescentou T.J. — Só que com *tveir* em vez de *ein*.

— Fascinante — falei.

— Pois é! Eu li em um…

— Não diga guia de viagem.

T.J. baixou o olhar.

Alex pegou uma caixa com variadas ferramentas de madeira.

— Sinceramente, Chase, não temos tempo para atualizar você. T.J. vai lutar com Hrungnir. Eu vou fazer um guerreiro de cerâmica que vai lutar com o guerreiro de cerâmica do gigante. Você vai ficar trazendo água ou vai curar ou vai fazer o que for preciso. É bem simples.

Eu olhei para os sacos de argila.

— Um guerreiro de cerâmica. De cerâmica *mágica*?

— Cerâmica normal — repetiu Alex, como se fosse óbvio. — T.J., você pode começar cortando essas placas? Preciso de fatias de dois centímetros e meio, umas sessenta ou setenta.

— Claro! Posso usar seu garrote?

Alex riu alto e por bastante tempo.

— De jeito nenhum. Deve ter um naquele pote cinza.

T.J. saiu emburrado para procurar um cortador normal.

— E você — Alex se virou para mim — vai fazer rolinhos.

— Rolinhos.

— Eu sei que você consegue enrolar argila. É igual fazer cobrinha de massinha.

Eu me perguntei como ela conhecia meu segredo mais sombrio: eu gostava de massinha quando criança. (E quando digo *criança*, quero dizer até uns onze anos.) Ressentido, admiti que isso estava no meu escopo de talentos.

— E você?

— A parte mais difícil é usar o torno — explicou ela. — Os componentes mais importantes têm que ser amaciados.

Quando ela disse *amaciados*, eu sabia que estava falando de *dar forma à argila no torno* e não de *amaciar alguém na base da pancada*, se bem que com Alex nunca dava para ter certeza.

— Tudo bem, rapazes — disse ela. — Mãos à obra.

Depois de algumas horas fazendo rolinhos, meus ombros começaram a doer. Minha camisa estava grudada na pele de suor. Quando fechei os olhos, cobras de argila surgiram no interior das minhas pálpebras.

Meu único alívio era levantar para mudar a estação do radinho do proprietário sempre que Alex ou T.J. não gostavam de uma música. T.J. preferia música militar, mas as rádios inglesas tocavam uma quantidade absurdamente pequena de música de bandas marciais. Alex gostava de rock japonês, também em pouca quantidade nas rádios AM/FM. Por motivos que não sou capaz de explicar, os dois chegaram a um consenso em Duran Duran.

De tempos em tempos, eu levava para Alex refrigerantes do frigobar do proprietário. O favorito dela era Tizer sabor cereja. Eu não gostei, mas Alex ficou viciada. Tanto que os lábios dela ficaram vermelhos como os de um vampiro, o que achei perturbador e estranhamente fascinante ao mesmo tempo.

Enquanto isso, T.J. corria de um lado para outro entre o corte de argila e o forno, que ele estava esquentando para um dia épico de fogaréu. Ele parecia ter prazer especial em fazer buracos mais ou menos da grossura de um lápis nas placas de argila para não racharem quando entrassem no

forno. Fez isso cantarolando “Hungry Like the Wolf”, o que, considerando minha história pessoal com lobos, não era minha música favorita. T.J. parecia alegre para um cara que logo pela manhã travaria um duelo com um gigante da pedra de seis metros de altura. Decidi não lembrar a ele que, se morresse ali na Inglaterra, continuaria morto, por mais simpáticos que os ingleses fossem.

Eu tinha colocado minha mesa de trabalho o mais perto possível do torno de Alex para poder conversar com ela. Normalmente esperava para fazer uma pergunta quando ela estivesse posicionando um novo pedaço de argila. Com as duas mãos ocupadas, tinha menos chance de ela bater.

— Você já fez isso antes? — perguntei. — Já fez um sujeito de cerâmica?

Ela olhou para mim, o rosto salpicado de porcelana branca.

— Tentei algumas vezes. Nada grande assim. Mas a minha família… — Ela mexeu na argila, modelando até formar algo parecido com uma colmeia. — Como Hrungnir disse, nós temos as habilidades necessárias.

— Sua família.

Tentei imaginar Loki sentado a uma mesa, fazendo cobrinhas de massinha.

— Os Fierro. — Alex me lançou um olhar cauteloso. — Você realmente não sabe? Nunca ouviu falar da Fierro Cerâmicas?

— Hã… deveria?

Ela sorriu, como se achasse minha ignorância revigorante.

— Se você entendesse alguma coisa sobre utensílios de cozinha ou decoração de interiores, talvez. Era uma marca famosa uns dez anos atrás. Mas tudo bem. Não estou falando daquelas porcarias industrializadas que meu pai vende hoje em dia. Estou falando da arte do meu avô. Ele começou o negócio quando emigrou de Tlatilco.

— Tlatilco. — Eu tentei identificar o lugar. — Fica perto da I-95?

Alex riu.

— Não tem motivo para você já ter ouvido falar. É um lugarzinho no México. Atualmente é só um bairro da Cidade do México. De acordo com meu avô, nossa família faz cerâmica desde antes dos astecas. Tlatilco era uma cultura superantiga.

Ela apertou os polegares no centro da colmeia, abrindo as laterais da nova cerâmica. Ainda parecia meio mágico para mim o jeito como ela dava forma a um vaso delicado e perfeitamente simétrico usando apenas pressão e movimento giratório. Nas poucas vezes que tentei usar um torno eu quase quebrei os dedos e consegui transformar um pedaço de argila em um pedaço de argila um pouco mais feio.

— Quem sabe o que é verdade? — continuou Alex. — São só histórias de família. Lendas. Mas meu *abuelo* levava a sério. Quando se mudou para Boston, ele continuou fazendo as coisas do jeito tradicional. Mesmo que estivesse fazendo só um prato ou uma caneca, ele criava cada peça à mão, com muito orgulho e atenção aos detalhes.

— Blitzen gostaria disso.

Alex se afastou e olhou para a cerâmica.

— É, meu avô teria dado um bom anão. Depois, meu pai assumiu os negócios e decidiu ir para o lado comercial. Ele se vendeu. Começou a produzir linhas de pratos de cerâmica em massa, fez negócio com redes de lojas de decoração. Ganhou milhões antes de as pessoas começarem a perceber que a qualidade estava despencando.

Relembrei as palavras amargas do pai dela no meu sonho: *Você tinha tanto potencial. Entendia o ofício quase tão bem quanto seu avô.*

— Ele queria que você desse continuidade aos negócios da família.

Ela me observou, sem dúvida questionando como adivinhei. Quase mencionei o sonho, mas Alex *realmente* não gostava de gente dentro da cabeça dela, mesmo sem querer. E eu não gostava quando gritavam comigo.

— Meu pai é um idiota — disse ela. — Ele não entendia como eu podia gostar de cerâmica, mas não querer ganhar dinheiro com isso. E não gostava que eu ouvisse as ideias malucas do meu avô.

— Como assim?

Na mesa de trabalho, T.J. continuava fazendo buracos nas placas de argila com uma cavilha, criando diferentes desenhos, como estrelas e espirais.

— Isso até que é divertido — admitiu ele. — É terapêutico!

Os lábios vermelhos-refrigerante de Alex se curvaram nos cantos.

— Meu *abuelo* fazia cerâmica para viver, mas seu verdadeiro interesse era nas esculturas dos nossos ancestrais. Ele queria entender a parte da espiritualidade. Não era fácil. Quer dizer… depois de tantos séculos, tentar entender uma herança enterrada debaixo de tantas outras coisas: olmecas, astecas, espanhóis, mexicanos. Como saber o que é verdadeiro? Como reivindicar isso para si?

Tive a sensação de que as perguntas eram retóricas e não exigiam respostas, o que achei ótimo. Eu não conseguia pensar direito com T.J. cantarolando “Rio”, do Duran Duran, e fazendo carinhas sorridentes na argila.

— Mas seu avô conseguiu — eu supus.

— Ele achava que sim. — Alex girou o torno de novo, passando uma esponja pelas laterais da escultura. — Eu também. Meu pai… — A expressão dela ficou amarga. — Bem, ele gostava de botar a culpa pelo… você sabe, pelo jeito que eu sou… em Loki. Ele não gostou *nem um pouco* quando passei a me afirmar pelo lado Fierro da família.

Meu cérebro parecia minhas mãos: com uma camada de argila por cima sugando toda a umidade.

— Desculpa, não entendi. O que isso tem a ver com guerreiros mágicos de cerâmica?

— Você vai ver. Pode pegar o celular aqui no meu bolso e ligar para a Sam? Conte tudo pra ela. E fique quieto para eu poder me concentrar.

Mesmo com ordens dela, tirar uma coisa do bolso da calça de Alex enquanto ela estava vestindo a tal calça parecia um bom jeito de acabar morto.

Eu consegui, tendo só alguns pequenos ataques de pânico, e descobri que o celular tinha pacote de dados no Reino Unido. Algo que ela devia ter providenciado na mesma ocasião em que resolveu a questão do roubo do dinheiro.

Mandei uma mensagem para Samirah e contei tudo.

Alguns minutos depois, o celular vibrou com a resposta dela. OK. *Boa sorte. Lutando. GTG.*

Eu me perguntei se o *GTG* naquele contexto queria dizer *got to go*, *Gunderson trucidando a garota* ou *gigantes torturando Gunderson*. Decidi pensar de forma otimista e escolhi a primeira opção, em que ela quis dizer que precisava ir e não podia mais falar.

Conforme a tarde avançava, as mesas dos fundos foram ficando cheias de quadrados de porcelana que pareciam placas de armadura. Alex me ensinou a moldar os cilindros que serviriam de braços e pernas juntando os rolinhos. Os esforços dela no torno de cerâmica produziram pés, mãos e uma cabeça, todos em formato de vasos e decorados meticulosamente com runas vikings.

Ela passou horas trabalhando nos rostos; eram dois, lado a lado, como a obra de arte que o pai dela estilhaçou no meu sonho. O rosto da esquerda tinha pálpebras pesadas, olhos desconfiados, um bigode curvo de vilão de desenho animado e uma boca enorme fazendo careta. O rosto da direita era sorridente, tinha buracos ocos no lugar dos olhos e a língua para fora. Vendo os dois rostos juntos, não consegui deixar de pensar nos olhos de cores diferentes de Alex.

À noite, colocamos todas as peças do guerreiro de cerâmica em nossa mesa quádrupla, criando um Frankenstein de dois metros e meio, ainda meio desmontado.

— Bem. — T.J. enxugou a testa. — Essa coisa me daria medo se *eu* tivesse que enfrentá-la em batalha.

— Concordo — falei. — Por falar nisso, por que os dois rostos?

— É uma máscara. Meus ancestrais de Tlatilco faziam muitas figuras com duas faces ou um rosto com duas metades — explicou Alex. — Ninguém sabe exatamente por quê. Meu avô achava que representavam dois espíritos em um único corpo.

— Como meu velho amigo lenape Mãe William! — exclamou T.J. — Acho que as culturas no México também tinham *argrs*! — Ele se corrigiu rapidamente: — Digo, indivíduos trans, de gênero fluido.

Argr, o termo viking para alguém que muda de gênero, significava literalmente *não másculo*, que não era um termo aprovado por Alex.

Eu observei a máscara.

— Não me surpreende que o conceito de dualidade nesse tipo de arte chame a sua atenção. Seu avô… ele *entendia* quem você era.

— Entendia — concordou Alex — e respeitava. Quando ele morreu, meu pai se esforçou para desacreditar as ideias do meu *abuelo*, destruir a arte dele e me transformar em uma boa empresária. Eu não permiti.

Ela massageou a nuca, talvez tocando inconscientemente na tatuagem de oito feita de serpentes. Alex tinha aceitado sua habilidade de metamorfa e se recusava a deixar Loki estragar isso. Fez o mesmo com a cerâmica, apesar de seu pai ter transformado o negócio da família em algo que ela desprezava.

— Alex — falei —, quanto mais descubro sobre você, mais eu te admiro.

Pela expressão em seu rosto, Alex pareceu achar graça e ficar exasperada ao mesmo tempo, como se eu fosse um cachorrinho fofo que

tinha acabado de fazer xixi no tapete.

— Guarde a admiração até eu poder dar vida a essa coisa. *Esse* é o verdadeiro truque. Enquanto isso, nós todos precisamos de um pouco de ar fresco. — Ela jogou outro bolo de dinheiro para mim. — Vamos jantar. Você paga.

Dezenove

Eu vou a um aquecimento zumbi

JANTAMOS OS TRADICIONAIS *fish and chips* em um lugar chamado Mr. Chippy. T.J. achou o nome hilário. Enquanto comíamos, ele ficava dizendo "MR. CHIPPY!" com uma voz alta e alegre, o que não teve graça para o cara da caixa registradora.

Depois, voltamos para o estúdio de cerâmica para passarmos a noite. T.J. sugeriu nos juntarmos ao restante da tripulação no navio, mas Alex insistiu que precisava ficar de olho no guerreiro de cerâmica.

Ela mandou uma mensagem para atualizar Sam.

A resposta de Sam: *Beleza. Tudo bem por aqui. Lutando com cavalos d'água.*

Lutando com cavalos d'água foi escrito com emojis: um punho, uma onda, um cavalo. Achei que Sam já devia ter lutado com tantos que decidiu abreviar.

— Você também arrumou um plano de dados internacional para ela — eu observei.

— Ah, sim — disse Alex. — Tenho que manter contato com a minha irmã.

Eu queria perguntar por que não fez o mesmo para mim, mas então lembrei que não tenho celular. A maioria dos einherjar não se dava ao trabalho. Primeiro, arrumar um número e pagar a conta era difícil quando se estava oficialmente morto. Além do mais, nenhum plano de dados cobria o resto dos nove mundos. E o sinal era horrível em Valhala. Acreditava que a culpa fosse dos telhados de escudos de ouro. Apesar

disso tudo, Alex insistia em ter celular. Como ela conseguia isso eu não fazia ideia. Talvez Samirah a tivesse registrado em algum plano familiar do tipo *viva&morta.*

Assim que chegamos ao estúdio, Alex foi conferir o projeto. Eu não sabia se ficava aliviado ou decepcionado pelo guerreiro não ter se montado e ganhado vida ainda.

— Daqui a algumas horas eu checo novamente — disse ela. — Agora vou…

Ela cambaleou até a única poltrona confortável da sala, uma poltrona reclinável suja de argila do proprietário, apagou e começou a roncar. E como *roncava*! T.J. e eu decidimos dormir no depósito, onde estaríamos mais protegidos da versão Alex de um cortador de grama moribundo.

Improvisamos colchões com lonas.

T.J. limpou o rifle e amolou a baioneta, seu ritual noturno.

Eu me deitei e fiquei observando a chuva cair na claraboia. Havia um ponto no vidro pelo qual a chuva vazava, pingando sobre as prateleiras de metal e enchendo o aposento com um cheiro de ferrugem úmida, mas não me importei. Fiquei agradecido pelo barulho constante.

— O que vai acontecer amanhã? — perguntei a T.J. — Digo, exatamente o quê?

T.J. riu.

— Exatamente? Vou lutar com um gigante de seis metros de altura até um de nós morrer ou não poder lutar mais. Enquanto isso, o guerreiro de cerâmica do gigante vai lutar com o guerreiro de cerâmica de Alex até um deles virar pó. Alex, não sei, deve ficar lá torcendo pela criação dela, eu acho. Você me cura se puder.

— Isso é permitido?

T.J. deu de ombros.

— Até onde eu sei, qualquer coisa é permitida a você e Alex desde que não participem da luta.

— Não incomoda você que seu oponente seja pelo menos quatro metros mais alto?

T.J. empertigou as costas.

— Ei, eu não sou tão baixo assim! Tenho quase um metro e oitenta!

— Como você pode estar tão calmo?

Ele inspecionou a lâmina da baioneta, segurando perto do rosto de forma a parecer cortar sua face ao meio como uma máscara dupla.

— Eu já venci as probabilidades tantas vezes, Magnus. Na ilha James, Carolina do Sul, eu estava ao lado de um amigo meu, Joe Wilson, quando um atirador rebelde… — Ele fez uma arma com os dedos e puxou o gatilho. — Podia ter sido eu. Podia ter sido qualquer um de nós. Eu caí no chão, rolei e olhei para o céu, até que uma sensação de calma tomou conta de mim. Eu não senti mais medo.

— É, o nome disso é estado de choque.

Ele balançou a cabeça.

— Não, eu vi as *valquírias*, Magnus. Mulheres em cavalos alados circulando nosso regimento. Finalmente acreditei no que minha mãe sempre me contou, sobre meu pai ser Tyr. Aquelas histórias malucas sobre deuses nórdicos em Boston. Naquele momento, eu decidi… que tudo bem. O que quer que acontecesse, tanto faz. Se meu pai é o deus da coragem, seria melhor que eu o deixasse orgulhoso.

Eu não sabia qual seria minha reação. Estava feliz de ter um pai que sentia orgulho de mim por curar pessoas, gostar de estar na natureza e tolerar sua espada falante.

— Você já conheceu seu pai? — perguntei. — Foi ele quem deu essa baioneta pra você, não foi?

T.J. enrolou a lâmina no tecido de camurça como se a estivesse colocando para dormir.

— A baioneta estava me esperando quando cheguei em Valhala. Eu nunca vi Tyr cara a cara. — T.J. deu de ombros. — Mesmo assim, cada vez

que aceito um desafio, eu me sinto mais próximo dele. Quanto mais perigoso, melhor.

— Deve estar se sentindo *super*próximo dele agora — supus.

T.J. sorriu.

— É. Bons momentos.

Eu me perguntei como um deus podia ficar cento e cinquenta anos sem reconhecer um filho corajoso como T.J., mas meu amigo não era o único. Eu sabia de vários einherjar que não conheciam os pais. Falar com os filhos pelo Facetime não era prioridade para deidades nórdicas, talvez por terem centenas ou milhares de filhos. Ou talvez porque os deuses sejam uns cretinos.

T.J. se deitou no colchão de lona.

— Agora eu tenho que decidir como matar aquele gigante. Acho que um ataque frontal direto não vai dar certo.

Para um soldado da Guerra Civil, até que ele estava pensando fora da caixinha.

— E qual é seu plano? — perguntei.

— Não faço ideia! — Ele puxou o quepe do Exército da União sobre os olhos. — Talvez alguma coisa me ocorra nos sonhos. Boa noite, Magnus.

E então T.J. começou a roncar quase tão alto quanto Alex.

Não havia como escapar.

Fiquei deitado, me perguntando como Sam, Mestiço e Mallory estavam, a bordo do navio. Também questionei por que Blitzen e Hearthstone ainda não tinham voltado e por que estavam demorando cinco dias só para descobrir a localização de uma pedra de amolar. Njord tinha prometido que eu os veria de novo antes de as coisas realmente perigosas acontecerem. Eu deveria tê-lo feito jurar por seus pés imaculadamente cuidados.

Mas minha principal preocupação era com meu duelo iminente com Loki: uma competição de insultos com a deidade nórdica mais eloquente

de todas. O que eu tinha na cabeça? Por mais mágico que fosse o hidromel de Kvásir, como isso poderia me ajudar a vencer Loki em seu próprio jogo?

Sem pressão, claro. Se eu perder serei reduzido a uma sombra de mim mesmo e aprisionado em Helheim enquanto todos os meus amigos morrem e o Ragnarök destrói os nove mundos. Talvez eu pudesse comprar um livro de insultos vikings na loja de souvenirs do Centro Viking.

T.J. seguiu roncando. Eu admirava a coragem e a positividade dele. Questionava se teria um décimo dessa presença de espírito quando tivesse que enfrentar Loki.

Minha consciência respondeu *NÃO!* e começou a chorar compulsivamente.

Graças ao barulho da chuva, finalmente consegui dormir, mas meus sonhos não foram relaxantes nem tranquilizadores.

Eu me vi novamente em *Naglfar*, o navio dos mortos. Grupos de *draugrs* andavam de um lado para outro do convés, trapos e armaduras mofadas pendurados aos corpos, as lanças e espadas corroídas como fósforos queimados. Os espíritos dos guerreiros tremulavam dentro das caixas torácicas como chamas azuis agarrando-se aos restos da lenha.

Milhares e milhares se arrastavam na direção do convés frontal, onde, penduradas nos mastros, faixas pintadas à mão oscilavam ao vento gelado: ANIMAÇÃO, GALERA! VAMOS NESSA, DRAUGR! RAGNARÖK AND ROLL! e outros slogans tão horrendos que só podiam ter sido escritos pelos mortos desonrados.

Não avistei Loki. Mas, de pé no leme, em uma plataforma feita de unhas de homens mortos, havia um gigante tão velho que eu quase achei que pudesse ser um dos mortos-vivos. Eu nunca o tinha visto, mas ouvira histórias sobre ele: Hrym, o capitão do navio. O nome queria dizer *decrépito*. Tinha braços nus dolorosamente magros. Fiapos de cabelo branco saíam de sua cabeça áspera como estalactites, me fazendo pensar

em imagens de homens pré-históricos encontrados em geleiras derretendo. Pelos brancos e mofados cobriam seu corpo maltratado.

Mas os pálidos olhos azuis estavam muito vivos. Hrym não podia ser tão frágil quanto parecia. Em uma das mãos, segurava um machado maior do que ele. Na outra havia um escudo feito do esterno de algum animal enorme cujo espaço entre as costelas fora preenchido com folhas de ferro.

— Soldados de Helheim! — gritou o gigante. — Vejam!

Ele indicou o outro lado da água cinzenta. No extremo oposto da baía, os penhascos glaciais desmoronavam cada vez mais rápido, o gelo estalando e provocando um som de artilharia distante ao cair no mar.

— Em breve o caminho vai estar livre! — gritou o gigante. — E aí partiremos em batalha! Morte aos deuses!

O grito soou em volta de mim: as vozes vazias e cheias de ódio dos mortos se juntando ao canto.

Misericordiosamente, meu sonho mudou. De repente eu estava em um campo de trigo recém-arado em um dia quente de sol. Ao longe, flores silvestres cobriam as colinas verdejantes. Mais além, cachoeiras brancas e leitosas caíam pelas laterais de montanhas pitorescas.

Parte do meu cérebro pensou: *Finalmente um sonho agradável! Estou em um comercial de pão integral orgânico!*

Mas um velho de vestes azuis veio andando na minha direção. As roupas estavam rasgadas e manchadas em virtude de uma longa viagem. Um chapéu de aba larga cobria seu rosto, mas eu via a barba grisalha e o sorriso cheio de segredos.

Quando chegou perto de mim, o homem ergueu o rosto e revelou um único olho que brilhava com malícia. A outra órbita era escura e vazia.

— Sou Bolverk — disse ele, embora eu obviamente soubesse que se tratava de Odin. Fora o disfarce nem um pouco criativo, quando se ouvia Odin fazer um discurso sobre as melhores práticas dos berserkir, era

impossível esquecer sua voz. — Vim propor a você o melhor acordo da sua vida.

Então ele tirou de debaixo da capa um objeto do tamanho de um queijo redondo, coberto por um pano. Eu estava com medo de ser uma das coleções de CDs motivacionais de Odin, mas, aberto o embrulho, revelou-se uma pedra de amolar de quartzo cinza. A visão me fez lembrar o martelo de Hrungnir, só que menor e bem menos pesado.

Odin/Bolverk me ofereceu o objeto.

— Você vai pagar o preço?

De repente, ele tinha sumido. À minha frente estava um rosto tão grande que eu não conseguia identificar tudo à primeira vista: olhos verdes brilhantes com fendas verticais no lugar de pupilas, narinas encouraçadas de onde escorria muco. O fedor de ácido e carne podre fez meus pulmões arderem. A boca da criatura se abriu e revelou fileiras de dentes triangulares irregulares prontos para me retalhar e… imediatamente me sentei na cama de lona, gritando.

Acima de mim, uma suave luz cinza entrava pela claraboia. A chuva tinha passado. T.J. estava sentado à minha frente, comendo um bagel e usando óculos estranhos. Cada lente tinha um centro claro, envolto em um anel de vidro âmbar, fazendo T.J. parecer que tinha adquirido um segundo par de íris.

— Finalmente acordou! — comentou ele. — Teve pesadelos, é?

Meu corpo todo parecia tremer, como uma máquina de lavar antiga.

— O q-que está acontecendo? — perguntei. — Qual é a dos óculos?

Alex Fierro apareceu na porta.

— Um grito agudo assim só podia ser do Magnus. Ah, que bom que você acordou. — Ela jogou um saco de papel pardo com cheiro de alho na minha direção. — Vamos. O tempo está voando.

Alex nos conduziu ao estúdio, onde o sujeito de cerâmica com duas caras ainda estava em pedaços. Ela contornou a mesa, conferindo seu

trabalho e assentindo com satisfação, apesar de eu não conseguir ver qualquer mudança desde a última vez.

— Ótimo! Ok. Está tudo certo.

Abri o saco de papel e franzi a testa.

— Você deixou um bagel de alho pra mim?

— O último a acordar fica com a sobra — disse Alex.

— Vou ficar com um hálito horroroso.

— *Mais* horroroso — corrigiu Alex. — Mas tudo bem, não é? Porque *eu* não vou beijar você. *Você* vai beijar o Magnus, T.J.?

— Não estava nos meus planos.

T.J. colocou o restante do bagel na boca e sorriu.

— Eu… eu não falei nada sobre… — gaguejei. — Eu não quis dizer… — Meu rosto parecia coberto de formigas. — Deixa pra lá. T.J., por que você está com esses óculos, afinal?

Eu era ótimo em mudar o assunto da conversa quando estava constrangido. Era um dom.

T.J. balançou os óculos novos.

— Você ajudou a ativar minha memória, Magnus, quando falamos do atirador ontem à noite! Depois sonhei com Hrungnir e os olhos âmbar esquisitos dele e me vi rindo e atirando nele. Quando acordei, lembrei que tinha colocado os óculos na minha bolsa. Havia me esquecido completamente deles!

Parecia que T.J. tinha sonhos bem melhores do que eu, o que não era surpresa.

— São óculos de atirador de elite — explicou ele. — Era o que usávamos antes de inventarem as miras. Comprei este par em Valhala uns cem anos atrás, eu acho, então tenho quase certeza de que é mágico. Mal posso esperar para experimentar!

Eu duvidava de que Hrungnir fosse ficar parado enquanto T.J. atirava nele de uma distância segura. Também duvidava de que qualquer um de

nós fosse rir muito hoje. Mas não queria estragar a animação pré-combate de T.J.

Eu me virei para o guerreiro de cerâmica.

— E em que pé estamos com nosso carinha da Pottery Barn? Por que ele ainda está em pedaços?

Alex abriu um sorriso.

— Pottery Barn? Sou contra grandes redes de lojas, mas o nome até que é legal! Só não vamos tirar conclusões sobre o gênero de Pottery Barn, ok?

— Ah. Tudo bem.

— Deseje-me sorte.

Ela respirou fundo e passou os dedos pelos dois rostos do guerreiro de cerâmica.

As peças estalaram e começaram a se unir como se estivessem magnetizadas. Pottery Barn se sentou e olhou para Alex. Ambas as faces ainda eram de argila dura, mas agora as caretas gêmeas pareciam mais irritadas, mais famintas. Os globos oculares da face direita brilhavam com uma luz dourada.

— Isso! — Alex suspirou de alívio. — Certo. Pottery Barn é não binário, como eu desconfiava. Eles preferem que se refiram aos dois no plural. E estão prontos para lutar.

Pottery Barn pularam da mesa. Os membros faziam barulho de pedra em cimento. Eles tinham uns dois metros e meio, o que era bem assustador para mim, mas eu me perguntei se tinham chance contra o guerreiro de cerâmica que Hrungnir criara.

Pottery Barn deviam ter sentido minha hesitação, porque viraram o rosto na minha direção e levantaram o punho direito, um vaso pesado de argila pintado de vermelho-sangue.

— Parem! — ordenou Alex. — Ele não é o inimigo!

Pottery Barn se viraram para Alex como se perguntando: *Tem certeza?*

— Talvez Pottery Barn não gostem de alho — especulou Alex. — Magnus, termina logo esse bagel e vamos botar o pé na estrada. Não podemos deixar nossos inimigos esperando!

Vinte

Tveirvigi = Pior vigi

ENQUANTO ANDÁVAMOS PELAS ruas de York na madrugada, comi o bagel de alho e contei aos meus amigos sobre meu último sonho. Nossos novos amigos, Pottery Barn, andavam ao lado, atraindo olhares de reprovação dos moradores cujas expressões pareciam dizer: *Ai, ai, esses turistas*.

Pelo menos a minha história prendeu a atenção de T.J. e ele não perturbou muitos moradores com agradecimentos e apertos de mão.

— Hum… — disse ele. — Eu só queria entender por que precisamos da pedra de amolar. Acho que Odin falou do incidente de Bolverk em um dos livros dele… *O caminho aesir para a vitória*? Ou foi em *A arte do roubo*? Não consigo me lembrar dos detalhes. Você disse que no seu sonho a besta era grande e tinha olhos verdes?

— E muitos dentes. — Tentei afastar a lembrança. — Talvez Odin tenha matado a besta para recuperar a pedra. Ou será que bateu na cara dela *com* a pedra e foi assim que pegou o hidromel?

T.J. franziu a testa. Os óculos novos estavam apoiados na aba do quepe.

— Nenhuma das duas coisas me parece certa. Não me lembro de nenhum monstro. Tenho quase certeza de que Odin roubou o hidromel dos gigantes.

Eu relembrei meu sonho anterior com o massacre da serra elétrica de Fjalar e Gjalar.

— Mas não foram anões que mataram Kvásir? Como os gigantes pegaram o hidromel?

T.J. deu de ombros.

— Todas as histórias antigas são basicamente sobre um grupo assassinando outro para roubar seus pertences. Deve ter sido assim.

Isso me deixou com orgulho de ser viking.

— Tudo bem, mas não temos muito tempo para descobrir. As geleiras que eu vi estão derretendo rápido. O solstício será daqui a uns doze dias, mas acho que o navio de Loki terá condições de zarpar *bem* antes disso.

— Rapazes — disse Alex —, que tal isto? Primeiro vencemos o gigante, *depois* falamos sobre nossa próxima tarefa impossível.

Pareceu sensato, mas desconfiei de que Alex só queria que eu calasse a boca para não ter que lidar com meu bafo de alho.

— Alguém sabe para onde estamos indo? — perguntei. — O que é um Konungsgurtha?

— Significa *pátio do rei* — disse T.J.

— Isso estava no seu guia de viagem?

— Não. — T.J. riu. — É norueguês antigo básico. Você ainda não fez essa aula?

— Eu já tinha um compromisso — resmunguei.

— Bem, estamos na Inglaterra. Deve ter um rei com um pátio em algum lugar por aqui.

Alex parou no cruzamento seguinte. Apontou para uma das placas.

— Que tal uma Praça do Rei? Serve?

Pottery Barn pareceram achar que sim, já que viraram as duas faces naquela direção e saíram andando. Nós fomos atrás, pois seria irresponsabilidade deixar uma pilha de cerâmica de dois metros e meio andar desacompanhada pela cidade.

Tínhamos encontrado o local. Uhul.

A Praça do Rei não era uma praça e não era muito majestosa. As ruas formavam um Y em volta de um parque triangular pavimentado com ardósia cinza, com algumas árvores mirradas e dois bancos. Os prédios ao redor estavam escuros, as lojas fechadas. O único ser à vista era o gigante

Hrungnir, as botas plantadas com firmeza dos dois lados de uma farmácia chamada, de forma um tanto apropriada, Boots. O gigante, que usava a mesma armadura de retalhos, tinha uma barba de pedra desgrenhada que parecia ter passado recentemente por uma avalanche, e seus olhos âmbar brilhavam com um toque de “mal posso esperar para matar vocês”. O martelo estava de pé ao lado dele como o maior poste de Festivus do mundo.

Quando Hrungnir nos viu, abriu a boca em um sorriso que faria o coração de pedreiros e calceteiros palpitar.

— Ora, ora, vocês vieram! Eu estava começando a pensar que iriam fugir. — Ele franziu as sobrancelhas de cascalho. — A maioria foge. É muito irritante.

— Não consigo imaginar por quê — falei.

— Hum… — Hrungnir assentiu para Pottery Barn. — Esse é seu guerreiro de cerâmica? Não parece grande coisa.

— Espera só — prometeu Alex.

— Mal posso esperar! — trovejou o gigante. — Eu amo matar pessoas aqui. Sabe, muito tempo atrás — ele indicou um pub próximo —, o pátio do rei nórdico de Jórvík ficava ali. E onde vocês estão ficava uma igreja cristã. Estão vendo? Vocês estão andando sobre o túmulo de alguém.

E realmente, a placa de ardósia debaixo dos meus pés tinha um nome e datas apagadas demais para ler. A praça toda era pavimentada com lápides, talvez do piso da antiga igreja. A ideia de andar em cima de tantos mortos me deixou enjoado, apesar de, tecnicamente, eu mesmo estar morto.

O gigante riu.

— Parece adequado, não é? Já tem tantos humanos mortos aqui, o que seriam alguns a mais? — Ele se virou para T.J. — Está pronto?

— Eu nasci pronto — disse T.J. — Morri pronto. Ressuscitei pronto. Mas vou dar uma última chance a você, Hrungnir. Não é tarde demais para escolher o bingo.

— Rá! Nada disso, pequeno einherji! Eu trabalhei a noite toda no meu parceiro de luta. Não pretendo desperdiçar ele com um bingo. Mokkerkalfe, venha cá!

O chão tremeu com um *TUM TUM* úmido. Na esquina, um homem de barro surgiu. Tinha dois metros e oitenta, sua modelagem era rudimentar e ainda brilhava de umidade. Parecia algo que *eu* faria na aula de cerâmica básica, uma criatura feia e cheia de caroços com braços finos demais e pernas grossas demais, a cabeça uma bola com duas órbitas e feições esculpidas em formato de careta.

Ao meu lado, Pottery Barn começaram a estalar e não achei que fosse de empolgação.

— Maior não quer dizer mais forte — disse para os dois bem baixinho.

Pottery Barn viraram os rostos para mim. Claro que as expressões não mudaram, mas senti que as duas bocas me diziam a mesma coisa: *Cala a boca, Magnus.*

Alex cruzou os braços. Tinha amarrado a capa de chuva amarela na cintura, revelando um colete xadrez cor-de-rosa e verde que julguei ser seu uniforme de combate.

— Seu trabalho é medíocre, Hrungnir. Você chama isso de homem de barro? E que nome é esse? Mokkerkalfe?

O gigante ergueu as sobrancelhas.

— Vamos ver qual trabalho é medíocre quando a luta começar. Mokkerkalfe quer dizer *Filho da Neblina*! Um nome poético e honrado para um guerreiro!

— Aham — disse Alex. — Bom, conheça Pottery Barn.

Hrungnir coçou a barba.

— Devo admitir que esse também é um nome poético para um guerreiro. Mas ele sabe lutar?

— *Eles* sabem lutar muito bem — prometeu Alex. — E vão derrubar esse seu monte de escória sem problemas.

Pottery Barn olharam para sua criadora como quem diz: *Vamos?*

— Chega de conversa! — Hrungnir ergueu o martelo e fez cara feia para T.J. — Vamos começar, homenzinho?

Thomas Jefferson Jr. colocou os óculos de armação cor de âmbar, tirou o rifle do ombro e pegou um pequeno pacote cilíndrico de papel — um cartucho de pólvora — do kit.

— Este rifle também tem um nome poético — disse ele. — É um Springfield 1861. Criado em Massachusetts, como eu. — Ele abriu o cartucho com os dentes e virou o conteúdo na boca do rifle. Pegou o atacador e enfiou pólvora e balas lá dentro. — Eu conseguia atirar três vezes por minuto com esta belezinha, mas estou praticando há várias centenas de anos. Vamos ver se consigo disparar cinco hoje.

Ele pegou uma pequena cápsula de metal na bolsinha e colocou embaixo do cão. Eu já tinha visto T.J. fazer isso antes, mas o jeito com que conseguia carregar a arma, falar e andar ao mesmo tempo era tão mágico quanto a habilidade de Alex no torno. Para mim, fazer tudo isso teria sido como tentar amarrar os sapatos e assoviar o hino enquanto corria.

— Muito bem! — gritou Hrungnir. — QUE O TVEIRVIGI COMECE!

• • •

Minha primeira tarefa era a minha favorita: sair da frente.

Eu corri na hora que o martelo do gigante bateu em uma árvore, esmagando-a até ficar pequenininha. Com um *CRACK* seco, o rifle de T.J. disparou. O gigante rugiu de dor. Ele cambaleou para trás e saía fumaça do seu olho esquerdo, que agora estava preto em vez de âmbar.

— Que grosseria!

Hrungnir ergueu novamente o martelo, mas T.J. foi para o ponto cego dele enquanto recarregava calmamente. Seu segundo tiro acertou o nariz do gigante.

Enquanto isso, Mokkerkalfe andou pesadamente, balançando os bracinhos, mas Pottery Barn foram mais velozes. (Eu queria o crédito pelo ótimo trabalho que tinha feito com as juntas de rolinhos.) Nosso guerreiro de cerâmica desviou para o lado e apareceu atrás de Mokkerkalfe, batendo com os dois punhos de vaso nas costas dele.

Infelizmente, os punhos afundaram na pele macia e gosmenta de Mokkerkalfe, que logo se virou para encarar Pottery Barn. Mokkerkalfe ergueu e arrastou Pottery Barn como se eles fossem um brinquedo.

— Solta! — gritou Alex. — Pottery Barn! Ah, *meinfretr*.

Ela pegou o garrote, mesmo eu não sabendo bem como poderia ajudar na luta.

CRACK! A bala do mosquete ricocheteou no pescoço do gigante e estilhaçou uma janela de segundo andar. Fiquei impressionado de os moradores ainda não terem saído para investigar o barulho. Talvez houvesse um *glamour* forte em ação. Ou talvez o bom povo de York estivesse acostumado a brigas de vikings/gigantes na madrugada.

T.J. recarregou enquanto o gigante o fazia recuar.

— Fique parado, pequeno mortal! — rugiu Hrungnir. — Quero esmagar você!

A Praça do Rei era um espaço apertado para um jötunn. T.J. tentou ficar no ponto cego de Hrungnir, mas o gigante só precisava de um passo bem calculado ou de um golpe de sorte para transformá-lo em uma panqueca militar.

Hrungnir golpeou novamente, mas T.J. pulou para o lado na hora que o martelo rachou um monte de lápides, deixando um buraco de três metros no pátio.

Alex aproveitou o momento para atacar com seu garrote. Envolveu as pernas de Pottery Barn e puxou. Infelizmente, colocou força demais no instante em que Mokkerkalfe golpeou na mesma direção. Com o impulso

excessivo, Pottery Barn voaram pela praça e invadiram a vitrine de um estabelecimento que oferecia empréstimos.

Mokkerkalfe se virou para Alex. O homem de argila emitiu um som úmido e gargarejado vindo do peito, como o rosnado de um sapo carnívoro.

— Opa, calma aí, rapaz — disse Alex. — Eu não estava lutando. Não sou sua…

GURG! Mokkerkalfe pulou como um lutador de luta livre, mais rápido do que eu acharia possível, fazendo Alex desaparecer debaixo de cento e quarenta quilos de barro molhado.

— NÃO! — gritei.

Antes que pudesse me mover ou avaliar como ajudar Alex, T.J. soltou um berro do outro lado do pátio.

— RÁ!

Hrungnir levantou o punho. Preso em seus dedos, se debatendo de forma inútil, estava Thomas Jefferson Jr.

— Basta um aperto — gabou-se o gigante — e essa competição acabou!

Fiquei paralisado. Queria me dividir em dois, ser duplo como nosso guerreiro de cerâmica. Mas, mesmo que isso fosse possível, eu não via uma forma de ajudar nenhum dos meus amigos.

O gigante apertou com força e T.J. berrou de dor.

Vinte e um

Uma tarde de diversão com corações explosivos

Pottery Barn salvaram nossas vidas.

(E, não. Eu nunca pensei que diria isso um dia.)

Nosso amigo de cerâmica explodiu de uma janela de terceiro andar da loja de empréstimos. O guerreiro se jogou na cara de Hrungnir, prendendo as pernas no lábio superior do gigante e batendo no nariz com os punhos de vaso.

— AI! SAI DAÍ!

Hrungnir cambaleou e largou T.J., que caiu no chão sem se mexer.

Enquanto isso, Mokkerkalfe se esforçou para levantar, o que devia ser difícil com Alex Fierro grudada em seu peito. Sob o peso dele, Alex gemeu. Fui tomado de alívio. Pelo menos ela estava viva e talvez continuasse assim por mais alguns segundos. Após uma triagem rápida, decidi correr até T.J., cuja condição não me deixou tão otimista.

Eu me ajoelhei ao lado dele e coloquei a mão em seu peito. Quase puxei a mão de volta porque os danos que senti eram muito ruins. Um filete vermelho manchava o canto da boca como se ele tivesse bebido Tizer, mas eu sabia que não era refrigerante de cereja.

— Aguenta aí, amigo — murmurei. — Vou resolver isso.

Eu olhei para Hrungnir, que ainda estava cambaleando e tentando tirar Pottery Barn da cara. Até o momento, tudo bem. Do outro lado da praça, Mokkerkalfe tinha se descolado de Alex e agora estava de pé na frente dela, gorgolejando com raiva e batendo os punhos úmidos um no outro. Não parecia promissor.

Puxei a pedra de runa do cordão e conjurei *Sumarbrander*.

— Jacques! — gritei.

— Que foi? — gritou ele em resposta.

— Defenda Alex!

— O quê?

— Mas você não pode lutar de verdade!

— O quê?

— Tire aquele gigante de barro de cima dela!

— O quê?

— Crie uma distração. RÁPIDO!

Fiquei feliz de ele não ter dito *o quê* de novo, senão eu começaria a achar que minha espada tinha ficado surda.

Jacques voou até Mokkerkalfe e se posicionou entre o homem de barro e Alex.

— Oi, amigão! — As runas de Jacques brilharam pela lâmina como luzes de LED. — Quer ouvir uma história? Cantar uma música? Quer dançar?

Enquanto Mokkerkalfe tentava entender a estranha alucinação que estava tendo, voltei minha atenção para T.J.

Coloquei as mãos no peito dele e conjurei o poder de Frey.

Luz do sol se espalhou pelas fibras azuis do casaco de lã. Um calor penetrou seu peito, unindo costelas quebradas, remendando pulmões perfurados, desesmagando vários órgãos internos que não funcionavam muito bem quando esmagados.

Enquanto meu poder de cura fluía para dentro de Thomas Jefferson Jr., suas lembranças penetraram minha mente. Eu vi a mãe dele em um vestido surrado de algodão, o cabelo prematuramente grisalho, o rosto magro de anos de trabalho árduo e preocupação. Ela se ajoelhou na frente de T.J., que parecia ter dez anos, as mãos segurando com força os ombros dele como se tivesse medo de o filho sair voando em uma tempestade.

— *Nunca* aponte isso para um homem branco — repreendeu ela.

— Mãe, é só um graveto — disse T.J. — Eu estou brincando.

— Você *não pode* brincar — disparou ela com rispidez. — Se você brincar de atirar em um homem branco com um graveto, ele vai atirar em você de verdade com uma arma. Não vou perder outro filho, Thomas. Está me entendendo?

Ela o sacudiu, tentando fazer a mensagem entrar nele.

Uma imagem diferente: T.J. agora adolescente, lendo um panfleto preso em um muro de tijolos perto do píer.

AOS HOMENS DE COR!
LIBERDADE! PROTEÇÃO, SALÁRIO E UM CHAMADO
AO SERVIÇO MILITAR!

Senti o coração de T.J. disparar. Ele nunca tinha ficado tão empolgado. As mãos formigavam para segurar um rifle. Ele sentiu um chamado… um impulso inegável, como todas as vezes em que foi desafiado para lutar no beco atrás da taverna da mãe. Era um desafio pessoal, e ele não podia recusar.

Eu o vi no porão de um navio da União, os mares agitados enquanto os colegas vomitavam em baldes ao redor dele. Seu amigo, William H. Butler, gemia de infelicidade.

— Eles trazem nosso povo em navios negreiros. Aí nos libertam. Prometem nos pagar para lutar. Então nos colocam de novo num navio — disse ele.

Mas T.J. segurava o rifle com avidez, o coração latejando de empolgação. Ele sentia orgulho do uniforme. Orgulho das estrelas e listras voando no mastro em algum lugar acima. A União deu a ele uma arma *de verdade*. Estavam sendo *pagos* para matar rebeldes, homens brancos que definitivamente os matariam se tivessem chance. Ele sorriu no escuro.

Depois, eu o vi correndo pela terra de ninguém na batalha de Fort Wagner, fumaça de tiros subindo como gás vulcânico em volta dele. O ar estava tomado pelo enxofre e pelos gritos dos feridos, mas T.J. estava concentrado em seu nêmeses, Jeffrey Toussaint, que ousou desafiá-lo. T.J. apontou com a baioneta e atacou, eufórico com o medo repentino nos olhos de Toussaint.

No presente, T.J. ofegou. Por trás dos óculos âmbar, sua visão ficou clara.

— Esquerda — disse ele, a voz rouca.

Eu mergulhei para o lado. Admito que não tive tempo de distinguir esquerda de direita. Eu rolei e fiquei de costas na hora que T.J. levantou o rifle e disparou.

Hrungnir, agora livre da demonstração de carinho de Pottery Barn, estava erguendo seu martelo, prestes a desferir um golpe mortal. A bala de mosquete de T.J. o acertou no olho direito, deixando-o cego.

— ARGH!

Hrungnir largou a arma e se sentou com tudo no meio da Praça do Rei, esmagando dois bancos do parque com a bunda ampla. Em uma árvore próxima, Pottery Barn estavam caídos, quebrados e danificados, a perna esquerda pendurada em um galho três metros acima da cabeça, mas quando viram a situação complicada de Hrungnir, eles moveram a cabeça no ombro com um som como gargalhada.

— Vai! — T.J. me tirou do choque. — Ajude a Alex!

Eu me levantei e corri.

Jacques ainda estava tentando distrair Mokkerkalfe, mas a coreografia de música e dança estava perdendo a graça (Isso acontecia rapidamente com Jacques.) Mokkerkalfe tentou dar um tapa nele e jogá-lo longe. A lâmina ficou grudada nas costas da mão grudenta do homem de barro.

— Eca! — reclamou Jacques. — Me solta!

Jacques era um pouco obsessivo com limpeza. Depois de ficar no fundo do rio Charles por mil anos, ele não era fã de lama.

Enquanto Mokkerkalfe andava de um lado para outro tentando soltar a espada falante da mão, eu me aproximei de Alex. Ela estava caída no chão de pernas e braços abertos, coberta de argila da cabeça aos pés, gemendo e mexendo os dedos.

Eu sabia que Alex não gostava do meu poder de cura. Ela odiava a ideia de eu espiar suas emoções e lembranças, o que fazia parte do processo. Mas decidi que sua sobrevivência era mais importante do que seu direito à privacidade.

Toquei o ombro dela. Uma luz dourada escorreu pelos meus dedos. Um calor se espalhou pelo corpo de Alex.

Eu me preparei para mais imagens dolorosas. Estava pronto para enfrentar seu pai horrível de novo ou ver Alex sofrendo bullying na escola ou vê-la apanhando nos abrigos para sem-teto.

Mas uma única lembrança clara me atingiu: nada de especial, só café da manhã no Café 19 em Valhala, uma imagem rápida minha, o idiota do Magnus Chase, como Alex me via. Eu estava sentado do outro lado da mesa, sorrindo por causa de alguma coisa que ela tinha dito. Um pedacinho de pão estava preso entre meus dentes da frente. Meu cabelo estava todo desgrenhado. Eu parecia relaxado e feliz e totalmente idiota. Encarei Alex por tempo demais, e a situação ficou constrangedora. Eu fiquei vermelho e afastei o olhar.

Essa era a memória dela.

Eu me lembrava daquela manhã. Lembrava que na hora eu pensei: *Bom, acabei de fazer papel de idiota, como sempre.* Mas não foi um evento tão memorável assim.

Então por que era uma das principais lembranças de Alex? E por que eu senti uma onda de satisfação ao ver meu eu pateta da perspectiva dela?

Alex abriu os olhos abruptamente e tirou minha mão do ombro dela.

— Chega.

— Desculpa, eu…

— Esquerda!

Eu mergulhei para o lado. Alex rolou para o outro. O punho de Mokkerkalfe, agora livre da lâmina de Jacques, bateu no chão de ardósia entre nós. Tive um vislumbre de Jacques, encostado na porta de uma farmácia, coberto de lama e gemendo como um soldado moribundo.

— Fui atingido! Fui atingido!

O homem de barro se levantou, pronto para nos matar. Jacques não podia ajudar. Alex e eu não estávamos em condição de lutar. Mas uma pilha de cerâmica surgiu do nada e caiu nas costas de Mokkerkalfe. De alguma forma, Pottery Barn tinham se soltado da árvore. Apesar da perna cortada, apesar de a mão de vaso do lado direito estar estilhaçada, Pottery Barn entraram em modo berserker de cerâmica. Os dois pularam nas costas de Mokkerkalfe, arrancando pedaços de argila molhada como se escavassem um poço.

Mokkerkalfe cambaleou. Ele tentou agarrar Pottery Barn, mas os braços eram curtos demais. Com um *POP* alto, Pottery Barn tiraram algo do peito de Mokkerkalfe, e os dois guerreiros foram ao chão.

Mokkerkalfe soltou fumaça e começou a derreter. Pottery Barn rolaram para longe da carcaça do inimigo, os rostos duplos se virando para Alex. Com fraqueza, eles levantaram a coisa que estavam segurando. Quando percebi o que era, o bagel de alho que comi no café da manhã ameaçou voltar.

Pottery Barn estavam oferecendo a Alex o coração do inimigo: um coração de verdade, porém grande demais para ser humano. Talvez de um cavalo ou de uma vaca? Concluí que preferia continuar na ignorância.

Alex se ajoelhou ao lado de Pottery Barn. Colocou a mão em sua testa dupla.

— Você agiu bem — disse ela, a voz trêmula. — Meus ancestrais de Tlatilco ficariam orgulhosos. Meu avô ficaria orgulhoso. Mais do que tudo, *eu* estou orgulhosa.

A luz dourada piscou nos globos oculares no rosto de caveira e se apagou. Os braços de Pottery Barn despencaram. As peças perderam a coesão mágica e se soltaram.

Alex se permitiu o espaço de três batimentos para sofrer. Consegui contar porque aquele coração nojento nas mãos de Pottery Barn ainda estava batendo. Em seguida, ela se levantou, os punhos cerrados, e se virou para Hrungnir.

O gigante não parecia muito bem. Estava deitado de lado, encolhido, cego e gemendo de dor. T.J. andou em volta dele, usando a baioneta de aço de osso para cortar os tendões do gigante. Os tendões de aquiles de Hrungnir já estavam cortados, tornando suas pernas inúteis. T.J. trabalhou com eficiência fria e cruel para dar aos braços do jötunn o mesmo tratamento.

— Pelo traseiro de Tyr — disse Alex, a raiva sumindo do rosto. — Quero que você me lembre de nunca duelar com Jefferson.

Nós fomos nos juntar a ele.

T.J. encostou a ponta da baioneta no peito do gigante.

— Nós vencemos, Hrungnir. Nos dê a localização do hidromel de Kvásir e não vou precisar matar você.

Hrungnir riu com fraqueza. Os dentes estavam sujos de um líquido cinza, como os baldes de argila no estúdio de cerâmica.

— Ah, mas você *tem* que me matar, pequeno einherji — grunhiu ele. — Faz parte do duelo! É melhor do que me deixar aqui, inválido e sofrendo!

— Eu posso curar você — ofereci.

Hrungnir abriu um sorriso de desdém.

— Típico de um filho de Frey patético e fraco. Eu recebo a morte de braços abertos! Vou me refazer no abismo gelado de Ginnungagap! E, no

dia do Ragnarök, vou encontrar vocês no campo de Vigrid e rachar seus crânios com os dentes!

— Tá bom, então — disse T.J. — Uma morte saindo no capricho. Mas, primeiro, a localização do hidromel de Kvásir.

— Ah. — Hrungnir gorgolejou mais gosma cinza. — Muito bem. Não vai ter importância. Vocês nunca vão passar pelos guardiões. Vão para Fläm, na antiga terra nórdica que vocês chamam de Noruega. Peguem o trem. Vocês vão ver o que estão procurando bem rápido.

— Fläm?

A imagem de uma sobremesa gostosa de caramelo surgiu na minha mente. Mas aí lembrei que o nome dela era *flan*.

— Isso mesmo — respondeu Hrungnir. — Agora me mate, filho de Tyr! Rápido. Bem no coração, a não ser que você seja fraco como seu amigo!

Alex começou a dizer:

— T.J.…

— Espere — murmurei.

Tinha alguma coisa errada. O tom de Hrungnir era debochado demais, ansioso demais. Mas demorei a perceber o problema. Antes que pudesse sugerir de matarmos o gigante de outro jeito, T.J. aceitou o desafio final de Hrungnir.

Ele enfiou a baioneta no peito do jötunn. A ponta acertou alguma coisa lá dentro com um *clink* seco.

— Ahhh… — O suspiro de morte de Hrungnir pareceu quase arrogante.

— Ei, pessoal? — A voz fraca de Jacques chamou da farmácia. — Não perfurem o coração dele, tá? Os corações dos gigantes da pedra explodem.

Alex arregalou os olhos.

— Para o chão!

BUM!

Estilhaços de Hrungnir jorraram pela praça, estilhaçando janelas, destruindo placas e salpicando paredes de pedra.

Meus ouvidos zumbiam. Havia cheiro de fagulhas no ar. Não restava nada além de uma fileira fumegante de cascalho onde antes estivera o corpo de Hrungnir.

Eu não parecia ter nenhum ferimento. Alex também parecia bem. Mas T.J. estava ajoelhado no chão gemendo, a mão na testa sangrando.

— Vou resolver!

Eu corri até ele, mas o ferimento não tinha sido tão ruim quanto eu temia. Um estilhaço entrara acima do olho direito, uma lasca cinzenta triangular como um ponto de exclamação de pedra.

— Tira! — gritou ele.

Eu tentei, mas assim que puxei, T.J. berrou de dor. Eu franzi a testa. Não fazia sentido. O estilhaço não podia estar tão fundo. Nem tinha tanto sangue assim.

— Pessoal — disse Alex. — Temos companhia.

Os moradores estavam finalmente começando a sair para ver a confusão, provavelmente porque o coração explosivo de Hrungnir tinha quebrado todas as janelas do quarteirão.

— Você consegue andar? — perguntei a T.J.

— Consigo. É, acho que consigo.

— Então vamos voltar para o navio. Vamos curar você lá.

Eu o ajudei a ficar de pé e fui buscar Jacques, que ainda estava reclamando por estar coberto de lama. Eu o fiz voltar à forma de pedra de runa, o que não ajudou meu nível de exaustão. Alex se ajoelhou ao lado dos restos de Pottery Barn. Pegou a cabeça e a aninhou como um bebê abandonado.

Em seguida, nós três cambaleamos por York para voltar ao *Bananão*. Eu só esperava que os cavalos d'água não o tivessem afundado junto com nossos amigos.

Vinte e dois

Tenho péssimas notícias, mas… Não, na verdade só tenho péssimas notícias mesmo

O NAVIO AINDA estava intacto. Mestiço, Mallory e Samirah aparentemente pagaram um preço alto para que permanecesse assim.

O braço esquerdo de Mestiço estava em uma tipoia. O volumoso cabelo ruivo de Mallory tinha sido cortado na altura do queixo. Na amurada, uma Sam encharcada torcia seu hijab mágico.

— Cavalos d’água? — perguntei.

Mestiço deu de ombros.

— Nada que a gente não pudesse resolver. Meia dúzia de ataques desde ontem à tarde. Nada fora do comum.

— Um me puxou para o rio pelo cabelo — reclamou Mallory.

Mestiço sorriu.

— Até que o corte ficou bem legal, considerando que tudo que eu tinha naquele momento era um machado. Tenho que confessar, Magnus, que com a lâmina tão perto do pescoço dela eu fiquei tentado…

— Cala a boca, pateta — rosnou Mallory.

— É disso que estou falando — disse Mestiço. — Mas a Samirah, olha… você tinha que ter visto. *Ela* foi impressionante.

— Não foi nada de mais — murmurou Samirah.

Mallory riu.

— Não foi nada de mais? Você foi arrastada para o rio e voltou *montada* em um cavalo d’água. Domou a fera. Eu nunca vi ninguém capaz

de fazer isso.

Samirah fez uma careta e então deu outra torcida no hijab, como se quisesse espremer as últimas gotas da experiência.

— Valquírias se dão bem com cavalos. Deve ter sido só isso.

— Hum. — Mestiço apontou para mim. — E vocês? Estou vendo que estão vivos.

Contamos a história da nossa noite no estúdio de cerâmica e da nossa manhã destruindo a Praça do Rei.

Mallory franziu a testa para Alex, ainda coberta de argila.

— Isso explicaria a nova camada de tinta de Fierro.

— E a pedra na cabeça do T.J.

Mestiço se inclinou para mais perto para inspecionar o estilhaço. A testa de T.J. tinha parado de sangrar e o inchaço havia diminuído, mas, por motivos desconhecidos, a lasca de pedra ainda se recusava a sair. Sempre que eu tentava puxá-la, T.J. gritava de dor. Localizado acima da sobrancelha, o pequeno estilhaço dava a ele uma expressão de surpresa permanente.

— Dói? — perguntou Mestiço.

— Não muito — disse T.J., encabulado. — A não ser que tentem tirar.

— Espere aí, então.

Com a mão boa, Mestiço remexeu na bolsa pendurada em seu cinto. Tirou dali uma caixa de fósforos, soltou um e passou na pedra de T.J. O fósforo se acendeu na mesma hora.

— Ei! — reclamou T.J.

— Você tem um novo superpoder, meu amigo! — Mestiço sorriu. — Isso pode ser útil!

— Tá, chega disso — disse Mallory. — Fico feliz por vocês terem sobrevivido, mas conseguiram alguma informação com o gigante?

— Conseguimos — respondeu Alex, aninhando a cabeça de Pottery Barn. — O hidromel de Kvásir está na Noruega. Em um lugar chamado

Flãm.

O fósforo aceso caiu dos dedos de Mestiço e pousou no convés.

T.J. pisou na chama.

— Você está bem, amigo? Parece que viu um *draugr*.

Um terremoto parecia acontecer sob o bigode de Mestiço.

— Jórvík já foi ruim — disse ele. — Agora Flãm? Quais são as chances?

— Você conhece esse lugar — concluí.

— Vou lá pra baixo — murmurou ele.

— Quer que eu cure seu braço primeiro?

Ele balançou a cabeça com infelicidade, como se estivesse acostumado a viver sentindo dor. Em seguida, desapareceu escada abaixo.

T.J. se virou para Mallory.

— O que foi isso?

— Nem olhem pra mim — disse ela com rispidez. — Eu não sou a babá dele.

Mas havia um toque de preocupação na voz dela.

— Vamos zarpar — sugeriu Samirah. — Não quero ficar neste rio um segundo a mais do que o necessário.

Quanto a isso, todos concordávamos. York era uma cidade bonita. Tinha um bom *fish and chips* e ao menos um estúdio de cerâmica decente, mas eu estava pronto para ir embora.

Alex e T.J. desceram para trocar de roupa e descansar da manhã de combate. Isso deixou Mallory, Sam e eu para cuidar do navio. Levamos o resto do dia para navegar pelo rio Ouse até o mar, mas a viagem foi misericordiosamente tranquila. Nenhum cavalo d'água nos atacou. Nenhum gigante nos desafiou para um combate nem para jogar bingo. A pior coisa que encontramos foi uma ponte baixa demais, o que nos obrigou a dobrar o mastro, que pode ou não ter caído em cima de mim.

No pôr do sol, quando deixamos a costa da Inglaterra para trás, Sam fez sua lavagem ritual. Fez as preces voltada para o sudoeste e depois, com um suspiro de satisfação, sentou-se ao meu lado e desembrulhou uma porção de tâmaras.

Ela me passou uma e mordeu a dela. Fechou os olhos enquanto mastigava, o rosto transformado por puro êxtase, como se a fruta fosse uma experiência religiosa. E acho que era mesmo.

— A cada pôr do sol — disse ela —, o gosto da tâmara é como vivenciar a alegria da comida pela primeira vez. O sabor simplesmente explode na boca.

Mastiguei a minha. Estava boa, mas não explodiu nem me encheu de êxtase. Por outro lado, eu não tinha passado o dia inteiro de jejum.

— Por que tâmaras? — perguntei. — Por que não, sei lá, Twizzlers?

— É uma tradição. — Ela mordeu outro pedaço e fez um *hmmm* satisfeito. — O Profeta Maomé sempre encerrava o jejum comendo tâmaras.

— Mas você pode comer outras coisas depois, certo?

— Ah, sim — disse ela com seriedade. — Eu pretendo comer de *tudo*. Soube que Alex trouxe um refrigerante de cereja, não é? Também quero experimentar.

Estremeci. Eu podia fugir de gigantes, de países e até de mundos inteiros, mas parecia que nunca ia conseguir fugir do tal Tizer. Eu tinha pesadelos nos quais todos os meus amigos sorriam para mim com lábios vermelhos e dentes manchados de cereja.

Enquanto Sam descia para comer de tudo um pouco, Mallory relaxava ao leme, mantendo o olhar no horizonte, embora o navio parecesse saber para onde íamos. De tempos em tempos, ela tocava nos ombros como se procurando o resto do cabelo e suspirava, infeliz.

Eu entendia. Não muito tempo antes, Blitz cortou meu cabelo para fazer fios mágicos e bordar uma bolsa de boliche. Eu ainda tinha lembranças

traumáticas.

— Navegar até a Noruega vai levar alguns dias — disse Mallory. — O mar do Norte às vezes é agitado. A não ser que alguém tenha um amigo deus do mar para pedir ajuda.

Eu me concentrei na minha tâmara. Não queria pedir a ajuda de Njord de novo. Já tinha visto os belos pés do meu avô o suficiente por uma eternidade inteira. Por outro lado, me lembrei do que ele me disse: depois de Jórvík, estávamos por nossa conta. Nada de proteção divina. Se Aegir ou Ran ou as filhas nos encontrassem…

— Talvez a gente tenha sorte — disse sem entusiasmo.

Mallory riu com ironia.

— É. Isso é algo que acontece muito. Mesmo se chegarmos a Fläm em segurança, que coisa é essa de o hidromel ter guardiões invencíveis?

Eu gostaria de ter uma resposta para dar a ela. *Guardiões do hidromel* parecia outro livro que eu nunca iria querer ler.

Eu me lembrei do sonho em que Odin me oferecia a pedra de amolar e de como o rosto dele se transformava em outra coisa: uma cara encouraçada com olhos verdes e fileiras de dentes afiados. Eu nunca tinha enfrentado uma criatura assim na vida real, mas a fúria fria em seu olhar me deixou nervoso, além de ser assustadoramente familiar. Pensei em Hearthstone e Blitzen e no lugar para onde Njord poderia tê-los mandado em busca da tal pedra. Uma ideia começou a surgir, assumindo a simetria de um pedaço de argila no torno de Alex, embora eu não gostasse nem um pouco do formato.

— Vamos precisar da pedra de amolar para derrotar os guardiões — falei. — Não tenho ideia do motivo. Nós vamos ter que confiar…

Mallory riu.

— Confiar? Certo. Gosto tanto de confiar quanto gosto de acreditar na sorte.

Ela pegou uma das facas. Casualmente, segurando a lâmina pela ponta, jogou a arma aos meus pés. Ela perfurou a madeira amarela e balançou como a agulha de um metrônomo.

— Dê uma olhada — ofereceu ela. — Veja por que não confio em “armas secretas”.

Puxei a faca do convés. Eu nunca tinha segurado uma das armas de Mallory. A lâmina era surpreendentemente leve, tanto que poderia causar problemas a quem a manipulasse. Manuseada como uma adaga normal, segurada com mais força do que o necessário, era o tipo de faca que podia pular da sua mão e cortar sua própria cara.

A lâmina era um triângulo isósceles comprido e escuro, cheio de runas e desenhos de nós celtas, e couro macio e gasto enrolava-se ao cabo.

Eu não sabia o que Mallory queria que eu visse, então só disse o óbvio:

— Faca legal.

— Ah. — Mallory tirou a faca gêmea do cinto. — Não são tão afiadas quanto Jacques. Não têm nenhuma propriedade mágica até onde sei. Supostamente salvariam minha vida, mas, como pode ver — ela abriu os braços —, estou morta.

— Então… você já tinha as facas quando estava viva.

— Pelos últimos cinco ou seis minutos de vida, sim. — Ela girou a faca entre os dedos. — Primeiro meus amigos… me incitaram a armar a bomba.

— Espera. *Você* armou a…

Ela me interrompeu com um olhar severo, como quem diz: *Nunca interrompa uma garota com uma faca.*

— Foi Loki que me instigou — disse ela. — Foi a voz dele infiltrada no meu grupo, aquele trapaceiro disfarçado como um de nós. Na época eu não percebi, é claro. Mas, depois que tinha feito aquilo, minha consciência falou mais alto. Foi nessa hora que a bruxa velha apareceu.

Eu esperei. Admito que não estava acompanhando a história de Mallory muito bem. Eu sabia que ela tinha morrido desarmando um carro-bomba, mas era um carro-bomba que *ela mesma* tinha armado? Vê-la como alguém que faria isso era ainda mais difícil do que vê-la de cabelo curto. Não fazia ideia de quem era aquela garota.

Ela enxugou uma lágrima como se fosse um inseto irritante.

— A bruxa disse: “Ah, garota. Siga seu coração.” Blá-blá-blá. Uma besteirada dessas. E aí me deu essas facas. Disse que são indestrutíveis. Que não ficam cegas. Que não quebram. E estava mesmo certa quanto a isso, até onde eu sei. Mas ela também disse: “Você vai precisar delas. Use-as bem.” E aí eu voltei para… para desfazer o que fiz. Perdi um tempo enorme tentando descobrir como essas malditas facas iriam resolver meu problema. Mas elas não resolveram. E…

Ela abre os dedos em uma explosão silenciosa.

Minha cabeça zumbia. Eu tinha muitas perguntas que estava com medo de fazer. Por que ela armou a bomba? Quem ela havia tentado explodir? Ela estava completamente louca?

Ela guardou a faca e fez sinal para que eu jogasse a outra. Fiquei com medo de lançá-la ao mar por acidente ou matá-la, mas Mallory pegou com facilidade.

— A bruxa também era Loki — disse ela. — Tinha que ser. Não foi suficiente para ele me enganar uma vez. Teve que me enganar duas e ainda me fazer morrer.

— Por que ficou com as facas então, se elas são de Loki?

Os olhos dela brilharam.

— Porque, meu amigo, quando eu vir ele de novo, vou enfiar as duas no pescoço dele.

Ela guardou a segunda faca, e pela primeira vez em vários minutos eu soltei o ar que estava prendendo.

— A questão, Magnus, é que eu não botaria fé em arma, faca ou qualquer outro objeto mágico para resolver todos os nossos problemas, seja esse objeto o hidromel de Kvásir ou essa pedra de amolar que teoricamente vai nos levar até o hidromel. No fim das contas, só podemos contar com nós mesmos, com nossos amigos. Seja lá o que for isso que Blitzen e Hearthstone estão procurando…

Como se os nomes fossem um feitiço, uma onda surgiu do nada e caiu na proa do navio. Do jorro de água duas pessoas saíram cambaleantes. Nosso elfo e nosso anão tinham voltado.

— Ora, ora. — Mallory se levantou e enxugou outra lágrima, ao mesmo tempo forçando certa alegria na voz. — Legal vocês aparecerem, garotos.

Blitzen estava coberto da cabeça aos pés de equipamentos de proteção solar. Sal cintilava em seu sobretudo preto e nas luvas. Uma rede preta envolvia a aba do chapéu de safári, escondendo a expressão em seu rosto até ele levantar o véu. Os músculos faciais tremeram. Ele piscou várias vezes, como alguém que tinha acabado de sair de um acidente de carro.

Hearthstone se sentou no chão com um baque. Colocou as mãos nos joelhos e balançou a cabeça, *Não, não, não*. Sabe-se lá como, ele tinha perdido o cachecol e agora, todo de preto, parecia o estofamento de um rabecão.

— Vocês estão vivos — falei, tonto de alívio.

Fazia dias que eu estava com um nó na barriga de tanta preocupação. Mas agora, ao olhar para as expressões de choque, não consegui desfrutar do retorno dos meus amigos.

— Vocês encontraram o que estavam procurando — concluí.

Blitzen engoliu em seco.

— É… infelizmente, garoto. Njord estava certo. Nós vamos precisar da sua ajuda para a parte difícil.

— Álfaheim.

Eu queria dizer antes dele, só para tirar o ardor causado pela palavra. Eu esperava estar errado. Preferiria uma viagem ao canto mais selvagem de Jötunheim, aos fogos de Muspellheim ou até a um banheiro público na South Station de Boston.

— Sim — concordou Blitzen. Ele olhou para Mallory Keen. — Querida, você pode avisar seus amigos? Precisamos pegar Magnus emprestado. Hearthstone precisa enfrentar o pai uma última vez.

Vinte e três

Siga o cheiro de sapos mortos (ao som de “Siga a Estrada dos Tijolos Amarelos”)

QUAL ERA O problema dos pais?

Quase todo mundo que eu conhecia tinha um pai horrível, como se todos estivessem competindo pelo prêmio de Pior Pai do Universo.

Eu tive sorte. Só conheci meu pai no último inverno. Mesmo assim, só conversei com ele por alguns minutos. Mas pelo menos Frey parecia legal. Ele me abraçou. Também me deixou ficar com sua espada falante que curte músicas da era disco e me mandou um barco amarelo em um momento de necessidade.

Sam tinha Loki, que era a maldade encarnada. O pai de Alex era um idiota abusivo e raivoso com sonhos de dominação de louça global. E Hearthstone… o pai dele era ainda pior do que o de todos nós juntos. O sr. Alderman fez da infância de Hearthstone um Helheim. Eu não queria passar perto da casa daquele homem, e só tinha ido lá uma vez. Não conseguia imaginar como Hearthstone aguentou morar ali.

Nós caímos pelo céu dourado do jeito como se cai no mundo aerado dos elfos. Pousamos delicadamente na rua em frente à mansão Alderman. Como antes, a rua ampla do subúrbio se prolongava nas duas direções, com muros de pedra e árvores bem cuidadas, escondendo as propriedades de muitos hectares dos milionários elfos umas das outras. A gravidade fraca fazia o chão parecer mole sob meus pés, como se eu pudesse quicar de volta para o céu. (Fiquei com vontade de tentar.)

A luz do sol continuava tão intensa quanto eu lembrava, deixando-me grato pelos óculos escuros que Alex me emprestou, mesmo tendo uma armação grossa e cor-de-rosa no estilo Buddy Holly. (Riram muito disso no *Bananão.*)

Por que deixamos Midgard ao pôr do sol e chegamos a Álfaheim no meio do que parecia a tarde, eu não fazia ideia. Talvez os elfos tivessem um horário de verão perpétuo.

Os portões elaborados de Alderman ainda brilhavam com o monograma de *A* dourado. Dos dois lados, os muros altos ainda tinham arame farpado no topo para afastar invasores. Mas agora as câmeras de segurança estavam escuras e paradas, e os portões, fechados com uma corrente e um cadeado. Dos dois lados do portão, presas a colunas de pedra, havia placas amarelas idênticas com letras vermelhas gritantes.

PROPRIEDADE INTERDITADA
POR ORDEM DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA DE ÁLFAHEIM
INVASORES VÃO MORRER

Não “serão julgados”. Não “serão presos” ou “levarão tiros”. O aviso simples — se você entrar, vai morrer — era bem mais sinistro.

Meu olhar percorreu o terreno, que era mais ou menos do tamanho do Public Garden de Boston. Desde nossa última visita, a grama tinha crescido bastante na luz intensa de Álfaheim e estava bem alta. Grandes bolas de musgo cobriam as árvores. O odor pungente da sujeira no lago dos cisnes chegou a nós pelos portões.

O caminho de oitocentos metros que levava até a casa estava coberto de penas brancas, possivelmente dos tais cisnes; de ossos e tufos de pelos que podiam ter sido esquilos e guaxinins; e de um único sapato social preto que parecia ter sido mastigado e cuspido.

No alto da colina, a antes imponente mansão Alderman estava em ruínas. O lado esquerdo havia desabado em uma pilha de destroços, vigas e

paredes queimadas. Trepadeiras tinham coberto completamente o lado direito, tão densas que o teto afundou. Apenas dois dos janelões permaneciam intactos, as vidraças marrons nas beiradas por causa do fogo. Cintilando no sol, elas me lembraram os malfadados óculos de T.J.

Eu me virei para os meus amigos.

— *Nós* fizemos isso?

Eu estava mais impressionado, em vez de me sentir culpado. Na última vez que fugimos de Álfaheim, estávamos sendo perseguidos por espíritos da água do mal e pela polícia élfica armada, sem mencionar o pai louco de Hearth. Podemos ter quebrado algumas janelas no processo. Era possível que tivéssemos provocado um incêndio também. Se isso tivesse mesmo acontecido, não poderia ter sido em uma mansão mais cruel.

Mesmo assim… eu não entendia como o lugar podia ter ficado tão destruído, nem como um paraíso daqueles podia ter virado esse local sinistro tão rápido.

— Nós só começamos. — O rosto de Blitzen estava coberto pela rede, tornando impossível que eu visse sua expressão. — Essa destruição é culpa do anel.

Na luz quente e forte, não devia ser possível sentir um arrepio. Ainda assim, uma sensação gelada desceu pelas minhas costas. Na nossa última visita, Hearth e eu roubamos um monte de ouro de um anão velho e desonesto, Andvari, inclusive o anel amaldiçoado do sujeito. Ele tentou nos avisar que o anel só traria infelicidade, mas nós ouvimos? Nããão. Na época, estávamos mais concentrados em coisas como, ah, salvar a vida de Blitzen. A única coisa que faria isso era a pedra Skofnung, que estava com o sr. Alderman. O preço dele? Um montão de ouro, porque pais malvados não aceitam cartão de crédito.

Em resumo: Alderman ficou com o anel amaldiçoado. Colocou no dedo e ficou ainda mais maluco e malvado, o que eu não achava possível.

Pessoalmente, eu gostava que meus anéis amaldiçoados pelo menos fizessem alguma coisa legal, como deixá-lo invisível ou espiar o Olho de Sauron. O anel de Andvari não tinha nada de bom. Despertava o pior nas pessoas: ganância, ódio, inveja. De acordo com Hearth, até as transformava em um monstro de verdade, para que seu lado exterior pudesse ser tão repulsivo quanto o interior.

Se o anel ainda estivesse exercendo sua magia sobre o sr. Alderman e o tivesse dominado com a mesma rapidez com que a natureza tomou conta da propriedade dele… Pois é, isso não era um bom sinal.

Eu me virei para Hearth.

— Seu pai… ele ainda está *aí dentro*?

A expressão de Hearthstone estava triste e resignada, como a de um homem que finalmente aceitou um diagnóstico terminal. *Por perto*, sinalizou ele. *Mas não é mais ele mesmo.*

— Você não quer dizer…

Eu olhei para o sapato mastigado. Questionei o que tinha acontecido com seu dono. Eu me lembrei do meu sonho com olhos verdes enormes e fileiras de dentes afiados. Não, não podia ser isso o que Hearth queria dizer. Nenhum anel amaldiçoado podia agir tão rápido, podia?

— Vocês… vocês olharam lá dentro? — perguntei.

— Infelizmente. — Blitz sinalizou enquanto falava, porque Hearth não tinha como ler seus lábios. — A coleção inteira de pedras e artefatos raros de Alderman… sumiu. Junto com todo o ouro. Então, se a pedra de amolar que estamos procurando estivesse em algum lugar da casa…

Foi levada para outro lugar, sinalizou Hearthstone. *Parte do tesouro dele.*

O sinal que Hearth usou para *tesouro* foi um punho fechado na frente do queixo, como se ele estivesse segurando uma coisa valiosa: *Fortuna. Meu. Não toque nele senão vai morrer.*

Engoli um bolo de areia.

— E… vocês encontraram o tesouro dele?

Eu sabia que os meus amigos eram corajosos, mas pensar neles xeretando dentro daquela propriedade me apavorava. Com certeza não tinha sido bom para a população local de esquilos.

— Nós achamos que encontramos o covil dele — disse Blitz.

— Ah, que ótimo. — Minha voz soou mais aguda do que o habitual. — Alderman tem um covil agora. E, hã, vocês viram ele?

Hearthstone balançou a cabeça. *Só sentimos o cheiro.*

— Certo — falei. — Isso nem é sinistro.

— Você vai ver — disse Blitz. — É mais fácil mostrar do que explicar.

Era uma proposta que eu preferia recusar, mas de jeito nenhum eu ia deixar Hearth e Blitz passarem por aqueles portões de novo sem mim.

— P-por que os elfos daqui não fizeram nada em relação à propriedade? — perguntei. — Na última vez que estivemos aqui, queriam nos prender por vadiagem. Os vizinhos não reclamaram?

Eu indiquei as ruínas. Uma visão horrível daquelas, principalmente se matava cisnes, roedores e um ocasional carteiro élfico, tinha que ser contra as regras da associação de moradores do bairro.

— Nós conversamos com as autoridades — disse Blitz. — Na metade do tempo que ficamos fora, tivemos que lidar com burocracia élfica. — Ele estremeceu dentro do casaco pesado. — Você ficaria surpreso de saber que a polícia não queria nos ouvir? Não conseguimos provar que Alderman está morto ou desaparecido. Hearthstone não tem direitos legais ao terreno. Quanto a limpar a propriedade, o melhor que a polícia fez foi colocar esses avisos idiotas. Eles não querem arriscar o pescoço, por mais que os vizinhos reclamem. Os elfos fingem ser sofisticados, mas são tão supersticiosos quanto arrogantes. Nem todos os elfos, claro. Desculpe, Hearth.

Hearthstone deu de ombros. *Não podemos culpar a polícia*, sinalizou ele. *Você ia querer entrar lá se não precisássemos muito?*

Ele tinha razão. Só a ideia de entrar na propriedade, sem poder ver o que se escondia na grama alta, fazia vários nós se formarem no meu estômago. A polícia de Álfaheim era ótima em intimidar transeuntes para que saíssem do bairro. Enfrentar uma ameaça verdadeira nas ruínas da mansão de um louco… nem tanto.

Blitzen suspirou.

— Bom, não faz sentido ficarmos aqui parados. Vamos procurar o querido papai.

• • •

Eu teria preferido outro jantar com as filhas assassinas de Aegir ou uma batalha até a morte com uma pilha de cerâmica. Caramba, até teria dividido suco de goiaba com uma matilha de lobos no terraço do tio Randolph.

Nós pulamos o portão e seguimos pela grama alta. Mosquitos e moscas atacaram nosso rosto. A luz do sol fazia minha pele pinicar e meus poros estalarem com suor. Decidi que Álfaheim era um mundo bonito quando estava bem cuidado, aparado e mantido pelos funcionários. Quando deixado à natureza, ficava selvagem de forma *exagerada*. Eu me perguntei se os elfos eram parecidos. Calmos, delicados e formais por fora, mas, se deixados soltos… Eu realmente *não* queria conhecer o novo e aprimorado sr. Alderman.

Nós contornamos as ruínas da casa, o que achei ótimo. Eu me lembrava muito bem do tapete azul peludo no antigo quarto de Hearthstone, que fomos obrigados a cobrir com ouro para pagar o *wergild* pela morte do irmão dele. Eu me lembrava do quadro de infrações na parede de Hearthstone, contabilizando a dívida infinita dele com o pai. Eu não queria chegar perto daquele lugar de novo, mesmo que em ruínas.

Conforme seguíamos pelo jardim, alguma coisa estalou embaixo do meu pé. Eu olhei para baixo. Meu sapato entrou direto na caixa torácica do esqueleto de um pequeno cervo.

— Eca.

Hearthstone franziu a testa para os restos ressecados. Nada além de algumas tiras de carne e pelo se prendiam aos ossos.

Comido, sinalizou ele, levando as pontas dos dedos unidas até a boca. O sinal era bem parecido com *tesouro/fortuna*. Às vezes, a linguagem de sinais era precisa demais para o meu gosto.

Com um pedido de desculpas silencioso ao pobre cervo, eu puxei o pé. Não sabia dizer o que podia ter devorado aquele animal, mas esperava que a presa não tivesse sofrido muito. Fiquei surpreso de animais selvagens terem permissão de existir nos bairros elegantes de Álfaheim. Eu me perguntei se a polícia tentava prender os cervos por vadiagem, talvez algemando as perninhas e os enfiando na traseira das viaturas.

Nós seguimos para o bosque nos fundos da propriedade. A grama estava tão alta que não dava para saber onde acabava o gramado e começava a vegetação da floresta. Aos poucos, a quantidade de árvores foi aumentando até a luz do sol ficar reduzida a pontinhos amarelados no chão da floresta.

Eu achava que não estávamos longe do velho poço onde o irmão de Hearthstone tinha morrido — outro lugar em posição de destaque na minha lista de "lugares para não visitar nunca mais". Então, claro que demos de cara com ele.

Um amontoado de pedras cobria a área onde o poço tinha sido preenchido. Não havia mato nem grama crescendo na terra, como se as plantas não quisessem invadir uma clareira envenenada daquele jeito. Mesmo assim, não tive dificuldade de imaginar Hearthstone e Andiron brincando ali quando crianças, Hearth de costas enquanto empilhava pedras com alegria, incapaz de ouvir o grito do irmão quando o *brunnmigi*, o monstro que morava no poço, surgiu da escuridão.

Eu comecei a dizer:

— Nós não precisamos ficar aqui…

Hearth andou até o monte de pedras como se em transe. No alto da pilha, no mesmo lugar em que Hearthstone a deixou na nossa última visita, estava uma runa:

ᛟ

Othala, a runa que simbolizava herança familiar. Hearthstone decidiu que nunca usaria aquela runa novamente. O significado dela tinha morrido para ele naquele lugar. Nem o conjunto novo de runas de sorveira, que ele ganhou de presente da deusa Sif, continha *othala*. Sif avisou a ele que isso lhe causaria problemas. Ela disse que Hearth acabaria tendo que voltar para buscar a peça que faltava.

Eu odiava quando as deusas estavam certas.

Você vai pegar?, sinalizei.

Em um lugar assim, conversas silenciosas pareciam melhor do que em voz alta.

Hearthstone franziu a testa, o olhar decidido. Ele fez um gesto rápido de cortar, na diagonal e depois para baixo, como se estivesse fazendo um ponto de interrogação ao contrário. *Nunca.*

Blitzen farejou o ar.

Estamos perto agora. Estão sentindo o cheiro?

Eu só sentia o odor suave de plantas podres.

Que cheiro?

— Credo — disse Blitzen em voz alta. *Os narizes humanos são patéticos*, sinalizou.

Inúteis, concordou Hearthstone, e adentrou ainda mais a floresta.

Nós não seguimos na direção do rio, como na última vez, quando estávamos atrás do ouro de Andvari. Dessa vez, fomos andando pela

margem, abrindo caminho entre arbustos e raízes retorcidas de carvalhos enormes.

Depois de um tempo, comecei a sentir o cheiro que Hearth e Blitzen tinham mencionado. Tive um flashback de uma aula de biologia do oitavo ano, quando Joey Kelso escondeu o hábitat dos sapos do nosso professor no forro da sala de aula. Só descobriram um mês depois, quando o terrário de vidro caiu do teto e se quebrou na mesa do professor, espirrando vidro, mofo, gosma e corpos rançosos de anfíbios na primeira fileira.

O cheiro que senti na floresta era parecido com isso, só que *muito* pior.

Hearthstone parou na beira de uma nova clareira. Ele se agachou atrás de uma árvore caída e fez sinal para nos juntarmos a ele.

Ali, sinalizou ele. *O único lugar para onde ele poderia ter ido.*

Espiei em meio às sombras. As árvores em volta da clareira tinham sido reduzidas a palitos carbonizados. O chão estava coberto de gosma podre e ossos de animais. Uns quinze metros à frente havia um rochedo, com duas grandes pedras inclinadas uma sobre a outra formando o que parecia ser a entrada de uma caverna.

— Agora — sussurrou Blitz enquanto sinalizava —, a gente espera pelo que quer que os elfos chamem de noite neste lugar esquecido pelos anões.

Hearth assentiu. *Ele vai sair à noite. Aí vamos ver.*

Eu estava tendo dificuldade de respirar, e mais ainda de pensar em meio ao fedor de sapos mortos. Ficar ali parecia uma péssima ideia.

Quem vai sair?, sinalizei. *Seu pai? Dali? Por quê?*

Hearthstone afastou o olhar. Tive a sensação de que ele estava tentando ser piedoso ao não responder a minhas perguntas.

— Nós vamos descobrir em breve — murmurou Blitz. — Se for o que tememos… bom, vamos apreciar nossa ignorância enquanto ainda podemos.

Vinte e quatro

Eu gostava mais do pai de Hearthstone quando ele era um alienígena que abduzia vacas

ENQUANTO ESPERÁVAMOS, HEARTHSTONE providenciou o jantar.

Do saco de runas, ele tirou este símbolo:

ᚷ

Parecia um X comum para mim, mas Hearthstone explicou que era *gebo*, a runa que simbolizava os presentes. Em um brilho de luz dourada, uma cesta de piquenique apareceu, transbordando de pão fresco, uvas, um queijo redondo e várias garrafas de água mineral com gás.

— Eu gosto de presentes — falei, mantendo a voz baixa. — Mas o cheiro não vai atrair… hã, atenções indesejadas?

Apontei para a entrada da caverna.

— Improvável — disse Blitzen. — O cheiro que vem da caverna é bem mais pungente do que qualquer coisa nesta cesta. Mas, só por segurança, vamos comer tudo rápido.

— Gosto da sua maneira de pensar.

Blitzen e eu fomos com tudo, mas Hearthstone só se posicionou atrás do tronco caído e ficou observando.

— Não vai comer? — perguntei a ele.

Ele balançou a cabeça. *Não estou com fome*, sinalizou. *Além do mais, g-e-b-o faz presentes. Não para quem dá. Quem dá tem que fazer um*

sacrifício.

— Ah. — Eu olhei para o pedaço de queijo que estava prestes a colocar na boca. — Não parece justo.

Hearthstone deu de ombros e fez sinal para continuarmos com o banquete. Eu não gostava da ideia de que estivesse se sacrificando para podermos jantar. Só de ele estar em casa, esperando o pai sair de uma caverna, já parecia sacrifício suficiente. Não precisava de sua própria runa do ramadã.

Por outro lado, seria grosseria recusar um presente, então comi.

As sombras se alongavam à medida que o sol se punha. Por experiência, sabia que em Álfaheim nunca ficava escuro. Como o Alasca no verão, o sol só chegava até o horizonte e subia de novo. Os elfos eram criaturas da luz, o que era prova de que *luz* não era sinônimo de *bom*. Eu tinha conhecido vários elfos (com exceção de Hearth) que confirmavam isso.

As sombras aumentaram, mas não o bastante para Blitz tirar o equipamento protetor de sol. Devia estar uns mil graus dentro daquele casaco pesado. De tempos em tempos ele tirava um lenço do bolso e dava batidinhas suaves com ele por baixo da rede, enxugando suor do pescoço.

Hearthstone mexeu em alguma coisa no pulso, uma pulseira de cabelo louro trançado que eu nunca tinha visto. A cor das mechas me pareceu vagamente familiar…

Eu bati na mão dele para chamar sua atenção. *Isso é da Inge?*

Hearth fez uma careta, como se o assunto fosse constrangedor. Em nossa última visita, Inge, a criada maltratada do sr. Alderman, nos ajudou muito. Ela era uma huldra, uma espécie de elfo com cauda de vaca, e conhecia Hearth desde que os dois eram crianças. No fim das contas, Inge também tinha uma quedinha enorme por ele e até deu um beijo na bochecha de Hearth, declarando seu amor antes de fugir em meio ao caos da última festa do sr. Alderman.

Nós a visitamos alguns dias atrás, sinalizou Hearth. *Enquanto estávamos observando. Ela mora com a família agora.*

Blitz suspirou de exasperação, o que, é claro, Hearth não conseguiu ouvir.

Inge é legal, sinalizou o anão. *Mas*... Ele fez Vs com as duas mãos e as moveu em círculo na frente da testa, como se tivesse tirando coisas da cabeça. Nesse contexto, imaginei que o sinal significava alguma coisa como *louca*.

Hearthstone franziu a testa. *Não é justo. Ela tentou ajudar. A pulseira de uma huldra traz sorte.*

Se você diz, sinalizou Blitz.

Estou feliz de ela estar bem, falei. *A pulseira é mágica?*

Hearth começou a responder. Mas suas mãos pararam. Ele farejou o ar e fez um sinal: *ABAIXEM!*

As aves tinham parado de piar nas árvores. A floresta toda pareceu prender a respiração.

Ficamos ainda mais agachados, os olhos mal conseguindo espiar por cima da árvore caída. Quando puxei o ar novamente, senti um fedor de sapo morto tão forte que precisei segurar a ânsia de vômito.

Dentro da entrada da caverna, gravetos e folhas secas estalaram sob o peso de uma coisa enorme.

Os pelos do meu pescoço se eriçaram. Desejei ter invocado Jacques para estar pronto para lutar se precisasse, mas Jacques não era bom em situações de tocaia, com sua tendência a brilhar e cantar.

Até que pela entrada da caverna saiu… *Ah, deuses de Asgard.*

Eu estava alimentando esperanças de que Alderman tivesse virado uma coisa não muito ruim. Talvez sua forma amaldiçoada fosse um filhote de Weimaraner ou uma iguana *chuckwalla*. Claro que no fundo eu sempre soube a verdade. Só não queria admitir.

Hearth tinha me contado histórias de terror sobre o que aconteceu com ladrões que ousaram pegar o anel. Agora, eu via que ele não estava exagerando.

O monstro que saía da caverna era tão horrível que não fui capaz de compreendê-lo à primeira vista.

Primeiro, notei o anel que cintilava no dedo do meio da pata dianteira direita, um aro dourado afundado na pele escamosa. Provavelmente causava muita dor e fazia latejar como um torniquete. A ponta do dedo estava preta e murcha.

Cada uma das quatro patas do monstro tinha o diâmetro de uma tampa de lata de lixo. As pernas curtas e grossas sustentavam um corpo de lagarto, com talvez uns quinze metros do nariz à cauda, a coluna cheia de espinhos maiores do que minha espada.

A cara eu tinha visto no sonho: olhos verdes brilhantes, um focinho achatado com narinas gosmentas, uma boca horrível com fileiras de dentes afiados. A cabeça era coberta de penas verdes. A boca me fazia lembrar a do lobo Fenrir: era grande e expressiva demais para um monstro, os lábios muito humanos. Pior de tudo: havia tufos brancos grudados em sua testa, o que restava do cabelo antes impressionante do sr. Alderman.

O novo e draconiano Alderman saiu da caverna, resmungando, sorrindo, rosnando e rindo histericamente, tudo sem motivo aparente.

— Não, sr. Alderman — sibilou ele. — Você não deve sair, senhor!

Com um rugido de frustração, ele arrotou uma coluna de fogo pelo solo da floresta, torrando os troncos das árvores mais próximas. O calor fez minhas sobrancelhas crepitarem como papel de arroz.

Eu não ousei me mexer. Não podia nem olhar para os meus amigos para ver como estavam encarando aquilo.

Agora vocês podem estar pensando: *Magnus, você já viu dragões. Qual é o problema?*

Tudo bem, era verdade. Eu já tinha visto um dragão ou outro. Uma vez até lutei com um *lindwyrm*.

Mas eu nunca havia enfrentado um dragão que já tinha sido uma pessoa que eu *conhecia*. Eu nunca vira uma pessoa ser transformada em uma coisa tão horrível, tão fedorenta, tão malévola e… tão obviamente *correta*. Aquele era o verdadeiro sr. Alderman, suas piores qualidades encarnadas.

Isso me apavorou. Não só saber que aquela criatura podia nos torrar vivos, mas a ideia de que *qualquer um* podia ter um monstro assim dentro de si. Não pude deixar de me perguntar… se eu tivesse colocado aquele anel, se os piores pensamentos e falhas de Magnus Chase ganhassem forma, o que teria acontecido comigo?

O dragão deu outro passo até só a ponta da cauda ficar dentro da caverna. Prendi a respiração. Se o dragão saísse para caçar, talvez pudéssemos correr até a caverna quando ele estivesse fora, encontrar a pedra de amolar e ir embora de Álfaheim sem precisar lutar. Eu gostaria de uma vitória fácil assim.

O dragão gemeu.

— Muita sede! O rio não fica longe, sr. Alderman. Só um gole rápido, talvez?

Ele riu sozinho.

— Ah, não, sr. Alderman. Seus vizinhos são ardilosos. Fingidos! Ambiciosos! Eles *adorariam* que você deixasse seu tesouro desprotegido. Tudo que você se esforçou tanto para ter… sua riqueza! Só sua! Não, senhor. Volte para dentro! Volte!

Sibilando e cuspindo, o dragão recuou para a caverna, deixando para trás apenas o fedor de sapo morto e algumas árvores em brasa.

Eu ainda não conseguia me mexer. Esperando para ver se o dragão reapareceria, contei até cinquenta, mas o show da noite parecia ter acabado.

Depois de um tempo meus músculos começaram a relaxar e me sentei atrás da nossa árvore caída. Minhas pernas tremiam incontrolavelmente. Eu estava com uma vontade absurda de fazer xixi.

— Deuses — murmurei. — Hearthstone, eu…

Palavras e sinais sumiram da minha cabeça. Como eu poderia me solidarizar ou mesmo começar a entender o que Hearthstone devia estar sentindo?

Sua boca ficou travada em uma linha fina. Os olhos brilhavam com uma determinação resoluta, uma expressão que me lembrava muito o pai dele.

Ele abriu a mão e bateu com o polegar no peito. *Estou bem.*

Às vezes nós mentíamos para enganar as pessoas. Às vezes, mentíamos por querer que a mentira se tornasse verdade. Com Hearth, acho que era a segunda opção.

— Ei, amigo — sussurrou Blitzen enquanto sinalizava. A voz dele parecia estar esmagada sob o peso do dragão. — Magnus e eu podemos resolver isso. Deixe a gente tentar.

A ideia de Blitzen e eu enfrentando aquele monstro sozinhos não ajudou muito meu problema de bexiga, mas eu assenti.

— É. Claro. Talvez a gente consiga atrair o dragão para fora e entrar sorrateiramente…

Vocês estão errados, sinalizou Hearthstone. *Nós temos que matá-lo. E eu preciso ajudar.*

Vinte e cinco

Elaboramos um plano fabulosamente horrível

O PIOR LUGAR para um conselho de guerra?

Que tal o poço preenchido onde o irmão de Hearthstone tinha morrido, no meio de uma floresta sinistra, no mundo que eu mais detestava dos nove mundos, onde não podíamos esperar por nenhum apoio?

Aham, foi para lá que a gente foi.

Conjurei Jacques e o informei sobre a situação. Pela primeira vez ele não deu gritinhos de empolgação nem começou a cantar uma música.

— Um dragão de anel? — As runas dele se apagaram e ficaram cinzentas. — Ah, isso é ruim. Anéis amaldiçoados sempre criam os *piores* dragões.

Eu sinalizei para que Hearth entendesse.

Hearthstone grunhiu. *O dragão tem um ponto fraco. A barriga.*

— O que ele está dizendo? — perguntou Jacques.

Dentre os amigos de Hearthstone, Jacques era teimoso quando o assunto era aprender linguagem de sinais. Ele alegava que os gestos não faziam sentido para ele porque não tinha mãos. Eu achava que isso era vingança por Hearth não conseguir ler os lábios de Jacques, considerando que, sabe como é, Jacques não tinha lábios. Espadas mágicas podiam ser mesquinhas a esse ponto.

— Ele disse que a barriga é o ponto fraco do dragão — repeti.

— Ah, bom, isso é verdade. — Jacques não pareceu entusiasmado. — A pele é quase impossível de cortar, mas eles têm fendas na couraça da barriga. Se os três conseguissem fazer o dragão rolar, e desejo boa sorte

com isso, talvez você conseguisse me enfiar pela fenda e alcançar o coração. Mas, mesmo que a gente tenha sorte, você já perfurou a barriga de um dragão de anel? Eu já. É nojento. O sangue deles é ácido!

Traduzi tudo para Hearth.

— Jacques, o sangue danificou você? — perguntei.

— Claro que não! Eu sou a Espada do Verão! Fui forjado com um acabamento mágico que resiste a qualquer tipo de desgaste!

Blitzen assentiu.

— É verdade. Jacques tem um ótimo acabamento.

— *Obrigado* — disse Jacques. — Alguém aqui aprecia um bom trabalho artesanal! Perfurar a barriga de um dragão não vai danificar *a mim*, mas estou pensando em *você*, rapazinho. Se uma gota daquele sangue cair em você quando estiver cortando o dragão, será seu fim. Aquela coisa vai te corroer inteiro. *Nada* pode impedir.

Eu tinha que admitir que não parecia divertido.

— Você não pode lutar sozinho, Jacques? Você poderia voar até o dragão e…

— E pedir gentilmente para ele me mostrar a barriga? — Jacques riu, emitindo um som que pareceu o de um martelo batendo em um telhado de metal corrugado. — Dragões de anel se arrastam com a barriga no chão por um motivo, pessoal. Eles sabem que não devem exibir seu ponto fraco. Além do mais, matar um dragão de anel é uma coisa muito pessoal. Você mesmo teria que me brandir. Um ato desses afeta seu *wyrd*.

Eu franzi a testa.

— Afeta meu o quê?

— Seu *wyrd*.

— *Wyrd*? O que que é isso? — murmurei.

— Ele quer dizer *destino* — disse Blitzen, sinalizando enquanto falava, para Hearth entender.

O sinal para *destino* era uma das mãos empurrando para a frente, como se tudo estivesse ótimo, lá-lá-lá, e aí as duas mãos caíam de repente no colo de Blitz, como se tivessem batido em uma parede e morrido. Acho que já mencionei que a linguagem de sinais pode ser um pouco descritiva demais, não é?

— Quando você mata um dragão de anel — disse Blitz —, principalmente um que era uma pessoa conhecida, está lidando com magia séria. A maldição do dragão pode reverberar no seu futuro, mudar o curso do seu destino. Pode… manchar você.

Ele disse a palavra *manchar* como se fosse pior do que ketchup ou gordura, como se matar o dragão não fosse sair do meu *wyrd* nem que eu botasse de molho antes de lavar.

Hearthstone fez gestos curtos, como era de costume quando estava irritado: *Precisa ser feito. Eu vou fazer.*

— Hearth… — Blitz se mexeu com inquietação. — Ele é seu pai.

Não mais.

Existe algum jeito de pegar a pedra de amolar sem matar o dragão?, eu sinalizei.

O elfo balançou a cabeça de forma inflexível. *Não é esse o ponto. Dragões podem viver séculos. Eu não posso deixar ele assim.*

Seus olhos muito claros ficaram úmidos. Assustado, percebi que ele estava chorando. Podia parecer idiotice, mas os elfos costumavam ter tanto controle sobre as emoções que fiquei surpreso de saber que eram *capazes* de chorar.

Hearth não estava só com raiva. Não queria vingança. Apesar de tudo que Alderman tinha feito a ele, Hearthstone não queria que o pai sofresse vivendo como um monstro. Sif avisou a Hearth que ele teria que voltar e reivindicar a runa *herança*. O que significaria encerrar a história triste da família e libertar a alma torturada do sr. Alderman.

— Eu entendo — falei. — De verdade. Mas me deixe dar o golpe final. Você não deve ter isso na sua consciência, no seu *wyrd*, sei lá.

— O garoto está certo — confirmou Blitz. — Não vai manchar tanto o destino dele. Mas você… matar o próprio pai, mesmo que seja por misericórdia? Ninguém deveria ter que fazer uma escolha dessas.

Eu achava que Samirah e Alex talvez discordassem. Ambas receberiam de braços abertos uma chance de tirar a vida de Loki. Mas, de modo geral, eu sabia que Blitz estava certo.

— Além do mais — disse Jacques —, sou a única lâmina capaz de fazer o serviço, e eu nunca deixaria o elfo me brandir!

Decidi não traduzir isso.

— O que você me diz, Hearthstone? Permite que eu faça isso?

As mãos de Hearthstone pairaram na frente dele como se fosse tocar piano no ar. Por fim, ele gesticulou *Obrigado, Magnus*. Foi um gesto como o de jogar um beijo, depois um punho com o polegar embaixo de três dedos formou *M*, indicando meu nome.

Normalmente, ele não se incomodaria em indicar meu nome. Quando se conversa com alguém em linguagem de sinais, o interlocutor é óbvio: basta olhar e apontar. Hearth usou meu nome para demonstrar respeito e amor.

— Deixa comigo, cara — prometi.

Tudo dentro de mim estremeceu ao pensar em matar o dragão, mas não havia a menor chance de eu deixar Hearthstone carregar esse peso. O *wyrd* dele já tinha sofrido o suficiente, graças ao sr. Alderman.

— E como vamos fazer isso, preferivelmente sem que o ácido transforme o Magnus aqui em espuma? — eu quis saber.

Hearth olhou para o amontoado de pedras. Os ombros murcharam, como se alguém estivesse empilhando pedras invisíveis em cima dele. *Tem um jeito. Andiron…* Ele hesitou na hora de fazer o nome do irmão em

linguagem de sinais. *Você sabe que a gente brincava aqui. Tem túneis, feitos por…*

— Ele quer dizer *nisser* — explicou Blitzen. — São… — Ele parou com a mão a uns sessenta centímetros do chão. — Uns homenzinhos. Também são chamados de *hobs*. Ou *di sma*. Ou brownies.

Imaginei que ele não estava falando de brownies de chocolate.

Centenas deles moravam nesta floresta, sinalizou Hearth*, antes de o meu pai chamar o exterminador.*

Um pedaço de pão entalou na minha garganta. Um minuto antes, eu não sabia que essas criaturas existiam. Agora, sentia pena delas. Imaginava o sr. Alderman fazendo a ligação. *Alô, é do controle de pestes? Tem uma civilização inteira no meu quintal que eu gostaria de mandar exterminar.*

— Então… os túneis dos brownies ainda estão aí? — perguntei.

Hearth assentiu. *São estreitos. Mas é possível usar um para chegar perto da caverna. Se pudéssemos fazer o dragão andar até onde você estiver escondido…*

— Eu poderia atacar por baixo — percebi. — Direto no coração dele.

As runas de Jacques cintilaram em um tom de verde-limão.

— Essa ideia é péssima! Você vai tomar um banho de sangue de dragão!

Eu também não estava muito animado com a hipótese. Ficar escondido em um túnel que fora construído por brownies exterminados enquanto um dragão de cinco toneladas se arrastava acima de mim oferecia várias possibilidades de morte dolorosa. Por outro lado, eu não ia decepcionar Hearthstone. Agora, conseguir a pedra de amolar quase não parecia importante. Eu tinha que ajudar meu amigo a se livrar de seu passado horrível para sempre, mesmo que isso significasse correr o risco de tomar um banho de ácido.

— Vamos fazer uma simulação — sugeri. — Se a gente conseguir encontrar um bom túnel, pode ser que eu consiga perfurar o dragão

rapidamente e sair antes de tomar um banho.

— Humf. — Jacques parecia muito mal-humorado. Por outro lado, eu *estava* pedindo para ele matar um dragão. — E por acaso isso quer dizer que você me deixaria enfiado no coração do dragão?

— Quando o dragão estiver morto, volto para pegar você… hã, supondo que eu consiga descobrir como fazer isso sem ser destruído pelo ácido.

Jacques suspirou.

— Tudo bem, acho que vale a pena seguir adiante com essa ideia. Mas, se você sobreviver a isso, vai ter que prometer me limpar muito bem depois.

Blitzen assentiu, como se as prioridades de Jacques fizessem sentido para ele.

— Ainda precisamos arrumar um jeito de tirar o dragão da caverna — disse ele. — Para ter certeza de que ele vai passar pelo ponto certo.

Hearth se levantou e andou até o monte de pedras do irmão. Olhou para ele por muito tempo, como se desejando que sumisse. E então, com dedos trêmulos, pegou a runa *othala*. Ele a esticou para que nós a víssemos. Não fez qualquer sinal, mas o significado ficou claro:

Deixem isso comigo.

Vinte e seis

As coisas ficam esquisitas

EM VALHALA, NÓS passávamos muito tempo esperando.

Esperávamos nossa chamada diária para a batalha. Esperávamos nossas gloriosas mortes definitivas no Ragnarök. Esperávamos na fila da praça de alimentação para comer tacos, porque a pós-vida viking tinha apenas uma taqueria e Odin devia fazer alguma coisa quanto a isso.

Vários einherjar diziam que esperar era a parte mais difícil da nossa vida.

Normalmente, eu discordava. Eu ficava feliz de esperar o Ragnarök pelo máximo de tempo possível, mesmo que significasse enfrentar longas filas à espera do meu *pollo asado*.

Mas esperar para lutar contra um dragão? Não era minha atividade favorita.

Encontramos um túnel de brownie com facilidade. Na verdade, havia tantos buracos no chão da floresta que fiquei surpreso por não ter quebrado a perna em um. O túnel que encontramos tinha uma saída no bosque perto da clareira e outra a nove metros da entrada da caverna. Era perfeito, exceto pelo fato de que a passagem era claustrofóbica e lamacenta e cheirava a (juro que não estou inventando) brownies assados. Eu me perguntei se o exterminador tinha usado um maçarico para eliminar os pobrezinhos.

Com cuidado e em silêncio, colocamos galhos em cima do buraco perto da caverna. Era lá que eu ficaria escondido com a espada em punho, esperando o dragão passar sobre mim. Em seguida, fizemos alguns treinos

práticos (que não eram de fato muito práticos naquele espaço apertado e úmido) para ver se eu conseguiria golpear com a espada para cima e deslizar para a saída mais distante do túnel.

Na terceira tentativa, quando saí ofegante e suado, Jacques anunciou:

— Vinte e um segundos. Foi pior do que da última vez! Você vai virar sopa de ácido com certeza!

Blitzen sugeriu que eu tentasse de novo. Ele me garantiu que tínhamos tempo, pois dragões de anel tinham hábitos noturnos. Só que estávamos trabalhando muito perto do covil do dragão e eu não queria abusar da sorte. Além disso, não queria voltar para aquele buraquinho.

Retornamos ao monte de pedra, onde Hearthstone praticava sua magia sozinho. Ele não queria nos contar o que estava fazendo e nem quais eram seus planos. Achei que o cara já estava traumatizado o bastante sem que eu o interrogasse. Só esperava que a ideia de atrair o dragão funcionasse e que ele não precisasse servir de isca.

Esperamos o cair da noite e nos revezamos para tirar cochilos. Não consegui dormir muito e, quando peguei no sono, tive pesadelos. Eu me vi novamente no navio dos mortos, mas agora o convés estava estranhamente vazio. De uniforme de almirante, Loki andava de um lado para outro na minha frente, estalando a língua como se eu tivesse fracassado em uma inspeção de uniforme.

— Que negligência, Magnus. Ir atrás dessa pedra de amolar idiota restando tão pouco tempo? — Ele chegou bem perto do meu rosto, os olhos tão próximos que eu via os pontinhos de fogo em suas íris. O hálito tinha cheiro de veneno mal disfarçado com hortelã. — Mesmo que você encontre, e daí? A ideia do seu tio é tolice. Você sabe que não pode me vencer. — Ele deu um peteleco no meu nariz. — Espero que você tenha um plano B!

A gargalhada de Loki desabou sobre mim como uma avalanche, me derrubando no convés e espremendo meus pulmões até eu perder todo o ar.

De repente, eu estava de volta no túnel dos nisser, com pequenos brownies empurrando freneticamente minha cabeça e meus pés, gritando enquanto tentavam passar. As paredes de lama desabaram. Meus olhos ardiam com a fumaça. Chamas rugiam aos meus pés, torrando meus sapatos. Acima da minha cabeça, gotas de ácido corroíam a lama, chiando ao redor do meu rosto.

Acordei arfando. Não conseguia parar de tremer. Queria pegar meus amigos e ir embora de Álfaheim. Esquecer a pedra de amolar idiota de Bolverk. Esquecer o hidromel de Kvásir. A gente ia encontrar um plano B. *Qualquer* plano B.

Mas a parte racional do meu cérebro sabia que essa não era a resposta. Nós estávamos seguindo o plano A mais insano e horrendo imaginável, o que queria dizer que devia ser o certo. Ao menos uma vez eu queria poder ter uma missão que envolvesse atravessar o corredor, apertar um botão de SALVAR O MUNDO, voltar para o quarto e dormir por mais algumas horas.

Ao pôr do sol, nos aproximamos do covil do dragão. Agora, tínhamos passado mais de um dia na floresta e nosso cheiro não estava muito bom. Isso trouxe lembranças de nossos dias de sem-teto, nós três encolhidos juntos em sacos de dormir imundos nos becos de Downtown Crossing. Ah, os bons e velhos tempos!

Minha pele coçava de sujeira e suor. Eu só conseguia imaginar como Blitz devia se sentir com aquela roupa pesada de proteção. Hearthstone parecia limpo e impecável como sempre, embora a luz noturna de Álfaheim deixasse seu cabelo da cor de refrigerante Tizer. Por ser elfo, o odor corporal mais pungente que ele produzia não era pior do que Pinho Sol diluído.

Jacques estava pesado na minha mão.

— Lembre-se, o coração fica na *terceira* fenda da armadura. Você tem que contar as linhas enquanto o dragão se arrasta acima de você.

— Supondo que eu consiga enxergar? — perguntei.

— Vou brilhar para você! Mas lembre-se: um golpe rápido e pule fora. O sangue vai jorrar como água de uma mangueira de incêndio…

— Entendi — interrompi Jacques, enjoado. — Obrigado.

Blitzen apertou meu ombro.

— Boa sorte, garoto. Vou esperar na saída para puxar você. A não ser que Hearth precise de ajuda…

Ele olhou para o elfo como se em busca de mais detalhes além de *podem deixar comigo*.

Hearthstone sinalizou: *Podem deixar comigo.*

Respirei fundo, trêmulo.

— Se tiverem que correr, corram. Não me esperem. E se… se eu não sobreviver, digam aos outros…

— Nós vamos dizer — prometeu Blitzen. Ele parecia saber o que eu queria dizer para todo mundo, o que era bom, porque eu mesmo não sabia. — Mas você *vai* voltar.

Eu abracei Hearth e Blitz e os dois toleraram o contato, apesar do fedor.

Em seguida, como um grande herói da antiguidade, entrei no meu buraco.

Fui me contorcendo pelo túnel dos nisser, o nariz impregnado pelo cheiro de barro e chocolate queimado. Quando cheguei na abertura que ficava junto ao covil do dragão, me encolhi, grunhindo, chutando e contorcendo as pernas até minha cabeça estar voltada para o lado contrário. (Por mais horrível que fosse rastejar pelo túnel, sair de costas, com os pés na frente, teria sido ainda pior.)

Fiquei deitado de barriga para cima, olhando para o céu pelo emaranhado de galhos. Com cuidado para não me matar, conjurei Jacques. Coloquei-o do meu lado esquerdo, o cabo na minha cintura, a ponta apoiada no meu ombro. Eu teria que golpear para cima em um ângulo complicado. Usando a mão direita, teria que enfiar a espada diagonalmente, guiar a ponta até a fenda na armadura da barriga do dragão

e forçá-la para dentro com tudo até o coração, usando toda a minha força de einherji. Depois, teria que me arrastar até a saída do túnel antes de tomar um banho de ácido.

A tarefa parecia impossível. Provavelmente porque era mesmo.

O tempo passava devagar no túnel lamacento. Meus únicos companheiros eram Jacques e algumas minhocas rastejando pelas minhas panturrilhas, dando uma conferida nas minhas meias.

Comecei a achar que o dragão não sairia para jantar. Talvez fosse pedir uma pizza. E um entregador elfo da Domino's acabaria caindo em cima de mim. Já estava quase perdendo a esperança quando o odor pútrido de Alderman me atingiu como se mil sapos kamikazes em chamas tivessem mergulhado nas minhas narinas.

Acima, os galhos entrelaçados estalaram quando o dragão saiu da caverna.

— Estou com sede, sr. Alderman — grunhiu ele para si mesmo. — E com fome também. Inge não me serve um jantar decente há dias, semanas, meses? *Onde* está aquela garota inútil?

Ele se arrastou para mais perto do meu esconderijo. Choveu terra no meu peito. Prendi a respiração enquanto eu esperava o túnel desabar em cima de mim.

O focinho do dragão surgiu na abertura. Ele só precisava olhar para baixo e me veria. Eu ficaria torrado como um nisse.

— Eu não posso sair — murmurou o sr. Alderman. — O tesouro precisa ser protegido! Os vizinhos! Não posso confiar neles!

Ele rosnou de frustração.

— Volte, então, sr. Alderman. Volte para seus deveres!

Antes que ele pudesse recuar, de algum lugar na floresta, uma luz intensa pintou o focinho do dragão de âmbar, a cor da magia de runas de Hearthstone.

O dragão sibilou e soltou fumaça por entre os dentes.

— O que foi isso? Quem está aí?

— *Pai*.

A voz congelou minha medula. O som ecoou, fraco e suplicante, como uma criança gritando do fundo de um poço.

— NÃO! — O dragão bateu com os pés no chão, sacudindo as minhocas nas minhas meias. — Impossível! Você não está aqui!

— *Venha até aqui, pai* — suplicou a voz de novo.

Eu não conheci Andiron, o irmão morto de Hearth, mas achava que estava ouvindo a voz dele. Hearthstone usara a runa *othala* para conjurar essa ilusão ou tinha conseguido algo ainda mais terrível? Eu me perguntei para onde os elfos iam quando morriam e se seus espíritos podiam ser trazidos de volta para assombrar os vivos…

— *Senti sua falta* — disse a criança.

O dragão uivou de sofrimento. Soprou fogo por cima do meu esconderijo, mirando a direção de onde vinha a voz. Todo o oxigênio foi sugado dos meus pulmões. Lutei contra o impulso de ofegar. Jacques vibrou suavemente na lateral do meu corpo para me dar apoio.

— *Eu estou aqui, pai* — insistiu a voz. — *Quero salvar você.*

— Me salvar? — perguntou o dragão e seguiu em frente.

Veias pulsavam na parte de baixo da garganta verde e escamosa. Eu me perguntei se conseguiria perfurar a goela dele — parecia um alvo fácil —, mas ela estava muito acima de mim, fora do alcance da espada. Além disso, Hearthstone foi bem específico: eu tinha que mirar no coração.

— Me salvar de quê, meu menino precioso? — O tom do dragão era torturado e grave, quase humano… ou melhor, quase élfico. — Como você pode estar aqui? Ele matou você!

— *Não* — retrucou a criança. — *Ele me trouxe aqui para te ajudar.*

O focinho do dragão estremeceu. Ele baixou a cabeça como um cachorro acuado.

— Ele… ele mandou você? Ele é seu inimigo. *Meu* inimigo!

— *Não, pai* — disse Andiron. — *Por favor, escute. Ele me deu a chance de persuadir você. Nós podemos ficar juntos na próxima vida. Você pode se redimir e se salvar se abrir mão do anel por vontade própria…*

— DO ANEL! Eu sabia! Mostre-se, traidor!

O pescoço do dragão estava muito próximo. Eu poderia enfiar a lâmina de Jacques na artéria carótida e… Jacques zumbiu um alerta mental. *Não. Ainda não.*

Eu queria conseguir enxergar o que estava acontecendo na beirada da clareira. Percebi que Hearth não tinha apenas criado uma distração mágica, ele havia conjurado o espírito de Andiron na esperança de que, mesmo contra todas as probabilidades, o irmão pudesse salvar o pai daquele destino miserável. Mesmo agora, depois de tudo que Alderman fizera para ele, Hearthstone estava disposto a dar ao pai uma chance de redenção, mesmo que isso significasse ficar à sombra do irmão uma última vez.

A clareira ficou silenciosa. Ao longe, ouvi o ruído de arbustos se mexendo.

Alderman decretou:

— VOCÊ.

Eu só conseguia imaginar uma pessoa com quem Alderman falaria com tanto desprezo. Hearthstone devia ter se revelado.

— *Pai* — suplicou o fantasma de Andiron. — *Não faça isso…*

— O imprestável Hearthstone! — gritou o dragão. — Como você ousa recorrer à magia para manchar a memória do seu irmão?

Uma pausa. Hearthstone devia ter dito alguma coisa em linguagem de sinais, porque Alderman berrou em resposta:

— Use o quadro!

Trinquei os dentes. Até parece que Hearth carregaria com ele o tal quadrinho horroroso em que o pai obrigava o filho a escrever, não porque

Alderman não fosse capaz de ler linguagem de sinais, mas porque gostava de fazer o filho se sentir diferente.

— Vou te matar — disse o dragão. — Você *ousa* me enganar com esse fingimento grotesco?

Ele avançou, rápido demais para eu reagir. Sua barriga cobriu o buraco dos nisser e me deixou na escuridão. Jacques acendeu as runas, iluminando o túnel, mas eu já estava desorientado de medo e choque. Uma fenda na armadura da barriga do dragão apareceu acima de mim, mas eu não tinha ideia de quanto do corpo dele já tinha passado. Se eu golpeasse agora, acertaria o coração? A vesícula? O intestino delgado?

Jacques zumbiu na minha mente: *Não vai adiantar! Essa é a sexta fenda! O dragão precisa recuar!*

Eu me perguntei se o sr. Alderman responderia a um pedido educado. Eu duvidava muito.

O dragão tinha parado de se mover. Por quê? O único motivo em que conseguia pensar: Alderman estava arrancando o rosto de Hearthstone com os dentes. Entrei em pânico. Quase enfiei a espada na sexta fenda do monstro, desesperado para tirá-lo de cima do meu amigo. E então, abafada pelo rugido da criatura, ouvi uma voz poderosa gritar:

— PARA TRÁS!

Meu primeiro pensamento: o próprio Odin aparecera na frente do dragão. Estava intervindo para salvar a vida de Hearthstone para que suas sessões de treinamento em magia de runas não tivessem sido em vão. O grito de ordem foi tão alto que *tinha* que ser Odin. Eu já havia ouvido trombetas de guerra jötunn com menos poder.

A voz trovejou de novo:

— PARA TRÁS, SEU SER IMUNDO QUE FINGE QUE É UM PAI!

Então reconheci o sotaque: um pouco do sul de Boston com um toque de svartalfar.

Ah, não. Não, não, não. Não era Odin.

— VOCÊ NÃO VAI CHEGAR PERTO DO MEU AMIGO, ENTÃO PODE DAR RÉ NESSA CARCAÇA FEDORENTA COM CHEIRO DE SAPO MORTO!

Cristalina como água, visualizei a cena: o dragão, atordoado e perplexo, paralisado por um novo oponente. Como pulmões tão pequenos podiam produzir tamanho volume eu não fazia ideia, mas tinha certeza de que a única coisa entre Hearthstone e uma morte inflamada era um anão bem-vestido com chapéu de safári.

Eu devia estar maravilhado, impressionado, inspirado. Mas só queria chorar. Assim que o dragão se recuperasse do susto, eu sabia que mataria meus amigos. Ele lançaria chamas em Blitzen e Hearthstone e não deixaria nada para eu limpar além de uma pilha de cinzas cheias de estilo.

— PARA TRÁS! — berrou Blitzen.

Incrivelmente, Alderman recuou e revelou a quinta fenda na armadura.

Talvez ele não estivesse acostumado a gritarem com ele assim. Talvez temesse que algum tipo de demônio terrível estivesse escondido embaixo da redinha preta de Blitz.

— VOLTE PARA A SUA CAVERNA FEDIDA! — gritou Blitzen. — AGORA!

O dragão rosnou, mas recuou até aparecer mais uma fenda. Jacques zumbiu nas minhas mãos, pronto para o serviço. Mais uma seção da armadura e…

— Ele é só um anão idiota, sr. Alderman — murmurou o dragão para si mesmo. — Quer seu anel.

— EU NÃO LIGO PARA O SEU ANEL IDOTA! — gritou Blitz. — CHISPA DAQUI!

Talvez o dragão estivesse atordoado pela sinceridade de Blitzen. Ou talvez Alderman estivesse confuso por ver o anão de pé na frente de Hearthstone e do fantasma de Andiron, como um pai protegendo os filhos.

Esse instinto teria feito tão pouco sentido para Alderman quanto uma pessoa que não era motivada por ganância.

Ele recuou mais alguns centímetros. Quase lá…

— O anão não é uma ameaça, senhor — garantiu o dragão para si mesmo. — Vai dar um ótimo jantar.

— VOCÊ ACHA? — rugiu Blitz. — EXPERIMENTA!

Ssssss.

Alderman recuou mais alguns centímetros. A terceira fenda apareceu.

Agitado e em pânico, eu posicionei a ponta de Jacques no ponto fraco da couraça.

E, com toda a minha força, enfiei a espada no peito do dragão.

Vinte e sete

Nós ganhamos uma pedrinha

Eu gostaria de dizer que me senti mal por deixar Jacques enfiado até o cabo no corpo do dragão.

Mas não senti. Eu larguei a espada e *sumi* dali, me arrastando pelo túnel como um brownie em chamas. O dragão rugiu e bateu os pés acima de onde eu estava, fazendo a terra tremer. O túnel desabou atrás de mim, quase enterrando meus pés, preenchendo o ar com vapores ácidos.

Eca!, eu pensei. *Eca, eca, eca!* Sou eloquente em momentos de perigo.

O tempo que levei me arrastando pareceu demorar muito mais do que vinte e um segundos. Não ousei respirar. A sensação era de que minhas pernas estavam pegando fogo. Se eu conseguisse sair, olharia para baixo e perceberia que havia sobrado apenas metade do Magnus.

Por fim, com pontos pretos dançando na visão, saí do túnel no desespero. Ofeguei e me debati, tirando os sapatos e a calça jeans como se fossem veneno. Porque eram. Como eu temia, sangue de dragão tinha respingado na minha calça e o tecido começava a ser corroído. Meus sapatos soltavam fumaça. Arrastei as pernas nuas pelo chão da floresta na esperança de tirar qualquer gota de sangue que restasse. Não vi nada de errado com meus pés e panturrilhas, nenhuma nova cratera na pele. Não havia fumaça. Não havia cheiro de einherji queimado.

O que me fazia crer que eu havia sido salvo pelo desabamento do túnel — a lama tinha se misturado com o ácido e detido a maré corrosiva. Ou talvez eu tivesse gastado toda a minha sorte até o próximo século.

Meu coração começou a se acalmar. Cambaleei pela clareira e vi o dragão verde Alderman caído de lado, a cauda batendo, as pernas tremendo. Ele vomitou uma débil explosão de napalm, queimando um amontoado de folhas secas e esqueletos de esquilo.

O cabo de Jacques estava no peito do dragão. Meu antigo esconderijo era agora um buraco fumegante, sendo lentamente corroído até o núcleo de Álfaheim.

Perto do focinho do dragão estavam Hearthstone e Blitzen, os dois ilesos. Ao lado deles, tremeluzindo como uma chama fraca de vela, estava o fantasma de Andiron. Eu só tinha visto o irmão de Hearth uma vez, no retrato acima da lareira do pai deles. No quadro, ele parecia um jovem deus, perfeito e confiante, tragicamente belo. Mas à minha frente havia apenas um garoto de cabelo claro, magricela e de joelhos protuberantes. Eu não o destacaria em um grupo de alunos de ensino fundamental, a não ser que estivesse tentando identificar aqueles com chance de sofrer bullying.

Blitz tinha levantado a frente da rede de proteção contra o sol, apesar do risco de petrificação. A pele em volta de seus olhos começou a ficar cinza. A expressão no rosto era triste.

O dragão respirava com dificuldade.

— Traidor. Assassino.

Blitzen cerrou os punhos.

— Você tem coragem…

Hearthstone tocou na manga dele. *Pare.* Ele se ajoelhou ao lado do rosto do dragão para que Alderman pudesse vê-lo sinalizando.

Eu não queria isso, sinalizou Hearthstone. *Sinto muito.*

Os lábios do dragão se curvaram por cima das presas.

— Use o quadro. Traidor.

A pálpebra interna de Alderman se fechou, cobrindo a íris verde-oleosa. Uma bufada final de fumaça saiu das narinas. E o corpo enorme ficou

imóvel.

Esperei que ele voltasse à forma élfica. Mas não voltou.

Alderman pareceu perfeitamente satisfeito em permanecer dragão.

Hearthstone se levantou. Sua expressão era distante e confusa, como se tivesse acabado de ver um filme feito por uma civilização alienígena e tentasse entender a mensagem.

Blitzen se virou para mim.

— Você fez a coisa certa, garoto. Era necessário.

Eu olhei para ele, impressionado.

— Você enfrentou um dragão. Você o fez recuar.

Blitzen deu de ombros.

— Eu não gosto de valentões. — Ele apontou para as minhas pernas. — Acho que vamos precisar arrumar uma calça nova para você, garoto. Uma calça cáqui escura combinaria com essa camisa. Ou jeans cinza.

Eu entendia por que ele queria mudar de assunto. Não queria falar sobre quanto tinha sido corajoso. Não via suas ações como dignas de elogios. Era um fato simples: ninguém se metia com o melhor amigo de Blitzen.

Hearthstone olhou para o fantasma do irmão.

Andiron sinalizou: *Nós tentamos, Hearth. Não se culpe.*

As feições em seu rosto eram nebulosas, mas a expressão era inconfundível. Diferentemente do sr. Alderman, amor era tudo que Andiron sentia pelo irmão.

Hearth enxugou os olhos. Olhou para a floresta como se tentasse entender onde estava e sinalizou para Andiron: *Eu não quero perder você de novo.*

Eu sei, gesticulou o fantasma. *Eu não quero ir.*

Nosso pai…

Andiron cortou a palma da mão, o símbolo de *pare*.

Não perca nem mais um minuto com ele, aconselhou Andiron. *Ele roubou grande parte da sua vida. Você vai comer o coração?*

A frase não fez sentido, então achei que tinha interpretado mal os sinais.

O rosto de Hearth ficou sombrio.

Ele sinalizou: *Não sei.*

Andiron gesticulou: *Venha aqui.*

Hearthstone hesitou. Ele chegou mais perto do fantasma.

Vou contar um segredo, disse Andiron. *Quando eu sussurrei naquele poço, eu fiz um pedido. Eu queria ser tão gentil e bom quanto você, irmão. Você é perfeito.*

O garotinho esticou seus braços de fantasma. Quando Hearthstone se inclinou para abraçá-lo, o fantasma explodiu em vapor branco.

A runa *othala* caiu na palma da mão de Hearth. Ele a observou por um momento, como se fosse algo que nunca tinha visto, uma joia perdida cujo dono ia querer de volta. Ele envolveu a pedra com a mão e a encostou na testa. Pela primeira vez, fui eu que li os lábios *dele*. Eu tinha certeza de que ele sussurrou: *obrigado.*

Alguma coisa estalou no peito do dragão. Tive medo de Alderman ter começado a respirar de novo, mas percebi que era Jacques se sacudindo com irritação, tentando se soltar.

— ENTALADO! — Ele gritou com voz abafada: — METIRADAQUIIII!

Andei na direção da fossa ácida com cuidado, já que ainda estava descalço. O sangue que escorria do peito do dragão formava um lago fumegante e lamacento. Não tinha como eu chegar perto o bastante para segurar o cabo de Jacques.

— Jacques, não consigo alcançar você! Não consegue se soltar?

— *ACABEIDEDIZERQUEESTOUENTALADO!*

Eu franzi a testa para Blitz.

— Como a gente faz para tirar ele de lá?

Blitz colocou as mãos em concha perto da boca e gritou para Jacques, como se ele estivesse do outro lado do Grand Canyon.

— Jacques, você vai ter que esperar! O sangue do dragão vai perder a potência em uma hora. Só então vamos poder soltar você!

— *UMAHORAESTÁDEBRINCADEIRA?* — O cabo dele vibrou, mas Jacques permaneceu firmemente enfiado na barriga de Alderman.

— Ele vai ficar bem — garantiu Blitz.

Fácil para ele falar. Não era Blitz quem tinha que conviver com Jacques.

Blitz tocou no ombro de Hearth para pedir atenção. *Preciso ir até a caverna para procurar a pedra de amolar*, sinalizou ele. *Está disposto?*

Hearth apertou a runa *othala* com força. Observou o rosto do dragão como se tentasse encontrar algo familiar ali. Em seguida, colocou a runa na bolsa, deixando o kit completo.

Vão vocês dois na frente, sinalizou ele. *Preciso de um minuto*.

Blitz fez uma careta.

— Tudo bem, amigo, sem problemas. Você tem uma grande decisão a tomar.

— Que decisão? — perguntei.

Blitz me lançou um olhar de *Pobre garoto inocente.*

— Vem, Magnus, vamos olhar o tesouro desse monstro.

• • •

O tesouro foi fácil de encontrar. Ocupava quase a caverna toda. O meio dele tinha o formato de um dragão: o ponto onde Alderman dormia. Não era surpresa ele viver tão mal-humorado. Aquela montanha de moedas, espadas e cálices encrustados de pedras não oferecia um bom apoio para as costas.

Eu andei em volta do tesouro, apertando o nariz para bloquear o fedor gigantesco. Minha boca ainda estava com gosto de terrário de aula de biologia.

— Cadê a pedra? — perguntei. — Não estou vendo nenhum dos antigos artefatos do sr. Alderman.

Blitz coçou a barba.

— Bom, dragões são vaidosos. Ele não colocaria por cima os exemplares sem graça de geologia. Deixaria esses por baixo e exibiria o que brilha. Eu queria saber…

Ele se agachou ao lado do tesouro.

— Rá! Como eu pensei. Olha.

Saindo do amontoado de ouro havia a ponta de uma corda trançada.

Demorei um segundo para reconhecer.

— É… a bolsa mágica que pegamos de Andvari?

— É! — Blitz sorriu. — O tesouro está em cima dela. Alderman podia ser ganancioso, cruel e horrível, mas não era burro. Ele queria que o tesouro fosse fácil de transportar, caso precisasse encontrar um novo covil.

Parecia que isso também tornava o tesouro fácil de roubar, mas eu não ia discutir com a lógica de um dragão morto.

Blitz puxou a cordinha. Um tsunami de lona envolveu o tesouro, tremendo e encolhendo até haver apenas uma bolsa aos nossos pés, adequada para compras no mercado ou para esconder vários bilhões de dólares em objetos valiosos. Blitz levantou a bolsa com dois dedos.

No fundo da caverna, embaixo de onde o tesouro tinha sido empilhado, estavam dezenas dos artefatos de Alderman. Muitos haviam sido esmagados pelo peso do ouro. Para nossa sorte, pedras eram objetos bem resistentes. Peguei a pedra de amolar redonda que vi no meu sonho. Segurá-la não me encheu de êxtase. Anjos não cantaram. Eu não me sentia todo-poderoso e capaz de derrotar os guardiões invencíveis e misteriosos do hidromel de Kvásir.

— Por que isto? — perguntei. — Por que vale…?

Eu não conseguia colocar em palavras os sacrifícios que tínhamos feito. Principalmente Hearthstone.

Blitzen tirou o chapéu de safári e passou os dedos pelo cabelo suado. Apesar do cheiro de morte e decomposição da caverna, ele parecia aliviado por não estar mais no sol.

— Não sei, garoto — disse ele. — Só posso supor que vamos precisar da pedra para amolar algumas lâminas.

Eu olhei para os outros artefatos de Alderman.

— Tem mais alguma coisa que deveríamos levar, já que estamos aqui? Porque eu *realmente* não quero voltar em Álfaheim.

— Espero que não, porque concordo *totalmente*. — Com relutância óbvia, ele colocou o chapéu de volta. — Vamos. Não quero deixar Hearthstone sozinho por muito tempo.

• • •

No fim das contas, Hearth não estava sozinho.

Ele tinha dado um jeito de libertar Jacques do peito do dragão. A espada, por sua vez, sendo uma arma bastante contraditória, no momento mergulhava de volta na carcaça do dragão, abrindo o peito dele como se estivesse executando uma autópsia. Hearth parecia estar orientando o movimento.

— Opa, opa, opa! — falei. — O que vocês estão fazendo?

— Ah, oi, Magnus! — Jacques flutuou no ar. Ele pareceu alegre para uma lâmina coberta de sangue gosmento. — O elfo pediu que eu abrisse o peito. Ou, pelo menos, tenho quase certeza de que foi isso. Achei que, como ele usou a magia dele para me soltar, era o mínimo que eu podia fazer! Ah, e eu já cortei o anel. Está bem ali, prontinho!

Olhei para baixo. E realmente, a alguns centímetros do meu pé descalço, o anel de Andvari cintilava no dedo inchado do dragão. Por pouco não comecei a vomitar.

— Prontinho? O que a gente vai fazer com ele?

Hearth sinalizou: *Colocar junto com o tesouro. Levar para o rio e devolver para Andvari.*

Blitz pegou o dedo de dragão e largou dentro da bolsa mágica.

— É melhor a gente fazer isso rápido, antes que o anel comece a nos tentar.

— Tudo bem, mas…

Eu apontei para o dragão parcialmente cortado. Eu nunca pratiquei caça, mas uma vez minha mãe namorou um cara que praticava. Ele nos levou para a floresta e tentou impressionar minha mãe me ensinando como limpar uma carcaça. (Aquilo não deu muito certo. Assim como o relacionamento deles.)

Ao olhar para o dragão, tive certeza de que Jacques estava tentando extirpar os órgãos não mais vitais do sr. Alderman.

— Por quê? — balbuciei.

Jacques riu.

— Ah, para com isso, eu achei que você soubesse! Depois de matar um dragão de anel, a gente tem que arrancar o coração, assar e comer!

E nessa hora meu almoço foi embora.

Vinte e oito

Nunca me peça para cozinhar o coração do meu inimigo

ATÉ AQUELE PONTO da missão, eu tinha me saído bem em não vomitar. Eu estava a caminho de me tornar um verdadeiro profissional nisso.

Mas a ideia de comer o coração de um dragão — comer a nojeira cruel que *Alderman* chamava de coração — foi demais.

Eu cambaleei para a floresta e vomitei por tanto tempo que quase desmaiei. Quando melhorei um pouco, Blitz segurou meu ombro e me levou para longe da clareira.

— Tudo bem, garoto. Eu sei. Vamos.

Quando voltei a ficar mais ou menos bem, percebi que Blitzen estava me levando para o rio onde conhecemos Andvari. Eu não confiava na minha voz, exceto por um ocasional "Ai!" quando pisava descalço em uma pedra, um galho ou um formigueiro de formigas de fogo de Álfaheim.

Por fim, chegamos até a margem. Parado na beira de uma pequena cachoeira, olhei para a lagoa de Andvari. Não tinha mudado muito desde a última vez. Era impossível saber se o velho anão coberto de lodo ainda morava lá, disfarçado de peixe. Talvez depois que o roubamos ele tivesse desistido, decidido se aposentar e se mudado para Miami. Se sim, fiquei tentado a me juntar a ele.

— Está pronto? — A voz de Blitz soou tensa. — Vou precisar da sua ajuda.

Encarei-o com olhos semicerrados. Blitz segurou a bolsa de lona na beirada, pronto para jogar o conteúdo na lagoa, mas seus braços estavam tremendo. Ele puxou a bolsa de volta, como se para salvar o tesouro de seu destino, mas esticou os braços novamente com dificuldade, como se estivesse fazendo supino com o peso do ouro.

— Você vai ter… que me ajudar… — resmungou Blitz. — Um anão… jogar fora… um tesouro. Não é… *fácil*.

De alguma forma, consegui afastar a cabeça do pensamento *Comer o coração do dragão? Como assim?* Peguei a outra alça da bolsa. Na mesma hora, senti o que Blitz queria dizer. Minha mente foi tomada de ideias gloriosas do que eu poderia fazer com todo aquele tesouro… comprar uma mansão! (Mas espera aí… eu já tinha a mansão do tio Randolph, e nem fazia questão.) Comprar um iate! (Eu já tinha um barco amarelo enorme. Não, obrigado.) Guardar para a aposentadoria! (Já estava morto.) Mandar meus filhos para a faculdade! (Einherjar não podem ter filhos. Nós estamos mortos.)

A bolsa estremeceu e se debateu. Parecia estar reavaliando sua estratégia. *Tudo bem*, sussurrou ela nos meus pensamentos, *que tal ajudar os sem-teto? Pense em todo o bem que você poderia fazer com esse ouro, e o que está na bolsa é apenas uma parte! Se você colocar aquele belo anel, sua riqueza será infinita! Pode construir casas! Doar comida! Oferecer cursos de capacitação profissional!*

Essas possibilidades eram mais tentadoras… Mas sabia que era um truque. Aquele tesouro nunca faria bem para ninguém. Eu olhei para as minhas pernas nuas, arranhadas e sujas de lama. Lembrei-me do cheiro sufocante da barriga do dragão. Lembrei-me da expressão de infelicidade de Hearthstone quando ele se despediu do pai.

Murmurei:

— Tesouro idiota.

— É — concordou Blitz. — No três? Um, dois…

Nós jogamos a bolsa na lagoa. Resisti à vontade de pular atrás dela.

— Aí está, Andvari. Divirta-se.

Ou talvez Andvari tivesse ido embora. Nesse caso, tínhamos acabado de transformar uma família de trutas em bilionários.

Blitz suspirou de alívio.

— Certo, é um problema a menos. Agora… a outra coisa.

Meu estômago se rebelou novamente.

— Eu não tenho mesmo que…?

— Comer o coração do dragão? Você? — Blitz balançou a cabeça. — Bom, foi *você* que o matou… Mas, nesse caso, não. Você não precisa comer o coração.

— Graças aos deuses.

— Hearth tem que fazer isso.

— *O quê?*

Blitz encolheu os ombros.

— O dragão era pai do Hearth, Magnus. Quando se mata um dragão de anel, o único jeito de seu espírito descansar é destruindo o coração. Pode ser queimando…

— Isso, parece uma ótima ideia.

— … ou ingerindo, e nesse caso você herda todas as lembranças e a sabedoria do dragão.

Tentei imaginar por que Hearthstone ia *querer* as lembranças ou a “sabedoria” do pai. Aliás, por que ele se sentia na obrigação de garantir que o espírito maléfico de Alderman descansasse? Andiron disse para ele não perder nem mais um minuto se preocupando com seu morto e velho pai, e isso me pareceu um excelente conselho de irmão.

— Mas se Hearth… Quer dizer, isso não é canibalismo, dragobalismo, sei lá?

— Não sei responder. — Blitz parecia estar morrendo de vontade de gritar bem alto *SIM, EU SEI QUE É NOJENTO*. — Mas vamos respeitar a decisão

dele.

• • •

Jacques e Hearthstone tinham feito uma fogueira. Meu amigo elfo girava um espeto sobre as chamas enquanto Jacques flutuava ao lado cantando a polca “Barril de Chopp” a plenos pulmões inexistentes. Por ser surdo, Hearthstone era a plateia perfeita.

A cena teria sido encantadora se não fosse a carcaça de dragão de seis toneladas apodrecendo ali perto, a expressão nauseada no rosto pálido de Hearthstone e a coisa preta e brilhante do tamanho de uma bola de basquete estalando no espeto, espalhando um cheiro de churrasco no ar. O fato de o coração de Alderman ter cheiro de comida me deixou ainda mais enjoado.

Hearthstone sinalizou com a mão livre: *Pronto?*

Pronto, sinalizou Blitz. *O tesouro e o anel já se foram. Os peixes estão ricos.*

Hearthstone assentiu, aparentemente satisfeito. O cabelo louro estava sujo de lama e com umas folhinhas grudadas, o que ridiculamente me lembrou confete, como se a floresta estivesse comemorando a morte do pai dele.

— Hearth, cara… — Eu apontei para o coração. — Você não precisa fazer isso. Tem que ter outro jeito.

— Foi o que eu disse para ele! — exclamou Jacques. — Claro que ele não consegue me ouvir, mas mesmo assim!

Hearth tentou sinalizar com apenas uma das mãos, o que era como tentar falar sem usar as vogais, mas desistiu, frustrado. Apontou para mim e para o espeto: *Segure isso para mim.*

Eu não queria chegar perto daquele coração de dragão, mas era o único que conseguia falar e girar o espeto ao mesmo tempo.

Hearth podia ler meus lábios. Blitzen sabia sinalizar, mas o rosto estava coberto com a rede. E Jacques… bom, ele não era muito útil.

Então eu assumi o dever de assar o órgão no espeto. O coração parecia pesado demais e bambo demais para aquela estrutura improvisada de galhos de árvore. Manter o equilíbrio dele sobre as chamas exigia realmente muita concentração.

Hearthstone flexionou os dedos, se aquecendo para uma longa conversa. Seu pomo de adão subia e descia como se a garganta já estivesse protestando contra o menu-degustação do dia.

Se eu comer o coração, sinalizou Hearthstone, *o conhecimento do meu pai não vai se perder para sempre.*

— É — falei —, mas por que você *quer* isso?

Os dedos dele hesitaram. *Lembranças da minha mãe, de Andiron. Conhecer o passado da família. Saber minha…*

Ele fez um H com dois dedos esticados e bateu nas costas da mão oposta. Concluí que era o sinal de *história*, apesar de parecer mais um professor batendo com a régua em um aluno desobediente.

— Mas você só saberia as coisas da perspectiva do seu pai. Ele era *venenoso*. Como Andiron disse, você não deve nada a Alderman. Ele não tem sabedoria para oferecer.

Jacques riu.

— Não é? O sujeito colecionava pedras, afinal!

Concluí que a melhor coisa naquela situação era Hearth e minha espada não poderem se comunicar.

Hearth comprimiu os lábios. Ele me entendeu direitinho, mas percebi que eu não estava dizendo nada que meu amigo já não soubesse. Hearth não queria comer aquela coisa nojenta. Mas se sentia… eu não sabia a palavra certa em inglês nem em linguagem de sinais. *Obrigado? Forçado pela honra?* Talvez Hearth tivesse esperança de que, se conhecesse os

verdadeiros pensamentos do pai, acabasse encontrando um pouco de amor neles, alguma coisa que pudesse redimi-lo a seus olhos.

Eu sabia que não seria o caso. Não gostava de reviver o passado. Era doloroso. Ao enxergar o que havia por trás do exterior horrível de alguém, normalmente se encontrava um interior igualmente horrível, moldado por uma história horrível. Eu não queria os pensamentos de Alderman afetando Hearthstone ao serem literalmente ingeridos por ele. Tinha que haver uma opção vegetariana. Ou budista. Eu teria escolhido até uma refeição adequada a cabelo verde.

Blitzen se sentou e cruzou as pernas. Deu um tapinha no joelho do elfo. *A escolha é sua. Mas a alma dele ainda vai descansar se você se decidir pela outra opção.*

— Sim! Destrua o coração. Deixe isso pra…

Foi nessa hora que eu me enrolei todo. Fiquei empolgado demais. Estava concentrado em Hearth, sem prestar atenção no meu trabalho de chef. Virei o espeto com força demais. O coração balançou. A estrutura toda desabou e caiu direto no fogo.

Ah, mas esperem um pouco. Fica pior. Com meus reflexos velozes como um raio e incrivelmente idiotas de einherji, eu tentei pegar o coração. Quase consegui, mas rolou pela ponta dos meus dedos e caiu nas chamas, entrando em combustão como se os ventrículos estivessem cheios de gasolina. Em um brilho vermelho, o coração sumiu.

Ah, mas esperem. Fica *ainda* pior. O coração quente deixou gordura fervente nos meus dedos. E, burro e incrivelmente nojento como sou, eu reagi como a maioria das pessoas reage quando toca em algo quente. Eu botei os dedos na boca.

O gosto era como de pimenta-malagueta misturada com xarope Hawaiian Punch. Tirei a ponta dos dedos da boca e tentei cuspir o sangue. Tive ânsia de vômito e limpei a língua. Engatinhei para o lado cuspindo.

— Não! *Pffftss*. Não! *Pffftss*. Não!

Mas era tarde demais. Aquela pequena prova de sangue de coração de dragão tinha se infiltrado no meu organismo. Consegui sentir penetrando na minha língua, se espalhando pelos meus capilares.

— Magnus! — Jacques voou na minha direção, as runas brilhando em laranja. — Você não devia ter feito isso!

Engoli um insulto sobre os poderes de análise quase divinos da minha espada.

O rosto de Blitzen continuava escondido pela rede, mas a postura estava ainda mais rígida do que quando ele foi petrificado.

— Garoto! Ah, deuses, você está bem? Sangue de dragão pode… bom, pode despertar umas coisas estranhas no seu DNA. Humanos têm DNA, não têm?

Eu queria responder que não. Segurei a barriga com medo de já estar virando um dragão. Ou pior, um pai elfo do mal.

Eu me obriguei a encarar os olhos de Hearthstone.

— Hearth, eu… sinto muito. Foi um acidente, juro. Eu não pretendia…

Minha voz falhou. Eu não sabia se *eu* acreditava em mim. Não sabia por que Hearth acreditaria. Eu tinha sugerido destruir o coração. Aí, fui lá e fiz exatamente isso. Pior, eu botei na boca.

O rosto de Hearth era uma máscara de choque.

— Me diga o que fazer — supliquei. — Vou procurar um jeito de consertar as coisas…

Hearthstone ergueu uma das mãos. Eu já tinha visto o muro de gelo que ele erguia nas raras ocasiões em que ficava realmente furioso, mas não era o que estava vendo agora. Os músculos pareciam estar relaxando, e a tensão, sumindo. Ele parecia… aliviado.

É wyrd, sinalizou Hearth. *Você matou o dragão. O destino decidiu que você sentiria o gosto do sangue dele.*

— Mas…

Eu me segurei para não pedir desculpas de novo. A expressão de Hearth deixava claro que ele não queria isso.

Você permitiu que a alma do meu pai descansasse, sinalizou Hearth. *Me poupou de realizar essa tarefa. Mas isso tem um preço. Sou eu quem lamento.*

Fiquei aliviado de ele não estar com raiva de mim. Por outro lado, não gostei do olhar de cautela que ele me lançou, como se esperasse para ver como o sangue de dragão me afetaria.

E então, de algum lugar acima, uma voz aguda disse: *Que imbecil.*

Eu me encolhi.

— Tudo bem, Magnus? — perguntou Jacques.

Olhei para a copa das árvores. Não vi ninguém.

Outra voz aguda disse: *Ele não faz ideia do que fez, não é?*

Não faz ideia, concordou a primeira voz.

Eu encontrei a origem das vozes. Em um galho uns seis metros acima, dois tordos me encaravam. Eles falavam em pios, como os pássaros fazem, mas de alguma forma o que eles estavam dizendo ficou claro para mim.

Ah, droga, reclamou o primeiro tordo. *Ele nos viu. Voe! Voe!*

Os dois pássaros saíram voando.

— Garoto? — me chamou Blitz.

Meu coração tinha disparado. O que estava acontecendo comigo? Estava tendo alucinações?

— Eu… hum… é. — Engoli em seco. — Estou bem. Eu acho.

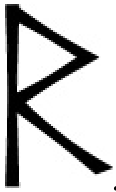
Hearthstone me observou, nem um pouco convencido, mas decidiu não insistir. Ficou de pé e olhou uma última vez para o cadáver do pai dragão.

Ficamos tempo demais aqui, sinalizou ele. *Temos que levar a pedra de amolar para o navio. Já pode ser tarde demais para impedir Loki.*

Nós quase viramos atração turística norueguesa

PULAR DE UM penhasco com certeza foi a coisa *menos* estranha que eu fiz em Álfaheim.

Blitz, Hearth e eu andamos até uma área rochosa no final da propriedade de Alderman, o tipo de lugar em que um empresário megalomaníaco podia parar, olhar as propriedades dos vizinhos lá embaixo e pensar: *Um dia, tudo isso vai ser meu! MUAHAHA!*

Estávamos alto o bastante para quebrar a perna se caíssemos, então Hearth declarou que o local era perfeito. Ele lançou *raidho,* , a runa das viagens, quando pulamos. O ar ondulou ao nosso redor, e em vez de cair no chão, caímos amontoados no convés do *Bananão*, bem em cima de Mestiço Gunderson.

— *Eldhusfifls!* — rugiu Mestiço.

(Esse era outro dos insultos favoritos dele. Pela explicação que nos dera, um *eldhusfifl* era um tolo que ficava o dia inteiro sentado ao lado do fogo da comunidade, então, basicamente, o bobo do vilarejo. Além do mais, a *pronúncia* em si soava como insulto: *el-dus-fif-ful*.)

Saímos de cima de Mestiço e pedimos desculpas. Precisei curar o braço dele — ainda de tipoia —, que tinha acabado de quebrar novamente com o peso de uma bunda de anão do céu.

— Humf — resmungou ele. — Eu até perdoo vocês, mas acabei de tomar banho. Vocês estragaram meu penteado!

O cabelo dele não estava diferente do habitual, então eu não sabia se ele estava brincando. Mas como não nos matou com o machado, acho que não ficou tão chateado assim.

A noite tinha caído em Midgard. Nosso navio seguia por mar aberto sob uma rede de estrelas. Blitz tirou o sobretudo, as luvas e o chapéu de safári e inspirou fundo.

— Finalmente!

A primeira pessoa a aparecer foi Alex Fierro, vestida como James Dean em 1950: o cabelo verde e preto estava penteado para trás, a camiseta branca para dentro de uma calça verde-limão.

— Graças aos deuses! — Ela correu na minha direção, o que melhorou meu humor por um microssegundo, até ela arrancar os óculos cor-de-rosa à lá Buddy Holy que eu estava usando. — Minha roupa não estava completa sem isso. Espero que você não tenha arranhado as lentes.

Enquanto limpava os óculos, Mallory, T.J. e Samirah subiram no convés.

— Opa! — Sam desviou o olhar. — Magnus, cadê sua calça?

— Hã, longa história.

— Bom, veste uma roupa, Zé-Ninguém! — ordenou Mallory. — *Depois* você conta a história.

Desci para pegar uma calça e um par de sapatos. Quando voltei, a tripulação estava reunida em volta de Hearth e Blitz, que contavam sobre nossa aventura na terra mágica dos elfos, da luz e de carcaças fedorentas de dragão.

Sam balançou a cabeça.

— Ah, Hearthstone. Sinto muito pelo seu pai.

Os outros murmuraram, concordando.

Hearth deu de ombros. *Tinha que ser feito. Magnus fez a pior parte. Provou o coração.*

Eu fiz uma careta.

— É, bem, quanto a isso… Acho que preciso contar uma coisa.

Expliquei sobre a conversa que ouvi entre os pássaros.

Alex Fierro riu e cobriu a boca.

— Desculpa. Não é engraçado.

Ela sinalizou: *Hearth, seu pai, o coração. Horrível. Não consigo imaginar.* Depois continuou em voz alta:

— Na verdade, tenho uma coisa para você.

Ela tirou do bolso uma echarpe diáfana de seda rosa e verde.

— Reparei que você perdeu o outro.

Hearth pegou a echarpe como se fosse uma relíquia sagrada. Enrolou solenemente no pescoço. *Obrigado*, sinalizou ele. *Amor.*

— Pode apostar. — Alex se virou para mim, a boca se curvando em um sorriso malicioso. — Mas, sinceramente, Magnus. Você deixou o coração cair. Sentiu o gosto do sangue. E agora, está falando com animais…

— Eu não falei — protestei. — Só ouvi.

— … como o dr. Doolittle?

T.J. franziu a testa.

— Quem é dr. Doolittle? Ele mora em Valhala?

— É o personagem de um livro. — Samirah mordeu um pedaço do sanduíche de pepino. Como era noite, ela estava fazendo o melhor possível para comer toda a comida do navio o mais rápido que conseguisse. — Magnus, algum *outro* efeito que você tenha reparado do sangue do coração? Estou preocupada.

— Eu… acho que não.

— Os efeitos podem ser apenas temporários — sugeriu T.J. — Você ainda está se sentindo estranho?

— Mais do que o habitual? — esclareceu Alex.

— Não — respondi. — Mas é difícil ter certeza. Não tem animais aqui para eu ouvir.

— Eu posso virar um furão — ofereceu-se Alex —, e nós poderíamos ter uma boa conversa.

— Obrigado, mas não.

Mallory Keen experimentou a nova pedra de amolar em uma das facas antes de atirá-la no convés. A lâmina afiada afundou até que só o cabo despontasse da madeira maciça.

— Ora, ora.

— Tente não destruir nosso barco, mulher — advertiu Mestiço. — Ainda estamos navegando nele.

Mallory fez uma careta para ele.

— Foi um ótimo amolador esses que os meninos trouxeram.

T.J. tossiu.

— Posso ver para a minha baioneta?

— Na verdade, não. — Mallory colocou a pedra no bolso do casaco. — Não confio em você para cuidar dessa belezura. Acho que vou guardá-la comigo para vocês não se machucarem. Quanto ao sangue de dragão, Magnus, não se preocupe. Você é filho de Frey, um dos mais poderosos deuses da natureza. Talvez o sangue do dragão só tenha apurado suas habilidades naturais. Faz sentido você entender o que criaturas da floresta dizem.

— Hã. — Assenti, ligeiramente encorajado. — Talvez você esteja certa. Mesmo assim, me sinto mal por ter tirado uma parte da herança de Hearthstone. E se o sr. Alderman conseguia entender animais…?

Hearth balançou a cabeça. *Meu pai não era o dr. Doolittle. Não se sinta culpado. Estou com a runa* othala *de volta. Isso basta para mim.*

Ele parecia exausto mas aliviado, como se tivesse terminado uma prova longa e cansativa que vinha temendo o semestre todo. Ele podia não ter certeza se tinha passado, mas pelo menos o sofrimento chegara ao fim.

— Bom — disse Samirah —, estamos com a pedra de amolar. Agora, temos que ir até Fläm, encontrar o hidromel de Kvásir e descobrir como derrotar seus guardiões.

— E então dar o hidromel para Magnus — continuou Alex —, com a esperança de que isso dê a ele o dom de formar frases completas.

Mallory franziu a testa, como se achasse isso improvável.

— Depois, precisamos encontrar o navio dos mortos e rezar para Magnus conseguir vencer Loki em uma competição de insultos.

— E dar um jeito de recapturar aquele *meinfretr* — disse Mestiço —, impedir *Naglfar* de zarpar e dar início ao Ragnarök. Supondo, claro, que já não seja tarde demais.

Parecia uma suposição e tanto. Nós havíamos gastado mais dois dias em Álfaheim. Agora, o solstício de verão seria dali a dez dias, e eu tinha quase certeza de que o navio de Loki estaria pronto para zarpar bem antes do previsto.

Além disso, eu não parava de pensar nas palavras de Mallory: *rezar para Magnus conseguir vencer Loki em uma competição de insultos*. Eu não tinha a fé de Sam em orações, principalmente quando estava orando por mim.

Blitz suspirou.

— Vou tomar banho. Estou com cheiro de troll. Depois, vou dormir por muito tempo.

— Boa ideia — disse Mestiço. — Magnus e Hearth, vocês deviam fazer o mesmo.

Esse era um plano que eu queria seguir. Jacques tinha voltado à forma de pedra de runa no meu cordão, o que queria dizer que meus braços e ombros agora doíam como se eu tivesse passado o dia serrando couraça de dragão. Todo o meu corpo pinicava, como se o acabamento antiácido da minha pele tivesse sido severamente testado.

T.J. esfregou as mãos de empolgação.

— Amanhã de manhã devemos entrar nos fiordes da Noruega. Mal posso esperar para ver o que vamos matar lá!

• • •

Naquela noite, não sonhei. Foi uma boa mudança que só durou até Sam me sacudir para me acordar. Ela sorria demais para alguém de jejum.

— Você tem que ver isso.

Eu saí do meu saco de dormir. Quando fiquei de pé e olhei por cima da amurada, perdi o fôlego.

Dos dois lados do navio, tão perto que eu quase conseguia tocar, penhascos íngremes se erguiam da água; muralhas de centenas de metros de altura feitas de pedra marmorizada por onde jorravam cachoeiras. Água de degelo escorria pela face da rocha, explodindo em uma névoa que fragmentava a luz do sol em arco-íris. Logo acima estava o céu, reduzido a uma ravina denteada de azul profundo. Em volta do casco do navio, a água era tão verde que parecia um purê de alga.

Na sombra daqueles penhascos eu me senti tão pequeno que só consegui pensar em um lugar onde poderíamos estar.

— Jötunheim?

T.J. riu.

— Não, é só a Noruega mesmo. Bonito, né?

Bonito não fazia jus. Parecia que tínhamos navegado para um mundo feito para seres bem maiores, um lugar onde deuses e monstros andavam livremente. Claro que eu sabia que deuses e monstros andavam livremente por toda Midgard. Heimdall gostava de uma certa lojinha de bagels perto de Fenway. Gigantes costumavam passear pelos pântanos de Longview. Mas a Noruega parecia um lugar apropriado para eles.

Senti uma dorzinha no coração ao pensar em quanto minha mãe adoraria aquele lugar. Conseguia imaginá-la andando pelo alto dos

penhascos, aproveitando o sol e o ar frio e limpo. Desejei poder compartilhar aquele momento com ela.

Alex e Mallory, quietas e maravilhadas, observavam o cenário da proa do navio. Hearth e Blitz ainda deviam estar dormindo lá embaixo. Ao leme, Mestiço tinha uma expressão azeda no rosto.

— O que foi? — perguntei a ele.

O berserker olhou para os penhascos como se pudessem desabar em cima de nós caso ele fizesse um comentário ruim.

— Nada. É lindo. Não mudou desde que eu era garoto.

— Fläm era sua cidade natal?

Ele soltou uma gargalhada amarga.

— Bom, não era exatamente uma cidade. E não se chamava Fläm naquela época. Era só um vilarejo de pesca sem nome no ponto mais extremo do fiorde. Você vai ver o local em um minuto.

Os nós dos dedos dele ficaram esbranquiçados no leme.

— Quando eu era garoto, mal podia esperar para sair daqui. Eu me juntei a Ivar, o Sem-Ossos, aos doze anos e virei viking. Disse para a minha mãe… — Ele ficou em silêncio. — Eu disse que só voltaria quando os bardos estivessem cantando sobre meus feitos heroicos. Eu nunca mais a encontrei.

O barco seguiu em frente, o som suave das cachoeiras ecoava pelo fiorde. Eu me lembrava do que Mestiço tinha me contado sobre não gostar de voltar, de revisitar o passado. Eu me perguntei se ele se sentia culpado por ter abandonado a mãe ou decepcionado porque os bardos não fizeram dele um grande herói. Ou talvez *tivessem* cantado sobre seus feitos. Até onde eu sabia, a fama era algo que raramente durava mais do que alguns anos, nunca séculos. Alguns einherjar em Valhala tornaram-se indivíduos amargurados ao perceber que ninguém nascido depois da Idade Média tinha ideia de quem eles eram.

— Você é famoso para nós.

Mestiço grunhiu.

— Eu posso pedir a Jacques para compor uma música sobre você.

— Que os deuses não permitam! — Ele franziu a testa, mas seu bigode tremeu como se ele estivesse tentando não sorrir. — Chega disso. Vamos atracar em breve. Keen, Fierro, parem de ficar babando pela paisagem e venham ajudar! Icem as velas! Preparem os cordames!

— Nós não somos suas empregadas, Gunderson — resmungou Mallory, mas ela e Alex fizeram o que ele pediu.

Após uma curva, fiquei sem ar mais uma vez. Um vale estreito separava as montanhas ao extremo do fiorde. Camadas e mais camadas de colinas verdes e florestas ziguezagueavam ao longe como um reflexo infinito. Na beirada rochosa, nas sombras dos penhascos, algumas dezenas de casas vermelhas, ocres e azuis se amontoavam, como se buscassem sua proteção. Um navio de cruzeiro maior do que a cidade toda, um hotel flutuante de vinte andares, estava atracado na doca.

— Ah, *isso* não estava aí antes — disse Mestiço.

— Turistas — supôs Mallory. — O que você acha, T.J.? São interessantes o suficiente para você querer lutar com eles?

T.J. inclinou a cabeça como se considerasse a ideia.

Decidi que talvez fosse uma boa hora para mudar o assunto da conversa.

— Então, lá em York — falei —, Hrungnir nos disse para pegar o trem em Fläm e então encontraríamos o que estávamos procurando. Alguém está vendo algum trem?

T.J. franziu a testa.

— Como alguém conseguiria botar trilhos em um terreno assim?

Parecia mesmo improvável, mas mesmo assim olhei a bombordo. Um carro se deslocava pela base de um penhasco. Fez uma curva fechada e desapareceu em um túnel, direto para dentro da montanha. Se os

noruegueses eram loucos o bastante para construir e dirigir em estradas assim, talvez fossem loucos para fazer estradas férreas.

— Vamos para a margem descobrir — sugeriu Alex. — Recomendo que paremos o mais longe possível daquele navio.

— Você não gosta de turistas? — perguntou Sam.

— Não é isso — disse Alex. — Mas tenho medo de que notem este barco viking amarelo e pensem que somos atração local. Você quer ficar guiando turistas pelo fiorde o dia todo?

Sam estremeceu.

— Bem pensado.

Entramos na doca mais distante do cruzeiro. Nossos únicos vizinhos eram dois barcos de pesca e um jet ski com o nome dúbio *Odin II* pintado na lateral. Eu achava suficiente a existência de *um* Odin. Não estava ansioso pela sequência.

Enquanto Mallory e Alex prendiam os cordames, eu analisei a cidade de Fläm. Era pequena, sim, embora mais complexa do que parecia, vista de longe. As ruas serpenteavam por colinas, passando por áreas de casas e lojas, se prolongando por uns oitocentos metros na beirada do fiorde. Eu achava que uma estação de trem seria fácil de ver, mas ali, da doca, não conseguia avistar nenhuma.

— Que tal a gente se separar? — sugeriu Mallory. — Cobriríamos uma área maior assim.

Franzi a testa.

— Isso nunca dá certo nos filmes de terror.

— Então você vem comigo, Magnus — disse Mallory. — Eu protejo você. — Ela franziu a testa para Mestiço Gunderson. — Mas me recuso a ficar com *esse* trapalhão de novo. Samirah, você é uma boa substituta. Quer vir com a gente?

O convite pareceu surpreender Sam, apesar de Mallory a estar tratando de maneira bem mais respeitosa desde o incidente com os cavalos d’água.

— Hã, é claro.

Mestiço fez uma careta.

— Por mim, tudo bem! Eu fico com Alex e T.J.

Mallory franziu as sobrancelhas.

— Você vai para terra firme? Achei que não fosse botar o pé…

— Bom, achou errado! — Ele piscou duas vezes, como se tivesse surpreendido a si mesmo. — Isto aqui não é mais minha cidade, é só uma parada turística qualquer! Que importância tem?

Ele não parecia muito seguro. Eu me perguntei se ajudaria oferecer trocar de equipe. Mallory tinha o dom de distrair Mestiço, e eu estaria disposto a trocá-la por… sei lá, Alex, talvez. Mas achava que ninguém mais iria curtir a ideia.

— E Hearthstone e Blitz? — perguntei. — A gente não devia acordar eles?

— Boa sorte com isso — disse Alex. — Os dois estão *apagados*.

— Você consegue dobrar o navio com eles dentro? — perguntou T.J.

— Não me parece seguro. Hearth e Blitz poderiam acordar e ver que estão presos em um lenço.

— Ah, vamos deixar os dois aqui — disse Mestiço. — Eles vão ficar bem. O lugar nunca foi perigoso, a não ser que você considere o tédio uma arma mortal.

— Vou deixar um bilhete — ofereceu Sam. — Que tal andarmos por aí por meia hora e nos reunirmos aqui de novo? Depois, supondo que alguém tenha encontrado o trem, podemos ir até lá juntos.

Concordamos que o plano tinha pouca possibilidade de uma morte violenta. Alguns minutos depois, Mestiço, T.J. e Alex seguiram em uma direção, enquanto Mallory, Sam e eu seguimos na oposta, para vagar pelas ruas de Fläm e procurar por um trem e uns inimigos interessantes para matar.

Trinta

Fläm, bomba, valeu, mãe

UMA SENHORA IDOSA não era o inimigo que eu tinha em mente.

Nós andamos uns três quarteirões no meio de um bando de turistas, passando por lojas vendendo chocolate e linguiça de alce e pequenos trolls de madeira de souvenir. (Era de se pensar que qualquer um que descendesse dos vikings saberia que criar *mais* trolls era uma péssima ideia.) Quando passamos por um mercadinho, Mallory segurou meu braço com força suficiente para deixar um hematoma.

— É *ela*. — Ela cuspiu a palavra como se fosse veneno.

— Quem? — perguntou Sam. — Onde?

Mallory apontou para uma loja chamada Detalhista do Tricô, onde turistas estavam babando pela exposição de rolos de fio de lã da produção local. (A Noruega conseguia oferecer algo para todos os gostos.)

— A mulher de branco — disse Mallory.

Eu avistei a pessoa de quem ela estava falando. No meio da multidão havia uma mulher idosa com ombros arredondados e uma corcunda. A cabeça se inclinava para a frente como se quisesse fugir do corpo. O suéter branco tricotado era tão peludo que parecia algodão-doce, e na cabeça havia um chapéu combinando que dificultava a visão do rosto dela. Pendurada em um dos braços havia uma bolsa cheia de rolos de lã e agulhas de tricô.

Não entendi o que chamou a atenção de Mallory. Eu conseguiria facilmente apontar dez outras pessoas do cruzeiro com aparência mais estranha. Mas então, a velha senhora olhou na nossa direção. Os olhos

brancos enevoados pareceram me perfurar, como se ela tivesse jogado as agulhas de tricô no meu peito como um ninja.

O grupo de turistas se moveu, envolvendo-a, e aquela sensação passou.

Engoli em seco.

— Quem era…?

— Venham! — disse Mallory. — Não podemos perdê-la de vista!

Ela foi na direção da loja. Samirah e eu nos entreolhamos preocupadas e fomos atrás.

Uma cidadã idosa vestida de algodão-doce não devia andar muito rápido, mas a mulher já estava a dois quarteirões de distância quando chegamos à loja. Nós corremos atrás dela, desviando de grupos de turismo, ciclistas e homens carregando caiaques. Mallory não nos esperou. Quando Sam e eu a alcançamos, ela estava agarrada a uma cerca de arame de um pequeno terminal de trens, xingando enquanto procurava sua presa perdida.

— Você encontrou o trem — notei.

Na plataforma, havia seis vagões antiquados e pintados de cores chamativas. Turistas estavam embarcando. Os trilhos saíam da estação e seguiam pelas colinas até a ravina.

— Onde ela está? — murmurou Mallory.

— *Quem* é ela? — perguntou Sam.

— Ali!

Mallory apontou para o último vagão, onde a vovó algodão-doce estava subindo.

— Nós precisamos de passagens — gritou Mallory. — Rápido!

— Nós temos que esperar os outros — disse Sam. — Combinamos com eles que nos encontraríamos…

— NÃO DÁ TEMPO!

Mallory quase assaltou Sam para pegar as coroas norueguesas. (O dinheiro tinha sido providenciado, claro, pela sempre solícita Alex.) Com

muitos xingamentos e gestos expansivos, Mallory conseguiu comprar três passagens na bilheteria da estação, então passamos voando pela catraca e subimos a bordo do último vagão na hora que as portas estavam se fechando.

O vagão estava quente, abafado e lotado de turistas. Quando o trem começou a subir a encosta, pensei que a última vez em que fiquei enjoado assim foi… Bem, no dia anterior, quando estava assando aquele coração de dragão em Álfaheim. Não ajudou o fato de eu captar ocasionalmente trechos de pios de pássaros do lado de fora, conversas que eu ainda conseguia entender, a maioria sobre onde encontrar as minhocas e os insetos mais suculentos.

— Tudo bem, Mallory, explique — exigiu Sam. — Por que estamos seguindo aquela senhora?

Mallory seguiu lentamente pelo corredor, olhando o rosto dos passageiros.

— Ela é a mulher que me fez morrer. Ela é Loki.

Sam quase caiu no colo de um velhinho.

— *O quê?*

Mallory contou a versão resumida da história que tinha me contado alguns dias antes: que havia armado um carro-bomba, se arrependido, recebido uma visita de uma velha que a convenceu a voltar e desarmar a bomba usando duas facas superúteis que acabaram sendo superinúteis. E depois, *ca-bum*.

— Mas *Loki*? — perguntou Sam. — Tem certeza?

Eu entendia a ansiedade de Sam. Ela estava treinando para enfrentar o pai, mas não esperava que acontecesse ali, hoje. Enfrentar Loki *não* era uma aula na qual se quisesse um teste surpresa.

— Quem mais poderia ser? — Mallory franziu a testa. — Ela não está aqui. Vamos para o próximo vagão.

— E se a gente encontrar ele? — perguntei. — Ou ela?

Mallory desembainhou uma das facas.

— Já falei. Aquela mulher me fez morrer. Pretendo retribuir o favor.

No vagão seguinte, turistas se espremiam nas janelas para tirar fotos das ravinas, das cachoeiras e dos vilarejos pitorescos. Fazendas se espalhavam pelo vale em pequenas áreas quadradas. Montanhas projetavam sombras como o ponteiro de relógios solares. Toda vez que o trem fazia uma curva, a vista parecia mais bonita do que a anterior.

Samirah e eu parávamos toda hora, impressionados com a paisagem lá fora, mas Mallory não tinha interesse em coisas bonitas. A senhora também não estava no segundo vagão, então seguimos em frente.

No vagão seguinte, na metade do corredor, Mallory parou. As últimas duas fileiras da direita estavam organizadas em uma espécie de cantinho de socialização, com três assentos virados para trás e três para a frente. O restante do vagão estava lotado de gente, mas aquele cantinho estava vazio exceto pela velha. Ela estava virada na nossa direção, cantarolando baixinho enquanto tricotava, sem prestar atenção à vista e nem a nós.

Mallory trincou os dentes.

— Espere. — Sam segurou o braço dela. — Tem vários mortais neste trem. Que tal pelo menos *confirmarmos* que essa mulher é Loki antes de começarmos a matar e destruir tudo?

Se *eu* tivesse falado isso, acho que Mallory teria me acertado com o cabo da faca bem na virilha. Como foi Sam que pediu, ela embainhou a lâmina.

— Tudo bem — disparou ela. — Vamos tentar conversar com ela primeiro. *Depois*, vou matá-la. Feliz?

— Extasiada — disse Sam.

Isso não descrevia meu humor. Tenso e confuso chegavam mais perto. Mas segui as garotas quando se aproximaram da senhora de branco.

Sem levantar o olhar da peça de tricô, ela disse:

— Oi, queridos! Sentem-se, por favor.

A voz dela me surpreendeu. Era jovem e aveludada, como uma locutora de rádio de uma estação de propaganda em tempos de guerra tentando convencer soldados inimigos de que estava do lado deles.

Era difícil ver o rosto dela, e não só por causa do chapéu de abas largas. As feições cintilavam com uma luz branca enevoada, como o suéter. Ela parecia ter todas as idades ao mesmo tempo: menina, adolescente, mulher, senhora, todos os rostos existindo no presente como camadas de uma cebola transparente. Talvez ela não tivesse conseguido decidir qual *glamour* usar hoje e acabou usando todos.

Eu olhei para os meus amigos. Fizemos uma votação silenciosa.

Sentar?, perguntei.

Matar?, perguntou Mallory.

Sentar, ordenou Sam.

Nós nos sentamos nos três bancos na frente da senhora. Fiquei de olho nas agulhas, esperando que ela fizesse algum movimento abrupto e nos empalasse com elas, mas a mulher apenas continuou trabalhando na lã branca felpuda, fazendo o que parecia um cachecol de algodão-doce.

— E então? — disse Mallory com rispidez. — O que você quer?

A velha senhora riu com reprovação.

— Minha querida, isso é jeito de me tratar?

— Eu devia tratar você pior, Loki — rosnou Mallory. — Você me fez morrer!

— Mallory — disse Sam. — Não é o Loki.

O alívio na voz dela estava óbvio. Eu não tinha certeza de como Sam sabia, mas torcia para ela estar certa. Não havia espaço naquele vagão para brandir uma lança ardente de luz ou uma espada cantante.

O rosto de Mallory ficou vermelho.

— O que você quer dizer com *não é o Loki*?

— Mallory Audrey Keen — repreendeu a mulher. — Você realmente achou durante todos esses anos que eu era *Loki*? Que vergonha. Poucos

seres nos nove mundos odeiam Loki tanto quanto eu.

Considerei isso uma boa notícia, mas quando fitei os olhos de Sam, percebi que ela tinha a mesma pergunta: *Audrey?*

Mallory tocou o cabo das facas como uma esquiadora se aproximando de um salto difícil.

— Você estava lá em Belfast — insistiu ela. — Em 1972. Você me deu essas facas inúteis, me falou para voltar correndo e desarmar a bomba naquele ônibus escolar.

Sam ofegou.

— Ônibus escolar? Você escolheu um ônibus escolar?

Mallory se esforçou para evitar nosso olhar. O rosto dela estava da cor de suco de cereja.

— Não sejam duros demais com ela — pediu a senhora. — Disseram para Mallory que o ônibus estaria cheio de soldados, não de crianças. Era dia vinte e um de julho. O Exército Republicano Irlandês estava plantando bombas por toda Belfast contra os britânicos; olho por olho, dente por dente, como costuma ser. Os amigos de Mallory queriam participar.

— Dois dos meus amigos tinham sido baleados pela polícia no mês anterior — murmurou Mallory. — Tinham quinze e dezesseis anos. Eu queria vingança. — Ela olhou para a frente. — Mas Loki era um dos rapazes na nossa gangue naquele dia. *Tinha* que ser. Eu ouço a voz dele desde então, me provocando nos meus sonhos. Sei como o poder dele pode seduzir…

— Ah, sim. — A velha continuou tricotando. — E você está ouvindo a voz dele agora?

Mallory piscou.

— Eu… acho que não.

A mulher sorriu.

— Você está certa, querida. Loki *estava* lá naquela sexta-feira, disfarçado de um de vocês, incitando seus amigos para ver quanto caos

podia criar. Você era a mais furiosa do grupo, Mallory, a única que não falava só da boca pra fora. Ele sabia como manipular você.

Mallory encarou o piso de madeira. Ela oscilou com o sacolejar do trem. Às nossas costas, turistas ofegavam de admiração a cada vez que uma nova vista aparecia.

— Hã, senhora?

Eu não costumava me intrometer em conversas com mulheres divinas apavorantes, mas me sentia mal por Mallory. Apesar do que tinha feito no passado, ela parecia estar encolhendo com as palavras da mulher. Eu me lembrava dessa sensação muito bem do meu sonho mais recente com Loki.

— Se a senhora não é Loki, o que é ótimo, aliás, então quem é? Mallory disse que a senhora também estava lá no dia que ela morreu. Depois que ela armou a bomba, você apareceu e disse…

A intensidade do olhar da mulher me fez grudar na cadeira. Dentro das íris brancas, pupilas douradas brilhavam como pequenos sóis.

— Eu falei para Mallory aquilo de que ela já desconfiava — disse a mulher. — Que o ônibus estaria cheio de crianças e que ela tinha sido enganada. Eu a encorajei a seguir a própria consciência.

— Você me fez morrer! — exclamou Mallory.

— Eu te incentivei a se tornar uma heroína, Mallory — explicou a mulher calmamente. — E você se tornou uma. O IRA explodiu cerca de vinte outras bombas em Belfast no dia 21 de julho de 1972. Esse dia ficou conhecido como Sexta-Feira Sangrenta. Quão pior teria sido se você não tivesse agido?

Mallory franziu a testa.

— Mas as facas…

— … foram um presente meu para você — interrompeu ela —, para que morresse com lâminas nas mãos e fosse para Valhala. Eu acreditava que seriam úteis para você um dia, mas…

— *Um dia?* — perguntou Mallory. — Você podia ter mencionado essa parte antes de eu explodir tentando cortar os fios de uma bomba com elas!

A testa franzida da mulher pareceu emergir pelas camadas de idade, a menina, a mulher e, por fim, a velha.

— Meus poderes de profecia são de curto alcance, Mallory. Só consigo ver o que vai acontecer em vinte e quatro horas, mais ou menos. É por isso que estou aqui. Você vai precisar dessas facas. *Hoje*.

Sam se empertigou.

— Quer dizer… para nos ajudar a pegar o hidromel de Kvásir?

A mulher assentiu.

— Você tem bons instintos, Samirah al-Abbas. As facas…

— Por que deveríamos ouvir você? — perguntou Mallory. — O que quer que você nos mande fazer provavelmente vai nos matar!

A mulher colocou as agulhas de tricô sobre o colo.

— Querida, eu sou a deusa da previsão e do futuro imediato. Eu nunca diria a você o que fazer. Só estou aqui para dar as informações de que você precisa para fazer a melhor escolha. Quanto a por que você devia me ouvir, espero que me ouça porque eu te amo.

— *VOCÊ ME AMA?* — Mallory olhou para nós sem acreditar, como quem diz: *Vocês estão ouvindo essa maluquice?* — Eu nem sei quem você é!

— Claro que sabe, querida.

A forma da mulher tremulou. À nossa frente surgiu uma mulher de meia-idade de beleza majestosa, o cabelo comprido da mesma cor do de Mallory, dividido em duas tranças que caíam pelos ombros. O chapéu se tornou um elmo de guerra de metal branco, cintilando e tremeluzindo como gás néon. O vestido branco parecia feito do mesmo material, só que trançado em dobras suaves. Na bolsa de tricô, a lã tinha se tornado bolas rodopiantes de névoa. A deusa, percebi, estava tricotando com nuvens.

— Sou Frigga, rainha dos aesires — disse ela. — E sou sua mãe, Mallory Keen.

Trinta e um

Mallory ganha uma noz

VOCÊS SABEM COMO é. Você está lá, cuidando da própria vida, passeando de trem por uma ravina da Noruega, quando uma velhinha com agulhas de tricô se apresenta como sua mãe divina.

Se eu ganhasse uma coroa norueguesa toda vez que isso acontecia…

Quando Frigga deu a notícia, o trem parou de repente como se a própria locomotiva estivesse perguntando *COMO É?*

Pelos alto-falantes, um anúncio soou em inglês: alguma coisa sobre uma ótima oportunidade para tirar fotos de uma cachoeira. Não sei por que isso merecia uma parada, pois já tínhamos passado por umas cem cachoeiras lindas, mas todos os turistas se levantaram e saíram do vagão até ficarmos sozinhos: só Sam, Mallory, eu e a Rainha do Universo.

Mallory estava paralisada havia uns vinte segundos. Quando o corredor ficou vazio, ela se levantou de supetão e marchou até o fim do vagão, mas então pareceu decidir voltar e gritar para Frigga:

— Ninguém normal ANUNCIA uma coisa dessas do NADA!

Gritar com uma deusa não é uma boa ideia de modo geral. Você corre o risco de ser empalado, eletrocutado ou devorado por felinos gigantescos. (É coisa da Freya. Não perguntem.) Mas Frigga não pareceu se incomodar. Sua calma me fez questionar como ela podia ser a mãe da Mallory.

Agora que a aparência de Frigga tinha se firmado em uma imagem clara, eu vi cicatrizes leves sob os olhos brancos e dourados, marcando as bochechas como lágrimas. Em um rosto divinamente perfeito, as marcas

eram incômodas, principalmente porque me lembravam outra deusa com cicatrizes similares: Sigyn, a estranha esposa muda de Loki.

— Mallory — disse Frigga. — Filha…

— Não me chame assim.

— Você sabe que é verdade. Desconfiava havia anos.

Samirah engoliu em seco, como se nos últimos minutos tivesse esquecido como engolir.

— Espere. Você é Frigga. Esposa de Odin. A sra. Odin. *A* Frigga.

A deusa riu.

— Até onde sei, querida, sou a única Frigga. Não é um nome muito popular.

— Mas… *ninguém* nunca vê você. — Sam tateou as roupas como se estivesse procurando uma caneta para pedir um autógrafo. — Quer dizer… *nunca*. Não conheço uma única valquíria ou um único einherji que tenha conhecido você. E Mallory é sua *filha*?

Mallory ergueu as mãos.

— Pode parar de dar ataque de fangirl, valquíria?

— Mas você não vê…?

— … mais um parente pilantra? Vejo, sim. — Keen fechou a cara para a deusa. — Se você é minha mãe, não é muito melhor do que meu pai.

— Ah, criança. — A voz de Frigga ficou pesada. — Seu pai não era tão ruim como quando você o conheceu. Sinto muito por você nunca ter visto ele da forma que eu vi, antes da bebida e dos ataques de raiva.

— Ah, teria sido incrível. — Mallory piscou os olhos avermelhados. — Mas, como você pediu desculpas, tudo está perdoado!

— Mallory — repreendeu Sam —, como você pode ser tão insensível? Ela é sua *mãe*. Frigga é sua mãe!

— É, eu ouvi.

— Mas… — Sam balançou a cabeça. — Isso é *bom*!

— Sou eu quem decido isso.

Mallory se sentou na cadeira, cruzou os braços e franziu a testa para as nuvens na bolsa de tricô da mãe.

Eu tentei identificar as similaridades entre mãe e filha. Fora o cabelo ruivo, não consegui. A presença de Frigga era gentil e leve como suas nuvens brancas. Irradiava calma, tranquilidade e melancolia. Mallory estava mais para um redemoinho; agitação e fúria. Apesar do elmo de guerra da deusa, eu não conseguia imaginar Frigga brandindo duas facas, assim como não conseguia imaginar Mallory sentada em silêncio, tricotando um cachecol de nuvem.

Eu entendia por que Mallory estava com raiva. Mas também entendia o anseio na voz de Samirah. Sam e eu tínhamos perdido nossas mães. Daríamos qualquer coisa para tê-las de volta. *Ganhar* uma mãe, mesmo uma que tivesse esperado mais de cinquenta anos para se revelar… Não era de se jogar fora à toa.

Do lado esquerdo do trem, uma música entrou pelas janelas abertas. Em algum lugar próximo, uma mulher estava cantando.

Frigga inclinou a cabeça.

— Ah… É só uma cantora mortal cantando para os turistas. Ela está fingindo ser um espírito da cachoeira. Mas não é uma *nøkk* de verdade.

Estremeci.

— Que bom.

— É bom mesmo — disse Frigga. — Vocês já vão enfrentar muitos desafios hoje com os escravos do gigante.

Sam se inclinou para a frente.

— Escravos?

— Infelizmente, sim — respondeu Frigga. — Os escravos do gigante Baugi protegem o hidromel. Para derrotá-los, vocês vão precisar da pedra que está com minha filha.

A mão de Mallory foi até o bolso do casaco. Eu tinha esquecido que ela estava carregando a pedra de amolar. Aparentemente, ela também.

— Não gosto da ideia de lutar com escravos — retrucou Mallory. — Também não gosto que você fique me chamando de *filha*. Você não conquistou esse direito. Ainda não. Talvez nunca.

Nas bochechas de Frigga, as cicatrizes de lágrimas cintilaram como veias prateadas.

— Mallory… *nunca* é muito tempo. Eu aprendi a não tentar olhar tão longe no futuro. Sempre que tento… — Ela suspirou. — Há apenas tragédias, como o que aconteceu com meu pobre filho Balder.

Balder, pensei. *Quem era Balder mesmo?* Para lidar com deuses nórdicos, eu realmente precisava de um livreto com figurinhas coloridas e brilhantes de todos os jogadores, junto com as estatísticas da temporada.

— Ele morreu? — eu chutei.

Sam me cutucou, apesar de eu achar que era uma pergunta perfeitamente legítima.

— Ele era o mais lindo dos deuses — explicou Sam. — Frigga sonhou com o dia de sua morte.

— Então tentei impedir. — Frigga pegou as agulhas. Ela deu um ponto de vapor de nuvem. — Fiz com que tudo nos nove mundos prometesse não fazer mal ao meu filho. Pedi a cada tipo de pedra. A cada tipo de metal. Pedi à água salgada e à água doce. Ao ar. Até ao fogo. O fogo foi difícil de convencer. Mas tem muitas, muitas coisas nos nove mundos. Perto do final… eu admito que fiquei cansada e distraída. Negligenciei uma plantinha, o visgo. Quando percebi meu furo, pensei: *Ah, não importa. O visgo é pequeno demais e insignificante demais para fazer mal a Balder.* Mas então, claro, Loki descobriu…

— Eu me lembro dessa parte — disse Mallory, ainda olhando para o saco de nuvens. — Loki enganou um deus cego e fez com que ele matasse Balder com um dardo de visgo. O que quer dizer que Loki assassinou… meu irmão.

Mallory saboreou a palavra, experimentando-a. Pela expressão dela, concluí que não gostou.

— Então, *mamãe querida*, você falha espetacularmente com todos os filhos? Eu achava que era especial.

Frigga franziu a testa, e uma nuvem de tempestade pareceu escurecer as íris brancas. Desejei que os assentos fossem maiores para eu poder me afastar de Mallory.

— A morte de Balder foi uma lição difícil — disse a deusa. — Eu aprendi que até a rainha dos aesires tem limites. Se me concentrar, consigo desvendar o destino de qualquer ser vivo. Consigo até manipular o *wyrd*, até certo ponto. Mas *apenas* em curto prazo; vinte e quatro horas, às vezes menos. Se tentar olhar além, se tentar avaliar o destino mais distante de alguém…

Ela separou as agulhas. O tricô se desfez em filetes de vapor.

— Você pode me odiar, Mallory — continuou Frigga. — Mas é doloroso demais para mim visitar meus filhos, ver o que vai acontecer com eles e não poder impedir. É por isso que eu só apareço em ocasiões em que *sei* que posso fazer diferença. Hoje, para você, é uma dessas vezes.

Mallory parecia estar em dúvida: continuar com raiva ou saciar a curiosidade?

— Tudo bem, desisto — cedeu ela. — Qual é meu futuro?

Frigga apontou pela janela à nossa direita. Minha visão se projetou em zoom pelo vale. Se eu não estivesse sentado, teria caído. Achei que Frigga estava aprimorando meus sentidos, me dando uma clareza momentânea de nível Heimdall.

Na base de uma montanha de granito, uma saliência na rocha dividia uma cachoeira como se fosse a proa de um navio. No centro da pedra, entre duas cortinas brancas de água e espuma, eu notei um par enorme de portas de ferro. E na frente dessas portas, em uma faixa de terra entre os rios, havia um campo de trigo. Nove homens corpulentos, usando coleiras

de ferro e tangas, trabalhavam no campo, balançando as foices como um esquadrão de ceifadores.

Minha visão voltou ao normal. Ao olhar pelo vale, agora eu só conseguia ver o ponto em que a cachoeira se bifurcava, a talvez uns quinze quilômetros dali.

— É para lá que vocês devem ir — disse Frigga. — Basta seguir esta trilha.

Ela apontou para a base dos trilhos do trem. Abaixo da janela, uma faixa de cascalho ziguezagueava pela encosta. Chamar de *trilha* era generosidade. Eu teria chamado de *queda mortal.*

— Hoje, Mallory — anunciou a deusa —, você vai precisar dessas facas e da sua inteligência. Você é a chave para obter o hidromel de Kvásir.

Mallory e Sam pareciam enjoadas. Achei que elas também tinham experimentado gratuitamente a visão de Heimdall.

— Que tal ser um pouco mais vaga? — comentou Mallory.

Frigga deu um sorriso triste.

— Você tem o espírito ardente do seu pai, querida. Espero que consiga dominá-lo e usá-lo como ele não conseguiu. Você tem tudo de que precisa para pegar o hidromel, mas tem um último presente que posso dar a você, uma coisa que vai ajudar quando finalmente enfrentarem Loki. Como aprendi quando subestimei o visgo… até as menores coisas podem fazer uma enorme diferença.

Ela enfiou a mão na sacola e tirou uma esfera pequena, marrom e murcha… Uma castanha? Uma noz? Uma das grandes. Ela abriu as duas metades e mostrou que a casca estava vazia, depois as fechou de novo.

— Se Magnus derrotar Loki nos insultos, vocês podem aprisionar aquele traiçoeiro nesta casca.

— Espera, *se*? — perguntei. — Você não consegue ver meu futuro?

A deusa fixou o olhar branco e vazio em mim.

— O futuro é frágil, Magnus Chase. Às vezes, revelar o destino de uma pessoa pode bastar para esse destino se estilhaçar.

Engoli em seco. Parecia que um tom agudo estava reverberando nos meus ossos, pronto para quebrá-los como vidro.

— Tudo bem. Não quero estilhaçar nada.

— Se você derrotar Loki — continuou Frigga —, traga ele de volta para os aesires e vamos lidar com aquele trapaceiro.

Pelo tom da voz de Frigga, eu duvidava que os aesires planejassem dar a Loki uma festa de boas-vindas.

Ela jogou a noz.

Mallory a pegou com a ponta dos dedos.

— Meio pequena para um deus, não é?

— Não vai ser, se Magnus conseguir — disse Frigga. — O navio *Naglfar* ainda não zarpou. Vocês têm pelo menos vinte e quatro horas. Talvez quarenta e oito. Depois disso…

O sangue latejava nos meus ouvidos. Eu não via como poderíamos fazer tudo que precisávamos fazer em dois dias, muito menos em um. Eu *definitivamente* não via como podia insultar Loki até ele ficar do tamanho de uma noz.

O apito do trem soou, um som suplicante como o de um pássaro chamando o companheiro morto. (Podem acreditar, eu entendo cantos de pássaros.) Os turistas começaram a voltar para o trem.

— Eu tenho que ir — disse Frigga. — E vocês também.

— Você *acabou de chegar*. — A careta de desprezo de Mallory aumentou. Sua expressão ficou mais dura. — Mas tudo bem. Você que sabe. Vá embora.

— Ah, querida… — Os olhos de Frigga ficaram enevoados, a luz diminuindo nas pupilas douradas. — Eu nunca estou longe, mesmo você não me vendo. Nós vamos nos encontrar de novo… — Uma nova lágrima escorreu pelo caminho marcado na bochecha esquerda. — Até lá, confie

em seus amigos. Você está certa: eles são mais importantes do que qualquer item mágico. E aconteça o que acontecer, quer você escolha acreditar ou não, eu te amo.

A deusa se dissolveu, com sacola de tricô e tudo, deixando uma camada de condensação na cadeira.

Os turistas voltaram para o vagão. Mallory ficou olhando para a marca úmida deixada pela mãe divina, como se torcesse para que as gotas de água pudessem se reconstituir em uma coisa que fizesse sentido: um alvo, um inimigo, até mesmo uma bomba. Uma mãe que aparecia do nada e declarava *eu te amo*, isso era algo que nenhuma faca, nenhuma inteligência e nenhuma casca de noz podia ajudá-la a conquistar.

Eu me perguntei se podia dizer alguma coisa que a fizesse se sentir melhor. Mas duvidava muito. Mallory respeitava ações, não papo-furado.

Aparentemente, Sam chegou à mesma conclusão.

— A gente tem que ir — disse ela —, antes que…

O trem começou a se mover. Infelizmente os turistas ainda estavam indo para seus assentos, bloqueando o corredor. Nós nunca conseguiríamos abrir caminho até a porta antes que o trem voltasse à velocidade máxima e deixasse a trilha da montanha para trás.

Sam olhou para a janela aberta à nossa direita.

— Que tal outra saída?

— Isso é suicídio — afirmei.

— Típico — corrigiu Mallory.

Ela foi na frente e pulou pela janela de um trem em movimento.

Trinta e dois

Mallory também ganha umas amoras

NÃO ME ENTENDAM mal.

Mas é que, se você vai cair do alto de uma montanha, a Noruega é um ótimo lugar para isso. Ao longo da queda, deslizamos por belas fontes d'água, quicamos em árvores majestosas, despencamos por escarpas imponentes e escorregamos por áreas de flores perfumadas. Em algum lugar à minha esquerda, Mallory Keen xingava em gaélico, enquanto Samirah, atrás de mim, gritava:

— Magnus, me dá sua mão! Magnus!

Eu não via onde ela estava, por isso não tive como obedecer. E também não estava entendendo por que ela queria ficar de mãos dadas enquanto mergulhávamos para a morte.

Fui lançado de uma crista, o impacto amortecido num abeto, e caí rolando numa ladeira menos íngreme até finalmente parar com a cabeça numa coisa fofa e quente. Através da névoa de dor, vi, logo acima de mim, a cara branca e marrom de um bode.

— Otis? — balbuciei.

Béééé, respondeu o bode.

E eu entendi. Não porque ele fosse Otis, o bode falante de Thor, mas porque, àquela altura, balidos de bodes comuns eram tão compreensíveis para mim quanto pios de pássaros. O bode tinha dito: *Não, seu burro. Meu nome é Theodore. E minha barriga não é travesseiro.*

— Desculpa — murmurei.

Então ele se levantou e saiu andando, levando embora meu confortável apoio de cabeça.

Eu me sentei, grunhindo. Dei uma conferida geral em mim mesmo e não encontrei nenhum osso quebrado. Incrível. Frigga realmente conhecia os melhores caminhos para despencar em velocidades letais.

Samirah surgiu descendo do céu, o hijab verde ondulando em volta do rosto.

— Magnus, não me ouviu chamando? Você não precisava *cair*! Eu ia trazer vocês até aqui *voando*.

— Ah. — Aquele momento constrangedor em que você acabou de pular de uma janela porque sua amiga pulou da janela, mas então você lembra que sua outra amiga pode voar. — Agora tudo faz sentido. Cadê a Mallory?

— *Cailleach!* — gritou ela ali por perto.

Reconheci a palavra: era *bruxa* ou *megera* em gaélico, que ela devia estar usando como apelido carinhoso para a recém-descoberta entidade materna. Caso estejam curiosos, a palavra se pronuncia: *qui*... — e aí você dá aquela escarrada das fortes. Tenta em casa, pessoal! É divertido!

Por fim, vi Mallory. Estava meio que camuflada num pé de amora, a cabeça presa entre dois galhos, as roupas cobertas de folhagem com seus espinhos cravados. Estava pendurada de cabeça para baixo, o braço esquerdo dobrado num ângulo estranho.

— Aguenta aí! — gritei, o que, pensando bem, foi uma coisa estúpida de se dizer, pois obviamente ela não iria a lugar algum.

Depois que Sam e eu conseguimos tirá-la de sua nova amiga frutífera, invoquei o poder de Frey e curei mil pequenos cortes em Mallory e seu osso fraturado, apesar de não ter remédio que curasse seu orgulho ferido nem seu mau humor.

— Melhor? — perguntei.

Ela cuspiu uma folha.

— Em comparação a cinco minutos atrás? Sim. Em comparação a hoje de manhã, quando eu não sabia que aquela *cailleach* era minha mãe? Nem tanto.

Mallory pegou a noz do bolso. Tinha deixado um hematoma na coxa dela durante a queda, mas a casca estava intacta. Ela reagiu como se aquilo fosse uma afronta pessoal: enfiou a noz no casaco junto com a pedra de amolar, murmurando vários insultos aos ancestrais da noz.

Sam chegou a erguer o braço para dar tapinhas no ombro de Mallory, mas pensou melhor e desistiu.

— Eu… eu sei que você está com raiva.

— Ah, é? — retrucou Mallory. — Deu pra notar?

— Mas… *Frigga* — disse Sam, como se o nome fosse por si só uma dissertação completa, com três argumentos por parágrafo e uma conclusão —, você vê as semelhanças, não vê?

Mallory flexionou o braço curado.

— E que semelhanças seriam essas, valquíria? Cuidado com o que vai dizer.

Sam ignorou a ameaça.

— Frigga é o poder por trás do trono! — explicou ela, transbordando admiração. — Odin é o rei, mas ele está sempre viajando. Frigga manda e desmanda em Asgard. Sem ninguém nem perceber. Não se lembra daquela história de quando Odin foi exilado?

Ao perguntar isso, Sam olhou para mim em busca de apoio.

Eu não fazia a menor ideia do que ela estava falando.

— Lógico — respondi. — Claro que lembro.

Sam apontou para mim como quem diz: *Viu? O Magnus já sacou tudo!*

— Vili e Ve, os irmãos de Odin, assumiram o poder na ausência dele — continuou Sam. — Mas, para isso, tiveram que se casar com Frigga. Reis diferentes, mesma rainha. Tudo seguiu bem em Asgard porque quem estava no comando era Frigga.

Mallory fechou a cara.

— Está dizendo que sou parecida com a minha mãe porque estou disposta a ficar com qualquer um em troca de poder?

— Não! — exclamou Sam, corando. — Estou dizendo que Frigga está sempre operando dos bastidores, nunca é vista, mas ela é o cimento que une os aesires.

Mallory bateu o pé, com raiva.

— Agora eu sou um cimento que todo mundo ignora.

— Estou dizendo que você é como sua mãe porque você é a Frigga do andar dezenove. T.J. e Mestiço nunca teriam ficado amigos se não fosse por você. Eles se odiavam.

Aquilo era novidade para mim.

— Sério?

— Tem razão — murmurou Mallory. — Quando eu cheguei… Argh. Eles eram insuportáveis. Quer dizer, ainda *mais* insuportáveis do que são hoje.

— Exatamente — disse Sam. — Você fez deles uma *equipe*. Depois disso, quando Odin se disfarçou de einherji, você acha que foi *por acaso* que ele foi morar no seu andar? Você é a agente escolhida de Frigga em Valhala. O Pai de Todos queria ver você de perto.

Eu não pensava nisso havia um tempo. Quando cheguei a Valhala, Odin estava morando com a gente no andar dezenove disfarçado de X, o meio troll. X gostava de cachorros, era bom nas batalhas e não curtia muito papo. Eu gostava bem mais de Odin naquela forma.

— Hum — grunhiu Mallory. — Você acredita mesmo que seja isso?

— Acredito. E quando Magnus chegou, onde ele foi parar? Na *sua* equipe. Foi a mesma coisa com Alex. E comigo. — Sam abriu os braços. — Então, desculpe por ficar babando quando conheci Frigga, mas ela *sempre* foi minha aesir favorita. Ela é meio que a *anti*Loki, mantém a ordem enquanto ele bagunça tudo. E agora que sabemos que você é filha

dela… bom, faz todo o sentido para mim. Fico ainda mais honrada de lutar ao seu lado.

Dessa vez foi Mallory quem corou, mas não parecia ser de raiva.

— Bom, valquíria, você tem a lábia do seu pai. Não vejo motivo para te matar pelo que disse.

Esse era o jeito de Mallory de agradecer.

Sam inclinou a cabeça.

— Então podemos ir procurar o hidromel de Kvásir?

— Mais uma coisa — falei, porque não consegui me conter. — Mallory, se seu nome do meio é Audrey, suas iniciais são *M.A.K.*…

Ela levantou o indicador.

— Não fale, Zé-Ninguém.

— A gente vai chamar você de Mac agora.

Mallory bufou.

— Meus amigos de Belfast me chamavam assim. *O tempo todo*.

Não era um *não*, então concluí que tínhamos permissão para usar o apelido.

Passamos uma hora andando pelo vale. Sam tentou mandar uma mensagem para Alex, para avisar que estávamos bem, mas não conseguiu sinal. Aposto que o deus nórdico do celular tinha decretado *NÃO TERÁS NEM UMA BARRINHA DE SINAL!* e agora estava rindo da nossa cara.

Pegamos uma ponte de madeira que estalava acima de corredeiras, cruzamos um pasto cheio de bodes que não eram Otis. A escuridão gélida deu lugar ao sol escaldante conforme seguíamos a trilha, entrando e saindo de bosques e mais bosques. O tempo todo, eu tentei como pude ignorar as vozes dos pássaros, esquilos e bodes, que não tinham nada de bom a dizer sobre nossa presença no território deles. Seguíamos devagar rumo à cachoeira bifurcada que tínhamos visto do trem. Mesmo naquela vastidão seria um ponto fácil de encontrar.

Paramos em um momento para almoçar algumas frutas secas que Mallory por acaso tinha consigo e algumas amoras silvestres, regadas à água de um riacho tão gelada que os dentes doíam. Sam não comeu, claro. Só fez sua oração do meio-dia, sobre o tapete verde de grama fofa.

Preciso fazer um comentário sobre o ramadã: ajudava a reduzir o impulso de reclamar. Sempre que eu começava a achar que as coisas estavam difíceis para mim, eu lembrava que Samirah estava fazendo o mesmo que eu, mas sem comer nada nem beber água.

Subimos pela outra encosta do vale, nos guiando pelos rios gêmeos da cachoeira. Quando finalmente estávamos nos aproximando da queda d'água, começamos a ouvir os fortes sons ásperos que ecoavam por cima do cume à nossa frente: *rrrrrr, rrrrrr, rrrrrr*, como lixa de metal raspando tijolo.

Naquele momento, me lembrei da visão que Frigga nos mostrara, de nove caras corpulentos com foices. Pensei: *Magnus, se aqueles caras estiverem depois daquela colina, é melhor você ter um plano.*

— Gente, quem são esses guardiões que vamos enfrentar mesmo? — perguntei às meninas.

Mallory secou a testa. A jornada pelo vale não tinha sido piedosa com sua pele clara. Se chegássemos vivos ao fim do dia, ela estaria com uma grave insolação.

— Como eu disse, eles são escravos. Os que vamos enfrentar… tenho quase certeza de que são gigantes.

Tentei associar isso ao que eu sabia sobre gigantes, o que, devo admitir, não era muito.

— Então… gigantes escravizam outros gigantes?

Sam fez cara de nojo.

— O tempo todo. Os humanos acabaram com isso séculos atrás…

— Há quem discorde disso — resmungou Mallory.

— É verdade — concordou Sam. — O que eu quero dizer é que os gigantes agem como os vikings agiam. Clãs entram em batalha uns contra os outros. Eles fazem prisioneiros de guerra e os declaram sua propriedade. Às vezes os escravos conseguem conquistar liberdade, às vezes não. Depende do dono.

— Então talvez a gente possa libertar esses caras — sugeri. — Trazer eles para o nosso lado.

Mallory deu um riso de deboche.

— Guardiões invencíveis do hidromel… A não ser que você ofereça a liberdade a eles, aí é moleza!

— Só estou dizendo que…

— Não vai ser tão fácil, Zé-Ninguém. Vamos parar de sonhar e começar a lutar.

Ela foi na frente, em direção ao topo da colina. Aquela era uma atitude só um pouquinho menos perigosa do que saltar de um trem em movimento.

Trinta e três

Nós elaboramos um plano horrivelmente fabuloso

ESTRATÉGIA PRA QUÊ?

Subimos a colina e nos vimos na beirada de um campo de trigo de vários hectares. O trigo era mais alto do que nós, o que seria perfeito para passarmos despercebidos se os caras que estavam trabalhando no campo não fossem ainda mais altos: nove gigantes, todos com foices. O grupo me lembrava a fase de um jogo de videogame que joguei com T.J. uma vez, mas não tinha desejo de tentar encarar aquela aventura usando meu corpo real.

Cada escravo tinha uma coleira de ferro no pescoço. Fora isso, eles não ostentavam nada além de tangas e um montão de músculos. A pele cor de bronze, o cabelo desgrenhado e a barba pingavam de suor. Apesar do tamanho e da força, pareciam ter dificuldade de cortar o trigo. A passagem das lâminas fazia as plantas se inclinarem e produzirem um som igual ao de uma gargalhada antes de voltarem à posição original. A infelicidade dos escravos parecia quase tão grande quanto o seu fedor… e eles tinham um fedor como o das sandálias de Mestiço Gunderson.

Além do campo de trigo ficava a cachoeira bifurcada. Na face do penhasco havia um par de portas de ferro enormes.

Antes de dar tempo de dizer *Droga, Mallory*, o escravo mais próximo, que tinha uma cabeleira ruiva mais impressionante que a da srta. Keen, farejou o ar, se empertigou e se virou para nós.

— Ho, ho!

Os outros oito pararam de trabalhar e se viraram para nós, acrescentando “Ho, ho! Ho, ho! Ho, ho!” como um bando de aves estranhas.

— O que temos aqui? — perguntou o escravo ruivo.

— O que será? — perguntou outro, com um rosto tatuado impressionante.

— O que será? — perguntou um terceiro, talvez para o caso de não termos ouvido o tatuado.

— Vamos matar todos? — perguntou o ruivo aos colegas.

— É, provavelmente — concordou o tatuado.

— Esperem! — gritei antes que pudessem fazer uma votação, que eu tinha a sensação de que seria unânime. — Viemos por um motivo muito importante…

— … que *não* envolve nossa morte — acrescentou Sam.

— Bem pensado, Sam!

Eu assenti vigorosamente, e os escravos assentiram junto, aparentemente impressionados com a minha seriedade.

— Conte para eles por que estamos aqui, Mac!

Mallory me lançou seu olhar padrão de “vou te estripar depois com as minhas facas”.

— Bom, Zé-Ninguém, nós estamos aqui para… para ajudar esses gentis cavalheiros!

O jötunn mais próximo, o ruivo, franziu a testa para a foice. A lâmina curva de ferro estava quase tão corroída quanto Jacques quando eu o tirei do rio Charles.

— Não sei como vocês poderiam ajudar — retrucou o ruivo. — A não ser que façam a colheita para nós. Nosso mestre só nos deu lâminas cegas.

Os outros murmuraram em concordância.

— E os caules do trigo são duros como pedra! — bradou o tatuado.

— E tem mais! — disse outro escravo. — O trigo volta a crescer assim que cortamos! Só podemos descansar quando todo o trigo estiver cortado, mas… nunca conseguimos terminar!

O ruivo assentiu.

— É quase como se… — O rosto dele ficou sombrio com o esforço. — Como se nosso mestre não *quisesse* que a gente descansasse nunca.

Os outros assentiram, ponderando sobre essa teoria.

— Ah, sim, seu mestre! — disse Mallory. — Quem é mesmo?

— Baugi — respondeu o ruivo. — O grande lorde dos gigantes da pedra! Ele foi para o norte se preparar para o Juízo Final.

Ele disse isso como se Baugi tivesse ido ao mercado comprar leite.

— Ele é um mestre rigoroso — comentou Mallory.

— É! — concordou o tatuado.

— Não — disse o ruivo.

Os outros deram seus palpites.

— Não. Não, nem um pouco! Ele é gentil e bom!

Eles olharam com desconfiança de um lado para outro, como se o mestre pudesse estar escondido no trigo.

Sam pigarreou.

— Baugi deu algum outro dever para vocês?

— Ah, sim! — disse um escravo mais para trás. — Nós protegemos as portas! Para que ninguém pegue o hidromel de Suttung nem liberte o prisioneiro!

— Prisioneiro? — perguntei. — Suttung?

Nove cabeças assentiram solenemente. Eles seriam uma ótima turma de jardim de infância se o professor conseguisse arrumar livros de colorir e giz de cera suficientemente grandes.

— Suttung é o irmão do mestre — disse o ruivo. — Ele é dono do hidromel e do prisioneiro da caverna.

Outro servo gritou:

— Você não pode dizer o que tem na caverna!

— Isso mesmo! — O ruivo ficou ainda mais vermelho. — Suttung é dono do hidromel e do prisioneiro que… pode ou não estar na caverna.

Os outros escravos assentiram, aparentemente satisfeitos pela desculpa do ruivo.

— Se alguém tentar passar por nós — disse o tatuado —, podemos interromper o corte do trigo por tempo suficiente para matar os invasores.

— Então — continuou o ruivo —, se vocês não vieram cortar o trigo, a gente pode matar vocês? Seria tão útil! Uma pausa cairia bem!

— Pausa para matar? — perguntou um deles mais atrás.

— Pausa para matar! — disse outro.

O restante deles se juntou ao grito.

Nove gigantes gritando *pausa para matar* era uma coisa que me deixava meio tenso. Pensei em ordenar que Jacques cortasse o trigo para os escravos, mas isso ainda nos deixaria diante de nove sujeitos enormes com ordens para matar invasores. Jacques talvez conseguisse matar os nove gigantes antes que eles fizessem o mesmo com a gente, mas eu não gostava a ideia de fazer picadinho de escravos quando podia fazer picadinho do mestre deles.

— E se nós libertássemos vocês? — perguntei. — Vamos fazer um exercício de imaginação. Vocês se voltariam contra seu mestre? Voltariam para sua terra natal?

Os gigantes ficaram com expressões sonhadoras.

— Talvez a gente fizesse essas coisas — concordou o tatuado.

— E nos ajudariam? — perguntou Sam. — Ou pelo menos nos deixariam em paz?

— Ah, não! — disse o ruivo. — Primeiro a gente mataria vocês. A gente adora matar humanos.

Os outros oito assentiram com entusiasmo.

Mallory olhou para mim de cara feia como quem diz: *Eu te disse.*

— Também, só a título de imaginação, nobres escravos, se lutássemos com vocês seríamos capazes de matá-los?

O ruivo riu.

— Que engraçado! A resposta é não. Estamos sob feitiços mágicos poderosos. Baugi é um grande feiticeiro! Nós não podemos ser mortos por ninguém, só uns pelos outros.

— E nós gostamos uns dos outros! — exclamou outro escravo.

— É! — disse um terceiro.

Os gigantes começaram a se juntar para um abraço em grupo, mas pareceram lembrar que estavam segurando foices.

— Muito bem, então! — Os olhos de Mallory brilharam como se ela tivesse tido uma ideia maravilhosa que eu ia odiar. — Sei exatamente como podemos ajudar vocês!

Ela enfiou a mão no bolso do casaco e tirou a pedra de amolar.

— Ta-dá!

Os servos não pareceram impressionados.

— É uma pedra — disse o ruivo.

— Ah, não, meu amigo gigante — retrucou Mallory. — Esta pedra de amolar pode afiar magicamente *qualquer* lâmina e deixar seu trabalho bem mais fácil. Posso mostrar?

Ela esticou a mão vazia. Depois de alguns minutos observando, o ruivo se pronunciou:

— Ah, você quer minha foice?

— Para amolar — explicou Sam.

— Para que… eu possa trabalhar mais rápido?

— Isso mesmo.

— Hum…

O ruivo entregou a arma.

A foice era enorme, então nós três tivemos que trabalhar juntos para conseguir amolá-la. Eu segurei o cabo. Sam segurou a lâmina no chão

enquanto Mallory passava a pedra nas beiradas. Fagulhas voaram. A ferrugem sumiu. Em alguns movimentos, os dois lados da lâmina da foice brilhavam como novos à luz do sol.

— Próxima foice, por favor! — disse Mallory.

Em pouco tempo, os nove gigantes tinham armas afiadas e brilhantes.

— Agora — disse Mallory —, tentem usá-las no campo!

Os escravos começaram a trabalhar, e o trigo era cortado como se fosse papel de embrulho. Em questão de minutos, o campo todo tinha sido colhido.

— Incrível! — exclamou o ruivo.

— Viva! — disse o tatuado.

Os outros servos comemoraram e gritaram.

— Finalmente podemos beber água!

— Vou poder almoçar! — exclamou outro.

— Estou precisando fazer xixi há quinhentos anos! — disse um terceiro.

— Vamos conseguir matar os invasores agora! — comemorou um quarto.

Que ódio desse cara.

— Ah, sim. — O ruivo franziu a testa para nós. — Peço desculpas, meus novos amigos, mas ao nos ajudar vocês invadiram o campo do nosso mestre, então não são nossos amigos e teremos que matar vocês.

Eu não era fã da lógica dos gigantes. Por outro lado, tínhamos acabado de dar a nove inimigos armas enormes e afiadas com as quais nos matar, então eu não podia falar nada.

— Esperem, rapazes! — gritou Mallory, balançando a pedra. — Antes de vocês nos matarem, precisam decidir quem vai ficar com a pedra!

O ruivo franziu a testa.

— Quem vai… ficar com a pedra?

— Ah, sim — disse Mallory. — Porque, vejam, o campo já está crescendo novamente!

E realmente, os cotocos de trigo já estavam chegando aos tornozelos dos gigantes.

— Vocês vão precisar da pedra de amolar para manterem as lâminas afiadas — continuou Mallory. — Senão, elas vão ficar cegas de novo. O trigo vai voltar ao tamanho de antes, e vocês não vão mais poder fazer pausas.

— E isso seria ruim — concluiu o ruivo.

— Com certeza — concordou Mallory. — E vocês não podem compartilhar a posse da pedra. Ela só pode pertencer a um de vocês.

— É verdade? — perguntou o tatuado. — Por quê?

Mallory deu de ombros.

— Essas são as regras.

O ruivo assentiu com sabedoria.

— Acho que podemos confiar nela. Ela tem cabelo ruivo.

— Perfeito! — exclamou Mallory. — Quem fica com ela?

Os nove servos gritaram:

— EU!

— Tenho uma ideia — disse Mallory. — Vou jogar a pedra para cima. Quem pegar fica com ela.

— Parece justo — concordou o ruivo.

Percebi o que estava prestes a acontecer um pouco tarde demais.

— Mallory… — disse Sam, nervosa.

Mallory jogou a pedra para o alto. Os nove gigantes correram para pegar e caíram uns em cima dos outros segurando lâminas afiadas e compridas. Em uma situação como essa, o desfecho é uma pilha enorme de gente morta.

Sam observava de olhos arregalados.

— Uau. Mallory, isso foi…

— Você tinha uma ideia melhor? — disparou Mallory.

— Não estou criticando. Eu só…

— Eu matei nove gigantes usando uma única pedra. — A voz de Mallory estava rouca. Ela piscou como se as fagulhas da pedra de amolar ainda voassem na direção de seus olhos. — Acho que foi um bom dia de trabalho. Agora, venham. Está na hora de abrir aquelas portas.

Trinta e quatro

Primeiro prêmio: um gigante! Segundo prêmio: dois gigantes!

Achei que Mallory não parecia estar tão tranquila por ter matado os escravos quanto estava tentando demonstrar.

Como não conseguimos abrir as portas usando Jacques nem gritando coisas tipo *Abre-te Sésamo*, Mallory berrou de raiva. Chutou uma das portas, quebrou o pé e saiu pulando com o outro, xingando e chorando.

Samirah franziu a testa.

— Magnus, vai lá falar com ela.

— Por que eu?

A visão de Mallory ali cortando o ar com as facas não me agradava.

— Porque você pode curar o pé dela — disse Sam, irritantemente sensata, como sempre. — E preciso de tempo para pensar nesse problema da porta.

Não me pareceu uma boa troca, mas fui mesmo assim, Jacques voando ao meu lado e dizendo:

— Ah, a Noruega! Boas lembranças! Ah, uma pilha de escravos mortos! Boas lembranças!

Eu parei fora do alcance das facas de Mallory.

— Ei, Mac, posso curar seu pé para você?

Ela fez cara feia.

— Tudo bem. Parece que hoje é o dia de curar os ferimentos idiotas da Mallory.

Eu me ajoelhei e coloquei as mãos na bota que ela usava. Mallory soltou um palavrão quando coloquei os ossos no lugar com uma explosão de magia do verão.

Eu me levantei com cautela.

— Você está bem?

— Bom, você acabou de me curar, não foi?

— Eu não estava falando do seu pé.

Eu indiquei os gigantes mortos. Ela franziu a testa.

— Não vi outro jeito. Você viu?

Na verdade, não. Eu tinha quase certeza de que a solução de Mallory era o jeito com que *tínhamos* que usar a pedra de amolar. Os deuses, ou nosso *wyrd*, ou algum senso de humor distorcido das Nornas tinha ditado que navegaríamos por meio mundo, passaríamos por muitas dificuldades para conquistar uma pedra cinzenta e depois a usaríamos para enganar nove pobres escravos para que se matassem.

— Sam e eu não teríamos conseguido — admiti. — Você é quem prefere agir a discutir, como disse Frigga.

Jacques veio flutuando, sua lâmina tremendo e ondulando como uma serra.

— Frigga? Ah, cara, eu não gosto da Frigga. Ela é silenciosa demais. Dissimulada demais.

— Ela é minha mãe — resmungou Mallory.

— Ah, *essa* Frigga! — corrigiu Jacques rapidinho. — Ela é ótima.

— Eu odeio ela.

— Deuses, eu também! — compadeceu-se Jacques.

— Jacques — interrompi —, por que você não vai ajudar a Sam? Talvez você possa dar algum conselho sobre como passar por aquelas portas. Ou poderia cantar para ela. Sei que ela adoraria.

— Ah, é? Legal!

Jacques disparou para fazer uma serenata para Sam, o que significava que ela iria querer bater em mim mais tarde. Ainda bem que era ramadã e ela tinha que ser legal comigo. Nossa, eu sou um péssimo amigo.

Mallory apoiou o peso no pé curado. Parecia estar tudo certo. Até que para um péssimo amigo eu era um ótimo curandeiro.

— Eu vou ficar bem — disse ela, sem muita confiança. — É que passei por muita coisa em um único dia. Saber sobre Frigga, junto com… todo o resto.

Pensei nas discussões constantes entre Mallory e Mestiço no navio. Eu não entendia o relacionamento dos dois, mas sabia que eles precisavam um do outro tanto quanto Hearthstone precisava de Blitzen e nosso navio viking precisava ser amarelo. Não fazia muito sentido. Não era fácil. Mas era assim que as coisas tinham que ser.

— Ele está bem chateado — eu disse para ela. — Com as brigas.

— Bom, ele é um idiota. — Ela hesitou. — Quer dizer… supondo que você esteja falando sobre Gunderson.

— Garota esperta.

— Cala a boca, Zé-Ninguém.

Ela saiu andando para falar com Sam.

Nas portas, Jacques tentava ajudar sugerindo músicas que poderia cantar para inspirar novas ideias: “Knockin’ on Heaven’s Door”, “I Got the Keys” ou “Break on Through (to the Other Side)”.

— Não quero nada — disse Sam.

— Não quero nada? — Jacques parou para pensar. — Essa é do Stevie Wonder?

— Como estão as coisas, pessoal? — perguntei, interrompendo a conversa.

Eu não sabia se era fisicamente possível estrangular uma espada mágica, mas não queria ver Sam tentar.

— Nada bem — admitiu ela. — Não tem tranca. Não tem dobradiça. Não tem fechadura. Jacques se recusa a tentar cortar o ferro…

— Ei! — exclamou Jacques. — Essas portas são uma *obra de arte*. Vejam que belezura! Além do mais, tenho quase certeza de que são mágicas.

Sam revirou os olhos.

— Se tivéssemos uma furadeira, talvez conseguíssemos abrir um buraco nesse ferro e eu poderia deslizar para dentro como uma cobra. Mas como não temos furadeira…

Do outro lado da porta, uma voz feminina gritou:

— Vocês já tentaram separar a junção?

Nós todos tomamos um susto. A voz soou bem próxima da porta, como se a mulher estivesse com o ouvido encostado no metal.

Jacques tremeu e brilhou.

— Ela fala! Ah, bela porta, fale de novo!

— Eu não sou a porta — disse a voz. — Sou Gunnlod, filha de Suttung.

— Ah — disse Jacques. — Que decepção.

Mallory aproximou a boca da porta.

— Você é a filha de Suttung? Está aí cuidando do prisioneiro?

— Não — respondeu Gunnlod. — Eu *sou* a prisioneira. Estou trancada aqui sozinha há… Na verdade, já perdi a noção do tempo. Séculos? Décadas? O que é mais longo?

Eu me virei para os meus amigos e usei linguagem de sinais, que era bem útil mesmo quando Hearthstone não estava por perto. *Armadilha?*

Mallory fez um V e bateu as costas da mão na testa, o que queria dizer *burro*. Ou *dã*.

Não temos muita escolha, sinalizou Sam, que em seguida gritou:

— Srta. Gunnlod, não há uma tranca por dentro? Um trinco que você possa girar?

— Bom, não seria uma boa prisão se meu pai tivesse colocado uma tranca ou um trinco ao meu alcance. Ele costuma abrir a porta com a ajuda do meu tio Baugi. Os dois precisam usar sua superforça de gigante. Não tem duas pessoas aí fortes assim, tem?

Sam me avaliou.

— Infelizmente, não.

Eu mostrei a língua para ela.

— Srta. Gunnlod, o hidromel de Kvásir está aí com você, por acaso?

— Um pouco — disse ela. — A maior parte foi roubada por Odin muito tempo atrás. — Ela suspirou. — Como ele era encantador! Eu deixei ele ir embora, e é claro que foi por isso que meu pai me trancou aqui. Mas ainda tem um pouco no fundo do último barril. É o bem mais precioso do meu pai. Suponho que seja isso que vocês querem?

— É isso mesmo — admiti.

Mallory me cutucou nas costelas.

— Se puder nos ajudar, srta. Gunnlod, ficaríamos felizes de libertar você também.

— Que fofo! — disse Gunnlod. — Mas infelizmente minha liberdade é impossível. Meu pai e meu tio uniram minha força vital a esta caverna. Faz parte da minha punição. Eu morreria se tentasse sair.

Sam fez uma careta.

— Me parece um castigo um pouco rigoroso demais.

— E é. — Gunnlod suspirou. — Mas eu entreguei o elixir mais valioso dos nove mundos de bandeja para nosso maior inimigo, então… é isso. Meu filho tentou desfazer o feitiço da caverna, mas até ele falhou. E ele é o deus Bragi!

Mallory arregalou os olhos.

— Você é mãe de Bragi, o deus da poesia?

— Isso mesmo. — A voz de Gunnlod se encheu de orgulho. — Ele nasceu aqui, nove meses depois que Odin me visitou. Eu já mencionei que

Odin era encantador?

— Bragi? — falei. — A ideia era combinar com “brega”?

Mallory sinalizou: *Não estrague as coisas, idiota*.

— Não ligue para o Magnus, o nome é lindo e nem um pouco brega.

Eu pisquei.

— É. Nem um pouco. Bem, de qualquer modo, srta. Gunnlod, você disse alguma coisa sobre forçar a junção?

— Sim, eu acho que pode ser possível — confirmou ela. — Com duas lâminas, talvez consigam afastar as portas o suficiente para eu ter um vislumbre do rosto de vocês, respirar ar puro, quem sabe ver a luz do sol novamente. Seria o suficiente para mim. Ainda existe luz do sol?

— Por enquanto, sim — respondi —, mas o Ragnarök pode estar próximo. Temos esperança de usar o hidromel para impedi-lo.

— Entendi — disse Gunnlod. — Acho que meu filho Bragi aprovaria isso.

— Então, se conseguirmos afastar as portas, você acha que pode passar o hidromel pela abertura?

— Hum, talvez. Tenho uma mangueira velha aqui. Posso puxar o hidromel do barril, desde que vocês tenham um recipiente onde colocar.

Eu não sabia por que Gunnlod teria uma mangueira velha dentro da caverna. Talvez cultivasse cogumelos lá dentro, ou quem sabe a mangueira fosse usada para encher uma piscininha de plástico.

Sam tirou um cantil do cinto. Claro que a garota de jejum tinha sido a única que se lembrou de levar água.

— Eu tenho um recipiente, Gunnlod.

— Que maravilha! Agora, vocês vão precisar de duas lâminas. Finas e muito fortes. Senão, vão quebrar.

— Nem olhem para mim! — disse Jacques. — Sou uma lâmina grossa e jovem demais para quebrar!

Mallory suspirou e desembainhou as facas.

— Srta. Gunnlod, por acaso eu tenho duas facas finas e supostamente inquebráveis. Talvez seja melhor você se afastar das portas agora.

Mallory enfiou a ponta das armas na junção. Eram finas o suficiente para entrar quase até o cabo. Mallory empurrou as facas em direções opostas, separando as portas.

Com um rangido alto, ela conseguiu criar um vão em forma de V de uns dois centímetros no ponto em que as facas se cruzavam. Os braços de Mallory tremiam. Ela devia estar usando toda a sua força de einherji para manter a junção aberta. Gotículas de suor pontilhavam sua testa.

— Rápido — grunhiu ela.

Do outro lado das portas, o rosto de Gunnlod apareceu no vão: pálidos e lindos olhos azuis emoldurados por fios dourados. Ela respirou fundo.

— Ah, ar fresco! E luz do sol! Muito obrigada!

— Sem problema — respondi. — Mas e aquela mangueira…

— Sim! Está pronta.

Pela abertura, ela enfiou a ponta de uma mangueira preta de borracha. Sam enfiou na boca do cantil, e o líquido começou a cair no recipiente de metal. Depois de tantos desafios para tentar obter o hidromel de Kvásir, eu não esperava que o som da vitória me deixasse com vontade de procurar o banheiro mais próximo.

— Pronto, acabou — disse Gunnlod, puxando a mangueira. O rosto dela reapareceu no vão. — Boa sorte ao tentar impedir o Ragnarök.

— Obrigado. Tem certeza de que não podemos tentar libertar você? Temos um amigo no navio que é bom com magia.

— Ah, não ia dar tempo — disse a giganta. — Baugi e Suttung vão chegar a qualquer minuto.

Sam berrou:

— *O quê?*

— Eu não mencionei o alarme silencioso? — perguntou Gunnlod. — Ele dispara assim que começam a mexer nas portas. Imagino que vocês

tenham dois, talvez três minutos até que meu pai e meu tio apareçam por aqui. É melhor irem logo. Foi um prazer conhecê-los!

Mallory embainhou as facas. As portas se fecharam novamente.

— E é por isso — disse ela, enxugando a testa — que eu não confio em gente legal.

— Ei, pessoal.

Apontei para o norte, na direção do topo das montanhas. Brilhando sob o sol norueguês, se aproximando mais a cada segundo, havia duas águias enormes.

Trinta e cinco

Nunca mais quero depender de um bando de corvos

— **BOM...** — **FALEI, USANDO** o termo de praxe para começar conversas sobre como salvar nossa pele da destruição certa. — Alguma ideia?

— Beber o hidromel? — sugeriu Mallory.

Sam balançou o cantil.

— Parece que só tem um gole aqui. Se não funcionar rápido o bastante ou se o efeito passar antes de Magnus enfrentar Loki…

Foi como se um esquadrão de pequeninos T.J.s começasse a enfiar as baionetas na minha barriga. Agora que estávamos com o hidromel, meu desafio iminente com Loki parecia real e próximo demais. Empurrei esse medo para o fundo da mente. Eu tinha problemas mais imediatos.

— Acho que poesia não vai ajudar com esses caras — falei. — Jacques, quais são nossas chances em combate?

— Hum… — disse Jacques. — Baugi e Suttung. Dos dois eu conheço apenas a reputação. Fortes. Maus. Posso cuidar de um, provavelmente, mas os dois de uma vez só? Antes que esmaguem vocês como panqueca…?

— Podemos correr? — perguntei. — Fugir voando? Voltar para o navio para pedir reforços?

Infelizmente, eu já sabia a resposta. Ao ver as águias voando, ao ver como ficaram maiores em um minuto, eu soube que chegariam até ali num piscar de olhos. Os caras eram rápidos.

Sam pendurou o cantil no ombro.

— *Eu* poderia fugir deles voando, pelo menos até o navio, mas carregando duas pessoas? Impossível. Carregar uma só já me deixa mais lenta.

— Então vamos dividir para conquistar — disse Mallory. — Sam, pegue o hidromel. Volte para o navio. Talvez um dos gigantes siga você. Se isso não acontecer, bom, Magnus e eu faremos o melhor contra os dois. Pelo menos você vai levar o hidromel para os outros.

Em algum lugar à minha esquerda, uma vozinha piou:

— *A ruiva é inteligente. Nós podemos ajudar.*

Em uma árvore próxima havia um bando de corvos.

— Hã, pessoal — chamei a atenção delas —, aqueles corvos acham que podem nos ajudar.

— *Acham? Você não acredita?* — grasnou outro corvo. — *Não confia em nós? Mande suas amigas para o navio com o hidromel. Daremos uma mãozinha para você aqui. Em troca, queremos alguma coisa brilhante. Qualquer coisa serve.*

Passei as informações ao grupo.

Mallory olhou para o horizonte. As águias gigantes estavam chegando perto demais.

— Mas, se Sam tentar me carregar, eu vou fazer com que ela fique mais lenta.

— A noz! — disse Sam. — Se você conseguir entrar nela…

— Ah, não.

— Estamos perdendo tempo! — exclamou Sam.

— Argh! — Mallory pegou a noz e abriu as metades. — Como eu…?

Imaginem um lenço de seda sendo sugado pela boca de um aspirador de pó e desaparecendo com um *slurp* brusco. Foi isso que aconteceu com Mallory. A noz se fechou e caiu no chão, e lá de dentro uma vozinha gritou palavrões em gaélico.

Sam pegou a noz.

— Magnus, você tem certeza?

— Eu estou bem. Tenho Jacques.

— Você tem Jacques! — cantarolou minha espada.

Sam disparou para o céu, me deixando apenas com minha espada falante e um bando de pássaros.

• • •

Eu olhei para os corvos.

— Beleza, pessoal, qual é o plano?

— *Plano?* — grasniu o corvo mais próximo. — *Nós só dissemos que íamos ajudar. Não temos um plano propriamente dito.*

Corvos idiotas e traiçoeiros. Além disso, que tipo de ave usa o termo *propriamente dito*?

Como eu não tinha tempo de matar o bando todo, contemplei minhas opções limitadas.

— Tudo bem. Quando eu der o sinal, voem na direção do gigante mais próximo e tentem distraí-lo.

— *Claro* — grasniu um corvo diferente. — *Qual é o sinal?*

Antes que eu conseguisse pensar em um, uma águia enorme desceu e pousou na minha frente.

A única boa notícia, se é que podemos chamar assim: a outra águia continuou voando e foi atrás de Sam. Nós dividimos. Agora, precisávamos conquistar.

Torci para a águia na minha frente se transformar em um gigante pequeno e fácil de derrotar, de preferência um que usasse armas que atirassem bolhas de sabão. Mas ele se transformou em um ser de nove metros, a pele como obsidiana lascada. Ele tinha o cabelo louro e os olhos pálidos de Gunnlod, que não combinavam nada com a pele rochosa e vulcânica. Gelo e neve pontilhavam seu bigode, como se ele tivesse

mergulhado de cara em uma caixa de Sucrilhos. A armadura era costurada a partir de várias peles, inclusive algumas que pareciam ser de espécies em risco de extinção: zebra, elefante, einherji. Na mão do gigante cintilava um machado de ônix de lâmina dupla.

— QUEM OUSA ROUBAR DO PODEROSO SUTTUNG? — gritou ele. — VIM VOANDO DE NIFLHEIM E, CARAMBA, MEUS BRAÇOS ESTÃO BEM CANSADOS!

Não consegui pensar em nenhuma resposta que não envolvesse um grito agudo de terror.

Jacques flutuou até o gigante.

— Ei, amigo — disse ele. — Um cara surrupiou seu hidromel e foi embora por ali. Acho que ele disse que o nome dele era Hrungnir.

Jacques apontou na direção geral de York, Inglaterra.

Achei uma boa mentira, mas Suttung só franziu a testa.

— Boa tentativa — disse ele. — Hrungnir nunca ousaria me contrariar. *Vocês* são os ladrões e me tiraram de um trabalho importante! O grande navio *Naglfar* está prestes a zarpar! Não posso ficar voando de volta para casa toda vez que o alarme toca!

— Então *Naglfar* está perto, é? — perguntei.

— Ah, não está longe — admitiu Suttung. — Ao atravessar para Jötunheim, é só seguir a costa até a fronteira de Niflheim e… — Ele fez cara feia. — Pare de tentar me enganar! Vocês são ladrões e têm que morrer!

Ele ergueu o machado.

— Espere! — gritei.

— Por quê? — perguntou o gigante.

— É, por quê? — perguntou Jacques.

Eu odiava quando minha espada ficava do lado de um gigante. Jacques estava pronto para lutar, mas eu tinha lembranças ruins de Hrungnir, o último gigante da pedra que enfrentamos. Não foi fácil cortá-lo em

cubinhos. Além disso, ele explodiu ao morrer. Eu precisava de todas as vantagens possíveis para vencer Suttung, inclusive do meu bando de corvos inúteis, para os quais ainda não tinha pensado em um sinal.

— Você alega que somos ladrões — falei —, mas como *você* conseguiu aquele hidromel, ladrão?

Suttung manteve o machado suspenso acima da cabeça, nos dando uma visão infeliz dos pelos louros em suas axilas de ônix.

— Eu não sou ladrão! Meus pais foram mortos por dois anões do mal, Fjalar e Gjalar.

— Ah, eu odeio esses dois.

— Não é? — concordou Suttung. — Eu teria matado ambos por vingança, mas eles me ofereceram o hidromel de Kvásir, então ele é meu por direito!

— Ah. — Isso quebrou o meu argumento. — Mesmo assim, o hidromel foi criado a partir do sangue de Kvásir, um deus assassinado. Ele pertence aos aesires!

— E você quer consertar as coisas — resumiu o gigante — roubando o hidromel de novo? E matando os escravos do meu irmão para isso?

Eu já mencionei que não gosto da lógica dos gigantes?

— Talvez? — E então, em um golpe de genialidade, pensei em um sinal para meus aliados alados: — Mas só se eu não estivesse NO BICO DO CORVO!

Infelizmente, os corvos foram lentos e não reconheceram minha perspicácia.

Suttung gritou:

— MORRA!

Jacques tentou interceptar o machado, mas a arma agiu com a gravidade, o impulso e a força do gigante a seu favor. Jacques, não. Eu mergulhei para o lado na hora que o machado partiu o campo no ponto onde eu estava.

Enquanto isso, os corvos tinham uma conversa tranquila.

— *Por que ele disse "bico do corvo"?* — grasnou um.

— *É uma expressão* — explicou outro. — *Quer dizer que a pessoa está prestes a morrer.*

— *Tá, mas por que ele disse isso?* — perguntou um terceiro.

— ROAAARR!

Suttung arrancou o machado do chão.

Jacques voou para a minha mão.

— A gente pode acabar com ele juntos!

Eu realmente esperava que não fossem as últimas palavras que eu ouviria.

— *Bico do corvo*... — repetiu um dos corvos. — *Esperem aí. Nós somos* corvos. *Aposto que era o sinal!*

— Isso! — gritei. — Pega ele!

— Tudo bem! — gritou Jacques com alegria. — Vamos lá!

Suttung ergueu o machado acima da cabeça mais uma vez. Jacques me puxou para a batalha quando o bando de corvos levantou voo da árvore e atacou a cara de Suttung, bicando seus olhos e nariz e barba polvilhada de Sucrilhos.

O gigante rugiu, cambaleante e cego.

— HA, HA! — gritou Jacques. — Agora pegamos você!

Ele me puxou para a frente. Juntos, enfiamos Jacques no pé esquerdo do gigante.

Suttung berrou. O machado escorregou de suas mãos, a lâmina pesada se enfiando no crânio do próprio dono. E é por isso, crianças, que nunca se deve brandir um machado enorme sem estar usando capacete de segurança.

O gigante tombou com um *TUM* que mais pareceu um trovão, bem em cima da pilha de escravos.

Os corvos pousaram na grama ao meu redor.

— *Isso não foi muito cavalheiresco* — comentou um. — *Mas você é viking, então acho que cavalheirismo não se aplica.*

— *Isso mesmo, Godfrey* — concordou outro. — *O cavalheirismo era um conceito do final da era medieval.*

Um terceiro corvo grasniu:

— *Vocês dois estão se esquecendo dos normandos…*

— *Bill, pode parar* — disse Godfrey. — *Ninguém liga para sua tese de doutorado sobre a invasão normanda.*

— *E as coisas brilhantes?* — perguntou o segundo corvo. — *A gente vai ganhar algumas agora?*

O bando todo me encarava com olhos reluzentes e gananciosos.

— Hã… — Eu só tinha uma coisa brilhante: Jacques, que no momento fazia uma dança da vitória em volta do cadáver do gigante e cantava “Quem matou um gigante? Eu matei um gigante! Quem é o matador de gigantes? Eu sou o matador de gigantes!”

Por mais tentador que fosse entregá-lo aos corvos, achei que talvez fosse precisar da minha espada na próxima vez em que tivesse que furar o pé de um gigante.

Então olhei para a pilha de escravos mortos.

— Ali! Nove lâminas de foice extremamente brilhantes! Serve?

— *Hum…* — disse Bill. — *Não sei bem onde colocaríamos.*

— *Nós poderíamos alugar um galpão* — sugeriu Godfrey.

— *Boa ideia! Muito bem, garoto mortal. Foi bom trabalhar com você.*

— Só tomem cuidado — avisei. — As lâminas são muito afiadas.

— *Ah, não se preocupe com a gente* — grasniu Godfrey. — *Você tem um caminho perigoso à frente. Vai encontrar apenas um porto hospitaleiro daqui até o navio dos mortos, isso se for possível chamar a fortaleza de Skadi de hospitaleira.*

Estremeci ao lembrar o que Njord dissera sobre a ex-esposa.

— *É um lugar horrível* — grasniu Bill. — *Frio, muito, muito frio. E não tem nada brilhante lá. Agora, se nos der licença, temos que começar a dar conta de toda essa carniça para chegar às lâminas brilhantes.*

— *Amo nosso trabalho* — disse Godfrey.

— *Eu também!* — grasniram os outros corvos.

As aves voaram para a pilha de corpos e começaram a trabalhar, uma coisa que eu não queria ver.

Antes que o bando conseguisse dar cabo das próprias vidas nas lâminas das foices e botasse a culpa em mim, Jacques e eu começamos nossa longa caminhada de volta até o *Bananão*.

Trinta e seis

A balada de Mestiço, o herói do buraco

Nossa tripulação tinha derrotado o outro gigante.

Eu percebi por causa do corpo maltratado e decapitado de um gigante caído na praia perto da doca. A cabeça não estava em lugar nenhum. Alguns pescadores contornavam o corpo com a mão no nariz. Talvez achassem que o gigante era uma baleia morta.

Samirah estava sorrindo na doca.

— Bem-vindo de volta, Magnus! Estávamos ficando preocupados.

Tentei retribuir o sorriso.

— Que nada. Eu estou bem.

Contei o que tinha acontecido com os corvos e Suttung.

A caminhada de volta para o navio até que foi agradável: só eu e Jacques apreciando as campinas e estradas rurais da Noruega. No caminho, bodes e pássaros fizeram comentários críticos sobre minha higiene pessoal, mas não podia culpá-los. Eu parecia ter andado por metade do país e rolado pela outra metade.

— Garoto! — Blitzen veio correndo pela prancha de acesso, com Hearthstone logo atrás. — Estou tão feliz que você está bem… Ah, eca! — Blitz recuou rapidamente. — Você está fedendo como aquela caçamba de lixo da rua Park.

— Obrigado. Era o cheiro que eu queria mesmo.

Não dava para ter muita certeza sobre a condição de Blitz porque ele estava com a rede de proteção contra o sol, mas a voz parecia alegre.

Hearthstone estava bem melhor, como se um dia inteiro de sono tivesse neutralizado o efeito das nossas experiências em Álfaheim. O lenço rosa e verde de Alex caía com elegância pelas lapelas pretas de couro.

A pedra foi útil?, sinalizou ele.

Pensei na pilha de corpos que deixamos no vale. *Nós conseguimos o hidromel*, eu sinalizei. *Não teríamos conseguido sem a pedra de amolar.*

Hearth assentiu, aparentemente satisfeito.

Você está fedendo.

— Já ouvi dizer. — Eu indiquei o corpo do gigante. — O que aconteceu aqui?

— Aquilo — disse Sam, os olhos brilhando — foi obra de Mestiço Gunderson. — Ela gritou para o convés do navio: — Mestiço!

O berserker estava tendo uma conversa acalorada com T.J., Alex e Mallory. Ele pareceu aliviado de ir até a amurada.

— Ah, aí está ele! — disse Mestiço. — Magnus, você pode explicar para T.J. que aqueles escravos tinham que morrer? Ele está pegando no pé da Mac por causa disso.

Três coisas chamaram minha atenção:

O apelido Mac tinha sido oficialmente adotado.

Mestiço estava *defendendo* Mallory Keen.

E, é claro. Fazia sentido que T.J., por ser filho de uma escrava livre, pudesse ter um probleminha por termos matado nove escravos.

— Eles eram *gigantes* — disse T.J., a voz carregada de raiva. — Eu entendo o que aconteceu. Eu entendo a explicação. Mas… vocês mataram todos. Vocês não podem esperar que eu aceite isso bem.

— Eles eram jötunns! — exclamou Mestiço. — Nem eram humanos!

Blitz pigarreou.

— Um gentil lembrete, berserker: Hearth e eu também não somos humanos.

— Ah, vocês entenderam o que eu quis dizer. Não acredito que estou dizendo isso, mas Mac fez a coisa certa.

— Não me defenda — disparou Mallory. — Só piora as coisas. — Ela se virou para Thomas Jefferson Jr. — Sinto muito que tenha que ter sido assim, T.J. De verdade. Foi horrível.

T.J. hesitou. Era tão raro Mallory se desculpar que, quando fazia isso, o ato era carregado de significado. T.J. assentiu com ressentimento; nem tudo estava bem, mas ele pelo menos consideraria as palavras dela. Ele fez cara feia para Mestiço, mas Mallory colocou a mão no ombro do infante. Eu me lembrei do que Sam tinha dito sobre T.J. e Mestiço já terem sido inimigos. Agora, eu conseguia ver quanto eles precisavam de Mallory para continuar na mesma equipe.

— Vou lá para baixo. — T.J. olhou para o cadáver do gigante. — O ar está mais fresco lá.

Ele se afastou.

Alex estufou as bochechas.

— Sinceramente, acho que vocês não tiveram muita escolha, mas vão ter que dar um tempo para T.J. Ele já estava chateado por termos passado a manhã inteira andando de um lado para outro e só termos encontrado turistas e souvenirs de trolls.

Blitzen grunhiu.

— Pelo menos temos o hidromel agora. Não foi tudo por nada.

Eu esperava que ele estivesse certo. Se eu ia conseguir derrotar Loki no vitupério… apenas o tempo diria, e eu tinha a sensação de que, por mais mágico que o hidromel fosse, meu sucesso ia depender de *mim*. Só que *eu* era a pior pessoa com quem podia contar.

— Mas e esse gigante? — perguntei, ansioso para mudar de assunto. — Ele é Baugi, não é? Como vocês o mataram?

Todos olharam para Mestiço.

— Ah, parem com isso! — protestou Mestiço. — Vocês ajudaram bastante.

Hearthstone sinalizou: *Blitz e eu dormimos o tempo todo.*

— T.J. e eu tentamos lutar com ele — admitiu Alex. — Mas Baugi jogou um prédio em cima da gente.

Ela apontou para a costa. Eu não tinha reparado antes, mas um dos lindos chalés azuis de Fläm tinha sido arrancado da rua principal — onde agora havia um buraco que mais parecia um dente faltando — e jogado na praia, onde a casinha desmoronou como uma boia inflável murcha. Eu não fazia ideia de como os moradores interpretavam isso, mas ninguém parecia estar correndo em círculos, gritando de pânico.

— Quando voltei para o navio — disse Sam —, o gigante estava em meu encalço. Eu só tive energia para explicar o que estava acontecendo. Mestiço assumiu a partir daí.

O berserker parecia infeliz.

— Vocês estão exagerando.

— *Exagerando?* — Sam se virou para mim. — Baugi pousou no meio da cidade, assumiu forma de gigante, e saiu batendo o pé e berrando ameaças.

— Ele chamou Fläm de buraco imundo — resmungou Mestiço. — Ninguém diz isso sobre a minha cidade.

— Mestiço partiu para cima dele — continuou Sam. — Baugi tinha uns doze metros…

— Quatorze — corrigiu Alex.

— … e tinha uma camada de *glamour* nele, deixando tudo ainda mais apavorante.

— Tipo o Godzilla — sugeriu Alex. — Ou talvez meu pai. Tenho dificuldade de diferenciar os dois.

— Mas Mestiço foi para cima mesmo assim — continuou Sam —, gritando *Por Fläm!*

— Não é o melhor grito de guerra — admitiu Gunderson. — Para a minha sorte, o gigante não era tão forte quanto parecia.

Alex riu com escárnio.

— Ele era bem forte. Você que… bem, surtou. — Alex fechou as mãos em concha em volta da boca como se fosse me contar um segredo. — Esse cara é *assustador* quando entra no modo berserker. Ele literalmente fez picadinho dos pés dele. E aí, quando Baugi caiu de joelhos, Mestiço cuidou do resto dele.

Gunderson pigarreou.

— Ah, pare com isso, Fierro, foi você que usou seu garrote na cabeça dele. Ela saiu voando… — ele indicou o fiorde — … para aquele lado.

— Baugi já estava quase morto nessa hora — insistiu Alex. — Estava quase tombando. Foi o único motivo para a cabeça ter voado para tão longe.

— Bom — disse Mestiço —, ele está morto. É só o que importa.

Mallory cuspiu pela lateral do barco.

— E eu perdi a coisa toda porque estava presa dentro de uma noz.

— É — murmurou Mestiço. — É, perdeu.

Era minha imaginação ou Mestiço parecia decepcionado de Mallory ter perdido seu momento de glória?

— Quando se está dentro da noz — disse Mallory —, não dá para sair até que alguém *permita* que você saia. Sam demorou uns vinte minutos para lembrar que eu estava lá dentro…

— Ah, para com isso — disse Sam. — Foram só uns cinco.

— Pareceu mais tempo.

— Aham. — Mestiço assentiu. — Imagino que o tempo passe mais devagar quando se está dentro de uma noz.

— Cala a boca, pateta — resmungou Mallory.

Mestiço sorriu.

— Então vamos zarpar ou o quê? O tempo urge!

• • •

A temperatura caiu quando estávamos velejando em direção ao pôr do sol. No meio do navio, Sam fez sua oração da noite. Hearthstone e Blitzen estavam na proa, olhando com admiração para os fiordes. Mallory desceu para o convés para ver como T.J. estava e preparar o jantar.

Eu estava no leme ao lado de Mestiço Gunderson, ouvindo a vela ondular ao vento e os remos mágicos cortarem a água em sincronia perfeita.

— Eu estou bem — disse Mestiço.

— Hã?

Eu olhei para ele. Seu rosto estava azul nas sombras da noite, como se ele o tivesse pintado para a batalha (como às vezes fazia).

— Você ia perguntar se eu estava bem — disse ele. — É por isso que está aqui, não é? Eu estou bem.

— Ah. Que bom.

— Admito que foi estranho andar pelas ruas de Fläm pensando que cresci ali em uma casinha com a minha mãe. O lugar é mais bonito do que eu me lembrava. E eu talvez tenha imaginado como teria sido minha vida se eu tivesse ficado, me casado e tal.

— Certo.

— Quando Baugi insultou a cidade, perdi a cabeça. Eu não estava esperando ficar… sabe como é, *sentimental* por estar aqui.

— Claro.

— Não que eu espere que alguém escreva uma balada por eu ter salvado minha cidade nem nada. — Ele inclinou a cabeça como se quase conseguisse ouvir a melodia. — Estou feliz de ter ido embora de novo. Não me arrependo das escolhas que fiz quando eu estava vivo, nem mesmo da de ter deixado minha mãe para trás e nunca mais tê-la visto.

— Certo.

— E Mallory ter conhecido a mãe dela… isso não importa para mim. Mas fiquei feliz de Mac ter descoberto a verdade, mesmo ela pegando um trem sem nos contar, mesmo correndo risco de vida, isso tudo sem que eu tenha ficado sabendo de nada. Ah, isso vale para você e Sam também, claro.

— Claro.

Mestiço bateu no leme.

— *Maldita* megera! O que ela estava *pensando*?

— Hã…

— Filha de *Frigga*? — A gargalhada de Mestiço soou meio histérica. — Não é à toa ela ser tão… — Ele balançou a mão, fazendo sinais que podiam significar quase qualquer coisa: *Exasperante? Fantástica? Raivosa? Processador de alimentos?*

— Hum…

Mestiço deu um tapinha no meu ombro.

— Obrigado, Magnus. Fico feliz de termos tido essa conversa. Você até que é legal para um curandeiro.

— Valeu.

— Você pode ficar responsável pelo leme? É só se manter no meio do fiorde e tomar cuidado com krakens.

— *Krakens?* — protestei.

Mestiço assentiu, distraído, e desceu para o convés inferior, talvez para dar uma olhada no jantar, ou em Mallory e T.J., ou talvez só porque eu estava fedendo.

Quando o céu escureceu por completo, já tínhamos chegado a mar aberto. Não colidi com o navio nem libertei nenhum kraken, o que foi bom. Eu não queria ter que lidar com *isso*.

Samirah terminou de rezar e assumiu o leme. Ela estava comendo tâmaras com a expressão habitual de êxtase pós-jejum.

— Como você está?

Eu dei de ombros.

— Considerando o dia que tivemos? Bem, eu acho.

Ela levantou o cantil e balançou o hidromel de Kvásir.

— Quer resolver isso agora? Cheirar ou provar, só para testar?

A ideia me encheu de náuseas.

— Guarde por enquanto, por favor. Vou esperar até a hora de realmente ter que beber.

— Sensato. O efeito pode não ser permanente.

— Não é isso. Eu estou com medo de beber e… e não ser suficiente. De *mesmo assim* eu não conseguir vencer Loki.

Sam parecia querer me dar um abraço, apesar de abraçar um garoto não ser algo que uma boa muçulmana faria.

— Eu penso a mesma coisa, Magnus. Não sobre você, mas sobre mim. Será que vou ter forças para enfrentar meu pai de novo? Será que algum de nós vai?

— Isso foi uma tentativa de elevar o moral?

Sam riu.

— Só podemos tentar, Magnus. Eu prefiro acreditar que nossas adversidades nos deixam mais fortes. Tudo pelo que passamos nesta viagem… *conta*. Aumenta nossas chances de vitória.

Eu olhei para a proa. Blitzen e Hearthstone tinham adormecido lado a lado nos sacos de dormir na base da figura de proa de dragão. Parecia um lugar estranho para dormir, considerando nossa aventura em Álfaheim, mas os dois pareciam em paz.

— Espero que você esteja certa, Sam. Porque uma boa parte foi bem difícil.

Sam suspirou como se libertasse toda a fome, a sede e os palavrões que guardou dentro de si durante o jejum.

— Eu sei. Acho que uma das coisas mais difíceis de fazer é ver as pessoas como elas realmente são. Nossos pais. Nossos amigos. Nós

mesmos.

Eu me perguntei se ela estava pensando em Loki ou em si mesma. Ela poderia estar falando sobre qualquer um do navio. Nenhum de nós estava livre do passado. Durante a viagem, vimos alguns espelhos bem reveladores.

Meu momento no espelho ainda estava por vir. Quando enfrentasse Loki, eu tinha certeza de que ele teria prazer em aumentar cada defeito meu, em desvelar cada medo e fraqueza. Se conseguisse, ele me reduziria a uma pocinha chorona no chão.

Nós tínhamos até o dia seguinte para chegar a *Naglfar*, Frigga dissera… ou depois de amanhã, no máximo. Eu me vi hesitando, quase desejando perdermos o prazo só para eu não ter que enfrentar Loki cara a cara. Mas não. Meus amigos estavam contando comigo. Pelo futuro de todo mundo que eu conhecia, de todo mundo que *não* conhecia… eu precisava adiar o Ragnarök pelo máximo de tempo possível. Eu tinha que dar a Sam e Amir uma chance de terem uma vida normal, e a Annabeth e Percy, e à irmãzinha de Percy, Estelle. Todos mereciam um futuro melhor do que a destruição planetária.

Eu me despedi de Sam e abri meu saco de dormir no convés.

Tive um sono agitado. Sonhei com dragões e escravos. Sonhei que caía de montanhas e batalhava com gigantes de barro. A gargalhada de Loki ecoava nos meus ouvidos. O convés virava uma colcha de retalhos horrenda de unhas de homens mortos, me envolvendo em um casulo nojento de queratina.

— Bom dia! — disse Blitzen, me despertando com um susto.

A manhã estava congelante e cinzenta. Eu me sentei e quebrei a camada de gelo que havia se formado no saco de dormir. À nossa direita, erguiam-se montanhas com cumes nevados mais altas do que os fiordes da Noruega. Ao nosso redor, o mar parecia um quebra-cabeça de blocos de

gelo. O convés estava coberto de geada, deixando nosso navio de guerra no tom amarelo-pálido de limonada aguada.

Blitzen era a única pessoa no convés. Ele havia se agasalhado, mas não estava mais usando nenhuma proteção solar, apesar de ser dia. Isso só podia querer dizer uma coisa.

— Nós não estamos mais em Midgard.

Blitzen abriu um sorriso fraco, sem humor.

— Nós já estamos em Jötunheim há algumas horas, garoto. Os outros estão lá embaixo, tentando se aquecer. Você… bom, por ser filho do deus do verão, é mais resistente ao frio, mas até *você* vai começar a ter problemas logo. A julgar pela velocidade com que a temperatura está despencando, estamos chegando perto da fronteira de Niflheim.

Eu estremeci instintivamente. Niflheim, o reino primordial do gelo: um dos poucos mundos que eu ainda não tinha visitado e nem fazia muita questão de visitar.

— Como nós vamos saber que chegamos? — perguntei.

O navio balançou com um barulho alto que afrouxou minhas juntas. Eu fiquei de pé, cambaleando. O *Bananão* estava parado na água. A superfície do mar tinha virado gelo sólido para todos os lados.

— Eu diria que chegamos. — Blitz suspirou. — Vamos torcer para Hearthstone conseguir conjurar algum fogo mágico. Senão, vamos morrer congelados em poucas horas.

Trinta e sete

Alex morde a minha cara

JÁ TIVE MUITAS mortes sofridas. Já fui empalado, decapitado, queimado, afogado, esmagado e jogado do terraço do centésimo terceiro andar.

Prefiro tudo isso a hipotermia.

Depois de apenas alguns minutos, meus pulmões pareciam respirar pó de gelo. A tripulação inteira teve que subir ao convés para resolver o problema do gelo, mas não tivemos muito sucesso. Mandei Jacques quebrar a camada que se formou à nossa frente enquanto Mestiço e T.J. usavam alabardas para cortar o gelo de bombordo e estibordo. Sam voou à frente com uma corda e tentou rebocar o *Bananão*. Alex se transformou em morsa e empurrou por trás. Eu estava com muito frio para fazer piadas sobre como ela ficava bonita com presas, bigodes e barbatanas.

Hearthstone invocou uma nova runa:

ᚲ

Ele explicou que aquela era *kenaz*: a tocha, o fogo da vida. Em vez de desaparecer logo depois, como a maioria das runas, *kenaz* continuou ardendo acima da proa, um arco flutuante de fogo a um metro e meio de altura, derretendo o gelo no convés e nos cordames. *Kenaz* nos manteve aquecidos para evitar a morte instantânea, mas Blitz ficou reclamando que sustentar a runa por muito tempo deixaria Hearth esgotado. Alguns meses

antes, um esforço como esse o teria matado. Agora, ele estava mais poderoso, mas ainda assim fiquei preocupado.

Encontrei um binóculo no meio das nossas coisas e olhei ao redor em busca de alguma promessa de abrigo nas montanhas. Porém não vi nada além de pedras.

Só percebi que meus dedos estavam ficando azuis quando Blitz chamou minha atenção. Conjurei um pouco de calor de Frey para as mãos, mas o esforço me deixou tonto. Usar o poder do verão ali era como tentar lembrar tudo que aconteceu no meu primeiro dia de aula quando ainda era um bebê. Eu sabia que o verão existia em algum lugar, mas era algo tão distante, tão vago, que eu mal conseguia conjurar uma lembrança.

— B-blitz, v-você não parece sentir tanto frio — comentei.

Ele coçou a barba cheia de gelo.

— Anões lidam bem com o frio. Você e eu seremos os últimos a morrer congelados. Mas isso não é consolo.

Mallory, Blitz e eu usamos os remos para empurrar o gelo enquanto Mestiço e T.J. tentavam quebrá-lo. Nós alternávamos tarefas, indo para o convés inferior em duplas e trios para nos aquecer, apesar de lá embaixo não estar muito mais quente. Teríamos ido mais rápido se descêssemos do navio e andássemos, mas a morsa Alex relatou que havia uns pontos traiçoeiros e bem finos no gelo. Além do mais, não tínhamos onde nos abrigar. O navio ao menos fornecia suprimentos e proteção contra o vento.

Meus braços começaram a ficar dormentes. O tremor se tornou tão constante que eu não conseguia saber se tinha começado a nevar ou se minha visão estava embaçada. A runa ardente era a única coisa que nos mantinha vivos, mas sua luz e seu calor diminuíam aos poucos. Hearthstone estava sentado de pernas cruzadas embaixo de *kenaz*, os olhos fechados em plena concentração. Gotículas de suor pingavam da testa e congelavam assim que batiam no convés.

Depois de um tempo, até Jacques começou a agir com desânimo. Não parecia mais interessado em fazer serenata e nem em contar piadas sobre atividades para quebrar o gelo.

— E essa é a *melhor* parte de Niflheim — resmungou Jacques. — Vocês deviam ver as partes mais frias!

Não sei bem quanto tempo ficamos ali. Parecia impossível ter havido outro modo de viver antes daquele: quebrar gelo, empurrar gelo, tremer, morrer.

De repente, na proa, Mallory grunhiu:

— Ei! Olhem!

A neve começou a se dissipar à nossa frente. A poucos metros, se projetando em meio aos penhascos, havia uma península irregular como a lâmina de um machado corroído. Uma faixa estreita de praia de cascalho preto envolvia a base. E, perto do alto do penhasco… seriam chamas tremeluzindo?

Viramos o navio naquela direção, mas não fomos longe. O gelo ficou mais espesso e interrompeu nosso avanço. Acima da cabeça de Hearth, *kenaz* gotejava fracamente. Nós nos reunimos no convés, solenes e silenciosos. Havíamos nos enrolado com todos os cobertores do barco.

— V-vamos andando — sugeriu Blitz. Até ele estava começando a gaguejar. — Vamos em duplas para ajudar a manter o calor. A-atravessamos o gelo até a margem. Talvez a gente encontre abrigo.

Não era exatamente um "plano de sobrevivência" — estava mais para um plano para morrer em um lugar diferente —, mas começamos a nos mover com ar sombrio. Pegamos os suprimentos vitais, como comida, água, o cantil com o hidromel de Kvásir, nossas armas. Em seguida, descemos para o gelo e eu fiz o *Bananão* voltar ao seu formato de lenço, porque arrastá-lo seria um saco.

Jacques se ofereceu para ir flutuando na frente e testar o gelo com a lâmina. Eu não sabia se isso tornaria as coisas mais ou menos perigosas

para nós, mas ele se recusou a voltar à forma de pingente porque os efeitos desse esforço teriam me matado. (Ele é mesmo muito atencioso.)

Quando nos juntamos em pares, o braço de uma pessoa envolveu minha cintura. Alex Fierro se acomodou ao meu lado, envolvendo nossas cabeças e ombros com um cobertor. Olhei para ela, impressionado. Um lenço rosa de lã cobria sua cabeça e sua boca, e eu só conseguia ver os olhos de tons diferentes e alguns fios de cabelo verde.

— C-cala a boca — gaguejou ela. — Você é q-quente e cheio de v-verão.

Jacques conduziu o grupo pelo gelo. Atrás dele, Blitzen fez o melhor para apoiar Hearthstone, que cambaleava com *kenaz* acima da cabeça, embora seu calor agora fosse mais o de uma vela do que o de uma fogueira.

Sam e Mallory vinham atrás, depois T.J. e Mestiço, e finalmente Alex e eu. Andamos pelo mar congelado, seguindo para as rochas, mas nosso destino parecia ficar mais distante a cada passo. Será que o penhasco era uma miragem? Talvez a distância fosse fluida na fronteira entre Niflheim e Jötunheim. Uma vez, no salão de Utgard-Loki, Alex e eu rolamos uma bola de boliche até as Montanhas Brancas em New Hampshire, então eu achava que tudo era possível.

Não sentia mais meu rosto. Meus pés tinham virado potes de sorvete molenga. Pensei em como seria triste chegar até aquele ponto, depois de enfrentar tantos deuses, gigantes e monstros, só para congelar até morrer no meio do nada.

Eu me agarrei a Alex. Ela fez o mesmo comigo. Sua respiração falhava e desejei que ela ainda tivesse a gordura da morsa, porque sua versão original era só pele e osso, fina como o garrote. Eu queria brigar com ela: *Você precisa comer! Está definhando.*

Mas gostei da sensação do calor que vinha dela. Em qualquer outra circunstância, ela teria me matado por chegar tão perto. Além disso, eu

teria surtado com tanto contato físico. Eu considerava um triunfo pessoal ter aprendido a abraçar meus amigos de vez em quando, mas não costumava lidar bem com tanta proximidade. A necessidade de me manter aquecido e talvez o fato de ser Alex tornaram tudo mais fácil. Eu me concentrei no cheiro dela, uma espécie de fragrância cítrica que me fez pensar em laranjais em um vale ensolarado no México. Não que eu já tivesse ido a um lugar assim, mas era um cheiro bom.

— Suco de goiaba — balbuciou Alex.

— O q-quê? — perguntei.

— T-terraço. B-back B-bay. Foi legal.

Ela está se agarrando a boas lembranças, percebi. *Para tentar ficar viva.*

— F-foi — concordei.

— York — disse ela. — Mr. Chippy. Você n-não sabia o q-que era *levar pra viagem.*

— Eu te odeio. Continue f-falando.

A gargalhada dela soou mais como uma tosse de fumante.

— Q-quando você voltou de Álfaheim. A sua… a sua c-cara quando eu p-peguei m-meus óculos r-rosa de volta.

— M-mas você *ficou* feliz de me ver?

— Ah. V-você até que é d-divertido.

Ali, lutando para andar no gelo, com nossas cabeças muito próximas, eu quase conseguia imaginar que Alex e eu éramos um guerreiro de argila com duas faces, um ser gêmeo. O pensamento foi reconfortante.

A uns cinquenta metros do penhasco, talvez, a runa se apagou. Hearth cambaleou para cima de Blitz. A temperatura despencou ainda mais, o que eu não achava possível. Meus pulmões expeliram o restinho de calor que continham. E reclamaram quando tentei inspirar.

— Continuem! — gritou Blitz com a voz rouca. — Eu *não* vou morrer vestido assim!

Nós obedecemos e seguimos passo a passo para a praia estreita de cascalho, onde pelo menos poderíamos morrer em terra firme.

Blitz e Hearth estavam quase na margem quando Alex parou abruptamente.

Eu também não tinha mais nenhuma energia, mas achei que devia tentar parecer encorajador.

— Nós… nós temos que s-seguir em frente.

Eu olhei para ela. Nossos narizes se encostavam debaixo dos cobertores. Os olhos dela cintilavam, mel e castanho. O lenço tinha escorregado para baixo do queixo. Seu hálito parecia de limão.

De repente, antes que eu entendesse o que estava acontecendo, ela me beijou. Se tivesse me mordido eu teria ficado menos surpreso. Os lábios de Alex estavam rachados e ásperos por causa do frio. O nariz se encaixou perfeitamente ao lado do meu. Nossos rostos se alinharam, nosso hálito se misturou. E então ela se afastou.

— Eu não ia morrer sem fazer isso — disse ela.

O mundo de gelo primordial não devia ter me congelado completamente, porque meu peito ardia como uma fornalha.

— *E aí?* — Ela franziu a testa. — Fecha a boca e vamos logo.

Andamos até a margem. Minha mente não estava funcionando direito. Eu me perguntei se Alex tinha me beijado só para me inspirar a seguir em frente ou para me distrair de nossas mortes iminentes. Não parecia possível que ela realmente *quisesse* me beijar. Fosse qual fosse o caso, aquele beijo foi o único motivo de eu ter conseguido chegar à margem.

Nossos amigos já estavam lá, encolhidos perto das pedras. Não pareciam ter reparado no que se passou entre mim e Alex. Por que reparariam? Todo mundo estava ocupado demais tentando não morrer congelado.

— Eu… eu tenho p-pólvora — gaguejou T.J. — P-posso fazer uma f-fogueira?

Infelizmente, não tínhamos nada para queimar além das nossas roupas, e precisávamos delas.

Blitz olhou com infelicidade para o penhasco, íngreme e implacável.

— V-vou tentar dar forma à pedra — disse ele. — Talvez eu consiga cavar um túnel.

Eu já tinha visto Blitz modelar pedra sólida, mas era uma tarefa que exigia muita energia e concentração. E mesmo assim, na outra ocasião, ele fez simples apoios para as mãos. Achava difícil que ele tivesse forças para cavar uma caverna inteira. E duvidava de que isso pudesse nos salvar. Mas apreciei o otimismo teimoso dele.

Blitz acabara de enfiar os dedos na pedra quando o penhasco todo ribombou. Uma linha de luz intensa formou o contorno de uma porta enorme que se abriu para dentro com um ruído alto.

Na abertura, surgiu uma giganta tão terrível e linda quanto a paisagem de Niflheim. Tinha três metros de altura, usava roupas de peles brancas e cinzentas, os olhos castanhos eram frios e furiosos e o cabelo escuro tinha várias tranças, como um chicote.

— Quem *ousa* mexer na minha porta da frente? — perguntou ela.

Blitz engoliu em seco.

— Hã, eu…

— Por que não deveria matar todos vocês? — perguntou a giganta. — Ou, como já parecem meio mortos, talvez seja melhor eu só fechar a porta e deixar vocês congelarem!

— E-espera! — falei, grunhindo. — Sk-Skadi… Você é Skadi, não é?

Deuses de Asgard, pensei, *que essa seja mesmo Skadi e não uma giganta qualquer chamada Gertrude, a Antipática.*

— E-eu sou M-Magnus Chase. Neto de Njord. E-ele me mandou f-falar com você.

Uma variedade de emoções passou pelo rosto de Skadi: irritação, ressentimento e talvez só um toque de curiosidade.

— Tudo bem, garoto congelado — resmungou ela. — Isso fez vocês ganharem direito a passar pela porta. Quando todos estiverem descongelados e se explicarem, vou decidir se uso vocês ou não como alvos de arco e flecha.

Trinta e oito

Skadi sabe de tudo, flecha tudo

Eu não queria soltar Alex. Ou talvez não fosse fisicamente capaz de fazer isso.

Dois servos jötunn de Skadi tiveram que nos separar à força. Um deles me carregou por uma escada sinuosa para dentro da fortaleza, meu corpo ainda todo encolhido de frio.

Em comparação com o exterior, o salão de Skadi parecia uma sauna, apesar de o termostato provavelmente estar configurado para temperaturas quase congelantes. Fui carregado por corredores altos de pedra com tetos abobadados que me lembravam as igrejas grandes e velhas de Back Bay (ótimos lugares para se aquecer no inverno quando se é sem-teto). De tempos em tempos, um estrondo ecoava pela fortaleza, como se alguém estivesse disparando ao longe com canhões. Skadi gritou ordens para os servos, e nós fomos levados para aposentos separados para nos banhar.

Um jötunn me colocou em um banho tão quente que alcancei uma nota aguda que não alcançava desde o quarto ano da escola. Ainda na água, ele me deu uma coisa para beber, uma mistura com gosto de mato horrível que queimou minha garganta e fez meus dedos das mãos e dos pés se retorcerem em espasmos. Ele me tirou da banheira, e quando me vestiu com uma túnica e uma calça branca de lã, eu tive que admitir que estava quase me sentindo bem de novo, mesmo com Jacques agora pendurado no meu pescoço como pedra de runa. A cor dos meus dedos voltara ao normal. Eu conseguia sentir meu rosto. Meu nariz não tinha necrosado e caído, e meus lábios estavam exatamente onde Alex os deixou.

— Você vai viver — resmungou o gigante, como se esse fato fosse um fracasso pessoal da parte dele.

Ele me deu sapatos confortáveis de pele e uma capa grossa e quente, depois me levou para o salão principal, onde meus amigos já estavam esperando.

O salão era em boa parte o padrão viking: um piso de pedra rudimentar coberto de palha, um teto feito de lanças e escudos e três mesas com formato de U em volta de uma fogueira, embora as chamas de Skadi fossem brancas e azuis e não parecessem emitir calor.

Em uma das paredes, uma fileira de janelas do tamanho das de catedrais se abria para uma vista obscurecida por uma nevasca. Não vi vidro nas janelas, mas o vento e a neve não invadiam o aposento.

À mesa central, Skadi estava sentada em um trono feito de teixo coberto de peles. Os servos andavam de um lado para outro, levando pratos de pão fresco e carne assada, junto com canecas fumegantes que tinham cheiro de… chocolate quente? De repente, passei a gostar bem mais de Skadi.

Meus amigos estavam todos vestidos como eu, de lã branca, então parecíamos uma sociedade secreta de monges muito limpos: a Sociedade da Água Sanitária. Admito que procurei Alex primeiro, torcendo para me sentar ao seu lado, mas ela estava no banco mais distante, entre Mallory e Mestiço, com T.J. na ponta.

Alex me viu. Fez sinal para meu rosto espantado, como quem diz: *Está olhando o quê?*

Então tudo tinha voltado ao normal. Um beijo à beira da morte e voltamos para nosso sarcasmo de sempre. Que maravilha.

Eu me sentei ao lado de Blitzen, Hearthstone e Sam, o que achei ótimo.

Nós todos começamos a jantar, exceto Sam. Ela não havia tomado banho, pois também era contra as regras do ramadã, mas tinha mudado de roupa. O hijab mudara de cor para combinar com a roupa branca. De

alguma forma, ela conseguiu não olhar com desejo para a comida de todo mundo, o que me convenceu sem dúvida alguma de que ela tinha resistência sobre-humana.

Skadi parecia relaxada no trono, as tranças caindo pelos ombros, a capa de pelo fazendo-a parecer ainda maior do que já era. Ela girava uma flecha em cima do joelho. Atrás dela, a parede estava coberta de estantes com equipamentos: esquis, arcos, aljavas de flechas. Ela só podia ser fã de arquearia cross-country.

— Bem-vindos, viajantes, a Thrymheimr — disse nossa anfitriã. — Em nossa língua, Lar do Trovão.

Como se planejado, um estrondo sacudiu a sala, o mesmo *bum* que ouvi quando estava nos corredores da fortaleza. Agora, eu sabia o que era: trovão de neve. Dava para ouvir em Boston às vezes, quando uma tempestade de neve se misturava com uma tempestade normal. Parecia o ruído de bombinhas estourando dentro de um travesseiro de algodão, só que ampliado um milhão de vezes.

— Lar do Trovão. — Mestiço assentiu seriamente. — Um bom nome, considerando, sabe, o constante…

Um trovão soou de novo, sacudindo os pratos na mesa.

Mallory se inclinou na direção de Alex.

— Não consigo alcançar Gunderson. Você pode bater nele por mim?

Apesar do tamanho enorme do salão, a acústica era perfeita. Eu conseguia ouvir cada sussurro. Perguntei-me se Skadi tinha planejado o local com isso em mente.

A giganta não comia nada do prato à sua frente. Melhor cenário: ela estava em jejum pelo ramadã. Pior cenário: ela estava esperando até termos engordado o suficiente para nos apreciar como prato principal.

Ela bateu com a flecha no joelho enquanto me observava atentamente.

— Então você é parente de Njord, é? — perguntou ela. — Filho de Frey, imagino.

— Sim, hã, senhora.

Eu não sabia se *moça* ou *senhorita* ou *pessoa enorme e assustadora* eram títulos apropriados, mas Skadi não me matou, então achei que não a tinha ofendido. Ainda.

— Consigo ver a semelhança. — Ela franziu o nariz, como se a semelhança não fosse um ponto a meu favor. — Njord não foi um marido tão ruim. Ele era gentil. Tinha pés lindos.

— Pés incríveis — concordou Blitz, balançando uma costela de porco para enfatizar.

— Mas nós não conseguíamos nos entender — continuou Skadi. — Diferenças irreconciliáveis. Ele não gostava do meu salão. Dá pra acreditar?

Hearthstone sinalizou: *Você tem um salão lindo.*

O gesto para *lindo* era fazer um círculo com a mão na frente do rosto e abrir os dedos como quem faz *puf!* Nas primeiras vezes que vi, achei que Hearth estava dizendo *Isso faz meu rosto explodir*.

— Obrigada, elfo — agradeceu Skadi (porque os melhores gigantes entendiam linguagem de sinais). — Sem dúvida, Lar do Trovão é melhor do que a casa de praia de Njord. Aquelas gaivotas gritando sem parar… eu não suportava o barulho!

Um trovão sacudiu a sala de novo.

— Sim — disse Alex —, não tem paz e tranquilidade, como aqui.

— Exatamente — concordou Skadi. — Meu pai construiu esta fortaleza, que sua alma descanse com Ymir, o primeiro gigante. Agora Thrymheimr é minha e não pretendo abrir mão dela. Já estou de saco cheio dos aesires! — Ela se inclinou para a frente, ainda segurando a flecha do mal cheia de espetos. — Agora me diga, Magnus Chase, por que Njord mandou você até aqui? Não me diga que ele ainda tem ilusões sobre ficarmos juntos de novo, *por favor*.

Por que eu?, pensei.

Skadi parecia legal. Eu já tinha conhecido gigantes suficientes para saber que nem todos eram maus, assim como nem todos os deuses eram bons. Mas se Skadi não queria mais saber dos aesires, eu não sabia se ela acharia bom irmos atrás de Loki, que, claro, era o maior inimigo dos aesires. Eu definitivamente não queria contar que meu avô, o deus da pedicure, ainda sentia falta dela.

Por outro lado, meus instintos me diziam que Skadi enxergaria qualquer mentira ou omissão com a mesma facilidade com que ouvia cada sussurro naquele salão. Thrymheimr não era um lugar para segredos.

— Njord queria que eu perguntasse o que você sente por ele — admiti.

Ela suspirou.

— Não acredito. Ele não mandou flores dessa vez, né? Eu falei para ele *parar* com os buquês.

— Nada de flores — prometi, me solidarizando de repente com todos os entregadores inocentes de Niflheim que ela devia ter matado. — E os sentimentos de Njord não são o motivo principal para estarmos aqui. Nós viemos impedir Loki.

Todos os servos pararam o que estavam fazendo. Olharam para mim e para a patroa, como se pensando: *Ora, isso vai ser interessante.* Meus amigos me encararam com expressões que variavam de *Você vai tirar isso de letra!* (Blitzen) a *Não estrague tudo como costuma fazer* (Alex).

Os olhos castanhos de Skadi cintilaram.

— Continue.

— Loki está preparando o navio *Naglfar* para zarpar. Viemos impedir, recapturar ele e levar de volta para os aesires, para não termos que lutar no Ragnarök, tipo, amanhã.

Outro trovão sacudiu a montanha.

O rosto da giganta estava ilegível. Eu a imaginei disparando a flecha pelo salão e empalando meu peito como um dardo de visgo.

Mas ela só jogou a cabeça para trás e riu.

— É *por isso* que vocês estão carregando o hidromel de Kvásir? Você pretende desafiar Loki a um vitupério?

Engoli em seco.

— Hã… é. Como você sabe que nós estamos com o hidromel de Kvásir?

Minha segunda pergunta, subentendida, foi: *E você vai tirá-lo de nós?*

A giganta se inclinou para a frente.

— Estou ciente de tudo que acontece no meu salão, Magnus Chase, e de todo mundo que passa por ele. Já fiz o inventário de suas armas, seus suprimentos, seus poderes, suas cicatrizes. — Ela observou a sala, pousando o olhar em cada um de nós… não com solidariedade, mais como quem estava escolhendo alvos. —Eu também saberia se um de vocês mentisse para mim. Para sua sorte, você não mentiu. Agora, me diga: por que eu deveria deixar vocês irem em frente com essa missão? Quero que me convença a não matar todo mundo aqui.

Mestiço Gunderson limpou a barba.

— Bom, primeiro, lady Skadi, nos matar daria muito trabalho. Se você conhece nossas habilidades, sabe que somos excelentes lutadores. Nós daríamos um trabalho danado…

Uma flecha atingiu a mesa a dois centímetros da mão de Mestiço. Eu nem vi como aconteceu. Olhei para Skadi… De repente, ela estava segurando um arco e uma segunda flecha já preparada para disparar.

Mestiço nem se mexeu. Colocou o chocolate quente na mesa e arrotou.

— Foi sorte.

— Rá! — Skadi baixou o arco, e meu coração voltou a bombear sangue. —Então vocês são corajosos. Ou tolos, pelo menos. O que mais podem me dizer?

— Que não somos amigos de Loki — ofereceu Samirah. — E nem você.

Skadi ergueu a sobrancelha.

— O que faz você dizer isso?

— Se você fosse amiga de Loki, nós já estaríamos mortos. — Sam indicou as janelas. — O porto de *Naglfar* fica aqui perto, não fica? Consigo sentir que meu pai está próximo. Você não gosta de Loki estar reunindo seu exército no quintal da sua casa. Se nos deixar seguir com nossa missão, vamos tirar meu pai da jogada.

Alex assentiu.

— Ah, vamos mesmo.

— Interessante — refletiu Skadi. — *Duas* filhas de Loki sentadas à minha mesa, e as duas parecem odiá-lo ainda mais do que eu. O Ragnarök gera aliados estranhos.

T.J. bateu palmas uma vez, tão alto que todos nos encolhemos (menos Hearth).

— Eu sabia! — Ele sorriu e apontou para Skadi. — Eu *sabia* que essa moça tinha bom gosto. Um chocolate quente gostoso assim? Um salão lindo desses? E servos em vez de escravos!

Skadi curvou o lábio.

— Sim, einherji. Eu detesto a escravidão.

— *Estão vendo?*

T.J. olhou para Mestiço com cara de *Eu te disse*. Mais trovões sacudiram os pratos e os copos, como se concordando com T.J. O berserker só revirou os olhos.

— Eu *sabia* que essa moça odiava Loki — resumiu T.J. — Ela é praticamente uma apoiadora da União!

A giganta franziu a testa.

— Não sei bem o que isso quer dizer, entusiasmado convidado, mas você está certo: eu não sou amiga de Loki. Houve uma época em que ele não pareceu ser tão ruim. Ele conseguia me fazer rir. Era encantador. Mas, durante o vitupério no salão de Aegir… Loki insinuou que… que tinha compartilhado a cama comigo.

Skadi estremeceu com a lembrança.

— Ele manchou minha honra na frente de todos os deuses. Disse coisas *horríveis*. E assim, quando os aesires o prenderam naquela caverna, fui eu que consegui a víbora e coloquei acima da cabeça de Loki. — Ela deu um sorriso frio. — Os aesires e vanires estavam satisfeitos só de deixar Loki preso por toda a eternidade, mas isso não era suficiente para mim. Eu queria que ele sentisse o gotejar do veneno na cara pelo resto da vida, assim como as palavras dele *me* fizeram sentir.

Eu decidi que não mancharia a honra de Skadi tão cedo.

— Bom, senhora… — Blitz puxou a túnica de lã. Ele era o único de nós que não parecia à vontade com a roupa nova, provavelmente porque o traje não permitia que ele usasse gravata. — Parece que deu ao vilão o que ele merecia. Você vai nos ajudar, então?

Skadi colocou o arco na mesa.

— Me ajudem a entender: você, Magnus Chase, planeja derrotar Loki, o mestre dos insultos, em um vitupério.

— Isso.

Ela parecia estar esperando que eu falasse poeticamente sobre minha perícia com verbos e adjetivos e tudo mais. Sinceramente, aquela resposta de uma palavra só foi a única coisa que consegui dizer.

— Muito bem, então — disse Skadi. — Que bom que vocês têm o hidromel de Kvásir.

Todos os meus amigos assentiram. Muito obrigado, queridos amigos.

— Você também foi sábio de ainda não ter bebido — continuou Skadi. —Não sobrou muito, e não dá para saber quanto tempo o efeito vai durar. Você devia beber pela manhã, pouco antes de partir. Isso deve dar tempo de o hidromel surtir efeito antes de você enfrentar Loki.

— Então você sabe onde ele está? — perguntei. — Ele está perto *assim*?

Eu não sabia se ficava aliviado ou petrificado.

Skadi assentiu.

— Depois da minha fortaleza há uma baía congelada onde *Naglfar* está ancorado. Em termos gigantes, fica a poucos passos daqui.

— E o que isso quer dizer em termos humanos? — perguntou Mallory.

— Não importa — garantiu Skadi. — Vou dar esquis para acelerar sua jornada.

Hearth sinalizou: *Esquis?*

— Não sou muito bom com esquis — murmurou Blitz.

Skadi sorriu.

— Não tema, Blitzen, filho de Freya. Meus esquis vão ficar bons em *você*. Vocês têm que chegar ao navio antes do meio-dia de amanhã. Até lá, o gelo bloqueando a baía vai ter derretido o suficiente para Loki partir para mar aberto. Se isso acontecer, nada vai poder impedir o Ragnarök.

Troquei um olhar com Mallory acima do fogo da fogueira. A mãe dela, Frigga, estava certa. Quando botarmos os pés em *Naglfar*, se chegarmos lá, quarenta e oito horas terão se passado desde Fläm.

— Se vocês conseguirem subir a bordo do navio — disse Skadi — vão ter que abrir caminho por legiões de gigantes e de mortos-vivos. É claro que eles vão tentar matar vocês. Mas, se conseguirem ficar cara a cara com Loki e fazer seu desafio, ele vai ter que aceitar por uma questão de honra. A luta vai parar por tempo suficiente para o vitupério.

— Então vai ser moleza — disse Alex.

As trancinhas de Skadi deslizaram pelos ombros quando ela se virou para encarar Alex.

— Você tem uma definição interessante de *moleza*. Supondo que Magnus consiga derrotar Loki em um vitupério e o enfraqueça o bastante para capturar Loki… como vocês vão aprisioná-lo?

— Hum… — disse Mallory. — Nós temos uma noz.

Skadi assentiu.

— Isso é bom. A noz deve servir.

— Então, se eu derrotar Loki no vitupério — falei — e nós fizermos a coisa toda com a noz e tal… vamos apertar as mãos da tripulação de Loki, todo mundo vai dizer “mandaram bem” e vão nos deixar ir embora, certo?

Skadi riu.

— Acho difícil. O cessar-fogo vai acabar assim que a competição terminar. E aí, de uma forma ou de outra, a tripulação vai matar vocês.

— Entendi — disse Mestiço. — Por que você não vem conosco, Skadi? Uma arqueira seria útil para o grupo.

Skadi gargalhou.

— Esse aí é muito engraçado.

— É, mas a graça passa rápido — murmurou Mallory.

A giganta se levantou.

— Esta noite, vocês são meus convidados, pequenos mortais. Podem dormir tranquilamente sabendo que não há nada a temer no Lar do Trovão. Mas, de manhã… — ela apontou para o abismo branco além das janelas — … vocês vão embora. A última coisa que quero é que Njord fique cheio de esperanças se eu mimar o neto dele.

Trinta e nove

Eu fico poético tipo, sei lá… um poeta

APESAR DA PROMESSA de Skadi, eu não dormi muito bem.

O frio do quarto e os trovões constantes não ajudaram. Nem mesmo saber que pela manhã Skadi nos daria esquis e nos jogaria pela janela.

Além disso, não parei de pensar em Alex Fierro. Sabe como é, só um pouco. Alex era uma força da natureza, como os trovões. Ela atacava quando sentia vontade, de acordo com variações de temperatura e padrões de neve que eu não tinha como prever. Ela abalava minhas estruturas de uma forma poderosa, mas ao mesmo tempo estranhamente suave e contida, escondida por uma nevasca. Eu não conseguia distinguir quais eram suas motivações. Alex fazia o que queria. Pelo menos, era o que parecia para mim.

Fiquei um bom tempo olhando para o teto. Quando finalmente saí da cama, usei a bacia para lavar o rosto e botei roupas novas de lã, brancas e cinzentas, as cores de neve e gelo. Meu pingente de runa pendia frio e pesado, como se Jacques estivesse dando uma cochilada. Peguei meus poucos pertences e fui para os corredores de Lar do Trovão, torcendo para não ser morto por um servo assustadiço ou por uma flecha perdida.

No salão, encontrei Sam fazendo sua oração. Jacques zumbiu no meu peito, me informando em tom sonolento e irritado que eram quatro da manhã no horário de Niflheim.

Sam tinha virado o tapete de oração para as enormes janelas abertas. Achei que a mancha branca lá fora era um belo quadro a admirar enquanto se meditava sobre Deus ou sabe-se lá o quê. Esperei que ela terminasse. A

essa altura eu já reconhecia o padrão. Um instante de silêncio no final, uma espécie de momento de paz que nem um trovão seria capaz de incomodar, e ela se virou e sorriu.

— Bom dia.

— Oi. Você acordou cedo.

Percebi que era uma coisa idiota para se dizer para uma muçulmana. Nenhum praticante dormia tarde porque era preciso estar acordado para as orações aos primeiros sinais de luz. Por estar viajando com Sam, passei a prestar mais atenção ao horário do amanhecer e do entardecer, mesmo quando estávamos em outros mundos.

— Eu não dormi muito — disse ela. — Achei que podia fazer uma ou duas refeições caprichadas.

Ela deu tapinhas na barriga.

— Como você sabe os horários de oração em Jötunheim? — perguntei. — E também onde fica Meca?

— Ah. Eu faço uma aproximação. Isso é permitido, porque o que vale é a intenção.

Eu me perguntei se o mesmo seria verdade no meu desafio iminente. Talvez Loki dissesse: *Bem, Magnus, você foi péssimo no vitupério, mas fez seu melhor e, como o que vale é a intenção, você venceu!*

— Ei. — A voz de Sam me arrancou dos meus pensamentos. — Você vai se sair bem.

— Você está incrivelmente calma. Considerando… você sabe, que hoje é o dia.

Sam ajeitou o hijab, que ainda estava branco para combinar com a roupa.

— A noite de ontem foi a vigésima sétima do ramadã. Tradicionalmente, é a Noite do Poder.

Eu esperei.

— É quando você fica superenergizada?

Ela riu.

— Mais ou menos. Essa noite celebra o momento em que Maomé recebeu sua primeira revelação do anjo Gabriel. Ninguém sabe exatamente que noite é, mas é a mais sagrada do ano…

— Espera, é a noite mais sagrada da religião, mas vocês não sabem quando é?

Sam deu de ombros.

— A maioria das pessoas escolhe a vigésima sétima, mas, sim, é incerto. Sabemos que é uma das dez últimas noites do mês do ramadã. Não saber deixa todo mundo alerta. De qualquer modo, a noite de ontem me *pareceu* certa. Eu fiquei acordada orando e pensando e me senti… confirmada. Senti que *há* uma coisa maior do que isso tudo: Loki, o Ragnarök, o navio dos mortos. Meu pai pode ter poder sobre mim porque é meu pai. Mas não é o único poder. *Allahu akbar.*

Eu conhecia a expressão, mas nunca tinha ouvido Sam usá-la. Admito que instintivamente senti um nó no estômago. Os jornais adoravam falar que os terroristas diziam isso logo antes de fazerem uma coisa horrível e explodir gente.

Eu não ia comentar isso com Sam. Imaginei que estivesse bem ciente disso. Era comum que, andando de hijab pelas ruas de Boston, alguém gritasse para ela voltar para seu país, ao que (se estivesse de mau humor) Sam respondia: “Eu sou de Dorchester!”

— É — falei. — Isso quer dizer *deus é grande*, não é?

Sam balançou a cabeça.

— É uma tradução um tanto imprecisa. Quer dizer *Deus é maior*.

— Maior do que o quê?

— Do que tudo. O motivo de dizer isso é para lembrar a si mesmo que Deus é maior do que tudo que você está enfrentando: seus medos, seus problemas, sua sede, sua fome, sua raiva. Até seus problemas com um pai

como Loki. — Ela balançou a cabeça. — Desculpa, isso deve ter soado meio sentimentaloide para um ateu.

Dei de ombros, me sentindo constrangido. Queria ter a fé de Sam. Eu não tinha, mas isso funcionava para ela, e eu precisava que ela tivesse confiança, principalmente hoje.

— Bom, você parece superenergizada. É isso que importa. Pronta para arrebentar uns mortos-vivos?

— Estou. — Ela deu um sorrisinho. — E você? Está pronto para enfrentar *Alex*?

Eu me perguntei se Deus era maior do que o soco na barriga que Sam tinha acabado de acertar em mim.

— Hã, como assim?

— Ah, Magnus. Você é tão emocionalmente cego que é quase fofo.

Antes que eu pudesse pensar em um jeito inteligente de responder a isso, talvez gritando *Nossa, o que é aquilo!* e saindo correndo, a voz de Skadi explodiu no salão.

— Aí estão meus madrugadores!

A giganta usava peles brancas suficientes para vestir uma família de ursos-polares. Atrás dela, uma fila de servos se aproximava, carregando uma variedade de esquis de madeira.

— Vamos despertar seus amigos e botar vocês na estrada!

• • •

Nossos amigos não ficaram animados de acordar.

Eu tive que jogar água gelada na cabeça de Mestiço Gunderson *duas vezes*. Blitz resmungou alguma coisa sobre patos e me mandou ir embora. Quando tentei despertar Hearth, ele esticou uma das mãos para fora da coberta e sinalizou: *Eu não estou aqui*. T.J. pulou da cama gritando

“ATACAR!” Felizmente, não estava armado, senão a essa altura haveria um furo no meu corpo.

Por fim, todos se reuniram no salão principal, onde os servos de Skadi tinham servido nossa última refeição, desculpem, nosso *café da manhã*, composto de pão, queijo e sidra.

— Essa sidra foi feita com as maçãs da imortalidade — disse Skadi. — Séculos atrás, quando meu pai sequestrou a deusa Idun, fermentamos algumas das maçãs dela para fazer a sidra. Já está bem diluída. Não vai tornar vocês imortais, mas vai melhorar a resistência, pelo menos o suficiente para que atravessem os ventos de Niflheim.

Bebi tudo. A sidra não me deixou particularmente energizado, mas senti, sim, um formigamento. E sossegou as reviravoltas no meu estômago.

Depois de comer, experimentamos nossos esquis com graus variados de sucesso. Hearthstone se balançou graciosamente nos dele (quem sabia que ele era capaz de se balançar graciosamente?) enquanto Blitz tentava, em vão, encontrar um par que combinasse com seus sapatos.

— Tem alguma coisa menor? — perguntou ele. — E talvez marrom-escuro? Tipo de mogno?

Skadi deu um tapinha na cabeça dele, gesto que os anões não apreciavam.

Mallory e Mestiço se moviam com facilidade, mas os dois tiveram que ajudar T.J. a ficar de pé.

— Jefferson, eu achei que você tivesse crescido na Nova Inglaterra — disse Mestiço. — Você nunca andou de esqui?

— Eu morava na cidade — resmungou T.J. — Além disso, sou negro. Não havia muitos negros esquiando em Boston, em 1861.

Sam parecia meio desajeitada com os esquis, mas como ela sabia voar, não me preocupei muito.

Alex, por sua vez, estava sentada junto a uma janela calçando um par de botas de esquiar cor-de-rosa. Tinha trazido isso com ela? Oferecido uma gorjeta de algumas coroas para um gigante arrumar um par assim no armário de Skadi? Eu não fazia ideia, mas ela não ia esquiar para a morte usando roupas brancas e cinza sem graça. Ela estava usando uma capa de pelo verde (Skadi devia ter esfolado alguns Grinches para fazê-la) por cima da calça jeans malva e de um colete verde e cor-de-rosa. Para completar o visual, um chapéu de aviador no estilo Amelia Earhart e óculos também cor-de-rosa. Quando eu achava já ter visto todo tipo de roupa que só Alex conseguiria usar, ela aparecia com algo diferente.

Manteve-se alheia a todo o grupo enquanto ajustava os esquis. (Quando digo *todo o grupo*, estou falando de mim.) Parecia perdida em pensamentos, talvez considerando o que diria para a mãe, Loki, antes de tentar decapitar o deus com o garrote.

Em pouco tempo estávamos todos vestidos, de pé e em pares junto às janelas abertas, parecendo um grupo de saltadores das olimpíadas de inverno.

— Bem, Magnus Chase — disse Skadi —, a única coisa que falta é beber o hidromel.

Sam, de pé à minha esquerda, me ofereceu o cantil.

— Ah. — Eu me perguntei se era seguro beber hidromel antes de andar de esqui. Talvez as leis fossem menos severas em Jötunheim. — Você quer dizer agora?

— É — disse Skadi. — Agora.

Abri o cantil. Era o momento da verdade. Tínhamos nos aventurado pelos mundos e quase morrido várias vezes. Jantamos com Aegir, colocamos guerreiros de cerâmica para batalhar, matamos um dragão e pegamos hidromel usando uma mangueira de borracha velha só para que eu pudesse tomar a tal bebida feita de sangue e mel, que com sorte me deixaria poético o suficiente para humilhar Loki.

Não vi sentido em apreciar o sabor. Virei todo o hidromel em três goles grandes. Eu estava esperando sentir gosto de sangue, mas o hidromel de Kvásir tinha gosto de… bem, hidromel. Não queimava como o sangue de dragão e nem formigava como a sidra de quase imortalidade de Skadi.

— Como você está se sentindo? — perguntou Blitz, esperançoso. — Poético?

Eu arrotei.

— Estou me sentindo bem.

— Só isso? — perguntou Alex. — Diga alguma coisa impressionante. Descreva a tempestade.

Eu olhei para a nevasca pela janela.

— A tempestade parece… branca. E fria.

Mestiço suspirou.

— Vamos todos morrer.

— Boa sorte, heróis! — gritou Skadi.

E os servos dela nos empurraram pela janela em direção ao abismo.

Quarenta

Recebo uma ligação a cobrar de Hel

DISPARAMOS PELO CÉU como coisas que disparam pelo céu.

O vento açoitou meu rosto. A neve me cegou. O frio era tão intenso que achei que fosse congelar.

Pois é, o hidromel da poesia não estava funcionando *mesmo*.

De repente, a gravidade agiu. Eu odeio a gravidade.

Meus esquis rasparam e chiaram na neve compactada. Eu não esquiava havia *muito* tempo. Também nunca tinha feito isso despencando em uma ladeira de quarenta e cinco graus de inclinação em temperaturas abaixo de zero e no meio de uma nevasca.

Meus olhos congelaram. O frio queimou minhas bochechas. De alguma forma, consegui não sair rolando. Toda vez que me desequilibrava um pouco, meus esquis se corrigiam sozinhos e eu me mantinha de pé.

De relance, vi Sam voando à minha direita, seus esquis quase dois metros acima do chão. Trapaceira. Hearthstone passou disparado à minha esquerda, sinalizando *Seguindo pela esquerda*, o que não ajudou muito.

Na minha frente, Blitzen caiu do céu, gritando a plenos pulmões. Ele bateu na neve e imediatamente executou uma série impressionante de *slaloms*, movimentos em oito e saltos triplos. Ou ele esquiava *bem melhor* do que dissera ou seus esquis mágicos tinham um senso de humor cruel.

Meus joelhos e tornozelos ardiam pelo esforço. O vento penetrava nas minhas roupas superpesadas feitas por gigantes. Na minha cabeça, a qualquer minuto eu tropeçaria de uma forma que minhas habilidades mágicas não conseguiriam compensar. Eu bateria numa pedra, quebraria o

pescoço e acabaria esparramado na neve como um… Deixem pra lá. Não vou nem tentar terminar essa.

De repente, a ladeira ficou plana. A nevasca passou. Nossa velocidade diminuiu e nós oito paramos suavemente, como se tivéssemos acabado de percorrer um circuito para crianças em um parque de diversões.

(Opa, fiz uma analogia! Talvez fosse minha habilidade mediana com descrições voltando!)

Os esquis saíram dos nossos pés por vontade própria. Alex foi a primeira a se mover. Ela correu e se escondeu atrás de uma formação rochosa baixa no meio da neve. Achei que fazia sentido, já que ela era o alvo mais colorido em dez quilômetros quadrados. O restante de nós se juntou a ela. Nossos esquis sem esquiadores deram meia-volta e dispararam montanha acima.

— Nossa rota de fuga já era. — Alex olhou para mim pela primeira vez desde a noite anterior. — É melhor você começar a se sentir poético logo, Chase. Porque seu tempo está se esgotando.

Espiei por cima das pedras e entendi o que ela queria dizer. A algumas centenas de metros, por um véu fino de neve, a água em tom cinza-alumínio se estendia até o horizonte. Na margem próxima, erguendo-se da baía gelada, via-se a forma escura de *Naglfar*, o navio dos mortos. Era tão grande que, se eu não soubesse que era uma embarcação, talvez tivesse pensado se tratar de outra montanha, como a fortaleza de Skadi. A vela principal levaria vários dias para ser escalada. O casco enorme devia ter deslocado água suficiente para encher o Grand Canyon. O convés e as pranchas estavam infestados do que pareciam ser formigas furiosas, mas eu tinha a sensação de que, chegando mais perto, as formas revelariam ser gigantes e zumbis, milhares e milhares deles.

Antes, eu só tinha visto o navio em sonhos. Agora, percebia como nossa situação era desesperadora: oito pessoas enfrentando um exército criado

para destruir mundos inteiros, e nossa única esperança repousava em eu encontrar Loki e começar a xingá-lo pra valer.

O absurdo da situação poderia ter me deixado sem esperança. Mas só me deixou com raiva.

Eu não me sentia exatamente poético, mas *sentia* uma ardência na garganta, o desejo de dizer a Loki exatamente o que eu pensava dele. Algumas metáforas criativas surgiram na minha mente.

— Estou pronto — respondi, torcendo para estar certo. — Como vamos encontrar Loki sem morrer?

— Ataque direto? — sugeriu T.J.

— Hã…

— Estou *brincando* — disse T.J. — Obviamente, uma situação dessas pede uma distração. A maior parte do grupo devia encontrar um jeito de chegar à proa e atacar. Provocamos uma confusão, atraímos o máximo de malvados que pudermos para longe das pranchas, damos uma chance de Magnus subir a bordo e desafiar Loki.

— Espere um segundo…

— Concordo com o garoto da União — disse Mallory.

— Isso mesmo. — Mestiço brandiu seu machado. — Machado está com sede de sangue jötunn!

— Esperem! Isso é suicídio.

— Que nada — retrucou Blitz. — Garoto, nós já conversamos sobre isso e temos um plano. Eu trouxe algumas cordas de anão. Mallory tem ganchos. Hearth tem as runas. Com sorte, vamos conseguir escalar a proa daquele navio e começar o caos.

Ele deu um tapinha em uma das bolsas de suprimentos que tinha trazido do *Bananão*.

— Não se preocupe, tenho algumas surpresas guardadas para os guerreiros mortos-vivos. Você sobe pela prancha traseira, encontra Loki e exige um duelo. Nessa hora, a luta deve parar. Nós vamos ficar bem.

— É — disse Mestiço. — Aí vamos lá olhar você vencer aquele *meinfretr* nos insultos.

— E eu vou jogar uma noz nele — concluiu Mallory. — Nos dê uns trinta minutos para nos prepararmos. Sam, Alex… cuidem bem do nosso garoto.

— Cuidaremos — disse Sam.

Nem Alex reclamou. Percebi que não conseguiria convencer meus amigos a desistir daquele plano. Eles se uniram para maximizar minhas chances, independentemente de quão perigoso a situação pudesse se mostrar para eles.

— Pessoal…

Hearth sinalizou: *O tempo está se esgotando. Aqui. Para você.*

Da bolsinha, ele tirou a runa *othala*, a mesma pedra que removeremos do monte de pedras do poço de Andiron. Quando colocada na palma da minha mão, trouxe de volta o cheiro de carne podre de réptil e de brownies queimados.

— Obrigado — falei —, mas… por que essa runa em particular?

Não quer dizer só herança, sinalizou Hearth. Othala *simboliza ajuda em uma jornada. Use quando estivermos longe. Deve proteger você.*

— Como?

Ele deu de ombros. *Não me pergunte. Sou apenas o mago.*

— Muito bem, então — disse T.J. — Alex, Sam, Magnus… vemos vocês no navio.

Antes que eu pudesse protestar ou mesmo agradecer, o restante do grupo se afastou pela neve. Desapareceram rapidamente na paisagem com suas vestes brancas de jötunn.

Eu me virei para Alex e Sam.

— Há quanto tempo vocês estavam planejando isso?

Apesar dos lábios rachados e sangrando, Alex sorriu.

— Pelo mesmo tempo que você não tinha a menor noção. Portanto, tem um tempo.

— É melhor a gente ir — disse Sam. — Vamos experimentar sua runa?

Olhei para *othala*. Conjecturei se havia ligação entre herança e ajuda em uma jornada. Não consegui pensar em nenhuma. Eu não gostava de onde aquela runa tinha vindo e nem o que representava, mas achava que fazia sentido eu ter que usá-la. Nós a conquistamos com muita dor e sofrimento, da mesma forma que conquistamos o hidromel.

— É só jogar para o alto? — perguntei.

— Imagino que Hearth diria… — Alex continuou em linguagem de sinais: *É, seu idiota*.

Eu tinha quase certeza de que não era isso que Hearth diria.

Joguei a runa. *Othala* se dissolveu em um sopro de neve. Torci para que reaparecesse no saco de runas de Hearth em um ou dois dias, como acontecia depois que ele usava uma. Eu realmente não queria ter que comprar uma peça de reposição para ele.

— Não aconteceu nada — comentei. Em seguida, olhei para os lados. Alex e Sam tinham desaparecido. — Ah, deuses, eu vaporizei vocês!

Tentei me levantar de detrás das pedras, mas mãos invisíveis me seguraram dos dois lados e me puxaram para baixo.

— Eu estou bem aqui — disse Alex. — Sam?

— Aqui — confirmou Sam. — Parece que a runa nos deixou invisíveis. Consigo me ver, mas não vejo vocês.

Olhei para baixo. Sam estava certa. Eu conseguia enxergar a mim mesmo direitinho, mas o único sinal das minhas duas amigas eram as marcas dos pés na neve.

Fiquei pensando o motivo pelo qual *othala* tinha escolhido a invisibilidade. Estaria usando minha experiência pessoal, já que invisível era como eu me sentia quando era sem-teto? Ou talvez a magia fosse definida pela experiência familiar de Hearthstone. Imaginei que ele devia

ter desejado ser invisível para o pai durante boa parte da infância. Fosse qual fosse o caso, eu não pretendia desperdiçar a oportunidade.

— Vamos logo.

— Deem as mãos — ordenou Alex.

Ela segurou minha mão esquerda sem nenhuma afeição em particular, como se eu fosse um cajado. Sam não segurou minha outra mão, mas desconfiei de que não tivesse nada a ver com motivos religiosos. Ela simplesmente gostava da ideia de Alex e eu estarmos de mãos dadas. Eu quase conseguia *ouvir* Sam sorrindo.

— Tudo bem — disse ela. — Vamos.

Nós seguimos pela formação rochosa, na direção da margem. Fiquei preocupado em deixar pegadas, mas a neve e o vento logo apagaram os rastros da nossa passagem.

A temperatura e o vento estavam tão cortantes quanto no dia anterior, mas a sidra de Skadi devia estar funcionando. Respirar não dava a sensação de estar inalando vidro, e não precisei ficar checando o rosto a todo segundo para ter certeza de que meu nariz não tinha caído.

Em meio ao uivo do vento e ao estrondo das geleiras despencando na baía, outros sons chegaram a nós vindos do convés de *Naglfar*: correntes retinindo, vigas estalando, gigantes berrando ordens e as botas dos atrasados batendo apressadas no convés feito de unhas. O navio devia estar bem próximo de zarpar.

Estávamos a uns cem metros do porto quando Alex puxou minha mão.

— Para baixo, seu idiota!

Eu me abaixei, apesar de não entender como poderíamos nos esconder mais do que estando invisíveis.

Saindo do vento e da neve, passando a três metros de nós, uma tropa de soldados zumbis marchava na direção de *Naglfar*. Eu não os vi chegando, e Alex estava certa: era melhor não confiar na invisibilidade se a ideia era se manter escondido daqueles caras.

Suas armaduras de couro esfarrapado estavam cobertas de gelo. Os corpos não passavam de pedaços de carne agarrados aos ossos. Uma luz azul espectral tremeluzia dentro das caixas torácicas e dos crânios, me fazendo pensar em velas de aniversário em cima do pior bolo do mundo.

Quando os mortos-vivos passaram, reparei que as solas das botas tinham pregos cravados, como travas de chuteira. Lembrei-me de uma coisa que Mestiço Gunderson tinha me dito uma vez: como o trajeto até Helheim era feito de gelo, os mortos desonrados eram enterrados com pregos nos sapatos para que não escorregassem ao longo do caminho. Agora, aquelas botas estavam levando seus donos de volta ao mundo dos vivos.

A mão de Alex tremeu na minha. Ou talvez quem estivesse tremendo fosse eu. Finalmente o grupo de soldados passou por nós, indo na direção do porto e do navio dos mortos.

Eu me levantei com inquietação.

— Que Alá nos defenda — murmurou Sam.

Torci desesperadamente para que, se o Todo-Poderoso existisse, Sam tivesse alguma influência sobre ele. Precisaríamos mesmo de alguém que nos defendesse.

— Nossos amigos vão enfrentar *isso* — disse Alex. — Temos que ir logo.

Ela estava certa de novo. A única coisa que me faria querer voltar a bordo de um navio com milhares de zumbis era saber que, se eu não fizesse isso, nossos amigos lutariam com eles sozinhos. E isso não ia rolar.

Pisei nos rastros deixados pelo exército morto e vozes sussurrantes imediatamente ecoaram na minha cabeça: *Magnus. Magnus.*

Uma dor perfurou meus olhos. Meus joelhos falharam. Eu *conhecia* aquelas vozes. Algumas eram duras e furiosas, outras gentis e delicadas. Todas ecoavam na minha mente, exigindo atenção. Uma delas era… uma delas era da minha mãe.

Eu tropecei.

— Ei — sussurrou Alex. — O que você…? Espera aí, o que é isso?

Ela também estava ouvindo as vozes? Eu me virei, tentando identificar de onde vinham. Não tinha visto antes, mas a uns quinze metros na direção da qual os zumbis tinham vindo, um buraco escuro e quadrado aparecera na neve: uma rampa que descia em direção ao nada.

Magnus, sussurrou a voz do tio Randolph. *Sinto tanto, meu garoto. Você pode me perdoar? Venha. Quero ver você uma última vez.*

Magnus, chamou uma voz que eu só tinha ouvido em sonhos: Caroline, esposa de Randolph. *Por favor, perdoe seu tio. As intenções dele eram as melhores. Venha, querido. Quero conhecer você.*

Você é nosso primo?, disse a voz de uma garotinha; Emma, a filha mais velha do tio Randolph. *Meu pai também me deu uma runa* othala*. Quer ver?*

O mais doloroso foi quando minha mãe disse *Venha, Magnus!* com o tom alegre que usava quando estava me encorajando a percorrer mais rápido a trilha para que compartilhássemos uma vista incrível. Só que agora havia uma frieza na voz dela, como se os pulmões estivessem cheios de fréon. *Depressa!*

As vozes me dilaceraram, arrancaram pedacinhos da minha mente. Eu tinha dezesseis anos? Tinha doze ou dez? Estava em Niflheim ou em Blue Hills ou no barco do tio Randolph?

Alex soltou minha mão. Mal notei.

Eu segui na direção da caverna.

De algum lugar atrás de mim, Sam disse:

— Pessoal?

Ela parecia preocupada, à beira do pânico, mas a voz não soou mais real para mim do que os espíritos sussurrantes. Sam não podia me impedir. Não conseguia ver minhas pegadas no caminho pisoteado pelos soldados zumbis. Se eu corresse, poderia percorrer a trilha gelada e mergulhar em

Helheim antes que meus amigos soubessem o que tinha acontecido. O pensamento me encheu de empolgação.

Minha família estava lá embaixo. Hel, a deusa dos mortos desonrados, me disse isso quando a encontrei em Bunker Hill. Ela prometeu que eu podia me juntar a eles. Talvez precisassem da minha ajuda.

Jacques pulsou e emitiu calor em meu pescoço. Por que ele estava fazendo isso?

À minha esquerda, Alex murmurou:

— Não. Não, eu não vou ouvir.

— Alex! — exclamou Sam. — Graças a Deus. Cadê o Magnus?

Por que Sam parecia tão preocupada? Eu tinha uma vaga lembrança de que estávamos em Niflheim por um motivo. Eu… eu não devia estar indo para Helheim agora. Isso provavelmente me mataria.

As vozes sussurrantes foram ficando mais altas, mais insistentes.

Minha consciência lutou contra elas. Resisti à vontade de correr na direção da rampa escura.

Eu estava invisível por causa de *othala*, a runa da herança. Mas e se esse fosse o lado ruim da magia dela? *Othala* me permitia ouvir as vozes dos meus entes queridos mortos, me puxando para os seus domínios.

Alex encontrou minha mão de novo.

— Achei ele.

Lutei contra uma onda de irritação.

— Por quê?

— Eu sei — disse Alex num tom de voz surpreendentemente gentil. — Eu também estou ouvindo, mas você não pode segui-los.

Lentamente, a rampa escura se fechou e as vozes se silenciaram. O vento e a neve começaram a apagar os rastros dos zumbis.

— Vocês estão bem? — perguntou Sam, a voz um oitavo mais aguda do que o normal.

— Estou — respondi, me sentindo meio mal. — Sinto muito por isso.

— Não precisa pedir desculpa. — Alex apertou meus dedos. — Eu ouvi meu avô. Quase tinha esquecido como era a voz dele. E outras vozes. Adrian…

Ela engasgou com o nome.

Quase não ousei perguntar.

— Quem?

— Um amigo — disse ela, a palavra carregada com todos os tipos de significados possíveis. — Ele cometeu suicídio.

A mão dela ficou frouxa na minha, mas eu não a soltei. Fiquei tentado a projetar meu poder, a tentar curá-la, a compartilhar a onda de dor e lembranças que encheria minha cabeça com o passado de Alex. Mas não fiz isso. Não tinha sido convidado a entrar em sua mente.

Sam ficou silenciosa por uns dez segundos.

— Alex, sinto muito. Eu… eu não ouvi nada.

— Agradeça por isso — falei.

— É — concordou Alex.

Parte de mim ainda resistia à vontade de correr pela neve, me jogar e cravar as unhas no chão até que a rampa reabrisse. Eu tinha ouvido minha mãe. Mesmo que tivesse sido apenas um eco frio. Ou um truque. Uma piada cruel de Hel.

Eu me virei para o mar. De repente, senti mais medo de ficar em terra firme do que de subir a bordo do navio dos mortos.

— Vamos. Nossos amigos estão contando com a gente.

Quarenta e um

Eu peço um tempo

A PRANCHA ERA feita de unhas do pé.

Se isso não for suficiente para deixar vocês com nojo, nenhuma quantidade de hidromel de Kvásir vai me ajudar a fornecer uma descrição suficientemente nojenta. Apesar de a rampa ter quinze metros de largura, a quantidade de indivíduos andando nela era tanta que tivemos dificuldade de achar uma brecha. Calculamos nossa subida atrás de uma tropa de zumbis, mas quase fui pisoteado por um gigante carregando um feixe de lanças.

Uma vez alcançado o topo, desviamos para o lado, seguindo rente à amurada.

Ao vivo, o navio era ainda mais horrível do que nos meus sonhos. O convés parecia se estender ao infinito, uma colcha de retalhos cintilante de placas de unhas amarelas, pretas e cinzentas, como a carapaça de alguma criatura pré-histórica. Centenas de gigantes iam de um lado para outro, parecendo quase de tamanho humano se comparados à embarcação: gigantes da pedra, gigantes das montanhas, gigantes do gelo, gigantes das colinas e alguns sujeitos vestidos com tanto bom gosto que só podiam ser gigantes das metrópoles, todos enrolando cordas, empilhando armas e gritando uns com os outros em uma variedade de dialetos jötunn.

Os mortos-vivos não eram tão diligentes. Ocupando boa parte do amplo convés, estavam em posição de sentido em fileiras brancas e azuis, dezenas de milhares deles, como se à espera de uma inspeção. Alguns estavam montados em cavalos zumbis. Outros tinham cachorros ou lobos

zumbis. Alguns até tinham aves de rapina zumbis empoleiradas nos braços de esqueleto. Todos pareciam perfeitamente satisfeitos de permanecer em silêncio até receberem ordens. Muitos esperaram séculos pela batalha final. Eu achava que, na opinião deles, aguardar um pouco mais não faria mal.

Os gigantes se esforçavam para evitar contato com os mortos-vivos. Contornavam as legiões com cuidado, xingando-os por estarem no caminho, mas sem tocar neles e nem os ameaçar diretamente. Imaginei que me sentiria da mesma forma se estivesse dividindo um navio com uma horda de roedores estranhamente bem-comportados e carregando armamento pesado.

Procurei Loki no convés. Não vi ninguém com uniforme branco de almirante, mas isso não queria dizer nada. No meio de tanta gente, ele podia estar em qualquer lugar, disfarçado de qualquer um. Ou no convés inferior, se refastelando com um tranquilo café da manhã pré-Ragnarök. Meu plano de andar diretamente até ele sem obstáculos e dizer *Oi, cabeça de mamão. Eu te desafio a um duelo de xingamentos* estava indo por água abaixo.

Na coberta de proa, a uns oitocentos metros, talvez, um gigante andava de um lado para outro, balançando um machado e gritando ordens. Ele estava muito longe para eu conseguir entender as palavras, mas reconheci do meu sonho a forma corcunda e magra e o elaborado escudo de ossos de costela. Era Hrym, o capitão do navio. A voz dele se espalhava pela agitação de ondas se quebrando e gigantes resmungando.

— PREPAREM TUDO, SEUS COVARDES MOLENGAS! A PASSAGEM ESTÁ ABERTA! SE NÃO ANDAREM MAIS RÁPIDO, VOU DAR VOCÊS PARA GARM COMER!

Então, em algum lugar atrás do capitão, perto da proa, uma explosão sacudiu o navio. Gritando, gigantes soltando fumaça voaram pelo ar como acrobatas disparados por canhões.

— ESTAMOS SENDO ATACADOS! — gritou alguém. — PEGUEM ELES!

Nossos amigos tinham chegado.

Eu não conseguia vê-los, mas, no meio da confusão, ouvi os sons metálicos de uma corneta. Só pude concluir que T.J. tinha encontrado o instrumento embaixo da munição, dos óculos de atirador de elite e dos biscoitos duros.

Acima do capitão Hrym, uma runa dourada ardia no céu:

ᚦ

Thurisaz, sinal da destruição, mas também símbolo do deus Thor. Hearthstone não podia ter escolhido uma runa melhor para disseminar medo e confusão em um bando de gigantes. Raios explodiram da runa em todas as direções, fritando gigantes e mortos-vivos.

Mais gigantes ocuparam o convés superior. Não que eles tivessem muita escolha. O navio estava tão lotado de tropas que as multidões forçaram as linhas para a frente, quisessem eles avançar ou não. Uma avalanche de corpos bloqueou rampas e escadas. Um grupo empurrou o capitão Hrym e o carregou enquanto ele balançava o machado acima da cabeça e gritava, em vão.

A maior parte da legião de mortos-vivos permaneceu em posição, mas até eles viraram a cabeça na direção do caos, como se ligeiramente curiosos.

Ao meu lado, Sam murmurou:

— É agora ou nunca.

Alex soltou minha mão. Ouvi o som do garrote dela sendo puxado pelos passadores da calça jeans.

Nós seguimos em frente, tocando ocasionalmente nos ombros uns dos outros para nos orientar. Eu me abaixei quando um gigante passou voando por cima de mim. Seguimos no meio de uma legião de cavalaria zumbi, as lanças brilhando com luz gelada, os olhos brancos e mortos dos cavalos encarando o nada.

Ouvi um grito de guerra que parecia ter vindo de Mestiço Gunderson. Eu esperava que ele não tivesse tirado a camisa, como costumava fazer em combate. Senão ele podia pegar uma gripe enquanto lutávamos até a morte.

Outra runa explodiu sobre a proa:

ᛁ

Isa, gelo, que devia ter sido fácil de usar em Niflheim. Uma onda de gelo bateu no lado esquerdo de *Naglfar*, transformando um monte de gigantes em esculturas congeladas.

Na luz cinzenta da manhã, percebi o brilho de um pequeno objeto de bronze voando na direção do capitão Hrym e achei que um dos meus amigos tinha jogado uma granada nele. Mas, em vez de explodir, a “granada” foi aumentando à medida que caía, se expandindo a um tamanho impossivelmente grande, até que o capitão e mais de dez amigos gigantes próximos desapareceram debaixo de um pato do tamanho de uma loja Starbucks.

Perto da amurada a estibordo, outro pato de bronze cresceu no ar, empurrando um batalhão de zumbis em direção ao mar. Gigantes gritaram e deram início ao caos, como acontecia quando gigantescos patos metálicos choviam do céu.

— Expande-Patos — comentei. — Blitz se superou.

— Continue — disse Alex. — Estamos perto agora.

Talvez não devêssemos ter falado. Na fila mais próxima de guerreiros zumbis, um lorde com braçadeiras douradas virou o elmo de lobo na nossa direção. Um rosnado percorreu sua caixa torácica.

Ele disse alguma coisa em uma língua que eu não conhecia, sua voz úmida e oca como água pingando em um caixão. Seus homens puxaram espadas enferrujadas das bainhas mofadas e se viraram para nós.

Lancei um olhar para Sam e Alex. As duas estavam visíveis, então concluí que eu também devia estar. Como uma piada de mau gosto — o tipo de proteção mágica que se esperaria do sr. Alderman —, nosso disfarce *othala* acabou no centro do convés principal do navio, na frente de uma legião de mortos-vivos.

Fomos cercados por zumbis. A maioria dos gigantes ainda corria para lidar com nossos amigos, mas alguns repararam em nós e, gritando de fúria, juntaram-se ao exército assassino.

— Bom, Sam — disse Alex. — Foi bom conhecer você.

— E eu? — perguntei.

— O júri ainda está deliberando.

Ela virou uma onça-parda e pulou no lorde *draugr*, arrancando a cabeça dele. Então foi se deslocando entre os soldados, mudando de forma sem esforço, passando de lobo para humana para águia, cada forma mais mortal do que a anterior.

Sam empunhou sua lança de valquíria. Emitindo uma luz ardente, ela explodiu os mortos-vivos, queimando dezenas de uma vez só. Porém, centenas de outros se aproximaram, espadas e lanças em riste.

Eu puxei Jacques e gritei:

— Lute!

— TÁ BOM! — gritou ele em resposta, parecendo tão assustado quanto eu.

Jacques passou ao meu redor, fazendo o melhor possível para me proteger, mas me vi com o problema recorrente de todos os filhos de Frey.

Os einherjar têm um lema: *Matem o curandeiro primeiro.*

Essa filosofia militar foi aperfeiçoada por guerreiros vikings experientes que, quando em Valhala, aprenderam a jogar videogames. A ideia era simples: mirava-se em qualquer cara nas linhas inimigas que pudesse curar os ferimentos dos seus oponentes e fazer com que voltassem ao combate. Se matasse o curandeiro, o resto morria mais rápido. Além do mais, o curandeiro devia ser frágil e medroso e fácil de eliminar.

Evidentemente, gigantes e zumbis também conheciam essa dica de expert. Talvez jogassem os mesmos videogames que os einherjar enquanto esperavam o Juízo Final. Sabe-se lá como, fui identificado como curandeiro; portanto, eles ignoraram Alex e Sam e vieram na minha direção. Flechas passaram voando pelos meus ouvidos. Lanças cutucaram minha barriga. Machados foram arremessados entre as minhas pernas. O espaço era pequeno demais para tantos combatentes. A maioria das armas dos *draugrs* encontravam alvos *draugrs*, mas eu achava que aquele pessoal não estava muito preocupado com o alvo naquele fogo cruzado.

Fiz o que pude para parecer destemido. Com minha força einherji, dei um soco na cavidade peitoral do zumbi mais próximo, o que foi como dar um soco através de uma bacia de gelo-seco. Quando ele caiu, peguei a espada que ele empunhava e empalei o colega zumbi mais próximo.

— Quem precisa de curandeiro *agora*? — gritei.

Por uns dez segundos, pareceu que estávamos nos saindo bem. Outra runa explodiu. Outro Expande-Pato deflagrou a destruição nas linhas inimigas. Da proa veio o ruído alto da Springfield 1861 de T.J. Ouvi Mallory xingando em gaélico.

Mestiço Gunderson gritou:

— SOU MESTIÇO, DE FLÄM!

A que um gigante meio burro respondeu:

— Fläm? Aquele lugar é um buraco!

— ARRRRGGGHH! — O uivo de fúria de Mestiço sacudiu o barco, seguido do som do machado dele cortando fileiras de corpos.

Alex e Sam lutaram como demônios gêmeos; a lança ardente de Sam e o garrote afiado de Alex cortavam os mortos-vivos com a mesma velocidade.

Mas com tantos inimigos nos cercando, era só questão de tempo até que um golpe nos acertasse. O cabo de uma lança atingiu a lateral da minha cabeça e eu caí de joelhos.

— Magnus! — gritou Jacques.

Vi o machado de um zumbi se aproximar do meu rosto e vi que Jacques não teria tempo para impedir. Com toda a destreza poética de um bebedor de hidromel de Kvásir, eu pensei: *Mas que droga.*

Só que uma coisa aconteceu e essa coisa *não* foi a minha morte.

Uma pressão furiosa cresceu dentro do meu estômago, uma certeza de que toda aquela luta deveria parar, de que *precisava* parar, se pretendíamos completar nossa missão. Rugi ainda mais alto do que Mestiço Gunderson.

Uma luz dourada explodiu de dentro para fora em todas as direções, se espalhando pelo convés do navio, arrancando espadas das mãos de seus donos, mudando a direção de projéteis em rota e os enviando para o mar, arrancando as lanças e os escudos e machados de batalhões inteiros.

Eu cambaleei.

A luta tinha parado. Todas as armas ao alcance da minha voz tinham sido arrancadas violentamente de seus donos. Até Jacques havia voado para algum lugar a estibordo, e achei que ouviria bastante a respeito disso, caso eu sobrevivesse. Todo mundo no navio, fosse amigo ou inimigo, tinha sido desarmado pela Paz de Frey, um poder que eu só conseguira invocar uma vez.

Gigantes desconfiados e zumbis confusos se afastaram de mim. Alex e Sam vieram correndo na minha direção.

Minha cabeça latejava. Minha visão oscilava. Eu tinha perdido um dos molares e minha boca estava cheia de sangue.

A Paz de Frey era um truque bem legal. Chamava mesmo a atenção da galera. Mas não era uma solução permanente. Nada impediria nossos inimigos de simplesmente recuperaram suas armas e voltarem ao projeto de matança do curandeiro.

Mas antes do momento de surpresa pelas mãos vazias passar, uma voz familiar falou em algum lugar à minha esquerda.

— Ora, ora, Magnus. Isso foi bem dramático!

Os *draugrs* se afastaram e revelaram Loki, em seu impecável uniforme branco de almirante, o cabelo da cor das folhas de outono, os lábios cheios de cicatrizes retorcidos em um sorriso, os olhos brilhando com humor malicioso.

Atrás dele estava Sigyn, sua fiel esposa sofredora, que passara séculos recolhendo veneno de serpente em uma tigela para impedir que ele pingasse no rosto de Loki, um dever que *não* era assegurado pelos tradicionais votos de casamento. A expressão em seu rosto pálido e magro era impossível de interpretar, embora lágrimas vermelho-sangue ainda escorressem de seus olhos. Pensei ter notado uma leve tensão nos lábios, como se Sigyn estivesse decepcionada por me ver outra vez.

— Loki… — Eu cuspi sangue. Mal conseguia fazer minha boca trabalhar. — Eu te desafio a um vitupério.

Ele ficou me encarando como se estivesse esperando que eu completasse a frase. Talvez que eu acrescentasse: *Um vitupério… com outro cara que é bom de insultos e bem mais intimidador do que eu.*

Ao nosso redor, as fileiras infinitas de guerreiros pareciam prender a respiração, apesar de zumbis não respirarem.

Njord, Frigga, Skadi… todos me garantiram que Loki *teria* que aceitar meu desafio. Era a tradição. A honra exigia isso. Eu podia ter machucado a boca, estar com a cabeça zumbindo e não ter garantia nenhuma de que o

hidromel de Kvásir elaboraria poesia com minhas cordas vocais, mas agora eu ao menos teria minha chance de derrotar o trapaceiro em uma batalha de palavras.

Loki ergueu o rosto para o céu frio e cinzento e riu.

— Agradeço o convite, Magnus Chase — disse ele. — Mas acho que vou só matar você mesmo.

Quarenta e dois

Eu começo por baixo

SAM ATACOU. ACHO que foi quem ficou *menos* surpresa de Loki ter sido canalha a ponto de recusar meu desafio.

Porém, antes que a lança pudesse acertar o peito do pai dela, uma voz alta rugiu:

— PARE!

Sam parou.

Minha mente ainda estava confusa. Por um segundo, achei que Loki tinha gritado a ordem e que Sam havia sido obrigada a obedecer. Que todo o treinamento de Sam, o jejum e a confiança, tinham sido por nada.

Mas percebi que Loki não deu ordem nenhuma. Na verdade, parecia bem irritado. Sam parara por vontade própria. Multidões de *draugrs* e gigantes abriram caminho enquanto o capitão Hrym mancava na nossa direção. Ele não carregava o machado. O escudo intrincado feito de ossos de costela estava amassado como se tivesse sido bicado por um pato muito grande.

O rosto envelhecido não era mais bonito de perto. Fios de uma barba branca como gelo estavam pendurados no queixo. Os olhos azuis e pálidos cintilavam no fundo das órbitas como se estivessem derretendo até o cérebro. A boca coriácea dificultava saber se ele estava fazendo careta para nós ou prestes a cuspir uma semente de melancia.

E o cheiro: *eeeeeca.* As peles brancas mofadas de Hrym me deixaram nostálgico pelo armário com cheiro de "velho" do tio Randolph.

— Quem propôs um desafio? — perguntou Hrym.

— Fui eu — respondi. — Um vitupério contra Loki, a não ser que ele esteja com medo de me enfrentar.

A plateia murmurou:

— Ooooohhhhh…

Loki rosnou.

— Ah, por favor. Você não vai conseguir me fazer morder a isca, Magnus Chase. Hrym, nós não temos tempo para isso. O gelo derreteu. O caminho está livre. Vamos esmagar esses invasores e zarpar!

— Espere um minutinho! — interveio Hrym. — Este navio é meu! Eu sou o capitão!

Loki suspirou. Tirou o quepe de almirante e deu um soco na parte de dentro, em uma tentativa óbvia de tentar controlar a raiva.

— Meu querido amigo. — Ele sorriu para o capitão. — Nós já discutimos por isso. Nós *dividimos* o comando de *Naglfar*.

— Suas tropas — explicou Hrym. — Meu navio. E quando discordamos, toda desavença precisa ser resolvida por Surt.

— Surt? — Engoli mais sangue. Não fiquei animado de ouvir o nome do gigante do fogo de que eu menos gostava, o sujeito que abriu um buraco no meu peito e derrubou meu cadáver em chamas da ponte Longfellow. — Surt também está aqui?

Loki riu com deboche.

— Um gigante do fogo em Niflheim? Nada provável. Sabe, meu jovem e burro einherji, tecnicamente Surt é dono deste navio, mas só porque *Naglfar* está registrado em Muspellheim. Mais incentivos fiscais por lá.

— Essa não é a questão! — gritou Hrym. — Como Surt não está aqui, o comando é meu!

— Não — retrucou Loki chegando ao limite da paciência. — O comando é *nosso*. E eu digo que nossas tropas têm que partir!

— E eu digo que um desafio proferido da maneira apropriada tem que ser aceito! São as regras. A não ser que você *seja* covarde, como o garoto

alega.

Loki riu.

— Covarde? Acha que estou com medo de enfrentar uma criança? Ah, faça-me o favor! Ele não é ninguém.

— Então tá — falei. — Mostre para nós como anda a sua lábia… a não ser que tenha sido corroída junto com o resto da sua cara.

— Ooooohhhhh! — exclamou a plateia.

Alex ergueu a sobrancelha para mim. A expressão dela parecia dizer: *Até que não foi tão ruim quanto eu esperava.*

Loki olhou para o céu.

— Pai Fárbauti, mãe Laufey, por que eu? Meus talentos serão desperdiçados com essa plateia!

Hrym se virou para mim.

— Você e seus aliados aceitam um cessar-fogo até o vitupério acabar?

Alex respondeu:

— Magnus é nosso competidor, não nosso líder. Mas, sim, nós vamos interromper o ataque.

— Até os patos? — perguntou Hrym seriamente.

Alex franziu a testa como se fosse realmente um pedido muito sério.

— Muito bem. Até os patos.

— Então está acertado! — gritou Hrym. — Loki, você foi desafiado! Pelos antigos costumes, deve aceitar!

Loki engoliu o insulto que ia lançar ao capitão, provavelmente porque Hrym tinha o dobro do tamanho dele.

— Certo. Vou insultar Magnus Chase até não restar mais nada dele além de uma pocinha sob meu sapato. *Aí* vamos zarpar! Samirah, querida, segure meu chapéu.

Ele jogou o quepe de almirante. Samirah deixou que caísse aos seus pés.

Ela sorriu para ele friamente.

— Segure o próprio chapéu, *pai*.

— Ooooohhhhh! — disse a plateia.

A raiva ficou evidente no rosto de Loki. Eu quase conseguia ver as ideias fervendo na cabeça dele, todos os jeitos maravilhosos com os quais poderia nos torturar até a morte, mas ele não disse nada.

— UM VITUPÉRIO! — anunciou Hrym. — Até que acabe, que nenhum golpe seja dado! Que nenhum pato seja lançado! Permitam que os guerreiros inimigos se aproximem para assistir à competição!

Com alguns empurrões e xingamentos, nossos amigos atravessaram a multidão. Considerando tudo pelo que tinham passado, eles pareciam bem. Mestiço tirara mesmo a camisa. No peito, escrita com o que parecia ser sangue de gigante, estava a palavra FLÄM com um coração em volta.

O cano do rifle de T.J. soltava fumaça no frio, depois de tantos disparos. A baioneta pingava gosma de zumbi, e a corneta tinha sido retorcida em formato de pretzel de latão. (Eu não podia culpar nossos inimigos por fazerem isso.)

Hearthstone parecia ileso mas cansado, o que era compreensível depois de destruir tantos inimigos com gelo e raios. Ao lado dele estava Blitzen, e gigantes com dez vezes o tamanho do anão correram para longe dele. Alguns murmuraram, cheios de medo, o título *mestre dos patos*. Outros enfiaram as unhas no pescoço, que Blitzen tinha envolvido com gravatas apertadas de cota de malha. Gigantes morriam de medo de gravatas.

Mallory Keen estava pulando em uma perna só — aparentemente havia quebrado o mesmo pé que machucara na Noruega —, mas pulava com ferocidade, como uma verdadeira guerreira filha de Frigga. Ela embainhou as facas e sinalizou para mim: *Estou com a noz.*

Se fôssemos espiões, esse seria um ótimo código para uma arma nuclear ou algo assim. Infelizmente, ela só queria dizer que estava com a noz. Era minha responsabilidade colocar Loki lá dentro. Eu me perguntei se Mallory conseguiria abri-la e sugá-lo lá para dentro sem que eu

precisasse vencê-lo em uma batalha de insultos. Provavelmente não. Nada até o momento tinha sido fácil. E eu duvidava de que fosse começar agora.

Por fim, Jacques voltou flutuando até mim, resmungando:

— Paz de Frey, Magnus? Sério? Não foi legal, amigo.

E parou ao lado de Samirah para ver o que ia acontecer.

A plateia formou um círculo de uns dez metros de diâmetro em volta de Loki e de mim. Cercado por gigantes, senti como se estivesse no fundo de um poço. No silêncio repentino, eu conseguia ouvir o ribombar dos trovões ao longe, o estalo de gelo glacial derretendo, o tremor e o chiado dos cabos de aço de *Naglfar* esticados, o navio pronto para zarpar.

Minha cabeça latejava. Minha boca sangrava. O buraco onde meu dente ficava começou a doer, e eu não estava me sentindo nada poético.

Loki sorriu. Ele abriu os braços como se fosse me dar um abraço de boas-vindas.

— Bem, Magnus, olhe só pra você: participando de vitupérios como um adulto! Ou seja lá como vocês chamam um einherji que não envelhece, mas está aprendendo a não ser um bebê *tão* chorão. Se você não fosse um serzinho tão inútil, eu talvez ficasse impressionado!

As palavras machucaram. *Literalmente*. Pareceram explodir nos meus canais auditivos como ácido, gotejando pelos meus ouvidos e escorrendo até minha garganta. Tentei responder, mas Loki enfiou o rosto cheio de cicatrizes na frente do meu.

— Pequeno filho de Frey — continuou ele. — Entrando em uma batalha que não pode vencer, sem ideia, sem plano, só com um pouco de hidromel na barriga! Você achou mesmo que isso compensaria sua total falta de habilidade? Mas até que faz sentido. Você está tão acostumado a contar com seus amigos para lutarem por você. Agora, é sua vez! Que triste! Um otário sem talento! Você sabe o que você é, Magnus Chase? Quer mesmo saber?

A plateia riu e se empurrou. Eu não ousei olhar para os meus amigos. Fui tomado de vergonha.

— O-olha quem fala — consegui dizer. — Você é um gigante se passando por deus ou um deus se passando por gigante? De que lado está, além do seu próprio?

— Não estou do lado de ninguém! — Loki riu. — Nós somos todos agentes independentes neste navio, não somos, pessoal? Cada um cuida de si!

Os gigantes rugiram. Os zumbis se mexeram e sibilaram, as auras azuis geladas crepitando nos crânios.

— Loki cuida de Loki. — Ele bateu com os dedos nas medalhas de almirante. — Não posso confiar em mais ninguém, posso?

A esposa dele, Sigyn, inclinou a cabeça de leve, mas Loki não pareceu reparar.

— Pelo menos sou sincero! — continuou. — E, respondendo sua pergunta, eu sou um gigante! Mas a questão é a seguinte, Magnus: os aesires são apenas uma geração diferente de gigantes. Então, também são gigantes! Essa coisa de deuses contra gigantes é ridícula. Nós somos uma grande família infeliz. Isso é algo que você devia entender, seu humaninho disfuncional. Você diz que escolheu sua família. Diz que ganhou um novo grupo de irmãos e irmãs em Valhala. Que fofo. Pare de mentir para si mesmo! Ninguém *nunca* está livre dos laços de sangue. Você é igualzinho à sua família verdadeira. Tão fraco e deslumbrado pelo amor quanto Frey. E tão desesperado e covarde quanto o velho tio Randolph. E tão estupidamente otimista e *morto* quanto sua mãe. Pobre garoto. Você tem o pior dos dois lados, Frey e Chase. Você é ridículo!

A multidão riu. Eles pareceram crescer, me afundando nas suas sombras.

Loki se aproximou de mim, bem mais alto.

— Pare de mentir para si mesmo, Magnus. Você não é *ninguém*. É um *erro*, um dos muitos bastardos de Frey. Ele abandonou sua mãe, fingiu que você não existia até você recuperar a espada dele.

— Isso não é verdade.

— Mas é! Você sabe! Pelo menos eu *reconheço* meus filhos. Sam e Alex aqui me conhecem desde que eram crianças! Mas você? Você não é merecedor nem de um cartão de aniversário de Frey. E quem cortou seu cabelo?

Loki gargalhou alto.

— Ah, certo. Foi Alex que cortou, não foi? Você não achou que isso *significasse* alguma coisa, não é? Ela não liga para Magnus Chase. Só queria usar você. Ela puxou a mãe. Sinto tanto orgulho.

O rosto de Alex estava lívido, mas ela continuou em silêncio. Nenhum dos meus amigos se mexeu ou tentou se pronunciar. A luta era minha. Eles não podiam interferir.

Onde estava a magia do hidromel de Kvásir? Por que eu não conseguia proferir um insulto decente? Eu realmente achava que o hidromel podia compensar minha total falta de talento?

Espere aí… essas eram as palavras de Loki, enterradas no fundo do meu cérebro. Eu não podia deixar que ele me definisse.

— Você é mau — falei.

Até isso saiu com desânimo.

— Ah, que isso! — Loki sorriu. — Não me venha com esse papo de bom e mau. Esse nem é um conceito nórdico. Você é *bom* porque mata seus inimigos, mas seus inimigos são *maus* porque matam você? Que tipo de lógica deturpada é essa?

Ele se inclinou para mais perto. Loki estava definitivamente mais alto que eu agora. Minha cabeça mal chegava aos ombros dele.

— Um segredinho, Magnus: não existe bom e mau. O mundo é dividido entre pessoas capazes e incapazes. Eu sou *capaz*. E você… não.

Ele não me empurrou, não fisicamente, mas eu cambaleei para trás. Eu estava literalmente murchando sob as gargalhadas da plateia. Até Blitzen estava mais alto que eu agora. Atrás de Loki, Sigyn me observava com interesse, as lágrimas vermelhas cintilando nas bochechas.

— Own… — Loki fez beicinho. — O que você vai fazer agora, Magnus? Reclamar que sou cruel? Me criticar por assassinar e enganar? Vá em frente! Cante minhas maiores vitórias! Bem que você gostaria de ser tão capaz quanto eu. Você não sabe lutar. Não consegue pensar sob pressão. Não consegue nem se expressar na frente dos seus ditos amigos! Que chance tem contra mim?

Continuei a encolher. Mais algumas ofensas e eu ficaria com sessenta centímetros de altura. Em volta das minhas botas, o convés começou a se mover, unhas de mãos e pés se curvando para cima como plantas famintas.

— Vamos! Dê o seu melhor — desafiou Loki. — Não? Ainda sem palavras? Então acho que vou dizer o que acho *mesmo* de você!

Olhei para os rostos ávidos dos gigantes, para os rostos sombrios dos meus amigos, todos formando um círculo em volta de mim, e soube que aquele era um poço do qual eu nunca conseguiria sair.

Quarenta e três

Tenho um *grand finale*

Tentei desesperadamente pensar nos meus melhores insultos: *Você é um* meinfretr. *É burro. É feio.*

Pois é… meu melhor não era grande coisa, principalmente vindo de um cara que estava literalmente encolhendo ao ser massacrado por Loki.

Torcendo para conseguir inspiração, olhei para os meus amigos de novo. Sam estava com uma expressão austera e determinada, como se de alguma forma ainda acreditasse em mim. Alex Fierro parecia furiosa e desafiadora, como se de alguma forma acreditasse que, se eu fizesse besteira, ela ainda poderia me matar. Blitz tinha desenvolvido um tique nervoso no olho, como se estivesse me vendo destruir um belo trabalho de costura. Hearthstone estava triste e cansado, observando meu rosto como se procurasse uma runa perdida. T.J., Mallory e Mestiço estavam tensos, observando os gigantes ao nosso redor, provavelmente tentando elaborar um plano B no qual o B significava o *Burro do Magnus*.

Por fim, meu olhar encontrou o de Sigyn, de pé discretamente atrás do marido, as mãos entrelaçadas, os estranhos olhos vermelhos fixos em mim como se ela estivesse esperando.

Mas o que estava esperando? Sigyn ficou ao lado do marido quando todo mundo o abandonou. Durante séculos, cuidou de Loki, impedindo da melhor maneira possível que o veneno da cobra caísse no rosto dele, apesar de ter sido traída, maltratada e ignorada. Mesmo agora, Loki mal lhe dava atenção.

Sigyn era leal além da conta. Mas, na caverna de Loki, durante a cerimônia de casamento do gigante Thrym, eu tive quase certeza de que ela distraiu o marido em um momento crítico para impedir que ele me matasse e matasse meus amigos.

Por que ela desafiaria o marido assim? O que queria? Era quase como se estivesse trabalhando por debaixo dos panos para miná-lo, como se *quisesse* atrasar o Ragnarök e ver o marido de volta à caverna, preso às pedras e sofrendo.

Talvez Loki estivesse certo. Talvez ele não pudesse confiar em ninguém, nem mesmo na esposa.

Em seguida, pensei no que Percy Jackson me disse no convés do USS *Constitution*: que minha maior força não estava em meu treinamento, mas sim na minha equipe.

Um vitupério deveria minar a confiança do adversário, insultá-lo até não sobrar nada. Mas eu era um curandeiro. Não diminuía as pessoas, eu fazia com que elas se sentissem bem. Não podia jogar pelas regras de Loki e esperar vencer. Tinha que jogar pelas *minhas* regras.

Respirei fundo.

— Quero falar sobre Mallory Keen.

O sorriso de Loki vacilou.

— Quem é essa e por que deveria me importar?

— Que bom que você perguntou. — Eu projetei a voz com o máximo de volume e confiança que meus pulmõezinhos permitiam. — Mallory Keen sacrificou a vida para corrigir o próprio erro e salvou várias criancinhas da morte! Agora, é a lutadora mais corajosa e a melhor xingadora de Valhala. Ela mantém o andar dezenove unido mesmo quando queremos matar uns aos outros! Algum de vocês pode alegar ter o mesmo nível de camaradagem?

Os gigantes se remexeram com inquietação. Os *draugrs* se olharam como quem diz: *Sempre quis matar esse cara, mas ele já está morto.*

— Mallory abriu as portas da caverna de Suttung só com duas facas! — continuei. — Derrotou os nove escravos de Baugi sem nada além da lábia e de uma pedra! E quando descobriu que era filha de Frigga, conseguiu se segurar e não atacou a deusa!

— Ooh… — Os gigantes assentiram com apreciação.

Loki balançou as mãos, descartando minhas palavras.

— Acho que você não entendeu como funciona um vitupério, garotinho. Essas coisas não são nem *insultos*…

— Vou contar agora sobre Mestiço Gunderson! — gritei mais alto do que ele. — Um grande berserker, a glória de Fläm! Ele conquistou reinos com Ivar, o Sem-Ossos. Matou sozinho o gigante Baugi, salvando sua cidade natal e dando orgulho à sua mãe! Guiou nosso barco com firmeza e precisão pelos nove mundos, o machado provocando mais danos do que a maioria dos batalhões. E fez tudo isso sem camisa!

— E ele fica muito bem assim — murmurou outro gigante, cutucando o abdome do berserker.

Mestiço deu um tapa na mão dele.

— E os feitos de Thomas Jefferson Jr.! — gritei. — São dignos de qualquer salão viking! Ele partiu para cima do inimigo, sob uma chuva de balas, para encontrar sua nêmese, Jeffrey Toussaint, cara a cara. Morreu enfrentando um desafio impossível, como um valoroso filho de Tyr! Ele é o coração e a alma da nossa equipe, uma força motivadora que nunca falha. Derrotou o gigante Hrungnir com seu Springfield 1861 de confiança e carrega o estilhaço do coração do gigante acima do olho como medalha de honra. E também pode acender fósforos!

— Hum… — Os gigantes assentiram, sem dúvida pensando em como isso seria útil para acender os cachimbos nos ventos frios de Niflheim.

— E Blitzen, filho de Freya! — Eu sorri para meu amigo anão, cujos olhos estavam ficando úmidos. — Ele superou Eitri Júnior nas forjas de Nídavellir. É um dos estilistas mais arrojados dos nove mundos. Ele

costurou a bolsa de boliche mágica de Miúdo! Enfrentou o dragão Alderman de mãos vazias e forçou o monstro a recuar. Suas gravatas de aço inoxidável patenteadas e seus Expande-Patos são o pesadelo dos gigantes!

Vários gigantes choramingaram em concordância apavorada.

— Pare com isso! — disparou Loki com rispidez. — Isso é ridículo! O que é toda essa… essa *positividade*? Magnus Chase, seu cabelo continua horrível e suas roupas…

— Hearthstone! — Era imaginação minha ou eu estava ficando mais alto de novo? Parecia que agora podia encarar os olhos do meu oponente sem inclinar a cabeça. — O maior mago de runas dos nove mundos! Sua bravura é lendária! Ele está disposto a sacrificar qualquer coisa pelos amigos. Superou os mais terríveis desafios: a morte do irmão, o desprezo da família…

Minha voz falhou de emoção, mas Loki não falou no instante de silêncio. A plateia ficou me olhando com expectativa, alguns com lágrimas nos olhos.

— O pai dele virou um dragão — continuei. — Mas *Hearthstone* o enfrentou, enfrentou seus piores pesadelos e saiu vitorioso, quebrando uma maldição, destruindo o ódio com compaixão. Sem ele, nós não estaríamos aqui. Ele é o mais poderoso e mais amado elfo que conheço. Ele é meu irmão.

Hearthstone colocou a mão sobre o coração. O rosto dele estava tão cor-de-rosa quanto o lenço que Alex lhe dera.

O capitão Hrym fungou. Parecia que ele queria dar um abraço em Hearthstone, mas estava com medo de a atitude não pegar muito bem na frente da tripulação.

— Samirah al-Abbas — falei. — Filha de Loki, mas muito melhor que o pai!

Loki riu.

— Como é que é? Essa garota nem…

— Valquíria escolhida a dedo por Odin para executar as missões mais importantes! — As palavras estavam saindo com facilidade. Eu sentia um ritmo nelas, uma cadência incontrolável, uma certeza. Talvez fosse por causa do hidromel de Kvásir. Ou talvez fosse porque eu estava falando as coisas mais verdadeiras que conhecia. — Vocês sentiram a lança de luz dela queimar suas tropas no combate! Sua persistência é de aço. Sua fé, resoluta. Ela superou o domínio do pai! Salvou nosso navio dos temíveis *vatnavaettir*! Voou mais rápido do que o grande Baugi em sua forma de águia, levando o hidromel de Kvásir para nossa tripulação! E fez tudo isso durante o *jejum* do ramadã!

Vários gigantes arquejaram. Alguns colocaram a mão na garganta ao perceber o quanto estavam com sede.

— Samirah — resmungou Loki —, vire lagarto e vá embora, minha querida.

Sam franziu a testa para ele.

— Não, pai. Não vou fazer isso. Por que não vai você?

— Oooh! — Alguns gigantes até aplaudiram.

Eu com certeza estava mais alto agora. Ou, esperem… Loki estava ficando mais baixo.

Mas ainda não era o suficiente. Eu me virei para Alex.

— Vou contar sobre Alex Fierro!

— Deixando o melhor para o final, é? — perguntou Alex, em tom de desafio.

— Ela é nossa arma secreta! O terror de Jórvík! A criadora de Pottery Barn, o guerreiro de cerâmica!

— Eu comprei uns jogos americanos lindos nessa loja — murmurou um dos gigantes para o colega ao lado.

— Na mansão dos Chase, ele decapitou um lobo com apenas um fio, depois bebeu suco de goiaba no chifre dos meus ancestrais!

— Ele? — perguntou um gigante.

— Deixa pra lá — disse outro.

— Ela uma vez decapitou Grimwolf, o *lindwyrm* mais velho! — continuei. — Derrotou a bruxaria de Utgard-Loki em um torneio de boliche dos horrores! Ganhou a confiança e a afeição da deusa Sif! Ela me manteve vivo pelo mar congelado de Niflheim, e quando me beijou debaixo daquele cobertor ontem… — Encarei os olhos bicolores de Alex. — Bom, foi a melhor coisa que já aconteceu comigo.

Eu me virei para encarar Loki. Meu rosto estava quente. Talvez eu tivesse falado um pouco mais do que deveria, mas não podia deixar que isso atrapalhasse meu ânimo.

— Loki, você perguntou quem eu sou. Eu sou parte dessa equipe. Sou Magnus Chase do andar dezenove do Hotel Valhala. Sou filho de Frey, filho de Natalie, amigo de Mallory, de Mestiço, de T.J., de Blitzen, de Hearthstone, de Samirah e de Alex. Essa é minha família! Essa é minha *othala*. Eu sei que eles sempre vão me apoiar, e é por isso que estou aqui de pé, triunfante, no *seu* navio, cercado pela minha família, e você… mesmo em meio a milhares, você… ainda… está… sozinho.

Loki sibilou. Recuou de cara feia até um muro feito de *draugrs*.

— Eu não estou sozinho! Sigyn! Querida esposa!

Sigyn tinha sumido. Em algum momento durante o vitupério, ela devia ter se misturado com a plateia. Esse ato silencioso falou mais alto do que séculos de abuso.

— Alex! Samirah! — Loki tentou dar um sorriso confiante. — Venham, minhas queridas. Vocês *sabem* que eu amo vocês! Não sejam difíceis. Matem seus amigos por mim e tudo será perdoado.

Alex ajeitou a capa de pelo verde por cima do colete.

— Foi mal, mãe. Mas não vai rolar.

Loki foi até Samirah, que o fez parar com a ponta da lança. O trapaceiro estava com menos de um metro de altura agora. Ele tentou mudar de

forma. Pelo surgiu na testa dele. Escamas de peixe apareceram nas costas das mãos. Nada pareceu durar.

— Você não pode se esconder de si mesmo, Loki. Independentemente da forma que assumir, ainda é você: sozinho, desprezado, amargo, sem fé. Seus insultos são vazios e desesperados. Você não tem a menor chance contra nós, porque você não tem um *nós*. Você é Loki e está sempre sozinho.

— Eu *odeio* vocês! — gritou o deus, com cuspe voando da boca. Escorria ácido de todos os poros, chiando ao bater no convés. — Nenhum é digno da minha companhia e muito menos da minha liderança!

Conforme Loki foi encolhendo, seu rosto repleto de cicatrizes ondulou, se contorcendo de raiva. Ácido fumegava em poças em volta dele. Eu me perguntei se era todo o veneno que a víbora de Skadi pingou nele ao longo dos séculos ou se era apenas parte da própria essência de Loki. Talvez Sigyn tivesse tentado proteger Loki da cobra porque sabia que o marido já era cheio de veneno. Ele mal conseguia impedir que sua forma humana se liquefizesse na substância.

— Você acha que seu discurso de amigos felizes significa alguma coisa? — rosnou ele. — Está na hora de um abraço de grupo agora? Vocês me deixam com nojo!

— Você vai ter que falar mais alto. É difícil ouvir você aí embaixo.

Loki andou de um lado para outro e resmungou, com poucos centímetros de altura agora, pisando em poças do próprio veneno.

— Eu vou matar você lentamente! Vou mandar Hel torturar o espírito de todo mundo que você ama! Vou…

— Fugir? — perguntou Samirah, bloqueando Loki com a ponta da lança quando ele correu para a esquerda.

Ele disparou para a direita, mas Alex esticou a bota rosa de esqui para impedi-lo.

— Não mesmo, mãe — disse Alex. — Eu gosto de você aí embaixo. E agora, Mallory Keen tem um lindo presente de despedida para você.

Mallory se aproximou dando pulinhos e pegou a noz.

— Não! — gritou Loki. — Não, vocês não ousariam! Eu nunca…

Mallory jogou a noz para cima do deus em miniatura. A casca se abriu e puxou Loki com um barulho horrível de sucção, depois se fechou de novo. A noz sacudiu e tremeu no convés. Uma vozinha gritava obscenidades lá dentro, mas a casca permaneceu fechada.

Os gigantes franziram a testa para a noz.

O capitão Hrym pigarreou.

— Ora, isso foi interessante. — Ele se virou para mim. — Parabéns, Magnus Chase! Você venceu esse vitupério de forma justa. Estou impressionado! Espero que aceite minhas desculpas, pois vou ter que matar todos vocês agora.

Quarenta e quatro

Por que eles têm canhões? Eu quero canhões

EU NÃO ACEITEI as desculpas dele.

Nem meus amigos, que formaram um anel protetor ao meu redor e começaram a atacar as fileiras inimigas, seguindo lentamente para o lado direito do navio.

Ainda pulando em uma perna, Mallory Keen pegou sua noz do mal e guardou no bolso, depois exibiu sua habilidade com duas facas enfiando as lâminas na virilha do capitão Hrym.

Mestiço e T.J. lutaram como máquinas mortíferas. Eu não queria dar crédito a mim mesmo pela disposição de ambos, mas a forma com que destruíram as tropas foi admirável, quase como se estivessem determinados a serem tão bons quanto eu os descrevi, como se minhas palavras tivessem feito com que ficassem maiores ao mesmo tempo que fizeram Loki ficar menor.

— Venham comigo! — gritou Sam, sua lança de luz abrindo caminho para a direita.

Alex movia o garrote como um chicote, arrancando a cabeça de qualquer gigante que chegasse perto demais.

Fiquei com medo de Blitzen ser pisoteado na confusão, mas Hearthstone se ajoelhou e deixou o anão subir em seus ombros. Ok, isso era novidade. Eu não achava que Hearth tivesse força física para carregar Blitz, que era baixo mas corpulento, nem um pouco parecido com uma criancinha. Mas Hearth conseguiu, e pelo jeito como Blitz aceitou a carona sem questionar, tive a sensação de que eles já tinham feito isso antes.

Blitz jogou gravatas e Expande-Patos como serpentina no carnaval, espalhando terror nas linhas inimigas. Enquanto isso, Hearth arremessou uma runa familiar na direção da proa:

ᛖ

Ehwaz, a runa do cavalo, explodiu com luz dourada. De repente, flutuando no ar acima de nós, estava nosso velho amigo Stanley, o cavalo de oito patas.

Stanley observou a confusão, relinchou como quem diz: *Aparecer no meio de uma cena de luta? Tranquilo*. Em seguida, pulou na confusão, meio galopando, meio voando nos crânios de gigantes e causando caos generalizado.

Jacques, zumbindo com irritação, voou até mim.

— Eu tenho uma lâmina para cortar com você, Magnus.

— O quê?

Eu me abaixei quando uma lança voou por cima da minha cabeça.

— Você faz esse discurso lindo — disse Jacques. — E quem você deixa de fora? É sério?

Com o cabo, Jacques deu um soco tão forte em um gigante que o pobre coitado voou para trás, derrubando uma pequena cavalaria zumbi.

Engoli minha vergonha. Como pude ter me esquecido da minha espada? Jacques *odiava* ser esquecido.

— Jacques, você era minha arma secreta!

— Você disse isso sobre Alex!

— Hã, quer dizer, você era meu coringa! Eu estava guardando o melhor para, você sabe, poesia emergencial!

— Sei!

Ele cortou o amontoado mais próximo de *draugrs* como uma serra elétrica.

— Eu… Eu vou pedir a Bragi, o deus da poesia, para escrever *pessoalmente* um épico sobre você! — falei de repente, me arrependendo da promessa assim que a fiz. — Você é a melhor espada do mundo! Sem dúvida!

— Um épico, é? — Ele brilhou em um tom mais forte de vermelho, ou talvez fosse só sangue escorrendo pela lâmina. — Escrito por Bragi?

— Claro! Agora, vamos sair daqui. Quero que dê o seu melhor! Para descrever para Bragi depois, sabe como é.

— Humf. — Jacques se virou para um gigante da metrópole, transformando-o em pedacinhos. — Acho que posso fazer isso.

Ele começou a trabalhar, cortando nossos inimigos como um consumidor remexendo freneticamente as araras de roupas durante a Black Friday.

— Não, não, não! — gritou Jacques. — Eu não gosto de vocês! Saiam do meu caminho! Vocês são feios!

Em pouco tempo, nosso grupinho de heróis chegou à amurada. Infelizmente, a queda era de pelo menos uns cem metros, indo parar direto em águas geladas e cinzentas. Senti um nó no estômago. A queda tinha pelo menos o *dobro* da altura da que fracassei ao fazer do mastro principal de Old Ironsides.

— Nós vamos morrer se pularmos — observou Mallory.

A horda inimiga nos pressionou contra a amurada. Por mais que nos empenhássemos na luta, nossos inimigos nem precisariam mais nos *acertar* para nos matar. Só a multidão deles nos esmagaria ou nos empurraria na água.

Eu puxei o lenço amarelo.

— Posso conjurar *Mikillgulr*, como fizemos no salão de Aegir.

— Só que agora nós vamos *para baixo* — disse Alex. — Não vamos subir. E não tem Njord para nos proteger.

— Ela está certa! — gritou Blitz, jogando um punhado generoso de gravatas para seus admiradores. — Ainda que o navio não rache com o impacto, todos os nossos ossos vão se quebrar.

Sam espiou pela lateral.

— E mesmo que sobrevivêssemos, aquelas armas afundariam nosso navio.

— Armas? Que armas?

Segui o olhar dela. Eu não tinha reparado antes, provavelmente porque as portas estavam fechadas, mas a lateral do casco de *Naglfar* exibia fileiras de canhões.

— Isso não é justo. Vikings não tinham canhões. Como é que *Naglfar* tem canhões?

T.J. perfurou um zumbi com a baioneta.

— Vou fazer questão de registrar uma queixa no Comitê de Regras do Ragnarök. Mas agora, seja lá o que vamos fazer, precisa ser logo!

— Concordo! — gritou Mestiço, seu machado cortando um grupo de lobos-esqueleto.

— Eu tenho um plano — anunciou Sam. — Vocês não vão gostar.

— Adorei! — gritou Blitz. — Qual é?

— Pular — disse Sam.

Alex desviou de um dardo.

— Mas e aquela história de quebrar todos os ossos do corpo…?

— Não tenho tempo para explicar — retrucou Sam. — Pulem!

Quando uma valquíria te manda pular, você pula. Fui o primeiro a saltar pela amurada. Tentei me lembrar das lições de Percy — queda livre, braços e pernas abertos, flecha, bunda —, apesar de saber que nada daquilo importaria da altura que pulamos.

Acertei a água com um grande *splash*. Eu já tinha morrido vezes suficientes para saber o que esperar: uma onda de dor sufocante e repentina seguida de escuridão total. Mas isso não aconteceu. Na verdade, voltei à superfície, ofegante e tremendo, mas totalmente ileso. Percebi que alguma coisa me empurrava para cima.

A água borbulhou e se agitou ao meu redor como se eu tivesse caído em uma banheira de hidromassagem. Entre minhas pernas, a correnteza parecia quase sólida, como se eu estivesse montado em uma criatura esculpida de água do mar. Diretamente à minha frente, uma cabeça surgiu nas ondas: um pescoço forte feito de água cinzenta, uma crina de espuma, um focinho majestoso cuspindo plumas de névoa gelada das narinas. Eu estava montado em um *vatnavaettir*, um cavalo d'água.

Meus amigos também caíram na água, cada um montado nas costas de um espírito de cavalo que os aguardava. Os *vatnavaettir* relincharam e pularam quando lanças choveram ao nosso redor.

— Vamos nessa! — Sam desceu com a lança de luz e se posicionou nas costas do cavalo d'água que liderava o bando. — Na direção da boca da baía!

Os cavalos dispararam para longe do navio dos mortos. Gigantes e *draugrs* gritaram de fúria. Lanças e flechas bateram na água. Canhões ribombaram. Balas explodiram perto o bastante para espirrar água em nós, mas os *vatnavaettir* eram mais rápidos e mais ágeis do que qualquer navio. Eles ziguezaguearam, disparando pela baía a uma velocidade incrível.

Jacques voou ao meu lado.

— Ei, Magnus, você viu aquela evisceração que eu fiz?

— Vi — respondi. — Foi incrível!

— E o jeito como cortei os membros daquele jötunn?

— Aham!

— Espero que você tenha feito anotações para o épico que Bragi vai escrever.

— Sem dúvida!

Fiz uma nota mental para começar a fazer mais notas mentais.

Uma figura equina diferente passou acima de nós: Stanley, o cavalo de oito patas, conferindo se estávamos todos bem. Ele relinchou como quem diz: *Beleza, acho que acabamos por aqui, né? Tenham um ótimo dia!*

Em seguida, disparou para as nuvens cinza como aço.

O cavalo d'água era surpreendentemente quente, como o animal vivo, o que impediu que minhas pernas congelassem completamente na água gelada. Ainda assim, eu me lembrava das histórias de Mallory e Mestiço sobre *vatnavaettir* arrastando suas vítimas para o fundo do mar. Como Samirah os estava controlando? Se o bando decidisse mergulhar, todos morreríamos.

Mas mesmo assim continuamos correndo em direção à abertura nas geleiras que ficavam na entrada da baía. Eu já conseguia ver a água começando a congelar de novo, os blocos de neve ficando mais densos e rígidos. O verão em Niflheim, que durava uns doze minutos, tinha chegado ao fim.

Atrás de nós, o estrondo dos canhões se espalhava sobre a água, mas *Naglfar* permaneceu no lugar. Como estávamos com seu almirante preso dentro de uma noz, eu torcia para que o navio fosse obrigado a ficar parado.

Disparamos para fora da baía e entramos no mar gelado, nossas montarias abrindo caminho em meio aos blocos de neve. Em seguida, nós nos direcionamos para o sul em direção à águas bem mais seguras e infestadas de monstros de Jötunheim.

Quarenta e cinco

Se vocês entenderem o que acontece neste capítulo, me contem, porque eu não faço a menor ideia

TRÊS DIAS É muito tempo para navegar com uma noz do mal.

Depois que os cavalos d'água nos deixaram ("Eles ficaram entediados", explicou Sam, o que era bem melhor do que nos afogar), eu ativei o *Bananão* e todo mundo subiu a bordo. Hearthstone conseguiu conjurar a runa de fogo *kenaz*, o que nos salvou da morte por congelamento. Seguimos para oeste, confiando que nosso navio mágico nos levaria aonde precisávamos ir.

Nas primeiras doze horas, mais ou menos, funcionamos à base de pura adrenalina e pavor. Colocamos roupas secas. Eu curei o pé de Mallory. Comemos. Não falamos muito. Grunhíamos e apontávamos para as coisas de que precisávamos. Ninguém dormiu. Sam entoou suas orações, o que foi incrível, considerando que o restante de nós provavelmente não seria capaz de formar frases completas.

Finalmente, quando o sol cinzento se pôs e o mundo ainda não tinha terminado, começamos a acreditar que *Naglfar* de fato não zarparia atrás de nós. Loki não sairia de sua diminuta prisão. O Ragnarök não começaria, ao menos não naquele verão. Havíamos sobrevivido.

Mallory segurava a noz. Recusava-se a soltá-la. Ela se encolheu na proa, examinando o mar com os olhos estreitos, seu cabelo ruivo balançando ao vento. Passada uma hora, Mestiço Gunderson se sentou ao lado dela e Mallory não o matou. Ele murmurou para ela por muito tempo,

palavras que não tentei ouvir. Mallory começou a chorar, expelindo alguma coisa de dentro de si que parecia quase tão amarga quanto o veneno de Loki. Mestiço a abraçou, não parecendo exatamente feliz, mas satisfeito.

No dia seguinte, Blitzen e Hearthstone entraram em um modo superprotetor, garantindo que todos estivessem aquecidos, alimentados e que ninguém ficasse sozinho se não quisesse. Hearth passou muito tempo ouvindo T.J. falar sobre guerra e escravidão e o que constituía um desafio honrado. Hearth era ótimo ouvinte.

Blitz ficou com Alex Fierro a tarde toda, mostrando a ela como fazer um colete usando cota de malha. Eu não sabia se Alex precisava mesmo de um colete de cota de malha, mas o trabalho pareceu acalmar os dois.

Depois das orações noturnas, Samirah se aproximou de mim e me ofereceu uma tâmara. Ficamos mordiscando nossas frutas e observando as estranhas constelações de Jötunheim piscarem acima de nós.

— Você foi incrível — disse Sam.

Absorvi a frase. Samirah não era de fazer elogios, tanto quanto Mallory não era de ficar pedindo desculpas.

— Bom, não foi poesia — falei, por fim. — Estava mais para puro pânico.

— Talvez não faça muita diferença — disse Sam. — Além do mais, aceite o elogio, Chase.

— Tudo bem. Obrigado.

Eu fiquei ao lado dela olhando o horizonte. Foi bom só estar ali, ao lado de uma amiga, apreciando as estrelas sem medo de morrer nos cinco minutos seguintes.

— Você também foi ótima. Enfrentou e venceu Loki.

Sam sorriu.

— É. Tive muitos agradecimentos a fazer nas orações de hoje.

Assenti. Fiquei me perguntando se também deveria agradecer a alguém, fora meus amigos no barco, claro. A Sigyn, talvez, pelo apoio silencioso, pela resistência passiva contra o marido. Se os deuses colocassem Loki de volta na caverna, fiquei pensando se Sigyn voltaria a ficar com ele.

Talvez o tio Randolph também merecesse um agradecimento por deixar os recados sobre o hidromel de Kvásir. Ele tentou fazer a coisa certa no final, por mais que tivesse me traído de forma monumental.

Pensar em Randolph me fez lembrar as vozes de Helheim, provocando para que eu me juntasse a elas na escuridão. Bloqueei essa lembrança. Ainda não me sentia forte o bastante para enfrentá-la.

Sam apontou para Alex, que experimentava o colete novo.

— Você devia ir falar com ela, Magnus. Aquilo que você soltou durante o vitupério foi meio que uma bomba.

— Você está falando da… Ah.

O constrangimento criou um nó no meu estômago, um nó que parecia tentar se esconder atrás do meu pulmão direito. Eu tinha anunciado, na frente dos meus oito amigos mais próximos e de milhares de inimigos, quanto tinha gostado do beijo de Alex.

Sam riu.

— Ela provavelmente não vai ficar com *muita* raiva. Anda. Acaba logo com isso.

Para Sam, era fácil falar. Ela sabia exatamente qual era sua posição no relacionamento com Amir. Estava noiva e feliz e nunca precisou se preocupar com beijos secretos embaixo de cobertores porque era uma boa muçulmana e jamais faria uma coisa dessas. Eu não era uma boa muçulmana.

Fui até Alex. Ao me ver chegando, Blitzen assentiu com nervosismo e fugiu.

— O que você acha, Magnus?

Alex abriu os braços, exibindo a nova peça cintilante.

— Legal — falei. — Quer dizer, não é todo mundo que fica bem de colete xadrez de cota de malha, mas ficou legal.

— Não é xadrez — disse Alex. — Está mais para *a cuadros*, como diamantes. Quadriculado.

— Certo.

— Então… — Ela cruzou os braços e suspirou, me examinando como quem diz: *O que vamos fazer com você?* Era um olhar que recebia de professores, treinadores, assistentes sociais, policiais e alguns parentes próximos. — Aquela sua declaração em *Naglfar*… foi muito repentina, Magnus.

— Eu… hã. É. Eu não estava pensando direito.

— Obviamente. De onde veio aquilo?

— Bom, você me beijou.

— Mas você não pode surpreender uma pessoa assim. De repente, sou a coisa mais incrível que já aconteceu na sua vida?

— Eu… eu não disse exatamente… — Obriguei-me a parar. — Olha, se você quiser que eu volte atrás…

Eu não conseguia formar um pensamento completo. E não via um jeito de sair da conversa com minha dignidade intacta. Eu me perguntei se estava sofrendo de sintomas de abstinência do hidromel de Kvásir, pagando o preço pelo meu ótimo desempenho em *Naglfar*.

— Vou precisar de um tempo — disse Alex. — Estou lisonjeada, mas isso é tudo muito repentino…

— Hã.

— Não saio com qualquer einherji de rostinho bonito e corte de cabelo legal.

— Não. Claro. Rostinho bonito?

— Agradeço a proposta. De verdade. Mas vamos fazer uma pausa aqui, e eu volto a fazer contato. — Ela levantou as mãos. — Um pouco de espaço, Chase.

Ela saiu andando e olhou para trás uma vez com um sorrisinho que me fez encolher os dedos dos pés dentro das meias de lã.

Hearthstone surgiu ao meu lado, a expressão inescrutável, como sempre. O lenço dele, por motivos desconhecidos, tinha mudado para *a cuadros*, quadriculado vermelho e branco. Nós observamos Alex se afastar.

— O que acabou de acontecer? — perguntei a ele.

Não há palavras para isso em linguagem de sinais, disse ele.

• • •

Na nossa terceira manhã no mar, T.J. gritou da adriça:

— Ei! Terra!

Eu achava que a expressão era *terra à vista.* Mas talvez fizessem as coisas de um jeito diferente na Guerra Civil. Todos nós corremos para a proa do *Bananão*. Uma ampla faixa de terra plana, vermelha e dourada, se estendia no horizonte, como se navegássemos direto para o deserto do Saara.

— Aquilo não é Boston — observei.

— Não é nem Midgard. — Mestiço franziu a testa. — Se nosso navio seguiu as correntes que *Naglfar* seguiria, isso quer dizer…

— Estamos chegando a Vigrid — anunciou Mallory. — O Último Campo de Batalha. É o lugar onde todos vamos morrer um dia.

Estranhamente, ninguém gritou *Façam este navio dar meia-volta!*

Hipnotizados, simplesmente assistimos enquanto o *Bananão* nos levava na direção de uma das zilhões de docas que se projetavam nas ondas. Na extremidade do píer, um grupo de pessoas esperava: homens e mulheres, todos resplandecentes em suas armaduras cintilantes e capas coloridas. Os deuses tinham aparecido para nos receber.

Quarenta e seis

Eu ganho um roupão fofinho

NA MARGEM ABANDONADA, que tinha o calçadão mais longo do universo, havia milhares de quiosques vazios e quilômetros de organizadores de filas, com placas apontando para um lado e para outro:

GIGANTES →
← AESIRES
RETIRADA DE BILHETES →
← GRUPOS ESCOLARES

Nossa doca exibia uma placa vermelha grande com uma ave estilizada e um número cinco grande. Embaixo estava escrito: LEMBRE-SE, VOCÊ ESTACIONOU EM CORVO CINCO! TENHA UM ÓTIMO RAGNARÖK! Eu achava que nossa vaga de estacionamento poderia ter sido pior. Nós poderíamos ter ido parar em Coelhinho Doze ou Furão Um.

Reconheci muitos dos deuses em nosso grupo de boas-vindas. Frigga estava com o vestido branco-nuvem e o elmo brilhante de guerra, a bolsa de tricô embaixo do braço. Ela sorriu com gentileza para Mallory.

— Minha filha, eu sabia que você conseguiria!

Não tive certeza se ela quis dizer isso por ter previsto o futuro ou por ter acreditado, mas achei que foi legal de qualquer modo.

Heimdall, o guardião da ponte arco-íris, sorriu para mim, os olhos brancos como leite congelado.

— Eu vi vocês chegando a quase dez quilômetros de distância, Magnus. Esse barco amarelo. *UAU.*

Thor parecia ter acabado de acordar. O cabelo ruivo estava grudado em um dos lados da cabeça e o rosto marcado pelo travesseiro. Levava seu martelo, Mjölnir, pendurado no cinto que, por sua vez, estava preso à calça com uma corrente. Ele coçou o abdome peludo embaixo da camisa do Metallica e peidou com simpatia.

— Disseram que você insultou Loki até ele virar um homenzinho de cinco centímetros. Bom trabalho!

A esposa dele, Sif, com seu cabelo dourado esvoaçante, correu para abraçar Alex Fierro.

— Minha querida, você está *linda*. Esse colete é novo?

Um homenzarrão que eu nunca tinha visto, de pele negra, careca brilhante e armadura preta de couro ofereceu a mão esquerda para Thomas Jefferson Jr. O deus não tinha a mão direita e seu pulso estava protegido por uma cobertura dourada.

— Meu filho. Você se saiu bem.

O queixo de T.J. caiu.

— Pai?

— Segure minha mão.

— Eu…

— Eu desafio você a segurar minha mão — disse o deus Tyr.

— Eu aceito! — exclamou T.J., e se permitiu ser puxado para a doca.

Odin usava um terno de três peças em cota de malha cor de carvão que achei que tinha sido feito sob medida pelo próprio Blitzen. A barba do Pai de Todos estava bem aparada. O tapa-olho brilhava como aço inoxidável. Seus corvos, Pensamento e Memória, estavam empoleirados nos ombros dele, as penas pretas complementando lindamente o paletó.

— Hearthstone — disse ele —, parabéns pelo uso das runas, rapaz. Aqueles truques de visualização que eu ensinei devem ter mesmo valido a pena!

Hearth deu um sorriso sem graça.

Do fundo do grupo, dois outros deuses abriram caminho. Eu nunca os tinha visto juntos antes, mas agora era óbvio como os irmãos gêmeos eram parecidos. Freya, deusa do amor e da riqueza, resplandecia com seu vestido dourado, um aroma de rosas se espalhando em volta dela.

— Ah, Blitzen, meu lindo menino!

Ela chorou lágrimas de ouro vermelho, espalhando pela doca pedras preciosas estimadas em quarenta mil dólares enquanto abraçava o filho.

Ao lado dela estava meu pai, Frey, o deus do verão. Vestindo calça jeans surrada, camisa de flanela e botas e com o cabelo e a barba louros desgrenhados, parecia ter voltado de uma caminhada de três dias.

— Magnus — disse ele, como se tivéssemos nos visto cinco minutos antes.

— Oi, pai.

Ele esticou a mão com hesitação e me deu um tapinha no braço.

— Bom trabalho. De verdade.

Em forma de runa, Jacques vibrou e pulou até eu o tirar do cordão. Assumindo a forma de espada, ele brilhou em roxo de irritação.

— Olá, Jacques — disse ele, imitando a voz grave de Frey. — Como você está, velho amigo?

Frey fez uma careta.

— Olá, *Sumarbrander*. Não foi minha intenção ignorar você.

— Sei, sei. Bom, o *Magnus* aqui vai pedir a *Bragi* para escrever um poema épico sobre mim!

— Vai? — perguntou Frey, erguendo uma das sobrancelhas.

— Hã…

— Isso mesmo! — Jacques bufou. — *Frey* nunca pediu a Bragi para escrever um poema épico sobre mim! A única coisa que *ele* me deu foi um cartão idiota desses que já vem com a mensagem pronta no Dia da Espada.

Acrescentar às notas mentais: existia um Dia da Espada. Xinguei silenciosamente a indústria de cartões comemorativos.

Meu pai deu um sorriso um pouco triste.

— Você está certo, Jacques. Uma boa espada merece um bom amigo. — Frey apertou meu ombro. — E parece que você encontrou um.

Fiquei grato pelo sentimento caloroso. Por outro lado, temi que meu pai tivesse transformado em um decreto divino a minha promessa impensada de encontrar Bragi.

— Amigos! — chamou Odin. — Vamos nos recolher para nossa tenda de banquetes no campo de Vigrid! Reservei a tenda Lindwyrm Sete! Tenda Lindwyrm Sete. Se alguém se perder, é só seguir as setas roxas. Quando chegarmos lá — a expressão dele ficou séria —, vamos discutir o destino de todas as coisas vivas.

• • •

Estão vendo? Não consigo nem fazer uma refeição com esses deuses sem discutir o destino de todas as coisas vivas.

O banquete foi montado no meio do campo de Vigrid, bem longe das docas, pois (de acordo com Samirah) Vigrid se estendia por quinhentos quilômetros em todas as direções. Felizmente, Odin tinha preparado uma pequena frota de carrinhos de golfe.

A paisagem era quase toda uma pradaria vermelha e dourada, com um rio, colina ou amontoado de árvores ocasionais, só para variar. O pavilhão em si era feito de couro curtido. As laterais estavam abertas, a lareira principal acesa e as mesas cobertas de comida. Aquilo me fez lembrar as fotos que vi em antigas revistas de viagem, com pessoas em banquetes luxuosos durante safáris na savana africana. Minha mãe amava revistas de viagem.

Os deuses se sentaram à mesa dos lordes, como era de se esperar. Valquírias iam de um lado para outro servindo todo mundo, mas se

distraíram quando Samirah se aproximou para abraçá-las e contar as fofocas.

Quando todos estavam acomodados, e o hidromel, servido, Odin declarou com voz grave:

— Tragam a noz!

Mallory se levantou. Lançando um rápido olhar para Frigga, que assentiu de forma encorajadora, Mallory foi até um pedestal de pedra na frente da lareira. Colocou a noz ali e voltou para seu lugar.

Todos os deuses se inclinaram para a frente. Thor fez cara feia. Tyr entrelaçou os dedos da mão esquerda com os inexistentes da mão direita. Frey coçou a barba loura.

Freya fez beicinho.

— Embora elas sejam *de fato* uma ótima fonte de ácidos graxos e ômega 3, não gosto de nozes.

— Essa noz não tem valor nutricional, irmã — disse Frey. — Ela é o que está aprisionando Loki.

— Sim, eu sei. — Ela franziu a testa. — Eu só estava falando de um modo geral…

— Loki está bem preso? — perguntou Tyr. — Não vai pular para fora e me desafiar a um combate corpo a corpo?

O deus pareceu melancólico, como se estivesse sonhando com essa possibilidade.

— A noz é suficiente — disse Frigga. — Pelo menos até acorrentarmos Loki novamente.

— Bah! — Thor ergueu o martelo. — Por mim eu esmagava esse cara agora mesmo! Vai nos poupar muitos problemas.

— Querido — disse Sif —, já conversamos sobre isso.

— De fato — afirmou Odin, seus corvos grasnindo no espaldar do trono. — Meu nobre filho Thor, falamos sobre isso aproximadamente oito

mil seiscentas e trinta vezes. Acho que você não está usando as estratégias de escuta ativa muito bem. Não podemos mudar nosso destino.

Thor bufou.

— Bom, de que adianta ser deus, então? Eu tenho um martelo perfeitamente bom e essa noz está implorando para ser esmagada! Por que não ESMAGAR ELA?

Pareceu um plano bem razoável para mim, mas não falei nada. Eu não tinha o hábito de discordar de Odin, o Pai de Todos, aquele que controlava minha pós-vida e meus privilégios de frigobar no Hotel Valhala.

— Talvez… — falei, morrendo de vergonha quando todos os olhares se voltaram para mim. — Sei lá… A gente pudesse pensar em um lugar mais seguro onde aprisioná-lo, pelo menos? Tipo, é só uma ideia, uma prisão de segurança máxima com guardas de verdade? E correntes que não sejam feitas dos intestinos dos filhos dele? Ou, sei lá, podemos simplesmente evitar essa coisa toda de intestino…

Odin riu, como se eu fosse um cachorrinho que tinha aprendido um truque novo.

— Magnus Chase, você e seus amigos agiram com bravura e nobreza, mas agora precisam deixar essa questão com os deuses. Não podemos mudar a punição de Loki de maneira significativa. Só podemos restaurá-la para que a grande sequência de eventos levando ao Ragnarök seja mantida sob controle. Ao menos por enquanto.

— Humf. — Thor bebeu seu hidromel. — Estamos sempre adiando o Ragnarök. Por que não encarar logo de uma vez? Uma boa luta cairia bem!

— Bem, meu filho — disse Frigga —, nós estamos adiando o Ragnarök porque ele vai destruir o cosmos que conhecemos e porque a maioria de nós vai morrer. Inclusive você.

— Além do mais — acrescentou Heimdall —, *só* agora temos a capacidade de tirar selfies de qualidade com o celular. Dá para imaginar quanto a tecnologia vai melhorar daqui a alguns séculos? Mal posso

esperar para fazer streaming do apocalipse em realidade virtual para meus milhões de seguidores na cyber-nuvem!

Com expressão pensativa, Tyr apontou para um bosque próximo de árvores douradas.

— Eu vou ser morto bem ali… por Garm, o cão de guarda de Hel, mas não antes de acertar a cabeça dele. Mal posso esperar por esse dia. Sonho com os dentes do bicho arrebentando minha barriga.

Todos assentiram com solidariedade, como quem diz: *Sim, bons momentos!*

Fiquei olhando para o horizonte. Eu também estava destinado a morrer ali durante o Ragnarök, supondo que isso não acontecesse em alguma missão perigosa antes do tempo. Eu não sabia o local exato, mas poderíamos muito bem estar almoçando no exato ponto onde eu seria empalado, ou onde Mestiço cairia com uma espada na barriga, ou Alex… Eu não conseguia pensar nisso. De repente, queria estar em qualquer lugar, menos ali.

Samirah tossiu para pedir atenção.

— Lorde Odin — disse ela —, quais *são* seus planos para Loki, então, considerando que as amarras originais foram cortadas?

Odin sorriu.

— Não se preocupe, minha corajosa valquíria. Loki será levado de volta à caverna da punição. Colocaremos novos encantamentos por lá para esconder a localização e impedir futuras invasões. Vamos refazer as correntes, cuidando para que fiquem mais fortes do que nunca. Os melhores anões ferreiros aceitaram a tarefa.

— Os *melhores* anões ferreiros? — perguntou Blitz.

Heimdall assentiu com entusiasmo.

— Fizemos um pacote de todas as quatro amarras com Eitri Júnior!

Blitz começou a xingar, mas Hearthstone colocou a mão sobre a boca do amigo. Achei que Blitzen ia se levantar e começar a lançar Expande-

Patos em um surto de raiva.

— Entendi… — disse Samirah, obviamente nem um pouco empolgada com o plano de Odin.

— E Sigyn? — perguntei. — Vocês vão deixar que ela fique ao lado de Loki de novo, se quiser?

Odin franziu a testa.

— Eu não tinha pensado nisso.

— Não faria mal algum — acrescentei rapidamente. — Ela… ela tem boas intenções, eu acho. Tenho quase certeza de que não queria que ele fugisse.

Os deuses cochicharam entre si.

Alex lançou um olhar questionador para mim, sem dúvida querendo saber por que eu me importava tanto com a esposa de Loki. Eu mesmo não tinha certeza de por que achava isso importante. Se Sigyn quisesse ficar ao lado de Loki, fosse por compaixão ou qualquer outro motivo, eu pensava que era o mínimo que os deuses podiam fazer por ela. Principalmente considerando que tinham matado seus filhos e usado os intestinos como correntes para o pai deles.

Eu me lembrei do que Loki me dissera sobre o bem e o mal, deuses e gigantes. Ele tinha razão: eu não estava necessariamente sentado ao lado dos mocinhos. Estava apenas sentado com um dos lados da guerra final.

— Muito bem — decidiu Odin. — Sigyn pode ficar com Loki, se quiser. Alguma outra pergunta sobre a punição de Loki?

Percebi que muitos dos meus amigos queriam ficar de pé e dizer *Sim. VOCÊ ESTÁ LOUCO?*

Mas ninguém fez isso. Nenhum dos deuses fez objeções ou sacou armas.

— Tenho que dizer — comentou Freya — que esta é a melhor reunião divina que temos em séculos. — Ela sorriu para mim. — Evitamos reunir muitos de nós em um só lugar porque normalmente isso gera confusão.

— Na última vez foi o vitupério com Loki — resmungou Thor. — No salão de Aegir.

Na verdade, não gostei de ser lembrado de Aegir, mas isso me fez recordar uma promessa.

— Lorde Odin, eu… eu prometi levar a Aegir uma amostra do hidromel de Kvásir, como pagamento por ele não ter nos matado e nos deixado partir, mas…

— Não tema, Magnus Chase. Falarei com Aegir em seu nome. Posso até dar a ele uma pequena amostra do hidromel de Kvásir da minha reserva especial, supondo que ele me coloque na lista para degustar o hidromel de abóbora com especiarias que ele faz.

— A mim também — disse Thor.

— E a nós — disseram os outros deuses, erguendo as mãos.

Eu pisquei.

— Você… tem uma reserva especial do hidromel de Kvásir?

— É claro! — respondeu Odin.

Isso levantava algumas perguntas interessantes, entre elas: por que os deuses nos fizeram dar a volta ao mundo e arriscar a vida para pegar aquele hidromel dos gigantes quando Odin podia ter nos dado um gole? Essa simples solução não devia nem ter passado pela cabeça de Odin. Ele era o líder, não um membro da equipe.

Meu pai chamou minha atenção. Ele balançou a cabeça como quem diz: *Não pergunte. Os aesires são estranhos.*

— Muito bem! — Odin bateu com o punho na mesa. — Eu concordo com Freya. Essa reunião transcorreu surpreendentemente bem. Ficaremos com a noz. Quanto a vocês, heróis, serão enviados de volta para Valhala para aproveitarem um grande banquete em sua homenagem. Alguma outra questão antes de terminarmos?

— Lorde Odin — disse Frey —, meu filho e os amigos dele fizeram um grande serviço para nós. Não deveríamos… recompensá-los? Não é de

praxe?

— Hum… — Odin assentiu. — Acho que você está certo. Eu poderia transformar todos vocês em einherjar em Valhala! Mas, ah, a maioria já é.

— E o restante de nós — acrescentou Sam rapidamente — gostaria de ficar vivo mais um pouco, lorde Odin, se não se importar.

— Então pronto! — concordou Odin. — Como recompensa, nossos heróis vivos vão continuar vivos! Eu também darei a cada um cinco exemplares autografados do meu novo livro, *Heroísmo motivacional*. Quanto aos einherjar, além do banquete comemorativo e dos livros, vou incluir como cortesia um roupão turco do Hotel Valhala para cada um! Que tal?

Odin pareceu tão satisfeito consigo mesmo que nenhum de nós teve coragem de reclamar. Nós só assentimos e sorrimos sem muito ânimo.

— Hum…, roupão turco — disse T.J.

— Hum…, ficar vivo — disse Blitz.

Ninguém mencionou os livros motivacionais autografados.

— Finalmente, Magnus Chase — continuou o Pai de Todos —, eu soube que foi *você* quem ficou cara a cara com Loki e levou o golpe dos insultos dele. Quer pedir algum favor especial aos deuses?

Engoli em seco. Olhei para os meus amigos, tentando avisar que não achava justo que eu recebesse tratamento especial. Derrotar Loki foi um esforço coletivo. Essa era a questão. Falar bonito sobre nossos méritos enquanto *equipe* foi o que fez Loki ser preso, não a minha habilidade em si.

Além do mais, eu não tinha uma lista de favores a pedir guardada no bolso de trás da calça. Sou um cara de poucas necessidades. Sou feliz mesmo sem favores divinos.

Mas me lembrei do último ato de expiação do tio Randolph, tentando me avisar sobre o hidromel de Kvásir. Pensei em quanto a casa dele parecia triste e solitária agora e em como me senti feliz e tranquilo

naquele terraço com Alex Fierro. Até me lembrei de um conselho que o anel de Andvari sussurrou em minha mente logo antes de eu devolver o tesouro para o peixe.

Othala. Herança. A runa mais difícil de entender.

— Na verdade, lorde Odin — falei —, *tem* um favor que eu gostaria de pedir.

Quarenta e sete

Muitas surpresas, e algumas até que são boas

Foi uma típica viagem de volta para casa.

Passear em carrinhos de golfe, tentar lembrar onde estacionamos nosso navio de guerra, navegar para a foz traiçoeira de um rio desconhecido, ser sugado por corredeiras que nos jogaram nos túneis sob Valhala, pular de um navio em movimento e ver o *Bananão* desaparecer na escuridão, sem dúvida indo buscar o próximo grupo sortudo de aventureiros a caminho da glória, da morte e de gambiarras para adiar o Ragnarök.

Os outros einherjar nos receberam como heróis e fomos para o salão de banquetes para uma grande comemoração. Lá, descobrimos que Helgi tinha planejado uma surpresa especial para Samirah, graças a uma dica do próprio Odin. Junto à nossa mesa de sempre, parecendo muito confuso, com um crachá proclamando VISITANTE MORTAL! NÃO MATAR!, estava Amir Fadlan.

Ele piscou várias vezes quando viu Sam.

— Eu… eu estou tão confuso. Você é real?

Samirah colocou as mãos no rosto. Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Ah. Eu sou real. Quero tanto abraçar você agora.

Alex indicou a multidão chegando para jantar.

— Melhor não. Como somos todos família estendida aqui, você tem vários milhares de acompanhantes homens armados presentes.

Percebi que Alex estava se incluindo nesse grupo. Em algum ponto da viagem para casa, ele passou a ser um garoto.

— Isso é… — Amir olhou ao redor, impressionado. — Sam, é aqui que você *trabalha*?

Sam fez um som que ficou entre uma gargalhada e um soluço alegre.

— É, meu amor. É, sim. E hoje é Eid al-Fitr, não é?

Amir assentiu.

— Nossas famílias estão planejando um jantar. Agora. Eu não sabia se você estaria livre para…

— Sim! — Samirah se virou para mim. — Você pode dar minhas desculpas aos lordes?

— Não precisa pedir desculpas — garanti a ela. — Isso quer dizer que o ramadã acabou?

— Sim!

Eu sorri.

— Em algum momento desta semana, vou levar você para almoçar. Vamos comer no sol e rir muito.

— Combinado! — Ela abriu os braços. — Abraço no ar.

— Abraço no ar — concordei.

Alex deu um sorrisinho.

— Parece que os dois pombinhos vão precisar de mim para servir de acompanhante, então, se me derem licença.

Eu não queria que ele fosse embora, mas não tinha muita escolha. Sam, Amir e Alex foram comemorar Eid e comer uma quantidade absurda de comida deliciosa.

Para o restante de nós, a noite se resumiu a beber hidromel, levar tapinhas nas costas alguns milhares de vezes e ouvir os lordes fazendo discursos sobre como éramos incríveis, mesmo que os heróis fossem *bem* melhores antigamente. Acima de nós, nos galhos da árvore Laeradr, esquilos e vombates e pequenos cervos corriam de um lado para outro, como sempre. As valquírias voavam para cá e para lá servindo comida e hidromel.

Perto do final do banquete, Thomas Jefferson Jr. tentou nos ensinar algumas das antigas músicas de marcha da Quinquagésima Quarta de Massachusetts. Mestiço Gunderson e Mallory Keen alternadamente jogavam pratos um no outro e percorriam os corredores entre as mesas se beijando, enquanto os outros vikings riam deles. Meu coração ficou feliz de vê-los juntos novamente… apesar de também me sentir um pouco vazio.

Blitzen e Hearthstone se tornaram presenças tão constantes em Valhala que Helgi anunciou que os dois ganharam status de hóspedes de honra, livres para irem e virem quando quisessem, embora tenha feito questão de lembrar que eles não tinham quarto, acesso ao frigobar e nem nenhum tipo de imortalidade, então deveriam tomar cuidado e evitar projéteis. Blitz e Hearth receberam elmos grandes com os dizeres EINHERJI HONORÁRIO, o que não pareceu deixá-los muito felizes.

Quando a festa estava terminando, Blitzen deu um tapinha nas minhas costas, que já estava dolorida de todos os tapas que recebi naquela noite.

— Nós estamos indo, garoto. Precisamos dormir um pouco.

— Vocês têm certeza? — perguntei. — Todo mundo vai para a pós-festa. Vamos fazer um cabo de guerra em cima de um lago de chocolate.

Parece divertido, sinalizou Hearthstone. *Mas nos vemos amanhã. Certo?*

Eu sabia o que ele estava perguntando: eu estava mesmo falando sério sobre ir em frente com meu plano, o favor que pedi a Odin?

— Certo — prometi. — Amanhã.

Blitz sorriu.

— Você é um bom homem, Magnus. Vai ser incrível!

O cabo de guerra foi divertido, mas nosso lado perdeu. Acho que porque Hunding era nossa âncora e ele queria um banho de chocolate.

No fim da noite, exausto, feliz e encharcado de calda de chocolate, eu cambaleei de volta ao andar dezenove. Quando passei pela porta do quarto

de Alex Fierro, parei por um momento e prestei atenção, mas não ouvi nada. Ele ainda devia estar no Eid al-Fitr com Sam e Amir. Eu esperava que a comemoração estivesse ótima. Eles mereciam.

Entrei no meu quarto. Parei no saguão, pingando chocolate no tapete. Por sorte, o hotel tinha um excelente serviço mágico de limpeza. Eu me lembrei da primeira vez em que entrei naquele quarto, o dia em que morri caindo da ponte Longfellow. Tinha ficado maravilhado com todos os serviços: a cozinha, a biblioteca, o sofá e a TV enorme, o saguão amplo com o céu estrelado cintilando por entre os galhos das árvores.

Agora, havia mais fotos sobre a lareira. Uma ou duas apareciam magicamente toda semana. Algumas eram fotos antigas da minha família: minha mãe, Annabeth, até tio Randolph, as filhas e a esposa em épocas mais felizes. Mas também havia fotos novas: eu com meus amigos do andar dezenove, uma foto que tirei com Blitz e Hearth quando ainda éramos sem-teto. Nós pegamos a câmera de alguém emprestada para fazer uma selfie em grupo. Como o Hotel Valhala conseguiu arrumar essa foto do nada, eu não sabia. Talvez Heimdall guardasse na nuvem todas as selfies já tiradas.

Pela primeira vez, percebi que entrar naquele quarto era como voltar para casa. Eu talvez não fosse viver no hotel para sempre. Na verdade, tinha acabado de almoçar naquela tarde no lugar onde provavelmente morreria de vez um dia. Ainda assim… ali parecia um bom lugar para pendurar minha espada.

Falando nela… tirei o cordão do pescoço, tomando cuidado para não acordar Jacques, e coloquei o pingente de runa na mesa de centro. Ele zumbiu alegremente no sono, provavelmente sonhando com Contracorrente, a espada de Percy, e todas as outras armas que amou. Como eu ia encontrar o deus Bragi e pedir que escrevesse um épico sobre Jacques, eu não tinha ideia, mas isso era problema para outro dia.

Eu havia acabado de tirar a camisa grudenta encharcada de chocolate quando uma voz atrás de mim disse:

— Talvez seja melhor você fechar a porta antes de começar a trocar de roupa.

Eu me virei.

Alex estava encostado na moldura da porta, os braços cruzados sobre o colete de cota de malha, os óculos rosa na ponta do nariz. Ele balançou a cabeça sem acreditar.

— Você perdeu uma competição de luta na lama?

— Hã. — Eu olhei para baixo. — É chocolate.

— Certo. Não vou perguntar.

— Como foi o Eid?

Alex deu de ombros.

— Foi bom, acho. Muita gente feliz comemorando. Muita comida e muita música. Parentes se abraçando. Não é exatamente o meu estilo.

— Certo.

— Deixei Sam e Amir em boa companhia com as famílias. Eles pareciam… Felizes não é suficiente. Satisfeitos? Eufóricos?

— Apaixonados? — sugeri. — Com a cabeça nas nuvens?

Alex me encarou.

— É. Serve.

Pinga. Pinga. Chocolate escorreu dos meus dedos de um jeito totalmente descolado e atraente.

— Enfim — disse Alex. — Eu estava pensando no que você disse.

Senti um nó na garganta. Eu me perguntei se tinha alergia a chocolate e estava morrendo de um jeito novo e interessante.

— No que eu disse? — balbuciei.

— Sobre a mansão — esclareceu ele. — Do que *achou* que eu estava falando?

— Não, claro. A mansão. Aham.

— Acho que topo — disse Alex. — Quando começamos?

— Ah, legal! Amanhã podemos fazer a visita inicial. Vou pegar as chaves. Depois, vamos esperar os advogados fazerem o trabalho deles. Talvez demore umas duas semanas…

— Perfeito. Agora, vá tomar um banho. Você está nojento. Vejo você no café da manhã.

— Certo.

Ele se virou para sair, mas hesitou.

— Mais uma coisa.

Alex andou até mim.

— Também andei pensando na sua declaração de amor eterno ou sei lá.

— Eu não… não foi…

Ele colocou as mãos nas laterais do meu rosto cheio de chocolate e me beijou.

Eu tive que me perguntar: era possível se dissolver em chocolate em um nível molecular e virar uma poça no tapete? Porque foi assim que me senti. Tenho quase certeza de que Valhala teve que me ressuscitar várias vezes durante aquele beijo. Senão, não sei como eu ainda estava inteiro quando Alex finalmente se afastou.

Ele me observou de forma crítica, os olhos castanho e mel me avaliando. Alex estava com um bigode e um cavanhaque de chocolate agora, e havia uma mancha marrom na frente do colete.

Vou ser sincero. Uma pequena parte do meu cérebro pensou: *Alex é homem agora. Acabei de ser beijado por um cara. O que eu acho disso?*

O resto do meu cérebro respondeu: *Eu fui beijado por Alex Fierro e isso é incrível.*

Na verdade, eu talvez tivesse feito uma coisa tipicamente constrangedora e idiota, como repetir a tal declaração de amor eterno, mas Alex me poupou.

— Ah. — Ele deu de ombros. — Vou continuar pensando nesse assunto. Depois te conto. Enquanto isso, vá mesmo tomar aquele banho.

Ele saiu, assobiando uma melodia que podia ser da música de Frank Sinatra do elevador, “Fly Me to the Moon”.

Sou ótimo em seguir ordens. Fui tomar banho.

Quarenta e oito

O Espaço Chase ganha vida

OS ADVOGADOS DE Odin eram bons.

Em duas semanas, toda a papelada foi resolvida. Odin precisou batalhar com inúmeras comissões distritais de Boston, com a prefeitura e com várias associações de bairro, mas resolveu essas questões em tempo recorde, como só um deus com dinheiro infinito e histórico de palestras motivacionais conseguiria. O testamento do tio Randolph foi totalmente executado. Annabeth abriu mão da herança com alegria.

— Achei a ideia *incrível*, Magnus — disse ela ao telefone, da Califórnia. — Você é incrível. Eu… eu estava precisando de boas notícias.

Isso me deixou alerta. Por que Annabeth estava com voz de choro?

— Você está bem, prima?

Ela fez uma pausa longa.

— Vou ficar. Nós… nós recebemos uma notícia ruim quando chegamos aqui.

Eu esperei. Ela não contou mais nada. Decidi não forçar. Ela me contaria se e quando quisesse. Ainda assim, eu queria poder puxá-la pelo telefone e dar um abraço nela. Agora que Annabeth estava do outro lado do país, eu me perguntei quando a veria de novo. Os einherjar em algum momento iam para a Costa Oeste? Eu teria que perguntar a Samirah.

— Percy está bem? — perguntei.

— Está bem, sim — disse ela. — Bom… tão bem quanto se pode esperar.

Ouvi a voz abafada dele ao fundo.

— Percy quer saber se algum conselho dele ajudou você na viagem pelo mar — repetiu Annabeth.

— Claro — respondi. — Diga a ele que fiquei com a bunda contraída a viagem inteira, como ele sugeriu.

Isso a fez dar uma breve gargalhada.

— Pode deixar.

— Se cuida.

Ela respirou, trêmula.

— Vou me cuidar. Você também. Vamos conversar mais quando nos encontrarmos novamente.

Isso me deu esperanças. Haveria uma próxima vez. O que quer que estivesse acontecendo na vida da minha prima, qualquer que fosse a notícia ruim que ela teve que enfrentar, pelo menos meus amigos e eu conquistamos para ela e para Percy um adiamento do Ragnarök. Eu esperava que eles tivessem oportunidade de serem felizes.

Eu me despedi e voltei ao trabalho.

• • •

Passadas duas semanas, a mansão Chase estava em funcionamento.

Nossos primeiros hóspedes se mudaram no Quatro de Julho, o Dia da Independência. Alex e eu levamos vários dias para convencê-los de que nossa proposta era séria e não algum tipo de golpe.

“Nós conhecemos a situação de vocês”, dissera Alex para aquelas crianças. “Nós também já fomos sem-teto. Vocês podem ficar pelo tempo que quiserem. Sem críticas. Sem expectativas. Só respeito mútuo, certo?”

Elas entraram com os olhos arregalados, tremendo de fome, e ficaram. Nós não anunciamos nossa presença no bairro. Não fizemos estardalhaço. E não esfregamos na cara dos vizinhos. Mas, nos documentos, a mansão se chamava Espaço Chase, residência para jovens sem-teto.

Blitzen e Hearthstone se mudaram para lá. Eles trabalhavam como cozinheiros, alfaiates e conselheiros. Hearth ensinou linguagem de sinais. Blitz deixou os jovens trabalharem na loja dele, O Melhor de Blitzen, localizada na mesma rua e que tinha reaberto bem a tempo para pegar a alta temporada de compras.

Alex e eu dividíamos nosso tempo entre Valhala e a mansão, ajudando, recrutando novos jovens. Alguns ficavam muito tempo. Outros não. Alguns só queriam um sanduíche ou uns trocados ou uma cama para passar a noite. Eles desapareciam na manhã seguinte. Tudo bem. Sem críticas.

Às vezes eu passava por algum quarto e via Alex com o braço em volta de alguma criança nova chorando pra caramba pela primeira vez em anos; ela só ficava ali ouvindo, entendendo.

Ela erguia os olhos e fazia sinal com a cabeça para eu ir em frente, como quem diz: *Me dá espaço, Chase.*

No dia da inauguração, o Quatro de Julho, fizemos uma festa para nossos hóspedes no terraço. Blitzen e Hearthstone grelharam hambúrgueres e cachorros-quentes. As crianças ficaram lá com a gente, vendo os fogos explodirem acima do Hatch Shell no Esplanade, as luzes estalando pelas nuvens baixas e tingindo as casas marrons de Back Bay de vermelho e azul.

Alex e eu nos deitamos nas espreguiçadeiras, as mesmas em que ficamos depois de matar o lobo na biblioteca de Randolph, semanas antes.

Ela esticou a mão e segurou a minha.

Ela não fazia isso desde que andamos invisíveis na direção do navio dos mortos. Eu não questionei o gesto. Não encarei como algo trivial. Decidi só apreciar o momento. Era preciso fazer isso com Alex. Ela estava sempre mudando. Os momentos não duravam. Eu tinha que curtir cada um pelo que era.

— Isso é bom — disse ela.

Eu não sabia se ela estava falando do que realizamos com o Espaço Chase ou dos fogos de artifício ou das nossas mãos dadas, mas concordei.

— É, sim.

Pensei no que o futuro nos reservava. Nossos trabalhos como einherjar nunca acabavam. Até o Ragnarök, nós sempre teríamos mais missões a cumprir, mais batalhas para lutar. E eu ainda tinha que encontrar o deus Bragi e convencê-lo a escrever o épico de Jacques.

Além do mais, eu aprendera o suficiente sobre *othala* para saber que a nossa herança nunca nos abandonava. Assim como Hearthstone precisou voltar a Álfaheim, eu ainda tinha coisas difíceis para enfrentar. A maior de todas: a estrada escura para Helheim, as vozes dos meus parentes mortos, minha mãe me chamando. Hel prometera que eu veria minha mãe de novo um dia. Loki disse que os espíritos da minha família sofreriam pelo que eu fiz a ele. Em algum momento, eu teria que procurar a terra gelada dos mortos desonrados e verificar com meus próprios olhos.

Mas, agora, nós tínhamos os fogos de artifício. Tínhamos nossos amigos, novos e velhos. Eu tinha Alex Fierro ao meu lado, segurando minha mão.

Tudo isso poderia acabar a qualquer momento. Nós einherjar sabíamos que estávamos destinados a morrer. Que o mundo *vai* acabar. O fim já está predestinado. Mas, até lá, como Loki disse certa vez, nossas escolhas podiam alterar os detalhes. É assim que nos rebelamos contra nosso destino.

Às vezes até Loki podia estar certo.

GLOSSÁRIO

egir — deus das ondas

esir (pl.: aesires) — deuses da guerra; semelhantes aos humanos

corânico — tudo que é relacionado ou pertencente ao Alcorão, o principal texto religioso do Islã

llahu Akbar — Deus é maior

rgr — nórdico para *não másculo*

rvore de Laeradr — árvore localizada no centro do Salão de Banquete dos Mortos, em Valhala, com animais imortais que têm funções especiais

ala minié — um tipo de bala usada em rifles durante a Guerra Civil Americana

alder — deus aesir, filho de Odin e Frigga, irmão de muitos, inclusive Thor. Ele era tão lindo, gracioso e alegre que emitia luz

ardos — poetas que compunham nas cortes de líderes durante a era viking

erserker (pl.: berserkir) — guerreiro nórdico considerado invencível em batalha

ifrost — a ponte arco-íris que liga Asgard a Midgard

olverk — um dos pseudônimos de Odin

osque de Glasir — árvores em Asgard, fora dos portões de Valhala, com folhas avermelhadas. *Glasir* significa *reluzente*

ragi — deus da poesia

runnmigi — um monstro que urina em poços

ailleach — gaélico para *bruxa* ou *megera*

raugr — zumbis nórdicos

id al-Fitr — uma festividade comemorada pelos muçulmanos para celebrar o fim do ramadã

nherjar (sing.: einherji) — grandes heróis que morreram com bravura na Terra; soldados do exército eterno de Odin; treinam em Valhala para o Ragnarök, quando os mais corajosos se juntarão a Odin na batalha contra Loki e os gigantes no fim do mundo

nvigi — combate individual viking

dhusfifl — nórdico para *bobo do vilarejo*

árbauti — marido jötunn de Laufey e pai de Loki

enrir — lobo invulnerável nascido do caso de Loki com uma giganta; sua força incrível provoca medo até nos deuses, que o mantêm amarrado a uma pedra em uma ilha. Ele está destinado a se

soltar no dia do Ragnarök

rey — deus da primavera e do verão; do sol, da chuva e da colheita; da abundância e da fertilidade, do crescimento e da vitalidade. Frey é irmão gêmeo de Freya e, como a irmã, tem grande beleza. Ele é o lorde de Álfaheim

reya — deusa do amor; irmã gêmea de Frey

rigga — deusa do casamento e da maternidade; esposa de Odin e rainha de Asgard; mãe de Balder e Hod

arm — cão de guarda de Hel

innungagap — o abismo primordial; a névoa que obscurece as aparências

jallar — trombeta de Heimdall

amour — magia ilusória

alal — carne preparada da forma exigida pela lei muçulmana

eimdall — deus da vigilância e guardião da Bifrost, a entrada para Asgard

el — deusa da morte desonrosa; nascida do caso de Loki com uma giganta

elheim — o submundo nórdico, governado por Hel e habitado pelos que morreram fazendo maldades, de velhice ou devido a doenças

dromel de Kvásir — uma bebida que dá a quem bebe o dom da oratória, criado de uma combinação do sangue de Kvásir com mel

rungnir — brigão

ugin e Munin — corvos de Odin, cujos nomes significam *pensamento* e *memória*, respectivamente

ldra — espírito da floresta domesticado

lun — bela deusa da juventude que distribui as maçãs da imortalidade para os outros deuses

shallah — se Deus quiser

rmungand — a Serpente do Mundo, monstro nascido do caso de Loki com uma giganta; o corpo dele é tão grande que envolve a Terra

tunn — gigante

naz — a tocha, o fogo da vida

nungsgurtha — praça do rei

vásir — um homem criado do cuspe dos deuses aesires e vanires, para representar o tratado de paz entre os clãs depois da guerra

aufey — esposa jötunn de Fárbauti e mãe de Loki

dwyrm — um dragão temível do tamanho e do comprimento de um caminhão, com apenas duas patas frontais e asas marrons com textura coriácea parecidas com as dos morcegos, porém

pequenas demais para voo

oki — deus da lábia, da magia e da trapaça; filho de dois gigantes, Fárbauti e Laufey; adepto da magia e da metamorfose. Ele é alternadamente maldoso e heroico para os deuses de Asgard e para a humanidade. Por causa do papel na morte de Balder, Loki foi acorrentado por Odin a três pedras gigantescas com uma serpente venenosa enrolada acima da cabeça. O veneno da cobra queima o rosto do deus de tempos em tempos, e quando ele se debate seus movimentos causam os terremotos

einfretr — peido fedido

ikillgulr — nórdico para *amarelão*

ímir — deus aesir que, ao lado de Honir, trocou de lugar com os deuses vanires, Frey e Njord, no final da guerra entre os dois clãs. Como os vanires não gostaram dos conselhos dele, cortaram sua cabeça e a mandaram para Odin. Odin depositou a cabeça em um poço mágico, onde a água o trouxe de volta à vida, e Mímir absorveu todo o conhecimento da Árvore do Mundo

jöð — hidromel

jölnir — o martelo de Thor

aglfar — o *Navio das Unhas*

jord — deus vanir dos mares, pai de Frey e Freya

kk — um nixe, ou espírito da água

ornas — três irmãs que controlam o destino dos deuses e dos humanos

din — o "Pai de Todos" e rei dos deuses; deus da guerra e da morte, mas também da poesia e da sabedoria. Ao trocar um olho por um gole do Poço da Sabedoria, Odin ganhou conhecimentos inigualáveis. Ele pode observar os nove mundos de seu trono em Asgard; também vive em Valhala com os mais corajosos entre os mortos em batalha

ração maghrib — a quarta de cinco orações formais diárias feitas por muçulmanos praticantes, recitada antes do pôr do sol

hala — herança

ro vermelho — moeda de Asgard e Valhala

agnarök — o Dia do Juízo Final, quando os mais corajosos entre os einherjar vão se juntar a Odin na batalha contra Loki e os gigantes no fim do mundo

madã — momento de purificação espiritual alcançado por jejum, sacrifício e orações, comemorado no nono mês do calendário islâmico

an — deusa do mar; esposa de Aegir

f — deusa da terra; com seu primeiro marido, teve Uller; Thor é seu segundo marido; a sorveira é sua árvore sagrada

gyn — esposa de Loki

kadi — giganta do gelo que já foi esposa de Njord

eipnir — o corcel de oito patas de Odin; só Odin pode invocá-lo; um dos filhos de Loki

ihur — refeição pré-aurora feita por muçulmanos praticantes durante o ramadã

ımarbrander — a Espada do Verão

hor — deus do trovão; filho de Odin. As tempestades são o efeito de quando a carruagem de Thor atravessa o céu, e os relâmpagos são provocados quando ele usa seu poderoso martelo, Mjölnir

hrym — um rei gigante

hrymheimr — Lar do Trovão

eirvigi — combate duplo

yr — deus da coragem, da lei e do julgamento por combate; ele teve a mão arrancada por uma mordida de Fenrir, quando o Lobo foi amarrado pelos deuses

tgard-Loki — o feiticeiro mais poderoso de Jötunheim; rei dos gigantes das montanhas

alhala — paraíso para os guerreiros a serviço de Odin

alquíria — servas de Odin que escolhem os heróis mortos que serão levados para Valhala

anir (pl.: vanires) — deuses da natureza; semelhantes aos elfos

atnavaettir (*each-uisge* na Irlanda) — cavalos d'água

igrid — planície que vai ser o local da batalha entre os deuses e as forças de Surt durante o Ragnarök

ili e Ve — os dois irmãos mais novos de Odin, que, junto com ele, participaram da formação do cosmos e são os primeiros aesires. Quando Odin ficou fora por muito tempo, Vili e Ve governaram Asgard no lugar dele, junto a Frigga

tupério — duelo verbal de insultos, no qual os competidores precisam exibir prestígio, poder e confiança

ergild — dívida de sangue

yrd — destino

mir — pai de todos os deuses e gigantes

OS NOVE MUNDOS

Asgard — reino dos aesires

Vanaheim — reino dos vanires

Álfaheim — reino dos elfos

Midgard — reino dos humanos

Jötunheim — reino dos gigantes

Nídavellir — reino dos anões

Niflheim — mundo primordial do gelo, da névoa e da neblina

Muspellheim — reino dos gigantes do fogo e dos demônios

Helheim — reino de Hel e dos mortos desonrados

RUNAS (EM ORDEM DE APARIÇÃO)

Lagaz — água, liquefazer

ᛚ

Fehu — a runa de Frey

ᚠ

Othala — herança

ᛟ

Gebo — presente

ᚷ

Raidho — a viagem

ᚱ

Kenaz — a tocha

ᚲ

Isa — gelo

ᛁ

Ehwaz — cavalo, transporte

ᛖ

Thurisaz — a runa de Thor

ᚦ

SOBRE O AUTOR

© Becky Riordan

RICK RIORDAN nasceu em 1964, em San Antonio, Texas, e hoje mora em Boston com a esposa e os dois filhos. Autor best-seller do *The New York Times*, premiado pela YALSA e pela American Library Association, por quinze anos ensinou inglês e história em escolas de São Francisco, e é a essa experiência que atribui sua habilidade em escrever para o público jovem. Além das séries *As provações de Apolo*, *Percy Jackson e os olimpianos* e *Os heróis do Olimpo*, inspiradas na mitologia greco-romana, Riordan assina as séries *As crônicas dos Kane*, que visita deuses e mitos do Egito Antigo, e *Magnus Chase e os deuses de Asgard*, sobre mitologia nórdica.

CONHEÇA TODAS AS SÉRIES DE RICK RIORDAN

Mitologia greco-romana

Série *Percy Jackson e os olimpianos*

Série *Os heróis do Olimpo*

Série *As provações de Apolo*

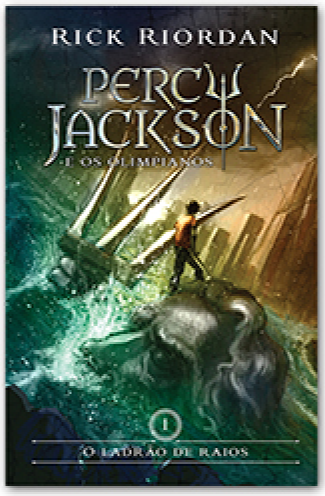
Mitologia nórdica

Série *Magnus Chase e os deuses de Asgard*

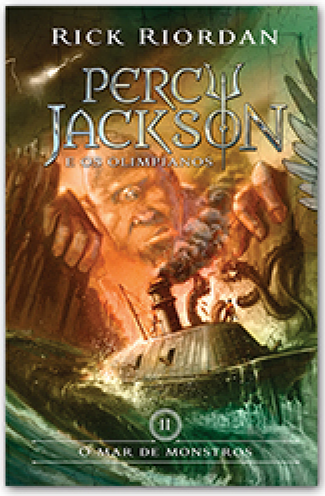
Mitologia egípcia

Série *As crônicas dos Kane*

PERCY JACKSON & OS OLIMPIANOS

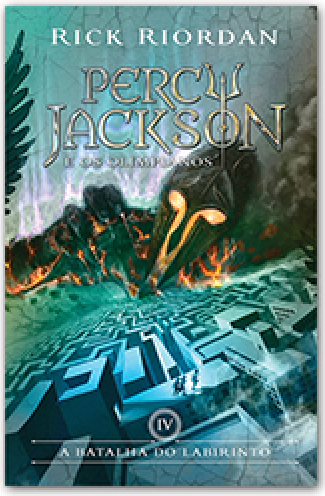


Livro 1
O ladrão de raios



Livro 2
O mar de monstros

Livro 3
A maldição do titã



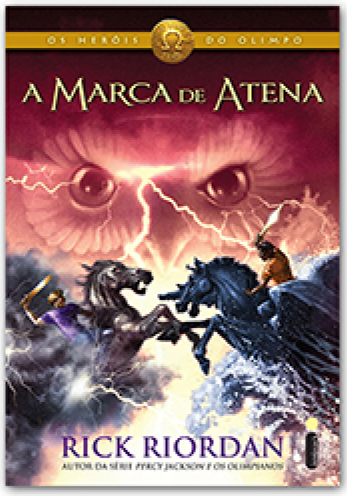
Livro 4
A batalha do labirinto

Livro 5
O último olimpiano

Livro extra
Os arquivos do semideus

Livro 1
O herói perdido

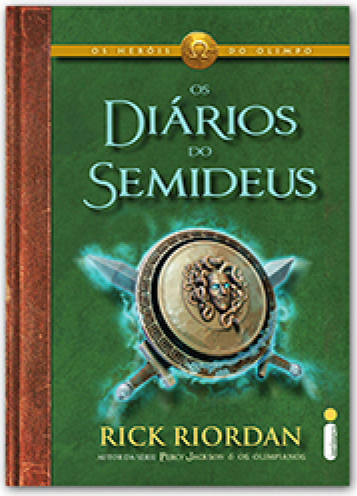
Livro 2
O filho de Netuno



Livro 3
A marca de Atena

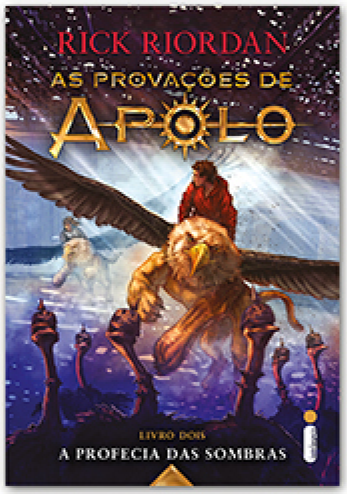
Livro 4
A casa de Hades

Livro 5
O sangue do Olimpo

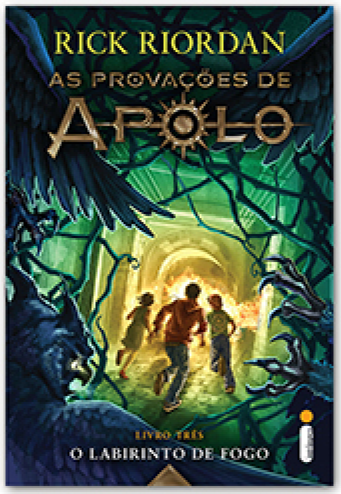


Livro extra
Os diários do semideus

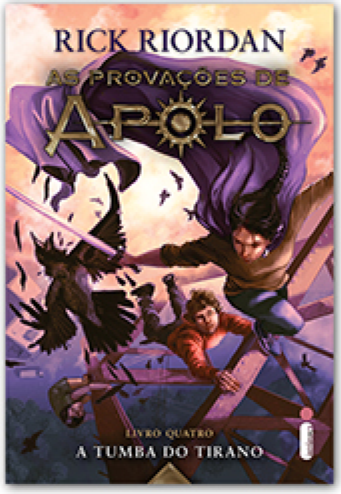
Livro 1
O oráculo oculto



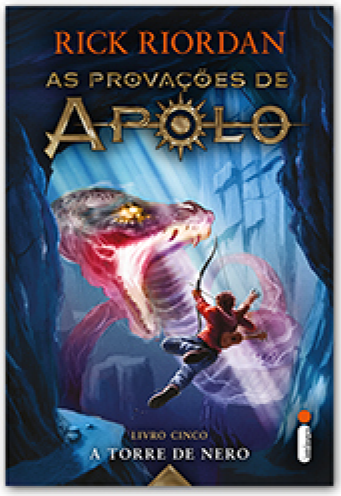
Livro 2
A profecia das sombras



Livro 3
O labirinto de fogo



Livro 4
A tumba do tirano

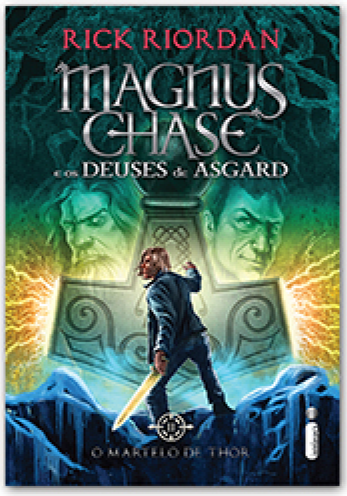


Livro 5
A torre de Nero

Livro extra
Segredos do Acampamento Meio-Sangue

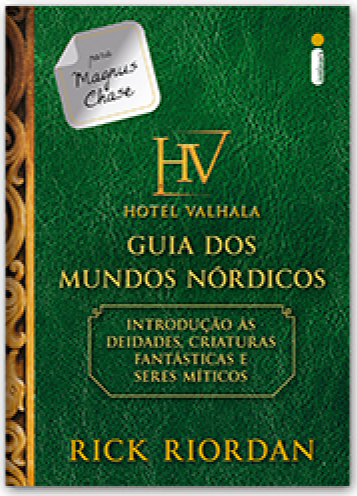
Magnus Chase e os Deuses de Asgard

Livro 1
A espada do verão



Livro 2
O martelo de Thor

Livro 3
O navio dos mortos



Livro extra
Hotel Valhala

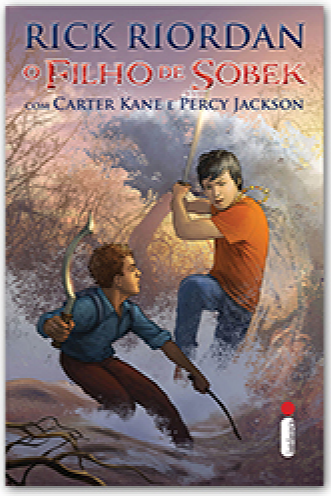
Livro 1
A pirâmide vermelha

Livro 2
O trono de fogo

Livro 3

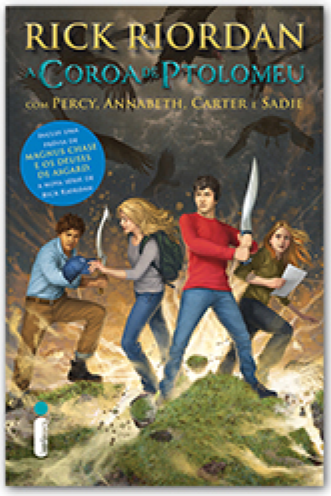
A sombra da serpente

EXCLUSIVAMENTE EM E-BOOK



O filho de Sobek

O cajado de Serápis



A coroa de Ptolomeu

OUTROS TÍTULOS DO AUTOR

Percy Jackson e os deuses gregos

Semideuses e monstros
Organização e introdução de
Rick Riordan